

3º CONBRASCA



CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE
DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

ANAIS DO 3º CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADEOLESENTE

RESUMOS SIMPLES E EXPANDIDOS

ORGANIZADORES:
JÚNIOR RIBEIRO DE SOUSA
JOSIANE MARQUES DAS CHAGAS
CARLOS EDUARDO DA SILVA BARBOSA
DANIELLE NEDSON RODRIGUES DE MACÊDO

**ANAIS DO 3º CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE DA CRIANÇA E
DO ADOLESCENTE**

DOI: <https://doi.org/10.58871/anaisconbrasca.ed4>

ISBN: 978-65-83124-13-5

4ª Edição
EDITORA ACADEMIC
Campo Alegre de Lourdes – Bahia, 23 de janeiro de 2025

Copyright© dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos trabalhos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Revisão e normalização: os autores e autoras.

Preparação e diagramação: Júnior Ribeiro de Sousa

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Congresso Brasileiro de Saúde da Criança e do Adolescente (3. : 2024 : on-line)
Anais do 3º Congresso Brasileiro de Saúde da Criança e do adolescente [livro eletrônico] / organização Júnior Ribeiro de Sousa...[et al.]. -- 4. ed. -- Campo Alegre de Lourdes, BA : Editora Academic, 2025.
PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Josiane Marques das Chagas, Carlos Eduardo da Silva Barbosa, Danielle Nedson Rodrigues de Macêdo.

Bibliografia.

ISBN 978-65-83124-13-5

1. Crianças e adolescentes - Bem-estar 2. Crianças e adolescentes - Saúde I. Sousa, Júnior Ribeiro de. II. Chagas, Josiane Marques das. III. Barbosa, Carlos Eduardo da Silva. IV. Macêdo, Danielle Nedson Rodrigues de. V. Título.

25-250336

CDD-613.0432

Índices para catálogo sistemático:

1. Crianças e adolescentes : Saúde : Ciências
médicas 613.0432

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

APRESENTAÇÃO

O 3º Congresso Brasileiro de Saúde da Criança e do Adolescente (CONBRASCA) foi realizado com o objetivo de promover discussões relevantes sobre temas relacionados à saúde infantil e juvenil, além de divulgar pesquisas recentes desenvolvidas na área. Este evento reuniu especialistas, pesquisadores, profissionais de saúde e estudantes interessados em debater os desafios e avanços no cuidado com esse público tão importante.

A infância e a adolescência são fases cruciais do desenvolvimento humano, marcadas por transformações físicas, emocionais e sociais. Garantir a saúde e o bem-estar durante essas etapas é essencial para formar adultos saudáveis, tanto no aspecto físico quanto psicológico. Nesse contexto, o CONBRASCA se consolidou como um espaço de troca de conhecimentos, onde foram abordados temas como nutrição, saúde mental, vacinação, prevenção de doenças e políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes.

Além dos minicursos e palestras, o 3º CONBRASCA foi uma oportunidade para pesquisadores apresentarem estudos inovadores na área da saúde infantil e juvenil. Trabalhos sobre novas abordagens terapêuticas, tecnologias aplicadas ao cuidado pediátrico e análises sobre os determinantes sociais da saúde enriqueceram o debate.

A troca de experiências entre profissionais de diferentes regiões do Brasil também foi um ponto alto do evento. Essa interação permitiu a construção de uma rede colaborativa voltada para melhorar as práticas de cuidado e ampliar o acesso à saúde para crianças e adolescentes em todo o país.

O CONBRASCA reafirmou seu papel como um evento essencial para discutir os desafios enfrentados na promoção da saúde infantil e juvenil no Brasil. Ao reunir diversos atores envolvidos na temática, o congresso contribuiu para a formulação de estratégias mais eficazes e integradas, que considerem as especificidades culturais, sociais e econômicas do país.

A saúde da criança e do adolescente é uma responsabilidade coletiva que demanda esforços conjuntos da sociedade, do governo e dos profissionais de saúde. Eventos como o CONBRASCA são fundamentais para fortalecer esse compromisso e garantir um futuro mais saudável para as próximas gerações.

O 3º CONBRASCA foi mais do que um congresso científico; foi um espaço de reflexão sobre os caminhos que precisamos trilhar para assegurar que todas as crianças e adolescentes tenham acesso a uma vida plena e saudável. A troca de conhecimentos e experiências promovida pelo evento certamente terá impactos positivos no campo da saúde pública brasileira, reforçando a importância do cuidado integral com as novas gerações.

COMISSÃO DE AVALIADORES

ADRIANE DOS SANTOS MIRANDA LOBATO
ADRINY DOS SANTOS MIRANDA LOBATO
ALANA KELLY MAIA MACEDO NOBRE DE LIMA
ALEXIA JADE MACHADO SOUSA
ALLAN DAYNER SILVA LOPES
ALYSSIA DAYNARA SILVA LOPES
AMANDA MORAIS DE FARIAS
AMILTON DE LIMA BARBOSA
ANA CAROLINA AGUIRRES BRAGA
ANDRÉ LUIZ FREITAS
ANTONIA MYLENE SOUSA ALMEIDA
ANTONIO ALVES DE FONTES-JUNIOR
BHARBARA DE MOURA PEREIRA
BIANCA SERMARINI
CARLA FERNANDA COUTO RODRIGUES
CARLOS EDUARDO DO SILVA BARBOSA
DAIANE MENDES RIBEIRO
DANIELE MILLER
EDSON BRUNO CAMPOS PAIVA
EDUARDO MEZZAROBBA WERLANG
ELISANE ALVES DO NASSCIMENTO
ELOÍSA POMPERMAYER RAMOS
ERIC WENDA RIBEIRO LOURENÇO
FELIPE FABBRI
FRANCISCO WILLIAN MELO DE SOUSA
GABRIEL PAZ DE LIMA
GLEICI DE LIMA FONSECA
GUILHERME HENRIQUE BORGES
IACARA SANTOS BARBOSA OLIVEIRA
ISABELLA LUIZA RALPH DE OLIVEIRA
JAINÉ MAGALHÃES PAZ DE LIMA
JANAINA RIBEIRO BARBOSA PAUFERRO
JOANA PEREIRA MEDEIROS DO NASCIMENTO
JOSÉ MARCOS FERNANDES MASCARENHAS
JOÃO LUCAS MORAES SOUZA
JÉSSICA BATISTA DOS SANTOS
JÚNIOR RIBEIRO DE SOUSA
KALIL AUZIER MARTINS COSTA
KAREN CRISTIANE PEREIRA DE MORAIS
LAÍS NICOLLY RIBEIRO DA SILVA
LUCAS BENEDITO FOGAÇA RABITO
LÚCIA VALÉRIA CHAVES
MARCELLA CORREIA VAZ
MARIA EYSIANNE ALVES SANTOS
MARIA RENATA DA SILVA SANTOS
MARINA FERREIRA DE SOUSA
MATHEUS MENDES PASCOAL
MONIK CAVALCANTE DAMASCENO
MÔNICA BARBOSA DE SOUSA FREITAS
PEDRO CÉSAR DE SOUZA
PÂMELA FARIAS SANTOS

RAINNYMARIE BEATRIZ SILVA SILVA
REJANE SANTOS BARRETO
RENATA BENIGNO RIBEIRO
SABRINA DE CARVALHO CARTÁGENES
SARAH CAMILA FORTES SANTOS
SILVÂNIA NARIELLY ARAÚJO LIMA
THAYNARA PAULA WARREN BEZERRA
VANESSA SOUSA BASTOS

COMISSÃO DE MONITORES

ADRIELLY DE PAULA GONÇALVES CORDEIRO
AMANDA NOGUEIRA DA CRUZ
ANA JOYCE CARVALHO MAGALHÃES
ANA VITÓRIA SANTOS DE OLIVEIRA
ARIANE DOS SANTOS DA SILVA
BEATRIZ DE PAULA ALENCAR
BEATRIZ DOS SANTOS SILVA
CAROLINA DE MELO MENDONÇA BÁRBARA
CAROLINE FERNANDES DE OLIVEIRA
CÉLIA MARGARIDA VIEIRA BEZERRA
DÁVILA CAVALCANTE PINHO
EDUARDA EGUCHI DE ANDRADE SOUZA
EDUARDA LUIZA OLIVEIRA DA SILVA
EDUARDO RENAN NEVES COELHO
JAMILLY FERREIRA DA SILVA
JANAÍNA VICTORIA DOS SANTOS DA MATA
JÉSSICA RODRIGUES ALVES BARBOSA
KARYNNA MARIA DA SILVA LIMA
KEVILLY DA SILVA RAMOS
LIVIA CARVALHO DA SILVA
MARIA CLARA ALCÂNTARA DE SOUZA
MARIA CLARA MORAIS DA SILVA
MARIA DO CARMO BATISTA DA COSTA
MARIA EDUARDA CÂNDIDO PEREIRA DIAS
MARIA EMÍLIA DANTAS OLIVEIRA
MAYARA JÉSSICA MONTEIRO CHINA
NAYARA VITÓRIA SANTOS NASCIMENTO
NOEMY AMINADABE DE SOUSA CARVALHO
PAULA NOBILI FUNCKE
REBECA ALVES SOUZA
STEFANNY XIMENES CARVALHO
STEPHANY ANISIA TELES DE MIRANDA VITORIA
VIVIAN CLARA EPIFANIO MOURA
YASMIN DA SILVA ALBUQUERQUE
YASMIN GABRIELA ALMEIDA LOPES
YASMIN PERY DE SEIXAS

SUMÁRIO

RESUMOS SIMPLES	35
EXPERIÊNCIA DE ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO RESIDENCIAL DE CRIANÇA COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS: VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS	35
TRATAMENTO PARA DERMATITE ATÓPICA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	36
A OCORRÊNCIA E TRATAMENTO DA FIBROSE CÍSTICA EM CRIANÇAS HEREDITARIAMENTE ACOMETIDAS	37
RASTROS DO ISOLAMENTO: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE MENTAL INFANTIL	38
EPIDEMIA SILENCIOSA: FATORES ASSOCIADOS AO AUMENTO DA INCIDÊNCIA DE DIABETES MELLITUS TIPO 1 EM CRIANÇAS	39
ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO AO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO: SEMANA DO BEBÊ	40
AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE ANTIMICROBIANA DA <i>Solanum capsicoides</i>	41
DESAFIOS NO COMBATE ÀS NEOPLASIAS: IMUNOTERAPIA COM CAR-T CELLS	41
IMPACTOS A LONGO PRAZO DO USO DE CIGARROS ELETRÔNICOS EM PACIENTES HEBIÁTRICOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA	42
ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO NA PREVENÇÃO DE DIARREIA NEONATAL EM REGIÕES DE BAIXA RENDA	44
FATORES DE RISCO AO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	45
INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM FRENTE A PACIENTES PEDIÁTRICOS COM PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA NA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA ..	46
ATENDIMENTO BÁSICO EM SAÚDE PARA A PESSOA IDOSA	47
A IMPORTÂNCIA DE UMA DIRETORIA DE MARKETING EM UMA LIGA ACADÊMICA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA ..	48
EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA INFÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	49
DIAGNÓSTICO DE ENFERMAGEM PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM LEUCEMIA	50

O PAPEL DO PRÉ-NATAL NA PREVENÇÃO E CONTROLE DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO ÂMBITO ADOLESCENTE	51
ASSOCIAÇÃO ENTRE DIABETES TIPO II E A SÍNDROME DA INSUFICIÊNCIA CARDÍACA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DOS MECANISMOS E RISCOS	52
A IMPORTÂNCIA DA PRECEPTORIA EM ENFERMAGEM NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA O CUIDADO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE	53
ASSOCIAÇÃO ENTRE MEDICAMENTOS IMUNOSSUPRESSORES E A PREVALÊNCIA DE <i>Entamoeba gingivalis</i> NA CAVIDADE ORAL INFANTIL	54
ASSISTÊNCIA DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DE SAÚDE A CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TEA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	55
DIAGNÓSTICO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: IMPACTO NA EFICÁCIA DAS INTERVENÇÕES E NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL	56
NOITES MAL DORMIDAS: ANÁLISE DOS FATORES ASSOCIADOS AOS DISTÚRBIOS DO SONO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	57
DOAÇÃO DE LEITE MATERNO: ENTRE A NECESSIDADE VITAL E OS DESAFIOS DA CAPTAÇÃO	58
HIPERTENSÃO GESTACIONAL EM ADOLESCENTES: DESAFIOS NO MANEJO E IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MATERNO-FETAL	59
O PODER TERAPÊUTICO DA BRINCADEIRA NA REABILITAÇÃO DE CRIANÇA	60
EDUCAÇÃO SEXUAL: COMPREENDENDO A PUBERDADE, PREVENINDO A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E COMBATENDO AS IST 'S.	61
O IMPACTO DAS FERIDAS CRÔNICAS NA QUALIDADE DE VIDA	62
DIFICULDADES DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM FRENTE AO CUIDADO DE FERIDAS E LESÕES EM RECÉM-NASCIDOS	63
ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL A CRIANÇAS COM CÂNCER	64
ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO RASTREIO E PREVENÇÃO DA DIABETES TIPO 2 EM ADOLESCENTES ASSISTIDOS PELA ATENÇÃO BÁSICA	65
COMO A INSEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL IMPACTOU OS COMPORTAMENTOS DE RISCO E PROTEÇÃO À SAÚDE DOS ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19?	66

ANÁLISE DA IMPLANTAÇÃO EMERGENCIAL NA CRISE DE MICROCEFALIA ASSOCIADA AO ZIKA VÍRUS NO ESTADO DE PERNAMBUCO	67
ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVIMENTO DE AUTOESTIMA EM CRIANÇAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	68
CUIDADOS DE ENFERMAGEM VOLTADOS ÀS GESTANTES NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO LITERÁRIA INTEGRATIVA	69
O PROCESSO DE ENFRENTAMENTO LÚDICO NO CUIDADO DE ENFERMAGEM EM ONCOPEDIATRIA	70
SETEMBRO DOURADO: O PAPEL ESSENCIAL DOS LIGANTES DE ONCOLOGIA NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA	71
TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA NORTEAR ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE NAS CONSULTAS DE CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO	72
PERCEPÇÕES INFANTIS SOBRE A VACINAÇÃO EM SOBRAL-CE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	73
O PAPEL DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	74
UTILIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL PARA ENFRENTAMENTO DA HOSPITALIZAÇÃO COM CRIANÇAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	75
RECONHECENDO SINAIS: A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DE MAUS-TRATOS NA INFÂNCIA	76
BIOMARCADORES IMUNOLÓGICOS COMO INDICADORES DA EFICÁCIA VACINAL INFANTIL	77
OFERTA DE PRÁTICAS PSICOMOTORAS A ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PERSPECTIVA ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	78
A CONSTRUÇÃO DA VIDA DE UM SER HUMANO SOB A ÓTICA DE ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL: A PARTIR DO CONTEXTO LOCAL	79
IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19 PARA A SAÚDE MENTAL NA INFÂNCIA	80
A LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	81

PEDIASUIT: INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA NO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES MOTORAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	82
DOENÇAS TRANSMITIDAS POR ALIMENTOS E O PAPEL DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.	83
O EFEITO DA FISIOTERAPIA MOTORA NA INTEGRAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR	84
GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: COMO ESSA PROBLEMÁTICA IMPACTA NO FUTURO PROFISSIONAL DE JOVENS ADOLESCENTES.	85
OS BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO PARA O CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL	86
IMPORTÂNCIA DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NA PROMOÇÃO E APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	87
BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO	88
DIAGNÓSTICO PRÉ-NATAL DA SÍNDROME DE PATAU: MÉTODOS E ACONSELHAMENTO GENÉTICO	89
EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NA PRÁTICA DE CURATIVOS NA ATENÇÃO TERCIÁRIA: CONTRIBUIÇÃO PARA O APRENDIZADO	90
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ENFERMEIRA NA INTERNAÇÃO PEDIÁTRICA: PRÁTICAS E DESAFIOS	91
A TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL E SUAS ESTRATÉGIAS NA REDUÇÃO DA AGRESSIVIDADE INFANTIL: RELATO DE CASO	92
RELAÇÃO ENTRE COVID-19 E INCIDÊNCIA DA COQUELUCHE	93
A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NO NEURODESENVOLVIMENTO INFANTIL	94
O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DE HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS NA INFÂNCIA	95
PROMOÇÃO, PROTEÇÃO E APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO: AÇÕES DE ENFERMAGEM QUE FORTALECEM O VÍNCULO MATERNO-INFANTIL	96
FORTALECENDO A VIDA: ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO, PROTEÇÃO E APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO	97
SÍFILIS E BIOQUÍMICA CLÍNICA: BIOMARCADORES E DIAGNÓSTICO SOROLÓGICO- UMA REVISÃO INTEGRATIVA	98

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INFECÇÕES POR Zika Vírus EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO NORDESTE DO BRASIL DE 2020 A 2024	99
PRIMEIROS SOCORROS NA ESCOLA: CAPACITAÇÃO DE ESTUDANTES DE ANOS INICIAIS	100
DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE (DSS) ASSOCIADOS À GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	101
O MÉTODO BOBATH COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NA REABILITAÇÃO DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL	102
OTITE MÉDIA EM CRIANÇAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE CAUSAS, SINTOMAS, PREVENÇÃO E TRATAMENTO	103
BRINQUEDO TERAPÊUTICO NA EDUCAÇÃO NUTRICIONAL DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	104
ALTERAÇÕES IMUNOLÓGICAS E BIOQUÍMICAS NO SISTEMA IMUNE INFANTIL PÓS-VACINAÇÃO: UMA REVISÃO INTEGRADA	105
EFEITOS DOS ÁCIDOS GRAXOS ESSENCIAIS NA FISIOPATOLOGIA DA OBESIDADE INFANTIL E JUVENIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	106
ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA CONSULTA DE PUERICULTURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	107
MENINGITE INFANTOJUVENIL: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA NA REGIÃO METROPOLITANA I DO ESTADO DO PARÁ	108
OS IMPACTOS DA INFERTILIDADE FEMININA NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES	109
O IMPACTO DOS CUIDADOS PALIATIVOS HUMANIZADOS NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES TERMINAIS	110
ERROS DE MEDICAÇÃO EM EMERGÊNCIAS PEDIÁTRICAS: PREVENÇÃO E ESTRATÉGIAS PARA MELHORAR A SEGURANÇA INFANTIL	111
FATORES ASSOCIADOS À HESITAÇÃO VACINAL INFANTIL	112
ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA MORBIDADE HOSPITALAR POR DESNUTRIÇÃO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL (JAN/2023–SET/2024)	113
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA MORBIDADE HOSPITALAR POR PNEUMONIA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CENTRO-OESTE (2013-2023)	114
EPIDEMIOLOGIA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO CENTRO-OESTE: FATORES REGIONAIS, TEMPORAIS E SOCIOECONÔMICOS (2013-2023)	115

RELAÇÃO ENTRE COBERTURA VACINAL E CASOS CONFIRMADOS DE SARAMPO NO CENTRO-OESTE (2014–2023)	116
MORBIDADE E MORTALIDADE HOSPITALAR POR FEBRE REUMÁTICA AGUDA NO BRASIL: UMA ANÁLISE REGIONAL E ETÁRIA (2014–2023)	117
ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA MORTALIDADE INFANTIL NO DISTRITO FEDERAL: FATORES DE RISCO E PRINCIPAIS CAUSAS (2013–2023)	118
BENEFÍCIOS E MALEFÍCIOS DA HIPOTERMIA TERAPÊUTICA EM NEONATAIS COM DANOS CEREBRAIS HIPOXÊMICOS	119
A INFLUÊNCIA DO MICROBIOMA INTESTINAL NA PREVENÇÃO E PROGRESSÃO DE DOENÇAS ALÉRGICAS EM CRIANÇAS	120
ATUAÇÃO DA EQUOTERAPIA NA FUNÇÃO MOTORA DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN (SD)	121
ABUSO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA	122
ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NO ALEITAMENTO MATERNO.....	123
ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA EM PRESBIFONIA	124
FATORES INTERFERENTES NO DIAGNÓSTICO DE PARASITOSES INTESTINAIS: REVISÃO DE LITERATURA ACERCA DOS FALSOS NEGATIVOS NO EXAME DE FEZES	125
PROJETO DE EXTENSÃO SOBRE EDUCAÇÃO EM SAÚDE E DIAGNÓSTICO SITUACIONAL DE PARASITOSES INTESTINAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	126
DESAFIOS E IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA INFÂNCIA	127
IMPACTOS ASSOCIADOS AO USO DE CIGARRO ELETRÔNICO POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES	128
A ABORDAGEM DO CONHECIMENTO PRÁTICO ACERCA DAS PARASITOSES INTESTINAIS NAS CRECHES DA CIDADE DE CABEDELO-PB.	129
ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA AQUÁTICA NAS COMPLICAÇÕES DA Distrofia Muscular de Duchenne em Crianças: Uma Revisão Sistemática .	130
O USO DE ATIVIDADES LÚDICAS COMO FERRAMENTA EDUCATIVA NO ENSINO SOBRE PARASITOSES INTESTINAIS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ	131

OBESIDADE INFANTIL: FATORES DE RISCO, CONSEQUÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO	132
O IMPACTO DA VACINAÇÃO NA SAÚDE INFANTIL	133
ABUSO SEXUAL INFANTIL: FATOR DESENCADEANTE DE TRANSTORNOS MENTAIS NA VIDA ADULTA	134
PREVENÇÃO DE ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS	135
AVALIAÇÃO DE CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS ACOLHIDAS POR INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	136
A IMPORTÂNCIA DO PRÉ-NATAL NA PREVENÇÃO DA TOXOPLASMOSE EM GESTANTES	137
FATORES DE RISCO ASSOCIADOS A GASTROENTEROCOLITE AGUDA INFANTIL	138
DESAFIOS NO ACESSO AO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UNIDADES DE ATENÇÃO SECUNDÁRIA DO SUS	139
ALEITAMENTO MATERNO E HIV: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS A PARTIR DA VISÃO DAS MÃES	140
RECURSOS FISIOTERAPÊUTICOS EFICAZES NO MANEJO DA BRONQUIOLITE VIRAL AGUDA EM CRIANÇAS	141
DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DA ANESTESIA PEDIÁTRICA	142
IMPACTOS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS DA GRAVIDEZ EM ADOLESCENTES BRASILEIRAS	143
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA FEBRE DE CHIKUNGUNYA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO NORDESTE DO BRASIL DE 2020 A 2024	144
TESTE DO CORAÇÃOZINHO: EFEITOS DAS INOVAÇÕES À LONGO PRAZO NA SAÚDE DA CRIANÇA	145
TRACOMA: REVISÃO SOBRE OS FATORES ASSOCIADOS À DOENÇA NO BRASIL	146
SHIGELOSE: CARACTERÍSTICAS E FATORES RELACIONADOS À DOENÇA	147
TRATAMENTO ANTIRRETROVIRAL E CUIDADOS ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE VIVEM COM HIV: REVISÃO DE LITERATURA	148

ESCABIOSE E PEDICULOSE EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR: REVISÃO DE LITERATURA	149
SÍFILIS CONGÊNITA: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA NA REGIÃO DO XINGU	150
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ÓBITOS POR CAUSAS EVITÁVEIS EM CRIANÇAS NO NORDESTE DO BRASIL	151
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DO AUMENTO DA PREVALÊNCIA DE TRANSTORNOS ANSIOSOS EM ADOLESCENTES EM DUAS DÉCADAS	152
SAÚDE MENTAL NA INFÂNCIA: O IMPACTO NEGATIVO DE EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	153
RISCOS E COMPLICAÇÕES DA ANESTESIA EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.	154
IMPACTO DA FISIOTERAPIA NA QUALIDADE DE VIDA DE CRIANÇAS COM ATROFIA MUSCULAR ESPINHAL (AME)	155
FATORES DETERMINANTES NA INTERRUÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EM CRIANÇAS MENOS DE DOIS ANOS EM PERNAMBUCO	156
DESAFIOS E DIFICULDADES DA MATERNIDADE ATÍPICA SOLO EM MÃES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	157
PERFIL COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS COM DISFONIA	158
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA DINÂMICA FAMILIAR	159
A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA PARA AUXILIAR NA PRÁTICA FARMACÊUTICA EM PEDIATRIA: ESTUDO DESCRITIVO	160
SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS EM VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA ACOLHIDAS POR INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	161
O PAPEL DA ENFERMAGEM E PREVENÇÃO DA ESQUISTOSSOMOSE EM CRIANÇAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	162
A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO NO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA ATENÇÃO BÁSICA	163
IMPACTOS E TENDÊNCIAS DA REDUÇÃO DA ADESÃO VACINAL DA COQUELUCHE - UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA BRASILEIRA	164
DESAFIOS DO USO DO PRESERVATIVO POR ESTUDANTES ADOLESCENTES	165

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA PREVENÇÃO E CONTROLE DA OBESIDADE INFANTIL	166
EXCESSO DE PESO INFANTIL E NUTRIÇÃO: UMA ANÁLISE DE INTERVENÇÕES E RESULTADOS	167
EDUCAÇÃO PREVENTIVA NO AMBIENTE ESCOLAR PARA REDUÇÃO DE ENTEROPARASITOSE	168
PREJUÍZOS ASSOCIADOS A ANTIBIÓTICOTERAPIA EM CRIANÇAS	169
SAÚDE MENTAL INFANTIL: IMPACTOS DAS ADVERSIDADES NA PRIMEIRA INFÂNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS AOS LONGO DA VIDA	170
A EFICÁCIA DO PROC NA AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM TEA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	171
PRÁTICAS DE CUIDADO E SUPORTE ÀS MÃES DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UNIDADES DE ATENÇÃO SECUNDÁRIA DO SUS	172
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS DESAFIOS PARA O ACESSO E CONTINUIDADE DO TRATAMENTO	173
PERCEPÇÕES DAS MÃES SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM DIFERENTES FASES DO PROCESSO DIAGNÓSTICO	174
O PAPEL DOS DIFERENTES SURFACTANTES PULMONARES NA SÍNDROME DO DESCONFORTO RESPIRATÓRIO NEONATAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	175
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ACOMPANHAMENTO FARMACÊUTICO NO AMBULATÓRIO DE FIBROSE CÍSTICA	176
OS MALEFÍCIOS DO DESMAME PRECOCE NA SAÚDE INFANTIL	177
AVALIAÇÃO DO IMPACTO DO USO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	178
IMPACTOS POSITIVOS DA ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA INTERVENÇÃO EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN	179
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	180
O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO NA EXTENSÃO: PERFIL PARASITOMANIA	181

FATORES ASSOCIADOS A HESITAÇÃO VACINAL PEDIÁTRICA DA COVID-19 NO BRASIL	182
AMAMENTAÇÃO DE BEBÊS COM FISSURA LABIOPALATINA: UMA PERSPECTIVA FONOAUDIOLÓGICA	183
A IMPORTÂNCIA DA LIGA ACADÊMICA NA FORMAÇÃO DO UNIVERSITÁRIO	184
VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: OS RASTROS DEIXADOS NA VIDA DE UMA MULHER.	185
NEUROTOXIDADE INDUZIDA POR ANESTÉSICOS: IMPLICAÇÕES A LONGO PRAZO NO DESENVOLVIMENTO NEUROCOGNITIVO INFANTIL	186
EFEITOS DA HIDROTERAPIA PARA PESSOAS COM ARTRITE IDIOPÁTICA JUVENIL: REVISÃO INTEGRATIVA	187
UTILIZAÇÃO DE CANABIDIOL COMO FACILITADOR DA COMUNICAÇÃO DA DOR EM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO INTEGRATIVA	188
RECURSOS FISIOTERAPÊUTICOS NO MANEJO DA DOR EM PACIENTES NEONATOS HOSPITALIZADOS: REVISÃO INTEGRATIVA	189
A AUDITORIA COMO FERRAMENTA PARA O APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO E FORTALECIMENTO DA CAPACITAÇÃO DE ENFERMEIROS	190
ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO RESIDENTE NO PRIMEIRO ANO DA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM ATENÇÃO À SAÚDE DA CRIANÇA	191
INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NA PREVENÇÃO DA OBESIDADE INFANTIL: O PAPEL DOS PAIS E CUIDADORES	192
O PAPEL DO SEMINÁRIO INTEGRATIVO NO CUIDADO INTERDISCIPLINAR NA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE DA CRIANÇA	193
DESNUTRIÇÃO AGUDA GRAVE EM CRIANÇA COM ENCEFALOPATIA CRÔNICA NÃO PROGRESSIVA (ECNP)	194
INTERVENÇÃO NUTRICIONAL EM PACIENTE COM SÍNDROME DE WALKERWARBURG (WW)	195
CONSUMO DE ULTRAPROCESSADOS EM CRIANÇAS DE 2 A 4 ANOS EM PERNAMBUCO	196
PERFIL ANTROPOMÉTRICO DE ADOLESCENTES DE UM ESTADO DO NORDESTE BRASILEIRO	197

IMPACTOS DO GENU VARUM NO DESENVOLVIMENTO MOTOR E QUALIDADE DE VIDA INFANTIL	198
O EFEITO DAS TELAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS E COMUNICATIVOS.....	199
HUMANIZAÇÃO NA COMUNICAÇÃO DE MÁS NOTÍCIAS EM CONTEXTOS PEDIÁTRICOS E NEONATAIS	200
A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA IDENTIFICAÇÃO PRECOCE DE ABUSO INFANTIL	201
A INTERPROFISSIONALIDADE NO CUIDADO EM SAÚDE: EXPERTISE DAS CATEGORIAS DE SERVIÇO SOCIAL E NUTRIÇÃO NO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA	202
PERSISTÊNCIA DE DÚVIDAS DIAGNÓSTICAS NA DOENÇA CELÍACA EM CRIANÇAS	203
ADESÃO AO TRATAMENTO DA TUBERCULOSE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: A CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMAGEM NO SUPORTE TERAPÊUTICO CONTÍNUO	204
INFECÇÃO POR ROTAVÍRUS EM CRIANÇAS	205
INFECÇÃO POR PNEUMOCOCO EM CRIANÇAS: PREVENÇÃO E IMPACTO VACINAL - REVISÃO NARRATIVA	206
HIV CONGÊNITO: MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS, TRATAMENTO E PREVENÇÃO DA TRANSMISSÃO VERTICAL - UMA REVISÃO DA LITERATURA	207
ORIENTAÇÃO PARA ALTA HOSPITALAR DE RECÉM-NASCIDOS EXPOSTOS AO HIV: RELATO DE EXPERIÊNCIA	208
RELATO DE EXPERIÊNCIA: ORIENTAÇÃO DE ALTA HOSPITALAR COM MEDICAMENTOS PARA PACIENTES RECÉM-NASCIDOS COM TOXOPLASMOSE	209
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR TÉTANO NEONATAL NOS ESTADOS DO NORDESTE DE 2014 A 2024	210
MORTALIDADE POR MENINGITE VIRAL EM CRIANÇAS NAS REGIÕES DO BRASIL - ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO	211
EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE O FLUXO DE ATENDIMENTO DE URGÊNCIAS ESCOLARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA	212
MORTALIDADE POR SÍFILIS CONGÊNITA NAS CIDADES DO NORDESTE – UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO	213

A SAÚDE MENTAL DOS ESCOLARES NO CONTEXTO PÓS-PANDEMIA: ESTUDO QUALITATIVO	214
ESTRATÉGIAS PARA EVITAR O DESMAME PRECOCE E PROMOVER O ALEITAMENTO MATERNO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	215
A INFLUÊNCIA DO USO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO DE MIOPIA EM CRIANÇAS	216
CONDUTA DO ENFERMEIRO FRENTE À REAÇÃO ALÉRGICA PEDIÁTRICA EM PRONTO ATENDIMENTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	217
ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR TRAUMATISMO EM INFANTOJUVENIS NO NORDESTE DE 2018 A 2024.	218
OBESIDADE INFANTIL: RELAÇÃO COM FATORES DE RISCO PARA DIABETES MELLITUS TIPO 2	219
ORGANIZAÇÃO EMOCIONAL E SENSORIAL: ESTRATÉGIAS PARA CRIANÇAS COM ATRASOS NO DESENVOLVIMENTO	220
ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA AQUÁTICA NO DESENVOLVIMENTO MOTOR EM CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	221
A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NA PREVENÇÃO DA OBESIDADE INFANTIL: UMA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL	222
ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM EM MULHERES COM DEPRESSÃO NA PERIMENOPAUSA	223
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇAS COM DOENÇAS CARDÍACAS	224
MORTALIDADE INFANTIL POR HEPATITES VIRAIS NAS CIDADES DO NORDESTE: ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO	225
PERFIL E CARACTERÍSTICAS DOS RECÉM-NASCIDOS DIAGNOSTICADOS COM MICROCEFALIA NO RS NOS ÚLTIMOS 5 ANOS	226
PREVENÇÃO DAS HEPATITES VIRAIS EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA	227
A IMPORTÂNCIA DO BRINQUEDO TERAPÊUTICO NO CUIDADO DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS	228
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA PARA MONITORAMENTO E CUIDADO DE CRIANÇAS ATRAVÉS DA CONSULTA DE PUERICULTURA ·	229

A IMPORTÂNCIA DA TRIAGEM AUDITIVA NEONATAL NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DA PERDA AUDITIVA: UMA ANÁLISE FONOAUDIOLÓGICA	230
ATENDIMENTOS DO LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO E RECURSOS PARA A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM TERAPIA OCUPACIONAL	231
MANEJO CORRETO NO ALEITAMENTO MATERNO: REVISÃO INTEGRATIVA	232
A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	233
LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO E RECURSOS PARA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM TERAPIA OCUPACIONAL	234
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	235
A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA O BEM-ESTAR DA POPULAÇÃO	236
ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO FRENTE A IDENTIFICAÇÃO PRECOCE E TRATAMENTO DA ICTERÍCIA NEONATAL	237
ALTA PREVALÊNCIA DE DIETA INADEQUADA E SEDENTARISMO: UM ALERTA PARA DOENÇAS METABÓLICAS EM ADOLESCENTES BRASILEIROS	238
A IMPORTÂNCIA DA NOTIFICAÇÃO COMPULSÓRIA DOS CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL E SUA RELAÇÃO COM A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	239
DOENÇAS PREVALENTES NA INFÂNCIA: MANEJO DA ASMA	240
DESAFIOS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM FRENTE AOS CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS	241
INFECÇÃO POR ESCHERICHIA COLI EM CRIANÇAS: MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO	242
BRONQUIOLITE VIRAL AGUDA EM CRIANÇAS: EPIDEMIOLOGIA, TRATAMENTO E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO	243
MORTALIDADE POR INFECÇÃO MENINGOCÓCICA NAS REGIÕES DO BRASIL – UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO	244
EFICÁCIA DO METILFENIDATO EM COMPARAÇÃO COM O CANABIDIOL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE	245

SAÚDE MENTAL INFANTIL: TRANSTORNOS E A IMPORTÂNCIA DA DETECÇÃO PRECOCE	246
BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA AUTOEFICÁCIA DURANTE O ALEITAMENTO MATERNO	247
DIA NACIONAL DO SURDO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA AÇÃO DE PROMOÇÃO DA CULTURA SURDA	248
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE PRIMEIROS SOCORROS EM CASOS DE QUEIMADURAS E CHOQUE ELÉTRICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	249
OS IMPASSES ENFRENTADOS PELAS FAMÍLIAS RELACIONADAS AOS CUIDADOS COM CRIANÇAS COM CARDIOPATIA CONGÊNITA	250
PROMOÇÃO DA SAÚDE DE ALUNOS DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO LOURENÇO-MG POR MEIO DA ATUAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO ESCOLAR	251
FATORES GESTACIONAIS ASSOCIADOS AO NEURODESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	252
AVANÇO NO DIAGNÓSTICO E MANEJO DA ASMA INFANTIL	253
AVALIAÇÃO DO MANEJO INICIAL EM EMERGÊNCIAS PEDIÁTRICAS: DESAFIOS E PRÁTICAS RECOMENDADAS NA SALA DE EMERGÊNCIA	254
ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA ORIENTAÇÃO DE GENITORES ACERCA DO MÉTODO CANGURU EM NEONATOS PREMATUROS	255
APLICAÇÕES DOS AGONISTAS DE GLP-1 NO TRATAMENTO DA OBESIDADE INFANTOJUVENIL	256
INTERNAÇÕES DE MENORES DE 5 ANOS POR DIARREIA E GASTROENTERITE DE NO MARANHÃO DE 2019 A 2024	257
INTRODUÇÃO ALIMENTAR PRECOCE A ALIMENTOS ALERGÊNICOS E A PREVENÇÃO DE ALERGIAS ALIMENTARES: QUANDO COMEÇAR?	258
RELAÇÃO ENTRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E A EVASÃO ESCOLAR NA MATERNIDADE E NA PATERNIDADE	259
DIAGNÓSTICO E MANEJO DA ATAXIA TELANGIECTASIA	260
OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	261
IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NA COBERTURA VACINAL CONTRA A POLIOMIELITE NO BRASIL: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA	262

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS NASCIDOS VIVOS COM FENDA LABIAL E FENDA PALATINA NO BRASIL	263
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ESTADO DO MARANHÃO DE 2010-2024	264
DOENÇAS IMUNOPREVENÍVEIS EM CRIANÇAS: UMA REVISÃO SOBRE AVANÇOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS	265
REALIDADE VIRTUAL: INOVAÇÃO NA FISIOTERAPIA EM PACIENTES PEDIÁTRICOS COM DÉFICIT MOTOR - UMA REVISÃO DE LITERATURA ...	266
PERCEPÇÃO DE PUÉRPERAS SOBRE A PUERICULTURA EM ÁREAS DESFAVORECIDAS	267
INFLUÊNCIA DO USO EXCESSIVO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS: UMA REVISÃO NARRATIVA	268
CARAVANA REDE CUIDAR 2024: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA ATUAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA	269
ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO COMBATE A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E OS IMPACTOS NA SAÚDE DA MULHER	270
EFICÁCIA DA TRIAGEM AUDITIVA NEONATAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA : UMA REVISÃO DE LITERATURA	271
ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER A ADESÃO AO USO DE PRESERVATIVOS EM ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR	272
ESTRATÉGIAS ADOTADAS PARA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES VESTIBULANDOS	273
PREVALÊNCIA DE INTERNAÇÃO HOSPITALAR POR BRONQUIOLITE VIRAL AGUDA NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS NO ESTADO DA PARAÍBA	274
INFLUÊNCIA DO BULLYING NA SAÚDE MENTAL INFANTIL	275
REVISÃO INTEGRATIVA: INTERFACE ENTRE A VIOLÊNCIA SEXUAL EM ADOLESCENTES E O PROTAGONISMO DA ENFERMAGEM	276
QUAL O IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NA COBERTURA VACINAL DA PENTA NO BRASIL? UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA	277
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE CASOS CONFIRMADOS DE MENINGITE NO BRASIL DE 1 AOS 19 ANOS	278

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM TETRALOGIA DE FALLOT NO BRASIL ENTRE 2013 E 2023	279
ATIVIDADE EDUCATIVA SOBRE DESVANTAGENS DA UTILIZAÇÃO DE BICOS ARTIFICIAIS EM LACTENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA	280
PERCEPÇÃO DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO BÁSICA DIANTE À SÍNDROME HELLP	281
EQUIPE MULTIPROFISSIONAL NA ASSISTÊNCIA DE ADOLESCENTES EM USO DE MEDICAÇÕES ANTIPSICÓTICAS: DESAFIOS E ATUAÇÕES	282
HIDROCEFALIA PEDIÁTRICA E DINÂMICA DO LÍQUOR: UMA ABORDAGEM ANATÔMICA	283
LABIOPLASTIA: QUAL A ACEITAÇÃO E PERSPECTIVAS DE MELHORA DA AUTOESTIMA?	284
PREVENÇÃO À AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES: A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO E DA EDUCAÇÃO	285
INCIDÊNCIA DAS INTERNAÇÕES DE URGÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES COM TRANSTORNOS MENTAIS: UMA ANÁLISE RETROSPECTIVA	286
PROMOÇÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	287
ADOLESCENTES E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	288
COMO PREVENIR E TRATAR AS PARASITÓSES INTESTINAIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA ATUAL	289
A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NOS CUIDADOS E NA ORIENTAÇÃO DE PACIENTES COM PREDISPOSIÇÃO HEREDITÁRIA À SUSCETIBILIDADE AO DIABETES MELLITUS	290
VACINAÇÃO CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO: ESTRATÉGIAS DA ATENÇÃO BÁSICA PARA A ADESÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL	291
AÇÃO EDUCATIVA SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PARA MÃES DURANTE A AMAMENTAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	292
ALEITAMENTO MATERNO PARA BEBÊS COM MALFORMAÇÕES OROFACIAIS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE APOIO	293
BENEFÍCIOS DA CIRURGIA ROBÓTICA NA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA	294

IMPACTO DOS ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E NO DESENVOLVIMENTO DA OBESIDADE NA ADOLESCÊNCIA	295
INTERCORRÊNCIAS RELACIONADAS À AMAMENTAÇÃO EM PUÉRPERAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	296
ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DA COBERTURA VACINAL DA POLIOMIELITE NO BRASIL NOS ANOS DE 2019 A 2022	297
INCENTIVO À DOAÇÃO DE LEITE MATERNO: UMA AÇÃO PARA NUTRIR E SALVAR VIDAS	298
PAPEL DA ENFERMAGEM NA TRIAGEM DO PROJETO SOCIAL PEDIATRIA ITINERANTE NO RIO GRANDE DO NORTE	299
INTERVENÇÕES PRECOSES NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL	300
CONSUMO ALIMENTAR DE ULTRAPROCESSADOS EM ADOLESCENTES BRASILEIROS	301
ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA CRIANÇA INDÍGENA: UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS	302
O PAPEL DO NUTRICIONISTA NA PROMOÇÃO, PROTEÇÃO E APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	303
O PAPEL DA TELEMEDICINA NO SUPORTE À AMAMENTAÇÃO	304
ANÁLISE DAS CAUSAS DE MORTALIDADE INFANTIL NO MARANHÃO POR GRUPOS DE CAUSA DE 2010 A 2023	305
DISTOCIA DE OMBRO: DESAFIOS E O PAPEL DA ENFERMAGEM NO MANEJO OBSTÉTRICO	306
MANEJO DA DOR EM CRIANÇAS INTERNADAS NA UTI PEDIÁTRICA: PRÁTICAS E PROTOCOLOS ATUALIZADOS	307
EXCESSO DE USO DE TELAS E OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS	308
OLHAR EMPÁTICO AO CUIDADO INFANTIL: OBSERVAÇÃO EM ALA PEDIÁTRICA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DO NORDESTE	309
BARREIRA E FACILITADORES NA AVALIAÇÃO DA DOR EM PEDIATRIA: REVISÃO NARRATIVA	310
EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PAIS DE CRIANÇAS COM DIABETES MELLITUS TIPO 1	311

CONVULSÕES FEBRIS: PROGNÓSTICO E SEGUIMENTO	312
RESPOSTAS IMUNOLÓGICAS À INFECÇÃO POR <i>Leishmania</i> spp.: CONTROLE NO NORTE DO BRASIL - REVISÃO INTEGRATIVA	313
A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NO NEURODESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E DE ADOLESCENTES	314
CULTIVANDO EMOÇÕES: UM PROJETO DE EXTENSÃO PARA PROMOÇÃO DA CULTURA DE PAZ NA INFÂNCIA	315
A RELEVÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: RELATO DE CASO	316
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE DENGUE EM CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS NO ESTADO DO MARANHÃO DE 2014-2024	317
CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO SUS: UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS DE SAÚDE NO BRASIL	318
O PAPEL DA ATIVIDADE FÍSICA NO CONTROLE GLICÊMICO E NA QUALIDADE DE VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO 1.	319
IMPACTOS DA DOENÇA DO REFLUXO GASTROESOFÁGICO NO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.	320
INFECÇÃO POR PARVOVÍRUS B19 EM CRIANÇAS - UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA	321
EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE A IMPORTÂNCIA O CUIDADO DO MEIO AMBIENTE NO ÂMBITO INFANTIL	322
RELATO DE EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA DE ENFERMAGEM NA SAÚDE DO ADOLESCENTE E JOVEM NO CENTRO UNIVERSITÁRIO SALGADO DE OLIVEIRA EM JUIZ DE FORA	323
PROMOÇÃO DA EMPATIA E CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL: INTERVENÇÃO LÚDICA CONTRA O BULLYING EM ESCOLARES	324
CUIDADOS DE ENFERMAGEM PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS E NECESSIDADES ESPECIAIS: PRÁTICAS E DESAFIOS NA ENFERMAGEM. ...	325
REALIDADE VIRTUAL NA REABILITAÇÃO DA PARALISIA BRAQUIAL OBSTÉTRICA – UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	326
ESTRATÉGIAS DE SEGURANÇA DO ADOLESCENTE E PROMOÇÃO DA SAÚDE ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	327

PRIMEIROS SOCORROS NA ESCOLA: ENTRAVES À IMPLEMENTAÇÃO DA LEI LUCAS	328
MONITORIA ACADEMICA: BENEFÍCIOS E OPORTUNIDADES	329
MONITORIA CIENTÍFICA: CAMINHOS PARA UM BOM CURRÍCULO	330
DILEMAS NOS ATENDIMENTOS DOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTIL EM UM MUNICÍPIO DO NORDESTE BRASILEIRO	331
MONITORIA EM FISIOTERAPIA PEDIÁTRICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM INSPEÇÃO DOS MARCOS MOTORES.	332
ORIENTAÇÕES DE ALONGAMENTO ATIVO PARA MÃES ATÍPICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	333
DETERMINANTES E CONSEQUÊNCIAS DA BAIXA COBERTURA VACINAL NO PÚBLICO INFANTIL: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA	334
EDUCAÇÃO PERMANENTE DE SUPORTE BÁSICO DE VIDA EM UMA UNIDADE DE RADIOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	335
ORIENTAÇÃO FARMACÊUTICA NA ALTA EM PEDIATRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	336
EXPERIÊNCIA EM EVENTO MULTIDISCIPLINAR SOBRE O CÂNCER INFANTOJUVENIL: ATIVAONCO	337
INTOXICAÇÃO EXÓGENA INTENCIONAL EM ADOLESCENTES: MANEJO NA EMERGÊNCIA DE HOSPITAL REFERÊNCIA NO CEARÁ	338
REPRESENTAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO AO LONGO DO TEMPO: ACEITAÇÃO OU ADAPTAÇÃO?	339
ACESSO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA ATENÇÃO BÁSICA: AVANÇOS E DESAFIOS	340
EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO DOS PROFESSORES EM PRIMEIROS SOCORROS NAS ESCOLAS	341
ALERGIA À PROTEÍNAS DO LEITE (APLV) EM CRIANÇAS: DIAGNÓSTICO E ESTADO NUTRICIONAL	342
ASSOCIAÇÃO ENTRE O ESTADO NUTRICIONAL E O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) EM CRIANÇAS	343
RELAÇÕES FAMILIARES E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ANÁLISE DOS FATORES DE ESTIMULAÇÃO NO LAR	344

PREJUÍZOS DA SELETIVIDADE ALIMENTAR EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	345
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS NA PARAÍBA: 2013-2023	346
PREVENÇÃO DE ACIDENTES DOMÉSTICOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS E DE SENSIBILIZAÇÃO	347
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA TUBERCULOSE EM MENORES DE 15 ANOS NA PARAÍBA: 2013-2023	348
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE INFANTOJUVENIL EM UMA CLÍNICA PSIQUIÁTRICA	349
INTERVENÇÕES NUTRICIONAIS NO CONTROLE DA OBESIDADE INFANTIL	350
PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA E NÍVEL DE ANSIEDADE DE ADOLESCENTES EM TERESINA-PI	351
PREJUÍZOS DO USO EXCESSIVO DE FONES DE OUVIDO EM JOVENS	352
MORBIMORTALIDADE POR DESNUTRIÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA	353
OS IMPACTOS DA EXPOSIÇÃO EXCESSIVA DE TELAS NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS	354
REPERCUSSÕES DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS (SARS-COV-2) NA SAÚDE MENTAL	355
O PAPEL DA ENFERMAGEM NO ACOMPANHAMENTO DAS MUDANÇAS FISIOLÓGICAS DURANTE A PUBERDADE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES.	356
A REVOLUÇÃO DO ENSINO REMOTO: VANTAGENS E DESAFIOS PARA CRIANÇAS E EDUCADORES	357
ESTRATÉGIAS EFICAZES DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL INFANTIL: EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO	358
AUDITORIA EM ENFERMAGEM: ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER A ADEÇÃO A PROTOCOLOS CLÍNICOS E DIRETRIZES ASSISTENCIAIS	359
INVESTIGAÇÃO DO PAPEL DA ENFERMAGEM NA IDENTIFICAÇÃO DE SINAIS PRECOSES DE TEA EM CRIANÇAS	360
IMPACTO DO BULLYING NA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: INTERVENÇÕES E PREVENÇÃO	361

A EXPERIÊNCIA DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL EM CRECHES	362
BRINQUEDO TERAPÊUTICO COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO DE ENFERMAGEM NA PEDIATRIA DE HOSPITAL REFERÊNCIA EM TRAUMA	363
RESUMOS EXPADIDOS	364
PROMOÇÃO E INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM NO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	364
ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADAS EM CASA LAR: NOTA PRÉVIA	369
OS IMPACTOS DO CONSUMO DA PORNOGRAFIA NO DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOSSOCIAL DO ADOLESCENTE: UMA REVISÃO DE LITERATURA	373
DOAÇÃO DE LEITE MATERNO: UM ALIADO PODEROSO CONTRA A MORTALIDADE NEONATAL	377
CATCH-UP EXCESSIVO EM PREMATUROS E SUAS IMPLICAÇÕES: O RISCO DE OBESIDADE NA VIDA ADULTA	381
AMBIENTES ESCOLARES E PARASITOSE: A IMPORTÂNCIA DA HIGIENE E DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE	385
ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA: VULNERABILIDADES E ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO	389
AVC PEDIÁTRICO: REVISÃO SOBRE ABORDAGENS DE REABILITAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA	393
IMPACTO DO TRATAMENTO DE FERIDAS CRÔNICAS E COMPLEXAS NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES	397
CUIDADOS PALIATIVOS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA (UTI) PEDIÁTRICA: PRÁTICAS DE ENFERMAGEM E DESAFIOS ÉTICOS.	401
TRANSTORNO DE ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO NA INFÂNCIA: IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE, IMPACTOS PSICOSSOCIAIS E INTERVENÇÃO.	405
ADOTADOS: QUEM SÃO OS ESCOLHIDOS? QUANTOS SÃO DEVOLVIDOS?	409
A IMPORTÂNCIA DA ATENÇÃO À MÃES DE CRIANÇAS ATÍPICAS NA PERSPECTIVA DA TERAPIA OCUPACIONAL	413

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR LIVRE PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	417
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO NORDESTE BRASILEIRO ENTRE 2019 E 2023	420
ASCARIDÍASE EM CRIANÇAS NO BRASIL: REVISÃO DE LITERATURA	424
HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS: REVISÃO SOBRE IMPACTOS E FATORES ASSOCIADOS AOS CASOS	428
SÉRIE TEMPORAL COMPARATIVA DE FORMAS DE MENINGITE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL	432
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE TUBERCULOSE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL	436
VIOLÊNCIA SEXUAL SOFRIDA POR ADOLESCENTES E O PAPEL DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR	440
O USO DO BRINQUEDO TERAPÊUTICO COMO INSTRUMENTO DE CUIDADO NA SAÚDE INFANTIL	445
BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO NO NEURODESENVOLVIMENTO INFANTIL	449
EFEITOS DO USO DA REALIDADE VIRTUAL E AUMENTADA NO TRATAMENTO DO TEA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES	454
BARREIRAS E FACILITADORES DA VACINAÇÃO: ADESÃO, CONFIANÇA E FONTES DE INFORMAÇÃO	457
A MATERNIDADE ATÍPICA SOLO E SEUS IMPACTOS SOCIAIS, EMOCIONAIS E FINANCEIROS	462
IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM OLHAR SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS	466
DESAFIOS ÉTICOS NO PROCESSO DE TRATAMENTO DE PACIENTES CRÍTICOS EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA (UTI)	470
RELAÇÃO CRUCIAL ENTRE A FISIOLOGIA IMUNE E O DESENVOLVIMENTO DA AUTOIMUNIDADE	474
PSICOLOGIA ESCOLAR E OS DESAFIOS DA ADOLESCÊNCIA: PROMOVENDO ESCUTA E BEM-ESTAR EM UM CONTEXTO EDUCACIONAL	477
A REALIDADE DO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE	481

REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO TRATAMENTO DE HIV	485
DOENÇAS RESPIRATÓRIAS INFANTIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	488
A PRÁTICA TERAPÊUTICA DO SURFE COM PESSOAS AUTISTAS: CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL	492
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE QUEIMADURAS ...	495
ALEITAMENTO MATERNO NO CONTEXTO DA PREMATURIDADE: BENEFÍCIOS E ESTRATÉGIAS DE APOIO À MÃE E AO BEBÊ	499
PERSPECTIVAS DO ALEITAMENTO MATERNO NA POPULAÇÃO NEGRA ..	502
PROGRAMA PREVDROGAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA	506
ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	509
O PAPEL DO BRINCAR NA PSICOTERAPIA INFANTIL	513
ÓBITOS EVITÁVEIS EM MENORES DE 5 ANOS RELACIONADOS À ATENÇÃO NEONATAL ENTRE 2015 E 2023	517
TOXOPLASMOSE NA GESTAÇÃO: REVISÃO DE LITERATURA PARA A ASSISTÊNCIA AO BINÔMIO MÃE-BEBÊ	521
ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTOJUVENIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	524
ASPECTOS PSICOLÓGICOS DE CRIANÇAS À ESPERA DE TRANSPLANTES RENAI: UMA REVISÃO DE LITERATURA	528
PAPEL DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DA GOLDEN HOUR: IMPORTÂNCIA NA ASSISTÊNCIA À SAUDE	532
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO USO DA TERAPIA LARVAL PARA O TRATAMENTO DO PÉ DIABÉTICO: UMA ABORDAGEM BIOLÓGICA E EFICAZ	536
ESQUISTOSSOMOSE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: IMPACTOS NO TRATO GASTROINTESTINAL	540
IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NAS TAXAS DE INTERNAÇÕES INFANTIS POR BRONQUIOLITE E BRONQUITE AGUDA	545

ASSOCIAÇÃO ENTRE O CONSUMO ALIMENTAR E FATORES DE RISCO CARDIOMETABÓLICOS EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO NARRATIVA	549
AS BARREIRAS PARA IMPLEMENTAÇÃO DOS CUIDADOS DE ENFERMAGEM COM O PÚBLICO MASCULINO	553
HEMORRAGIA GRAVE NO TRAUMA PEDIÁTRICO: EXPERIÊNCIA DE ENFERMEIROS EM HOSPITAL REFERÊNCIA NO ESTADO DO CEARÁ	557
IMPORTÂNCIA DOS PRINCÍPIOS DA APS NO DESENVOLVIMENTO PLENO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL	561
IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA LIMPEZA NASAL EM CRIANÇAS COMO FORMA DE PREVENÇÃO DE DANOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE	565
DERMATITE ATÓPICA NA INFÂNCIA: ESTRATÉGIAS TERAPÊUTICAS BASEADAS NA GRAVIDADE DO QUADRO	569
RELEVÂNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA: COMBATE AO SEDENTARISMO E A REDUÇÃO DO USO DE TELAS ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	573
ASPECTOS NUTRICIONAIS DO PACIENTE PORTADOR DE FENILCETONÚRIA	577
HEPATITES VIRAIS E SEU IMPACTO EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA	580
A INFLUÊNCIA DO RACISMO NA QUALIDADE DA SAÚDE PEDIÁTRICA	584
OFICINA SOBRE O USO DO BRINQUEDO TERAPÊUTICO NO CUIDADO DE ENFERMAGEM À CRIANÇA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	588
ATUAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: UM OLHAR PARA A ESTIMULAÇÃO SENSORIO-MOTORA	592
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO TEÓRICO-PRÁTICO EM ENFERMAGEM COM ÊNFASE EM SAÚDE DA CRIANÇA	596
DIAGNÓSTICO CLÍNICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SEGUNDO DSM-5 E CID-11: REVISÃO NARRATIVA	600
BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO PARA SAÚDE DA MÃE E DO BEBÊ	605
ABORDAGENS DE ENFERMAGEM NO TRATAMENTO ONCOLÓGICO: CUIDADOS E DESAFIOS NA ASSISTÊNCIA AO PACIENTE COM CÂNCER ...	609
INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM CUIDADOS INFANTIS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	612

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS	617
MORTALIDADE INFANTIL POR HEPATITES VIRAIS NAS REGIÕES DO BRASIL: ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO	621
O PAPEL DA ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA NO COMBATE À DESNUTRIÇÃO INFANTIL	625
VOZES SILENCIADAS: ENTENDENDO E PREVENINDO O SUICÍDIO INFANTO JUVENIL NA PÓS PANDEMIA DE COVID 19	628
MUDANÇAS ADVINDAS DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NESSE CONTEXTO	632
ESTRATÉGIAS PARA PREVENIR A DOENÇA DE CHAGAS NO PÚBLICO INFANTOJUVENIL: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA	636
I-PASS NA PEDIATRIA: RESULTADOS DE UMA IMPLEMENTAÇÃO EXITOSA PARA AUMENTAR A SEGURANÇA DO PACIENTE	640
DESAFIOS E CONSEQUÊNCIAS DA DEPRESSÃO NO COTIDIANO DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES	644
ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ÀS CRIANÇAS E AOS ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA	648
OCORRÊNCIA DE DOENÇAS PARASITÁRIAS EM CRIANÇAS NO BRASIL	652
ABORDAGEM E MANEJO INICIAL DA BRONQUIOLITE VIRAL AGUDA EM LACTENTES NO PRONTO-SOCORRO PEDIÁTRICO	656
IMPACTO DAS TELAS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	660
EDUCAÇÃO EM SAÚDE E LUDICIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR	664
PROTOCOLOS ATUALIZADOS DE REANIMAÇÃO NEONATAL E O PAPEL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM	668
TRIAGEM PEDIÁTRICA NA ENFERMAGEM E ESTRATÉGIAS PARA PRIORIZAR E MINIMIZAR RISCOS NAS EMERGÊNCIAS	672
OS PRIMEIROS 2.200 DIAS: A BASE PARA A SAÚDE E DESENVOLVIMENTO	676
DESAFIOS NA COBERTURA VACINAL DA POPULAÇÃO INFANTIL BRASILEIR	680

LEISHMANIOSE VISCERAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO ESTADO DO PIAUÍ: ESTUDO ECOLÓGICO DE ONZE ANOS	684
USO TERAPÊUTICO DO ÓLEO ESSENCIAL DE LAVANDA NA SAÚDE INFANTIL	688
SAÚDE MENTAL E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	692
CONSEQUÊNCIAS FUNCIONAIS DA MIELOMENINGOCELE E SEUS DESAFIOS NA QUALIDADE DE VIDA INFANTIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	696
AUDITORIA EM ENFERMAGEM: GARANTINDO QUALIDADE E SEGURANÇA NO ATENDIMENTO AO PACIENTE EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE	700
INFECÇÃO POR MENINGITE BACTERIANA: PREVALÊNCIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA E ASPECTOS CLÍNICOS.	704
CONEXÕES SAUDÁVEIS: BEM-ESTAR SOCIAL E NUTRICIONAL	707
OS PRIMEIROS 1000 DIAS: O PAPEL DA NUTRIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	711
PERSPECTIVAS FARMACOLÓGICAS E DIAGNÓSTICAS NO MANEJO DA CLAMÍDIA EM ADOLESCENTES: ENFOQUE CLÍNICO E LABORATORIAL ..	714
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE HANSENÍASE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE	718
AMAMENTAÇÃO EM UM CONTEXTO DESAFIADOR: A PRÁTICA DO ALEITAMENTO MATERNO PARA PREMATUROS NA UTI NEONATAL	722
A IMPORTÂNCIA DO PRÉ E POS-NATAL PARA A SAÚDE DA MULHER E DO RECÉM-NASCIDO.	726
A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS EM PRIMEIROS SOCORROS NO AMBIENTE ESCOLAR	729
GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: O OVO COMO SÍMBOLO DE TRANSFORMAÇÃO E DESAFIOS	733
ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NA DETECÇÃO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA INFÂNCIA	736
EVIDÊNCIAS ACERCA DO MANEJO FARMACOLÓGICO DA DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES	740
AVALIAÇÃO DA EFICÁCIA DE PROGRAMAS EDUCATIVOS CONDUZIDOS POR ENFERMEIROS NA REDUÇÃO DA OBESIDADE INFANTIL	743

IMPACTOS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL EM ADOLESCENTES: uma análise das consequências e estratégias de prevenção	747
O MANEJO DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO FRENTE À CRIANÇA PORTADORA DE ASMA CRÔNICA: UM CUIDADO HUMANIZADO	752
BULLYING E O PÚBLICO INFANTOJUVENIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA AÇÃO EDUCATIVA EM UMA ESCOLA DE BELÉM-PA	756
INTOXICAÇÃO ACIDENTAL POR MEDICAMENTOS EM EMERGÊNCIAS PEDIÁTRICAS	760
EFICÁCIA DO TREINAMENTO EM PALS NA REDUÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL EM CENÁRIOS DE EMERGÊNCIA	763

EXPERIÊNCIA DE ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO RESIDENCIAL DE CRIANÇA COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS: VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS

Edvaldo Caldas de Andrade Neto¹; Ana Flávia Soares Conceição²

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia¹, Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal da Bahia²

netocaldas@aluno.ufrb.edu.br

Introdução: Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre um estágio como acompanhante terapêutico (A.T) residencial de uma criança de 9 anos, no quarto ano do ensino fundamental, com necessidades educacionais específicas, em uma cidade do interior da Bahia. O acompanhante terapêutico, é o profissional que estará acompanhando o cliente, em diferentes contextos, e auxiliando nas principais demandas, dificuldades e potencialidades. Além disso, apoiando no tratamento psicoterapêutico, pois além da clínica, o paciente estará sob efeito de outras contingências, às quais o terapeuta não possui o acesso, sendo assim, o A.T poderá intervir com mudanças comportamentais, potencializando a alteração da relação do cliente com seu ambiente. **Objetivo:** Compartilhar as vivências e aprendizados adquiridos durante essa experiência prática e discutir suas implicações para a futura atuação profissional em psicologia. **Metodologia:** O estágio ocorreu de 25 de abril a 8 de agosto de 2024, com atendimentos diários de segunda a sexta-feira, no turno da tarde, com duração de uma hora cada. Contou com supervisão semanal às quintas-feiras, das 18h às 22h, e um aprofundamento teórico contínuo em análise do comportamento e neuropsicologia comportamental. O foco principal dos encontros foi auxiliar a criança nas demandas escolares e no manejo das emoções. As atividades incluíam leituras, psicoeducação, atividades lúdicas, jogos educativos, tarefas escolares e momentos de lazer. Recebia semanalmente um roteiro da escola para apoiar o processo de ensino-aprendizagem e mantinha contato constante com as principais figuras do cotidiano da criança, formalizado por relatórios semanais enviados à mãe. Esses relatórios detalhavam as atividades realizadas e observações sobre aspectos emocionais, cognitivos, relacionais e de aprendizagem. **Resultados:** A análise dos dados coletados por meio de observações diretas, relatórios e feedback contínuo mostrou que a criança apresentou engajamento crescente com as atividades educacionais, refletindo o impacto positivo das intervenções terapêuticas. A experiência revelou-se altamente enriquecedora, fortalecendo habilidades profissionais como comunicação, escuta ativa, sensibilidade, postura acolhedora e manejo comportamental, além de aprofundar a compreensão teórica e prática da psicologia aplicada. A integração entre teoria e prática, aliada ao acompanhamento contínuo e à adaptação das intervenções, demonstrou ser essencial para promover o desenvolvimento e o bem-estar da criança. **Conclusão:** Essa vivência elucidou a importância de uma abordagem personalizada e flexível na prática terapêutica, evidenciando como a aplicação dos princípios da análise do comportamento associados ao conhecimento da neuropsicologia comportamental podem significativamente melhorar as condições educacionais e emocionais de indivíduos com necessidades específicas, além de proporcionar aprendizados relevantes para os estagiários.

Palavras-chave: Acompanhante, Crianças, Estágio, Análise do Comportamento, Neuropsicologia Comportamental.

TRATAMENTO PARA DERMATITE ATÓPICA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Rafaelly de Lara Niada¹; Nathan Etzel Pereira Pacheco Matheus²; Mario Antonio Pacheco Matheus³

Graduando em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande¹, Graduando em medicina pela Universidade Positivo³, Graduado em medicina pela Universidade Estadual de Londrina³

rafaellyniada@hotmail.com

Introdução: Definida como uma dermatose crônica de característica inflamatória e origem multifatorial, a dermatite atópica é uma condição que está presente em cerca de 20% das consultas dermatológicas pediátricas. Sendo descrita com quadros de prurido persistente, xerose, liquenificação e lesões pápulo-vesiculares pruriginosas e exsudativas, possui variação de acometimento de acordo com as regiões afetadas nas diferentes idades: em lactentes, costuma afetar a face, as regiões extensoras e o couro cabeludo; em crianças, as fossas cubitais e poplíteas, as mãos e os pés; e em adolescentes, as áreas flexoras, os punhos, o pescoço e as pálpebras inferiores. **Objetivo:** Compreender a melhor forma de intervenção para dermatite atópica em pacientes pediátricos, visando a redução ou estabilização da gravidade e a melhora na qualidade de vida. **Metodologia:** Revisão bibliográfica de 5 revisões sistemáticas encontradas na base de dados PubMed e Cochrane, retratando os melhores tratamentos para dermatite atópica na população pediátrica. Os termos de busca utilizados foram: “*Atopic dermatitis*”, “*eczema*”, “*dermatosis*” e “*children*”, com conector “*and*”. Os critérios de inclusão envolveram revisões sistemáticas publicadas nos últimos 5 anos, com pacientes entre 0 e 18 anos diagnosticados com dermatite atópica. Como critérios de exclusão, descartou-se trabalhos não focados em formas de tratamento, ou que não atendiam integralmente aos critérios de inclusão. Inicialmente, foram encontradas 75 publicações, das quais apenas 5 atendiam aos requisitos citados. **Resultados e Discussão:** O uso rotineiro de emolientes e a prevenção de processos irritantes à pele se destacaram como tratamento base defendido em todos os trabalhos abordados, visto agregarem melhora na qualidade de vida e redução na gravidade da doença. Entretanto, o uso de imunomoduladores (Tacrolimo tópico e Inibidores da JAK) também se sobressaiu entre os anti-inflamatórios com maior eficácia e menos efeitos adversos. Além disso, observou-se que a suplementação e a manutenção dos valores adequados de vitamina D também trouxe melhores cenários para as crianças afetadas, resultando na estabilização ou até redução da gravidade do quadro. **Considerações Finais:** Constata-se que a hidratação diária da pele e comportamentos preventivos são indispensáveis no manejo da dermatite atópica na população pediátrica, adicionando-se medicamentos orais ou tópicos apenas caso as medidas iniciais, de forma isolada, não sejam eficazes. Quanto à suplementação de vitamina D, deve-se analisar individualmente a necessidade de reposição ou não de cada paciente.

Palavras-chave: dermatite atópica; crianças; hidratação; emolientes; vitamina D.

A OCORRÊNCIA E TRATAMENTO DA FIBROSE CÍSTICA EM CRIANÇAS HEREDITARIAMENTE ACOMETIDAS

Alice Cury Chagas¹; Caio Tales Alvares da Costa²

Graduando em medicina pela Universidade de Ribeirão Preto¹, Doutor em ciências biológicas (genética) pela Universidade de São Paulo²

alice.chagas1987@gmail.com

Introdução: A Fibrose Cística (FC) trata-se de uma doença hereditária de padrão autossômico recessivo, a qual afeta crianças nos primeiros anos de vida. A FC é causada pela mutação no gene cystic fibrosis transmembrane conductance regulator (CFTR), responsável por codificar uma proteína reguladora de condutância transmembrana de cloro e acomete predominantemente os pulmões, pâncreas e o trato gastrointestinal, de modo a alterar a viscosidade das secreções, levando à má absorção e perda de eletrólitos durante o suor, além de insuficiência pancreática e alteração das secreções pulmonares; tudo isso ocorre devido ao transporte atípico de cloro e sódio através dessa proteína. O paciente portador dessa doença apresenta secreções mucosas espessas, obstruindo os ductos de algumas glândulas exócrinas. A FC pode ser detectada pela realização do teste do pezinho, porém, a confirmação do diagnóstico é realizada por exames genéticos. Após o diagnóstico, é necessário iniciar o tratamento rapidamente. O tratamento consiste em uma suplementação com enzimas digestivas, suporte nutricional, prescrição de medicamentos broncodilatadores e fisioterapia respiratória. **Objetivo:** Descrever a hereditariedade da fibrose cística, sua ocorrência e tratamento em crianças acometidas. **Metodologia:** Ocorreu a partir de uma revisão bibliográfica que se baseou em artigos científicos focados em estudos sobre a hereditariedade da fibrose cística em crianças e seu tratamento, os quais foram encontrados através de uma pesquisa realizada nas plataformas digitais PubMed, SciElo e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). **Resultados e discussão:** O tratamento da Fibrose Cística envolve uma equipe multidisciplinar, tendo como base principal medidas que promovam uma melhora na qualidade de vida de crianças e adolescentes acometidos. Após o diagnóstico da doença, é necessário o uso contínuo de medicamentos como antibióticos, broncodilatadores e mucolíticos, sendo associados a procedimentos de fisioterapia respiratória, suporte nutricional e reposição de enzimas digestórias. Dentre esses, os mais prescritos foram vitaminas, enzimas pancreáticas, solução salina hipertônica, alfadornase, ácido ursodesoxicólico e antibióticos inalatórios. Entretanto, em casos de estágio final da FC, há ainda a possibilidade do transplante de pulmão como uma terapia de estabilização. **Considerações finais:** Conclui-se que a Fibrose Cística corresponde a uma doença com necessidade precoce de diagnóstico e tratamento. Assim, a revisão desenvolvida permitiu um maior conhecimento acerca do diagnóstico, tratamentos e cuidados necessários aos pacientes afetados.

Palavras-chave: Fibrose Cística; hereditária; crianças.

RASTROS DO ISOLAMENTO: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE MENTAL INFANTIL

Gabriel Chagas Moreira¹; Lourdes Manoela Lima Lisboa de Sousa²; Yuri Machado Oliveira¹; Manoel Camilo de Sousa Netto³

Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Ceará¹, Graduando em Medicina pela Universidade Estadual do Maranhão², Doutorando em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina³

gabrielchagasm@gmail.com

Introdução: A infância constitui-se como uma fase essencial de construção, marcada pelas primeiras interações com o ambiente, no qual o indivíduo desenvolve habilidades físicas e sociais que moldarão sua identidade e personalidade. Contudo, o isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 trouxe inúmeros desafios para o desenvolvimento infantil, devido ao enfraquecimento das relações sociais, medo do adoecimento e alterações súbitas na rotina. **Objetivo:** Analisar os impactos do isolamento social durante a pandemia de Covid-19 na saúde mental infantil. **Metodologia:** O estudo em questão trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada no ano de 2024 na base de dados *Science Electronic Library Online* (SciELO). Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Pandemia”, “Saúde Mental” e “Crianças” foram cruzados com o operador booleano AND, encontrando-se 24 artigos. Os critérios de inclusão foram: disponibilidade em português e pertinência teórica. Como critérios de exclusão, utilizou-se: artigos duplicados e não adequação ao tema proposto. Por fim, após a aplicação desses critérios, foram utilizados 5 artigos para compor esta revisão. **Resultados e Discussão:** Diversos estudos relatam que, ao longo da pandemia, observou-se uma deterioração da saúde mental infantil, haja vista sua maior sensibilidade aos determinantes sociais. Em relação ao distanciamento social, fatores como a suspensão das atividades escolares presenciais resultaram numa redução substancial do acesso das crianças aos ambientes de convivência, de modo que diversos pais referem uma acentuada retração social dos seus filhos no período pós-pandêmico. Não obstante, os estudos evidenciam que, mesmo de forma limitada, as crianças possuíam uma relativa percepção sobre a grave realidade pandêmica, de modo que o medo do adoecimento - próprio ou dos familiares - e a aflição com suas repercussões predispôs o surgimento de sintomas psíquicos como o medo, irritabilidade e insônia. Além disso, a nova rotina imposta pelo confinamento teve repercussões no ciclo circadiano e na restrição de atividades físicas, fatores responsáveis pela regulação de diversos neurotransmissores do sistema nervoso central, tais como noradrenalina e serotonina, cuja disfunção está relacionada à patogênese de transtornos como ansiedade e depressão. **Considerações Finais:** Em face do exposto, torna-se evidente o impacto significativo da pandemia na saúde mental infantil, tanto no surgimento quanto no agravamento de distúrbios psiquiátricos. Portanto, a compreensão desse cenário é fundamental para o desenvolvimento de políticas assistenciais que atendam às necessidades em relação à saúde mental infantil, a fim de - em consonância ao princípio norteador da equidade - garantir a saúde de maneira integral.

Palavras-chave: pandemia; saúde mental; crianças.

EPIDEMIA SILENCIOSA: FATORES ASSOCIADOS AO AUMENTO DA INCIDÊNCIA DE DIABETES MELLITUS TIPO 1 EM CRIANÇAS

Gabriel Chagas Moreira¹; Lourdes Manoela Lima Lisboa de Sousa²; Yuri Machado Oliveira¹; Manoel Camilo de Sousa Netto³

Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Ceará¹, Graduando em Medicina pela Universidade Estadual do Maranhão², Doutorando em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina³

gabrielchagasmo@gmail.com

Introdução: A Diabetes Mellitus Tipo 1 (DM1) é uma afeção metabólica complexa, cuja fisiopatologia autoimune está relacionada à insuficiência pancreática na síntese do hormônio insulina, responsável pela metabolização da glicose, resultando numa hiperglicemia persistente. Em razão de sua origem genética, a maioria dos indivíduos manifesta a doença ainda na infância. Porém, nos últimos anos, tal manifestação tornou-se ainda mais precoce, acometendo crianças cada vez mais jovens, trazendo consigo um impacto significativo na saúde e na qualidade de vida. **Objetivo:** Analisar a epidemiologia e os fatores associados ao aumento da incidência de DM1 em crianças. **Metodologia:** O estudo em questão trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada no ano de 2024 na base de dados *Science Electronic Library Online* (SciELO). Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Diabetes Tipo 1” e “Crianças” foram cruzados com o operador booleano AND, encontrando-se 87 artigos. Os critérios de inclusão foram: disponibilidade em português e pertinência teórica. Como critérios de exclusão, utilizou-se: artigos duplicados, não adequação ao tema proposto e artigos que tratassem exclusivamente de Diabetes Mellitus Tipo 2. Por fim, após a aplicação dos critérios de seleção, foram utilizados 4 artigos para compor esta revisão. **Resultados e Discussão:** Embora haja uma grande variação da incidência de DM1 ao longo do planeta, diversos estudos apontam um aumento significativo no número de crianças acometidas por essa doença, sobretudo entre os 0 e 4 anos de idade. Por tratarem-se de estudos recentes, a comunidade acadêmica ainda não obteve um consenso em relação às causas, embora existam evidências de alguns fatores associados a esse aumento. A principal hipótese é de que esse panorama esteja associado a fatores ambientais, especificamente a infecção por determinados antígenos que, por meio de mecanismos imunológicos, desencadeiam o mecanismo autoimune da doença em indivíduos suscetíveis, de modo que os linfócitos do próprio organismo - ao tornarem-se auto reativos - destroem as células beta-pancreáticas, responsáveis pela produção da insulina. **Considerações Finais:** Em face do exposto, torna-se evidente a importância da compreensão dos fatores associados ao aumento da incidência de DM1 em crianças. Contudo, por tratar-se de um tema relativamente recente, a quantidade de estudos existentes ainda é insuficiente. Portanto, faz-se necessário o desenvolvimento de novos estudos com o objetivo de melhor compreender as causas desse cenário, a fim de traçar estratégias preventivas e, dessa forma, garantir saúde e qualidade de vida à população infantil.

Palavras-chave: incidência; diabetes tipo 1; crianças.

ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO AO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO: SEMANA DO BEBÊ

Angelo Maximo Soares de Araujo Filho¹; Adysson Cleysson da Silva Falcão¹; Ana Claudia Bezerra Berzin²; Ana Paula Venâncio da Silva¹; Lohayne do Nascimento Alves¹; Ana Elza Oliveira de Mendonça³

Graduandos em enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau²; Professora adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte³.

angelomxm0@gmail.com

Introdução: A Semana do Bebê é uma iniciativa do Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) que prioriza o direito à sobrevivência e desenvolvimento no Brasil de crianças até seis anos de idade. Na primeira infância, o aleitamento materno exclusivo, recomendado durante os primeiros seis meses de vida, é fundamental para garantir a nutrição adequada e fortalecer o sistema imunológico. Assim, a Semana do Bebê se consolida como importante estratégia para estimular, dentre outras práticas, o aleitamento materno exclusivo. **Objetivo:** Relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem no desenvolvimento de uma ação educativa sobre os benefícios do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida. **Metodologia:** Relato de experiência de uma ação de educação em saúde alusiva à Semana do Bebê, realizada no período de 20 a 24 de maio de 2024, em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) da rede municipal de saúde, no nordeste do Brasil. A programação do evento foi organizada em dois blocos temáticos: o primeiro, enfatizando o autocuidado da mãe, e, o segundo, envolvendo cuidados na primeira infância e a importância do aleitamento materno. **Resultados e Discussão:** A ação educativa evidenciou o interesse das mães em participar de forma interativa nas dinâmicas de grupo, que incluíram simulações de amamentação, permitindo discussões sobre desafios específicos, como a adequação da pega e a frequência das amamentações. As atividades promoveram a troca de experiências e soluções de problemas entre mães. As dicas discutidas foram cuidadosamente anotadas e organizadas em um mural colaborativo, o que valorizou a participação e incentivou o compartilhamento de depoimentos sobre a importância do aleitamento exclusivo, reforçando o apoio mútuo. Além disso, várias mães manifestaram interesse em integrar o grupo de apoio contínuo sobre amamentação e cuidados na primeira infância da UBS, indicando um desejo de suporte prolongado e troca de conhecimentos entre as participantes. **Considerações finais:** A experiência vivenciada destaca a importância da educação em saúde para a construção de um vínculo sólido entre serviços de saúde e comunidade. Para os acadêmicos envolvidos, essa oportunidade foi crucial, por permitir a aplicação prática de conhecimentos teóricos e o fortalecimento de habilidades, como trabalho em equipe e desenvolvimento de ações de educação em saúde. Assim, iniciativas como a educação sobre o aleitamento materno exclusivo durante a Semana do Bebê não apenas promovem a saúde na primeira infância, mas também propiciam um ambiente de apoio mútuo e troca de saberes.

Palavras-chave: educação em saúde; saúde da criança; aleitamento materno.

AValiação DA ATIVIDADE ANTIMICROBIANA DA *Solanum capsicoides*

João Wictor de Lima Tiburcio¹; Eduarda de Lima Sá Teles¹; Gleiciane Adrielli Souza Guinho¹; Matheus Givanildo da Silva¹; Gustavo Henrique da Silva¹; Alexandre Muller Zigmundo da Silva Leite¹; Risonildo Pereira Cordeiro²

Graduando em Farmácia pela Associação Caruaruense de Ensino Superior - Asces/Unita¹, Mestre em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal de Pernambuco²

joaowlimat@outlook.com

Introdução: A *Solanum capsicoides* pertence à família Solanaceae, que abrange cerca de 100 gêneros e 2.500 espécies. Nativa da América, essa planta é comumente encontrada em regiões de clima tropical e subtropical, sendo tradicional em diversos países da América do Sul. Fisicamente, caracteriza-se como um arbusto armado, com espinhos rígidos presentes nos ramos, pecíolos, nervuras, pedúnculos e cálices. Apesar de sua ampla distribuição, a *S. capsicoides* ainda é pouco estudada. No entanto, considerando que outras espécies do gênero, como *S. americanum* e *S. corymbiflorum*, apresentam atividade antimicrobiana, é plausível que *S. capsicoides* possa ter propriedades similares. **Objetivo:** Avaliar a atividade antimicrobiana da espécie *Solanum capsicoides*. **Metodologia:** O estudo foi conduzido nos laboratórios interdisciplinares de microbiologia do Centro Universitário Tabosa de Almeida, Asces-Unita. Foram utilizadas linhagens dos microrganismos *Enterococcus faecalis*, *Bacillus subtilis*, *Escherichia coli*, *Klebsiella pneumoniae* e *Staphylococcus aureus*. O extrato bruto seco foi obtido a partir da maceração da planta em solução hidroalcoólica a 50%. A Determinação da Concentração Inibitória Mínima (CIM) foi realizada pela técnica de poços, com medição dos halos de inibição. Utilizou-se o meio Ágar Muller-Hinton, em que, em cada placa, foram feitos cinco poços nos quais se adicionou o extrato hidroalcoólico em diferentes concentrações: 100 mg/mL, 50 mg/mL, 25 mg/mL, 12,5 mg/mL e 6,25 mg/mL. O estudo foi realizado em duplicata. Posteriormente, as placas de Petri foram incubadas a 37°C por 24 horas para permitir o crescimento bacteriano e possibilitar a análise dos halos de inibição. **Resultados e Discussão:** No teste microbiológico observou-se a formação de halos de inibição para *E. faecalis* (12 mm a 100 mg/mL), *B. subtilis* (14 mm a 100 mg/mL e 12 mm a 50 mg/mL) e *K. pneumoniae* (13 mm a 100 mg/mL). Para as demais concentrações e demais microrganismos não foi percebido atividade antimicrobiana significativa. Apesar da escassez de estudos específicos sobre *S. capsicoides*, estes resultados corroboram com estudos prévios, como o de Gonçalves *et al.* (2016), que destacam o potencial antimicrobiano do gênero *Solanum* spp., possivelmente atribuído a seus metabólitos secundários, como os alcalóides, conhecidos por sua alta concentração nesse gênero. **Considerações Finais:** Os resultados obtidos reforçam a atividade antimicrobiana do gênero *Solanum*, agora demonstrada também para a espécie *S. capsicoides*. Esses dados ampliam as possibilidades de exploração desta espécie na área de microbiologia, sugerindo novos caminhos para estudos futuros.

Palavras-chave: *Solanum*; Testes de Sensibilidade Microbiana; Bactérias

DESAFIOS NO COMBATE ÀS NEOPLASIAS: IMUNOTERAPIA COM CAR-T CELLS

Maria Eduarda Valerio¹; Laura Querino de Pádua²; Maria Fernanda Rodrigues dos Santos³; Pedro Petiti Arbex Bueno⁴; Renata Dellalibera-joviliano⁵

Graduando em medicina pela Universidade de Ribeirão Preto^{1,2,3,4}, Núcleo de Pesquisa do Curso de Medicina da Universidade de Ribeirão Preto; UNAERP e UEMG⁵

dudikavalerio@hotmail.com

Introdução: Os linfócitos T são células do sistema imune responsáveis pela defesa do organismo contra antígenos, isto é, agentes desconhecidos, a incluir invasores patogênicos, células neoplásicas, substâncias químicas antigênicas. Nesse viés, com o avanço da ciência, emergiu a imunoterapia com células CAR-T (receptor de antígenos quiméricos-T) para pacientes portadores de cânceres, que consiste na utilização de linfócitos T do próprio paciente para o combate da doença. A terapia consiste em retirar células T do organismo doente, ativá-las e reprogramá-las laboratorialmente para que consigam identificar com precisão as células neoplásicas e, posteriormente, mitiga-las de forma extensa e prolongada. **Objetivo:** O objetivo do estudo foi contextualizar a imunoterapia com CAR-T cells e desafios contra células neoplásicas. **Metodologia:** Como metodologia, foram utilizadas bases de dados PubMed e Scielo, com os unitermos “CAR-T cells”, “Imunoterapia”. “Neoplasias hematológicas” nos últimos 5 anos. Como resultado, verificamos que a terapia com células CAR-T é uma terapia inovadora para o tratamento de diferentes doenças malignas, incluindo linfomas e leucemias. Dados recentes mostram que a terapia CAR T podem ser eficientes para tumores sólidos (câncer ovariano, mama, próstata, renal, pancreático, pulmão) e sua eficácia correlacionada importantes marcadores de superfície. O primeiro tratamento com imunoterapia de CART cells no Brasil, teve aprovação pela ANVISA em 2022, com início no tratamento em crianças e adultos com leucemia linfoblástica aguda, e a partir de então, expandiu-se de forma gradual mesmo com limitações. **Resultados:** Os principais resultados do tratamento relacionam-se à sua eficácia, mostram que pacientes com leucemia linfoblástica aguda alcançaram remissão completa, durabilidade da resposta, apesar da taxa de recaída ainda importante e expansão para neoplasias sólidas, ainda com eficácia limitada. Acrescenta-se que o cenário atual da CAR-T cells permite que o próprio sistema imunológico do paciente seja capaz de atingir efetivamente os tumores e simultaneamente reduz os efeitos colaterais normalmente associados as terapias sistêmicas, como a quimioterapia e radioterapia. A imunoterapia com CAR-T cells ainda enfrenta difíceis obstáculos que limitam seu sucesso, dificuldade na expansão clonal de célula T, características do perfil tumoral, toxicidade relacionada ao tratamento junto aos seus efeitos colaterais, terapia de alto custo e ainda, não está disponível em larga escala para população. **Conclusão:** Sumariando, compreender os desafios associados à fabricação e as razões para a falha das células T, incluindo a fraca expansão das células T, a persistência e a resistência tumoral, são essenciais para a sua aplicação em larga escala, a fim de atingir todo o potencial desta nova terapia.

Palavras-chave: “CAR-T cells”; “Imunoterapia”; “Neoplasias hematológicas”.

IMPACTOS A LONGO PRAZO DO USO DE CIGARROS ELETRÔNICOS EM PACIENTES HEBIÁTRICOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Eduarda Eguchi de Andrade Souza¹; Júlia Alves Valois Galvão¹; Nicole Andrade da Cunha¹; Aline Barreto Hora²

¹Graduanda em Medicina, Universidade Tiradentes, Aracaju. Sergipe, ²Mestra em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes, Aracaju. Sergipe

eduarda.eguchi@souunit.com.br

Introdução: O cigarro eletrônico, ou *vape*, consiste em um sistema eletrônico liberador de nicotina, inicialmente idealizado para substituir o consumo do cigarro tradicional e reduzir os danos do tabagismo. No entanto, atualmente, esse dispositivo tem tido a sua eficácia fortemente questionada pela comunidade médica, tendo em vista a ausência de comprovação dos seus parâmetros de segurança e aos diversos de seus malefícios ao organismo, podendo representar uma porta de entrada para o tabagismo entre adolescentes, sendo atraídos pelas embalagens chamativas e essências saborosas. Dessa forma, o cigarro eletrônico se mostra como uma ameaça cada vez mais significativa à saúde dos adolescentes. **Objetivo:** Analisar através da literatura científica os riscos a longo prazo do consumo do cigarro eletrônico em adolescentes. **Metodologia:** O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura realizada a partir da busca por produções científicas em português e em inglês, dos últimos 5 anos (2019-2024), nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO e Google Scholar, utilizando os descritores “cigarro eletrônico” e “adolescência”, combinados ou isolados entre si através do operador booleano AND, sendo utilizados 6 artigos de 13. Os critérios de inclusão para seleção dos artigos foram: artigos em português e inglês; estudos que abordassem o cigarro eletrônico e seus impactos nos anos delimitados. Os critérios de exclusão foram: publicações que não fossem artigos científicos e artigos duplicados nas bases de dados. **Resultados:** Foi observado que o cigarro eletrônico possui uma quantidade significativamente maior de nicotina, quando comparado ao cigarro tradicional. Além disso, é composto por ácido benzóico, o qual se associa à nicotina, permitindo o alcance rápido do Sistema Nervoso Central. Dessa forma, é notória a toxicidade do *vape*, uma vez que seu uso na adolescência afeta as funções cerebrais como a memória e atividades a longo prazo. Ademais, evidencia-se a alta incidência de câncer devido a substâncias presentes em sua composição, que, quando aquecidas, causam modificações epiteliais que bloqueiam a resposta inflamatória, a exemplo do câncer bucal. Nesse contexto, outros efeitos adversos incluem a desmineralização dentária, alteração da microbiota natural e xerostomia; compromete a viabilidade da célula e a cicatrização; afeta a imunidade inata e adquirida; aumenta o stress oxidativo; proporciona uma resistência arterial e arritmias ventriculares; e lesões pulmonares. **Considerações finais:** Em suma, o presente estudo demonstrou a popularização do uso do cigarro eletrônico, bem como os resultados encontrados demonstram-se como prejudiciais a longo prazo à saúde dos pacientes hebiátricos. Entretanto, ainda são poucas as evidências de comprometimentos ao longo prazo em adolescentes nas publicações atuais.

Palavras-chave: Adolescente; Cigarro eletrônico; Vape.

ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO NA PREVENÇÃO DE DIARREIA NEONATAL EM REGIÕES DE BAIXA RENDA

Tâmara de Souza Alverga Fonseca¹; Kenis Mourão Araújo²; Pilar Maria de Oliveira Moraes³; Salma Brito Saraty⁴

Mestranda no Mestrado Profissional em Gestão e Serviços em Saúde pela Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará - FSCMPA¹, Mestrando no Mestrado Profissional em Gestão e Serviços em Saúde pela Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará – FSCMPA², Doutora em Biologia Parasitária na Amazônia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA³, Doutora em Pediatria e Ciências Aplicadas à Pediatria pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP⁴

tam-alverga@hotmail.com

Introdução: A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o aleitamento materno exclusivo (AME) até seis meses de vida. A diarreia neonatal, uma das principais causas de morbidade em bebês, é frequente em regiões de baixa renda devido às precárias condições de saneamento e higiene que favorecem a exposição a patógenos. O AME destaca-se como uma importante estratégia preventiva dessas infecções ao promover o fortalecimento imunológico. **Objetivo:** Analisar como o aleitamento materno exclusivo pode prevenir diarreias infecciosas em neonatos de regiões vulneráveis de acordo com a literatura recente. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com coleta de artigos nas bases de dados SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde e PubMed. Os Descritores em Ciências da Saúde utilizados foram “Aleitamento Materno” e “Diarreia Neonatal”, intercalados pelo operador booleano AND. Na seleção, foram aplicados critérios de inclusão e exclusão. O recorte temporal abrangeu publicações de 2019 a 2024, sem restrição de idioma. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 94 artigos, dos quais 12 compuseram esta análise. A revisão mostrou que o AME pode reduzir a incidência de diarreia neonatal em até 50% em áreas de baixa renda. Um estudo realizado pela OMS com 10.000 lactentes de países em desenvolvimento identificou uma taxa de diarreia 47% menor nos que receberam AME até seis meses em comparação com os não amamentados exclusivamente. Na Índia, uma pesquisa em áreas de baixa renda, com 1.800 neonatos, revelou que o AME reduziu a incidência de diarreia em 41%. Ademais, destacou que o acesso inadequado à água potável e saneamento básico amplifica os efeitos protetores do AME, já que o leite materno fornece imunoglobulinas, lactoferrina e outros compostos imunológicos. No Brasil, o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno reduziu em 50% os índices de mortalidade infantil por diarreia entre 1990 e 2015, com destaque para as regiões Norte e Nordeste, nas quais o acesso a serviços de saúde e saneamento é mais limitado. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019 revelou que 53,1% dos bebês brasileiros recebem AME até os 6 meses, taxa significativamente menor em áreas pobres, enfatizando a necessidade de políticas públicas mais robustas para a promoção do AME. **Conclusão:** Os dados analisados confirmam que o aleitamento materno exclusivo desempenha um papel basilar na prevenção de diarreias neonatais em regiões de baixa renda, com reduções significativas nas taxas de morbidade e mortalidade.

Palavras-chave: aleitamento materno; amamentação; diarreia neonatal.

FATORES DE RISCO AO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Jamile Pereira Arouche¹

Graduada em Psicologia pela Universidade da Amazônia¹

arouchejamil@gmail.com

Introdução: A saúde mental foi identificada como uma das causas proeminentes de problemas de saúde na infância sendo reconhecida em um percentual de 10% a 20% das crianças. Nos primeiros anos de vida, os sistemas de relacionamento das crianças (família e sociedade) e a interrelação entre eles influencia seu desenvolvimento socioambiental, cognitivo e psicológico e, devido à isso, fatores de desigualdade social e pobreza que afetam a família no geral interferem de forma direta no desenvolvimento infanto-juvenil. **Objetivo:** Esta pesquisa buscou identificar fatores de risco ao desenvolvimento global da criança e do adolescente. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura desenvolvida através de periódicos científicos publicados em bancos de dados online, como a Scielo, Pubmed, Lilacs e Pepsic, utilizando como termos descritores “crianças e adolescentes” e “riscos ao desenvolvimento”. **Resultados e Discussão:** Resultados abaixo do esperado no desenvolvimento infantil podem estar relacionados a interação de fatores psicológicos, biológicos e ambientais e, no que diz respeito aos fatores ambientais, é possível identificar a forte influência de questões associadas a problemas econômicos e sociais. Um estudo realizado com crianças do período pré-natal até a adolescência que objetivava analisar o papel do ambiente na saúde mental, identificou que problemas de saúde parentais (como depressão e ansiedade) e problemas sociais educacionais (como a baixa escolaridade e instabilidade financeira dos pais) têm forte interferência no desenvolvimento global da criança e do adolescente. A precariedade financeira é um fator estressor no ambiente familiar que pode influenciar a saúde mental parental e sua interação com a criança desde os primeiros anos de vida, o que, por sua vez, influencia o desenvolvimento linguístico, sócio emocional, cognitivo e motor desse sujeito. Pesquisas indicam que há impactos a nível escolar, de desenvolvimento cerebral e neuronal que por conseguinte afetam a atenção, a inibição, a aprendizagem complexa e a compreensão da linguagem, do ambiente espacial e contextual que influenciam a instauração de memória a longo prazo. **Conclusão:** Esclareceu-se que fatores de risco de interação multifatorial podem influenciar o desenvolvimento da criança e do adolescente. Identificar o aparecimento de sintomas em crianças cujos responsáveis apresentam problemas psicológicos é fundamental para a intervenção preventiva. Pode-se observar também a necessidade de mais pesquisas na temática de saúde mental infantil, intervenção e desenvolvimento de políticas públicas objetivando a diminuição eficaz da desigualdade social.

Palavras-chave: desigualdade social; pobreza; problemas de saúde.

INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM FRENTE A PACIENTES PEDIÁTRICOS COM PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA NA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

Maria valnice Silva Sousa¹; Jacqueline do Nascimento Maciel²; Vinicius Gomes Barros³.

Graduando em enfermagem pela Universidade Nove de Julho Uninove¹, Graduando em enfermagem pela Universidade Nove de Julho Uninove², Doutorando em Ciências de la Salud na Universidad de Oviedo – Espanha³.

Valnicesousa11@gmail.com

Introdução: A parada cardiorrespiratória (PCR) é conhecida como uma emergência grave em crianças, sendo capaz de provocar danos cerebrais irreversíveis e a morte. Nisso, a maior parte das ocorrências pediátricas sucedem em menores de um ano e suas razões podem mudar de conforme o intervalo de idades, as mais constantes em lactentes e crianças. Portanto, a hospitalização será capaz de gerar grandes angústias e traumas para a criança, sendo este, um ambiente inexplorado, desconhecido e com condutas completamente desiguais daquelas o qual estava adaptado. Neste cenário, a equipe de enfermagem é de essencial importância no seu conhecimento teórico científico sobre parada cardiorrespiratória (PCR), sua identificação prévia ou tardia, entendimento das diretrizes atualizadas e dos medicamentos empregados. **Objetivo:** Evidenciar as principais intervenções de enfermagem na parada cardiorrespiratória em pediatria na emergência. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Os documentos foram colhidos no portal BVS e os descritores utilizados foram: ("Cuidados de enfermagem" OR "parada cardiorrespiratória" OR "Criança" OR "emergência"). A busca foi realizada no mês de setembro de 2024. **Resultado:** Após a aplicação dos critérios de elegibilidade foram empregados 3 artigos publicados na base de dados BDNF e 1 artigo publicado na base de dados LILACS. Após a investigação dos 8 artigos elegidos, foram excluídos 4, pois estavam duplicados e foram eliminados por exclusão. A intervenção do enfermeiro na PCR pediátrica é essencial para um retorno rápido e eficiente. Por isso, a educação continuada e as simulações práticas são indispensáveis para o aperfeiçoamento ininterrupto dessas aptidões. Outrossim, os enfermeiros colhem dados de avaliação específicos e objetivos, executam e sintetizam esses dados e, em continuidade, demonstram atributos, perigos à saúde e segurança de seus pacientes. e por esse motivo e vital, que após o início da PCR sejam empregadas as diretrizes do PALS (Pediatric Advanced Life Support). Por conseguinte, a enfermagem também responde de maneira ágil e inteligente aos primeiros sinais da PCR expande a chance de consequências positivas aos pacientes. **Conclusão:** Percebe-se a importância e a amplitude da atuação do enfermeiro ao paciente pediátrico em PCR. Ademais, é relevante que o enfermeiro mantenha-se atualizado por meio de treinamentos em cenários práticos, tanto individuais quanto em equipe. Consequentemente, a PCR pediátrica encontra-se demasiadamente ligada ao desempenho precoce e eficaz do enfermeiro, e na boa comunicação com a equipe de enfermagem.

Palavras-chave: Criança; Enfermagem; Parada cardiorrespiratória.

ATENDIMENTO BÁSICO EM SAÚDE PARA A PESSOA IDOSA

Matheus Mendes Pascoal¹; Claudia Chies²

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná¹, Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá²

matheus_mendes15@hotmail.com

Introdução: O atendimento básico em saúde para a pessoa idosa na atenção primária pode ser definido como abrangente, acessível e voltado a comunidade. Através dos dados da Organização Mundial da Saúde 80% a 90% das doenças podem ser tratadas na atenção básica com serviços de promoção a saúde, cuidados paliativos, reabilitação, prevenção, vacinação, planejamento familiar, controle de doenças agudas, crônicas e infecciosas. **Objetivo:** Evidenciar estratégias para o atendimento básico em saúde da pessoa idosa **Metodologia:** Levantamento teórico e de dados estatísticos a partir da análise crítica de materiais selecionados nas bases de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES); Scientific Electronic Library Online (SciELO); Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Foram utilizados os descritores: Atendimento Básico em Saúde, Atenção Primária e Idosos, foram encontrados 11.720 artigos na revisão final e selecionados 05 artigos para o estudo realizado. **Resultados e Discussão:** O atendimento básico em saúde para a pessoa idosa é importante, pois é através do diagnóstico terapêutico na atenção primária evita-se internações desnecessárias. Com o avanço do envelhecimento populacional é necessário a realização de investimentos na pesquisa médica e tecnológica para tratar doenças crônicas, implementação de tecnologias de baixo custo proporcionando acessibilidade para os cidadãos e realizando o atendimento de qualidade. Embora exista muitos desafios no Sistema Único de Saúde, como: falta de médicos; morosidade no atendimento especializado, falta de manutenção em equipamentos, é necessário garantir a acessibilidade no atendimento e promover a autonomia do paciente. Atualmente o protocolo de rastreio da vulnerabilidade da pessoa no estado do Paraná chama-se *Vulnerable Elders Survey* com duração de 04 a 05 minutos necessário para garantir o atendimento de qualidade. As avaliações do funcionamento global e funcional fazem parte da rotina dos profissionais de saúde, o principal desafio na atenção à saúde do idoso no estado do Paraná é a operacionalização do atendimento a fragilidade, agrupada no contexto clínico e sócio-familiar. No idoso ocorre o declínio funcional e a fragilidade leva à redução da massa muscular, modificações corporais, fraqueza, lentificação, incapacidade, institucionalização em hospitais e o óbito. **Conclusão:** É preciso que no atendimento básico em saúde haja uma preocupação com as especificidades dos idosos, com preparo dos profissionais de saúde, que devem estar atentos aos graus de funcionalidade, riscos de fragilidade, realizando ações preventivas.

Palavras-chave: atendimento básico em saúde; atenção primária; idosos.

A IMPORTÂNCIA DE UMA DIRETORIA DE MARKETING EM UMA LIGA ACADÊMICA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna Rykelly Pinheiro Sales¹; Fátima Prisciele Aguiar Lima²; Raissa Mont'Alverne Barreto³

Graduanda em enfermagem pela Faculdade 05 de Julho¹, Graduanda em enfermagem pela Universidade Vale do Acaraú², Docente do curso de enfermagem pela Faculdade 05 de Julho³

brunarykelly@gmail.com

Introdução: As ligas acadêmicas desempenham funções de grande importância, visto que, proporcionam oportunidades para aprimorar habilidades práticas e teóricas específicas, estimulam a pesquisa e a inovação através de projetos e preparam melhor os estudantes para suas carreiras. Nesse sentido, dentre as diretorias formadas dentro das ligas acadêmicas, destaca-se a de marketing, a qual desempenha funções relevantes na administração de conteúdo em redes sociais, sites e similares, além da produção de material utilizado pelos ligantes nas extensões realizadas pela liga. **Objetivo:** Relatar a experiência de membros da diretoria de marketing da Liga Interdisciplinar em Oncologia (LION) no aumento da visibilidade, divulgação, engajamento e participação dos estudantes nas atividades da liga, de forma a promover uma imagem positiva dentro da comunidade acadêmica. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, de natureza descritiva, vivenciados pela diretoria de Marketing da LION do curso de enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em parceria com acadêmicos de enfermagem da Faculdade 5 de julho (F5), que ocorreu durante o período de fevereiro de 2024 à setembro de 2024, através da criação de conteúdo para as redes sociais, além da criação de tecnologias educativas para um maior entendimento das ações em saúde. **Resultados e discussão:** A diretoria de marketing, além disseminar um maior conhecimento acerca da temática abordada pela liga e aperfeiçoar os conhecimentos do diretor de marketing nas tecnologias, também atua na divulgação, de forma a gerar visibilidade para que informações importantes alcancem um maior número de pessoas, fato este importante para a educação em saúde. Os resultados incluem um aumento no número de visualizações e interações do público nas redes sociais e maior conscientização sobre eventos e projetos, de forma a contribuir diretamente na promoção da saúde das pessoas. **Considerações Finais:** Diante da experiência decorrida, fica evidente a importância da contribuição de uma diretoria de marketing em uma liga acadêmica, mostrando-se eficaz na disseminação de conhecimento através das mídias sociais e de todo o material produzido e distribuído para a população nas ações realizadas pela Liga. Ademais, o marketing contribui para o aumento da visibilidade da liga e conseqüentemente gera educação em saúde. Assim, investir em marketing resulta em uma maior participação e sucesso das atividades da liga, tornando-a mais impactante e relevante na comunidade acadêmica.

Palavras-chave: marketing; educação em saúde; promoção da saúde.

EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA INFÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sarah Elise de Oliveira¹; Julia Araujo Mattana²; Marina Kühl de Rezende Soares³.

¹ Graduanda da Fundação Hermínio Ometto - Araras; ² Graduanda da UniEinstein - Limeira; ³ Docente da Fundação Hermínio Ometto – Araras

Email: Mattanaaraujojulia@gmail.com

Introdução: Uma alimentação saudável se caracteriza por uma dieta equilibrada, com a presença de alimentos frescos e naturais e limitação de produtos processados. A educação em saúde na infância tem como objetivo fomentar o desenvolvimento integral e prevenir doenças, incentivando hábitos alimentares saudáveis. Nessa fase, as preferências alimentares começam a se formar, e a participação das crianças no preparo dos alimentos, com explicações sobre seus benefícios, favorece escolhas conscientes e aprendizado prático sobre nutrição. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma ação de extensão universitária para promover hábitos alimentares saudáveis na infância. **Método:** Trata-se de um relato de experiência de uma ação de extensão conduzida em abril de 2024 por discentes do terceiro período de enfermagem de uma instituição de ensino no interior de São Paulo. O público-alvo foram 80 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola municipal local. **Resultados e discussão:** A atividade foi iniciada com uma recepção e orientações. Utilizou-se um recurso lúdico com duas caixas decoradas: uma com um rosto feliz (representando alimentos saudáveis) e outra com um rosto triste (alimentos não saudáveis). As crianças participaram ativamente, identificando, por meio de imagens, alimentos como carboidratos, proteínas e vitaminas, e alocando-os nas caixas correspondentes. Ao longo da dinâmica, a equipe explicou o impacto do consumo excessivo de certos alimentos na saúde, estimulando a compreensão crítica. As crianças demonstraram grande envolvimento, fazendo perguntas e respondendo com interesse. **Considerações finais:** A ação educativa foi eficaz na promoção do conhecimento sobre alimentação saudável, utilizando uma abordagem lúdica que incentivou a participação ativa. Além de ampliar o entendimento das crianças sobre nutrição, a atividade contribuiu para a construção de hábitos mais saudáveis e conscientes desde cedo. A experiência ressalta a importância de ações educativas contínuas, que não apenas transmitam conhecimento, mas também envolvam o público em práticas cotidianas que consolidem esses aprendizados ao longo da vida.

Palavras-chave: nutrição da criança; educação em saúde; promoção da saúde.

DIAGNÓSTICO DE ENFERMAGEM PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM LEUCEMIA

Fernanda Mayara de Souza Franco Silva¹; Michel Siqueira da Silva²; Karoline Queiroz Martins Almeida de Araújo³; Micheline Veras de Moura⁴.

Mestranda em Gestão e Inovação em Saúde pela e Especialista em Pediatria e Neonatologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)¹. Especialista em Cuidados Paliativos pelo Instituto de Ensino e Pesquisa Albert Einstein². Mestre em Gestão de Organizações de Aprendizagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Doutoranda do PPGSCol da UFRN³. Doutora em Estudos Contemporâneos, Ciências da Saúde e Sociais pela Universidade de Coimbra-Portugal e Mestre em Enfermagem pela Universidade de Brasília (UnB)⁴.

fmayarafranco90@gmail.com

Introdução: A Leucemia é um tipo de câncer que afeta as células sanguíneas na medula óssea e no sistema linfático. A medula óssea é responsável pela produção de células sanguíneas, e na Leucemia, a produção dessas células é alterada, causando uma série de complicações. Na medula óssea são encontradas as células que dão origem aos glóbulos brancos (Leucócitos), aos glóbulos vermelhos (hemácias e eritrócitos), e as plaquetas. Nessa doença uma célula sanguínea que ainda não atingiu a maturidade sofre uma mutação genética que a transforma em uma célula cancerosa. No Brasil a Leucemia esta entre os canceres mais prevalentes entre crianças e adolescentes estima-se que entre os anos de 2023-2025 serão registrados mais de 11 mil novos casos, sendo o Sudeste e Nordeste as regiões de maior prevalência. **Objetivo:** Identificar os Diagnósticos de Enfermagem relacionados a crianças e adolescentes com Leucemia. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que seguiu as diretrizes da JBI. As buscas foram realizadas nas bases de dados *National Library of Medicine (NLM)* – via *PubMed*, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, *Latin American and Caribbean Health Sciences Literature (LILACS)* e *EBSCOhost*. O método de pesquisa foi elaborado em seis etapas subsequentes, que consistiram na elaboração da questão norteadora, busca na literatura, coleta de dados, análise crítica de estudos incluídos, interpretação e síntese dos resultados, e apresentação da revisão. **Resultados:** Os tipos e mais frequentes Diagnósticos de Enfermagem para crianças e adolescentes com Leucemia, analisados por esta revisão, foram: “Risco de Infecção”, “Dor Aguda”, “Náuseas”, “Déficit no autocuidado”, “Nutrição Desequilibrada: menos do que as necessidades corporais”. Esses diagnósticos refletem os desafios enfrentados pelas crianças e adolescentes juntamente com seus familiares, no enfrentamento do processo saúde-doença, como a quimioterapia, que frequentemente resultam em efeitos colaterais severos e afetam o emocional significativamente. **Conclusão:** Por meio desta revisão, identificou os principais tipos e mais frequentes Diagnósticos de Enfermagem em crianças e Adolescentes com Leucemia. Com isso, pode-se aferir que as intervenções voltadas para a prevenção de infecções, manejo da dor, controle de náuseas, promoção do autocuidado e suporte nutricional mostram-se essenciais para melhorar a qualidade de vida de crianças e adolescentes com Leucemia. Além disso, observou-se que a abordagem de Enfermagem centrada no paciente e individualizada é significativa para minimizar os efeitos adversos do tratamento e promover melhores resultados de saúde.

Palavras-chave: Leucemia; Diagnostico de Enfermagem; Criança e Adolescentes.

O PAPEL DO PRÉ-NATAL NA PREVENÇÃO E CONTROLE DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO ÂMBITO ADOLESCENTE

Elisane Alves do Nascimento¹; Iara Maria da Silva Teles²

Enfermeira pelo Centro Universitário Maurício de Nassau^{1,2}

elisaneanascimento@gmail.com

Introdução: No que diz respeito às diversas implicações que podem estar envolvidas durante a gestação na fase adolescente, cita-se a presença das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) como uma linha preocupante e extremamente relevante, possuindo o poder de afetar o binômio mãe e filho, principalmente levando em consideração as fragilidades presentes diante das circunstâncias envolvidas, assim, é necessário haver uma discussão sobre o papel das consultas de pré-natal nesse cenário específico. **Objetivo:** Identificar o papel do pré-natal na prevenção e no controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis no âmbito adolescente. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada em outubro de 2024, utilizando a MEDLINE, LILACS e BDNF como bases de dados para a pesquisa via BVS, aplicando “Educação pré-natal”, “Infecções Sexualmente Transmissíveis” e “prevenção” como descritores, combinados entre si pelo operador booleano AND. Como critérios de inclusão, foram utilizados: artigos completos, disponíveis na íntegra, nos idiomas português e inglês, publicados entre os anos de 2019 e 2024. Como critérios de exclusão, foram usados: literatura cinzenta, artigos duplicados e que fugiam do tema em foco. Assim, foram encontrados 34 estudos, dos quais sete foram selecionados criteriosamente para compor o presente resumo. **Resultados e Discussão:** Os sete estudos apontaram diversos pontos do papel do pré-natal na prevenção e no controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis na adolescência, citando-se: Educação em Saúde precoce estimulada pelos conhecimentos e esclarecimentos de dúvidas realizados durante as consultas agendadas, acolhimento adequado e sem julgamentos, levando em consideração que existem diversas adolescentes que se sentem reprimidas na fase gestacional, autocuidado direcionado às práticas importantes para prevenção ou controle de IST, diagnóstico precoce, relação de confiança entre profissional, geralmente médico ou enfermeiro, e gestante, quebra de preconceitos atrelados aos diagnósticos e à gravidez, respaldo não só às gestantes, mas também aos seus parceiros, inclusive, na fase de tratamento. Além disso, também há ofertas de testes rápidos como hábito padrão das consultas, medidas profiláticas e prevenções contra transmissões verticais. **Considerações Finais:** O exposto ressalta o argumento de que o pré-natal tem papel, tanto na teoria quanto na prática, na prevenção e no controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis no âmbito adolescente, desde a repassada de informações e práticas adequadas até o vínculo de confiança entre o profissional e a gestante.

Palavras-chave: Educação pré-natal; Infecções Sexualmente Transmissíveis; prevenção.

ASSOCIAÇÃO ENTRE DIABETES TIPO II E A SÍNDROME DA INSUFICIÊNCIA CARDÍACA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DOS MECANISMOS E RISCOS

Maria Fernanda Rodrigues dos Santos¹; Maria Eduarda Valério Costa¹; Reinaldo Bulgarelli Bestetti²

Graduanda em Medicina pela Universidade de Ribeirão Preto¹, Doutor em Clínica Médica pela Universidade de São Paulo²

Mferrodrigues@outlook.com

Introdução: O diabetes mellitus tipo II (DM2) é um conhecido fator de risco para doenças cardiovasculares, pois sua fisiopatologia, a longo prazo, induz mudanças vasculares e nervosas que culminam em danos ao miocárdio. Uma das complicações mais comuns é o desenvolvimento de um coração incapaz de bombear sangue adequadamente para atender às demandas corporais, o que resulta em um quadro típico de Insuficiência Cardíaca (IC). **Objetivo:** Explorar em profundidade a relação entre DM2 e o desenvolvimento de IC. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão bibliográfica integrativa com estudos disponíveis no PubMed. Foram aplicadas as palavras-chave "insuficiência cardíaca", "diabetes mellitus" e "coração", combinadas pelo operador booleano "AND". Além disso, foram considerados estudos publicados entre 2019 e 2024, em português e inglês, com um total de 48 artigos incluídos. **Resultados:** A análise mostrou que indivíduos com DM2 apresentam um risco aproximadamente três vezes maior de desenvolver IC em comparação aos sem a doença. Esse aumento na suscetibilidade está ligado a características como sobrepeso, elevação da pressão arterial sistólica e maior probabilidade de desenvolver doença isquêmica do miocárdio. Um dos mecanismos fisiopatológicos que relacionam DM2 à IC é a produção aumentada de espécies reativas de oxigênio (EROs), que causam disfunções na microcirculação. Isso leva à disfunção mitocondrial, apoptose dos cardiomiócitos e perda de tecido miocárdico, além de provocar fibrose cardíaca, que altera a inervação e aumenta a rigidez do miocárdio. A etiologia isquêmica da IC também pode estar relacionada ao DM2, uma vez que há uma interação bidirecional entre as duas condições. O DM2 pode agravar a doença arterial coronariana (DAC), levando a episódios de isquemia e consequente IC. Alternativamente, o DM2 pode ocasionar disfunção cardíaca sem placas ateroscleróticas, caracterizando a cardiomiopatia diabética. **Considerações finais:** O DM exerce um papel central no desenvolvimento da IC. Os mecanismos fisiopatológicos envolvidos, como o estresse oxidativo, a disfunção mitocondrial e as complicações da DAC, reforçam a necessidade de um controle rigoroso dos fatores de risco nos pacientes diabéticos, visando minimizar os impactos cardiovasculares.

Palavras-chave: insuficiência cardíaca, diabetes mellitus, coração.

A IMPORTÂNCIA DA PRECEPTORIA EM ENFERMAGEM NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PARA O CUIDADO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE

Karoline Queiroz Martins Almeida de Araújo¹; Micheline Veras de Moura²; Michel Siqueira da Silva³; Fernanda Mayara de Souza Franco Silva⁴; Maressa Samai Pinheiro Silva⁵.

Mestre em Gestão de Organizações de Aprendizagem pela UFPB. Doutoranda do PPGSCol da UFRN¹, Doutora em Estudos Contemporâneos, Ciências da Saúde e Social pela Universidade de Coimbra-Portugal. Mestre em Enfermagem pela Universidade de Brasília (UnB)². Especialista em Cuidados Paliativos pelo Instituto de Ensino e Pesquisa Albert Einstein³. Mestranda em Gestão e Inovação em Saúde pela e Especialista em Pediatria e Neonatologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)⁴. Especialista em Pediatria e Neonatologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)⁵.

karolineqmaa@gmail.com

Introdução: A preceptoria em enfermagem é um processo pedagógico fundamental na formação de profissionais capacitados para atender às demandas da saúde infantil e adolescente. Compreender seu papel na educação é essencial para aprimorar a prática profissional. **Objetivo:** Este trabalho visa discutir a importância da preceptoria na formação de enfermeiros, destacando seu impacto na qualidade do atendimento à saúde de crianças e adolescentes. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão integrativa da literatura com busca nas bases de dados *SciELO* e *PubMed* no mês de setembro de 2024. Foram encontrados 200 estudos, dos quais foram aplicados critérios de inclusão e exclusão, resultando na seleção de oito artigos considerados relevantes para esta revisão. **Resultados e Discussão:** A preceptoria possibilita a integração entre teoria e prática, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades clínicas e interpessoais em contextos reais. A relação entre preceptor e estudante promove a reflexão crítica, a humanização do cuidado e a construção de um compromisso ético. Os resultados revelam que a preceptoria contribui significativamente para a formação de enfermeiros sensíveis às necessidades específicas da população pediátrica, fortalecendo sua capacidade de atuar em áreas como pediatria, saúde mental e cuidados paliativos. Ademais, os dados indicam que programas de preceptoria bem estruturados impactam positivamente na qualidade do atendimento, refletindo em melhores desfechos de saúde para crianças e adolescentes. **Conclusão:** A preceptoria em enfermagem é essencial para garantir um cuidado integral e de qualidade na saúde da criança e do adolescente. Investir na formação de preceptores e na implementação de programas eficazes é fundamental para a melhoria contínua da assistência e para a capacitação de novos profissionais.

Palavras-chave: Preceptoria; Enfermagem; Saúde infantil.

ASSOCIAÇÃO ENTRE MEDICAMENTOS IMUNOSSUPRESSORES E A PREVALÊNCIA DE *Entamoeba gingivalis* NA CAVIDADE ORAL INFANTIL

Maria Clara Sales Rodrigues¹; João Gabriel Carvalho Rodrigues²

Graduanda em Farmácia pela Universidade Federal do Piauí¹, Pós-graduando em Implantodontia pela Associação Brasileira de Cirurgiões Dentistas²

mariaclarasr@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO: *Entamoeba gingivalis*, um protozoário oral comumente encontrado em pacientes com doenças periodontais, é um potencial indicador de saúde bucal comprometida, especialmente em populações infantis com sistemas imunológicos imaturos. A colonização desse protozoário tem sido associada a fatores como higiene oral inadequada, mas estudos recentes sugerem que o uso de imunossupressores pode influenciar a prevalência deste parasito. **OBJETIVO:** Avaliar a associação entre o uso de medicamentos imunossupressores e a prevalência de *Entamoeba gingivalis* na cavidade oral de crianças. **MÉTODOS:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura nas bases de dados LILACS e MEDLINE, por meio da ferramenta BVS, e na base PubMed, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) em inglês: “*Entamoeba gingivalis*”, “*immunosuppressive drugs*”, “*oral health*” e “*children*”. Os operadores booleanos 'AND' e 'OR' foram empregados para combinar os termos de busca. Os critérios de inclusão abrangeram artigos publicados nos últimos cinco anos, disponíveis em português e inglês. Artigos duplicados e aqueles que não abordassem especificamente a prevalência de *E. gingivalis* na cavidade oral infantil e sua relação com medicamentos imunossupressores foram desconsiderados. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Inicialmente, foram identificados 10 artigos, dos quais 6 atenderam aos critérios e foram lidos na íntegra, resultando em apenas 1 estudo para análise final. Esse estudo examinou a prevalência de protozoários em crianças com câncer e em tratamento quimioterápico na província de Lorestan, Irã. Os resultados indicaram que 25,5% das amostras apresentaram protozoários orais pelo método microscópico, enquanto 31,1% foram detectadas por reação em cadeia da polimerase. Entre os parasitas, *Entamoeba gingivalis* foi predominante, detectado em 71,4% das amostras positivas, e *Trichomonas tenax* em 28,6%. A análise multivariada identificou como principais fatores de risco a vida em áreas rurais, que aumenta a probabilidade de infecção, e a irregularidade no uso de enxaguante bucal, um fator protetor. A falta de investigações limita a compreensão do impacto de *E. gingivalis* na saúde bucal de crianças imunossuprimidas e prejudica o desenvolvimento de intervenções preventivas, além de dificultar a associação entre o microrganismo e o uso de imunossupressores. Logo, é fundamental realizar pesquisas que explorem diferentes contextos geográficos e incluam amostras maiores, permitindo uma avaliação mais detalhada das variáveis que influenciam a prevalência desse protozoário. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os resultados destacam a importância de investigar a associação entre o uso de imunossupressores e a prevalência de *Entamoeba gingivalis* na cavidade oral infantil, visando comprovar que a farmacoterapia pode influenciar a colonização desse protozoário.

Palavras-chave: colonização; parasitologia; farmacoterapia.

ASSISTÊNCIA DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DE SAÚDE A CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TEA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Paulo Daniel Pereira Raad¹; João Victor Lobo Oliveira Pereira¹; Gabriela Portal Sousa¹; Evelyn Silene da Silva Guerreiro¹; Expedito César da Costa Mendes²; Leydilene Alves Dantas³; Vanessa Novaes Barros⁴

Graduando(a) em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Pará², Graduanda em Fisioterapia pela Universidade da Amazônia³, Pós-Doutora pela Universidade do Estado do Pará⁴

paulo.dpraad@aluno.uepa.br

Introdução: A infância é crucial para o desenvolvimento de habilidades sensório-motoras e sociocognitivas, sendo influenciada por diversos fatores. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode afetar esse processo, causando dificuldades em interação, comunicação e comportamentos repetitivos, com sinais de hipersensibilidade, seletividade alimentar e interesses restritos. A intervenção especializada, com apoio da família e de uma equipe multidisciplinar, é essencial para reduzir as deficiências e promover o desenvolvimento das crianças com TEA, respeitando suas particularidades.

Objetivo: Realizar uma revisão integrativa em relação ao auxílio e amparo da equipe multiprofissional as em crianças e adolescentes com TEA. **Metodologia:** Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura com busca na base de dados SciELO, com o empregador booleano “AND”, empregando os descritores “Transtorno do Espectro Autista”, “Criança”, “Adolescente” e “Profissional da saúde”, publicados entre o intervalo de 2019 a 2024. Os critérios de inclusão foram: No idioma português, acesso gratuito e artigo integral. Os critérios de exclusão foram: trabalhos duplicados e os que não se alinharam ao tema indicado. Realizou-se a leitura dos títulos e artigos para uma classificação aprimorada.

Resultados e Discussão: Inicialmente encontrou-se nove artigos nos bancos de dados, porém, após a leitura de títulos, resumos e leituras na íntegra, foram selecionados três artigos contemplaram a temática abordada para compor esta revisão. O estudo destaca a importância de rever a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e incluir a família no cuidado da criança com TEA. O uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), como Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS), aprimoramento do suporte emocional, prática de escuta, acolhimento e rodas de conversa, sobretudo na atenções de saúde, estas aplicações mostra resultados positivos na criança com TEA, como a evolução no desenvolvimento de habilidades sociocomportamentais, melhorias tanto na interação social quanto no contato visual, onde passaram a fazer uso de palavras e frases, o que fortaleceu suas habilidades de comunicação. Preconiza-se maior colaboração interdisciplinar na RAPS, com capacitação contínua dos profissionais para assim desempenhar um papel mais eficaz na detecção precoce dos sinais de TEA e garantir o desenvolvimento adequado dessas crianças. **Conclusão:** A infância é essencial para o desenvolvimento dos indivíduos e a TEA pode prejudicá-los na construção motora e social. A assistência especializada, com a colaboração da família e uma equipe multidisciplinar, é fundamental. A revisão destaca a importância da CAA e da capacitação contínua dos profissionais para a detecção precoce do TEA, visando um melhor desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; criança; adolescente; assistência integral à saúde; equipe interdisciplinar de saúde.

DIAGNÓSTICO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: IMPACTO NA EFICÁCIA DAS INTERVENÇÕES E NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Yuri Machado Oliveira¹; Gabriel Chagas Moreira¹; Lourdes Manoela Lima Lisboa de Sousa²; Manoel Camilo de Sousa Netto³

Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Ceará¹, Graduando em Medicina pela Universidade Estadual do Maranhão², Doutorando em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina³

yuri2012182@gmail.com

Introdução: O entendimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem crescido na comunidade científica global, com a elaboração de métodos diagnósticos e terapêuticos voltados para a promoção do desenvolvimento social e melhorias na qualidade de vida dos pacientes desse espectro. Nesse sentido, diversos estudos têm sido realizados com o objetivo de compreender os impactos do diagnóstico precoce no manejo de pacientes com TEA. **Objetivo:** Entender a importância do diagnóstico precoce do TEA e sua relação positiva com o desenvolvimento social desses indivíduos. **Metodologia:** O estudo em questão trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada no ano de 2024 na base de dados *Science Electronic Library Online (SciELO)*. Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Diagnóstico Precoce” e “Autismo” foram cruzados com o operador booleano AND, encontrando-se 11 artigos. Os critérios de inclusão foram: pertinência teórica e publicação a partir de 2016. Como critérios de exclusão, utilizou-se: artigos duplicados e não adequação ao tema proposto. Por fim, após a aplicação dos critérios de seleção, foram utilizados 5 artigos para compor esta revisão. **Resultados e Discussão:** Atualmente, diversos estudos comprovam a importância do diagnóstico precoce em pacientes com TEA. Como exemplo, há evidências de que pessoas desse espectro são mais afetadas por condições médicas concomitantes, como a Síndrome Neuropsiquiátrica de Início Agudo Pediátrico (PANS), na qual infecções por antígenos comuns podem agravar os sintomas do TEA e, dessa forma, prejudicar o desenvolvimento social do indivíduo. Assim, a identificação precoce dos pacientes do espectro é essencial, na medida em que permite destinar uma atenção maior a essas possíveis comorbidades. Além disso, o diagnóstico e tratamento precoce visam minimizar os impactos do transtorno, já que pacientes adultos com TEA frequentemente apresentam comportamentos agressivos, ansiedade, depressão e transtorno obsessivo-compulsivo. Tais fatos podem ser contornados com técnicas de reabilitação precoce durante a infância, como o estímulo da construção linguística, capaz de aumentar o engajamento social e reduzir comportamentos inadequados. Ainda, é importante ressaltar a relevância do acompanhamento por uma equipe multiprofissional capacitada desde o diagnóstico, a fim de garantir uma abordagem integral ao paciente. **Conclusão:** Assim, é evidente a repercussão positiva da identificação e intervenção precoce no Transtorno do Espectro Autista (TEA) para o paciente. Além disso, é essencial o atendimento por uma equipe multiprofissional capacitada, com o desenvolvimento de estratégias eficazes, assegurando que cada paciente receba um tratamento integral e personalizado que promova seu desenvolvimento social e qualidade de vida.

Palavras-chave: impacto social; diagnóstico precoce, autismo.

NOITES MAL DORMIDAS: ANÁLISE DOS FATORES ASSOCIADOS AOS DISTÚRBIOS DO SONO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Lourdes Manoela Lima Lisboa de Sousa¹; Gabriel Chagas Moreira²; Yuri Machado Oliveira²; Manoel Camilo de Sousa Netto³

Graduando em Medicina pela Universidade Estadual do Maranhão¹, Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Ceará², Doutorando em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina³

lmanoela.llds@gmail.com

Introdução: A qualidade do sono impacta em diversos aspectos associados à qualidade de vida de crianças e adolescentes, como o crescimento físico, estabilidade emocional, comportamento, função cognitiva e consolidação da memória. Apesar disso, os distúrbios do sono são frequentes nessa população, dificultando que os pacientes desfrutem dos benefícios físicos e mentais do sono adequado. **Objetivo:** Compreender os principais fatores associados aos distúrbios do sono na infância e adolescência. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada no ano de 2024 na base de dados *Science Electronic Library Online* (SciELO). Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Distúrbios do sono” e “Pediatria” foram cruzados com o operador booleano AND, encontrando-se 20 artigos. Os critérios de inclusão foram: pertinência teórica e publicação a partir de 2010. Como critérios de exclusão, utilizou-se: artigos duplicados e inadequação ao tema. Após aplicar os critérios de seleção, foram utilizados 4 artigos para compor esta revisão. **Resultados e Discussão:** Os distúrbios do sono (DS) podem afetar até 30% da população pediátrica, gerando alterações no comportamento, humor, atenção, performance escolar e qualidade de vida, além de efeitos deletérios no desenvolvimento cognitivo. Esses distúrbios podem ser primários ou estar associados a doenças orgânicas (como asma e obesidade) ou psiquiátricas (como ansiedade e depressão). Estudos apontam que, na infância e na adolescência, é necessária uma média de 8 a 9 horas de sono para permitir uma performance adequada nas atividades cotidianas. Apesar disso, os DS apresentam uma prevalência crescente nessa faixa etária, especialmente na forma de insônia. Tal fato está associado a hábitos sociais e familiares, uma vez que o horário de sono da criança é influenciado pelo meio em que ela está inserida. Além disso, o uso excessivo de tecnologias comuns na atualidade, como videogames e computadores, está associado à privação de sono. Outra associação relevante é o aparente sistema de retroalimentação existente entre os DS e a obesidade infantil, uma vez que crianças e adolescentes obesos ou acima do peso apresentam um sono mais curto e interrompido, ao mesmo tempo em que o sobrepeso é um fator de risco para distúrbios do sono. **Considerações Finais:** Os DS podem ser primários ou estar associados a doenças orgânicas ou psiquiátricas. Diversos fatores estão relacionados aos DS, como os hábitos sociais e familiares, uso excessivo de tecnologias e obesidade. A compreensão dessas variáveis é essencial para identificar possíveis causas desses distúrbios no cotidiano do paciente e traçar estratégias para corrigi-las.

Palavras-chave: distúrbios do sono; pediatria; medicina.

DOAÇÃO DE LEITE MATERNO: ENTRE A NECESSIDADE VITAL E OS DESAFIOS DA CAPTAÇÃO

Lourdes Manoela Lima Lisboa de Sousa¹; Gabriel Chagas Moreira²; Yuri Machado Oliveira²; Manoel Camilo de Sousa Netto³

Graduando em Medicina pela Universidade Estadual do Maranhão¹, Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Ceará², Doutorando em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina³

lmanoela.llds@gmail.com

Introdução: O aleitamento materno é a melhor fonte nutricional nos primeiros 6 meses de vida e deve ser a forma exclusiva de alimentação nesse período, sendo capaz de impactar positivamente na saúde do recém-nascido. No Brasil, os Bancos de Leite Humano (BLH) desenvolvem ações para fornecer leite materno aos bebês que não podem ser amamentados, promovendo a qualidade de vida dessas crianças. **Objetivo:** Compreender a importância da doação de leite materno e os desafios relacionados à captação. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada no de 2024 na base de dados *Science Electronic Library Online* (SciELO). Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Doação” e “Leite materno” foram cruzados com o operador booleano *AND*, encontrando-se 23 artigos. Os critérios de inclusão foram: pertinência teórica e publicação a partir de 2015. Como critérios de exclusão, utilizou-se: artigos duplicados e inadequação ao tema. Após aplicar os critérios de seleção, foram utilizados 5 artigos para compor esta revisão. **Resultados e Discussão:** O aleitamento materno oferece benefícios fisiológicos e imunológicos para a criança, promovendo desenvolvimento físico e cognitivo, maturação do sistema imune, redução da morbimortalidade infantil e prevenção de doenças ao longo da vida. No Brasil, os BLH fornecem leite aos recém-nascidos que necessitam, considerando fatores como capacidade de sucção, maturidade e estabilidade clínica. Essas instituições são essenciais no manejo de prematuros, devido à maior tolerabilidade do leite humano pelos pré-termos, cuja introdução precoce promove maior sobrevivência e recuperação adequada. Apesar da sua importância, a doação de leite materno enfrenta obstáculos, sobretudo a desinformação acerca do tema, que fortalece crenças errôneas como a de que a doação resulta em falta de leite para o bebê da doadora. Fatores que levam ao descarte do leite doado também dificultam o processo, como ordenha e/ou armazenamento inadequados (associados à falta de orientação das doadoras) e vencimento da data de validade (associado a atrasos nas visitas domiciliares e entrega do leite aos BLH, mostrando que essa prática é pouco priorizada no contexto de promoção à saúde). **Considerações Finais:** Apesar do papel essencial da doação de leite materno para a qualidade de vida de recém-nascidos que necessitam, existem diversos obstáculos à sua captação que devem ser contornados. Faz-se necessário uma maior orientação das lactantes sobre o tema, a fim de combater crenças errôneas e orientar sobre ordenha e armazenamento. Ainda, deve-se organizar os esquemas de captação para evitar o vencimento da data de validade do leite.

Palavras-chave: doação; leite materno; medicina.

HIPERTENSÃO GESTACIONAL EM ADOLESCENTES: DESAFIOS NO MANEJO E IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MATERNO-FETAL

Maria Clara Sales Rodrigues¹; Gicélia Maria de Sales²

Graduanda em Farmácia pela Universidade Federal do Piauí¹, Farmacêutica pelo Centro Universitário Santo Agostinho²

mariaclarasr@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO: O documentário Meninas, filmado na periferia do Rio de Janeiro, retrata os desafios enfrentados por adolescentes grávidas (definidas como aquelas entre 10 e 20 anos), incluindo o acesso limitado a cuidados de saúde. Nesse contexto, a hipertensão gestacional emerge como uma complicação alarmante, exigindo atenção e tratamento adequados devido às particularidades fisiológicas das adolescentes. **OBJETIVO:** Analisar as dificuldades relacionadas à hipertensão gestacional em adolescentes. **MÉTODOS:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura nas bases de dados LILACS e MEDLINE, utilizando a ferramenta BVS, e PubMed. Foram empregados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) "*gestational hypertension*" AND "*adolescents*", com o operador booleano "AND" para filtrar artigos que abordassem especificamente a hipertensão gestacional na adolescência. Os critérios de inclusão abrangeram artigos publicados nos últimos cinco anos, em chinês, inglês e português, que discutissem o manejo da hipertensão em gestantes adolescentes. Foram excluídos da análise artigos duplicados e aqueles que não se concentravam diretamente na população adolescente. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Inicialmente, foram encontrados 730 artigos, dos quais 213 passaram pela triagem de títulos. Desses, 26 foram selecionados para leitura de resumos e 11 para leitura integral, resultando em 6 estudos incluídos na discussão. Os artigos relatam que adolescentes grávidas enfrentam riscos de complicações graves, como hipertensão induzida pela gravidez (HIP), infecções pós-parto e problemas neonatais, incluindo baixo peso ao nascer e natimortalidade. Na África do Sul, a eclâmpsia, caracterizada por convulsões em gestantes hipertensivas, é uma das principais causas de mortalidade materna entre adolescentes, exacerbada por falhas no pré-natal e no manejo da hipertensão, levando a óbitos por hemorragias intracerebrais. A aplicação inadequada de diretrizes para o tratamento da hipertensão gestacional, incluindo a falta de administração da medicação apropriada para pacientes hipertensas no pós-parto, comprometem a qualidade do atendimento. Por outro lado, hábitos alimentares saudáveis, como uma dieta rica em fibras, estão associados à redução do risco de distúrbios hipertensivos. A elevação da pressão arterial sistólica e diastólica em pelo menos 20 mmHg é um indicativo sensível para prever esses distúrbios, ressaltando a necessidade de políticas de saúde focadas nesse grupo vulnerável. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As dificuldades no tratamento da hipertensão gestacional em adolescentes evidenciam riscos de eclâmpsia e infecções pós-parto. Ademais, a falta de um pré-natal adequado e a aplicação incorreta das diretrizes de tratamento resultam em aumento da mortalidade materna e neonatal. Assim, é necessário garantir um monitoramento rigoroso da pressão arterial para proteger a saúde materno-fetal nessa faixa etária.

Palavras-chave: equidade; eclâmpsia; comorbidades; maternidade.

O PODER TERAPÊUTICO DA BRINCADEIRA NA REABILITAÇÃO DE CRIANÇAS

Lavínia Beatriz Carmo de Almeida¹

Fisioterapeuta pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas¹

laviniaalmeidafisio@gmail.com

Introdução: A brincadeira é uma atividade importante e ativa na infância, que contribui para o desenvolvimento global da criança, envolvendo aspectos motores, cognitivos, sociais e emocionais. No contexto da fisioterapia pediátrica, a brincadeira é utilizada como estratégia terapêutica para alcançar os objetivos do plano de tratamento. **Objetivo:** Analisar a utilização da brincadeira como estratégia terapêutica eficaz na reabilitação de crianças. **Metodologia:** Este estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa, baseada em artigos que atenderam ao objetivo proposto. A busca foi realizada nas bases de dados eletrônicas PubMed e SciELO, empregando os descritores “brincadeira”, “crianças” e “fisioterapia”, em português e inglês, com operadores booleanos “AND” e “OR”. Os critérios de elegibilidade incluíram estudos publicados nos últimos 10 anos, sem restrição de idioma (com tradução, quando necessário), que envolvessem o público infantil, abordassem o uso da brincadeira no atendimento fisioterapêutico e apresentassem resultados relevantes. Foram excluídas dissertações, teses, artigos incompletos, duplicados, e estudos com pouca clareza metodológica ou que não apresentaram resultados significativos. A busca resultou em 57 estudos, dos quais 6 foram considerados elegíveis após análise de títulos e resumos, sendo selecionados para leitura na íntegra a fim de confirmar os critérios de inclusão e, assim, foram utilizados para a elaboração deste estudo. **Resultados e Discussão:** Segundo estudos, a brincadeira atua como facilitadora no desenvolvimento das habilidades motoras e no processo de aprendizagem, pois está intimamente ligada à rotina infantil. Por isso, integrá-la ao atendimento fisioterapêutico torna o tratamento mais acolhedor, prazeroso e motivador para a criança, além de facilitar a interação com o fisioterapeuta ao recriar um ambiente familiar. Ademais, o uso de recursos lúdicos durante os atendimentos contribui para uma maior adesão ao tratamento, facilitando a execução dos exercícios e atividades propostas, promovendo um ambiente de confiança entre a criança e o fisioterapeuta. Outras pesquisas indicam que o uso da brincadeira torna a abordagem terapêutica mais humanizada, reforçando a importância de ser utilizada durante os atendimentos pediátricos. **Conclusão:** Sendo assim, pode-se afirmar que a utilização da brincadeira como estratégia terapêutica é eficaz na reabilitação de crianças, pois o brincar faz parte da infância e, por meio dele, as crianças podem aperfeiçoar suas habilidades em diferentes domínios, principalmente, as motoras.

Palavras-chave: brincadeira; crianças; fisioterapia.

EDUCAÇÃO SEXUAL: COMPREENDENDO A PUBERDADE, PREVENINDO A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E COMBATENDO AS IST 'S.

Monique Ellen Silva Barbosa¹; Emili Vanessa Fernandes de Moraes¹; Edleuza Cerqueira Ferreira¹;
Paula Paulina costa Tavares²

Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário Adventista do Nordeste¹, Docente do curso de Enfermagem pelo Centro Universitário Adventista do Nordeste²

Emili12fernandes@gmail.com
moniquehellen18@hotmail.com

Introdução: A adolescência compreende o período entre 10 e 19 anos, caracteriza-se como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, marcada pelo descobrimento da sexualidade, autoconhecimento do corpo, além de transformações físicas e mudanças emocionais juntamente com as psicossociais. Devido à falta de informação ofertada nas escolas, pouca comunicação entre familiares, alguns mitos e tabus ou até mesmo, vergonha do próprio adolescente em buscar conhecimento sobre essas questões, alguns acabam tendo práticas sexuais desprotegidas, resultando em infecções sexualmente transmissíveis ou até mesmo gravidez indesejada. **Objetivo:** Relatar a experiência de acadêmicas de enfermagem acerca da realização de educação em saúde sexual para adolescentes de uma escola pública, sobre mudanças físicas e emocionais da puberdade, prevenção de gravidez na adolescência e combate à Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência acerca de uma atividade educativa por meio de um projeto de intervenção com alunos do 9º ano de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Cachoeira-BA, em parceria com a Secretaria de Educação. No primeiro dia foi abordada a temática puberdade e gravidez na adolescência e no segundo dia tratou-se sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Resultados e discussão:** A educação sexual caracteriza-se como importante aspecto a ser abordado no ambiente escolar, complementar às orientações familiares. A sensibilização dos adolescentes sobre as mudanças fisiológicas da puberdade, gravidez na adolescência e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis, proporcionou um melhor entendimento e pode impactar positivamente quanto a atitudes e comportamentos relacionados a essas questões. **Conclusão:** A participação e interação dos adolescentes demonstraram relevante interesse e aceitação sobre as informações compartilhadas, configurando como uma experiência exitosa e que revelou a importância da abordagem sobre essa temática no ambiente escolar para o referido público. Ademais, também foi possível para as acadêmicas perceberem a importância e atuação do enfermeiro em Educação em Saúde também no ambiente escolar.

Palavras-chave: Educação sexual; Adolescentes; Educação em saúde.

O IMPACTO DAS FERIDAS CRÔNICAS NA QUALIDADE DE VIDA

Matheus Mendes Pascoal¹; Daiane Mendes Ribeiro²; Lucas Benedito Fogaça Rabito³; Endric Passos Matos³; Jéssica Taynara Moreira Oliveira Pereira²

Mestrando em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná¹, Mestra em Enfermagem pela Universidade Estadual de Londrina², Mestrando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá³, Doutorando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá³, Mestra em Enfermagem pela Universidade Estadual de Londrina²

matheus_mendes15@hotmail.com

Introdução: As feridas crônicas apresentam o processo de cicatrização difícil, ultrapassando a duração de seis semanas, podendo estar associada com comprometimentos vasculares, diabetes mellitus, hipertensão arterial sistêmica, neuropatias, imobilidade prolongada, neoplasias, alterações nutricionais etc. É um grande desafio na saúde pública, pois além das comorbidades, elas podem durar anos e devido ao processo complexo pode ocasionar inflamações e outras complicações. **Objetivo:** Evidenciar o impacto das feridas crônicas na qualidade de vida. **Metodologia:** Levantamento teórico a partir da análise crítica de materiais selecionados nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Foram utilizados os descritores: qualidade de vida, feridas e infecção de feridas, foram encontrados 8.165 artigos na revisão final e selecionados 05 artigos para o estudo realizado. **Resultados e Discussão:** As feridas crônicas ou úlceras de difícil cicatrização são prevalente na população idosa, estima-se que seja 2,2 por 1.000 habitantes, os efeitos das feridas incluem dor, alteração de sono, comprometimento de mobilidade, déficit de autocuidado, incapacidade de realizar atividades de vida diária, ansiedade, depressão, vergonha, problemas emocionais, discriminação e isolamento social que compromete a qualidade de vida da população. Os profissionais de saúde devem avaliar as múltiplas dimensões subjetiva, física, psicológica, social, emocional e espiritual para avaliar o impacto da patologia e as possíveis intervenções diagnósticas ou terapêuticas. Os estudos demonstram que o questionário de qualidade de vida foi um fator positivo na tomada de decisões e intervenções para os pacientes com feridas crônicas, outro fator observado são as feridas traumáticas que concentram principalmente nos jovens de vida laboral ativa, ocasionando problemas nas atividades de vida diária, no ambiente domiciliar a profundidade da lesão estava associado a sintomas físicos com presença de exsudato intenso em feridas profundas, favorecendo infecções, desconforto, dor e limitações. O cuidado com as feridas necessita de atenção especial pelos profissionais de saúde e especialmente o enfermeiro estomaterapeuta, para garantir os melhores resultados individuais e coletivos à população. Deve-se garantir a qualificação dos profissionais de saúde e a prestação de cuidados às pessoas com feridas, avaliando também a qualidade de vida para proporcionar o tratamento de qualidade. **Considerações Finais:** Portanto, é essencial que os profissionais incentivem boas práticas de assistência em saúde, troca de curativos, aperfeiçoamento do conhecimento para o tratamento de feridas, encaminhamento a outros profissionais quando necessário para prevenção de agravos e complicações em portadores de feridas crônicas.

Palavras-chave: qualidade de vida; feridas; infecção de feridas.

DIFICULDADES DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM FRENTE AO CUIDADO DE FERIDAS E LESÕES EM RECÉM-NASCIDOS

Ana Beatriz Silva Costa¹; Iane Dutra de Moraes¹; José Roberto Vaz Carneiro¹; Maria Paloma Dantas Silva¹; Fernando da Silva Lima¹; Geysse Laine Flor Santana¹; Jayara Mikarla de Lira²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira, docente do Curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande²

anabeatrizsilvacosta012@gmail.com

Introdução: O contexto hospitalar é bastante desafiador, especialmente, para os Recém-Nascidos (RN), e esse fato apresenta-se evidenciado por complicações como a presença de ferimentos e lesões na pele. Dentro deste grupo, os RN prematuros são os mais afetados, uma vez que possuem características particulares que podem desencadear em adversidades referentes à desidratação e ao atraso na maturação da pele. A enfermagem é uma grande atuante nos cuidados direcionados à pele, devido a ser a linha de frente no contato direto com o paciente, através da fiscalização da integridade do tecido, como também da sistematização da assistência para prevenir os agravos. **Objetivo:** Apresentar como ocorre a assistência de enfermagem frente ao cuidado de feridas e lesões em RN. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica realizada nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE). Utilizou-se os cruzamentos dos Descritores em Ciência e Saúde (DeCS): ferimentos; lesões; saúde da criança e cuidado da criança. Após o cruzamento inicial surgiram 523.779 artigos, em que foram submetidos aos critérios de inclusão: 1. Linha temporal de 2014 a 2024 e 2. Idiomas português, inglês e espanhol, e de exclusão: 1. Incoerência com a proposta do estudo e 2. Monografias e TCC. Como resultado final foram incluídos cinco estudos. **Resultados e Discussão:** Constatou-se que no cuidado às lesões de pele no RN, surge uma dificuldade para a equipe de enfermagem controlar o surgimento desse agravo, em especial, daqueles que são prematuros e fazem uso de Ventilação Não-Invasiva. Além disso, foi observado que não existe uma padronização das condutas, prejudicando evidentemente a continuidade da assistência ao RN, ou seja, a integralidade do seu cuidado. Assim, os profissionais carecem de maior capacitação para conseguirem atingir um padrão elevado no que tange a assistência baseada em evidência. **Conclusão:** Apesar de possuir um conhecimento base e uma vigilância para prevenir lesões de pele no RN, existe uma lacuna na base teórica desses atuantes, o que expõe a necessidade de práticas educacionais para melhorar desse cenário. Por conseguinte, a prevenção e o cuidado direcionado aos RN, que detêm a possibilidade de desencadear feridas e lesões ou aqueles que já obtêm, serão aprimorados, melhorando drasticamente a qualidade de vida dos bebês.

Palavras-chave: ferimentos e lesões; saúde da criança; cuidado da criança.

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA ATENÇÃO INTEGRAL A CRIANÇAS COM CÂNCER

Ana Beatriz Silva Costa¹; Iane Dutra de Moraes¹; José Roberto Vaz Carneiro¹; Maria Paloma Dantas Silva¹; Fernando da Silva Lima¹; Geysse Laine Flor Santana¹; Jayara Mikarla de Lira²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira, docente do Curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande²

anabeatrizsilvacosta012@gmail.com

Introdução: O câncer é uma doença caracterizada pela proliferação descontrolada de células anormais. Infelizmente, essa enfermidade não é exclusiva para adultos, já que, mesmo raro, também atinge as crianças. Dentre todos os profissionais de saúde, a enfermagem é quem está mais cotidianamente com o paciente oncológico, estando presente desde o momento da notícia à família até, infelizmente, no cenário de um processo de morte e falecimento. Assim, o enfermeiro deve atuar centrado em um cuidado específico a cada criança, em decorrência das suas características, além de buscar alternativas diferentes para proporcionar uma terapia complementar. **Objetivo:** Apresentar o papel do enfermeiro na atenção integral de crianças com câncer. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica, através das bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Para a obtenção dos artigos, foi realizado o cruzamento dos Descritores em Ciência e Saúde (DeCS): oncologia; cuidado à criança e assistência integral à saúde da criança. Após o cruzamentos surgiram 5.358 estudos, os quais foram submetidos aos critérios de inclusão: 1. publicados entre 2016 e 2024 e 2. Estarem no idioma português e inglês, e aos critérios de exclusão: 1. Incoerência com a proposta da pesquisa e 2. Monografias e TCC. Por fim, compôs a amostra final seis artigos. **Resultados e Discussões:** A enfermagem possui competências técnico-científicas, como também um controle emocional bastante firme, devido à demanda psicológica excessiva no cuidado ao paciente com grande possibilidade terminal. Contudo, as questões emocionais, pessoais e até mesmo a dificuldade em trabalhar com cuidados paliativos, quando são os casos, tornam o trabalho ainda mais difícil, em razão da sobrecarga mental. Por fim, é importante citar como a utilização de métodos complementares, como a música, se apresenta como uma estratégia efetiva no que diz respeito ao fortalecimento de vínculos, tanto com a família quanto com os pacientes, melhorando a saúde física e mental das crianças frente a uma doença grave, e como, por meio dela, a equipe de enfermagem consegue propiciar um cuidado integral e humanizado. **Conclusão:** Dentro da equipe de enfermagem, o enfermeiro apresenta um cuidado efetivo e afetivo frente às crianças com câncer, seja na atenção física ou mental.

Palavras-chave: oncologia; cuidado à criança; assistência integral à saúde da criança.

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NO RASTREIO E PREVENÇÃO DA DIABETES TIPO 2 EM ADOLESCENTES ASSISTIDOS PELA ATENÇÃO BÁSICA

Iane Dutra de Moraes¹; Ana Beatriz Silva Costa¹; José Roberto Vaz Carneiro¹; Maria Paloma Dantas Silva¹; Fernando da Silva Lima¹; Geysse Laine Flor Santana¹; Bernadete de Lourdes André Gouveia²

Graduandos de Enfermagem no Centro de Educação e Saúde, da Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, PB, Brasil.¹ Docente no Centro de Educação e Saúde, da Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, PB, Brasil.²

ianedutramorais@gmail.com

Introdução: Atualmente, as mudanças postas nos estilos de vida dos adolescentes, o sedentarismo, a obesidade, além dos fatores hereditários, tem sido um alerta global e expressivo para o desenvolvimento das doenças crônicas não transmissíveis precocemente, incluindo a Diabetes Mellitus do tipo 2 (DM2). Apesar de ser uma doença pouco evidente neste público juvenil, tem se observado um acréscimo nas últimas décadas. Assim, é importante que o profissional da enfermagem atuante na atenção primária em saúde, adote medidas e estratégias para rastrear e controlar os fatores desencadeantes do Diabetes Mellitus tipo 2 (DM2) na população jovem. **Objetivos:** Enfatizar a importância do enfermeiro da atenção primária na identificação dos fatores de risco com vistas na prevenção da DM2 em adolescentes. **Metodologia:** realizou-se uma revisão bibliográfica no arsenal de artigos da Pubmed e Biblioteca virtual em saúde (BVS), incluindo as bases de dados LILACS e MEDLINE. Foram utilizadas na pesquisa palavras – chave fornecidas pelos descritores em ciências da saúde (DeCS), intercaladas dos operadores booleanos “and” e “or”: “Diabetes mellitus tipo 2 and adolescentes or crianças” e “Diabetes mellitus and tipo 2 and adolescentes”, levando em consideração os artigos produzidos de 2013 a 2024, incluindo os idiomas espanhol, inglês e português. Para os critérios de exclusão: os artigos que não se encaixavam com a temática e com os objetivos, resultando em total de cinco artigos para compor a amostra final. **Resultados e Discussão:** Após análise dos artigos, observou-se que existe uma influência significativa do excesso de peso, obesidade, sedentarismo e pressão arterial sistêmica elevada, além dos antecedentes familiares, com o DM2 e a população infanto-juvenil. Além disso, não se discute sobre ações educativas em saúde na atenção primária com temáticas sobre estilo de vida e voltadas para o problema identificado, envolvendo os profissionais enfermeiros e a comunidade assistida. **Considerações finais:** Assim, a identificação precoce dos fatores de risco e a prevenção para o diabetes mellitus tipo 2 (DM2) entre jovens adolescentes é fundamental, entendendo que o profissional de enfermagem desempenha um papel crucial no rastreo e na implementação de intervenções eficazes na atenção primária, promovendo saúde e contribuindo para qualidade de vida dos usuários, os quais incluem-se os adolescentes.

Palavras-chave: diabetes tipo 2; adolescentes; intervenção de enfermagem.

COMO A INSEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL IMPACTOU OS COMPORTAMENTOS DE RISCO E PROTEÇÃO À SAÚDE DOS ADOLESCENTES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19?

Eduarda Luiza Oliveira da Silva¹; Bruna do Amaral Noronha de Figueiredo Gomes²; Patrick Gouvea Gomes³

Graduanda em Nutrição pelo Centro Universitário Frassinetti do Recife¹, Graduanda em Medicina pela Universidade Católica de Pernambuco², Graduado em Biomedicina pelo Universitário Metropolitano da Amazônia³

eduardaluizasilva13@gmail.com

INTRODUÇÃO: A insegurança alimentar e nutricional (IAN) reflete a falta de acesso a alimentos adequados e é mais comum entre populações em condições socioeconômicas desfavoráveis. No Brasil, a IAN aumentou significativamente durante a pandemia de covid-19, afetando milhões de pessoas e agravando riscos à saúde, como má alimentação e uso de substâncias. Este estudo busca analisar a prevalência de IAN em adolescentes brasileiros durante a pandemia e sua relação com comportamentos de risco e proteção à saúde. **OBJETIVO:** Avaliar a prevalência de insegurança alimentar e nutricional em adolescentes brasileiros durante a pandemia de COVID-19 e investigar sua associação com comportamentos de risco e proteção à saúde. **METODOLOGIA:** A metodologia deste estudo transversal utilizou dados do inquérito "ConVid Adolescentes – Pesquisa de Comportamentos". A prevalência de Insegurança Alimentar e Nutricional (IAN) foi estimada e associada a variáveis sociodemográficas usando Razão de Prevalência (RP) e Intervalo de Confiança de 95% (IC95%), por meio de regressão de Poisson com variância robusta. As análises, ajustadas por sexo, faixa etária, tipo de escola e raça/cor, foram realizadas no software Stata 15.1, com significância de 5%. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A prevalência de insegurança alimentar e nutricional (IAN) entre adolescentes brasileiros foi de 26,1%, com maior incidência entre aqueles de condições socioeconômicas desfavorecidas. Adolescentes com IAN apresentaram maior frequência de comportamentos prejudiciais à saúde, como baixo consumo de frutas e vegetais, pouca prática de atividades físicas, tabagismo e uso de bebidas alcoólicas. Esses comportamentos indicam a necessidade urgente de uma intervenção integrada para combater as desigualdades socioeconômicas exacerbadas pela pandemia de covid-19 e promover a saúde pública. **CONCLUSÃO:** Os dados revelam que a insegurança alimentar afetou uma proporção significativa de adolescentes, especialmente aqueles em condições socioeconômicas mais vulneráveis, o que evidencia a grave extensão do problema. A associação dessa insegurança com comportamentos de risco, como o uso de substâncias, comportamentos alimentares inadequados e a violência, sublinha a necessidade urgente de políticas públicas mais eficazes e intersetoriais. Tais políticas devem não apenas abordar as questões alimentares, mas também enfrentar as desigualdades ampliadas pela pandemia, buscando promover a segurança alimentar, melhorar as condições de saúde e fortalecer o apoio social aos jovens, para que possam crescer e se desenvolver em um ambiente mais saudável e equilibrado.

Palavras-chave: insegurança alimentar; comportamentos de risco; desigualdades socioeconômicas; saúde pública.

ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO EMERGENCIAL NA CRISE DE MICROCEFALIA ASSOCIADA AO ZIKA VÍRUS NO ESTADO DE PERNAMBUCO

Eduarda Luiza Oliveira da Silva¹; Bruna do Amaral Noronha de Figueiredo Gomes²; Patrick Gouvea Gomes³

Graduanda em Nutrição pelo Centro Universitário Frassinetti do Recife¹, Graduanda em Medicina pela Universidade Católica de Pernambuco², Graduado em Biomedicina pelo Universitário Metropolitano da Amazônia³

eduardaluizasilva13@gmail.com

INTRODUÇÃO: A microcefalia é uma condição neurológica associada ao Zika vírus, transmitido pelo *Aedes aegypti*. Durante a epidemia de Zika em 2015, Pernambuco foi um dos estados mais afetados, com aumento significativo de casos, especialmente entre gestantes. Esse cenário exigiu uma resposta imediata do Sistema Único de Saúde (SUS). Este estudo examina a resposta do SUS à emergência, destacando as vulnerabilidades das comunidades periféricas e a necessidade de ação governamental eficiente. A análise é essencial para compreender a atuação do SUS em crises de saúde pública e aprimorar estratégias para desafios futuros. **OBJETIVO:** Analisar a resposta do SUS à emergência de microcefalia associada ao Zika vírus em Pernambuco entre 2015 e 2017, considerando as ações adotadas e a eficácia das medidas de saúde pública. **METODOLOGIA:** Revisão bibliográfica em bases de dados como Scielo, PubMed e BVS. Foram analisados artigos sobre a resposta do SUS à emergência de microcefalia em Pernambuco, com foco nas estratégias de saúde pública. Incluíram-se estudos relevantes, metodologicamente sólidos e publicados nos últimos cinco anos. Excluíram-se artigos que não tratavam diretamente da resposta do SUS à crise ou focavam em aspectos secundários, como pesquisas laboratoriais ou estudos de casos isolados, além de trabalhos com falhas metodológicas significativas. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A resposta à emergência de microcefalia em Pernambuco foi considerada parcialmente implantada, com índice de 74,9%. A Vigilância foi o único componente plenamente implantado (81%), enquanto Gestão e Assistência apresentaram deficiências, com 74,2% e 68,8%. As principais lacunas incluíram insuficiência de recursos humanos e estrutura física, sobretudo nos setores de Gestão e Assistência. Embora a Vigilância tenha atuado de forma eficiente, Gestão e Assistência enfrentaram dificuldades críticas. A gestão não coordenou adequadamente os esforços de resposta, e a infraestrutura foi insuficiente para garantir atendimento especializado contínuo. A falta de planejamento e a escassez de serviços especializados comprometeram a eficácia inicial do sistema. As equipes, mesmo com adaptabilidade e comunicação eficiente, não superaram as limitações de recursos, prejudicando uma resposta mais ampla à emergência. **CONCLUSÃO:** Embora a resposta à crise de microcefalia em Pernambuco tenha sido parcialmente implantada, com a Vigilância se destacando positivamente, as deficiências em Gestão e Assistência comprometeram a eficácia do sistema como um todo. A falta de planejamento e as limitações estruturais explicam a implementação incompleta das estratégias. É essencial investir na melhoria de Gestão e Assistência e fortalecer a estrutura de resposta para assegurar maior eficácia em futuras emergências de saúde pública.

Palavras-chave: Doenças e Anormalidades Congênitas, Hereditárias e Neonatais; Zika vírus; Infecção por Zika vírus.

ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVIMENTO DE AUTOESTIMA EM CRIANÇAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Beatriz Lima Fernandes¹; Ana Beatriz Mesquita de Paiva¹; Jaciara Alves de Sousa²;

Graduando em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú¹, Orientadora/ Docente da Universidade Estadual Vale do Acaraú/ Doutoranda em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Ceará².

bipialima@gmail.com

Introdução: A autoestima é a percepção que uma pessoa tem de si mesma, influenciando diversos aspectos, como a autoconfiança e a aceitação pessoal. Trabalhar essa questão é fundamental, pois reflete a visão positiva ou negativa que o indivíduo tem sobre sua identidade, estando diretamente relacionada à saúde mental. Por isso, é essencial abordar essa temática desde a infância, garantindo que as crianças cresçam com uma autoestima saudável, contribuindo para a redução de inseguranças, frustrações e diminuindo vulnerabilidades em transtornos emocionais, assim promovendo o desenvolvimento de indivíduos mais equilibrados e resilientes. **Objetivo:** Relatar a experiência de discentes de Enfermagem da Liga de Enfermagem em Saúde da Criança - LIESC no desenvolvimento da autoestima das crianças do interior do Ceará. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa do tipo relato de experiência de uma atividade realizada pela LIESC na Estação da Juventude, localizada no bairro Novo Recanto, em Sobral, CE. A atividade aconteceu no dia 11 de setembro de 2024, durante o período noturno, e contou com a participação de 12 crianças, de ambos os sexos, com idades entre 4 a 10 anos. As atividades foram divididas em três momentos: primeiro, uma reflexão ao ouvir uma música relacionada ao tema; em seguida, uma atividade de afirmação em frente a um espelho, onde as crianças expressaram suas qualidades; e, por último, um desfile em que cada criança escolheu uma placa com um adjetivo que mais a representava. **Resultados e Discussão:** Durante as atividades, observou-se interesse e engajamento, por meio do compartilhamento de opiniões sobre a atividade musical. Na expressão de qualidades em frente ao espelho, inicialmente demonstraram-se tímidas e após incentivo aumentaram sua confiança, verbalizando palavras de afirmação sobre si mesmas. No desfile, todas se engajaram ao compreender o propósito da atividade. Esse desenvolvimento indica que as crianças se sentiram mais seguras para expressar suas opiniões e reconhecer suas características positivas. Percebe-se que para promover um crescimento saudável é fundamental criar um ambiente de apoio e valorização, complementado por palavras de afirmação. Essa abordagem ajuda as crianças a se sentirem seguras e confiantes, o que reflete em diversas áreas de suas vidas. **Conclusão:** Assim, acredita-se que atividades como essas favorecem o desenvolvimento da autoestima, trazendo benefícios significativos para sua saúde mental das crianças. Portanto, é fundamental que essas práticas sejam mais incentivadas e promovidas nas instituições sociais.

Palavras-chave: Autoestima; saúde mental; crianças.

CUIDADOS DE ENFERMAGEM VOLTADOS ÀS GESTANTES NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO LITERÁRIA INTEGRATIVA

Fernando da Silva Lima¹; Ana Beatriz Costa¹; Iane Dutra Moraes¹; José Roberto Vaz Carneiro¹;
Maria Paloma Dantas Silva¹; Geise Laine Flor Santana¹; Jayara Mikarla de Lira²

Graduandos em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Docente do
Bacharelado em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande²

fernandodasilvalima26@gmail.com

Introdução: A Adolescência é uma das fases de desenvolvimento humano, classificada pela Organização Mundial da Saúde como o período entre os 10 e 19 anos. Nesse intervalo, com o desenvolvimento corpóreo e a chegada da puberdade, surge, também, a chance de gravidez. Dado esse fator, é importante entender como o profissional da Enfermagem deve agir frente a uma adolescente que se encontra grávida, ou seja, como proceder no exame e educação em saúde, de forma clara e acolhedora.

Objetivo: Identificar os cuidados de enfermagem a gestantes adolescentes. **Metodologia:** Esse estudo é uma revisão integrativa da literatura científica, cuja pesquisa foi realizada nas bases de dados MEDLINE e LILACS, utilizando-se de palavras-chave fornecidas pelos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) na combinação “Gravidez na Adolescência AND Mães Adolescentes AND Enfermagem”. Após tal combinação, surgiram 59 obras, submetidas aos critérios de inclusão os trabalhos produzidos entre 2014 e 2024 em inglês, português e espanhol, e como critérios de exclusão: 1. Obras com títulos que não apresentassem ligação com o tema deste trabalho e 2. Trabalhos que não apresentassem relação com a temática após a leitura dos seus resumos. Assim, foram selecionados seis artigos para a bibliografia desta produção. **Resultados:** Notou-se que, para a efetividade do cuidado com a gestante e a criança, é indispensável a formação de uma relação próxima, nos limites éticos da profissão, entre o profissional e a paciente. Por exemplo, na visita à adolescente em domicílio, no planejamento do pré-natal e o ensino acerca do aleitamento deve haver a escuta formada a partir da confiança construída, a qual permite ao enfermeiro conhecer as condições socioambientais em que a paciente está inserida e sua rede de apoio. Ademais, faz-se importante saber tais informações devido aos riscos presentes em uma gravidez, como o parto prematuro, que ocorre antes das 37 semanas, cujas chances de ocorrência são maiores devido ao corpo da gestante ainda estar em formação durante a sua adolescência. **Conclusão:** Assim, conclui-se que o acompanhamento da gravidez na adolescência é indispensável devido aos seus riscos e necessidades da gestante, o que faz necessária a conscientização da equipe de Enfermagem para a formação de estratégias assistenciais que busquem mitigar os fatores socioambientais negativos e a ausência de uma rede profissional na qual a paciente possa se apoiar e, assim, proporcionar um ambiente em que ela se sinta tranquila e pronta para ser atendida.

Palavras-chave: gravidez na adolescência; mães adolescentes; enfermagem.

O PROCESSO DE ENFRENTAMENTO LÚDICO NO CUIDADO DE ENFERMAGEM EM ONCOPEDIATRIA

Fernando da Silva Lima¹; Ana Beatriz Costa¹; Iane Dutra Moraes¹; José Roberto Vaz Carneiro¹;
Maria Paloma Dantas Silva¹; Geise Laine Flor Santana¹; Jayara Mikarla de Lira²

Graduandos em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Docente do
Bacharelado em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande²

fernandodasilvalima26@gmail.com

Introdução: O enfrentamento do câncer é longo e árduo para os pacientes que encaram a dor física e o medo diário da evolução patológica, principalmente para as crianças e os seus responsáveis, pois não se espera socialmente que as primeiras fases do desenvolvimento sejam cercadas por problemas tão sérios de saúde, mas por vitalidade. Por isso, buscam-se meios de trazer conforto e alegria a fim de proporcionar uma atenção voltada às necessidades básicas de cuidado emocional. Nessa ótica, o Conselho Federal de Enfermagem promulgou a Resolução 546/2017, a qual estabelece que a equipe de Enfermagem deve utilizar brinquedos para estabelecer o cuidado em pediatria como uma forma terapêutica. **Objetivo:** Apresentar as principais formas lúdicas de atenção infantojuvenil dentro do ambiente oncopediátrico e a importância de sua implementação. **Metodologia:** Este estudo é uma revisão integrativa da literatura científica das bases de dados LILACS e MEDLINE, utilizando-se de palavras-chave fornecidas pelos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) na combinação “Oncologia AND Enfermagem AND Pediatria”. Após tal combinação, surgiram 53 obras, submetidas aos critérios de inclusão os trabalhos produzidos entre 2014 e 2024 em inglês, português e espanhol e como critérios de exclusão: 1. Obras com títulos que não apresentassem ligação com o tema deste trabalho e 2. Trabalhos que não apresentassem relação com a temática após a leitura dos seus resumos. Assim, foram selecionados seis artigos para a bibliografia desta produção. **Resultados e Discussão:** Na leitura dos textos-base, notou-se um dos aspectos comumente advindos das crianças em tratamento oncológico: elas consideram as brincadeiras como importantes para diminuir os seus momentos de ociosidade e a tensão enquanto estão internadas. Vale frisar a necessidade do planejamento de atividades lúdicas com base na idade, para que nenhuma criança ou pré-adolescente se exclua por não gostar do que foi trazido ou não se enquadrar em uma atividade oferecida pelos profissionais de saúde e, devido a isso, evoca-se a importância da variedade de opções, sejam momentos de conversas, jogos, histórias ou músicas. **Conclusão:** As formas de atenção lúdica proporcionaram tranquilidade e sensações positivas de alegria e sentimento de acolhimento às crianças que são pacientes oncológicas. Outrossim, percebe-se que os profissionais de Enfermagem devem estar prontos para exercer a arte da criatividade e humanização que vá além dos cuidados técnicos de suas obrigações, a fim de que a integralidade da assistência seja garantida ao paciente e a família possa confiar nas mãos do enfermeiro a sua criança.

Palavras-chave: oncologia; enfermagem; pediatria.

SETEMBRO DOURADO: O PAPEL ESSENCIAL DOS LIGANTES DE ONCOLOGIA NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CENTRO DE SAÚDE DA FAMÍLIA

Fátima Prisciele Aguiar Lima¹; Raissa Mont'Alverne Barreto²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Docente de enfermagem pela Universidade 5 de Julho²

Prisciele13lima@gmail.com

Introdução: O setembro dourado traz consigo uma oportunidade única de conscientizar a população sobre o câncer infanto-juvenil, uma doença que, embora muitas vezes invisível, afeta profundamente a vida de crianças, jovens e suas famílias. Assim, a referida campanha visa prevenir, alertar e ensinar acerca da doença. É sabido que acadêmicos de enfermagem conseguem parcerias articuladas pelas ligas acadêmicas com os Centros de Saúde da Família (CSF), assim, os estudantes conseguem levar conhecimento onde ele é mais necessário, contribuindo para a conscientização e a educação em saúde. Ademais, a disseminação de informações sobre a importância do diagnóstico precoce e os fatores de risco ajudam a reduzir o número de casos graves, e também formam uma rede de apoio para as famílias que estão enfrentando essa realidade. **Objetivo:** Relatar a experiência vivenciada por acadêmicos de enfermagem e ligantes da Liga Interdisciplinar em Oncologia (LION) sobre educação em saúde realizada durante o setembro amarelo. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, de natureza descritiva, vivenciado por ligantes da LION, no mês de setembro de 2024 no CSF Gerardo Carneiro Hardy, em Sobral, Ceará. Foi utilizado como meio informativo para os participantes folders contendo informações relevantes e adicionais sobre o câncer infanto-juvenil, e foram distribuídos doces contendo frases sobre o setembro dourado para cativar a atenção do público para permanecerem atentos. Então, realizou-se a palestra e em seguida foi aberto para pergunta ao público, a qual teve muita interação. **Resultados e Discussão:** Os ligantes realizaram um papel essencial nesse momento de promoção da saúde, visto que muitas vezes os profissionais de saúde, por já desenvolverem demasiadas funções, ficam limitados a realizarem ações educativas em saúde, além disso, o público mostrou-se bem interessado acerca das neoplasias, não apenas aquelas que envolve o câncer infanto-juvenil, mas surgiram várias dúvidas sobre outros tipos de cânceres, as quais foram esclarecidas, evidenciando ainda mais a importância de sempre haver esse tipo de ação com o intuito de levar o conhecimento para a comunidade. **Considerações Finais:** Diante da experiência decorrida, nota-se que a ação contribuiu para o aumento do conhecimento das pessoas acerca do tema, as quais não tinham ouvido falar anteriormente sobre a expressão “setembro dourado”, revelando que ainda há necessidade de realizar mais ações de educação em saúde nessa área não somente para essa comunidade específica, mas também para a cidade como um todo, para que um maior número de pessoas alcancem o conhecimento acerca da temática.

Palavras-chave: Enfermagem; Educação em saúde; Prevenção primária.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA NORTEAR ENFERMEIROS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE NAS CONSULTAS DE CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO

Stefany Ariadny Moura Braga¹;

Enfermeira pela Universidade do Estado do Pará¹

enfstefanybraga@gmail.com

Introdução: O papel do enfermeiro da Atenção Primária à Saúde nas consultas de crescimento e desenvolvimento é fundamental, pois é um momento chave para acompanhar o progresso da criança, identificar possíveis problemas precocemente e orientar a família. A consulta enfermagem visa garantir que as crianças estejam crescendo e se desenvolvendo de maneira adequada, além de prevenir doenças e promover a saúde. Portanto, é necessário que esses profissionais estejam capacitados para realizar uma consulta de qualidade. **Objetivo:** descrever a experiência de uma enfermeira na criação e implementação de uma tecnologia educacional voltada para o auxílio aos enfermeiros nas consultas de crescimento e desenvolvimento. **Metodologia:** trata-se de um estudo descritivo qualitativo do tipo relato de experiência. Para atingir o objetivo proposto, a profissional optou por utilizar folders como ferramenta de tecnologia educacional. Essa ferramenta continha informações cruciais para realização de uma consulta de enfermagem voltada para o crescimento e desenvolvimento infantil de forma eficiente. Tal tecnologia foi distribuída em uma unidade básica de saúde na cidade de Igarapé Miri/PA. **Resultados e Discussão:** A tecnologia educacional utilizada revelou-se altamente eficaz na disseminação de informações sobre o crescimento e desenvolvimento infantil saudável, além de fornecer orientações sobre possíveis sinais de alerta que merecem atenção. A abordagem adotada foi bem recebida pela equipe de enfermagem, pois o material utilizado apresentava conteúdo sintetizado, claro e de fácil compreensão, facilitando a integração das informações no dia a dia dos profissionais. A simplicidade e objetividade na apresentação dos dados garantiram que os membros da equipe conseguissem absorver rapidamente as informações e aplicá-las em suas práticas assistenciais. **Conclusão:** A experiência descrita neste estudo evidencia a importância da implementação de tecnologias educacionais, como o uso de folders informativos, no contexto da Atenção Primária à Saúde, especialmente nas consultas de crescimento e desenvolvimento infantil. A ferramenta adotada demonstrou ser eficiente na capacitação e orientação dos enfermeiros, além de facilitar a disseminação de informações essenciais para o acompanhamento saudável das crianças.

Palavras-chave: crescimento; desenvolvimento; enfermagem.

PERCEPÇÕES INFANTIS SOBRE A VACINAÇÃO EM SOBRAL-CE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Israelly Lyhana Aguiar Lima¹; Maria Gabrielle Firmo Magalhães²; Jaciara Alves de Sousa³

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú¹, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú², Docente/Orientadora da Universidade Estadual Vale do Acaraú³

israellylima06@gmail.com

Introdução: A adesão à vacinação na infância é fundamental, pois cria uma barreira de proteção imunológica contra a propagação de doenças graves, sendo efetiva sob a perspectiva individual e coletiva. **Objetivos:** Compartilhar experiências de acadêmicos de enfermagem da Liga de Enfermagem em Saúde da Criança (LIESC) na identificação da percepção infantil sobre vacinação em Sobral – CE. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa do tipo relato de experiência realizado em duas estações da juventude do Município de Sobral – CE. As extensões foram realizadas no período vespertino, nos dias 11 e 25 de setembro de 2024, com duração de 01 hora, abrangendo crianças na faixa etária de 4 a 11 anos de ambos os sexos. Iniciou-se com o questionamento sobre vacinas, para averiguar o entendimento dos participantes, qual a sua função e importância. Por fim, foi realizado um jogo da memória com a temática de vacinação (com desenhos do zé gotinha, vírus, bactérias, injeções e imunizantes), onde deveria ser encontrado duas imagens idênticas em meio às outras, para tornar o momento mais lúdico. **Resultados e Discussão:** As crianças demonstraram bastante interesse pelo tema e foram participativas durante todo o momento das ações. Porém, tornou-se perceptível a necessidade de acolher os anseios infantis sobre a temática, sendo eles relacionados ao fato de sentir dor na hora da aplicação, pelo que a vacina pode provocar no nosso corpo e a possibilidade de gerar adoecimento. Essas ações foram significativas, pois conseguiu-se levar informação às crianças, através do acolhimento de seus medos e dúvidas. Com isso pode-se perceber que após as extensões, as crianças passaram a entender a importância do ato de vacinar-se, tendo uma visão mais favorável do assunto. Além disso, foi satisfatória a propagação desses conhecimentos para as crianças, tendo em vista a criação de um vínculo de confiança que colaborou para um momento mais lúdico e enriquecedor para ambas as partes. Ao final do momento, elas destacaram que gostaram muito da maneira que a temática foi explicada, o que foi avaliado como positivo e incentivador para novas ações de promoção da saúde. **Considerações finais:** Evidencia-se que a vacinação deve ser um tema a ser bem articulado com o público infantil, dando a importância necessária aos seus medos e expectativas de modo que seja possível desmistificar informações adquiridas pelo senso comum e orientar com base em evidências científicas.

Palavras-chave: vacinação; percepções; crianças.

O PAPEL DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Maria Paloma Dantas Silva¹; Ana Beatriz Silva Costa¹; José Roberto Vaz Carneiro¹; Iane Dutra de Moraes¹; Fernando da Silva Lima¹; Geysse Laine Flor Santana¹; Wynne Pereira Nogueira²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira, docente do Curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande²

paloma.dantas@estudante.ufcg.edu.br

Introdução: O enfermeiro que atua na atenção primária à saúde é um dos responsáveis por acompanhar o crescimento e o desenvolvimento de crianças e adolescentes por meio da puericultura. Esse acompanhamento periódico visa a promoção e proteção da saúde das crianças e adolescentes e a identificação precoce de qualquer alteração no seu crescimento e desenvolvimento. Além disso, o profissional enfermeiro está apto a reconhecer sinais de violência física, sexual ou psicológica com capacidade para atuar de forma efetiva para solucionar esse problema. Logo, a prevenção do abuso sexual de crianças e adolescentes também deve estar inserida nas consultas e na educação em saúde do enfermeiro. **Objetivo:** destacar o papel do profissional enfermeiro na prevenção do abuso sexual de crianças e adolescentes. **Metodologia:** trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados LILACS e SciELO no período de 19 a 22 de outubro de 2024. Foram utilizados como descritores: “Enfermagem”, “violência” e “abuso infantil”, conectados por meio do operador booleano AND. Foram incluídos artigos originais, nos idiomas português e inglês, publicados no período de 2022 a 2024. Excluíram-se teses, dissertações, editoriais e revisões. Após adoção dos critérios de elegibilidade, a amostra do estudo foi composta por cinco artigos. **Resultados e discussão:** o enfermeiro que atua na Estratégia de Saúde da Família é um elemento fundamental no reconhecimento e no apoio às vítimas de violência e na prevenção. O enfermeiro na realização da puericultura, com um atendimento de qualidade, com escuta especializada e com a capacidade de resolução de problemas é capaz de minimizar as repercussões a criança e adolescentes vítimas de violência e o reconhecimento precoce com atenção aos sinais e sintomas. Ademais, ainda é capaz de ofertar um plano de cuidado individual para a criança e a sua família a fim de promover a saúde deste público e garantir uma rede de atenção integral de acompanhamento nas ações de promoção, prevenção e de proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes. Ressalta-se que a enfermagem é responsável pela notificação de casos de abuso e encaminhamento das vítimas na Rede de Atenção à Saúde. **Conclusão:** Portanto, é evidente a importância do trabalho do profissional enfermeiro como protagonista na assistência e no cuidado a essas vítimas de violência e na prevenção de casos. E faz-se necessário o fortalecimento do conhecimento técnico-científico, a ética, a responsabilidade e o respeito como aspectos fundamentais na assistência de enfermagem a crianças e adolescentes.

Palavras-chave: violência infantil; abuso infantil; enfermagem.

UTILIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL PARA ENFRENTAMENTO DA HOSPITALIZAÇÃO COM CRIANÇAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ellen Luize Costa Ferreira¹; Ana Kalyne Beserra Alves¹; Jaciara Alves de Sousa²

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA¹, Docente/ Orientadora da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA²

ellenluize2008@gmail.com

Introdução: A internação hospitalar é um momento delicado para crianças que enfrentam mudanças bruscas em sua rotina e convivem com sentimentos complexos. Nesse contexto, a inteligência emocional, entendida como a capacidade de reconhecer e gerenciar emoções, torna-se imprescindível para ajudar as crianças a lidarem com essas dificuldades e promover uma experiência mais acolhedora durante a internação. **Objetivo:** Relatar a experiência de discentes da Liga de Enfermagem em Saúde da Criança (LIESC) na utilização de inteligência emocional para enfrentamento da hospitalização com crianças em Sobral - CE. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa do tipo Relato de Experiência. A atividade foi realizada no mês de setembro de 2024, no turno da tarde e com carga horária de 2 horas. O momento contou com a participação de 06 crianças, com idades entre 4 e 10 anos, internadas na ala pediátrica na Santa Casa da Misericórdia, em Sobral- CE. Para o momento, utilizou-se como suporte o mural das emoções, inspirado no filme “Divertidamente 2”, no qual, apresentava personagens que simbolizavam as emoções, sendo elas: Alegria, Tristeza, Raiva, Medo, Nojo, Vergonha, Ansiedade, Tédio e Inveja. As crianças eram convidadas a identificar suas emoções e colocar palitos de sorvete nas emoções correspondentes ao que sentiam no momento. Após o mural, foi realizada uma roda de conversa, onde as crianças puderam externalizar suas emoções e explorar formas de lidar com esses sentimentos. **Resultados e Discussão:** A maior parte das crianças sinalizou emoções como tristeza e medo atribuídos à experiência de hospitalização, demonstrando o quanto a falha no manejo de suas emoções pode afetar de forma negativa a vivência hospitalar. Outrossim, a espera pelos procedimentos cirúrgicos destacou-se como uma das principais ameaças à inteligência emocional do público alvo. Ademais, os relatos trouxeram à tona experiências cotidianas, evidenciando a importância do apoio emocional que se estende além do ambiente hospitalar. Assim, o mural das emoções e a roda de conversa proporcionaram um ambiente seguro para a expressão de sentimentos, como medo e ansiedade, favorecendo o acolhimento emocional. **Conclusão:** Foi notória a importância de ações acerca da utilização da inteligência emocional, uma vez que possibilitou às crianças hospitalizadas reconhecer e gerenciar suas emoções. A ação evidenciou a relevância do apoio da enfermagem no bem-estar emocional das crianças e destacou a necessidade de práticas que humanizem o cuidado hospitalar, garantindo um suporte emocional adequado.

Palavras-chave: inteligência emocional; crianças; hospitalizadas.

RECONHECENDO SINAIS: A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DE MAUS-TRATOS NA INFÂNCIA

Wanêssa Trigueiro Casimiro¹; Vitor Giovanni Souza da Silva¹; Wastânia Degardênia de Oliveira Correia Figueiredo¹; Luziane Sátiro Martins¹; Deborah Cybelly Tavares Pinangé Coutinho¹; Érica Vilar Ramalho de Souza¹; Wesley Trigueiro Casimiro².

Graduandos em Medicina pela Afya Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba¹, Orientador/Graduado em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba²

wanessa_casimiro12@hotmail.com

Introdução: Os maus-tratos na infância referem-se a qualquer forma de abuso ou negligência que uma criança pode sofrer, comprometendo seu bem-estar físico, emocional e psicológico. Essa questão é de extrema importância na área da saúde, pois pode ter consequências duradouras na vida da criança. **Objetivo:** Descrever os principais sinais de maus-tratos infantis, ressaltando a importância da identificação, a fim de prevenir consequências para a saúde física e mental das crianças. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica integrativa. Logo, o levantamento dos dados se deu mediante a consulta de artigos disponibilizados em banco de dados eletrônicos, sendo estes: Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Utilizaram-se publicações no período compreendido entre os anos de 2019 à 2024. Ademais foram escolhidos os seguintes descritores cadastrados no DeCS: maus-tratos infantis, abuso de crianças e saúde. Além disso, utilizou-se o operador booleano AND. Como critérios de inclusão incluíram-se trabalhos nacionais completos, no idioma da língua portuguesa, coerentes com a proposta da pesquisa. Como critérios de exclusão, desconsideraram-se publicações duplicadas ou que não estivessem ligadas ao escopo desta revisão. **Resultados e Discussão:** Encontraram-se 21 artigos enquadrados com a proposta desse estudo. A identificação dos maus-tratos é crucial para a intervenção precoce. Alguns sinais podem incluir: mudanças de comportamento, como agressividade ou retraimento, dificuldades de aprendizagem ou problemas de desenvolvimento, lesões inexplicáveis ou frequentes, comportamentos sexuais inadequados para a idade. As crianças que sofrem maus-tratos podem enfrentar uma série de problemas ao longo da vida, como dificuldades emocionais e comportamentais, transtorno de ansiedade e depressão, baixa autoestima, dificuldade de relacionamento, problemas de crescimento, isolamento social, dificuldades profissionais. Com isso, é fundamental garantir a proteção e o tratamento adequado das crianças afetadas. Os profissionais de saúde desempenham um papel vital na detecção desses sinais e na implementação de medidas de proteção. **Conclusão:** Portanto, a identificação de maus-tratos permite que as vítimas recebam suporte médico, psicológico e social, prevenindo sequelas graves e até casos fatais. Esse papel protetor da saúde contribui para a promoção dos direitos das crianças. Além disso, a conscientização sobre o tema pode ajudar a criar um ambiente mais seguro para as crianças.

Palavras-chave: maus-tratos infantis; abuso de crianças; saúde.

BIOMARCADORES IMUNOLÓGICOS COMO INDICADORES DA EFICÁCIA VACINAL INFANTIL

Davi Azevedo da Silva¹; Sthéfani Santos Rodrigues².

Graduando em Biomedicina pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera¹, Biomédica pela Universidade Paulista².

daviazeevedodasilva@hotmail.com

Introdução: A resposta imunológica infantil às vacinas é um aspecto crítico para o controle de doenças infecciosas na população pediátrica, especialmente em contextos de saúde pública que visam a imunização em massa. Com o aumento da complexidade das doenças infecciosas e das novas variantes virais, torna-se imprescindível o monitoramento da eficácia vacinal em crianças, uma vez que elas apresentam respostas imunológicas diferentes dos adultos. Estudos recentes têm apontado que biomarcadores imunológicos, como anticorpos específicos, células T de memória e citocinas, são essenciais para avaliar a eficácia de vacinas em indivíduos dessa faixa etária. **Objetivo:** Este estudo visa investigar o papel de biomarcadores imunológicos como indicadores da eficácia vacinal em crianças, com o intuito de fornecer uma base científica que permita o desenvolvimento de estratégias vacinais mais seguras e eficazes. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão narrativa abrangente, com busca nas bases de dados PubMed e Scopus, utilizando os descritores “biomarcadores imunológicos”, “resposta vacinal” e “população infantil”. Foram selecionados artigos publicados a partir de 2019, priorizando estudos que relacionavam diretamente a presença de biomarcadores e a eficácia vacinal em crianças. **Resultados e Discussão:** Os biomarcadores imunológicos mais comumente associados à resposta vacinal infantil incluem os anticorpos IgG e IgM, as células T de memória e diversas citocinas, como IL-6, IL-10 e TNF- α . Esses biomarcadores desempenham um papel fundamental na modulação da resposta imune, sendo influenciados por fatores como idade, histórico prévio de infecções e características genéticas. Além disso, foi observado que as vacinas podem ter eficácia reduzida em crianças com determinados perfis genéticos ou condições preexistentes que modulam a resposta imunológica. A análise de biomarcadores oferece insights importantes sobre a capacidade de proteção vacinal, permitindo ajustes nas estratégias de imunização conforme as necessidades individuais e coletivas. **Conclusão:** A identificação e monitoramento de biomarcadores imunológicos são fundamentais para otimizar o processo de vacinação infantil, possibilitando o desenvolvimento de vacinas que promovam respostas imunológicas robustas e seguras. A compreensão das particularidades da resposta imunológica pediátrica proporciona bases para intervenções personalizadas e sustentáveis, contribuindo diretamente para o sucesso das campanhas de vacinação e a proteção da saúde pública.

Palavras-chave: biomarcadores; resposta vacinal; pediatria.

OFERTA DE PRÁTICAS PSICOMOTORAS A ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PERSPECTIVA ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Rodrigo Naranjo de Oliveira¹; Jander Phillipe Diniz Figueiredo¹; Paula Naranjo da Costa²

Mestrando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM)¹;
Mestra em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)²

profrodrigonaranjo@gmail.com

Introdução: As práticas psicomotoras aplicadas aos escolares favorecem o desenvolvimento dos aspectos biopsicossociais, contribuindo não apenas para o aprimoramento motor, mas também para possíveis melhorias no desempenho acadêmico. **Objetivo:** Relatar a aplicação de práticas psicomotoras em escolares do ensino fundamental, sob a perspectiva acadêmica do estagiário em educação física. **Metodologia:** Este estudo trata-se de um relato de experiência, desenvolvido em uma escola pública de Manaus/AM, localizada na zona sul da cidade, com aproximadamente 250 alunos matriculados nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano). O acadêmico do curso de Educação Física da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), foi inserido no ambiente escolar por meio do estágio curricular obrigatório, atuando por quatro meses sob supervisão de um docente da instituição. **Resultados e Discussões:** O estágio supervisionado em Educação Física envolve a participação do acadêmico em três fases: 1) observação; 2) coregência; e 3) regência. No primeiro momento, foi possível observar que a escola apresentava uma excelente estrutura para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, mas dispunha de recursos materiais limitados, possuindo apenas três bolas, 10 cones e uma corda. Após a observação, o acadêmico percebeu que enfrentaria desafios, não apenas devido à escassez de materiais, mas também pela falta de motivação do professor da escola, um profissional com mais de 10 anos de experiência na rede pública, que demonstrava pouco interesse em desenvolver suas aulas. Devido a essas circunstâncias, foi necessário iniciar o período de regência precocemente. Assim, o acadêmico, com o apoio de colegas, utilizou recursos próprios (como cones, traves, cordas, impressões coloridas, entre outros materiais) para implementar práticas psicomotoras e circuitos motores, com o objetivo de diagnosticar possíveis dificuldades motoras dos estudantes. Algumas atividades propostas incluíram circuitos com saltos monopodais e bipodais, equilíbrio em linhas retas, rolamentos laterais e movimentos em “zigue-zague”, entre outras. Nas primeiras aulas, observou-se resistência dos alunos em realizar as tarefas, provavelmente devido à falta de familiaridade com atividades mais dinâmicas. No entanto, com o tempo, a adesão aumentou, e em todas as turmas foi possível obter a participação, socialização e integração de todos os alunos nas atividades. **Considerações Finais:** O desenvolvimento de práticas psicomotoras aplicadas a esses escolares refletiu-se positivamente, promovendo maior participação, engajamento e encorajamento nas tomadas de decisões. Esse tipo de prática pode também resultar em melhores desempenhos acadêmicos, devido à complexidade de algumas tarefas psicomotoras, que exigem capacidades como atenção, compreensão, organização e planejamento, culminando em decisões mais assertivas.

Palavras-chave: Psicomotricidade; Educação Física; Ensino Fundamental.

A CONSTRUÇÃO DA VIDA DE UM SER HUMANO SOB A ÓTICA DE ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL: A PARTIR DO CONTEXTO LOCAL

Rodrigo Naranjo de Oliveira¹; Jander Phillipe Diniz Figueiredo¹; Paula Naranjo da Costa²

Mestrando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM)¹;
Mestra em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA)²

profrodrigonaranjo@gmail.com

Introdução: O desenvolvimento humano é um processo complexo e contínuo que abrange diversas etapas ao longo da vida, influenciado por fatores biológicos, sociais e culturais. No contexto educacional, compreender como as crianças percebem essas fases pode oferecer insights importantes sobre suas visões de mundo. **Objetivo:** Relatar a ótica de escolares do ensino fundamental sobre a construção e o desenvolvimento da vida do ser humano, conforme o contexto local onde vivem. **Metodologia:** Este relato foi desenvolvido em uma escola pública da cidade de Manaus/AM, com aproximadamente 50 alunos matriculados no primeiro ano do ensino fundamental, divididos em duas turmas. **Desenvolvimento:** Durante a aula de Educação Física, foi realizada uma atividade para compreender as percepções dos alunos sobre o indivíduo e sua relação com a comunidade local. A tarefa consistiu em descrever as etapas do desenvolvimento humano, do nascimento à morte. O ponto de partida foi pedir aos alunos que citassem o que um bebê faz, e as respostas foram: chorar, rolar, dormir, mamar. Em seguida, passamos para a fase em que o bebê começa a engatinhar, andar, correr, brincar e se relacionar com o ambiente. Essas informações foram anotadas na lousa, e ao final, discutimos a história que os estudantes construíram coletivamente. À medida que os alunos descreveram o crescimento do indivíduo, as relações com a localidade e a cidade tornaram-se intrínsecas. A construção da imagem de um profissional que trabalha em uma empresa local, adquire uma casa, tem filhos e se casa foi um ponto chave. A parte mais inusitada ocorreu quando o personagem se torna idoso, fica doente e falece em um hospital local. A dinâmica revelou como os estudantes imaginam o desenvolvimento humano e como se relacionam com o meio onde vivem. Notou-se que as descrições sobre envelhecimento e velhice foram limitadas, com um rápido fechamento da história na fase final da vida. **Considerações Finais:** Os resultados indicam que os alunos relacionam a construção da vida conforme a realidade local, a cidade onde vivem. Contudo, fica evidente a necessidade de uma maior orientação sobre o processo de envelhecimento, já que essa parte da dinâmica é abordada de forma superficial. Embora as memórias dos alunos estejam mais associadas à primeira infância, é importante incentivar o ensino da diversidade cultural e, especificamente na área de Educação Física, explorar as múltiplas facetas corporais que o indivíduo pode vivenciar em todas as etapas da vida.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino Fundamental; Contexto Social.

IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19 PARA A SAÚDE MENTAL NA INFÂNCIA

Ana Paula Rodrigues Nunes¹; Cellyane Farias Veríssimo² Luiz Augusto Dantas Prazeres³; Maiara Santos Vieira⁴; Flávia Nunes Ferreira de Araújo¹

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário UNIFACISA¹, Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário UNIFACISA², Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário UNIFACISA³, Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário UNIFACISA⁴, Doutora em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande¹

cellyanefarias8@gmail.com

Introdução: A pandemia do COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, transformou-se em uma crise de saúde pública que afetou diversos aspectos do cotidiano. Acerca disso, evidencia-se que o público infantil foi extremamente impactado em sua saúde mental durante esse período, o qual se configurou como agravante do estresse na infância de forma geral. **Objetivo:** Compreender os impactos da pandemia do COVID-19 para a saúde mental durante a infância e verificar a relevância desse fato na vida social e familiar das crianças e dos adolescentes. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados SciELO, LILACS e PubMed por meio do cruzamento dos descritores “Impactos do COVID-19”, “Saúde Mental” e “Infância”, empregando o operador booleano “AND”. Foram selecionados textos com idiomas inglês e português; entre 2020 e 2024; artigos gratuitos e disponíveis na íntegra. Foram excluídas outras revisões integrativas; duplicatas; trabalhos de conclusão de curso. Na busca inicial foram apresentados 52 documentos. Após a definição dos critérios de elegibilidade permaneceram 35 textos, ao aplicar os critérios de exclusão permaneceram 8 artigos na amostra final. **Resultados e Discussão:** Os resultados da pesquisa indicam que crianças e adolescentes foram significativamente afetados pela pandemia, especialmente em sua saúde mental. As principais alterações identificadas incluem aumento da irritabilidade, tédio e resistência a atividades diárias, além de mudanças nos hábitos de sono. O tempo excessivo em dispositivos eletrônicos sem supervisão trouxe riscos de dependência da internet. Essas condições, somadas ao medo do vírus e ao isolamento, intensificaram sintomas de ansiedade e estresse, levando a um aumento nos casos de transtornos mentais, como depressão. A neuropsicologia surge como ferramenta essencial para avaliação e intervenção. **Considerações Finais:** Pode-se perceber que o período pandêmico resultou em alterações no estilo de vida das crianças e dos adolescentes, os quais foram expostos a situações formadoras de um quadro situacional de forte impacto para a saúde mental neste grupo etário. Logo, o estudo aprofundado acerca das consequências da pandemia do COVID-19 na saúde mental durante a infância se faz essencial para maior compreensão dos comportamentos adquiridos neste período e ainda para a elaboração de medidas preventivas e planos de intervenção mais precisos destinados à estabilização do cenário de vulnerabilidade psicológica formado.

Palavras-chave: síndrome pós-COVID-19 aguda; saúde mental; estresse infantil.

A LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Midiã Oliveira Lima¹; Carla Lorena de Araújo Costa²

Fisioterapeuta, Docente da Faculdade Santo Antônio e Centro Universitário-UNIRB, Mestra em Tecnologias Aplicáveis a Bioenergia, Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva¹,
Fisioterapeuta, Docente da Faculdade Santo Antônio, Mestra em Tecnologias Aplicáveis a Bioenergia,²

midia.lima@fsaa.edu.br

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está associado a uma alteração neurobiológica que provoca déficits persistentes na comunicação e na interação social. Apesar de movimentos a favor da inclusão, crianças com TEA ainda são alvos de inquietações pelos profissionais da educação acerca de quais recursos metodológicos deverão ser usados para desenvolver o ensino e aprendizagem. **Objetivo:** Destacar a literatura infantil como recurso metodológico no ensino e aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que ocorreu no mês de Novembro de 2024. Teve como base de dados Pubmed, Lilacs, Medline, Scielo e os descritores “Literatura Infantil”, “Transtorno do Espectro Autista” e “Ensino”, no idioma português, tendo como 48 registros, sendo selecionados apenas 06 para análise. Como critérios de inclusão utilizou-se artigos dos dez últimos anos, e que abordassem sobre a literatura infantil como recurso metodológico no ensino e aprendizagem de crianças com TEA, e os de exclusão estudos fora da margem temporal e da temática proposta. **Resultados e Discussão:** Os livros infantis têm sua maneira de envolver e encantar as crianças, fazendo com que elas se identifiquem com seus temas, personagens e situações vividas. A criança com TEA experienciam uma sobrecarga sensorial durante a interação social, considerando-se que o professor é uma das fontes mais ricas de estimulação simultâneas no momento da contação de histórias, usando do tom da voz (estímulos auditivos), expressão facial (estímulo visual periférico) e referência a objetos e eventos ao redor (estímulo visual e auditivo periférico). Os estudos evidenciam que crianças com TEA possui dificuldades na imitação, e está relacionado aos déficits nas interações sociais; ao longo da vida poderá ter dificuldades maiores de compartilhar experiências vividas, apresentar empatia e construir relacionamento interpessoal, no decorrer dos contos literários o professor pode estimular que a criança imite, reproduzindo falas dos personagens, sons da natureza e de animais, imitar é uma maneira de aprender habilidades novas, propicia a interação social e o desenvolvimento da linguagem, por meio de movimentos de boca que levam a aquisição da fala. **Considerações Finais:** Nesta perspectiva trazer a literatura infantil como ferramenta metodológica de ensino e aprendizagem, especificamente para as crianças com TEA, significa oferecer para crianças experiências que desenvolva a imaginação, emoções e sentimentos, contribuindo para uma educação inclusiva e rompendo com o paradigma das limitações

Palavras-chave: Literatura infantil; Ensino; Transtorno do espectro autista.

PEDIASUIT: INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA NO DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES MOTORAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Carla Lorena de Araujo Costa¹, Midiã Oliveira Lima²

Fisioterapeuta pós-graduada em pediatria, neonatologia e TEA, Formação em Peditasuit, Mestre em Tecnologias Aplicáveis à Bioenergia e Docente da Faculdade Santo Antônio.

Fisioterapeuta, Docente da Faculdade Santo Antônio e Centro universitário – UNIRB, Mestre em Tecnologias Aplicáveis à Bioenergia²

carlalorenacosta.fisio@gmail.com

Introdução: Sabe-se que o espectro autista, apresenta dificuldades em interagir socialmente e em imitar ou aprender por observação, que é uma das funções básicas dos neurônios-espelho. Disfunções dos neurônios-espelho podem comprometer as habilidades motoras e sociais, o que acaba por prejudicar o desenvolvimento neuropsicomotor das crianças autistas. Nesse contexto, estratégias terapêuticas vêm sendo utilizadas como forma de intervenção, dentre elas o método Peditasuit, onde através de um protocolo intensivo e de uma vestimenta ortopédica é possível criar um correto alinhamento postural e uma descarga de peso adequada. **Objetivo:** Apresentar as contribuições do método Peditasuit no desenvolvimento das habilidades motoras de crianças com TEA. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, onde buscou-se artigos científicos do tipo descritivo nas bases de dados Medline, PubMed e Scielo, utilizando os descritores “autismo”, “neurônio-espelho” e “peditasuit”. Os critérios de inclusão foram artigos publicados nos últimos 6 anos, nos idiomas português e inglês que abordassem sobre o tema, e de exclusão dissertações, teses e resumos, estudos fora do tema e do período selecionado. Foi feita uma leitura geral do material, seguido pela exploração e, por fim, questionamento, dedução e interpretação dos resultados dos 5 artigos incluídos na presente revisão. **Resultados e Discussão:** Os estudos evidenciam melhora no controle postural, pois os elásticos envolvidos na roupa (tracionadores) irão forçar adequadamente a criança a realizar o movimento corretamente; na coordenação motora global grossa e na marcha, visto que o método favorece a participação motora da criança de forma ativa; ganhos com relação à propriocepção corporal, equilíbrio e nas habilidades relacionadas à estabilidade estática e dinâmica, uma vez que a vestimenta promove à normalização do tônus muscular e o restabelecimento da função sensorial e vestibular. **Conclusão:** O método quando aplicado da forma correta pode contribuir positivamente no aperfeiçoamento das habilidades motoras de crianças com TEA, já que proporciona melhora no desenvolvimento neuropsicomotor, no entanto, apesar de ser uma abordagem terapêutica, são encontrados poucos artigos em português, chegando à conclusão da necessidade de maior difusão de informações acerca do Peditasuit no país e de profissionais especializados na área.

Palavras-chave: Autismo; Neurônio-motor; Peditasuit.

DOENÇAS TRANSMITIDAS POR ALIMENTOS E O PAPEL DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Vitória Vieira Melo Ramalho¹; Yara Jainne do Nascimento Barros²; Glória Maria Diógenes Santiago de Lima³; Marta Gomes de Magalhães⁴; Maria do Socorro Vieira Pereira¹; Quênia Gramile Silva Meira².

Graduando em Medicina pela Afya Paraíba¹²³⁴, Docente da Afya Paraíba¹²
vitoria.melo@live.com

Introdução: As doenças transmitidas por alimentos são infecções ou intoxicações resultantes do consumo de alimentos ou bebidas contaminadas, seja por microrganismos como bactérias, vírus, parasitas ou substâncias químicas. As crianças constituem a população mais vulnerável a esse tipo de doença, devido a fragilidade do sistema imunológico, maior exposição a agentes patogênicos, somada à falta de entendimento sobre segurança alimentar. Nesse sentido, as práticas de educação em saúde envolvendo a segurança alimentar são fundamentais, pois desempenham um importante papel na prevenção da saúde infantil. **Objetivo:** Relatar o impacto das práticas de educação em saúde e segurança alimentar na prevenção de doenças alimentares na infância, de acordo com a experiência vivenciada durante visitas realizadas em creches da região metropolitana de João Pessoa, Paraíba. **Metodologia:** Este trabalho consistiu em um estudo descritivo e reflexivo, do tipo relato de experiência, baseado nas práticas vivenciadas por acadêmicos de medicina nas ações de um projeto de extensão do curso de Medicina que trata sobre segurança microbiológica dos alimentos, desenvolvido no ano de 2024. **Relato de experiência:** As ações do projeto tiveram como público-alvo merendeiras e crianças entre a faixa etária de 2 a 4 anos. Essas ações foram divididas em duas etapas: (1) a primeira abordagem foi realizada com as merendeiras ensinando a forma correta de higienização, armazenamento e manuseio dos alimentos e utensílios. Também foi explicado com o auxílio de recursos digitais ilustrativos os principais microrganismos infecciosos envolvidos na patogênese e as doenças transmitidas por eles. (2) A segunda abordagem foi direcionada para as crianças, feita de forma leve e descontraída, utilizando uma linguagem lúdica e imagens divertidas com desenhos e personagens, sobre importância dos cuidados com a higiene, especialmente das mãos, e as doenças que uma higienização inadequada pode causar. Além disso, foi demonstrada a técnica correta de lavagem das mãos, onde todos participaram e aprenderam na prática. **Considerações finais:** As informações prestadas foram acolhidas pelas crianças e merendeiras de forma muito positiva, ambas demonstraram grande interesse na dinâmica, entendendo forma correta de lavar as mãos e sua importância ao longo do dia. Desse modo, essa experiência ressalta a relevância das práticas de educação em saúde e segurança alimentar na proteção da saúde infantil, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Ao abordar esses temas de forma lúdica para as crianças, é possível sensibilizá-las sobre os riscos das doenças alimentares e a importância de hábitos saudáveis de higiene para a manutenção da saúde.

Palavras-chave: Saúde da criança; Doenças transmitidas por alimentos; Segurança alimentar.

O EFEITO DA FISIOTERAPIA MOTORA NA INTEGRAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Naiarilly de Aquino Benicio¹; Lavínia Beatriz Carmo de Almeida²

Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas¹, Fisioterapeuta pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas²

naiarilly.aqui@gmail.com

Introdução: Crianças com deficiência enfrentam diversos desafios na interação social, que vão desde limitações físicas até a falta de um ambiente adaptado. Aquelas com alterações na aparência enfrentam barreiras adicionais, pois a falta de respeito pelas diferenças ainda é uma realidade na sociedade, especialmente nas escolas. Diante disso, a fisioterapia pode ser uma importante aliada na inclusão e socialização dessas crianças. **Objetivo:** Explorar o efeito da fisioterapia motora como ferramenta eficaz na integração social de crianças com deficiência no ambiente escolar. **Metodologia:** Este estudo trata-se de uma revisão de literatura, com abordagem qualitativa, e caráter descritivo, baseada em artigos que atendessem o objetivo proposto. A busca foi realizada nas bases de dados eletrônicas: SciELO e PubMed, os descritores utilizados na pesquisa foram: "ambiente escolar", "integração social" e "fisioterapia pediátrica", em inglês e português, com o operador booleano "AND". Os critérios de elegibilidade incluíram artigos nos idiomas português e inglês e publicados nos últimos 10 anos. Já os critérios de exclusão envolveram dissertações, teses, artigos incompletos, duplicados e estudos com pouca clareza metodológica. A busca resultou em 14 estudos, dos quais 4 foram considerados elegíveis após análise de título, resumos e leitura na íntegra e, assim, foram utilizados para a elaboração desse estudo. **Resultados e Discussões:** De acordo com estudos, a fisioterapia motora desempenha um papel fundamental na inclusão de crianças com deficiência, proporcionando habilidades motoras que promovem a interação social, além de melhorar a coordenação motora, o controle postural e a conscientização corporal. Além disso, estudos afirmam que crianças com deficiência precisam de adaptações no ambiente escolar, como ajustes no espaço físico e recursos específicos que lhes garantem igualdade de oportunidade e melhor desempenho. Ademais, cada criança apresenta dificuldades e limitações específicas, o que torna essencial uma intervenção terapêutica individualizada, sendo importante destacar a atuação do fisioterapeuta na avaliação do ambiente físico, identificação dos obstáculos e elaboração de estratégias para superá-los. Com essa abordagem, a fisioterapia se torna um grande agente na construção de um ambiente inclusivo e adaptado, onde as diferenças e habilidades individuais são respeitadas e valorizadas. **Conclusões:** Conclui-se que a fisioterapia motora, como estratégia de inclusão social, é uma intervenção eficaz para crianças com deficiência, pois não apenas favorece o desenvolvimento das habilidades motoras e sociais, mas também melhora a qualidade de vida e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: ambiente escolar; integração social; fisioterapia pediátrica.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: COMO ESSA PROBLEMÁTICA IMPACTA NO FUTURO PROFISSIONAL DE JOVENS ADOLESCENTES.

Iara Cristina Soares da Cruz¹; Alessandra Batista Sabino Lopes²; Daniel Vieira de Souza³; Alan de Souza⁴; Rafaela Rita dos Santos Laranjeira;⁵ Mayco Gonzaga do Nascimento⁶; Paula Paulina Costa Tavares⁷

Graduandos em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹, Mestrando em Enfermagem Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste²

iaracruz0706@gmail.com

Introdução: A adolescência é um período de intensas transformações, marcado pela busca por novas experiências. Comportamentos como o uso de álcool e drogas e a prática sexual precoce podem resultar em gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis, afetando a continuidade da vida escolar. Globalmente, muitos adolescentes engravidam anualmente, e, no Brasil, cerca de 18% dos nascimentos são de mães adolescentes, representando um desafio para a saúde pública. A gravidez na adolescência contribui para o aumento da mortalidade materna, o abandono escolar e a limitação das oportunidades futuras, tornando essencial promover intervenções que ampliem o acesso à informação e incentivem a prevenção. **Objetivo:** Relatar uma experiência educativa realizada com adolescentes sobre métodos contraceptivos, os riscos da gravidez precoce e a importância do planejamento para o futuro. **Metodologia:** Este relato descreve uma atividade educativa realizada em outubro de 2024 com alunos do 2º ano do ensino médio de uma escola estadual do Recôncavo Baiano. A ação foi dividida em três etapas: a primeira tratou de métodos contraceptivos e os impactos da gravidez precoce; a segunda discutiu o planejamento para o futuro e o acesso ao ensino superior; e a última consistiu em uma dinâmica de perguntas e respostas. A atividade, com 40 minutos de duração, foi conduzida por estudantes de Enfermagem, utilizando slides e banners para facilitar o engajamento. **Resultados e Discussão:** A adolescência é um período de busca por novidades, muitas vezes sem considerar as consequências. Na atividade, buscamos não só alertar sobre cuidados necessários, mas também abordar o acesso à informação, vulnerabilidade social e condições financeiras. A etapa teórica trouxe conteúdos relevantes, seguida de uma prática que estimulou a interação. Utilizamos uma dinâmica de perguntas e respostas com premiações para incentivar a participação. A classe foi dividida para debater questões, o que fixou o aprendizado de forma lúdica e interativa. Observamos grande interesse dos alunos, destacando a importância de abordagens educativas nas escolas. **Conclusão:** Iniciativas como essa promovem a autonomia e o empoderamento dos jovens, permitindo escolhas mais conscientes e responsáveis. A escola é um espaço adequado para abordar a educação sexual, ajudando a reduzir a gravidez na adolescência e a fortalecer oportunidades futuras. Investir na educação sexual é uma estratégia eficaz para promover uma sociedade mais justa e inclusiva, onde os jovens possam alcançar seu potencial máximo.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Saúde Reprodutiva; Gravidez na Adolescência.

OS BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO PARA O CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Kássia Marcela Silva Sousa¹; Lilia Monik Souza Figueiroa Silva¹; Thamyres dos Santos Silva¹; Angella Nobre Mendes Santos¹; Luana Cabral Bezerra¹; Tayane Moura Martins²

Graduanda em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Enfermeira e docente da Universidade do Estado do Pará, mestra em promoção da saúde, desenvolvimento humano e sociedade²

Email: sarafernanda140@gmail.com

Introdução: O Aleitamento Materno Exclusivo (AME) é o processo pelo qual o lactente recebe somente o leite da mãe, seja direto da mama ou por meio da ordenha, sem a oferta de outros alimentos líquidos ou sólidos. O leite materno possui todos os nutrientes necessários para o crescimento e desenvolvimento infantil e faz-se necessário mantê-lo exclusivo até os seis meses de vida. No entanto, apesar da importância dessa prática, a prevalência do AME no Brasil é de 45,8%, acarretando em agravos à saúde e na restrição do crescimento e desenvolvimento infantil, além de aumentar os índices de morbidade e mortalidade nessa faixa etária. **Objetivo:** Identificar os benefícios do Aleitamento Materno Exclusivo para o crescimento e desenvolvimento infantil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica de estudos disponíveis nas bases de dados Periódicos CAPES e LILACS, publicados entre 2019 a 2024. Os descritores utilizados foram “Aleitamento materno”, “Crescimento e desenvolvimento” e “Saúde da criança”, intercedidos pelo operador booleano AND. Foram inclusos artigos publicados no idioma português, disponíveis gratuitamente e na íntegra. Os fatores de exclusão incluem artigos publicados em idiomas estrangeiros, teses e dissertações e publicações realizadas no período anterior ao ano 2019. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 74 artigos e selecionados 17 para compor a revisão bibliográfica. Os estudos apontam que o AME é de extrema importância para a saúde da criança, pois: contribui para a maturação do sistema gastrointestinal, estabelecendo bom funcionamento intestinal; atua no crescimento celular, propiciando o crescimento adequado para a idade da criança; promove a maturação e desenvolvimento cognitivo e emocional; fortalece o vínculo materno-infantil; previne infecções por meio da produção de anticorpos; proteção contra alergias alimentares e respiratórias; prevenção da anemia e doenças diarreicas; alívio da cólica abdominal; diminuição do risco de desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis como diabetes e hipertensão arterial; menor probabilidade do desenvolvimento de obesidade e desnutrição; desenvolvimento da musculatura facial e cavidade oral; auxílio na formação do sistema nervoso central, bem como intensifica as taxas de mielinização e crescimento neuronal. **Conclusão:** O Aleitamento Materno Exclusivo possui papel primordial na promoção da saúde infantil, aumentando a expectativa de vida ao nascer e reduzindo a morbimortalidade por doenças e agravos preveníveis. Portanto, faz-se necessário realizar educações em saúde visando o fortalecimento e o incentivo dessa prática desde o pré-natal até os primeiros seis meses de vida, visando o adequado crescimento e desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: saúde da criança; promoção da saúde; prevenção de agravos.

IMPORTÂNCIA DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NA PROMOÇÃO E APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Nara Cristina Pereira da Silva¹; Gleiciane da Silva Everton²; Letícia Maria Almeida Teixeira³

Enfermeira, professora universitária da Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS, curso de Medicina¹, Enfermeira, professora universitária da Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS, curso de Medicina², Enfermeira pela Universidade Federal de Mato Grosso³

nara.cp@unitins.br

Introdução: O aleitamento materno é essencial para a saúde e o desenvolvimento infantil, além de trazer benefícios à saúde materna e fortalecer o vínculo entre mãe e filho. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde recomendam o aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida e sua continuidade até os dois anos ou mais. No entanto, muitas mães enfrentam desafios que dificultam a prática, e o apoio dos profissionais de saúde é fundamental para o sucesso da amamentação.

Objetivo: Destacar a importância do apoio e atuação da equipe multidisciplinar na atenção primária à saúde para a promoção, prevenção de problemas e apoio ao aleitamento materno. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão bibliográfica de estudos publicados entre 2015 e 2023, que abordam a atuação de equipes multidisciplinares na atenção primária e sua influência na promoção e apoio ao aleitamento materno. Foram incluídos estudos que analisam práticas de profissionais como enfermeiros, médicos, nutricionistas, psicólogos e assistentes sociais em unidades básicas de saúde. A revisão destacou ações de orientação, planejamento e suporte direto às mães, por meio de atividades como consultas, grupos de apoio, visitas domiciliares e o uso de materiais educativos, abordando aspectos emocionais, físicos e sociais que impactam a amamentação. **Resultados:** Estudos demonstram que a assistência de uma equipe multidisciplinar aumenta as taxas de aleitamento materno exclusivo e reduz o desmame precoce. Profissionais de saúde treinados oferecem informações e suporte prático, ajudando as mães a superar dificuldades iniciais e a desenvolver confiança no processo. A presença de um sistema de apoio também contribui para reduzir o estresse materno e facilitar a adesão às recomendações. **Conclusão:** O papel da equipe multidisciplinar na atenção primária à saúde é crucial para a promoção e apoio ao aleitamento materno. Uma abordagem integrada, que abrange aspectos educacionais, emocionais e técnicos, é fundamental para enfrentar os desafios do aleitamento, contribuindo para a saúde e o bem-estar de mães e bebês.

Palavras-chave: Aleitamento materno. Atenção primária à saúde. Equipe multidisciplinar. Promoção da saúde. Prevenção de desmame precoce

BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO

Núbia Gaia Viana¹; Natália Gaia Viana²

Graduanda em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará²

nubiagaiav@gmail.com

Introdução: A Organização mundial da saúde (OMS), propõe que crianças sejam amamentadas no mínimo até os dois anos, sendo que, durante os seis primeiros meses de vida é indicado o aleitamento materno exclusivo (AME), as recomendações do aleitamento materno se atribuem pelos benefícios ofertados para o bebê e para a mãe, como o fortalecimento do vínculo entre mãe e filho e a riqueza de nutrientes presentes no leite humano, essenciais para o desenvolvimento saudável a curto e longo prazo.

Objetivo: Investigar na literatura os benefícios do aleitamento materno. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, produzida a partir de pesquisas das bases de dados Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), elaborada com auxílio dos descritores: “Aleitamento Materno” e “Desenvolvimento Infantil”, disponíveis nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), combinados através do operador booleano “AND”. A pesquisa tem como questão norteadora: “Quais os benefícios do aleitamento materno para a saúde do bebê?”. Foram incluídos artigos em português e inglês, publicados entre 2019 à 2024, sendo aplicado como critério de exclusão textos incompletos. Quando aplicados os critérios de inclusão e exclusão, foram identificados 124 artigos e, após leitura, somente três pesquisas foram escolhidas para compor o estudo. **Resultados e Discussão:** Os trabalhos indicam que a amamentação está relacionada a melhores resultados de desenvolvimento comportamental, emocional, cognitivo e físico, os quais são associados a composição do leite humano, que atua fortalecendo o sistema imunológico, contribuindo para que a criança alcance o peso e a estatura adequada e conferindo diversos benefícios para o desenvolvimento do bebê, como a redução de riscos de obesidade, doenças respiratórias, gastrointestinais, endócrinas e até mesmo doenças cancerígenas, alguns exemplos são a asma, diabetes e leucemia na idade adulta. A literatura também demonstra que o aleitamento materno diminui complicações associadas à prematuridade, como a enterocolite necrosante e a displasia broncopulmonar. Os resultados positivos identificados na amamentação reforçam a relevância dessa prática para a saúde da criança. **Considerações Finais:** Em síntese, o aleitamento materno é um investimento na saúde e no bem-estar das crianças, os benefícios para o desenvolvimento infantil são inúmeros e duradouros, justificando a importância de incentivar e apoiar essa prática.

Palavras-chave: amamentação; desenvolvimento infantil; aleitamento materno.

DIAGNÓSTICO PRÉ-NATAL DA SÍNDROME DE PATAU: MÉTODOS E ACONSELHAMENTO GENÉTICO

Geyselaine Flor Santana¹; José Roberto Vaz Carneiro¹; Ana Beatriz Silva Costa¹; Iane Dutra de Morais¹; Maria Paloma Dantas Silva¹; Fernando da Silva Lima¹; Igor Luiz Vieira de Lima Santos²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Docente do Centro de Educação e Saúde, da Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, PB, Brasil.²

geyselaine7736@gmail.com

Introdução: A síndrome de Patau, ou trissomia do cromossomo 13, é uma anomalia genética caracterizada pela presença de um cromossomo 13 extra. A incidência varia de 1 em 10.000 a 20.000 nascidos vivos, e a maioria dos fetos afetados não sobrevive até o nascimento, com uma mortalidade pré-natal superior a 95%. Desse modo, o diagnóstico pré-natal precoce é fundamental para orientar o manejo da gestação e permitir decisões informadas pelos pais quanto à continuidade da gravidez, além de fornecer suporte genético e psicológico às famílias. **Objetivo:** Apresentar os métodos disponíveis para o diagnóstico pré-natal da síndrome de Patau e destacar o papel do aconselhamento genético no processo decisório. **Metodologia:** Este estudo é uma revisão integrativa da literatura, com base nas produções científicas do PubMed e Scielo. Os descritores utilizados foram: Patau syndrome, Trisomy 13, Genetics, Prenatal diagnosis, Ultrasound, Amniocentesis e Chorionic villus sampling. **Resultados e Discussão:** A idade materna avançada é um fator de risco relevante para trissomia 13 devido à maior frequência de não disjunção cromossômica com o aumento da idade. Contudo, cerca de 20% dos casos de trissomia 13 podem resultar de translocações cromossômicas desequilibradas ou, raramente, de mosaicismos. Os métodos de diagnóstico da síndrome de Patau incluem exames de triagem e testes diagnósticos confirmatórios. Entre os testes de triagem, a ultrassonografia morfológica é essencial, pois identifica malformações fetais, como anomalias cardíacas e defeitos do tubo neural. Somado a isso, o rastreamento de marcadores séricos maternos, como a alfafetoproteína (AFP) e o estriol não conjugado (uE3), também pode auxiliar na avaliação do risco de anomalias cromossômicas, embora esses marcadores não sejam específicos para a síndrome de Patau. Esses métodos não são invasivos e apresentam-se seguros para a mãe e a criança. **Conclusão:** Por conseguinte, o aconselhamento genético é um componente fundamental em todo o processo de diagnóstico pré-natal, fornecendo suporte emocional e esclarecimentos detalhados aos pais sobre os resultados dos exames, prognósticos, além de informar o risco de recorrência em futuras gestações e as implicações éticas e morais das decisões sobre a gravidez. Outrossim, o suporte especializado é essencial para que os pais façam escolhas informadas e alinhadas com seus valores.

Palavras-chave: crianças; t13; genética.

EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NA PRÁTICA DE CURATIVOS NA ATENÇÃO TERCIÁRIA: CONTRIBUIÇÃO PARA O APRENDIZADO

Fátima Prisciele Aguiar Lima¹; Niele Duarte Ripardo²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú¹, Docente pela Universidade Estadual Vale do Acaraú²

prisciele13lima@gmail.com

Introdução: O cuidado com feridas requer conhecimento técnico e científico para que seja possível uma melhor recuperação do paciente que necessita dos cuidados de enfermagem para sua evolução clínica. Nesse sentido, necessita-se de expertise na realização dos curativos para interpretar cada caso e assim, observar qual a melhor intervenção para cada situação. Desse modo, a realização de estágios acadêmicos durante a graduação de enfermagem é fundamental para que o aluno desenvolva seus conhecimentos teóricos na prática, tal qual conhecimentos voltados para a estomaterapia, que envolve o cuidado com feridas agudas, crônicas, fissuras, drenos e cateteres, visando proporcionar uma melhor e mais rápida recuperação ao paciente. Portanto, é de grande importância para o acadêmico e futuro profissional adquirir não apenas o conhecimento teórico, como também prático de suas atribuições, além de vivenciar a realidade profissional na prática. **Objetivo:** Relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem na prática de curativos na atenção terciária. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência de natureza descritiva acerca do cuidado de feridas, vivenciado por acadêmicos do curso de enfermagem do quarto período no módulo de vida adulta da Universidade Estadual Vale do Acaraú na clínica cirúrgica de um hospital de ensino durante os meses de agosto e setembro de 2024. Os acadêmicos tinham acesso ao prontuário de cada paciente e escolhiam um deles para realizar o curativo, juntamente com a ajuda da professora e enfermeira responsável pela turma. **Resultados e Discussão:** Os acadêmicos realizaram um papel essencial dentro da atenção terciária, pois contribuíram com os afazeres da equipe de enfermagem através da realização dos curativos. Ademais, foi possível perceber um avanço na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos através da realização dos curativos e diálogo com os pacientes e seus acompanhantes, além de um despertar pela estomaterapia como especialidade de enfermagem, evidenciando, assim, a grande relevância do estágio acadêmico no desenvolvimento de habilidades profissionais. **Considerações Finais:** Por fim, diante da experiência decorrida, foi possível observar que os acadêmicos conseguiram evoluir profissionalmente através dos estágios, como na forma de abordar e tratar os enfermos, no manejo seguro das feridas e em como portar-se diante de casos diversos.

Palavras-chave: Enfermagem; Atenção Terciária à Saúde; Capacitação Profissional.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ENFERMEIRA NA INTERNAÇÃO PEDIÁTRICA: PRÁTICAS E DESAFIOS

Letícia Maria Almeida Teixeira¹; Nara Cristina Pereira da Silva²;

Enfermeira graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso¹; Enfermeira graduada pela
Universidade Estadual do Tocantins ²

leticiateixeira4@gmail.com

Introdução: Este relato descreve a experiência de uma enfermeira na internação pediátrica de um hospital público municipal em Cuiabá-MT, onde atua desde 2019. **Objetivo:** Compartilhar vivências e reflexões sobre o trabalho no setor de pediatria, abordando a estrutura da unidade, as atividades desempenhadas e os desafios enfrentados na prática diária. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência baseado na prática assistencial e observacional da profissional, que integra a equipe multiprofissional da unidade pediátrica composta por enfermeiros, técnicos de enfermagem, médicos pediatras e especialistas de diversas áreas, incluindo fisioterapia e odontologia bucomaxilofacial. A unidade conta com 8 enfermarias, cada uma com 3 leitos e leito de suporte adicional. Em casos de demanda emergencial, são utilizados leitos extras e um leito de isolamento para cuidados de precaução. A unidade atua como hospital escola, recebendo alunos de medicina, enfermagem e técnico em enfermagem, o que influencia no ambiente de trabalho. **Resultados e Discussão:** As principais patologias tratadas incluem pneumonia, broncopneumonia, desidratação, fraturas, traumatismo cranioencefálico, além de condições específicas como macrocefalia e microcefalia. A equipe de enfermagem é composta por duas enfermeiras e seis técnicos de enfermagem, distribuídos conforme a necessidade de cada plantão, que funciona no esquema 12x36 horas. Entre as atividades realizadas estão a administração de medicamentos, trocas de curativos, nebulizações, e manutenção do setor. A unidade dispõe também de uma pedagoga especializada em classe hospitalar, que desenvolve atividades educativas e lúdicas na brinquedoteca, um espaço essencial para o bem-estar das crianças internadas, equipado com televisão e brinquedos. No atendimento pediátrico, observa-se que a comunicação precisa ser clara, acessível e sensível, tanto para as crianças quanto para seus responsáveis. A prática assistencial evidencia a importância da comunicação verbal e não verbal, onde gestos de empatia e acolhimento são fundamentais para criar um vínculo de confiança entre a equipe, a criança e seus pais, facilitando a adesão ao tratamento. O cuidado técnico exige precisão, especialmente na administração de medicamentos, que frequentemente ocorrem em microdoses, aumentando o risco de erros na dosagem, o que exige aprimoramento constante em cálculos de fármacos. **Considerações Finais:** O trabalho na internação pediátrica demanda múltiplas habilidades, abrangendo conhecimentos técnicos, habilidades de comunicação e empatia, bem como adaptação às demandas diárias de um ambiente dinâmico e de alta complexidade. A experiência reforça a importância do preparo técnico e emocional para o atendimento integral e humanizado à criança e ao adolescente, contribuindo para uma prática de enfermagem segura e qualificada.

Palavras-chaves: hospitalização; pediatria; cuidado da criança.

A TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL E SUAS ESTRATÉGIAS NA REDUÇÃO DA AGRESSIVIDADE INFANTIL: RELATO DE CASO

Pâmella Suyly Gomes Lopes¹

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Pará¹, Mestranda em Educação pela Unicid¹

psicologapamellalopes@gmail.com

Introdução: A Terapia Cognitivo Comportamental, emergiu como uma abordagem terapêutica com amplo crescimento nas últimas décadas. Inicialmente focada no tratamento de pacientes com depressão, a TCC se expandiu para abranger uma variedade de transtornos. A aplicação da TCC com crianças tem ganhado destaque, adaptando suas técnicas para atender às necessidades específicas das crianças. Esse modelo terapêutico infantil integra aspectos do ambiente familiar e escolar, considerando as complexas interações desses contextos. **Objetivo:** relatar um caso de sucesso no uso da TCC para o tratamento de agressividade em uma criança. **Metodologia:** o atendimento foi realizado em uma clínica em Belém-PA, com um menino de 6 anos que apresentava comportamentos agressivos tanto na escola quanto em casa com os cuidadores, incluindo ameaças de agressão a professores e colegas. O tratamento consistiu em vinte sessões semanais, realizadas entre janeiro e junho do ano em questão. Durante esse período, foram realizadas entrevistas com os pais, visita à escola e sessões terapêuticas com a criança. A abordagem adotada focou na construção de uma aliança terapêutica com a criança, com uma compreensão detalhada da queixa que, embora relacionada à escola, envolvia questões subjacentes mais complexas. Técnicas cognitivas e comportamentais foram aplicadas ao longo do processo, utilizando recursos como desenhos e histórias sociais para ajudar a criança a identificar e entender suas emoções, além de vincular essas emoções aos seus comportamentos. **Resultados e discussão:** Foi criado um quadro de recompensas no qual a criança poderia colocar cards como reforço para comportamentos desejáveis. Além disso, atividades prazerosas com os pais foram incorporadas para fortalecer a relação e trabalhar o reconhecimento das emoções e comportamentos da criança. Os pais receberam orientações específicas sobre como registrar comportamentos de birra e agressividade, para que fosse possível aplicar estratégias de enfrentamento adequadas diante dessas situações. As intervenções terapêuticas envolveram atividades lúdicas, como desenhos, leitura e lista diária de atividades, além do monitoramento constante dos comportamentos disfuncionais. **Conclusão:** embora o processo terapêutico ainda esteja em andamento, os resultados preliminares indicam uma melhora significativa no comportamento da criança. A redução das atitudes agressivas, como insultar, ofender e bater, está relacionada tanto à mudança nos comportamentos da criança quanto ao manejo adequado realizado pelos pais. A qualidade da interação pais-filho também melhorou, o que contribuiu para um ambiente mais saudável e favorável ao desenvolvimento da criança. Essas mudanças iniciais são essenciais para o desenvolvimento emocional da criança, especialmente no processo de formação de seus esquemas mentais.

Palavras-chave: Terapia Cognitivo Comportamental; estratégias de intervenção; agressividade.

RELAÇÃO ENTRE COVID-19 E INCIDÊNCIA DA COQUELUCHE

Laura Gonçalves Pereira Silva¹; Livia Maia Pascoal²

Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará²

laura.gps@discente,ufma.br

Introdução: A pandemia da COVID-19 influenciou vários aspectos da vida da população pelas medidas impostas para tentar reduzir a sua disseminação, como o isolamento social e uso de máscaras, o que também influenciou na diminuição de outras doenças infectocontagiosas, como a coqueluche. A coqueluche é uma doença bacteriana de notificação compulsória transmitida por gotículas de secreção da orofaringe eliminadas pelo doente, que é potencialmente fatal para crianças menores de um ano devido ao comprometimento do aparelho respiratório. **Objetivo:** Analisar a relação entre a pandemia da COVID-19 e a incidência da coqueluche no Brasil no período de 2019 a 2024. **Metodologia:** Estudo epidemiológico realizado com dados de domínio público sobre casos confirmados por ano de coqueluche referente aos anos de 2019 a 2024, obtidos no Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN). Os dados foram extraídos no dia 25 de julho de 2024 a partir do Painel Epidemiológico disponibilizado pelo Ministério da Saúde. **Resultados e Discussão:** No Brasil, a coqueluche teve 1.562 casos confirmados em 2019, 228 casos em 2020, 159 em 2021, 245 em 2022, 217 em 2023 e 339 até o início do mês de julho de 2024, totalizando 2750 casos. Ao excluir os anos pré e pós-pandêmicos (2019 e 2024, respectivamente), foram registrados 849 casos. Os casos tiveram uma queda drástica a partir de 2020, ano da ascensão da COVID-19, visto que o isolamento social, o uso de máscara e as outras medidas de contenção não-farmacológicas diminuíram a incidência da coqueluche, tendo em vista sua forma de transmissão semelhante. Contudo, esta queda acompanhou a diminuição da cobertura vacinal a partir de 2019, revertido somente em 2023, e o atual aumento de caso. Um alerta emitido pela Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), aponta um aumento significativo nas notificações do segundo semestre de 2023 e primeiros meses de 2024 em diversos países da América. Mesmo com a inferioridade em relação a média de 2012-2019, a elevação ainda se faz presente. **Conclusão:** A coqueluche, por elevar a mortalidade e morbidade infantil, é uma doença de extrema relevância que, apesar de ser evitada por vacina, só teve sua diminuição drástica devido a ações impostas para o controle de outra doença de impacto mundial, a COVID-19. Contudo, destaca-se que imunização é a principal forma de combate à coqueluche.

Palavras-chave: coqueluche; COVID-19; doenças transmissíveis.

A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NO NEURODESENVOLVIMENTO INFANTIL

Pedro Henrique Lessa de Oliveira¹; Suzan Kelly Macedo²

Graduando em medicina pela Universidade Federal de Goiás¹, Graduanda em medicina pela Universidade Federal de Goiás e graduada em nutrição pela Universidade Federal de Goiás²

pedro.lessa@discente.ufg.br

Introdução: A ansiedade é uma emoção universal que, quando excessiva, pode ter efeitos profundos no neurodesenvolvimento infantil. Entender como a ansiedade afeta as crianças é essencial para desenvolver intervenções eficazes que possam mitigar seus efeitos negativos. **Objetivo:** Analisar os impactos da ansiedade no desenvolvimento neurológico das crianças, com base em estudos recentes, a fim de destacar os mecanismos envolvidos e as possíveis estratégias de intervenção. **Metodologia:** O estudo se trata de uma revisão de literatura baseada em artigos publicados no PubMed entre 2019 e 2024. Foi realizada uma busca usando os descritores "anxiety", "neurodevelopment" e "Child", encontrando 211 resultados. Utilizando como critérios de inclusão textos completos, disponíveis gratuitamente, em inglês, e como critérios de exclusão textos fora do período estipulado, pagos, não alinhados com os objetivos da pesquisa e em idiomas diferentes dos selecionados, foram escolhidos 5 estudos que mais se adequam à temática abordada. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados indicam que a ansiedade pode interferir significativamente no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Os estudos atuais mostram como a ansiedade pode impactar negativamente a capacidade de aprendizagem e a memória associativa, sugerindo que intervenções para reduzir a ansiedade podem melhorar os resultados acadêmicos. Alguns estudiosos fornecem um framework para entender como a regulação emocional se desenvolve e como a capacidade de gerenciar o medo e a ansiedade evolui ao longo do tempo. Outras literaturas exploram o impacto da depressão, ansiedade e estresse maternos no desenvolvimento neurológico precoce de meninos e meninas. Também é utilizada big data para mapear trajetórias neurodesenvolvimentais em crianças com ansiedade. Nessa perspectiva, é notório que a exposição a traumas e o desenvolvimento puberal acelerado podem ligar-se ao desenvolvimento de depressão e ansiedade na adolescência. **Conclusão:** A ansiedade tem um impacto significativo no neurodesenvolvimento infantil, afetando áreas como a aprendizagem, regulação emocional e desenvolvimento social. Os estudos revisados destacam a importância de intervenções precoces e integradas que abordam tanto os aspectos emocionais quanto cognitivos da ansiedade. Suporte emocional para mães, estratégias de regulação emocional para crianças e uso de big data para mapear trajetórias de desenvolvimento são abordagens promissoras para mitigar os impactos negativos da ansiedade. Políticas públicas e intervenções educacionais devem focar na promoção do bem-estar emocional das crianças, garantindo um ambiente de aprendizagem saudável e de apoio.

Palavras-chave: ansiedade; neurodesenvolvimento; infância.

O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DE HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS NA INFÂNCIA

Maria Luiza Vitoraci de Souza¹; Ana Vitória Santos de Oliveira²; Ana Carolina dos Santos Ferreira³; Yana Luísa Pereira Barreto⁴; Fernanda dos Santos Palmeira Lima⁵;

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo ¹, Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo ², Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo ³, Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo ⁴, Enfermeira pela Universidade Federal do Espírito Santo Pós graduação Lato sensu em Enfermagem do Trabalho, Pós graduação Lato sensu em na Atenção Primária com Ênfase na Estratégia de Saúde da Família, Pós graduação Lato sensu em Gestão em Saúde e Pós graduação em Cuidado Interprofissional na Área de Imunizações ⁵

vitoracidesouza@gmail.com

Introdução: A infância é um período repleto de descobertas e mudanças nas práticas alimentares. As crianças começam a estabelecer suas preferências e a desenvolver autonomia nas escolhas relacionadas à alimentação incluindo a seletividade alimentar, a diminuição do apetite ou, em alguns casos, o consumo excessivo de alimentos ultraprocessados, que podem afetar seu crescimento e desenvolvimento. Além das necessidades biológicas, a alimentação infantil é influenciada por fatores emocionais, sociais e culturais. A lei número 7.498 de 1986, reconhece a importância da consulta de enfermagem, é fundamental destacar o papel do enfermeiro na promoção da saúde infantil. Por meio dessas consultas, o profissional oferece orientações sobre hábitos alimentares saudáveis, contribuindo para o desenvolvimento adequado e a saúde das crianças. **Objetivo:** Identificar o papel da enfermagem na promoção de hábitos alimentares saudáveis na infância. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa descritiva da literatura que analisa o papel da enfermagem na promoção de hábitos alimentares saudáveis na infância. Para coleta de dados, foram consultadas a base Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e o recurso da *National Library of Medicine* (PubMed) com recorte temporal de 5 anos, gratuito e completo. Os descritores utilizados na busca foram “Puericultura”, “Nutrição Infantil” e “Cuidados de Enfermagem” aplicado o operador booleano “AND” para definir a busca e garantir a inclusão de estudos relevantes. Foram incluídos artigos em português e inglês relacionados ao tema de estudo e que atenderam os critérios definidos. Estudos que não atenderam esses critérios foram excluídos. Da busca inicial de 52 estudos, 35 estudos foram descartados após leitura de títulos e resumos, e dos 17 artigos lidos na íntegra, 6 foram selecionados para revisão total. **Resultados e Discussão:** A transmissão de hábitos alimentares acontece nos ambientes doméstico, comunitário e escolar, especialmente nos primeiros anos de vida, influenciando o comportamento. Uma alimentação adequada é crucial para o crescimento e desenvolvimento infantil. A obesidade infantil é uma preocupação crescente e exige estratégias para sua redução. Consultas de enfermagem que ofereçam orientação alimentar e educação para os pais são essenciais nesse processo, uma vez que a família é responsável na formação desses hábitos, desde a escolha dos alimentos até a realização das refeições em conjunto. **Conclusão:** A promoção de hábitos alimentares saudáveis é essencial para garantir um desenvolvimento adequado e prevenir problemas de saúde como a obesidade, destacando a importância da orientação de enfermagem e o envolvimento familiar.

Palavras-chave: Puericultura; Nutrição Infantil; Cuidados de Enfermagem.

PROMOÇÃO, PROTEÇÃO E APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO: AÇÕES DE ENFERMAGEM QUE FORTALECEM O VÍNCULO MATERNO-INFANTIL

Maria Luiza Vitoraci de Souza¹; Ana Vitória Santos de Oliveira²; Ana Carolina dos Santos Ferreira³;
Yana Luísa Pereira Barreto⁴; Fernanda dos Santos Palmeira Lima⁵

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo ¹, Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo ², Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo ³, Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo ⁴, Enfermeira pela Universidade Federal do Espírito Santo Pós graduação Lato sensu em Enfermagem do Trabalho, Pós graduação Lato sensu em na Atenção Primária com Ênfase na Estratégia de Saúde da Família, Pós graduação Lato sensu em Gestão em Saúde e Pós graduação em Cuidado Interprofissional na Área de Imunizações ⁵

vitoracidesouza@gmail.com

Introdução: As ações do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde são fundamentais para assegurar a qualidade e segurança da saúde materno-infantil. Nas consultas de enfermagem, o enfermeiro desempenha um papel crucial ao informar sobre os benefícios da amamentação, que incluem recuperação uterina mais rápida, o fortalecimento do vínculo materno-infantil, além de fornecer um alimento rico em nutrientes para a criança. **Objetivo:** Identificar a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno e como as ações de enfermagem fortalecem o vínculo materno-infantil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa descritiva da literatura que analisa a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno e as ações de enfermagem que fortalecem o vínculo materno-infantil. Para coleta de dados, foi consultada a base Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), com recorte temporal de 5 anos, gratuito e completo. Os descritores utilizados na busca foram “Aleitamento Materno”, “Saúde Materno-Infantil” e “Cuidados de Enfermagem” aplicado o operador booleano “AND” para definir a busca e garantir a inclusão de estudos relevantes. Foram incluídos artigos em português, inglês e espanhol relacionados ao tema de estudo e que atenderam os critérios definidos. Estudos que não atenderam esses critérios foram excluídos. Da busca inicial de 37 estudos, 27 estudos foram descartados após leitura de títulos e resumos, e dos 10 artigos lidos na íntegra, 4 foram selecionados para revisão total. **Resultados e Discussão:** A Amamentação é crucial para a saúde do bebê, pois fornece os nutrientes ideais para seu crescimento e desenvolvimento, além de promover o vínculo materno-infantil. O aleitamento se adapta às necessidades da criança, mudando ao longo do tempo conforme as mamadas. O enfermeiro desempenha um papel importante utilizando o processo de enfermagem garantindo uma assistência holística e segura na assistência à saúde materno-infantil. O sucesso do aleitamento materno é influenciado por diversos fatores como o nível de escolaridade da mãe, introdução alimentar precoce, trabalho fora de casa e falta de rede de apoio. A realização adequada das consultas de pré-natal com o enfermeiro é essencial para oferecer orientações sobre a amamentação e esclarecer dúvidas, ajudando a evitar o desmame precoce. **Conclusão:** A amamentação, apoiada por uma assistência de enfermagem adequada, é fundamental para garantir o desenvolvimento saudável do bebê e fortalecer o vínculo materno.

Palavras-chave: aleitamento materno; saúde materno-infantil; cuidados de enfermagem.

FORTALECENDO A VIDA: ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO, PROTEÇÃO E APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO

Geovanna Falqueto de Oliveira¹, Vanessa dos Santos Silva², Brunno Santos Mosquito de Souza³, Dra. Stephânia Margotto⁴

Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz¹, Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz², Graduando em Biomedicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz³, Docente adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz⁴

geovannafalqueto@gmail.com

Introdução: O aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses de idade e complementar até os dois anos, conforme preconizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), é amplamente reconhecido por seus benefícios nutricionais, imunológicos, emocionais e econômicos. Contudo, permanecem obstáculos à sua implementação eficaz, uma vez que as atuais estratégias de promoção, proteção e apoio à amamentação apresentam lacunas significativas. Tais deficiências indicam a necessidade urgente de aprimoramento nas políticas públicas e nas ações de suporte, visando garantir a adesão plena ao aleitamento materno. **Objetivo:** Analisar a sinestesia entre ações afirmativas e abordagem multifuncional na adesão ao aleitamento materno. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica utilizando os descritores “aleitamento materno”, “proteção”, “promoção” e “apoio” na plataforma PubMed, obtendo-se 54 resultados entre 2018 a 2024. Excluíram-se 40 artigos de revisões de literatura e/ou irrelevantes ao tema. Foram incluídos 14 estudos descritivos, comparativos, quantitativos e relatos de experiência. **Resultados e Discussão:** Os estudos investigam variáveis associadas à promoção do AME em crianças de 0 a 6 meses, evidenciando fatores como a idade materna entre 20 e 30 anos, a estabilidade conjugal, o grau de escolaridade, a realização de seis ou mais consultas de pré-natal, o retorno ao trabalho materno após seis meses, o grau mínimo de alteração psíquica materna, o apoio familiar e a renda familiar superior a dois salários mínimos. Em contrapartida, o desmame precoce, frequentemente relatado, é atribuído à diminuição da produção láctea, à escolha da lactante, ao retorno às atividades laborais e educacionais, à recusa da criança, aos discursos mercadológicos de fórmulas, além do desconhecimento materno sobre as vantagens do AME. Nesse contexto, para promover seus benefícios – como a melhoria na diversidade da microbiota intestinal dos lactentes – intervenções educativas durante o pré-natal, de maneira dialógica, visual e interativa, além do apoio por equipes multiprofissionais e visitas puerperais no âmbito da Atenção Básica, têm mostrado resultados positivos. Além disso, políticas públicas educacionais, como a Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil, desempenham a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno exclusivo e complementar, conforme as diretrizes da Sociedade Brasileira de Pediatria. Essas abordagens são essenciais para o fortalecimento do aleitamento e para a melhoria dos indicadores de saúde infantil. **Conclusão:** Verifica-se que o enfrentamento ao desmame precoce é efetivado por meio de intervenções educativas e acompanhamento contínuo pela equipe multiprofissional da Atenção Primária, complementado por políticas públicas, a fim de ampliar os determinantes da promoção, proteção e apoio ao AME.

Palavras-chave: aleitamento materno; estratégia de promoção; apoio multiprofissional.

SÍFILIS E BIOQUÍMICA CLÍNICA: BIOMARCADORES E DIAGNÓSTICO SOROLÓGICO- UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Cecília Maria Gomes dos Reis¹; Beatriz Fernanda Cardoso Sarquis²; Ana Clara Evangelista Hannemann³; Hillary La Rocque da Silva¹; Adriane dos Santos Miranda Lobato⁴

Graduanda em Biomedicina pela Faculdade Cosmopolita¹, Graduanda em Biomedicina pelo Centro Universitário Fibra², Graduanda em Ciências Biológicas pela UFPA³, Doutoranda em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários pelo PPGBAIP/UFPA⁴

ceciliareis1206@gmail.com

Introdução: *Treponema pallidum* é uma bactéria espiralada e flagelada, causadora da sífilis, ao penetrar no organismo e entrar em contato com lesões na pele ou mucosas. A transmissão é por via sexual, durante a gestação, por contato indireto com objetos contaminados ou por transfusão sanguínea. Assim, diante do aumento de casos e das particularidades da doença, o uso de biomarcadores e métodos sorológicos é essencial para um diagnóstico preciso e para o acompanhamento adequado dos pacientes. **Objetivo:** Investigar, por meio de uma revisão integrativa, o papel dos biomarcadores imunológicos e das técnicas de diagnóstico sorológico na resposta imune à infecção por *T. pallidum*, identificando parâmetros clínicos e laboratoriais que possam subsidiar estratégias aprimoradas de promoção da saúde, prevenção e tratamento da sífilis. **Metodologia:** Esta revisão integrativa foi conduzida através de uma busca sistemática na base de dados PubMed, abrangendo publicações entre 2018 e 2024, com foco em artigos que discutem biomarcadores imunológicos e métodos de diagnóstico sorológico relacionados à resposta imune a infecção por *T. pallidum*. Como critérios de inclusão, foram selecionados estudos originais, revisões e análises, com os descritores principais: métodos de diagnóstico sorológico, resposta imune e infecção por *T. pallidum*, focando em parâmetros clínicos e laboratoriais aplicáveis à promoção da saúde, prevenção e tratamento da sífilis. **Resultados e Discursão:** Na investigação, foram encontrados 12 artigos, no qual determinados estudos mencionam o Venereal Disease Research Laboratory (VDRL) como teste antigênico e não treponêmicos para rastreamento da sífilis, além do teste rápido como método diagnóstico. Alguns estudos relatam o bom desempenho de 9 possíveis testes que poderiam ser usados como forma de diagnóstico, sendo eles: Chorus Syphilis Screen Recombinant, Siemens Advia Centaur Syphilis, Architect Syphilis TP, Syphilis Virclia Monotes, Euroimmun *Treponema pallidum* Screen ELISA, Vircell Syphilis ELISA IgG + IgM, SD Biotec Sífilis, Teste RPR e o TPHA. Além destes, um estudo relata que os DEmiRNAs presentes nos exossomos plasmáticos das células de pacientes com a sífilis, mostram-se uma promessa eficaz na investigação da patologia. **Conclusão:** O papel dos biomarcadores imunológicos e das técnicas de diagnóstico sorológico na resposta imune à infecção por *Treponema pallidum* revelou achados importantes. Destacando-se o teste VDRL, outros novos testes com bom desempenho diagnóstico e os microRNAs (DEmiRNAs) presentes nos exossomos plasmáticos de células de pacientes. Esses achados reforçam o valor das estratégias para promoção da saúde com o diagnóstico precoce, prevenção por meio da identificação de casos e tratamento.

Palavras-chave: Biomarcadores plasmáticos da Sífilis; Diagnóstico imunológico; Infecção por *T. pallidum*.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INFECÇÕES POR Zika Vírus EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO NORDESTE DO BRASIL DE 2020 A 2024

Ester Camylle Silva De Oliveira¹; Isabelle Barros Costa²; João Victor Praxedes de Almeida²; Leonardo Silva Melo²; Maria de Jesus Costa das Neves²; Monica Elinor Alves Gama³

Graduando em nutrição pela Universidade Federal do Maranhão¹, Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão², Médica pediatra, Doutora em medicina pela universidade de São paulo³

estercamylle15@gmail.com

Introdução; As arboviroses apresentam destaque na saúde pública em regiões tropicais como o Brasil, onde são endêmicas e de alta morbidade, afetando pessoas de todas as idades, inclusive os infantes. Dentre as principais arboviroses, a infecção pelo vírus Zika mostra-se relevante na saúde infantil pela possibilidade de exposição ainda no período intrauterino. Em crianças nascidas saudáveis, a infecção pelo vírus Zika se dá geralmente a partir da picada do mosquito transmissor e pode causar dores musculares, conjuntivite, hipertrofia ganglionar, manchas e prurido na pele. Outra forma de transmissão é via relação sexual e, nesse caso, adolescentes que possuem vida sexual sem proteção podem ser prejudicados. O adoecimento por Zika não possui tratamento específico e pode gerar complicações neurológicas em crianças e adolescentes. **Objetivo;** Analisar aspectos epidemiológicos da infecção por Zika vírus em crianças e adolescentes menores de 15 anos no Brasil entre 2020 e 2024. **Metodologia;** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo embasado em dados das ocorrências de infecção por Zika vírus em menores de 15 anos no nordeste do Brasil nos anos de 2020 a 2024 disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e pelo Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN). Foram utilizadas as seguintes variáveis “faixa etária”, “sexo”, “região de notificação” e “evolução”. **Resultados e Discussão;** Entre os anos de 2020 e 2024, no Nordeste do Brasil, foram notificados 17.417 casos de infecção por Zika vírus em menores de 15 anos, com maior incidência em 2022, que registrou 5.903 casos (33,9% do total). A faixa etária mais afetada foi a de 10 a 14 anos, com 5.900 casos (33,9%), seguida pela faixa de 5 a 9 anos, com 5.347 casos (30,7%). Em relação ao sexo, a infecção foi mais prevalente em indivíduos do sexo masculino, com 9.048 casos (52%), enquanto o sexo feminino contabilizou 8.359 casos (48%). Quanto à evolução clínica, 11.928 pessoas (68,5%) se recuperaram, e 10 óbitos (0,06%) foram registrados em decorrência da doença. **Conclusão;** Dado o exposto, a análise do perfil epidemiológico das infecções por Zika vírus em crianças e adolescentes no Brasil de 2020 a 2024 revela a persistência do Zika vírus no Brasil, principalmente no Nordeste do país. Destaca-se a importância de manter estratégias permanentes de controle do vetor, juntamente com campanhas de conscientização ao acesso do diagnóstico precoce, visto que ainda não há vacina. Além disso, é indispensável manter a vigilância e o monitoramento dos acontecimentos para evitar novos surtos e garantir a proteção da saúde das crianças e dos adolescentes.

Palavras-chave: Zika vírus; criança; adolescente.

PRIMEIROS SOCORROS NA ESCOLA: CAPACITAÇÃO DE ESTUDANTES DE ANOS INICIAIS

Karen Cristiane Pereira de Moraes¹; Paola Caetano Costa²; Suelen Chuquel Amaral³

Enfermeira, pedagoga, doutoranda em enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria¹,
Pedagoga pela Universidade Federal de Santa Maria²; Pedagoga, Mestranda em educação pela
Universidade Federal de Santa Maria³

enf.karenpereira@gmail.com

Introdução: A Lei Federal nº 13.722, mais conhecida como Lei Lucas, torna obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensinos públicos e privados de educação básica e estabelecimentos de recreação infantil. Como podemos observar, esta é uma lei para profissionais da educação e recreação, baseado nessa lei organizou-se aulas de primeiros socorros com alunos do 3º ano de ensino fundamental. **Objetivo:** Relatar experiência em estágio supervisionado em pedagogia acerca de uma aula de primeiros socorros para alunos do 3º ano do ensino fundamental. **Metodologia:** Trata-se de um relato experiência acerca de uma aula de primeiros socorros para alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma escola no interior do Rio Grande do Sul, realizada em outubro de 2023. A aula foi ministrada durante a regência em estágio supervisionado na época acadêmica de pedagogia, que possui curso e formação na área da saúde. Os alunos aprenderam na ocasião, a realizar manobra de desengasgo, ressuscitação cardiopulmonar, como fazer um curativo, aprenderam sobre desmaio e convulsão. **Resultados e Discussão:** O conhecimento em primeiros socorros para as crianças, tem o objetivo que elas entendam como proceder em casos de emergências. A partir disso, após a aula uma das alunas machucou o pé (um ralado superficial), ela e duas colegas, realizaram os primeiros cuidados sem chamar as professoras, nisso a professora regente viu e pediu que esperassem a funcionária da escola limpar a secretária para pedir um “bandaid”. Este é um caso, da importância dos primeiros socorros na escola, as aulas conseguiram se organizar para cuidar da colega sem intervenção de um adulto, e quando precisaram de auxílio pediram ajuda e elas mesmas finalizaram o cuidado. Embora as crianças sejam pequenas, possuem a capacidade de auxiliar em situações de acidentes, podendo solicitar ajuda ou até mesmo intervir, contudo, é essencial proporcionar orientações e instruções adequadas. Este aprendizado se torna essencial desde a infância, quando as crianças frequentam as escolas, permitindo que se familiarizem com os procedimentos de emergência e compreendam a importância desses procedimentos na preservação de vidas. **Considerações Finais:** Dessa forma, a escola desempenha um papel crucial como ferramenta fundamental na construção do conhecimento, sendo vital implementar estratégias que visem à promoção, prevenção e educação, inclusive na esfera da saúde.

Palavras-chave: Primeiros socorros; Educação em saúde; Pedagogia.

DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE (DSS) ASSOCIADOS À GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Kássia Marcela Silva Sousa¹; Lília Monik Souza Figueiroa Silva¹; Thamyres dos Santos Silva¹; Angella Nobre Mendes Santos¹; Luana Cabral Bezerra¹; Tayane Moura Martins²

Graduanda em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Enfermeira e docente da Universidade do Estado do Pará, Mestra em promoção da saúde, desenvolvimento humano e sociedade²

sarafernanda140@gmail.com

Introdução: A gravidez na adolescência é considerada um problema de saúde pública mundial devido sua elevada morbimortalidade que repercute em sérios agravos à saúde materna e infantil, como prematuridade, baixo peso do recém-nascido, hipertensão e diabetes gestacional, hemorragias pós-parto, transtornos mentais, abortos induzidos e óbito perinatal. **Objetivo:** Identificar os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) associados à gravidez na adolescência. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica de estudos disponíveis nas bases de dados Periódicos CAPES e LILACS, publicados entre 2019 a 2024. Os descritores utilizados foram “Fatores de risco”, “Gravidez na adolescência” e “Saúde do adolescente”, intercedidos pelo operador booleano AND. Foram incluídos artigos publicados no idioma português, disponíveis gratuitamente e na íntegra. Os fatores de exclusão incluem artigos publicados em idiomas estrangeiros, teses e dissertações e publicações realizadas no período anterior ao ano 2019. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 59 artigos e selecionados 16 para compor a revisão bibliográfica. Os estudos apontam que os Determinantes Sociais da Saúde englobam fatores que impactam a saúde das populações, como condições sociais e econômicas. Na gravidez na adolescência, esses fatores acentuam desigualdades, afetando jovens de diferentes formas, de acordo com seu acesso a recursos, qualidade de vida, suporte familiar e oportunidades educacionais e de desenvolvimento. Diante disso, os DSS associados à gravidez na adolescência são múltiplos: vulnerabilidade social; baixa condição econômica; dificuldade de acesso a serviços de saúde devido à localização geográfica e marginalização social; desconhecimento sobre saúde sexual e reprodutiva; questões raciais como raça parda, indígena e negra; início precoce de experiências sexuais; ausência de estrutura familiar; baixa escolaridade dos genitores; evasão escolar; violência sexual; falta de acesso a métodos contraceptivos; altos índices de casamentos na adolescência; uso de drogas lícitas e ilícitas; reprodução de crenças errôneas sobre a sexualidade; fragilidades emocionais, como solidão afetiva e depressão, além da ausência de projeto de vida e perspectivas para o futuro. **Conclusão:** Dado o caráter multicausal que determina a gravidez na adolescência, é essencial promover ações educativas voltadas para a saúde sexual e reprodutiva, além da formulação de políticas públicas que assegurem os direitos quanto à educação sexual. Tais iniciativas visam conscientizar os adolescentes e seus responsáveis quanto aos impactos dessa problemática a fim de contribuir para a redução dos altos índices de gravidez na adolescência.

Palavras-chave: saúde do adolescente; gestação na adolescência; saúde sexual e reprodutiva.

O MÉTODO BOBATH COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NA REABILITAÇÃO DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL

Maria Luíza Oliveira do Nascimento¹; Lucas Silva Franco de Oliveira²

Graduando em Fisioterapia pelo Centro Universitário de Valença¹, Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora²

marialuizaoliveira23m@gmail.com

Introdução: O método Bobath, foi desenvolvido nas décadas de 1940 por Berta e Karel Bobath, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida e a independência de indivíduos com disfunções neurológicas. Este método tem se mostrado eficaz no controle postural, no alinhamento do tronco, no aumento da capacidade funcional, na melhoria do equilíbrio e da força muscular de crianças com paralisia cerebral, uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento motor e a independência funcional. **Objetivo:** Analisar os efeitos do Método Bobath em crianças com paralisia cerebral, explorando seus efeitos no controle postural, equilíbrio, força muscular e na capacidade funcional. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão da literatura usando como base de dados a PubMed, PEDro e SciELO. Os descritores utilizados para a pesquisa foram: “Conceito Bobath”, “paralisia cerebral” e “criança”. Foram considerados como critérios de inclusão artigos que contivessem em seu título e resumo palavras que estão diretamente ligadas ao tema proposto de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e publicações entre 2014 e 2024. Nessa pesquisa, 5 estudos foram encontrados usando os critérios de busca propostos. Já como critérios de exclusão, foram eliminados os artigos que não contemplavam a temática proposta, repetidos entre as plataformas, teses, dissertações e capítulos de livro. **Resultados e Discussão:** Os estudos destacaram a utilização de testes específicos antes da aplicação do conceito Bobath, que medem diferentes aspectos da função motora e controle postural, como Sistema de Classificação da Função Motora grossa, Medida de Função Motora Grossa, Teste de Caminha de 1 Minuto, Teste Modificado de Levantar e Andar, Escala de Equilíbrio Pediátrica, Medida de Independência Funcional para Crianças e Medida de Controle Postural Sentado. Os resultados mostraram uma diferença positiva na força motora bruta, habilidades de equilíbrio e independência em termos de atividades de vida diária. Ademais, o Conceito Bobath foi considerado o método de escolha mais utilizado por fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais como abordagem terapêutica ao redor do mundo devido aos resultados positivos que tem sido registrados na literatura científica, principalmente no aspecto que envolve a melhoria das capacidades motoras de crianças. **Conclusão:** O Método tem se mostrado eficaz no tratamento de crianças com paralisia cerebral, com melhorias na função motora, controle postural e força muscular. Contudo, é importante realizar avaliações sobre abordagens terapêuticas combinadas e definir a frequência de tratamento ideal para esses casos.

Palavras-chave: Método Bobath; paralisia cerebral; crianças.

OTITE MÉDIA EM CRIANÇAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE CAUSAS, SINTOMAS, PREVENÇÃO E TRATAMENTO

Victor Cunha Sandrin¹; Felipe Mendes de Andrade de Carvalho²

Graduando em medicina pela Universidade Tiradentes¹; Doutor em saúde e ambiente, docente na Universidade Tiradentes²

victor.sandrin@souunit.com.br

Introdução: A otite média é uma infecção comum que afeta o ouvido médio, especialmente em crianças menores de cinco anos. Caracterizada por dor intensa, febre e irritabilidade, pode levar a complicações como perda auditiva temporária ou permanente. **Objetivo:** Proporcionar uma compreensão abrangente da otite média em crianças, identificando fatores de risco, descrevendo os principais sintomas, analisando as opções de tratamento e discutindo estratégias de prevenção disponíveis, além das implicações na saúde infantil. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão bibliográfica ampliada, utilizando artigos científicos a partir das bases de dados BVS, Acervo Saúde e SciELO. Como critério de inclusão, selecionaram-se aqueles publicados nas línguas inglesa e portuguesa entre 2021 e 2024. Como critérios de exclusão, retiraram-se os resumos publicados em anais de congresso, dissertações e teses. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 11 artigos, dentre eles 4 foram selecionados para a construção deste trabalho. A análise focou na epidemiologia da otite média, suas características clínicas e as opções de tratamento, além de dados sobre prevenção. Os resultados indicam que a OM é uma das infecções mais prevalentes em crianças, afetando cerca de 80% até os 3 anos. Os fatores de risco incluem: exposição à fumaça de cigarro, histórico familiar da inflamação e frequência de infecções respiratórias. Os principais sintomas relatados incluem dor de ouvido (otalgia), febre e irritabilidade. O tratamento geralmente envolve analgésicos para alívio da dor e, em alguns casos, antibióticos. A vacinação, especialmente contra o pneumococo e influenza, além da promoção do aleitamento materno, demonstrou ser eficaz na redução da incidência da doença. A interpretação dos dados, sugere que, embora a otite média seja uma condição comum, pode ter consequências significativas, como perda auditiva e atrasos no desenvolvimento da fala. É crucial que pais e cuidadores estejam atentos aos sinais e busquem atendimento médico ao notar os sintomas. Além disso, a educação sobre práticas de prevenção, como evitar ambientes com fumaça de cigarro e a promoção de vacinas, é fundamental para reduzir a ocorrência da doença. **Conclusão:** Conclui-se que a otite média é uma condição comum na infância, que exige atenção devido à sua alta prevalência e impacto na saúde. O diagnóstico precoce dos sintomas, como dor, febre e perda auditiva temporária, e o tratamento adequado, incluindo antibióticos e, em casos graves, cirurgia, são essenciais para evitar complicações. Medidas preventivas, como vacinação, aleitamento materno e controle de fatores ambientais, são fundamentais para reduzir a incidência e melhorar o bem-estar das crianças.

Palavras-chave: otite média, crianças, prevenção, tratamento

BRINQUEDO TERAPÊUTICO NA EDUCAÇÃO NUTRICIONAL DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda Maria Mendes Braga¹; Matheus Antônio Maia Correia de Jesus¹; Jeanine Porto Brondani²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul²

braga.amanda@discente.ufma.br

Introdução: O uso do brinquedo terapêutico configura uma ferramenta consolidada no cuidado de enfermagem pediátrica, contribuindo para a promoção da saúde de forma lúdica e educativa possibilitando que as crianças compreendam melhor seu estado de saúde. Essa prática torna-se ainda mais relevante em ambientes hospitalares, onde as crianças estão afastadas de seu cotidiano. No entanto, a adaptação dessa prática para a educação nutricional ainda é pouco explorada. Neste contexto, a aplicação do brinquedo terapêutico integra o cuidado, visando tornar o aprendizado mais acessível, interativo e lúdico. **Objetivo:** Desenvolver e aplicar um brinquedo terapêutico inovador, adaptado para educação nutricional, que relacionasse os alimentos consumidos com os órgãos beneficiados, promovendo o engajamento das crianças no ambiente hospitalar. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, vivenciado durante as práticas da disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente do Curso de Enfermagem, em um Hospital Universitário de São Luís no Maranhão. Foi construído um quadro interativo desenhado manualmente, com representações do corpo humano (cérebro, olhos, coração, rins, ossos e músculos) e as principais refeições (café da manhã, almoço e jantar). As crianças foram incentivadas a desenhar os alimentos consumidos, relacionando-os aos órgãos correspondentes. O diferencial desta prática foi a personalização da atividade, permitindo às crianças criar suas próprias associações visuais. **Resultados e Discussão:** Cinco crianças da internação pediátrica participaram da atividade. Após orientações individuais, todas completaram o quadro corretamente, associando alimentos aos órgãos. Além disso, relataram maior interesse em discutir sobre os alimentos consumidos com familiares e profissionais de saúde. A atividade proporcionou não apenas aprendizado nutricional, mas também um momento de distração e bem-estar no ambiente hospitalar. A proposta apresentou-se como uma alternativa inovadora por unir ludicidade, interação personalizada e educação nutricional em um contexto hospitalar. Diferente de atividades tradicionais, o quadro interativo permitiu que as crianças se tornassem protagonistas do processo, estimulando a criatividade e o empoderamento sobre sua alimentação. Observou-se ainda um aumento no engajamento das crianças em conversas sobre hábitos alimentares. **Conclusão:** O brinquedo terapêutico adaptado para educação nutricional mostrou-se uma estratégia inovadora e eficaz para promover o aprendizado em crianças hospitalizadas. A experiência reforça a importância de atividades que aliem ludicidade, personalização e educação em saúde, contribuindo para o bem-estar físico e emocional das crianças no ambiente hospitalar.

Palavras-chave: atividades lúdicas; cuidados de enfermagem; pediatria.

ALTERAÇÕES IMUNOLÓGICAS E BIOQUÍMICAS NO SISTEMA IMUNE INFANTIL PÓS-VACINAÇÃO: UMA REVISÃO INTEGRADA

Sarah Ágata de Faria Lima¹; Neusiane de Nazaré Coelho de Melo²; Elton Mendes Dos Santos³;
Yasmim Lourdinha Machado de Souza²; Adriny dos Santos Miranda Lobato⁴

Graduanda em biologia pela Universidade Federal Rural da Amazônia¹, Graduanda em biomedicina pela Faculdade Cosmopolita²; Graduando em enfermagem pela UNAMA³; Doutoranda em Ciência e Tecnologia de Alimentos pelo PPGCTA/UFPA⁴

limafsarah@gmail.com

Introdução: A vacinação é um dos principais mecanismos de ativação do sistema imunológico mediante a exposição prévia controlada do organismo ao antígeno, em que desencadeia uma resposta inflamatória benéfica. Em crianças, a resposta imunológica induzida pela vacinação prepara o organismo para enfrentar infecções, através da produção de anticorpos que atuam como mediadores na produção de citocinas e ativação de leucócitos, importantes para desencadear a inflamação e combater o patógeno.

Objetivo: Investigar como as vacinações induzem mudanças nos marcadores bioquímicos de respostas imunológicas, como imunoglobulinas, proteínas de fase aguda e citocinas, durante o período da infância.

Metodologia: A presente pesquisa baseou-se na análise de artigos indexados no periódico PubMed, com critério de inclusão artigos experimentais, relacionados à vacinação e seus efeitos em marcadores de respostas imunológicas, com os descritores: "Childhood Vaccination and Immune System"; "Immunological Markers and Post-Vaccination Changes" e "Infant Immune Response and Cytokines", entre 2020 a 2024. Com isso, foram excluídos os artigos que não se adequavam aos critérios estabelecidos na pesquisa ou com caráter exclusivamente teórico.

Resultados e Discussão: A partir das análises dos estudos, foram selecionados e avaliados 9 artigos, em que tinham como principal foco investigar o aumento dos níveis de imunoglobulinas por meio das vacinas. A vacina RTS,S/AS01E (Mosquirix) para malária demonstrou uma alta resposta imune na 1^o dose, contudo, quando aplicada a dose de reforço, esta resposta era reduzida. Em contrapartida, a vacina BNT162b2 (Pfizer/BioNTech) obteve um aumento significativo de citocinas na 1^o e 2^o dose, indicando evolução consistente da resposta imune. Outras pesquisas confirmam que a vacina mRNA-1273 contra o COVID-19 apresentam resposta imunológicas mais eficientes em crianças de 6 a 11 anos de idade quando comparado aos adultos, com destaque para o aumento de IL-15 e IFN- γ pós-vacinação. Em relação a BCG foram analisados estudos em função da influência do horário de vacinação sobre a intensidade da resposta imune, com respostas satisfatórias para a imunização administrada pela manhã. De forma geral, os estudos evidenciam a importância imunológica da vacinação na infância e juventude, com intuito de induzir repostas imunológicas eficientes e desenvolver memória imunológica contra patógenos, essencial para a proteção a longo prazo.

Conclusão: Os estudos analisados confirmam a relevância das vacinas para a ativação do sistema imunológico infantil, através da produção de anticorpos e citocinas pro-inflamatórias que desencadeiam respostas inflamatórias rápidas e precisas para o combate a infecções.

Palavras-chave: Vacinação; Resposta inflamatória; Desenvolvimento imunológico.

EFEITOS DOS ÁCIDOS GRAXOS ESSENCIAIS NA FISIOPATOLOGIA DA OBESIDADE INFANTIL E JUVENIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Yasmim Lourdinha Machado de Souza¹; Elton Mendes Dos Santos²; Sarah Ágata de Faria Lima³; Neusiane de Nazaré Coelho de Melo¹; Adriny dos Santos Miranda Lobato⁴

Graduanda em biomedicina pela Faculdade Cosmopolita¹, Graduando em enfermagem pela UNAMA², Graduanda em biologia pela Universidade Federal Rural da Amazônia³, Doutoranda em Ciência e Tecnologia de Alimentos pelo PPGCTA/UFPA⁴

yasmimlourdinham@gmail.com

Introdução: A obesidade infantojuvenil é uma condição preocupante no mundo, sendo um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento da Síndrome Metabólica (SM). O consumo excessivo de gorduras saturadas e carboidratos simples, além de fatores genéticos, contribui no desenvolvimento da obesidade e SM. Em contrapartida, os ácidos graxos essenciais são fundamentais na prevenção da obesidade e melhoria da qualidade de vida, com ação direta nos índices de colesterol e triglicerídeos, e na fisiopatologia da obesidade. **Objetivo:** Investigar os efeitos da ação dos ácidos graxos essenciais na fase infantojuvenil, com finalidade de compreender sua influência na fisiopatologia da obesidade e os mecanismos subjacentes. **Metodologia:** Por meio da busca de dados no periódico PubMed, considerando critério de inclusão artigos experimentais sobre os efeitos dos ácidos graxos essenciais na fisiopatologia da obesidade infantojuvenil, com os descritores: “Essential Fatty Acids and Childhood Obesity Prevention”; “Linoleic Acid and Pediatric Obesity Prevention”; “Docosahexaenoic Acid (DHA) and Youth Metabolic Health” e “Eicosapentaenoic Acid (EPA) and Childhood Obesity”, entre 2019 a 2024. Priorizou-se resultados mensuráveis e revisados por pares, independentemente do idioma. Foram excluídos artigos de revisão, estudos em fase de testes preliminares ou fora dos descritores. Ao final, foram encontrados e selecionados 7 artigos para análise. **Resultados e Discussão:** Os 7 artigos, evidenciaram uma relação direta entre biomarcadores de PUFA (Ácidos graxos poli-insaturados), com destaque para o ômega-3 (n-3), e o controle no índice de massa corporal ou composição corporal durante a fase da infância e adolescência, o que representa um fator evidente na obesidade. Outras pesquisas destacam que dietas com concentrações ricas em PUFA n-3 apresentam efeitos anti-inflamatórios, reduzindo o risco de desenvolver a obesidade. Entretanto, níveis desequilibrados de PUFA n-3 e n-6 (ômega-6) foram associados a geração de inflamações crônicas e aumento da obesidade, principalmente na infância e juventude. Contudo, apesar dos resultados promissores sobre a importância desses nutrientes para o metabolismo, são necessários estudos sobre a suplementação e consumo adequado de ácidos graxos essenciais para a infância e adolescência, isto porque quando suplementados ou consumidos de formas inadequadas podem gerar insights não positivos a saúde. **Conclusão:** Com isso, os ácidos graxos essenciais desempenham papel primordial no combate a obesidade infantojuvenil, contribuindo para a prevenção e diminuição dos índices de colesterol, triglicerídeos e efeitos da dieta hiperlipídica. Contudo, para maximização dos resultados, seu consumo deve estar alinhado a dieta equilibrada e hábitos de vida saudáveis com finalidade de evitar efeitos indesejado a saúde.

Palavras-chave: Obesidade; PUFA; Ômega-3.

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA CONSULTA DE PUERICULTURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Kássia Marcela Silva Sousa¹; Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Thamyres dos Santos Silva¹; Lilia Monik Souza Figueiroa Silva¹; Angella Nobre Mendes Santos¹; Luana Cabral Bezerra¹; Tayane Moura Martins²

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Docente da Universidade do Estado do Pará. Enfermeira e Mestra em promoção da saúde, desenvolvimento humano e sociedade pela Fundação Ulbra²

kassia.sousa@aluno.uepa.br

Introdução: A consulta de enfermagem em puericultura visa o acompanhamento integral da saúde infantil, focando na identificação precoce de doenças e agravos, situações de risco e vulnerabilidade, avaliação do crescimento e desenvolvimento, esquema vacinal, prevenção de acidentes e temáticas sobre amamentação, alimentação e higiene. A participação ativa da família é essencial nesse processo, pois devem estar informados sobre as orientações de cuidado da saúde da criança, tendo em vista que estes cuidados têm um impacto significativo, especialmente na primeira infância, quando os riscos de comprometimento psicológico, social e biológico são elevados. **Objetivo:** Descrever a experiência de alunos do sexto período do curso de enfermagem nas consultas de puericultura. **Metodologia:** Trata-se de um estudo exploratório, qualitativo, do tipo relato de experiência, realizado por discentes do curso de enfermagem de uma instituição pública localizada no interior do estado do Pará. As consultas de puericultura foram realizadas em uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) no período de 03 de setembro a 31 de outubro de 2024, durante o estágio da disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente. Assim, a construção deste relato constitui-se de informações de anotações realizadas por discentes em relação às atividades desenvolvidas, bem como das discussões levantadas ao final de cada dia de prática. **Resultados e discussão:** Observou-se nas consultas de enfermagem em puericultura, uma carência de informação por parte da família, manifestada por dificuldades na prática da amamentação, falta de conhecimento sobre a estimulação adequada do desenvolvimento infantil de acordo com a faixa etária e desconhecimento sobre a importância do acompanhamento regular da criança na ESF para monitoramento do crescimento e desenvolvimento, principalmente nos primeiros anos de vida. Para superar esses desafios, foram realizadas ações de educação em saúde com a família, por meio de atividades lúdicas com utilização de simuladores e materiais didáticos para demonstração de informações a respeito da técnica correta da amamentação, além de orientações baseadas nas informações contidas na caderneta de saúde da criança, promovendo o envolvimento e o aprofundamento familiar no cuidado com a saúde infantil. Demonstrou-se na prática para a família técnicas de estímulos que podem ser feitas através da comunicação, brincadeiras, socialização e atividades físicas. **Conclusão:** A enfermagem em puericultura desempenha um papel fundamental na superação do déficit de conhecimento familiar que podem afetar o cuidado com a saúde da criança, permitindo uma assistência integral e promovendo a identificação precoce de condições que possam impactar a qualidade de vida infantil.

Palavras-chave: cuidado da criança; enfermagem pediátrica; crescimento e desenvolvimento.

MENINGITE INFANTOJUVENIL: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA NA REGIÃO METROPOLITANA I DO ESTADO DO PARÁ

Kássia Marcela Silva Sousa¹; Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Thamyres dos Santos Silva¹; Lilia Monik Souza Figueiroa Silva¹; Angella Nobre Mendes Santos¹; Luana Cabral Bezerra¹; Tayane Moura Martins²

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Docente da Universidade do Estado do Pará. Enfermeira e Mestra em promoção da saúde, desenvolvimento humano e sociedade pela Fundação Ulbra²

kassia.sousa@aluno.uepa.br

Introdução: A meningite é uma doença infectocontagiosa causada por vírus, bactérias e fungos que afetam as membranas que revestem o cérebro e a medula espinhal, tendo como manifestação clínica hipertermia, cefaleia, rigidez de nuca, irritabilidade, náuseas, vômitos, fotofobia e letargia. Considerada um grave problema de saúde devido sua patogenicidade e letalidade, a meningite exige atendimento médico imediato visando evitar complicações e óbitos. **Objetivo:** Caracterizar o perfil epidemiológico de casos confirmados de meningite em indivíduos menores de 19 anos na região Metropolitana I do estado do Pará. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, retrospectivo, transversal, com abordagem quantitativa, realizado por meio do levantamento de dados secundários obtidos no Sistema de Informações de Agravos de Notificação, disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde, notificados entre os anos de 2019 a 2024. As variáveis analisadas foram: ano de diagnóstico, município de notificação, sexo, faixa etária e evolução clínica da doença. **Resultados e Discussão:** Durante o período estudo, foram notificados na região metropolitana I, 1.394 casos de meningite representando 84% do total de casos notificados no estado do Pará, desses, 40,5% dos casos (564) ocorreram em indivíduos menores de 19 anos, sendo a maior incidência entre 5 a 9 anos com 27% dos casos (152). Em relação aos municípios que registraram casos de meningites, Belém se destacou com 99,6% dos casos (562), seguido de Ananindeua com 0,4% dos casos (02). O ano de 2019 obteve o maior registro com 25,5% dos casos (144), seguido de 2023 com 25% das notificações (141). No que tange ao gênero, houve predominância do sexo masculino com 55% dos casos (311). Quanto a evolução da doença, 89% dos casos (503) obtiveram cura, 6,8% (38) foram a óbito por meningite, 3,2% (18) foram casos ignorados e 1% (05 casos) evoluíram a óbito por outras causas. **Conclusão:** A região Metropolitana I do estado do Pará apresentou elevados casos de meningite entre 2019 a 2024 em indivíduos menores de 19 anos. Portanto, apesar de ser uma doença imunoprevenível para os tipos mais graves de meningite, a alta incidência destaca a importância de conhecer o perfil epidemiológico da doença, a fim de contribuir com a diminuição da taxa de incidência na região através de estratégias que incentivem a vacinação.

Palavras-chave: epidemiologia; vacinação; meningite.

OS IMPACTOS DA INFERTILIDADE FEMININA NA SAÚDE MENTAL DAS MULHERES

Lilia Monik Souza Figueiroa Silva¹; Angella Nobre Mendes Santos¹; Kássia Marcela Silva Souza¹; Luana Cabral Bezerra¹; Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Thamyres dos Santos Silva¹; Tayane Moura Martins²

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Docente da Universidade do Estado do Pará. Mestra em promoção da saúde, desenvolvimento humano e sociedade pela Fundação ULBRA²

lilia.msf.silva@aluno.uepa.br

Introdução: A infertilidade é uma condição que afeta diversas mulheres em todo o mundo, caracterizada pela incapacidade de conceber a geração de uma vida após 12 meses de tentativas regulares de relação sexual, sem uso de preservativos ou outros métodos contraceptivos. Ela pode ser causada por fatores como endometriose, bloqueio das trompas de Falópio, condições uterinas e problemas ovulatórios. Então, considerando os impactos da infertilidade na saúde mental, torna-se importante compreender a influência desse dano nos aspectos emocionais e psicológicos das mulheres. **Objetivo:** Identificar na literatura quais os impactos que a infertilidade causa na saúde mental das mulheres. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica de literatura de artigos publicados nas bases de dados PubMed e Biblioteca Virtual da Saúde, nos anos 2023 e 2024. Utilizou-se como descritores: “infertility”, “mental health”, “infertilidade feminina” e “saúde mental”, seguidos do marcador booleano “AND”. Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra e gratuitos, nos idiomas português e inglês, e excluídos artigos duplicados nas bases de dados e os que não atendiam aos objetivos do estudo. Foram encontrados 194 artigos e selecionados 17 para compor esta revisão bibliográfica de literatura. **Resultados e Discussão:** As pesquisas enfatizam que a maioria das mulheres que possuem problemas relacionados à fertilidade apresentam grandes taxas de transtornos emocionais, como ansiedade e depressão, em comparação às que não têm dificuldade para engravidar. Os estudos demonstraram que a sociedade exerce intensa pressão para que as mulheres assumam o papel da maternidade, o que reforça os sentimentos de incapacidade, solidão e de não cumprimento dessas normas sociais. Ainda, o tratamento para infertilidade repercute em angústia, devido à incerteza do resultado, assim como culpa, por se sentirem responsáveis pela situação vivenciada, e alteração da autoestima, em razão da percepção de baixo valor pessoal. Outrossim, a inabilidade reprodutiva também pode causar impactos nos relacionamentos conjugais, em consequência do abalo emocional que tende a intensificar o estresse e a tristeza, causando frustração nas partes envolvidas. **Conclusão:** Portanto, a infertilidade feminina representa, não somente um desafio físico, mas também uma experiência emocional causadora de complexos e profundos impactos. Por isso, torna-se importante que os indivíduos em situação de infertilidade recebam suporte psicológico especializado, que seja capaz de ajudá-los a compreender e lidar com as emoções relacionadas ao diagnóstico, e informar estratégias para enfrentar os desafios ligados ao tratamento e estigmas sociais, a fim de contribuir significativamente no bem estar emocional, qualidade de vida e resiliência diante das adversidades.

Palavras-chave: infertilidade feminina; saúde mental; qualidade de vida.

O IMPACTO DOS CUIDADOS PALIATIVOS HUMANIZADOS NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES TERMINAIS

Líliá Monik Souza Figueiroa Silva¹; Angella Nobre Mendes Santos¹; Kássia Marcela Silva Souza¹; Luana Cabral Bezerra¹; Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Thamyres dos Santos Silva¹; Tayane Moura Martins²

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Docente da Universidade do Estado do Pará. Enfermeira Mestre, em promoção da saúde, desenvolvimento humano e sociedade pela Fundação ULBRA²

lilia.msf.silva@aluno.uepa.br

Introdução: Os cuidados paliativos constituem uma abordagem de assistência pautada na humanização e direcionada ao alívio do sofrimento e melhora na qualidade de vida de pacientes em fase terminal, diferentemente dos cuidados curativos, que visam tratar somente a doença e seus sintomas. Ainda, é notório que pacientes em fase final de vida por patologias crônicas vivenciam diferentes emoções, como medo, tristeza e solidão, o que impacta negativamente a saúde mental e o bem-estar. Logo, torna-se necessário que as práticas paliativas que respeitem a autonomia e preferências dos pacientes nestes contextos terminais, estejam presentes na vivência cotidiana dos profissionais de saúde. **Objetivo:** Identificar na literatura o impacto dos cuidados paliativos humanizados na qualidade de vida de pacientes terminais. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica de literatura de artigos publicados nas bases de dados PubMed e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), nos anos de 2023 e 2024, na íntegra e nos idiomas português e inglês. Utilizou-se como descritores: "Cuidados paliativos", "humanização da assistência", "terapêutica", "palliative care", "quality of life", "terminal care" seguidos do marcador booleano "AND". Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra e gratuitos, e excluídos desta revisão artigos duplicados nas bases de dados. Foram encontrados 316 artigos e selecionados 23 para compor esta revisão bibliográfica de literatura. **Resultados e Discussão:** Conforme pesquisas realizadas, os cuidados paliativos humanizados impactam positivamente a experiência de tratamento de pacientes em fase terminal e contribuem para melhor aceitação da família. O controle de sintomas, como dor, fadiga e náuseas, advindos das intervenções paliativas, reduzem significativamente o sofrimento do paciente, e promovem maior sensação de bem-estar, o que pode facilitar o processo de aceitação do fim de vida. De mesmo modo, o apoio psicológico integra as atividades paliativas, que junto à atuação empática e compreensiva dos profissionais de saúde, e a criação de um ambiente seguro para a expressão de sentimentos, fortalece o indivíduo para enfrentar as circunstâncias de forma menos traumática e diminui os sintomas de transtornos psicológicos comuns nos contextos terminais. **Conclusão:** Portanto, os cuidados paliativos humanizados são fundamentais para proporcionar uma experiência de fim de vida mais digna e com menos sofrimento, o que impacta de forma positiva a qualidade de vida dos pacientes. Por isso, os profissionais devem ser capacitados para atuar com compreensão e eficácia, visando a consolidação de um modelo de saúde mais inclusivo e humanizado.

Palavras-chave: cuidados paliativos; atenção humanizada; paciente terminal.

ERROS DE MEDICAÇÃO EM EMERGÊNCIAS PEDIÁTRICAS: PREVENÇÃO E ESTRATÉGIAS PARA MELHORAR A SEGURANÇA INFANTIL

Eduardo Martins Ferraz¹; Ana Elza Oliveira de Mendonça².

Mestrando em Gestão da Qualidade em Serviço de Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹; Docente do Programa de Gestão da Qualidade em Serviços de Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte².

dudumferraz@gmail.com

INTRODUÇÃO: Os erros de medicação em serviços de emergência pediátrica representam um desafio para a segurança do paciente, pois, a pressão por decisões rápidas e a sobrecarga de trabalho aumentam a probabilidade de ocorrência de erros. Embora diversas estratégias de prevenção já tenham sido propostas, ainda existem lacunas importantes na aplicação prática dessas medidas, especialmente no contexto pediátrico, onde a vulnerabilidade dos pacientes é maior. **OBJETIVO:** Analisar as estratégias eficazes na prevenção e manejo de erros de medicação em emergências pediátricas. **METODOLOGIA:** Estudo de revisão integrativa, conduzida em agosto de 2024, na PubMed, *Cochrane Library* e *American Academy of Pediatrics*, utilizando os descritores "erros de medicação" e "medicina de emergência pediátrica". Foram incluídos artigos originais, estudos clínicos e revisões sistemáticas publicados nos últimos cinco anos que abordassem intervenções, protocolos e resultados relacionados à prevenção de erros de medicação em emergências pediátricas. Foram excluídos estudos com amostras reduzidas ou que não abordassem especificamente o objeto de estudo. **RESULTADOS:** Cinco estudos foram incluídos e contribuíram para a análise de diferentes estratégias, com destaque para as estratégias inovadoras para mitigação de erros, como os *softwares* de apoio à decisão clínica "*Pediatric Injectable Drugs*", a formação e os treinamentos baseados em simulação, o uso do código de barras para garantia da rastreabilidade, protocolos personalizados para emergências pediátricas, aplicativos como o "*Pediatric Dosing Calculator*", proporcionando o cálculo da dose baseada no peso e ajuste em tempo real e o uso de sistemas de análise preditiva como "*Sentinel Event Monitoring*" que ajudam a identificar falhas no sistema e implementar mudanças antes de um erro ocorrer. **DISCUSSÃO:** A revisão destaca estratégias inovadoras para mitigar erros em emergências pediátricas, como o uso de *softwares* de apoio à decisão, aplicativos de cálculo de doses, treinamento simulado, sistemas de rastreabilidade com código de barras e protocolos personalizados. Além disso, ferramentas de análise preditiva, como o *Sentinel Event Monitoring*, ajudam a antecipar falhas e implementar ajustes preventivos, criando um ambiente mais seguro na administração de medicamentos. **CONCLUSÃO:** A adoção de estratégias de prevenção e o fortalecimento de uma cultura de segurança são essenciais para a redução de erros de medicação em emergências pediátricas. No entanto, as limitações metodológicas, como o número reduzido de estudos específicos para pediatria e a falta de inovações nas intervenções, indicam a necessidade de mais pesquisas direcionadas a esse contexto, com foco na aplicação prática de novas tecnologias e protocolos adaptados ao atendimento pediátrico em emergências.

Palavras-chave: erros de medicação; gestão de riscos; medicina de emergência pediátrica; segurança do paciente.

FATORES ASSOCIADOS À HESITAÇÃO VACINAL INFANTIL

Thamyres dos Santos Silva¹; Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Luana Cabral Bezerra¹; Kássia Marcela Silva Sousa¹; Lilia Monik Souza Figueiroa Silva¹; Angela Nobre Mendes Santos¹; Tayane Moura Martins²

Graduanda em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Docente da Universidade do Estado do Pará. Mestra em promoção da saúde, desenvolvimento humano e sociedade²

Email: thamyfla@hotmail.com

Introdução: O Programa Nacional de Imunização (PNI) do Brasil destaca-se como um dos mais abrangentes do mundo, desempenhando um papel crucial na promoção da saúde infantil ao combater doenças graves por meio da vacinação. Contudo, nos últimos anos a hesitação vacinal tem emergido como um obstáculo significativo ao cumprimento dos calendários vacinais infantis. Esse fenômeno, caracterizado pela relutância ou recusa em aderir à vacinação, compromete de forma substancial a saúde das crianças ao reduzir a cobertura vacinal necessária para prevenir doenças como sarampo, poliomielite e coqueluche. **Objetivo:** Identificar os fatores associados à hesitação vacinal infantil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura de estudos disponíveis nas bases de dados Periódicos CAPES e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) publicados entre os anos 2019 a 2024. Os descritores utilizados foram “Saúde da Criança”, “Vacinas”, “Vacinação” e “Recusa de Vacinação”, intercedidos pelos operadores booleanos AND e OR. Foram incluídos artigos publicados no idioma português, disponíveis gratuitamente e na íntegra. Os fatores de exclusão incluíram artigos duplicados e incompletos nas bases de dados, teses e dissertações e artigos que não contemplavam o objetivo da pesquisa. Foram encontrados 71 artigos e selecionados 20 para compor o estudo. **Resultados e Discussão:** A hesitação vacinal infantil é determinada por múltiplos fatores como a desinformação e a disseminação de notícias falsas geram dúvidas sobre a segurança e a eficácia das vacinas. O medo da ocorrência de eventos adversos e efeitos colaterais contribui para o receio de muitos pais, enquanto a falta de conhecimento e a subestimação dos riscos das doenças imunopreveníveis fazem com que a vacinação seja entendida como desnecessária. Fatores sociodemográficos como a dificuldade de acesso aos serviços de saúde também dificultam a adesão às campanhas de imunização, assim como estilos de vida baseados em crenças alternativas em relação à valorização da alimentação saudável, amamentação prolongada e uso de práticas de medicina alternativa, levando alguns pais a acreditarem que podem dispensar o uso de imunizantes para prevenir doenças. Ademais, experiências negativas com os serviços de saúde, questões religiosas e a percepção de que a vacinação poderia enfraquecer o sistema imunológico infantil contribuem para a problemática. **Conclusão:** Apesar do Brasil ter um programa de imunização eficaz, ainda há muitos fatores sociais, demográficos e comportamentais associados à hesitação vacinal. Portanto, reafirma-se a necessidade estratégias educativas e políticas públicas de saúde que promovam a vacinação a fim de mitigar tal problemática.

Palavras-chave: programas de imunização; vacinação; saúde da criança.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA MORBIDADE HOSPITALAR POR DESNUTRIÇÃO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL (JAN/2023–SET/2024)

Pedro Teixeira Guará¹; Maria Leticia Lopes Mol Caselato²; Priscila Resende Abdalla²; Evellyn Thauany Gomes Ramos²; Maria Luisa Oliveira Santana²; Silvia Campos Gomes²; Hugo Fernandes de Paula³

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás¹, Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos², Graduado em Medicina pelo Centro Universitário de Brasília³

pedroguara@discente.ufg.br

Introdução: A desnutrição é um dos maiores desafios de saúde pública no Brasil, impactando principalmente crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade. Este estudo analisou internações e óbitos hospitalares por desnutrição, considerando desigualdades regionais, raciais e etárias, além de identificar padrões e lacunas no atendimento. **Objetivo:** Descrever as internações e óbitos hospitalares por desnutrição em menores de 19 anos no Brasil, com foco em disparidades regionais e demográficas. **Metodologia:** Estudo descritivo baseado em dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), abrangendo 11.210 internações e 206 óbitos de janeiro de 2023 a setembro de 2024. As análises foram estratificadas por faixa etária, cor/raça e região, e a taxa de mortalidade hospitalar foi calculada como a relação entre óbitos e internações. **Resultados e Discussão:** Entre as internações, 59,97% ocorreram em menores de 1 ano, destacando a vulnerabilidade nutricional nessa faixa etária. Crianças de 1 a 4 anos representaram 20,22% das internações, e os demais grupos somaram 19,81%. Quanto à cor/raça, 63,04% dos internados eram pardos, seguidos por brancos (24,77%) e pretos (4,87%). Indígenas, com 4,91%, apresentaram alta prevalência proporcional em relação à sua representatividade populacional. Regionalmente, o Nordeste liderou em internações, com 36,05%, seguido pelo Sudeste (26,02%) e Norte (13,92%). Já o Sul e o Centro-Oeste apresentaram as menores proporções, com 12,48% e 11,53%, respectivamente. O Norte, embora menos representativo em número de internações, apresentou a maior taxa de mortalidade hospitalar (3,78%), sugerindo atraso no manejo de casos graves. O Nordeste, com taxa de 1,81%, ficou próximo da média nacional (1,84%), mas concentrou o maior número absoluto de óbitos (73). O Centro-Oeste teve taxa levemente acima da média (1,86%), enquanto o Sudeste (1,23%) e o Sul (1,00%) apresentaram os melhores indicadores, refletindo maior eficiência hospitalar e acesso a cuidados. No total, os 206 óbitos hospitalares ocorreram majoritariamente no Nordeste (35,44%) e Norte (28,64%), enquanto o Sul registrou apenas 6,80%, refletindo melhores condições estruturais e menor gravidade dos casos. Esses dados evidenciam a persistência de desigualdades estruturais, com impacto maior em populações vulneráveis, como indígenas, pardos e residentes no Norte e Nordeste. **Conclusão:** A desnutrição em crianças e adolescentes no Brasil reflete desigualdades regionais e raciais profundas. As regiões Norte e Nordeste, com alta mortalidade e maior número de internações, exigem intervenções específicas e prioritárias, incluindo o fortalecimento da atenção básica e hospitalar, além de políticas públicas voltadas à segurança alimentar e equidade no acesso à saúde.

Palavras-chave: desnutrição; morbidade hospitalar; Brasil.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA MORBIDADE HOSPITALAR POR PNEUMONIA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CENTRO-OESTE (2013-2023)

Pedro Teixeira Guará¹; Priscila Resende Abdalla²; Maria Leticia Lopes Mol Caselato²; Geovanna Cesário Silva Araújo²; Evellyn Thauany Gomes Ramos²; Maria Luisa Oliveira Santana²; Hugo Fernandes de Paula³

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás¹, Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos², Graduado em Medicina pelo Centro Universitário de Brasília³

pedroguara@discente.ufg.br

Introdução: A pneumonia é uma das principais causas de morbidade e mortalidade infantil, representando um desafio e exigindo atenção contínua para a saúde pública no Brasil. Este estudo avalia os padrões hospitalares regionais e temporais das internações por pneumonia na população pediátrica do Centro-Oeste. **Objetivo:** Analisar a morbidade hospitalar por pneumonia em crianças e adolescentes no Centro-Oeste, destacando variações regionais e temporais. **Metodologia:** Estudo descritivo baseado em dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), com análise de internações, média de permanência e taxa de mortalidade, estratificadas por faixa etária, unidade da federação e ano de processamento. **Resultados e Discussão:** Entre 2013 e 2023, foram registradas 214.186 internações por pneumonia no Centro-Oeste, predominando em crianças de 1 a 4 anos (48,10%) e menores de 1 ano (29,32%). Crianças de 5 a 9 anos contribuíram com 13,82%, enquanto adolescentes de 10 a 19 anos responderam por apenas 8,80%. Goiás liderou em número absoluto de internações (64.392; 30,09% do total), seguido por Mato Grosso (28,91%) e Mato Grosso do Sul (23,43%). O Distrito Federal teve o menor volume (37.686; 17,58%), mas registrou a maior média de permanência (6,0 dias, contra 4,2 dias em Goiás). A taxa de mortalidade média da região foi de 0,73%, variando entre 0,58% no Distrito Federal e 0,90% em Mato Grosso do Sul. Em 2020, houve redução expressiva no número total de internações (6.544 casos, queda de 71% em relação a 2019) e aumento nas médias de permanência (5,4 dias) e mortalidade regional (1,31%), especialmente em Mato Grosso do Sul (2,16%) e Mato Grosso (1,32%). Essas alterações podem estar relacionadas à pandemia de COVID-19, que possivelmente impactou todas as variáveis analisadas. Nos anos subsequentes, os indicadores retornaram a níveis anteriores, com mortalidade regional média de 0,67% em 2023. As diferenças regionais podem indicar desigualdades no manejo clínico e acesso à saúde. Goiás destacou-se pela maior eficiência, com menor média de permanência e a segunda menor taxa de mortalidade (0,69%), enquanto Mato Grosso do Sul teve dificuldades persistentes em reduzir a letalidade. Crianças menores de 5 anos representaram 77,42% das internações, reforçando a necessidade de políticas direcionadas a esse grupo. **Conclusão:** A pneumonia permanece uma causa relevante de morbidade e mortalidade em crianças no Centro-Oeste, especialmente em menores de 5 anos. Políticas regionais voltadas à prevenção, ampliação do acesso e qualificação hospitalar são essenciais para atenuar os impactos da doença.

Palavras-chave: pneumonia; morbidade hospitalar; Centro-Oeste.

EPIDEMIOLOGIA DA SÍFILIS CONGÊNITA NO CENTRO-OESTE: FATORES REGIONAIS, TEMPORAIS E SOCIOECONÔMICOS (2013-2023)

Geovanna Cesário Silva Araújo¹; Priscila Resende Abdalla¹; Maria Leticia Lopes Mol Caselato¹; Rebeca Viana Porfírio Mileski¹; Aline Fernandes de Lourenço¹; Maria Luisa Oliveira Santana¹; Hugo Fernandes de Paula²

Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos¹,
Graduado em Medicina pelo Centro Universitário de Brasília²

geovanna.gcsa@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita é um grave problema de saúde pública, indicadora de falhas no acompanhamento pré-natal e no controle da sífilis materna. Este estudo analisou os padrões epidemiológicos de sífilis congênita no Centro-Oeste do Brasil, considerando tendências temporais, atenção pré-natal, perfil socioeconômico e desfechos clínicos. **Objetivo:** Analisar os casos confirmados de sífilis congênita no Centro-Oeste entre 2013 e 2023, com foco em variações regionais e temporais, adesão ao pré-natal, escolaridade materna e evolução dos casos. **Metodologia:** Estudo descritivo baseado em dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Foram analisadas as variáveis: ano de diagnóstico, realização de pré-natal, escolaridade da mãe e evolução dos casos, estratificadas por unidade federativa. **Resultados e Discussão:** Entre 2013 e 2023, foram notificados 14.399 casos de sífilis congênita no Centro-Oeste. Houve um aumento de 117,64% no período, de 782 casos em 2013 para 1.702 casos em 2023. O Distrito Federal concentrou o maior número de notificações (5.246 casos; 36,44%), enquanto Mato Grosso registrou o menor volume (2.205 casos; 15,31%). Em 2020, as notificações caíram 16,67% em relação a 2019, possivelmente devido à pandemia de COVID-19. Quanto ao pré-natal, 77,75% das mães realizaram consultas, mas os altos números de casos sugerem falhas no diagnóstico ou tratamento. Distrito Federal e Mato Grosso apresentaram as maiores proporções de mães que realizaram pré-natal (80,93% e 82,99%, respectivamente), enquanto Mato Grosso do Sul teve a menor proporção (69,87%) e a maior proporção de dados ignorados (17,63%). Na escolaridade, 34,62% dos casos apresentaram dados ignorados. Entre os registros disponíveis, mães com ensino médio incompleto e completo representaram os maiores grupos (14,75% e 16,21%, respectivamente), sugerindo que a ocorrência de sífilis congênita afeta diferentes níveis de escolaridade, incluindo mães com acesso moderado à educação. Houve 209 óbitos pelo agravo (1,55%), com o Distrito Federal registrando o maior número absoluto (86 casos). Mato Grosso do Sul teve a menor proporção de desfechos favoráveis (87,50% vivos), indicando possíveis dificuldades no manejo clínico. **Conclusão:** Apesar da alta adesão ao pré-natal, os casos de sífilis congênita permanecem elevados, refletindo falhas no diagnóstico e tratamento. Desigualdades regionais e socioeconômicas destacam desafios no manejo, especialmente no Mato Grosso do Sul. Políticas voltadas à ampliação do acesso e qualificação do pré-natal são essenciais para reduzir os impactos da sífilis congênita.

Palavras-chave: sífilis congênita; epidemiologia; Centro-Oeste.

RELAÇÃO ENTRE COBERTURA VACINAL E CASOS CONFIRMADOS DE SARAMPO NO CENTRO-OESTE (2014–2023)

Aline Fernandes de Lourenço¹; Ellen de Lima Rocha¹; Carolina Almeida Suassuna¹; Silvia Campos Gomes¹; Rebeca Viana Porfírio Mileski¹; Geovanna Cesário Silva Araújo¹; Hugo Fernandes de Paula²

Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos¹,
Graduado em Medicina pelo Centro Universitário de Brasília²

alinefernandeslourenco@gmail.com

Introdução: O sarampo é uma doença altamente contagiosa e prevenível por vacinação, mas surtos continuam a ocorrer devido à baixa cobertura vacinal. Este estudo analisa a ocorrência de casos confirmados de sarampo no Centro-Oeste do Brasil entre 2014 e 2023, correlacionando-os à cobertura vacinal da tríplice viral (D1 e D2) e tetra viral, com dados disponíveis entre 2013 e 2022. **Objetivo:** Avaliar a distribuição temporal e espacial de casos de sarampo no Centro-Oeste, identificando grupos etários mais vulneráveis e relacionando-os à cobertura vacinal. **Metodologia:** Estudo descritivo retrospectivo baseado em dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) para casos confirmados de sarampo (2014–2023) e do Programa Nacional de Imunização (PNI) para a cobertura vacinal da tríplice viral (D1 e D2) e tetra viral (SRC+VZ) no período de 2013 a 2022. As análises contemplaram a distribuição de casos por ano, estado e faixa etária, assim como tendências temporais de vacinação na região. **Resultados e Discussão:** Entre 2014 e 2023, foram registrados 43 casos confirmados de sarampo no Centro-Oeste. Goiás concentrou 58,14% dos casos (25), seguido por Mato Grosso (20,93%; 9 casos), Distrito Federal (11,63%; 5 casos) e Mato Grosso do Sul (9,30%; 4 casos). Os maiores picos ocorreram em 2019 e 2020, com 19 casos (44,19% do total). Em 2019, Goiás liderou com 6 casos, enquanto Mato Grosso não registrou notificações. Em 2020, todos os estados tiveram notificações, com destaque para Goiás (5 casos) e Distrito Federal (2 casos). A análise por faixa etária mostrou maior concentração de casos em crianças <1 ano e 1–4 anos (65,12% do total; 28 casos), indicando maior vulnerabilidade nesse grupo. Adolescentes (15–19 anos) representaram 18,60% dos casos, especialmente em Mato Grosso e Distrito Federal. A cobertura vacinal média da tríplice viral D1 foi de 93,82%, enquanto a D2 foi de apenas 74,33%. A tetra viral teve o pior desempenho (58,10%), com quedas expressivas após 2017, chegando a 5,88% em 2021. A baixa cobertura vacinal antes de 2019 pode ter contribuído para o surto, enquanto a pandemia de COVID-19 possivelmente impactou a vacinação e os casos nos anos subsequentes. **Conclusão:** O sarampo permanece um desafio para a saúde pública no Centro-Oeste, com picos associados à baixa cobertura vacinal e maior impacto em crianças menores de 5 anos. Estratégias regionais devem priorizar o reforço da imunização, especialmente para a D2 e tetra viral, e intensificar ações de vigilância para evitar novos surtos.

Palavras-chave: sarampo; cobertura vacinal; Centro-Oeste;

MORBIDADE E MORTALIDADE HOSPITALAR POR FEBRE REUMÁTICA AGUDA NO BRASIL: UMA ANÁLISE REGIONAL E ETÁRIA (2014–2023)

Maria Leticia Lopes Mol Caselato¹; Rebeca Viana Porfirio Mileski¹; Evellyn Thauany Gomes Ramos¹; Aline Fernandes de Lourenço¹; Geovanna Cesário Silva Araújo¹; Carolina Almeida Suassuna¹; Hugo Fernandes de Paula²

Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos¹,
Graduado em Medicina pelo Centro Universitário de Brasília²

marialeticiamol@hotmail.com

Introdução: A febre reumática aguda é uma doença inflamatória sistêmica que ocorre após infecções por estreptococos do grupo A. Embora prevenível, ainda representa uma importante causa de morbidade e mortalidade infanto-juvenil, especialmente em regiões com desigualdades no acesso ao diagnóstico e ao tratamento. **Objetivo:** Analisar a morbidade e a mortalidade hospitalar por febre reumática aguda no Brasil entre 2014 e 2023, com ênfase nas distribuições regionais e etárias. **Metodologia:** Estudo descritivo baseado em dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), abrangendo internações hospitalares e taxas de mortalidade, estratificadas por região e faixa etária (<1 ano, 1–4 anos, 5–9 anos, 10–14 anos e 15–19 anos). Foram avaliadas tendências temporais e regionais no período de 2014 a 2023. **Resultados e Discussão:** Durante o período, foram registradas 5.222 internações por febre reumática aguda no Brasil. A maior concentração ocorreu no Nordeste (2.309 casos; 44,21%), seguido pelo Sudeste (1.327 casos; 25,41%) e Norte (807 casos; 15,45%). As faixas etárias 10–14 anos (37,39%) e 5–9 anos (30,68%) concentraram a maior parte das internações, enquanto crianças menores de 1 ano representaram apenas 3,58%. A mortalidade hospitalar foi mais elevada na faixa menor de 1 ano (2,67%), com destaque para o Centro-Oeste (6,82%) e Nordeste (3,57%), refletindo maior gravidade clínica nesse grupo. Adolescentes de 15–19 anos apresentaram a segunda maior taxa global (1,37%), especialmente no Centro-Oeste (3,53%) e Norte (1,91%). Ao longo do período analisado, houve uma redução de 60,02% no número de internações, de 823 casos em 2014 para 329 casos em 2023, indicando possíveis avanços na prevenção e manejo da doença. Contudo, picos isolados foram observados, como em 2016 e 2021, acompanhados por elevações nas taxas de mortalidade, sugerindo lacunas regionais no acesso ao diagnóstico e ao tratamento. As menores taxas de mortalidade foram registradas no Sul (0,31%) e Sudeste (0,53%), refletindo melhor estrutura de atendimento e acesso à saúde. **Conclusão:** Apesar da redução global no número de internações, a febre reumática aguda ainda apresenta importantes desigualdades regionais e etárias no Brasil. A alta mortalidade em menores de 1 ano e adolescentes reflete a gravidade da doença em grupos mais vulneráveis, especialmente no Centro-Oeste e Nordeste, regiões com taxas de mortalidade acima da média nacional. Estratégias de saúde pública devem priorizar o diagnóstico precoce, acesso ao tratamento e prevenção, com foco em regiões e faixas etárias mais afetadas, para reduzir os impactos dessa condição evitável.

Palavras-chave: febre reumática aguda; morbidade hospitalar; Brasil.

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA MORTALIDADE INFANTIL NO DISTRITO FEDERAL: FATORES DE RISCO E PRINCIPAIS CAUSAS (2013–2023)

Rebeca Viana Porfirio Mileski¹; Priscila Resende Abdalla¹; Aline Fernandes de Lourenço¹; Evellyn Thauany Gomes Ramos¹; Maria Luisa Oliveira Santana¹; Silvia Campos Gomes¹; Hugo Fernandes de Paula²

Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos¹,
Graduado em Medicina pelo Centro Universitário de Brasília²

rebeca.rvpm@gmail.com

Introdução: A mortalidade infantil é um indicador essencial da saúde pública, refletindo a qualidade dos serviços neonatais e as condições socioeconômicas. Apesar dos avanços, a mortalidade infantil ainda apresenta desafios importantes no Distrito Federal, especialmente nos períodos neonatal e pós-neonatal. Este estudo analisou os padrões de mortalidade infantil no Distrito Federal, destacando os fatores associados ao peso ao nascer, tendências temporais e as principais causas de óbito segundo o CID-10. **Objetivo:** Avaliar os fatores associados à mortalidade infantil no Distrito Federal, com foco nos óbitos por peso ao nascer, tendência temporal e causas principais entre 2013 e 2023. **Metodologia:** Estudo descritivo baseado em dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do DataSUS. Foram analisados 4.854 óbitos de menores de 1 ano residentes no Distrito Federal, categorizados por peso ao nascer (<500g a >4.000g), faixa etária (neonatal precoce, neonatal tardia e pós-neonatal), e principais causas, classificadas de acordo com os capítulos do CID-10. Os dados foram organizados em tabelas e gráficos, e os resultados foram discutidos de forma descritiva. **Resultados e Discussão:** Dos 4.854 óbitos analisados, 56% ocorreram no período neonatal precoce (0-6 dias), 18% no neonatal tardio (7-27 dias), e 26% no pós-neonatal (28 dias a 1 ano). A mortalidade foi mais prevalente em recém-nascidos com peso ao nascer menor que 1.500g, representando 53% do total de óbitos. No entanto, 26% dos óbitos ocorreram em bebês com peso maior ou igual a 2.500g, indicando a relevância de outros fatores. Quanto às causas, 59% dos óbitos foram atribuídos a afecções perinatais, concentradas no período neonatal precoce, enquanto 28% foram associadas a malformações congênitas, predominantes no período pós-neonatal. Causas infecciosas e externas também contribuíram significativamente para a mortalidade pós-neonatal. Ao longo do período analisado, observou-se uma redução gradual nos óbitos, de 567 em 2013 para 385 em 2023, embora oscilações tenham ocorrido durante a pandemia de COVID-19. **Conclusão:** A mortalidade infantil no Distrito Federal apresentou redução consistente entre 2013 e 2023, mas permanece concentrada no período neonatal precoce e em bebês de muito baixo peso ao nascer. Estratégias focadas no cuidado pré-natal, assistência ao parto e manejo de condições perinatais e malformações congênitas são essenciais para reduzir ainda mais as taxas de óbito infantil.

Palavras-chave: mortalidade infantil; saúde neonatal; CID-10.

BENEFÍCIOS E MALEFÍCIOS DA HIPOTERMIA TERAPÊUTICA EM NEONATAIS COM DANOS CEREBRAIS HIPOXÊMICOS

Amanda Farias da Silva¹; Ludmila Pavlik Haddad²

Graduando em medicina pela Universidade Evangélica de Goiás¹, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro²

Amanda.fariassilva@hotmail.com

INTRODUÇÃO: A encefalopatia hipóxico-isquêmica (EHI) é uma doença causada pela redução do fluxo sanguíneo ou de oxigênio para o cérebro do neonato e é uma das principais causas de morte neonatal e sequelas neurológicas. A terapia de hipotermia (TH) tem sido amplamente utilizada como tratamento neuroprotetor padrão com o objetivo de reduzir o impacto da lesão secundária. No entanto, a eficácia desta abordagem pode variar dependendo da gravidade da EHI e das condições de aplicação, levantando questões sobre os benefícios e danos associados. **OBJETIVO:** O objetivo desta revisão é avaliar os benefícios e limitações da hipotermia terapêutica em neonatos com EHI moderada ou grave, analisando sua efetividade, desafios de implementação e efeitos em longo prazo. **METODOLOGIA:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura nas bases PubMed, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com uso dos descritores "encefalopatia hipóxico-isquêmica", "hipotermia terapêutica" e "neonatal", combinados por operadores booleanos "AND". Nesse contexto, foram selecionados artigos publicados entre 2022 e 2023 em português, inglês e espanhol, priorizando estudos clínicos randomizados e metanálises de alta qualidade, os quais abordaram informações atuais e relevantes sobre a temática. Após triagem, 12 estudos foram incluídos para análise, excluindo-se publicações incompletas e revisões narrativas. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Os resultados indicam que a aplicação de TH nas primeiras 6 horas de vida e o controle da temperatura em aproximadamente 33,5°C por 72 horas reduzem a mortalidade neonatal e a incidência de paralisia cerebral em neonatos com EHI moderada. No entanto, na EHI grave, a eficácia é limitada devido à rápida progressão do dano neuronal e à redução da resposta à neuroproteção. Entre os danos observados destacam-se a instabilidade hemodinâmica, a acidose metabólica e o aumento do risco de hipertermia subsequente, o que pode piorar os desfechos. Além disso, algumas unidades neonatais carecem de infraestrutura adequada, dificultando a implementação sistemática de tratamentos, exigindo protocolos rigorosos e acompanhamento multidisciplinar. **CONCLUSÃO:** A hipotermia terapêutica representa um avanço significativo na abordagem de EHI em neonatos, sendo eficaz principalmente em casos moderados. Contudo, seu uso deve ser criterioso, considerando as limitações em casos graves e os riscos associados. Sendo assim, protocolos padronizados e capacitação de equipes de terapia intensiva neonatal são fundamentais para otimizar os resultados e garantir os benefícios assegurados pela terapia.

Palavras-chave: hipotermia terapêutica; encefalopatia hipóxico-isquêmica; asfixia perinatal.

A INFLUÊNCIA DO MICROBIOMA INTESTINAL NA PREVENÇÃO E PROGRESSÃO DE DOENÇAS ALÉRGICAS EM CRIANÇAS

Amanda Farias da Silva¹; Ludmila Pavlik Haddad²

Graduando em medicina pela Universidade Evangélica de Goiás¹, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro²

Amanda.fariassilva@hotmail.com

INTRODUÇÃO: A prevalência de doenças alérgicas, como asma, dermatite atópica e alergias alimentares, tem aumentado significativamente em crianças, e o microbioma intestinal desempenha um papel crucial na regulação do sistema imunológico e no desenvolvimento dessas condições. Estudar a interação entre o microbioma e o sistema imunológico infantil pode oferecer novas abordagens para a prevenção e tratamento dessas doenças. **OBJETIVO:** O objetivo desse estudo é avaliar o impacto do microbioma intestinal no desenvolvimento de doenças alérgicas em crianças e identificar os fatores que influenciam a composição microbiana, além dos mecanismos biológicos subjacentes às manifestações alérgicas. **METODOLOGIA:** Foi realizada uma revisão abrangente nas bases de dados PubMed, Scopus, Web of Science e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), buscando artigos publicados entre janeiro de 2021 e setembro de 2024. Os descritores utilizados incluíram “microbioma intestinal”, “doença alérgica”, “criança” e “sistema imunológico”, combinados com operador booleano “AND”. O estudo, realizado em inglês e português, abrangeu estudos clínicos, revisões sistemáticas, ensaios controlados e estudos observacionais que avaliaram a relação entre o microbioma intestinal e as doenças alérgicas em crianças. Inicialmente foram identificados 220 artigos. Após triagem de títulos, resumos e critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 36 artigos para análise detalhada. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Os resultados mostraram que a redução da diversidade microbiana e as alterações na composição do microbioma intestinal, como a diminuição de bactérias dos gêneros *Bifidobacterium* e *Lactobacillus*, estão associadas a um risco aumentado de doenças alérgicas em crianças. Além disso, fatores como tipo de parto, tipo de alimentação nos primeiros anos de vida, uso precoce de antibióticos e exposição a ambientes esterilizados influenciam diretamente a composição microbiana. Foi evidenciado que a disbiose na flora intestinal pode levar a uma resposta imunitária exagerada, promover inflamação e desencadear reações alérgicas. A discussão discute a importância de estratégias que favoreçam a modulação positiva do microbioma, como o uso de probióticos e dietas ricas em fibras, para prevenir doenças alérgicas em crianças. **CONCLUSÃO:** Esta revisão demonstra que o microbioma intestinal desempenha um papel crucial no desenvolvimento de doenças alérgicas em crianças, influenciando a maturação do sistema imunitário e a suscetibilidade a doenças alérgicas. A modulação do microbioma é uma abordagem promissora para a prevenção e gestão destas doenças, no entanto, é necessária mais investigação para identificar intervenções eficazes e seguras. Estudos futuros são recomendados para padronizar protocolos e compreender melhor os mecanismos de interações microbioma-imunidade.

Palavras-chave: microbioma intestinal; doenças alérgicas; crianças.

ATUAÇÃO DA EQUOTERAPIA NA FUNÇÃO MOTORA DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN (SD)

Naiarilly de Aquino Benicio¹; Lavínia Beatriz Carmo de Almeida²

Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas¹, Fisioterapeuta pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas²

naiarilly.aqui@gmail.com

Introdução: Dentre todas as síndromes genéticas conhecidas, a Síndrome de Down (SD) é a mais prevalente, afetando aproximadamente 1 a cada 600 a 800 nascidos vivos no mundo. Essa condição, causada pela trissomia do cromossomo 21, é caracterizada por uma ampla variedade de manifestações clínicas, incluindo alterações cognitivas, cardiopatias congênitas, e uma série de atrasos no desenvolvimento motor. Entre os déficits motores mais comuns associados à SD estão a hiperflexibilidade, padrão de marcha alterado, déficit de equilíbrio e hipotonia muscular. Nesse contexto, a equoterapia se destaca como uma alternativa terapêutica promissora para crianças com Síndrome de Down. **Objetivo:** Apresentar a atuação da Equoterapia na função motora de crianças com Síndrome de Down. **Metodologia:** Este estudo trata-se de uma revisão de literatura qualitativa, com caráter descritivo, em língua portuguesa. A pesquisa foi realizada nas bases de dados eletrônicas: SciELO e Google Acadêmico, os descritores utilizados foram: “equoterapia”, “fisioterapia” e “síndrome de down”, em inglês e português, com operador booleano “AND”. Os critérios de elegibilidade foram: artigos nos idiomas inglês e português, publicados nos últimos 10 anos e que apresentassem resultados relevantes. E foram excluídas dissertações, teses, artigos incompletos, duplicados e estudos com pouca clareza metodológica. A busca resultou em 6 estudos, dos quais 5 foram considerados elegíveis após análise de título, resumos e leitura na íntegra e, assim, foram utilizados para a elaboração desse estudo. **Resultados e Discussões:** Crianças com Síndrome de Down apresentam atraso na aquisição dos marcos motores, além de características como frouxidão articular, diminuição da força muscular e hipotonia. Nesse contexto, estudos comprovam que a equoterapia se destaca como um método terapêutico eficaz para a reabilitação motora. Além disso, a equoterapia contribui significativamente para o desenvolvimento neuropsicomotor dessas crianças. Esse método utiliza a marcha tridimensional do cavalo em uma abordagem interdisciplinar, promovendo melhorias na praxia fina e global, no padrão de marcha, no equilíbrio estático e dinâmico, além de favorecer o desenvolvimento físico e emocional dessas crianças. **Conclusões:** Assim, conclui-se que a equoterapia se apresenta como uma abordagem eficaz no tratamento de crianças com SD, promovendo a estimulação física e emocional. Dessa forma, esta criança ganha independência em suas AVD'S e dispõe de uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: equoterapia; fisioterapia; síndrome de down.

ABUSO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

Jéssica Batista dos Santos¹; Cláudia Aparecida Godoy Rocha²

Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas¹, Mestranda em Ensino em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Tocantins²

jessicabatista12373@gmail.com

Introdução: O abuso sexual na adolescência é uma grave violação dos direitos humanos e constitui um problema que afeta a saúde física, psicológica e social das vítimas. Este tipo de violência ocorre predominantemente em ambientes familiares e é caracterizado pela desigualdade de poder entre o agressor e a vítima. Apesar de avanços legais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), muitos casos permanecem subnotificados devido ao medo e vergonha que cerca essas situações. A prevenção passa pela implementação de políticas públicas eficazes, ações educativas em escolas para identificação precoce, e treinamento de profissionais de saúde e educação para lidar com essas situações.

Objetivo: Identificar na literatura os impactos do abuso sexual na adolescência. **Metodologia:** Revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa, realizada em novembro de 2024, a partir de levantamento bibliográfico, nas bases de dados: LILACS e MEDLINE. Utilizaram-se os descritores: “Abuso sexual na infância”, “Adolescência” e “Trauma sexual”, em cruzamento com o operador booleano AND. Adotaram-se como critérios de inclusão: estudos relacionados a temática, nos idiomas português, espanhol e inglês, disponíveis em texto completo, com recorte temporal de 2019 a 2024. E como critérios de exclusão: teses, monografias e dissertações associadas a outras doenças. Emergiram-se na pesquisa 47 estudos. **Resultados e Discussão:** Mediante análise dos estudos, os impactos do abuso sexual na adolescência pode gerar diversas lesões físicas e psicológicas, comprometendo o desenvolvimento integral dos adolescentes, quanto fisicamente, destacam-se traumas genitais, gravidez indesejada e maior suscetibilidade a infecções sexualmente transmissíveis, quanto psicologicamente, as vítimas frequentemente apresentam transtornos como ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e isolamento social, afetando a autoestima, prejudicando o desempenho escolar e comprometendo as relações interpessoais, onde esses impactos demandam intervenções multiprofissionais, com ênfase na proteção, no suporte psicológico e na reconstrução da autonomia dos adolescentes, políticas públicas eficazes são essenciais para prevenir o abuso e oferecer cuidado adequado às vítimas. **Conclusão:** Portanto, o abuso sexual na adolescência representa uma grave violação dos direitos humanos, com impactos físicos e psicológicos profundos que comprometem o desenvolvimento saudável dos adolescentes com abordagem eficaz que exige intervenções multiprofissionais, priorizando o acolhimento, suporte psicológico e reintegração social das vítimas, onde a implementação de políticas públicas preventivas e educativas é fundamental para combater essa violência e garantir uma rede de proteção e cuidado integral.

Palavras-chave: abuso sexual infantil; adolescência; trauma sexual.

ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NO ALEITAMENTO MATERNO

Levi Alfeu Almeida Brito¹; Ana Beatriz Lima de Souza²; Cristiane Guerreiro Pereira Abdul Massih³,
Liliane Dias e Dias de Macedo⁴

Graduando em fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará, Graduando em fonoaudiologia pela Universidade da Amazônia, Docente na Universidade da Amazônia³, Docente na Universidade do Estado do Pará⁴

levialfeu@gmail.com

INTRODUÇÃO: O trabalho do fonoaudiólogo é de fundamental importância junto às mães e bebês nas maternidades, e cabe a esse profissional atender, ouvir e transmitir às mães informações relacionadas tanto ao aleitamento quanto às implicações no bom desenvolvimento das estruturas orais. Sendo o profissional da saúde que está diretamente ligado às funções estomatognáticas, que envolvem a mastigação, sucção, deglutição, respiração e fala, o fonoaudiólogo está habilitado para intervir nas desordens dessas funções, assim como no sistema motor oral do bebê, identificando-as precocemente. **OBJETIVO:** Identificar a atuação da fonoaudiologia no aleitamento materno. **METODOLOGIA:** Realizou-se a busca por artigos nas bases de dados científicas: Google Acadêmico e Scielo. Os principais descritores pesquisados foram: aleitamento materno e fonoaudiologia. Foram utilizados como critério de seleção: artigos que demonstraram a atuação do fonoaudiólogo no aleitamento materno, a importância da fonoaudiologia ligada à amamentação e as orientações para mães de recém-nascidos. Foram excluídos artigos repetidos, que abordaram outras patologias e que não tinham relação com o papel do fonoaudiólogo na amamentação. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Foram encontrados 13 artigos nas bases consultadas, no período de 2005 a 2022, nas línguas inglesa e portuguesa. Dentre eles, apenas 6 foram utilizados para a revisão, dos quais 4 abordaram sugestões para facilitar a amamentação, lidar com adequações, intervenções para melhorar a posição da amamentação, cuidados com as mamas e expressões para alívio do estresse durante a fase pós-parto. É importante e essencial observar a função estomatognática do recém-nascido. **CONCLUSÃO:** O aleitamento materno, para a fonoaudiologia, é de grande importância, pois beneficia adequadamente o crescimento e desenvolvimento das estruturas que compõem o sistema estomatognático e as respectivas funções de respiração, sucção, deglutição, mastigação e fala. Desse modo, o ato de sugar no peito aprimora a mobilidade, postura e tonicidade da musculatura orofacial envolvida, além de contribuir para o estabelecimento da respiração nasal, prevenindo a instalação de hábitos orais deletérios e más oclusões. No entanto, ainda nos deparamos com baixo índice de fonoaudiólogos inseridos nas maternidades e com a carência de estudos que comprovem o conhecimento das mães sobre o papel da fonoaudiologia na amamentação e como ela contribui para a saúde materno-infantil.

Palavras-chave: Amamentação; Atuação; Fonoaudiologia.

ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA EM PRESBIFONIA

Ana Beatriz Lima de Souza¹; Cristiane Guerreiro Pereira Abdul Massih²; Levi Alfeu Almeida Lobato Brito³; Liliane Dias e Dias de Macedo⁴

Graduando em fonoaudiologia pela Universidade da Amazônia¹, Docente na Universidade da Amazônia², Graduando em fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará³, Docente na Universidade do Estado do Pará⁴

blossonmars324@gmail.com

INTRODUÇÃO: O envelhecimento do organismo possui como característica o processo dinâmico e progressivo, acompanhado por alterações estruturais em diversos órgãos e sistemas. O distúrbio de voz em idosos pode ser decorrente do envelhecimento laríngeo ou de natureza funcional e orgânica. A maioria dos distúrbios de voz em idosos está relacionado ao estado de saúde física, social e comportamental. Cabe ao fonoaudiólogo que é responsável por identificar e tratar disfonias, ensinar a adequada higiene vocal e desenvolver um programa de exercícios vocais que enfatize a respiração, suporte abdominal, relaxamento da musculatura da cabeça e pescoço. **OBJETIVO:** Identificar através da literatura a atuação da fonoaudiologia no contexto do envelhecimento da voz. **METODOLOGIA:** Realizou-se a busca por artigos nas bases de dados científicas: BVS e SciELO. Os principais descritores pesquisados foram: presbifonia e fonoaudiologia. Foram utilizados como critério de seleção artigos que demonstraram a atuação do fonoaudiólogo na reabilitação vocal de idosos, a importância da fonoaudiologia na avaliação das alterações vocais associadas ao envelhecimento e orientações para o cuidado vocal de indivíduos idosos, excluindo-se artigos repetidos ou que abordaram outras patologias sem relação direta com o papel do fonoaudiólogo na avaliação e intervenção em presbifonia. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Foram encontrados oito artigos nas bases consultadas no período de 2019 a 2024, em língua portuguesa. Dentre eles, seis foram selecionados para a revisão bibliográfica, sendo abordadas estratégias voltadas para intervenções vocais específicas em idosos, como sugestões para melhorar a qualidade vocal; intervenções para otimizar a projeção vocal; cuidados com a saúde vocal e práticas para aliviar o desgaste vocal associado ao envelhecimento. Vale ressaltar que os dois artigos excluídos, foram retirados por tratarem exclusivamente da presbifonia sem abordar a atuação fonoaudiológica. **CONCLUSÃO:** A literatura sobre intervenção fonoaudiológica na presbifonia destaca um predomínio de estudos que evidenciam a eficácia das técnicas vocais aplicadas por fonoaudiólogos. Esses profissionais desempenham um papel fundamental na reabilitação vocal de idosos, utilizando abordagens que visam melhorar a qualidade da voz, a projeção e a saúde vocal geral. O fonoaudiólogo não apenas ajuda a restaurar a funcionalidade vocal, mas também contribui para a melhora da comunicação e qualidade de vida dos pacientes, promovendo bem-estar e inclusão social.

Palavras-chave: Atuação; Fonoaudiologia; Presbifonia.

FATORES INTERFERENTES NO DIAGNÓSTICO DE PARASITOSE INTESTINAIS: REVISÃO DE LITERATURA ACERCA DOS FALSOS NEGATIVOS NO EXAME DE FEZES

Alice Duarte Baptista¹; Isabela Hespanhol¹; Kailane Trajano Silveira Martins¹; Laura Barcelos Paes¹;
Maycon Bruno de Almeida²

Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina de Campos (FMC)¹, Mestrado em Biociências e
Biotecnologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)²

baptistaaliced@gmail.com

Introdução: Os parasitas intestinais representam um problema de saúde pública no Brasil e em vários outros países do mundo. As doenças causadas por tais agentes são extremamente prevalentes e, no entanto, subdiagnosticadas. O método diagnóstico padrão-ouro para as parasitoses intestinais é o chamado exame parasitológico fecal (EPF), que consiste na avaliação microscópica de amostras fecais. A grande adversidade a ser debatida é que apesar de ser uma importante ferramenta em questão de saúde, o EPF pode apresentar resultados negativos mesmo em pessoas infectadas. **Objetivo:** Destacar a ocorrência de falsos-negativos no exame microscópico de fezes e identificar os fatores interferentes para esses resultados. **Metodologia:** A pesquisa trata-se de revisão de literatura nas bases de dados Lilacs e Pubmed, com artigos científicos selecionados a partir das palavras-chave: “parasitoses intestinais”, “diagnóstico de parasitoses” e “exame parasitológico de fezes”. Os critérios de inclusão foram publicações dos anos de 2019 a 2024, nos idiomas português, inglês e espanhol, relacionadas ao objetivo proposto do presente estudo. Artigos duplicados, sem texto completo disponível e não relacionados foram excluídos e a seleção foi de 11 publicações. **Resultados e Discussão:** A análise dos estudos selecionados revelou que os falsos-negativos no EPF estão frequentemente associados a uma série de fatores interferentes, destacando-se tanto aspectos técnicos quanto biológicos. Entre os mais descritos, estão a quantidade inadequada da amostra coletada, algumas vezes insuficiente para a identificação de parasitas em estágios de baixa carga parasitária, e a variabilidade no ciclo biológico dos parasitas, que pode gerar resultados negativos dependendo do momento da coleta em relação ao ciclo do organismo. A baixa sensibilidade dos métodos escolhidos e os erros técnicos de leitura do exame também foram encontrados como determinantes para tais achados nos exames. Paralelamente aos aspectos biológicos, tais problemas técnicos configuram um desafio significativo para a redução dos falsos-negativos no EPF. **Considerações Finais:** Evidencia-se que os resultados falso-negativos contribuem para o subdiagnóstico das parasitoses intestinais, perpetuando o problema de saúde pública global. Além disso, a revisão conclui que, para reduzir as interferências nos resultados, é adequada a repetição de exames e a adoção de técnicas mais modernas, como a biologia molecular, melhorando a precisão diagnóstica.

Palavras-chave: doenças parasitárias; diagnóstico; falsos-negativos; saúde pública.

PROJETO DE EXTENSÃO SOBRE EDUCAÇÃO EM SAÚDE E DIAGNÓSTICO SITUACIONAL DE PARASITÓSES INTESTINAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alice Duarte Baptista¹; Laura Barcelos Paes¹; Isabela Hespanhol¹; Kailane Trajano Silveira Martins¹;
Maycon Bruno de Almeida²

Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina de Campos (FMC)¹, Mestrado em Biociências e
Biotecnologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)²

baptistaaliced@gmail.com

Introdução: As parasitoses intestinais representam um problema significativo de saúde pública global, especialmente em regiões com precariedade no saneamento básico e acesso limitado a serviços de saúde. Frequentemente associadas a condições de vulnerabilidade social, impactam diretamente na qualidade de vida da população, sobretudo de crianças, o grupo epidemiológico de maior prevalência. O papel da educação em saúde e do diagnóstico precoce torna-se essencial para a prevenção e controle dessas infecções e projetos de extensão universitária desempenham uma função relevante ao envolver ativamente a comunidade, de modo a facilitar o entendimento de medidas de proteção e contribuir para a formação prática dos estudantes. **Objetivo:** Relatar as experiências vivenciadas enquanto extensionistas no projeto de educação em saúde e diagnóstico situacional de parasitoses intestinais no município de Campos dos Goytacazes – RJ, no curso de Medicina. **Relato de experiência:** Durante o desenvolvimento do projeto, diversas atividades práticas foram realizadas nas escolas municipais, com o objetivo de promover a educação em saúde de forma acessível. Como extensionistas, realizamos exposições de conteúdo sobre parasitoses intestinais, utilizando linguagem simples e recursos visuais para facilitar a compreensão das crianças, além de atividades lúdicas, como jogos educativos e dinâmicas interativas, que tornaram o aprendizado mais divertido e efetivo. Essas estratégias mostraram-se eficazes ao transformar o aprendizado em um momento prazeroso, permitindo-nos vivenciar a interdisciplinaridade entre a saúde e a educação. A coleta de material fecal das crianças foi realizada para a posterior análise da prevalência de parasitas, contribuindo para um diagnóstico situacional mais preciso. Em uma ação social realizada em um espaço público, distribuímos panfletos informativos com orientações sobre medidas de prevenção, buscando sensibilizar a comunidade sobre a importância do autocuidado e da higiene para a redução das infecções parasitárias. Participar deste projeto foi uma oportunidade de enxergar a saúde além das barreiras acadêmicas, vivendo na prática o impacto de ações simples, mas profundamente significativas. **Conclusão:** As ações integradas do projeto de extensão não apenas fortaleceram a participação ativa da população local, mas também enriqueceram a experiência dos estudantes de Medicina. Dados os resultados extremamente relevantes na atuação comunitária acerca da prevenção de parasitoses intestinais, ressalta-se a relevância dos projetos universitários como ferramenta de mudança social.

Palavras-chave: diagnóstico precoce; educação em saúde; prevenção de doenças; saúde pública.

DESAFIOS E IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA INFÂNCIA

Larissa Crepaldi Domingues¹; Ana Paula Neroni Stina Saura²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Paulista¹, Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade de São Paulo²

larissacrepaldidomingues@gmail.com

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma psicopatologia do neurodesenvolvimento, caracterizado por um déficit persistente na interação social, comunicação e padrões comportamentais de interesse e atividades. Manifesta-se geralmente na infância. O diagnóstico de TEA é clínico, sendo efetuado por meio da observação da criança, entrevistas com os pais e ferramentas específicas. É um dos mais complexos e desafiadores em crianças, devido à ampla gama de manifestações, considerando a variação entre leve e severo e a intensidade do comprometimento, o que justifica o uso do termo "espectro". **Objetivo:** Fornecer uma visão sobre o diagnóstico do TEA na infância, destacando os desafios relacionados a esse diagnóstico e à intervenção terapêutica precoce. **Metodologia:** Este resumo baseia-se em uma revisão da literatura bibliográfica/narrativa, realizada por meio de levantamento nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Scopus, entre agosto e outubro de 2024. O período de pesquisa foi delimitado entre 2000 e 2023. Os descritores utilizados foram "Transtorno do Espectro Autista", "diagnóstico precoce" e "infância", combinados por meio do operador booleano AND, para restringir os resultados à literatura relevante. Durante a busca, foram encontrados seis artigos que atendiam aos critérios de inclusão, sendo esses estudos originais, com relevância para o tema e publicados em português, inglês ou espanhol. Foram excluídos trabalhos que não atendiam aos critérios de abordar especificamente o tema ou apresentavam dados irrelevantes. Após a delimitação dos critérios, foram selecionados quatro artigos para análise. **Resultados e Discussão:** A revisão indica que o diagnóstico precoce do TEA é essencial para melhorar o prognóstico, possibilitando intervenções terapêuticas mais eficazes. A literatura aponta que a variabilidade dos sintomas e a amplitude do espectro tornam o diagnóstico desafiador, exigindo uma abordagem cuidadosa e precisa. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de intervenções adequadas para melhorar o desenvolvimento social e cognitivo da criança, permitindo um plano de cuidado adequado. Quando combinadas com uma abordagem multidisciplinar, essas intervenções oferecem suporte personalizado, contribuindo para um tratamento mais eficiente e abordando as diferentes necessidades das crianças com TEA. **Conclusão:** Diante da perspectiva apresentada, quanto mais tardio o diagnóstico da síndrome, pior seu prognóstico e adequação do estilo de vida, portanto, é fundamental a detecção preliminar, acompanhada de intervenções precoces. No entanto, persistem desafios relacionados à acessibilidade e à conscientização sobre o transtorno, destacando ainda a necessidade de avanços na capacitação de profissionais e na oferta de recursos para o manejo adequado do TEA.

Palavras-chave: diagnóstico; TEA; infância.

IMPACTOS ASSOCIADOS AO USO DE CIGARRO ELETRÔNICO POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Arthur Andrade Brandão¹; Caio César Caetano Mendonça¹; Pedro Henrique Lessa de Oliveira¹; Érika Carvalho de Aquino²

Graduando em medicina pela Universidade Federal de Goiás¹
Doutora em Medicina Tropical e Saúde Pública pela Universidade Federal de Goiás²

arthur_brandao@discente.ufg.br
caiocezar@discente.ufg.br
pedro.lessa@discente.ufg.br
erikaaquino345@gmail.com

Introdução: O tabaco é um fator de risco evitável para doenças crônicas não transmissíveis, com impactos diretos e indiretos à saúde. A infância e adolescência, marcadas por mudanças físicas, emocionais e sociais, são fases de vulnerabilidade para a adoção de hábitos prejudiciais, como o uso de cigarros eletrônicos. O aumento desse comportamento de risco entre crianças e adolescentes evidencia um problema de saúde pública, destacando a urgência de estudos e intervenções. **Objetivo:** Analisar o aumento do uso de cigarros eletrônicos entre crianças e adolescentes, enfatizando os impactos na saúde física e mental, como sintomas de ansiedade e depressão. **Metodologia:** Este estudo é uma revisão de literatura baseada em artigos publicados no PubMed entre 2019 e 2024. A busca utilizou os descritores “Electronic Cigarette”, “Children” e “Teenagers”, resultando em 1666 estudos. Aplicando critérios de inclusão (textos completos gratuitos em português ou inglês) e exclusão (textos fora do período, pagos ou em outros idiomas), foram selecionados cinco artigos relevantes. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados mostram um aumento significativo do uso de cigarros eletrônicos entre crianças e adolescentes. Na Suécia, 21,4% dos adolescentes de 19 anos haviam experimentado esses dispositivos, e 4,2% eram usuários regulares, frequentemente associados ao tabagismo parental e ao uso de outros produtos de tabaco. No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) de 2019 apontou que 16,8% dos adolescentes de 13 a 17 anos haviam experimentado cigarros eletrônicos, com prevalência maior em escolas privadas. Outro estudo brasileiro revelou que, em 2019, 70% dos usuários de dispositivos eletrônicos para fumar tinham entre 15 e 24 anos, a maioria sem histórico de uso de cigarros convencionais. Além disso, identificou-se uma correlação entre o uso de cigarros eletrônicos e o aumento de sintomas de ansiedade e depressão, sugerindo impactos psicológicos relevantes. Esses achados reforçam a necessidade de políticas regulatórias e campanhas educativas para reduzir o uso entre jovens, considerando os riscos de dependência de nicotina e prejuízos à saúde. **Conclusão:** O aumento do uso de cigarros eletrônicos entre jovens é alarmante, com implicações psicológicas e risco de dependência. Intervenções regulatórias e campanhas de conscientização são essenciais para mitigar esse problema de saúde pública.

Palavras-chave: vaping; assistência integral à saúde da criança e do adolescente; transtornos mentais.

A ABORDAGEM DO CONHECIMENTO PRÁTICO ACERCA DAS PARASITOSESE INTESTINAIS NAS CRECHES DA CIDADE DE CABEDELLO-PB.

Yara Jainne Do nascimento Barros¹ Vitória Vieira Melo Ramalho¹ Ana Caroline Gomes de Miranda
Linhares¹ Pedro Uchôa Costa Cunha¹ Maria do Socorro Vieira Pereira²

¹ Graduandos em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba Afya FCM-PB.

² Docentes do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba Afya FCM-PB.

yarajnbarros@gmail.com

Introdução: As parasitoses intestinais são doenças adquiridas através de alimentos infectados por agentes patológicos por meio da manipulação inadequada tanto no preparo quanto na hora do consumo. Geralmente provocam sinais e sintomas de desconforto abdominal, vômitos, náuseas, diarreia e febre. É notório o quanto as creches são ambientes favoráveis ao acometimento e a transmissão dos parasitas, desse modo é necessária a abordagem de conhecimento e realização de boas práticas de higienização destinadas às crianças, bem como as merendeiras. **Objetivo:** Relatar as ações práticas de educação em higienização realizadas nas creches por estudantes de medicina participantes de um projeto de extensão pertencente à faculdade em Cabedelo-PB. **Relato de experiência:** Foi executada no dia 11 de setembro de 2024 uma demonstração do passo a passo da maneira correta de lavar as mãos para as crianças do infantil IV da creche Santa Bárbara, de forma lúdica e prática, além disso, foi distribuído panfletos com imagens coloridas contendo super-heróis higienizando as mãos e fazendo analogia aos seus superpoderes de nunca adoecerem, continha também pequenos textos destinados aos pais ou responsáveis para que continuassem as boas práticas de higiene em casa. Um segundo momento foi realizado com foco na educação destinada a merendeira da creche, a qual interagiu bastante com as informações levadas através de um tablet, com imagens de pessoas em leito de hospital com complicações das parasitoses intestinais, bem como as medidas simples e necessárias de manipulação dos alimentos. **Conclusões finais:** A experiência vivenciada em questão demonstrou ser bastante significativa diante da interação das crianças e da merendeira, as quais foram bastante receptivas e atenciosas. Foi interessante perceber o despertar da merendeira acerca da importância do manuseio no preparo dos alimentos e como tudo isso muitas vezes é banalizada por ser práticas simples do cotidiano das cozinheiras. Portanto, é muito relevante essa abordagem por ajudar a prevenir doenças, agregar na educação continuada das crianças, como também diminuir problemas de saúde pública.

Palavras-chave: Parasitoses; Ação em saúde; Educação.

ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA AQUÁTICA NAS COMPLICAÇÕES DA DISTROFIA MUSCULAR DE DUCHENNE EM CRIANÇAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Maria Letícia da Silva Santos¹; Rayane Tavares de Sousa Alves¹; Luiz Guilherme Brandão de Oliveira¹; Jaime Dativo de Medeiros²

Discentes em fisioterapia pela Faculdade Integrada CETE-FIC¹, Docente do curso de Fisioterapia da Faculdade Integrada CETE- FIC²

marialeticia2243@gmail.com

INTRODUÇÃO: A Distrofia Muscular de Duchenne (DMD) é uma doença de origem genética, ligada ao cromossomo X, de caráter recessivo, caracterizada pela ausência da proteína distrofina, sendo a mais comum das distrofias em crianças do sexo masculino. Nessa perspectiva, essa patologia é caracterizada por complicações nas funções motoras, impactando diretamente os músculos, por meio do sistema nervoso periférico, além disso, perda muscular e complicações respiratórias. Diante disso, a fisioterapia aquática vem sendo encarada como um método complementar de tratamento por causa de suas propriedades físicas que auxilia o paciente em diversos exercícios que fora da água seriam dificultados pelo peso corporal, fraqueza muscular e limitações decorrentes da presença de encurtamentos, contraturas musculares e deformidades. Também possibilita a realização dos exercícios de uma forma mais global e tridimensionalmente, o que não ocorre no solo. **OBJETIVO:** Avaliar a atuação da fisioterapia aquática nas complicações da Distrofia Muscular de Duchenne em crianças, descrevendo sua abordagem terapêutica. **METODOLOGIA:** O atual estudo é uma revisão sistemática, do tipo integrativa, realizada através de pesquisas feitas nas bases de dados SCIELO, BVS e PUBMED. Foi utilizado os seguintes descritores em português: “Distrofia Muscular de Duchenne”, “Crianças”, “Fisioterapia aquática”, “Tratamento”, todos cruzados com o booleano “AND”, para garantir maior precisão na busca dos estudos. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Foram encontrados 10 artigos a partir dos descritores selecionados. Aplicando os critérios de exclusão e após leitura dos mesmos na íntegra, 4 artigos eliminados, resultando em 6 artigos utilizados para o levantamento dos dados. Foi observado que o tratamento em meio aquático facilita a troca e manutenção das posturas devido ao empuxo, que reduz a influência da gravidade, promovendo alinhamento do tronco e harmonia corporal. Além disso, oferece benefícios como aumento da amplitude de movimento, fortalecimento muscular, melhora da circulação sanguínea, alívio do impacto na marcha, suporte à respiração com fortalecimento da parede torácica e benefícios emocionais. Essas abordagens trazem benefícios para auxiliar na melhora da qualidade de vida das crianças com distrofia muscular de Duchenne. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Diante do exposto, nota-se que a fisioterapia aquática influencia positivamente no tratamento da distrofia muscular de Duchenne, agindo de maneira facilitadora no suporte à respiração, redução da gravidade e manutenção postural, além de melhora da amplitude de movimento e fortalecimento muscular, obtendo resultados otimistas no que diz respeito a qualidade de vida da criança.

Palavras-chave: Distrofia Muscular de Duchenne; Fisioterapia aquática; Crianças.

O USO DE ATIVIDADES LÚDICAS COMO FERRAMENTA EDUCATIVA NO ENSINO SOBRE PARASITOSES INTESTINAIS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

Laura Barcelos Paes¹; Alice Duarte Baptista¹; Kailane Trajano Silveira Martins¹; Isabel Hespanhol¹; Maycon Bruno de Almeida²

Graduando em medicina pela Faculdade de Medicina de Campos (FMC)¹, Mestrado em Biociências e Biotecnologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)²

l.barcelospaes@gmail.com

Introdução: A alta prevalência das infecções parasitárias constitui um relevante problema de saúde pública para a população brasileira, haja vista a marcante relação dessas patologias com o nível socioeconômico dos indivíduos, o qual é traduzido pelas condições do ambiente em que se inserem, com seu status imunológico e com as características relacionadas ao próprio parasita, fatores que constituem a tríade epidemiológica. A população infantil se destaca como grupo vulnerável em relação a essas infecções, tendo em vista a imaturidade do seu sistema imunológico, a exposição frequente aos ambientes de risco e seus hábitos de higiene pessoal, que ainda estão em desenvolvimento. Sendo assim, a educação em saúde, sobretudo por meio da utilização de atividades lúdicas, torna-se uma medida fundamental para evitar as parasitoses. Essas estratégias fazem do aprendizado um processo mais atraente e ajudam a consolidar mudanças de hábito muito efetivas, tais como lavar as mãos, ingerir água potável, lavar os alimentos antes de consumi-los e não levar objetos à boca. **Objetivo:** Apresentar o uso de atividades lúdicas envolvendo o conhecimento sobre parasitoses intestinais como uma forma de estimular mudanças de hábito duradouras na população em idade escolar. **Relato de experiência:** Enquanto alunos de um projeto de extensão sobre parasitoses intestinais, confeccionamos um jogo da memória usando imagens dos principais microrganismos relacionados a essas infecções, material que foi utilizado por crianças em uma feira científica na cidade de Campos dos Goytacazes e em uma abordagem do projeto no ambiente escolar. O jogo conta com doze imagens de parasitas, dispostas em seis pares, e o objetivo é encontrar as imagens correspondentes, que estão viradas e, portanto, apenas com o verso à mostra. À medida que os pares são corretamente encontrados pelas crianças, é realizada uma breve e simples explicação sobre o parasita em questão, a doença por ele causada e as medidas para prevenir tal parasitose. **Conclusão:** A vulnerabilidade das crianças às infecções parasitárias destaca a importância de buscar intervenções focadas na educação em saúde de indivíduos dessa faixa etária. Além disso, a conscientização desse grupo é também uma forma de buscar estender a adoção de hábitos de higiene adequados para toda a estrutura familiar, o que gera um impacto positivo sobre a saúde da população de forma geral.

Palavras-chave: educação em saúde, parasitoses intestinais, parasitoses em crianças.

OBESIDADE INFANTIL: FATORES DE RISCO, CONSEQUÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO

Angella Nobre Mendes Santos¹, Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Kássia Marcela Silva Sousa¹; Lília Monik Souza Figueiroa Silva¹; Thamyres dos Santos Silva¹; Tayane Moura Martins²

Graduanda em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹; Docente da Universidade do Estado do Pará; Mestra em promoção da saúde, desenvolvimento humano e sociedade²

Email: angella.nmsantos@aluno.uepa.br

Introdução: A obesidade infantil é caracterizada por um distúrbio metabólico que ocasiona um processo inflamatório e o acúmulo excessivo de tecido adiposo. A incidência dessa condição de saúde vem crescendo de forma exponencial em todo o mundo, acarretando em diversas complicações e o desenvolvimento de doenças e agravos não transmissíveis. Nesse sentido, conhecer as estratégias de prevenção e fatores de riscos são de extrema importância visando a redução da morbimortalidade infantil ocasionadas pela obesidade. **Objetivo:** Identificar os fatores de riscos, consequências e estratégias de prevenção a respeito da obesidade infantil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura de artigos publicados entre 2019 a 2024, disponíveis nas bases de dados Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library (SCIELO). Os descritores utilizados foram “Obesidade pediátrica”, “Fatores de risco” e “Prevenção de doenças”, intercedidos pelo operador booleano AND. Foram inclusos artigos publicados no idioma português, disponíveis gratuitamente e na íntegra. Os fatores de exclusão incluem artigos publicados em idiomas estrangeiros, teses e dissertações e publicações realizadas no período anterior ao ano 2019. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 131 artigos e selecionados 12 para compor a revisão bibliográfica de literatura. Os estudos apontam que os fatores de riscos para a obesidade infantil estão associados ao baixo envolvimento da família em relação a educação nutricional, sedentarismo causado pelo excesso de tempo de tela e maior consumo de alimentos industrializados e calóricos. No que tange as consequências, as doenças como diabetes tipo 2, hipertensão, cardiopatias, distúrbios metabólicos, doenças respiratórias, doenças ortopédicas, depressão, baixa autoestima e exclusão social são as desencadeadoras de situações mais graves da obesidade infantil. Em relação as estratégias de prevenção, os estudos enfatizam que os programas educacionais nas escolas aliados às práticas de atividades físicas, além da redução da influência midiática sobre o consumo de alimentos industrializados são importantes ações preventivas, além disso, estabelecer limites de tempo de uso de eletrônicos e maior envolvimento da família na rotina da criança incentiva a promoção de hábitos saudáveis. **Conclusão:** É de suma importância que exista uma atenção prioritária aos fatores de riscos para obesidade infantil, evitando as consequências físicas, psicológicas e sociais. Essa condição de saúde é passível de prevenção quando abordada de forma integral combinando atividades educativas no âmbito escolar, políticas que realizem a regulamentação de publicidade alimentar e principalmente o envolvimento familiar para que aumente o incentivo à hábitos saudáveis.

Palavras-chave: saúde da criança; obesidade; prevenção de agravos.

O IMPACTO DA VACINAÇÃO NA SAÚDE INFANTIL

Luana Cabral Bezerra¹; Lilia Monik Souza Figueroa Silva¹; Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Angella Nobre Mendes Santos¹; Kássia Marcela Silva Souza¹; Thamyres dos Santos Silvas¹; Thayane Moura Martins².

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹; Docente da Universidade do Estado do Pará. Enfermeira Mestra, em promoção da saúde, desenvolvimento humano e desenvolvimento pela Fundação ULBRA².

luanac.bezerra13@gmail.com

Introdução: A vacinação desempenha um papel importantíssimo na proteção da saúde infantil, sendo uma das intervenções de saúde pública mais eficazes na prevenção de doenças infecciosas. Ao longo das últimas décadas, programas de imunização em massa contribuíram significativamente para a redução da mortalidade infantil e para o controle de epidemias, refletindo diretamente na melhoria da qualidade de vida das crianças. Desse modo, faz-se crucial abordar a importância das vacinas no fortalecimento do sistema imunológico infantil, destacando os benefícios dessa prática essencial. **Objetivo:** O presente estudo teve como objetivo identificar o impacto direto da vacinação infantil na atenção a saúde integral da criança. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, por meio de uma revisão integrativa da literatura, tendo como base, artigos disponíveis nas bases de dados Scielo, Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), onde foi pesquisado trabalhos publicados entre o período de 2019 a 2024. Foram utilizados os seguintes descritores “vacinação”, “Programas de Imunização” e “Assistência Integral a saúde da criança”, intercedido pelo operador booleano AND. Foram incluídos artigos no idioma português, disponíveis na íntegra e gratuitos. Foram excluídos desta revisão artigos duplicados nas bases de dados. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 82 resultados, dos quais foram selecionados 9 para a presente revisão Bibliográfica da Literatura. De acordo com as pesquisas realizadas, a vacinação impacta diretamente a qualidade de vida e a saúde infantil, já que o uso de imunizantes previne e protege consideravelmente a criança contra patógenos extremamente virulentos e que antes das vacinas eram indicados como os principais causadores da mortalidade infantil, como, a Rubéola, a difteria, o tétano, o rotavírus, a coqueluche e entre outros. Desse modo, considerando os estudos analisados, foi possível destacar que as campanhas de imunização contribuem significativamente para a redução global das taxas de mortalidade infantil, reforçando a importância das políticas públicas voltadas à vacinação. Além disso, os imunizantes não apenas reduzem os riscos individuais, mas também promovem a proteção coletiva, conhecida como imunidade de rebanho, essencial para a erradicação de doenças graves. **Considerações Finais:** Destarte, conclui-se o quanto a vacinação é um fator importante na garantia a saúde e no combate à mortalidade infantil, pois ela previne e combate diversas doenças importantes, e garante um desenvolvimento e crescimento adequado a essa faixa-etária.

Palavras-chave: vacinação; Programas de Imunização; Assistência Integral à Saúde da criança.

ABUSO SEXUAL INFANTIL: FATOR DESENCADEANTE DE TRANSTORNOS MENTAIS NA VIDA ADULTA

Ana Paula Rodrigues Nunes¹; Cellyane Farias Veríssimo¹; Luiz Augusto Dantas Prazeres¹; Maiara Santos Vieira¹; Flávia Nunes Ferreira de Araújo²

Graduandos em Enfermagem pelo Centro Universitário UNIFACISA¹, Doutora em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande²

paulinhan286@gmail.com

Introdução: O abuso sexual infantil é identificado como uma série de episódios traumáticos na vida da criança, geralmente ocasionado por toques, gestos, exposição à pornografia e outras formas de exploração sexual. Esse tipo de violência traz consequências na vida adulta e gera impactos significativos e permanentes. **Objetivo:** Compreender como a falta de intervenção antecipada em situações de abuso sexual infantil podem implicar em transtornos mentais durante a vida adulta das vítimas. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados SciELO, LILACS e PubMed por meio do cruzamento dos descritores “Abuso Sexual”, “Violência Infantil” e “Transtornos Psicofisiológicos”, empregando o operador booleano “AND”. Foram selecionados textos com idiomas inglês e português, publicados entre 2019 e 2024, disponíveis na íntegra e gratuitos. Foram excluídos, desta pesquisa, outras revisões integrativas, duplicatas e trabalhos de conclusão de curso. Na busca inicial foram apresentados 163 documentos. Após a definição dos critérios de elegibilidade permaneceram 28 textos, ao aplicar os critérios de exclusão permaneceram 8 artigos na amostra final. **Resultados e Discussão:** O abuso sexual causa danos significativos, sendo o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) um dos principais. Além disso, as vítimas podem desenvolver sintomas de depressão, ansiedade, dissociação e problemas interpessoais. O abuso sexual infantil, ponto investigado no presente estudo, afeta principalmente crianças do sexo feminino, sendo o agressor, em muitos casos, um parente próximo e o ato cometido em suas respectivas residências. Nesse sentido, as vítimas desse tipo de violência têm maior propensão ao uso de substâncias como álcool e nicotina na vida adulta, o que pode evoluir para o uso de outras substâncias, tornando a prevenção antecipada essencial, a fim de evitar os atos de abuso sexual e suas respectivas consequências durante a fase adulta dos indivíduos. **Considerações Finais:** Pode-se perceber que a violência sexual na infância se constitui como um problema de saúde pública, uma vez que sua incidência é alarmante, sobretudo por repetir padrões como a prevalência do sexo feminino entre as vítimas, além do aumento da probabilidade dessas crianças sofrerem transtornos físicos, mentais e patológicos durante a vida adulta. Logo, esse estudo buscou mostrar a importância e necessidade da prevenção do abuso sexual na infância, evitando, assim, distúrbios durante a fase adulta. Para tanto, é imprescindível a busca por medidas de intervenção capazes de alterar esse quadro e de prevenir os atos de violência e consequente quebra da integridade física e mental infantil.

Palavras-chave: abuso sexual; violência infantil; transtornos psicofisiológicos.

PREVENÇÃO DE ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS

Leonardo Silva Melo¹; Laynna Sthephany Cordeiro Silva²; Débora Cristina Ferreira Lagos³

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Graduando em psicologia pela Universidade Federal do Maranhão², Mestre em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Melo.leonardo1@discente.ufma.br

INTRODUÇÃO: A intoxicação por animais peçonhentos é um grave problema de saúde pública, especialmente em países tropicais e subtropicais como o Brasil, que registra o maior número de acidentes por esses animais na América Latina. Estima-se que ocorram cerca de cem mil acidentes, resultando em aproximadamente 220 óbitos. Ataques em áreas urbanas têm se tornado mais frequentes, atribuídos a desequilíbrios ecológicos provocados pelo desmatamento e pelas mudanças climáticas. **OBJETIVO:** Analisar estratégias para a prevenção de acidentes causados por animais peçonhentos. **METODOLOGIA:** trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de pesquisas e artigos publicados em bases de dados: Scientific Electronic Library Online, Base de Dados de Enfermagem e a Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde. Os descritores utilizados foram “Criança”, “animais peçonhentos” e “acidentes”. **RESULTADOS:** A análise de acidentes por animais peçonhentos revela que a faixa etária mais afetada é entre 10 e 19 anos, com predominância de vítimas masculinas e das raças parda e branca, sendo 57,31% dos casos em áreas urbanas. A assistência médica rápida resulta em uma taxa de cura de 91,29% e apenas 0,15% de óbitos, evidenciando a eficácia dos tratamentos. Entretanto, a prevenção é crucial, envolvendo campanhas educativas para jovens, cuidados com a limpeza de residências e o uso de equipamentos de proteção. Também é vital sensibilizar a população sobre a importância de buscar atendimento imediato após um acidente para aumentar as chances de cura e reduzir complicações. **CONCLUSÃO:** A rápida assistência às vítimas de acidentes por animais peçonhentos e a eficácia dos tratamentos são cruciais, mas a prevenção continua sendo fundamental para reduzir a incidência desses casos. Para manter os avanços e diminuir o impacto desses acidentes, é necessário focar tanto na resposta imediata quanto na promoção de uma cultura de prevenção e segurança nas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: criança; animais peçonhentos; acidentes.

AValiação de Crescimento e Desenvolvimento de Crianças Acolhidas por Instituição Filantrópica: Relato de Experiência

Acsa Julia da Silva Assis¹; Geysla Vitória da Silva Amorim²; Hallana Laisa de Lima Dantas³

Graduando em enfermagem pela Faculdade Raimundo Marinho¹, Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Mário Pontes Jucá², Enfermeira Mestre, docente na Faculdade Raimundo Marinho³

acsaj566@gmail.com

Introdução: A consulta de enfermagem à criança é uma metodologia sistemática de assistência que visa promover, proteger e recuperar a saúde da criança e de sua família. O acompanhamento do crescimento e desenvolvimento, do nascimento até os 5 anos de idade, é de fundamental importância para a promoção à saúde da criança e prevenção de agravos, identificando situações de risco e buscando atuar de forma precoce nas intercorrências. **Objetivo:** Relatar a vivência de avaliar o crescimento e desenvolvimento de crianças abrigadas em uma instituição filantrópica para meninas em vulnerabilidade socioeconômica. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo do tipo relato de experiência de uma visita técnica ocorrida no mês de abril de 2024 oportunizado pela Faculdade Raimundo Marinho – FRM Maceió, na disciplina de cuidado e atenção integral de enfermagem na saúde do neonato, da criança e do adolescente. Um grupo de 7 estudantes promoveu ação de avaliação de crescimento e desenvolvimento de crianças na faixa de 4-11 anos presentes em uma instituição filantrópica para meninas em vulnerabilidade socioeconômica, as quais permaneciam no local durante o dia, retornando para suas famílias ao anoitecer. A unidade oferecia atividade escolar até o ensino fundamental, refeições e lanches e contava com uma equipe de voluntários de cerca de 6 pessoas. Foram avaliadas 22 crianças quanto ao processo de crescimento e desenvolvimento, registrado em ficha individual de indicadores do desenvolvimento infantil. Para a avaliação foi realizada brincadeiras que trabalham a coordenação motora, agilidade e equilíbrio e, os indicadores de crescimento e desenvolvimento infantil. **Resultados e Discussão:** A avaliação foi guiada seguindo a caderneta da saúde da criança e pode ser observado que algumas crianças não estavam com os indicadores adequados para sua faixa etária, por exemplo indícios de puberdade precoce. Foram avaliadas 22 crianças e para a avaliação foi realizada brincadeiras que trabalham a coordenação motora, agilidade e equilíbrio e, os indicadores de crescimento e desenvolvimento infantil. A experiência da consulta de enfermagem na avaliação do crescimento e desenvolvimento de crianças é essencial para o desenvolvimento de competências clínicas e empáticas. Essa prática permite a aplicação de conhecimentos teóricos de forma personalizada, favorecendo uma abordagem holística. **Considerações Finais:** A experiência de sistematizar o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento das crianças foi essencial para o desenvolvimento técnico e humano como acadêmica de enfermagem. Essa metodologia viabilizou o aprimoramento de conhecimentos, intervenções seguras e personalizadas, reforçando o compromisso com o cuidado integral e o preparo de futuros profissionais para uma atuação ética e empática.

Palavras-chave: cuidado da criança; consulta de enfermagem; crescimento e desenvolvimento.

A IMPORTÂNCIA DO PRÉ-NATAL NA PREVENÇÃO DA TOXOPLASMOSE EM GESTANTES

Angella Nobre Mendes Santos¹, Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Kássia Marcela Silva Sousa¹; Lilia Monik Souza Figueiroa Silva¹; Thamyres dos Santos Silva¹; Tayane Moura Martins²

Graduanda em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Docente da Universidade do Estado do Pará. Mestra em promoção da saúde, desenvolvimento humano e sociedade²

Email: angella.nmsantos@aluno.uepa.br

Introdução: A toxoplasmose é uma zoonose causada pelo *Toxoplasma gondii* e quando não identificada e tratada durante os três primeiros meses de gestação, pode causar sérias complicações no feto, como: aborto, nascimento prematuro, morte neonatal, hidrocefalia e microcefalia. O pré-natal se trata de um acompanhamento realizado por profissionais de saúde durante toda a gestação com o objetivo de evitar complicações no período gestacional protegendo a saúde materna e fetal. **Objetivo:** Descrever a importância do pré-natal na prevenção da toxoplasmose em gestantes. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura de estudos disponíveis nas bases de dados Scientific Electronic Library (SCIELO), PUBMED e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) publicados entre 2019 a 2024. Os descritores utilizados foram “toxoplasmose”, “gravidez”, “saúde”, “toxoplasmosis”, “pregnancy” e “health” intercedidos pelo operador booleano AND. Foram inclusos artigos publicados no idioma português e inglês disponíveis gratuitamente e na íntegra. Os fatores de exclusão incluem artigos duplicados nas bases de dados, teses, dissertações e publicações realizadas no período anterior ao ano 2019. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 331 artigos e selecionados 20 para compor a revisão bibliográfica de literatura. Os artigos apontam que durante o pré-natal os profissionais de saúde podem oferecer um acompanhamento integral à gestante proporcionando educação em saúde e fornecendo informações importantes sobre hábitos que ajudam a prevenir a toxoplasmose como: cuidados alimentares, evitar contato direto com fezes de animais e higiene pessoal. Durante o pré-natal, também são realizados testes sorológicos que permitem classificar as gestantes em dois grupos: imunes, que já tiveram contato com o *Toxoplasma gondii* e, portanto, apresentam baixo risco de se infectarem novamente; e não imunes, gestantes mais suscetíveis à infecção, necessitando de maior atenção. Os estudos também enfatizam que caso a gestante seja diagnosticada com toxoplasmose, o pré-natal permite um tratamento imediato e precoce assim diminuindo as chances de transmissão congênita ao feto. **Conclusão:** O pré-natal é de suma importância para prevenir e diminuir os impactos da toxoplasmose durante a gravidez através de educação em saúde, exames sorológicos e tratamento precoce adequado. Permite um acompanhamento completo durante todo o período gestacional fazendo com que profissionais de saúde aproveitem esse momento para conscientizar a gestante sobre a doença, aumentando as chances de adesão a medidas preventivas.

Palavras-chave: pré-natal; estratégias de saúde; prevenção de agravos.

FATORES DE RISCO ASSOCIADOS A GASTROENTEROCOLITE AGUDA INFANTIL

Luana Cabral Bezerra¹; Lilia Monik Souza Figueroa Silva¹; Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Angella Nobre Mendes Santos¹; Kássia Marcela Silva Souza¹; Thamyres dos Santos Silvas¹; Thayane Moura Martins².

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹; Docente da Universidade do Estado do Pará. Enfermeira Mestra, em promoção da saúde, desenvolvimento humano e desenvolvimento pela Fundação ULBRA².

luanac.bezerra13@gmail.com

Introdução: A Gastroenterocolite Aguda (GECA) é considerada um grave problema de saúde pública, devido sua elevada morbimortalidade. É caracterizada por uma condição inflamatória que afeta o estômago, o intestino delgado e grosso simultaneamente, é caracterizada por sintomas como, diarreia, dores abdominais, febre e vômitos. Geralmente a GECA é causada por vírus, entretanto, também pode ser desencadeada por bactérias, protozoários e até mesmo pela ingestão de alimentos contaminados. É comum afetar pessoas de todas as idades, entretanto, é comum em crianças menores de 5 anos. **Objetivo:** Identificar na literatura os principais fatores de risco envolvidos na Gastroenterocolite aguda em crianças (GECA). **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, por meio de uma revisão integrativa da literatura, tendo como base artigos disponíveis nas bases de dados Scielo, Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), onde foi pesquisado trabalhos publicados entre o período de 2019 a 2024. Foram utilizados os seguintes descritores “Fatores de Risco”, “Gastroenterite” e “diarreia infantil”, intercedido pelo operador booleano AND. Foram incluídos artigos no idioma português, disponível na íntegra e gratuitos. Foram excluídos desta revisão artigos duplicados nas bases de dados e que os títulos não correspondiam com o tema pesquisado. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 46 artigos e selecionados 6 para compor esta revisão bibliográfica de literatura. Conforme pesquisas realizadas, os principais fatores de risco para o desenvolvimento de gastroenterocolite aguda são: Idade, crianças menores de 5 anos que ainda estão com o sistema imunológico em desenvolvimento, tornando-as mais suscetíveis a infecções por bactérias e vírus causadores da GECA; Doenças Autoimunes e tratamentos por quimioterapia e radioterapia; falta de acesso a água potável e ingestão de água contaminada; falta de saneamento básico; higiene pessoal inadequada; e contaminação alimentar por ingestão e manipulação inadequada de alimentos. **Conclusão:** Portanto, torna-se necessário implementar medidas preventivas e educativas que visem reduzir a exposição aos fatores de risco identificados, especialmente em crianças menores de 5 anos, que representam ser grupo mais vulnerável. Destarte, Investimentos em saneamento básico, acesso à água potável, promoção de hábitos de higiene adequados e o fortalecimento de campanhas de saúde pública são essenciais para minimizar a incidência da GECA e as suas complicações.

Palavras-chave: Fatores de Risco; Gastroenterite; diarreia infantil.

DESAFIOS NO ACESSO AO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UNIDADES DE ATENÇÃO SECUNDÁRIA DO SUS

Ana Beatriz Arrais de Araújo¹; Felipe Augusto Melo de Medeiros²; Karla Salgado Lima³; Maria Luiza Silva Santiago⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵

Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal¹, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU - Natal², Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal⁴, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵

abeatriz.arrais@gmail.com

Introdução: O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), que surge nos primeiros anos de vida, é marcado por um desenvolvimento não homogêneo, variando amplamente em manifestações iniciais e na identificação dos sinais. Essa heterogeneidade do TEA pode dificultar a detecção precoce, especialmente em contextos de serviços de saúde pública. **Objetivo:** Este estudo buscou explorar o processo de acesso ao diagnóstico de TEA em unidades de atenção secundária do Sistema Único de Saúde (SUS) na cidade de Natal/RN, investigando a experiência e os desafios enfrentados por famílias ao tentar obter o diagnóstico. **Metodologia:** Realizou-se uma pesquisa qualitativa-descritiva com quinze mães de pessoas com TEA atendidas em centros de referência do SUS para pessoas com deficiência. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas, possibilitando uma compreensão aprofundada das experiências dessas mães. As entrevistas foram gravadas em um gravador, logo após transcritas e analisadas através da Análise de Conteúdo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Onofre Lopes (parecer nº 6.466.061). **Resultados e Discussão:** Os resultados apontaram que os primeiros sinais de TEA geralmente surgiram entre o primeiro e o quinto ano de vida. No entanto, a falta de conhecimento prévio sobre o transtorno entre os familiares dificultou a percepção inicial desses sinais em alguns casos. Observou-se uma grande variação no tempo de obtenção do diagnóstico: enquanto algumas famílias conseguiram identificar o TEA relativamente cedo, outras enfrentaram longos períodos de espera. Os obstáculos principais incluíram a limitada disponibilidade de consultas especializadas e a sobrecarga dos serviços de saúde mental. O papel dos profissionais de saúde mostrou-se ambíguo; alguns foram descritos como referências de apoio e orientação, enquanto outros apresentaram falhas, como ausência de acompanhamento adequado e orientação insuficiente para as famílias. **Conclusão:** O estudo conclui que o processo de diagnóstico de TEA no SUS necessita de melhorias para se tornar mais ágil e acolhedor. É essencial fortalecer a formação dos profissionais de saúde, ampliar o acesso a avaliações especializadas e criar uma rede de apoio mais eficiente para as famílias. Essas melhorias são fundamentais para reduzir a demora no diagnóstico e aumentar a qualidade do atendimento, promovendo um acompanhamento mais humanizado e efetivo.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. diagnóstico. Sistema Único de Saúde. Atenção Secundária.

ALEITAMENTO MATERNO E HIV: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOBRE OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS A PARTIR DA VISÃO DAS MÃES

Ana Beatriz Arrais de Araújo¹; Felipe Augusto Melo de Medeiros²; Karla Salgado Lima³; Maria Luiza Silva Santiago⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵

Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal¹, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU - Natal², Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal⁴, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵

abeatriz.arrais@gmail.com

Introdução: A transmissão vertical do HIV, que ocorre da mãe para o filho durante a gestação, o parto ou a amamentação, continua sendo um grande desafio de saúde pública. Embora o aleitamento materno tenha reconhecidos benefícios para a saúde do lactente, as mães vivendo com HIV enfrentam dilemas sobre os riscos da transmissão do vírus por meio do leite materno. **Objetivo:** Este estudo teve como objetivo analisar as mulheres vivendo com HIV sobre os riscos de transmissão vertical do HIV através do aleitamento e as intervenções recomendadas para prevenir essa transmissão, sem comprometer os benefícios do aleitamento. **Metodologia:** A pesquisa seguiu a metodologia de revisão integrativa, com busca de artigos publicados entre 2019 e 2023 nas bases de dados Scielo, PubMed e Lilacs, escrito entre março a junho de 2024. Os critérios de inclusão foram: artigos em português ou inglês, com estudos realizados com amostras humanas, que abordassem o aleitamento materno em mulheres vivendo com HIV. Excluíram-se estudos que não focavam em mulheres com HIV ou que tratavam exclusivamente de fórmulas infantis sem considerar a amamentação. Os descritores utilizados foram “HIV”, “aleitamento materno” e “transmissão vertical”. **Resultados e Discussão:** Durante o processo de seleção, foram identificados 65 artigos, dos quais 18 atenderam aos critérios de inclusão, compondo a análise final. A culpabilização é um sentimento predominante entre mulheres que enfrentam o risco ou a possibilidade de transmitir uma infecção grave, momentaneamente sem cura, e que pode impor aos seus filhos as mesmas limitações que elas próprias experimentam. Essa vivência torna-se ainda mais intensificada no contexto do alojamento conjunto, onde as mulheres, ao perceberem a amamentação das outras mães, podem sentir-se ainda mais constrangidas pela impossibilidade de amamentar. Este estudo reveste-se de grande importância social, pois pode contribuir para aprimorar a qualidade da assistência oferecida a essas mulheres, especialmente no que diz respeito à prevenção da transmissão vertical, à orientação sobre os cuidados com o recém-nascido e ao aconselhamento antes e após o diagnóstico do HIV. **Conclusão:** Ao final deste estudo, conclui-se que a comunidade, em geral, responde com preconceito, discriminação e exclusão em relação às pessoas vivendo com HIV, o que leva essas pessoas a esconderem seus diagnósticos. Assim, é papel dos profissionais de saúde, detentores do conhecimento técnico, compartilhar essas informações com as mães, a fim de capacitá-las a desenvolver práticas de autocuidado, permitindo-lhes cuidar de forma adequada de seus bebês em casa.

Palavras-chave: HIV; aleitamento materno; transmissão vertical; terapia antirretroviral; saúde pública.

RECURSOS FISIOTERAPÊUTICOS EFICAZES NO MANEJO DA BRONQUIOLITE VIRAL AGUDA EM CRIANÇAS

Thalia Teles Dantas¹, Lavínia Beatriz Carmo de Almeida²

Graduanda de Fisioterapia pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas¹, Fisioterapeuta pela Faculdade Santo Antônio de Alagoinhas²

thaliat10@hotmail.com

Introdução: A Bronquiolite Viral Aguda (BVA) é uma infecção respiratória, geralmente causada pelo vírus sincicial respiratório (VSR), que afeta principalmente bebês entre 3 e 6 meses, podendo também ocorrer em crianças de até 5 anos. Caracteriza-se por inflamação e edema nas vias aéreas, levando ao aumento da produção de muco e obstrução bronquiolar. Nesse contexto, observa-se que a fisioterapia tem um papel importante para a diminuição da desobstrução das vias aéreas e, conseqüentemente, a diminuição de dias em hospitalização. **Objetivo:** Identificar e analisar os principais recursos fisioterapêuticos disponíveis, avaliando sua eficácia no manejo da BVA em crianças. **Metodologia:** Este estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa, baseada em artigos que atenderam ao objetivo proposto. A busca foi realizada nas bases de dados eletrônicas PubMed, SciELO e TEDE PUCRS, empregando os descritores “bronquiolite”, “fisioterapia” e “tratamento fisioterapêutico”, em português e inglês, com operadores booleanos “AND” e “OR”. Os critérios de elegibilidade incluíram estudos publicados nos últimos 10 anos, sem restrição de idioma (com tradução, quando necessário) e que apresentassem resultados relevantes. Foram excluídas dissertações, teses, artigos incompletos, duplicados, estudos com pouca clareza metodológica e que não apresentaram resultados significativos. A busca resultou em 286 estudos, dos quais 5 foram considerados elegíveis após análise na íntegra e, assim, foram utilizados para a elaboração deste estudo. **Resultados e discussão:** De acordo com os estudos, diversos recursos fisioterapêuticos têm se mostrado eficazes no manejo da bronquiolite viral aguda em crianças. Técnicas como a expiração lenta prolongada (ELPr) combinada com tosse provocada (TP) e inspiração forçada têm se mostrados capazes de reduzir os dias de hospitalização, ajudando a normalizar a frequência respiratória (FR) e a saturação de oxigênio (SpO₂). Além disso, outro estudo destaca que a tosse provocada (TP) e a desobstrução rinofaríngea retrógrada (DRR) são recursos eficazes para reduzir o tempo de hospitalização e o escore de Wang. A drenagem autogênica (DA) assistida, associada à ventilação percutida, também se mostrou eficiente, contribuindo para a diminuição dos dias de internação, do escore de gravidade e da frequência cardíaca (FC). **Conclusão:** Assim, os recursos fisioterapêuticos citados anteriormente demonstram-se eficazes no manejo da BVA em crianças. Esses tratamentos não só reduzem o tempo de hospitalização, mas também melhoram a severidade da doença. Portanto, a fisioterapia respiratória é uma ferramenta útil no suporte ao tratamento da BVA, promovendo melhora da função pulmonar das crianças.

Palavras-chave: bronquiolite; fisioterapia; tratamento fisioterapêutico.

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DA ANESTESIA PEDIÁTRICA

João André Rocha¹; Ana Clara Moreira Almeida¹; Lorena Miranda Lorens¹; Luis Cezar Loro Morejón²

Graduando em medicina pela Universidade Católica de Brasília¹, Médico Anestesiologista²

E-mail para correspondência: joaoandrerocha2013@gmail.com

Introdução: A anestesia pediátrica apresenta desafios únicos em relação à segurança, manejo de vias aéreas e tomada de decisões durante e após o procedimento anestésico. A anatomia e fisiologia das crianças tornam-nas mais suscetíveis a complicações respiratórias e hemodinâmicas. O manejo da via aérea, extubação e administração de sedação para exames são áreas que demandam atenção especial. Ademais, a anestesia regional requer rigoroso monitoramento para evitar erros e garantir a eficácia. Esses fatores destacam a importância de protocolos, capacitação contínua e estratégias integradas e individualizadas. **Objetivo:** Identificar obstáculos no manejo anestésico de crianças e estratégias para segurança e eficácia. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, construída por meio da base de dados PubMed e Scielo, com os termos “Pediatric Anesthesia”, “Challenges” e “Strategies” no idioma inglês, com o operador “AND”. Foram incluídas as revisões simples, sistemáticas e meta-análises dos últimos 5 anos. **Resultados e Discussão:** Lidar com crianças na anestesiologia tem suas peculiaridades. A realização de exames de imagem, como a ressonância magnética, é complexa, pois envolvem locais fechados e pacientes pediátricos são difíceis de obedecer aos comandos para prática correta dos exames, mas uma solução aderida por profissionais da saúde é a administração de sedativo e anestésico geral. Elas apresentam vias aéreas em constantes alterações, seja no formato ou no tamanho, até completarem uma década de vida, com alguns desafios sendo expostos à equipe médica. Extubá-los quando possuem vias aéreas difíceis não é simples e demanda planejamento, como estimar a probabilidade de insucesso e estar preparado para garantir a oxigenação. O uso da anestesia regional pediátrica está presente ativamente na prática médica, entretanto ela possui situações que induzem a erros, como a falha na confirmação do local de realização do bloqueio ou no reconhecimento de onde é viável efetuar a anestesia. Dessa forma, necessita-se reconhecer esses episódios com antecedência e isso pode ser feito por ultrassonografia. **Conclusão:** A anestesia pediátrica exige abordagem especial e compreender as particularidades anatômicas e fisiológicas das crianças é crucial para garantir a prática correta dos procedimentos anestésicos. O estudo das estratégias discutidas, como o uso de sedação para exames diagnósticos, o manejo seguro da via aérea e a utilização da ultrassonografia para auxiliar nos bloqueios regionais evidencia a importância de uma conduta individualizada e qualificada para superar os desafios dessa anestesia. Além disso, a atualização constante em conhecimentos e técnicas emergentes é fundamental para aprimorar os resultados anestésicos na população pediátrica.

Palavras-chave: anestesia pediátrica; desafios; estratégias.

IMPACTOS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS DA GRAVIDEZ EM ADOLESCENTES BRASILEIRAS

Sâmella Soares Oliveira Medeiros¹; Juliano Policarpio Moura¹; Pedro Henrique Lessa de Oliveira²;
Suzan Kelly Macedo²; Suzana Karoline Oliveira Brito²; Vitória Mendonça²; Lucélia Gonçalves
Vieira³

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser¹, Graduando em Medicina pela
Universidade Federal de Goiás², Docente em Universidade Federal de Goiás³

samellasomedeiros@gmail.com

Introdução: A gravidez na adolescência é um fenômeno multifacetado que integra aspectos biológicos, sociais, econômicos e culturais, cuja interpretação varia de acordo com o contexto em que ocorre. No Brasil, entre 2010 e 2021, foram registrados 4.990.127 partos em adolescentes de 10 a 19 anos. Esses partos se concentram em regiões com maior vulnerabilidade social e menor Índice de Desenvolvimento Humano. Pode acarretar impactos físicos, como diabetes gestacional e pré-eclâmpsia, além de psicológicos, como baixa expectativa de futuro e autovalorização negativa. **Objetivo:** Analisar os impactos físicos e psicológicos da gravidez na adolescência, considerando as dimensões biológica, social, econômica e cultural. **Metodologia:** O estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura de artigos científicos publicados no PubMed entre 2019 e 2024. Foi realizada uma busca utilizando os descritores “Teenage” e “Pregnancy”, utilizando como critério de inclusão artigos científicos gratuitos e em português, encontrando 20 resultados. Desses, foram excluídos artigos publicados fora do período estipulado, pagos, não alinhados com os objetivos da pesquisa e em idiomas diferentes dos selecionados. Desse modo, 5 estudos se adequaram à temática abordada. **Resultados e Discussão:** A gravidez em adolescentes menores de 14 anos é marcada por vulnerabilidades relacionadas à saúde, educação e direitos humanos. É importante destacar que nas regiões Norte e Nordeste do Brasil apresentam maior prevalência de gravidez nessa faixa etária. Esse fenômeno está relacionado a fatores como violência sexual, desigualdades socioeconômicas e raciais, bem como barreiras no acesso à educação sexual e a métodos contraceptivos. Meninas negras enfrentam menor acesso a cuidados pré-natais no primeiro trimestre, o que aumenta os riscos de morbimortalidade materna e infantil. Além disso, a baixa escolaridade contribui para o ciclo de pobreza, casamento infantil e gravidez precoce, enquanto barreiras institucionais e culturais limitam o acesso ao aborto legal em casos permitidos por lei. Ademais, movimentos conservadores dificultam a promoção dos direitos sexuais e reprodutivos. Tais fatores refletem padrões culturais e sociais locais que agravam a vulnerabilidade estrutural desses adolescentes. **Conclusão:** Conclui-se que a gravidez na adolescência reflete desigualdades estruturais de natureza social, racial e de gênero, agravadas pela violência sexual e pela dificuldade de acesso a serviços de saúde e educação adequados. Torna-se evidente a urgência de políticas públicas que garantam proteção, promovam a educação sexual e combatam padrões culturais que perpetuam a gravidez precoce. Assim, estratégias são indispensáveis para reduzir os impactos na saúde física e mental desses jovens, promovendo maior equidade e justiça social.

Palavras-chave: gravidez; adolescência; vulnerabilidades.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA FEBRE DE CHIKUNGUNYA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO NORDESTE DO BRASIL DE 2020 A 2024

Carolina Cordeiro Silva¹; Leonardo Silva Melo¹; Emyllie de Fátima Castro Cavalcante²; Waléria Bottentuit Nogueira²; Francisca Thaynara Alencar Lima³; Monica Elinor Alves Gama⁴

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão², Graduanda em Nutrição pela Universidade Federal do Maranhão³, Médica Pediatra e Docente de Medicina da Universidade Federal do Maranhão⁴

carolina.cordeiro@discente.ufma.br

Introdução: A Chikungunya é uma arbovirose causada pelo vírus CHIKV de RNA cadeia simples. A transmissão desse vírus ocorre através da picada dos mosquitos *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*. Os sinais e sintomas são, principalmente, dores articulares e musculares, cefaleia, febre aguda e mialgia. Por se tratar de uma doença emergente, embora não seja considerada de alta letalidade, possui grande impacto na mobilidade, produtividade e qualidade de vida devido a sua incidência e facilidade de disseminação, em especial, entre crianças e adolescentes. **Objetivo:** Conhecer o perfil epidemiológico dos casos pediátricos de febre de Chikungunya no Brasil de 2020 a 2024. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo baseado em dados de casos de febre chikungunya disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A amostra inclui crianças e adolescentes com até 14 anos, no nordeste do Brasil, nos anos de 2020 a 2024. Foram utilizadas as seguintes variáveis: “faixa etária”, “sexo”, “região de notificação” e “evolução”. **Resultados e Discussão:** Durante o período amostral, na região nordeste, foram registrados 72.392 casos de febre chikungunya. Os casos foram distribuídos por faixa etária: menores de 1 ano (10,1%), de 1 a 4 anos (18%), de 5 a 9 anos (32,3%), de 10 a 14 anos (39,5%). Dos casos registrados, 52,4% foram do sexo masculino e 47,4% do feminino. Foram registrados 23 óbitos por agravo notificado. Os óbitos foram distribuídos por faixa etária: menores de 1 ano (30,4%), de 1 a 4 anos (21,7%), de 5 a 9 anos (13%) e de 10 a 14 anos (34,7%). Foram registrados 54.609 casos em que houve cura. Os casos de cura foram distribuídos por faixa etária: menores de 1 ano (9,4%), de 1 a 4 anos (18,1%), de 5 a 9 anos (32,4%), de 10 a 14 anos (40%). **Considerações Finais:** Os dados demonstram que a febre chikungunya no Nordeste tem atingido especialmente adolescentes e resultado em mortes principalmente de crianças no primeiro ano de vida. Essa incidência reforça a importância da implementação de medidas de saúde pública para reduzir a transmissibilidade da doença. Ainda que a maioria dos casos não evolua para óbito, é essencial que estratégias de prevenção sejam adotadas para mitigar esse quadro. Desta maneira, a taxa de ocorrências poderá ser atenuada e uma condição de saúde, bem-estar e maior qualidade de vida, oferecida para as crianças e adolescentes do Nordeste.

Palavras-chave: vírus chikungunya; febre; criança.

TESTE DO CORAÇÃOZINHO: EFEITOS DAS INOVAÇÕES À LONGO PRAZO NA SAÚDE DA CRIANÇA

Anna Clara Souza de Deus¹; Ana Clara Moreira Almeida¹; Clara Miyuki Kondo²

Graduando em medicina pela Universidade Católica de Brasília¹, Graduando em medicina pela Universidade Católica de Brasília¹, Médica Pediatra²

annacdedeus10@gmail.com

Introdução: A oximetria de pulso, ou "teste do coraçãozinho", é uma inovação no cuidado neonatal, capaz de detectar precocemente cardiopatias congênitas críticas em recém-nascidos. Esse teste, não invasivo, mede a saturação de oxigênio no sangue, identificando sinais de hipoxemia que podem ser indicativos de malformações cardíacas graves. Sua adoção na rotina das maternidades tem gerado impacto positivo na triagem neonatal, permitindo intervenções rápidas e reduzindo a mortalidade infantil. O teste do coraçãozinho tem o potencial de prevenir complicações graves, possibilitando um tratamento imediato e adequado, garantindo um impacto positivo na saúde da criança ao longo da vida.

Objetivos: Avaliar o impacto da oximetria de pulso na detecção precoce de cardiopatias congênitas, sua influência na redução da mortalidade infantil e melhoria dos desfechos clínicos e qualidade de vida das crianças. **Metodologia:** A revisão de literatura utilizou pesquisa bibliográfica nas bases de dados PubMed, Scielo e Google Acadêmico, com os descritores "teste de oximetria de pulso em crianças" e "triagem". Foram selecionados 5 estudos publicados entre os anos 2019 a 2024, que abordassem as implicações do teste do coraçãozinho na saúde da criança à longo prazo. A revisão priorizou artigos gratuitos em português e inglês, com análises mais abrangentes do impacto do teste. **Resultados e**

Discussão: O Teste de Oximetria de Pulso (TOP) apresenta 98% de especificidade e 47% de sensibilidade, sendo uma ferramenta eficaz para reduzir custos ao evitar exames desnecessários. Conforme a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), o protocolo recomendado é realizar a triagem em recém-nascidos aparentemente saudáveis entre 24h-48h de vida. Esse intervalo reduz significativamente a taxa de falso positivo, pois coincide com a transição da circulação fetal para neonatal, estabilizando as saturações pré e pós-ductal. Além disso, a SBP sugere realizar dois retestes após a primeira medida para aumentar a precisão dos resultados. Quando aplicado no período ideal, o TOP possibilita a detecção precoce de cardiopatias congênitas críticas, promovendo intervenções médicas oportunas. Isso reduz complicações, aumenta as chances de sucesso nos tratamentos e contribui para uma melhor qualidade de vida dos recém-nascidos diagnosticados. **Conclusão:** A oximetria de pulso é essencial na triagem neonatal para identificar cardiopatias congênitas críticas, reduzindo a mortalidade infantil e melhorando os desfechos clínicos. Esse exame permite a detecção precoce de malformações cardíacas, possibilitando tratamento ágil e promovendo o desenvolvimento saudável dos recém-nascidos. O teste do coraçãozinho se destaca como uma ferramenta indispensável para garantir melhor qualidade de vida às crianças.

Palavras-chave: oximetria de pulso; teste do coraçãozinho; triagem.

TRACOMA: REVISÃO SOBRE OS FATORES ASSOCIADOS À DOENÇA NO BRASIL

Thais Maria Félix Bezerra¹; Bruno Victor Barros Cabral²; Maria Lúcia Duarte Pereira³

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará¹, Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará², Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo³.

thais.maria@aluno.uece.br

Introdução: Causado pela *Chlamydia trachomatis*, o tracoma é uma ceratoconjuntivite de caráter crônico e recidivante, que pertence ao grupo de doenças tropicais negligenciadas (DTNs). É transmitida de forma direta e apresenta cenário endêmico em mais de 50 países, incluindo o Brasil. A doença é a principal causa de cegueira de origem infecciosa no mundo e está intrinsecamente ligada às condições de vida da população. **Objetivo:** Evidenciar, a partir da literatura, os principais fatores associados ao Tracoma no Brasil. **Metodologia:** Esse estudo trata-se de uma revisão narrativa de literatura baseada na seguinte questão norteadora: “Quais são os principais fatores associados ao Tracoma no Brasil?”. O levantamento dos dados ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2024. A busca por artigos ocorreu na Biblioteca Virtual de Saúde utilizando-se dos seguintes descritores em ciências da saúde (DeCS): “Tracoma”, “Chlamydia trachomatis” e “Brasil”. Foram incluídos artigos publicados nos últimos cinco anos (2019-2024) e excluídas as publicações que não contemplavam o objetivo deste estudo. A amostra foi composta por cinco artigos. **Resultados e Discussão:** Inicialmente, destaca-se a influência das condições socioeconômicas na doença, em que localidades com baixa cobertura dos serviços públicos de água e esgoto, coleta de lixo, baixo índice de desenvolvimento humano, bem como baixa escolaridade e elevada taxa de população em condições de pobreza, apresentam mais casos da doença. Observa-se também forte associação do tracoma com a faixa etária e sexo da população. Crianças e adolescentes entre 5 e 19 anos são as mais vulneráveis, sendo tal população considerada o principal reservatório da doença. Além disso, evidencia-se uma predominância do sexo feminino, em que a literatura relaciona tal fenômeno a um comportamento mais afetivo entre meninas, além do compartilhamento de produtos cosméticos, como maquiagem. O tratamento utiliza azitromicina tanto para crianças quanto para adultos, contudo outro fator evidenciado na literatura foi a baixa adesão ao tratamento. Essa situação favorece com que os casos não sejam detectados, porém permaneçam ativos, favorecendo a transmissão e propiciando danos mais graves, tais como a cegueira. **Considerações finais:** O levantamento possibilitou evidenciar os principais fatores associados aos casos de tracoma no Brasil. Ressalta-se a importância de tal informação para uma melhora na qualidade de vida da população do país, pois essas podem fomentar medidas de promoção à saúde e prevenção da doença, tendo em vista os danos permanentes que o tracoma pode causar a vida da pessoa acometida.

Palavras-chave: Chlamydia trachomatis; Doença tropical negligenciada; Adolescente.

SHIGELOSE: CARACTERÍSTICAS E FATORES RELACIONADOS À DOENÇA

Thais Maria Félix Bezerra¹; Bruno Victor Barros Cabral²; Maria Lúcia Duarte Pereira³

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará¹, Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará², Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo

thais.maria@aluno.uece.br

Introdução: As doenças diarreicas (DD) são uma importante causa de morte na população infantil. Entre essas doenças destaca-se a shigelose, que chama atenção por apresentar uma alta virulência devido à sua capacidade de invadir as células intestinais e induzir respostas inflamatórias graves. **Objetivo:** Apontar quais as principais características e fatores relacionados ao acometimento por Shigelose. **Metodologia:** Revisão narrativa de literatura baseada na pergunta “Quais são as características e fatores relacionados à ocorrência de Shigelose?”. O levantamento dos dados ocorreu nos meses de outubro e novembro de 2024. A busca por artigos ocorreu na Biblioteca Virtual de Saúde. Utilizou-se de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e correlatos, sendo esses: “Shigelose”, “Disenteria bacilar”; “Diarreia” e “Criança”. Foram incluídos artigos disponíveis integralmente. Excluí-se publicações que não contemplavam o objetivo deste estudo. Não houve filtragem por ano. A amostra final foi composta por quatro artigos. **Resultados e Discussão:** A shigelose é uma infecção intestinal invasiva causada por bactérias do gênero *Shigella sp.* A *S. sonnei* é responsável pelos casos de shigelose em países desenvolvidos, já os espécimes *S. dysenteriae* e *S. flexneri* são as espécies predominantes nos países em desenvolvimento. A bactéria é transmitida através do consumo de alimentos e água contaminados e está relacionada à falta de higiene e ausência de saneamento básico adequado. É uma das principais causas mundiais de morbi-mortalidade em crianças. Normalmente apresenta-se em uma diarreia aquosa breve que pode evoluir a uma colite grave. Os sintomas começam entre até 48 horas após a ingestão do microrganismo. Tal quadro clínico costuma ser autolimitado, com o tratamento se baseando em suporte anti-desidratação de modo a corrigir a perda de fluídos e eletrólitos. A terapia antimicrobiana pode ser recomendada nos casos mais graves. Contudo, é evidenciado na literatura uma crescente tendência da bactéria a apresentar resistência medicamentosa aos antibióticos utilizados, tais como o trimetoprim/sulfametoxazol. Quanto aos fatores relacionados, é válido destacar a forte associação da doença com fatores socioeconômicos, onde os maiores índices de casos são observados em países em desenvolvimento. As regiões mais empobrecidas tendem a apresentar condições de saneamento e oferta de água inadequados, o que favorece a transmissão do patógeno. **Considerações finais:** A shigelose é uma DD de impacto global. Logo, evidenciar as principais características e fatores relacionados ao acometimento é fundamental, pois é a partir disso que políticas possam ser construídas, de modo a atuar, diretamente, na prevenção e promoção de saúde frente à doença.

Palavras-chave: Doença diarreica infecciosa; Infecção por shigella; Vulnerabilidade Social.

TRATAMENTO ANTIRRETROVIRAL E CUIDADOS ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE VIVEM COM HIV: REVISÃO DE LITERATURA

Bruno Victor Barros Cabral¹; Thais Maria Félix Bezerra²; Maria Lúcia Duarte Pereira³

Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará¹,
Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará², Doutora em Enfermagem pela
Universidade de São Paulo

bruno.barros@aluno.uece.br

Introdução: A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) é uma das principais condições clínicas encontradas na atualidade. O Brasil destaca-se por possuir acesso gratuito a terapia com uso de antirretrovirais (TARV), de acordo com a lei 9.313/96. Contudo, mesmo com tal advento, observa-se que crianças e adolescentes necessitam de uma atenção a mais durante esse processo. **Objetivo:** Evidenciar as características associadas ao tratamento antirretroviral e cuidados às crianças e adolescentes que vivem com HIV. **Metodologia:** Revisão narrativa baseada na seguinte pergunta: “Quais são as características associadas ao tratamento antirretroviral e cuidados às crianças e adolescentes que vivem com HIV?”. Realizou-se levantamento em outubro de 2024. A busca foi feita na Biblioteca Virtual de Saúde. Utilizou-se de descritores e termos correlatos: “HIV”, “Criança”, “Adolescente”, “Cuidado” e “Terapia antirretroviral”. Foram incluídos artigos disponíveis integralmente. Excluiu-se monografias, dissertações e teses. Não houve filtragem por ano. A amostra final foi composta por cinco (n=5) artigos. **Resultados e Discussão:** A principal forma de infecção nessas faixas etárias é a transmissão vertical. O uso de TARV durante a gestação em mulheres que vivem com HIV torna-se então uma forma de prevenção a essas crianças. Tal uso é importante nos indivíduos que apresentam soropositividade ao nascer, tendo em vista que a ausência de supressão viral propicia uma elevada chance de óbito. Contudo, muitas são as peculiaridades que podem ser vistas como limitações nesse processo, a saber: resposta imune, menor diversidade de fármacos, dificuldade de deglutição e baixa compreensão da realidade sobre o viver com o vírus. Destaca-se que, comumente, há omissão de tal informação pelos cuidadores pelo receio de discriminação; a informação tende a ser revelada tardiamente. A educação dos responsáveis sobre o HIV é outro importante fator ao bem-viver das crianças e adolescentes, haja visto a necessidade de uma rede de apoio durante esse processo, de modo que se possa ofertar suporte social e emocional. Por fim, destaca-se a importância do manejo multidisciplinar nesses casos, com os profissionais possuindo boa base teórica, de modo a ofertar um melhor suporte a criança/adolescente, bem como a família/cuidador no que condiz a doença, cuidados, convivência com o vírus e importância do uso adequado da TARV. **Considerações finais:** O levantamento propicia a compreensão das características do uso da TARV em crianças e adolescentes, o que fomenta a discussão e a melhora dos cuidados particulares a essa população tão vulnerável ao HIV.

Palavras-chave: Atenção integral à Saúde da criança e do adolescente; Cuidado centrado no paciente; HIV.

ESCABIOSE E PEDICULOSE EM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR: REVISÃO DE LITERATURA

Bruno Victor Barros Cabral¹; Thais Maria Félix Bezerra²; Maria Lúcia Duarte Pereira³

Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará¹,
Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará², Doutora em Enfermagem pela
Universidade de São Paulo

bruno.barros@aluno.uece.br

Introdução: Escabiose e Pediculose são dois parasitismos frequentemente encontrados em crianças que constam na lista de doenças tropicais negligenciadas da Organização Mundial de Saúde, o que evidencia sua importância epidemiológica, principalmente em países em desenvolvimento. **Objetivo:** Evidenciar os fatores associados aos casos de pediculose e escabiose em crianças em idade escolar. **Metodologia:** Revisão narrativa de literatura baseada na seguinte pergunta norteadora: “Quais os fatores associados aos casos de pediculose e escabiose em crianças em idade escolar?”. A busca foi feita na Biblioteca Virtual de Saúde em outubro de 2024. Utilizou-se de descritores e termos correlatos: “Escabiose”, “Pediculose”, “Escola” e “Criança”. Inclui-se textos completos e exclui-se artigos de revisão, resumos, monografias, dissertações e teses, além de publicações que não contemplavam o objetivo deste estudo. Não houve filtragem por ano de publicação. A amostra final foi de cinco artigos. **Resultados e Discussão:** Os achados sobre pediculose em crianças reforçam a importância dessa faixa etária para a doença. As crianças são consideradas o principal reservatório do parasita, bem como são as principais atingidas. Denota-se que a transmissão, em geral, necessita de um contato prolongado e interações a partir de contato físico, situação frequente em escolas. Além disso, o compartilhamento de objetos de uso pessoal como pentes, chapéus e roupas de cama/banho fomentam, indiretamente, a transferência do parasita a outro indivíduo. Outros fatores são atribuídos ao próprio agente etiológico que, atualmente, apresenta cada vez mais resistência aos fármacos utilizados. Tal fato contribui para re-infestações e manutenção do parasitismo. Já a escabiose em crianças tende a apresentar manifestações mais graves. A doença pode evoluir a escoriações, formação de abscessos, linfadenopatia e infecções secundárias, que, quando causada por *streptococo β* hemolítico, pode gerar glomerulonefrite pós-estreptocócica. Logo, evidencia-se que a doença possui altas taxas de morbidade em crianças, bem como caracteriza-se essas como as mais vulneráveis. A transmissão da doença também se dá por contato prolongado e compartilhamento de objetos, principalmente roupas. Além disso, observa-se influência de fatores socioeconômicos como potencializadores da transmissão. Hábitos de higiene inadequados também corroboram para a doença. **Considerações Finais:** Salienta-se que a participação da escola é fundamental para o controle de ambas as doenças, de modo que se possa prevenir e promover saúde ante tais condições em ambiente escolar utilizando-se da educação em saúde a fim de conscientizar pais e cuidadores, bem como as crianças quanto aos cuidados necessários para prevenção e tratamento dessas doenças.

Palavras-chave: Escabiose; Pediculose; Saúde da Criança.

SÍFILIS CONGÊNITA: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA NA REGIÃO DO XINGU

Thamyres dos Santos Silva¹; Lilia Monik Souza Figueiroa Silva¹; Sara Fernanda Silva do Nascimento¹; Kássia Marcela Silva Sousa¹; Angella Nobre Mendes Santos¹; Luana Cabral Bezerra¹; Tayane Moura Martins²

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Docente da Universidade do Estado do Pará. Mestra em promoção da saúde, desenvolvimento humano e sociedade pela Fundação Ulbra²

thamyfla@hotmail.com

Introdução: A sífilis congênita é uma infecção transmitida da mãe para filho durante a gestação. Quando o diagnóstico e o tratamento não são oportunos, a sífilis pode causar sérias consequências ao bebê incluindo malformações, sequelas neurológicas, lesões cutâneas, hepatoesplenomegalia, icterícia e anemia. Nesse contexto os estudos epidemiológicos são essenciais para entender a sífilis congênita e identificar grupos vulneráveis. A vigilância epidemiológica tem o papel de monitorar indicadores de saúde, como taxas de detecção em gestantes e incidência neonatal, orientando estratégias para reduzir casos de morbimortalidade neonatal e fortalecer o cuidado materno-infantil integral. **Objetivo:** Caracterizar o perfil epidemiológico de casos notificados de sífilis congênita na região do Xingu do estado do Pará. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, retrospectivo, epidemiológico com abordagem quantitativa, realizado por meio do levantamento de dados secundários obtidos no Sistema de Informações de Agravos de Notificação, disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde, notificados entre os anos de 2014 a 2024. Utilizou-se a estatística descritiva através da frequência simples para análise das variáveis: ano de diagnóstico, sexo, município de notificação, realização do pré-natal e evolução clínica da doença. **Resultados e Discussão:** Durante o período estudado, foram notificados 9.595 casos de sífilis da região Xingu, dos quais, 259 (2,7%) foram por sífilis congênita. O ano em que obteve mais notificações ocorreu em 2022 com 17% dos casos (45), seguido do ano de 2018 com 16% dos casos (42). Em relação aos municípios, a sífilis congênita predominou em Altamira com 69% dos casos (178), seguido de Vitória do Xingu com 11% dos casos (29). Quanto ao sexo, crianças do sexo masculino foram os mais afetados com 50,5% (131). Em relação a realização do pré-natal, 12,3% (32) das mulheres relataram não realizado pré-natal completo, enquanto que 86,1% (223) relataram que realizaram o pré-natal completo. No que tange a evolução clínica da doença, cerca de 1,5% dos casos (04) foram a óbitos, 0,8% evoluíram para óbitos por outras causas (02), e 1,9% foram ignorados (05). **Conclusão:** A região do Xingu não apresentou índices elevados de casos de sífilis congênita entre os anos de 2014 a 2024. Apesar desses resultados, é importante manter o conhecimento sobre o perfil epidemiológico dessa doença na região, tendo como objetivo a redução dos casos e a conscientização sobre a importância do pré-natal para saúde materna e infantil.

Palavras-chave: saúde da criança; epidemiologia; sífilis congênita.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ÓBITOS POR CAUSAS EVITÁVEIS EM CRIANÇAS NO NORDESTE DO BRASIL

Emyllie de Fátima Castro Cavalcante¹; Polyana Gabriele Rodrigues Leal¹; Waléria Bottentuit
Nogueira¹; Leonardo Silva Melo²; Debora Cristina Ferreira Lago³;

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão¹; Graduando em Enfermagem pela
Universidade Federal do Maranhão²; Mestre em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da
Santa Casa de São Paulo³

emylliecastro@gmail.com

Introdução: O perfil epidemiológico dos óbitos por causas evitáveis revela padrões importantes relacionados a grupos populacionais, condições socioeconômicas e acesso aos serviços de saúde. Esses óbitos tendem a afetar desproporcionalmente populações vulneráveis, principalmente crianças, as quais vivem em regiões menos favorecidas e assistidas do Brasil. Assim, os falecimentos evitáveis referem-se a mortes que poderiam ser prevenidas por meio de intervenções adequadas, como cuidados de saúde, vacinação, educação em saúde e políticas públicas eficazes. **Objetivo:** Apresentar o perfil epidemiológico dos óbitos por causas evitáveis no Nordeste do Brasil na faixa etária entre 0 e 5 anos de idade de 2019 a 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, embasado em dados de óbitos por causas evitáveis em crianças menores de 5 anos, no nordeste do Brasil, nos anos de 2019 a 2023, disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram utilizados as seguintes variáveis: “faixa etária”, “sexo”, “região de notificação”, “causa evitável” e “local de ocorrência”. **Resultados:** De acordo com os dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde, entre os anos de 2019 a 2023, na região nordeste, foram registrados 58.748 casos de óbitos por causas evitáveis em menores de 5 anos, com maior ocorrência na faixa etária de 0 a 6 dias, totalizando 27.272 casos, e com destaque para o sexo masculino, com 32.227 óbitos. Com relação ao local de ocorrência, as maiores taxas foram registradas nos hospitais, com 52.807 casos, seguido pelos domicílios, com 2.833 registros, e por outros estabelecimentos de saúde, onde foram identificados 1.329 casos. Em relação às causas, em primeiro lugar encontram-se as causas reduzíveis pela atenção à mulher na gestação, com 13.671 óbitos; em segundo lugar, as causas reduzíveis por adequada atenção ao recém-nascido 9.633; e, em terceiro lugar, as causas reduzíveis por adequada atenção à mulher no parto, com 5.369 registros, seguidas pelas infecções por neonatal, exceto síndrome da rubéola congênita e hepatite viral congênita, com 4.865 óbitos, e causas reduzíveis por ações de diagnóstico e tratamento adequado, com 4.855 registros. **Considerações Finais:** O estudo constatou alta incidência de óbitos por causas evitáveis em crianças entre 0 a 5 anos no Nordeste do Brasil de 2019 a 2023, com predomínio de crianças do sexo masculino na faixa etária de 0 a 6 dias. Além disso, as maiores taxas e principais causas foram registradas em hospitais.

Palavras-chave: óbitos; crianças; causa evitável; região Nordeste.

UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DO AUMENTO DA PREVALÊNCIA DE TRANSTORNOS ANSIOSOS EM ADOLESCENTES EM DUAS DÉCADAS

Marcos Vinícius Lopes de Queiroz¹; Joyce de Santiago Honorato²

Interno de Medicina da Universidade Federal do Ceará¹, Médica generalista pela Universidade Federal do Ceará²

marcos.ufc@alu.ufc.br

Introdução: Nos últimos 20 anos, os percentuais de indivíduos acometidos por transtornos depressivos e ansiosos aumentou expressivamente. Essa também é uma tendência presente na faixa infantojuvenil. Entretanto, o conhecimento acerca desse tema é escasso e carece de aprofundamento. **Objetivos:** Analisar os dados referentes ao aumento da prevalência dos transtornos ansiosos em adolescentes e propor abordagens para essa problemática. **Metodologia:** Realizou-se um levantamento bibliográfico nas plataformas *PubMed* e *Scielo* utilizando os descritores "Ansiedade", "Adolescente", "Fatores", "Transtorno" e "Abordagem", sendo selecionados 8 artigos condizentes com os critérios estabelecidos de inclusão, trabalhos desenvolvidos entre 2004 e 2024 com N>100 publicados em revistas indexadas, e de exclusão, financiamento por farmacêuticas. Foram avaliados criticamente visando sua contribuição acadêmica e sua aplicabilidade prática. **Resultados e Discussão:** As desordens psiquiátricas são consideradas um dos males do século. Na faixa pediátrica, principalmente entre os adolescentes, a incidência de transtornos ansiosos vem aumentando vertiginosamente nos últimos 20 anos. Nesse sentido, nota-se que, epidemiologicamente, as mulheres tendem a ser mais acometidas, cerca de 10% a mais, apesar disso vir se alterando recentemente. Há uma propensão de aumento dos índices de ansiedade nos jovens com o incremento etário, com a faixa de 15 a 19 anos sendo mais afetada. Fatores socioeconômicos também influem nessa incidência, com as classes menos abastadas chegando a apresentar percentuais 15% maiores. A literatura vigente sugere que esse contexto é influenciado por fatores externos e potencialmente evitáveis, com os maiores sendo as mídias digitais e as exigências exacerbadas dos órgãos educacionais e dos pais. Logo, com ações voltadas à psicoeducação desses entes, é possível haver uma expressiva mitigação desse quadro, como é sugerido por 5 artigos avaliados e observado nas ações do Programa Saúde na Escola e da Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares que atuam promovendo uma rede intersetorial de fomento da saúde mental para os jovens. **Conclusão:** O levantamento elaborado apresenta uma visão acerca dos aspectos epidemiológicos da problemática do aumento dos índices de transtornos ansiosos entre os adolescentes nas últimas duas décadas, bem como evidencia os principais fatores influenciadores desse contexto, os quais são passíveis de intervenções conjuntamente à sociedade civil. Entretanto, o conhecimento acerca desse tema ainda insuficiente para que seja efetivada uma abordagem eficaz e adequada, sendo, assim, imprescindível a realização de mais estudos visando o aprofundamento dos saberes nessa área objetivando a expansão das intervenções voltadas a sua mitigação e a otimização das já presentes.

Palavras-chave: adolescente; saúde mental; ansiedade.

SAÚDE MENTAL NA INFÂNCIA: O IMPACTO NEGATIVO DE EXPERIÊNCIAS ADVERSAS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Luísa Gonçalves de Sousa¹, João Gabriel Campos Dourado Fernandes², Brunno Santos Mosquito de Souza³, Dra. Stephânia Margotto⁴

Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz¹, Graduando em Biomedicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz², Graduando em Biomedicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz³, Docente adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz⁴

luisagsousa2004@gmail.com

Introdução: Estudos por todo o mundo demonstram que Experiências Adversas na Infância (ACE) aumentam o risco de problemas físicos e mentais ao longo do desenvolvimento para fase adulta. Neste período sensível de desenvolvimento, a adversidade e os estressores tóxicos, como pobreza e maus-tratos infantis podem ser prejudiciais ao crescimento. Essas experiências estão relacionadas com família, comunidade e ambiente imediato e podem se acumular, causando maiores danos ao bem-estar das crianças e adolescentes quanto maior a quantidade de ACEs vivenciadas. **Objetivo:** Este estudo visa investigar a relação entre fatores socioeconômicos e o retardamento mental em crianças e adolescentes, considerando como a exposição a determinadas condições pode influenciar esse desenvolvimento. **Metodologia:** Este estudo avaliou os impactos da desigualdade socioeconômica na saúde mental infantil por meio de uma revisão de literatura descritiva e quantitativa. Utilizando os descritores “mental health” e “childhood” na plataforma PubMed, foram encontrados 17 artigos publicados entre 2019 e 2024. Desses, 9 foram excluídos por serem revisões de literatura ou por não apresentarem relevância para o tema em questão. Assim, foram selecionados 8 artigos que atenderam aos critérios estabelecidos para a análise. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados abordam a prevalência de transtornos mentais como fatores determinantes para o desenvolvimento de distúrbios psicológicos em crianças. Esses transtornos são frequentemente associados a um histórico de abuso e a condições adversas no cotidiano dos menores, incluindo o convívio com agressores e o uso de substâncias psicoativas. Tais fatores, isolados ou em conjunto, desencadeiam alterações biológicas e psicológicas que comprometem o desenvolvimento infantil, configurando-se, assim, como fatores de risco para o surgimento de doenças e distúrbios psicológicos. Além disso, crianças em situações de vulnerabilidade, que enfrentam recursos limitados, condições de vida desfavoráveis e uma criação parental severa, tendem a se adaptar fisiológica e psicologicamente para atender a necessidades imediatas. Essa adaptação pode resultar em uma diminuição da persistência e na percepção de controle reduzido sobre suas circunstâncias, levando à deterioração da saúde mental. **Conclusão:** Os achados deste estudo revelam uma relação direta e significativa entre a exposição a condições adversas na infância e o desenvolvimento de problemas de saúde mental. As consequências dessa exposição perduram ao longo da vida, sugerindo que essas experiências iniciais podem atuar como fatores desencadeadores primordiais de distúrbios psicológicos em fases posteriores.

Palavras-chave: desenvolvimento cognitivo; progressão psicomotora; impacto psicológico.

RISCOS E COMPLICAÇÕES DA ANESTESIA EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.

Vitória Vieira Melo Ramalho¹; Yara Jainne Do Nascimento Barros¹; Maria do Socorro Vieira Pereira².

Graduando em medicina pela Afya Paraíba¹, Docente da Afya Paraíba²
vitoria.melo@live.com

Introdução: A anestesia é fundamental para a realização de procedimentos cirúrgicos e diagnósticos, sendo utilizada para reduzir ou eliminar a dor e proporcionar um estado de inconsciência temporária de modo que a criança não sinta desconforto durante o procedimento. Ela pode ser administrada de diferentes formas, como anestesia geral, local ou regional, dependendo da complexidade do procedimento. Entretanto, devido às diferenças anatômicas, fisiológicas e emocionais entre crianças e adultos, existem alguns riscos e complicações que podem ocorrer em pacientes pediátricos. **Objetivo:** Relatar os riscos e complicações da utilização da anestesia durante procedimentos em pacientes pediátricos. **Metodologia:** A pesquisa foi conduzida a partir da pergunta: “Quais são os riscos e as possíveis complicações da anestesia pediátrica?”. Após isso realizou-se uma pesquisa bibliográfica na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), localizando artigos utilizando os seguintes descritores: "complicações", "anestesia" e "pediatria", entre os anos de 2019 a 2024. Após a leitura, foram selecionados 16 artigos, como critérios de inclusão foram adotados trabalhos completos disponíveis, em inglês e português. E de exclusão, artigos incompletos, pagos, de outros idiomas, fora do recorte temporal (2019-2024) e sem correlação com a temática. **Resultados e discussão:** A literatura mostra que a técnica mais comumente utilizada em pacientes pediátricos é a anestesia geral, na qual os fármacos são administrados por via intravenosa, envolvendo também o uso de gases e líquidos voláteis para indução e manutenção anestésica. Contudo, em crianças devido a diferenças intrínsecas da idade a anestesia pode apresenta riscos, como comprometimento respiratório, que incluem laringoespasma, broncoespasmo, aspiração, pneumonite, estridor, dessaturação e apneia. Efeitos cardiovasculares e neurológicos adversos, especialmente em bebês e crianças muito jovens. Além disso, evidências crescentes sugerem que a exposição a anestésicos durante o desenvolvimento do sistema nervoso central pode causar neurotoxicidade. Para suprimir esses riscos e complicações, o manejo seguro da anestesia pediátrica exige monitorização contínua dos sinais vitais, avaliação neurológica e respiratória, e prontidão para emergências. A escolha adequada dos agentes anestésicos, avaliação pré-operatória cuidadosa e monitorização intraoperatória são fundamentais para minimizar esses riscos. **Considerações finais:** As complicações da anestesia em pacientes pediátricos representam uma preocupação de saúde. Nesse tocante, é necessário que haja um manejo e uma visão ampliada acerca das características anatômicas das crianças, controle eficaz da dor e atenção à idade como fator de risco para o sucesso do procedimento e redução de possíveis complicações operatórias e pós-operatórias.

Palavras-chave: Complicações; Anestesia; Pediatria.

IMPACTO DA FISIOTERAPIA NA QUALIDADE DE VIDA DE CRIANÇAS COM ATROFIA MUSCULAR ESPINHAL (AME)

Maria Leticia da Silva Santos¹; Rayane Tavares de Sousa Alves ¹; Luiz Guilherme Brandão de Oliveira¹; Ernando Gouveia Lima Filho².

Graduandos em fisioterapia pela Faculdade Integrada CETE-FIC¹, Mestrando do curso de Fisioterapia da Faculdade Integrada CETE-FIC²

E-mail: marialeticia2243@gmail.com

INTRODUÇÃO: A Atrofia Muscular Espinhal (AME) é uma rara doença neuromuscular que tem manifestações clínicas variáveis. Trata-se de uma doença neurodegenerativa de origem genética com característica autossômica recessiva, e tem como consequência o comprometimento motor. Diante disso, a AME, causa a morte dos neurônios motores inferiores, impedindo o adequado desenvolvimento neuromotor, como: sentar, andar, controlar o tronco e a cabeça e até respirar. Isso porque essas ações motoras dependem do correto funcionamento dos músculos, controlados Sistema Nervoso Central. Nesse contexto, a fisioterapia torna-se uma importante estratégia de tratamento da AME, focando na prevenção e na redução de complicações musculoesqueléticas e pulmonares. A intervenção fisioterapêutica em crianças com AME é essencial, visto que as interações funcionais com o corpo e o ambiente podem estimular o desenvolvimento. **OBJETIVO:** Avaliar e descrever o impacto das intervenções fisioterapêuticas na qualidade de vida de crianças com AME. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com abordagem descritiva, onde foram selecionados 9 a partir de pesquisas nas bases de dados SCIELO, BVS e PUBMED. Como estratégia de busca, foi realizado o cruzamento das palavras-chave: “Atrofia Muscular Espinhal”, “Fisioterapia”, “Qualidade de vida” e “crianças”, utilizando o operador AND. Como critérios de inclusão, foram incluídos 5 artigos publicados nos últimos dez anos, em inglês e português. E foram excluídos 4 artigos não gratuitos, duplicados nas bases, bem como artigos que não estavam disponíveis na íntegra. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Observou-se que as principais intervenções fisioterapêuticas da AME incluem exercícios funcionais em solo, exercícios resistidos para ganho ou manutenção de força muscular, manobras de empilhamento de ar para aumento da capacidade pulmonar, e exercícios aquáticos que auxiliam na melhora da Amplitude de Movimento. Além disso, os movimentos oscilatórios gerados pelo treinamento da plataforma vibratória estimulam os fusos musculares promovendo estabilização postural, ativação do reflexo de estiramento e conseqüentemente a melhora do equilíbrio. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A abordagem da fisioterapia possui influência assertiva no tratamento de crianças com AME, por meio de condutas associadas a diversas atividades, como exercícios funcionais, respiratórios, resistidos e aquáticos, visando a estimulação fisiológica e equilíbrio postural, trazendo assim melhor qualidade de vida para a criança.

PALAVRAS-CHAVES: atrofia muscular espinhal; fisioterapia; criança.

FATORES DETERMINANTES NA INTERRUPÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EM CRIANÇAS MENOS DE DOIS ANOS EM PERNAMBUCO

Bernardo Barreto Gomes¹, Luis Antônio Gabriel Boaventura², Lívian Gabrielle Fontes Barreto³, Ana Clara Oliveira Lima⁴, Andre Luiz Baião Campos⁵

Graduando em medicina pela Universidade Tiradentes^{1,2,3,4}, Especialista em Medicina de Família e Comunidade pela Universidade Estadual de Campinas⁵

luis.boaventura@souunit.com.br

Introdução: A interrupção do aleitamento materno ocorre quando a criança deixa de receber leite humano e passa a consumir outros líquidos ou alimentos sólidos. Essa prática frequente pode ter impactos significativos na saúde infantil e materna. A amamentação oferece benefícios a curto e longo prazo, como proteção contra infecções, menor risco de obesidade e diabetes tipo 2, além de promover o desenvolvimento cognitivo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses e complementar até os dois anos ou mais. No entanto, fatores socioculturais, econômicos e individuais tornam a prática desafiadora em diversas regiões. **Objetivos:** Determinar a prevalência e os fatores associados à interrupção do AME em crianças menores de seis meses e do aleitamento materno (AM) em crianças entre seis e 24 meses no estado de Pernambuco, Brasil. **Métodos:** Este estudo de corte transversal utilizou dados da IV Pesquisa Estadual de Saúde e Nutrição (2015-2016), abrangendo uma subamostra de 358 crianças menores de dois anos. As entrevistas com mães ou responsáveis foram realizadas com seis formulários padronizados, e os dados analisados em um modelo causal hierarquizado. Foram incluídas crianças menores de dois anos residentes nos domicílios amostrados. Critérios de exclusão incluíram crianças não acompanhadas por seus responsáveis no momento da coleta de dados. Os testes estatísticos empregados incluíram análise bivariada (Razão de Prevalência - RP e IC95%) e regressão de Poisson multivariada com ajuste robusto para identificar associações significativas ($p < 0,05$). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira, sob o registro CAAE 44508215.7.0000.5201. **Resultados:** Entre 84 crianças menores de seis meses, 76,2% já haviam interrompido o AME, sendo mais prevalente em crianças de até dois meses (58% meninas). Fatores associados ao desmame incluíram idade entre três e seis meses (RP=1,10; IC95%: 1,01–1,21) e uso de chupeta (RP=1,18; IC95%: 1,07–1,30). Características socioeconômicas e assistenciais, como orientação pré-natal, não foram estatisticamente significativas. **Conclusão:** A interrupção do AME apresentou alta prevalência, especialmente entre crianças de até dois meses. Fatores associados foram idade e uso de chupeta, enquanto variáveis socioeconômicas e assistenciais não mostraram significância estatística. Esses resultados destacam a importância de estratégias específicas de apoio e orientação às mães para promover a continuidade do AME.

Palavras-chave: aleitamento materno, saúde infantil, lactente, Pernambuco.

DESAFIOS E DIFICULDADES DA MATERNIDADE ATÍPICA SOLO EM MÃES DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Maria Luiza Silva Santiago¹; Ana Beatriz Arrais de Araújo²; Felipe Augusto Melo de Medeiros³; Karla Salgado Lima⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵

Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal¹, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU - Natal², Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal³, Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁴, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵

luizzasant@gmail.com

Introdução: A maternidade atípica, caracterizada pelo cuidado de filhos com desvios no padrão de desenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), envolve desafios específicos e intensos. Mulheres nessa condição enfrentam, além das exigências comuns à maternidade, necessidades de adaptação emocional e prática ao diagnóstico dos filhos. O impacto dessa dinâmica é especialmente acentuado em mães solo, que desempenham o papel de cuidadoras principais sem apoio constante de um parceiro. **Objetivo:** Este estudo busca identificar e analisar as principais dificuldades enfrentadas por mães solo de crianças com TEA, explorando os impactos dessa vivência em sua saúde mental e bem-estar. **Metodologia:** Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com seis mães solo de crianças diagnosticadas com TEA, visando compreender suas experiências e as estratégias de enfrentamento adotadas. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas com base na técnica de análise de conteúdo, permitindo identificar categorias de dificuldades e de apoio. Todas as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo e concordaram em participar voluntariamente. A pesquisa foi registrada no Comitê de Ética do Hospital Universitário Onofre Lopes, sob parecer número 6.466.061. **Resultados e Discussão:** Os resultados mostraram que o cotidiano das mães solo com filhos com TEA é permeado por dificuldades multifacetadas, abrangendo tanto aspectos emocionais quanto financeiros. A sobrecarga de tarefas foi um dos temas mais destacados, com as mães relatando exaustão física e emocional devido à ausência de um parceiro que possa compartilhar as responsabilidades. Esse cenário se agrava com a ausência de uma rede de apoio familiar ou social eficiente, resultando em isolamento social e limitações na vida pessoal e profissional. As participantes mencionaram, ainda, dificuldades específicas no acesso a tratamentos especializados. A falta de recursos financeiros, por sua vez, foi citada como fator crítico, com muitas mães enfrentando desafios para sustentar a família e garantir o atendimento terapêutico adequado ao filho. O impacto emocional também foi fortemente mencionado, com relatos de sentimentos de culpa e frustração. **Conclusão:** Este estudo evidencia a complexidade dos desafios enfrentados por mães solo de crianças com TEA e a importância de criar políticas de suporte que ampliem o acesso a tratamentos e proporcionem apoio psicológico regular. Pesquisas futuras poderiam explorar intervenções focadas em promover uma rede de apoio mais equilibrada, visando o bem-estar integral dessas mães e melhorando a qualidade de vida familiar.

Palavras-chave: família monoparental; Transtorno do Espectro Autista; maternidade.

PERFIL COMPORTAMENTAL DE CRIANÇAS COM DISFONIA

Arla Beatriz Freitas Lopes¹; Maria Renata de Oliveira Albuquerque¹; Alicia Danielle Bernardo Goes¹;
Joyce Mayara Santos¹; Cristiane Cunha Soderini Ferracciu²;

Graduando em fonoaudiologia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas¹, Doutora em Saúde Pública, docente da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas²

E-mail para contato: cristiane.soderini@uncisal.edu.br

INTRODUÇÃO: A disfonia é caracterizada pela dificuldade na emissão vocal, que impede a produção natural e harmoniosa da voz. Na infância, essa alteração é frequentemente associada ao uso inadequado da voz, sendo potencializada por fatores biológicos, como predisposição genética, e comportamentais, como o uso excessivo da voz. Essa fase da vida é crucial para a aquisição de habilidades comunicativas, que estão fortemente relacionadas às interações sociais. Quando a voz é prejudicada, a comunicação com as outras crianças e com os adultos também pode ser comprometida, afetando negativamente o desenvolvimento da criança. **OBJETIVO:** Descrever o perfil comportamental em crianças disfônicas. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa, no qual foi adotado o acrônimo para “P” população, “I” interesse e “Co” contexto, a estratégia PICo, a fim de elaborar a pergunta norteadora da pesquisa. O item P foi “crianças”, I “com disfonia” e Co “perfil comportamental”, gerando a seguinte questão: “Qual a influência da disfonia no comportamento de crianças?”. As buscas foram realizadas na base de dados PubMed e Scielo, na qual foram utilizados os descritores “behavior”, “dysphonia” e “child”, conectados pelo operador booleano “AND”. Foram incluídos os estudos publicados nos últimos 15 anos (2009-2024), em inglês ou português, com a busca realizada em novembro de 2024. Foram excluídos artigos duplicados, estudos publicados antes de 2009, e aqueles que não abordavam a disfonia em crianças. **RESULTADOS/DISCUSSÃO:** Foram encontrados 161 artigos. Após a análise dos títulos, 155 foram excluídos por não estarem relacionados a pergunta norteadora. Assim, 6 estudos foram selecionados para leitura dos resumos; destes, 4 foram lidos integralmente, resultando em 3 estudos que compuseram esta revisão. Os estudos indicam que crianças com disfonia apresentam maior predisposição a problemas comportamentais, como condutas agressivas, impulsividade, distração e dificuldade em manter a atenção. Essas crianças frequentemente enfrentam desafios nas relações interpessoais, sendo alvos de bullying e apresentando conflitos com colegas. Além disso, o impacto emocional da disfonia resulta em uma baixa autoestima, timidez e ansiedade, que podem levar a um isolamento social progressivo na infância. **CONCLUSÃO:** A disfonia na infância está associada a um risco elevado de desenvolvimento de problemas emocionais e comportamentais. Entre os comportamentos externalizantes, destacam-se a agressividade, a agitação e a impulsividade, enquanto nos internalizantes predominam a ansiedade, a depressão e a retração social. Tais dificuldades comprometem o desenvolvimento comunicativo e psicossocial da criança.

Palavras-chave: Comportamento, Criança, Disfonia

UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA DINÂMICA FAMILIAR

Maria Luiza Silva Santiago¹; Ana Beatriz Arrais de Araújo²; Felipe Augusto Melo de Medeiros³;
Karla Salgado Lima⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵

Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal¹, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU - Natal², Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal³, Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁴, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵

luizzasant@gmail.com

Introdução: Estudos recentes apontam que o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode modificar intensamente as relações e o equilíbrio emocional dentro das famílias afetadas. Esta revisão objetiva investigar as percepções dos pais de crianças e adolescentes com TEA em relação às suas vivências e ao impacto emocional e prático gerado pelo diagnóstico dos filhos. **Objetivo:** Analisar as experiências dos pais de crianças e adolescentes com TEA, considerando os desafios emocionais e estruturais enfrentados a partir do diagnóstico. **Metodologia:** Foram incluídos estudos publicados entre 2016 e 2022, nos idiomas inglês e português e que utilizassem a metodologia qualitativa como abordagem de pesquisa, com dados extraídos das bases SCIELO, BVS e SCOPUS. Utilizou-se o protocolo PRISMA-P (Preferred Reporting Items for Systematic Review and Meta-Analysis Protocols) para garantir a qualidade e padronização na extração dos dados e organização dos artigos, tendo o estudo sido registrado na plataforma PROSPERO sob o código CRD42023394779. **Resultados e Discussão:** Através da busca nas fontes de dados, foi possível recuperar 333 títulos, após triagem, leitura dos títulos e resumos e avaliação metodológica apenas dez artigos foram inclusos para a revisão. O estudo revelou que os pais vivenciam intenso sofrimento emocional após o diagnóstico de TEA dos filhos, influenciado por diversos fatores. Entre as dificuldades relatadas, destacam-se a escassez de informações claras sobre o TEA e seus tratamentos, o acesso restrito a redes de apoio, e conflitos conjugais ou ausência de um dos genitores na rotina de cuidado. Também foram apontadas dificuldades financeiras para arcar com terapias em serviços privados, além da falta de suporte emocional para os próprios cuidadores nos sistemas de saúde. Os pais mencionaram frustrações com os serviços de saúde pública, especialmente com as longas filas de espera e a baixa frequência de atendimento nas equipes multidisciplinares do SUS. **Considerações Finais:** Esta revisão indica a necessidade de aprimoramento dos serviços de apoio e de saúde mental para as famílias de pessoas com TEA, visando tanto o acolhimento quanto a formação de redes de suporte. Como limitações, identificou-se a falta de pesquisas em diferentes regiões do Brasil e a ausência de estudos focados na percepção dos pais de adultos com TEA, o que aponta para a necessidade de novas investigações que contemplem essa população e ampliem a variabilidade dos contextos geográficos dos estudos analisados.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; relações familiares; apoio familiar.

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA PARA AUXILIAR NA PRÁTICA FARMACÊUTICA EM PEDIATRIA: ESTUDO DESCRITIVO

Giovanna Webster Negretto^{1,2}; Gabriela Curbeti Becker^{1,3}; Michele Gai Schmidt^{1,3};

Farmacêutica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre¹, Mestre em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul², Mestre em Assistência Farmacêutica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul³

gnegretto@hcpa.edu.br

Introdução: A população pediátrica apresenta características peculiares com relação à farmacocinética nas diferentes faixas etárias, sendo que as doses dos medicamentos são calculadas de acordo com o peso, idade e indicação clínica específica de uso. Nesse contexto, o farmacêutico clínico tem um papel muito importante no que tange a avaliação correta dos medicamentos prescritos e o advento da inteligência artificial (IA) com um segmento próprio da pediatria para avaliação das prescrições médicas (PM) é uma ferramenta que promove o uso seguro e racional dos medicamentos. O sistema de IA se vincula aos dados do hospital que o utiliza e indica onde estão os potenciais erros de prescrições, aumentando a qualidade assistencial e a eficiência hospitalar. A IA compila os dados de várias bases de dados confiáveis e calcula as doses de acordo com o peso e a idade das crianças sinalizando no sistema de IA qualquer dose diferente do preconizado. **Objetivos:** Descrever a experiência de uso na rotina de uso de um sistema de inteligência artificial para avaliação de prescrições médicas pelo farmacêutico clínico. **Métodos:** Estudo descritivo que relata a rotina de uso do sistema de IA *no harm* para avaliação diária de prescrições médicas por farmacêuticos clínicos de um hospital universitário público de alta complexidade. **Resultados:** Como vantagens do uso da IA percebemos que ela aumenta a segurança da avaliação de PMs, sinalizando prescrições fora do usual. Há uma série de funcionalidades, tais como a sinalização de exames laboratoriais alterados, interações medicamentosas, duplicidades e sinalização de medicamentos de alta vigilância. Ela também permite saber quais pacientes estão com alterações nas prescrições, possibilita organizar de forma crescente para decrescente as prescrições com maior número de alterações, ajudando na otimização do tempo do farmacêutico clínico. As desvantagens que percebemos são o fato de que nem toda a sinalização da IA é uma quase falha ou gera intervenção, portanto não descarta a necessidade de uma avaliação criteriosa do farmacêutico. A revisão da indicação clínica, por exemplo, continua sendo uma atribuição do farmacêutico clínico para a dose e tempo de tratamento prescritos. **Conclusão:** A inteligência artificial é uma ferramenta tecnológica cada vez mais presente na rotina hospitalar, agregando segurança no acompanhamento dos pacientes e otimizando a atuação do farmacêutico clínico. Ela é como um filtro de barreira para erros relacionados a medicamentos, mas não substitui a atuação clínica e avaliação criteriosa das PMs pelo farmacêutico.

Palavras-chave: pediatria; sistemas de informação em farmácia clínica; inteligência artificial.

SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS EM VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA ACOLHIDAS POR INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Acsa Julia da Silva Assis¹; Geysla Vitória da Silva Amorim²; Hallana Laisa de Lima Dantas³

Graduando em enfermagem pela Faculdade Raimundo Marinho¹, Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Mário Pontes Jucá²; Enfermeira Mestre, docente na Faculdade Raimundo Marinho³

acsaj566@gmail.com

Introdução: Crianças em condições de vulnerabilidade socioeconômica enfrentam uma variedade de desafios que impactam diretamente seu desenvolvimento psicoemocional. Esses desafios podem manifestar-se de fatores como a pobreza, a exclusão social, a insegurança alimentar, a violência doméstica ou comunitária, e a falta de acesso a recursos básicos e são fatores que influenciam negativamente em seu desenvolvimento psicoemocional. **Objetivo:** Relatar a vivência de uma acadêmica de enfermagem em atividade prática supervisionada em uma instituição filantrópica para meninas em vulnerabilidade socioeconômica. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo do tipo relato de experiência de uma visita técnica ocorrida no mês de abril de 2024 oportunizado por uma instituição de ensino superior privada da cidade de Maceió, Alagoas, durante a disciplina de cuidado e atenção integral de enfermagem na saúde do neonato, da criança e do adolescente. Um grupo de 7 estudantes promoveu ação de avaliação de crescimento e desenvolvimento e avaliar a condição psicoemocional de crianças na faixa de 4-11 anos presentes em uma instituição filantrópica para meninas em vulnerabilidade socioeconômica. **Resultados e Discussão:** A ação se iniciou com um momento de socialização com brincadeiras e contação de histórias, no qual conseguimos estabelecer uma relação de confiança. Durante a ação pude observar que essas crianças enfrentam diversas vulnerabilidades psicoemocionais. Ao conversar individualmente com cada uma pude observar que elas sofrem com alguns problemas emocionais, algumas delas demonstraram medo, retraimento, desconfiança, baixa autoestima. Muitas dessas crianças têm de lidar com a limitação de recursos, instabilidade familiar e são fatores que refletem na complexidade da situação vivenciada por essas crianças. A prática mostrou que o acolhimento, escuta ativa e o suporte emocional, contribuir para o desenvolvimento psicoemocional das crianças, além de, nos mostrar a capacidade de resiliência que as crianças podem desenvolver quando têm apoio adequado. **Considerações Finais:** Essa vivência possibilitou entender a complexidade dos desafios enfrentados por essas crianças. Além disso, permitiu a aquisição de novas habilidades como acadêmica em enfermagem, por exemplo, o aprimoramento de um olhar holístico e a importância da implementação de programas de apoio psicológico em escolas e comunidades que ajudariam a mitigar os impactos emocionais negativos. Esse aprendizado contribuiu para o desempenho de futuros profissionais éticos e empáticos.

Palavras-chave: cuidado da criança; consulta de enfermagem; saúde mental.

O PAPEL DA ENFERMAGEM E PREVENÇÃO DA ESQUISTOSSOMOSE EM CRIANÇAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Geyse Laine Flor Santana¹; José Roberto Vaz Carneiro¹; Ana Beatriz Silva Costa¹; Iane Dutra de Moraes¹; Maria Paloma Dantas Silva¹; Fernando da Silva Lima¹; Jayara Mikarla de Lira²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira, docente do curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande²

geyselaine7736@gmail.com

Introdução: A esquistossomose é uma doença parasitária causada por vermes do gênero *Schistosoma mansoni*, diretamente relacionada ao saneamento precário afetando milhões de pessoas em áreas endêmicas, sendo as crianças um dos grupos mais vulneráveis devido à exposição frequente à água contaminada. Dessa forma, a enfermagem presente na atenção primária desempenha um papel crucial na prevenção e controle da doença, com foco em ações educativas, identificação precoce de casos e orientação comunitária. **Objetivo:** Apresentar o papel da enfermagem na prevenção da esquistossomose infantil, com ênfase em estratégias aplicadas na atenção primária à saúde. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com base nas produções científicas do *PubMed* e *SciELO*. Os descritores utilizados foram: “esquistossomose AND crianças” e “*Schistosoma mansoni* AND enfermagem”. Foram incluídos artigos publicados nos últimos 5 anos nos idiomas português, inglês e espanhol. Realizou-se a exclusão de estudos pagos, além de obras que os títulos não apresentassem ligação com o tema deste trabalho. Assim, foram selecionados 5 artigos para essa produção bibliográfica. **Resultados e Discussão:** Os estudos revisados indicam que os enfermeiros desempenham papel crucial na conscientização sobre a importância do saneamento básico, para a prevenção da esquistossomose, além de ações como palestras, oficinas educativas e visitas domiciliares, visto que, estas atividades geram impacto positivo na mudança de comportamento de famílias e comunidades. Ademais, se destacam as atividades que incluem informações sobre cuidados com a água, descarte adequado de fezes e esgoto, e a importância de evitar contato com águas contaminadas, pois são práticas que reduzem o risco de infecção. Outrossim, a integração de projetos de saneamento básico com ações educativas lideradas por enfermeiros mostrou-se fundamental para o controle da esquistossomose em crianças, uma vez que regiões com maior cobertura de infraestrutura de esgoto e água tratada apresentaram índices significativamente menores de infecção. No entanto, desafios como a escassez de recursos, a falta de políticas públicas consistentes e a sobrecarga dos profissionais de saúde foram destacadas como barreiras à implementação de estratégias mais abrangentes. **Conclusão:** Portanto, a enfermagem aliada aos investimentos em saneamento básico é essencial para a prevenção da esquistossomose em crianças. Desse modo, estratégias educativas e melhorias na infraestrutura sanitária são complementares e devem ser priorizadas em políticas públicas para áreas endêmicas. Somado a isso, fortalecer a capacitação dos profissionais e ampliar o acesso ao saneamento básico são ações indispensáveis para reduzir a incidência da doença e promover a saúde infantil.

Palavras-chave: esquistossomose, crianças, atenção primária.

A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO NO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA ATENÇÃO BÁSICA

Gabriela Dachi de Araújo¹; Erich Elesbão Wiese¹; Heloisa Van de Sand Hoffmann¹; Maria Luísa Pinheiro e Silva¹; Mariah Mostiack de Sá¹; Beatriz Ninow Burigo²; Edson Bruno Campos Paiva³

Graduanda em Medicina pela Universidade do Sul de Santa Catarina¹; Graduanda em Medicina pela Universidade da região de Joinville²; Mestrando em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Pará.

gabrieladachi12@gmail.com

Introdução: O acompanhamento do Crescimento e Desenvolvimento (CD) infantil tem se tornado um grande aliado no cuidado a saúde da criança no âmbito da Atenção Básica (AB), sendo este um importante indicador de saúde e qualidade de vida das crianças. **Objetivo:** discutir a importância do acompanhamento do CD na AB **Metodologia:** Foi realizada uma revisão do tipo narrativa da literatura nas bases de dados Pubmed e Ministério da Saúde. A seleção dos artigos foi realizada com base nos descritores e suas combinações nas línguas inglesa e portuguesa: “Saúde da Criança”, “Crescimento e Desenvolvimento” e “Atenção Básica”. Como critérios inclusão, foram utilizados artigos em inglês e português, disponíveis na íntegra, estudos primários publicados e indexados nas bases de dados nos últimos dez anos. Os critérios de exclusão foram: artigos não indexados nas bases dados, artigos incompletos e revisões integrativas da literatura. **Resultados e discussão:** A amostra final do estudo foi constituída de cinco artigos selecionados com base nos critérios de inclusão previamente selecionados. Segundo Gavia et al., (2017), o peso da criança consiste em um dos parâmetros mais importantes para avaliar o crescimento, sendo este um parâmetro de avaliação global e que apresenta consistência na avaliação do quadro de saúde das crianças. Além disso, outro parâmetro de avaliação é o perímetro cefálico, que tem por objetivo avaliar a dimensão do encéfalo de acordo com o período de crescimento da criança para que seja observados possíveis alterações encefálicas como micro ou macrocefalia no paciente. Carvalho & Sarinho (2016), reforçam a importância da avaliação de outros índices antropométricos na avaliação de saúde infantil, dentre eles o IMC que tem importante papel no acompanhamento do desenvolvimento nutricional infantil, no entanto nota-se que este parâmetro ainda é pouco utilizado nas consultas de CD no Brasil demonstrando um despreparo dos profissionais de saúde. De acordo com Almeida et al (2015), estimasse que em até 2050, 400 milhões de criança no mundo todo, correm o risco de não atingir plenamente o seu potencial de desenvolvimento devido a uma série de falhas incluindo o mal preenchimento da carteira de saúde da criança. **Conclusão:** Foi possível evidenciar através desse estudo a necessidade da capacitação dos profissionais de saúde da AB para que seja ofertado um serviço de qualidade para as crianças atendidas, uma vez que a falta de capacitação reflete diretamente na qualidade da oferta do serviço, acarretando a baixa adesão e comprometimento do público atendido.

Palavras-chave: Saúde da criança; Crescimento e desenvolvimento; Atenção básica.

IMPACTOS E TENDÊNCIAS DA REDUÇÃO DA ADESÃO VACINAL DA COQUELUCHE - UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA BRASILEIRA

Vitor Gabriel Soares Araujo¹; Fabricio de Lima Gontijo¹; Fernanda Gomes Camilo¹; Luca Rodrigues Marchezini¹, Mel Nunes Castro¹, Yasmin Nicole Vieira Teixeira¹; Marjorie Correia de Andrade²

Graduando em medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais¹, Médica pela Universidade Pontifícia²

vitorgabriel04.sa@gmail.com

Introdução: A principal forma de prevenção da coqueluche, doença potencialmente fatal, é o esquema vacinal com 3 doses da vacina Pentavalente e 2 reforços da vacina adsorvida difteria, tétano e *pertussis* (DTP). Segundo o Ministério da Saúde, essa estratégia completa está oscilando abaixo da meta desde 2012, e em 2022, apenas 38% dos municípios alcançaram esse objetivo, o que vem dando possibilidade ao surgimento de novos surtos da doença. **Objetivo:** Esclarecer o impacto da redução da adesão à vacina da coqueluche na saúde pública no Brasil **Metodologia:** Estudo transversal utilizando dados secundários obtidos do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SISNAN), através da plataforma DATASUS. Recorremos a análises descritivas com a distribuição absoluta, percentual e medidas estatísticas relativas para avaliação da distribuição das notificações dos casos de coqueluche ocorridos de 2019 à Outubro de 2024, em indivíduos de 0 a 19 anos, no Brasil. **Resultados e Discussão:** Do período de 2019 a 2023, a média do número de casos de coqueluche foi de 437,6 - dispostos de modo, 2019: 1404; 2020: 201; 2021: 146; 2022: 239 e 2023: 198 - em 2024 já foram registrados 2317 casos, representando um aumento aproximado de 430% da média anual de casos no país. A região Nordeste concentrou a maior frequência dos casos de 2019 à 2023, porém, em 2024, o sudeste brasileiro ultrapassou as demais regiões com 1120 doentes, contendo 48% dos casos registrados em 2024. O país vem falhando em promover a vacinação há mais de uma década, ao longo do tempo os casos permaneceram estáveis, com picos sutis, como em 2019. Porém, a tendência produzida em 2024, de quase o quádruplo de casos da média anual e a transição geográfica da região de prevalência da doença, projeta um crescimento desenfreado da propagação da coqueluche, chamando a atenção para um descontrole epidemiológico da condição em um futuro próximo. **Conclusão:** Diante do exposto, é clara a associação positiva entre a queda vacinal e o aumento do número de casos da coqueluche, sobretudo como reflexo da falha das campanhas da última década. Logo, urge a implementação de estratégias contra a desinformação parental, acerca da relevância e segurança da vacinação infantil - principal promotor do quadro - especialmente sobre as vacinas Pentavalente e DTP, como também campanhas vacinais nacionais, pois essa é a forma mais eficiente de prevenção disponível na atualidade, assim contornando esse problema de saúde em andamento no país.

Palavras-chave: coqueluche; vacinação; epidemiologia.

DESAFIOS DO USO DO PRESERVATIVO POR ESTUDANTES ADOLESCENTES

Ana Paula Alves Santos¹

Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas¹

anastsalv08@gmail.com

Introdução; A adolescência é uma etapa do ciclo do desenvolvimento humano caracterizada pelas mudanças físicas, psicológicas e sociais. Permitindo o indivíduo ter mais autonomia se aproximando de grupos semelhantes e acontecendo às primeiras experiências sexuais. Uma das maiores preocupações em relação à vida sexual do adolescente são os riscos de infecções sexualmente transmissíveis, gravidez não planejada e também a violência física e psicológica. Em vários estudos demonstraram que a família e a escola são os principais responsáveis pela comunicação da temática da sexualidade, mas infelizmente, existem barreiras ao transmitir o conteúdo, deixando os adolescentes a buscarem informações em outras fontes que muitas vezes não são confiáveis como a internet. **Objetivo;** Descrever os desafios do uso do preservativo por estudantes adolescentes. **Metodologia;** Revisão integrativa de literatura realizada em novembro de 2024, a partir de buscas na Biblioteca Virtual em Saúde. Os descritores utilizados foram: preservativos and sexualidade and adolescentes. Incluíram artigos disponíveis na íntegra, entre os anos de 2018 a 2023, nos idiomas português, inglês e espanhol. **Resultados e Discussão;** Foram encontrados 50 artigos, destes foram lidos os títulos, selecionando assim 20 artigos, sendo analisados na sua forma completa. Destes 16 não atenderam ao critério de inclusão, 4 foram inseridos na amostra final. Constata-se que quanto mais cedo a iniciação sexual, maiores as chances de não fazer o uso do preservativo. De acordo, com os estudantes as conversas com a família sobre a temática costumam ser superficiais e intimidadoras. Outro fato analisado, infelizmente foi como a educação sexual é transmitida nas escolas, focada apenas no modelo biológico, não permitindo o espaço para discussão dos direitos sexuais e humanos. A maioria dos jovens também relataram o não uso do preservativo, por terem a ideia de retirar o prazer sexual. Do mesmo modo, o discurso se assemelhava quando comparava tempo de relacionamento, quanto mais antigos, o uso da proteção diminuía, pois representava confiança na relação. **Conclusão;** Diante do exposto, a educação sexual nas escolas deve ser atualizada, a fim dos alunos poderem fazer rodas de conversa para que todos possam se sentir livres em expor as opiniões e retirar dúvidas. Portanto, é imprescindível o uso das políticas públicas, como o Projeto Saúde na Escola, para unir o diálogo entre os alunos e os profissionais da saúde e educação sobre a temática da sexualidade.

Palavras-chave: preservativos; sexualidade; adolescente.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA PREVENÇÃO E CONTROLE DA OBESIDADE INFANTIL

Juliana de Fatima da Conceição Veríssimo Lopes¹; Camila da Silva Chelles²; Letícia Quaresma Paolino³

Nutricionista pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro¹, Graduanda em Nutrição pela Universidade de Vassouras², Doutora em alimentação, nutrição e saúde³

juconlopes@gmail.com

Introdução: A Educação Alimentar e Nutricional (EAN) é um conjunto de estratégias educativas que visa promover a conscientização sobre práticas alimentares saudáveis, integrando conhecimento sobre nutrição e hábitos alimentares, podendo auxiliar no combate e prevenção de diversas doenças, dentre as quais destaca-se a obesidade. Assim, dado o aumento significativo na prevalência da obesidade infantil nas últimas décadas, a utilização de atividades de EAN emerge como potencial ferramenta para manejo dessa comorbidade. **Objetivo:** Identificar o impacto de atividades de EAN na prevenção e controle da obesidade infantil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa elaborada mediante uma pesquisa nos bancos de dados Pubmed e Biblioteca Virtual em Saúde através da articulação de descritores do DECS/MESH com os operadores booleanos “AND” e “OR”, resultando na estratégia de busca: (Obesidade Infantil OR Pediatric Obesity) AND (Manejo da obesidade OR Obesity Management) AND (Educação Alimentar e Nutricional OR Food and Nutrition Education). Esse trabalho buscou responder a pergunta norteadora: “Qual o impacto das atividades de EAN na prevenção e controle da obesidade infantil?”. Foram incluídos 5 artigos disponíveis integralmente, em português ou inglês, publicados nos últimos 5 anos (2019-2024). Excluiu-se trabalhos repetidos. **Resultados e Discussão:** Intervenções nutricionais realizadas na escola foram eficazes em modificar positivamente o comportamento alimentar das crianças, proporcionar conhecimento sobre uma alimentação adequada e reduzir medidas antropométricas, evidenciando que práticas de EAN em escolas podem ser promissoras para melhora da alimentação, representando um fator chave para a prevenção e tratamento da obesidade infantil. Ainda, a realização de atividades de EAN durante o horário do almoço, integrada a atividades realizadas em sala de aula, foi capaz de reduzir a incidência de sobrepeso/obesidade nos escolares e hábitos alimentares prejudiciais, demonstrando a imprescindibilidade dessas intervenções para o manejo do sobrepeso/obesidade infantil. Ademais, a realização de atividades de EAN voltadas para os pais e alunos promoveu a inclusão de vegetais, aumento do consumo de grãos integrais e uma alimentação mais saudável, demonstrando a importância da inclusão da família no processo de emagrecimento e melhora dos hábitos alimentares da criança. Já em pré-adolescentes, essas intervenções reduziram a adiposidade central e promoveram uma alimentação mais saudável, evidenciando o impacto dessas ações no estilo de vida e prevenção do sobrepeso/obesidade. **Conclusão:** As práticas de EAN são eficazes em melhorar o comportamento alimentar de crianças e pré-adolescentes, especialmente quando integradas a atividade familiares, sendo sua implementação nas escolas capaz de auxiliar o combate à obesidade infantil.

Palavras-chave: práticas alimentares saudáveis; nutrição da criança; manejo da obesidade.

EXCESSO DE PESO INFANTIL E NUTRIÇÃO: UMA ANÁLISE DE INTERVENÇÕES E RESULTADOS

Camila da Silva Chelles¹; Juliana de Fatima da Conceição Veríssimo Lopes²;
Letícia Quaresma Paolino³

Graduanda em Nutrição pela Universidade de Vassouras¹, Nutricionista pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro², Doutora em alimentação, nutrição e saúde³.

juconlopes@gmail.com

Introdução: A obesidade e o sobrepeso infantil são condições clínicas caracterizadas pelo excesso de gordura corporal em crianças e adolescentes, sendo influenciadas por uma interação complexa de fatores genéticos, ambientais e comportamentais. Nos últimos anos, o crescente excesso de peso infantil emergiu como uma preocupação global de saúde pública, destacando a necessidade urgente de estratégias eficazes para enfrentá-la. **Objetivo:** Avaliar a eficácia de intervenções nutricionais e da prática de atividade física na redução da obesidade infantil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa elaborada a partir de uma pesquisa no banco de dados da Pubmed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) através da articulação de descritores provenientes do DECS/MESH com o operador booleano “AND” resultando nas estratégias de buscas: “Pediatric Obesity” AND “Exercise” AND “Child Nutrition Disorders” e Obesidade Infantil" AND "Nutrição da Criança" AND "Exercício Físico". O presente trabalho buscou responder à pergunta norteadora: “As intervenções nutricionais e a prática de exercícios são eficazes na redução da obesidade e sobrepeso em crianças?”. Foram incluídos 6 artigos, sendo 2 do México, 1 brasileiro, 2 espanhóis e 1 da América do Norte, estudos disponíveis na íntegra gratuitamente, em espanhol e inglês, sendo publicados nos últimos 5 anos (2019-2024). Excluiu-se trabalhos repetidos. **Resultados e Discussão:** Exercícios físicos, aliados a orientações sobre alimentação saudável, em crianças com sobrepeso, foram eficazes em promover uma redução significativa no índice de massa corporal (IMC), diminuição da massa gorda e do tecido adiposo visceral, indicando que essa combinação favoreceria a perda de peso e a qualidade de vida. Ademais, o consumo do café da manhã foi associado ao melhor controle da massa corporal e do percentual de gordura, independentemente da prática de atividade física, sugerindo que esse hábito desempenharia um papel importante na regulação da composição corporal. Ainda, verificou-se impacto positivo de ações nutricionais na redução do IMC e da ingestão média de energia diária de crianças com obesidade e sobrepeso, evidenciando a importância de uma alimentação balanceada e da implementação de estratégias de educação alimentar e nutricional nas escolas. Por fim, a prática constante de atividade física é eficaz, independentemente do sexo, em promover a manutenção de um IMC adequado, principalmente quando em consonância com o equilíbrio nutricional. **Conclusão:** As intervenções nutricionais, associadas à prática regular de atividade física, demonstraram-se eficazes na redução do excesso de peso em crianças. Contudo, é fundamental a condução de estudos adicionais para melhor compreensão dessas abordagens e suas aplicações práticas.

Palavras-chave: atividade física; criança; sobrepeso infantil; educação alimentar e nutricional.

EDUCAÇÃO PREVENTIVA NO AMBIENTE ESCOLAR PARA REDUÇÃO DE ENTEROPARASITOSE

Talita da Silva Livramento Souza¹; Thais da Silva do Livramento²; Airton Francisco de Souza³

Graduanda em enfermagem pela Faculdade Brasileira do Recôncavo¹, Graduanda em Nutrição pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia², Docente Faculdade Brasileira do Recôncavo, Bacharel em Ciências Biológicas com ênfase em Análises Clínicas.³

enftalitasouza@outlook.com

Introdução: As enteroparasitoses afetam diretamente o desenvolvimento infantil, causando sérios prejuízos à saúde, como deficiências nutricionais, anemia e atrasos no desenvolvimento físico e cognitivo. Essas condições são mais prevalentes em regiões com saneamento básico inadequado e práticas insuficientes de higiene, tornando-se um desafio de saúde pública, especialmente em crianças em idade escolar. A falta de conhecimento sobre prevenção e higiene contribui para a perpetuação das enteroparasitoses, reforçando a importância de intervenções educativas para reduzir a incidência dessas doenças. **Objetivo:** Orientar sobre as práticas de higiene para a prevenção das parasitoses em uma escola no Recôncavo da Bahia. **Metodologia:** As atividades foram direcionadas aos alunos do ensino fundamental I, por meio de uma abordagem prática. A sessão teórica abordou de forma didática, explicando sobre enteroparasitoses e sua relação com os hábitos de higiene. As atividades práticas envolveram dinâmicas que simulavam o processo de higienização correta das mãos, utilizando tinta para ilustrar quais locais são negligenciados durante a lavagem. Logo após, foi explicado sobre a higienização de alimentos, utilizando maçãs como exemplo. Ao final, as crianças receberam materiais educativos e itens de higiene pessoal, como álcool em gel e sabonetes líquidos, para reforçar seu aprendizado. Este projeto não requer a aplicação de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pois não envolve coleta de dados sensíveis, identificação pessoal dos participantes ou procedimentos que exijam consentimento formal. **Resultados e Discussão:** A metodologia lúdica despertou interesse e engajamento, promovendo a internalização dos conceitos apresentados. As crianças, quando questionadas, demonstraram domínio do que foi aprendido e sentiram-se seguras em demonstrar para os demais alunos da escola, na hora do intervalo, a maneira correta da higienização das mãos. Os resultados destacam a importância de ações educativas no ambiente escolar como uma estratégia para prevenir infecções parasitárias e mitigar seus impactos negativos na nutrição das crianças. **Conclusão:** Ao promover o aprendizado por meio de práticas simples e interativas, o projeto mostrou-se eficaz em fomentar mudanças significativas nos hábitos de higiene, contribuindo diretamente para a saúde, o bem-estar e o desenvolvimento infantil. Essas intervenções não apenas ajudam a reduzir os riscos de parasitoses, mas também são significativas na melhoria do estado nutricional e na qualidade de vida das crianças, criando bases para um crescimento saudável.

Palavras-chave: educação em saúde; parasitoses; nutrição infantil.

PREJUÍZOS ASSOCIADOS A ANTIBIÓTICOTERAPIA EM CRIANÇAS

Gabriela Dachi de Araújo¹; Erich Elesbão Wiese¹; Julia Honorata Marcelino¹; Vinicius da Silva Lorenz¹; Gabriela Poffo Schmeider²; Gilson de Barros Matos³; Edson Bruno Campos Paiva⁴

Graduanda em Medicina pela Universidade do Sul de Santa Catarina¹; Graduanda em Medicina pela Universidade da região de Joinville²; Graduando em Medicina pela Universidade Anhembi Morumbi³; Mestrando em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Pará⁴.

gabrieladachi12@gmail.com

Introdução: A antibioticoterapia (ATB), consiste em uma prática amplamente utilizada no tratamento de infecções bacterianas em crianças, no entanto quando utilizada de forma incorreta esta prática pode gerar prejuízos a saúde da criança. **Objetivo:** Discutir os prejuízos associados ao uso da ATB em crianças. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura realizada nas bases de dados Pubmed e Ministério da Saúde. A seleção dos artigos se deu com base nos descritores e suas combinações nas línguas inglesa e portuguesa: “Saúde da Criança”, “Antibioticoterapia” e “Riscos”. Como critérios inclusão, foram utilizados artigos em inglês e português, disponíveis na íntegra, estudos primários publicados e indexados nas bases de dados nos últimos dez anos. Os critérios de exclusão foram: artigos não indexados nas bases dados, artigos incompletos e revisões integrativas da literatura. **Resultados e discussão:** A amostra final do estudo foi constituída de cinco artigos selecionados com base nos critérios de inclusão previamente selecionados. Apesar de ser uma prática comum e utilizada com frequência no tratamento de infecções bacterianas o tratamento com ATB não afasta os possíveis riscos de sua utilização, segundo Ventola (2015), o uso inadequado de ATB contribui significativamente para resistência bacteriana, tendo em vista que a utilização do medicamento tem sido realizada em infecções virais comuns como gripes e resfriados, reduzindo a eficácia medicamentosa quando realmente necessária. Outro risco dessa prática consiste na alteração da microbiota intestinal, de acordo com Lopetuso et al., (2018), existe uma redução da diversidade microbiana associadas ao uso de ATB de amplo espectro, embora eficazes, estes não distinguem bactérias patogênicas de não patogênicas, levando a destruição de espécies benéficas como *Lactobacillus* prejudicando a barreira intestinal da criança. Korpela (2018), destaca que a exposição precoce a ATB está associada com um maior risco de obesidade, tendo em vista que esta prática pode afetar o metabolismo energético promovendo uma maior absorção de calorias e armazenamento de gorduras. Blaser (2016), reforça que essa alteração também compromete o metabolismo de glicose aumentando o risco de resistência a insulina e por consequência gerando diabetes do tipo 2, além de promover dislipidemias e riscos cardiovasculares **Conclusão:** Os prejuízos associados a ATB em crianças são múltiplos, exigindo uma maior atenção dos profissionais no acompanhamento dessa prática, por isso é necessário a implementação de diretrizes clínicas voltadas para o uso racional dos ATB, além de educação em saúde para os pais e cuidadores de crianças, evitando assim o uso desnecessário da terapia.

Palavras-chave: Saúde da criança; Antibioticoterapia; Riscos.

SAÚDE MENTAL INFANTIL: IMPACTOS DAS ADVERSIDADES NA PRIMEIRA INFÂNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS AOS LONGO DA VIDA

Brenda Dias Porto¹; Fernanda Felipe Catarino¹; Hellen Rebeca Galvão dos Santos¹; Júlia Maria Ribeiro Souza¹; Raika Handara Alves de Oliveira Freitas Nascimento Lemos¹; Aínoan dos Santos Cajado²

Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz¹, Graduada em Odontologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia²

brendexdiasp@gmail.com

Introdução: A saúde mental na infância é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento da criança, com impacto direto em seu futuro na sociedade. Isso ocorre porque os primeiros anos de vida são marcados por um intenso desenvolvimento físico, cognitivo e sensorial. Contudo, essa fase também expõe a criança a diversos fatores estressores, como adversidades cruéis, que podem comprometer o progresso mental e gerar longas consequências. **Objetivo:** Avaliar como a saúde mental na infância pode impactar no futuro das crianças. **Metodologia:** Este estudo trata-se de uma revisão de literatura voltada para as consequências futuras de uma saúde mental infantil prejudicada. A busca inicial foi realizada na base PubMed, onde foram identificados cinco artigos, com descritores como “saúde mental”, “crianças”, “primeira infância”. Após uma análise aprofundada, um foi excluído por não contemplar a saúde mental na infância como foco da pesquisa e quatro publicações foram selecionadas por sua maior aproximação ao tema. Os artigos escolhidos abrangem o período de 2018 a 2024 e foram publicados em renomadas revistas científicas, como *The American Journal of Psychiatry*, *Elsevier*, *JAMA Network Open | Psychiatry e International Journal of Environmental Research and Public Health*. Essa seleção foi realizada pela qualidade e pela pertinência das discussões apresentadas nos textos. **Resultados e Discussão:** As literaturas apontam uma forte relação entre maus-tratos – emocionais, físicos ou sexuais – e questões socioeconômicas e culturais como fatores determinantes que podem impactar diretamente a saúde mental das crianças, perpetuando esses efeitos ao longo dos anos. Além disso, a negligência materna, tanto na supervisão quanto na tomada de decisões durante os primeiros anos de vida, é frequentemente citada como a base para a formação de uma estrutura que constrói uma criança jovem carregando traumas, muitas vezes irreversíveis. **Considerações Finais:** Os estudos indicam que os problemas de saúde mental em crianças frequentemente são negligenciados, silenciados e camuflados, configurando uma preocupação primária de saúde pública em nível global. Além disso, ressaltam a importância de promover experiências positivas na infância como estratégia crucial para mitigar os impactos dos fatores adversos vivenciados no início da vida. Assim, preservando a saúde mental desde os primeiros anos, é possível garantir que a criança se insira na sociedade sem carregar o peso emocional de seu passado.

Palavras-chave: saúde mental; primeira infância; criança.

A EFICÁCIA DO PROC NA AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM TEA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lorrana Thaissa da Cruz Lopes¹, Aline Carolina da Silva Araújo²

Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade da Amazônia¹, Graduada em Fonoaudiologia pela Universidade da Amazônia Especialista em Neuropsicopedagogia pela Fibra Centro Universitário²

lopeshannah1@gmail.com

Introdução: O estágio supervisionado em Fonoaudiologia é essencial na formação do fonoaudiólogo, permitindo a aplicação de conhecimentos teóricos em contextos clínicos. O trabalho com crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta desafios específicos, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da linguagem e da comunicação. O Protocolo de Observação Comportamental (PROC) é eficaz, pois se concentra nas habilidades comunicativas de maneira estruturada e individualizada, com foco na detecção precoce de alterações de linguagem em crianças por meio da observação do comportamento. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma estagiária de fonoaudiologia na aplicação do protocolo PROC na avaliação de linguagem infantil em crianças com TEA. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência em uma clínica especializada no atendimento de crianças com TEA, realizado das 14h às 18h, nas terças, quartas e sextas-feiras. O estagiário, juntamente com uma preceptora, realizava avaliações do desenvolvimento da linguagem infantil utilizando o PROC. Para isso, foram empregados recursos como brinquedos relacionados a atividades de vida diária e atividades lúdicas. Durante o processo, foram feitas marcações para auxiliar no acompanhamento dos objetivos traçados para o desenvolvimento da criança. **Resultado e Discussão:** Após a aplicação, foi possível observar que o uso desses recursos, aliado ao PROC, mostrou-se eficaz na identificação de avanços individualizados, como a compreensão de comandos simples, o uso de gestos e, em alguns casos, o início da comunicação verbal. As marcações realizadas ao longo das sessões permitiram monitorar o progresso em relação aos objetivos estabelecidos, evidenciando que o PROC, associado a atividades avaliativas adequadas, contribuiu de maneira significativa para o acompanhamento do desenvolvimento da linguagem. **Conclusão:** Este relato teve como finalidade mencionar a experiência da estagiária de fonoaudiologia na aplicação do protocolo PROC na avaliação da linguagem em crianças com TEA, a partir dessa experiência foi possível observar que o PROC é uma ferramenta eficaz para identificar de forma assertiva os comprometimentos e os avanços individualizados do paciente. Ademais, o emprego dos recursos de vida diária e atividades lúdicas contribuíram para o engajamento das crianças durante a avaliação e para análise do comportamento.

Palavras-chave: linguagem, estágio supervisionado, Transtorno Espectro Autista.

PRÁTICAS DE CUIDADO E SUPORTE ÀS MÃES DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UNIDADES DE ATENÇÃO SECUNDÁRIA DO SUS

Karla Salgado Lima¹; Ana Beatriz Arrais de Araújo²; Felipe Augusto Melo de Medeiros³; Maria Luiza Silva Santiago⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵

Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU - Natal², Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal³, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal⁴; Dutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵

karla.salgado1964@gmail.com

Introdução: O papel das mães como cuidadoras principais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) demanda suporte contínuo para garantir tanto o bem-estar dos filhos quanto o seu próprio. No entanto, poucos estudos investigam as práticas de cuidado oferecidas a essas mães, especialmente nos dispositivos de atenção secundária do Sistema Único de Saúde (SUS). **Objetivo:** Este estudo teve como objetivo identificar e descrever as práticas de cuidado disponibilizadas pelos dispositivos de atenção secundária do SUS em Natal/RN, voltadas para a saúde e o bem-estar das mães de pessoas com TEA. **Metodologia:** Foi realizado um estudo descritivo com quinze mães de crianças com TEA que utilizam serviços de atenção secundária do SUS como principal fonte de apoio. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas, transcritas na íntegra e analisadas com base na técnica de análise de conteúdo, buscando identificar categorias de práticas de cuidado e suporte oferecidas a essas mães. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Onofre Lopes, sob o parecer nº 6.466.061. **Resultados e Discussão:** Os resultados indicaram uma variedade de experiências relatadas pelas mães, desde o primeiro contato com os serviços de saúde até a frequência e qualidade das práticas de cuidado. Muitas participantes expressaram a necessidade de um maior suporte emocional e psicológico, relatando que as ações de bem-estar, como grupos de apoio e oficinas de relaxamento, são oferecidas de forma esporádica e sem divulgação adequada. Além disso, a falta de treinamentos e capacitações contínuas para profissionais foi mencionada como uma barreira para a implementação de um atendimento mais humanizado e focado nas necessidades das cuidadoras. Algumas mães relataram experiências positivas com profissionais específicos, que proporcionaram suporte emocional e orientações claras, enquanto outras encontraram limitações na qualidade do atendimento, devido à sobrecarga dos serviços e à falta de atividades de acolhimento regular. **Conclusão:** Este estudo aponta para uma necessidade urgente de fortalecer e ampliar as práticas de cuidado e suporte voltadas para mães de crianças com TEA nos serviços de atenção secundária do SUS. A melhoria das práticas de bem-estar e a capacitação contínua dos profissionais de saúde são fundamentais para garantir uma assistência mais eficaz e promover a saúde mental e qualidade de vida dessas mães. Esses ajustes são essenciais para atender melhor às demandas emocionais e práticas das cuidadoras, garantindo um sistema de apoio mais eficiente e acessível.

Palavras-chave: acolhimento; programas de bem estar; Sistema Único de Saúde; Transtorno do Espectro Autista.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS DESAFIOS PARA O ACESSO E CONTINUIDADE DO TRATAMENTO

Felipe Augusto Melo de Medeiros¹; Ana Beatriz Arrais de Araújo¹; Karla Salgado Lima³; Maria Luiza Silva Santiago⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵

Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal¹, Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal⁴, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵

felipeeagustoo2003@gmail.com

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento, com critérios diagnósticos que envolvem dificuldades de comunicação, interação social e comportamentos restritos e repetitivos. O diagnóstico precoce e o início imediato do tratamento são fundamentais para otimizar o desenvolvimento dessas habilidades, porém, o acesso ao tratamento pode ser limitado em serviços de saúde pública. **Objetivo:** Investigar e analisar os desafios de acesso e as variáveis influenciadoras na continuidade do tratamento do transtorno do espectro autista no SUS. **Metodologia:** A pesquisa foi realizada entre outubro de 2023 a fevereiro de 2024, em Natal, Rio Grande do Norte. Trata-se de um estudo qualitativo-descritivo realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com quinze mães de crianças com TEA que dependem do SUS para tratamento. O estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Onofre Lopes, sob o parecer nº 6.466.061, respeitando todos os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos. As entrevistas foram gravadas através de um gravador, logo após foram transcritas e analisadas sob um método de análise de dados. **Resultados e Discussão:** Os resultados indicaram que o início do tratamento é marcado por longos períodos de espera, decorrentes tanto da alta demanda quanto da falta de profissionais especializados. A média de atendimento foi de uma sessão semanal por paciente, com duração de 50 minutos, e o serviço oferecido inclui tanto atendimentos individuais quanto grupais. As entrevistadas apontaram ainda diversas dificuldades que interferem na adesão ao tratamento: obstáculos financeiros, limitações no transporte público, carência de acessibilidade a profissionais especializados, falta de padronização em orientações para os pais e escassez de tratamentos voltados para jovens e adultos com Transtorno do Espectro Autista. **Conclusão:** Constatou-se que, no contexto dos serviços de atenção secundária do Sistema Único de Saúde, os desafios para o início e continuidade do tratamento de Transtorno do Espectro Autista são amplos e impactam diretamente a adesão e a qualidade do atendimento. Essas barreiras prejudicam o bem-estar dos pacientes e de suas famílias, evidenciando a necessidade de políticas que ampliem o acesso aos serviços e garantam uma assistência mais eficaz e abrangente, especialmente para adolescentes e adultos com Transtorno do Espectro Autista.

Palavras-chave: adesão ao tratamento. Atenção Secundária à Saúde. Sistema Único de Saúde. Transtorno do Espectro Autista.

PERCEPÇÕES DAS MÃES SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM DIFERENTES FASES DO PROCESSO DIAGNÓSTICO

Felipe Augusto Melo de Medeiros¹; Ana Beatriz Arrais de Araújo¹; Karla Salgado Lima³; Maria Luiza Silva Santiago¹; Miguel Ferreira Júnior⁵

Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal¹, Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵

felipeeagustoo2003@gmail.com

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno de neurodesenvolvimento que exige adaptações significativas por parte das famílias, especialmente das mães, que muitas vezes assumem um papel central no cuidado. Compreender as percepções maternas em cada etapa do processo diagnóstico é fundamental para identificar desafios e lacunas no acesso à informação e no suporte emocional. **Objetivo:** Investigar a percepção das mães de crianças com TEA sobre o conhecimento acerca do transtorno antes, durante e após o diagnóstico. **Metodologia:** Realizou-se uma pesquisa qualitativa e descritiva, aplicando entrevistas semiestruturadas com quinze mães de crianças diagnosticadas com TEA que utilizam exclusivamente o Sistema Único de Saúde (SUS) para diagnóstico e tratamento em Natal/RN. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas segundo a técnica de análise de conteúdo, com aprovação do Comitê de Ética do Hospital Universitário Onofre Lopes, sob parecer número 6.466.061. **Resultados e Discussão:** No estágio pré-diagnóstico, as mães relataram pouca clareza e conhecimento sobre o TEA, frequentemente confundindo os sinais do transtorno com peculiaridades individuais da criança. Sentimentos de confusão e incerteza marcaram esse período, onde informações sobre o TEA eram escassas ou de difícil acesso. Durante a fase de avaliação diagnóstica, observou-se que as mães passaram a buscar ativamente informações sobre o TEA, o que as ajudou a lidar com a ansiedade e o luto pela possibilidade de confirmação do diagnóstico. A expectativa pelo diagnóstico gerou sentimentos ambivalentes de alívio e tristeza, pois, enquanto algumas mães se sentiram apoiadas pelos profissionais, outras relataram falta de comunicação e acolhimento adequado durante o processo. No período pós-diagnóstico, notaram-se mudanças profundas na forma como as mães entendem o TEA e as exigências da parentalidade. O diagnóstico trouxe um senso de clareza, mas também gerou desafios relacionados ao acesso aos serviços de tratamento e à necessidade de adaptação da rotina familiar. Com o tempo, muitas mães passaram a se sentir mais seguras e informadas, o que contribuiu para uma abordagem mais proativa no desenvolvimento dos filhos. **Conclusão:** Constatou-se que o contato direto e progressivo com o TEA contribuiu para o aumento do conhecimento e compreensão das mães sobre o transtorno. As etapas de busca e adaptação destacam a importância de intervenções que ofereçam informações acessíveis e apoio emocional durante todo o processo diagnóstico.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, percepção materna, processo diagnóstico, saúde pública.

O PAPEL DOS DIFERENTES SURFACTANTES PULMONARES NA SÍNDROME DO DESCONFORTO RESPIRATÓRIO NEONATAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Gabriela Ramos Freitas¹; Anne Carolline Amaral Batista Ramos²

Graduanda em medicina pela Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora - SUPREMA¹, Mestre em biotecnologia industrial pela Universidade Estadual de Montes Claros- Unimontes²

gabrielaramosfreitas2010.gr@gmail.com

Introdução: A Síndrome do Desconforto Respiratório Neonatal (SDRN) é uma patologia recorrente em prematuros, principalmente naqueles com uma idade gestacional inferior a 34 semanas, devido à deficiência na produção de surfactante pulmonar, um composto essencial para a estabilização alveolar. A introdução do surfactante exógeno revolucionou o manejo da SDRN, reduzindo significativamente a mortalidade neonatal e complicações como a displasia broncopulmonar. Contudo, avanços recentes como terapias minimamente invasivas e formulações aerossolizadas têm ampliado as possibilidades terapêuticas, exigindo uma análise sistemática sobre a eficácia e os desafios dessas abordagens. **Objetivo:** Avaliar o impacto do uso de surfactantes pulmonares na SDRN, destacando principalmente os benefícios clínicos neonatais. **Metodologia:** Foi conduzida uma pesquisa na base de dados PubMed, em novembro de 2024, por meio dos descritores: “*Infant Respiratory Distress Syndrome*” e “*Pulmonary Surfactant*” e suas respectivas variações no MeSH, incluindo-se os filtros: “*Clinical Trial*”, “*Randomized Controlled Trial*”, “*Humans*” e “*10 years*”. Os critérios de inclusão foram estudos publicados entre 2014 e 2024, em revistas qualis capes A1 ao A3, envolvendo recém-nascidos prematuros. Excluíram-se artigos sem metodologia clara ou em idiomas não acessíveis. Dos doze artigos encontrados, três foram selecionados. **Resultados e Discussão:** Os surfactantes administrados por métodos minimamente invasivos, como cateteres finos (*MIST*), demonstraram eficácia significativa na redução da necessidade de ventilação mecânica e propiciaram menor incidência de displasia broncopulmonar, especialmente em prematuros mais maduros. Apesar disso, os resultados em relação à mortalidade permanecem inconclusivos, indicando a necessidade de maior padronização nos limiares de intervenção. Outra abordagem promissora é o uso de surfactantes de aerossóis, que permitem evitar a intubação precoce. Estudos iniciais apontam boa viabilidade e segurança, embora ainda haja desafios na deposição alveolar eficaz e na padronização de doses. Adicionalmente, os surfactantes derivados de tecidos animais continuam sendo os mais eficazes em relação às formulações sintéticas, devido à presença de proteínas bioativas essenciais para a função pulmonar. Contudo, a eficácia do surfactante está condicionada a sua integração com outras estratégias, como o uso de CPAP inicial e corticoterapia antenatal, reforçando a natureza multifatorial da SDRN e seu manejo. **Conclusão:** Os surfactantes pulmonares são um pilar importante no tratamento da SDRN, com benefícios claros em desfechos respiratórios e redução de complicações. Inovações como métodos minimamente invasivos e surfactantes aerossolizados oferecem perspectivas promissoras, mas demandam estudos adicionais para maior eficácia e segurança. O refinamento dessas estratégias poderá transformar ainda mais o cuidado neonatal, reduzindo a morbidade e melhorando a qualidade de vida de prematuros.

Palavras-chave: Síndrome do Desconforto Respiratório do Recém-Nascido; Surfactantes Pulmonares; Terapia Respiratória.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ACOMPANHAMENTO FARMACÊUTICO NO AMBULATÓRIO DE FIBROSE CÍSTICA

Eduarda Auler¹; Marina Bernardes Acosta ¹; Samantha Zamberlan Leyraud²

Farmacêutica Residente em Atenção a Saúde da Criança pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS¹, Farmacêutica da Seção de Farmácia Clínica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS²

eduardaauler15@gmail.com

Introdução: A fibrose cística é uma doença genética que acomete a proteína reguladora da condutância transmembrana da fibrose cística (CFTR). Os principais órgãos afetados incluem o pâncreas, o pulmão e o sistema digestivo, resultando em insuficiência pancreática, exacerbações respiratórias frequentes, produção constante de secreções espessas e dificuldade no ganho de peso. O tratamento abrange uma abordagem multiprofissional, incluindo nebulizações diárias, fisioterapia, terapia de reposição enzimática e vitaminas. A investigação inicia após um resultado alterado no exame do teste do pezinho, realizado nos primeiros dias de vida do recém nascido. O tratamento medicamentoso começa ainda na infância e perdura por toda vida do paciente, exigindo ajustes conforme o crescimento e progressão da doença. **Objetivo:** Relatar o acompanhamento e a importância da atuação do farmacêutico clínico nas consultas ambulatoriais de pacientes pediátricos portadores de fibrose cística. **Metodologia:** Este trabalho relata a experiência sobre o acompanhamento farmacêutico ambulatorial de pacientes portadores de fibrose cística, em um hospital público localizado no Sul do Brasil. Durante as consultas de acompanhamento da equipe multidisciplinar, o farmacêutico atua na revisão da farmacoterapia do paciente buscando avaliar e otimizar a adesão da família às condutas, solicitando ajustes quando julgar necessário. **Resultados e discussão:** A principal função do farmacêutico é revisar a farmacoterapia atual do paciente, analisando não apenas os medicamentos prescritos, mas também sua forma farmacêutica, administração, armazenamento e forma de acesso, sendo a grande parte dos medicamentos fornecidos via Farmácia do Estado. O principal objetivo da consulta é monitorar e incentivar a adesão ao tratamento por parte do paciente e de seus cuidadores. Durante o atendimento, pode haver mudanças na terapia, como inclusão de novos fármacos, desprescrição ou ajuste de dose. Nestes casos, o farmacêutico reforça as novas orientações junto às famílias, utilizando, quando necessário, o lúdico para explicar os medicamentos à criança e promover a educação em saúde. Quando são identificadas situações de má adesão ou outro ponto crítico, o caso é discutido com equipe médica e demais profissionais envolvidos para garantir o correto encaminhamento. **Considerações finais:** A fibrose cística é uma doença crônica que necessita de acompanhamento constante para assegurar a qualidade de vida do paciente. A presença do farmacêutico na equipe multidisciplinar tem impacto significativo na adesão ao tratamento, promovendo uma relação de confiança entre pacientes, cuidadores e profissionais.

Palavras-chave: fibrose cística; pediatria; medicamento;

OS MALEFÍCIOS DO DESMAME PRECOCE NA SAÚDE INFANTIL

Beatriz Quaresma de Souza¹; Júlia Gabrielly de Sousa Vieira¹; Fernanda Estumano da Silva e Silva¹;
Raquel Silva Albernás¹; Cristiane Guerreiro Pereira Abdul Massih²

Discente do curso Bacharelado em Fonoaudiologia na Universidade do Estado do Pará (UEPA)¹,
Docente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Estado do Pará (UEPA)²

E-mail: bia3quaresma@gmail.com

Introdução: O leite materno é o primeiro alimento que um bebê deve receber, sendo essencial ao seu desenvolvimento global. O aleitamento materno garante boa nutrição à criança, promovendo o fortalecimento do seu sistema imunológico, maior qualidade de vida, e favorece o vínculo entre mãe e filho. A amamentação deve ser feita de forma exclusiva até os seis meses de idade, pois a introdução de outros alimentos pode afetar a absorção de nutrientes essenciais como zinco e ferro, os quais estão presentes no leite materno em quantidades ideais para o bebê. Assim, toda mãe que deixar de amamentar seu filho antes da idade recomendada estará realizando o desmame precoce. **Objetivo:** Analisar quais são os malefícios do desmame precoce para os lactentes. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão de literatura através das bases de dados *Lilacs*, *Crossref*, *Latindex*, *PubMed* e *ResearchGate* com artigos publicados entre 2020 e 2024. Foram utilizadas palavras-chave como “amamentação”, “aleitamento materno” e “desmame precoce” como fontes de busca para encontrar estudos relevantes sobre o tema. **Resultados e Discussão:** Existem muitas razões para que ocorra a interrupção do aleitamento materno de forma antecipada, como o pouco conhecimento sobre o assunto, desconforto e dor ao amamentar, fatores culturais como crenças e tabus, gravidez na adolescência, crianças com fissura lábio palatinas, e o uso de chupetas e mamadeiras. Os estudos evidenciaram que a prática do desmame precoce está relacionada a diversos malefícios à saúde do bebê, o que pode ser refletido até a vida adulta. Entre as consequências para os lactentes estão a redução de proteção do sistema imunológico, o desenvolvimento de intolerâncias alimentares e alergias, considerando que o leite materno contém células imunológicas, como os linfócitos, que contribuem para regular a resposta imunológica do bebê. Outra problemática da introdução precoce de alimentos é a obesidade infantil, pois crianças que tiveram uma introdução alimentar inadequada estão mais suscetíveis a terem sobrepeso, e conseqüentemente adquirir outras comorbidades como a diabetes mellitus, doenças cardiovasculares, como a hipertensão, entre outras. **Considerações Finais:** Diante do exposto, pode-se afirmar que são diversas razões que resultam no desmame precoce, sendo extremamente prejudicial à saúde da criança, o que pode ser refletido em todas as fases de seu desenvolvimento, até a vida adulta.

Palavras-chave: amamentação; aleitamento materno; desmame precoce.

AVALIAÇÃO DO IMPACTO DO USO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Lucas Cunha Oliveira Barroso¹; Ana Victoria Lima Passos da Silva ¹; Mateus da Silva Santos¹; Guilherme Cavalcanti Santana¹; Mariana Santos Ismerim¹; Pedro Henrique de Cunha Soares¹; Gleide Maria Gatto Bragança ²

Graduando em Medicina pela Universidade Tiradentes¹

Professora Adjunta Universidade Tiradentes ²

lucas.barroso@souunit.com.br

Introdução: Nos últimos anos, o uso de telas digitais como smartphones, tablets e computadores tornou-se parte integral da vida cotidiana de crianças em todo o mundo, gerando uma série de debates sobre os impactos desse fenômeno no desenvolvimento infantil. Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente apresentam desafios significativos nas áreas de comunicação social, interação interpessoal e habilidades pragmáticas. Em um contexto em que as interações sociais são fundamentais para o crescimento emocional e comportamental, a exposição excessiva às telas pode interferir na capacidade de desenvolvimento de habilidades de comunicação e relacionamento no mundo real.

Objetivo: Avaliar os danos gerados, no desenvolvimento de habilidades sociais, por tempo de exposição às telas em crianças com transtorno do espectro autista. **Metodologia:** Este estudo foi realizado com base em artigos publicados no banco de dados da PubMed, abrangendo estudos de 2019-2024, em inglês e português. Foram incluídos ensaios clínicos e meta-análises que abordassem a relação entre a exposição às telas e crianças com TEA. Utilizaram-se descritores como <Autism Spectrum Disorder> e <Screens Time>. Os critérios de inclusão consideraram estudos com crianças portadoras de TEA e em idade de desenvolvimento social; enquanto, foram excluídos estudos focados na população adulta.

Resultados e Discussão: Com base nos estudos selecionados, nota-se correlação entre o tempo de tela e o agravamento dos sintomas relacionados ao TEA, sugerindo que o uso excessivo de dispositivos digitais pode prejudicar o desenvolvimento de habilidades sociais, já que a interação digital não oferece os mesmos estímulos e desafios presentes nas interações face a face. Em uma perspectiva mais ampla, investigaram como a exposição ao tempo de tela pode estar associada a comportamentos semelhantes aos do TEA em crianças, sugerindo que a interação excessiva com dispositivos digitais pode simular ou exacerbar características do transtorno. Por outro lado, intervenções baseadas em tecnologia, como aplicativos para treino de habilidades sociais, têm mostrado eficácia no auxílio ao desenvolvimento de competências de comunicação em crianças com TEA, fornecendo ambientes controlados para praticar interações sociais de forma mais estruturada e previsível. **Conclusão:** As tecnologias abriram um mundo de benefícios e possibilidades na vida de pessoas portadoras de deficiências. No entanto, o uso demasiado delas, pode servir como potencializador dos danos já encontrados no TEA. Estudos futuros, com uma maior amostra, são necessários para uma melhor avaliação na tomada de decisão quanto à introdução e duração de tempo de uso de telas em crianças com TEA.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; tempo de tela; crianças.

IMPACTOS POSITIVOS DA ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA INTERVENÇÃO EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Beatriz Araújo Maciel¹; Eduarda de Sousa Rodrigues¹; Carla Marceli Medeiros Ramos¹; Nelson Antonio Bailão Ribeiro²

Graduanda em fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará¹, Doutor em Genética e Biologia pela Universidade Federal do Pará²

fonobi1208@gmail.com

Introdução: A Síndrome de Down é a presença de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Essa disfunção cromossômica afeta o desenvolvimento das áreas motora, cognitiva, linguística, de autocuidados e socialização de pessoas. Nesse sentido, faz-se necessária a ação do profissional fonoaudiólogo na equipe multidisciplinar para auxiliar a criança no seu puro desenvolvimento cognitivo, bem como no linguístico, motor e social. Dessa forma, o profissional Fonoaudiólogo previne, avalia e trata distúrbios da comunicação humana, como dificuldades de fala, linguagem, voz, audição e deglutição, promovendo a qualidade de vida tanto em crianças quanto em adultos e até mesmo em idosos. **Objetivo:** Analisar os achados da literatura que abordam a atuação fonoaudiologia em crianças com a Trissomia do 21. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com abordagem descritiva, cujos levantamentos bibliográficos foram realizados nas seguintes bases de dados: LILACS, SCIELO, PUBMED, na qual foi determinado o período de 2018 a 2023. Foram considerados para tal pesquisa os descritores de busca (DeCs); “Fonoaudiologia AND Síndrome de Down” e “Fonoaudiologia AND comunicação”. Com base neste, foram selecionados os critérios de inclusão, os quais foram artigos na íntegra, desse modo foi empregado o idioma português, e exclusão daqueles que não estavam relacionados à temática e no idioma selecionado ou em outros formatos de trabalhos científico. **Resultados e Discussão:** Para a produção deste trabalho, foram encontrados cerca de 22 e separados 4 artigos baseados nos critérios de inclusão e exclusão supracitados. Primeiramente, em relação a alimentação das crianças com a síndrome do cromossomo 21, a reavaliação fonoaudiológica demonstrou que houve consequências positivas já que elas demonstraram a ampliação do cardápio, melhora da percepção, da habilidade motora intraoral, aceitação de diferentes utensílios e modos de apresentação do alimento, autonomia e prazer nas refeições. Outrossim, a atuação da fonoaudiologia na linguagem e fala consiste na estimulação da aprendizagem, maior interdependência, desenvolvimento das leitura e escrita, além disso, a intervenção atua buscando valorizar as habilidades e a superação das dificuldades da comunicação das mães e crianças com trissomia do 21. **Considerações Finais:** Portanto, observa-se a atuação fonoaudiológica como essencial para intervenção em questões inerentes à comunicação e alimentação, promovendo uma melhor qualidade de vida e bem estar aos pacientes.

Palavras-chave: Fonoaudiologia; Síndrome de down; Intervenção

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Carla Elisa de Lima Arcanjo¹; Elmo Patrick Lopes Martins¹; Jaciara Alves de Sousa²

Graduando em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú¹, Doutoranda em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Ceará²

Introdução: A alimentação saudável é fundamental para o crescimento sadio das crianças, pois é a partir dela que o organismo obtém nutrientes essenciais que, além de influenciarem no desenvolvimento físico e cognitivo, ajudam a fortalecer o sistema imunológico, diminuindo, assim, o risco de contrair doenças. Logo, abordar esse tópico com pessoas jovens é extremamente importante visto que os hábitos alimentares impactam na saúde física e mental dos indivíduos. Desse modo, o estudo justifica-se pela necessidade de avaliar os níveis de conhecimento e a receptividade das crianças quanto ao tema e a partir disso aprimorar as políticas de educação em saúde sobre esse conteúdo tanto para a juventude quanto para os pais. **Objetivo:** Compartilhar a experiência de discentes de enfermagem da Liga de Enfermagem em Saúde da Criança (LIESC) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) sobre uma atividade extensionista com o público infantil acerca da alimentação saudável e desenvolvimento infantil. **Metodologia:** Estudo descritivo de abordagem qualitativa do tipo relato de experiência realizado no dia 07/08/2024, no período noturno, na Estação da Juventude Vila União, localizada no bairro Vila União, em Sobral-Ceará. A atividade teve como tema “Alimentação Saudável” e aconteceu através de uma dinâmica que consistiu em mostrar às crianças fotos de diversos tipos de comida, saudáveis e não saudáveis, para elas, por meio das cores do semáforo, explicarem com que frequência se pode comer determinado alimento; e teve como público-alvo 35 crianças de sexo masculino com faixa etária de 3 a 12 anos. **Resultados e Discussões:** Durante a atividade foi perceptível o interesse dos garotos sobre o assunto visto que participaram ativamente e estavam atentos aos ensinamentos repassados, pôde-se perceber, também, que eles já possuíam certos conhecimentos sobre os benefícios de uma alimentação equilibrada, porém, nutrem uma nítida preferência por alimentos industrializados, podendo-se fazer refletir sobre os motivos disso, como: as mídias digitais, ou a falta de atenção com as comidas das crianças, por parte dos pais, devido ao trabalho ou outros fatores que impeçam. **Conclusão:** Após a dinâmica, pôde-se perceber a assimilação do conteúdo exposto por parte das crianças. Assim, conclui-se que é imperativo expor a juventude a conteúdos de conscientização sobre hábitos alimentares, sendo imprescindível replicar ações como essa tanto para o público infantil quanto para o adulto, para que haja uma mudança positiva e, assim, a formação de uma população futura mais sensata e saudável.

Palavras-chave: alimentação; saúde; criança.

O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO NA EXTENSÃO: PERFIL PARASITOMANIA

Isabela Hespanhol¹; Alice Duarte Baptista¹; Kailane Trajano Silveira Martins¹; Laura Barcelos Paes¹;
Maycon Bruno de Almeida²

Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina de Campos (FMC)¹, Mestrado em Biociências e
Biotecnologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)²

isabelahepanhol@gmail.com

Introdução: A adoção crescente de tecnologias online no campo da educação em saúde abre novas possibilidades para o aprendizado virtual, visto que são acessíveis financeiramente e têm o potencial de alcançar um grande número de pessoas. Assim, essas inovações ajudam a criar mais oportunidades para aqueles que enfrentam limitações de tempo/espço. Nesse contexto, as mídias sociais se destacam como espaços de interação entre os usuários, incluindo e-groups, aplicativos de mensagens e redes sociais. Por meio desses canais, os usuários têm a possibilidade de construir seus próprios conhecimentos, seja de forma individual, ao acessar informações por conta própria, ou coletivamente, através da interação em ambientes sociais e da troca de experiências. Dentre os grupos de interesse, pode-se destacar as parasitoses intestinais, haja vista são doenças tradicionalmente negligenciadas nas agendas nacionais e internacionais de órgãos de saúde e seu impacto negativo na nutrição infantil, prejudicando crescimento, desenvolvimento cognitivo, escolarização e produtividade, sendo necessário cada vez mais a divulgação de conhecimento sobre este assunto. **Objetivos:** Apresentar a importância das mídias sociais para a disseminação de informações baseadas em evidências sobre as parasitoses intestinais. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, sobre o uso das mídias sociais (Parasitomania) e rede social (Instagram) para ampliação do acesso as informações sobre parasitoses intestinais. **Resultados e Discussão:** Em julho de 2024, ativamos o perfil Parasitomania no Instagram como parte de um projeto de extensão, visando ampliar o debate sobre parasitoses intestinais. A manutenção do perfil ocorre com a publicação de no mínimo dois posts semanais e caixinhas de perguntas. Enquanto a primeira visa condensar em um só lugar fontes seguras sobre esse tema, a segunda utiliza estratégia de aprendizagem ativa, em que os usuários fazem perguntas sobre parasitoses, e nós, como extensionistas, respondemos com informações embasadas cientificamente. Nos últimos três meses, o perfil registrou 188 seguidores, média mensal de 8670 visualizações e 600 interações, destacando temas como prevenção, diagnóstico, sintomas e esclarecimento de mitos. **Considerações Finais:** O uso limitado das redes sociais por profissionais de saúde evidencia a urgência da educação em saúde nesses meios. Isto posto, o perfil visa expandir sua atuação por meio de parcerias interinstitucionais e com profissionais de saúde. Além disso, com ações já realizadas em escolas, eventos da Secretaria Municipal de Educação e gamificação, utilizando quizzes e jogos, mobilizando habilidades e interesses variados, capacitando a comunidade a adotar práticas que reduzam a contaminação.

Palavras-chave: mídias sociais; educação em saúde; parasitoses intestinais em crianças.

FATORES ASSOCIADOS A HESITAÇÃO VACINAL PEDIÁTRICA DA COVID-19 NO BRASIL

Maísa Barroso de Araújo¹; Karina Faine Freitas Takeda²

Graduando em enfermagem pela Universidade Amazônia - UNAMA¹, Programa de Pós-graduação em enfermagem pela Universidade Federal do Pará - UFPA²

maisa.arj2002@gmail.com

Introdução: A vacinação tem por caráter a proteção das pessoas por meio da prevenção, controle e erradicação de doenças imunopreveníveis, sendo uma das estratégias mais eficazes e seguras sobretudo na infância, devido ao desenvolvimento do sistema imunológico. No Brasil, é preconizado um percentual de cobertura vacinal, porém nos últimos anos foi observado que houve instabilidade nessa cobertura, influenciando diretamente na vacinação contra a covid-19. Em 2019 na China foi descoberto o vírus SARS-CoV-2, responsável pela doença de infecção respiratória covid-19, que decretou o mundo em estado de pandemia. Em 2022 no Brasil foi disponibilizada a vacinação pediátrica para o combate a essa doença, porém proporcionou opiniões divergentes que foram fatores determinantes para a hesitação vacinal, contribuindo para o agravamento da doença no País. **Objetivo:** Descrever os fatores associados a hesitação vacinal pediátrica da covid-19 no Brasil. **Metodologia:** Estudo realizado na base de dados Biblioteca Virtual da Saúde, por via da LILACS, MEDLINE e BDNF, com associação do operador booleano AND nos descritores em saúde “doença”, “vacina”, “criança” e “covid-19”. **Resultados e Discussão:** Para a realização do estudo, foram encontrados 43 artigos completos em português dos últimos 5 anos, dentre eles 3 foram selecionados e 40 excluídos por não estarem adequados a temática. A partir disso, foi possível observar que diversos fatores influenciam a hesitação vacinal da covid-19, iniciados através da divulgação de informações falsas por amigos/familiares, ocasionando receio por parte dos pais/responsáveis, sendo mais afetados os que possuem o perfil com baixo nível de escolaridade e renda, visto que estão associados ao déficit de informações a respeito de patologias evitáveis e as formas de prevenção. Também é destacado uma relação com a quantidade de filhos, mostrando que em famílias numerosas, as atividades de prevenção podem não ser prioridade, devido a necessidade de maior logística e recursos financeiros. **Considerações finais:** Sabendo da importância da vacinação da covid-19 e a existência de fatores que desfavorecem o cumprimento do seu exercício, é imprescindível o fortalecimento de estratégias que buscam maiores taxas de vacinação, contribuindo para a diminuição de óbitos de crianças por doenças evitáveis. Portanto é fundamental que os responsáveis pela sala de vacina e outros profissionais promovam a educação em saúde conscientizando os pais/responsáveis a respeito da efetividade e segurança dos imunobiológicos. Logo, a população visualiza a equipe de saúde como uma referência acessível e confiável, contribuindo para que compreendam que a vacina da covid-19 é benéfica e essencial para a saúde.

Palavras-chave: vacinação; criança; Covid-19.

AMAMENTAÇÃO DE BEBÊS COM FISSURA LABIOPALATINA: UMA PERSPECTIVA FONOAUDIOLÓGICA

Júlia Gabrielly de Sousa Vieira¹; Fernanda Estumano da Silva e Silva¹; Beatriz Quaresma de Souza¹; Raquel Silva Albernaz¹; Liliane Dias e Dias de Macedo²

Discente do curso Bacharelado em Fonoaudiologia na Universidade do Estado do Pará (UEPA)¹
Docente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Estado do Pará (UEPA)²

jusousavi@gmail.com

Introdução: O leite materno é reconhecido como o melhor e mais completo alimento, sendo a principal fonte de nutrição para lactentes e de recomendação exclusiva até os seis meses. A fissura labiopalatina consiste em uma malformação congênita, produzida por uma alteração na fusão tecidual, que ocorre entre a 6^a e a 10^a semana de vida intrauterina, devido à falta de união dos processos faciais. A complexidade da abertura resulta em dificuldades para a amamentação e pode influir na relação mãe-bebê e no desenvolvimento das estruturas e funções do sistema estomatognático. **Objetivo:** Revisar os achados sobre aleitamento de neonatos com fissura labiopalatina e entender como o profissional fonoaudiólogo atua nesses casos. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão de literatura nas principais bases de dados (*Scielo, LILACS, PubMed*), com artigos publicados entre 2019 e 2024. Foram utilizadas palavras-chave como “aleitamento materno”, “fissuras” e “fonoaudiologia” para identificar os estudos relevantes para o tema. A seleção dos estudos foi realizada em duas etapas, a leitura inicial dos resumos para triagem e a leitura dos materiais completos para análise e coleta de dados relevantes. **Resultados e Discussão:** Os estudos demonstram que a amamentação é o método preferível de alimentação, mesmo nos bebês com presença de fissuras labiopalatinas. No entanto, conforme o tipo e localização de fissura, ocorrerão limitações da amamentação. A presença da fenda labiopalatina interfere no selamento adequado e dificulta a sucção do bebê, que compromete a sincronização precisa da deglutição e respiração necessárias para a alimentação, resultando, muitas vezes, em refluxo nasal de leite, fadiga, menor ingesta, tosse, engasgo, vômitos, escape do mamilo, deglutição de ar. Nesse sentido, o fonoaudiólogo é o profissional presente desde o pré-natal, orientando os pais sobre as possíveis dificuldades do bebê, no puerpério, apresentando as genitoras técnicas que facilitem a amamentação no seio, como posicionamento do bebê, e quando esta não for possível, apontar outras técnicas que ajudem na alimentação como o uso da mamadeira ou próteses adaptadas, e no pós-cirúrgico, acompanhando o desenvolvimento do bebê e suas necessidades terapêuticas. **Considerações Finais:** Assim, o aleitamento materno ou o fornecimento de leite materno deverá ser incentivado, mas com adaptações e cuidados necessários para o neonato com fissura labiopalatina. Ademais, o fonoaudiólogo trabalha junto a equipe multiprofissional para melhor efetividade da amamentação e, conseqüentemente, a saúde desse neonato.

Palavras-chave: aleitamento materno; fissuras; fonoaudiologia.

A IMPORTÂNCIA DA LIGA ACADÊMICA NA FORMAÇÃO DO UNIVERSITÁRIO.

Hariana Rafaela da Silva Brasil¹; Frankcélia Souza Camargo¹; Aline Juliane Souza Santos¹; Ana Beatriz Silva de Araújo¹; Karina Faine Freitas Takeda².

Graduanda em enfermagem pela Universidade da Amazônia (UNAMA)¹, Mestre em Enfermagem – PPGENF/UFPA².

harianabrasil660@gmail.com

Introdução: As ligas acadêmicas são entidades sem fins lucrativos visando proporcionar ao acadêmico mais contato com a comunidade. Atuam por meio dos pilares de ensino, pesquisa e extensão, visando promover uma formação complementar aos universitários. Elas integram um ambiente que possibilita realizar a parte teórica e prática, possibilitando aos estudantes interligar o que aprenderam em sala de aula, na prática. São protagonizadas por alunos e orientadas por professores que têm conhecimento sobre o assunto da liga. **Objetivo:** Analisar a importância da liga acadêmica na formação do universitário, destacando os pilares de ensino, pesquisa e extensão. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na qual as buscas foram realizadas na base de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando os descritores: ligas acadêmicas, educação e universidade, combinados com o operador booleano “AND”. Após a aplicabilidade dos critérios de elegibilidade e leitura de artigos, foram encontrados inicialmente cinco artigos entre os anos de 2019 e 2023, nos idiomas português e inglês. Foram excluídos artigos que não complementavam a temática do estudo. Sendo assim, somente seis artigos compuseram a revisão final. **Resultados:** A literatura revela a importância da liga através dos projetos desenvolvidos que interligam o estudante com a comunidade, proporcionando um ambiente de aprendizado prático e aprofundamento teórico. As atividades educativas de ensino, pesquisa e extensão proporcionam uma maior compreensão sobre os conteúdos teóricos e desenvolvem habilidades essenciais para o futuro profissional, como liderança, trabalho em equipe e boa comunicação, fortalecendo as competências e habilidades dos integrantes. O envolvimento dos integrantes nas ações comunitárias permite que apliquem os seus conhecimentos em benefício da sociedade, ampliando a visão dos estudantes em relação aos desafios sociais e à saúde de determinada comunidade e também instala um senso de cidadania e compromisso ético como futuro profissional. **Conclusão:** Com isso, a liga acadêmica cumpre um papel importante na formação integral do aluno, incentivando o desenvolvimento pessoal e promovendo uma visão mais ampla e crítica de sua área de atuação. Através dos pilares de ensino, pesquisa e extensão, as ligas se configuram como um espaço de crescimento pessoal e profissional do aluno, valorizando e incentivando seu lado crítico, ético e sua futura área de formação.

Palavras-chaves: ligas acadêmicas; educação; universidade.

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: OS RASTROS DEIXADOS NA VIDA DE UMA MULHER.

Bruna de Paula Barbosa do Nascimento¹; Tamires de Nazaré Soares².

Graduando em enfermagem pela Universidade da Amazônia¹, Doutoranda em Biologia Parasitária na Amazônia pela Universidade Estadual do Pará².

brunasciiment@gmail.com

INTRODUÇÃO: A violência obstétrica é todo e qualquer ato ou forma de agressão, seja ela, psicológica, física ou verbal, assim como a negligência ou o uso inadequado de procedimentos realizados durante o parto sem o consentimento da gestante, ela desrespeita, oprime e viola esse corpo feminino. Recentemente tendo o termo reconhecido oficialmente pelo Ministério da Saúde, a Violência Obstétrica (VO) atinge diretamente a gestante durante o seu processo de parto, invalidando seus desejos e opiniões, causando traumas e aumentando o risco de depressão pós-parto, também podemos dizer que violência que as mulheres enfrentam durante o trabalho de parto e o parto refletem sua desvalorização, impulsionada por diferenças de etnia e gênero, além de questões ligadas à desigualdades sociais, como escolaridade e classe econômica. **OBJETIVO:** O presente estudo tem por objetivo apresentar os rastros deixados na vida de uma mulher que sofreu Violência Obstétrica (VO). **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com artigos selecionados a partir da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) extraídos das bases de dados Scielo e Lilacs. Utilizou-se para busca o seguinte Descritor em Ciência da Saúde (DECS): “Violência Obstétrica” combinada com o operador booleano “AND”. Para critério foram selecionados no total 6 artigos no idioma, português, completos, gratuitos, publicados nos últimos 5 anos (2019-2024) que se adequavam a temática do estudo. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** A partir das análises, verificou-se que muitas são as consequências deixadas na vida de uma mulher que sofreu abuso obstétrico, podendo evidenciar: dificuldades na amamentação, sequelas psicológicas, que podem desencadear episódios de estresse pós-traumático, depressão pós-parto, ocasionam uma menor probabilidade de busca nos serviços de saúde pós-natais, tanto para si quanto para o bebê, e até mesmo o desejo reduzido de ter futuras gestações. Verificou-se também que as gestantes que se encontram sem a presença de acompanhante tendem a ser mais vulneráveis e submissas às orientações e abusos médicos durante o parto, essa submissão é motivada pelo medo e confiança excessiva nesse profissional da saúde, levando em conta a insegurança em relação ao processo de parto. **CONCLUSÃO:** A violência obstétrica de fato tem consequências graves e duradouras na vida dessas mulheres, destacando a necessidade de capacitar os profissionais da saúde para que adotem práticas e cuidados mais humanizadas, seguras e acolhedoras, além disso, é crucial promover a implementação de políticas que respeitem dignamente essas gestantes.

Palavras-chave: gestante; violência obstétrica; enfermagem.

NEUROTOXIDADE INDUZIDA POR ANESTÉSICOS: IMPLICAÇÕES A LONGO PRAZO NO DESENVOLVIMENTO NEUROCOGNITIVO INFANTIL

Ana Luíza Alves Santos¹; Heloana Vicente Lucas¹; Laura Vaz Monteio Côdo¹; Luciana Vieira Queiroz Labre²

Graduando em medicina pela Universidade Evangélica de Goiás - Unievangélica¹, Professora doutora pela Universidade Evangélica de Goiás - Unievangélica²

analuizaalvessantoss@gmail.com

Introdução: A utilização de anestesia em pacientes pediátricos é geralmente essencial para manter a segurança dos procedimentos cirúrgicos. No entanto, a neurotoxicidade dos anestésicos, sobretudo em crianças, é um dos maiores desafios da anestesiologia nos últimos tempos. **Objetivo:** Analisar os impactos da exposição repetida à anestesia no desenvolvimento neurocognitivo a longo prazo de pacientes pediátricos. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que utilizou para a pesquisa a base de dados do PubMed, por meio de Descritores em Ciência da Saúde: “Pediatric Anesthesia”, “Cognitive Function” e “Long-Term Effects”, empregando o operador “AND”, sendo selecionados 7 artigos originais, publicados na língua inglesa, no período entre 2018 à 2024. **Resultados e Discussão:** Os artigos analisados evidenciam que a exposição repetida à anestesia durante a primeira infância tem ligação com o desenvolvimento de transtornos neurocognitivos a longo prazo. O Midazolam, fármaco frequentemente usado na anestesia geral e sedação em operações pediátricas, mostrou-se um possível responsável por anormalidades no comportamento de células-tronco neurais, redução da neurogênese e consequente comprometimento das funções cognitivas de camundongos expostos repetidas vezes a anestesia no período inicial do pós-natal. A exposição neonatal ao Isoflurano demonstrou relação com a manifestação de ansiedade, depressão e comprometimento cognitivo em ratos adolescentes. Já a anestesia inalatória com Sevoflurano revelou resultados de aumento na ocorrência da disfunção cognitiva pós-operatória em pacientes pediátricos expostos a tempos prolongados de anestesia. Além disso, em análise dos efeitos dos procedimentos anestésicos em crianças que foram submetidas repetidas vezes a estas aplicações e crianças nunca anestesiadas, por meio do Potencial Evocado Visual (PEV), o primeiro grupo obteve resultados significativamente alterados em comparação ao segundo grupo, indicando efeitos neurotóxicos. Por outro lado, uma análise sobre o uso cumulativo de Fentanil em cuidados intensivos neonatais não identificou alterações dos parâmetros cognitivos analisados. De forma similar, um estudo de coorte não identificou relação entre a exposição precoce a anestesia e alterações na função cognitiva dos indivíduos nas fases da adolescência e adulta. **Conclusão:** Após essa breve análise da literatura é possível concluir que a exposição repetida à anestesia em pacientes pediátricos impacta negativamente o desenvolvimento neurocognitivo a longo prazo, em que há uma maior tendência de indivíduos submetidos a procedimentos anestésicos na primeira infância de desenvolver disfunções cognitivas ao longo da vida. No entanto, vale ressaltar a necessidade de estudos aprofundados sobre esses efeitos e possíveis alternativas seguras para evitá-los.

Palavras-chave: anestesia pediátrica; função cognitiva; efeitos a longo prazo.

EFEITOS DA HIDROTERAPIA PARA PESSOAS COM ARTRITE IDIOPÁTICA JUVENIL: REVISÃO INTEGRATIVA

Isabel Cristina Nascimento Ferreira¹; Bianca Santos Martins Alves¹; Jaciane Cruz dos Santos¹; Juliana Mesquita dos Santos Alves¹; Darcton Souza de Aguiar^{2 3}

¹Graduanda em fisioterapia pelo Centro Universitário UniFTC, Salvador, Bahia,

²Docente do Centro Universitário UniFTC, Salvador, Bahia,

³Mestrando em ciências da reabilitação pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

E-mail: isabel.cnferreira@gmail.com

Introdução: A artrite idiopática juvenil (AIJ) é caracterizada pela inflamação articular, em uma ou mais articulações, acompanhada de dor, limitação dos movimentos e fraquezas musculares. A AIJ atinge em sua maioria pessoas menores de 16 anos, sendo mais comum na infância. A hidroterapia é uma terapia que utiliza a água para tratamento de doenças crônicas, músculo esqueléticas, reabilitação funcional, envolvendo técnicas como a hidrocinesioterapia, técnica de exercício aquático como Watsu, Halliwick, Bad Ragaz. **Objetivo:** Identificar os efeitos da hidroterapia para pessoas com artrite idiopática juvenil. **Metodologia:** Estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura que usou fontes secundárias das bases de dados Periódicos da CAPES, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) para analisar os benefícios da hidroterapia em pessoas com AIJ, entre 2019 a 2024. Analisou-se os estudos incluídos que utilizaram a hidroterapia, como hidrocinesioterapia e a técnica de exercício aquático Watsu, para pessoas com AIJ, nos idiomas português, inglês e espanhol, do tipo ensaio clínico randomizado, cego e duplo cego, estudo transversal e estudo de caso. Critérios de exclusão: artigos em duplicidade, que fugiram do tema proposto e dos tipos de estudos supracitados. **Resultados:** Utilizando os descritores: “juvenile idiopathic arthritis” e “hydrotherapy”, foram encontrados 198 artigos, entretanto de acordo com os critérios de inclusão e exclusão foram analisados apenas 3 artigos. Os métodos encontrados foram a hidrocinesioterapia, que se trata de uma técnica terapêutica que utiliza a água para tratar condições clínicas, e a técnica de exercício aquático Watsu que se trata de uma técnica que combina alongamentos com massagens na água aquecida para promover relaxamento. **Discussão:** Pessoas com artrite idiopática juvenil relataram que após 10 sessões de hidrocinesioterapia houve alívio da dor, aumento da força muscular e do trofismo muscular. Já as pessoas que realizaram 10 sessões da hidroterapia associada a técnica Watsu e comparada com pessoas que realizaram 10 sessões de hidroterapia convencional, notaram a redução da sensação de dor, índice de desconforto e a melhora da qualidade de vida relacionada à saúde. **Conclusão:** A utilização da hidroterapia, associada às técnicas de hidrocinesioterapia e Watsu, apresentou efeitos benéficos para o alívio de dor, saúde funcional e melhora da qualidade de vida de pessoas com AIJ. Nesse contexto, a fisioterapia aquática desempenha um papel positivo na melhoria dos sintomas e promoção da qualidade de vida em pessoas com artrite idiopática juvenil.

Palavras-chave: Hidroterapia, artrite idiopática juvenil.

UTILIZAÇÃO DE CANABIDIOL COMO FACILITADOR DA COMUNICAÇÃO DA DOR EM PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REVISÃO INTEGRATIVA

Bianca Santos Martins Alves¹; Isabel Cristina Nascimento Ferreira¹; Jaciane Cruz dos Santos¹; Juliana Mesquita dos Santos Alves¹; Darcton Souza de Aguiar^{2,3}.

¹Graduanda em fisioterapia pelo Centro Universitário UniFTC, Salvador, Bahia,

²Docente do Centro Universitário UniFTC, Salvador, Bahia,

³Mestrando em ciências da reabilitação pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

E-mail: bsmalves@gmail.com

Introdução: A dor é caracterizada por ser uma experiência sensorial e emocional desagradável, individual e subjetiva, em que a melhor forma de diagnosticar-lá é com o autorrelato. No entanto, em pacientes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) essa comunicação verbal clara é mais complexa pois os mesmos expressam-se de forma atípica quando expostos a estímulos dolorosos, como com comportamentos autolesivos e mudanças comportamentais. Nesse contexto, a utilização de canabidiol pode melhorar a interação e a comunicação, melhorando a percepção alheia sobre a dor dos mesmos, além de diminuir as crises autolesivas. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com utilização da estratégia PICO, População (pessoas com Transtorno do Espectro Autista), Intervenção (uso do canabidiol), Comparação (comunicação verbal e não verbal) e Outcomes (não se aplica). Para o levantamento de dados foram utilizadas as bases da: BVS, LILACS, SciELO e PUBMED, usando os descritores da saúde em português e inglês “Dor”, “Autismo” e “Canabidiol” em português. A busca foi realizada nos idiomas supracitados usando o operador booleano “AND” para conectar os descritores. O período de busca foram os últimos 5 anos, os critérios de inclusão: artigos elegíveis publicados no período já citado e que abordavam sobre dor em pacientes autistas e sobre o canabidiol nos pacientes com o mesmo perfil. Já os de exclusão: artigos duplicados e que não aborvam a temática. **Resultados:** Foram encontrados 632 artigos, entretanto de acordo com os critérios de elegibilidade foram analisados 6. **Discussão:** A comunicação verbal é a principal forma de expressar a dor, mas essa habilidade em muitos pacientes com o TEA é comprometida, o que acaba gerando formas atípicas de lidar com isso, como as autolesões. O uso do Canabidiol como tratamento alternativo para TEA promove melhorias em diversos sintomas desse distúrbio, como efeitos na comunicação, verbal e não verbal, que em sua falta podem acarretar ataques de automutilação, mostrando-se ser uma estratégia viável para lidar com o problema desses indivíduos. **Conclusão:** Diante disso, este trabalho evidencia os benefícios do uso do Canabidiol para a melhora da comunicação referente a dor, provando-se um meio promissor. No entanto, faz-se necessário o investimento em pesquisas sobre esse distúrbio, para compreender melhor os sintomas, o que ocasiona eles e como é a reatividade no corpo e também trabalhos sobre os efeitos desse composto químico nas pessoas diagnosticadas com TEA, para assim obter melhores respostas.

Palavras-chave: Autismo; dor; canabidiol.

RECURSOS FISIOTERAPÊUTICOS NO MANEJO DA DOR EM PACIENTES NEONATOS HOSPITALIZADOS: REVISÃO INTEGRATIVA

Jaciane Cruz dos Santos¹; Bianca Santos Martins Alves¹; Isabel Cristina Nascimento Ferreira¹; Juliana Mesquita dos Santos Alves¹; Darcton Souza de Aguiar^{2,3}.

¹Graduanda em fisioterapia pelo Centro Universitário UNIFTC, Salvador, Bahia,

²Docente do Centro Universitário UNIFTC, Salvador, Bahia,

³Mestrando em ciências da reabilitação pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

E-mail: jacianesantos.97@hotmail.com

Introdução: A redução da dor, além de evitar riscos potenciais, evita que os recém-nascidos, em uma fase difícil de adaptação à vida extrauterina, gastem energia para compensar essa adaptação. Com isso, o fisioterapeuta contribui para otimizar as funções respiratória e/ou motora, bem como, a redução dos efeitos dolorosos provocados pelos procedimentos rotineiros realizados nos hospitais, as complicações, tempo de hospitalização e custos hospitalares. **Objetivo:** Identificar recursos fisioterapêuticos para manejo da dor em neonatos. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, onde as bases utilizadas para a coleta de dados foram SCIELO, BVS, LILACS, PUBMED e PERIODICOS CAPES. Utilizando os descritores em português “recém-nascido”, “fisioterapia” e em inglês “newborn” e “physiotherapy”. A busca foi realizada com utilização dos operadores booleanos “AND” e “E”, nos idiomas supracitados. Os artigos utilizados para construção do estudo foram dos últimos 5 anos (2019 a 2024), completos e de acesso livre. Os critérios de exclusão foram artigos de revisão, publicados fora do recorte temporal, textos incompletos, duplicados, que não abordassem recursos terapêuticos em neonatos. **Resultados:** Foram encontrados 47 artigos nas bases de dados supracitadas e após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão restaram 21, dos quais foram utilizados apenas 7. **Discussão:** Os recursos encontrados na literatura, se mostraram eficazes na redução e manejo da dor em neonatos, bem como melhora na agitação, sinais vitais e desenvolvimento motor. Dos quais os mais utilizados foram a hidroterapia, pois os efeitos fisiológicos da água aquecida produzem alívio da dor e relaxamento muscular, o reequilíbrio toracoabdominal que se baseia na normalização do tônus, comprimento e força muscular por meio da respiração onde reduziu o risco de dor e o posicionamento no leito, onde foi estudado e comparado três posições: prona, supina e canguru. No qual a posição prona mostrou melhores resultados em comparação as outras posições estudadas. Tais como a melhora da saturação periférica de oxigênio, redução da frequência cardíaca e diminuição da dor, que conseqüentemente leva a um maior relaxamento do recém-nascido. **Conclusão:** O uso dos recursos fisioterapêuticos mostrou-se eficaz na redução da dor em neonatos hospitalizados, além disso, o método mais utilizado foi a hidroterapia também conhecida como fisioterapia aquática. Portanto, mas estudos com a utilização de outros recursos da fisioterapia, precisam ser realizados para que haja uma maior compreensão sobre a diminuição e manejo da dor em neonatos hospitalizados.

Palavras-chave: Dor; recém-nascido; métodos; fisioterapia aquática.

A AUDITORIA COMO FERRAMENTA PARA O APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO E FORTALECIMENTO DA CAPACITAÇÃO DE ENFERMEIROS

Beatriz Neves Guedes¹; Katherine Rios Almeida Pedreira².

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹, Docente em enfermagem no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste².

biiaguedes652@gmail.com

Introdução: A auditoria em enfermagem tem se destacado como uma ferramenta crucial para a avaliação da qualidade e dos custos nas instituições de saúde. A auditoria de enfermagem é caracterizada por processos sistemáticos de avaliação e controle, e dedicam-se a soluções eficazes, reforçando assim seu caráter formativo. No entanto, apesar dos avanços significativos na área, observa-se um hiato entre o desenvolvimento das competências dos enfermeiros auditores atuais e as necessidades emergentes para a formação de futuros profissionais. **Objetivo:** Analisar de que forma o aprimoramento técnico e o fortalecimento das competências podem contribuir para a formação de enfermeiros qualificados em auditoria. **Metodologia:** Esta pesquisa consiste em uma revisão integrativa da literatura, realizada em novembro de 2024. A investigação inicial foi conduzida utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) relacionados a “auditoria de enfermagem”, “registros de enfermagem” e “supervisão de enfermagem”. As bases de dados empregadas na busca foram LILACS, MEDLINE e BDEFN - ENFERMAGEM, disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os critérios de inclusão foram definidos para abranger artigos que tratassem do escopo do estudo, publicados integralmente em português e no período de 2019 a 2024. Após a realização das buscas, três trabalhos relevantes foram identificados e selecionados para compor esta revisão, garantindo uma análise abrangente e atualizada sobre o tema. **Resultados e Discussões:** A auditoria de enfermagem se estabelece como um sistema de informação e controle fundamental, ou seja, essa prática busca identificar falhas, desperdícios e áreas que requerem melhorias nos serviços de enfermagem, utilizando dados coletados da equipe de saúde. O prontuário do paciente emerge como uma ferramenta necessária para o enfermeiro auditor, permitindo a identificação de inconsistências e lacunas na documentação. **Conclusão:** Portanto, é evidente que a ampliação do acesso às informações sobre auditoria em enfermagem é fundamental, especialmente para os profissionais da área da saúde que ainda não reconhecem a importância dessa temática. Essa estratégia não apenas auxilia na recuperação de valores econômicos perdidos devido a glosas nas contas hospitalares, mas também desempenha um papel vital na melhoria da qualidade da assistência prestada aos pacientes.

Palavras-chave: auditoria de enfermagem; registros de enfermagem; supervisão de enfermagem.

ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO RESIDENTE NO PRIMEIRO ANO DA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM ATENÇÃO À SAÚDE DA CRIANÇA

Marina Bernardes Acosta¹; Gabriela Curbeti Becker²; Eduarda Auler¹; Michele Gai Schmidt²

Farmacêutica Residente em Atenção a Saúde da Criança pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS¹, Farmacêutica da Seção de Farmácia Clínica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS²

marinabacosta@hotmail.com

Introdução: A Residência Integrada Multiprofissional em Saúde (RIMS) tem como objetivo especializar profissionais para atenção integrada da saúde da criança. A equipe da RIMS que atua na saúde da criança é composta por assistentes sociais, educadores físicos, enfermeiras, farmacêuticas, fisioterapeutas, fonoaudiólogas, nutricionistas e psicólogos, que trabalham em conjunto na busca pelo cuidado integral com atividades preventivas, paliativas e curativas de saúde. O papel do farmacêutico torna-se muito importante no processo do cuidado do paciente, pois promove o uso seguro e racional dos medicamentos, provendo a equipe multidisciplinar de informações consistentes que permitam subsidiar decisões e condutas. Com isso, corrobora para a maximização da terapia medicamentosa, minimizando possíveis erros e eventos adversos, contribuindo para a qualidade da assistência prestada. **Objetivo:** Descrever a jornada do residente farmacêutico durante o primeiro ano da RIMS. **Metodologia:** Estudo do tipo relato de experiência, sobre as atividades exercidas pelo farmacêutico residente do primeiro ano no programa da RIMS com ênfase em saúde da criança em 2024, em um hospital universitário. **Resultados e Discussão:** Na internação geral pediátrica, o farmacêutico residente realiza o acompanhamento farmacoterapêutico dos pacientes das equipes selecionadas. No início do acompanhamento, o farmacêutico realiza atividades como a conciliação medicamentosa e a validação de medicamentos trazidos do domicílio para uso na internação, se for necessário. Uma outra atividade relacionada é a análise da prescrição médica, onde o farmacêutico avalia dose, via de administração, forma farmacêutica, alergias, duplicidades, tempo de uso, entre outros, e que a partir das não conformidades pode realizar a intervenção farmacêutica. Para aprimorar esse acompanhamento, o residente também participa dos rounds/huddles, que são reuniões com todos os profissionais que assistem o paciente para discussão de condutas e alinhamento do cuidado. A atuação do farmacêutico residente também ocorre na organização da alta hospitalar do paciente pediátrico, onde há a orientação do familiar/cuidador em relação aos medicamentos que o paciente irá utilizar no domicílio. Além do acompanhamento dos pacientes, o residente farmacêutico também aprimora os seus conhecimentos com aulas específicas e compartilhadas com os demais profissionais da equipe sobre a saúde da criança, bem como em seminários integrados nos quais são apresentados casos clínicos e discutidas as condutas prestadas. **Considerações finais:** Integrado à equipe, o farmacêutico contribui durante todo processo de cuidado do paciente pediátrico. Torna-se essencial a formação de profissionais especializados e capacitados para atuar juntamente a uma equipe multiprofissional que possa atender através das práticas de integralidade e interdisciplinaridade.

Palavras-chave: pediatria; serviço de farmácia clínica; residência e internato.

INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NA PREVENÇÃO DA OBESIDADE INFANTIL: O PAPEL DOS PAIS E CUIDADORES

Phabia Assunção Pereira¹; Nicolas Felipe Machado¹; Stella Maria Novaes Santos¹; Isabela Mauri Galvão²; Renata Machado Pinto³

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás¹, Graduando em Medicina pelo Centro Universitário de Mineiros², Docente do departamento de Medicina da Universidade Federal de Goiás³

phabia_pereira@discente.ufg.br

Introdução: O aumento das taxas de obesidade infantil tem gerado preocupações no mundo inteiro. A adoção de um estilo de vida saudável pelos pais exerce grande influência na prevenção e controle dessa condição. **Objetivo:** Analisar a influência do ambiente familiar na prevenção da obesidade infantil, destacando o papel dos pais e cuidadores na promoção de hábitos saudáveis. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura realizada na base de dados PubMed, utilizando os descritores “Obesity”, “Pediatric Obesity”, “Family” e “Prevention and Control” unidos pelo operador booleano AND. Os critérios de inclusão foram: estudos publicados no período de 2019 a 2024, disponibilizados em inglês e português, de maneira gratuita e completa. Foram encontrados 220 artigos, dos quais 4 se adequaram e foram selecionados, atendendo os critérios supracitados. **Resultados e discussão:** A partir da análise dos artigos nota-se que os hábitos alimentares da família têm influência significativa nas práticas das crianças, visto que 80% de pais com sobrepeso ou obesidade têm filhos nas mesmas condições. Nesse sentido, é revelado que quanto mais saudável o estilo de vida dos pais, caracterizado por uma dieta equilibrada, exercícios regulares e IMC normal, menor o risco de obesidade de seus descendentes, o qual pode ser até 42% menor devido a fatores como epigenética, modelos de comportamento e incentivo parental. Além disso, outros fatores familiares podem influenciar na obesidade infantil, entre eles a ocupação materna, afinal mães mais qualificadas possuem maior acesso à informação e, por isso, são mais conscientes acerca do peso de seus filhos. Outros fatores de influência familiar incluem tabagismo, consumo de álcool e juventude materna, entretanto são necessários estudos mais aprofundados para definir o papel de todas as variáveis no comportamento alimentar infantil. **Conclusão:** A obesidade infantil é uma condição multifatorial, e o ambiente familiar desempenha um papel crucial na sua prevenção. Assim, nota-se que, além de fatores epigenéticos e modelos de comportamento, características como a qualificação materna, o acesso à informação e aspectos como o tabagismo e o consumo de álcool também podem impactar o desenvolvimento de hábitos saudáveis nas crianças. Embora os resultados da revisão sugiram que um ambiente familiar favorável pode reduzir em até 42% o risco de obesidade infantil, mais estudos são necessários para aprofundar a compreensão sobre como esses fatores interagem e influenciam essa condição.

Palavras-chave: obesidade infantil; influência; família.

O PAPEL DO SEMINÁRIO INTEGRATIVO NO CUIDADO INTERDISCIPLINAR NA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE DA CRIANÇA

Marina Bernardes Acosta¹; Eduarda Auler¹; Gabriela Curbeti Becker²; Michele Gai Schmidt²

Farmacêutica Residente em Atenção a Saúde da Criança pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS¹, Farmacêutica da Seção de Farmácia Clínica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS²

marinabacosta@hotmail.com

Introdução: O seminário integrativo, parte integrante da Residência Multiprofissional em Saúde da Criança é uma atividade mensal que reúne residentes, preceptores, tutores e docentes de diferentes áreas para discutir casos clínicos. Dois núcleos profissionais apresentam um estudo de caso, seguido de uma discussão interdisciplinar abrangente, promovendo a integração dos diversos saberes e fortalecendo o trabalho colaborativo. Esse momento é fundamental para ampliar o conhecimento dos participantes, fortalecer o vínculo entre os residentes e proporcionar uma visão integral do cuidado ao paciente e à família. **Objetivo:** Descrever a importância do seminário integrativo como uma ferramenta de educação para a troca de experiências, integração interdisciplinar e fortalecimento do trabalho em equipe no contexto da Residência Multiprofissional. **Metodologia:** Este trabalho consiste em um relato de experiência baseado na participação em seminários realizados ao longo da Residência Multiprofissional em Saúde. As atividades descritas foram desenvolvidas com base na apresentação de casos clínicos por dois núcleos profissionais, seguidas de discussões em grupo envolvendo todos os presentes, incluindo residentes, preceptores, tutores e docentes. **Resultados e Discussão:** Em cada encontro, dois profissionais de áreas diferentes coordenam o seminário integrativo, apresentando a revisão do histórico clínico e social de um paciente. Isso permite que a equipe revise as condutas específicas adotadas pelos colegas, possibilitando uma compreensão mais detalhada. Ao final da apresentação, a equipe é incentivada a compartilhar a visão de seu núcleo profissional sobre o caso clínico discutido, enriquecendo o entendimento do caso a partir das contribuições das diferentes áreas. Durante as dinâmicas, observou-se que a troca de experiências entre as diferentes áreas promoveu uma compreensão mais ampla dos casos discutidos, favorecendo a construção de condutas conjuntas e alinhadas. A integração de diversas perspectivas contribuiu para a percepção da importância do trabalho em equipe e para a valorização da interdisciplinaridade, o que resultou no fortalecimento das práticas de cuidado integral ao paciente. Além disso, o seminário possibilitou a construção de um ambiente de aprendizagem colaborativa, promovendo a confiança e o vínculo entre os profissionais, aspectos fundamentais para o sucesso da prática multiprofissional. **Considerações finais:** O seminário integrativo consolidou-se como uma prática indispensável na Residência Multiprofissional em Saúde da Criança, permitindo o crescimento técnico e pessoal dos residentes. Ao integrar diversas áreas do conhecimento, a atividade contribuiu para a formação de profissionais mais preparados para atuar de maneira colaborativa e eficiente, garantindo um cuidado integral e humanizado.

Palavras-chave: residência multiprofissional; interdisciplinaridade; seminário integrativo.

DESNUTRIÇÃO AGUDA GRAVE EM CRIANÇA COM ENCEFALOPATIA CRÔNICA NÃO PROGRESSIVA (ECNP)

Laís Maria da Silva Lima¹; Cássia Maria do Nascimento¹; Jéssica Maria dos Santos Dias¹; Laís Gabrielly Santana da Silva¹; Maria Sidiane Marques da Silva¹; Isis Suruagy Correia Moura²

Residente em Nutrição Clínica Uniprofissional do HC-UFPE/Ebserh¹, Doutora em Neuropsiquiatria e Ciência do Comportamento pela UFPE²

lais.marialimaa@gmail.com

Introdução: A encefalopatia crônica não progressiva (ECNP) constitui um grupo de condições caracterizadas por disfunção motora central, que comprometem o tônus muscular, postura e movimentos, de forma estável desde a lesão inicial. Crianças com ECNP frequentemente apresentam distúrbios alimentares decorrentes de disfunções neuromusculares, disfagia ou fatores psicossociais. Além disso, enfrentam barreiras na comunicação, dificultando a expressão de sintomas como dor ou desconforto, agravando déficits nutricionais. **Objetivo:** Descrever o estado nutricional e a terapia nutricional aplicada durante o internamento de uma paciente com ECNP e desnutrição aguda grave e sua implicação na melhora do quadro clínico. **Metodologia:** Relato de caso, realizado na enfermaria de pediatria do Hospital das Clínicas de Recife/PE, em outubro de 2024, de uma paciente do sexo feminino, 7 anos de idade. Os indicadores antropométricos estudados foram: peso, altura, índice de massa corporal (IMC), classificados pela OMS (2006) e a circunferência braquial (CB) por Frisancho (1993). Demais informações foram obtidas por meio de revisão do prontuário eletrônico, entrevista com a acompanhante e paciente e revisão da literatura. Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com número CAAE: 93448918.8.0000.5208, número do Parecer: 2.877.855 CEP CCS UFPE. **Resultados e Discussão:** A paciente foi admitida com peso de 16kg e 128cm de altura, apresentando baixa aceitação alimentar por via oral e passagem de sonda nasogástrica, sem deambular, com perda de peso severa (27% em 1 mês). Foi aplicada a triagem nutricional Strong Kids classificada com alto risco nutricional e realizada avaliação nutricional IMC: 10,1kg/m² (score Z: -5,09), A/I (Score Z: 0,40) e CB: 16,9 cm (Percentil 25), classificada com desnutrição aguda grave. A terapia nutricional foi realizada via sonda nasogástrica, com fórmula pediátrica polimérica, fracionada seis vezes ao dia, iniciando com oferta de 11kcal/cm de altura, segundo Culley (1969) para pacientes com ECNP. Com instituição de terapia nutricional adequada, a paciente voltou a deambular e a oferta calórica foi ajustada para 14kcal/cm de altura, após 18 dias de internamento a mesma obteve um ganho de 1,8kg e teve alta com IMC: 10,8 kg/m² (score Z: -4,12), sendo orientada a permanecer com a terapia por sonda até a reavaliação ambulatorial. **Conclusão:** Paciente evoluiu com melhora do quadro clínico e nutricional apresentando ganho de peso satisfatório e melhora da força muscular, uma vez que voltou a deambular. A terapia nutricional implementada foi fundamental para o início da recuperação do estado nutricional, facilitando sua transição do quadro agudo para uma condição clínica mais estável.

Palavras-chave: desnutrição aguda grave; esofagite; transtornos de deglutição; transtorno do espectro autista; dano encefálico crônico.

INTERVENÇÃO NUTRICIONAL EM PACIENTE COM SÍNDROME DE WALKER-WARBURG (WW)

Laís Gabrielly Santana da Silva¹; Cássia Maria do Nascimento¹; Jéssica Maria dos Santos Dias¹; Laís Maria da Silva Lima¹; Maria Sidiane Marques da Silva¹; Isis Suruagy Correia Moura²

Residente em Nutrição Clínica Uniprofissional do HC-UFPE/Ebserh¹, Doutora em Neuropsiquiatria e Ciência do Comportamento pela UFPE²

lais.gabrielly71@gmail.com

Introdução: As distrofias musculares congênitas (DMCs) são um grupo heterogêneo de distúrbios neuromusculares, resultantes de alterações genéticas que afetam a estrutura e a função do músculo esquelético. Dentre elas, a Síndrome de Walker-Warburg (WW) se caracteriza por uma tríade de manifestações como fraqueza muscular progressiva (quadro de letargia e hipotonia), anomalias cerebrais (crises convulsivas e malformações cortical-subcorticais) e anomalias oculares (blefarite e retinopatia), tendo como consequência quadros de disfagia e prejuízos da aceitação alimentar. A etiologia é desconhecida. O diagnóstico é geralmente estabelecido por meio de avaliações clínicas e imagens por ressonância magnética (RM). **Objetivo:** Avaliar a intervenção da terapia nutricional durante o internamento de um paciente com diagnóstico de WW, associado a desnutrição crônica agudizada, e investigar sua influência na evolução clínica do quadro. **Metodologia:** Paciente do sexo masculino, 1 ano e 7 meses de idade, portador de WW e com atraso de desenvolvimento neuropsicomotor, cursou com quadro de desnutrição crônica agudizada. Teve permanência de 24 dias (setembro/2024) de internamento em ambiente hospitalar, sendo admitido com um peso de 7,83kg, Índice de Massa Corpórea (IMC) 13,1kg/m² (Score Z < -2,85), circunferência do braço (CB) 12,3cm (Percentil <5), em uso de dieta via sonda nasogástrica e internou para compensação do quadro de desnutrição crônica. Demais informações foram obtidas por meio de revisão do prontuário eletrônico no AGHU (Aplicativo de Gestão para Hospitais Universitários), entrevista com a acompanhante em visitas de rotina e revisão da literatura. Aprovado pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) com número CAAE: 93448918.8.0000.5208, número do Parecer: 2.877.855 CEP CCS UFPE. **Resultados e Discussão:** Foi implementada a triagem nutricional Strong Kids, com o paciente apresentando alto risco nutricional. A terapia nutricional foi realizada via sonda nasogástrica, com fórmula pediátrica polimérica, normocalórica (1,0kcal/ml), sem lactose, normoproteica e normolipídica, fracionada seis vezes ao dia, sendo ofertado 103kcal/kg de peso e 3,4g/kg de proteína para recuperação do estado nutricional. **Conclusão:** Paciente evoluiu com melhora do quadro clínico, apresentando ganho de peso satisfatório de 7,83kg para 8,73kg, aumento significativo em relação aos valores de IMC (de 13,1kg/m² para 14,7kg/m²) e Score Z (de <-2,85 para <-1,84). Pela avaliação da CB, foi possível observar melhora da massa muscular, com aumento da medida antropométrica de 12,3cm (Percentil <5) para 15cm (Percentil >5). A intervenção nutricional realizada foi crucial para a reestabilização do estado nutricional do paciente, promovendo a transição do quadro agudo para a fase de recuperação clínica.

Palavras-chave: desnutrição aguda grave; síndrome de Walker-Warburg; antropometria.

CONSUMO DE ULTRAPROCESSADOS EM CRIANÇAS DE 2 A 4 ANOS EM PERNAMBUCO

Cássia Maria do Nascimento¹; Jéssica Maria dos Santos Dias²; Laís Gabrielly Santana da Silva³; Laís Maria da Silva Lima⁴; Maria Sidiane Marques da Silva⁴.

Nutricionista pelo Centro Universitário Brasileiro¹; Nutricionista pela Universidade Federal de Pernambuco²; Nutricionista pela Universidade Federal de Pernambuco/CAV³; Nutricionista pela Universidade Federal de Alagoas⁴

nascimento.ca1995@gmail.com

Introdução: O consumo de alimentos ultraprocessados (AUPs) na infância tem aumentado de forma alarmante nas últimas décadas, impulsionado pela sua ampla disponibilidade no mercado, marketing agressivo para o público infantil e pela facilidade de preparo e consumo. Os AUPs são produtos industrializados caracterizados por alta densidade energética, excesso de açúcares, gorduras, além de baixa concentração de fibras, vitaminas e minerais. Diversos estudos demonstraram que o consumo excessivo de AUPs na infância está diretamente associado ao aumento da prevalência de obesidade infantil, resistência à insulina, dislipidemias e outras comorbidades. **Objetivo:** Analisar o consumo de alimentos ultraprocessados em crianças de 2 a 4 anos residentes do estado de Pernambuco. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa transversal, quantitativa e retrospectiva, cujos dados foram obtidos por meio do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional Web (Sisvan Web), com informações provenientes de diferentes instâncias de monitoramento do estado nutricional e consumo alimentar na Atenção Primária à Saúde (APS). Foram analisados relatórios consolidados de domínio público, acessíveis na plataforma online do Sisvan Web, com recorte temporal referente ao ano de 2023. A seleção e organização dos dados seguiram critérios de estratificação por faixa etária e distribuição geográfica. Os dados foram apresentados em frequências relativas. **Resultados e Discussão:** Foram avaliadas 28.183 crianças, com idade entre 2 a 4 anos. A análise mostrou que, no estado de Pernambuco, 83% das crianças nessa faixa etária consomem alimentos ultraprocessados. Entre os itens mais consumidos, destacam-se: bebidas adoçadas (63%), biscoitos recheados, doces ou guloseimas (62%), macarrão instantâneo, salgadinhos de pacote ou biscoitos salgados (53%) e hambúrgueres e/ou embutidos (41%). Os resultados observados na pesquisa se aproximam com os dados epidemiológicos do Brasil, em que 81% das crianças entre 2 a 4 anos atendidas na APS fazem o consumo desses alimentos. **Conclusão:** Evidencia-se, portanto, um elevado consumo de alimentos ultraprocessados entre crianças no estado de Pernambuco. Esses dados reforçam a magnitude do problema e destacam a influência negativa dos ultraprocessados na alimentação infantil, o que pode comprometer o crescimento saudável e aumentar o risco de doenças crônicas na vida adulta. Diante desse cenário, é fundamental implementar estratégias integradas que envolvam a educação alimentar e nutricional voltada para famílias e escolas, políticas públicas que regulem a publicidade infantil e a rotulagem de produtos, além de programas que promovam o consumo de alimentos naturais e minimamente processados.

Palavras-chave: alimentos ultraprocessados; crianças; hábitos alimentares; saúde infantil; educação alimentar e nutricional.

PERFIL ANTROPOMÉTRICO DE ADOLESCENTES DE UM ESTADO DO NORDESTE BRASILEIRO

Maria Sidiane Marques da Silva¹; Cássia Maria do Nascimento²; Jéssica Maria dos Santos Dias³; Laís Gabrielly Santana da Silva⁴; Laís Maria da Silva Lima¹

Nutricionista pela Universidade Federal de Alagoas¹; Nutricionista pelo Centro Universitário Brasileiro²; Nutricionista pela Universidade Federal de Pernambuco³; Nutricionista pela Universidade Federal de Pernambuco/CAV⁴

sidianemarques01@gmail.com

Introdução: A adolescência é uma fase crucial para o crescimento e desenvolvimento físico, sendo o estado nutricional um fator determinante para a saúde atual e futura. Nessa fase, a má nutrição pode gerar repercussões significativas, desde o comprometimento do crescimento linear até o aumento do risco de doenças crônicas não transmissíveis na vida adulta. No Brasil, os indicadores nutricionais revelaram tanto a persistência da desnutrição em algumas regiões quanto o aumento da prevalência de sobrepeso e obesidade, refletindo a dupla carga de doenças nutricionais. **Objetivo:** Caracterizar o estado nutricional de adolescentes residentes em Pernambuco (PE). **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, de delineamento transversal, baseado em dados secundários coletados no Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN). A população do estudo incluiu adolescentes entre 10 e 19 anos, sendo analisados relatórios consolidados de domínio público, acessíveis na plataforma online do Sisvan, com recorte temporal referente ao ano de 2023. O estado nutricional foi avaliado utilizando o índice de altura para idade, sendo categorizado em muito baixo, baixo e adequado para a idade, e o índice de massa corporal para idade, classificado em magreza acentuada, magreza, eutrofia, sobrepeso e obesidade (incluindo obesidade grave). **Resultados e Discussão:** Foram analisados os dados de 291.138 adolescentes no estado de Pernambuco. Com base no índice altura para idade (A/I), 12.964 (4,45%) dos adolescentes apresentaram estatura muito baixa para a idade, 18.063 (6,20%) foram classificados com estatura baixa para a idade, enquanto a maioria, 260.111 (89,34%), estavam com estatura adequada para a idade. No que diz respeito ao índice de massa corporal para idade (IMC/I), 4.316 (1,48%) foram classificados com magreza acentuada, 11.138 (3,83%) com magreza, 189.302 (65,02%) apresentavam eutrofia, 54.516 (18,50%) apresentaram sobrepeso, ao passo que 32.505 (11,16%) apresentavam obesidade ou obesidade grave. **Conclusão:** Os resultados apontam que, embora a maioria dos adolescentes possuam altura adequada para a idade, uma parcela significativa apresenta comprometimento no crescimento linear, que pode estar associado a fatores socioeconômicos e à insegurança alimentar, prevalentes na região Nordeste. No que se refere ao IMC/I, a maior parte dos adolescentes foram considerada eutróficos, no entanto, a alta prevalência de sobrepeso e obesidade (29,66%) evidencia a transição nutricional em curso, descrevendo a redução dos casos de desnutrição e o aumento do excesso de peso, associados a hábitos alimentares inadequados e ao sedentarismo. Esses achados ressaltam a necessidade de políticas públicas de vigilância nutricional, à identificação precoce e o manejo adequado dessas condições.

Palavras-chave: estado nutricional; antropometria; adolescentes.

IMPACTOS DO GENU VARUM NO DESENVOLVIMENTO MOTOR E QUALIDADE DE VIDA INFANTIL

Eduardo Bernardone Pinheiro Onofre¹; Júlio César Chagas e Cavalcante²;
Graduando em medicina pela Universidade Federal do Ceará¹, Mestrado pela Universidade Federal do Ceará²

duduonofre@yahoo.com.br

Introdução: O genu varum é uma condição ortopédica caracterizada pela curvatura anormal da articulação do joelho para fora em relação à linha mediana do corpo. Embora comum em crianças de até dois anos de idade, essa anormalidade atrapalha o progresso juvenil quando persistente após essa faixa etária. **Objetivo:** Avaliar de maneira ampla os impactos do genu varum no desenvolvimento motor e qualidade de vida infantil. **Metodologia:** O presente estudo baseia-se na análise de 3 materiais científicos, escolhidos conforme relevância e relação com a temática no banco de dados do Pubmed, utilizando o termo de busca “Genu Varum” e “Children” associados através do termo booleano “And”. **Resultados e Discussão:** O genu varum é uma condição fisiológica comum no início da vida, normalmente corrigindo-se de forma natural ainda na primeira infância. No entanto, a manutenção dessa alteração interfere no desenvolvimento motor, uma vez que desencadeia mudanças na marcha, equilíbrio, postura, força muscular e um atraso geral na aquisição de marcos motores. Tudo isso, impacta diretamente na capacidade da criança realizar atividades essenciais para o progresso físico nessa faixa etária, como correr, pular e brincar, o que desencadeia consequências musculoesqueléticas, de mobilidade e no envelhecimento, que se estendem para a vida adulta. Além disso, o genu varum apresenta consequências na qualidade de vida infantil para além do aspecto corporal, a exemplo de pressões psicossociais, como o bullying, comprometimento na participação em atividades lúdicas com outras crianças e o sofrimento psicológico causado pela dor e pela dificuldade no tratamento. Esses impactos emocionais são frequentemente subestimados e colocados em um patamar de invisibilidade, embora possam desencadear o sentimento de insegurança, medo, ansiedade e até mesmo depressão quando não abordados desde cedo. Sob tal ótica, é imprescindível a adoção de um olhar humanizado mais amplo, que vá além das alterações morfológicas desencadeadas pelo genu varum, sendo importantíssimo o acompanhamento psicológico infantil por especialistas que auxiliem o jovem a lidar com essas questões emocionais, promovendo seu bem-estar e saúde durante esse processo desafiador. **Conclusão:** Portanto, fica claro que o genu varum impacta o desenvolvimento motor e qualidade de vida infantil, o que exige um tratamento multidisciplinar da criança, com uma atuação conjunta de pediatras, ortopedistas e psicólogos, de forma a englobar os sentimentos e peculiaridades dessa faixa etária na abordagem adotada, permitindo o reestabelecimento da saúde física e mental dos jovens que sofrem com essa alteração delicada.

Palavras-chave: genu varum; desenvolvimento motor; qualidade de vida.

O EFEITO DAS TELAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS E COMUNICATIVOS

Júlia Gabrielly de Sousa Vieira¹; Fernanda Estumano da Silva e Silva¹; Beatriz Quaresma de Souza¹; Raquel Silva Albernaz¹; Liliane Dias e Dias de Macedo²; Cristiane Guerreiro Pereira Abdul Massih²

Discente do curso Bacharelado em Fonoaudiologia na Universidade do Estado do Pará (UEPA)¹
Docente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Estado do Pará (UEPA)²

jusousavi@gmail.com

Introdução: O desenvolvimento adequado da linguagem é fundamental para o desenvolvimento harmonioso das crianças, seja no aspecto social, relacional ou formal da aprendizagem. Vivências positivas desde os primeiros anos, como interações responsivas e exposição variada à linguagem, desenvolvem fortes habilidades linguísticas. No entanto, nos últimos anos, o crescimento dos recursos tecnológicos pela sociedade culminou em uma cultura de tela, na qual os pais usam dispositivos móveis como meio de entretenimento ou distração para capturar a atenção da criança. Essa mudança de ambiente, bem como a limitação do contato com o outro, pode ter efeito na aquisição linguística e desenvolvimento das habilidades comunicativas da criança. **Objetivo:** compreender o impacto da exposição das telas/dispositivos eletrônicos no desenvolvimento da linguagem oral na infância. **Metodologia:** O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura nas principais bases de dados (*SciELO, LILACS, PubMed*), com artigos publicados entre 2019 e 2024 referentes ao tema proposto. Foram utilizadas palavras-chaves como “linguagem oral”, “uso de telas” e “desenvolvimento infantil” para seleção dos estudos. **Resultados e Discussão:** Os resultados mostram que os efeitos do uso de telas em crianças têm relação com a exposição (o tempo de uso maior que 2 horas diárias), idade (bebês e crianças menores que 3 anos), conteúdo (vídeos e imagens não interativos) e a mediação (ausência dos pais limitando o tempo de uso). Alguns estudos apontaram que o uso moderado de mídia interativa (envolvente e educativa) pode estimular o aprendizado, enquanto o consumo de mídia passiva (como assistir a vídeos) pode ter efeito negativo no desenvolvimento. Desta forma, a livre e excessiva exposição às telas afeta o desenvolvimento da linguagem receptiva e expressiva infantil, uma vez que não há filtro no que se vê, a criança não consegue organizar e transmitir as informações que recebe, além disso, não há contato real, portanto, a criança não realiza trocas verbais e não interage socialmente. Nesse sentido, identificou-se que a interação humana, especialmente a frequência e a qualidade das trocas de adultos com seus filhos, é crucial para o desenvolvimento da linguagem oral. **Considerações Finais:** Assim, o uso de telas por crianças pode interferir na aquisição e desenvolvimento da linguagem oral, sendo, fundamental a intervenção do profissional fonoaudiólogo nos direcionamentos de orientação aos pais, avaliação e intervenção nos problemas da comunicação infantil.

Palavras-chave: linguagem oral; uso de telas; desenvolvimento infantil.

HUMANIZAÇÃO NA COMUNICAÇÃO DE MÁ NOTÍCIAS EM CONTEXTOS PEDIÁTRICOS E NEONATAIS

Danilo Feitosa Carvalho¹; Maria Eduarda Melo Veiga¹; Elaine Verlaine Cardoso Santos¹; Brenda Silva Souza¹; Juliane Lima de Andrade¹; Julia Adrielly Vieira Coelho¹; Elisângela Ferreira Minari²

Graduando em enfermagem pela Universidade Tiradentes¹, Mestre em Educação e Especialista em Neonatologia e Pediatria²

dan.feitosa.carvalho25@gmail.com

Introdução: A comunicação é um elemento fundamental nas interações humanas, especialmente em contextos de saúde, onde a transmissão de informações pode impactar significativamente o bem-estar emocional e psicológico dos pacientes e suas famílias. Definida como a troca de informações entre indivíduos, a comunicação abrange tanto aspectos verbais quanto não verbais, e vai além da simples transmissão de dados, envolvendo inclusive o suporte emocional e a empatia. **Objetivo:** Compreender sobre a importância de uma comunicação eficaz e humanizada em contextos pediátricos e neonatais. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura integrativa por meio das bases de dados SciELO e LILACS, utilizando os descritores “Pediatria” AND “Comunicação” AND “Humanização”. Os critérios de inclusão foram artigos publicados entre os anos de 2020 e 2023, nos idiomas português e inglês, com texto completo disponível na íntegra, que abordassem o tema proposto. Foram excluídos artigos duplicados, teses, dissertações e os estudos que não contemplavam o tema. Após a leitura dos 12 estudos selecionados, 5 foram utilizados, não sendo necessária a submissão ao comitê de ética. **Resultados e Discussão:** Dentre os 5 artigos selecionados, 2 foram publicados em 2020, 1 em 2022, e 2 em 2023. A comunicação eficaz e empática é essencial para reduzir o sofrimento tanto das crianças quanto de seus familiares durante situações adversas. Ela deve ser clara e adaptada ao nível de compreensão da criança, considerando sua idade e maturidade. Além disso, a comunicação deve ser vista como um processo colaborativo, que envolve não apenas a criança, mas também seus familiares. É crucial que os profissionais de saúde considerem o vínculo emocional entre a criança e seus acompanhantes, garantindo que as informações sejam transmitidas de maneira a respeitar as necessidades e os sentimentos de todos os envolvidos. Os profissionais de saúde são incentivados a utilizar ferramentas, como o Spikes, que sistematizam a abordagem e garantem que as informações sejam transmitidas de maneira respeitosa. Considerando isso, a inclusão de treinamentos para esses profissionais é essencial, visando aprimorar suas habilidades de comunicação e contribuir para o bem-estar geral do paciente. **Conclusão:** Os estudos ressaltam a importância da comunicação humanizada no enfrentamento dos desafios emocionais vivenciados por crianças e seus familiares em situações adversas. Ao adotar uma abordagem empática e colaborativa, os profissionais desempenham um papel fundamental no apoio emocional, respeitando as particularidades de cada indivíduo para garantir o conforto tanto da criança quanto de seus familiares.

Palavras-chave: comunicação; humanização; pediatria.

A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA IDENTIFICAÇÃO PRECOCE DE ABUSO INFANTIL

Maria Eduarda Melo Veiga¹; Vivian Gabrielly Oliveira Aragão¹; Vitória Maria Menezes Souza¹; Edymara Alves Silva¹; Lais Anieta Alves Teixeira de Souza¹; Estefane Souza Silva¹; Elisangela Ferreira Minari²

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Tiradentes – UNIT, Aracaju SE¹, Mestre em Educação e Especialista em Neonatologia e Pediatria²

mariaeduardamv99@gmail.com

Introdução: A violência contra crianças e adolescentes causa graves danos físicos e psicológicos, afetando os mais vulneráveis. Os profissionais de saúde, especialmente da Atenção Primária e do atendimento domiciliar, têm papel crucial na identificação e intervenção precoce, porém a falta de capacitação adequada compromete a identificação de maneira eficaz. **Objetivo:** Abordar sobre a importância da enfermagem na identificação precoce de sinais de abuso. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura por meio das bases de dados SciELO e LILACS. Os descritores utilizados para a busca foram “criança” AND “enfermagem” AND “violência”. Os critérios de inclusão foram artigos publicados entre os anos de 2020 e 2023, nos idiomas português e inglês. Foram excluídos documentos que não abordaram diretamente o tema proposto e que não apresentaram relevância para a identificação precoce em casos de abuso infantil. Após a seleção, foram incluídos 6 artigos para a análise, dos 71 inicialmente encontrados. Por ser um estudo de revisão integrativa, não foi necessária a submissão ao comitê de ética. **Resultados e Discussão:** Dos quatro artigos selecionados, um foi publicado em 2020, três em 2022, um em 2023, e um em 2024, estando disponível nos idiomas português e inglês. Os estudos analisados destacam a importância da capacitação contínua e da atuação integrada dos profissionais de saúde no enfrentamento da violência, especialmente na atenção domiciliar e primária. Embora os profissionais adotem intervenções diretas e realizem notificações em casos de abuso, há uma clara necessidade de estratégias de capacitação. Além disso, foi identificado que muitos profissionais carecem de formação específica, principalmente sobre abuso infantil, o que reforça a urgência de programas de educação continuada. Nesse sentido, a falta de treinamento adequado sobre abuso sexual infantil gera insegurança nos profissionais, o que, por sua vez, compromete a eficácia das intervenções. Portanto, os estudos enfatizam a necessidade de uma abordagem integrada, sensível e bem-informada, com apoio multiprofissional, a fim de garantir um atendimento eficaz e de qualidade às vítimas. **Conclusão:** Os estudos destacam a necessidade de capacitação contínua dos profissionais de saúde e uma abordagem integrada no enfrentamento da violência. A falta de formação específica, especialmente sobre abuso infantil, compromete a eficácia das intervenções, logo, é fundamental investir em programas de educação continuada e promover a atuação multiprofissional para garantir um atendimento eficiente e sensível às vítimas, fortalecendo a rede de atenção à saúde, contribuindo para a proteção e recuperação integral das crianças afetadas.

Palavras-chave: criança; enfermagem; violência.

A INTERPROFISSIONALIDADE NO CUIDADO EM SAÚDE: EXPERTISE DAS CATEGORIAS DE SERVIÇO SOCIAL E NUTRIÇÃO NO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA

Nycolly Henkel Bezerra Pontes¹, Vanessa Cruz Carvalho², Andrea Nunes M. de Brito³, Nayrana Kelly de Sousa Araújo⁴

1,2 Residente da Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. 3,4 Preceptoras da Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Teresina, Piauí, Brasil

nycollyhenkell@hotmail.com

Introdução: O Programa Saúde na Escola (PSE) é uma iniciativa do governo federal do Brasil com o objetivo de promover a saúde e o bem-estar de crianças e adolescentes no contexto escolar, integrando as políticas públicas de saúde e educação. Por meio do PSE, são realizadas ações de cuidado e prevenção, focando na promoção da saúde, prevenção de agravos, apoio à saúde mental e atenção básica, sendo uma ferramenta essencial para reduzir desigualdades no acesso à saúde e melhorar a qualidade de vida dos estudantes. **Objetivo:** Relatar a experiência vivenciada, pelas residentes de Serviço Social e Nutrição, em uma atividade educativa do PSE com crianças de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da cidade de Teresina-PI, destacando a atuação interprofissional dessas categorias para o cuidado integral das crianças. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, oportunizado pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família (PRMSF) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). A atividade foi desenvolvida em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de tempo integral, com a participação de 18 crianças, no mês de agosto de 2024. Com o tema "Brincando e Aprendendo: Desenvolvimento Social e Nutricional em Foco", a ação utilizou metodologias ativas e lúdicas, como brincadeiras tradicionais, movimentos corporais, sonorização e recursos pedagógicos, como imagens impressas. **Resultados e Discussão:** A abordagem interprofissional entre assistente social e nutricionista residentes contribuiu para a melhoria das relações sociais entre as crianças, além de sensibilizá-las sobre a importância de uma alimentação saudável. A atuação integrada entre as diferentes categorias profissionais favoreceu um ambiente de aprendizado mais dinâmico e colaborativo, consolidando a interprofissionalidade como elemento essencial para o sucesso das ações de cuidado no ambiente escolar. **Considerações Finais:** À face do exposto, constata-se que o trabalho interprofissional no contexto do PSE contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento integral das crianças, promovendo a construção de um ambiente escolar mais saudável, com foco na saúde mental, física e social. A integração das diferentes áreas do saber, como o Serviço Social e a Nutrição, ampliou as ações de cuidado, ressaltando a importância da interprofissionalidade no processo de promoção de saúde na escola.

Palavras-chave: Interprofissionalidade, Promoção de Saúde; Cuidado Integral.

PERSISTÊNCIA DE DÚVIDAS DIAGNÓSTICAS NA DOENÇA CELÍACA EM CRIANÇAS

Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Larissa Vieira Rego Bastos¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

filipe.lemos@famed.ufal.br

Introdução: A doença celíaca é uma condição imunomediada do intestino delgado, desencadeada pela ingestão de glúten em indivíduos geneticamente predispostos. Essa doença pode se manifestar de diversas formas em crianças, desde quadros clássicos com sintomas gastrointestinais até manifestações extra-intestinais, tornando o diagnóstico um desafio clínico. A identificação precoce e a adesão a uma dieta livre de glúten são fundamentais para o controle da doença e prevenção de complicações a longo prazo, como o desenvolvimento de doenças autoimunes e problemas de crescimento. **Objetivo:** Esta revisão tem como objetivo analisar as manifestações clínicas da doença celíaca em crianças, as dificuldades diagnósticas associadas à condição e as estratégias terapêuticas adequadas para o manejo da doença. **Método:** A revisão foi realizada com base em artigos publicados entre 2016 e 2023 nas bases de dados PubMed, Scielo e Google Scholar. Os termos de busca utilizados foram: celiac disease in children, diagnosis of celiac disease, pediatric celiac disease, and gluten-free diet. **Resultados e discussão:** A doença celíaca em crianças pode se manifestar de formas variadas, desde a clássica diarreia crônica até sintomas mais sutis, como atraso no crescimento e manifestações extra-intestinais, como anemia e problemas dermatológicos. Esse quadro diversificado torna o diagnóstico mais desafiador, uma vez que a apresentação clínica pode ser confundida com outras condições, como síndrome do intestino irritável, alergias alimentares e outras doenças gastrointestinais. O diagnóstico definitivo da doença celíaca é realizado por meio de testes sorológicos, como a dosagem de anticorpos anti-transglutaminase, e é confirmado por biópsia do intestino delgado. Embora não exista tratamento farmacológico específico, a principal abordagem terapêutica é uma dieta rigorosa e vitalícia sem glúten. A adesão a essa dieta é crucial para o controle da doença e a prevenção de complicações. Além disso, é importante monitorar possíveis doenças autoimunes associadas à doença celíaca. **Conclusão:** O diagnóstico precoce da doença celíaca é essencial para evitar complicações e melhorar a qualidade de vida das crianças. No entanto, devido à grande variabilidade dos sintomas, uma abordagem clínica cuidadosa e a realização de testes diagnósticos adequados são imprescindíveis. A adesão à dieta sem glúten é a principal estratégia terapêutica, e o acompanhamento contínuo é fundamental para garantir a eficácia do tratamento e prevenir complicações a longo prazo.

Palavras-chave: doença celíaca; infectologia; saúde da criança.

ADESÃO AO TRATAMENTO DA TUBERCULOSE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: A CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMAGEM NO SUPORTE TERAPÊUTICO CONTÍNUO

Brenda Silva Souza¹; Juliane Lima de Andrade¹; Julia Adrielly Vieira Coelho¹; Vitoria Maria Menezes Souza¹; Edymara Alves Silva¹; Lais Anieta Alves Teixeira de Souza¹; Elisangela Ferreira Minari².

Graduanda em enfermagem pela Universidade Tiradentes¹, Professora do curso de enfermagem da Universidade Tiradentes².

brendasouzaqc@gmail.com

Introdução: A tuberculose (TB) é uma doença infecciosa causada pelo *Mycobacterium tuberculosis*, que afeta principalmente os pulmões, mas pode acometer outros órgãos. Ela permanece como uma das principais causas de morbidade e mortalidade no mundo, constituindo um grave problema na saúde pública. Na população pediátrica, os fatores que levam ao abandono do tratamento, especialmente em áreas de alta prevalência, são pouco conhecidos. Em crianças e adolescentes, essa dificuldade parece estar relacionada à dificuldade em identificar e realizar o diagnóstico diferencial da doença nessa faixa etária. **Objetivo:** Descrever sobre a adesão e a contribuição da enfermagem no tratamento da tuberculose em pediatria. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de revisão integrativa que busca sintetizar o conhecimento científico existente sobre um tema específico de maneira abrangente, crítica e sistemática, realizado através da coleta de dados publicados nas bases de dados: Scielo e PubMed, utilizando o operador booleano AND e os descritores “tuberculose” AND “pediatria”. Os critérios de inclusão do estudo foram: artigos publicados nos últimos cinco anos, que abordassem a temática em questão, disponíveis em português ou inglês. Já os critérios de exclusão, foram considerados artigos duplicados ou aqueles sem acesso ao texto completo. **Resultados e discussão:** Foram utilizados 3 artigos que destacam estratégias para identificar e tratar a tuberculose (TB) em pacientes pediátricos. O atendimento centrado no paciente (PCC), recomendado pela OMS, mostrou-se eficaz para aumentar a adesão ao tratamento ao envolver ativamente o paciente e oferecer suporte educativo, material e psicológico. Adolescentes com TB enfrentam desafios como comorbidades (HIV, transtornos mentais) e estigmas sociais, que aumentam o risco de abandono do tratamento. A colaboração familiar é essencial, com os pais participando ativamente do processo. O tratamento inclui uma fase intensiva de dois meses com quatro medicamentos (rifampicina, isoniazida, pirazinamida e etambutol) e uma fase de manutenção de quatro meses com dois medicamentos (rifampicina e isoniazida). O diagnóstico traz impacto emocional, financeiro e social para a família, exigindo suporte adicional, especialmente diante do risco de transmissão no núcleo familiar, o que intensifica o sofrimento e eleva os custos envolvidos. **Conclusão:** A adesão ao tratamento da TB pediátrica exige estratégias centradas no paciente, incluindo apoio familiar e suporte de enfermagem. Essas abordagens ajudam a superar barreiras no tratamento, reforçando a necessidade de políticas de saúde que promovam o cuidado integral para melhorar os desfechos na TB infantil.

Palavras-chave: tuberculose; pediatria, tratamento.

INFECÇÃO POR ROTAVÍRUS EM CRIANÇAS

Carlos Alberto Siqueira Mendonça¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

carlos.mendonca@famed.ufal.br

Introdução: O rotavírus é um dos principais causadores de gastroenterite viral em crianças menores de 5 anos, especialmente em países em desenvolvimento. A transmissão ocorre por via fecal-oral, sendo caracterizada por diarreia grave, vômitos, febre e desidratação. Embora a maioria das crianças se recupere sem complicações, casos graves frequentemente exigem hospitalização, especialmente em menores de 2 anos. **Objetivo:** Analisar os aspectos clínicos da infecção por rotavírus, estratégias de prevenção, incluindo a vacinação, e a evolução clínica da doença em crianças. **Método:** Foi realizada uma revisão narrativa de literatura nas bases de dados PubMed e Scopus, com artigos publicados entre 2016 e 2023. Foram utilizados os Mesh terms e palavras-chave: rotavirus infection in children, vaccination against rotavirus, gastroenteritis rotavirus treatment e clinical outcome of rotavirus infection. Esses termos foram selecionados a partir de listas de descritores disponíveis na Medical Subject Headings (MeSH) do PubMed e no thesaurus da base Scopus. Os critérios de inclusão foram estudos originais e revisões que abordassem epidemiologia, aspectos clínicos, eficácia vacinal e estratégias de prevenção em crianças. Foram excluídos estudos com foco exclusivo em populações adultas, artigos de opinião, editoriais, relatos de caso e publicações sem revisão por pares. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram analisados 58 estudos de um total inicial de 145 artigos identificados. **Resultados e discussão:** O rotavírus é a principal causa de diarreia grave em crianças pequenas, com transmissão por superfícies contaminadas ou ingestão de água e alimentos não tratados. A evolução clínica varia de quadros leves a graves, podendo levar a desidratação severa, desequilíbrios eletrolíticos e insuficiência renal. O tratamento baseia-se na reposição de líquidos e eletrólitos, sendo crucial em casos moderados e graves. A vacinação contra o rotavírus, incluída em programas de imunização, reduziu significativamente hospitalizações e mortes relacionadas. No entanto, sua eficácia pode ser influenciada pela idade da criança e pela presença de comorbidades. A vacina é segura, com efeitos adversos raros, como febre ou diarreia leve. Além da vacinação, medidas de higiene, como lavagem frequente das mãos, contribuem para reduzir a transmissão. **Conclusão:** A infecção por rotavírus permanece uma causa importante de morbidade e mortalidade infantil. A vacinação universal tem sido crucial na redução da carga da doença, complementada por estratégias de prevenção, como educação em saúde e medidas de higiene. A vigilância e o monitoramento dos efeitos da vacina são essenciais para garantir proteção duradoura, especialmente para populações vulneráveis.

Palavras-chave: rotavírus; infectologia; saúde da criança.

INFECÇÃO POR PNEUMOCOCO EM CRIANÇAS: PREVENÇÃO E IMPACTO VACINAL - REVISÃO NARRATIVA

Carlos Alberto Siqueira Mendonça¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

carlos.mendonca@famed.ufal.br

Introdução: A infecção por *Streptococcus pneumoniae* (pneumococo) é uma das principais causas de morbidade e mortalidade em crianças, especialmente em menores de 5 anos. Esse agente bacteriano está associado a doenças como pneumonia, meningite, otite média e sinusite, sendo transmitido principalmente por gotículas respiratórias. A infecção pode variar de leve a grave, com risco de complicações. A introdução da vacina pneumocócica conjugada foi crucial para a redução das taxas de infecção e mortalidade em crianças. **Objetivo:** Examinar a epidemiologia, o impacto clínico e as estratégias de prevenção da infecção pneumocócica em crianças, com foco na eficácia das vacinas. **Método:** Foi realizada uma revisão bibliográfica com estudos publicados entre 2017 e 2023 nas bases de dados PubMed e Scopus, utilizando os seguintes termos de busca: pneumococcal infection in children, vaccination against pneumococcus, clinical outcomes of pneumococcal infections e pneumococcal conjugate vaccine. Os critérios de inclusão abrangeram artigos em inglês e português, estudos originais e revisões que abordassem prevalência, características clínicas e impacto das vacinas. Foram excluídos artigos de opinião, editoriais, relatos de caso isolados e estudos que não incluíssem crianças. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram analisados 42 artigos selecionados de um total inicial de 120 identificados nas buscas. **Resultados e discussão:** O pneumococo é responsável por doenças graves em crianças, com pneumonia sendo a forma mais comum de apresentação. A meningite pneumocócica, embora menos frequente, continua sendo uma causa de sequelas neurológicas e morte. Crianças pequenas e com comorbidades estão mais vulneráveis. A vacina pneumocócica conjugada (PCV), que protege contra os sorotipos mais prevalentes, tem reduzido a incidência de doenças invasivas como meningite e pneumonia, além de diminuir hospitalizações e contribuir para a redução da resistência antimicrobiana. Apesar da eficácia, algumas lacunas permanecem, como a variação da proteção em crianças com comorbidades e a proteção contra sorotipos não incluídos nas vacinas disponíveis. A segurança da vacina é bem estabelecida, com efeitos adversos geralmente leves, como febre e dor no local da aplicação. **Conclusão:** A infecção por pneumococo ainda é uma causa significativa de morbidade e mortalidade em crianças, mas a vacinação tem tido um impacto substancial na redução dessas doenças. A continuação do monitoramento da eficácia da vacina em populações específicas e a garantia de acesso a essa prevenção são fundamentais. A vacinação, aliada ao manejo adequado e cuidados preventivos, é a estratégia mais eficaz para reduzir a carga das doenças pneumocócicas em crianças.

Palavras-chave: bactéria; infectologia; saúde da criança.

HIV CONGÊNITO: MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS, TRATAMENTO E PREVENÇÃO DA TRANSMISSÃO VERTICAL - UMA REVISÃO DA LITERATURA

Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Larissa Vieira Rego Bastos¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

filipe.lemos@famed.ufal.br

Introdução: O HIV congênito (HIVC) refere-se à transmissão vertical do HIV de mãe para filho durante a gestação, o parto ou a amamentação. Embora a prevalência da transmissão tenha diminuído significativamente com estratégias de prevenção, como o uso de medicamentos antirretrovirais (ARV) durante a gestação e o parto, o HIVC permanece uma preocupação de saúde pública. Crianças expostas ao vírus podem apresentar uma ampla gama de manifestações clínicas. A detecção precoce e o tratamento adequado são fundamentais para melhorar o prognóstico das crianças afetadas. **Objetivo:** Discutir as manifestações clínicas do HIV congênito em crianças, as abordagens terapêuticas atuais e as estratégias de prevenção da transmissão vertical. **Método:** A revisão foi realizada utilizando artigos publicados entre 2012 e 2023 nas bases de dados PubMed e Scielo, com busca realizada por termos indexados no DeCS/MeSH, como: "congenital HIV infection", "vertical transmission of HIV", "clinical manifestations of congenital HIV" e "prevention of vertical HIV transmission". Foram incluídos estudos que abordassem diagnóstico, tratamento, prevenção da transmissão vertical e complicações associadas. Os critérios de exclusão envolveram estudos com populações não pediátricas, revisões sem base em evidências e publicações duplicadas. Dos 356 estudos encontrados, 72 foram selecionados para análise detalhada e discussão. **Resultados e Discussão:** O HIVC pode apresentar desde quadros assintomáticos até manifestações graves de imunodeficiência. Entre os sintomas iniciais estão infecções respiratórias e gastrointestinais recorrentes, atraso no desenvolvimento, linfadenopatia e hepatomegalia. O diagnóstico precoce, realizado por testes de PCR para carga viral em recém-nascidos, é essencial para um tratamento efetivo. A terapia antirretroviral precoce mostrou reduzir a progressão da doença e melhorar a qualidade de vida das crianças infectadas. Estratégias de prevenção, como terapia ARV em gestantes, realização de cesárea em casos específicos e a amamentação segura, continuam a ser eficazes na redução da transmissão vertical. Contudo, desafios persistem em contextos de baixa adesão ao tratamento e acesso limitado aos cuidados médicos. **Conclusão:** O HIVC, embora prevenível, continua a representar um risco em contextos de fragilidade do sistema de saúde. A implementação de estratégias preventivas eficazes, como profilaxia antirretroviral para gestantes e testagem precoce em recém-nascidos, é essencial para minimizar a transmissão vertical. Políticas públicas que assegurem o acesso universal a esses cuidados são fundamentais para melhorar a qualidade de vida e o prognóstico das crianças expostas ao vírus.

Palavras-chave: hiv; infectologia; saúde da criança.

ORIENTAÇÃO PARA ALTA HOSPITALAR DE RECÉM-NASCIDOS EXPOSTOS AO HIV: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gabriela Curbeti Becker¹; Marina Bernardes Acosta²; Eduarda Auler²; Michele Gai Schmidt¹;
Giovanna Webster Negretto¹

Farmacêutica da Seção de Farmácia Clínica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS¹,
Farmacêutica Residente em Atenção a Saúde da Criança pelo Hospital de Clínicas de Porto
Alegre/RS²

agabrielabecker@gmail.com

Introdução: A disseminação do HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) representa um grande desafio para a saúde pública. A transmissão vertical é uma das vias de contaminação que ocorre pela passagem do vírus da mãe para o recém-nascido (RN) durante a gestação. Houve um declínio de casos de transmissão vertical do HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) no Brasil nos últimos anos, sendo que está se identificando mais crianças expostas ao HIV do que crianças com a infecção pelo HIV. Isso é consequência da profilaxia antirretroviral, que é indicada para todas as crianças expostas ao HIV e deve ser realizada ainda na sala de parto, preferencialmente nas primeiras quatro horas após o nascimento. Garantir a adesão da profilaxia antirretroviral é fundamental para o sucesso da terapia e por isso, torna-se muito importante a orientação do farmacêutico clínico no uso desses medicamentos para os pacientes expostos ao HIV. **Objetivo:** Descrever a orientação de alta hospitalar com medicamentos realizada pelo farmacêutico para a profilaxia de RNs expostos ao HIV. **Metodologia:** Estudo do tipo relato de experiência, sobre as orientações para alta hospitalar com medicamentos para RNs expostos ao HIV em um hospital público e universitário do sul do Brasil. **Resultados e Discussão:** O farmacêutico clínico é sinalizado pela equipe médica quando nasce um RN exposto ao HIV. De acordo com critérios do protocolo do Ministério da Saúde, o RN pode ser classificado como exposto de baixo risco à transmissão ou de alto risco à transmissão. Conforme a classificação da transmissão, peso do RN e idade gestacional é definido o esquema de profilaxia antirretroviral que o RN irá utilizar. Após, o farmacêutico clínico, elabora um material informativo personalizado contendo as doses, frequência de uso, orientações de diluições, cuidados de armazenamento, tempo de uso e cuidados na administração. Além desse material informativo, também são fornecidos os frascos dos medicamentos e seringas dosadoras orais marcadas com fitas coloridas com as doses que serão utilizadas. É realizada a orientação para a familiar ou cuidador, sempre respeitando o sigilo sobre o diagnóstico da mãe. Após a orientação é solicitado à familiar ou cuidador que simule a administração dos medicamentos para se garantir que não ficou nenhuma dúvida. **Considerações Finais:** A orientação de alta hospitalar é uma atividade muito importante do farmacêutico clínico, pois o uso correto dos antirretrovirais é fundamental para evitar a transmissão vertical do HIV.

Palavras-chave: alta hospitalar; assistência farmacêutica; HIV; transmissão vertical.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ORIENTAÇÃO DE ALTA HOSPITALAR COM MEDICAMENTOS PARA PACIENTES RECÉM-NASCIDOS COM TOXOPLASMOSE

Gabriela Curbeti Becker¹; Marina Bernardes Acosta²; Eduarda Auler²; Michele Gai Schmidt¹; Giovanna Webster Negretto¹

Farmacêutica da Seção de Farmácia Clínica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS¹,
Farmacêutica Residente em Atenção à Saúde da Criança pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS²

agabrielaecker@gmail.com

Introdução: A toxoplasmose é uma zoonose de distribuição universal, frequente no ser humano, causada pelo *T. gondii*, um parasita intracelular. O risco de transmissão materno-fetal é em torno de 40%, aumentando com o avançar da gestação. As gestantes geralmente não apresentam manifestações clínicas sugestivas e a maioria das crianças infectadas não apresenta sintomas identificáveis ao nascimento, porém, entre 60% à 80% das crianças apresentam alterações oftalmológicas e/ou neurológicas que podem acarretar prejuízos durante o desenvolvimento da vida. Por isso, é de extrema importância a necessidade de início oportuno e adequado do tratamento com vistas a redução dos riscos das complicações na vida da criança. O farmacêutico, como profissional da saúde tem um papel fundamental na orientação do uso dos medicamentos para os recém-nascidos, sempre visando na adesão correta ao tratamento. **Objetivo:** Descrever a atuação do farmacêutico na orientação da alta hospitalar com medicamentos para o tratamento da toxoplasmose congênita. **Metodologia:** Estudo do tipo relato de experiência, sobre a orientação de alta hospitalar com medicamentos para familiares/cuidadores de recém-nascidos com toxoplasmose, realizada pela equipe de farmacêuticos clínicos de um hospital universitário do sul do Brasil. **Resultados e Discussão:** Após o diagnóstico e assim que o recém-nascido estiver com condições de alta hospitalar, a equipe médica sinaliza o farmacêutico clínico para realizar a orientação de alta hospitalar com medicamentos. Como o tratamento da toxoplasmose é constituído por ácido fólico, pirimetamina e sulfadiazina, esses medicamentos são em forma farmacêutica de comprimido - não está disponível na rede de saúde a forma farmacêutica líquida, que seria mais adequada para a população infantil - e por isso, o farmacêutico deve orientar a diluição desses comprimidos para atingir adequada dose conforme o peso do recém-nascido. Além da orientação da diluição dos comprimidos, também é realizada a orientação dos horários de uso, frequência, armazenamento, onde adquirir os medicamentos, cuidados em gerais, além do fornecimento de frascos para a preparação e seringas dosadoras orais previamente marcadas. O farmacêutico realiza a orientação para os cuidadores e reforça a importância da continuidade e adesão ao tratamento da toxoplasmose. **Considerações Finais:** O farmacêutico contribui para facilitar a adesão do paciente ao tratamento medicamentoso para a toxoplasmose. Torna-se de grande importância a orientação farmacêutica para alta hospitalar nesses casos, visto que podem ocorrer sequelas oftalmológicas/neurológicas irreversíveis caso o tratamento não seja realizado da maneira correta.

Palavras-chave: pediatria; serviço de farmácia clínica; toxoplasmose congênita.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR TÉTANO NEONATAL NOS ESTADOS DO NORDESTE DE 2014 A 2024

Larissa Vieira Rego Bastos¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

larissavieirarb@gmail.com

Introdução: Causada por uma bactéria chamada *Clostridium tetani*, o tétano neonatal é uma doença infecciosa aguda e grave que atinge recém-nascidos nos seus primeiros 28 dias de vida. Não é contagioso e tem como sintomas: choro constante, dificuldade de sugar, irritabilidade e contraturas musculares. A transmissão é feita pela contaminação do coto umbilical com os esporos da bactéria, que pode estar presente em instrumentos não esterilizados e usados para secção do cordão umbilical ou em produtos culturais da população, utilizados no curativo umbilical. A prevenção mais eficaz é o esquema completo e atualizado da vacina antitetânica materna, uma vez que a imunidade do recém-nascido é conferida pela vacinação adequada da mãe, além de um parto asséptico e cuidados adequados com o coto umbilical. **Metodologia:** Estudo ecológico realizado por meio de dados extraídos do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), pelo DATASUS, com análise dos números de internações por tétano neonatal nos estados do Nordeste no período de janeiro de 2014 a agosto de 2024. Os parâmetros incluíram o sexo, ano atendimento e a raça segundo a Unidade da Federação, sendo analisados por meio de estatística descritiva. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico das internações por tétano neonatal nos estados do Nordeste de 2014 a 2024. **Resultados e Discussão:** Nos últimos 10 anos foram registrados, no Nordeste, 34 internações, sendo 0 em 2014, 3 em 2015, 17 em 2016, 5 em 2017, 2 em 2018, 1 em 2019, 2 em 2021, 1 em 2022, 2 em 2023 e 1 em 2024. A Bahia, com 20, foi o estado com mais internações, sendo 2016 o maior pico, com 15 internações. Maranhão e Pernambuco com 4 internações ambos, Piauí com 3 e Ceará, Alagoas e Sergipe com apenas 1 internação. Em relação ao sexo, 23 internações foram do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Além disso, a raça parda foi a mais internada, com 26 registros, seguida pela raça branca e preta, ambas com 2 internações. Esta análise verifica que o número de internações, de 2018 a 2024, segue uma média constante, diferentemente de 2014 a 2017. **Conclusão:** Os dados gerais demonstram, portanto, um perfil epidemiológico de internações por tétano neonatal nos estados do Nordeste caracterizado por ocorrer, principalmente, na Bahia, no sexo masculino e na raça parda, além de mostrar que há uma diminuição de internações a partir de 2016.

Palavras-chave: Tétano neonatal; Epidemiologia; *Clostridium tetani*.

MORTALIDADE POR MENINGITE VIRAL EM CRIANÇAS NAS REGIÕES DO BRASIL - ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Larissa Vieira Rego Bastos¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

Mthaypereira@gmail.com

Introdução: A meningite viral é uma infecção nas meninges causada por diversos tipos de vírus, com maior incidência em crianças devido à vulnerabilidade do sistema imunológico em desenvolvimento. Embora geralmente menos grave que a meningite bacteriana, a forma viral pode ser letal em casos não tratados ou em situações de baixa resposta imunológica. A mortalidade infantil por meningite viral é um indicador de saúde pública e reflete desigualdades regionais, podendo estar relacionada a fatores como acesso aos serviços de saúde, condições socioeconômicas e infraestrutura hospitalar. **Objetivo:** Este estudo visa analisar a mortalidade por meningite viral entre crianças nas diferentes regiões brasileiras, com o intuito de identificar variações regionais e possíveis necessidades específicas de cada área entre os anos de 2020 e 2023. **Metodologia:** Foi realizada uma análise de dados provenientes do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), focando em óbitos por meningite viral (CID-10: A87) em crianças de diferentes faixas etárias (menor de 1 ano até 14 anos) nas cinco regiões brasileiras. Os dados foram organizados e comparados para identificar padrões regionais de mortalidade. **Resultados e Discussão:** Durante o período estudado, foram contabilizados 11.033 casos notificados de meningite viral em crianças no Brasil, com 11.026 casos confirmados. Desses casos, 72 evoluíram para óbito. A região Nordeste apresentou 1.145 casos, mas também apresentou um dos maiores números de óbitos, com 22, representando uma mortalidade de 1,92%. O Sudeste apresentou 28 óbitos dentro de 6.909 casos confirmados, representando uma taxa de mortalidade de 0,4%. O Centro-Oeste apresentou 5 óbitos, Sul com 12 e Norte com 5. Este cenário indica uma alta mortalidade no Nordeste, podendo estar associada a dificuldades de acesso a diagnósticos rápidos e tratamento, infraestrutura insuficiente e desigualdades econômicas que afetam a qualidade do atendimento. A comparação entre regiões também sugere que áreas com melhor desenvolvimento de saúde pública, como o Sudeste, apresentaram menor mortalidade, apesar de sua grande população infantil. A vulnerabilidade do Nordeste requer intervenções de políticas públicas, como aprimoramento na infraestrutura e campanhas de prevenção. **Conclusão:** A mortalidade infantil por meningite viral no Brasil mostra uma disparidade regional significativa, com destaque para o Nordeste. Este dado reflete a necessidade de uma abordagem regionalizada nas políticas de saúde pública para reduzir desigualdades e melhorar os índices de saúde infantil. Um enfoque em estratégias preventivas e de melhoria na assistência à saúde infantil no Nordeste é crucial para equilibrar esses índices entre as regiões.

Palavras-chave: meningite viral; mortalidade infantil; desigualdade regional;

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE O FLUXO DE ATENDIMENTO DE URGÊNCIAS ESCOLARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Hallana Laisa de Lima Dantas¹; Acsa Julia da Silva Assis²; Geysla Vitória da Silva Amorim³

Enfermeira, Mestre em enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas, Doutoranda em enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco¹; Acadêmica de enfermagem na Faculdade Raimundo Marinho²; Acadêmica de enfermagem no Centro Universitário Mário Pontes Jucá³;

hallana.dantas@ufpe.br

Introdução: Os fluxos de atendimento em situações de urgência e emergência são fundamentais para garantir respostas rápidas e eficazes, minimizando riscos e prevenindo complicações em situações de acidentes. Esses fluxos são especialmente relevantes no ambiente escolar, onde os profissionais da educação podem desempenhar um papel crucial no atendimento inicial em casos de emergência até a chegada de um atendimento. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma enfermeira na educação em saúde e capacitação de profissionais da educação sobre a prestação de primeiros socorros ao escolar. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência em um projeto de capacitação de profissionais de educação para a prevenção e intervenção em urgências e emergências pediátricas conforme a referida Lei 13.722/18 que teve embasamento teórico-metodológico na Teoria da Aprendizagem Vivencial de David Kolb para a construção didático-pedagógica. As atividades foram iniciadas em março de 2022 e se mantêm com atualizações, localizadas em um município do interior de Alagoas. As capacitações em primeiros socorros ocorreram nas dependências das escolas junto aos profissionais de educação ministradas por uma enfermeira mestre emergencista e dois socorristas. **Resultados e Discussão:** O curso foi estruturado em quatro módulos que abordaram temas centrais, escolhidos com base em dados epidemiológicos e nas características sociodemográficas e estruturais das escolas participantes, totalizando uma carga horária de 40 horas. Após a apresentação dos conteúdos teórico-práticos, os profissionais de educação foram orientados quanto a um fluxo de atendimento às urgências escolares integradas ao sistema de saúde e à rede de atendimento as urgências e emergências. O fluxo segue os seguintes passos: identificação da urgência, solicitar ajuda, acionar o SAMU, seguir as orientações da telemedicina, aguardar o transporte enquanto presta os primeiros socorros. Esse fluxo visa garantir o encaminhamento precoce e as intervenções precisas para os profissionais de saúde, quando necessário. Destaca-se a importância de uma visão clara do fluxo de atendimento entre os profissionais escolares, que facilita a prevenção de agravamentos e sequelas e permite que o estudante receba o atendimento especializado adequado. **Considerações Finais:** A capacitação de profissionais de educação em primeiros socorros, com orientação devida sobre fluxos de atendimento, resulta em um corpo docente preparado para atuar como agentes de promoção e prevenção de agravos à saúde. Esse conhecimento repercute diretamente na segurança e na saúde dos estudantes, refletindo também no bem-estar das famílias e na valorização do ambiente escolar como espaço seguro.

Palavras-chave: Urgência e emergência; Serviço de saúde escolar; Serviços de enfermagem escolar.

MORTALIDADE POR SÍFILIS CONGÊNITA NAS CIDADES DO NORDESTE - UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Larissa Vieira Rego Bastos¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

Mthaypereira@gmail.com

Introdução: A sífilis congênita, infecção transmitida de mãe para filho durante a gestação, representa um grave problema de saúde pública, especialmente em regiões de baixa cobertura de assistência pré-natal e socioeconômicas mais vulneráveis, como o Nordeste, onde as taxas de incidência e mortalidade continuam elevadas. A transmissão vertical de sífilis de mãe para filho ocorre principalmente devido à ausência ou inadequação do tratamento durante o pré-natal, resultando em desfechos adversos para o neonato. **Objetivo:** O presente estudo visa analisar a mortalidade por sífilis congênita em cidades do Nordeste do Brasil em 2023, verificando fatores epidemiológicos e regionais associados ao aumento dos óbitos neonatais por essa infecção. **Metodologia:** Foi realizada uma pesquisa descritiva e exploratória, com base em dados secundários obtidos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde, utilizando o grupo CID-10 de infecções de transmissão predominantemente sexual. A análise incluiu dados de óbitos de residentes das cidades da região Nordeste em 2023. **Resultados e Discussão:** Os dados preliminares de 2023 indicam que a região Nordeste apresenta uma taxa significativa de mortalidade por sífilis congênita, destacando-se como a segunda região com maior número de óbitos relacionados, totalizando 92 casos. Observou-se uma concentração de óbitos nos estados de Bahia e Pernambuco, sugerindo uma necessidade de intervenções mais direcionadas nessas áreas. Além disso, a persistência de barreiras no diagnóstico precoce e tratamento adequado em gestantes refletem lacunas nas políticas de saúde pública, especialmente no que diz respeito à cobertura do pré-natal e à sensibilização sobre a importância do tratamento da sífilis durante a gestação. Esses achados reforçam a necessidade de intervenções regionais mais eficazes, que promovam a detecção precoce, o monitoramento rigoroso e o tratamento imediato, a fim de reduzir a transmissão vertical e, conseqüentemente, a mortalidade por sífilis congênita no Nordeste. **Conclusão:** A mortalidade por sífilis congênita nas cidades do Nordeste evidencia desafios persistentes na assistência pré-natal, no diagnóstico precoce e no tratamento da sífilis materna. Essa realidade é agravada por fatores como a falta de acesso a serviços de saúde de qualidade, desigualdades socioeconômicas e dificuldades em garantir o acompanhamento adequado das gestantes. O fortalecimento das estratégias de saúde pública, incluindo a ampliação da cobertura do pré-natal, a oferta de testes rápidos, a capacitação de profissionais de saúde e a distribuição eficiente de medicamentos, é fundamental para reverter esse cenário.

Palavras-chave: sífilis congênita; mortalidade infantil; epidemiologia

A SAÚDE MENTAL DOS ESCOLARES NO CONTEXTO PÓS-PANDEMIA: ESTUDO QUALITATIVO

Hallana Laisa de Lima Dantas¹; Geysla Vitória da Silva Amorim²; Acsa Julia da Silva Assis³; Francisca Márcia Linhares Pereira⁴

Enfermeira, Mestre em enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas, Doutoranda em enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco¹; Acadêmica de enfermagem no Centro Universitário Mário Pontes Jucá; Acadêmica de enfermagem na Faculdade Raimundo Marinho³
Enfermeira, Doutora e docente pela Universidade Federal de Pernambuco⁴

hallana.dantas@ufpe.br

Introdução: A saúde mental dos adolescentes no Brasil tornou-se uma questão prioritária no contexto pós-pandemia devido ao aumento de fatores de risco, como isolamento social prolongado, perdas familiares e mudanças drásticas no ambiente escolar. Este cenário trouxe à tona novas exigências para os profissionais da saúde escolar, em particular para os enfermeiros, que desempenham um papel fundamental na identificação precoce de sinais de sofrimento mental e na promoção de estratégias de bem-estar. **Objetivo:** Descrever a vivência de enfermeiros escolares a respeito da saúde mental de adolescentes estudantes no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, descritivo-exploratório, apoiado no Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research (COREQ), que utilizou a técnica de grupo focal e análise de dados a partir de Bardin após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa sob o número 6.748.118. Foram entrevistados nove enfermeiros, no período de abril a junho de 2024, que atuam em saúde escolar por meio do Programa Saúde na Escola ou em ambulatório de assistência à saúde escolar em institutos federais com pelo menos um ano de atividade. **Resultados e Discussão:** Os participantes destacaram a importância de uma abordagem interdisciplinar, integrando profissionais de saúde e educação para ampliar o apoio aos estudantes. Relatou-se uma prevalência crescente de sintomas de ansiedade, depressão e comportamentos de isolamento entre os estudantes, apontando que, em muitos casos, esses jovens não possuem suporte emocional adequado em suas redes familiares. Outra dificuldade relacionada foi a falta de treinamentos específicos para o atendimento de saúde mental, o que prejudica intervenções assertivas e contribui para a sobrecarga dos profissionais. Além disso, uma troca de experiências em grupos focais reforçou a necessidade de uma articulação mais eficaz entre escolas e serviços de saúde mental. No entanto, os enfermeiros também referem limitações relacionadas ao seu próprio papel, especialmente quando há ausência de protocolos específicos e infraestrutura de apoio para atendimentos específicos. **Considerações Finais:** A prática da enfermagem escolar evidencia um cenário de alta demanda e carência de recursos para o atendimento em saúde mental de adolescentes, especialmente no contexto pós-pandêmico. A vivência destes profissionais revela a carência de políticas e práticas diferenciadas para o fortalecimento do cuidado à saúde mental no contexto escolar, com investimento em capacitação e recursos adequados para o acolhimento holístico e humanizado da saúde dos estudantes.

Palavras-chave: saúde mental; serviço de enfermagem escolar; assistência em saúde mental.

ESTRATÉGIAS PARA EVITAR O DESMAME PRECOCE E PROMOVER O ALEITAMENTO MATERNO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Lorena Moreira Martins¹; Iara Marcela H. F. Silva¹; Tuanny B. Oliveira¹; Fernando Antônio T. Rodrigues¹; Azenclever Eduardo Rogério²

Graduando em medicina pela Faculdade de Minas¹, Médico pelo Centro Universitário de Caratinga²

lorenamoreira27@yahoo.com.br

Introdução: O aleitamento materno é um elemento crucial para a saúde infantil, fornecendo nutrientes essenciais e fortalecendo o vínculo afetivo entre mãe e filho. Contudo, o desmame precoce é uma preocupação relevante, impactando negativamente o desenvolvimento neuropsicomotor e a saúde infantil. **Objetivo:** Este estudo objetiva revisar a literatura sobre estratégias eficazes para prevenir o desmame precoce, destacando a importância da continuidade do aleitamento materno e as intervenções que podem ser implementadas para apoiar mães e crianças. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática nas bases de dados PubMed e SciELO, utilizando os termos-chave "infância", "aleitamento" e "desmame". Foram selecionados artigos que discutem intervenções e políticas relacionadas ao aleitamento materno e ao desmame precoce. **Resultados e Discussão:** A análise dos dados indica que a educação materna, o suporte social e a criação de ambientes favoráveis ao aleitamento são essenciais para reduzir o desmame precoce. Entre os principais fatores que influenciam o desmame precoce, verificou-se trabalho materno (33,3%) e uso de chupeta (30,8%) como as principais causas no Brasil. Estudos demonstram que mães que recebem apoio contínuo de profissionais de saúde e participam de grupos de apoio tendem a amamentar por períodos mais longos. Programas de educação que informam sobre técnicas de amamentação e manejo de dificuldades comuns são essenciais para aumentar a confiança das mães e prolongar a prática do aleitamento. Além disso, a promoção de políticas públicas que incentivem o aleitamento, como a implementação de salas de amamentação em locais de trabalho e a extensão da licença-maternidade, é crucial para permitir que as mães mantenham a amamentação após o retorno ao trabalho. A literatura também enfatiza a importância de campanhas de conscientização que informem sobre os benefícios do aleitamento materno e as consequências do desmame precoce. Essas campanhas devem ser culturalmente sensíveis e acessíveis a diferentes públicos, garantindo que informações precisas e de qualidade cheguem a todas as mães. **Conclusão:** A promoção do aleitamento materno e a implementação de estratégias para evitar o desmame precoce são vitais para a saúde das crianças. As evidências sugerem que, apesar dos avanços, é necessário intensificar o apoio às mães e assegurar a efetividade das políticas públicas. A continuidade da pesquisa e a avaliação das intervenções são fundamentais para o aprimoramento das estratégias de promoção do aleitamento materno no Brasil.

Palavras-chave: amamentação; desmame; precoce.

A INFLUÊNCIA DO USO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO DE MIOPIA EM CRIANÇAS

Mateus da Silva Santos¹; Pedro Henrique da Cunha Soares²; Guilherme Cavalcanti Santana³; Lucas Cunha Oliveira Barroso⁴; Ana Victoria Lima Passos da Silva⁵; Mariana Santos Ismerim⁶; Victoria Haydée Deusdedith Neves⁷

Graduando em Medicina pela Universidade Tiradentes^{1,2,3,4,5,6}, Graduada em Medicina pela Universidade Tiradentes⁷

mateus.silva03@souunit.com.br

Introdução: A miopia, o distúrbio de refração mais comum, é um problema global de saúde pública, a qual afeta centenas de milhões de pessoas e que pode acarretar com comprometimento visual substancial se não for tratada. Acerca desse fato, evidências crescentes sugerem que exposição prolongada a telas digitais tem sido consideravelmente associada à promoção e agravamento da miopia em crianças e jovens. Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde recomenda limitar o tempo de tela diário a menos de 2 horas para crianças com cinco anos ou mais. Ademais, estudos recentes indicam que níveis moderados de luz azul são suficientes para causar prejuízos em diversos sistemas orgânicos fundamentais em humanos. **Objetivo:** Avaliar a influência do uso de telas no desenvolvimento de miopia em crianças. **Metodologia:** Realizou-se pesquisas bibliográficas nos bancos de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed, publicados entre 2022 e 2024, com os descritores: “Myopia”, “Children”, “Screens”. A partir desses critérios de elegibilidade, foram selecionados 5 trabalhos para a elaboração desse estudo a fim de filtrar informações com maior relevância acerca do tema abordado. **Resultados e Discussão:** Com base nos estudos selecionados para esta revisão, observou-se uma ampla formatação de métodos para a avaliação da influência do uso de telas com o desenvolvimento da miopia. Em certo estudo, a exposição noturna à luz azul estimulou as taxas de crescimento ocular em aves, tendo uma amplitude de ritmo coroidal significativamente maior em comparação com todas as outras condições de exposição. Vale ressaltar ainda, que há indícios de jovens que utilizam telas mais de 2 horas por dia tenham maior risco de miopia, em contraste com crianças que relataram menos de 1 hora por dia em telas. No entanto, na análise de grupo por tipo de dispositivo de tela, descobrimos que a exposição ao tempo de tela de computadores e televisores estava significativamente relacionada à miopia em estudos transversais, enquanto não de smartphones. **Conclusão:** Há indícios que a exposição ao tempo de tela foi significativamente associada a uma refração mais miópica em crianças e adolescentes. Todavia, este fenômeno não é totalmente compreendido neste momento devido à variabilidade dos estudos incluídos. Dessa forma, mais estudos multicêntricos com períodos de acompanhamento estendidos e diferentes aparelhos com tela são necessários para avaliar os fatores que contribuem para a progressão miópica na população.

Palavras-chave: telas; crianças; miopia.

CONDUTA DO ENFERMEIRO FRENTE À REAÇÃO ALÉRGICA PEDIÁTRICA EM PRONTO ATENDIMENTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Geysla Vitória da Silva Amorim¹; Acsa Julia da Silva Assis²; Hallana Laisa de Lima Dantas³; Nome completo²;

Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário Mário Pontes Jucá¹, Graduanda em enfermagem pela Faculdade Raimundo Marinho², Enfermeira, mestra e docente em enfermagem na Faculdade Raimundo Marinho e Centro Universitário Mário Pontes Jucá³

gey27amorim@gmail.com

Introdução: As reações alérgicas em crianças representam um desafio significativo em Unidades de Pronto Atendimento, exigindo uma abordagem rápida e eficaz por parte da equipe de enfermagem para evitar possíveis complicações. O manejo adequado e a triagem criteriosa são essenciais para identificar a gravidade da reação e garantir um atendimento seguro e resolutivo. **Objetivo:** Descrever a experiência de uma acadêmica de enfermagem em estágio extracurricular durante o atendimento a uma criança de 4 anos que apresentou reação alérgica após o uso de shampoo para pediculose, destacando as condutas adotadas e a importância do protocolo de triagem. **Metodologia:** Relato de experiência ocorrido em uma Unidade de Pronto Atendimento no estado de Alagoas, envolvendo o atendimento de um paciente pediátrico que chegou com edema palpebral bilateral acentuado, sem sinais de comprometimento respiratório. A criança foi prontamente triada, classificada com prioridade, e medicada com anti-histamínicos. **Resultados e Discussão:** A condução do caso foi eficaz, garantindo a estabilização da paciente e alta após observação. A triagem de enfermagem teve papel crucial ao identificar rapidamente a natureza da reação e priorizar o atendimento. A literatura evidencia que a implementação de protocolos padronizados para reações alérgicas pode otimizar o fluxo de atendimento e reduzir riscos de evolução para quadros mais graves. A conduta proativa da equipe de enfermagem inclui não apenas a triagem física, mas também a observação contínua e a educação dos responsáveis sobre sinais de alerta e medidas preventivas. Destaca-se ainda a perícia da enfermagem ao conduzir uma anamnese investigativa com a finalidade de fazer um levantamento de dados assertivo para o estabelecimento da conduta de maneira conclusiva, tal qual se estabelece o Processo de Enfermagem. **Conclusão:** Este caso ressalta a relevância da triagem detalhada e da intervenção rápida da enfermagem para a resolução de reações alérgicas pediátricas. O investimento em capacitação contínua e no uso de protocolos específicos pode potencializar a segurança e a qualidade do cuidado em serviços de emergência.

Palavras-chave: reação alérgica; enfermagem pediátrica; triagem de enfermagem.

ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR TRAUMATISMO EM INFANTOJUVENIS NO NORDESTE DE 2018 A 2024.

Pedro Henrique da Cunha Soares¹; Guilherme Cavalcanti Santana²; Lucas Cunha Oliveira Barroso³; Ana Victoria Lima Passos da Silva⁴; Mariana Santos Ismerim⁵; Mateus da Silva Santos⁶; Victoria Haydée Deusdedith Neves⁷

Graduando em medicina pela Universidade Tiradentes^{1,2,3,4,5,6}, Graduada em medicina pela Universidade Tiradentes⁷

phcs7@hotmail.com

INTRODUÇÃO: O traumatismo em crianças e adolescentes configura-se como uma das principais causas de morbidade e mortalidade nessa faixa etária, representando um problema de saúde pública global e nacional. No Brasil, a região Nordeste destaca-se negativamente, apresentando as maiores taxas de internação por causas externas, especialmente no público infantojuvenil. Nesse contexto, a análise epidemiológica dessas internações não apenas contribui para o entendimento das particularidades regionais, mas também oferece subsídios valiosos para a formulação de estratégias de prevenção e manejo que possam mitigar esse problema de saúde pública. **OBJETIVO:** Avaliar, por meio de análise epidemiológica, o perfil das internações relacionadas a traumatismos em crianças e adolescentes na região Nordeste, no período de 2018 a 2024. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo transversal, descritivo com perspectiva quantitativa, com base nos dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS) vinculado ao DATASUS, segundo as variáveis de internações, regiões brasileiras e Unidades Federativas. As internações abordadas foram restritas àquelas relacionadas à população entre 0 e 19 anos internadas por traumatismos intracranianos e durante o nascimento entre janeiro de 2018 a setembro de 2024, no Nordeste. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** No período analisado, 34.777 crianças e adolescentes entre 0 e 19 anos foram internados por traumatismos cranioencefálicos no Nordeste. Observou-se que o número de internações é proporcional à população de cada estado. O Ceará apresentou o maior número de internações relacionadas ao tema, registrando cerca de 8.802 casos (25,3%), seguido pela Bahia, com 8.096 casos (23,3%), e Pernambuco, que contabilizou 5.570 internações (16%). Além disso, constatou-se que a faixa etária mais acometida foi a de 15 a 19 anos, representando cerca de 39,5% do total de internações. **CONCLUSÃO:** A análise das internações por traumatismos na população infantojuvenil revelou uma distribuição heterogênea entre os estados do Nordeste, evidenciando desigualdades significativas na incidência de casos. Os dados destacam o Ceará e a Bahia como os estados mais afetados, respondendo juntos por quase metade das hospitalizações registradas. Esses resultados reforçam a necessidade urgente de implementar políticas públicas específicas para prevenção de traumas nessa faixa etária, considerando as particularidades regionais. Investigações adicionais são fundamentais para elucidar os determinantes sociais e estruturais associados às diferenças identificadas, bem como para propor intervenções que reduzam a incidência de traumatismos e suas consequências.

Palavras-chave: Comparativo; Emergência; Juvenil.

OBESIDADE INFANTIL: RELAÇÃO COM FATORES DE RISCO PARA DIABETES MELLITUS TIPO 2

Raika Handara Alves de Oliveira Freitas Nascimento Lemos¹; Hellen Rebeca Galvão dos Santos¹; Brenda Dias Porto¹; Fernanda Felipe Catarino¹; Júlia Maria Ribeiro Souza¹; Aínoan dos Santos Cajado²

Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz¹, Graduada em Odontologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia²

raikafreitaslemos@gmail.com

Introdução: A obesidade infantil configura-se como um importante problema de saúde pública e um dos maiores desafios para o bem-estar de crianças e adolescentes. Essa condição está associada a um risco elevado de comorbidades, como doenças cardiovasculares e distúrbios endócrinos, além de maior probabilidade de morte prematura. Entre as afecções resultantes, destaca-se o diabetes mellitus tipo 2 (DM2), uma síndrome metabólica caracterizada pela resistência à insulina, cuja prevalência tem aumentado paralelamente ao crescimento dos índices de obesidade entre crianças e adolescentes. **Objetivo:** Evidenciar a relação entre a obesidade infantil e os fatores de risco para o desenvolvimento de diabetes mellitus tipo 2 (DM2) em crianças e adolescentes. **Metodologia:** O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura. As pesquisas foram realizadas em novembro de 2024 nas bases Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), PubMed e SciELO, utilizando os descritores “Obesidade Infantil”, “Diabetes Mellitus Tipo 2”, “Fatores de risco” combinados com o operador booleano “AND”. Foram selecionados artigos com publicações entre os anos de 2016 a 2023, nos idiomas inglês e português. Os artigos que não apresentaram relação com o tema foram excluídos. A partir da busca foram encontrados 312 estudos e escolhidos 5 artigos para compor a revisão. **Resultados e Discussão:** Estudos evidenciaram que a obesidade, uma vez instalada, afeta quase todos os sistemas do corpo humano, com repercussões significativas, especialmente no sistema endócrino. Entre as características desse quadro patológico, destacam-se a hiperinsulinemia e alterações na homeostase da glicose, que levam à resistência à insulina, impulsionando o aparecimento precoce do diabetes mellitus tipo 2 (DM2), particularmente em crianças e adolescentes. Nessa faixa etária, o risco dessa relação prejudicada é mais elevado e agressivo em comparação com outras. Adicionalmente, o estilo de vida menos saudável associado a população infanto-juvenil com sobrepeso e obesidade, com dieta hipercalórica e sedentarismo, contribui para um estado inflamatório crônico, aumento na geração de espécies reativas de oxigênio (EROs) e estresse oxidativo. Esses eventos podem causar disfunções nas células beta pancreáticas, eventos cruciais para o desenvolvimento do DM2. **Conclusão:** Percebe-se que a obesidade infantil é um importante desafio para a manutenção da saúde das crianças e dos adolescentes, uma vez que resulta em significativas repercussões e comorbidades. Nesse viés, conclui-se que essa doença se relaciona e impulsiona os principais fatores desencadeantes de diabetes mellitus tipo 2.

Palavras-chave: diabetes mellitus tipo 2; obesidade infantil; fatores de risco; crianças; adolescentes.

ORGANIZAÇÃO EMOCIONAL E SENSORIAL: ESTRATÉGIAS PARA CRIANÇAS COM ATRASOS NO DESENVOLVIMENTO

André Luiz Rodrigues de Freitas¹; Fernando Quaiatto Dirksen²

Bacharel em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Cidade Verde – UNICV e Graduando em Terapia Ocupacional pelo Centro Universitário UniFatecie – UNIFATECIE¹; Graduando em Fonoaudiologia pelo Centro Universitário UniFatecie – UNIFATECIE²

andremg2@hotmail.com

Introdução: A organização emocional e sensorial desempenha um papel crucial no desenvolvimento infantil, pois influencia diretamente o comportamento, a aprendizagem e as relações interpessoais. Crianças com atrasos no desenvolvimento frequentemente apresentam dificuldades em gerenciar estímulos sensoriais e emocionais, o que pode resultar em barreiras significativas para sua funcionalidade e desempenho em diversos contextos, como o escolar e o familiar. Essas dificuldades destacam a importância de estratégias terapêuticas que auxiliem na promoção do equilíbrio emocional e sensorial, visando a melhoria da qualidade de vida e do aprendizado. **Objetivo:** Este trabalho teve como objetivo identificar e analisar as principais estratégias terapêuticas voltadas à organização emocional e sensorial em crianças com atrasos no desenvolvimento, explorando o impacto dessas intervenções no comportamento e na aprendizagem. **Metodologia:** A pesquisa foi conduzida a partir de uma revisão integrativa da literatura, de caráter exploratório, descritivo e abordagem qualitativa. Os dados foram coletados nas bases Scielo e Capes, considerando publicações dos últimos 10 anos. Na primeira etapa, foram selecionados 12 artigos utilizando os descritores “organização sensorial”, “organização emocional”, “intervenção precoce” e “atrasos no desenvolvimento”. Posteriormente, uma triagem mais criteriosa foi realizada, resultando em cinco artigos que abordavam diretamente estratégias terapêuticas voltadas à organização emocional e sensorial. **Resultados e Discussão:** Os artigos analisados evidenciaram que crianças com atrasos no desenvolvimento frequentemente enfrentam dificuldades para processar estímulos sensoriais e gerenciar emoções, o que impacta negativamente suas interações sociais, aprendizado e desempenho em atividades cotidianas. Técnicas como mindfulness infantil, intervenções baseadas na integração sensorial e suporte emocional demonstraram resultados positivos no enfrentamento desses desafios. Atividades sensoriais estruturadas e abordagens terapêuticas que considerem as necessidades emocionais das crianças mostraram-se eficazes para melhorar o engajamento em atividades escolares e sociais. Os estudos também enfatizaram a importância da atuação interdisciplinar entre terapeutas ocupacionais, psicólogos e educadores, potencializando os efeitos das intervenções. **Conclusão:** A organização emocional e sensorial é essencial para o desenvolvimento global de crianças com atrasos no desenvolvimento. As estratégias terapêuticas analisadas apresentaram resultados significativos, promovendo avanços comportamentais e no aprendizado, além de melhorar a qualidade de vida das crianças e suas famílias. Abordagens interdisciplinares e individualizadas se mostraram fundamentais para atender às necessidades específicas desses casos.

Palavras-chave: organização emocional, organização sensorial, estratégias terapêuticas.

ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA AQUÁTICA NO DESENVOLVIMENTO MOTOR EM CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Luiz Guilherme Brandão de Oliveira¹; Rayane Tavares de Sousa Alves², João Gabriel Macedo Veiga³, Lisnayra Arruda de Souza Moreira⁴, Maria Fernanda Marinho Rodrigues⁵

Discentes em fisioterapia pela Faculdade Integrada CETE-FIC ¹, Docente do curso de Fisioterapia da Faculdade Integrada CETE- FIC ²

e-mail: luizg18379@gmail.com

INTRODUÇÃO: A Paralisia Cerebral (PC), também conhecida como encefalopatia crônica não progressiva da infância, é um agravo neurológico decorrente de uma lesão acometida no Sistema Nervoso Central (SNC), quando o mesmo ainda está em desenvolvimento, que ocasiona em uma disfunção motora e postural. As lesões que afetam o encéfalo podem ocorrer no período pré-natal, perinatal ou pós-natal, podendo haver fatores de risco como, complicações durante a gestação, nascimento prematuro, condições genéticas, asfixia e traumatismo. As alterações no SNC limitam as atividades e participações das crianças, por influenciar em sua capacidade funcional e cognitiva, implicando em déficits nas habilidades motoras, equilíbrio, postura, marcha e no tônus muscular, além de modificar a percepção e interpretação de estímulos. Diante disso, a fisioterapia aquática surge como um método complementar para auxiliar no tratamento da PC, é considerada como um ambiente estimulante, promovendo um maior relaxamento, aumento da amplitude de movimento, analgesia, melhora da força, resistência muscular e equilíbrio, propriocepção e estimulação cognitiva. **OBJETIVO:** Analisar a atuação da fisioterapia aquática no desenvolvimento motor de crianças com PC, descrevendo sua abordagem terapêutica. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão sistemática, realizada através de pesquisas feitas nas bases de dados SCIELO, BVS e PUBMED, com os seguintes descritores em português: “Paralisia Cerebral”, “Crianças”, “Fisioterapia aquática”, “Desenvolvimento motor”, todos cruzados com o booleano “AND”, para garantir maior precisão na busca dos estudos. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Foram encontrados 9 artigos a partir dos descritores selecionados. Aplicando os critérios de exclusão, 4 artigos foram excluídos por não abrangerem o objetivo do tema, resultando em 5 artigos utilizados para o levantamento dos dados. Observou-se que as principais intervenções fisioterapêuticas da paralisia cerebral incluem a Estratégia PICOT - P: Crianças com diparesia espástica; I: Protocolo de controle de tronco na água; C: Fisioterapia aquática convencional; O: Melhor de ganho motor relacionados ao controle de tronco, alcance e funcionalidade; T: 16 sessões, de 35 minutos 2x por semana durante 8 semanas. Diante disso, nota-se que os exercícios aquáticos produziram uma melhora nos escores de qualidade de vida, no controle da espasticidade e melhora da função motora. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Diante do exposto, percebe-se que o tratamento na água se mostrou eficaz para o ganho de mobilidade e ADM dos pacientes com PC, os exercícios aquáticos produziram uma melhora no controle da espasticidade e da função motora, melhorando a funcionalidade das crianças com o controle de tronco no meio aquático, e conseqüentemente a qualidade de vida dessas crianças.

Palavras-chave: paralisia cerebral; fisioterapia aquática; desenvolvimento motor.

A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NA PREVENÇÃO DA OBESIDADE INFANTIL: UMA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL

Stephanie Açucena Oliveira da Silva¹; Renata Kelly De Freitas Mano²

Graduanda em Nutrição Universidade Uninassau¹; Nutricionista - Universidade Estadual do Ceará²

stephanielccena@gmail.com

Introdução: A obesidade infantil é um importante problema de saúde pública caracterizada como uma doença crônica multifatorial que está associada a diversos determinantes. Dentre eles, podemos destacar o ambiente familiar, que desempenha um papel fundamental na formação do comportamento infantil. O ambiente domiciliar é um dos primeiros espaços onde a criança tem contato com padrões alimentares e estilos de vida, podendo ser ou não saudáveis. Estudar a influência deste ambiente como fator de risco ou prevenção à obesidade infantil é essencial para promover estratégias de combate mais eficazes. **Objetivo:** O presente estudo tem como objetivo revisar como as práticas parentais e o ambiente em que a criança está inserida contribuem para comportamentos obesogênicos. **Metodologia:** O estudo em questão trata-se de uma revisão integrativa realizada em novembro de 2024 nas bases de dados *National Library of Medicine* (PubMed) e *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) utilizando os descritores “comportamento alimentar”, “obesidade infantil” e “ambiente domiciliar”. Os critérios de inclusão foram artigos escritos nos últimos 5 anos, em inglês ou português e alinhados com o objetivo desta pesquisa. Foi considerado como critério de exclusão artigos que não possibilitassem a discussão do assunto proposto. Após a leitura do título e resumo, foram escolhidos 16 artigos e, após a leitura de texto na íntegra, foram selecionados 8 artigos. **Resultados e discussões:** Os achados demonstram que as práticas parentais são um fator de risco diretamente ligado ao desenvolvimento da obesidade na infância, pois o comportamento infantil, desde as escolhas alimentares, práticas de exercícios físicos (inclusive brincadeiras ativas no ambiente doméstico) até uma rotina adequada de sono, são moldadas pelo ambiente familiar. Portanto, promover um ambiente familiar saudável, com alimentação equilibrada, incentivo à prática de atividades físicas em substituição às telas e uma rotina de sono consistente são fatores fundamentais na prevenção da obesidade juntamente com políticas públicas voltadas para a educação nutricional dos pais e integradas aos ambientes de convivência, como as escolas, contribuindo dessa forma para a construção de um ambiente favorável para o desenvolvimento infantil de forma saudável em todas as esferas. **Considerações finais:** Dessa forma, estratégias de intervenção que englobam o núcleo familiar de convivência diária são mais eficazes não só no combate à obesidade, mas no desenvolvimento de uma criança mais saudável tanto nos aspectos fisiológicos quanto nos aspectos emocionais.

Palavras-chave: obesidade infantil; comportamento alimentar; ambiente familiar.

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM EM MULHERES COM DEPRESSÃO NA PERI-MENOPAUSA

Aline Juliane Souza Santos¹; Frankcélia Souza Camargo¹; Hariana Rafaela da Silva Brasil¹; Karina Faine Freitas Takeda²

Graduando em Enfermagem pela Universidade da Amazônia¹, Mestre em Enfermagem PPGENF/UFPA²

alinejulianessantos@gmail.com

Introdução: A peri-menopausa, conhecida também como climatério, é uma fase de transição que precede o término da menstruação, caracterizando-se pela diminuição da capacidade reprodutiva feminina. Durante esse período as mulheres vivenciam diversas alterações que são causadas pela redução dos níveis de estrogênio e progesterona. Como consequência, surgem manifestações físicas como fogachos, cefaleias, dores articulares, secura vaginal e alterações cardiovasculares. Paralelamente, o impacto emocional dessas mudanças pode levar ao aumento da ansiedade, irritabilidade e labilidade emocional. **Objetivo:** Descrever a importância do papel da enfermagem em mulheres com depressão na peri-menopausa. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na base de dados Revista Eletrônica Acervo Saúde, Biblioteca Virtual em Saúde e Scielo, utilizando os descritores: menopausa, climatério e condutas de enfermagem, combinados ao operador booleano “AND”. Após aplicabilidade dos critérios de elegibilidade e leitura, foram selecionados quatro artigos dos últimos três anos antecedentes a 2024, nos idiomas português e inglês. Foram excluídos seis artigos que não complementavam a temática do estudo devido à incompatibilidade com o tema e desatualização científica. **Resultados e Discussão:** Evidenciou-se que a assistência de enfermagem a mulheres com depressão na peri-menopausa é embasada na Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), a qual é conduzida por meio da coleta de dados para identificar alterações físicas, emocionais e sociais, promovendo um cuidado integral e personalizado. No entanto, a análise literária revelou dados qualitativos que apontam deficiências na capacitação dos profissionais e no conhecimento sobre a aplicabilidade da SAE. Observou-se que para alguns profissionais, essa lacuna está associada à falta de incentivo na educação permanente, o que compromete a qualidade do cuidado. Nesse contexto, é necessário incentivar a criação de intervenções que promovam a qualificação profissional, além de reforçar políticas de saúde voltadas para implementação efetiva da SAE com foco no cuidado em saúde a mulheres climatéricas. **Conclusão:** A peri-menopausa é uma fase marcada por alterações físicas e emocionais, que podem impactar negativamente a saúde e qualidade de vida das mulheres. Nesse cenário, a atuação da enfermagem torna-se essencial, especialmente por meio da SAE, que possibilita um cuidado integral. Contudo, as limitações observadas na capacitação dos profissionais e na aplicação prática da SAE evidenciam a necessidade de maior investimento em programas de educação permanente. Além disso, destaca-se a importância de políticas públicas voltadas para o fortalecimento do cuidado às mulheres no climatério, assegurando abordagens mais eficazes e humanizadas, capazes de atender às suas demandas físicas, emocionais e sociais.

Palavras-chave: peri-menopausa; depressão; enfermagem.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A CRIANÇAS COM DOENÇAS CARDÍACAS

Julia Adrielly Vieira Coelho¹; Vivian Gabrielly Oliveira Aragão¹; Vitória Maria Menezes Souza¹; Edymara Alves Silva¹; Lais Anieta Alves Teixeira de Souza¹; Estefane Souza Silva¹; Yandra Dirce Nascimento de Castro Guimarães².

Graduando em enfermagem pela Universidade Tiradentes¹; Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal²

julia.adrielly35@gmail.com

Introdução: As cardiopatias congênitas são malformações cardíacas que se desenvolvem ainda no útero, afetando a estrutura ou função do coração, essas condições podem ser causadas por fatores genéticos, cromossômicos ou ambientais. No Brasil, estima-se que 5 em cada 1.000 crianças nasçam com algum tipo de cardiopatia, exigindo cuidados especializados de uma equipe multiprofissional. A enfermagem desempenha papel essencial no cuidado integral dessas crianças, desde o acompanhamento da gestante no pré-natal até o cuidado do recém-nascido, com foco na prevenção de complicações, promoção da saúde e reabilitação. Contudo, a falta de atualização científica contínua dificulta a oferta de um atendimento de qualidade. **Objetivo:** Analisar a assistência de enfermagem no cuidado integral de crianças com cardiopatias congênitas, desde o acompanhamento pré-natal até a reabilitação do recém-nascido, com ênfase na prevenção de complicações. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura integrativa, com um estudo qualitativo, por meio das bases de dados SciELO e PubMed, utilizando os descritores “Cardiopatias Congênitas” AND “Enfermagem Pediátrica” OR “Neonatologia”. Os critérios de inclusão foram artigos publicados entre os anos de 2019 e 2024, em português, com texto completo disponível na íntegra, que abordassem o tema proposto. Foram excluídos artigos duplicados, teses, dissertações e os estudos que não contemplavam o tema. Após a leitura dos 19 estudos selecionados, 5 foram utilizados, não sendo necessária a submissão ao comitê de ética. **Resultados e Discussão:** Dentre os artigos selecionados, foi observado que os enfermeiros desempenham um papel vital na detecção precoce das manifestações de cardiopatias congênitas, sendo necessário que possuam competência técnica e científica para realizar uma avaliação adequada do neonato, identificar possíveis problemas e elaborar planos de cuidado eficazes. O processo de enfermagem deve incluir uma coleta de dados detalhada, com ênfase na avaliação da função cardíaca e na identificação de sinais e sintomas relacionados. O planejamento de enfermagem deve ser orientado para o desenvolvimento de um plano de cuidados individualizado, visando otimizar os resultados do tratamento e atender às necessidades específicas de cada criança. **Considerações Finais:** O cuidado personalizado é essencial para o sucesso no tratamento das crianças com cardiopatias congênitas. Portanto é fundamental que a equipe de enfermagem possua as habilidades técnicas necessárias para elaborar planos de cuidado eficazes, a capacitação contínua, o apoio psicossocial às famílias, o uso de protocolos padronizados e a promoção de cuidados individualizados são essenciais para garantir um melhorar o prognóstico e um atendimento de qualidade a crianças com cardiopatias congênitas.

Palavras-chave: cardiopatias congênitas; enfermagem pediátrica; cuidados neonatais.

MORTALIDADE INFANTIL POR HEPATITES VIRAIS NAS CIDADES DO NORDESTE: ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹;
Larissa Vieira Rego Bastos¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Clara Caroline Baptista Souto¹;
Adriana Ávila Moura²

Graduando em medicina pela Universidade Federal do Alagoas¹; Doutora em Saúde Materno Infantil
pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira ²

ryan.ferreira@famed.ufal.br

Introdução: As hepatites virais (HVs) são causas importantes de morbimortalidade, afetando desproporcionalmente populações vulneráveis. Nas cidades do Nordeste brasileiro, as condições sociais precárias e a infraestrutura limitada de saúde ampliam a vulnerabilidade infantil a essas infecções. Tendo isso em vista, este estudo investigou a mortalidade infantil associada às HVs em cidades nordestinas entre 2019 e 2023, analisando padrões e tendências para subsidiar políticas públicas mais eficazes.

Objetivo: Examinar os padrões de mortalidade infantil por hepatites virais e os fatores associados em cidades nordestinas, fornecendo subsídios para estratégias de saúde pública adaptadas à realidade local.

Metodologia: Este estudo descritivo utilizou dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), disponibilizados pelo DATASUS, abrangendo óbitos atribuídos a HVs em crianças de 0 a 14 anos entre 2019 e 2023. Foram analisadas variáveis como IDH, cobertura vacinal e acesso ao pré-natal. Uma revisão de literatura nas bases PubMed e BVS acrescentou a fundamentação teórica. Limitações incluem possíveis vieses de subnotificação, lacunas nos registros e desafios no acesso a dados completos, especialmente em municípios menos estruturados. **Resultados e Discussão:** Municípios com baixos índices de IDH e infraestrutura de saúde deficiente apresentaram as maiores taxas de mortalidade infantil por HVs. Nesse contexto, a hepatite B foi a principal causa de óbitos, seguida pela hepatite C. Observou-se uma redução gradual nas taxas nos últimos três anos devido à associação entre campanhas de vacinação, que previne a infecção e interrompe a cadeia de transmissão, e melhorias no monitoramento pré-natal, que reduzem a transmissão vertical. Apesar disso, desigualdades estruturais continuam comprometendo a eficácia das intervenções, limitando o acesso da população às estratégias de saúde. Recomenda-se intensificar campanhas de vacinação, fortalecer o pré-natal e promover ações educativas adaptadas às necessidades locais, para conscientizar acerca do perigo do compartilhamento de materiais infectados e da necessidade da atenção ao diagnóstico precoce, por exemplo. Além disso, é essencial aumentar o financiamento em saúde e monitorar continuamente os indicadores para orientar as políticas públicas.

Conclusão: A mortalidade infantil por hepatites virais no Nordeste revela um desafio persistente, mesmo com avanços pontuais. Políticas públicas direcionadas, como estratégias de vacinação mais amplas, fortalecimento do pré-natal e medidas de equidade regional, são fundamentais para mitigar as disparidades e melhorar a saúde infantil, promovendo maior justiça social no acesso à saúde.

Palavras-chave: hepatites virais; Nordeste brasileiro; saúde pública.

PERFIL E CARACTERÍSTICAS DOS RECÉM-NASCIDOS DIAGNOSTICADOS COM MICROCEFALIA NO RS NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

Thomas Salgado Zimmermann¹; Danielle Rosa Schmitz Cunha¹; Luísa Wanderley Jari da Silva¹;
Roberta de Oliveira Mainardi¹; Daniela Aguiar Martins Domingues²

Graduando em medicina pela Universidade Luterana do Brasil¹, Professora orientadora médica de família e comunidade²

thomas.zimmermann@rede.ulbra.br

Introdução: A microcefalia é uma condição caracterizada pela redução do perímetro cefálico do recém-nascido, podendo resultar em prejuízos neurológicos variáveis, incluindo dificuldades motoras, cognitivas e sensoriais, dependendo da extensão e localização das lesões cerebrais. Essa condição apresenta diferentes procedências, como infecções virais durante a gestação (exemplo: vírus Zika), substâncias teratogênicas usadas pela gestante, variantes genéticas patogênicas, além de diferentes causas combinadas que afetam o indivíduo. No Rio Grande do Sul (RS), surtos evidenciam a necessidade de uma melhor identificação do perfil desses recém-nascidos. **Objetivos:** Descrever o perfil e as características dos recém-nascidos diagnosticados com microcefalia nascidos no RS durante o período de 2019 a 2024, focado em condições de saúde associadas à microcefalia e fatores relacionados. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal e descritivo, realizado por meio de revisão bibliográfica e consulta a bancos de dados públicos do Governo Federal. Serão analisados: sexo, faixa etária das mães, ocorrência de prematuridade, diagnóstico de Zika vírus e alterações no Sistema Nervoso Central. Os dados técnicos foram obtidos no site oficial do DATASUS, utilizando informações dos Registros de Eventos em Saúde Pública, integrados ao Ministério da Saúde. **Resultados e discussão:** Foram registrados 246 recém-nascidos no RS no período analisado, sendo 142 do sexo masculino, 103 do feminino e 1 sem sexo informado. Entre as mães, 51,2% (126) tinham entre 20 e 30 anos, e 87,8% (216) tiveram gravidez única. Destaca-se que 57,7% (142) dos bebês nasceram abaixo do peso, possivelmente devido à prematuridade associada à microcefalia. Apenas 1,6% (4) tinham diagnóstico laboratorial de Zika, pois a microcefalia, ligada ao vírus, resulta de exposição congênita durante a gestação. Ademais, 29,3% (72) apresentavam alterações do sistema nervoso ou outras condições congênitas; destes, 30,5% (22) não tinham microcefalia, enquanto 68,7% (169) apresentavam apenas essa condição. Historicamente, em 2019 houve 25,2% (62) de casos, enquanto 2024 apresentou 5,2% (13) casos. **Considerações finais:** A partir dos dados descritos observa-se que no RS entre 2019 e 2024, a microcefalia foi mais incidente em recém-nascidos do sexo masculino, nascidos de mães entre 20 e 30 anos com gravidez única, associada a desnutrição como fator de risco, apresentando uma melhora ao longo dos anos. Outrossim, percebe-se a influência da microcefalia no peso dos bebês, alterações congênitas e no Sistema Nervoso Central em decorrência da doença. Desta forma, sugerem-se campanhas de promoção aos cuidados da gestante como o acompanhamento pré-natal e conscientização dos acessos à saúde como forma de prevenir a doença.

Palavras-chave: microcefalia; recém-nascido; incidência.

PREVENÇÃO DAS HEPATITES VIRAIS EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹;
Larissa Vieira Rego Bastos¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Clara Caroline Baptista Souto¹;
Adriana Ávila Moura²

Graduando em medicina pela Universidade Federal do Alagoas; Doutora em Saúde Materno Infantil
pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira ²

ryan.ferreira@famed.ufal.br

Introdução: As hepatites virais, especialmente dos tipos A e B, são um desafio significativo para a saúde infantil devido ao alto risco de cronificação e complicações hepáticas graves quando adquiridas precocemente. A vacinação é uma ferramenta eficaz para a prevenção dessas patologias e está incluída no calendário nacional de imunização; no entanto, a cobertura vacinal no Brasil revela disparidades regionais e sociais, impactando negativamente a eficácia da imunização. Este estudo revisa dados recentes (2019-2023) e explora as barreiras que limitam a adesão à vacinação pediátrica contra hepatites virais. **Objetivo:** Analisar criticamente as barreiras regionais e socioeconômicas que limitam a cobertura vacinal pediátrica contra hepatites virais no Brasil, identificando áreas para melhorias nas políticas de imunização. **Metodologia:** A revisão foi realizada com base em artigos indexados nas bases PubMed, Scielo e em boletins do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS) publicados entre 2019 e 2023. Os estudos incluídos abordam a eficácia da vacinação contra hepatite A e B, desafios de cobertura e os impactos sociais e regionais. **Resultados e Discussão:** O Boletim Epidemiológico de Hepatites Virais (2023) aponta que a cobertura vacinal contra hepatite B em recém-nascidos varia acentuadamente entre regiões brasileiras, sendo menor em áreas rurais e comunidades indígenas. Os dados do DATASUS (2021) mostram que, enquanto em áreas urbanas a cobertura vacinal chega a 95%, em regiões de difícil acesso e baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), as taxas são inferiores a 80%. Concomitante a esses dados, a OMS reforça a importância da imunização neonatal para prevenir a transmissão vertical, mas observa que a infraestrutura insuficiente e a falta de campanhas culturais adaptadas limitam a cobertura vacinal em áreas vulneráveis. Essas disparidades revelam lacunas no sistema de saúde brasileiro e barreiras como a ausência de campanhas educativas para comunidades de baixa renda, infraestrutura precária e dificuldades logísticas em áreas remotas prejudicam a adesão. Além disso, a vacinação contra hepatite A, restrita por faixa etária, deixa algumas populações pediátricas desprotegidas, exigindo uma reavaliação das políticas de saúde pública. **Conclusão:** A análise de dados de 2019 a 2023 mostra que, embora a imunização contra hepatites virais em crianças seja eficaz, a desigualdade no acesso limita seu impacto. Portanto, ampliar campanhas de conscientização, fortalecer a infraestrutura em saúde e adaptar estratégias culturalmente são medidas essenciais para aumentar a cobertura vacinal e proteger as crianças contra hepatites virais.

Palavras-chave: hepatites virais; imunização pediátrica; cobertura vacinal.

A IMPORTÂNCIA DO BRINQUEDO TERAPÊUTICO NO CUIDADO DE CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

Vivian Gabrielly Oliveira Aragão¹; Brenda Silva Souza¹; Elaine Verlane Cardoso Santos¹; Beatriz Diniz Mendonça¹; Fernanda Lima Santana¹; Danilo Feitosa Carvalho¹; Yandra Dirce Nascimento de Castro Guimarães²

Graduando em enfermagem pela Universidade Tiradentes¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe²

viviangabil@hotmail.com

Introdução: A hospitalização pode ser uma experiência traumática para as crianças, frequentemente gerando sentimentos de ansiedade, medo e dificuldades emocionais. Por isso, é essencial que o cuidado hospitalar aborde não apenas as necessidades físicas, mas também as emocionais e sociais. Nesse contexto, o **Brinquedo Terapêutico (BT)** desempenha um papel crucial, auxiliando na adaptação da criança ao ambiente hospitalar, na aceitação do tratamento e na facilitação da comunicação. O BT pode ser dividido em três tipos: Dramático (para expressão emocional), Capacitador de Funções Fisiológicas (para compreensão do corpo e da saúde) e Instrucional (para preparo para procedimentos médicos). Além de ajudar a reduzir a ansiedade, o BT também contribui para um cuidado de enfermagem mais eficaz. Embora o uso do BT já seja empregado em diversos contextos, ainda não há uma aplicação sistemática e amplamente consolidada dessa abordagem nos hospitais. **Objetivo:** Identificar estratégias para facilitar a comunicação, expressão de emoções e preparar a criança para os procedimentos. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura integrativa nas bases de dados Scielo e PubMed, utilizando os descritores Brinquedo Terapêuticos, Hospitalização Infantil e Saúde Mental Infantil. Os critérios de inclusão foram artigos publicados no período de 2016 a 2024, nos idiomas português, inglês e espanhol, com texto completo disponível na íntegra, que abordassem o tema proposto. Foram excluídos artigos duplicados, teses, dissertações e que não abordavam o tema. **Resultados e Discussão:** Foram selecionados ao final da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão 5 artigos. Dentre o que foi visto, percebe-se que o maior enfrentamento é o medo, a dor, a ansiedade, indisposição. Os brinquedos terapêuticos em hospitais têm demonstrado benefícios para as crianças hospitalizadas, tendo um impacto positivo na saúde emocional, psicológica e até física da criança. A capacitação dos profissionais é essencial para o desenvolvimento, também podemos contar com os pais para participar dando um suporte, é essencial que todos sejam incluídos nesse tratamento para um bom resultado. **Considerações finais:** O uso de brinquedos terapêuticos em hospitais é uma estratégia importante para melhorar a experiência das crianças em ambientes médicos, aliviando o estresse e auxiliando na recuperação física e psicológica. Esses brinquedos ajudam na adaptação das crianças aos tratamentos e criam um ambiente mais acolhedor. Para que sejam eficazes, é essencial que os profissionais de saúde sejam bem treinados, que os brinquedos atendam às necessidades individuais de cada criança e que haja continuidade e acessibilidade no uso desses recursos.

Palavras-chave: brinquedos terapêuticos; hospitalização infantil; saúde mental infantil.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA PARA MONITORAMENTO E CUIDADO DE CRIANÇAS ATRAVÉS DA CONSULTA DE PUERICULTURA

Jamilly Ferreira Da Silva¹; Millena Cavalcanti Ramalho²; Rayli Maria Pereira Da Silva³

Graduanda de Enfermagem, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil - Unifacisa, Centro Universitário - Campina Grande/PB, Brasil¹

Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil - Unifacisa, Centro Universitário - Campina Grande/PB, Brasil²

Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/UPE, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil - Unifacisa, Centro Universitário - Campina Grande/PB, Brasil³.

ferreirajamilly22@gmail.com

Introdução: A inteligência artificial é formada por meio de sistemas computacionais, que permitem que as tarefas simples do dia a dia sejam respondidas de maneira mais rápida e funcional. A atenção básica é utilizada como local de descoberta de patologias, a inteligência é usada como suporte para definição dos cuidados aos pacientes, juntamente como extração de informação de sinais e sintomas para doenças. As consultas de puericultura, têm como função primordial de realizar o acompanhamento contínuo na saúde infantil, promovendo o crescimento e desenvolvimento saudáveis, ou seja, possuem um papel preventivo, atuando na identificação precoce de problemas de saúde e na implementação de medidas que reduzam a incidência de doenças na infância, juntamente com a redução dos casos de morbimortalidade da faixa etária. **Objetivo:** Identificar como a inteligência artificial pode ajudar no monitoramento e cuidado de crianças durante a consulta de puericultura. **Metodologia:** O estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica, que teve como questão norteadora: como a inteligência artificial pode ser utilizada como ferramenta para o monitoramento e cuidados de crianças dentro das consultas de puericultura?, realizado no período de setembro a outubro de 2024, a partir das bases de dados LILACS e SCIELO, por meio da aplicabilidade dos DEcS: inteligência artificial, cuidados de crianças e enfermagem, intermediados pelo operador booleano *AND*. Como critérios de inclusão foram utilizados: artigos completos, em idiomas português e inglês, publicados no período de 2014 a 2024. Já os critérios de exclusão foram: aqueles que, após leitura completa, não respondiam ao objetivo proposto. Após a análise dos critérios de inclusão e exclusão, restaram 4 artigos para a elaboração do trabalho. **Resultados e discussão:** A inteligência artificial tem sua área de atuação diversa no âmbito da pediatria, que vai desde a realização de diagnóstico precoce de patologias, por meio de resultados de achados clínicos juntamente com os parâmetros laboratoriais. Contudo, mesmo com diversos benefícios que são encontrados no uso da inteligência, ainda possui um custo elevado, não podendo ser usada em todas as localidades, além disso cabe citar que ainda existe a falta de conhecimento, tornando assim um problema na sua usabilidade. **Considerações finais:** Com a utilização da inteligência artificial dentro das consultas de puericulturas, é possível que aconteça o diagnóstico precoce de doenças, fazendo que o princípio das consultas, que é de ocorrer o desenvolvimento de maneira saudável, juntamente com a descoberta de forma inicial das doenças, seja alcançada de maneira elementar.

Palavras-Chaves: Inteligência Artificial; Puericultura; Enfermagem.

A IMPORTÂNCIA DA TRIAGEM AUDITIVA NEONATAL NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DA PERDA AUDITIVA: UMA ANÁLISE FONOAUDIOLÓGICA

Fernanda Estumano da Silva e Silva¹; Júlia Gabrielly de Sousa Vieira¹; Beatriz Quaresma de Souza¹; Raquel da Silva Albernás¹; Cristiane Guerreiro Pereira Abdul Massih²

Discente do curso Bacharelado em Fonoaudiologia na Universidade do Estado do Pará (UEPA)¹
Docente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade do Estado do Pará (UEPA)²

fernandaestumanosilva@gmail.com

Introdução: A Triagem Auditiva Neonatal (TAN) é um conjunto de exames feitos após o nascimento da criança para a identificação de alterações auditivas. Os exames realizados na TAN são as Emissões Otoacústicas (EOA) e Potencial Evocado Auditivo de Tronco Encefálico (PEATE), nos quais consistem em testes objetivos no período antes da alta hospitalar do bebê. Além disso, a atuação da TAN abrange qualquer criança nascida viva em maternidades. No entanto, a falta da triagem auditiva neonatal no recém nascido (RN) prejudica o diagnóstico precoce de alterações auditivas, portanto podendo comprometer fatores importantes para o desenvolvimento do bebê. **Objetivo:** Analisar os achados sobre a triagem auditiva neonatal e sua importância na detecção precoce da perda auditiva, além de entender a ação fonoaudiológica nesse caso. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão de literatura com bases de dados como Scielo e LILACS, com artigos publicados entre 2019 a 2024. Foram utilizadas palavras-chave como “triagem auditiva neonatal”, “perda auditiva” e “fonoaudiologia” para identificar os estudos relevantes para o tema selecionado. Logo, a seleção dos estudos foi elaborada em dois períodos, sendo o primeiro de leitura dos resumos para escolha e segundo na coleta de dados pertinentes. **Resultados e Discussão:** As pesquisas indicam que a habilidade auditiva é fundamental ao bom desenvolvimento da linguagem e quando há uma interrupção ou perda parcial dessa habilidade, ocorrem as perdas auditivas. A surdez provoca atrasos na aprendizagem e prejuízos psicossociais para a criança, sendo assim o quanto mais cedo for o diagnóstico, mais eficaz será o acompanhamento e intervenção fonoaudiológica desta. Neste sentido, a Triagem auditiva neonatal, como forma de diagnóstico precoce da perda auditiva em recém nascido, evita prejuízos em vários aspectos do desenvolvimento, tais como linguístico, cognitivo e sócio-emocional. Ademais, o fonoaudiólogo é o profissional habilitado e regulamentado para realizar a avaliação auditiva da TAN, bem como a intervenção e reabilitação em casos de surdez. **Considerações Finais:** Portanto, é imprescindível a participação do fonoaudiólogo na realização da Triagem Auditiva Neonatal, uma vez que é extremamente significativa para o diagnóstico e intervenção precoces, tendo em vista que quanto mais rápida a ação interventiva menor será o prejuízo ao desenvolvimento infantil.

Palavras-chaves: triagem auditiva neonatal; perda auditiva; fonoaudiologia.

ATENDIMENTOS DO LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO E RECURSOS PARA A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM TERAPIA OCUPACIONAL

Heloisa Gabriela Tabosa Spinelli¹; Marcus Vinicius Nascimento Oliveira¹; Marina Rodrigues dos Santos Andrade Silva¹; Natallya Fernanda Sales Cavalcanti¹; Thaisa Beatriz de Lima Silva¹; Kauanny Tharcielly da Silva Lima¹; Ana Carollyne Dantas de Lima²

Graduando em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco²

heloisa.spinelli@ufpe.br

Introdução: O “Labirinto atende: Terapia Ocupacional para Crianças e Adolescentes” é um projeto de extensão vinculado ao Laboratório de Investigação e Recursos para Infância e Adolescência em Terapia Ocupacional (LABIRINTO), localizado no Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco. Através desse projeto os discentes envolvidos têm a oportunidade de auxiliar a docente em todo processo de atendimento ao público beneficiado. **Objetivo:** Relatar a prática vivenciada pelos discentes em projeto de extensão: “Labirinto Atende: Terapia Ocupacional para Crianças e Adolescentes” que traz como foco as avaliações e intervenções nos atendimentos da Terapia Ocupacional com o público infantojuvenil. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência baseado na análise das vivências práticas relacionadas aos atendimentos realizados pelo projeto de extensão “Labirinto atende” no período de agosto a novembro de 2024. **Resultados e Discussão:** O projeto de extensão supracitado avalia e atende crianças e jovens com demandas para a Terapia Ocupacional como, por exemplo, suspeitas ou com diagnósticos de Transtorno de Desenvolvimento da Coordenação (TDC) e fomenta pesquisas científicas com os resultados obtidos. Na avaliação, utiliza-se o Movement Assessment Battery for Children-2 (MABC2), cujos objetivos são analisar habilidades nas áreas de destreza manual, mirar e pegar e equilíbrios estático e dinâmico e a Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM), com o objetivo de obter autodeclaração da satisfação e do desempenho em atividades cotidianas. Para os atendimentos, é usada a Cognitive Orientation to Daily Occupational Performance (CO-OP), abordagem centrada no cliente que objetiva a busca de soluções com base em estratégias cognitivas e que possam ser generalizadas para outras áreas da vida diária do usuário. Os atendimentos são realizados seguindo protocolo original da CO-OP, com 12 sessões, sendo as duas primeiras de avaliação. Durante o período de intervenção, o projeto atendeu duas crianças com idades entre 5 e 7 anos, com queixas de habilidades motoras, e suspeita de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Para melhor funcionamento das intervenções, foram necessárias adaptações da CO-OP, com a finalidade de facilitar o engajamento das crianças no processo terapêutico. **Conclusão:** O projeto de extensão “Labirinto atende” tem contribuído tanto para a formação dos discentes, ao proporcionar um espaço de aprendizagem ativa, quanto para a promoção de autonomia e independência das crianças com dificuldade no desenvolvimento de habilidades motoras. Ao final dos atendimentos, foram observadas melhorias significativas nas habilidades motoras, foco e planejamento, ganhos reconhecidos pelas crianças e famílias, que acompanharam ativamente o processo terapêutico.

Palavras-chave: infância; juventude; Terapia Ocupacional.

MANEJO CORRETO NO ALEITAMENTO MATERNO: REVISÃO INTEGRATIVA

Edymara Alves Silva¹; Lais Anieta Alves Teixeira de Souza¹; Estefane Souza Silva¹; Beatriz Diniz Mendonça¹; Fernanda Lima Santana¹; Danilo Feitosa Carvalho¹; Yandra Dirce Nascimento de Castro Guimarães²

Graduando em enfermagem pela Universidade Tiradentes¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe²

edymaraalves@outlook.com

Introdução: Amamentar é muito mais do que nutrir e traz inúmeros benefícios para o binômio mãe-recém nascido. A amamentação previne diarreias, infecções respiratórias, obesidade e doenças crônicas não transmissíveis na idade adulta, além de favorecer o desenvolvimento intelectual da criança. Entre as mães, a amamentação previne câncer de mama e a obesidade pós-parto. Entretanto, a mulher lactante pode apresentar algumas dificuldades no processo de amamentação. **Objetivo:** entender sobre a importância e o manejo correto no aleitamento materno e suas dificuldades. **Metodologia:** Estudo de revisão integrativa, realizado através da coleta nas bases de dados: Scielo e Lilacs, empregando como critérios de busca as seguintes palavras-chaves: “aleitamento” AND “manejo” AND “saúde”. Os critérios de inclusão foram artigos publicados de 2021 a 2022, foram excluídos trabalhos de teses, dissertações e os que não abordassem a temática. Desse modo, por se tratar de um estudo de revisão, não houve a necessidade de submissão ao comitê de ética. **Resultados e Discussão:** O aleitamento materno exclusivo é recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde (MS), por um período de seis meses pós-parto e complementado até os dois anos ou mais. Entretanto, o desmame precoce acontece por conta de dificuldades que aparecem nos primeiros contatos e experiências com a amamentação, como o atraso da descida do colostro, dor nas mamas, dificuldade no posicionamento da pega correta dos bebês, entre outras questões que podem dificultar esse processo no pós parto. Para acontecer o manejo correto do aleitamento materno é necessário a junção de vários fatores, conhecimento da própria mãe, orientação dos profissionais de saúde, apoio familiar e emocional. A falta de algum deles dificulta a correção das desordens de sucção do bebê, o estímulo de leite, técnica de mama incorreta, sendo ela feita corretamente com a ampla abertura da boca do bebê pegando toda a aréola e sempre observando o movimento da bochecha da criança. **Considerações finais:** O apoio dos profissionais de saúde desde o pré-natal até o pós parto, na unidade de saúde, nas visitas domiciliares, nas rodas de conversa, é primordial para o sucesso da amamentação e para a identificação dos problemas iniciais relacionados às principais intercorrências dessa prática.

Palavras-chave: aleitamento; manejo; saúde.

A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA PREVENÇÃO DE DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Evenlly de Moura Moraes¹; Gabriela Brito da Silva¹; Millena Cavalcanti Ramalho²; Rayli Maria Pereira da Silva³.

Graduanda de Enfermagem, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil - Centro Universitário UNIFACISA - Campina Grande-PB, Brasil¹

Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB²

Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/UEP³

evenlly.morais@maisunifacisa.com.br¹

Introdução: A alimentação desempenha um papel fundamental tanto na prevenção quanto nos fatores de risco nas doenças crônicas não transmissíveis, visto que os hábitos alimentares podem influenciar diretamente na saúde das crianças e adolescentes. A prática da má alimentação tem se tornado um fator preocupante, pois a longo prazo, podem trazer consequências associadas aos prejuízos à saúde, tornando comum doenças como obesidade, diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares nessa faixa etária. A partir disso, vale ressaltar a importância de como uma dieta equilibrada pode reduzir consideravelmente os riscos de desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis na infância e adolescência. **Objetivo:** Analisar como a alimentação pode influenciar na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis em crianças e adolescentes, e destacar como hábitos alimentares saudáveis podem reduzir os riscos dessas condições. **Metodologia:** A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão bibliográfica a partir das seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde/LILACS e Scientific Electronic Library Online, por meio da aplicabilidade do DECS. Foram utilizados os seguintes descritores para pesquisa: alimentação saudável, prevenção, pediatria e doenças crônicas não transmissíveis, associados ao operador booleano “and”. Os critérios de inclusão foram artigos publicados no período de 2019-2024, textos completos e em outros idiomas, além do português. Quanto aos critérios de exclusão, não foram utilizados artigos publicados antes do ano de 2019, e que não possuísem texto completo. Após análise, foram localizados 36 artigos, mas somente 6 atenderam aos requisitos expostos. **Resultados e discussões:** A obesidade é um problema de saúde pública já conhecido, mas muitas vezes, desconhecido quando afeta crianças e adolescentes. No Brasil, políticas públicas são implementadas para reduzir os danos gerados pelo desenvolvimento desta doença no público infante-juvenil e estimular a alimentação saudável. Segundo Pimenta et al, a obesidade infantil é preocupante, pois se mantida a longo prazo, consequências prejudiciais à saúde estarão presentes na vida adulta. É possível observar que esta problemática também afeta o cenário econômico do país, uma vez que, altos custos são gerados com atendimentos ambulatoriais, hospitalares e laboratoriais, em decorrência dos agravos da obesidade. As pesquisas inferem que o estilo de vida e alimentação corroboram com o surgimento de doenças crônicas não transmissíveis. **Considerações finais:** É importante promover a educação em saúde para este público sobre a alimentação saudável e seus benefícios. Além disso, é necessário que a equipe de saúde esteja avaliando de forma preventiva o índice de massa corporal de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Alimentação Saudável; Prevenção; Doenças Crônicas Não Transmissíveis; Crianças e Adolescentes.

LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO E RECURSOS PARA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM TERAPIA OCUPACIONAL

Marina Rodrigues dos Santos Andrade Silva¹; Heloisa Gabriela Tabosa Spinelli¹; Júlia Evelyn de França Moraes¹; Kauanny Tharcielly da Silva Lima¹; Marcus Vinicius Nascimento de Oliveira¹; Thaisa Beatriz de Lima Silva¹; Raquel Costa Albuquerque²

Graduandos em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Pernambuco¹, Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco²

marina.rsasilva@ufpe.br

Introdução: O Laboratório de Investigação e Recursos para Infância e Adolescência em Terapia Ocupacional (LABIRINTO), surgiu no ano de 2019 no Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, com a iniciativa de docentes e discentes. Atualmente possui núcleo na Universidade Federal de Pernambuco e vínculo com a Universidade McGill no Canadá. Tem por fundamento explorar recursos e abordagens de tratamento para Terapia Ocupacional nas áreas da infância e adolescência, a partir da realização de ações de pesquisa, ensino e extensão. É composto por docentes coordenadores, colaboradores, profissional colaboradora e discentes do curso de Terapia Ocupacional. **Objetivo:** Apresentar contribuições do laboratório para formação dos estudantes de Terapia Ocupacional na área da infância e adolescência e para a comunidade beneficiada pelos projetos de extensão e pesquisa. **Metodologia:** Trata-se de uma apresentação de laboratório de ensino, pesquisa e extensão, realizado da análise documental dos arquivos do LABIRINTO e de artigos científicos como suporte teórico para fomentação dos estudos. **Resultados e Discussão:** O LABIRINTO possui uma equipe de quatro docentes, quinze discentes, distribuídos em três equipes de trabalho para divulgações das ações do laboratório, participação em pesquisas e extensões. As equipes desenvolvem atividades de ensino através de grupos de estudo, com foco na prática e nos instrumentos de avaliação utilizados pela Terapia Ocupacional. O Laboratório oferece dois projetos de extensão: “Labirinto atende: Terapia Ocupacional para crianças e adolescentes”, que oferece atendimento terapêutico ocupacional para crianças e adolescentes com queixas em atividades motoras e dificuldade no desempenho ocupacional diário. E o “Labirinto avalia: Avaliação para promoção do desenvolvimento de crianças e adolescentes”, que está sendo implementado para oferecer um serviço de avaliação padronizada do desenvolvimento infantojuvenil, e orientação familiar para crianças e adolescentes com atrasos, transtornos e deficiências. Além dos projetos de extensão, o Labirinto apresenta uma linha de produção científica, com elaboração e submissão de trabalhos para congressos, projetos de iniciação científica, orientação dos trabalhos de conclusão de cursos dos alunos participantes do laboratório e publicações de artigos em periódicos nacionais e internacionais. **Conclusão:** O LABIRINTO mostra-se importante na formação de profissionais que atuam na área infantojuvenil, pois integra prática e teoria, promove a construção de conhecimentos fundamentados e baseados em evidências científicas para uma atuação mais capacitada e sensível às especificidades do público-alvo. Portanto, o LABIRINTO destaca-se como uma iniciativa promissora, com potencial para ampliar seu alcance, fortalecer pesquisas e estabelecer-se como referência na formação de futuros profissionais da Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: formação; infantojuvenil; Terapia Ocupacional.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jackeline Pinheiro Pantoja¹; Gustavo Santiago Monteiro²; Cristal Ribeiro Mesquita³

Enfermeira graduada pelo Centro Universitário da Amazônia¹, Graduando pelo Centro Universitário da Amazônia²; Doutora em Biologia Parasitária³

jackelinepinheiro4012@gmail.com

Introdução: O Acidente Vascular Encefálico (AVE) é uma doença que atinge o sistema circulatório e nervoso, tal que se caracteriza pelo rompimento ou entupimento dos vasos sanguíneos na região cerebral, impedindo a passagem do sangue, deixando uma parte do encéfalo sem irrigação sanguínea, logo, sem oxigênio, o que causa lesões, as quais são chamadas popularmente de derrame. Existem dois tipos de AVE: o AVE Isquêmico e o Hemorrágico, tal que se caracterizam pela obstrução do vaso sanguíneo e pelo extravasamento do sangue para a região encefálica, respectivamente. Sendo que o quadro mais grave dessa enfermidade é quando ocorre o AVE Hemorrágico. Apesar de ser uma doença grave, os sinais e sintomas iniciais da mesma podem confundir com outra patologia as pessoas leigas, o que prorroga o atendimento da vítima em serviços de urgência emergência, complicando ainda mais o prognóstico do paciente. **Objetivo:** Relatar a experiência de educação em saúde com alunos do ensino médio sobre o acidente vascular encefálico. **Metodologia:** Refere-se a um relato de experiência de discentes do curso de enfermagem em um projeto de extensão sobre primeiros socorros. A educação em saúde foi realizada com alunos do ensino médio em uma escola pública. **Resultados e Discussão:** realizou-se uma aula expositiva sobre assunto, a qual contemplou os seguintes temas: “o que é um AVE, quais os sinais e sintomas, como identifica-lo e quais medidas imediatas devem ser tomadas para aumentar a sobrevivência da vítima”, os alunos foram ensinados a reconhecer os sinais com base no quadro SAMU que significa Sorriso, Abraço, Mensagem e Urgência, tal que ele analisa a expressão, a força, a fala e a necessidade de se encaminhar ao serviço de urgência imediatamente, o que melhora o prognóstico da vítima acometida. O corpo discente da instituição foi muito receptivo com os palestrantes, demonstrando interesse no projeto sobre as práticas de primeiros socorros. Ademais, foram muito atenciosos na apresentação e tiveram as dúvidas que surgiam no decorrer da ação sanadas. **Conclusão:** É inegável que abordagens nesse âmbito são de grande importância para a sociedade, na medida em que noções básicas de primeiros socorros aplicadas às vítimas de acidente tendem a aumentar a sobrevivência desse indivíduo, reduzindo os índices de mortalidade nesse cenário. Por essa razão, entende-se como necessário o incentivo a continuidade dessas ações, sinalizando como objetivo primordial a disseminação dessas práticas pré-hospitalares dentro a camada social.

Palavras-chave: Educação em saúde, Primeiros socorros, Acidente vascular encefálico.

REFERÊNCIAS:

CAVALCANTI, A. J. C. A et al. Um guia sobre Acidente Vascular Encefálico (AVE). João Pessoa: editora do CCTA, 2022. E-book.

A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA O BEM-ESTAR DA POPULAÇÃO

Cláudia Lisboa Dias¹; Beatriz Neves Guedes²; Maryana Viana dos Santos³; Steffanny Geovanna da Silva⁴; Katherine Rios Almeida Pedreira⁵.

Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste; Docente no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁵.

claudinhalisboa2016@gmail.com

Introdução: A educação em saúde desempenha um papel fundamental na promoção do bem-estar e na prevenção de doenças, buscando melhorar as condições de vida e saúde das comunidades. Ao munir os indivíduos com conhecimentos sobre cuidados preventivos, hábitos saudáveis e comportamentos responsáveis, a educação em saúde não apenas fortalece-os, mas também contribui para o desenvolvimento sustentável das sociedades. Além disso, proporciona a redução das desigualdades sociais, uma vez que populações mais informadas tendem a fazer escolhas mais saudáveis. **Objetivo:** Destacar a grande importância da educação em saúde para a população, enfatizando seu impacto na conscientização e no preparo dos cidadãos para tomar decisões acertadas sobre sua saúde. **Metodologia:** Esta pesquisa consiste em uma revisão integrativa de literatura, realizada em novembro de 2024. A pesquisa inicial foi conduzida utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) relacionados às palavras "Educação em Saúde", "Importância", "População" e "Saúde", combinadas pelo operador booleano "AND". As bases de dados utilizadas foram MEDLINE e LILACS, disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os critérios de inclusão abrangeram artigos que abordassem o escopo do estudo, publicados integralmente em português, dentro do intervalo temporal de 2019 a 2024. Após as buscas, foram identificados e selecionados três trabalhos que compuseram esta revisão. **Resultados e Discussão:** A educação em saúde é uma ferramenta incisiva e relevante em saúde pública, promovendo a disseminação de informações à sociedade e proporcionando um espaço para conhecimento e esclarecimento de dúvidas. Por meio de estratégias educativas como campanhas de conscientização, programas escolares, grupos de apoio e uso de mídias sociais, é possível alcançar diferentes públicos e adaptar as mensagens conforme as necessidades. As evidências mostram que intervenções educacionais podem levar a mudanças significativas no comportamento da população, resultando na adoção de estilos de vida mais saudáveis. Esses aspectos ressaltam a importância do enfermeiro como um agente-chave no processo de integração, conscientização e cuidado. O papel do enfermeiro se estende à formação de parcerias com outras instituições e profissionais da saúde para maximizar o alcance das iniciativas educativas. **Conclusão:** Portanto, fica claro que o compartilhamento de conhecimento e a educação em saúde desempenham um papel crucial na melhoria do bem-estar da população. Além disso, essa abordagem ajuda a prevenir doenças e promove a saúde de forma eficaz. Investir em programas de educação em saúde é fundamental para criar comunidades mais saudáveis e informadas, contribuindo assim para um sistema de saúde mais eficiente e equitativo.

Palavras-chave: educação em saúde; importância; população.

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO FRENTE A IDENTIFICAÇÃO PRECOCE E TRATAMENTO DA ICTERÍCIA NEONATAL

Vitória Maria Menezes Souza¹; Maria Eduarda Melo Veiga¹; Julia Adrielly Vieira Coelho¹; Juliane Lima de Andrade¹; Brenda Silva Souza¹; Elaine Verlane Cardoso Santos¹; Yandra Dirce Nascimento de Castro Guimarães².

Graduando em enfermagem pela Universidade Tiradentes¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe²

Vitoriaamenezes28@gmail.com

Introdução: A hiperbilirrubinemia neonatal, também conhecida como icterícia neonatal, decorre da presença anormal de pigmentos biliares na corrente sanguínea em recém-nascidos (RN), podendo apresentar etiologia fisiológica ou patológica. A icterícia fisiológica ocorre entre o segundo e terceiro dia de vida do bebê e é muito comum em recém-nascidos, sendo cerca de 60% dos recém-nascidos a termo e 80% dos prematuros. Enquanto a patológica manifesta nas primeiras 24 horas de vida e indica um problema subjacente, que necessita de identificação precoce e tratamento, uma vez que pode desenvolver complicações graves, como a Encefalopatia bilirrubínica (EBA). Diante do exposto, o enfermeiro possui papel fundamental na identificação e tratamento da icterícia neonatal, por ser o profissional que atua na linha de frente do cuidado com o recém-nascido, especialmente nas primeiras horas após o nascimento, período crítico para o surgimento da condição. **Objetivo:** Descrever a atuação do enfermeiro na identificação precoce da icterícia neonatal. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, a busca foi realizada nas bases de dados Scielo e Lilacs, utilizando os seguintes descritores em português: Enfermagem, icterícia e neonatal. Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos artigos foram: estudos disponíveis na íntegra, publicados em português, que abordassem a temática nos últimos cinco anos. Como critérios de exclusão, foram adotados artigos duplicados e que não se encaixam na temática. **Resultados e Discussão:** Foram utilizados três artigos científicos e uma obra de referência técnica como base para o presente estudo, nos quais destacam a importância da atuação do enfermeiro na identificação precoce, prevenção e tratamento da icterícia neonatal. Nessa perspectiva, enfatizam a relevância do monitoramento clínico e do uso de ferramentas para detectar precocemente a condição e prevenir complicações graves, como kernicterus. Assim, é importante reforçar o papel da enfermagem em medidas preventivas e no manejo terapêutico. **Conclusão:** É de extrema importância a atuação do enfermeiro nesse cenário, visto que a detecção da icterícia inicia-se a partir da avaliação e monitoramento do RN, bem como o acolhimento e preparo do paciente para a realização do tratamento e dos equipamentos utilizados para fototerapia. O tratamento adequado é definido após a determinação do tipo e da intensidade da icterícia, sendo a fototerapia a terapêutica padrão, eficiente e não invasiva. Por fim, é válido destacar a importância da assistência da equipe de enfermagem ao tratamento do RN, considerando que o cuidado integral e humanizado é essencial para um bom resultado.

Palavras-Chave: enfermeiro; icterícia; neonatal.

ALTA PREVALÊNCIA DE DIETA INADEQUADA E SEDENTARISMO: UM ALERTA PARA DOENÇAS METABÓLICAS EM ADOLESCENTES BRASILEIROS

Vitor Gabriel Soares Araujo¹; Fabricio de Lima Gontijo¹; Fernanda Gomes Camilo¹; Maria Eduarda Oliveira Diniz², Yasmin Nicole Vieira Teixeira¹; Lídia Duarte Costa³

Graduando em medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais¹, Graduando em medicina pelo Centro Universitário FAMINAS – Muriaé², Médica e Professora da Universidade Federal de Minas Gerais³

vitorgabriel04.sa@gmail.com

Introdução: Os distúrbios metabólicos (DMB), como as dislipidemias e a diabetes mellitus, vem ascendendo na pediatria hodiernamente, mantendo relação com sedentarismo, obesidade, dietas ricas em carboidratos e gorduras. O cenário preocupa, pois segundo o Observatório de Saúde da Infância, um em cada três adolescentes brasileiros (ADBR) tem sobrepeso ou obesidade. Mesmo com o exposto, há uma carência de estudos que avaliem a alimentação e prática de atividades físicas (AF) pelos ADBR. **Objetivo:** Reconhecer o padrão alimentar e de atividade física dos ADBR, possibilitando propor medidas de intervenção para mitigar as DMB nessa população. **Metodologia:** Estudo transversal usando dados secundários do Estudo Nacional de Saúde do Escolar - 2019 feito pelo Ministério da Saúde. Elaboramos análises descritivas, com distribuições absolutas, percentuais e medidas estatísticas relativas aos parâmetros de interesse para avaliação da alimentação e AF, com alvo em brasileiros de 13 aos 19 anos de todas as regiões do Brasil. **Resultados e Discussão:** Considerando uma amostra de 159.245 adolescentes, encontramos que 31,92% consomem guloseimas doces (GD), 15,86% refrigerantes em mais de 5 dias por semana (>5DS) e 46,13% consomem algum tipo de *fast-food* pelo menos uma vez na semana (FF1S). Em relação às AF, 33,54% não as fazem semanalmente fora da escola, dos que fazem 32,57% praticam menos de 30 minutos por dia (<30MD). Dos jovens que fazem <30MD de AF, 29,99% consomem GD, 15,39% refrigerantes em >5DS e 45,69% comem FF1S. Compreende-se que a alta ingestão de bebidas açucaradas e alimentos com alto teor de gordura, como as GD, refrigerantes e o *fast-food*, tem associação positiva com os DMB, as frequências críticas encontradas no estudo aludem um alarme sobre os ADBR. Ademais, a Organização Mundial da Saúde recomenda, a essa faixa etária, 60 minutos/dia de AF, entretanto observou-se um percentual significativo de adolescentes que não as fazem ou que realizam por tempo insuficiente, além de jovens que apresentam alimentação inadequada e sedentarismo combinados, o que corrobora o desenrolar das DMB. **Conclusão:** Esse quadro está relacionado ao desenvolvimento precoce das DMB, por diversos mecanismos, consideramos necessária a adoção de uma abordagem integrada e multifatorial, com a promoção de hábitos alimentares saudáveis e à prática de AF, desde o ambiente escolar e extraescolar, visando reverter a tendência crescente de DMB nos ADBR, que podem evoluir para a vida adulta causando complicações que reduzem a expectativa de vida.

Palavras-chave: dieta; comportamento sedentário; adolescente.

A IMPORTÂNCIA DA NOTIFICAÇÃO COMPULSÓRIA DOS CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL E SUA RELAÇÃO COM A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Maria Jaqueline Reis Almeida Rodrigues¹; Camila Freire Barreto²; Duanne Marcella Carvalho Pereira³; Séphora Juliana dos Santos³; Vanessa Meneses Costa⁴; Maria do Socorro Lobato Miranda⁵,
Fernanda Rodrigues de Santana Góes⁶

Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Sergipe¹, Mestranda em Saúde da Família pela Universidade Federal de Sergipe², Enfermeira pela Universidade Federal de Sergipe³, Mestre em Nutrição pela Universidade Federal de Sergipe⁴, Assistente Social pela Universidade Federal do Pará⁵, Assistente Social pela Universidade Federal de Sergipe⁶

coscria.saudesc@gmail.com

Introdução: A gravidez na adolescência é um tema pertinente no âmbito da saúde reprodutiva brasileira, diante da alta prevalência e morbimortalidade de mulheres nessa faixa etária. Estudos mostram que quanto menor a idade do início da vida sexual, maiores serão as chances de ocorrerem prejuízos à saúde. Diante disso, a legislação determina que realizar conjunção carnal ou praticar ato libidinoso com ou na presença de um menor de 14 anos é crime sexual contra vulnerável, independente de consentimento. Sendo assim se faz importante a notificação dos casos confirmados ou presumidos de violência sexual para o cuidado integral de crianças e adolescentes. **Objetivo:** Descrever a experiência de realização de uma atividade sensibilizadora voltada para profissionais de saúde, com foco na importância da notificação compulsória de casos de violência sexual em São Cristóvão. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência sobre a realização de uma atividade de Educação Permanente sobre a notificação compulsória de Violência Sexual a partir da identificação dos casos de gravidez em idade precoce por meio dos dados analisados no Sistema de Informação de Agravos e Notificação. **Resultados e Discussão:** Em São Cristóvão, no período de 2020 a 2023, houveram 706 gestantes adolescentes, sendo 37 com idade entre 10 a 14 anos e 669 com idade entre 15 e 19 anos. Diante o número expressivo de gravidez na faixa etária entre 10 a 14 anos, foi analisado o quantitativo de notificações de casos de violência sexual nessa faixa etária no período, sendo encontrado no sistema 16 casos de notificações compulsórias de violência. Diante da gravidade da gestação em idade precoce se faz importante ações de prevenção, promoção e atenção à saúde desse público, um dos temas elencados na Jornada de Vigilância em Saúde foi Sistema de Informação, Notificação Compulsória das Doenças e Agravos e Vigilância das Violências, com enfoque na notificação compulsória de Violência Sexual. A jornada contou com a participação de 217 trabalhadores da Atenção Primária à Saúde. A partir disso, foram analisados dados epidemiológicos em conjunto, discutindo casos clínicos com a proposta de apresentar, discutir e reforçar os encaminhamentos devidos e as condutas de proteção às usuárias. **Conclusão:** Foi perceptível a importância do olhar voltado a Educação Permanente com foco na notificação de casos confirmados ou presumidos de violência sexual. Assim, proporcionando um enfoque no cuidado integral de crianças e adolescentes, para que assim possa ser oferecido um atendimento rápido, acolhedor e qualificado.

Palavras-chave: gravidez na adolescência; notificação compulsória de abuso; saúde pública.

DOENÇAS PREVALENTES NA INFÂNCIA: MANEJO DA ASMA

Estefane Souza Silva¹; Beatriz Diniz Mendonça¹; Fernanda Lima Santana¹; Danilo Feitosa Carvalho¹;
Maria Eduarda Melo Veiga¹; Julia Adrielly Vieira Coelho¹; Maria Laura Cruz Vieira Oliveira²

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Tiradentes de Aracaju¹, Graduada em Enfermagem
pela Universidade Tiradentes²

estefanes548@gmail.com

Introdução: A asma é uma doença de natureza heterogênea, geralmente caracterizada por uma inflamação crônica nas vias aéreas. Seus sintomas típicos incluem sibilo, falta de ar, opressão no peito e tosse, que podem variar em intensidade e frequência ao longo do tempo, estando associados a uma limitação variável do fluxo de ar nas vias respiratórias. É uma das doenças mais prevalentes que afetam o aparelho respiratório na infância, desempenhando um papel significativo na morbidade dessa faixa etária. **Objetivo:** Elucidar sobre o manejo da enfermagem frente a um paciente asmático na pediatria. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de caráter qualitativo, abordando dados pertinentes ao tema, como: conceito, diagnóstico e a assistência de enfermagem. Foram realizadas buscas nas bases de dados da PubMed e *Scientific Electronic Library Online*, utilizando conforme os Descritores em Ciências da Saúde: asma, pediatria e enfermagem ligadas pelo operador booleano “AND”. Os critérios de inclusão foram artigos publicados de 2020 a 2024, com texto completo disponível em português e foram excluídos todos que não abordassem a temática. **Resultados e Discussão:** Dentre 20 artigos encontrados a partir da metodologia utilizada, foram escolhidos 3 para discussão e embasamento deste estudo. Para obter o diagnóstico da asma é feito uma anamnese detalhada, exame físico completo e alguns testes de função pulmonar, como espirometria e avaliação do Pico de Fluxo Expiratório. Crianças com asma recorrem mais frequentemente a cuidados de saúde, apresentando taxas mais elevadas de hospitalizações, visitas a departamentos de emergência e consultas ambulatoriais, por isso torna-se importante que o enfermeiro esteja devidamente preparado para planejar as intervenções de enfermagem adequadas ao usuário. O enfermeiro desempenha um papel fundamental tanto no cuidado direto quanto na prevenção de complicações em pacientes com asma. Nesse contexto, o Processo de Enfermagem se destaca como uma ferramenta científica essencial para a prática do enfermeiro, funcionando como um instrumento valioso de planejamento e organização no cuidado em enfermagem. **Conclusão:** Para crianças diagnosticadas com asma, a intervenção da equipe de enfermagem deve incluir orientações para a família e cuidadores, abordando temas que os capacitem a gerenciar a doença, visando a prevenção de crises e a atuação rápida durante episódios agudos. Através disso, as intervenções de enfermagem ajudam a promover um maior entendimento da asma, incentivando mudanças nos comportamentos e atitudes de todos os envolvidos. Com isso, busca-se controle efetivo da asma infantil e, de maneira geral, a promoção da saúde da criança e da família.

Palavras-chave: asma; enfermagem; infância.

DESAFIOS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM FRENTE AOS CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS

Juliane Lima de Andrade¹; Estefane Souza Silva¹, Beatriz Diniz Mendonça¹, Fernanda Lima Santana¹, Danilo Feitosa Carvalho¹, Maria Eduarda Melo Veiga¹, Elisângela Ferreira Minari².

Graduanda em enfermagem pela Universidade Tiradentes - Unit¹, Mestre em Educação e Especialista em Neonatologia e Pediatria².

enf.julianeandrade@gmail.com

Introdução: Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) os cuidados paliativos referem-se a uma assistência interdisciplinar que envolve cuidados totais, ativos e integrados, implementados quando a doença não responde a tratamentos curativos. Esse tipo de assistência visa tratar a dor e outros sintomas, fornecendo também apoio psicossocial e espiritual, que se estende aos familiares. A atuação da enfermagem em cuidados paliativos pediátricos (CPP) enfrenta diversos desafios, como, a falta de formação específica na área, resistência cultural e institucional, e a necessidade de um cuidado mais humanizado. **Objetivo:** Identificar os principais desafios enfrentados pela equipe de enfermagem no atendimento aos cuidados paliativos pediátricos. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada através das bases de dados SciELO, LILACS e BDENF usando os descritores: "enfermagem", "cuidados paliativos" e "pediatria", conforme os Descritores em Ciências da Saúde. A pesquisa foi realizada em novembro de 2024 e teve como critérios de inclusão: estudos publicados nos últimos 5 anos, disponíveis na íntegra e em português. Foram excluídas monografias, dissertações, teses e artigos que não abordassem a temática. **Resultados e Discussão:** Dentre 9 artigos encontrados, foram selecionados 4 para análise. Os estudos revelaram que, embora a equipe de enfermagem reconheça a importância dos cuidados paliativos pediátricos, a implementação enfrenta inúmeras barreiras. Um dos principais desafios é a percepção equivocada de que os CPP estão exclusivamente associados ao estágio terminal da vida. Essa visão limita sua adoção em casos de crianças com doenças crônicas e potencial de sobrevida prolongada. Outro obstáculo significativo é a carência de formação acadêmica especializada, já que poucos profissionais possuem acesso à capacitação específica sobre o tema. Para superar essas barreiras, é indispensável investir em educação permanente para os profissionais de saúde e adotar um modelo de cuidado que vá além do alívio da dor física, abrangendo também as necessidades emocionais e espirituais das crianças e suas famílias. A comunicação eficaz e o envolvimento familiar são cruciais para garantir um atendimento humanizado. **Conclusão:** Apesar de sua relevância, os cuidados paliativos pediátricos enfrentam desafios como a falta de capacitação e a visão restrita de sua finalidade. Além disso, os cuidados paliativos pediátricos devem ser entendidos como um processo abrangente e contínuo, que se inicia com o diagnóstico clínico, acompanha toda a trajetória de vida da criança e inclui o apoio à família nas fases subsequentes.

Palavras-chave: enfermagem; cuidados paliativos; pediatria.

INFECÇÃO POR ESCHERICHIA COLI EM CRIANÇAS: MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO

Karen Cristine Silva de Jesus Torres¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

Karen.torres@famed.ufal.br

Introdução: A *Escherichia coli* (*E. coli*) é uma bactéria presente no trato intestinal humano, com diversas cepas patogênicas associadas a infecções, especialmente em crianças. Essas infecções podem causar diarreia, infecções urinárias, síndrome hemolítico-urêmica (SHU) e até morte, dependendo da cepa envolvida. Entre as cepas mais preocupantes está a *E. coli* O157:H7, responsável por infecções intestinais graves e complicações renais. **Objetivo:** Este estudo revisa a literatura sobre infecções por *E. coli* em crianças, abordando as manifestações clínicas, os impactos da infecção e as estratégias de prevenção, com foco em minimizar o risco de transmissão. **Método:** Foram analisados artigos publicados entre 2017 e 2023 nas bases de dados PubMed e Google Scholar, utilizando os termos de busca *E. coli infection in children*, *Escherichia coli clinical outcomes*, *Shiga toxin-producing E. coli prevention of E. coli infections*, combinados com o operador booleano AND. Os critérios de inclusão contemplaram artigos em inglês ou português, publicações no período delimitado e estudos que abordassem manifestações clínicas, impacto e prevenção. Excluíram-se artigos duplicados, fora do período ou sem dados relevantes para o escopo desta revisão narrativa da literatura. A busca inicial retornou 172 artigos, dos quais 22 foram selecionados após aplicação dos critérios supracitados. A seleção foi realizada por dois pesquisadores distintos e as divergências resolvidas em consenso. **Resultados e discussão:** As infecções por *E. coli* em crianças manifestam-se frequentemente por diarreia aquosa ou sanguinolenta, cólicas abdominais e febre. A SHU, complicação grave associada a cepas como a O157:H7, caracteriza-se por insuficiência renal aguda, anemia hemolítica e trombocitopenia, podendo ser fatal. A prevenção envolve práticas de higiene, como lavar as mãos antes das refeições e após usar o banheiro, e consumo seguro de alimentos, evitando carnes mal cozidas e água contaminada. Embora não exista vacina amplamente disponível, a educação em saúde e o controle sanitário têm reduzido significativamente os casos em áreas de risco. **Conclusão:** As infecções por *E. coli* em crianças são uma preocupação de saúde pública devido ao risco de complicações graves, como a SHU. A prevenção, baseada em higiene e segurança alimentar, é fundamental para reduzir a incidência. Programas de educação em saúde e fortalecimento das práticas sanitárias são essenciais para controlar a doença.

Palavras-chave: *escherichia coli*; infectologia; saúde da criança.

BRONQUIOLITE VIRAL AGUDA EM CRIANÇAS: EPIDEMIOLOGIA, TRATAMENTO E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO

Karen Cristine Silva de Jesus Torres¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

Karen.torres@famed.ufal.br

Introdução: A bronquiolite viral aguda (BVA) é uma infecção respiratória comum em crianças menores de 2 anos, especialmente durante os meses de inverno. A principal causa é o vírus sincicial respiratório (VSR), que pode levar a uma obstrução das vias aéreas menores, gerando dificuldades respiratórias. Embora a maioria dos casos tenha evolução benigna, alguns podem evoluir para formas graves, requerendo hospitalização. A prevenção e o manejo adequado da BVA são cruciais, uma vez que a infecção tem implicações significativas na saúde infantil. **Objetivo:** Revisar os principais aspectos epidemiológicos, clínicos e terapêuticos da bronquiolite viral aguda, com foco na profilaxia e no tratamento das formas graves. **Método:** Considerou-se os artigos publicados entre 2017 e 2023 nas bases de dados PubMed e Scopus. Termos de busca: *bronchiolitis, respiratory syncytial virus, treatment of bronchiolitis e prevention of bronchiolitis*, combinados com o operador booleano AND. Critérios de inclusão: artigos originais, revisões sistemáticas e diretrizes publicadas em inglês ou português. Excluídos: artigos duplicados, fora do período de análise ou que não apresentassem relevância direta para os objetivos do estudo. Inicialmente, a busca resultou em 297 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 17 estudos foram selecionados. **Resultados e discussão:** A BVA é mais prevalente em lactentes, sendo o VSR o agente etiológico responsável por até 80% dos casos. A infecção causa inflamação e obstrução das vias aéreas pequenas, levando a sintomas como tosse, dificuldade respiratória e estertores. Embora a maioria dos casos evolua de forma autolimitada, em aproximadamente 2% das crianças, a doença pode ser grave, exigindo internação, oxigenoterapia e, em casos extremos, ventilação mecânica. O tratamento é principalmente sintomático, com o uso de oxigênio e fluidos. O uso de broncodilatadores e corticoides não tem mostrado benefícios significativos. A profilaxia com o anticorpo monoclonal palivizumabe tem sido indicada para crianças em alto risco, como aquelas com cardiopatias congênitas ou prematuridade, e tem demonstrado redução de hospitalizações. Contudo, o alto custo da medicação limita seu uso em larga escala. Embora a vacinação contra o VSR ainda esteja em fase de desenvolvimento, ela representa uma promessa futura na prevenção da BVA. **Conclusão:** A BVA continua a ser uma das principais causas de hospitalização em crianças pequenas, com o VSR sendo o principal agente etiológico. O tratamento é essencialmente sintomático, e a profilaxia com palivizumabe é eficaz em populações de risco. A vacinação contra o VSR é uma esperança para o futuro.

Palavras-chave: bronquiolite; infectologia; saúde da criança.

MORTALIDADE POR INFECÇÃO MENINGOCÓCICA NAS REGIÕES DO BRASIL - UM ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Larissa Vieira Rego Bastos¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

luis.brito@famed.ufal.br

Introdução: As mortes por infecção meningocócica em pacientes pediátricos são um grave problema de saúde no Brasil. A *Neisseria meningitidis* afeta principalmente crianças, com surtos variando por região. A taxa de mortalidade é alta, especialmente quando o diagnóstico e tratamento são tardios. O estudo epidemiológico é crucial para entender a distribuição da doença e aprimorar as estratégias de prevenção e controle. **Objetivo:** Realizar um estudo epidemiológico sobre a mortalidade por infecção meningocócica em pacientes pediátricos nas regiões do Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo que analisou a mortalidade por infecção meningocócica em pacientes pediátricos de 0 a 14 anos no Brasil, de 2020 a 2023. Os dados foram obtidos do Departamento de Informática do SUS (DATASUS), usando o TABNET, com filtros relativos ao sexo e à cor/raça. **Resultados e Discussão:** Entre 2020 e 2023, foram registradas 173 mortes de crianças e adolescentes por infecção meningocócica no Brasil. A maior parte dos óbitos ocorreu na região Sudeste, que concentrou 59,54% (n=103) dos casos, enquanto as regiões Centro-Oeste e Norte registraram as menores taxas, com 6,93% (n=12) cada. A elevada incidência no Sudeste pode ser atribuída à maior densidade populacional e urbanização, fatores que favorecem a transmissão da meningite em áreas urbanas. Além disso, a vigilância epidemiológica mais eficiente nessa região pode explicar o maior número de notificações. Em relação ao sexo, 50,87% (n=88) dos óbitos foram de meninos, com predominância em quase todas as regiões, exceto no Nordeste, onde 56% (n=14) das mortes ocorreram entre meninas. Essa maior suscetibilidade dos meninos é observada na literatura, apesar de alguns autores não terem observado causa específica para tal predomínio. Quanto à cor/raça, 94,22% (n=163) dos casos registraram essa informação. A maior prevalência foi entre indivíduos pardos (47,85%, n=78), o que reflete desafios relacionados à desigualdade no acesso a serviços de saúde pela população negra e parda, resultando em diagnósticos tardios e maior mortalidade. No Sul, porém, 85,71% (n=18) das mortes ocorreram entre pessoas brancas, possivelmente devido à predominância dessa população na região. **Conclusão:** Os dados revelam desigualdades nas mortes por infecção meningocócica, com maior incidência na região Sudeste, predominância no sexo masculino e variação racial entre as regiões. Esses resultados ressaltam a importância de estratégias de prevenção, vigilância epidemiológica e políticas de saúde pública adaptadas às características regionais e demográficas do Brasil.

Palavras-chave: infecção meningocócica; mortalidade; estudo epidemiológico.

EFICÁCIA DO METILFENIDATO EM COMPARAÇÃO COM O CANABIDIOL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Larissa Vitória Fontes Mota¹; Amanda Freire Rodrigues da Silva¹; Flávia Karoline do Nascimento Silva¹; Laís Gabrielle Menezes Tenório¹; Lívia Passos de Moraes Machado¹; Dayse Isabel Coelho Paraiso Belem².

Graduando em medicina pelo Centro Universitário de Maceió - UNIMA¹, Graduada em medicina pela Escola de Ciências Médicas de Alagoas – ECMAL e docente titular do curso de medicina do Centro Universitário de Maceió²

larivitoriaf@gmail.com

Introdução: O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é classificado como um transtorno de neurodesenvolvimento, que afeta entre 3 e 5% dos indivíduos desde a infância. Nesse sentido, para se obter um melhor prognóstico é imprescindível a combinação entre psicoterapia e o uso de fármacos, a fim de obter melhora do funcionamento cerebral e dos sintomas. **Objetivo:** Comparar a eficácia dos fármacos metilfenidato e canabidiol no tratamento do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças. **Metodologia:** Uma revisão integrativa da literatura foi realizada utilizando a base de dados PubMed. A seleção de artigos foi feita pela estratégia de busca: (attention deficit hyperactivity disorder) AND (methylphenidate) OR (attention deficit hyperactivity disorder) AND (cannabidiol). Foram selecionados por filtro de anos (2018-2024). Foram excluídos artigos que associaram outros transtornos à patologia ou incluíram outros fármacos no tratamento. **Resultados e discussão:** Dessa forma, foram encontrados 2.095 artigos e após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram lidos 4 artigos completos. Os artigos analisados, mostram que entre os fármacos mais utilizados e considerados de primeira linha no tratamento do TDAH está o metilfenidato, em que foi demonstrado que aumenta a ativação dos córtices parietal e pré-frontal e aumenta a desativação da ínsula e do córtex cingulado posterior durante tarefas de atenção visual e memória de trabalho, visto que atua como um inibidor da recaptção de dopamina e norepinefrina nos neurônios corticais, melhorando a concentração, a motivação e a sensação de prazer e bem-estar em crianças. No entanto, o canabidiol é um fármaco mais contemporâneo e que tem se demonstrado com uma eficácia relevante, porém há necessidade de mais pesquisas que demonstrem a sua eficiência farmacológica em crianças com TDAH. **Conclusão:** Com isso, conclui-se que o metilfenidato é uma das melhores escolhas de fármaco psicoestimulante como abordagem terapêutica, sendo de expressiva eficácia e baixos efeitos colaterais. No entanto, apesar de ainda estarem sendo desenvolvidos estudos e pesquisas relacionados à eficácia e apresentar alguns efeitos colaterais, o canabidiol possui potencial significativo para ser utilizado de forma terapêutica em crianças no tratamento do TDAH.

Palavras-chave: eficácia; metilfenidato; canabidiol.

SAÚDE MENTAL INFANTIL: TRANSTORNOS E A IMPORTÂNCIA DA DETECÇÃO PRECOCE

Beatriz Diniz Mendonça¹; Estefane Souza Silva¹; Juliane Lima de Andrade¹; Elaine Verlane Cardoso Santos¹; Lais Anieta Alves Teixeira de Souza¹; Vivian Gabrielly Oliveira Aragão¹; Maria Laura Cruz Vieira Oliveira²;

Graduando em enfermagem pela Universidade Tiradentes¹, Graduação em Enfermagem pela Universidade Tiradentes²

beatrizdinizm@icloud.com

Introdução: A saúde mental infantil é uma área de crescente preocupação na saúde pública, dada sua influência no desenvolvimento global das crianças. Os transtornos mentais na infância são comuns, afetando uma proporção significativa de crianças e adolescentes, com impacto duradouro em suas vidas sociais, emocionais e cognitivas. A detecção precoce desses transtornos e a intervenção eficaz são fundamentais para prevenir complicações a longo prazo, melhorar a qualidade de vida das crianças e reduzir o ônus dos cuidados de saúde mental ao longo da vida. **Objetivo:** Discorrer sobre a saúde mental infantil, prevalência de transtornos e a importância da detecção precoce. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura integrativa nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e *National Center for Biotechnology Information* (PubMed), utilizando os descritores “Saúde Mental”, “Transtornos Mentais” e “Psiquiatria Infantil”. Os critérios de inclusão foram artigos publicados no período de 2021 a 2023, nos idiomas português, inglês e espanhol, com texto completo disponível na íntegra, que abordassem o tema proposto. Foram excluídos artigos duplicados, teses, dissertações e que não abordavam o tema. **Resultados e Discussão:** A maioria dos transtornos mentais na infância não são diagnosticados até que se tornem graves, o que aumenta a dificuldade de tratamento e piora o prognóstico das crianças afetadas. Estudos epidemiológicos indicam que os transtornos mentais infantis afetam aproximadamente 10-20% das crianças e adolescentes globalmente, conforme a *World Health Organization* em estudo publicado em 2021. Esses transtornos incluem uma gama de condições, como ansiedade, depressão, espectro autista, déficit de atenção e hiperatividade. A identificação precoce pode reduzir o risco de desenvolvimento de problemas emocionais, comportamentais e cognitivos em crianças, além de minimizar o impacto na escola e nas relações sociais. **Conclusão:** A saúde mental infantil é uma questão de grande importância para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes. A prevalência de transtornos mentais na infância é considerável, e sua detecção precoce desempenha um papel crucial na melhoria do prognóstico e na prevenção de problemas mais graves no futuro. A implementação de programas de rastreio, a educação sobre os sinais precoces de transtornos mentais e a promoção de um ambiente de apoio social e familiar são fundamentais para garantir que as crianças recebam a ajuda de que necessitam para crescer de forma saudável e equilibrada.

Palavras-chave: saúde mental, transtornos, infantil.

BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA AUTOEFICÁCIA DURANTE O ALEITAMENTO MATERNO

Júlia Maria Ribeiro Souza¹; Hellen Rebeca Galvão dos Santos¹; Fernanda Felipe Catarino¹; Brenda Dias Porto¹; Raika Handara Alves de Oliveira Freitas Nascimento Lemos¹; Aínoan dos Santos Cajado²

Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz¹, Graduada em Odontologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia²

juliamribeiros@hotmail.com

Introdução: A amamentação é fundamental para o desenvolvimento infantil, ao fornecer os nutrientes necessários para o fortalecimento da criança e ao auxiliar o seu sistema imunológico, visto que ela tem potencial protetor contra doenças infecciosas, gastrointestinais e alergia. Apesar desses benefícios, desafios como dor, técnicas incorretas e dúvidas acerca da adequação do leite materno, frequentemente, comprometem a eficácia dessa prática. Assim, a educação em saúde ajuda na promoção da autoeficácia da mãe durante o aleitamento, favorecendo a adesão, a manutenção e os benefícios dessa prática.

Objetivo: Avaliar os benefícios da educação em saúde na autoeficácia materna durante a amamentação.

Metodologia: O presente estudo trata-se de uma revisão de literatura integrativa feita em novembro de 2024. A pesquisa foi realizada nos bancos de dados PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e SciELO, utilizando descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e seus principais sinônimos: “educação em saúde”, “aleitamento materno” e “autoeficácia”, combinados com os operadores booleanos OR e AND. Inicialmente foram encontrados 35 artigos. Os critérios de inclusão foram: publicações entre 2019 e 2024, nos idiomas inglês e português, excluindo-se estudos que não se enquadram no objetivo deste artigo e estudos não disponibilizados integralmente e de forma gratuita. Após a análise, foram escolhidos cinco artigos para compor essa revisão.

Resultados e discussão: Os estudos evidenciam que problemas como mastite, abscesso na mama e preocupações maternas sobre a inadequação do leite afetam de 20% a 80% das mulheres, abalando a confiança da mãe e interrompendo a amamentação precocemente. A educação em saúde sobre o aleitamento materno, por meio do aconselhamento, disseminação de informações e apoio emocional, ajuda a mãe a entender sobre esse processo, na prática e na teoria, minimizando as dúvidas e inseguranças, além de fornecer ferramentas para enfrentar os desafios emocionais e interpessoais que surgem durante esse período. Nesse sentido, a autoeficácia no aleitamento se refere à confiança materna na sua capacidade de amamentar seu filho, a qual pode ser estimulada pela educação em saúde, a escuta ativa e grupos de apoio. Assim, estudos mostram uma relação direta entre a autoeficácia e a amamentação por tempo prolongado, maior capacidade de enfrentar situações adversas que surgem no processo e fortalecimento do vínculo com seu filho.

Considerações finais: Conclui-se que a educação em saúde promove a autoeficácia materna durante o aleitamento. Essa prática impacta positivamente no desenvolvimento saudável da criança, na saúde da mãe e no bem-estar do lar.

Palavras-chave: autoeficácia; educação em saúde; aleitamento materno.

DIA NACIONAL DO SURDO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA AÇÃO DE PROMOÇÃO DA CULTURA SURDA

Raquel Silva Albornas¹; Júlia Gabrielly de Sousa Vieira²; Fernanda Estumano da Silva e Silva³; Beatriz Quaresma de Souza⁴; Ana Beatriz Lima de Souza⁵; Cristiane Guerreiro Pereira Abdul Massih⁶

Graduanda em fonoaudiologia pela Universidade do Estado do Pará^{1,2,3,4}, Graduanda em fonoaudiologia pela Universidade da Amazônia⁵, Mestrado em Ensino em Saúde da Amazônia pela Universidade do Estado do Pará⁶

raquelalbornas@gmail.com

Introdução: O dia nacional do surdo é comemorado no dia 26 de setembro, é um momento de reflexão sobre as vitórias e desafios enfrentados pelas pessoas surdas no Brasil. A Fonoaudiologia é essencial para o diagnóstico da surdez, desde o nascimento do bebê, através da Triagem Auditiva Neonatal Universal (TANU) a criança já pode ser diagnosticada e encaminhada para as intervenções adequadas. **Objetivo:** Propiciar um momento de reflexão e informação para a comunidade acadêmica e as demais pessoas que estavam presentes na universidade sobre a cultura surda, seus desafios e possibilidades de comunicação. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência de estudantes do 6º semestre do curso de fonoaudiologia de uma universidade pública na Amazônia, que realizaram uma ação de promoção ao dia nacional do surdo. **Resultados e Discussão:** A ação ocorreu nas dependências da Universidade do Estado do Pará, no dia 02 de outubro de 2024, realizada por doze estudantes do 6º semestre de fonoaudiologia e uma professora, como parte da disciplina de audiologia educacional. Foi utilizado recursos de materiais visuais, como folders, peças anatômicas e vídeo didático. Além disso, realizou-se dinâmicas de reconhecimento dos sons, leitura labial e exposição do instrumento utilizado para visualizar as estruturas anatômicas da orelha externa do paciente, denominado de otoscópio. Percebeu-se no decorrer das atividades que apesar da maior parte dos indivíduos abordados reconhecerem a importância da inclusão, igualdade de oportunidades para pessoas surdas e a possibilidade da comunicação por meio da língua brasileira de sinais, eles não compreendem como a pessoa surda adquire essa condição e seus desafios enfrentados. Após a realização das dinâmicas de leitura labial e reconhecimento dos sons usando o fone de ouvido em baixa intensidade, eles puderam experimentar, mesmo que de forma superficial, a sensação de precisar utilizar outra forma de perceber o que o outro quer dizer, sem ser através da audição. Foi explicado ao público participante que o deficiente auditivo pode se comunicar através da intervenção fonoaudiológica. **Conclusão:** Conclui-se com este relato de experiência que há falta de conhecimento da população abordada, sobre os desafios enfrentados pela população surda, bem como, o processo da perda da audição e a possibilidade de ser diagnosticado desde bebê que a criança é surda, bem como as possibilidades de reabilitação. Verificou-se também a relevância da realização de futuras ações de promoção da cultura surda, levando em consideração a importância do diagnóstico precoce da deficiência auditiva para o desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Fonoaudiologia; Infância; Surdez.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA SOBRE PRIMEIROS SOCORROS EM CASOS DE QUEIMADURAS E CHOQUE ELÉTRICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gustavo Monteiro Santiago¹; Juliana Paraense Silva²; Jackeline Pinheiro Pantoja³; Cristal Ribeiro Mesquita⁴

Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Metropolitano da Amazônia ¹, Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Pará², Enfermeira graduada pelo Centro Universitário Metropolitano da Amazônia ³, Doutora em Biologia Parasitária pela Universidade Federal do Pará ⁴

gustavomsantiago@gmail.com

Introdução: Os primeiros socorros (PS) consistem em ações iniciais realizadas logo após um acidente, com o objetivo de preservar a vida da vítima até a chegada de assistência médica especializada. A educação em saúde desempenha um papel importante na disseminação de informações. Por isso, iniciativas educativas voltadas para o ensino de técnicas de PS são fundamentais, pois capacitar as pessoas com orientações adequadas pode fazer a diferença na proteção de vidas. **Objetivo:** Relatar a experiência vivida por acadêmicos de enfermagem em uma ação educativa do projeto de extensão “salvando vidas” sobre PS em caso de choque elétrico e queimaduras. **Metodologia:** A ação foi produzida por acadêmicos para alunos do ensino médio de uma escola pública da região metropolitana de Belém do Pará, acerca de noções básicas de PS em casos de queimaduras e choque elétrico. A ação dividiu-se em momentos: primeiramente ocorreu a aplicação de um questionário com casos hipotéticos, com a finalidade de entender o conhecimento prévio do alunos sobre a temática, posteriormente seguiu-se a exposição teórica do conteúdo, abordando os principais pontos, tais como: reconhecimento de lesões, condutas adequadas e entre outros, e em seguida houve a aplicação da tecnologia educativa sobre a temática, a tecnologia era em formato de jogo, tal que os alunos precisavam reconhecer a lesão, a classificação, a conduta e os meios de preveni-la. **Resultados e Discussão:** A ação permitiu a construção mútua de conhecimento entre os acadêmicos e os alunos do ensino médio em relação a temática apresentada, a aplicação da metodologia ativa Aprendizagem Baseada em Problemas (APB) associada à exposição dialogada e finalizada com a tecnologia educativa “Cartas Salvando Vidas”, fomentou a participação dos alunos e guiou para edificação do saber sendo possível perceber através da interação e assertivas durante a aplicação do jogo, o que proporcionou um momento de troca de experiências e conhecimentos entre discentes. **Conclusão:** Percebe-se que é essencial discutir sobre PS, já que foi constatado que os envolvidos não sabiam como agir em situações de emergência. Ademais, a falta de conhecimento de tais procedimentos influenciam diretamente para um prognóstico negativo na vítima. Portanto, as educações em saúde são uma medida indispensável para melhorar essa lacuna existente.

Palavras-chave: Educação em saúde; Primeiros socorros; Tecnologia Educacional.

OS IMPASSES ENFRENTADOS PELAS FAMÍLIAS RELACIONADAS AOS CUIDADOS COM CRIANÇAS COM CARDIOPATIA CONGÊNITA

Thalia Farias Macedo¹, Tamires de Nazaré Soares²

Graduanda em Enfermagem pela Universidade da Amazônia-UNAMA¹, Doutoranda em Biologia Parasitária na Amazônia pela Universidade Estadual do Pará-UEPA²

thaliafarias523@gmail.com

Introdução: As cardiopatias congênitas são malformações das estruturas cardíacas que surgem durante a gestação e persistem após o nascimento, causando mau funcionamento cardíaco e exigindo cuidados especializados. A cada ano, cerca de 28.900 crianças brasileiras são afetadas por essas condições, com 80% necessitando de intervenção cirúrgica. Notavelmente, o acompanhamento contínuo nos primeiros 12 meses é fundamental; no entanto, esse cuidado intensivo impõe uma sobrecarga significativa às famílias, impactando seu bem-estar físico, emocional e financeiro. **Objetivo:** Analisar os impasses enfrentados pelas famílias no cuidado de crianças com cardiopatias congênitas. **Metodologia:** Foi realizada uma busca na Biblioteca Virtual da Saúde via BDENF e LILACS, com os descritores em saúde “Crianças”, “Cardiopatias”, “Família”, no período de 2019 a 2024. Dessa maneira, obteve-se um total de 24 artigos em português, dos quais quatro foram selecionados para responder ao objetivo e 20 excluídos por não se adequarem à proposta da temática escolhida. **Resultados e Discussão:** Nos estudos, evidencia-se a importância da presença familiar junto à criança cardiopata para o sucesso do tratamento. Contudo, fatores como a distância de casa e a sobrecarga de cuidados aumentam o desgaste, principalmente materno. Desse modo, a necessidade de cuidados intensivos faz com que os cuidadores primários abandonem o mercado de trabalho, gerando restrições financeiras e impactando negativamente na qualidade de vida das famílias, que enfrentam dificuldades para acessar alimentação, saúde, moradia e lazer adequados. Ademais, a falta de acompanhamento psicológico aos cuidadores primários contribui para o agravamento do estado emocional. **Considerações Finais:** A exposição direta ou indireta à experiência de adoecimento causa repercussões físicas, sociais e psicológicas para todos os envolvidos. É essencial criar estratégias multiprofissionais durante a hospitalização infantil, como através de consultas psicológicas voltadas aos familiares em centros de atenção psicossocial, além de incentivar a adesão a programas sociais que possam contribuir para a renda familiar. A equidade no acesso à saúde e a redução da sobrecarga familiar favorecem a qualidade de vida da criança cardiopata. Portanto, pesquisas adicionais são essenciais para ampliar a compreensão do tema e intensificar programas de saúde voltados à criança e que abrangem a família, visando promover apoio e reduzir o estresse familiar.

Palavras-chave: criança; cuidadores; cardiopatias; estresse psicológico.

PROMOÇÃO DA SAÚDE DE ALUNOS DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO LOURENÇO-MG POR MEIO DA ATUAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO ESCOLAR

Janaina Ribeiro Pinto Martins¹; Bianca Maia Curty²

Graduada em Fonoaudiologia pela Faculdade Santa Tereza D'Ávila (FATEA)¹, Graduada em Fonoaudiologia pela Universidade Federal Fluminense²

janafono@yahoo.com.br

Introdução: A atuação da Fonoaudiologia no âmbito educacional é prevista na Resolução CFFa nº 605/2021 que destaca no Art. 2º a atribuição de “colaborar na realização de atividades promotoras de saúde, que potencializam a aquisição, o desenvolvimento e o aprimoramento dos aspectos relacionados à linguagem em suas diferentes modalidades (oral, escrita e visuoespacial), voz, audição, funções e estruturas orofaciais”. Considerando a fonoaudiologia como uma profissão que lida diretamente com os aspectos da linguagem e sendo a escola um ambiente onde esta é o principal objeto de trabalho, a parceria saúde-educação tem apresentado grandes avanços e contribuições para o desenvolvimento das crianças, principalmente no que tange a prevenção de dificuldades de aprendizagem e comunicação, bem como a identificação precoce de transtornos do neurodesenvolvimento. **Objetivo:** Relatar a experiência de duas fonoaudiólogas na rede municipal de educação de São Lourenço-MG. **Metodologia:** O setor de fonoaudiologia está inserido na equipe multidisciplinar da Educação Inclusiva na Secretaria Municipal de Educação (SME) de São Lourenço-MG, juntamente com profissionais da psicopedagogia, psicologia, assistência social e nutrição. A atuação ocorre em oito escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental e quatro creches por meio de visitas quinzenais. As atividades realizadas consistiam em: triagem dos alunos com queixas identificadas pelos professores e auxiliares de creche; aplicação de protocolos de rastreio validados para identificação precoce de transtornos; encaminhamentos externos pertinentes (dentistas, médicos, terapeutas, etc); orientações aos pais dos alunos e aos professores; realização de palestras de capacitação para o corpo docente com temáticas relacionadas a comunicação e desenvolvimento infantil; e participação no planejamento pedagógico da Educação Infantil inserindo aspectos fonoaudiológicos importantes para a aquisição da leitura e escrita. **Resultados e Discussão:** Foi possível realizar um mapeamento das habilidades de leitura e escrita das turmas de alfabetização por meio de protocolos aplicados, cujos resultados foram repassados à equipe pedagógica para auxiliar nas ações de recuperação das crianças com dificuldades. A triagem dos alunos possibilitou a identificação de demandas de forma precoce para encaminhar aos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) e assim, possibilitar o tratamento adequado em tempo oportuno, além de estabelecer uma ponte da educação com o setor de saúde. **Considerações finais:** A atuação tem apresentado resultados positivos para a identificação de dificuldades escolares, sendo possível realizar um trabalho preventivo e de intervenção precoce, contribuindo com a promoção da saúde das crianças e potencializando a parceria saúde-educação.

Palavras-chave: promoção da saúde; educação; fonoaudiologia.

FATORES GESTACIONAIS ASSOCIADOS AO NEURODESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Thayná Alves de Azevedo¹; Daniel Pereira Bezerra¹; Luiz Fellipe Lopes Valente¹; Mayara Keury Almeida Sampaio¹; Sâmella Soares Oliveira Medeiros¹; Thatinelle Franciane de Almeida¹; Edward Esteves Pereira²

Graduando em medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN)¹, Médico cirurgião pediátrico pela Universidade Federal de São Paulo²

thayna.alvesazevedo@outlook.com

Introdução: O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento definido por alterações na interação social, comunicação e comportamento. Sua etiologia é multifatorial, com influência de fatores genéticos e ambientais. Recentemente, os fatores gestacionais têm sido amplamente investigados devido ao seu potencial impacto no desenvolvimento neurológico de crianças com TEA. **Objetivo:** Identificar os principais fatores gestacionais associados ao impacto no neurodesenvolvimento de crianças com TEA. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. A seleção dos artigos foi feita na base de dados eletrônica PUBMED, utilizando os descritores “Gestação”, “Neurodesenvolvimento”, “Autismo” e “Crianças”, com critérios de inclusão que abrangem publicações entre 2017 e 2024, nos idiomas português, inglês e espanhol. Foram excluídos artigos que não abordavam os impactos de fatores gestacionais no neurodesenvolvimento e no risco de transtorno do espectro autista, ou que não estavam disponíveis na íntegra. Inicialmente, foram identificados 840 artigos, dos quais 20 atenderam aos critérios para análise final. **Resultados e Discussão:** Os fatores gestacionais desempenham um papel relevante no neurodesenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), contribuindo significativamente para o aumento do risco de desenvolvimento do transtorno. A idade materna acima de 35 anos e paterna acima de 40 anos para a gestação do primogênito tem sido apontada como um fator de risco relevante. Intercorrências gestacionais, como Infecções do Trato Urinário (ITU) e distúrbios metabólicos, apresentam alta prevalência em mães de crianças diagnosticadas com autismo, indicando uma correlação significativa. Além disso, a baixa idade gestacional está associada ao aumento do risco de TEA, independentemente da capacidade intelectual, enquanto a restrição grave do crescimento fetal demonstra forte associação com TEA em crianças sem deficiência intelectual (DI). O relato materno de infecção cervical-vaginal, por sua vez, tem sido relacionado ao aumento do risco de TEA em crianças com DI. Fatores como tabagismo materno (ativo ou passivo), condições psiquiátricas, estresse emocional e complicações obstétricas — incluindo prematuridade, cesárea, baixo escore de Apgar (<7 no 1º ou 5º minuto) e peso ao nascer inferior a 2500 g — reforçam o impacto de condições adversas na gestação sobre o desenvolvimento neurológico associado ao TEA. O uso de medicamentos durante a gestação, especialmente antibióticos, também tem sido identificado como um possível contribuinte para esses desfechos. **Conclusão:** Destaca-se a importância do monitoramento pré-natal, com atenção especial às condições maternas e fetais, como estratégia para mitigar potenciais impactos no neurodesenvolvimento e no risco de TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Gestação; Desenvolvimento Neurológico.

AVANÇO NO DIAGNÓSTICO E MANEJO DA ASMA INFANTIL

Thayná Alves de Azevedo¹; Ana Clara Vilela Leal¹; Maria do Carmo Holanda Nunes¹; Eduardo Menezes da Silva¹; Evelyn Ferreira Renovato¹; Sara Soares Vinhal¹; Edward Esteves Pereira²

Graduando em medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN)¹, Médico cirurgião pediátrico pela Universidade Federal de São Paulo²

thayna.alvesazevedo@outlook.com

Introdução: A asma infantil é uma das doenças respiratórias crônicas mais comuns em crianças, representando um desafio significativo para a pediatria. Avanços recentes no diagnóstico e manejo têm proporcionado ferramentas mais precisas para identificar os diferentes fenótipos da doença e estratégias terapêuticas individualizadas, que visam melhorar o controle dos sintomas, reduzir as exacerbações e promover o bem-estar das crianças. **Objetivo:** Apresentar os avanços no diagnóstico e manejo da asma infantil, destacando novas ferramentas e abordagens terapêuticas que possibilitam uma identificação precoce e o controle eficaz da doença, promovendo melhores desfechos clínicos e qualidade de vida para crianças asmáticas. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. A seleção dos artigos foi feita nas bases de dados eletrônicas Google Acadêmico e Scielo, utilizando os descritores “asma infantil”, “diagnóstico”, “manejo”, com critérios de inclusão que abrangem publicações entre 2017 e 2024, nos idiomas português e inglês. Foram excluídos artigos que não abordavam as inovações no diagnóstico e manejo da asma infantil, ou que não estavam disponíveis gratuitamente na íntegra. Inicialmente, foram identificados 127 artigos, dos quais 20 atenderam aos critérios para análise final. **Resultados e Discussão:** A asma infantil continua sendo um grande desafio de saúde pública, devido à alta prevalência e ao impacto significativo na qualidade de vida das crianças e de suas famílias. O diagnóstico baseado em parâmetros clínicos muitas vezes leva à subnotificação ou atraso na identificação da doença, comprometendo o tratamento precoce e eficaz. Contudo, avanços recentes em biomarcadores e técnicas de imagem têm possibilitado diagnósticos mais precisos e individualizados, reduzindo as limitações das abordagens tradicionais. Do ponto de vista terapêutico, a introdução de novas diretrizes, como o uso combinado de corticosteroides inalatórios (ICS) e agonistas beta-2 de ação longa (LABA), tem demonstrado maior eficácia no controle dos sintomas e na prevenção de exacerbações. As terapias biológicas, como o omalizumabe, também têm se mostrado promissoras em casos graves, promovendo melhorias significativas na qualidade de vida e redução de hospitalizações. Apesar desses avanços, a adesão ao tratamento ainda é um desafio. Estratégias como o monitoramento eletrônico com sensores instalados nos dispositivos inalatórios têm potencial para melhorar a adesão e o controle da asma, embora apresentem custos elevados e ainda necessitem de estudos adicionais sobre sua viabilidade a longo prazo. **Conclusão:** Estudos futuros devem focar em otimizar as terapias emergentes e ampliar as evidências em populações pediátricas, assegurando tratamentos seguros e eficazes para esta faixa etária.

Palavras-chave: Asma infantil; Avanço; Diagnóstico; Manejo.

AValiação DO MANEJO INICIAL EM EMERGÊNCIAS PEDIÁTRICAS: DESAFIOS E PRÁTICAS RECOMENDADAS NA SALA DE EMERGÊNCIA

Beatriz Neves Guedes¹; Giovanna Maria Rebouças dos Reis²; Steffanny Geovanna da Silva³; Emina Camille Silva Barbosa⁴.

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹,
Graduada em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia².

biiaguedes652@gmail.com

Introdução: A avaliação do manejo inicial em emergências pediátricas é um tema de extrema relevância na prática clínica, considerando a vulnerabilidade das crianças em situações críticas. A sala de emergência é um ambiente complexo, onde profissionais de saúde enfrentam desafios únicos devido às particularidades fisiológicas e emocionais dos pacientes pediátricos. O manejo eficaz dessas situações pode determinar não apenas a evolução clínica do paciente, mas também a experiência geral da família durante um momento de crise. **Objetivo:** Analisar os principais desafios enfrentados pelos profissionais de saúde no manejo inicial de emergências pediátricas e discutir as práticas recomendadas para otimizar a assistência na sala de emergência. **Metodologia:** Esta pesquisa consiste em uma revisão integrativa da literatura, realizada em novembro de 2024. A busca inicial foi conduzida utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) relacionados a “emergência pediátrica”, “saúde da criança” e “urgência e emergência”. As bases de dados consultadas foram LILACS, MEDLINE e BDNF - ENFERMAGEM, disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os critérios de inclusão foram estabelecidos para abranger artigos que abordassem o tema em questão, publicados integralmente em português entre 2019 e 2024. Os critérios de exclusão foram artigos duplicados, incompletos, materiais não avaliados por pares (capítulos de livro, cartas editoriais, resumos em anais e resenhas). Após as buscas, seis estudos relevantes foram identificados e selecionados para compor esta revisão, assegurando uma análise abrangente e atualizada sobre o manejo das emergências em pediatria. **Resultados e Discussão:** O perfil econômico das famílias influencia na ocorrência de acidentes domésticos, já que a falta de recursos financeiros pode dificultar a instalação de medidas de proteção, como borracha antiderrapante no banheiro e grades nas janelas. No entanto, mesmo que fatores sociais e econômicos, como falta de informação, infraestrutura inadequada e ausência de políticas públicas de prevenção, contribuam para os acidentes domésticos com crianças (Almeida *et al*, 2023). **Conclusão:** Portanto, a avaliação do manejo inicial em emergências pediátricas é crucial para garantir um atendimento eficaz e humanizado às crianças em situações críticas. Os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde, especialmente no que diz respeito ao impacto emocional de casos graves, como óbito infantil.

Palavras-chave: emergência pediátrica; saúde da criança; urgência e emergência.

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA ORIENTAÇÃO DE GENITORES ACERCA DO MÉTODO CANGURU EM NEONATOS PREMATUROS

Aline Juliane Souza Santos¹; Frankcélia Souza Camargo¹; Hariana Rafaela da Silva Brasil¹; Ana Beatriz Silva de Araújo¹; Karina Faine Freitas Takeda²

Graduando em Enfermagem pela Universidade da Amazônia¹, Mestre em Enfermagem PPGENF/UFPA²

alinejulianessantos@gmail.com

Introdução: O Brasil apresenta uma das maiores taxas de prematuridade do mundo, com significativos desafios relacionados ao desenvolvimento sistêmico e maturação de órgãos em neonatos com idade gestacional inferior a 37 semanas. Essa condição aumenta os riscos de comorbidades e mortalidade neonatal, exigindo cuidados assistenciais especializados. Entre as estratégias adotadas, destaca-se o Método Canguru (MC), que promove contato pele a pele, aleitamento materno, redução de infecções, ganho de peso e fortalecimento de vínculo do binômio (mãe-bebê). **Objetivo:** Analisar o papel da enfermagem na orientação aos genitores sobre o Método Canguru para neonatos prematuros. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scielo, utilizando os descritores: Método Canguru, recém-nascido e enfermagem, combinados ao operador booleano “AND”. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade e leitura, foram selecionados cinco artigos dos últimos três anos antecedentes a 2024, nos idiomas português e inglês. Foram excluídos sete artigos que não complementavam a temática do estudo devido à incompatibilidade com o tema e desatualização científica. **Resultados e Discussão:** O Método Canguru é uma técnica leve, simples e de baixo custo, desenvolvida em três etapas: no pré-natal; na Unidade de Cuidados Intermediários Canguru (UCINCa), com a presença integral da mãe; e, após a alta hospitalar, com cuidados domiciliares e acompanhamento na Unidade Básica de Saúde, até o bebê atingir o peso adequado. Embora o Ministério da Saúde promova o MC para reduzir a mortalidade neonatal, sua adoção ainda enfrenta barreiras, sobretudo pelo desconhecimento dos pais sobre seus benefícios. Nesse contexto, a atuação da enfermagem é crucial, exercendo papel educativo e de apoio desde o pré-natal até o cuidado domiciliar. Estudos qualitativos ressaltam a importância desse profissional como mediador no acolhimento de pais e filhos, além de ser um importante facilitador na adoção do método. Assim, a enfermagem contribui significativamente para o fortalecimento do vínculo afetivo e implementação eficaz do MC, promovendo não apenas a saúde do recém-nascido prematuro, mas também a capacitação das famílias para o cuidado contínuo. **Conclusão:** A enfermagem desempenha papel indispensável na orientação dos genitores sobre o Método Canguru, atuando como mediadora no processo de educação, acolhimento e humanização. Por meio de ações educativas abrangendo desde o pré-natal até o cuidado domiciliar, a enfermagem contribui na redução da mortalidade neonatal e favorece o empoderamento dos genitores para o cuidado contínuo de seus filhos.

Palavras-chave: método canguru; prematuridade; enfermagem.

APLICAÇÕES DOS AGONISTAS DE GLP-1 NO TRATAMENTO DA OBESIDADE INFANTOJUVENIL

Gustavo Moraes Magalhães¹; Gabriella Cristina Rodrigues Lemos¹; Gustavo Henrique Duarte de Moraes², Érika Carvalho de Aquino³.

Discente em medicina na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG)¹, Discente em medicina no Centro Universitário de Mineiros (UniFimes)², Docente no Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da Universidade Federal de Goiás (Iptsp – UFG)³.

gustavo_magalhaes@discente.ufg.br

Introdução: A obesidade infantil é um problema de saúde pública global, com efeitos consideráveis no desenvolvimento e crescimento a longo prazo. Os agonistas do GLP-1, originalmente criados para o tratamento da diabetes tipo 2, surgem como uma opção promissora para a perda de peso, oferecendo sensação de saciedade e controle do apetite sem interferir no metabolismo da glicose. **Objetivo:** Avaliar, por meio de revisão da literatura, as aplicações e a eficiência do uso de GLP-1 no tratamento da obesidade em adolescentes. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica, utilizando as bases de dados PubMed, Biblioteca Virtual de Saúde e Google Acadêmico, estipulando o período de 2018 a 2023, sendo português e inglês os idiomas utilizados para a pesquisa. Os descritores utilizados foram: “peptídeo semelhante a glucagon 1”; “obesidade” AND “adolescentes”. Foram encontrados 36 artigos, dos quais 7 foram selecionados a partir dos critérios de serem artigos de revisão disponíveis de forma gratuita e relacionados à temática proposta. **Resultados e Discussão:** Os agonistas do GLP-1 representam uma estratégia terapêutica inovadora e promissora no tratamento da obesidade em adolescentes. Embora esses medicamentos tenham sido originalmente desenvolvidos para o manejo do diabetes tipo 2, estudos recentes demonstram sua eficácia na indução de perda de peso em jovens com obesidade, ao aumentar a saciedade e controlar o apetite. Essas características permitem uma abordagem diferenciada para o controle da obesidade, sem influenciar diretamente o metabolismo da glicose, o que reforça a segurança do uso dos agonistas de GLP-1 em populações não diabéticas. A aplicação dos agonistas de GLP-1 no contexto da obesidade infantojuvenil é especialmente relevante, dado o caráter multifatorial e crônico desta condição, que representa um desafio crescente para a saúde pública global e impacta negativamente o crescimento e desenvolvimento físico e psicológico dos adolescentes a longo prazo. Além dos efeitos de saciedade, os agonistas de GLP-1 têm mostrado consistência na redução da ingestão calórica, auxiliando na criação de um balanço energético negativo necessário para a perda de peso. **Conclusão:** Os agonistas de GLP-1 representam uma opção promissora para tratar a obesidade em jovens e, embora os resultados sejam favoráveis, mais estudos são necessários para assegurar sua segurança e eficácia a longo prazo, especialmente quanto ao impacto no desenvolvimento puberal e na saúde metabólica durante a adolescência. Além disso, o uso isolado desses medicamentos pode ser insuficiente para mudanças sustentáveis, devendo ser associado a intervenções nutricionais, atividades físicas e apoio psicológico.

Palavras-chave: obesidade; saúde pública; glucagon-like peptide 1.

INTERNAÇÕES DE MENORES DE 5 ANOS POR DIARREIA E GASTROENTERITE DE NO MARANHÃO DE 2019 A 2024

Amanda Maria Mendes Braga¹; Daniel Henrique Pinho Nascimento¹; Julyanne de Andrade Matos¹; Leonardo Silva Melo¹; Jeanny de Almeida Pereira Menezes²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Enfermeira pela Universidade Federal do Maranhão²

braga.amanda@discente.ufma.br

Introdução: As doenças diarreicas agudas (DDA) são uma das principais causas de morbidade e mortalidade em crianças menores de cinco anos, sendo caracterizadas por evacuações frequentes de fezes líquidas ou amolecidas, podendo variar de quadros leves e autolimitados a formas graves que exigem hospitalização devido ao risco de desidratação. Comumente causadas por agentes infecciosos, as DDA apresentam maior prevalência em regiões com acesso limitado ao saneamento básico e cuidados primários de saúde. As internações por gastroenterite infantil permanecem significativas, refletindo desigualdades no acesso à saúde e nas condições sanitárias. **Objetivo:** Analisar o perfil das internações por diarreia e gastroenterites de origem infecciosa presumível no Maranhão de 2019 a 2024. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico, descritivo, com análise quantitativa de dados coletados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS/ TABNET) acerca das internações por diarreia e gastroenterite de origem infecciosa presumível em crianças menores de 5 anos de 2019 a 2024. Foram selecionadas as variáveis “ano do atendimento”, “raça”, “sexo”, “faixa etária”, “município” e “macrorregião de saúde”. **Resultados e Discussão:** No período analisado, foram registradas 260.477 internações de crianças menores de 5 anos no Maranhão, com destaque para faixa etária entre 1 e 4 anos com de 145.107 internações, enquanto houveram 115.370 internações de menores de 1 ano. O ano de 2023 apresentou o maior número de registros, com 52.816 casos (20,27%), seguido de 2019, com 48.966 internações (18,79%). A prevalência foi maior entre os meninos, 141.050 internações. Quanto à raça, houve predominância da raça parda, representando 67,32%, com 175.373 internações, em 29,09% dos casos a raça não foi informada. O município de São Luís, capital do estado, apresentou o maior quantitativo de internações, 65.065 (24,97%). A macrorregião Norte lidera em número de internações com 153.094 (58,77%), seguida pela Leste, com 54.767 (21,02%), e Sul, com 52.616 (20,19%). **Conclusão:** As internações por diarreia e gastroenterite no Maranhão evidenciam desigualdades regionais e sociais, com maior incidência em crianças de 1 a 4 anos, meninos e em áreas com menor infraestrutura de saneamento. Os dados indicam a necessidade de políticas públicas que melhorem o acesso a cuidados de saúde, ampliem a educação em saúde e promovam melhorias sanitárias, especialmente nas regiões mais vulneráveis, para reduzir a morbidade e prevenir novas hospitalizações.

Palavras-chave: atenção integral à saúde da criança; epidemiologia; saúde pública.

INTRODUÇÃO ALIMENTAR PRECOCE A ALIMENTOS ALERGÊNICOS E A PREVENÇÃO DE ALERGIAS ALIMENTARES: QUANDO COMEÇAR?

Gustavo Moraes Magalhães¹, Arthur Andrade Brandão¹, Arthur Farias Rocha¹.

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM-UFG)¹, Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da Universidade Federal de Goiás (Iptsp – UFG)².

gustavo_magalhaes@discente.ufg.br

Introdução: A prevalência de alergias alimentares aumentou nas últimas décadas, levando a um interesse sobre o papel da introdução precoce de alimentos alergênicos na prevenção dessas condições. Antigamente, recomendava-se adiar a exposição a certos alimentos, mas estudos recentes sugerem que introduzi-los cedo, especialmente em crianças de alto risco, pode favorecer a tolerância imunológica e prevenir alergias. Este resumo revisa as evidências atuais sobre o momento ideal para iniciar a introdução alimentar precoce com foco na prevenção de alergias. **Objetivo:** Examinar o efeito da introdução precoce de alimentos alergênicos na prevenção de alergias alimentares, identificando o momento ideal para o início dessa prática e seu papel na construção da tolerância imunológica. **Metodologia:** Este estudo consiste em uma revisão de literatura abrangendo o período de 2015 a 2024. A busca foi realizada nas bases de dados PubMed, utilizando os descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Early food introduction”, “Allergenic foods”, “Food allergies” e “Prevention”, aplicando o operador booleano “AND”. Inicialmente, foram encontrados 52 artigos relevantes. Após a aplicação de critérios de inclusão, que limitavam a busca a artigos com texto completo disponível, foram selecionados 7 estudos que se mostraram adequados aos objetivos deste trabalho. **Resultados e Discussão:** A revisão evidencia que a introdução precoce de alimentos alergênicos, entre quatro e seis meses de idade, pode reduzir o risco de alergias alimentares, especialmente em crianças predispostas. Ao contrário de diretrizes antigas que indicavam o adiamento dessa prática, estudos recentes sugerem que a exposição controlada favorece a tolerância imunológica. A introdução, idealmente supervisionada por profissionais de saúde, mostra-se promissora, mas ainda existem barreiras, como a variação nas recomendações internacionais e a necessidade de mais informações para pais e cuidadores. Esses resultados sustentam a introdução precoce como uma abordagem viável para a prevenção de alergias, embora sejam necessárias pesquisas adicionais para padronizar a prática. **Conclusão:** A introdução precoce de alimentos alergênicos entre quatro e seis meses pode favorecer a tolerância imunológica e reduzir o risco de alergias alimentares. A prática mostra-se promissora, mas requer mais estudos para padronização e ampla aplicação na rotina pediátrica, além de orientação adequada para pais e cuidadores.

Palavras-chave: introdução alimentar; desmame; hipersensibilidade alimentar.

RELAÇÃO ENTRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E A EVASÃO ESCOLAR NA MATERNIDADE E NA PATERNIDADE

Tainá da Paz Nicácio¹; Adilma dos Santos Braz¹; Mariana Dias da Silva²; Mariza Alves Ferreira²

Graduandas em Enfermagem pela Faculdade Brasileira do Recôncavo¹, Professoras do curso de Enfermagem da Faculdade Brasileira do Recôncavo²

tainacac045@gmail.com

Introdução: Uma das consequências adversas da gestação indesejada na adolescência, é o aumento da evasão escolar, sendo perceptível impactos maiores na maternidade quando comparadas a paternidade. **Objetivo:** Descrever o impacto da gravidez na adolescência no abandono escolar, estabelecendo um paralelo entre maternidade e paternidade. **Metodologia:** Os dados foram coletados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores "gravidez na adolescência" AND "evasão escolar". Os critérios de inclusão foram artigos publicados nos últimos cinco anos. **Resultados e Discussão:** A pesquisa contabilizou 54 publicações distribuídas entre LILACS (33), MEDLINE (17), BDEFN - Enfermagem (5), Index Psicologia - Periódicos (3) e outros (2), sendo 09 publicações dos últimos cinco anos e 07 alinhados ao objetivo dessa pesquisa. Foi possível observar que a falta de apoio parental, baixa renda, histórico de outros casos de gravidez na família, desconforto entre os colegas de classe e o enfrentamento da situação sem apoio do parceiro são as causas mais significativas para o aumento dos índices de evasão escolar relacionados a gravidez na adolescência. De acordo com os resultados, as estimativas do efeito da parentalidade adolescente na probabilidade de abandono do ensino médio foi de 16-18 % para mulheres e 10 % para homens, em um estudo desenvolvido no Chile, o que implica que a evasão escolar da parentalidade para mulheres é cerca de duas vezes maior quando comparadas aos homens. Os resultados de um estudo desenvolvido no México, quanto ao uso de anticoncepcional antes da gravidez demonstraram que 48% das adolescentes entre 15 e 16 anos de idade faziam uso desse método. Outros fatores apontados foram a falta de recursos econômicos e a responsabilidade de um novo ser, pois geram novas responsabilidades e conseqüentemente, inadaptação à nova rotina. Outro estudo, realizado no Brasil (São Paulo), revelou que a gravidez na adolescência gera transformações psicossociais, como evasão escolar e afastamento social, evidenciando sofrimentos por parte das adolescentes. Adicionalmente muitas adolescentes relacionam a gravidez a idealização de se tornar adulta e respeitada pelo fato de se tornar mãe, enquanto os parceiros não possuem este sonho de ser pai e manter uma família. **Conclusão:** Medidas de conscientização, incentivo a educação sexual, programas de acolhimento físico e emocional podem minorar essa problemática e abrir espaço para que os jovens compartilhem de um ambiente familiar propício ao diálogo. Além disso o público masculino adolescente deve ser engajado na situação com responsabilidade correlata ao feminino.

Palavras-chave: gravidez precoce; apoio familiar; abandono escolar.

DIAGNÓSTICO E MANEJO DA ATAXIA TELANGIECTASIA

Amanda Freire Rodrigues da Silva¹; Flávia Karoline do Nascimento Silva¹; Laís Gabrielle Menezes Tenório¹; Larissa Vitória Fontes Mota¹; Lívia Passos de Moraes Machado¹; Pedro Luciano de Araújo Moroni Valença²; Dayse Isabel Coelho Paraíso³

¹Graduando em medicina pelo Centro Universitário de Maceió/UNIMA/AFYA, ²Graduando em medicina pelo Centro Universitário CESMAC, ³ Docente de medicina do Centro Universitário de Maceió/UNIMA/AFYA

amandafrodrigues.af@gmail.com

Introdução: A ataxia-telangiectasia (AT) é uma desordem multissistêmica autossômica recessiva rara que se inicia na primeira infância, resultante de mutações no gene ATM (ataxia telangiectasia mutante), localizado no cromossomo 11q22-23, causando manifestações neurológicas e sistêmicas. A AT é marcada por ataxia cerebelar e o desenvolvimento de telangiectasia oculocutânea. Os sintomas neurológicos associados incluem disartria, apraxia oculomotora, sintomas extrapiramidais, neuropatia axonal e comprometimento cognitivo. Além disso, indivíduos podem apresentar anormalidades imunológicas e uma maior suscetibilidade de desenvolver doenças neoplásicas. **Objetivo:** O estudo objetiva compreender os avanços no diagnóstico e manejo da ataxia-telangiectasia. **Metodologia:** Estudo analítico, do tipo revisão de literatura, a partir de artigos científicos publicados na plataforma de bases de dados “pubmed”, utilizando os descritores “(Ataxia Telangiectasia) AND (Diagnosis) AND (Pediatrics)”. Foram incluídos trabalhos publicados no período de 2019 a 2024, considerando informações relevantes para o assunto abordado. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 147 artigos, que após os critérios de inclusão e exclusão foram lidos 6 artigos completos. Os artigos avaliados demonstram que o diagnóstico de AT é baseado na apresentação clínica, testes laboratoriais, genéticos e achados de neuroimagem. É geralmente confirmado pela combinação de características clínicas neurológicas com um ou mais dos seguintes fatores: telangiectasias, infecções sinopulmonares frequentes e anormalidades laboratoriais específicas. Na investigação utiliza-se, principalmente, as dosagens séricas de alfa-feto proteína (AFP) e imunoglobulinas. Em geral, os pacientes apresentam níveis séricos aumentados de AFP, uma diminuição na quantidade total de IgG e IgA, bem como diminuição do número de células B e T. O diagnóstico também pode ser confirmado pela deficiência da proteína ATM e/ou identificação das mutações patológicas no gene ATM. A maioria dos pacientes apresentam estudos de neuroimagem normais na infância, evoluindo com degeneração difusa ou atrofia dos vermes e hemisférios cerebelares. Lesões de hipodensidade em substância branca, depósito de hemossiderina e vasos telangiectásicos cerebrais profundos também podem estar presentes. **Conclusão:** Portanto, não havendo terapia curativa, o tratamento consiste na profilaxia das infecções sinopulmonares e reabilitação das complicações neurológicas com equipe interprofissional. Estudos demonstraram que a realização de fisioterapia motora e respiratória, associada a terapia medicamentosa, teve um impacto positivo ao retardar um maior comprometimento. O diagnóstico precoce é fundamental para proporcionar cuidados que envolvem principalmente o rastreamento de neoplasias e a profilaxia antimicrobiana. Assim sendo, se praticados no início da vida do paciente, é possível colaborar para uma maior sobrevida.

Palavras-chave: Ataxia Telangiectasia; diagnóstico; pediatria.

OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Juliano Policarpio Moura¹; Sâmella Soares Oliveira Medeiros¹; Pedro Henrique Lessa de Oliveira²; Suzan Kelly Macedo²; Suzana Karoline Oliveira Brito²; Vitor Hugo Vigilato Leite²; Fernanda Cristina Alcântara dos Santos³

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser¹, Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás², Docente em Universidade Federal de Goiás³

julianomoura1608@gmail.com

Introdução: A violência doméstica, caracterizada pelo Ministério da Saúde como qualquer ação ou omissão praticada pelos responsáveis ou conviventes no ambiente familiar que cause dano físico, psicológico, sexual ou represente negligência, é um grave problema de saúde pública, afetando principalmente, a saúde mental infantojuvenil. Os jovens que sofrem abusos possuem risco elevado de desenvolver transtornos como ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e dificuldades no desenvolvimento cognitivo, emocional e social, além de possíveis danos psicológicos a longo prazo que afetam a transição para a vida adulta. **Objetivo:** Analisar os impactos da violência doméstica na saúde mental de crianças e adolescentes. **Metodologia:** Esta revisão integrativa de artigos publicados entre 2017 e 2024, nas bases PUBMED e SCIELO, utilizando os descritores “Violência Doméstica”, “Crianças”, “Adolescentes” e “Saúde Mental”. Incluíram-se artigos completos em português e inglês, e excluíram-se revisões, duplicados e estudos fora do tema. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, cinco artigos foram selecionados. **Resultados e Discussão:** A violência doméstica tem repercussões na saúde mental de crianças e adolescentes, manifestando-se em transtornos como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático. Nesse sentido, crianças que vivenciam isso enfrentam riscos aumentados de problemas emocionais e comportamentais, associados a dificuldades escolares e sociais. Assim, a presença de outros fatores, como negligência ou abuso físico e emocional, aumenta os danos, criando um ciclo intergeracional de violência e sofrimento mental. Estudos destacam que a violência doméstica não afeta apenas o bem-estar imediato, mas também o desenvolvimento cognitivo e emocional de longo prazo, prejudicando o estabelecimento de vínculos seguros e saudáveis. A abordagem terapêutica deve ser multifacetada, considerando abordagens baseadas em evidências, como terapia cognitivo-comportamental para crianças e suporte psicossocial para famílias. A prevenção e o tratamento requerem ações conjuntas entre profissionais de saúde, educadores e redes de proteção social, com foco em garantir ambientes seguros e no fortalecimento de políticas públicas de suporte às vítimas e suas famílias. **Conclusão:** A violência doméstica causa inúmeros danos psicossociais a crianças e adolescentes, afetando profundamente seu bem-estar e desenvolvimento. Nesse contexto, a prevenção se torna essencial para evitar esses impactos devastadores. A prevenção requer a colaboração de profissionais de saúde, educadores e a implementação de políticas públicas eficazes, que garantam ambientes seguros e promovam o bem-estar das vítimas. Dessa forma, com esses esforços conjuntos será possível assegurar um futuro mais saudável e protegido para as crianças e adolescentes, oferecendo-lhes a chance de um desenvolvimento livre dos efeitos da violência doméstica.

Palavras-chave: abusos; infantojuvenil; depressão.

IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NA COBERTURA VACINAL CONTRA A POLIOMIELITE NO BRASIL: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA

Ana Beatriz de Medeiros Torres¹; Gabriel Mafra Lins Cavalcante¹; Roger Kayan Ferraz²; Ronald Santos da Silva²; Thierry Duarte Ribeiro Sobral³; Adriana Ávila Moura⁴

Graduando em medicina pela Unima - Centro Universitário de Maceió¹, Graduando em medicina pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL², Graduando em medicina pelo Centro Universitário CESMAC³, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira⁴

anabeatriz.torres11@gmail.com

Introdução: A poliomielite é uma doença infectocontagiosa causada pelo poliovírus e cuja única forma de prevenção é a vacinação. O esquema vacinal em vigor durante a pandemia do COVID-19 consistia em 3 doses, aos 2, 4 e 6 meses de idade e os reforços aos 15 meses e aos 4 anos. Dessa maneira, é importante analisar a repercussão da pandemia na cobertura vacinal para auxiliar na elaboração de estratégias de imunização e adesão. **Objetivo:** Analisar a evolução da cobertura vacinal contra a poliomielite no Brasil durante o período de 2018 a 2021, destacando o impacto causado pela pandemia do COVID-19. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo realizado a partir da análise de dados coletados no Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI) referente às taxas de imunização contra a pólio no Brasil, disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). As variáveis de interesse foram poliomielite (1ª ref) e região, analisadas entre 2018 e 2021. **Resultados:** A CV da Poliomielite (1ª ref) no período entre 2018 e 2021 foi de 69,35%, sendo a região Sul com a maior (77,78%) e a Norte com a menor (59,48%). Nos anos de 2018 e 2019, período anterior à pandemia do covid-19, a CV foi de 72,83% e 74,62%, respectivamente. Durante a pandemia ocorreu um decréscimo em relação ao período pré-pandêmico, visto que em 2020 a CV foi de 69,30% e em 2021 foi de 60,50%. Comparando os anos de 2018 e 2019 (pré-pandemia), 2020 (durante) e 2021 (auge pandêmico) é percebida uma queda de 12,33% em todo o País entre 2018 e 2021, além de uma queda constante entre 2019, 2020 e 2021. Analisando as regiões, a região Nordeste teve a maior queda com 17,29% entre os anos de 2019 e 2021. A região com menor impacto foi a Sul com 11,84% entre 2019 e 2021. **Conclusão:** A cobertura vacinal contra poliomielite no Brasil caiu de 74,62% em 2019 para 60,50% em 2021 devido à pandemia de COVID-19, com maior impacto na região Nordeste. Tendo em vista o grande impacto da pandemia na cobertura vacinal, fica evidente que estratégias são necessárias para recuperar a adesão.

Palavras-chave: cobertura vacinal; COVID-19; poliomielite.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS NASCIDOS VIVOS COM FENDA LABIAL E FENDA PALATINA NO BRASIL

Ronald Santos da Silva¹; Hérica Sthefanny Dantas Medeiros¹; Miquéias da Silva Cruz¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

ronald.silva@famed.ufal.br

Introdução: As anomalias congênitas estão presentes no cenário da saúde pública como uma frequente e impactante questão na vida dos indivíduos e de suas famílias. Dentre o grupo das anomalias craniofaciais, as mais frequentes são as fendas orais, que incluem fenda labial e/ou fenda palatina. Essas malformações decorrem de falhas no fechamento de estruturas embrionárias e podem ser detectadas ao longo do período gestacional. No Brasil, entender a distribuição desse defeito é crucial para orientar estratégias de prevenção, diagnóstico e intervenção. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico dos nascidos vivos com fenda labial e palatina durante todo o período de 1994 a 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo de série temporal elaborado a partir da coleta de dados disponíveis no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) referentes às notificações de nascidos vivos com a anomalia congênita fenda labial e fenda palatina no período de 1994 a 2023. Por se tratar de uma base de dados já estabelecida, não foi necessária a aprovação pelo comitê de ética. **Resultados:** No Brasil, foram notificadas 35.680 ocorrências de nascidos vivos com fenda labial e fenda palatina no período de 1994 a 2023. A região Sudeste demonstrou a maior prevalência, com 41,7% dos casos (n=14.882), a região Centro-Oeste demonstrou a menor incidência, com 7,82% (n=2.793). Em relação ao sexo, o masculino demonstrou maior prevalência com 58,57% (n=20.899) dos casos notificados. Já com relação à cor/raça, foi possível perceber uma predominância nos brancos, com 47,63% (n=16.997) dos casos, seguidos dos pardos com 43% (n=15.344), pretos, indígenas e amarelos, que somam 5,14% dos casos (n=1834). **Conclusão:** No Brasil, entre os anos de 1994 e 2023, houve uma prevalência de casos de fenda palatina e fenda labial na região Sudeste. Também houve uma predominância de casos no sexo masculino, assim como em brancos e pardos. Assim, evidencia-se uma disparidade que pode estar atrelada à maior densidade populacional da região Sudeste e à maior capacidade de notificação. A maior prevalência em homens brancos alerta para a necessidade da elaboração de ações específicas para estes grupos buscando um combate mais eficiente. Assim, os resultados explicitam a necessidade de novas pesquisas para melhores diagnósticos e futuras intervenções.

Palavras-chave: anormalidades craniofaciais; fenda labial; fissura palatina.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ESTADO DO MARANHÃO DE 2010-2024

Daniel Henrique Pinho Nascimento¹; Leonardo Silva Melo¹; Amanda Maria Mendes Braga¹; Julyanne de Andrade Matos¹; Adáyssa Lima Fraga¹; João Victor Praxedes de Almeida¹; Jeanny de Almeida Pereira Menezes²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Enfermeira, Enfermeira pela Universidade Federal do Maranhão²

henrique.daniel@discente.ufma.br

Introdução: Os animais peçonhentos possuem glândulas que produzem substâncias tóxicas e estruturas especializadas, como dentes ou ferrões, para injetá-las em outros organismos, geralmente para defesa ou captura de presas. A peçonha pode causar sérios danos à saúde, incluindo reações alérgicas, necrose, paralisia e até a morte. No Brasil, esses acidentes representam um grande desafio para a saúde pública, devido à rica biodiversidade e ao clima tropical favorável, que abrigam uma ampla variedade de serpentes, aranhas, escorpiões e outros peçonhentos. O aumento dos acidentes por esses animais, especialmente nas regiões Nordeste e Sudeste, reforça a necessidade de medidas preventivas e assistenciais para proteger a população. **Objetivo:** Traçar o perfil epidemiológico dos acidentes por animais peçonhentos no estado do Maranhão em crianças e adolescentes entre 2010 e 2023. **Metodologia:** Estudo epidemiológico descritivo embasado em dados das ocorrências de acidentes por animais peçonhentos em menores de 15 anos no Maranhão, entre 2010 e 2023 disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e pelo Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN). Foram analisadas as variáveis: “faixa etária”, “sexo”, “ano do acidente” e “óbitos pelo agravo notificado”. **Resultados e Discussão:** Entre 2010 e 2023, foram notificados 50.303 casos no Maranhão, evidenciando aumento constante nos últimos cinco anos. O ano de 2022 apresentou o maior número de registros, com 5.568 casos (11,07%), seguido de 2023, com 5.362 casos (10,66%). Os incidentes por serpentes foram os mais frequentes, totalizando 25.103 casos (49,91%), seguidos por escorpiões, com 17.691 ocorrências (35,17%). A faixa etária mais afetada foi a de 10 a 14 anos, com 3.840 casos (7,63%), enquanto o menor número ocorreu entre menores de 1 ano, com 804 casos (1,60%). O sexo masculino predominou com 33.392 casos (66,38%). Durante o período analisado, ocorreram 251 óbitos, resultando em letalidade de 0,50%. O ano de 2021 registrou o maior número de mortes, com 40 óbitos (15,94%). **Conclusão:** O aumento das notificações reflete a necessidade de estratégias preventivas e intervenção focadas em áreas vulneráveis e espécies mais incidentes. A prevalência de casos em meninos e adolescentes de 10 a 14 anos reforça a importância de ações educativas. Evidencia-se a necessidade de aprimoramento do acesso ao atendimento emergencial, especialmente em áreas de maior risco.

Palavras-chave: atenção integral à saúde da criança; epidemiologia; saúde pública.

DOENÇAS IMUNOPREVENÍVEIS EM CRIANÇAS: UMA REVISÃO SOBRE AVANÇOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Tiago Sandes Ferreira¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

tiago.ferreira@famed.ufal.br

Introdução: A capacidade de prevenção de doenças imunológicas é um dos maiores avanços da saúde pública, reduzindo drasticamente a morbimortalidade infantil. Contudo, fatores como a hesitação vacinal, as desigualdades no acesso à saúde e a disseminação de desinformação, com as famosas fake news, ameaçam as conquistas alcançadas nas últimas décadas. Além disso, surtos recentes de sarampo e de coqueluche em diferentes regiões do mundo evidenciam as lacunas na cobertura vacinal e a necessidade de aprimoramento contínuo das estratégias de vacinação. **Objetivo:** Esta revisão de literatura busca explorar os avanços, os desafios e as perspectivas no controle de doenças imunopreveníveis em crianças, com foco em estratégias que contribuam para a ampliação da cobertura vacinal e a redução das desigualdades em saúde. **Método:** Foi realizada uma revisão narrativa com busca nas bases PubMed, SciELO e Lilacs, abrangendo artigos publicados entre 2013 e 2023. Os descritores utilizados incluíram doenças imunopreveníveis, vacinação infantil e saúde pública. Após aplicação de critérios de inclusão (publicações em português, inglês ou espanhol) e exclusão (estudos duplicados ou fora do escopo), 23 artigos compuseram o corpus de análise. **Resultados e discussão:** Avanços: A introdução de vacinas conjugadas e combinadas, como a pentavalente, demonstrou grande impacto na redução de doenças como meningite e hepatite B. A vacinação também contribuiu para a erradicação da poliomielite em várias regiões e o controle do sarampo em países com alta cobertura vacinal. Desafios: A hesitação vacinal emerge como um dos principais entraves. Relacionada à desinformação, às crenças culturais e à fake news, ela reduz a adesão às campanhas. Além disso, desigualdades no acesso aos serviços de saúde comprometem a imunização em populações vulneráveis. Perspectivas: Estratégias inovadoras, como o uso de aplicativos para rastreamento vacinal e campanhas educativas em redes sociais, têm potencial para ampliar a cobertura vacinal. Pesquisas em vacinas intranasais e orais representam uma perspectiva de inovação, com impacto na aceitação e logística de administração. **Conclusão:** Embora os avanços sejam notáveis, os desafios no controle de doenças imunopreveníveis em crianças permanecem. O fortalecimento de políticas públicas, a educação em saúde e o combate à desinformação são essenciais para garantir a equidade e a proteção da população pediátrica e, consequentemente, diminuir a taxa de morbimortalidade desse público.

Palavras-chave: imunologia; doenças imunopreveníveis; saúde da criança.

REALIDADE VIRTUAL: INOVAÇÃO NA FISIOTERAPIA EM PACIENTES PEDIÁTRICOS COM DÉFICIT MOTOR - UMA REVISÃO DE LITERATURA

Beatriz Aguiar de Assunção¹; Ana Caroline Santana Barral¹; Jaily Aparecida do Rosario Silva¹;
Paula Maria Borges de Salles²

Graduanda em Fisioterapia pela Faculdade Estácio Castanhal¹,
Doutora em Ciências e Técnicas Nucleares pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),
Docente do Curso de Fisioterapia da Faculdade Estácio Castanhal²

beatriz.fisio.aluna@gmail.com

Introdução: A sociedade atual vivencia constantes transformações tecnológicas, e a Realidade Virtual (RV) surge como uma ferramenta inovadora para a fisioterapia pediátrica no âmbito da saúde. Dessa forma, a RV é capaz de criar simulações interativas, combinando tecnologia e terapia, promovendo um ambiente atraente para o desenvolvimento motor e cognitivo das crianças. Com exercícios que estimulam coordenação, equilíbrio, força e mobilidade, a RV torna a reabilitação mais dinâmica e motivadora. **Objetivo:** Sistematizar as informações científicas acerca dos benefícios da integração da RV nas intervenções fisioterapêuticas pediátricas em pacientes com déficit motor. **Metodologia:** Os descritores em Ciências da Saúde (DeCS) usados para as buscas nas bases de dados PubMed e PEDro foram: criança, destreza motora, fisioterapia, realidade virtual e seus correspondentes em inglês: *children, motor skills, physical therapy, virtual reality*; o operador booleano "AND" foi aplicado entre os descritores para combinar os termos de forma a refinar os resultados. A coleta de dados foi realizada ao longo de três semanas, entre setembro e outubro de 2024. Os critérios de inclusão abrangeram estudos publicados nos últimos 10 anos, focados na reabilitação motora de crianças de 0 a 12 anos com déficit motor, que utilizaram RV imersiva ou semi-imersiva em intervenções fisioterapêuticas. Estudos com indivíduos sem segmentação por faixa etária, revisões sem dados originais e artigos de acesso restrito foram excluídos. **Resultados e Discussões:** Dentre os 31 artigos encontrados, 6 atenderam aos critérios de inclusão. Evidências demonstram que a RV é capaz de melhorar habilidades motoras em crianças diagnosticadas com déficit motor, promovendo maior precisão e fluidez dos movimentos, estabilidade postural e aprimoramento da coordenação motora. O uso de ambientes virtuais facilitou o aprendizado motor e a transferência de habilidades para o cotidiano. Programas que integram aspectos cognitivos e sociais também apresentaram avanços na execução de atividades que requerem equilíbrio e movimentos sincronizados. No entanto, a eficácia da Terapia de Jogos Eletrônicos (TJE) no Tratamento de Desenvolvimento da Coordenação (TDC) permanece inconclusiva devido à falta de padronização dos protocolos e dos instrumentos de avaliação. **Conclusão:** A RV apresenta grande potencial para transformar a fisioterapia pediátrica, oferecendo benefícios, como melhora da coordenação motora fina e grossa, do equilíbrio e da estabilidade postural. Além disso, promove maior engajamento das crianças, tornando o tratamento mais atrativo. Contudo, é necessário ampliar pesquisas para padronizar protocolos e validar a eficácia a longo prazo, garantindo maior impacto na reabilitação motora infantil.

Palavras-chave: crianças; fisioterapia; realidade virtual.

PERCEPÇÃO DE PUÉRPERAS SOBRE A PUERICULTURA EM ÁREAS DESFAVORECIDAS

Ana Vitória Jacinto Araújo¹; Ana Beatriz de Oliveira Leite²; Ana Letícia Soares Valdivino²; Jamilly Ferreira Da Silva²; Vitoria Hellen da Silva Amarante²; Millena Cavalcanti Ramalho³; Rayli Maria Pereira da Silva⁴.

Enfermeira, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil - Centro Universitário UNIFACISA - Campina Grande/PB, Brasil¹

Graduanda de Enfermagem, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil - Centro Universitário - UNIFACISA - Campina Grande/PB, Brasil²

Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB³

Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/UPE⁴

enfanavitoriak@gmail.com

Introdução: As consultas de puericultura são realizadas com o intuito de acompanhar o crescimento e desenvolvimento da criança saudável e durante o atendimento deve ser explicado aos pais como podem auxiliar para que a criança consiga alcançar os marcos do desenvolvimento infantil, além da realização da avaliação da criança e o acompanhamento da imunização. Contudo, algumas das áreas possuem condições desfavoráveis, incluindo problemas socioeconômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais, que podem alterar a perspectiva e como são realizadas as consultas de puericultura. **Objetivo:** Compreender a percepção das puérperas sobre a qualidade e a efetividade dos serviços de puericultura oferecidos em áreas desfavorecidas. **Metodologia:** O estudo foi realizado por uma pesquisa bibliográfica com abordagem exploratória. Os dados foram coletados em novembro de 2024, utilizando as bases de dados Scielo e Pubmed. Os critérios de inclusão foram os artigos publicados entre 2018 e 2024, em português, espanhol e inglês, que abordassem a percepção de puérperas sobre a puericultura em áreas desfavorecidas. Os critérios de exclusão incluíram artigos duplicados, resumos de conferências e estudos que não focassem diretamente na temática proposta. Foram encontrados 10 manuscritos e ao final selecionados 7 artigos para análise. **Resultados e discussão:** A pesquisa indica que, embora as puérperas em áreas desfavorecidas reconheçam a importância da puericultura, também enfrentam desafios significativos, como dificuldades de acesso aos serviços de saúde, falta de recursos e infraestrutura interna. A carência de informações e orientações também foi apontada como uma dificuldade. Esses fatores ressaltam a necessidade urgente de melhorias nos serviços de saúde, com políticas que garantam acesso a cuidados e informações sobre o desenvolvimento infantil para essa população. **Considerações finais:** é essencial investir na capacitação contínua dos profissionais de saúde e na educação das puérperas sobre a importância da puericultura, enfatizando a necessidade de renovar os assegurando que todas as crianças tenham um atendimento eficaz, com desenvolvimento saudável e integral.

Palavras-Chaves: Puericultura; Assistência à Saúde; Atenção Primária à Saúde.

INFLUÊNCIA DO USO EXCESSIVO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS: UMA REVISÃO NARRATIVA

Jean Carlos Alves Costa¹; Evelyn Vitória Barbosa dos Santos¹; Giovana Alexsandra Melo de Sousa¹; Thayssa Porpino Campos de Almeida²; Maria Janaína Silva Souza¹; Estephanny Leticia de Oliveira Lopes¹; Paula Maria Borges de Salles³

Graduando em Fisioterapia pela Estácio Castanhal¹, Graduando em Fisioterapia pela Universidade Paulista², Doutora em Ciências e Técnicas Nucleares pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Docente do Curso de Fisioterapia da Faculdade Estácio Castanhal³

jeancarlosalvs13@gmail.com

Introdução: Durante o processo de neuroplasticidade, ocorre o processo das conexões neurais e das estruturas cerebrais encontrarem-se em um estágio sensível à exposição a estímulos vivenciados, podendo influenciar de forma positiva ou negativa o desenvolvimento cognitivo. Sendo assim, o tempo excessivo diante das telas digitais pode prejudicar as interações, uma vez que, impacta estímulos sensoriais e sociais, como o comportamento da fala. **Objetivo:** Sistematizar as informações científicas que estão disponíveis bases de dados sobre os impactos do uso excessivo de telas digitais no desenvolvimento cognitivo de crianças de 0 a 5 anos. **Metodologia:** Para a realização desta revisão narrativa, as buscas dos artigos científicos foram realizadas nas bases de dados PubMed e SciELO, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “developmental disabilities”, “screen time”, “child” e suas correspondências em português. Foram incluídos estudos publicados entre 2014 e 2024 que relataram a influência do uso excessivo de telas em crianças. Como critérios de inclusão, utilizou-se estudos com crianças de 0 a 5 anos e todos os tipos de telas digitais, e foram excluídos estudos com crianças prematuras, bebês com diagnóstico de transtorno do espectro do autismo ou de atraso grave no desenvolvimento cognitivo. **Resultados e discussão:** Após as buscas nas bases de dados, 56 estudos foram encontrados, sendo que 53 artigos não se adequaram aos critérios de inclusão, restando 3 artigos para análise. Os estudos selecionados foram realizados com crianças de até 5 anos de idade que tiveram exposição excessiva a telas digitais, como televisão, tablet e celular, nas fases iniciais do desenvolvimento infantil. As análises dos estudos mostraram que a exposição prolongada a telas digitais faz com que as atividades que contribuem para o desenvolvimento cognitivo e motor, como atividades recreativas e interações presenciais com ações verbais diretas, deixem de ser realizadas, o que também pode interferir no desenvolvimento social e na comunicação dessas crianças. **Conclusão:** A exposição prolongada às telas digitais nas fases iniciais do desenvolvimento infantil pode impactar negativamente o desenvolvimento cognitivo, a comunicação e as interações sociais de crianças de até 5 anos. Essa exposição pode substituir atividades fundamentais, comprometendo habilidades essenciais, especialmente o desenvolvimento social da fala.

Palavras-chave: Criança; Deficiências do Desenvolvimento; Tempo de Tela.

CARAVANA REDE CUIDAR 2024: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA ATUAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA

Amanda do Nascimento Oliveira Carneiro¹; Táylla Fernanda dos Santos Pereira¹; Luana Lyra de Aguiar Rocha²; Milena Lins da Cunha Dias³

Fisioterapeuta Residente em Saúde da Criança pela Escola de Saúde Pública da Paraíba¹,
Fisioterapeuta Preceptora do Programa de Residência em Saúde da Criança da Escola de Saúde Pública da Paraíba²; Fisioterapeuta Tutora do Programa de Residência em Saúde da Criança da Escola de Saúde Pública da Paraíba³

fisioamandacarneiro@gmail.com

Introdução: A Caravana Rede Cuidar do estado da Paraíba promove uma integração entre triagem, diagnóstico precoce e assistência para populações em áreas de difícil acesso. Inicialmente, era voltada para cardiologia pediátrica, no entanto, ao longo das edições, foi observada a necessidade de ampliar os cuidados e hoje abrange outras áreas da pediatria, como a ortopedia e a odontologia. Os residentes do programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Criança da Escola de Saúde Pública da Paraíba participam da ação e oferecem às cidades visitadas um olhar integrado à criança. No ano de 2024, a edição da caravana percorreu 13 municípios do estado da Paraíba, no período de 02 a 13 de julho.

Objetivo: Explanar sobre a atuação e as demandas da fisioterapia durante a caravana. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência das fisioterapeutas que cursam o primeiro ano de residência em saúde da criança. **Resultados e Discussão:** A atuação fisioterapêutica seguia uma linha de cuidado desde avaliação (breve anamnese, inspeção, palpação e testes específicos, se necessário) até as orientações de cuidados gerais e o encaminhamento para acompanhamento ambulatorial. As principais demandas eram ortopédicas, com casos de pés planos, pé torto congênito, escoliose e joelho valgo e varo. As crianças normalmente eram atendidas pela equipe médica de ortopedia e pela equipe de fisioterapia e, se necessário, já eram encaminhadas para procedimento cirúrgico no hospital referência em pediatria da Paraíba. Também foram avaliadas crianças com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor e lesões neurológicas, principalmente a paralisia cerebral. Para este último caso, a depender da necessidade da criança, foram prescritas cadeiras de rodas. Além disso, foram assistidos dois casos de acondroplasia, doença genética rara que pode acarretar diversas alterações sistêmicas. Ressalta-se que antes do início da caravana foi realizada uma capacitação sobre acondroplasia e mucopolissacaridose, com o intuito de preparar os voluntários para melhor orientar as famílias das crianças com estas condições. **Conclusão:** A experiência na caravana permitiu a ampliação da visão sobre as principais demandas do estado da Paraíba para além do ambiente hospitalar em que os residentes estão inseridos. Além disso, a prática da avaliação, da escuta, das orientações e do olhar integrado com os demais residentes são experiências que favorecem a qualificação do profissional para atuar em uma equipe multiprofissional, prática esta que é extremamente necessária para alcançar o princípio da integralidade do Sistema Único de Saúde.

Palavras-chave: fisioterapia; saúde da criança; residência.

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO COMBATE A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E OS IMPACTOS NA SAÚDE DA MULHER

Frankcélia Souza camargo¹; Aline Juliane Souza Santos¹; Ana Beatriz Silva de Araújo¹; Hariana Rafaela da Silva Brasil¹; Karina Faine Freitas Takeda²

Graduanda em enfermagem pela Universidade da Amazônia- UNAMA¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará, Docente na Universidade da Amazônia- UNAMA²

camargofrankcelia.enf@gmail.com

Introdução: A gestação é um momento transformador na vida de uma mulher, que é acompanhado por diversas modificações tanto físicas quanto emocionais. Visto isso, é extremamente importante oferecer uma atenção cuidadosa e exclusiva, visando preservar a saúde da mãe e do bebê. O pré-natal é o meio crucial para o sucesso da gestação, não apenas para assegurar a saúde materna, mas também para garantir o nascimento de um bebê saudável. No entanto, é importante ressaltar que a experiência da gestante durante a gestação pode ser afetada por atos que podem ser classificados como violência obstétrica, que compreende abusos físicos, psicológicos e emocionais durante o atendimento nos serviços de saúde. Essa forma de violência pode impactar negativamente a saúde mental e física da mulher. A atuação do enfermeiro se torna fundamental como profissional qualificado, para implementar estratégias de promoção da saúde e prevenção de doenças, além de oferecer um atendimento humanizado, que respeite os direitos e a dignidade da mulher. **Objetivo:** Analisar como a violência obstétrica pode impactar a saúde da mulher, durante e após o período gestacional. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com busca de dados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PUBMED, através do método de inclusão e exclusão nos últimos seis anos antecedentes a 2024, nos idiomas português e inglês. Aplicando boleano AND e os descritores: violência obstétrica, racismo obstétrico. **Resultados e discussão:** Neste trabalho podemos ver como o processo de concepção, gestação e todo o período de parto e pós-parto podem afetar a mãe psicologicamente e fisicamente assim como a relação dela com o bebê, para as mulheres o fenômeno de se tornar mãe é considerado uma das melhores experiências da mulher, porém as piores experiências vividas são os momentos de medo sentido em relação a todos os fenômenos que englobam ao se tornarem mãe. A dor do parto não é apenas fisiológica, mas também fruto da cultura, que tem o poder de intensificá-la. **Conclusão:** Com isso, percebe-se como a violência obstétrica afeta a vida da mulher e que suas consequências vão além do estado físico dela. Por esse motivo, a atuação do enfermeiro é de extrema importância, uma vez que o atendimento humanizado, promoções e prevenções de saúde para a mãe e seu bebê impactam de forma a prevenir o máximo de intercorrências que possam acontecer durante a gestação.

Palavras-chave: enfermagem; gestação; violência obstétrica.

EFICÁCIA DA TRIAGEM AUDITIVA NEONATAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA : UMA REVISÃO DE LITERATURA

Lorrana Thaissa da Cruz Lopes¹; Drielly Christinny de Sousa¹; Tayssa de Lima de Souza¹; Juliana Resque Campos²

Graduando em Fonoaudiologia pela Universidade da Amazônia¹, Fonoaudióloga, especialista em audiologia clínica pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Mestre em neurociências e biologia celular pela Universidade Federal do Pará²

lopeshannah1@gmail.com

Introdução: A perda auditiva é uma condição que afeta a capacidade de ouvir sons, podendo ser unilateral ou bilateral, com variações de grau que vão desde leve até profundo. Ocorre quando há comprometimento em alguma parte do sistema auditivo, seja na orelha externa, média, interna ou nas vias auditivas centrais. No Brasil, estima-se que, a cada mil crianças, duas a sete apresentem algum tipo de problema auditivo. A triagem auditiva neonatal surge como uma estratégia eficaz, pois permite a identificação e intervenção precoce. Neste contexto, a Estratégia de Saúde da Família (ESF) desempenha um papel fundamental ao possibilitar o rastreamento e o monitoramento da saúde auditiva em crianças com ou sem indicadores de risco. **Objetivo:** Analisar a eficácia do rastreamento e monitoramento da triagem auditiva neonatal realizados no âmbito da ESF. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, considerando estudos completos, disponíveis gratuitamente e publicados entre 2014 e 2024, nas bases SciELO e PubMed. Os critérios de inclusão abrangeram artigos nos idiomas português e inglês, alinhados ao objetivo do estudo. Excluíram-se publicações duplicadas, incompletas ou que não atendiam aos critérios estabelecidos. **Resultados e Discussão:** Dos 53 resultados encontrados na SciELO, apenas 3 atenderam a todos os critérios de inclusão. Não foram encontrados estudos na base PubMed que se enquadrassem no objetivo. Os artigos selecionados indicam que programas de rastreamento e monitoramento na ESF são viáveis e demonstram resultados promissores na detecção precoce de alterações auditivas, permitindo intervenções eficazes para o desenvolvimento infantil. Contudo, desafios foram identificados, como a falta de conhecimento sobre indicadores de risco para perda auditiva e dificuldades no processo de encaminhamento e acompanhamento em casos que necessitam de retorno para reteste. Essas fragilidades comprometem o acompanhamento contínuo da saúde auditiva infantil, mesmo diante do potencial da ESF. **Conclusão:** A triagem auditiva neonatal na atenção primária mostrou-se eficiente na identificação precoce de alterações auditivas e na implementação de intervenções que favorecem o desenvolvimento infantil. Entretanto, há lacunas significativas na literatura e na prática que precisam ser abordadas. Estudos futuros são necessários para fortalecer o tema e subsidiar melhorias no cuidado auditivo neonatal.

Palavras-chave: triagem auditiva; atenção primária; neonatal.

ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER A ADESÃO AO USO DE PRESERVATIVOS EM ADOLESCENTES NO AMBIENTE ESCOLAR

Pedro Henrique Andrade de Vasconcelos¹; Ryan Carlos Leite de Andrade²; Wana Dark da Silva Costa³; Tiago Jose Santos Cardoso⁴, Francisco Antonio da Cruz dos Santos⁵

Graduando em enfermagem pela Unopar polo Piripiri¹, Graduando em Farmácia pela CHRISFAPI², Enfermeira pelo UNIPLAN polo Piripiri³, Enfermeiro pela Unopar polo Piripiri⁴, Mestrando em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí⁵

phvascon2003@gmail.com

Introdução: Os jovens estão em um período de descobrimento e exploração. Contudo, a ausência de informação e educação sexual apropriada pode resultar na não utilização de preservativos, aumentando a vulnerabilidade a doenças sexualmente transmissíveis (ISTs), como o HIV, e a uma gravidez não planejada. **Objetivo:** Identificar as principais estratégias para promover a adesão ao uso de preservativos em adolescentes no ambiente escolar. **Metodologia:** Revisão Integrativa da literatura, realizada entre 2019 e 2024. Realizou-se uma busca em plataformas como a Biblioteca Virtual em Saúde, usando os descritores “adolescentes”, “preservativos”, “promoção da saúde”, “educação sexual”, “escola”, associados ao operador *booleano* AND. A pergunta da pesquisa foi: Quais estratégias adotadas na adesão do uso de preservativos por adolescentes no âmbito escolar? Aplicou-se os critérios de inclusão artigos originais, gratuitos, completos na íntegra, publicados nos últimos cinco anos, sem restrição de idiomas. Excluiu-se os que não atendiam aos critérios de elegibilidade, pela leitura de títulos, resumos e texto. Analisou-se os dados extraídos dos estudos, organizando os riscos identificados e destacando os fatores associados. Desenvolveu-se uma síntese integrativa dos resultados para identificar as estratégias e abordagens para a adesão de preservativos em adolescentes escolares. **Resultados e Discussão:** Através da busca inicial de dados na BVS foram identificados 59 artigos, após aplicação e análise, foram selecionados 5 trabalhos. Entre as estratégias encontradas estão: programas de educação sexual que ajudam a fornecer informações sobre os riscos das ISTs e gravidez precoce; programas que envolvem o apoio psicossocial e envolvimento familiar; programas de treinamento focados em práticas de comunicação, sensibilização e técnicas de ensino interativo para os profissionais da educação ao abordarem o tema de forma mais eficaz e sem tabus; parcerias com clínicas de saúde voltadas para a juventude, como serviços de saúde pública ou centros de atendimento juvenil, pode facilitar o acesso dos adolescentes a preservativos e a aconselhamentos sobre sexualidade. **Considerações Finais:** A promoção do uso de preservativo entre adolescentes escolares é essencial para prevenir doenças e gravidez precoce. Estratégias eficazes incluem educação sexual, campanhas de conscientização, distribuição de preservativos e apoio psicológico. A combinação dessas abordagens, com a participação de educadores, pais e comunidades, ajuda a criar um ambiente seguro e responsável para a saúde sexual dos jovens, é crucial criar um ambiente onde os adolescentes se sintam seguros e responsáveis em relação à sua saúde sexual.

Palavras-chave: Adolescentes; Educação Sexual; Preservativos.

ESTRATÉGIAS ADOTADAS PARA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES VESTIBULANDOS

Pedro Henrique Andrade de Vasconcelos¹; Ryan Carlos Leite de Andrade²; Wana Dark da Silva Costa³; Francisco Antonio da Cruz dos Santos⁴

Graduando em enfermagem pela Unopar polo Piripiri¹, Graduando em Farmácia pela CHRISFAPI², Enfermeira pelo UNIPLAN polo Piripiri³, Mestrando em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí⁴

phvascon2003@gmail.com

Introdução: O período de transição para a vida acadêmica é caracterizado por grandes desafios para os adolescentes que estão se preparando para o vestibular. A pressão para alcançar êxito acadêmico, aliada a transformações emocionais e sociais, pode impactar de maneira prejudicial à saúde mental desses jovens. **Objetivo:** Identificar as principais estratégias para promover a saúde mental em adolescentes vestibulandos (AV). **Metodologia:** Revisão Integrativa da literatura, realizada em novembro de 2024. Realizou-se uma busca em plataformas como a Biblioteca Virtual em Saúde, usando os descritores “Saúde Mental”, “Educação”, “Adolescentes”, “Saúde pública”, “Estratégias de Enfrentamento”, associados ao operador booleano AND e OR. A pergunta da pesquisa foi: Quais as estratégias adotadas para melhorar a saúde mental de AV durante o processo de preparação para o vestibular? Aplicou-se os critérios de inclusão artigos originais, gratuitos, completos na íntegra, publicados nos últimos cinco anos, sem restrição de idiomas. Excluiu-se os que não atendiam aos critérios de elegibilidade, onde extraiu-se os dados dos estudos para identificar e classificar os tipos de estratégias e as intervenções adotadas para o melhoramento mental de AV. Realizou-se uma síntese integrativa dos achados, destacando as principais práticas de intervenções no apoio à saúde mental dos jovens na preparação para o vestibular. **Resultados e Discussão:** Através da busca inicial de dados na BVS foram identificados 68 artigos, após aplicação e análise, foram selecionados 5 trabalhos. A preparação dos AV pode ser uma fase desafiadora para muitos jovens. Entre as estratégias e abordagens que podem ser feitas para minimizar essa pressão: podem ser associadas a práticas simples de relaxamento que podem diminuir a ansiedade e proporcionam momentos de descanso mental; o planejamento adequado dos estudos, com horários e metas; a prática de exercícios físicos na redução dos níveis de cortisol, aumentando a sensação de bem-estar; uma alimentação saudável e um descanso adequado. É importante que os jovens entendam que o vestibular é apenas uma etapa da vida, e que o sucesso não se mede apenas pelas notas, mas também pela capacidade de aprender, crescer e lidar com os desafios. **Considerações Finais:** Em um cenário cada vez mais desafiador, a atenção à saúde mental dos vestibulandos torna-se imprescindível. A implementação de estratégias voltadas para a promoção do equilíbrio emocional não apenas auxilia na preparação para o vestibular, mas também fortalece os jovens a serem mais resilientes e aptos a enfrentar os desafios da vida.

Palavras-chave: Saúde Mental; Adolescentes; Educação.

PREVALÊNCIA DE INTERNAÇÃO HOSPITALAR POR BRONQUIOLITE VIRAL AGUDA NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS NO ESTADO DA PARAÍBA

Amanda do Nascimento Oliveira Carneiro¹; Táylla Fernanda dos Santos Pereira¹; Rayane Priscila Batista dos Santos²; Gerlane Santos Diniz²

Fisioterapeuta Residente em Saúde da Criança pela Escola de Saúde Pública da Paraíba¹,
Fisioterapeuta Preceptora do Programa de Residência em Saúde da Criança da Escola de Saúde Pública da Paraíba²

fisioamandacarneiro@gmail.com

Introdução: A bronquiolite viral aguda (BVA) é uma das principais causas de internação hospitalar em menores de dois anos. Considerando as especificidades da anatomia e fisiologia do sistema respiratório de neonatos e lactentes, principalmente os que apresentam prematuridade ou alguma comorbidade associada, a BVA apresenta potencial risco de morbidade e mortalidade nesta população. Dessa forma, ressalta-se a importância de conhecer a prevalência de internações causadas pela doença, para que sejam traçadas estratégias de prevenção e tratamento eficazes para esta condição. **Objetivo:** Objetivou-se analisar a prevalência de internações por BVA em crianças de zero a quatro anos no estado da Paraíba, nos últimos cinco anos. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico com dados extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS TABNET) em novembro de 2024. Foram filtradas a quantidade de internações causadas por bronquite e bronquiolite aguda em crianças de zero a quatro anos, na Paraíba, no período de janeiro de 2019 a setembro de 2024. **Resultados e discussão:** Registrou-se uma crescente na quantidade de internações nos anos de 2023 e 2024, com 1.450 e 1.449 casos, respectivamente. Em 2023, o maior número de casos foi registrado em junho, com 298 internações. Em 2024, os meses de maio e junho lideram até o presente momento, com 387 e 315 casos, respectivamente. Isso pode ser justificado pela sazonalidade da doença, que é predominante no outono e inverno. Entre os anos de 2019 e 2022, foram registradas mais internações em 2022, com 699 casos, e menos internações em 2020, com 90 registros. Os dados de 2020 podem ter influência da pandemia do coronavírus e o consequente receio da hospitalização. Em todos os anos, a maior prevalência foi em crianças menores de um ano, o que pode ser justificado pela imaturidade do sistema respiratório nos primeiros meses de vida. O aumento nos casos de infecções respiratórias pode causar superlotação nas urgências dos hospitais, condição que dificulta o gerenciamento de fluxo nas unidades hospitalares e, conseqüentemente, a efetividade nas estratégias de intervenção. **Conclusão:** O crescente número de internações hospitalares por BVA nos últimos cinco anos na Paraíba alerta sobre a necessidade de políticas públicas de saúde que visem a prevenção de infecções respiratórias e a educação em saúde sobre como evitar contaminação e quais sintomas advertem para buscar atendimento hospitalar. Ações direcionadas desde a atenção primária até a terciária podem ser potenciais para a mudança deste cenário.

Palavras-chave: bronquiolite viral; hospitalização; epidemiologia.

INFLUÊNCIA DO BULLYING NA SAÚDE MENTAL INFANTIL

Paula Silveira Araujo²; Lara Julia Evangelista Mineiro²; Samella Soares Oliveira Medeiros¹; Pedro Henrique Lessa de Oliveira²; Suzan Kelly Macedo²; Vitor Hugo Vigilato Leite²; Fernanda Cristina Alcântara dos Santos³

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser¹, Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás², Docente em Universidade Federal de Goiás³

paula.silveira@discente.ufg.br

Introdução: O bullying infantil é um grave problema de saúde pública que envolve agressões repetidas e intencionais. Suas formas variam entre provocações verbais, sociais e abusos físicos, gerando impactos profundos na saúde mental, desempenho escolar e relações sociais das vítimas, exigindo intervenções eficazes. **Objetivo:** Analisar os impactos do bullying na saúde infantil. **Metodologia:** Esta revisão integrativa da literatura fundamenta-se em artigos científicos publicados no PubMed entre os anos de 2019 e 2024. A busca foi realizada utilizando os descritores “Bullying”, “Children” e “Mental Health”, aplicando como critério de inclusão textos completos disponíveis gratuitamente e em língua portuguesa, resultando em 442 publicações. Foram estabelecidos como critérios de exclusão estudos fora do período estipulado, pagos e que não estavam alinhados com os objetivos da pesquisa. Após a aplicação desses critérios, foram selecionados cinco estudos que se mostraram mais pertinentes à temática abordada. **Resultados e discussão:** Crianças expostas ao bullying têm maior predisposição a desenvolverem transtornos psicológicos, como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático e também fisiológicos, como distúrbios de sono e queixas somáticas. A integração de ferramentas de triagem, pelos profissionais de saúde em conjunto com a equipe pedagógica, facilita a detecção de comportamentos indicativos de vitimização ou agressão. Abordagens preventivas, como orientação ativa das famílias e escolas, auxilia na rede de apoio às crianças vítimas do bullying. As intervenções incluem encaminhamento para profissionais de saúde mental e terapia baseada em evidências, como terapia cognitivo-comportamental, para mitigar os efeitos do bullying na vida infantil e, conseqüentemente, na adulta. Nessa conjuntura, o bullying compreende um problema sistêmico, envolvendo aspectos sociais, culturais, econômicos e educacionais, além da saúde. A intervenção terapêutica se faz necessária em muitos casos, para vítima e agressor, tanto enquanto o bullying acontece quanto futuramente, em que o indivíduo adulto tem conseqüências da experiência traumática e contínua que vivenciou. **Conclusão:** Portanto, ficou evidente que o bullying é um problema complexo que pode causar problemas psicológicos e físicos, cuja repercussão pode durar toda a vida. Nesse sentido, intervenções precoces envolvendo pais, escolas e profissionais de saúde são importantes para prevenir e mitigar esses efeitos. Reforça-se o papel crucial de programas preventivos nas escolas e o uso de terapias baseadas em evidências para apoiar tanto as vítimas quanto os agressores, visando reduzir as conseqüências negativas e fomentar um ambiente de inclusão e respeito.

Palavras-Chave: bullying; saúde mental; crianças.

REVISÃO INTEGRATIVA: INTERFACE ENTRE A VIOLÊNCIA SEXUAL EM ADOLESCENTES E O PROTAGONISMO DA ENFERMAGEM

Daniel Augusto Ramiro Rosa; Aline Severo Silva; Raquel Alencar de Miranda; Joyce Heloize de Paula Abreu; Luana Cipriano Barbosa Lima; Francine Banni Felix; Juliana Paula Pereira

Graduandos em enfermagem pela Universidade Salgado de Oliveira

augustoramirodaniel@gmail.com

Introdução: O abuso e a violência sexual contra crianças e adolescentes são reconhecidos globalmente como sérios problemas de saúde pública. Estudos indicam que o abuso sexual infantil causam psicopatologias graves, danos físicos e psicossociais, que compromete o desenvolvimento psicológico, afetivo e social, os efeitos desses traumas perduram até a vida adulta. **Objetivo:** Este trabalho objetiva sumarizar os desafios e intervenções preventivas no contexto do abuso e da violência sexual entre crianças e adolescentes, destacando a interface com a assistência de enfermagem. **Método:** Realizou-se uma revisão integrativa, utilizando os descritores violência infantil, abuso sexual, adolescência e enfermagem associados aos operadores booleanos AND. As plataformas de busca foram google acadêmico, scielo e Biblioteca Virtual de Saúde e referências cruzadas. Foram analisados artigos em português dos últimos cinco anos, excluindo-se materiais fora do tema ou duplicados. **Resultados e Discussões:** Foram encontrados 10 artigos, eliminados 3 por não serem pertinentes ao tema e nenhuma duplicatas. A maioria das vítimas de violência sexual são adolescentes, de 12 e 19 anos. Fatores como o consumo de álcool e drogas, sexo casual sem orientação adequada, a baixa escolaridade, renda familiar insuficiente e a exposição a ambientes virtuais inseguros aumentam a vulnerabilidade. Além disso, a violência doméstica, a falta de moradia e o estigma social associado a determinados comportamentos agravam ainda mais a situação, dificultando a recuperação e reintegração dos adolescentes após os episódios de violência. A atuação dos profissionais de saúde, especialmente os da área de enfermagem, é fundamental no enfrentamento da violência sexual. Esses profissionais têm um papel estratégico no reconhecimento precoce dos sinais de abuso, na orientação das famílias e na implementação de estratégias preventivas. No entanto, enfrentam desafios significativos, como a falta de capacitação adequada, o receio de atuar na prevenção e notificação, a ausência de apoio e sigilo dos conselhos tutelares e a insegurança diante da possível represália dos agressores. Esses obstáculos contribuem para que muitas notificações compulsórias não sejam realizadas e as denúncias aos órgãos competentes não sejam feitas. **Conclusão:** A violência sexual contra adolescentes exige uma abordagem integrada, que envolva famílias, escolas, profissionais de saúde e gestores públicos, para proteger os jovens, prevenir novos casos e minimizar os impactos sociais dessa problemática. É fundamental incluir abuso e exploração sexual na formação dos enfermeiros, visto que esses profissionais têm contato direto com as vítimas e precisam estar preparados para intervir, prevenir, proteger e evitar a recorrência do abuso.

Palavras-chave: violência sexual, adolescentes, enfermagem

QUAL O IMPACTO DA PANDEMIA DO COVID-19 NA COBERTURA VACINAL DA PENTA NO BRASIL? UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA

Kaic Fernando Teles¹; Ronald Santos da Silva¹; Diogo Henrique de Oliveira Cardoso¹; Abdias Folly¹;
Luís Alberto Albuquerque da Silva¹; Isaac Costa Santos¹; Francisco de Assis Costa²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutorado em Cardiologia pela
Escola Paulista de Medicina²

kaic.kft@gmail.com

Introdução: A pandemia de COVID-19 trouxe inúmeros desafios para os sistemas de saúde ao redor do mundo, impactando diretamente na oferta e procura por serviços essenciais. Entre os serviços afetados, destaca-se a vacinação infantil, especialmente em países de renda média e baixa. No Brasil, a vacinação é um pilar estratégico para a saúde pública, sendo a vacina pentavalente, que protege contra cinco doenças graves (difteria, tétano, coqueluche, hepatite B e infecções por *Haemophilus influenzae* tipo b), fundamental para a proteção da população pediátrica. Sendo essencial analisar epidemiologicamente as tendências regionais e temporais entre 2018 e 2021, período pandêmico.

Objetivo: Analisar o impacto da pandemia do COVID-19 na cobertura vacinal (CV) da Penta no Brasil entre 2018 e 2021. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo realizado com dados obtidos no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), por meio do Sistema de Informações do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI). As variáveis analisadas foram a cobertura vacinal anual (%) e regiões do País, comparando os períodos pré-pandemia (2018-2019) e durante a pandemia (2020-2021). **Resultados e Discussão:** A CV da Penta no período entre 2018 e 2021 foi de 77,13%, sendo a região Sul com a maior (83,21%) e a Norte com a menor (66,99%) abrangência. Nos anos de 2018 e 2019, a CV foi de 88,49% e 70,76%, respectivamente. Durante a pandemia ocorreu uma notória queda nos números em relação a 2018, visto que em 2020 a CV foi de 77,86% e em 2021 foi de 71,53%. Comparando o recorte de 2018 a 2021, é notória uma acentuada queda em 2019 (em relação a 2018), uma elevação em 2020 e uma nova queda em 2021, mostrando variação ao longo dos anos. Analisando as regiões, o Sudeste teve a maior queda, com 20,53% entre os anos de 2018 e 2021. A com menor impacto foi a Sul, com uma queda de 8,8% entre os anos de 2018 e 2021. **Conclusão:** No Brasil, entre 2018 e 2021, a cobertura vacinal da Penta na região Sul foi a mais abrangente e na região Norte a mais limitada. Houve um declínio evidente da CV nos anos de 2020 e 2021 quando comparado com 2018. A região Sudeste sofreu a maior queda no período analisado, enquanto a Sul sofreu menor impacto. Assim, é notória a influência da pandemia na diminuição da cobertura vacinal da Penta.

Palavras-chave: cobertura vacinal; COVID-19; vacinas combinadas.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE CASOS CONFIRMADOS DE MENINGITE NO BRASIL DE 1 AOS 19 ANOS

Thierry Duarte Ribeiro Sobral¹; Ronald Santos da Silva²; Roger Kayan Ferraz²; Ana Beatriz de Medeiros Torres³; Gabriel Mafra Lins Cavalcante³; Adriana Ávila Moura⁴

Graduando em medicina pelo Centro Universitário CESMAC¹, Graduando em medicina pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL², Graduando em medicina pela Unima - Centro Universitário de Maceió³, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira⁴

thierrysobral2@gmail.com

Introdução: A meningite é uma doença de caráter inflamatório que acomete as meninges, que são membranas que revestem o encéfalo e a medula espinhal. Essa doença pode possuir etiologia bacteriana, viral ou até mesmo fúngica. A análise de dados epidemiológicos é uma ferramenta indispensável para uma maior compreensão da doença e do tratamento adequado para cada caso. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico dos casos confirmados de meningite no Brasil durante o período de 2007 a 2024. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, referente aos casos confirmados da doença em crianças de 1 a 19 anos, realizado por meio de dados coletados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) no período de 2007 a 2024, disponíveis no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). As variáveis de interesse foram idade, sexo e região. **Resultados:** No Brasil, foram registrados 187.857 casos confirmados de meningite, entre 2007 e 2024. A região Sudeste registrou a maior quantidade de casos, sendo 101.458 confirmados. A região Norte registrou a menor quantidade, sendo 6,659 casos. Em relação à faixa etária, a de maior prevalência foi a de 5 a 9 anos, com 46.171 casos, seguida da de menores de 1 ano, com 45.634 casos. A faixa etária de 15 a 19 anos teve o menor registro, com 15.263 casos. No que se diz respeito ao sexo, o de maior prevalência foi o masculino com 112.112 casos. A análise demonstrou disparidades regionais, faixas etárias mais vulneráveis e uma predominância de casos no sexo feminino. A região Sudeste apresentou maior número de notificações, devendo ser considerada a densidade populacional e estrutura de saúde mais desenvolvida, enquanto a região Norte registrou o menor número, destacando possíveis barreiras de acesso e subnotificação. Em relação à faixa etária, a maior prevalência em crianças de 5 a 9 anos e menores de 1 ano ressalta a vulnerabilidade desses grupos, especialmente em locais com baixa cobertura vacinal. **Conclusão:** Os dados reforçam a necessidade de estratégias de vigilância ativa, ampliação da imunização e fortalecimento da infraestrutura de saúde, especialmente nas áreas menos assistidas, para mitigar o impacto dessa grave doença.

Palavras-chave: meningite; neurologia; infecções.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE NASCIDOS VIVOS COM TETRALOGIA DE FALLOT NO BRASIL ENTRE 2013 E 2023

Roger Kayan Ferraz¹; Ronald Santos da Silva¹; Thierry Duarte Ribeiro Sobral²; Ana Beatriz de Medeiros Torres³; Gabriel Mafra Lins Cavalcante³; Francisco de Assis Costa⁴

Graduando em medicina pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL¹, Graduando em medicina pelo Centro Universitário CESMAC², Graduando em medicina pela Unima - Centro Universitário de Maceió³, Doutor em Cardiologia pela Escola Paulista de Medicina⁴

roger.ferraz@famed.ufal.br

Introdução: Tetralogia de Fallot (TOF) é a cardiopatia congênita cianótica mais comum e envolve quatro alterações anatômicas: comunicação interventricular, dextroposição da aorta, estenose pulmonar e hipertrofia ventricular direita. Essa cardiopatia gera hipofluxo pulmonar e pode provocar crises hipercianóticas potencialmente letais. Estratégias de diagnóstico, intervenção e tratamento dependem da compreensão dos dados de prevalência. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico dos nascidos vivos no Brasil entre 2013 e 2023 que apresentaram TOF, identificando variáveis de maior impacto. **Metodologia:** Realizou-se um estudo epidemiológico descritivo analisando dados coletados pelo Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) referentes às notificações da TOF entre 2013 e 2023, disponíveis no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). As variáveis analisadas foram unidade federativa (UF) de nascimento, raça/cor, duração da gestação e tipo de parto. **Resultados e Discussão:** No Brasil, foram registrados 30.981.816 nascidos vivos, entre 2013 e 2023. Destes, 0,0033% (n=1025), apresentaram TOF. As UFs com mais notificações foram São Paulo, com 51,02% (n=523), Rio Grande do Sul, com 12,58% (n=129) e Minas Gerais, com 6,73% (n=69), totalizando 70,33% (n=721). A raça/cor com maior prevalência foi branca, com 62,53% (n=641), seguida por parda, com 28,39% (n=291), preta com 5,56% (n=57) e amarela com 0,87% (n=9). Já a duração da gestação com maior ocorrência da anomalia foi entre 37 a 41 semanas, com 70,34% (n=721), seguida de 32 a 36 semanas, com 24,78% (n=254) e as durações de 22 a 27 semanas, 28 a 31 semanas e 42 semanas ou mais, que representaram, respectivamente, 0,68% (n=7), 3,12% (n=32) e 0,78% (n=8). A porcentagem de pré-termos nascidos entre 32 e 36 semanas com TOF foi expressiva, considerando-se que mais pessoas nascem a termo do que pré-termo. Por fim, a análise do tipo de parto revelou uma predominância do cesáreo com 81,07% (n=831) sobre o vaginal com 18,92% (n=194). **Conclusão:** Foi possível observar uma predominância da TOF nas regiões Sudeste e Sul, em números absolutos e relativos. Percebeu-se também uma maior ocorrência em brancos e pardos, bem como em nascidos a termo, especialmente de partos cesáreos. Esses dados reforçam a importância de mais estudos epidemiológicos e a adoção de estratégias de diagnóstico precoce e tratamento.

Palavras-chave: tetralogia de Fallot; cardiopatias congênicas; cardiologia.

ATIVIDADE EDUCATIVA SOBRE DESVANTAGENS DA UTILIZAÇÃO DE BICOS ARTIFICIAIS EM LACTENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jéssica Kelly de Miranda Barros¹; Evelyn Larissa Viana Santos¹; Jaine Magalhães Paz de Lima²; Camila de Freitas Cunha Carvalho¹; Larissa Prado Leal¹; Lucélia da Cunha Castro²; Geânia de Sousa Paz Lima³

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestre em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí², Doutora em Ciências Médicas pela UNICAMP e professora associada na Universidade Federal do Piauí³

jessicakellybarros@hotmail.com

Introdução: O aleitamento materno é reconhecido como o padrão-ouro da alimentação infantil, pois oferece a nutrição completa para o bebê. Assim, a amamentação deve ser exclusiva desde o nascimento até os seis meses de idade. A Organização Mundial de Saúde (OMS) apresenta os "Dez passos para o sucesso do aleitamento materno", e dentre os quais, inclui a recomendação de evitar o uso de mamadeiras e outros bicos artificiais. Nesse período, a assistência de um profissional nutricionista é imprescindível na promoção, proteção e apoio à mãe e familiares na manutenção do leite materno exclusivo até o sexto mês e continuado até os dois anos de vida. **Objetivo:** Orientar às mães sobre os impactos do uso de bicos artificiais na amamentação exclusiva. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo descritivo do tipo relato de experiência, desenvolvido por acadêmicas de Nutrição ao realizarem atividade educativa em janeiro de 2024, na vivência do Estágio em Nutrição Social em uma maternidade pública de Teresina, Piauí. A atividade foi destinada às mães ou responsáveis que acompanhavam as crianças durante as consultas no ambulatório infantil da maternidade. A estratégia para orientar os pais, foi a exposição de um banner sobre "Desvantagens do uso da chupeta e da mamadeira", descrevendo de maneira objetiva os prejuízos que o uso de mamadeira e chupeta pode causar no desenvolvimento da criança e sucesso da amamentação. **Resultados e Discussão:** No diálogo com as mães e acompanhantes foi apresentado os prejuízos que o uso de mamadeira e chupeta pode causar no desenvolvimento da criança, tais como: a confusão de bico durante o processo de sucção na amamentação; comprometimento da fala; alteração da mastigação e deglutição; aumento na transmissão de germes, provocando infecções e as malformações dentárias, houve boa participação da comunidade podendo-se perceber satisfatória sensibilização relacionada aos malefícios desses objetos para o desenvolvimento infantil e que os mesmos interferem no padrão de aleitamento materno representando um risco em potencial para a interrupção parcial ou total da amamentação exclusiva. **Conclusão:** A ação educativa teve êxito ao desencorajar o uso de chupetas e mamadeiras, demonstrando ser uma estratégia eficaz na promoção da amamentação. Além disso, destaca-se a atuação do nutricionista junto à equipe multidisciplinar para o sucesso do aleitamento materno, garantindo assim um desenvolvimento saudável e qualidade de vida aos lactentes.

Palavras- chave: aleitamento materno; bicos artificiais; mamadeiras.

PERCEPÇÃO DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO BÁSICA DIANTE À SÍNDROME HELLP

Jacqueline do Nascimento Maciel ¹; Maria Valnice Silva Sousa ²; Vinicius Gomes Barros ³

Graduanda em Enfermagem pela Instituição Nove de Julho de São Paulo – SP¹, Graduanda em Enfermagem pela Instituição Nove de Julho de São Paulo – SP², Doutorando em Ciências de la Salud na Universidad de Oviedo – Espanha – ES³

jacquelinem223@gmail.com

Introdução: A Síndrome de HELLP é o pioramento das síndromes hipertensivas da gestação (SHG), com uma série de consequências para a mãe e para o feto, podendo apresentar sinais e sintomas agudamente variáveis, dentre eles: cefaleia, distúrbios visuais e mal-estar generalizado, os quais são também identificados nos casos de uma pré-eclâmpsia grave. Dessa forma, a visão da enfermagem é essencial no monitoramento de sinais e sintomas que acometem as gestantes com essa patologia para impedir complicações, sendo, portanto, o profissional de enfermagem da atenção básica (AB), sendo ele um agente fundamental no auxílio desses pacientes. **Objetivo:** Evidenciar a percepção do enfermeiro da atenção básica diante da síndrome HELLP. **Metodologia:** O atual estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com abordagem exploratória descritiva. Foram utilizados o portal, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com as bases de dados, Banco de Dados em Enfermagem (BDENF) e o Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). A pesquisa foi realizada em novembro de 2024. Os descritores utilizados foram: " Síndrome HELLP " AND "Gestantes" AND "Enfermagem"). **Resultados e discussão:** Após aplicar a leitura dos artigos e empregar os critérios de escolha, foram escolhidos 3 artigos. Logo após efetuar a operacionalização dos descritores, acerta-se um total de 3 artigos publicados na LILACS e na BDENF 6. Dos 9 artigos, 6 foram excluídos por não atenderem aos critérios necessários. Os estudos relataram que as complicações da Síndrome de HELLP são seguidas de insuficiência cardíaca e pulmonar, hemorragia interna e acidente vascular cerebral. AB é compreendida como entrada dos serviços de saúde, tendo como foco a assistência da saúde da mulher e o acompanhamento pré-natal. Propõe-se assim a garantia a saúde materna e fetal de qualidade e em consequência a redução de índices de morbimortalidade fetal e materna. A percepção do enfermeiro no pré-natal é fundamental, para a efetivação de planejamento familiar, o qual corrobora a relevância do controle da pressão arterial, dos cuidados com a alimentação, diante do cuidado quanto ao aumento de peso durante a gestação. **Considerações finais:** Percebe-se que o trabalho do enfermeiro com gestantes que possuem predisposição à síndrome HELLP necessita de uma atenção especial, conhecimento, responsabilidade, respeito e ética, resultando-se de máxima importância escutar as pacientes de forma individualizada, a fim de examinar suas queixas e demandas, com finalidade de contribuir para a promoção e prevenção da saúde.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Assistência de Enfermagem; Síndrome HELLP.

EQUIPE MULTIPROFISSIONAL NA ASSISTÊNCIA DE ADOLESCENTES EM USO DE MEDICAÇÕES ANTIPSICÓTICAS: DESAFIOS E ATUAÇÕES

Ryan Carlos Leite de Andrade¹; Pedro Henrique Andrade de Vasconcelos²; Wana Dark da Silva Costa³; Francisco Antonio da Cruz dos Santos⁴

Graduando em enfermagem pela Unopar polo Piripiri¹, Graduando em Farmácia pela CHRISFAPI², Enfermeira pelo UNIPLAN polo Piripiri³, Mestrando em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí⁴

ryanleite.carlos@gmail.com

Introdução: A utilização de medicações antipsicóticas em adolescentes com transtornos psicóticos exige uma abordagem integrada que considere os aspectos clínicos, sociais e familiares. **Objetivo:** Identificar os desafios e as atuações da equipe multiprofissional na assistência de adolescentes em de antipsicóticos. **Metodologia:** Revisão integrativa da literatura, construídas nas seguintes etapas: definição da questão norteadora, busca e seleção dos estudos, avaliação crítica, extração de dados e síntese dos resultados. pergunta norteadora: "Quais são os cuidados e a atuação da equipe multiprofissional na utilização de medicações antipsicóticas em adolescentes com transtornos psicóticos?". A busca será realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *PubMed*, *Scopus* e *SciELO*, utilizando descritores "Adolescentes", "Antipsicóticos", "Equipe multiprofissional" e "Cuidados de saúde", associados aos operadores booleanos AND e OR. Serão incluídos estudos publicados entre 2018 e 2023, em português, inglês ou espanhol, que abordem diretamente o uso de antipsicóticos em adolescentes e o papel da equipe multiprofissional, considerando artigos originais, revisões e relatos de caso. Os estudos serão selecionados em três etapas: leitura de títulos e resumos, leitura integral para verificação de adequação aos critérios e inclusão final dos estudos relevantes. A extração dos dados será realizada por meio de uma planilha contendo autor, ano, tipo de estudo, objetivos e achados principais, especialmente no que se refere à atuação da equipe multiprofissional no manejo dos medicamentos. Os resultados serão organizados em categorias temáticas. **Resultados e Discussão:** Através da busca inicial foram identificados 138 artigos, após aplicação e análise, foram selecionados 5 trabalhos. Os estudos selecionados indicam que a atuação conjunta de psiquiatras, psicólogos, farmacêuticos e assistentes sociais é essencial para o manejo seguro dos medicamentos, reduzindo efeitos colaterais e otimizando o tratamento. O papel do farmacêutico clínico destaca-se na orientação e monitorização de interações medicamentosas. Além disso, a integração com família e escola reforça o acompanhamento contínuo do adolescente, proporcionando suporte preventivo. No entanto, desafios como a falta de treinamento das equipes e a ausência de protocolos específicos comprometem a qualidade do cuidado. **Considerações Finais:** Conclui-se que a criação de estratégias para aprimorar a formação profissional e estabelecer diretrizes claras é indispensável para assegurar um atendimento seguro, integrado e personalizado a adolescentes em uso de antipsicóticos.

Palavras-chave: Adolescentes; Antipsicóticos; Equipe Multiprofissional.

HIDROCEFALIA PEDIÁTRICA E DINÂMICA DO LÍQUOR: UMA ABORDAGEM ANATÔMICA

João Gabriel da Cunha Gomes¹; Gabriela Lorbitzki Girardi¹; Graziela Laura Tres¹; Hyorrana Hamid Zarda Ribeiro Rodrigues¹; João Roberto Gomes Torrontegui¹; Andrielle Oliveira de Almeida¹; Carlos Ely Severo da Silva²

Acadêmico em Medicina pela Universidade de Caxias do Sul¹; Especialista em Pediatria pelo Hospital Municipal Souza Aguiar e Hospital Municipal Jesus²

jgcgomes@ucs.br

Introdução: A Hidrocefalia pediátrica (HCP) é um acúmulo anormal de líquido cefalorraquidiano (LCR) que pode ocorrer em conjunto com alterações na pressão intracraniana. A taxa de incidência de HCP é de aproximadamente 0,1–0,6% dos nascidos vivos e, embora as etiologias da HCP sejam numerosas, muitos dos sintomas agudos e crônicos, como desorientação, aumento do diâmetro do crânio, cefaleia e alterações cognitivas e de desenvolvimento, são compartilhados. O diagnóstico geralmente é realizado por exames de imagem, sendo o tratamento, na maioria das vezes, cirúrgico, objetivando a restauração do fluxo liquórico. **Objetivo:** Compreender a fisiopatologia e a anatomia relacionadas à hidrocefalia pediátrica no contexto atual. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão narrativa da literatura entre os anos de 2000 e 2024, nas bases de dados Pubmed, Embase e BVS, com os descritores "Hydrocephalus", "Pediatric", "Cerebrospinal Fluid". Foram encontrados 5536 artigos, dos quais foram incluídos apenas meta análises, revisões sistemáticas, ensaio clínico randomizados, revisões bibliográficas, e estudos que abordassem a neuroanatomia, excluindo duplicatas, estudos realizados em animais e artigos que relacionem a hidrocefalia com outras comorbidades, resultando em 5 artigos que melhor atenderam a esses critérios. **Resultados e discussão:** A HCP é marcada pelo acúmulo de LCR principalmente nos ventrículos laterais, afetando a dinâmica de circulação do líquido. Ela pode ser classificada em hidrocefalia comunicante, onde o fluxo de LCR pelos ventrículos continua corrente, mas a sua reabsorção nas granulações aracnóides é comprometida; e hidrocefalia não comunicante, caracterizada numa obstrução anatômica, como na estenose do aqueduto de Sylvius ou por tumores que bloqueiam o fluxo entre o III e o IV ventrículo. As causas variam desde malformações congênitas, como a síndrome de Dandy-Walker, até processos adquiridos durante a infância, como traumas e meningites. Do ponto de vista anatômico, o sistema ventricular, composto pelos ventrículos laterais, terceiro e quarto ventrículos, e os forames de Luschka e Magendie, desempenham um papel central na dinâmica do LCR e no prognóstico da HCP; visto as possibilidades de obstrução nos locais de estreitamento, e também relacionando as áreas cerebrais próximas aos ventrículos e os determinados sintomas associados. Dessa forma, clinicamente os pacientes sofrem uma gama de sintomas variados, mas ainda associados à hipertensão intracraniana. **Considerações finais:** A hidrocefalia pediátrica exige diagnóstico preciso e terapêutica individualizada, devido aos impactos cerebrais e gravidade clínica. Pesquisas sobre novos tratamentos e métodos de identificação são essenciais para aprimorar o manejo dessa condição complexa.

Palavras-chave: hidrocefalia; líquido; pediatria.

LABIOPLASTIA: QUAL A ACEITAÇÃO E PERSPECTIVAS DE MELHORA DA AUTOESTIMA?

Fernando Costa Abreu Filho¹; Caio Victor Carvalho¹; João Guilherme Ferreira Silva¹; Thaynne Hayssa França Barbosa²

Graduando em medicina pela Universidade Federal de Goiás¹, Residente em Cirurgia Plástica do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás²

fernandoabreu@discente.ufg.br

Introdução: A labioplastia é um procedimento de redução dos pequenos lábios que vem ganhando destaque devido à sua relação com autoestima feminina e insatisfação estética genital. Apesar do aumento na procura, a cirurgia ainda enfrenta estigmas culturais e divergências entre profissionais de saúde quanto às suas indicações e benefícios. A percepção sobre a aparência genital é influenciada por padrões culturais, mídias idealizadas e pressões sociais, enquanto os resultados da labioplastia em termos de satisfação e segurança permanecem pouco estudados. **Objetivo:** Avaliar o impacto da cirurgia na autoestima feminina e na qualidade de vida. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na qual foi realizada uma busca de dados no banco PubMed, utilizando os descritores em ciências da saúde: "labiaplasty", "plastic surgery" e "self esteem", utilizando o operador booleano "AND", publicados nos últimos 10 anos, em inglês, resultando em 33 artigos, sendo elegíveis para esse trabalho somente 8. Como critérios de inclusão, utilizaram-se textos que atendessem à temática almejada, atingindo o enfoque tanto em características técnicas da cirurgia, quanto dos aspectos sociais, éticos e motivadores da escolha da cirurgia. Todavia, foram eliminados artigos que tangenciassem o tema ou se mantivesse somente aos aspectos técnicos da cirurgia ou nos aspectos sociais. **Resultados e Discussão:** A labioplastia tem demonstrado impactos significativos na autoestima e qualidade de vida das pacientes. Estudo com 200 mulheres revelou melhora na autoestima, na função sexual e na redução de desconfortos físicos e psicológicos. Pesquisa qualitativa com 15 participantes indicou satisfação estética, impactos positivos em relacionamentos íntimos e redução de sintomas físicos, como dor e irritação. Além disso, uma revisão destacou a alta aceitação do procedimento, especialmente quando as expectativas das pacientes são realistas, embora existam debates sobre influências socioculturais na decisão cirúrgica. Esses achados sugerem que a labioplastia contribui para a melhoria da autopercepção e do bem-estar, desde que bem indicada e acompanhada por suporte psicológico. **Conclusão:** A labioplastia apresenta altos índices de sucesso, com melhora funcional, alívio de desconfortos físicos e impacto positivo na autoestima e relações interpessoais. Além dos desfechos técnicos, destaca-se pelo papel no bem-estar integral da mulher, indo além de padrões estéticos e considerando influências socioculturais. O procedimento não apenas atende demandas cirúrgicas, mas também promove autoconfiança e qualidade de vida. Assim, uma abordagem ética e multidisciplinar é essencial para equilibrar expectativas e resultados, valorizando a mulher em sua totalidade física, emocional e social.

Palavras-chave: autoimagem; cirurgia plástica; lábio.

PREVENÇÃO À AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES: A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO E DA EDUCAÇÃO

Bernardo Fumian Silva¹; Kamilli Almeida Silva¹; Natália Luísa de Almeida Ramalho¹; Nicollas Campos Martuchelli¹; Paula Ludmila Rocha Ferreira¹; Rafaela de Brito Ribeiro¹; Carlos Sampaio Resende²

Discente de Medicina, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Betim ¹, Docente de Medicina, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Betim ²

bernardofumian@gmail.com

Introdução: A automutilação, definida como um comportamento autoprovocado sem intenção de morte, tem aumentado entre adolescentes e representa um importante problema de saúde pública. Estudos apontam que fatores como trauma infantil, bullying, transtornos mentais e exclusão social estão diretamente associados a esses comportamentos. No Brasil, a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio (Lei nº 13.819/2019) destaca a necessidade de ações preventivas que integrem educação, suporte familiar e atendimento psicossocial. Assim, o diálogo e a educação apresentam-se como estratégias cruciais para reduzir a prevalência e promover o bem-estar dos jovens. **Objetivo:** Analisar a relevância do diálogo e da educação como ferramentas preventivas no enfrentamento da automutilação em adolescentes, com base nas evidências epidemiológicas e psicossociais. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados PubMed, Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e The National Center for Biotechnology Information (NCBI). Os descritores “self-harm”, “adolescents”, “prevention” e “education” foram utilizados em combinação com o operador booleano “AND” para identificar artigos relevantes. A triagem inicial identificou 165 artigos. Após a aplicação de critérios de inclusão — publicações dos últimos cinco anos (2018-2023), texto completo gratuito e relevância para o tema — restaram 57 artigos. Destes, 10 estudos foram selecionados com base em acurácia estatística das pesquisas, rigor metodológico e qualidade geral dos estudos. A análise crítica focou na prevalência da automutilação em adolescentes, fatores associados e intervenções preventivas eficazes, como capacitação de educadores e programas de suporte familiar. **Resultados e Discussão:** Os dados evidenciam que a automutilação é mais prevalente em adolescentes do sexo feminino, ocorrendo em 79,6% dos casos. O uso de objetos perfurocortantes foi o método mais frequente, responsável por 92,7% dos episódios, com a residência sendo o local predominante (91,9%). A reincidência foi observada em 83,3% dos casos analisados. Além disso, fatores como dificuldades de regulação emocional e histórico de traumas são frequentemente relatados. Nesse sentido, intervenções que envolvem capacitação de educadores, fortalecimento do suporte familiar e programas escolares voltados para a saúde mental mostram-se eficazes na redução dos casos. Para além desse cenário, destaca-se também a importância da comunicação aberta, que promove um ambiente de acolhimento e prevenção. **Conclusão:** A prevenção da automutilação em adolescentes requer uma abordagem heterogênea que integre diálogo, suporte familiar e educação sobre saúde mental. Sendo assim, a implementação de políticas públicas e programas de conscientização é fundamental para reduzir a incidência e melhorar a qualidade de vida dos jovens.

Palavras-chave: Automutilação; Adolescentes; Prevenção.

INCIDÊNCIA DAS INTERNAÇÕES DE URGÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES COM TRANSTORNOS MENTAIS: UMA ANÁLISE RETROSPECTIVA

Leticia Carolline Vieira Moraes¹; Rebecca Maia Horsford²; Natasha Cristina Oliveira Andrade³

Graduandas em Enfermagem pela Universidade da Amazônia¹², Doutoranda pelo Programa de Biologia Parasitária na Amazonia IEC/UEPA³

let.carolline23@gmail.com

Introdução: A Organização Mundial da Saúde (OMS) define adolescência como a faixa entre 10 e 19 anos, período de transição entre infância e vida adulta, marcado pelo acentuado desenvolvimento. Nessa fase questões de saúde mental podem se manifestar de forma aguda, gerando aumento nas internações de urgência. Transtornos mentais e comportamentais em adolescentes são um crescente desafio para o sistema de saúde, potencialmente no contexto das urgências. Este estudo busca avaliar a prevalência dessas internações no Brasil, oferecendo uma visão sobre o impacto na população adolescente. **Objetivo:** Analisar a incidência e o perfil das internações de urgência por transtornos mentais e comportamentais em adolescentes no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico com abordagem de natureza quantitativa, descritiva, e retrospectiva, utilizando dados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS), presentes no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS/TABNET). A análise abrange o código V da CID-10, sobre transtornos mentais e comportamentais, entre 2019 e 2023, com recorte para adolescentes de 10 a 19 anos. Foram investigados padrões de internação conforme região geográfica, sexo, raça e faixa etária. **Resultados e discussão:** Entre 2019 e 2023, foram registrados 69.640 casos de internações de urgência por transtornos mentais e comportamentais entre adolescentes no Brasil. Observou-se um aumento significativo das taxas de incidência de 2020 coincidindo com o início da pandemia de COVID-19, o que sugere que tal contexto pandêmico pode ter agravado os problemas de saúde mental nesse intervalo etático. As regiões sul e centro-oeste lideraram as taxas de incidência, com as maiores em 2022, 177,67 e 68,85 por 100.000 habitantes, respectivamente. Entre os sexos, adolescentes do sexo feminino apresentaram predominância tendo 36.530 (52,4%) internações, comparados aos 33.110 (47,5%) do sexo masculino. A faixa etária de 15 a 19 anos foi mais impactada, 53.821 (77,2%) casos, enquanto a de 10 a 14 anos registrou 15.819 (22,7%). Quanto a raça, brancos, 29.908 (42,9%), e pardos, 25.621 (36,7%) foram mais afetados. **Conclusão:** Os dados indicam uma demanda crescente nas internações de urgência por transtornos mentais entre os adolescentes no Brasil. A pandemia de COVID-19 parece ter exacerbado esses problemas, reforçando a necessidade de estratégias preventivas e de ampliação da rede de atenção psicossocial para reduzir o número de internações emergenciais, e assim promover o bem-estar dos adolescentes brasileiros.

Palavras-chave: transtornos mentais; internações; saúde mental.

PROMOÇÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Taissa Lara Barros de Mesquita¹; Maria Amanda Nunes Martins¹; Ana Beatriz Lima Fernandes¹; Rebeca Prado Costa¹; Elmo Patrick Lopes Martins¹; Jaciara Alves de Sousa²

Graduando em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA¹,
Orientadora/Docente da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA²

taissalarabm@gmail.com

Introdução: A atuação da enfermagem vai além do cuidado clínico, sendo crucial sua atuação na educação em saúde, capacitando indivíduos e promovendo a saúde de forma integral. Nesse contexto, o conhecimento acerca de Suporte Básico de Vida-SBV, que aborda as condutas para situações emergenciais, torna-se imprescindível, principalmente em escolas e creches, onde diariamente as crianças estão sob cuidados de profissionais da educação. **Objetivo:** Relatar a experiência de discentes da Liga de Enfermagem em Saúde da Criança-LIESC, em ações de educação em saúde com professores da educação básica. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, do tipo Relato de Experiência- RE, sobre a vivência de extensão da LIESC. A ação ocorreu no Centro de Educação Infantil Domingos Olímpio, localizado no bairro Vila União, em Sobral-CE, no dia 09 de novembro de 2024, no turno manhã, com a participação de 30 professoras. O momento foi realizado com abordagem teórica e prática, no qual inicialmente foi questionado para as professoras o conhecimento prévio do assunto e posteriormente foi explanado o conteúdo teórico sobre os principais conceitos e técnicas para o manejo em Obstrução das Vias Aéreas por Corpo Estranho- OVACE, nos casos de obstrução leve, grave consciente e grave inconsciente, para menores e maiores de um ano de idade, assim como também em Parada Cardiorrespiratória- PCR, sendo utilizado slide e fôlders. Em seguida foi realizada a prática simulada das técnicas com o uso de manequins pediátricos. Ao final, foi utilizada uma caixa de perguntas para avaliar o aprendizado e fixar o conteúdo. **Resultados e Discussão:** As educadoras participaram ativamente, demonstrando interesse e comprometimento. Muitas relataram a contribuição significativa na segurança e tomada de decisão para situações de emergências com as crianças. Ao final, as participantes foram questionadas novamente e demonstraram maior clareza e confiança nas técnicas aprendidas. Além disso, enfatizaram a importância da teoria associada a simulação realística com os manequins, pois permitiu que conhecessem e experimentassem a execução das técnicas, promovendo uma melhor tomada de decisão, frente a situações de emergência que exigem rapidez, controle emocional e segurança. **Considerações finais:** O compartilhamento de conhecimentos acerca de SBV Pediátrico contribuiu para a capacitação das educadoras, colaborando na preparação para lidar com situações críticas, desenvolvendo suas habilidades para a execução das técnicas. A ação não só contribuiu para o aprendizado das professoras, mas também promoveu uma maior segurança e proteção para as crianças no ambiente educacional.

Palavras-chave: primeiros socorros; pediatria; capacitação de professores.

ADOLESCENTES E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tamara Probst^{1,3}; Sophia Marie Scholl Coelho^{1,3}; Leila Mariza Hildebrandt^{2,3}

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira das Missões¹, Professora Doutora do Departamento de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira das Missões², Programa de Educação Tutorial de Enfermagem (PET Enfermagem), Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira das Missões³

Tamaraprost6524@gmail.com

Introdução: Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) são intervenções em educação que consideram as diferentes metodologias e instrumentos disponíveis online, os quais têm sido cada vez mais utilizados. No campo da educação e saúde, as TICs caracterizam-se como uma ferramenta de desenvolvimento de iniciativas pedagógicas de saúde inovadoras, que atuam no fortalecimento da interface entre comunicação, ciência e sociedade. Elas permitem a aprendizagem em qualquer hora e lugar, indo em direção à meta de educação para todos. A circulação de informações no sistema midiático tem rompido barreiras por meio do uso de sites e de redes sociais, os quais permitem aos indivíduos compartilhar conexões com usuário, manterem-se informados sobre temáticas relevantes da atualidade, bem como participar de um processo de construção social. Entre as pessoas que mais estão usando as “redes” (93,7%) estão os adolescentes entre 14 a 19 anos. **Objetivo:** Relatar as vivências de bolsistas do Programa de Educação Tutorial Enfermagem, sobre atividade de extensão desenvolvida com adolescentes, por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). **Metodologia:** Relato de experiência de bolsistas do Programa de Educação Tutorial de Enfermagem da UFSM - Campus Palmeira das Missões (PET Enfermagem-UFSM/PM), de vivências de atividade de extensão, realizadas nas redes sociais do PET. Tais ações foram desenvolvidas com a utilização de metodologia expositiva com cards e vídeos explicativos sobre temáticas do campo da saúde, gravados pelos petianos. Desse modo, houve oferta de informações de fácil acesso, o que permitiu o fortalecimento do conhecimento e uma postura proativa seguidores da rede que não pertencem a academia, principalmente adolescentes e jovens. **Resultados:** A atividade busca difundir o conhecimento com didáticas de fácil compreensão a seus seguidores da comunidade em geral, na perspectiva de suprir suas necessidades. Também, contribuiu na formação acadêmica de futuros enfermeiros pois instigou-os a aprimorar seus conhecimentos, organizar os cards e vídeos e divulgá-los com linguagem compreensível às pessoas que acessam esses conteúdos. **Conclusão:** Promover diálogo pelas redes sociais é uma maneira de facilitar o acesso das pessoas a temas de cunho acadêmico e social, tornando os adolescentes, jovens e demais seguidores melhor informados sobre as temáticas relevantes da atualidade. Ainda, proporciona para os petianos de enfermagem a possibilidade de aperfeiçoar competências para o uso de tecnologias, no design e na oratória, contribuindo, dessa forma, para sua formação profissional.

Palavras-chave: Adolescente; Informação; Comunicação; Enfermagem; Saúde.

COMO PREVENIR E TRATAR AS PARASITOSES INTESTINAIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA ATUAL

Alice Duarte Baptista¹; Isabela Hespanhol¹; Kailane Trajano Silveira Martins¹; Laura Barcelos Paes¹; Maycon Bruno de Almeida²

Graduanda em Medicina pela Faculdade de Medicina de Campos (FMC)¹;
Mestrado em Biociências e Biotecnologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)²

kaikaimartins123@gmail.com

Introdução: As infecções intestinais causadas por parasitas representam um grave desafio à saúde pública, especialmente em regiões com infraestrutura sanitária inadequada. Esses parasitas podem provocar desde sintomas brandos e inespecíficos, como dor abdominal, até manifestações mais graves, como desnutrição crônica e anemia. Os helmintos, como *Ascaris lumbricoides* e *Ancylostoma duodenale*, e protozoários, como *Giardia lamblia*, são os principais causadores. Prevenir e tratar essas infecções é fundamental para minimizar seus efeitos na saúde pública. **Objetivo:** Este estudo busca revisar a literatura existente para identificar estratégias preventivas e terapêuticas eficazes no combate às parasitoses intestinais, considerando evidências sobre sua eficácia e propondo medidas para o controle dessas infecções. **Metodologia:** Foi conduzida uma revisão sistemática em bases de dados científicos, empregando os termos "parasitoses intestinais", "prevenção", "tratamento" e "revisão de literatura". Foram selecionados artigos publicados entre 2010 e 2023, em português e inglês, que discutiam as melhores práticas preventivas e de tratamento, além de dados epidemiológicos relevantes. Foram excluídos artigos duplicados ou que não se enquadram no foco da pesquisa. **Resultados e Discussão:** As principais formas de prevenção incluem a oferta de água potável, a melhoria das condições de saneamento básico, a promoção de práticas adequadas de higiene pessoal e a educação da população. No que tange ao tratamento, os antiparasitários, como albendazol e mebendazol, se destacaram contra helmintos, enquanto o metronidazol demonstrou alta eficácia no combate aos protozoários. A combinação de estratégias preventivas com tratamentos eficazes mostrou-se a forma mais eficiente de reduzir a prevalência de infecções parasitárias. **Conclusão:** A prevenção das parasitoses intestinais depende, principalmente, de melhorias no saneamento e na educação em saúde. O tratamento farmacológico é eficaz, mas precisa ser combinado com políticas de saúde pública que promovam hábitos saudáveis e ambientes seguros, especialmente em regiões mais carentes.

Palavras-chave: parasitoses intestinais, prevenção, saneamento básico.

A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NOS CUIDADOS E NA ORIENTAÇÃO DE PACIENTES COM PREDISPOSIÇÃO HEREDITÁRIA À SUSCETIBILIDADE AO DIABETES MELLITUS

Steffanny Geovanna da Silva¹; Cláudia Lisboa Dias²; Beatriz Neves Guedes³; Maryana Viana dos Santos⁴; Giovanna Maria Rebouças dos Reis⁵; Eloany Mayara da Silva⁶.

Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste²; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste³; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁴; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁵; Docente no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁶.

steffannygeovanna06@gmail.com

INTRODUÇÃO: A predisposição hereditária ao diabetes mellitus é um fator relevante no desenvolvimento da doença, compreender seus riscos é crucial para a prevenção e manejo eficaz. Nesse cenário, a atuação da enfermagem é fundamental, não apenas no cuidado direto aos pacientes, mas também na orientação e educação sobre a doença. Os enfermeiros desempenham um papel chave na identificação de fatores de risco, na promoção de hábitos saudáveis e no acompanhamento do controle glicêmico, além de serem o elo entre os pacientes e a equipe de saúde. **OBJETIVO:** Analisar a atuação da enfermagem nos cuidados e na orientação de pacientes com predisposição hereditária à suscetibilidade ao diabetes mellitus. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão da literatura do tipo integrativa, conduzida em novembro de 2024. Utilizaram-se as bases de dados MEDLINE e LILACS, BDNF disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A biblioteca eletrônica Scientific Electronic Library (SciELO) também usada para busca de artigos relacionados a análise científica. A pesquisa inicial foi conduzida mediante o uso dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) relacionados Enfermagem, Cuidado, Predisposição Genética e diabetes mellitus. combinados pelo operador booleano "AND". Os critérios de inclusão abrangeram artigos que abordassem o escopo do estudo, publicados integralmente em inglês e português, dentro do intervalo temporal de 2002 a 2024. Após as buscas, foram identificados e selecionados sete trabalhos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** As práticas de autocuidado em pacientes com predisposição hereditária ao diabetes mellitus são impactadas por fatores culturais, sociais e comportamentais. Entre os maiores desafios enfrentados pelas equipes de saúde está a adesão a hábitos alimentares saudáveis, que exigem comunicação clara e comprometimento entre profissionais e pacientes. O Ministério da Saúde recomenda uma dieta rica em frutas e vegetais, com redução de gorduras saturadas, açúcares e sal, como estratégia para prevenir complicações como obesidade e doenças crônicas, incluindo o diabetes. Nesse contexto, o papel da enfermagem é essencial para promover a autonomia dos pacientes, orientando sobre monitoramento glicêmico, cuidados corporais, alimentação equilibrada, além de estimular o encaminhamento multidisciplinar e apoio psicológico, mudando a qualidade de vida e o bem-estar do indivíduo. **CONCLUSÃO:** Portanto, o enfermeiro desempenha um papel fundamental na promoção da autonomia dos pacientes com Diabetes Mellitus, por meio da educação em saúde e orientação sobre cuidados essenciais. Ao colocar o paciente como protagonista no processo de cuidado, isso se torna parte ativa da equipe multidisciplinar, permitindo o reconhecimento e o manejo dos fatores de risco e complicações.

Palavras-chave: enfermagem; predisposição genética; diabetes mellitus.

VACINAÇÃO CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO: ESTRATÉGIAS DA ATENÇÃO BÁSICA PARA A ADESÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL

Ryan Carlos Leite de Andrade¹; Pedro Henrique Andrade de Vasconcelos²; Wana Dark da Silva Costa³; Francisco Antonio da Cruz dos Santos⁴

Graduando em Farmácia pela CHRISFAPI¹, Graduando em enfermagem pela Unopar polo Piripiri² Enfermeira pelo UNIPLAN polo Piripiri³, Mestrando em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí⁴

ryanleite.carlos@gmail.com

Introdução: A vacinação contra o papilomavírus humano (HPV) é uma estratégia essencial para prevenir o câncer cervical e outras doenças relacionadas ao vírus. No Brasil, a Atenção Básica desempenha papel central na implementação de campanhas de vacinação, mas desafios relacionados à adesão de crianças e adolescentes ainda persistem. **Objetivo:** Identificar as estratégias implementadas pela Atenção Básica no Brasil para promover a adesão à vacinação contra o HPV em crianças e adolescentes. **Metodologia:** revisão narrativa baseada em cinco estudos publicados entre 2023 e 2024, indexados nas bases SciELO, *PubMed* e BVS. A estratégia de busca incluiu descritores como “Estratégias de Atenção Básica”, “Vacinação contra HPV” e “Adesão à Vacinação”. Os critérios de inclusão abrangeram estudos originais em português, inglês ou espanhol, com enfoque em intervenções realizadas na Atenção Básica para aumentar a adesão vacinal. **Resultados e Discussão:** Através da busca inicial foram identificados 302 artigos, após aplicação e análise, foram selecionados 5 trabalhos. Identificou-se que a Atenção Básica tem implementado diversas estratégias para aumentar a adesão à vacinação contra o HPV em crianças e adolescentes no Brasil, com destaque para ações como campanhas educativas realizadas em escolas e comunidades, busca ativa de não vacinados e vacinação em parceria com equipes escolares, que demonstraram eficácia em ampliar a cobertura vacinal. Estratégias como a capacitação de profissionais de saúde para lidar com a hesitação vacinal e o uso de tecnologias para monitoramento vacinal também foram relatadas como essenciais. Contudo, desafios como desigualdade no acesso, barreiras logísticas em áreas vulneráveis e a disseminação de informações equivocadas sobre a vacina ainda comprometem a ampliação da cobertura. Estudos sugerem que a integração entre unidades de saúde, escolas e famílias, associada a investimentos em infraestrutura e comunicação social, é crucial para superar essas barreiras e garantir a sustentabilidade das ações de vacinação contra o HPV. **Considerações Finais:** Conclui-se que as estratégias desenvolvidas pela Atenção Básica têm demonstrado impacto positivo na adesão à vacinação contra o HPV, especialmente quando incluem abordagens educativas e envolvimento comunitário. No entanto, desafios como a hesitação vacinal e a desigualdade no acesso a serviços de saúde ainda demandam intervenções mais amplas e políticas públicas sustentáveis.

Palavras-chave: vacinação; papillomavirus humano; atenção primária à saúde.

ACÇÃO EDUCATIVA SOBRE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PARA MÃES DURANTE A AMAMENTAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Evelyn Larissa Viana Santos¹; Jaine Magalhães Paz de Lima²; Jéssica Kelly de Miranda Barros¹; Camila de Freitas Cunha Carvalho¹; Larissa Prado Leal¹; Maria Victória Santos Silva¹; Geânia de Sousa Paz Lima³

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestre em Saúde e comunidade pela Universidade Federal do Piauí², Doutora em Ciências Médicas pela UNICAMP e professora associada na Universidade Federal do Piauí³

evlarissa.viana@gmail.com

Introdução: A fase da amamentação é um momento oportuno para a realização de orientações alimentares às nutrizes, tendo em vista que se encontram mais receptivas e buscam o serviço de saúde para a assistência do recém-nascido. Ressalta-se que orientações nutricionais para uma alimentação equilibrada e saudável durante a lactação beneficia a saúde da mãe e do bebê a curto e longo prazo. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma atividade educativa sobre “Alimentação saudável durante o puerpério” para lactantes internadas em uma maternidade pública de Teresina, Piauí. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo descritivo do tipo relato de experiência, desenvolvido por acadêmicas do curso de Nutrição no Estágio obrigatório na área Social, durante a realização das visitas aos alojamentos conjunto e enfermaria de neonatologia clínica, sob a supervisão da nutricionista responsável pelo serviço, a ação aconteceu no formato “roda de conversa” com as puérperas ainda nos leitos. Para apoiar a ação e facilitar o diálogo, foi distribuído um panfleto com orientações sobre os princípios básicos para uma alimentação saudável, destacando alguns mitos e verdades sobre lactação. Ademais, foram feitas anotações para facilitar a organização dos resultados. As respostas foram avaliadas por análise descritiva simples, com frequência absoluta e relativa. **Resultados:** Participaram da ação 19 puérperas. Houve boa interação do grupo, com trocas de informações, exposição e esclarecimento de dúvidas entre lactantes, acadêmicas e nutricionista. Acredita-se que a entrega do folder associado ao uso de uma linguagem clara e objetiva contribuiu para uma melhor receptividade das informações, facilitando a participação efetiva das mães. Dentre os mitos mencionados na roda de conversa, a crença sobre eficácia do uso de alimentos “Lactogogos” (que aumentam a produção láctea) foram debatidos por 7 (37%) participantes, e o “Meu leite é fraco” foram debatidos por 6 (32%) puérperas, sendo estes os mais citados e dialogados. Também, foram esclarecidos alguns tabus alimentares, a necessidade de aumentar a ingestão de líquidos, incluir frutas, verduras e legumes, procurando variar os tipos e preparações destes alimentos consumidos. Assim como, foi demonstrado os malefícios dos alimentos ultraprocessados e o uso e bebidas alcoólicas, devendo estes serem evitados, não só durante a amamentação, mas em todos os ciclos da vida. **Conclusão:** Com isto, a educação em saúde é um pilar fundamental para ampliar conhecimentos e troca de saberes entre as categorias profissionais e diferentes clientelas, pois abrange ações que promovem não somente conhecimentos, mas também comportamentos e práticas saudáveis, assim estimulando a autonomia.

Palavras-chave: Nutrição materna; Educação em saúde; Puerpério.

ALEITAMENTO MATERNO PARA BEBÊS COM MALFORMAÇÕES OROFACIAIS : DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE APOIO

Maria Clara Ferreira Santos Nascimento¹; Valesca Dória de Azevedo Fontes²

Graduando em medicina pela Universidade Tiradentes¹, Graduada em Terapia Ocupacional pela
Universidade Federal de Sergipe²

maria.nascimento05@souunit.com.br

Introdução: As fissuras orais, popularmente conhecidas como lábio leporino, são malformações congênitas caracterizadas pela separação do lábio superior e/ou do palato, pode ocorrer isoladamente ou estar associada a outras anomalias congênitas. O aleitamento materno é um dos pilares da saúde infantil, oferecendo benefícios nutricionais e imunológicos fundamentais para o desenvolvimento dos bebês. No entanto, para crianças com malformações orofaciais, como a fenda palatina, a amamentação pode representar um desafio significativo. Essas condições anatômicas afetam a capacidade de sucção e, conseqüentemente, a eficiência da alimentação, colocando em risco a nutrição e o bem-estar da criança. **Objetivo:** Analisar os desafios da amamentação em bebês com malformações orofaciais, como a fenda palatina, e identificar estratégias de apoio para otimizar o aleitamento materno. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, com consulta nas bases científicas que utilizou *PubMed*, *SciELO* e *Google Scholar*, além de documentos oficiais do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS). Foram selecionados artigos completos, dos últimos 5 anos e relacionados à temática. **Resultados e Discussão:** Foram analisados 8 artigos e diretrizes oficiais. A revisão revelou que bebês com lábio leporino enfrentam dificuldades no aleitamento materno, como a incapacidade de formar o vácuo necessário para a sucção eficiente, o que pode levar à ingestão inadequada de leite e risco de engasgamento. Essas dificuldades impactam diretamente o ganho de peso e o desenvolvimento nutricional da criança. As estratégias de apoio para essas crianças incluem o uso de técnicas de amamentação adaptadas, como a posição inclinada da mãe e a compressão do seio para facilitar a ingestão. Além disso, dispositivos auxiliares, como mamadeiras especiais ou bicos ortodônticos, podem ser utilizados para melhorar a eficácia da sucção e minimizar os problemas de alimentação. O diagnóstico precoce e a intervenção eficaz são fundamentais para que o aleitamento materno seja mantido com sucesso, mesmo diante das limitações impostas pela malformação. A discussão reforça que, embora os desafios sejam consideráveis, com suporte adequado e técnicas de amamentação adaptadas, é possível garantir que os bebês com malformações orofaciais se beneficiem dos efeitos nutricionais e imunológicos do leite materno, promovendo seu desenvolvimento saudável e fortalecendo o vínculo mãe-filho. **Conclusão:** Embora o aleitamento para bebês com malformações orofaciais apresente desafios, estratégias de apoio adequadas e o acompanhamento multidisciplinar podem garantir uma amamentação eficaz. O uso de técnicas adaptadas e dispositivos auxiliares assegura que o bebê receba os benefícios nutricionais do leite materno, promovendo seu desenvolvimento saudável.

Palavras-chave: Amamentação; Fenda palatina; Estratégias.

BENEFÍCIOS DA CIRURGIA ROBÓTICA NA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA

Vanessa Menezes de Oliveira¹; Felipe Jorge Siqueira¹; Maria Eduarda Borges Holanda¹; Milena Nunes Gil¹; Luísa Carvalho de Souza¹; Ester Araújo Vieira¹; Ana Carolina Salles de Mendonça Ferreira²

Graduando em medicina pelo Centro Universitário de Brasília¹, Médica pela Universidade Católica de Brasília²

vanessamenezes2002@gmail.com

Introdução: A cirurgia robótica tem se mostrado uma das maiores inovações tecnológicas na área médica ao aprimorar a precisão e reduzir a invasividade dos procedimentos cirúrgicos em diversas especialidades, incluindo a oncologia. Embora amplamente utilizada em adultos, sua aplicação na pediatria, particularmente na oncologia pediátrica, é promissora ao lidar com estruturas menores e maior necessidade de preservação das funções. **Objetivo:** Discutir os benefícios do emprego da cirurgia robótica na oncologia pediátrica. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura, com a busca de 5 artigos realizada na base de dados PubMed e Scielo, os quais foram incluídos artigos dos últimos 5 anos, nos idiomas português e inglês. Os critérios de exclusão foram estudos que não atendiam a temática, artigos inconclusivos, e trabalhos com acesso pago. **Resultados e Discussão:** A cirurgia robótica tem oferecido benefícios significativos em comparação às técnicas convencionais. Essa tecnologia apresenta vantagens imperiosas, como maior precisão cirúrgica e melhor visualização anatômica, aspectos fundamentais no tratamento oncológico. O uso de robôs permite movimentos mais precisos, graças a instrumentos articulados que proporcionam maior destreza, sendo essencial para a ressecção completa de tumores e a preservação de tecidos saudáveis. A visualização tridimensional em alta definição fornecida pela robótica facilita a identificação de estruturas anatômicas complexas, reduzindo a chance de complicações durante o procedimento, além de ter grande utilidade na abordagem de tumores localizados em regiões de difícil acesso, como o retroperitônio, ou em procedimentos que exigem reconstrução anatômica. A menor invasividade devido ao uso de incisões reduzidas, diminui a dor pós-operatória, o risco de infecções e ainda melhora os resultados estéticos, fatores especialmente relevantes para pacientes pediátricos. Outros benefícios incluem menor perda sanguínea durante o procedimento, recuperação mais rápida e redução do tempo de internação, contribuindo para um retorno precoce às atividades diárias e continuidade nos tratamentos complementares, como quimioterapia e radioterapia. Contudo, é importante reconhecer os desafios associados ao uso da cirurgia robótica, incluindo o alto custo, a necessidade de treinamento especializado e a criação de protocolos específicos para essa população. Esses fatores são cruciais para garantir a segurança e a eficácia do método, especialmente considerando as particularidades anatômicas e clínicas dos pacientes pediátricos. **Considerações finais:** O uso da cirurgia robótica é promissor no tratamento das cirurgias oncológicas pediátricas ao facilitar o manejo de estruturas durante a cirurgia, como também na promoção de uma melhor recuperação do paciente, no entanto é necessário o uso de um plano singular para cada paciente.

Palavras-chave: Cirurgia Robótica; Oncologia Cirúrgica; Pediatria.

IMPACTO DOS ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E NO DESENVOLVIMENTO DA OBESIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Mateus de Souza Arraes Rios Pinto¹; Carolina Rodrigues de Paula²; Sofia Souza Couto¹; Renata Machado Pinto³

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás¹; Graduanda em Medicina pela Universidade de Rio Verde²; Docente da Universidade Federal de Goiás³

Introdução: A obesidade é uma patologia considerada como problema de saúde pública crescente, com impactos a longo prazo na saúde e na qualidade de vida. Evidências científicas sugerem que a alimentação ultraprocessada em grande quantidade e frequência na primeira infância, rica em açúcares, gorduras saturadas, sódio, emulsificantes e corantes, desempenha um papel crucial no desenvolvimento da obesidade na adolescência. Excesso de peso na faixa etária pediátrica, por sua vez, eleva o risco de demais doenças crônicas, como diabetes mellitus, doença gordurosa hepática e desfechos cardiovasculares. **Objetivo:** Revisar a literatura científica acerca do impacto da dieta rica em alimentos ultraprocessados na faixa etária pediátrica. **Metodologia:** Foi realizada revisão narrativa da literatura, através de pesquisa no PubMed utilizando os descritores “ultra-processed foods”, “early childhood” e “adolescent obesity” e o operador booleano “AND” e foram selecionados estudos publicados gratuitamente na íntegra nos últimos 5 anos e referentes à faixa etária de “nascimento a 18 anos”. **Resultados e discussão:** A busca resultou em 15 artigos, dos quais 7 foram selecionados. Após analisar os estudos, foi visto que o consumo de alimentos ultraprocessados (UPFs) na infância tem sido associado a diversos desfechos negativos, como aumento de peso, maior adiposidade, desmame precoce, baixa qualidade da dieta e alterações metabólicas. Pesquisas mostraram que a ingestão elevada de UPFs na idade pré-escolar está ligada ao aumento da circunferência abdominal em crianças em idade escolar, embora não tenha sido observada relação significativa com o metabolismo da glicose. Os UPFs contribuem para a obesidade por diversos mecanismos, incluindo alta densidade energética, baixo valor nutricional, presença de aditivos, açúcares adicionados e impacto negativo na microbiota intestinal, que pode promover inflamação e resistência à insulina. Esses fatores levam a um balanço energético positivo e ao acúmulo de gordura corporal. Apesar das evidências consistentes, lacunas permanecem, particularmente sobre os efeitos de longo prazo do consumo de UPFs iniciado na primeira infância. Pesquisas futuras devem explorar esses impactos e desenvolver intervenções eficazes. **Considerações Finais:** Os alimentos ultraprocessados têm um impacto significativo e negativo na saúde infantil, contribuindo para o desenvolvimento de obesidade na adolescência. A evidência sugere que intervenções precoces e políticas públicas são essenciais para mitigar esses efeitos e promover hábitos alimentares saudáveis desde a primeira infância. A continuidade da pesquisa nesta área é fundamental para entender plenamente os mecanismos envolvidos e desenvolver estratégias eficazes de prevenção e tratamento.

Palavras-chave: alimentos ultraprocessados; obesidade infantil; primeira infância.

INTERCORRÊNCIAS RELACIONADAS À AMAMENTAÇÃO EM PUÉRPERAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Evelyn Larissa Viana Santos¹; Jaine Magalhães Paz de Lima²; Jéssica Kelly de Miranda Barros¹
Camila de Freitas Cunha Carvalho¹; Débora Paloma de Paiva Sousa¹; Maria Victória Santos Silva¹;
Geânia de Sousa Paz Lima³

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestre em Saúde e comunidade pela Universidade Federal do Piauí², Doutora em Ciências Médicas pela UNICAMP e professora associada na Universidade Federal do Piauí³

evlarissa.viana@gmail.com

Introdução: Dentre os diversos fatores que podem influenciar as nutrizes na interrupção do aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida do lactente, as complicações nas mamas são as mais citadas. Diante disso, é uma estratégia de promoção do Aleitamento Materno (AM) compreender os determinantes associados à sua interrupção, entre eles as intercorrências mamárias. **Objetivo:** Destacar as principais intercorrências relacionadas à amamentação em puérperas nos primeiros trinta dias após o parto. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, com abordagem qualitativa e descritiva, de um estudo realizado durante o estágio supervisionado na área de Nutrição Materno-Infantil, realizado por alunas do curso de Nutrição de uma universidade pública entre os meses de outubro de 2023 a fevereiro de 2024. Os dados foram obtidos através de informações dos prontuários disponíveis no Posto de Coleta e no Consultório de Aleitamento Materno da maternidade do município de Teresina-PI, envolvendo casos de intercorrências em lactantes. **Resultados:** Em relação às intercorrências, a principal observada foi mamilos fissurados, devido a pega e posição incorreta das crianças, levando a dificuldades na amamentação. A conduta adotada pela equipe multidisciplinar responsável pelo posto de coleta e lactário é avaliar o problema e executar procedimentos e orientações adequadas, correspondente à necessidade de cada intercorrência. Dentre as outras complicações nas mamas, as intercorrências mais comuns observadas foram mastite, fissura e ingurgitamento, semelhante aos dados relatados na literatura. Ressalta-se que estas intercorrências detectadas são as principais causadoras do desmame precoce. Havendo, com isso, necessidade de expandir as orientações quanto ao manejo da amamentação durante a gestação, com ênfase no puerpério imediato, de preferência, antes da alta hospitalar, com continuidade do apoio e orientações dos profissionais de saúde e familiares, principalmente, nos primeiros 30 dias de vida da criança, período mais crítico de adaptação do binômio mãe-filho. Além das orientações individuais, outras ferramentas são sugeridas para promover o AM, como atividades educativas em grupo para troca de experiências, utilizando-se de metodologias ativas que envolvam as genitoras juntamente com seus acompanhantes, e as redes sociais, tendo em vista a influência que a mídia pode exercer. **Conclusão:** Ressalta-se a necessidade de implementação das estratégias para promoção do aleitamento materno com ênfase na prevenção de possíveis intercorrências que possa conduzir a um desmame precoce.

Palavras-chave: aleitamento materno; intercorrências mamárias; desmame precoce.

ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO DA COBERTURA VACINAL DA POLIOMIELITE NO BRASIL NOS ANOS DE 2019 A 2022

Stephani Thayná Rodrigues Honorato¹; Thaismeny Luna Bezerra Amorim²; Mariana Pinheiro de Paiva Neta³; Suelen Ferreira de Oliveira⁴

Bacharel em enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹; Bacharel em enfermagem pela Universidade Potiguar²; Bacharel em enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³; Residente em Saúde da Criança pela Escola de Saúde Pública da Paraíba⁴

rodrigues.thayna.003@gmail.com

Introdução: A poliomielite, também conhecida como paralisia infantil, causada pelo poliovírus selvagem, é altamente contagiosa e atinge principalmente crianças menores de 5 anos, devido a baixa cobertura vacinal. A cada 200 infectados, 1 pessoa acaba tendo o sistema nervoso destruído pelo vírus, acarretando em paralisia permanente em braços ou pernas. **Objetivo:** Analisar a cobertura vacinal da Poliomielite nas regiões do Brasil entre 2019 e 2022. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico produzido com dados do Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunização (SI-PNI) disponibilizada pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) no período de 2019 a 2022. Foram consideradas variáveis do estudo: ano da cobertura vacinal, regiões do Brasil e a dose do imunizante (Poliomielite, Poliomielite 1º reforço, Poliomielite 4 anos). **Resultados e Discussão:** Houve uma redução na cobertura vacinal nos três estágios específicos: Poliomielite (77,35%), Poliomielite 1º reforço (68,09%) e Poliomielite 4 anos (64,46%). Esse declive na cobertura vacinal é considerado alarmante, devido ao risco da reintrodução da doença no país, principalmente em regiões de baixa cobertura vacinal, refletindo nas adversidades enfrentadas pelo Programa Nacional de Imunização (PNI). Além disso, nota-se padrões regionais distintos, onde a região Sul apresentou de forma consistente a maior porcentagem de cobertura vacinal nos três tipos de vacinação. Enquanto que, a menor cobertura vacinal da Poliomielite foi registrada na região Norte, ficando sempre abaixo de 60% em todos os estágios da vacinação. Tais resultados podem estar relacionados a falta de acesso aos serviços de saúde, educação e campanhas de conscientização. Assim como, a desinformação e a hesitação vacinal durante a pandemia contribuiu para tal agravamento, desestimulando os responsáveis a retornarem com as crianças para as doses de reforço. **Conclusão:** Há uma preocupação em relação a redução na cobertura da vacina contra a poliomielite em crianças, apresentando significativas variações regionais. Além disso, evidencia-se a necessidade de criar intervenções como educação em saúde para pais e cuidadores sobre a importância vacinal na criança, assim como esclarecer mitos sobre as vacinas e os riscos da não vacinação, envolver líderes comunitários para promover a vacinação no local e realizar um monitoramento regularmente da cobertura a fim de identificar as lacunas existentes, para que assim se intensifique a vacinação infantil e previna a sua propagação.

Palavras-chave: Brasil; cobertura vacinal; vacinas contra Poliovírus.

INCENTIVO À DOAÇÃO DE LEITE MATERNO: UMA AÇÃO PARA NUTRIR E SALVAR VIDAS

Jaine Magalhães Paz de Lima²; Evelyn Larissa Viana Santos¹; Jéssica Kelly de Miranda Barros¹; Camila de Freitas Cunha Carvalho¹; Larissa Prado Leal¹; Maria Victória Santos Silva¹; Geânia de Sousa Paz Lima³

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestre em Saúde e comunidade pela Universidade Federal do Piauí², Doutora em Ciências Médicas pela UNICAMP e professora associada na Universidade Federal do Piauí³

jainemagsil@gmail.com

Introdução: O Leite materno (LM) é conhecido como alimento mais completo para o neonato, pois atende aspectos nutricionais, atividade antimicrobiana, imunomoduladora e imunológica. Sabe-se ainda que recém-nascido prematuro, de baixo peso ou hospitalizados em Unidades de Tratamento Intensivo (UTI) dependem deste alimento para sua sobrevivência e crescimento saudável, assim o incentivo a doação de leite materno é essencial para essa população vulnerável. **Objetivo:** Destacar a necessidade de incentivo a doações de leite materno em uma maternidade pública de Teresina, Piauí. **Metodologia:** Trata-se de um estudo transversal de abordagem qualitativa, descritiva e de análise documental, desenvolvido durante o estágio supervisionado em Nutrição Social na área de Nutrição Materno-Infantil. O estudo foi realizado por alunas do curso de nutrição da Universidade Federal do Piauí, no período de outubro de 2023 a janeiro de 2024 em uma maternidade pública. A pesquisa envolveu a coleta de dados em prontuários disponíveis no Posto de Coleta de Leite Humano. Com isso, esta pesquisa foi dispensada de apreciação ética, conforme a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. **Resultados e Discussão:** Durante a realização do estágio foram observados uma quantidade de doações de Leite Humano de 4.440 ml, em um período de aproximadamente 4 meses, apresentando uma média mensal de 1.110 ml. Esse resultado mostrou um volume reduzido de leite doado quando comparado a outros estudos, como no Posto de Coleta de Leite Humano do Hospital da Criança Conceição de Porto Alegre que obteve em 6 meses uma quantidade de 62.200 ml, correspondendo uma média mensal de 10.367 ml. Já o lactário do Hospital Geral de Caxias do Sul obteve, no mesmo período, um valor ainda maior, 134.216 ml, representando média mensal de 29.509 ml. Mesmo reconhecendo as diferenças sociais e econômicas entre as localidades, é provável que a causa principal da baixa adesão das nutrizes à doação de leite seja a pouca divulgação e incentivo desta prática nas mídias sociais e na própria maternidade. **Conclusão:** Faz-se necessário maior sensibilização tanto dos funcionários dos serviços de saúde quanto da sociedade em relação a doação de leite humano e os benefícios que este traz para saúde e sobrevivência dos neonatos de risco.

Palavras-chave: leite materno; banco de leite, doação de leite materno.

PAPEL DA ENFERMAGEM NA TRIAGEM DO PROJETO SOCIAL PEDIATRIA ITINERANTE NO RIO GRANDE DO NORTE

Stephani Thayná Rodrigues Honorato¹; Thaismeny Luna Bezerra Amorim²; Sylvia Maria Maia Caldas³; Francisco Américo Micussi⁴

Bacharel em enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹; Bacharel em enfermagem pela Universidade Potiguar²; Acadêmica de Medicina pela Universidade Potiguar³; Graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pediatra, infectologista⁴.

rodrigues.thayna.003@gmail.com

Introdução: A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança, instituída pelo Ministério da Saúde, tem como objetivo promover e proteger a saúde da criança em todo o território nacional, de forma equitativa e integral, especialmente na atenção à primeira infância e às populações de maior vulnerabilidade. Com isso, o projeto voluntário Pediatria Itinerante realizado nos municípios do Rio Grande do Norte objetiva atender crianças em áreas em que a assistência especializada não é eficaz, oferecendo consultas e orientações gratuitas, garantindo uma assistência de qualidade e ampliando o cuidado para as crianças que não tem acesso aos recursos necessários. Na triagem pediátrica, a equipe de enfermagem deve possuir conhecimento técnico-científico na área, além de realizar raciocínio clínico e uma escuta qualificada focando na singularidade e integralidade do cliente pediátrico. **Objetivo:** Descrever a experiência da enfermagem atuando na triagem do projeto social Pediatria Itinerante no estado do Rio Grande do Norte. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, vivenciado no período de Julho a Novembro de 2024, compondo 5 edições durante esse período, sendo 4 em Natal/RN e 1 em Pium/RN. O projeto conta com uma equipe multidisciplinar composta pela enfermagem, médicos pediatras, clínicos gerais e outras especialidades, odontologia, psicologia, fonoaudiologia, nutrição e farmacologia e atende, em média, 150 crianças a cada edição. A triagem é composta por estudantes de enfermagem, enfermeiros e técnicos de enfermagem. **Resultados e Discussão:** A equipe de enfermagem atuante no projeto contribuiu expressivamente apresentando bastante interesse e comprometimento. O trabalho consiste em identificar os sinais e sintomas relevantes, registro em prontuário de atendimento, possibilitando um cuidado mais direcionado e completo durante a consulta especializada, destacando a importância do trabalho em equipe. Além disso, diante da alta demanda de crianças a serem atendidas, a equipe desempenha tarefa essencial na organização, otimização do tempo de espera, além de atendimento humanizado e eficaz. No que tange a vertente acadêmica, é ofertado espaço para estudantes do curso de enfermagem que, vivenciam a experiência do atendimento a esse público, desenvolver habilidades importantes para formação profissional. **Conclusão:** Durante as edições, evidenciou-se a importância do trabalho da equipe de enfermagem que, através de uma triagem qualificada dos pacientes, reconheceu os casos de maior relevância e prioridade de atendimento. Destaca-se, ainda, a relevância do projeto ao oportunizar aos estudantes a vivência prática do atendimento pediátrico, desenvolvendo um olhar mais humano e acolhedor, essencial para uma formação profissional de qualidade.

Palavras-chave: enfermagem; pediatria; triagem.

INTERVENÇÕES PRECOSES NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL

Pedro Tôres¹; Mariana Alves dos Santos¹; Guilherme Bueno Tiago¹; Geovanna Carvalho Rodrigues¹; Renata Machado Pinto²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás¹; Docente do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás²

drarenatamachado@gmail.com

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA), ao influenciar o neurodesenvolvimento de crianças e adolescentes, pode imprimir dificuldades de interação social, linguagem, comportamento e motricidade. Logo, o estudo de ferramentas para diagnóstico e manejo precoces do TEA torna-se vital, à medida que permite entender os impactos de tais ações na funcionalidade do indivíduo e nas suas habilidades de cognição social. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura baseada na busca de estudos publicados na plataforma PubMed, a partir da busca avançada, utilizando os Decs/MeSH: (Early Medical Intervention) AND (Autism Spectrum Disorder) AND (Child Development). Os critérios de inclusão foram: estudos publicados no período de 2019 a 2024, disponibilizados em inglês e português, de maneira gratuita e completa. Foram encontrados 169 artigos, dos quais 5 se adequaram e foram selecionados, atendendo os critérios supracitados. **Resultados e Discussão** O melhor modelo para a intervenção precoce é o tratamento compreensivo (CTM), que é mais generalizado e consegue desenvolver habilidades gerais essenciais, como comunicação, socialização e habilidades adaptativas, essenciais para crianças recém-diagnosticadas aos 2-3 anos. São tratamentos longos e intensos (muitas horas por semana durante anos). Uma das abordagens inclui a análise comportamental aplicada (ABA), como a intervenção comportamental intensiva precoce (EIBI), que é a terapia mais utilizada atualmente, ainda que uma metanálise de estudos randomizados ter indicado que a EIBI não é a que traz melhores resultados, terapias que utilizam o ABA resultam em Quociente de Inteligência normal em 20% a 50% das crianças alcançando o Quociente de Inteligência e posição normal em ranking educacional, e 20% a 40%. Estudos atuais mostram que a abordagem mais promissora para intervenção precoce são as abordagens naturalistas (NDBI), que utilizam atividades que naturalmente ocorrem no meio, como em escolas e ambiente familiar, como o Modelo Denver de Intervenção Precoce (EIBI), resultando em melhoras de comportamento adaptativo, linguagem, brincadeira, comunicação social e medidas das características clínicas do autismo. Pesquisas em abordagens naturalistas, porém, sofrem problemas com vieses atualmente. **Conclusão:** A intervenção precoce apresentou impacto positivo no desenvolvimento cognitivo e social de crianças com TEA, com o CTM destacando-se como modelo eficaz nesse contexto. No entanto, mais estudos são necessários para avaliar qual abordagem, ABA ou NDBI, é mais promissora, considerando os vieses das pesquisas atuais.

Palavras-chave: cognição social; intervenção médica precoce; transtorno do espectro autista.

CONSUMO ALIMENTAR DE ULTRAPROCESSADOS EM ADOLESCENTES BRASILEIROS

Francisca Thaynara Alencar Lima¹; Joelma Ximenes Prado Teixeira²

Graduando em nutrição pela Universidade Federal do Maranhão¹, Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Maranhão²

alencarlinafranciscathaynara@gmail.com

Introdução: A alimentação da população adolescente tem sido um desafio para os pais e responsáveis, profissionais da saúde, órgãos governamentais. O consumo cada vez mais reduzido de alimentos saudáveis e sua substituição por comidas rápidas (fast-foods) tem gerado grandes impactos na saúde. Por isso, a construção de hábitos saudáveis tem se tornado uma pauta cada vez mais importante no planejamento da saúde no Brasil, uma vez que jovens saudáveis geram redução dos custos com saúde, maior produtividade escolar e laboral e contribuição financeira para a sociedade. Diante disso, uma alimentação equilibrada assume papel fundamental na vida dos adolescentes e conseqüentemente no futuro do país. **Objetivo:** Descrever o quantitativo do consumo alimentar de ultraprocessados em adolescentes no Brasil de 2015 a 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo embasado em dados acerca da prevalência e distribuição de consumo de alimentos ultraprocessados por adolescentes no Brasil, que são disponibilizados pelo Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN) e SCIELO. As variáveis utilizadas foram "região de notificação", "faixa etária", "sexo" e "fases da vida". **Resultados e Discussão:** Nos últimos 8 anos, 82% dos adolescentes acompanhados no Brasil apresentaram um padrão alimentar marcado pelo alto consumo de alimentos ultraprocessados. Em relação ao sexo, deste total, 51,3% foi representado pelo público feminino e 48,7% pelo público masculino. Pelo menos 40% dos adolescentes relataram consumir pelo menos um alimento ultraprocessado por dia, enquanto 68% relataram não praticar nenhum tipo de atividade física. Além disso, as maiores prevalências do consumo foram de adolescentes residentes nas regiões Sudeste e Centro-oeste do Brasil. **Considerações finais:** Os dados avaliados revelam a alta prevalência do consumo de alimentos ultraprocessados entre os adolescentes brasileiros. A porcentagem com uma alimentação baseada em alimentos não saudáveis ultrapassando 80% do quantitativo total é um índice alarmante e que reforça a necessidade de políticas públicas voltadas para a mitigação desse quadro. Esse cuidado adicional à alimentação é indispensável, pois boa parte das doenças e agravos de saúde, como diabetes, hipertensão arterial, dislipidemias, desnutrição, obesidade, entre outros, seriam evitados se houvesse uma maior vigilância nutricional que detectasse deficiências e excessos nessa fase da vida. Além disso, o consumo demasiado de alimentos ultraprocessados é fator predisponente para todas essas condições, que aumentam os gastos públicos com saúde. Por isso, a redução do seu consumo deve ser incentivada e a melhora da alimentação encorajada, para garantir uma qualidade de vida mais saudável para a juventude brasileira.

Palavras chave: Consumo alimentar; Alimentos Ultraprocessados; Adolescentes.

ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DA CRIANÇA INDÍGENA: UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Luciana Samara Braz Matos ¹; Thayse Moraes de Moraes ²

Graduanda em saúde coletiva pela Universidade do Estado do Pará ¹, Professora da Universidade do Estado do Pará e Doutora em Doenças Tropicais pelo Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará ²

E-mail :27lucibmatos@gmail.com

Introdução: A Constituição Federal de 1988 estabelece como dever do Estado, família e sociedade garantir os direitos das crianças à liberdade, saúde, educação e proteção contra exploração, violência ou negligência, desse modo, esses direitos também são assegurados às crianças indígenas, respeitando suas especificidades culturais. No entanto, essa população enfrenta desafios significativos como a dificuldade do acesso a serviços de saúde. Diante dessa situação, a saúde integral se torna essencial, pois considera os aspectos físicos, o bem estar emocional, social e cultural, garantindo assim o desenvolvimento dessas crianças, respeitando suas tradições e promovendo equidade no acesso aos serviços de saúde. **Objetivos:** Analisar as políticas públicas voltadas para a saúde integral da criança indígena, sinalizando apontamentos que fortaleçam a inclusão e efetividade dos serviços de saúde no contexto das comunidades indígenas. **Metodologia:** A presente análise adota através de revisão documental, estudo de políticas públicas com dados extraídos em fontes oficiais, como leis e decretos relacionados à saúde indígena, e ainda políticas públicas específicas de artigos científicos disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS), sem recorte temporal, através dos descritores do DeCS: “Saúde De Populações Indígenas”, “Criança”, “Políticas Públicas”, “Atenção Integral” e “Direito À Saúde”. **Resultados e Discussão:** A análise dos documentos e políticas públicas revela que, embora a Constituição de 1988 garanta os direitos das crianças indígenas, a efetividade dessas garantias enfrenta sérios desafios no contexto de saúde desta população. O estudo revelou que, embora existam legislações específicas, como a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI) e a criação da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), ainda há lacunas significativas na implementação dessas políticas. Dentre os principais desafios estão: dificuldade de acesso aos serviços de saúde, a alta rotatividade dos especialistas para com este público, baixo número de profissionais capacitados para o atendimento intercultural, e a necessidade de integração entre saberes tradicionais e práticas biomédicas. **Considerações Finais:** O fortalecimento das políticas públicas para a atenção integral à saúde da criança indígena requer um maior investimento em infraestrutura de saúde, capacitação intercultural dos profissionais e a inclusão de lideranças indígenas no planejamento e execução das ações. O estudo sugere que essas mudanças podem melhorar a eficácia e proporcionar um serviço de saúde mais íntegro e humanizado.

Palavras-Chaves: criança indígena; atenção integral; políticas públicas.

O PAPEL DO NUTRICIONISTA NA PROMOÇÃO, PROTEÇÃO E APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jaine Magalhães Paz de Lima²; Evelyn Larissa Viana Santos¹; Débora Paloma de Paiva Sousa;
Camila de Freitas Cunha Carvalho¹; Larissa Prado Leal¹; Lucélia da Cunha Castro²;
Geânia de Sousa Paz Lima³

Graduada em Nutrição pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestre em Saúde e comunidade pela Universidade Federal do Piauí², Doutora em Ciências Médicas pela UNICAMP e Professora associada na Universidade Federal do Piauí³

jainemagsil@gmail.com

Introdução: Um dos eventos importantes nos primeiros meses de vida do bebê é o aleitamento materno. Esta prática apresenta diversos benefícios como fortalecimento do sistema imunológico pela produção de anticorpos, ganho de peso adequado e auxilia na construção do vínculo afetivo entre mãe e bebê, bem como contribui no desenvolvimento das estruturas orais, auxiliando na respiração e na mastigação. O nutricionista possui papel essencial na coordenação e organização de programas que incentivam e apoiam o aleitamento materno exclusivo trazendo benefícios para o bebê, familiares e sociedade.

Objetivo: Relatar experiência de estudantes do curso de nutrição atuando na promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno em uma maternidade pública do município de Teresina – Piauí. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa e descritiva, desenvolvido em estágio supervisionado em Nutrição Social, envolvendo estudantes de duas turmas do curso de Bacharelado em Nutrição da UFPI, no qual as alunas de uma turma realizou o estágio no período de março a julho de 2019 em uma maternidade da zona Leste de Teresina-Piauí e a outra no período de outubro de 2023 a fevereiro de 2024 em uma maternidade da zona norte do mesmo município, ambas no período da manhã.

Resultados e Discussão: Durante o estágio, foram realizadas atividades focadas na saúde materno-infantil, como leituras e grupos de discussão sobre aleitamento materno e alimentação infantil, a fim de fundamentar as palestras para gestantes e puérperas sobre a importância e manejo da amamentação, orientação sobre intercorrências mamárias, e incentivo à doação de leite materno, com campanhas para aquisição de frascos e orientações sobre técnicas de ordenha, armazenamento e transporte do leite materno. Também foram realizadas visitas diárias às puérperas para identificar dificuldades e esclarecer dúvidas sobre amamentação e cuidados com o bebê. Destaca-se também a participação nas consultas de acompanhamento nutricional para crianças em aleitamento materno exclusivo e alimentação complementar. Nesse contexto, o nutricionista desempenha um papel fundamental ao apoiar as mães, oferecendo orientações sobre aleitamento exclusivo, introdução à alimentação complementar e identificação de dificuldades na amamentação, além de promover políticas públicas de saúde. A vivência na realização dessas atividades foi um importante instrumento de integração entre universidade e comunidade, oportunizando crescimento pessoal e profissional. **Conclusão:** Portanto, essa conexão prática foi essencial para consolidar a aprendizagem e compreender a importância do papel do nutricionista como agente promotor da saúde com ênfase na promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno.

Palavras-chave: nutricionista; aleitamento materno; nutrição materno infantil

O PAPEL DA TELEMEDICINA NO SUPORTE À AMAMENTAÇÃO

Nicolas Felipe Machado¹; Matheus Henrique Bernardes Daniel¹; Júlia Costa Alves Simões¹; Ingrid Ramos Correia²; Renata Machado Pinto³

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás¹, Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro², Docente do departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás³

drarenatamachado@gmail.com

Introdução: O aleitamento materno, sendo esse exclusivo até os 6 meses, é defendido por diversas organizações de saúde, devido aos diversos benefícios para o binômio mãe-lactente já amplamente documentados pela literatura. Porém, vários fatores podem surgir como obstáculos para cumprimento dessa meta, causando impacto nas taxas de aleitamento. Nesse contexto, a expansão da telemedicina possibilita o surgimento de uma nova ferramenta para oferecimento de suporte à lactação, favorecendo a continuidade dessa prática. **Objetivo:** Investigar a influência da telemedicina no suporte ao aleitamento materno exclusivo, analisando sua eficácia na manutenção da prática e superação de barreiras culturais e logísticas. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura estruturada a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MESH): “Telemedicine” e “Breast Feeding” somados pelo operador booleano “AND” através de busca nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed. Os critérios de inclusão foram: estudos completos, nos idiomas português e inglês dos últimos 10 anos. Os de exclusão consistiram em estudos incompletos ou que não se encaixavam com a temática. Foram utilizados 5 artigos para compor o trabalho. **Resultados e Discussão:** A telemedicina facilita o acesso ao serviço de saúde em localidades distantes, alcançando pacientes das diversas classes socioeconômicas. Em relação ao seu papel no suporte à amamentação, os estudos indicam que tanto o atendimento síncrono, que acontece simultaneamente, quanto o assíncrono apresentam sucesso, em algum grau, no aumento do tempo e manutenção do aleitamento materno exclusivo, além da menor probabilidade da interrupção do aleitamento materno. Os atendimentos podem variar desde ligações, vídeo chamadas e mensagens de texto enviadas diariamente, todos os meios apresentaram, em graus diferentes, maior chance de aleitamento materno quando comparados com o grupo controle (pacientes que não receberam o atendimento por telemedicina). Outra função importante da telemedicina é auxiliar na desmistificação de crenças culturais que desencorajam o aleitamento materno exclusivo, como o “leite fraco”, a incapacidade de puérpera produzir leite suficiente, bem como complicações que podem surgir no processo de amamentação. **Conclusão:** Em suma, observa-se que a telemedicina desempenha um papel significativo no suporte à saúde, especialmente em regiões remotas e entre diferentes classes socioeconômicas. No que se refere à amamentação, ela se mostra eficaz no aumento da duração e da manutenção do aleitamento materno exclusivo, além de reduzir as chances de interrupção. Seja por meio de atendimentos síncronos ou assíncronos, as diversas formas de comunicação, como videochamadas, mensagens de texto e ligações, têm contribuído com melhores resultados em comparação aos grupos que não recebem esse tipo de suporte. Além disso, a telemedicina também auxilia no combate às crenças culturais equivocadas e no manejo de complicações relacionadas à amamentação. Dessa maneira, a telemedicina consolida-se como uma estratégia eficaz para promoção de práticas de saúde mais adequadas e acessíveis.

Palavras-chave: aleitamento materno; telemedicina; promoção da saúde.

ANÁLISE DAS CAUSAS DE MORTALIDADE INFANTIL NO MARANHÃO POR GRUPOS DE CAUSA DE 2010 A 2023

Leonardo Silva Melo¹; Amanda Maria Mendes Braga¹; Julyanne de Andrade Matos¹; Daniel Henrique Pinho Nascimento¹; Adáyssa Lima Fraga¹; João Victor Praxedes de Almeida¹; Francisca Georgina Macedo de Sousa²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Enfermeira, Especialista em Enfermagem Pediátrica e Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina²

melo.leonardo1@discente.ufma.br

Introdução: A mortalidade infantil no estado do Maranhão constitui um grave problema de saúde pública, refletindo as profundas desigualdades sociais e as dificuldades no acesso a serviços de saúde de qualidade. Entre 2017 e 2019, as regiões Norte e Nordeste do Brasil apresentaram as maiores taxas de mortalidade infantil, com 16,9 e 15,3 óbitos a cada 1.000 nascimentos, respectivamente, evidenciando a persistência de problemas estruturais e a fragilidade dos sistemas de saúde nessas áreas. Nesse contexto, compreender as causas da mortalidade infantil é fundamental para a identificação de fatores que contribuem para esse cenário e para o direcionamento de ações de saúde. **Objetivo:** Descrever as causas da mortalidade infantil no estado do Maranhão por grupo de causas no período de 2010 - 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico, descritivo, com análise quantitativa de dados coletados do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) e do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS/TABNET) acerca da mortalidade infantil por grupo de causas no estado do Maranhão no período de 2010 a 2024. Foram selecionadas as variáveis "ano do óbito" e "causas" (baseadas no CID-10 3ª Edição), por se tratar de dados secundários, não foi necessário comitê de ética. **Resultados e Discussão:** As principais causas de mortalidade infantil no estado do Maranhão, durante o período de 2010 a 2023, foram atribuídos a várias condições, com destaque para pneumonia por micro-organismo (n=356), afogamento e submersão (n=146), outras septicemias (n=135), diarreia e gastroenterite de origem infecciosa presumível (n=132), *Leishmaniose* (n=118), outras malformações congênitas do coração (n=99), exposição a corrente elétrica (n=99), leucemia linfóide (n=87), outras causas mal definidas (n=84), paralisia cerebral (n=78) e afogamento e submersão em águas naturais (n=78). Ao realizar a análise dos maiores grupos de causas de mortalidade infantil, observou-se que estas são causas consideradas evitáveis. As causas predominantes refletem desafios contínuos na melhoria das condições de vida e na oferta de cuidados em saúde adequados. **Conclusão:** Evidencia-se a complexidade da mortalidade infantil na região, com causas que vão desde doenças infecciosas a acidentes e malformações congênitas. A mortalidade infantil no Maranhão está intimamente relacionada a fatores estruturais, como a precariedade dos serviços de saúde, saneamento básico e acesso a cuidados especializados. Portanto, é crucial a implementação de estratégias interinstitucionais e focadas nas populações mais vulneráveis para reduzir as desigualdades e promover a saúde infantil no estado.

Palavras-chave: epidemiologia; mortalidade infantil; saúde da criança.

DISTOCIA DE OMBRO: DESAFIOS E O PAPEL DA ENFERMAGEM NO MANEJO OBSTÉTRICO

Emelly Norrany Silva Ferreira¹; Tamaris de Nazaré Soares²;

Graduando em enfermagem pela Universidade da Amazônia¹, Pós-graduada em Biologia Parasitária na Amazônia pela Universidade Federal do Pará e Instituto Evandro Chagas²

emillynorranyasilvaferreira@gmail.com

Introdução: As emergências obstétricas, como a distocia de ombro, demandam intervenções rápidas para evitar complicações graves para mãe e recém-nascido. Fatores como macrosomia fetal e diabetes gestacional aumentam o risco dessa condição, muitas vezes imprevisível. O manejo envolve manobras obstétricas específicas, e o treinamento baseado em simulação tem se mostrado eficaz na capacitação de equipes. No Brasil, políticas públicas, como o Pré-Natal Estratégico, buscam reduzir a mortalidade materna e neonatal por meio da melhoria na assistência ao parto. A enfermagem tem papel crucial na identificação precoce de complicações, aplicação de protocolos e apoio emocional às gestantes.

Objetivo: Descrever os desafios da distocia de ombro como uma emergência obstétrica, com ênfase no papel da enfermagem no manejo dessa condição, destacando a importância do treinamento para a segurança da mãe e do recém-nascido. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados os descritores "Emergências obstétricas", "Distocia de ombro" e "Enfermagem", combinados pelo operador booleano AND. O período de busca foi de 2011 a 2024, considerando publicações em português, inglês ou espanhol, disponíveis em texto completo, que abordassem o manejo da distocia de ombro e o papel da enfermagem. Identificaram-se 7 artigos relevantes, dos quais 3 foram selecionados para análise qualitativa com base na aderência ao objetivo do estudo, incluindo técnicas de manejo, uso de simulação e atuação do enfermeiro na segurança materno-fetal. **Resultados e Discussão:** Os artigos analisados destacaram que a distocia de ombro é uma condição crítica, associada a complicações como lesões nervosas no recém-nascido e hemorragias maternas. Fatores como macrosomia fetal e diabetes gestacional foram identificados como de alto risco. O treinamento baseado em simulação foi eficaz na capacitação das equipes, melhorando a coordenação das manobras obstétricas. A enfermagem desempenha papel fundamental na identificação precoce de sinais de risco, no manejo de emergências e no suporte às gestantes. Fatores socioeconômicos, como baixa renda, foram apontados como limitantes no acesso a cuidados adequados, aumentando os riscos durante o parto. **Considerações Finais:** Objetivo do trabalho foi alcançado, evidenciando os desafios da distocia de ombro e o papel da enfermagem no manejo dessa emergência. A formação contínua de profissionais capacitados, o reforço do pré-natal e a garantia de acesso aos serviços de saúde são essenciais para enfrentar essa condição. A enfermagem contribui para reduzir a mortalidade materna e neonatal por meio da aplicação de protocolos de emergência, apoio emocional e identificação precoce de complicações.

Palavras-chave: distocia de ombro; manejo obstétrico; enfermagem.

MANEJO DA DOR EM CRIANÇAS INTERNADAS NA UTI PEDIÁTRICA: PRÁTICAS E PROTOCOLOS ATUALIZADOS

Gleciane Souza Silva¹; Brenda Martins Ribeiro²

Graduando em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão¹, Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão²

gleicianeuema2018@gmail.com

Introdução: O manejo da dor em crianças internadas na UTI pediátrica é um desafio crítico, pois envolve a avaliação e o tratamento de um dos aspectos mais angustiantes para os pequenos pacientes. A dor pode ter múltiplas origens, como intervenções invasivas, condições clínicas graves ou complicações pós-cirúrgicas, e sua gestão eficaz é essencial para a promoção do bem-estar e da recuperação. **Objetivo:** Analisar práticas e protocolos atualizados no manejo da dor em crianças internadas na UTI pediátrica, enfocando abordagens eficazes e baseadas em evidências para o alívio da dor. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura narrativa, baseada na análise de artigos em português, publicados entre 2020 e 2024, disponíveis na íntegra, sobre o manejo da dor em crianças na UTI pediátrica. A busca será realizada em bases como SciELO, LILACS e PubMed, utilizando palavras-chave como "manejo da dor", "UTI pediátrica", "crianças", "protocolos de dor", "práticas de enfermagem", "abordagens farmacológicas", "abordagens não farmacológicas" e "alívio da dor". Foram encontrados 545 artigos nas bases de dados online. Após exclusões por critérios como período, idioma, caráter científico, tema e duplicidade, restaram 54 artigos, dos quais 48 foram descartados por falta de relevância, resultando em 6 artigos elegíveis para o trabalho. Após a seleção, os artigos analisados foram utilizados para compor o resumo e embasar as discussões deste estudo. **Resultados e Discussão:** Para embasar a discussão sobre o manejo da dor em crianças internadas na UTI pediátrica, foram selecionados e analisados seis artigos. O manejo da dor em crianças internadas na UTI pediátrica ainda enfrenta desafios significativos, como a invisibilidade da dor e a falta de protocolos bem definidos. A equipe de enfermagem encontra dificuldades no uso de escalas de dor e na aplicação de instrumentos de avaliação adequados, o que pode prejudicar a eficácia do tratamento. Além disso, a resistência de alguns profissionais em adotar práticas baseadas em evidências e a falta de ferramentas específicas para avaliar a dor em crianças pré-verbais são pontos críticos a serem superados. A comunicação e a colaboração entre as equipes médica e de enfermagem também são aspectos que necessitam de aprimoramento para um manejo mais eficaz da dor. **Conclusão:** A melhoria no manejo da dor pediátrica na UTI depende da capacitação da equipe, uso de protocolos e ferramentas adequadas, além da integração entre as equipes médica e de enfermagem, garantindo alívio da dor e recuperação mais rápida.

Palavras-chave: Dor; UTI; Pediatria.

EXCESSO DE USO DE TELAS E OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS

Wana Dark da Silva Costa¹; Ryan Carlos Leite de Andrade²; Pedro Henrique Andrade de Vasconcelos³; Tiago Jose Santos Cardoso⁴, Francisco Antonio da Cruz dos Santos⁵

Enfermeira pelo UNIPLAN polo Piripiri¹, Graduando em Farmácia pela CHRISFAPI², Graduando em enfermagem pela Unopar polo Piripiriri³, Enfermeiro pela Unopar polo Piripiri⁴, Mestrando em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí⁵

wanazaila2203@gmail.com

Introdução: O uso de dispositivos eletrônicos por crianças tem crescido exponencialmente nos últimos anos, levantando preocupações sobre seus impactos no desenvolvimento cognitivo. A literatura aponta que o tempo de tela pode influenciar habilidades cognitivas, como memória, atenção e funções executivas, tanto positiva quanto negativamente, dependendo da qualidade e duração do uso. **Objetivo:** Avaliar as evidências científicas sobre o impacto do uso de telas no desenvolvimento cognitivo de crianças. **Metodologia:** Revisão Integrativa da literatura, realizada em novembro de 2024. Realizou-se uma busca na plataforma Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), acessando as bases de dados *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)*, *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE)* e Base de dados de Enfermagem (BDENF), usando os descritores "uso de telas", "desenvolvimento cognitivo" e "crianças", associados ao operador *booleano* AND. A pergunta da pesquisa foi: Qual o impacto do uso de telas no desenvolvimento cognitivo de crianças? Aplicou-se os critérios de inclusão artigos originais, gratuitos, completos na íntegra, publicados nos últimos cinco anos, sem restrição de idiomas. Excluiu-se os que não atendiam aos critérios de elegibilidade, pela leitura de títulos, resumos e texto. Analisou-se os dados extraídos dos estudos, organizando os riscos identificados e destacando os fatores associados. Através da busca inicial de dados na BVS foram identificados 49 artigos, após aplicação e análise, foram selecionados 5 trabalhos. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados evidenciam que o tempo de tela superior a duas horas diárias está associado a déficits em funções executivas, como planejamento e controle inibitório, além de menor desempenho escolar. Por outro lado, o uso controlado e educativo de dispositivos pode estimular habilidades cognitivas, como resolução de problemas e aprendizagem colaborativa. A interação com conteúdo de alta qualidade e a supervisão parental são fatores mitigadores dos efeitos negativos. Desafios incluem a falta de protocolos claros para guiar o uso saudável de telas por crianças. **Considerações Finais:** O uso de telas por crianças deve ser mediado por intervenções baseadas em evidências, incluindo limites claros de tempo e seleção de conteúdos educativos. Políticas públicas e programas escolares podem desempenhar papel crucial na educação digital e no monitoramento do impacto do tempo de tela. Estudos futuros devem explorar intervenções específicas para minimizar os efeitos adversos e otimizar os benefícios cognitivos.

Palavras-chave: Disfunção Cognitiva; Crianças; Dependência de Tecnologia.

OLHAR EMPÁTICO AO CUIDADO INFANTIL: OBSERVAÇÃO EM ALA PEDIÁTRICA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DO NORDESTE

Shênia Maryane dos Santos¹; Pedro Ivo da Silva Lima²; Ellen Karen de Jesus Amaral³; Maria Jaqueline Reis Almeida Rodrigues⁴; Séphora Juliana dos Santos⁵

Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe¹, Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau², Enfermeira pelo Centro Universitário Estácio de Sergipe³, Nutricionista pela Universidade Tiradentes⁴, Enfermeira pela Universidade Federal de Sergipe⁵.

sheniamaryane@gmail.com

Introdução: A Política Nacional de Humanização (PNH) foi criada em 2003 pelo Ministério da Saúde e tem como objetivo promover um atendimento acolhedor, respeitoso e centrado no paciente, valorizando os vínculos entre profissionais e usuários do Sistema Único de Saúde. Seus pilares incluem o acolhimento, a participação ativa de usuários e trabalhadores, e a valorização dos profissionais. Na enfermagem, a empatia é essencial para compreender as necessidades físicas e emocionais dos pacientes, criando assim, uma relação de confiança e cuidado humanizado. Isso se reflete na escuta ativa, no acolhimento das demandas e na sensibilidade para atender com respeito e atenção individualizada, contribuindo para um ambiente mais ético e compassivo. **Objetivo:** Descrever a percepção de estudante de enfermagem a partir da observação em uma ala pediátrica de um Hospital Universitário. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência sobre a vivência de estudantes e profissionais das ciências da saúde dos cursos de Enfermagem, a partir da observação da ala pediátrica durante visita técnica a um Hospital Universitário localizado no interior do estado de Sergipe em Setembro de 2024. **Resultados e Discussão:** Com o fortalecimento das práticas de humanização no cuidado e na gestão do serviço de saúde, deve-se promover o acolhimento nas estruturas de saúde. Isso foi observado na experiência da visita técnica para observação de uma ala pediátrica do Hospital Universitário de Lagarto. O HUL, o hospital o qual foi visitado, conta com uma estrutura equipada e oferta vagas de internamento a partir da classificação de risco nas alas: azul, amarela e vermelha, composta por uma equipe multiprofissional composta por médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, nutricionistas e terapeutas ocupacionais. Na ala azul, onde tem casos de baixa complexidade, na amarela, onde se tem casos de média complexidade e na vermelha, que atende os casos de alta complexidade. Nessas alas, foi possível ser observado um bom atendimento, um acolhimento integral, focado no bem estar físico e espiritual do paciente. **Conclusão:** Por fim, foi possível observar um olhar empático no cuidado por meio do olhar multiprofissional e a relação, em especial, da equipe de enfermagem que está mais presente no cuidado. Foi perceptível um cuidado centralizado na humanização e na empatia, voltado não só para as crianças, como também aos seus responsáveis, que na maioria dos casos relatam atendimento rápido, acolhedor e qualificado.

Palavras-chave: Assistência Centrada no Paciente; Educação Clínica; Pediatria.

BARREIRA E FACILITADORES NA AVALIAÇÃO DA DOR EM PEDIATRIA: REVISÃO NARRATIVA

Juliana Mesquita dos Santos Alves¹; Bianca Santos Martins Alves¹; Isabel Cristina Nascimento Ferreira¹; Jaciane Cruz dos Santos¹; Darcton Souza de Aguiar^{2,3}.

¹Graduanda em fisioterapia pelo Centro Universitário UNIFTC, Salvador, Bahia,

²Docente do Centro Universitário UNIFTC, Salvador, Bahia,

³Mestrando em ciências da reabilitação pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

E-mail: mesquita.alves@ftc.edu.br

Introdução: A dor é uma sensação individual subjetiva, apresenta características fisiológicas, emocionais, sociais e espirituais. De acordo com a Association for the Study of Pain (IASP), a dor “é uma experiência sensitiva e emocional desagradável associada, ou semelhante àquela associada, a uma lesão tecidual real ou potencial”. A dor é avaliada em suas multidimensões como, interação, compreensão, sendo fundamental a inclusão da família. Porém, a variabilidade no desenvolvimento neurológico e cognitivo torna a avaliação desafiadora. A avaliação da dor pediátrica é multifacetária, devido à falta de formação específica por profissionais de saúde, leva à subestimação da dor infantil, em crianças de idades menores. Compreender os instrumentos de mensuração é importante para as diferentes faixas etárias, identificando o manejo da dor. O acompanhamento contínuo e a adaptação da abordagem terapêutica são fundamentais para garantir a eficácia do tratamento farmacológico e não farmacológico no manejo da dor desses pacientes, respeitando suas necessidades e garantindo um cuidado individualizado. **Metodologia:** A presente pesquisa trata-se de uma revisão-narrativa, as buscas foram realizadas nas bases SCIELO, LILACS, BVS e PUBMED, com os descritores “pediatria”, “dor”, “estudo de avaliação”, “facilitadores dos processos” e “barreiras ao acesso aos cuidados de saúde”. A busca foi realizada nos idiomas inglês e português. Critérios de inclusão: artigos elegíveis publicados no período 2015 a 2024, que demonstram as barreiras e facilitadores que podem ser encontrados durante o processo de avaliação da dor em crianças e Critérios de exclusão: duplicidade dos artigos. **Resultados:** A principal dificuldade é a complexidade de avaliar a dor em crianças, especialmente as pequenas ou não verbalizadas, o que exige uma abordagem personalizada e o envolvimento da família para uma avaliação mais precisa. **Discussão:** A dor pediátrica apesar de ter uma perspectiva multifatorial, tem implicações na avaliação, pela limitação verbal das crianças, dificultando o relato da dor, pelas crianças não descrever os sintomas. Muitos instrumentos de avaliação da dor não são apropriados para crianças, pela complexidade e interpretação. Crianças que apresentam distúrbios neurológicos, psicossociais podem apresentar comportamento atípico. **Conclusão:** Barreiras são encontradas por fatores que acometem a faixa etária. É necessário avanço na elaboração e/ou adaptação de instrumentos, sensibilização dos profissionais e inclusão da família no processo para superar as barreiras, garantindo cuidado mais humanizado e eficaz. Políticas institucionais que priorizem a educação contínua e padronizar a avaliação da dor no cuidado pediátrico.

Palavras-chave: Pediatria; dor; Estudo de avaliação; Facilitadores dos processos; Barreiras ao acesso aos cuidados de saúde.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA PAIS DE CRIANÇAS COM DIABETES MELLITUS TIPO 1

Jéssica Batista dos Santos¹(Bolsista CAPES); Maria Eysianne Alves Santos¹(Bolsista FAPEAL);
Ingrid Martins Leite Lúcio²; Karol Fireman de Farias²

Mestrandas pela Universidade Federal de Alagoas¹, Orientadoras e Docentes pela Universidade
Federal de Alagoas²

jessicabatista12373@gmail.com

Introdução: O Diabetes Mellitus Tipo 1 (DM1) é uma condição crônica que exige atenção contínua e cuidados rigorosos para garantir a qualidade de vida da criança. Nesse contexto, a educação em saúde dirigida aos pais é fundamental para capacitá-los no manejo adequado da doença, promovendo autonomia no cuidado domiciliar e melhorando os resultados clínicos. Estratégias educativas eficazes devem considerar o contexto social, emocional e cultural dos cuidadores para garantir adesão e eficácia no tratamento. **Objetivo:** Identificar na literatura contribuições sobre educação em saúde para pais de crianças com Diabetes Mellitus tipo 1. **Metodologia:** Revisão integrativa da literatura, realizada a partir de levantamento na base de dados: MEDLINE. Utilizaram-se os descritores: “Diabetes Mellitus tipo 1”, “Relações Pais-Filho” e “Criança”, associando ao operador *booleano* AND. Como critérios de inclusão: estudos relacionados à temática, nos idiomas português, espanhol e inglês, disponíveis em texto completo, com recorte temporal de 2019 a 2024. E como critérios de exclusão: teses, monografias e dissertações associadas a outras doenças. Emergiram-se na pesquisa 52 estudos. Após leitura de título, resumo e na íntegra restaram 35 estudos para compor a amostra final deste estudo. **Resultados e Discussão:** Mediante análise dos estudos, destacam que pais de crianças com DM1 frequentemente enfrentam dificuldades relacionadas ao manejo da doença crônica, como o controle glicêmico, identificação de hipoglicemias e ajustes na alimentação. A implementação de intervenções educativas, como oficinas, grupos de apoio e orientações individuais, tem se mostrado eficazes para melhorar o conhecimento e habilidades dos pais. Adicionalmente, o uso de tecnologias, como mídias sociais e aplicativos de monitoramento, amplia o acesso às informações e fortalece a comunicação entre famílias e profissionais de saúde. O modelo de educação em saúde dialogado, que prioriza a troca de experiências e empatia, têm demonstrado maior impacto na adesão ao tratamento, reduzindo complicações e promovendo maior segurança no cuidado da criança com DM1. **Considerações Finais:** A educação em saúde é uma ferramenta indispensável no manejo do DM1 em crianças, capacitando os pais a oferecerem suporte adequado e promovendo a autonomia das famílias, onde as estratégias interativas e inclusivas, que utilizam recursos tecnológicos e abordagens personalizadas, são essenciais para fortalecer o autocuidado e a qualidade de vida das crianças e seus pais.

Palavras-chave: Diabetes Mellitus tipo 1; pais; criança.

CONVULSÕES FEBRIS: PROGNÓSTICO E SEGUIMENTO

Fernando Antônio T. Rodrigues¹; Iara Marcela H. F. Silva¹; Lorena Moreira Martins¹; Tuanny Buratti de Oliveira¹; Azenclever Eduardo Rogério²

Graduando em medicina pela Faculdade de Minas¹, Médico pelo Centro Universitário de Caratinga²

fatr@ymail.com

Introdução: as convulsões febris (CF) são crises epiléticas provocadas por febre em crianças entre seis meses e cinco anos, sendo geralmente benignas e apresentando um bom prognóstico. No entanto, a recorrência e o risco de complicações, como o desenvolvimento de epilepsia, são questões que exigem atenção e acompanhamento cuidadoso. Este resumo explora o prognóstico das convulsões febris, destacando os fatores que influenciam sua evolução e a recorrência de novas crises. **Objetivo:** revisar criticamente a literatura científica sobre o prognóstico das convulsões febris, identificando fatores de risco que demandam acompanhamento mais rigoroso. **Metodologia:** a pesquisa foi realizada através do PubMed em 18 de novembro de 2024, utilizando a busca: “Management pediatric febrile seizures”. A seleção foi restrita a meta-análises dos últimos 10 anos, resultando em 6 artigos elegíveis para leitura completa, utilizando 1 após análise detalhada. **Resultados e Discussões:** o prognóstico das convulsões febris depende principalmente da gravidade do episódio inicial e dos fatores de risco individuais. As CF podem ser simples ou complexas. As CF simples, que são mais comuns, são tônico-clônicas generalizadas, têm uma duração curta, sem recorrência em 24 horas, não causam sequelas neurológicas e apresentam excelente prognóstico. Já as CF complexas, que apresentam maior risco de recorrência e desenvolvimento de epilepsia, possuem características como crises focais, crises que duram mais de dez minutos, ou a ocorrência de duas ou mais crises dentro de 24 horas. Além disso, a recuperação pode não ser completa após uma hora e podem ocorrer consequências neurológicas pós-ictais, como a paralisia de Todd. Em casos mais graves, pode evoluir para status epilepticus febril, necessitando de anticonvulsivantes para interromper a crise. Fatores como idade precoce (antes dos 18 meses), histórico familiar de CF e febre muito alta aumentam a probabilidade de recorrência. Estudo indica que cerca de um terço das crianças com CF terão uma segunda crise em futuras doenças febris. Quanto à evolução para epilepsia, crianças com CF simples têm 2-5% de risco, enquanto nas complexas, o risco é de até 20%. **Conclusão:** embora as convulsões febris possam ser uma experiência assustadora para os pais, o prognóstico para a maioria das crianças afetadas é positivo. A identificação de fatores de risco e o acompanhamento médico adequado são essenciais para monitorar a ocorrência de recorrências e o desenvolvimento de epilepsia, garantindo a saúde e o bem-estar da criança.

Palavras-chave: convulsões febris; prognóstico; anticonvulsivantes.

RESPOSTAS IMUNOLÓGICAS À INFECÇÃO POR *Leishmania* spp.: CONTROLE NO NORTE DO BRASIL - REVISÃO INTEGRATIVA

Beatriz Fernanda Cardoso Sarquis¹; Ana Clara Evangelista Hannemann²; Cecília Maria Gomes dos Reis³; Adriane dos Santos Miranda Lobato⁴

Graduanda em Biomedicina pelo Centro Universitário Fibra¹; Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Pará²; Graduanda em Biomedicina pela Faculdade Cosmopolita³; Doutoranda em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários pelo PPGBAIP/UFPA⁴.

beatrizsarquis@gmail.com

Introdução: A leishmaniose, causada por *Leishmania* spp., é uma doença parasitária negligenciada, afetando principalmente regiões tropicais, como o Norte do Brasil, onde fatores ambientais favorecem a proliferação do vetor flebotomíneo. Apresentando formas tegumentares e viscerais, a doença envolve respostas imunológicas complexas e específicas para cada manifestação. Na LT, a resposta imunológica tende a ser mais localizada, enquanto na LV o sistema imunológico enfrenta desafios maiores, com respostas que podem variar entre ativação e imunossupressão. Nesse quesito, é fundamental compreender como o sistema imunológico reage à presença do parasita. **Objetivo:** Examinar, por meio de uma revisão integrativa, as respostas imunológicas à infecção por *Leishmania* spp., identificando biomarcadores imunológicos e mecanismos de resposta que possam subsidiar estratégias aprimoradas para o controle e prevenção da leishmaniose no Norte do Brasil. **Metodologia:** Conduziu-se uma revisão integrativa na base de dados PubMed, abrangendo publicações entre 2019 e 2024 sobre biomarcadores imunológicos e mecanismos de resposta à infecção por *Leishmania* spp. Foram incluídos estudos originais, revisões e meta-análises com os descritores: “*Leishmania* spp.”, “biomarcadores imunológicos”, “resposta imune”, e “controle da leishmaniose”. A seleção priorizou artigos em português e inglês, com dados relevantes ao diagnóstico, controle e prevenção da leishmaniose no Norte do Brasil. **Resultados e Discussão:** Dos 679 estudos inicialmente identificados, seis foram incluídos nesta revisão, destacando biomarcadores imunológicos na leishmaniose. Durante a revisão, foi constatado que a ativação inicial dos macrófagos e das células dendríticas leva à liberação de citocinas como IL-12, fundamentais para ativar células T do tipo Th1 e induzir uma resposta pró-inflamatória. Em outros estudos, as quimiocinas MIG e IP-10 demonstraram-se elevadas em resposta à infecção por *Leishmania* spp., contribuindo para a resistência do hospedeiro, especialmente em casos assintomáticos e após tratamento da leishmaniose visceral (LV). Assim, esses marcadores foram distribuídos em pacientes imunocompetentes e imunocomprometidos, reforçando seu potencial diagnóstico e sua importância para o manejo clínico da LV. Os resultados sugerem que a resposta do MIG e do IP-10 pode auxiliar na diferenciação dos quadros de tecnologia e na avaliação da eficácia do tratamento. **Conclusão:** O controle da leishmaniose no Norte do Brasil requer uma abordagem integrada, envolvendo pesquisas, vacinas, terapias e estratégias de saúde pública. Logo, compreender a resposta imunológica humana à infecção por *Leishmania* spp., é fundamental para o desenvolvimento de novas ferramentas de combate e prevenção, uma vez que essas respostas são cruciais para entender as diferentes formas de doença e reduzir seu impacto em populações vulneráveis.

Palavras-chave: Leishmaniose; Biomarcadores imunológicos; políticas públicas.

A INFLUÊNCIA DA ANSIEDADE NO NEURODESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E DE ADOLESCENTES

Pedro Henrique Lessa de Oliveira²; Sâmella Soares Oliveira Medeiros¹; Juliano Policarpio Moura¹; Paula Silveira Araújo²; Suzan Kelly Macedo²; Matheus Waldeck Felix de Sousa Lemos²; Fernanda Cristina Alcântara dos Santos³

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser¹, Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás², Docente em Universidade Federal de Goiás³

pedro.lessa@discente.ufg.br

Introdução: A ansiedade e o medo desempenham papéis centrais no desenvolvimento emocional e cognitivo, especialmente durante a infância e adolescência. Estima-se que transtornos de ansiedade afetem até 32% das crianças e adolescentes, com impactos significativos ao longo da vida. Além disso, sugere-se que fatores como o desenvolvimento neurobiológico e experiências adversas, incluindo traumas precoces, influenciam a regulação emocional, destacando a necessidade de intervenções precoces e baseadas em dados neurodesenvolvimentais. **Objetivo:** Analisar fatores fisiopatológicos intrínsecos à permanência e evolução da ansiedade e sua influência no neurodesenvolvimento humano. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura baseada em artigos publicados no PubMed, entre 2019 e 2024. Foi realizada busca usando os descritores “anxiety”, “neurodevelopment”, “Child” e “Teenager”, encontrando 211 resultados. Como critérios de inclusão, utilizaram-se textos completos, gratuitos, em inglês, e como critérios de exclusão, textos fora do período estipulado e não alinhados aos objetivos da pesquisa. Selecionaram-se 5 estudos adequados à temática. **Resultados e Discussão:** A ansiedade é uma condição prevalente em crianças e adolescentes, com início recorrente antes dos 12 anos. Evidências demonstram que disfunções no eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA), hiperatividade da amígdala, conectividade alterada entre amígdala e córtex pré-frontal, e desequilíbrios em neurotransmissores como serotonina, dopamina e GABA comprometem circuitos cerebrais, como a conectividade entre córtex pré-frontal e amígdala, responsáveis pelo processamento emocional e regulação do medo, intensificadas pela maturação desigual do cérebro, onde estruturas subcorticais se desenvolvem antes das áreas corticais reguladoras. Adversidades na infância e ansiedade materna na gestação estão associadas a mudanças epigenéticas que impactam o desenvolvimento cerebral e aumentam o risco de transtornos ansiosos. A hiperatividade do eixo HHA contribui para padrões disfuncionais de conectividade cerebral e maior reatividade emocional. Intervenções precoces, integrando treinamento cognitivo e suporte psicossocial, são promissoras para mitigar déficits psicossomáticos, promover resiliência e restaurar trajetórias normativas de desenvolvimento cerebral. Compreender a relação entre ansiedade e neurodesenvolvimento é imprescindível para identificar marcadores de risco e desenvolver estratégias preventivas e terapêuticas individualizadas para a população pediátrica. **Conclusão:** Compreende-se que a correlação entre psicopatologias e adversidades desde o início da vida gera consequências como alterações epigenéticas, neurocognitivas, emocionais e puberais. Estresses crônicos alteram o desenvolvimento neuropsicológico, impactando a saúde pública, não apenas de crianças e adolescentes, mas da população geral.

Palavras-chave: ansiedade; neurodesenvolvimento; intervenções precoces.

CULTIVANDO EMOÇÕES: UM PROJETO DE EXTENSÃO PARA PROMOÇÃO DA CULTURA DE PAZ NA INFÂNCIA

Yasmin dos Santos Bueno¹; Roges Ghidini Dias²

Graduando em Medicina pela Universidade de Passo Fundo¹, Doutor em Ciências da Saúde pela Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre²

Yas.sbueno04@gmail.com

Introdução; O Programa Saúde na Escola (PSE) busca articular a escola e a atenção primária à saúde, promovendo o desenvolvimento dos estudantes por meio de ações de promoção à saúde e fortalecimento de políticas públicas. Utilizando o PSE como estrutura, desenvolvemos um projeto vinculado à Universidade de Medicina de Passo Fundo na matéria de Saúde Coletiva Ética e Sociedade II em uma Escola Municipal de Passo Fundo. Este projeto focou em atividades que promovem a reflexão e o respeito às emoções humanas, fortalecendo a conexão entre escola, família, comunidade e saúde. **Objetivo;** O objetivo foi fomentar o desenvolvimento da independência emocional dos alunos e promover o entendimento das relações intra e interpessoais presentes em suas rotinas, facilitando a construção de um ambiente escolar mais pacífico e colaborativo. **Metodologia;** O projeto iniciou com uma pesquisa exploratória para identificar as demandas da comunidade escolar, especialmente em relação ao comportamento dos alunos do 4º ano, que apresentavam características de agitação e conflitos frequentes. A partir disso, em conjunto com o orientador, optou-se por trabalhar as temáticas do PSE focadas na promoção da cultura de paz e no entendimento das emoções. Foram realizados três encontros. No primeiro, foi exibido o filme “Divertidamente”, da Disney, para introduzir o tema sentimentos de forma acessível. No segundo, um jogo adaptado de "Imagem e Ação", que consistia em realizar mímicas das emoções vistas no filme, permitindo que os alunos refletissem sobre seus comportamentos. Por fim, no último encontro, os alunos registraram suas atitudes e pensamentos em um mural que permaneceu na sala como um lembrete de como lidar com o ânimo, principalmente a raiva. **Resultados e Discussão;** Os resultados foram documentados e compartilhados com a comunidade. A metodologia adotada possibilitou reflexões profundas sobre emoções e comportamentos, além de fortalecer os laços no meio acadêmico. Os encontros mostraram-se eficazes ao promover um ambiente mais acolhedor, no qual os alunos começaram a desenvolver habilidades socioemocionais essenciais, como empatia e solidariedade, promovendo um convívio mais harmonioso na escola. **Conclusão;** As atividades proporcionaram uma intervenção reflexiva importante, ampliando a compreensão sobre como lidar com emoções. O projeto destacou que o cuidado em saúde vai além das prescrições médicas, abrangendo também o desenvolvimento emocional e social, fatores fundamentais para o bem-estar dos estudantes e da comunidade escolar como um todo.

Palavras-chave: infância; saúde; emoções.

A RELEVÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: RELATO DE CASO

Emanuelle Helyne de Oliveira Garcia¹; Camila Veras de Melo Cavalcanti¹; Hanna Priscilla da Silva Medeiros¹; Julia Cabral de Freitas¹; Vanessa Nelson Cavalcanti¹; Livia Fernandes de Queiroz²

Graduando em medicina pela Universidade Potiguar¹, Graduada em Psicologia pela Universidade Facex de Natal²

Julia_cabralf13@hotmail.com

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento cuja prevalência tem aumentado nos últimos anos. Os principais sintomas incluem atraso na comunicação, ausência de contato visual e padrões restritos de atividades e interesses. O diagnóstico precoce, realizado na infância, é essencial para otimizar o desenvolvimento social, comunicativo e cognitivo da criança. Sem intervenção adequada, podem surgir dificuldades em interação social, comunicação e comportamentos inadequados, como autoagressão. Este estudo objetiva relatar o caso de uma criança com TEA, ressaltando os desafios enfrentados pela família e os benefícios do diagnóstico precoce. **Objetivo:** Relatar um caso com a finalidade de promover a conscientização sobre a relevância do diagnóstico precoce no TEA. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência baseado em entrevista com a mãe de uma criança diagnosticada com TEA. O estudo foi desenvolvido após visita de campo à CLIAP (Centro de Atendimento Personalizado em Terapias Avançadas para Adultos e Infantis), em Natal/RN. **Resultados e Discussão:** ASM, mãe de FN, relatou os desafios enfrentados desde o nascimento do filho até o diagnóstico. Apesar de uma gestação tranquila e sem intercorrências no parto, ela notou sinais precoces, como a ausência de contato visual durante a amamentação. Aos 8 meses, FN balbuciava, mas não desenvolveu palavras funcionais. A pandemia evidenciou o atraso em relação a crianças da mesma idade, motivando a busca por avaliação neuropediátrica. Aos 1 ano e 3 meses, foi sugerido o diagnóstico de TEA, com recomendação de intervenção precoce (Denver) e terapias específicas. Atualmente, FN, classificado como nível 3 de suporte, apresenta barreiras sociais e comunicativas, embora seja uma criança carinhosa e alegre. Sua rotina inclui terapias ocupacionais, comportamentais (ABA) e uso de medicação. ASM enfrenta dificuldades financeiras para custear o tratamento e destaca a necessidade de apoio por parte de planos de saúde e políticas públicas. Apesar dos obstáculos, celebra cada avanço do filho e se dedica integralmente ao seu bem-estar. **Considerações Finais:** O diagnóstico precoce do TEA aliado ao acompanhamento especializado proporciona maior qualidade de vida para a criança e sua família. Este relato reforça a importância da conscientização sobre o TEA e de políticas públicas que garantam acesso ao tratamento.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; diagnóstico precoce; infância.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE DENGUE EM CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS NO ESTADO DO MARANHÃO DE 2014-2024

Yasmim Silva de Oliveira¹; Amanda Maria Mendes Braga¹; Daniel Henrique Pinho Nascimento¹; Adáyssa Lima Fraga¹; Leonardo Silva Melo¹; Nome¹; Jeanny de Almeida Pereira Menezes²

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão¹, Enfermeira, Enfermeira pela Universidade Federal do Maranhão²

oliveira.yasmim@discente.ufma.br

Introdução: A dengue é uma patologia viral aguda e reemergente que representa um grave problema de saúde pública, especialmente em regiões tropicais e subtropicais, transmitida pelo mosquito fêmea *Aedes aegypti*, essa infecção viral está associada a condições ambientais favoráveis e à vulnerabilidade social, exigindo o monitoramento contínuo dos casos confirmados para identificar áreas de maior incidência e implementar medidas de controle eficazes. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico da dengue no estado do Maranhão no período de 2014 a 2024. **Metodologia:** Estudo epidemiológico descritivo embasado em dados acerca dos casos de dengue no estado do Maranhão, entre os anos de 2014 a 2024 em menores de 5 anos, disponibilizados pelo Sistema Nacional de Agravos de Notificação (SINAN) através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram analisadas as variáveis: ano de notificação, raça, sexo, macrorregião de saúde e município de notificação. **Resultado e Discussão:** Durante o período analisado, foram notificados 5.742 casos de dengue no Maranhão, com variação significativa ao longo dos anos. O maior número ocorreu em 2016, com 1.589 casos (27,24%), seguido de 2024, com 724 casos (12,41%). Em 2021, observou-se uma queda acentuada, com apenas 185 casos (3,17%), sugerindo subnotificação. Quanto à variável raça, a maioria envolveu crianças pardas, totalizando 4.680 registros (80,24%), evidenciando desigualdades sociais que impactam o acesso à saúde e as condições de moradia. Em relação ao sexo, os casos foram equilibrados, com 51,68% em meninos (3.014 registros) e 48,26% em meninas (2.815 registros). Analisando as macrorregiões de saúde, o sul e o norte concentraram 43,74% (2.512 registros) e 43,71% (2.510 registros) dos casos, respectivamente, enquanto o leste teve 12,53% (720 registros). Entre os municípios, São Luís apresentou o maior número de notificações, com 1.774 casos (30,89%), seguido por Barra do Corda, com 1.149 casos (20,01%). Proporcionalmente à população infantil, os números de Barra do Corda são mais expressivos devido ao menor tamanho populacional. **Conclusão:** A análise concluiu que as variações no número de notificações refletem a necessidade de estratégias que incentivem os profissionais de saúde a aderirem à notificação compulsória. Além disso, a predominância de casos em crianças pardas reforça a urgência de implementar políticas públicas voltadas às populações mais vulneráveis, reduzindo desigualdades sociais e promovendo a saúde infantil no estado.

Palavras-chave: epidemiologia; dengue; atenção integral à saúde da criança.

CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO SUS: UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS DE SAÚDE NO BRASIL

Talita da Silva Livramento Souza¹; Edson Souza Silva²

Graduando em enfermagem pela Faculdade Brasileira do Recôncavo e em Gestão Pública pelo Centro Universitário Unifatecie¹, Mestrando em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia²

enftalitasouza@outlook.com

Introdução: A organização da saúde pública no Brasil passou por relevantes mudanças ao longo do tempo, desde o período em que estava subordinada ao Ministério da Justiça até a criação do Sistema Único de Saúde (SUS). Inicialmente focada em ações de saneamento e combate a endemias, a política de saúde evoluiu para atender às demandas de uma sociedade em urbanização e industrialização crescentes, ampliando o acesso aos serviços médicos e incorporando princípios de universalidade e equidade. **Objetivo:** Este estudo busca analisar a trajetória histórica das políticas de saúde no Brasil, com ênfase nas transições estruturais que culminaram na criação do SUS, e avaliar os desafios enfrentados na implementação de um sistema universal. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão bibliográfica com base em fontes históricas, normativas e relatos de especialistas, abrangendo o período de início do século XX aos anos 2000, incluindo o desenvolvimento do sanitarismo campanhista, a previdência social, o Plano SALTE, o SINPAS, e as mudanças introduzidas pela Constituição de 1988. **Resultados e Discussão:** As ações iniciais, fragmentadas e voltadas para o controle de endemias em zonas rurais, evoluíram para a assistência individual por meio das Caixas de Aposentadoria e Pensão (1923) e, posteriormente, os Institutos de Aposentadoria e Pensões (1930-1966). A década de 1970 foi marcada pela predominância da medicina curativa hospitalar e privatista, financiada pelo INPS, enquanto a atenção primária ganhou relevância com programas como o PIASS e as Ações Integradas de Saúde (AIS). A VIII Conferência Nacional de Saúde (1986) consolidou os princípios que embasaram o SUS, instituído em 1988, trazendo avanços como a descentralização e gestão participativa. No entanto, problemas persistem, especialmente relacionados ao financiamento, como demonstrado pela dificuldade de operacionalização da Emenda Constitucional 29 (2000), que estabeleceu percentuais mínimos de investimento em saúde pela União, estados e municípios, com vistas a promover maior financiamento do SUS, reduzir desigualdades regionais e assegurar serviços de qualidade. Além disso, definiu critérios para aplicação dos recursos e reforçou a fiscalização das despesas na área de saúde. **Conclusão:** O desenvolvimento das políticas de saúde no Brasil reflete a luta histórica pela universalização e equidade no acesso à saúde. Apesar de avanços importantes com o SUS, ainda há desafios na consolidação do financiamento adequado e na gestão integrada entre as esferas governamentais. A trajetória do sistema de saúde brasileiro evidencia a necessidade contínua de priorizar ações preventivas e fortalecer a atenção primária como base do modelo assistencial.

Palavras-chave: gestão em saúde; políticas públicas de saúde; sistema único de saúde.

O PAPEL DA ATIVIDADE FÍSICA NO CONTROLE GLICÊMICO E NA QUALIDADE DE VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DIABETES MELLITUS TIPO 1.

Lavinia Voss Agra¹, Beatriz Terto de Lima¹, Maria Victoria Antero Santa Rosa Barbosa¹, Maria Eduarda dos Santos Gama¹, Maria Clara de Amorim Rebêlo¹, Felipe Burity Tenório Pimentel¹
Ewerton Amorim dos Santos².

¹Graduandos em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) ²Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

lavinia.agra@famed.ufal.br

Introdução: O Diabetes Mellitus tipo 1 (DM1) é uma doença crônica autoimune caracterizada pela destruição das células β pancreáticas, levando à deficiência de insulina. Essa condição acomete, sobretudo, crianças e adolescentes, impactando a qualidade de vida desses pacientes, visto que exige monitoramento constante da glicemia, administração de insulina e adaptações no estilo de vida. Nesse contexto, a prática regular de atividade física moderada é uma estratégia eficaz para melhorar o bem-estar físico e mental dos jovens com DM1. **Objetivo:** Analisar os efeitos da atividade física no controle glicêmico e na melhora da qualidade de vida de jovens com DM1. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada por meio da consulta nas bases de dados PubMed, MedLine e Google Acadêmico, utilizando os descritores: "Physical Activity", "Youth", "Type 1 Diabetes Mellitus" e "Glycemic Control" combinados com os operadores booleanos "AND" e "OR", contemplando estudos dos últimos 5 anos. **Resultados e discussão:** Identificaram-se 245 artigos, dos quais 18 foram analisados e 5 incluídos na revisão. Em crianças e adolescentes com DM1, a prática de atividade física está associada ao melhor controle glicêmico, refletido na diminuição dos níveis de hemoglobina glicada (HbA1c). Exercícios físicos melhoram a sensibilidade à insulina ao aumentar a captação de glicose pelo músculo esquelético por mecanismos independentes desse hormônio, reduzindo sua resistência e auxiliando na estabilização da glicemia. Embora os benefícios metabólicos dos exercícios sejam reconhecidos, há uma variabilidade nos resultados, influenciada pelo tipo, frequência e intensidade das atividades. Apesar dessa lacuna, verifica-se que exercícios regulares de intensidade moderada, combinando práticas aeróbicas e de resistência, são os mais eficazes para o controle metabólico e a promoção da saúde geral do público infanto-juvenil. Isso porque esses tipos de exercícios também reduzem o estresse e a ansiedade por meio da regulação dos níveis de serotonina e dopamina, melhorando a autoestima, as habilidades sociais e o equilíbrio emocional de crianças e adolescentes com DM1. É fundamental, por outro lado, que a prática seja acompanhada por monitoramento glicêmico antes e após o exercício e, caso necessário, pela aplicação de insulina, monitorada pelos responsáveis. **Conclusão:** A atividade física beneficia tanto o controle glicêmico quanto a qualidade de vida de jovens com DM1. No entanto, a falta de evidências robustas sobre seus efeitos metabólicos dificulta a ampliação da compreensão de seu impacto na saúde infantil e adolescente. Logo, é essencial ampliar estabelecer práticas que promovam, efetivamente, o maior bem-estar desses indivíduos.

Palavras-chave: atividade física; controle glicêmico; diabetes mellitus tipo 1.

IMPACTOS DA DOENÇA DO REFLUXO GASTROESOFÁGICO NO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.

Lavinia Voss Agra¹, Beatriz Terto de Lima¹, Maria Victoria Antero Santa Rosa Barbosa¹, Maria Eduarda dos Santos Gama¹, Maria Clara de Amorim Rebêlo¹, Felipe Burity Tenório Pimentel¹
Ewerton Amorim dos Santos².

¹Graduandos em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) ²Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

lavinia.agra@famed.ufal.br

Introdução: O refluxo gastroesofágico (RGE) é uma condição comum em crianças, caracterizado pelo retorno do conteúdo gástrico ao esôfago, podendo causar sintomas como regurgitação. Embora seja fisiológico nos primeiros meses de vida, o RGE pode evoluir para doença do refluxo gastroesofágico (DRGE), uma condição mais grave associada a complicações mais severas, como desnutrição, esofagite de refluxo, tosse, apnéia e distúrbios relacionados ao sono. Conjuntamente, esses quadros deturpam o crescimento saudável das crianças afetadas. **Objetivo:** Analisar os impactos da DRGE no crescimento e desenvolvimento infantil, identificando as principais complicações na qualidade de vida das crianças. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada por meio da consulta nas bases de dados Pubmed, MedLine e Google Acadêmico, utilizando os descritores: "Gastroesophageal reflux disease", "Development", "Growth" e "Children" combinados com os operadores booleanos "AND" e "OR", contemplando os últimos 5 anos. **Resultados e discussão:** Foram identificados 292 artigos, dos quais 18 foram selecionados e 5 incluídos. Estudos recentes evidenciam uma relação entre a DRGE e prejuízos ao desenvolvimento infantil, principalmente devido ao déficit nutricional causado pela redução na absorção de nutrientes. As lesões inflamatórias na mucosa esofágica (esofagite) causadas pelo refluxo ácido podem dificultar a digestão, reduzir o apetite e alterar a biodisponibilidade de nutrientes, especialmente em crianças. Esses fatores, juntamente com os vômitos e as regurgitações recorrentes, contribuem para a desnutrição reduzindo a ingestão calórica, atrasando o ganho de peso e o crescimento infantil. Além disso, crianças com DRGE frequentemente apresentam problemas respiratórios devido ao microaspiramento de conteúdo gástrico e à irritação reflexa causada pelo RGE. Episódios frequentes de tosse, asma ou apneia prejudicam a qualidade do sono, comprometendo a liberação do hormônio do crescimento e o aperfeiçoamento neurológico. Pesquisas apontam que esses distúrbios do sono, associados ao estresse crônico causado por dor e irritabilidade constantes, comprometem o desenvolvimento neuropsicomotor, prejudicando a aquisição de habilidades cognitivas, sociais e motoras na infância. O diagnóstico precoce é fundamental para prevenir a progressão para condições mais graves, como o esôfago de Barret, que envolve a metaplasia tecidual e que pode evoluir para adenocarcinoma de esôfago. **Conclusão:** A DRGE impacta de maneira multifacetada a saúde infantil, comprometendo a nutrição, o crescimento físico e o desenvolvimento neurológico das crianças. Assim, a identificação precoce é fundamental para o tratamento adequado e a redução dos efeitos da DRGE no crescimento e desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: doença do refluxo gastroesofágico; crescimento infantil; desenvolvimento infantil.

INFECÇÃO POR PARVOVÍRUS B19 EM CRIANÇAS - UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Larissa Vieira Rego Bastos¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas¹, Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

luis.brito@famed.ufal.br

Introdução: O parvovírus B19 é uma causa comum de eritema infeccioso, também conhecido como "doença da face esbofetada", em crianças. A infecção por esse vírus é, em sua maioria, autolimitada e apresenta um quadro clínico caracterizado por uma erupção facial, que confere o aspecto de uma face esbofetada, seguida de um eritema em outras partes do corpo. Embora a infecção seja frequentemente leve, pode causar complicações mais graves em indivíduos imunocomprometidos, em gestantes, e em crianças com condições preexistentes, como doenças hematológicas. Em gestantes, o parvovírus B19 pode levar a complicações como aborto espontâneo ou anemia fetal. A transmissão ocorre principalmente por gotículas respiratórias ou pelo contato com secreções nasais de indivíduos infectados. **Objetivo:** O objetivo desta revisão é descrever as manifestações clínicas da infecção por parvovírus B19 em crianças, suas complicações e as estratégias de prevenção adotadas para reduzir a propagação da doença. **Método:** A revisão foi realizada com base em estudos publicados entre 2015 e 2023 nas bases de dados PubMed, Scielo e Scopus. Os termos de busca combinados foram: "parvovirus B19 in children", "erythema infectiosum", "clinical manifestations of parvovirus infection", e "prevention of parvovirus infection". O critério de exclusão foi artigos que não citavam o público pediátrico. Assim, foram encontrados 15 artigos nas bases de dados. **Resultados e discussão:** A infecção por parvovírus B19 em crianças é caracterizada por um exantema facial típico, que lembra uma face esbofetada, e é seguida por eritema em outras partes do corpo, como tronco e membros. Embora a doença seja frequentemente autolimitada em crianças saudáveis, casos mais graves podem ocorrer, especialmente em crianças com condições preexistentes, como anemia falciforme, que possuem um risco elevado de desenvolver anemia hemolítica e outras complicações hematológicas. Além disso, artrite pode ser uma complicação rara, porém dolorosa, principalmente em adolescentes. Não há tratamento específico para a infecção, sendo o manejo geralmente sintomático, com analgésicos e antipiréticos. A prevenção é baseada na higiene rigorosa das mãos, na educação sobre os modos de transmissão e no controle do contato com indivíduos infectados. **Conclusão:** Embora a infecção por parvovírus B19 seja geralmente benigna em crianças, ela pode resultar em complicações graves em populações vulneráveis. A educação sobre medidas preventivas, como a higiene das mãos e a redução do contato com indivíduos infectados, é fundamental para controlar a propagação da doença e minimizar os riscos associados à infecção, especialmente em crianças com condições preexistentes.

Palavras-chave: vírus; infectologia; saúde da criança.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE A IMPORTÂNCIA O CUIDADO DO MEIO AMBIENTE NO ÂMBITO INFANTIL

Ana Joyce Carvalho Magalhães¹; Stefanny Ximenes Carvalho²; Talita Kele Rodrigues Mendes³; Iasmin Rodrigues Farias Bôto⁴; Rosalice Araújo de Sousa Albuquerque⁵

Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário INTA – UNINTA^{1,2,3,4} Enfermeira.
Docente do Centro Universitário INTA – UNINTA. Doutora em Saúde Coletiva⁵

joycesq2021@gmail.com

INTRODUÇÃO:A integração entre saúde e meio ambiente na educação infantil é fundamental para o bem-estar das crianças, especialmente aquelas em contextos vulneráveis. A falta dessa abordagem pode comprometer o desenvolvimento delas, afetando tanto a saúde quanto a maneira como compreendem o mundo ao seu redor. Estudos recentes indicam que unir esses dois temas na educação infantil é essencial para promover a conscientização sobre hábitos saudáveis e o cuidado com o meio ambiente. É proposta uma abordagem educacional voltada para ensinar as crianças a viverem de forma equilibrada e consciente. **OBJETIVO:**Relatar a experiência acerca de uma atividade educativa sobre a importância do cuidado do meio ambiente no âmbito infantil. **METODOLOGIA:**Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa, do tipo relato de experiência, sobre uma ação de educação em saúde acerca da importância do cuidado com o meio ambiente, realizada no município de Santa Quitéria. A ação foi conduzida pelos acadêmicos de enfermagem do 5º semestre com crianças do ensino fundamental I, com idades entre 5 e 6 anos, com uma faixa de 23 alunos. Utilizou-se a metodologia expositiva e dialogada. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Primeiramente o assunto foi introduzido, usando uma fala simples e objetos lúdicos, como imagens representando o planeta terra e ações “boas e ruins” para com o meio ambiente, estimulando ao público o pensamento crítico sobre o que faz bem e o que faz mal no contexto de sustentabilidade. Deste modo, foi explicado como estes impactos afetam o convívio social e porque eles são maléficos, para isso, foi usado um método a partir de uma experiência dinâmica, que se fez o uso de água sanitária e detergente, onde o detergente indicava a poluição e a água sanitária as áreas limpas, mostrando os impactos de ações erradas dentro da natureza. Em seguida, como forma de melhorar ainda mais a absorção de conhecimentos, foi desenvolvido por meio dos acadêmicos um bingo em que os ganhadores competiam por brinquedos feitos a partir de materiais recicláveis. E, ao fim da ação, todos ganharam brindes. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que, a experiência foi enriquecedora, além de trazer uma troca de conhecimentos, foi possível perceber que as crianças assimilaram de forma significativa o que foi repassado, demonstrando compreensão e tirando suas dúvidas sobre a importância do cuidado com o meio ambiente

Palavras-chave: meio ambiente; crianças; educação em saúde .

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA DE ENFERMAGEM NA SAÚDE DO ADOLESCENTE E JOVEM NO CENTRO UNIVERSITÁRIO SALGADO DE OLIVEIRA EM JUIZ DE FORA

Letícia Araujo Eiterer¹; Raquel Pires do Amaral¹; Crislene Moraes Brazil¹; Marielen Costa Borges¹; Francine Banni Felix²; Juliana Paula Pereira³

¹Graduandos em enfermagem pela Universidade Salgado de Oliveira

²Coodenadora do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Salgado de Oliveira Juiz de Fora

³Professora do curso de graduação em enfermagem do Centro Universitário Salgado de Oliveira Juiz de Fora¹

juliana.pereira@jf.universo.edu.br

Introdução: A adolescência é um período da vida marcado por muitas mudanças e desafios na transição de criança para a vida adulta. Esta fase, em sua grande maioria, é negligenciada pelas grades curriculares de enfermagem, sendo apenas um tópico de uma disciplina e até mesmo na sociedade, este processo tão difícil é visto com pouca relevância e de forma insensível. Todavia, o Centro Universitário Salgado de Oliveira, se destaca em ofertar uma disciplina integral para a temática, proporcionando aos alunos um conhecimento sólido e aplicado permitindo uma visão ampliada que leva em consideração o jovem. **Objetivo:** Relatar a experiência de aprendizado na disciplina específica sobre saúde do adolescente e jovem. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado a partir da vivência de alunos no sexto período de enfermagem na disciplina relatada na Faculdade de Enfermagem do Centro Universitário Salgado de Oliveira Juiz de Fora, Minas Gerais. **Resultados e Discussão:** Um dos principais desafios enfrentados dentro da disciplina foi a dificuldade de diálogo sobre temas sensíveis, como abuso sexual, com o público-alvo. A utilização de estratégias de comunicação, como a escuta ativa e o uso de linguagem acessível para criar confiança, mostrou-se como essencial ao longo da experiência. A capacitação dos profissionais de saúde para identificar sinais precoces de violência também foi destacada como fundamental na proteção dessa população. Outro ponto relevante investigado foi o impacto das redes sociais e da realidade virtual. Embora enriqueçam o cotidiano, também apresentam riscos, como interações abusivas. Assim, programas educativos sobre o uso seguro da internet e ações preventivas envolvendo pais, escolas e profissionais de saúde são indispensáveis para a proteção dos adolescentes. A relação entre drogas lícitas e ilícitas e a vulnerabilidade ao abuso foi igualmente explorada, considerando que a exposição a substâncias químicas compromete o discernimento dos jovens, aumentando os riscos de violência. **Conclusão:** A disciplina trouxe para os alunos um olhar humanizado e voltado para um cuidado contínuo, integral e corrobora a importância do conteúdo no cenário atual, onde existem populações e pandemias ocultas que precisam de atenção e profissionais que realmente enxerguem esta problemática com outros olhos e estejam capacitados para tal complexidade.

Palavras-chave: adolescente; desenvolvimento do adolescente; enfermagem.

PROMOÇÃO DA EMPATIA E CONVIVÊNCIA SAUDÁVEL: INTERVENÇÃO LÚDICA CONTRA O BULLYING EM ESCOLARES

Yasmin dos Santos Bueno¹; Victória Sberse Girardi¹; Yohanna dos Santos Pohlmann¹; Roges Ghidini Dias²

Graduanda em Medicina pela Universidade de Passo Fundo¹, Doutor em Ciências da Saúde pela Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre²

yohanna.santos@yahoo.com.br

Introdução: Na disciplina de Saúde Coletiva I da Faculdade de Medicina UPF foi realizada uma atividade de extensão em parceria com a Escola Estadual Fredolino Chimango. Baseando-se na teoria de Carl Jung, que analisa como as interações sociais influenciam o comportamento e o desenvolvimento da personalidade, buscou-se trabalhar de forma lúdica a empatia e a convivência saudável entre os alunos. **Objetivo:** Conscientizar os alunos da 5ª série acerca do bullying e suas repercussões sociais, de modo a visibilizar a importância da saúde mental da criança e adolescente. **Metodologia:** Em um primeiro momento foi realizada uma reunião com a direção da escola para identificar quais as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da turma que poderiam ser amparadas pelos presentes autores. Visto que a temática de bullying como empecilho para o desenvolvimento das crianças foi eleita como foco da intervenção, logo o grupo optou em introduzir o assunto por meio de dois vídeos transmitidos para a sala. O primeiro curta apresentou uma analogia do jogo “pedra, papel ou tesoura”, em que os personagens representavam cada elemento da brincadeira e mostravam a importância de unir suas diferenças para moldar um grupo mais forte. Já o segundo vídeo retratou a história de um porco-espinho que vivia isolado de seus colegas, demais espécies, por eles terem medo de se aproximar de seus espinhos, ao fim, os amigos decidiram acolhê-lo e valorizar sua peculiaridade. Após a transmissão dos vídeos foi realizada uma reflexão e discussão sobre a impressão dos alunos acerca das animações e, em seguida, proposto que cada aluno realizasse um desenho de uma figura humana sem retirar o lápis do papel, assim dificultando a tarefa. Posteriormente, os desenhos foram trocados entre eles e por fim os estudantes perceberam que as ilustrações se tornaram engraçadas e fora do padrão usual. **Resultados e Discussão;** A reflexão demonstrou que muitas vezes há julgamento sem conhecimento prévio das condições e contexto em que o outro está imerso, reiterando a importância da empatia. Como resultado observamos que a turma foi disposta, participativa e compreendeu as reflexões propostas pelo grupo, além de trazerem suas próprias experiências a respeito do bullying sofrido e praticado. **Conclusão;** portanto, experiências como a descrita no presente trabalho, demonstram a importância da conscientização da criança por meio de atividades interativas, contribuindo com uma maior adesão da turma e melhor resultado da intervenção. O grupo destaca também que ações como essas são engrandecedoras para ambos os participantes.

Palavras-chave: infância; saúde; bullying.

CUIDADOS DE ENFERMAGEM PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS E NECESSIDADES ESPECIAIS: PRÁTICAS E DESAFIOS NA ENFERMAGEM.

Giovanna Maria Rebouças dos Reis¹; Katherine Rios Almeida Pedreira².

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste 1; Docente em enfermagem no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste 2.

giovannamariareboucas@gmail.com

Introdução; A enfermagem desempenha um papel fundamental no cuidado de crianças com deficiências e necessidades especiais, promovendo o desenvolvimento integral e o bem-estar emocional. Essas crianças apresentam uma diversidade de necessidades que exigem uma abordagem especializada, adaptando os cuidados às particularidades de cada uma. Além das habilidades técnicas, os enfermeiros enfrentam desafios, como a comunicação eficaz com as crianças e suas famílias, a gestão de recursos limitados e a colaboração com equipes multidisciplinares. O enfermeiro não deve apenas prestar cuidados diretos, mas também atuar como educador e apoio para as famílias. **Objetivo;** Descrever as práticas de enfermagem essenciais para o cuidado de crianças com deficiências e necessidades especiais, destacando os desafios enfrentados pelos profissionais. **Metodologia;** A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão integrativa da literatura, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) "Cuidados", "Enfermagem" e "Crianças com deficiência", que foram combinados utilizando o operador booleano AND. As bases de dados selecionadas para a busca foram LILACS, MEDLINE e BDENF-ENFERMAGEM, acessíveis através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para a inclusão dos artigos, foram considerados aqueles que abordassem o tema proposto e que estivessem publicados na íntegra nos idiomas inglês e português, no período compreendido entre 2019 e 2024. Após as buscas, foram selecionados três estudos para integrar esta revisão. **Resultados e Discussão;** O cuidado de crianças com deficiências e necessidades especiais enfrenta desafios tanto para as famílias quanto para os profissionais de saúde. As famílias frequentemente enfrentam a falta de orientação, o acesso restrito aos serviços públicos de saúde e a dificuldade em obter apoio devido ao desconhecimento de seus direitos, o que as leva a buscar assistência no setor privado. Por outro lado, os enfermeiros relatam despreparo para atender essas crianças, devido à falta de formação específica e à ausência de uma rede integrada de serviços de saúde, o que dificulta o acesso a tratamentos especializados e ao acompanhamento contínuo. **Conclusão;** Esses desafios ressaltam a urgência de investir na capacitação dos profissionais e em políticas públicas que promovam a criação de uma rede de cuidados mais integrada e acessível. O atendimento a essas crianças exige uma combinação de habilidades técnicas com suporte contínuo às famílias. Para melhorar o cuidado, é essencial desenvolver estratégias que integrem os serviços de saúde e fortaleçam a formação dos profissionais, garantindo uma assistência mais eficaz e abrangente.

Palavras-chave: Crianças com deficiências, cuidados, enfermagem.

REALIDADE VIRTUAL NA REABILITAÇÃO DA PARALISIA BRAQUIAL OBSTÉTRICA – UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Marcos Vinícius da Silva¹; Sabrina da Conceição Pereira²;

Graduando em fisioterapia pelo Centro Universitário Facol - Unifacol¹, Doutora em Neurociências pela Universidade Federal de Pernambuco²

marcosvs.silva@unifacol.edu.br

Introdução: O plexo braquial é uma rede nervosa (C5-T1) originada da medula espinhal cervical e torácica superior, responsável pela inervação dos membros superiores. A Paralisia Braquial Obstétrica (PBO) caracteriza-se pela paralisia flácida do membro superior do recém-nascido, decorrente de lesões no plexo durante o parto, associada à distocia do ombro. Com incidência entre 0,1 e 6,3/1000 nascimentos, é classificada em paralisia de Erb, Klumpke ou Erb-Klumpke, conforme as raízes nervosas comprometidas, resultando em limitações funcionais e déficits nas atividades diárias. A realidade virtual tem se destacado como abordagem promissora na reabilitação, promovendo melhorias funcionais em crianças com PBO. **Objetivo:** Analisar, com base em estudos existentes, o uso da realidade virtual na reabilitação de crianças com PBO. **Metodologia:** Este estudo é uma revisão integrativa da literatura, com buscas nas bases PubMed, Cochrane Library e ScienceDirect, utilizando os descritores: "VIRTUAL REALITY AND OBSTETRIC BRACHIAL PALSY", considerando estudos em inglês e português, com recorte temporal de 10 anos. A seleção seguiu a estratégia PICOS: População (P): artigos que avaliaram o uso da realidade virtual na PBO; Intervenção (I): realidade virtual; Comparação (C): fisioterapia; Desfecho (O): melhorias na funcionalidade do membro superior; Tipo de Estudo (S): relato de caso, ensaio clínico randomizado, estudo piloto, estudo de caso e meta-análise. Estudos com outros métodos de reabilitação foram excluídos. **Resultados:** Após a pesquisa, foram identificados 11 estudos, onde 5 atenderam aos critérios de inclusão. A análise evidenciou que a realidade virtual melhorou a funcionalidade dos membros superiores. Houve melhorias no uso espontâneo do membro afetado em atividades bimanuais, especialmente na preensão, e aumento na qualidade de vida nos domínios de atividade física e saúde. Houve ganho de força muscular e aumento na amplitude de movimento na abdução e rotação externa do ombro. Também observou-se ganho na elevação do ombro com melhor amplitude e coordenação. A intervenção mostrou eficácia em engajar pacientes, melhorar a força muscular e aumentar a adesão, foco e motivação ao tratamento, com elevação de 50% na velocidade e maior número de blocos movimentados nos testes funcionais de Jebsen-Taylor e Caixa e Bloco (BBT). **Conclusão:** Os resultados sugerem que a realidade virtual é eficaz na reabilitação de crianças com PBO, promovendo melhorias na funcionalidade dos membros superiores e na qualidade de vida. A abordagem também demonstrou eficácia em engajar os participantes e aumentar a adesão ao tratamento. A realidade virtual pode complementar a fisioterapia, entretanto, mais estudos são necessários para solidificar suas aplicações clínicas.

Palavras-chave: paralisia braquial obstétrica; realidade virtual; reabilitação.

ESTRATÉGIAS DE SEGURANÇA DO ADOLESCENTE E PROMOÇÃO DA SAÚDE ESCOLAR: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Rejane Santos Barreto¹; Endric Passos Matos²; Lucas Benedito Fogaça Rabito³; Maria Lúcia Silva Servo⁴

Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)¹; Doutorando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)²; Mestrando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)³; Doutora em Enfermagem pela USP, Docente Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)⁴

rsbarreto@uec.br

Introdução: A escola sempre foi apontada como espaço estratégico para promoção da saúde de adolescentes, desde o Programa Saúde do Adolescente, em 1989, perpassando pelas diversas políticas voltadas para essa população até o Programa Saúde na Escola, instituído em 2007, que preconiza promover a saúde no ambiente escolar por meio da colaboração entre os setores de saúde e educação. Portanto, a escola é um território de cuidado da Atenção Primária à Saúde, que vai além de orientações e ações focadas em saúde sexual e reprodutiva, drogas, cultura de paz ou de saúde mental. Desde de 2017, com a revisão da Política Nacional da Atenção Básica, o Brasil vem incorporando estratégias voltadas a segurança do adolescente em interface com a promoção da saúde escolar, sendo imperativo a compreensão dessa interface. **Objetivo:** Conhecer as estratégias de segurança do adolescente e promoção da saúde escolar. **Metodologia:** O estudo foi realizado por uma pesquisa bibliográfica com abordagem exploratória e descritiva. Os dados foram coletados em novembro de 2024, utilizando as bases de dados Scielo e Pubmed. Os critérios de inclusão foram os artigos publicados entre 2019 e 2024, em português, espanhol e inglês, que abordassem estratégias de segurança do adolescente e promoção da saúde escolar. Os critérios de exclusão incluíram artigos duplicados, resumos de conferências, e estudos que não focassem diretamente na temática proposta. Foram encontrados 12 manuscritos e ao final selecionados 4 artigos para análise. **Resultados e discussão:** As principais estratégias mapeadas permeiam o gerenciamento risco por meio do controle de acesso à escola, uso cotidiano de identificação, instalação de câmera, cuidados com a iluminação, instalação de alarmes e sistemas de alerta, e integração entre programas de saúde e educação em segurança no currículo escolar. Apontam que deve ser promovido letramento de educadores e adolescentes sobre primeiros socorros, práticas simuladas de evacuação e estímulo à cultura de segurança. Os estudos também apontaram a necessidade de cumprimento da meta internacional de segurança do paciente, a partir de uma comunicação efetiva entre pais, adolescentes e ambiente escolar. **Considerações finais:** É essencial investir em políticas e programas que mitiguem riscos à segurança do adolescente e que promovam a saúde escolar. Para tanto se torna fundamental o engajamento de profissionais da atenção primária no território escolar, juntos a gestores, educadores, família e dos próprios adolescentes em estratégias voltadas à sua segurança em território escolar.

Palavras-chave: Segurança do Paciente. Promoção da Saúde Escolar. Adolescente.

PRIMEIROS SOCORROS NA ESCOLA: ENTRAVES À IMPLEMENTAÇÃO DA LEI LUCAS

Rejane Santos Barreto¹; Endric Passos Matos²; Lucas Benedito Fogaça Rabito³; Maria Lúcia Silva Servo⁴

Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)¹; Doutorando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)²; Mestrando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)³; Doutora em Enfermagem pela USP, Docente Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)⁴

rsbarreto@uec.br

Introdução: A Lei 13.722, conhecida como Lei Lucas, criada em 2018, em homenagem a uma criança de dez anos que morreu após se engasgar durante uma passeio escolar, tornou obrigatório a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados da educação básica e de estabelecimentos de recreação infantil em todo País. No entanto, muitos são os entraves à implementação do processo de capacitação em primeiros socorros nos cenários escolares, comprometendo à segurança dos escolares. **Objetivo:** Conhecer os entraves à implementação da Lei Lucas para promoção de capacitação de primeiros socorros em ambiente escolar. **Metodologia:** O estudo foi realizado por uma pesquisa bibliográfica com abordagem exploratória e descritiva. Os dados foram coletados em novembro de 2024, utilizando as bases de dados Scielo e Medline via BVS. Os critérios de inclusão foram os artigos publicados entre 2019 e 2024, em português, espanhol e inglês, que abordassem estratégias de segurança do adolescente e promoção da saúde escolar. Os critérios de exclusão incluíram artigos duplicados, resumos de conferências, e estudos que não focassem diretamente na temática proposta. Foram encontrados 9 manuscritos e ao final selecionados 4 artigos para análise. **Resultados e discussão:** Os principais entraves descritos na literatura foram: ausência de promoção pelos gestores de letramento em primeiros socorros, estrutura e espaço físico não favoráveis, capacitações pautadas apenas em conteúdos teóricos e sem prática simulada, baixo fomento a recursos tecnológicos, como recursos audiovisuais, manequins, utilização de metodologias pouco ativas e formadores com habilidades voltadas para o atendimento pré-hospitalar em detrimento do ensino ao atendimento básico, no território escolar e pautado na realidade social de cada contexto. Outro ponto de entrave é que quando ofertadas, as capacitações ocorrem de forma pontual, sem cumprimento da carga horária mima legitimada pela Lei, que é de 4 horas, e sem renovação anual. Os estudos trazem como crítica que a Lei Lucas determina que pelo menos seja treinado um funcionário de cada instituição de ensino, no entanto, não inclui o escolar nesse processo. **Considerações finais:** Assegurar o cumprimento da Lei Lucas reflete na mitigação de riscos à segurança no contexto escolar. Noções básicas de primeiros socorros podem reduzir eventos adversos e desfechos negativos associados a intervenções de emergência necessária, até a chegada de ajuda especializada. Deste modo, se faz necessários esforços de gestores, educadores para sua implementação, não esquecendo de considerar o escolar como um corresponsável neste processo.

Palavras-chave: Primeiros Socorros, Lei Lucas, Escola.

MONITORIA ACADEMICA: BENEFÍCIOS E OPORTUNIDADES

Carlos Eduardo da Silva-Barbosa¹; Joyce Hellen Gomes de Oliveira²; Luanny Cezario dos Santos³;
Andriny Magalhães Frota⁴

Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro²; Graduanda em Psicologia pela Universidade do Grande Rio; Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal; Graduada em Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão - FLF⁴

cedsbzs@gmail.com

Introdução: Dentro do meio acadêmico, existe o que conhecemos como o tripé universitário, composto por ensino, pesquisa e extensão. A monitoria acadêmica pode ser enquadrada na parte do ensino. Para os discentes se tornarem monitores de determinada disciplina, é necessário passar por um processo seletivo. Na maioria dos casos, esse processo seletivo é composto por prova teórica e entrevista. **Objetivo:** Relatar a experiência de discentes que já realizaram a monitoria acadêmica em suas respectivas universidades. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência. A experiência narrada foi realizada por sete participantes que foram monitores acadêmicos nos cursos das áreas da saúde. Os participantes são de distintos Estados do Brasil, tendo alguns terminado a graduação e outros ainda cursando o ensino superior. **Resultados e Discussão:** Os componentes participaram de um processo seletivo concorrido, em que as etapas foram prova teórica e entrevista. Após a aprovação, foram realizadas reuniões com os/as professores/as para alinhar as atividades que seriam feitas. Dentre elas, pode-se destacar: acompanhar o/a professor/a responsável nas aulas, auxiliar na divisão de grupos de trabalhos; prestar assistência fora dos horários de aula para os alunos; retirar dúvidas referente à disciplina; elaborar estudos dirigidos e realizar revisão para prova com os alunos. Em alguns momentos, alguns monitores auxiliaram os/as professores/as a ministrar alguma aula em que eles/elas tivessem afinidade com a temática. Além disso, há casos em que os/as monitores/as discutiam com os/as professores/as os instrumentos avaliativos para o semestre. **Considerações Finais:** A experiência pode ser considerada proveitosa, principalmente para aqueles/as em que os/as professores/as deram bastante liberdade e autonomia. A atividade de monitoria pode ser considerada um dos primeiros passos para se chegar à docência. Participar de monitorias acadêmicas, pode gerar entusiasmo para que novas atividades sejam desenvolvidas dentro do ambiente acadêmico, tais como participar de projetos de extensão, projetos de pesquisas, ligas acadêmicas, grupos de estudos, centro acadêmico, organização de eventos voltados para comemoração dos dias de cada curso, entre outras atividades.

Palavras-chave: ensino; docência; monitoria.

MONITORIA CIENTÍFICA: CAMINHOS PARA UM BOM CURRÍCULO

Carlos Eduardo da Silva-Barbosa¹; Andriny Magalhães Frota²

Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro¹; Graduada em Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão - FLF²

cedsbzs@gmail.com

Introdução: O ambiente acadêmico, é repleto de diversas atividades, que são enquadradas dentro do tripé universitário, composto por ensino, pesquisa e extensão. Não podemos afirmar, com exatidão, em qual desses três componentes a monitoria de eventos científicos se enquadra, todavia, sabe-se que ela apresenta diversas oportunidades para os discentes. Para se tornar monitor de um congresso, é necessário passar por um processo seletivo. Muitos desses processos seletivos, exigem uma carta de intenção, além de analisarem o currículo lattes dos concorrentes. **Objetivo:** Relatar a experiência de discentes que participam de monitorias acadêmicas. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência. Todos os participantes dessa atividade, já participam de monitorias científicas há, no mínimo, três meses. As atividades nas monitorias científicas podem ser elencadas como: realizar reuniões, realizar publicações no *instagram*, responder mensagens no *instagram*, responder *e-mails*, fechar parcerias com ligas acadêmicas e diretórios acadêmicos, além de auxiliar os organizadores do evento em demais atividades pertinentes. **Resultados e Discussão:** Participar de monitorias em congressos científicos, permite que os monitores desempenhem novas habilidades, se desafiando e adquirindo novas experiências. Os monitores desempenham atividades que, muitas das vezes, não experienciam em suas universidades, tais como mediar palestrar e minicursos, manter contato frequente com os palestrantes, desempenhar funções administrativas e burocráticas, entre outras. Além disso, os monitores podem publicar suas pesquisas, que são divididas entre resumos simples, expandidos e capítulos de livro. Na maioria dos casos, após encerrar a monitoria científica, os monitores apresentam o desejo de continuar sendo monitores dos próximos eventos, além de carregarem suas experiências para outros eventos e, até mesmo, para realizar novos projetos em suas respectivas universidades. **Considerações Finais:** A experiência nas monitorias científicas permite que os discentes tenham responsabilidades e autonomia para sua formação. Muitos desses monitores, passam a organizar eventos em outros lugares. Além disso, se tornam palestrantes e avaliadores de trabalhos após a conclusão do ensino superior. Essa experiência desperta grandes interesses para caminhos maiores dentro da comunidade científica.

Palavras-chave: congresso; eventos; monitoria.

DILEMAS NOS ATENDIMENTOS DOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTIL EM UM MUNICÍPIO DO NORDESTE BRASILEIRO

Maria Eysianne Alves Santos (Bolsista FAPEAL)¹; Jéssica dos Santos Batista (Bolsista CAPES)¹; Ingrid Martins Leite Lúcio²; Karol Fireman de Farias²

Mestrandas em enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas¹, Enfermeiras Doutoradas, orientadoras e docentes da escola de enfermagem Universidade Federal de Alagoas²

eysianne@hotmail.com.br

Introdução: O Brasil vem avançando nas políticas públicas voltadas à temática de saúde mental. Ganha destaque, as implementações dos Centros de Atenção Psicossocial Infantil, que oferecem serviços de suporte a crianças e adolescentes com transtornos mentais e/ou uso abusivo de substância psicoativa. Esses serviços, atendem a municípios que possuem mais de 70 mil habitantes e comporta um quadro de 11 profissionais como equipe mínima. A capital de Alagoas, no ano de 2024 teve sua população estimada para 994.464 habitantes, e nela, há uma unidade de CAPSi, responsável por atender toda a população que esteja entre os 5 aos 18 anos de idade e estejam domiciliadas no município. O CAPS, propõe um suporte especializado em uma abordagem interdisciplinar. No entanto, o CAPSi enfrenta uma série de desafios para sua operacionalização. **Objetivo:** Analisar os dilemas nos atendimentos do CAPSi em um município do Nordeste brasileiro. **Método:** O estudo é uma revisão narrativa da literatura, realizada entre os meses de novembro a dezembro de 2024, a partir de dados disponíveis eletronicamente. **Resultados e Discussão:** A expansão do CAPSi é um reflexo da necessidade da população infantil para serviços especializados. Um dos dilemas desses serviços é a escassez de profissionais capacitados para lidar com as particularidades da faixa etária, associado a uma comorbidade, o que compromete a eficácia terapêutica. Outro aspecto, é a dificuldade de integração deste serviço com outros pontos da Rede de Atenção Psicossocial, o que dificulta a adesão ao tratamento e sobrecarrega os profissionais do serviço. Nesse contexto, o município tende a não comportar o quantitativo da população que precisa desses atendimentos, visto que, apesar da unidade possuir o triplo dos profissionais, quando comparado a equipe mínima, ainda há barreiras como o déficit de especialistas, tempo para realizar especializações, ambiência, poucos profissionais para o quantitativo populacional atendido, estigmatização da família sobre os sofrimentos psíquicos na infância e consequente agravo do quadro do paciente. Para diminuir os impactos causados por esses dilemas, os profissionais atuam sensibilizando outros pontos da rede e criam estratégias para favorecer a inclusão dos pacientes na sociedade. **Considerações finais:** Para a superação desses dilemas, é necessária uma abordagem integrada entre os serviços, comprometimento da gestão com a área temática de saúde mental infantil e assegurar o engajamento dos profissionais para capacitações e especializações para que o atendimento, realmente, foque nas necessidades das crianças e adolescentes que apresentam risco psíquico.

Palavras-chave: serviços de saúde mental; criança; saúde mental.

MONITORIA EM FISIOTERAPIA PEDIÁTRICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM INSPEÇÃO DOS MARCOS MOTORES.

Angélica Almeida Vieira¹; Luara Costa Fagundes²

Graduanda em fisioterapia pelo Centro Universitário de excelência, Vitória da Conquista - Bahia¹,
Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Docente pelo Centro
Universitário de excelência, Vitória da Conquista - Bahia²

angelica.vieira@ftc.edu.br

Introdução: O programa de monitoria em fisioterapia pediátrica confere autonomia ao monitor para explorar os temas recorrentes da área e auxiliar outros discentes na aprendizagem, nesse contexto, a inspeção dos marcos motores é essencial no desenvolvimento neuropsicomotor infantil, pois são norteadores nessa aquisição de habilidades e inferem na qualidade de vida do indivíduo, portanto, é alvo passível de estudo. **Objetivo:** Relatar acerca da experiência de monitoria aos discentes matriculados na disciplina de Fisioterapia na saúde da criança e adolescente sobre a identificação dos marcos motores nas crianças atendidas na policlínica do Centro Universitário de Excelência (UNEX) no campus de Vitória da Conquista. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência ocorrido no semestre 2024.2, em que ocorreram encontros teórico-práticos desde agosto até novembro, sendo este relato, especificamente ocorrido no mês de setembro após um primeiro momento teórico. A aula prática decorreu na policlínica da UNEX em que ocorrem atendimentos em fisioterapia pediátrica, os discentes foram divididos em trios ou quartetos, a fim de não congestionar o espaço e não atrapalhar os atendimentos. A dinâmica ocorreu através da observação e diálogos estabelecidos tanto com as estagiárias do nono semestre que atendiam na clínica escola e compartilhavam o caso clínico da criança a qual atendiam no momento, como com os discentes, auxiliando-os a relacionar os marcos motores alcançados ou não alcançados conforme à idade correspondente de cada criança e estabelecer um raciocínio clínico. **Resultados e Discussão:** Ao correr da monitoria, foi possível revisar o desenvolvimento neuropsicomotor com uma metodologia participativa, em que os alunos discutiam os casos clínicos pontuando os marcos motores e estabelecendo uma relação com o quadro clínico de cada patologia. É importante ressaltar, que tudo isso ocorreu com a supervisão da preceptora de estágio, que é a mesma docente da disciplina da monitoria em questão. Com essa didática, os alunos obtiveram êxito ao relacionar o teórico visto em sala de aula, ao prático visto nos atendimentos em fisioterapia pediátrica na clínica escola, com o auxílio da monitora, que explanou com clareza e segurança, pontuando sobre as posturas das crianças com base no desenvolvimento típico, auxiliando a relacionar os marcos motores à idade de cada criança e sanando dúvidas emergentes. **Conclusão:** Diante de tudo isso, a monitoria foi imprescindível na consolidação do aprendizado dos discentes, auxiliando no aprimoramento de um conteúdo essencial que é a base da fisioterapia na saúde da criança e do adolescente, isto é, o desenvolvimento neuropsicomotor.

Palavras-chave: criança; modalidades de fisioterapia; desenvolvimento infantil.

ORIENTAÇÕES DE ALONGAMENTO ATIVO PARA MÃES ATÍPICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Melissa de Lima Araujo Carvalho¹; Angélica Almeida Vieira¹; Lucas Santana Coelho da Silva²

Graduanda em fisioterapia pelo Centro Universitário de Excelência – Vitória da Conquista - Bahia¹,
Doutor em biotecnologia de Microrganismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz e Docente do
Centro Universitário de Excelência – Vitória da Conquista - Bahia²

melissalima2017@hotmail.com

Introdução: A maternidade é uma jornada repleta de desafios, quando associada ao diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) exige da mãe mais cuidado, atenção e interação com a criança, deixando o autocuidado de lado. Nesse contexto, a Liga Acadêmica Multidisciplinar em Saúde (LAMS) foi convidada a promover uma atividade extensionista com mães de crianças com diagnóstico de TEA, proporcionando uma experiência prática e destacando a importância desta atividade para melhora da qualidade de vida. **Objetivo:** Realizar orientações de alongamentos para prática na rotina de mães atípicas. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência ocorrido em 19 de setembro de 2024 em uma escola de ensino fundamental de Vitória da Conquista. Nesse contexto, as discentes do curso de fisioterapia da LAMS participaram da ação de extensão social intitulada “Convivendo e respeitando o outro, 7ª edição”. Nessa ação, foram apresentadas orientações de alongamentos ativos para as mães atípicas presentes no local, ressaltando a sua importância perante as atividades de vida diária dessas mulheres, além de informar quando e como realiza-los. Em prática, foram demonstrados os alongamentos para membros superiores, membros inferiores, região do pescoço e cabeça. Dessa forma, a dinâmica decorreu com as discentes realizando os movimentos de maneira correta e de forma concomitante as mães reproduziram, se atentando sempre a execução assertiva, evitando assim, compensações no sistema musculoesquelético e preservando o efeito da conduta terapêutica. **Resultados e Discussão:** Por meio desta ação foi possível contribuir tanto para promoção de educação em saúde à população presente, quanto para a formação acadêmica das discentes. Em relação aos desafios encontrados, é importante destacar a dificuldade da realização do alongamento por algumas mulheres que estavam com roupas inadequadas para execução dos movimentos dos membros inferiores, devido à utilização de vestidos ou saias. Entretanto, os alongamentos em região de membro superiores e pescoço, os quais são muito afetados devido o estresse do dia a dia, foram executados com sucesso. **Considerações Finais:** Deste modo, conclui-se que o público participante foi capaz de compreender o tema exposto e demonstrar interesse na prática dos exercícios, os quais foram apresentados de forma simples e flexível, de modo que as mães pudessem reproduzi-los e adequá-los em seus lares, sobretudo nos momentos de tensão muscular. Portanto, compreende-se que a atividade de extensão promovida pelas ligantes obteve sucesso.

Palavras-chave: mães; exercícios de alongamento muscular; Transtorno do Espectro do Autismo.

DETERMINANTES E CONSEQUÊNCIAS DA BAIXA COBERTURA VACINAL NO PÚBLICO INFANTIL: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Erlon Gabriel Rego de Andrade¹; Anna Carolyn Luz Maia²; Bruna de Sousa Baia³; Luísa de Nazaré Amaral Ferreira⁴; Youssef Camil Yazbek Salame⁵; Ivaneide Leal Ataíde Rodrigues⁶;

Doutorando em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹; Graduanda em Biomedicina pelo Centro Universitário FIBRA²; Graduanda em Biomedicina pelo Centro Universitário da Amazônia³; Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário Metropolitano da Amazônia⁴; Graduando em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará⁵; Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro⁶;

E-mail para correspondência: daphneramires7@gmail.com

Introdução: Vacinação consiste no processo de administrar vacinas, produtos biológicos que fortalecem o sistema imunológico e o estimulam a defender o organismo contra agentes patogênicos, como bactérias e vírus, prevenindo doenças causadas por eles. São produzidas com patógenos inativados ou atenuados, ou com alguns dos seus derivados, preparando o organismo para melhor responder em casos de exposição real a esses agentes. Apesar da importância das vacinas, dados oficiais, publicados em 2024, mostraram importante redução da cobertura vacinal infantil no território brasileiro, fato que pode causar a reintrodução de doenças erradicadas e aumentar o número de casos de doenças controladas. **Objetivo:** Analisar evidências da literatura científica sobre determinantes e consequências da baixa cobertura vacinal entre crianças no Brasil. **Metodologia:** Estudo descritivo, com abordagem qualitativa, do tipo revisão narrativa da literatura. Foram incluídos artigos completos e publicados em português, no recorte temporal de janeiro/2019 a setembro/2024, excluindo-se os que não estavam gratuitamente disponíveis. A coleta dos dados ocorreu entre os dias 23 e 31/10/2024, utilizando o descritor/DeCS “cobertura vacinal” e os termos alternativos/DeCS “saúde infantil” e “vacinação da criança”, associados com o operador booleano *AND*, no Portal de Periódicos da CAPES/Ministério da Educação, onde foram encontrados 92 artigos e selecionados 10, e na *Scientific Electronic Library Online*, onde foram encontrados 24 e selecionados nove, compondo a amostra final com 19 artigos. **Resultados e Discussão:** As evidências ratificam que a vacinação é amplamente considerada o meio mais eficaz para prevenir doenças e reduzir gastos relacionados à saúde, especialmente no público infantil. Todavia, estima-se que, globalmente, cerca de 20 milhões de crianças não apresentam carteira de vacinação completa, permitindo identificar que, no território brasileiro, muitos fatores determinam a manutenção desse cenário, destacando-se o baixo nível educacional de pais/responsáveis, a veiculação de informações falsas acerca do tema e a reduzida acessibilidade de populações vulneráveis aos serviços de saúde. A baixa cobertura vacinal traz importantes consequências à saúde infantil, pois compromete o sistema imunológico e sobrecarrega os serviços de saúde pública. No entanto, as consequências vão além da saúde individual, resultando em surtos de doenças imunopreveníveis, ao colocar sob risco tanto as crianças não vacinadas quanto outros grupos humanos. **Conclusão:** Reverter a baixa cobertura vacinal infantil no território brasileiro requer estratégias conjuntas, de natureza interdisciplinar, multiprofissional e intersetorial, que visem melhor educar pais/responsáveis, combater desinformações, ampliar/facilitar o acesso aos serviços de saúde e capacitar os profissionais de saúde que atendem esse público.

Palavras-chave: imunização; saúde da criança; revisão.

EDUCAÇÃO PERMANENTE DE SUPORTE BÁSICO DE VIDA EM UMA UNIDADE DE RADIOLOGIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Elisane Alves do Nascimento¹; Timóteo de Paiva Barros²

Enfermeira residente em Urgência e Emergência pela Santa Casa de Misericórdia de Sobral¹,
Enfermeiro pelo Centro Universitário Maurício de Nassau²

elisaneanascimento@gmail.com

Introdução: A *American Heart Association* (AHA), é responsável pela publicação de diretrizes para Reanimação Cardiopulmonar (RCP), se constituindo como base importante para protocolos de salvamento utilizados por profissionais da saúde. Assim, no que diz respeito à RCP, existe um protocolo de atendimento primordial intitulado Suporte Básico de Vida (SBV), que se trata de um conjunto de procedimentos que têm como objetivo a manutenção da vida e o ganho de tempo até a chegada de um socorro especializado durante uma Parada Cardiorrespiratória (PCR), já que a realização de um atendimento precoce impacta diretamente nas chances de sobrevivência da vítima, havendo, dessa forma, a necessidade da promoção de Educações Permanentes (EP), para o treinamento dos profissionais da saúde acerca da temática. **Objetivo:** Descrever a replicação de uma EP acerca do SBV em uma Unidade de Radiologia para profissionais da saúde. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência, descritivo, de abordagem qualitativa, desenvolvido por enfermeiros e residentes de enfermagem do Programa de Residência Multiprofissional em Urgência e Emergência (RMUE), no mês de dezembro de 2024, estruturado com base na aplicação de EP direcionada a enfermeiros, residentes e técnicos de enfermagem de uma Unidade de Radiologia, que possuiu como intuito replicar conhecimentos acerca do SBV. A coleta de dados para o relato em tela se deu por meio da observação da experiência e, conseqüentemente, diário de bordo. **Resultados e Discussão:** Ao total, participaram 21 profissionais: dez enfermeiros assistencialistas, nove técnicos de enfermagem e dois residentes de enfermagem. Quanto à aderência para a EP, todos os participantes se mostraram interessados desde o momento teórico até o momento prático da ação educativa, com participação e anotação de dúvidas para serem retiradas após a apresentação do vídeo utilizado. Ressalta-se que o que mais se destacou durante os momentos foram os aprendizados quantos as novas atualizações de SBV trazidas pela AHA, a exemplo da prática não mais utilizada de provocar hipotermia pós-PCR na vítima, ademais, o ato de verificar ou não o pulso e a respiração antes de buscar ajuda também foi outro tema bastante discutido durante a EP. **Considerações Finais:** A replicação de conhecimentos na EP, quando bem planejada previamente e estimulada com inovações trazidas por profissionais da própria instituição associada, resulta, de maneira positiva, em impactos relevantes de aderência e participação, possibilitando a retirada de dúvidas através da teoria associada à prática.

Palavras-chave: equipe de enfermagem; radiologia; Suporte Básico de Vida.

ORIENTAÇÃO FARMACÊUTICA NA ALTA EM PEDIATRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Michele Gai Schmidt¹; Giovanna Webster Negretto¹; Gabriela Curbeti Becker¹; Marina Bernardes Acosta²; Eduarda Auler²

Farmacêutica da Seção de Farmácia Clínica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS¹,
Farmacêutica Residente em Atenção a Saúde da Criança pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS²

michelegai@yahoo.com.br

Introdução: Um grande desafio para os farmacêuticos clínicos em pediatria é a educação de alta para os familiares e cuidadores dos pacientes realizarem o preparo de medicamentos para serem administrados a partir de formas farmacêuticas não disponíveis pela indústria farmacêutica. As Cápsulas e comprimidos são as formas farmacêuticas disponíveis mais comuns encontradas no mercado, o que dificulta a administração em pacientes pediátricos pelo uso de doses fracionadas, dificuldade de deglutição, o uso via sonda ou gastrostomia, entre outros. A falta de medicamentos em formas farmacêuticas adequadas para a pediatria configura maior dificuldade no preparo e administração dos mesmos, podendo acarretar em falha na terapia por subdose ou sobredose, não adesão à farmacoterapia proposta e consequentemente aumento das internações hospitalares relacionadas a falhas na administração de medicamentos. Nesse processo, o farmacêutico clínico desempenha função importante como facilitador e educador em saúde. **Objetivo:** Relatar a experiência e revisar o processo de orientação de alta, visto que a população pediátrica é conhecida por ter maior risco de erros relacionados a medicamentos, devido à falta de formulações adequadas para uma administração segura. **Metodologia:** Descrever sobre a prática clínica do farmacêutico em uma unidade de internação pediátrica, onde é realizado a orientação de alta a partir da diluição de comprimidos ou cápsulas para a administração de doses fracionadas conforme o peso, idade e indicação clínica dos medicamentos. Orienta-se o familiar, onde na maioria das vezes, a mãe é a principal responsável pelo cuidado. **Resultados e Discussão:** A educação de alta se dá na orientação de acesso, de preparo e administração dos medicamentos para a desospitalização. Além disso, o farmacêutico entrega por escrito um material educativo impresso com os horários de administração e descrição de cada etapa do preparo dos medicamentos a partir do comprimido ou cápsula para a forma farmacêutica líquida, assim como seringas previamente marcadas com o volume de água a ser usado e volume de medicamento a ser administrado. No final da orientação, o familiar repete as orientações que recebeu e sana as dúvidas remanescentes. **Considerações Finais:** Esse modelo de orientação adotado pela equipe de farmacêuticos clínicos tem o objetivo de diminuir os erros relacionados aos medicamentos, contribuindo para a melhora da adesão ao tratamento dos pacientes pediátricos, evitando assim reinternações hospitalares.

Palavras-chave: pediatria; educação farmacêutica; farmácia clínica.

EXPERIÊNCIA EM EVENTO MULTIDISCIPLINAR SOBRE O CÂNCER INFANTOJUVENIL: ATIVAONCO

¹ Joana Bastos Matos Schlichting; ² Micheli Carminatti; ³ Cíntia de la Rocha Freitas.

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina¹, Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina², Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul³.

djoubm@gmail.com

Introdução: O projeto ATIVAONCO promove atividades físicas e educação em saúde para crianças e adolescentes em tratamento oncológico no Hospital Infantil Joana de Gusmão, Florianópolis. As sessões, realizadas duas vezes por semana, incluem dinâmicas de exercícios e ações educativas direcionadas aos pacientes e seus responsáveis. Nos dias 23 e 24 de novembro de 2023, foram realizados o I Simpósio de Câncer Infantojuvenil: Exercício Físico e Nutrição e o Festival ATIVAONCO, ampliando a disseminação de informações sobre a importância da atividade física e de uma abordagem multidisciplinar no tratamento. **Objetivos:** O evento buscou conscientizar sobre o câncer infantojuvenil e destacar o papel da atividade física, da nutrição e do suporte emocional para melhorar a qualidade de vida dos pacientes. **Metodologia:** O simpósio contou com palestras de especialistas, incluindo a presidente da AVOS (Associação de Voluntários de Apoio e Assistência à Criança e ao Adolescente), que abordou o apoio a jovens pacientes e seus familiares, e uma oncologista, que enfatizou o impacto do diagnóstico precoce. Profissionais de educação física, nutrição e psicologia apresentaram os benefícios da atividade física, da alimentação equilibrada e do suporte emocional no tratamento do câncer. Além disso, o Festival ATIVAONCO promoveu atividades lúdicas para as crianças, reforçando a integração e a prática de exercícios. **Resultados e discussão:** O simpósio registrou 42 inscritos, mostrando o interesse da comunidade e a relevância do tema. As discussões propiciaram uma rica troca de experiências entre os participantes, destacando a necessidade de ações interdisciplinares e o fortalecimento de redes de apoio. O Festival ATIVAONCO, por sua vez, engajou crianças e familiares em atividades físicas, proporcionando momentos de descontração e bem-estar, reforçando os benefícios do exercício físico na jornada oncológica. **Considerações finais:** O evento reforçou a importância de iniciativas que unam conhecimento técnico, suporte emocional e práticas de atividade física para pacientes oncológicos. A experiência mostrou-se fundamental para capacitar e conscientizar as famílias, contribuindo para a criação de um ambiente solidário e acolhedor. Eventos como o simpósio e o festival evidenciam o papel transformador da educação e do exercício físico na qualidade de vida dos pacientes com câncer infantojuvenil.

Palavras-chave: Câncer infantojuvenil; Atividade física; Suporte multidisciplinar.

INTOXICAÇÃO EXÓGENA INTENCIONAL EM ADOLESCENTES: MANEJO NA EMERGÊNCIA DE HOSPITAL REFERÊNCIA NO CEARÁ

Ana Caroline Lima Vasconcelos¹; Hudson Avelar Caminha Leal²; Hudson Filipe Arnou Alves²; Anna Rebecca Matoso Silva Almeida³

Enfermeira Especialista, Servidora Pública do Instituto Doutor José Frota¹, Enfermeiro Especialista, Servidor Público do Instituto Doutor José Frota², Enfermeira Mestranda em Saúde Pública, vinculada ao Hemocentro Ceará³.

E-mail da autora: caroolliiiiima@gmail.com

Introdução: Sabe-se que as intoxicações exógenas intencionais aumentam significativamente na adolescência, em comparação à infância, tendo etiologia multifatorial, que envolve aspectos individuais, como alterações hormonais e comportamentais próprias da puberdade, labilidade emocional, contexto social e familiar, entre outros. **Objetivo:** Descrever experiências no manejo de adolescentes com intoxicação exógena intencional vivenciadas na emergência de hospital referência no Ceará. **Metodologia:** Trata-se de estudo descritivo do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa. As vivências ocorreram na emergência de um hospital terciário referência em traumas de alta complexidade, intoxicação exógena aguda e queimaduras, que presta atendimento de emergência a pacientes de todas as faixas etárias e está localizado em Fortaleza, no Ceará. **Resultados e Discussão:** O paciente tem seu atendimento iniciado na triagem com classificação de risco, em geral sendo transferido à sala de estabilização, devido à necessidade de atendimento imediato nos casos de intoxicação aguda. A monitorização não invasiva é priorizada, simultaneamente à avaliação neurológica. Nessa fase inicial é fundamental a coleta de dados com o paciente – quando possível – e/ou familiar, de modo a identificar com maior precisão o agente etiológico, a quantidade do agente tóxico ingerida, além do tempo decorrido entre a ingestão e a admissão hospitalar, pois tais informações direcionarão a terapêutica, como a administração do carvão ativado. O hospital do presente estudo conta com uma equipe especializada em toxicologia, que compõe o Centro de Informação e Assistência Toxicológica (CIATox), atuando juntamente à equipe assistencial desde a admissão do paciente. Embora não haja consenso na literatura, o protocolo institucional prevê realização de lavagem gástrica com passagem de sonda nasogástrica em casos específicos, mediante avaliação criteriosa do nível de consciência do paciente e da capacidade de proteção de via aérea antes da realização do procedimento. A intervenção psicológica é iniciada imediatamente após a estabilização clínica, com foco em aliviar o sofrimento psíquico do paciente; familiares e acompanhantes são acolhidos pelo serviço social e psicologia da instituição mediante acionamento da equipe de Enfermagem da emergência ou por meio de busca ativa realizada por esses profissionais. **Considerações Finais:** A intoxicação exógena intencional em adolescentes é um fenômeno complexo, cuja identificação precoce e intervenção adequada com brevidade são essenciais para um desfecho favorável. O estudo destaca a importância do acompanhamento multiprofissional durante a internação e pós-alta, com ações preventivas em escolas e comunidades e pode inspirar a realização de outros trabalhos, com ênfase na caracterização de aspectos epidemiológicos e clínicos associados ao tema.

Palavras-chave: intoxicação exógena; adolescentes; emergência.

REPRESENTAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO AO LONGO DO TEMPO: ACEITAÇÃO OU ADAPTAÇÃO?

Amanda Morais de Farias¹; Agata da Silva Machado²; Keyla Liana Bezerra Machado³.

Nutricionista e Pós Graduada em Nutrição Clínica e funcional¹; Graduanda em Farmácia pela Universidade Federal do Piauí², Farmacêutica e Mestranda em Ciências Farmacêuticas - Universidade Federal do Piauí³.

amandamoraisf0@gmail.com

Introdução: A passagem dos anos descreve diversas transformações no cenário de vida de cada indivíduo integrante de uma sociedade. Entre esse aspecto, o envelhecimento pode ser descrito como componente presente nessa realidade, pois aborda variadas modificações que são identificadas nas características físicas, biológicas, psicológicas e socioculturais do ser, tornando-se possível identificar o processo da velhice muitas das vezes como inaceitável, difícil ou marcado apenas por uma adaptação. **Objetivo:** Relatar sobre o envelhecimento e suas representações baseadas entre aceitar-se ou adaptar-se com a realidade. **Metodologia:** É uma revisão de literatura, do modo descritiva, realizada no mês novembro de 2024. Para o enredo da pesquisa, usou-se a seguinte questão norteadora: Como o processo da velhice é encarado ao passar dos anos? A pesquisa dos artigos ocorreu via o banco de dados SCIELO, sob o operador booleano AND. Devido a seleção, os artigos incluídos foram aqueles disponíveis gratuitamente, completos e no idioma de português. Por outro lado, foram excluídos todos aqueles que estivessem duplicados, sem referências, não avaliados por pares e que fugissem do objetivo definido. Assim, 11 artigos foram excluídos e 5 artigos compuseram o resumo final. **Resultados e Discussão:** A proximidade com o período da velhice destaca a tendência de apontar em alguns indivíduos seus diversos efeitos, sejam eles provenientes de um comportamento positivo ou negativo para o seu desenvolvimento adequado. De acordo com os estudos, os primeiros sinais de envelhecimento podem ser vistos como um processo de adaptação em face a imagem refletida e as alterações físicas ainda não estarem propriamente destacadas. Não obstante, as alterações progressivas do corpo classificadas com a perda de atributos físicos começa a ser vivenciada com sentimentos de mal-estar, permitindo insatisfação e pouco conforto para uma aceitação do que se torna inevitável. Apesar de ao passar dos anos ser trabalhado cada vez mais esse desfecho, a aceitação com essa fase de vida vai sendo demonstrada como detestável e temida por muitas pessoas. **Considerações Finais:** Pode-se interpretar por meio dos estudos observados que o período do envelhecimento representa um desafio enraizado naqueles que o vivenciam, ainda se indaga que, para aprimorar o contentamento com a vida, torna-se possível expandir as opções de adaptação com o cenário da velhice, pontuando maiores possibilidades de papéis sociais para esse público. Desse modo, considera-se que, o indivíduo na velhice transpassa pelo estágio da adaptação, mas que a aceitação passa a ser um fator distante.

Palavras-chave: senescência; bem-estar; sentimentos.

ACESSO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA ATENÇÃO BÁSICA: AVANÇOS E DESAFIOS

Agata da Silva Machado¹; Keyla Liana Bezerra Machado²; Amanda Morais de Farias³.

Graduanda em Farmácia pela Universidade Federal do Piauí¹, Farmacêutica e Mestranda em Ciências Farmacêuticas - Universidade Federal do Piauí²; Nutricionista e Pós Graduada em Nutrição Clínica e funcional³.

amandamoraisf0@gmail.com

Introdução: Ao passar dos anos o país apresenta um índice com milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, sejam essas causadas ao decorrer da vida ou até mesmo ao nascer. É considerado pessoa com deficiência aquelas que apresentam algum comprometimento físico, mental, intelectual, sensorial ou entre outros tipos que classificam barreiras na vivência do indivíduo, possibilitando mudanças na participação em diversos meios, como por exemplo na participação igualitária das ações postas pela sociedade. **Objetivo:** Descrever sobre o acesso das pessoas com deficiência nos serviços básicos de saúde, bem como os avanços e desafios estabelecidos a essas pessoas. **Metodologia:** O estudo apresenta uma revisão da literatura brasileira, com natureza descritiva. Ao desenvolvimento desta, formou-se a pergunta norteadora: O que a literatura descreve sobre os avanços e desafios das pessoas com deficiência na atenção básica?, para obter essa resposta, buscou-se artigos no banco de dados Scielo de acordo com o operador booleano AND. A seleção dos artigos encontrados dividiram-se por duas etapas, a primeira classificou a leitura dos estudos, enquanto que na segunda etapa foi possível evidenciar os critérios de inclusão e exclusão. Contudo, foram incluídos aqueles disponíveis gratuitamente, completos e no idioma de português. Os excluídos foram todos aqueles duplicados, sem referências e que fugissem do objetivo definido. Ao total, 4 artigos compuseram o resumo final. **Resultados e Discussão:** De acordo com os achados da literatura, pode-se compreender que apesar dos avanços distribuições no sistema único, ainda persistem muitos desajustes que dificultam uma adequada cobertura dos indivíduos com deficiência, bem como sua permanência nas ações de cuidado e proteção propagadas pela atenção básica de saúde. Torna-se indiscutível que o acesso dessas pessoas nos programas que possibilitem uma melhor qualidade de vida é essencial, no entanto as configurações para que essa participação seja efetivada ainda necessita de possíveis avanços, visto que a iniquidade das barreiras arquitetônicas, urbanísticas, programáticas, comunicacionais, transporte e entre outras demarcam uma desigualdade e vertentes para que esses indivíduos busquem cada vez mais o isolamento e uma profunda incredibilidade aos aspectos de inclusão. **Considerações Finais:** Levando em conta os obstáculos colocados para a implementação do direito adequado à saúde dos indivíduos com deficiência, torna-se possível deparar-se com desafios vistos por cenários coletivos, fundamentados em fatores de fácil implementação desde que se pense em promover a dignidade humana para todos, baseando-se em ações sólidas que reparam uma desigualdade não considerada pela razão democrática e social.

Palavras-chave: desigualdade; necessidades especiais; saúde.

EDUCAÇÃO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO DOS PROFESSORES EM PRIMEIROS SOCORROS NAS ESCOLAS

Emely Gabrielle Nunes de Melo¹; Carolline Mira Freire¹; Eduardo Renan Neves Coelho¹; Glória Letícia Oliveira Gonçalves Lima²

Graduando em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Pará²

emelygabrielle15@gmail.com

Introdução: Os primeiros socorros são essenciais para garantir a sobrevivência até a chegada de profissionais qualificados. Nas redes de ensino, acidentes são comuns e expõem crianças a riscos, destacando a importância de capacitação adequada para os educadores. A falta de conhecimento em emergências escolares pode agravar os casos, evidenciando a necessidade de capacitação para garantir um atendimento seguro. **Objetivo:** Desvelar na literatura a relevância da capacitação dos profissionais em primeiros socorros na educação infantil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados LILACS BDENF e MEDLINE, por meio da ferramenta de busca da plataforma BVS. Foi utilizado o operador booleano “and” e os descritores: “primeiros socorros”, “educação infantil” e “capacitação de professores”. Os critérios de inclusão foram: artigos completos, disponibilizados gratuitamente, nos idiomas Inglês, Português e Espanhol, publicados entre 2019 e 2024; e os critérios de exclusão: monografias, teses, dissertações, livros e duplicatas. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 12 artigos em busca inicial, após leitura foram excluídos 6 artigos fora da temática central, resultando em 6 artigos para discussão. Segundo os achados, muitos profissionais possuem conhecimento prévio limitado sobre primeiros socorros. No entanto, após receberem a qualificação adequada, esses educadores demonstraram uma melhora significativa na habilidade de lidar com situações críticas, o que resulta em respostas mais eficazes e seguras. Além disso, os estudos indicam que, após a capacitação, os educadores começaram a instruir as crianças sobre noções básicas de primeiros socorros. Isso promove não só a conscientização, mas também a prevenção de acidentes, criando um ambiente escolar mais seguro e preparado para emergências. Todavia, é importante reconhecer os desafios e barreiras enfrentados durante esse processo. A necessidade de tempo e recursos para a formação contínua é significativa, além da resistência inicial de alguns profissionais que podem estar relutantes em participar dos treinamentos. Apesar dessas dificuldades, os benefícios a longo prazo são evidentes. A criação de um ambiente escolar mais seguro e a redução de acidentes graves são resultados que justificam amplamente os esforços investidos na capacitação em primeiros socorros. **Conclusão:** A qualificação em primeiros socorros é essencial não apenas para melhorar a capacidade de resposta dos docentes em situações de emergência, mas também para fomentar uma cultura de segurança e prevenção entre os alunos. Os impactos positivos dessa formação refletem-se na maior confiança dos pais, na segurança das crianças e na tranquilidade dos profissionais.

Palavras-chave: educação infantil; primeiros socorros; capacitação de professores.

ALERGIA À PROTEÍNAS DO LEITE (APLV) EM CRIANÇAS: DIAGNÓSTICO E ESTADO NUTRICIONAL

Francielly Ribeiro da Silva¹; Isabella Pereira Rodrigues Foseca¹; Larissa Kelly de Sousa Carvalho¹; Nádia Aguiar Vieira dos Santos¹; Marília Santos de Moraes²

Graduando em nutrição pela Universidade Federal do Piauí¹, Docente do Departamento de Medicina Comunitária da Universidade Federal do Piauí²

franciellyribeiro97@ufpi.edu.br

Introdução: A alergia à proteína do leite de vaca (APLV) é uma condição caracterizada por uma reação alérgica às proteínas presentes no leite de vaca, sendo comumente diagnosticada em bebês e crianças. A alergia costuma se manifestar por meio de diversos sintomas, que podem aparecer nos primeiros anos de vida e diminuir gradualmente até os 6 anos de idade. A alergia ao leite de vaca, possui diagnóstico de difícil precisão e sintomatologia variável. **Objetivo:** Avaliar o diagnóstico e estado nutricional de crianças com alergia à proteína do leite de vaca. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada em novembro de 2024 na base de dados “PubMed”, “Periódicos Capes”, utilizando os descritores em Ciências e Saúde (DeCS): “Alergia Alimentar”, “Manejo Nutricional” e “Diagnóstico”. Foram utilizados artigos publicados em português, de 2021 a 2024 abordando a temática. Sendo encontrados 9 artigos relacionados com o tema e selecionados 4 artigos após leitura prévia para a revisão da literatura. **Resultados e Discussão:** A alergia é uma reação de hipersensibilidade desencadeada por mecanismos imunológicos específicos. O diagnóstico da APLV baseia-se na história clínica, exame físico e exames laboratoriais subsidiários, além da exclusão das proteínas do leite de vaca (PLV) da dieta da criança. Se a restrição do alimento coincidir com a melhora dos sintomas, nesse caso, a reintrodução deve ser feita para avaliação e confirmação do diagnóstico por meio de teste de desencadeamento. O tratamento definitivo para APLV, bem como outras alergias alimentares, consiste na exclusão total do alimento da dieta da criança. Portanto, a dieta de exclusão para tratamento nutricional da APLV pode repercutir em problemas no estado nutricional das crianças a longo prazo, por se associar com a menor ingestão de nutrientes, como o cálcio, vitamina D e proteínas recomendadas para essa população, de acordo com a faixa etária e sexo. Além do impacto negativo das manifestações clínicas gastrointestinais como constipação, cólicas, refluxo gastroesofágico e diarreia, que podem resultar tanto na baixa ingestão alimentar, quanto no comprometimento absorptivo dos nutrientes, resultando em problemas no crescimento e desenvolvimento infantil. **Conclusão:** Diante do exposto, permite-se concluir que crianças com suspeita e/ou diagnóstico de APLV, apresentam deficiências nutricionais, de energia e de micronutrientes, quando o tratamento é exclusão desses alimentos. Dessa forma, se a criança precisa adotar uma dieta restritiva sem leite e derivados, é fundamental que os profissionais da assistência, sejam os médicos ou o nutricionista, auxiliem no planejamento de refeições equilibradas.

Palavras-chave: alergia alimentar; manejo nutricional; diagnóstico.

ASSOCIAÇÃO ENTRE O ESTADO NUTRICIONAL E O TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) EM CRIANÇAS

Nádia Aguiar Vieira dos Santos¹; Isabella Pereira Rodrigues Fonseca¹; Francielly Ribeiro da Silva¹; Larissa Kelly de Sousa Carvalho¹; Marília Santos de Moraes²

Graduanda em nutrição pela Universidade Federal do Piauí¹, Docente do Departamento de Medicina Comunitária da Universidade Federal do Piauí².

nadia.aguiar643@ufpi.edu.br

Introdução: O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é um distúrbio neuropsiquiátrico caracterizado por um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que causa comprometimento em pelo menos dois ambientes. A desatenção, impulsividade e hiperatividade podem estar relacionadas a dificuldade de manter hábitos alimentares saudáveis. A busca por satisfação imediata e uma maior preferência no consumo de grãos refinados, corroboram para o predomínio de padrões alimentares não saudáveis nas crianças, semelhantes ao estilo de dieta ocidental com presença de alimentos com elevado teor calórico e baixo valor nutricional, que geralmente são mais saborosos e crocantes. **Objetivo:** O presente estudo tem como objetivo revisar e analisar a literatura disponível sobre a associação entre o estado nutricional e o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, onde foram utilizadas as bases de dados Pubmed/Medline e Revista de Saúde Pública, com artigos publicados no período de 2014 a 2024, através dos descritores: “transtorno de déficit de atenção e hiperatividade”, “estado nutricional” e “obesidade”. Foram encontrados 44 artigos e após análise criteriosa selecionou-se 4 artigos relacionados à temática abordada. **Resultados e discussão:** O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade afeta cerca de 5% das crianças em idade escolar. Estudos recentes apontam a hipótese da influência do hábito alimentar no comportamento e aprendizado. Padrões alimentares caracterizados pelo alto consumo de alimentos ultraprocessados (refrigerantes, sorvetes e biscoitos) em detrimento de um baixo consumo de alimentos *in natura* ou minimamente processados (frutas e vegetais) estão relacionados ao excesso de peso. Nos estudos em análise, ao observar o consumo alimentar de crianças diagnosticadas com TDAH constatou-se maior ingestão de calorias, carboidratos e gorduras quando comparado com outros grupos, em contrapartida, a ingestão de fontes de vitaminas e minerais apresentou-se reduzida. Corroborando com estes dados constatou-se maior prevalência de sobrepeso em pacientes com TDAH. Todavia, o tratamento medicamentoso do transtorno reduz a impulsividade e desatenção, conduzindo os indivíduos a uma menor ingestão calórica e padrão alimentar mais organizado, auxiliando na perda de peso. **Conclusão:** Mediante o exposto, a disfunção executiva percebida em pacientes com TDAH apresenta influência direta nas escolhas alimentares, desse modo o padrão alimentar adotado geralmente caracteriza-se como não saudável e apresenta reflexos no estado nutricional do paciente, portanto torna-se necessário um tratamento multiprofissional.

Palavras-chave: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade; estado nutricional; obesidade.

RELAÇÕES FAMILIARES E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ANÁLISE DOS FATORES DE ESTIMULAÇÃO NO LAR

Emely Gabrielle Nunes de Melo¹; Carolline Mira Freire¹; Eduardo Renan Neves Coelho¹; Samantha Pereira Caldas²

Graduando em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará²

emelygabrielle15@gmail.com

Introdução: As relações familiares são fundamentais para o desenvolvimento infantil, afetando diretamente o bem-estar emocional e cognitivo das crianças. A análise dos fatores de estimulação no lar ajuda a compreender como o ambiente familiar promove ou dificulta o desenvolvimento saudável. Um ambiente afetivo e estimulante é essencial para o crescimento integral da criança, influenciando positivamente no seu comportamento e nas suas habilidades sociais. **Objetivo:** Desvelar na literatura de que maneira as interações familiares influenciam no desenvolvimento infantil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados LILACS e MEDLINE, por meio da ferramenta de busca da plataforma BVS. Foi utilizado o operador booleano “and” e os descritores: “desenvolvimento infantil”, “relações familiares” e “cognição”. Os critérios de inclusão foram: artigos completos, disponibilizados gratuitamente, nos idiomas Inglês e Português, publicados entre 2019 e 2024; e os critérios de exclusão: monografias, teses, dissertações, livros e duplicatas. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 19 artigos em busca inicial, após leitura foram excluídos 13 artigos fora da temática central. Ao final, foram selecionados 6 artigos. As práticas familiares desempenham um papel crucial no desenvolvimento infantil, especialmente no que diz respeito à estimulação no lar. Um ambiente familiar saudável e previsível é essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. A presença de pais atentos e envolvidos proporciona segurança e apoio, indispensáveis para o crescimento saudável. Ademais, crianças que vivem em lares com boas relações familiares tendem a apresentar melhor desempenho escolar e habilidades sociais mais fortes. A interação diária com os pais, como brincadeiras e conversas, estimula o desenvolvimento intelectual e promove o bem-estar infantil. Além disso, a estabilidade emocional e relações conjugais sólidas no lar ajudam a criança a lidar melhor com desafios e dificuldades. Nesse contexto, investir em um ambiente familiar sem instabilidades e com boas relações parentais é vital para o desenvolvimento integral da criança. **Conclusão:** A estabilidade e a qualidade das relações familiares são cruciais para o desenvolvimento infantil. Um ambiente positivo e afetivo promove o crescimento cognitivo e emocional, além de construir habilidades sociais. A presença e o apoio dos pais são fundamentais para a capacidade de superação e o bem-estar da criança.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; relações familiares; cognição.

PREJUÍZOS DA SELETIVIDADE ALIMENTAR EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Isabella Pereira Rodrigues Fonseca¹; Francielly Ribeiro da Silva¹; Larissa Kelly de Sousa Carvalho¹; Nádia Aguiar Vieira dos Santos¹; Marília Santos de Moraes²

Graduando em nutrição pela Universidade Federal do Piauí¹, Docente do Departamento de Medicina Comunitária da Universidade Federal do Piauí²

isabellafonsecapr@gmail.com

Introdução: O transtorno do Espectro Autista (TEA) é descrito como um transtorno do neurodesenvolvimento. Sua etiologia é considerada multifatorial, caracterizando prejuízos, muitas vezes, na comunicação, socialização e linguagem do indivíduo. A partir dessas especificidades do espectro, a criança portadora de TEA passa a ter dificuldades na sua interação social, por vezes apresentando comportamentos repetitivos e estereotipados. Esses comportamentos refletem no seu hábito alimentar, devido a um padrão rígido por manter uma rotina, podendo resultar em uma dieta restrita e limitada pelo sabor ou textura, indicando uma seletividade alimentar e resistência ao novo. Tal seletividade, ocasiona um desequilíbrio energético, acarretando no surgimento de deficiências nutricionais, sobrepeso e obesidade. **Objetivo:** Caracterizar os principais prejuízos que a seletividade alimentar pode acarretar na saúde de crianças com transtorno do espectro autista. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada em novembro de 2024 na base de dados “PubMed”, “Periódicos Capes”, utilizando os descritores em Ciências e Saúde (DeCS): “Transtorno do Espectro Autista”, “Seletividade Alimentar” e “Obesidade”. Foram utilizados artigos publicados em português, de 2019 a 2024 abordando a temática. Sendo encontrados 7 artigos relacionados com o tema e selecionados 4 artigos após leitura prévia para a revisão da literatura. **Resultados e Discussão:** O TEA é uma condição que tem início precoce e na qual as adversidades tendem a prejudicar o neurodesenvolvimento. Assim, crianças autistas inclinam-se a ter comportamentos alimentares atípicos, alterações gastrointestinais e dificuldades na escolha dos alimentos devido alterações sensoriais. Alguns estudos demonstraram que crianças atípicas costumam consumir uma baixa variedade de alimentos devido à seletividade alimentar. Isso acaba acarretando mudanças nas áreas sensoriais táteis, além de levar a carências nutricionais de vitaminas A, D, C e do complexo B, juntamente com os minerais: cálcio, magnésio, fósforo, zinco e ferro. Os pesquisadores demonstram que crianças com diagnóstico de TEA, em ambos os gêneros, tinham preferências por alimentos ultraprocessados, doces e salgadinhos. Dessa forma, muitos exibiam alto percentual de sobrepeso e obesidade, devido a hábitos alimentares inadequados por conta da seletividade. **Conclusão:** Considerando o exposto, os estudos demonstram os prejuízos relacionados à seletividade alimentar que crianças com TEA enfrentam devido alterações sensoriais. Esses incluem a deficiência nutricional e alterações ponderais de sobrepeso e obesidade. Portanto, é importante manter um acompanhamento nutricional em crianças que possuem o espectro autista para que a seletividade alimentar seja trabalhada de forma a diminuir os prejuízos a saúde.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; seletividade alimentar; obesidade.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS NA PARAÍBA: 2013-2023

Orneide Candido Farias¹; Larissa Araújo Barbosa²; Tamara da Silva Almeida¹; Pedro Henrique Farias Gomes¹; Kalyne Araújo Bezerra³.

Graduandos em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau², Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³.

E-mail: orneidecandido16@gmail.com

Introdução: A Hanseníase é uma doença causada pelo *Mycobacterium leprae*, com alta probabilidade de provocar incapacidades físicas e que, apesar de existir uma tendência de erradicação, ainda apresenta disparidades entre as regiões nacionais, as quais corroboram para a propagação da doença no Brasil. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico da Hanseníase em menores de 15 anos no estado da Paraíba entre os anos 2013 a 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal, do tipo descritivo e de abordagem quantitativa, usando dados registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) no período de 2013 a 2023. Para verificar o comportamento dos casos, considerou-se como variáveis: a faixa etária (1- 4 anos, 5 - 9 anos e 10 - 14 anos), sexo (masculino e feminino), classe operacional (paucibacilar ou multibacilar) e forma clínica (indeterminada, tuberculóide, dimorfa e virchowiana). Salienta-se que os casos considerados ignorados/brancos não foram contabilizados no estudo. De acordo com a Lei do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 14.874/2024, não houve necessidade de aprovação desse estudo por um Comitê de Ética em Pesquisa por utilizar dados secundários. **Resultados e Discussão:** O número de casos de Hanseníase em infantes e adolescentes durante 11 anos totalizou 304 casos na Paraíba, sendo as faixas etárias de 1 a 4 anos, 5 a 9 anos e 10 a 14 anos, com incidência de 7,24%, 37,17% e 55,59%, respectivamente. No que se refere ao sexo, os indivíduos do gênero masculino totalizaram 166 (54,60%) casos, e do gênero feminino foram 138 (45,40%). Em relação à classe operacional da doença, a maioria das notificações eram paucibacilar (57,75%) e 42,25% multibacilar. Acerca da forma clínica, a mais notificada foi a tuberculóide (34,12%), seguida de dimorfa (29,80%), indeterminada (23,53%) e virchowiana (12,55%). A enfermidade nesse recorte etário está associada a casos ativos e transmissíveis na sociedade e a fragilidade das políticas de saúde em controlar e erradicar a doença. Ademais, ressalta-se a ineficiência dos centros de saúde em realizar a vigilância dos contatos, diagnóstico oportuno e tratamento resolutivo. **Conclusão:** Observa-se que o perfil epidemiológico da doença predomina nos adolescentes com idades entre 10 a 14 anos, sendo o sexo masculino o mais afetado. No que tange a classe operacional, prevaleceu a paucibacilar e quanto a forma clínica, nota-se uma maior notificação para a forma tuberculóide.

Palavras-chave: Hanseníase; indicadores de morbimortalidade; assistência integral à saúde.

PREVENÇÃO DE ACIDENTES DOMÉSTICOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS E DE SENSIBILIZAÇÃO

Talita Kele Rodrigues Mendes¹; Stefanny Ximenes Carvalho²; Ana Joyce Carvalho Magalhães³;
Maria Iasmin Rodrigues Farias Bôto⁴; Vitor Cesar Gomes dos Santos⁵; Rosalice Araújo de
Sousa Albuquerque⁶

Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário INTA – UNINTA^{1,2,4,4,5}, Enfermeira.
Docente do Centro Universitário INTA – UNINTA. Doutora em Saúde Coletiva⁶

enfetalitakele@gmail.com

INTRODUÇÃO: Estudos indicam que mais de 50% dos acidentes infantis ocorrem em domicílios, destacando uma associação estatística entre o ambiente residencial e a vulnerabilidade das crianças. Contudo, verifica-se uma insuficiência na capacidade protetora familiar, agravada pelo desconhecimento dos inúmeros fatores de risco presentes no cotidiano doméstico. Esses eventos traumáticos podem gerar nos cuidadores sentimentos de culpa por não implementarem medidas preventivas adequadas. Tal situação acarreta um impacto emocional significativo, fragilizando o núcleo familiar diante das consequências do acidente e dificultando a implementação de estratégias eficazes de proteção e cuidado. **OBJETIVO:** Investigar em publicações científicas estratégias educativas e de sensibilização para a prevenção de acidentes domésticos na primeira infância. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo revisão bibliográfica. Sendo assim, para subsidiar esta pesquisa utilizou-se como ferramenta artigos disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que respondessem ao objetivo do estudo. Após a delimitação da temática, efetuou-se uma busca nos Descritores em Ciências da Saúde (DECs), sendo eles: Acidentes Domésticos, Criança e Prevenção de Acidentes, que foram cruzados posteriormente em associação ao operador booleano “and”, além da aplicação dos critérios de inclusão que foram: artigos com texto completo, no idioma português, com recorte temporal dos últimos cinco anos. A análise dos descritores e palavras-chave utilizados nas buscas das bases de dados, alinhadas aos critérios de inclusão, resultou em 7 artigos para compor a amostra final, sendo 3 da BDENF, 3 da LILACS e 1 da MEDLINE. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Durante a avaliação e interpretação criteriosa das informações obtidas, constatou-se que o lar é reconhecido como a principal fonte de risco para a ocorrência de acidentes infantis, devido à presença contínua da criança. Além disso, o espaço doméstico frequentemente apresenta elementos que potencializam a exposição a perigos, como superfícies escorregadias, mobiliário com arestas pontiagudas, estruturas de vidro desprotegidas, berços sem dispositivos de segurança, camas em alturas elevadas e a dispersão de brinquedos pelo espaço. Esses fatores, combinados, configuram um cenário propício à ocorrência de incidentes, exigindo maior atenção e estratégias de prevenção voltadas para a segurança no âmbito domiciliar. **CONCLUSÃO:** Nessa perspectiva, torna-se imperioso adotar atividades lúdicas, como jogos educativos, contação de histórias e dramatizações, para sensibilizar as crianças sobre práticas seguras no ambiente domiciliar. Paralelamente, para pais e cuidadores, a implementação de oficinas práticas, campanhas de sensibilização e palestras educativas demonstrou eficácia na identificação de riscos e na adoção de medidas preventivas, reduzindo a incidência de acidentes na infância.

Palavras-chave: acidentes domésticos; criança; prevenção de acidentes.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA TUBERCULOSE EM MENORES DE 15 ANOS NA PARAÍBA: 2013-2023

Orneide Candido Farias¹; Larissa Araújo Barbosa²; Tamara da Silva Almeida¹; Pedro Henrique Farias Gomes¹; Kalyne Araújo Bezerra³.

Graduandos em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau², Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³.

E-mail: orneidecandido16@gmail.com

Introdução: A Tuberculose (TB) trata-se de uma doença infecciosa e transmissível causada pela bactéria *Mycobacterium tuberculosis* e afeta principalmente o pulmão. Assim, permanece sendo um problema de saúde pública, particularmente, em crianças e adolescentes. Este grupo social, na maioria das vezes, é negligenciado por variados motivos e tal ação ocasiona uma repercussão negativa nos indicadores de saúde. **Objetivo:** Analisar o perfil epidemiológico da Tuberculose em menores de 15 anos no estado da Paraíba entre os anos 2013 a 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal, do tipo descritivo e de abordagem quantitativa, usando dados registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) no período de 2013 a 2023. Para verificar o comportamento dos casos, considerou-se como variáveis: sexo (masculino e feminino), forma (pulmonar, extrapulmonar e mista) e situação de encerramento (cura, abandono e óbito por tuberculose). Salienta-se que os casos considerados ignorados/brancos não foram contabilizados no estudo. De acordo com a Lei do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 14.874/2024, não houve necessidade de aprovação desse estudo por um Comitê de Ética em Pesquisa por utilizar dados secundários. **Resultados e Discussão:** O número de casos de Tuberculose em infantes e adolescentes durante 11 anos totalizou 523 casos na Paraíba, com o sexo masculino apresentando 289 (55,26%) casos e o sexo feminino 234 (44,74%). Ao analisar a enfermidade, a forma pulmonar foi equivalente a 302 (57,74%) casos, seguida da extrapulmonar com 208 (39,77%) e a mista com 13 (2,49%) casos. Em relação ao desfecho dos casos, 329 (84,1%) tiveram cura, 53 (13,6%) abandonaram o tratamento e 9 (2,3%) foram a óbito. Estudos revelam que casos de Tuberculose nesse público-alvo são vistos com menor frequência quando comparado com adultos. Somado a isso, a monitoração da doença nesse recorte etário consiste em um indicador importante, o qual ressalta a importância de testagem de contatos e a realização do diagnóstico em tempo hábil. **Conclusão:** Observa-se que diante das variáveis estudadas, a doença predominou no sexo masculino, com a forma pulmonar sendo a mais frequente. Sobre os desfechos dos casos, percebe-se que no período estudado, a maioria dos casos apresentou cura. Dessa forma, infere-se a essencialidade de ações políticas eficazes acerca do controle e erradicação da Tuberculose em menores de 15 anos, visando minimizar esse agravo como uma das causas de morbimortalidade nesse público.

Palavras-chave: Tuberculose; indicadores de morbimortalidade; assistência integral à saúde.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE INFANTOJUVENIL EM UMA CLÍNICA PSIQUIÁTRICA

Carolline Mira Freire¹; Emely Gabrielle Nunes de Melo¹; Eduardo Renan Neves Coelho¹; Mário Antônio Moraes Vieira²

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Enfermeiro Doutor em Neurociência pela Universidade do Paraguai²

carolline_mira@hotmail.com

Introdução: Com a reforma psiquiátrica o papel da equipe de enfermagem evoluiu de um olhar clínico para um vínculo terapêutico entre o profissional e paciente, visando um tratamento mais humanizado e a reinserção social desse indivíduo. Dessa forma, o enfermeiro passa a desenvolver ações de cuidado direcionadas às especificidades de cada paciente, tratando-o de maneira integral. Nesse contexto, nota-se a importância de se construir uma relação empática, respeitosa e compreensiva com quem será cuidado, envolvendo também os familiares no tratamento, para promover um cuidado mais holístico. **Objetivo:** Relatar a experiência dos discentes frente ao cuidado do paciente infantojuvenil em uma clínica psiquiátrica. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, que ocorreu a partir da vivência de acadêmicos de enfermagem durante o estágio obrigatório do componente curricular “Enfermagem em Saúde Mental II”, em um hospital referência em emergências psiquiátricas na cidade de Belém-PA, no período de 26 de agosto a 03 de setembro de 2024. **Resultados e Discussão:** Os discentes observaram que o manejo do cuidado psiquiátrico de crianças e adolescentes envolve uma equipe multiprofissional, na qual o enfermeiro exerce papel central na assistência a esses pacientes. Nesse sentido, essa classe profissional é a que mais está próxima durante todo o processo do tratamento, assumindo não somente a responsabilidade pela administração de medicamentos essenciais para a melhora do cliente, como também o compromisso de resgatar a autonomia desse ser. Ademais, as acadêmicas também observaram que as crianças e adolescentes não tinham atividades específicas para a faixa etária deles, participando dos mesmos exercícios, o que pode não atender adequadamente as suas especificidades. Com isso, a equipe de enfermagem que atua no planejamento e aplicação dessa assistência deve ser devidamente capacitada, pois o tratamento infantojuvenil na clínica psiquiátrica precisa também ser adaptado a esse público específico. Logo, a capacitação adequada garante a esses profissionais oferecer um cuidado mais individualizado e eficaz, promovendo um ambiente terapêutico mais acolhedor e apropriado a esses jovens. **Conclusão:** A assistência de enfermagem ao paciente infantojuvenil na clínica psiquiátrica possibilitou aos acadêmicos a aplicabilidade da teoria na prática, permitindo novas percepções e vivências no que diz respeito ao cuidado de crianças e adolescentes na clínica psiquiátrica. Desse modo, espera-se que essa assistência prestada e direcionada às necessidades prementes desses indivíduos contribua de maneira positiva no tratamento.

Palavras-chave: assistência de enfermagem; clínica psiquiátrica; infantojuvenil.

INTERVENÇÕES NUTRICIONAIS NO CONTROLE DA OBESIDADE INFANTIL

Larissa Kelly de Sousa Carvalho¹; Francielly Ribeiro da Silva¹; Isabella Pereira Rodrigues Fonseca¹; Nádya Aguiar Vieira dos Santos¹; Marília Santos de Moraes²

Graduando em nutrição pela Universidade Federal do Piauí¹, Docente do Departamento de Medicina Comunitária da Universidade Federal do Piauí²

larskely7@gmail.com

Introdução; A obesidade é um distúrbio metabólico caracterizado por inflamação crônica e acúmulo excessivo de gordura corporal, aumentando o risco de diversas doenças, como diabetes tipo 2, hipertensão, doenças cardiovasculares e vários tipos de cânceres. Os índices de obesidade infantil estão aumentando rapidamente, com muitas crianças com sobrepeso se tornando adultos obesos. A obesidade na infância traz consequências precoces para a saúde cardiovascular e metabólica. Intervenções como dieta, promoção de atividade física, mudanças no comportamento familiar e educação escolar têm mostrado efeitos positivos. **Objetivo:** Avaliar as intervenções nutricionais presentes na literatura para o controle da obesidade infantil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa de literatura na base de dados Science Direct, utilizando os descritores em Ciências e Saúde (DeCS): “nutrição”, “obesidade infantil” e “criança”. Os critérios de inclusão foram artigos publicados de 2012 a 2024 abordando a temática. Sendo encontrados 12 resultados e selecionados 5 após a leitura prévia para a elaboração dos resultados e discussão. **Resultados e Discussão:** A obesidade infantil é um distúrbio presente devido aos maus hábitos alimentares durante a infância levando ao sobrepeso e a deficiências nutricionais. Para enfrentá-la é imprescindível adotar uma abordagem multifacetada que leve em consideração não apenas a dieta, mas também outros aspectos do estilo de vida da criança. Essa abordagem integrada reconhece a sua complexidade como uma condição multifatorial e envolve uma variedade de intervenções que se complementam. Ao combinar modificação dietética, aumento da atividade física e apoio psicossocial, podemos abordar os diversos aspectos que contribuem para o excesso de peso infantil. Além disso, a educação nutricional não se limita apenas às crianças, mas também envolve os pais e cuidadores. Ao fornecer orientações práticas sobre como planejar refeições saudáveis, ler rótulos de alimentos e preparar lanches nutritivos, os profissionais de saúde podem capacitar as famílias a criar um ambiente alimentar favorável em casa. O tratamento precoce é crucial para prevenir complicações de saúde a longo prazo, como diabetes tipo 2, doenças cardiovasculares, hipertensão arterial e dislipidemia. **Considerações Finais:** A obesidade infantil é uma condição complexa e multifatorial que requer uma abordagem abrangente e personalizada para o tratamento eficaz. A partir da análise dos estudos científicos disponíveis, observou-se que a prática regular de exercícios físicos, o envolvimento ativo da família no processo de tratamento e a implementação de políticas alimentares escolares foram associadas a resultados positivos na redução do peso e na melhoria da saúde das crianças.

Palavras-chave: nutrição; obesidade infantil; criança.

PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA E NÍVEL DE ANSIEDADE DE ADOLESCENTES EM TERESINA-PI

Rodolfo Matheus Lopes Passos¹; Ivenilde da Silva Lopes Cronemberger²; Paula Gardênia Campelo dos Santos³; Mara Jordana Magalhães Costa⁴

Graduando em Educação Física pela Universidade Federal do Piauí¹, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí, Professora da Secretaria Municipal de Teresina³, Professora Adjunta do Departamento de Educação Física da UFPI⁴

mara.jordana@ufpi.edu.br

Introdução: A adolescência é um período marcado por intensas transformações na vida do indivíduo. Do ponto de vista histórico, as mudanças sociais têm impactado diretamente o desenvolvimento dos jovens, especialmente no ambiente escolar. Um aspecto preocupante nesse contexto é a ausência de práticas regulares de atividades físicas nas instituições de ensino, o que pode comprometer tanto a saúde quanto o bem-estar dos estudantes. **Objetivo:** O presente estudo tem como objetivo avaliar o nível de ansiedade e a prática de atividade física em adolescentes de uma escola privada em Teresina-PI. **Metodologia:** A pesquisa é descritiva, transversal se fundamentou na abordagem quantitativa, utilizando-se do Inventário de Ansiedade de Beck para avaliar os níveis de ansiedade. Aplicou-se um questionário sociodemográfico com perguntas, como: sexo, idade, estado civil, uso de medicação, possuir doença crônica. Os adolescentes avaliados não realizavam Educação Física no âmbito escolar e por isso foi questionado a eles quanto a realização da prática de atividade fora da escola e qual seria essa atividade, caso eles realizassem. Foi realizada uma estatística descritiva e uma inferencial por meio do teste qui-quadrado. O nível de significância adotado foi de 5% e o programa utilizado foi o STATA 12.0. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, sob parecer de número 3.221.575. **Resultados e Discussão:** Os resultados mostraram que 31,58% dos alunos apresentam sintomas mínimos de ansiedade, no entanto é preocupante a prevalência do número de adolescentes com sintomas moderado e grave, totalizando 55,27%. Pôde-se observar que a maioria (60,353%) realiza alguma atividade física fora da escola, sendo que 34,21% praticam musculação ou treinamento resistido, o que é comumente procurado pelos adolescentes nessa faixa etária. Quanto a relação entre o sexo e o nível de ansiedade, os resultados mostraram que não houve significância estatística ($p = 0,183$). Também não houve associação entre a prática de atividade física fora da escola e o nível de ansiedade, significativa ($p = 0,723$). **Considerações finais:** Dessa forma, pode-se concluir que os alunos avaliados estão com elevada prevalência de níveis de ansiedade e esta não mostrou uma relação estatisticamente significativa com a prática de atividade física fora do contexto escolar.

Palavras-chave: Ansiedade; Atividade física; Adolescência

PREJUÍZOS DO USO EXCESSIVO DE FONES DE OUVIDO EM JOVENS

Ana Vitória Barroso Silva¹; Nalanda dos Santos Pereira ¹; Cristiane Guerreiro Pereira Abdul Massih²

Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual do Pará¹, Mestre em Ensino em Saúde na Amazônia da Universidade do Estado do Pará ²

annieduarte@gmail.com

Introdução: Os fones de ouvido tornaram-se um objeto comum entre os jovens, seja em ambientes domiciliares, escolares ou profissionais, mas seu uso inadequado, tanto em alta intensidade quanto em períodos prolongados, geram impactos negativos à saúde auditiva. Destacam-se entre os danos acometidos, a perda auditiva de caráter progressivo e irreversível, bem como dificuldade de compreensão de fala, em função da degeneração das células ciliadas da orelha interna. **Objetivo:** Analisar na literatura científica os efeitos do uso excessivo de fones de ouvido na audição de adolescentes. **Metodologia:** O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura, onde foram selecionadas publicações das bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), ResearchGate e Scientific Electronic Library Online (SciELO), no período entre 2019 a 2024, utilizado os seguintes descritores: “audição”, “perda auditiva”, “ruído”, “jovens”. **Resultados e Discussão:** Foram achados 20 artigos e após a filtragem com os critérios de inclusão e exclusão foram selecionados seis trabalhos científicos. Na síntese geral das publicações foi observada que a faixa etária predominante foi entre 12 a 22 anos, que usam diariamente os fones de ouvido, por aproximadamente mais de quatro horas diárias. Segundo os autores, cerca de 41,3% dos participantes utilizam seus fones em volume máximo. Evidenciou-se impactos, auditivos e extra auditivos, tais como cefaleia, otalgia, zumbido, dificuldade de compreensão, plenitude auricular e intolerância a sons intensos. Outro ponto importante destacado nos artigos é quanto ao tipo de fone utilizado por esses jovens, que é frequentemente intra-auricular com vedamento de borracha, mostrando-se piores do que os headfones. Além disso, três estudos com jovens em idade escolar sobre o conhecimento e a análise acústica, mostraram que apesar da maioria demonstrar saber sobre os riscos do uso excessivo de fones (77,6%), não colocam em prática esse conhecimento e utilizam os fones com intensidade de média para forte. Ademais, os alunos pesquisados relatam que por consequência apresentam sintomas como cefaleia e prejuízo na concentração. **Conclusão:** Diante do exposto, pode-se observar um cenário alarmante entre os jovens que fazem uso abusivo de fones de ouvido, prejudicando de forma direta a sua qualidade de vida. A exposição frequente a níveis elevados de intensidade sonora, aliada à falta de mudança de comportamento, reflete a necessidade de ações educativas que transcendem o simples fornecimento de informação. Daí a relevância deste estudo como uma forma de promoção e prevenção à saúde auditiva da população jovem mundial.

Palavras-chave: perda auditiva; fones de ouvido; jovens.

MORBIMORTALIDADE POR DESNUTRIÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA

Vanessa Sousa Bastos¹

Enfermeira residente em Terapia Intensiva pelo Hospital São Domingos/Dasa¹

vanessabastos46@gmail.com

Introdução: A desnutrição é um grave problema de saúde pública, principalmente quando está relacionada a população infantil. Sendo considerada a principal causa de morte em crianças com idade pré-escolar a nível global e está intimamente associada aos fatores socioeconômicos. O diagnóstico é feito através da consulta de puericultura, no qual avalia-se e acompanha o crescimento e desenvolvimento infantil e quando não diagnosticada e tratada precocemente, pode progredir para um quadro mais grave e evoluindo pra um desfecho negativo, levando a criança à óbito. **Objetivo:** Levantar o perfil de notificação das internações hospitalares por desnutrição infantil no Brasil, durante o ano de 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo epidemiológico, do tipo exploratório, retrospectivo, descritivo com abordagem quantitativa, de abrangência nacional com dados obtidos através de investigação no banco de dados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH), disponibilizado em meio eletrônico pelo Departamento de Tecnologia do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram incluídos no estudo, os registros de internações por desnutrição no Brasil no ano de 2023. Foram analisadas as seguintes variáveis: faixas etárias menor de 1 ano, 1 a 4 anos e 5 a 9 anos. E foram excluídos os registros de internação por desnutrição na faixa etária entre 10 a 14 anos, em virtude dessa faixa etária incluir além de crianças também adolescentes. **Resultados e discussão:** Com a realização da pesquisa, identificou-se um total de 5.646 internações hospitalares por desnutrição em crianças registradas conforme o período analisado, sendo a região nordeste com o maior número de casos de internações hospitalares por desnutrição infantil (37,21%). Em relação ao caráter de atendimento, observou-se que houve uma prevalência de internações de caráter de urgência (93%). A faixa etária menor de 1 ano correspondeu a 66,17% dos casos, e ainda houve a prevalência do sexo masculino com 51,06% dos casos de internações. Em todo o período analisado, foram registrados 119 óbitos, sendo a região nordeste com o maior número de óbitos (36%) e 73,11% dos óbitos foram em crianças menores de 1 ano e do sexo feminino (52,94%). **Conclusão:** Os resultados do estudo, evidenciaram um elevado número da morbimortalidade por desnutrição infantil, enfatizando a importância da puericultura para a promoção de um acompanhamento contínuo do desenvolvimento da criança, a fim de prevenir a incidência de doenças relacionados à saúde da criança, como a desnutrição. O estudo também contribui para o planejamento de políticas públicas mais efetivas visando a prevenção e redução desse agravo.

Palavras-chave: desnutrição infantil; puericultura; epidemiologia.

OS IMPACTOS DA EXPOSIÇÃO EXCESSIVA DE TELAS NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS

Eduardo Renan Neves Coelho¹; Carolline Mira Freire¹; Emely Gabrielle Nunes de Melo¹; Samantha Pereira Caldas²

Graduando em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará²

eduardocoelho227@gmail.com

Introdução: A fase de infância é o período mais importante para o bom desenvolvimento neurológico do ser humano. As telas digitais estão cada vez mais inseridas na rotina desse público. O uso excessivo e crescente dessa tecnologia entre essa faixa etária preocupa em relação aos impactos na sua saúde mental. **Objetivo:** Investigar, na literatura atual, quais são os impactos da exposição excessiva de telas na saúde mental de crianças. **Metodologia:** Revisão Integrativa da Literatura, com abordagem qualitativa. Utilizou-se os descritores “Tempo de Tela” AND “Saúde mental” AND “Saúde da criança” AND “Comportamentos Relacionados com a Saúde”, nas bases de dados MEDLINE e LILACS. Critérios de inclusão: artigos completos, em português, inglês e espanhol, gratuitos, entre 2019 e 2024. Critérios de exclusão: artigos sem ênfase no tema central da pesquisa. Utilizando-se a estratégia PICO para formulação da pergunta norteadora: “Quais são os impactos da exposição excessiva de telas na saúde mental de crianças?”. **Resultados e Discussão:** Após a aplicação dos filtros e leitura dos títulos e resumos, foram selecionados 10 estudos. Segundo os achados, o uso exagerado de telas têm impacto preocupante na saúde mental das crianças. A exposição excessiva de telas demonstrou a possibilidade de estar relacionados com condições psicológicas negativas, como ansiedade, maior irritabilidade, dificuldades de atenção e problemas de sono pela exposição da “luz azul” das telas. Os estudos discutem que dormir inadequadamente pode prejudicar a saúde psicossocial de crianças e adolescentes, incluindo baixa autoestima, depressão, baixa satisfação com a vida e má relações com os pais. É necessário que os pais sejam envolvidos no processo de intervenção para redução desses hábitos, com a definição de um horário para o uso de celular e televisão, incentivando a realização de brincadeiras ou atividades físicas ao ar livre, criando momentos de interação social entre a família e promovendo hábitos saudáveis de sono. As crianças recebem grande parte de suas mensagens sobre comportamento de saúde por meio das instituições de ensino, por isso, as escolas têm um papel fundamental para a promoção da redução do uso de telas, de forma didática e integrada com os pais dos alunos. **Conclusão:** O uso excessivo de telas acarreta em diversos prejuízos no desenvolvimento cognitivo e saúde mental das crianças, a médio e longo prazo. É necessário que os pais e escolas sejam protagonistas para promover um equilíbrio no tempo de uso das tecnologias e atividades benéficas para o desenvolvimento cognitivo, social e mental.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; orientação infantil; tempo de tela.

REPERCUSSÕES DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS (SARS-COV-2) NA SAÚDE MENTAL

Vanessa Sousa Bastos¹

Enfermeira residente em Terapia Intensiva pelo Hospital São Domingos/Dasa¹

vanessabastos46@gmail.com

Introdução: A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da síndrome respiratória Covid-19, teve como marco inicial o mês de dezembro de 2019 no Brasil. Com este cenário, diversos esforços foram desencadeados diante da rápida propagação da doença, a fim de promover o enfrentamento da pandemia com medidas de controle, como o isolamento social. Há uma grande preocupação com a saúde mental da população, visto que um cenário pandêmico tem potencial de ocasionar perturbações psicológicas e sociais na população. Diante dessa perspectiva pandêmica e alta disseminação e mortalidade, o medo vivenciado aumenta com os níveis de estresse e ansiedade sofridos por pessoas saudáveis e intensifica os sintomas daquelas que já possuem transtornos mentais pré-existentes. Os pacientes com suspeita de infecção ou diagnosticados com COVID-19, podem apresentar reações comportamentais e emocionais intensas, estes estados podem evoluir para transtornos mentais.

Objetivo: Visa encontrar os impactos patogênicos provenientes da pandemia do novo coronavírus na saúde mental. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica. O levantamento da escolha dos artigos científicos, foi realizado nas bases de dados PUBMED, LILACS, nas línguas português, inglês e espanhol. Sendo utilizados como descritores: ‘Covid 19’, ‘Pandemia e “Saúde mental” associados com o operador booleano AND. Os critérios de inclusão utilizados para a seleção das publicações: artigos disponíveis na íntegra, originais, nos idiomas português, inglês e espanhol, que atendam aos objetivos da pesquisa. Foram excluídos do estudo os artigos incompletos, duplicados, materiais não científicos e dissertação. Para o processo de análise, foi realizada uma leitura minuciosa e exploratória do título e dos artigos selecionados referentes à temática da pesquisa. Foram encontrados 22 artigos nas bases de dados. Após a aplicabilidade dos critérios de inclusão e exclusão e da leitura minuciosa, foram selecionados 11 artigos para o estudo. **Resultados e discussão:** Dentre os 11 artigos selecionados, observaram-se que diante o atual cenário de pandemia, a população apresenta respostas emocionais bem mais intensas. Assim, as manifestações psicopatológicas mais encontradas foram a depressão, ansiedade, elevado nível de estresse, insônia, sentimentos de medo, angústia, tristeza, incerteza e vulnerabilidade. **Conclusão:** Desse modo, faz-se necessário o desenvolvimento de ações que promovam a promoção e prevenção da saúde mental, como o suporte e apoio psicossocial, visando também prevenção de potenciais complicações reduzindo o impacto na saúde mental.

Palavras-chave: covid 19; pandemia; saúde mental.

O PAPEL DA ENFERMAGEM NO ACOMPANHAMENTO DAS MUDANÇAS FISIOLÓGICAS DURANTE A PUBERDADE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES.

Giovanna Maria Rebouças dos Reis¹; Beatriz Neves Guedes¹; Steffanny Geovanna Da Silva¹;
Katherine Rios Almeida Pedreira².

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste 1; Docente em enfermagem no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste 2.

giovannamariareboucas@gmail.com

Introdução; A puberdade é uma fase de transição importante no desenvolvimento de crianças e adolescentes, caracterizada por mudanças físicas, hormonais e emocionais que influenciam tanto o corpo quanto o comportamento. Durante esse período, ocorre o início da maturação sexual, o crescimento acelerado e a modificação dos níveis hormonais, o que pode gerar dúvidas e preocupações. O papel da enfermagem é essencial no acompanhamento dessas transformações, oferecendo não apenas cuidados físicos, mas também apoio emocional. O enfermeiro deve orientar a criança e sua família, fornecendo informações claras sobre as mudanças, ajudando a lidar com os desafios dessa fase e promovendo uma adaptação saudável. **Objetivo;** Destacar a importância do papel da enfermagem no acompanhamento das mudanças fisiológicas durante a puberdade em crianças e adolescentes. **Metodologia;** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura em setembro de 2024. As fontes selecionadas foram MEDLINE, LILACS e BDNF - Enfermagem, acessíveis pela Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para a pesquisa, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) "enfermagem", "papel" e "puberdade", combinados pelo operador booleano "AND". Os critérios de inclusão permitiram selecionar artigos publicados nos idiomas inglês e português entre 2003 e 2023. Após as buscas, quatro estudos foram selecionados para integrar esta revisão. **Resultados e Discussão;** A descoberta da sexualidade na adolescência gera curiosidade sobre o processo reprodutivo, mas muitos jovens não têm acesso a orientações adequadas, expondo-se a riscos como iniciação sexual precoce, gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). A falta de preparo para lidar com esses comportamentos pode afetar negativamente sua saúde física e mental. Profissionais de enfermagem desempenham um papel crucial ao oferecer orientação sobre saúde sexual e reprodutiva, aumentando a autonomia dos jovens. **Conclusão;** A integração de políticas públicas, escolas e equipes de saúde, como o Programa Saúde na Escola (PSE), é fundamental para garantir que os adolescentes tenham acesso a informações precisas e orientações adequadas. Com isso, é possível prevenir comportamentos de risco, como a iniciação sexual precoce e as ISTs, promovendo o bem-estar físico, mental e social dos jovens. A orientação sobre saúde sexual e reprodutiva, bem como o apoio emocional, são essenciais para que os jovens enfrentem as transformações dessa fase de maneira saudável e consciente.

Palavras-chave: Enfermagem; papel; puberdade.

A REVOLUÇÃO DO ENSINO REMOTO: VANTAGENS E DESAFIOS PARA CRIANÇAS E EDUCADORES

Eduardo Renan Neves Coelho¹; Carolline Mira Freire¹; Emely Gabrielle Nunes de Melo¹; Samantha Pereira Caldas²

Graduando em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹, Mestre em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará²

eduardocoelho227@gmail.com

Introdução: Durante o período da pandemia de COVID-19, a implementação do ensino à distância foi impulsionada em diversas instituições de ensino. A normalização desse método de ensinar transformou a educação de crianças e a profissão dos professores. Nesse contexto, é necessário compreender os impactos positivos e negativos que essa modalidade proporciona para os alunos e educadores. **Objetivo:** Investigar, na literatura atual, quais são as vantagens e desafios para as crianças e educadores com a implementação do ensino remoto. **Metodologia:** Revisão Integrativa da Literatura, com abordagem qualitativa. Utilizou-se os descritores “Educação a Distância” AND “Criança” AND “Professores Escolares”, nas bases de dados MEDLINE, LILACS e BDNF. Critérios de inclusão: artigos completos, em português, inglês e espanhol, gratuitos, entre 2019 e 2024. Critérios de exclusão: artigos sem ênfase no tema central da pesquisa. Utilizando-se a estratégia PICO para formulação da pergunta norteadora: “Quais são as vantagens e desafios para crianças e educadores diante a implementação do ensino remoto?”. **Resultados e Discussão:** Inicialmente, encontrou-se 23 estudos. Após a aplicação dos filtros e leitura de título e resumos, foram selecionadas 10 pesquisas na amostra final. Segundo os achados, o ensino à distância proporciona diversos impactos positivos para educação como: personalização do ensino, flexibilidade de horário e local, acesso a recursos digitais diversificados. Para os alunos, é possível manter o próprio ritmo de aprendizado, ter contatos com mídias diversas sobre o assunto, e o desenvolvimento de autonomia no aprendizado. Os professores têm apoio de diversas ferramentas para melhorar e adaptar sua metodologia para atender necessidades individuais. Essa adaptação é importante para alunos que precisam de acompanhamento especial. Em contrapartida, essa modalidade enfrenta e ocasiona desafios como a desigualdade de acesso à internet e tecnologia, menor contato humano entre alunos e professores, baixa capacitação dos professores para aplicar o ensino remoto de forma adequada, dificuldade na concentração de crianças e menor interação social entre os alunos. É necessário oferecer capacitação adequada para o manejo desse ambiente virtual pelos educadores, apoio por parte da família dos alunos e investimento em uma estrutura que possa incluir indivíduos desse público. **Considerações finais:** O ensino à distância demonstra um potencial considerável para melhorar a educação em diversos pontos e características. É necessário que essa implementação seja acompanhada e adaptada para a realidade de cada professor e aluno, visando promover os pontos positivos enquanto reduz-se os desafios e barreiras que envolvem essa modalidade.

Palavras-chave: educação a distância; educação infantil; tecnologia educacional.

ESTRATÉGIAS EFICAZES DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL INFANTIL: EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO.

Maryana Viana dos Santos¹; Beatriz Neves Guedes¹; Cláudia Lisboa Dias¹; Giovanna Maria Rebouças dos Reis¹; Steffanny Geovanna da Silva¹; Paula Paulina Costa Tavares².

Graduandas em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹; Docente em enfermagem no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste².

Maryanaviana7@gmail.com

Introdução: O abuso sexual infantil é uma grave violação dos direitos humanos que afeta milhões de crianças em todo o mundo, resultando em danos físicos e traumas emocionais duradouros. É essencial implementar estratégias eficazes de prevenção para criar ambientes seguros. A educação e a conscientização são fundamentais, permitindo que crianças e comunidades reconheçam sinais de abuso e adotem comportamentos preventivos, garantindo a proteção integral dos direitos infantis. **Objetivo:** Destacar a importância de estratégias eficazes para a prevenção ao abuso sexual infantil com o intuito de gerar educação e conscientização, de acordo com a literatura. **Metodologia:** Refere-se a uma revisão integrativa da literatura, realizada em julho de 2024. A pesquisa inicial foi conduzida mediante o uso dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) relacionados à “prevenção de doenças”, “abuso sexual na infância”, “conscientização”, combinados pelo operador booleano “AND”. As bases de dados utilizadas na pesquisa foram BDNF-ENFERMAGEM, LILACS e MEDLINE, disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Em seguida foi realizada a leitura do material completo, considerando os critérios que corresponderam com o objetivo do trabalho. Os critérios de inclusão abrangeram artigos que abordassem o escopo do estudo, publicados integralmente em português dentro do intervalo temporal de 2014 a 2024 e disponível gratuitamente. Após buscas foram indicados e selecionados 5 trabalhos para esta revisão. **Resultados e Discussão:** O abuso sexual de crianças e adolescentes é um problema complexo que exige uma abordagem multidimensional, sendo considerado uma questão de saúde pública. O enfrentamento desse tipo de violência não deve se restringir somente a medidas punitivas contra os agressores, mas também incluir estratégias preventivas, fortalecendo a atuação integrada de órgãos protetivos, destacando-se o papel das escolas como aliadas importantes. Além disso, é essencial o fortalecimento de políticas públicas, da rede de proteção e dos mecanismos legais, bem como uma escuta acessível e acolhedora por parte dos adultos. **Conclusão:** Dada a gravidade do abuso sexual infantil, é crucial adotar estratégias que integrem educação e conscientização. A colaboração entre políticas públicas, escolas e redes de proteção é vital para fortalecer a escuta acolhedora e os direitos das crianças. Através de ações conjuntas e efetivas, podemos criar ambientes seguros e enfrentar esse grave problema social, tornando a proteção infantil uma prioridade coletiva em toda a sociedade.

Palavras-chave: abuso sexual na infância; conscientização; prevenção de doenças.

AUDITORIA EM ENFERMAGEM: ESTRATÉGIAS PARA PROMOVER A ADESÃO A PROTOCOLOS CLÍNICOS E DIRETRIZES ASSISTENCIAIS

Maryana Viana dos Santos¹; Beatriz Neves Guedes¹; Cláudia Lisboa Dias¹; Giovanna Maria Rebouças dos Reis¹; Steffanny Geovanna da Silva¹; Paula Paulina Costa Tavares².

Graduandas em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹; Docente em enfermagem no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste².

maryanaviana7@gmail.com

Introdução: A auditoria é definida como um processo sistemático e formal para avaliar se determinada atividade está sendo conduzida conforme seus objetivos. No âmbito das instituições de saúde, ela tem se mostrado essencial, especialmente diante de fatores como a globalização, os avanços tecnológicos e os progressos científicos, que impulsionam a busca por excelência nos serviços prestados. **Objetivo:** Analisar as estratégias para promover a adesão a protocolos clínicos e diretrizes assistenciais na auditoria em enfermagem de acordo com a literatura. **Metodologia:** Esta pesquisa consiste em uma revisão integrativa da literatura, realizada em dezembro de 2024. A investigação inicial foi conduzida utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) relacionados a “auditoria de enfermagem”, “auditoria clínica” e “auditoria em saúde”. As bases de dados empregadas na busca foram LILACS, MEDLINE e BDNF - ENFERMAGEM, disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os critérios de inclusão foram definidos para abranger artigos que tratassem do escopo do estudo, publicados integralmente em português e no período de 2019 a 2024. Após a realização das buscas, foram identificados e selecionados 5 trabalhos relevantes para compor esta revisão, garantindo uma análise abrangente e atualizada sobre o tema. **Resultados e Discussão:** Na enfermagem, essa prática permite avaliar a qualidade da assistência por meio das anotações realizadas no prontuário do paciente, identificando eventuais problemas. O enfermeiro auditor é responsável por elaborar relatórios, nos quais pode justificar ou negar pagamentos de gastos registrados, conforme sua análise. Conforme os artigos analisados, foi identificado que a ausência de anotações, checagens, assinaturas, carimbos e letras legíveis, frequentemente incompletas, causa prejuízos às instituições. A falta de registros adequados pode comprometer a comunicação entre a equipe multiprofissional, gerar dúvidas sobre a assistência prestada e resultar em processos judiciais ou glosas devido à insuficiência de informações necessárias para justificar os tratamentos realizados. Os estudos indicam que a adesão a protocolos clínicos é um desafio contínuo, principalmente devido a fatores como falta de treinamento adequado, resistência a mudanças, e a complexidade do ambiente hospitalar. No entanto, a auditoria é uma ferramenta poderosa para promover a adesão. **Conclusão:** Portanto, a auditoria em enfermagem é vital para garantir a qualidade dos serviços de saúde, alinhando práticas assistenciais a protocolos clínicos. A análise destaca que a efetividade das auditorias ajuda a identificar falhas na documentação e comunicação.

Palavras-chave: auditoria de enfermagem; auditoria clínica; auditoria em saúde.

INVESTIGAÇÃO DO PAPEL DA ENFERMAGEM NA IDENTIFICAÇÃO DE SINAIS PRECOSES DE TEA EM CRIANÇAS

Steffanny Geovanna da Silva¹; Cláudia Lisboa Dias²; Beatriz Neves Guedes³; Maryana Viana dos Santos⁴; Giovanna Maria Rebouças dos Reis⁵; Emina Camille Silva Barbosa⁶.

Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste²; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste³; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁴; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁵; Graduada pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁶.

steffannygeovanna06@gmail.com

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, o comportamento e interação social, apresenta uma série de gravidades e manifestações. A identificação precoce do TEA é crucial, pois as intervenções realizadas em estágios iniciais podem melhorar significativamente os resultados em crianças afetadas. Os profissionais de enfermagem são responsáveis por observar e registrar comportamentos que podem indicar um desenvolvimento atípico, além de atuarem como educadores e apoiadores as famílias. **Objetivo:** Identificar e o papel da enfermagem na identificação de sinais precoces do transtorno do espectro autista em crianças. **Metodologia:** Refere-se a uma revisão integrativa, conduzida em novembro de 2024. Utilizaram-se as bases de dados MEDLINE, LILACS e BDEFN- ENFERMAGEM disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A pesquisa inicial foi conduzida mediante o uso dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) relacionados a "Transtorno do Espectro Autista", "Criança" "Enfermagem" e "Investigação", combinados pelo operador booleano "AND". Critérios de inclusão abrangeram artigos que abordassem o escopo do estudo, publicados integralmente em inglês, português, no intervalo temporal de 2019 a 2024. As buscas, foram identificados e selecionados 9 trabalhos para compor esta revisão. **Resultados:** O que se observa que ainda há desconhecimento por parte dos profissionais de enfermagem que atuam diretamente com este público, no que tange a aplicabilidade dos instrumentos utilizados na sua detecção. Considerando que os profissionais da saúde participam do cuidado com a criança em seus primeiros anos de vida. Estudos indicam que enfermeiros se sentem despreparados para reconhecer os sinais do TEA, deficiência no conhecimento e que não obtiveram ensino sobre o tema durante a graduação é de 95,2 déficit no comprometimento e insegurança dos profissionais na assistência qualificada e assertiva. A formação continuada, o incentivo dos profissionais da saúde e a implementação de recursos informativos, como cartilhas para familiares, criação de rede de apoio, tornam-se essenciais na melhoria da prática de enfermagem. Uma equipe e pais informados sobre o TEA e suas alterações, contribuem significativamente para diminuição dos prejuízos, pois o diagnóstico, o tratamento e encaminhamento precoce potencializam o seu desenvolvimento, garantindo uma assistência especializada. **Considerações finais:** Portanto, apesar do aumento significativo nos casos de TEA, análise indica que muitos enfermeiros carecem de conhecimentos adequados sobre o transtorno, o que compromete a qualidade da assistência prestada. Logo, a formação contínua e o fortalecimento das habilidades dos enfermeiros são fundamentais para que eles possam reconhecer os sinais precoces do TEA com segurança.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; criança; enfermagem.

IMPACTO DO BULLYING NA SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES: INTERVENÇÕES E PREVENÇÃO

Sâmella Soares Oliveira Medeiros¹; Pedro Henrique Lessa de Oliveira²; Suzan Kelly Macedo³

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser¹, Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás², Nutricionista pela Fanut-UFG e Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Goiás³

samellasomedeiros@gmail.com

Introdução: O bullying é uma forma de violência que pode ter efeitos devastadores na saúde mental de adolescentes. Com o aumento dos casos em ambientes escolares e online, torna-se crucial compreender não apenas seu impacto, mas também as estratégias mais eficazes para preveni-lo e tratá-lo. **Objetivo:** O objetivo do presente estudo visa examinar o impacto do bullying na saúde mental de adolescentes e identificar intervenções eficazes para prevenção e tratamento, com base em evidências científicas recentes. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão integrativa da literatura, abrangendo artigos científicos publicados entre 2017 e 2024. A busca foi realizada com os descritores "Bullying", "Adolescent", "mental health" e "Interventions". Foram incluídos estudos gratuitos em português ou inglês, enquanto artigos fora do período analisado, pagos, não alinhados aos objetivos ou em outros idiomas foram excluídos. Após análise criteriosa, 5 estudos foram selecionados por atenderem aos critérios e à temática proposta. **Resultados e Discussão:** Os estudos analisados indicam que o bullying impacta significativamente a saúde mental de adolescentes. Adolescentes vítimas de bullying apresentam maiores níveis de ansiedade, depressão e baixa autoestima, comprometendo seu desenvolvimento emocional e social. O bullying cibernético, em particular, mostrou-se especialmente prejudicial, associado a sentimentos de isolamento, desesperança e, em casos mais graves, ideação suicida. Pesquisas destacam que intervenções escolares, como campanhas de conscientização, suporte educacional e psicológico, podem reduzir a incidência de bullying e melhorar a saúde mental dos alunos. Além disso, o suporte parental e familiar, associado a um ambiente doméstico acolhedor, é fundamental para ajudar os adolescentes a lidar com os efeitos do bullying. Intervenções focadas no desenvolvimento de habilidades sociais, resiliência e fortalecimento emocional também se mostraram eficazes, contribuindo para que os adolescentes resistam aos impactos negativos dessa violência. **Conclusão:** O bullying tem um impacto profundo na saúde mental de adolescentes, contribuindo para ansiedade, depressão e baixa autoestima, com efeitos que podem persistir na vida adulta. Para mitigar esses fatos, é necessário que seja colocada em prática estratégias que incluam programas escolares de conscientização, apoio psicológico, fortalecimento do suporte familiar e intervenções que promovam habilidades sociais e resiliência. Implementar essas estratégias é essencial para reduzir o bullying, proteger a saúde mental e promover ambientes mais seguros, inclusivos e saudáveis.

Palavras-chave: bullying; saúde mental; adolescentes.

A EXPERIÊNCIA DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DE ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL EM CRECHES

Stefanny Ximenes Carvalho¹; Talita Kele Rodrigues Mendes²; Maria Iasmin Rodrigues Farias Bôto³; Ana Joyce Carvalho Magalhães⁴; Vitor Cesar Gomes dos Santos⁵; Rosalice Araújo de Sousa Albuquerque⁶

Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário INTA – UNINTA^{1,2,4,4,5,6}, Enfermeira.
Docente do Centro Universitário INTA – UNINTA. Doutora em Saúde Coletiva⁷

steximenes2024@gmail.com

INTRODUÇÃO: A primeira infância, do nascimento aos 6 anos, é um período crucial em que as crianças são mais influenciadas por fatores biológicos, afetivos, cognitivos e sociais. Nesse momento, elas exploram novos cheiros, sabores e texturas, formando suas preferências alimentares. É também nessa fase que os hábitos alimentares começam a ser moldados, impactando diretamente o crescimento e desenvolvimento. Por isso, ações que incentivem hábitos saudáveis são essenciais para promover a saúde e o bem-estar ao longo da vida. **OBJETIVO:** Relatar a experiência da enfermagem na promoção da alimentação saudável em creches. **METODOLOGIA:** O estudo em questão é de abordagem qualitativa e descritiva, caracterizando-se como um relato de experiência. A pesquisa foi conduzida durante uma ação educativa realizada em uma creche localizada no interior do Ceará. A iniciativa foi desenvolvida por oito acadêmicos de enfermagem vinculados a um projeto voltado para a saúde da criança e contou com a participação de 18 crianças, com idades entre 5 e 6 anos. A atividade foi mediada de forma lúdica, utilizando jogos, brincadeiras e atividades de pintura como estratégias para engajar os participantes e promover o aprendizado. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A atividade começou com a apresentação dos discentes, que explicaram os objetivos da ação e conversaram com as crianças por meio de perguntas como: “Quais são suas frutas favoritas?” e “O que vocês almoçaram hoje?”. Em seguida, foi feita uma explanação sobre alimentação saudável, abordando os alimentos que a compõem e a importância de uma dieta equilibrada para o desenvolvimento infantil. Na sequência, foi realizada uma dinâmica em que cada criança colava figuras de alimentos em um prato, identificando os itens saudáveis. Depois, receberam o desenho de um prato vazio e ilustraram os alimentos que mais gostavam, incluindo opções nutritivas. Para finalizar, foi oferecida uma salada de frutas como forma de agradecimento, reforçando de maneira prática a mensagem de alimentação saudável. **CONCLUSÃO:** Por meio dessa ação, foi possível observar o envolvimento ativo dos alunos, que participaram de maneira lúdica e interativa, demonstrando maior compreensão sobre a importância de uma alimentação saudável. Paralelamente, os acadêmicos também se beneficiaram da experiência, desenvolvendo competências educativas essenciais para sua formação enquanto futuros profissionais e promotores de saúde.

Palavras-chave: saúde da criança, alimentação saudável, ação educativa.

BRINQUEDO TERAPÊUTICO COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO DE ENFERMAGEM NA PEDIATRIA DE HOSPITAL REFERÊNCIA EM TRAUMA

Ana Caroline Lima Vasconcelos¹; Anna Rebecca Matoso Silva Almeida²

Enfermeira Especialista, Servidora Pública do Instituto Doutor José Frota¹, Enfermeira Mestranda em Saúde Pública, vinculada ao Hemocentro Ceará²

E-mail da autora: caroolliiima@gmail.com

Introdução: O brinquedo terapêutico é uma abordagem utilizada na pediatria para reduzir o impacto psicológico de crianças no ambiente hospitalar. Crianças submetidas a procedimentos invasivos, dolorosos e por vezes de alta complexidade frequentemente enfrentam medo, ansiedade e insegurança. O uso do brinquedo terapêutico, por meio de atividades lúdicas, visa minimizar esses sentimentos e ajudar a criança a lidar com o ambiente hospitalar de forma mais tranquila e agradável, no período de internação. **Objetivo:** Descrever a experiência do uso de brinquedo terapêutico como estratégia de cuidado de Enfermagem na pediatria de um hospital referência em trauma. **Metodologia:** Trata-se de estudo descritivo, de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência vivenciada por enfermeiros da Unidade de Terapia Intensiva – UTI – pediátrica de um hospital referência em traumas graves. Os profissionais utilizaram brinquedos terapêuticos em diversos momentos do tratamento das crianças internadas. A estratégia foi utilizada com pacientes cujo quadro clínico possibilitava interação, sendo utilizados brinquedos já presentes na instituição, de fácil higienização para evitar infecções cruzadas. O período de vivência das experiências descritas foi de janeiro a setembro de 2024. As experiências aconteceram na UTI pediátrica de hospital terciário referência em trauma, localizado em Fortaleza, no estado do Ceará. **Resultados e Discussão:** O uso do brinquedo terapêutico pela equipe assistencial aconteceu em momentos como banho no leito, realização de cateterismo gástrico e vesical e punções venosas, de modo a contribuir para a humanização da assistência, promovendo um cuidado mais acolhedor e favorecendo o vínculo entre eles. Os brinquedos foram utilizados como ferramenta para reduzir estresse e sentimentos negativos nas crianças, além de auxiliarem na orientação aos familiares e aos próprios pacientes sobre os procedimentos a serem realizados. Os pacientes demonstraram maior cooperação na realização das intervenções e expressaram seus sentimentos de forma mais frequente. Uma das estratégias utilizadas foi a simulação do mesmo procedimento a ser realizado na criança sendo realizado em um boneco, ajudando na explicação da intervenção e proporcionando maior compreensão sobre seu próprio cuidado. **Conclusão:** O uso do brinquedo terapêutico mostrou-se uma estratégia eficaz de cuidado de Enfermagem, proporcionando melhor vínculo profissional-paciente-familiares, facilitando a adaptação ao ambiente hospitalar e colaborando para uma experiência menos traumática. Este relato de experiência evidencia a importância de integrar práticas lúdicas ao cuidado de Enfermagem, com ênfase em paciente pediátrico, como parte de um cuidado integral e humanizado.

Palavras-chave: brinquedo terapêutico; enfermagem; pediatria.

PROMOÇÃO E INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM NO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Alicia Ellen Cavalcante da Silva¹; Livya Santos de Araújo¹; Jessica Leticia Da Silva¹; Carlos Eduardo Da Silva²; Aline Nascimento De Assunção Soares³.

Graduanda de Enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera¹, Graduando de Enfermagem pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera², Bacharel em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pós-graduação em urgência e emergência pela Faveni, Tutora de Enfermagem na Anhanguera³.

aliciaellenc22@gmail.com

RESUMO

O leite materno é essencial para a nutrição infantil, fornecendo não apenas nutrientes, mas também anticorpos que protegem contra infecções. A Organização Mundial da Saúde recomenda o aleitamento exclusivo até os seis meses, seguido pela introdução de outros alimentos até os dois anos. No Brasil, a prevalência do aleitamento materno exclusivo está abaixo do recomendado, com 45% até os seis meses. Os benefícios da amamentação incluem a prevenção de doenças, como diarreia e infecções respiratórias, além de contribuir para a saúde a longo prazo, reduzindo o risco de obesidade e diabetes na vida adulta. A atuação de enfermeiros é crucial na promoção do aleitamento, oferecendo suporte e orientações às mães durante a gestação e o pós-parto. Estudos destacam a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a rede de apoio à amamentação, enfatizando a importância da educação em saúde para aumentar a adesão a essa prática. A revisão da literatura foi realizada entre 2019 e 2024, evidenciando a relevância do aleitamento materno para a saúde pública e o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: leite materno; aleitamento materno exclusivo; enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

O leite materno é considerado o alimento ideal para a criança, suprimindo as suas necessidades nutricionais nos primeiros anos de vida. Além da nutrição, possui anticorpos e outras substâncias que conferem proteção à criança, contra infecções como diarreias, infecções respiratórias, otites, entre outras. A amamentação nos primeiros anos de vida da criança, pode prevenir o surgimento de doenças em outros períodos, inclusive na vida adulta (Brasil, 2019).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde do Brasil (MS) preconizam que as crianças com até seis meses de vida devem ser alimentadas exclusivamente com leite materno e, após os seis meses, o aleitamento seja complementado com outros alimentos, de forma oportuna e saudável, até os dois anos ou mais. Entretanto, as taxas de prevalência do Aleitamento Materno Exclusivo (AME), em menores de seis meses, no Brasil, estão aquém do recomendado (Amaral SA, *et al* 2020).

Em 2019, a prevalência de aleitamento materno exclusivo (AME) entre crianças com idade inferior a 4 meses foi de 60% no país, sendo o percentual mais elevado na Região Sudeste (63,5%) e menor no Nordeste (55,8%). Contudo, a taxa cai para 45% até os 6 meses, idade recomendada para AME pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A comparação dos dados do Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI) com outras pesquisas de representatividade nacional direcionadas para avaliar crianças menores de 5 anos (1986, 1996

e 2006) permite avaliar a evolução desses indicadores no decorrer de 34 anos no Brasil, com uma lacuna de conhecimento de 14 anos (entre 2006 e 2020), (UFRJ, 2020).

As vantagens do aleitamento materno (AM) para mãe e filho são amplamente reconhecidas e respaldadas pela ciência. O AM oferece uma rica quantidade de nutrientes, fortalece a imunidade, e atua na prevenção dos "três D": diarreia, desidratação e desnutrição, além de contribuir para a resistência a doenças respiratórias. Há evidências que indicam a amamentação como uma medida protetora contra o excesso de peso, a obesidade e a redução do risco de diabetes mellitus na fase adulta (Ferreira *et al.*, 2023).

A amamentação é uma estratégia crucial para promover o desenvolvimento, fortalecer vínculos, e proporcionar nutrição, contribuindo para o desenvolvimento intelectual, prevenção de diversas condições como obesidade, doenças cardíacas, infecciosas e alérgicas, alívio de cólicas, além de auxiliar no alcance do peso ideal com nutrientes e vitaminas essenciais. Essa prática é reconhecida como a intervenção natural mais significativa e econômica para reduzir a morbimortalidade infantil, diminuindo a incidência de câncer de mama e útero, e impactando positivamente nos indicadores de saúde da sociedade como um todo. (Braga *et al.*, 2020).

Segundo estudos (Amorim *et al.* 2023), relata sobre a importância da promoção do aleitamento materno, dando destaque na Atenção Primária em Saúde (APS), em vista de que, o enfermeiro, como profissional de saúde participa desde o início da gestação da parturiente, assim deve estar preparado para intervir nos cuidados extra-hospitalares e inter realizando ações de cuidados em saúde, cuidados com os seios e orientando sobre a nutrição do nascituro.

Santana *et al.* (2023) apresentam, a promoção do aleitamento materno à mães parturientes no disposto da Lei nº 7.498 /1986, que dispõem sobre a atuação do enfermeiro na realização de consultas de enfermagem, além de mediar, prescrever medicações e desenvolver atividades em grupo, além de acompanhar e encaminhar a parturiente para outras especialidades.

Em resumo, o conhecimento dos fatores favoráveis associados à adesão ao aleitamento materno pode necessitar de intervenções e políticas públicas de incentivo, proteção e apoio a essa prática, uma vez que a amamentação e a utilização do leite humano devem ser priorizadas e apoiadas.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura com foco nas práticas e benefícios associados ao aleitamento materno, incluindo a promoção do aleitamento exclusivo e a educação em saúde. A revisão foi realizada com base em dados obtidos nas bases de dados Medline (National Library of Medicine, Estados Unidos), Lilacs (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e SciELO (Scientific Electronic Library Online) nos períodos de 2019 a 2024.

Foi realizada a utilização as palavras-chaves relevantes “leite materno”, “aleitamento materno exclusivo” e “enfermagem” onde a bases de dados dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) definiram a coerência dos descritores. Sendo utilizado a metodologia PICO para formular as questões de pesquisa: Mães e lactantes (P) que recebem intervenções de promoção do aleitamento materno exclusivo (I) em comparação à educação em saúde sem foco específico (C) têm um aumento nas taxas de aleitamento exclusivo e uma melhora no conhecimento sobre a prática (O). Para a seleção dos artigos, foram definidos critérios de inclusão e exclusão:

Estudos publicados entre 2019 e 2024.

Artigos que abordassem diretamente a amamentação, com foco em "leite materno", "aleitamento materno exclusivo" e "educação em saúde", conforme os descritores da Biblioteca Virtual em Saúde (DeCS).

Pesquisas que apresentassem dados originais ou revisões sistemáticas sobre os

benefícios e práticas da amamentação.

Critérios de Exclusão:

Estudos que não tratassem especificamente da amamentação ou que abordassem apenas a alimentação complementar.

Artigos que não estivessem o período de 2019 a 2014.

Trabalhos que não apresentassem resultados relevantes ou que não utilizassem metodologias adequadas.

Após a aplicação desses critérios, foram inicialmente identificados 35 artigos. Após a filtragem, apenas 9 (nove) artigos atenderam aos critérios estabelecidos e foram mantidos para análise final. Cada um desses estudos foi lido e analisado de forma crítica, considerando aspectos como clareza dos objetivos, adequação dos métodos, rigor na análise de dados e profundidade na discussão dos resultados. A síntese das evidências obtidas nos artigos selecionados possibilitou uma compreensão abrangente sobre a temática da amamentação, contribuindo para o fortalecimento das práticas de educação em saúde desse tema se justifica pela sua relevância na saúde pública, visto que a amamentação é um fator crucial para o desenvolvimento saudável de crianças e está diretamente relacionada à redução de doenças na infância.

É dispensado passar pela comissão de ética segundo a Resolução CNS nº 466/2012 que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos, tendo em vista que o estudo se trata da revisão bibliográfica já existente

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apesar da intenção materna de amamentar, as razões para o desmame precoce, relatadas pelas mães, destacam a necessidade de ampliar as políticas públicas que visam à proteção, promoção e apoio à amamentação. Para alcançar esse objetivo, é essencial fortalecer a rede de apoio, envolver a família e contar com a atuação da equipe de saúde, proporcionando suporte para um processo de amamentação tranquilo e bem-sucedido, iniciando já durante a atenção pré-natal (Amaral et al., 2020).

Conforme Cabral et al. (2023), o leite materno destaca-se como a alimentação mais completa para os lactentes, especialmente nos primeiros meses de vida, proporcionando nutrientes essenciais em proporções adequadas para um organismo em desenvolvimento. Além de sua riqueza nutricional, o leite materno oferece proteção contra infecções, contribui para evitar hospitalizações e reduz a incidência de morbidade relacionada à diarreia e a infecções respiratórias. Adicionalmente, demonstra eficácia na prevenção de episódios de otite média, asma e na redução da mortalidade por síndrome da morte súbita infantil.

Observa-se, assim, a imprescindível necessidade de contar com profissionais que auxiliem nesse momento, fornecendo orientações e enfatizando a importância da amamentação tanto para o bebê quanto para a mãe. Além disso, no contexto da promoção do aleitamento materno, é benéfico utilizar diversos recursos educativos, como cartilhas, folhetos, vídeos explicativos e orientações. O enfermeiro desempenha um papel crucial e principal na aplicação dessas ferramentas, dada sua conexão mais estreita com o paciente, permitindo-lhe estimular e aconselhar de maneira eficaz (Ferreira et al., 2023).

Amorim et al., (2023) demonstraram em seus estudos que, por meio de ações educativas, estão corroborando o processo de desmame. Assim, a Educação Permanente em Saúde é uma ação eficaz que contribui para a aplicabilidade do Plano de Cuidados da Paciente. Os profissionais de enfermagem contribuem para a promoção da autoconfiança, a desmitificação de crenças, e oferecem suporte e apoio emocional, além de abordar a vulnerabilidade e o isolamento social, entre outros. Almeida et al., (2023) enfatizam que as mulheres parturientes devem receber apoio de todos os profissionais da saúde ainda na sala de

parto e esses profissionais requer a responsabilidade das mães amamentar o seu bebê precocemente, cabendo ao enfermeiro fornecer ações de orientações e informações necessárias. Além de auxiliar no manejo da lactação. Assim, promove o apoio a amamentação por meio de habilidades técnicas agregando o conhecimento científico

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na revisão realizada, destaca-se a importância do enfermeiro como um pilar crucial para o acompanhamento e orientações durante o pré-natal, pós-parto e no desenvolvimento da criança. Os enfermeiros desempenham um papel fundamental como ponto de apoio, abordando dúvidas e ansiedades durante esse período crucial na vida da mulher e do bebê, incentivando a prática do aleitamento materno.

Foi demonstrado importância das promoções em saúde no âmbito da Atenção Primária em Saúde (APS), realizando ações de cuidados em saúde, cuidados com os seios e orientando sobre a nutrição do recém-nascido (RN).

Convém ressaltar que os benefícios do AME, são os mais diversos, incluindo: diminuição na morbimortalidade, evita a diarreia, evita infecções do trato respiratório, diminui o risco de alergias, diminui o risco de hipertensão, colesterol alto e diabetes, reduz a chance de obesidade, melhor nutrição, efeito positivo na inteligência, melhor desenvolvimento da cavidade bucal; e para a nutriz, proteção contra o câncer de mama, evita nova gravidez, menores custos financeiros, promoção do vínculo afetivo entre mãe e filho e melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

AMARAL SA, Bielemann RM, Del-Ponte B, Valle NCJ, Costa CS, Oliveira MS et al. INTENÇÃO DE AMAMENTAR, DURAÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO E MOTIVOS PARA O DESMAME: UM ESTUDO DE COORTE, Pelotas, RS, 2014. *Epidemiol Serv Saude*. 2020;29(1):e2019219.

AMARAL, Sheila Afonso do et al. Intenção de amamentar, duração do aleitamento materno e motivos para o desmame: um estudo de coorte, Pelotas, RS, 2014. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, 2020

AMORIM, M. V., Souza, T. R. R. Do Ó, T. A. L. F. Silva, E. A. Spinelli, C. B. Alves, E. R. Lima, J. R. Silva, R. S. Vasconcelos, T. R. C. Santos, R. S. Lisboa, A. C. Pereira Filho, F. Simões, V. S. Silva, J. A. B. Neves, R. T. F. Rabelo, J. B. Lima, S. R. B. et al. (2023). ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO AO ALEITAMENTO MATERNO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 4(5), 951–974. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n4p951-974>

Almeida L. V. Gomes, F. I. A. S. Sousa, M. E. R. Souza, R. M. C. Serra, L. S. Vasconcelos, M. G. A. Gomes, M. R. F. et al. (2023). Aleitamento Materno Exclusivo (AME): ações de enfermagem. *Revista FT- Ciência da Saúde*. ed. 123. 10.5281/zenodo.8400265. <https://revistaft.com.br/aleitamento-maternoexclusivo-ame-acoes-de-enfermagem/>

BATISTA, Nayara Tomazi et al. FATORES ASSOCIADOS À ADESÃO AO ALEITAMENTO MATERNO EM LACTENTES COM FISSURA OROFACIAL:

REVISÃO DE ESCOPO. *Cogitare Enfermagem*, v. 29, p. e92894, 2024.

BRAGA, M. S. et al. The Benefits of Breastfeeding for Child Development. *Brazilian Journal of Development*. v. 6, n. 9, p. 70250-70261, 2020.

CABRAL, P.A.; et al. A IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO NOS PRIMEIROS MESES DE VIDA. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, v.2,2023.

Christoffel MM, Gomes ALM, Julio CLA, Barros JF de, Rodrigues E da C, Góes FGB, et al.. EXCLUSIVE BREASTFEEDING AND PROFESSIONALS FROM THE FAMILY HEALTH STRATEGY. *REV BRAS ENFERM* [Internet]. 2022;75(3):e20200545. Available from: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0545>

FERREIRA, Ana Paula Matos et al. Tecnologias educacionais direcionadas ao aleitamento materno produzidas na pós-graduação em enfermagem brasileira. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, v. 27, n. 2, p. 720-736, 2023.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2019

SANTANA, A. P. S. Silva, S. T. & Martins. L. S. (2023) ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO NO ALEITAMENTO MATERNO: UMA REVISÃO DE LITERATURA. *ARQUIVO DA CIÊNCIA DA SAÚDE DA UNIPAR*. (27)6. 323632-46.
<https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i6.2023-070>
<https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/10392/4903>.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estudo nacional de alimentação e nutrição infantil: ENANI-2019: resultados preliminares: indicadores de aleitamento materno no Brasil [Internet]. Rio de Janeiro: UFRJ; 2020[cited 2020 Mar 16]. Available from: https://enani.nutricao.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/12/Relatorio-parcial-aleitamento-materno_ENANI-2019.pdf

ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADAS EM CASA LAR: NOTA PRÉVIA

Douglas Henrique Stein¹; Juliana Traczinski¹; Tainara Giovana Chaves de Vargas²; Andressa da Silveira

Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria¹, Mestrando em Saúde e Ruralidade pela Universidade Federal de Santa Maria²,

steindouglas9@gmail.com

RESUMO

Introdução: O acolhimento institucional é uma medida de proteção provisória e excepcional para crianças e adolescentes que tenham os direitos fundamentais violados pela família, Estado, sociedade ou por sua conduta. A Casa Lar é uma modalidade de instituição que acolhe menores de 0 a 18 anos, oferecendo suporte integral em um ambiente que se assemelha ao familiar, devendo dar suporte às necessidades físicas e sociais de seus acolhidos. **Objetivo:** Conhecer as potencialidades e desafios vivenciados pelos profissionais que atuam na institucionalização de crianças e adolescentes em uma Casa Lar. **Metodologia:** Trata-se de uma nota prévia de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório que será realizado com profissionais de uma Casa Lar na região central do Rio Grande do Sul, que atuam no processo de acolhimento e cuidado de crianças e adolescentes. A coleta de dados será feita por meio de entrevista semiestruturada, cujos dados serão transcritos e submetidos à análise temática de conteúdo. **Conclusão:** Espera-se que os resultados contribuam para o desenvolvimento de estratégias de capacitação e suporte desses profissionais, além de servir como base para futuros estudos sobre as limitações e habilidades no acolhimento institucional.

Palavras-chave: orfanatos; criança institucionalizada; adolescente institucionalizado

1 INTRODUÇÃO

O acolhimento institucional é uma medida de proteção provisória e excepcional para crianças e adolescentes que, segundo o art. 98 da Lei N° 8.069 de 13 de julho de 1990, tenham seus direitos violados “*I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II – por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III – em razão de sua conduta.*” (BRASIL, 1990). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 4º, determina que é responsabilidade da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com prioridade absoluta, a garantia dos direitos à vida, saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade e convivência familiar e comunitária (Brasil, 1990).

Considerando que as crianças e adolescentes são aqueles com idade entre zero e dezoito anos incompletos (Brasil, 1990) e encontram-se em processo de desenvolvimento, esses precisam ser protegidos e ter seus direitos preservados. Desse modo, torna-se necessário que esses indivíduos sejam cuidados e educados em ambiente familiar, podendo ser pela sua família de origem ou, em determinadas situações previstas em lei, em uma família substituta, reconhecendo-se o direito à convivência familiar e comunitária (Schenkel *et al*, 2023).

Quando os direitos das crianças e adolescentes, dispostos na legislação, são ameaçados ou violados, por questões de violência, abuso de drogas, abandono ou negligência, o acolhimento institucional surge como uma medida de proteção necessária. Nesses casos em que ocorre o afastamento da família, são encaminhados para instituições de acolhimento, que têm a

responsabilidade de oferecer um suporte integral. Esse suporte inclui a garantia de um ambiente seguro e acolhedor, com cuidados físicos e emocionais e atendimento às necessidades básicas (Czelusniak *et al.*, 2023).

As instituições de acolhimento, possuem um papel essencial para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes acolhidos, devendo oferecer um lugar seguro e acolhedor, destacando-se nesse contexto a modalidade de acolhimento institucional Casa Lar, que acolhe crianças e adolescentes de 0 a 18 anos de idade sob medida de proteção e supervisão integral de um educador social.

A Casa Lar é um serviço de acolhimento provisório oferecido em unidades residenciais, onde pelo menos uma pessoa atua como educador residente, prestando cuidados a um grupo de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por medida protetiva. O objetivo desse serviço é criar um ambiente semelhante ao familiar, promovendo a autonomia e a interação social, além de favorecer a reintegração à família de origem ou encaminhamento para uma família substituta. A Casa Lar deve estar localizada em áreas residenciais, receber supervisão técnica, e seguir o padrão socioeconômico da comunidade, atendendo às diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente, especialmente no fortalecimento dos vínculos familiares e sociais (Brasil, 2009).

Ainda, devem ser garantidos aos acolhidos: alimentação, higiene, construção de um projeto de vida, bem como a estruturação emocional, garantindo o acesso à educação, saúde e convivência com a comunidade. Ademais, devem ser respeitados os aspectos individuais como a raça, etnia, gênero, religião, entre outros (Schenkel *et al.*, 2023).

A equipe mínima que deve atuar em uma Casa Lar é composta por: educadores sociais e auxiliares de educadores capacitados, bem como uma equipe técnica qualificada formada minimamente por um psicólogo, um assistente social e um coordenador (Brasil, 2009).

Frente a essas premissas, observa-se que profissionais que atuam nas instituições de acolhimento de crianças e adolescentes possuem grande responsabilidade na ambientação do acolhido e seu processo de cuidado, exercendo seu papel em conformidade com o que se prevê no ECA. Perante o exposto, questiona-se: “Quais são as principais potencialidades e desafios vivenciados pelos profissionais que atuam na institucionalização de crianças e adolescentes?”. O presente estudo tem como objetivo conhecer as potencialidades e desafios vivenciados pelos profissionais que atuam na institucionalização de crianças e adolescentes em uma Casa Lar.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma nota prévia de um estudo de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, que será desenvolvido mediante entrevista semiestruturada composto por um roteiro de caracterização sociodemográfica e perguntas abertas e fechadas.

Serão participantes do estudo os profissionais que atuam no cuidado e acolhimento de crianças e adolescentes institucionalizados. Foi adotado como critério de inclusão para participar do estudo: ser profissional da instituição há pelo menos seis meses. Serão excluídos aqueles que estiverem em férias ou afastados do trabalho no período da produção de dados.

O estudo será desenvolvido em uma Casa Lar que abriga crianças e adolescentes com idade entre 0 e 18 anos incompletos. O cenário do estudo está localizado na região central do estado do Rio Grande do Sul. A instituição em questão é uma Organização Não Governamental (ONG), a qual dispõe de um prédio institucional e duas Casas Lar, onde se localiza também a sala da equipe técnica. A ONG presta assistência a crianças e adolescentes afastados do convívio familiar sob medida de proteção.

A instituição possui uma equipe técnica composta por uma enfermeira, uma nutricionista, três psicólogas, três assistentes sociais, uma coordenadora técnica e uma coordenadora administrativa.

Na Casa Lar é realizada a assistência, cuidado e abrigo de crianças e adolescentes. O ambiente assemelha-se ao familiar, incentivando a autonomia e interação social, com o intuito de oferecer suporte para a reintegração familiar.

A fim de organizar o processo de produção de dados, uma reunião prévia foi realizada com a equipe técnica para que os objetivos do estudo fossem esclarecidos. A partir da anuência, um cronograma foi elaborado para que as entrevistas fossem agendadas com os profissionais no espaço da Casa Lar. Deste modo, está prevista a finalização da coleta de dados no segundo semestre de 2024. As entrevistas serão desenvolvidas em uma sala anexa à Casa Lar, as enunciações serão gravadas em mídia digital e, posteriormente, serão transcritas e submetidas à análise temática de conteúdo.

O estudo segue a legislação que aborda sobre pesquisa com seres humanos. O projeto matricial da pesquisa já possui aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, através do parecer número 4.594.243.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Espera-se com a realização desse estudo identificar quais são as potencialidades e desafios vivenciados no cotidiano dos profissionais que atuam no processo de institucionalização e cuidado de crianças e adolescentes que vivem em Casa Lar.

A partir disso, pretende-se contribuir positivamente para o desenvolvimento de estratégias voltadas para a capacitação, suporte e intervenção desses profissionais.

Conforme a literatura, ressalta-se que os educadores sociais, auxiliares de educadores e membros da equipe técnica, são profissionais que atuam no cuidado direto às crianças e adolescentes, atendendo suas demandas básicas e promovendo o desenvolvimento integral dos acolhidos. Suas atividades incluem a construção de vínculos afetivos, o acompanhamento nos serviços de saúde e educação, mediação de conflitos, promoção à participação em atividades lúdicas e culturais e a preparação para o retorno à família de origem ou para a inserção em uma família substituta (Ito e Azevedo, 2021).

Diante disso, se reconhece que a escuta atenta, a capacidade de empatia e a construção de um projeto de vida individualizado são essenciais para auxiliar as crianças e adolescentes a superarem traumas vivenciados e, por isso, os profissionais devem estar devidamente capacitados para atender essas questões (Ito e Azevedo, 2021).

O guia de Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes reafirma que a presença da equipe técnica, educadores e seus auxiliares, devem proporcionar uma relação estável no ambiente institucional, visto que na maioria das situações esses profissionais assumem um lugar de referência para essas crianças e adolescentes. Por isso, é importante que o trabalhador possua condições dignas de trabalho e uma boa remuneração (Brasil, 2009).

Ademais, o trabalho de acolhimento deve basear-se em um atendimento com estratégias que se aprofundem em diferentes níveis de cuidado e de acordo com as individualidades de cada criança e adolescente, devendo ser livre de preconceitos e discriminação (Brasil, 2009). Visto isso, os profissionais cuidadores, juntamente com a equipe técnica manifestaram interesse em participar do estudo para identificar possíveis desafios e aprofundar os conhecimentos sobre o acolhimento institucional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise detalhada dos dados a partir das entrevistas coletadas permitirá identificar as principais fragilidades possibilitando intervenções que visem a melhoria, além de proporcionar melhores métodos para treinamento e capacitação dos profissionais que atuam na casa lar. Além

disso, esta pesquisa pretende servir como um ponto de partida para futuros estudos e iniciativas que potencializem as habilidades dos profissionais no momento do acolhimento institucional, permitindo assim uma melhora na qualidade do cuidado, atenção e serviços oferecidos a crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Desktop/TCC/eca-2023.pdf>.

CZELUSNIAK, Caroline Boaventura *et al.* Implicações da Prática Profissional no Acolhimento Institucional de Crianças: Perspectiva de Cuidadoras. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003251630>.

ITO, S. I; AZEVEDO, A. V. S. **Educadores sociais em abrigos destinados a crianças e adolescentes: revisão sistemática**. *Contextos Clínic* [online]. 2021, vol.14, n.1. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822021000100014&lng=pt&nrm=iso.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**. 2ª edição. Brasília 2009.

SCHENKEL, Yan Vinícius de Souza *et al.* Acolhimento institucional na voz de cuidadoras de crianças e adolescentes que vivem em Casa Lar. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 13, p. e13, 16 jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2179769272181>.

OS IMPACTOS DO CONSUMO DA PORNOGRAFIA NO DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOSSOCIAL DO ADOLESCENTE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Júlia Alves Valois Galvão¹; Eduarda Eguchi de Andrade Souza¹; Nicole Andrade da Cunha¹; Aline Barreto Hora².

¹Graduanda em Medicina, Universidade Tiradentes, Aracaju. Sergipe, ²Mestra em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes, Aracaju. Sergipe.

julia.valois@souunit.com.br

RESUMO

Com a popularização de conteúdos eróticos na internet, a indústria pornográfica se consolidou como uma das mais lucrativas do mundo até os dias atuais. Com isso, observa-se que esse tipo de material tornou-se muito acessível, vulnerabilizando o adolescente a consumir a pornografia antes mesmo de receber qualquer orientação familiar ou escolar e pondo em risco, portanto, a sua integridade neuropsicossocial. Atrelado a isso, o objetivo do presente estudo foi analisar os efeitos negativos do consumo da pornografia ao desenvolvimento neurológico, psicológico e social do adolescente. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura que utilizou 10 artigos selecionados nas bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed e Google Scholar, publicados nos últimos 5 anos que relataram sequelas do consumo de conteúdos eróticos em pacientes hebiátricos.

Palavras-chave: adolescente; desenvolvimento do adolescente; pornografia.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da tecnologia e a criação da internet na década de 1990, houve inúmeras transformações sociais drásticas, dentre elas, a popularização de conteúdos eróticos, o que consolidou a indústria pornográfica como uma das mais lucrativas do mundo até os dias atuais (Almeida de Espindola et. al., 2023). Além disso, atualmente, o acesso à pornografia caracteriza-se por ser de extremo fácil acesso nas mídias sociais, tendo em vista que o material está disponibilizado de forma irrestrita e o usuário pode consumi-lo sem ser identificado e sem que seja necessário dispor de uma grande quantidade de dinheiro (Almeida de Espindola et. al., 2023).

Devido a essa facilidade, nota-se que esse tipo de conteúdo chega ao público adolescente, geralmente, antes de existir orientação familiar e escolar sobre educação sexual (Munk; Azul, 2022). Isso porque, no Brasil, esse tópico não costuma ser abordado com os jovens, sob a justificativa de evitar a promoção de uma suposta ideologia de gênero ou de uma apologia ao ato sexual (Cassiavilani; Albrecht, 2022). Dessa forma, consolidou-se a crença social de que discutir sobre esse tema ameaça a infância e a estrutura familiar, assim, os jovens não possuem o acesso a informações de uma forma segura e sim por outros meios não confiáveis, dentre eles, a pornografia (Almeida de Espindola et. al., 2023). Ademais, a legislação brasileira não retrata sobre a sexualidade ou educação sexual, o que ressalta os

retrocessos das discussões sociopolíticas sobre esse assunto (Almeida de Espindola et. al., 2023).

Diante disso, o consumo de pornografia na adolescência influencia negativamente em diversos âmbitos da vida, como o biológico, social e emocional do indivíduo (Li et al., 2023). Dentre alguns malefícios, destaca-se o aumento do grau de dependência que, devido a uma imaturidade do córtex pré-frontal próprio dessa faixa etária, permite uma postura mais agitada e estressada, o que pode proporcionar impactos psicológicos, como culpa excessiva por não conseguir cessar o consumo (Jiang et al., 2022). Ademais, a exposição à pornografia possibilita a idealização do sexo, bem como a perspectiva equivocada de que mulheres são apenas objetos sexuais, influenciando negativamente em aspectos sociais dos adolescentes (Jhe et al., 2023).

Frente ao exposto, o presente estudo tem como objetivo descrever o potencial prejudicial do consumo da pornografia ao desenvolvimento neurológico, psicológico e social do adolescente.

2 METODOLOGIA

O presente estudo se trata de uma revisão de literatura elaborada a partir da utilização das bases de dados PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Scholar. Os descritores aplicados para a busca dos artigos foram: “Pornografia” “Adolescente” e “Desenvolvimento”, isolados ou combinados entre si através da aplicação do operador booleano AND. Como critérios de inclusão, foram utilizados 10 artigos em português e inglês, publicados nos últimos 5 anos (entre 2019 e 2024), os quais enquadram-se no escopo do objeto de estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil, observa-se um alto índice de adolescentes expostos à pornografia de forma precoce nas mídias sociais (Almeida de Espindola et. al., 2023). Isso reflete na alta incidência de prejuízos ao desenvolvimento neuropsicossocial durante a adolescência, como comportamento compulsivo, traumas psicológicos e incitação à violência sexual (Maciel, 2023; Castro Alves & Firmo, 2020).

3.1 Prejuízos da pornografia no desenvolvimento neurológico do adolescente

Dentre os diversos impactos negativos dessa exposição precoce ao qual o adolescente, de modo geral, está vulnerável, destacam-se os danos neurológicos (Maciel, 2023). Diante disso, observa-se que áreas cerebrais, como amígdala, giro do cíngulo e estriado ventral estão mais ativas nos indivíduos que consomem, de forma exacerbada, conteúdos pornográficos quando comparado a jovens que não o fazem. Tendo em vista que essas áreas estão associadas aos sistemas de recompensa cerebral e límbico, nota-se que a sua maior ativação relaciona-se a uma alteração da dinâmica cerebral, o que proporciona um aumento do comportamento compulsivo e, por fim, o desenvolvimento do vício (Maciel, 2023).

Dessa maneira, a pornografia, assim como as drogas psicoativas, possibilita a liberação excessiva de dopamina, neurotransmissor relacionado aos sentimentos de recompensa e de satisfação (Maciel, 2023). A liberação excessiva desse mensageiro químico possibilita uma dessensibilização de seus receptores, o que pode resultar em um comportamento compulsivo por parte do indivíduo que consome esses conteúdos, devido ao desenvolvimento de uma necessidade de estímulos mais frequentes e intensos para obter a mesma sensação de prazer (Araújo et al., 2023).

3.2 Prejuízos da pornografia no desenvolvimento psicológico do adolescente

No tocante aos danos psicológicos, observa-se que a exposição precoce à pornografia pode afetar o adolescente em diversas intensidades, seja pela provocação de emoções como nojo, choque e constrangimento, como pelo desenvolvimento de traumas psicológicos severos (Castro Alves; Firmo, 2020). Tendo em vista que a mente do adolescente tem a imitação como um importante mecanismo de construção da sua própria identidade, a pornografia apresenta a reprodução de comportamentos erotizados e violentos como um de seus efeitos negativos à mente do indivíduo (Castro Alves; Firmo, 2020).

Além disso, é comum que o adolescente passe a desenvolver crenças sexuais irreais acompanhadas do sentimento de frustração diante da comparação dos seus primeiros relacionamentos afetivos com o ato sexual representado nos vídeos e imagens eróticos (Castro Alves; Firmo, 2020). Dessa forma, esse tipo de comparação predispõe o indivíduo a iniciar atividades sexuais de forma precoce e irresponsável, sendo comum, nesses casos, a não utilização de preservativos, relações com múltiplos parceiros e a passividade diante de agressões físicas e verbais, pois, dentro do contexto pornográfico, essas atitudes são normalizadas (Pirrone, et al., 2021).

3.3 Prejuízos da pornografia no desenvolvimento social do adolescente

Em relação aos danos à sociabilidade do adolescente, nota-se que a linguagem utilizada por atores e atrizes que protagonizam conteúdos pornográficos sugere uma conexão entre excitação e estupro, humilhação e tortura, o que acaba sendo preocupante, uma vez que normaliza situações de agressão durante o ato sexual (Maciel, 2023). Nesse sentido, os jovens, influenciados pelo consumo desses materiais eróticos, são dessensibilizados em relação à gravidade de atos de violência durante a relação sexual, provocando neles a necessidade de praticar agressões verbais e, até físicas contra o seu parceiro ou parceira para atingir o prazer já experienciado com o uso da pornografia (Maciel, 2023).

Dentre esses danos, destacam-se, também, a baixa autoestima e o distanciamento emocional e físico do parceiro, tendo em vista que a pornografia apresenta potencial de desenvolver no indivíduo sequelas como distúrbios de excitação, ansiedade de desempenho e expectativas irreais, podendo causar, inclusive, disfunção erétil nos homens. Essa autoimagem negativa pode interferir, portanto, no desempenho escolar ou laboral do adolescente, visto que o foco de seus pensamentos passa a ser a pornografia e todas as crenças e comparações irreais por ela reforçadas (Maciel, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é evidente que o consumo de pornografia por adolescentes implica em diversos aspectos de suas vidas, contudo, trata-se de um quadro epidemiológico na sociedade brasileira atual. Portanto, é fundamental a atuação dos responsáveis e da escola no processo de instrução do adolescente acerca da sexualidade frente ao acesso facilitado à pornografia a esse público, no intuito de prevenir ou amenizar os potenciais danos, expostos no texto, ao desenvolvimento neuropsicossocial.

Dessa forma, evidencia-se que é de suma importância o desenvolvimento de pesquisas e revisões de literatura acerca dos impactos negativos da exposição à pornografia sofrida por adolescentes, tendo em vista que tais produções impulsionam a difusão do conhecimento, não apenas para a comunidade científica, como, também, para a população leiga, de forma a viabilizar a conscientização de famílias e escolas, órgãos responsáveis pela educação dos adolescentes, sobre como prevení-los dos diversos riscos que conteúdos eróticos presentes nas

mídias sociais trazem para a sua saúde.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. R. et al. A influência do uso da pornografia virtual no desempenho sexual e na vinculação afetiva. **ReASE**, v. 9, n. 9, set. 2023. Disponível em: doi.org/10.51891/rease.v9i9.11678.

BAUMEL, C. P. C. et al. Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências. **Psico-USF**, v. 24, p. 131–144, 2019.

BOUCHARDET, C.; Orientadora, D.; VIDAL DE OLIVEIRA, A. (s.d.). Impactos da pornografia na saúde dos adolescentes: uma análise a partir dos direitos fundamentais. Recuperado de

https://www.pucrio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2016/relatorios_pdf/ccs/DIR/DIR-Carolina_Dias.pdf.

CASTRO ALVES, A. L. R., & FIRMO, H. M. de S. (2020). Uma análise acerca do consumo de pornografia por adolescentes e os efeitos no desenvolvimento de sua sexualidade. **SEMPESq - Semana De Pesquisa Da Unit - Alagoas**, (8). Recuperado de https://eventos.set.edu.br/al_sempesq/article/view/13922

ESPÍNDOLA, B. A. de; SEIDL, E. M. F.; COSTA, L. F. Pornografia e a ofensa sexual cometida por adolescentes: uma revisão narrativa. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 32, n. 76, p. 32-44, 8 jan. 2023.

JHE, G. B. et al. Pornography use among adolescents and the role of primary care. **Family Medicine and Community Health**, v. 11, n. 1, p. e001776, 17 jan. 2023.

JIANG, X. et al. Symptoms of problematic pornography use among help-seeking male adolescents: Latent profile and network analysis. **Journal of Behavioral Addictions**, 5 set. 2022.

LI, L. et al. Family functioning and problematic internet pornography use among adolescents: a moderated mediation model. **Frontiers in Public Health**, v. 11, 15 jun. 2023.

MACIEL, N. D. S. (2023). Consumo Excessivo de Pornografia e Suas Possíveis Consequências na Vida do Usuário. Dissertação de graduação, Centro Universitário Christus. Recuperado de

<https://repositorio.unichristus.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1566/3/NADIA%20DOMINIQUE%20DE%20SOUSA%20MACIEL.pdf>.

PIRRONE, D. et al. Pornography Use Profiles and the Emergence of Sexual Behaviors in Adolescence. **Archives of Sexual Behavior**, 22 nov. 2021.

DOAÇÃO DE LEITE MATERNO: UM ALIADO PODEROSO CONTRA A MORTALIDADE NEONATAL

Giovana Paula Caetano¹; Lívia Garcia Teixeira¹; Liliane Mendes de Andrade Valadão²

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário de Patos de Minas¹, Médica pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais².

giovanapaula13@outlook.com

RESUMO

A mortalidade neonatal, que ocorre nos primeiros 28 dias de vida, é um problema global, que responde por cerca de 47% das mortes infantis. O leite materno é crucial para a sobrevivência dos recém-nascidos, fornecendo nutrientes e imunidade essenciais. Os Bancos de Leite Humano (BLH) desempenham um papel fundamental ao oferecer leite doado para bebês prematuros ou de baixo peso que não podem ser amamentados diretamente por suas mães. Estudos mostram que o uso de leite materno doado reduz a mortalidade neonatal e a morbidade, minimizando o risco de infecções graves e promovendo melhor desenvolvimento neurocognitivo. Este estudo revisou a literatura recente sobre a importância dos BLH na saúde neonatal, utilizando bases de dados como PubMed e SciELO. A revisão confirmou que o leite humano pasteurizado dos BLHs está associado a uma redução significativa na mortalidade e infecções em bebês prematuros. Apesar dos benefícios comprovados, a cobertura dos BLHs é limitada, especialmente em países em desenvolvimento, devido a desafios logísticos e falta de infraestrutura. Expansão e apoio contínuo a essas iniciativas são recomendados para otimizar os benefícios e reduzir a mortalidade neonatal.

Palavras-chave: bancos de leite; mortalidade neonatal; saúde neonatal

1 INTRODUÇÃO

A mortalidade neonatal é uma preocupação global que afeta milhões de recém-nascidos a cada ano, especialmente nos primeiros 28 dias de vida, período crítico em que ocorrem cerca de 47% de todas as mortes infantis. Entre os fatores que influenciam a sobrevivência neonatal, a alimentação desempenha um papel essencial, com o leite materno sendo amplamente reconhecido como o alimento ideal para bebês, devido às suas propriedades nutricionais e imunológicas únicas (Fonseca *et al.*, 2021; Quitadamo *et al.*, 2021).

Nesse contexto, os Bancos de Leite Humano (BLH) emergem como uma importante estratégia de saúde pública, oferecendo leite materno doado para recém-nascidos prematuros ou de baixo peso que não podem ser amamentados diretamente por suas mães. Estudos recentes têm demonstrado que o acesso ao leite humano doado pode reduzir significativamente os índices de mortalidade e morbidade neonatal, diminuindo o risco de infecções graves, como a enterocolite necrosante, além de promover melhor desenvolvimento neurocognitivo e imunológico (Silva *et al.*, 2023).

Especialmente para os bebês prematuros mais vulneráveis, o leite humano doado fornece uma ponte útil para a nutrição com proteção imunomediada a esses recém-nascidos. Mesmo com o avanço nas fórmulas para bebês, nenhuma outra fonte alimentar pode igualar a matriz bioativa de benefícios encontrada no leite materno humano (Kashyap, V., Choudhari, S. G, 2024).

Portanto, investigar o impacto dos BLH na saúde neonatal é fundamental para entender

como a ampliação desse serviço pode salvar vidas e melhorar os desfechos clínicos em unidades de terapia intensiva neonatal ao redor do mundo.

2 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura sobre a importância dos bancos de leite e como eles podem ser fortes aliados na redução da mortalidade neonatal. Um trabalho de revisão de literatura é uma pesquisa acadêmica que sintetiza, analisa e discute as informações existentes sobre um determinado tema. A busca foi realizada durante os meses de julho e agosto de 2024, considerando estudos publicados nos últimos dez anos. As bases de dados utilizadas foram: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), National Library of Medicine (PubMed MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Essas bases foram escolhidas por sua abrangência e relevância na área médica e de saúde pública.

Para nortear a busca, foram utilizados os seguintes descritores em português e inglês “banco de leite”, “banco de leite humano”, “morbidade neonatal”, “leite materno”, “propriedades do leite humano”, “neonatal”. Os descritores controlados serão selecionados no MESH (Medical Subject Headings) e no DeCs (Descritores em Ciências da Saúde). Foram utilizados os operadores booleanos “AND” e “OR” para combinar os termos e “NOT” para excluir artigos irrelevantes ao tema.

Foram encontrados 28 artigos, nos idiomas português e inglês. A partir disso, foram excluídos aqueles que não se adequavam ao tema delimitado ou que não estavam disponíveis na íntegra. Por fim, foram incluídos 10 trabalhos, que atendiam aos objetivos dessa revisão, cujos dados foram criteriosamente analisados, buscando identificar a relação entre os bancos de leite humano e a sua importância na redução da mortalidade de recém-nascidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Bancos de Leite Humano oferecem um meio seguro de garantir que recém-nascidos em situações críticas recebam os nutrientes essenciais presentes no leite materno, minimizando o risco de enterocolite necrosante, uma das principais causas de óbito em bebês prematuros, além da diminuição do risco de sepse e displasia broncopulmonar (Colaizy *et al.*, 2024; Pereira *et al.*, 2022).

Os estudos apontam que o uso de leite humano doado, especialmente em Unidades de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), está associado a uma significativa redução da mortalidade neonatal e a melhores resultados neurodesenvolvimentais do que a fórmula. Sendo assim, o leite humano pasteurizado de doadoras é recomendado por várias organizações profissionais e de saúde pública. Um estudo realizado em hospitais de referência mostrou que a implementação de Bancos de Leite Humano reduziu a mortalidade neonatal em até 30% entre bebês prematuros e de baixo peso (Colaizy *et al.*, Johnson *et al.*, 2022; SILVA *et al.*, 2023).

Resultados também indicam uma queda significativa na incidência de infecções, como sepse e pneumonia, em bebês que receberam leite humano pasteurizado de bancos de leite. Uma revisão sistemática de 2021 demonstrou que bebês prematuros alimentados com leite materno pasteurizado apresentaram uma redução de até 50% na incidência de infecções hospitalares (Martins *et al.*, 2021).

Outros estudos destacam que o leite humano doado promove um melhor desenvolvimento cognitivo e imunológico, resultando em menor tempo de internação hospitalar e necessidade reduzida de intervenções médicas intensivas (Garcia *et al.*, 2023).

Os resultados dos estudos revisados destacam a importância crucial dos BLHs na melhora dos indicadores de saúde neonatal, especialmente para bebês prematuros e com baixo peso ao nascer. O uso de leite humano doado reduz complicações graves, favorecendo uma

recuperação mais rápida e uma menor necessidade de uso de antibióticos e intervenções invasivas (Garcia *et al.*, 2023; Johnson *et al.*, 2022).

Apesar dos benefícios, a cobertura dos BLHs ainda é limitada em muitas regiões, especialmente em países em desenvolvimento. Barreiras logísticas, falta de conscientização e a infraestrutura inadequada são desafios que precisam ser abordados para expandir o alcance e o seu impacto positivo (Chetta *et al.*, 2021; Quitadamo *et al.*, 2021).

Por fim, são necessários também mais estudos para avaliar o impacto de longo prazo do leite humano doado em diversas populações neonatais, considerando variações regionais e socioeconômicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo destaca a importância dos bancos de leite na redução da mortalidade neonatal. O fornecimento de leite humano seguro e nutritivo, especialmente para recém-nascidos prematuros e de baixo peso, tem demonstrado melhorar significativamente os desfechos de saúde e diminuir a mortalidade. A eficácia dos bancos de leite depende da qualidade da coleta, processamento e distribuição do leite, além da educação das mães sobre aleitamento materno.

Recomenda-se a continuidade do apoio e expansão dessas iniciativas para otimizar os benefícios para a saúde neonatal e reduzir a mortalidade.

REFERÊNCIAS

CHETTA, K. E. *et al.* Resultados melhorados com ingestão de leite humano em bebês prematuros e a termo. Em: **Seminários em Perinatologia**, p. 151384, 2021.

COLAIZY, T. T. *et al.* Resultados do neurodesenvolvimento de bebês extremamente prematuros alimentados com leite de doadora ou fórmula infantil prematura: um ensaio clínico randomizado. **JAMA**, v. 331, n. 7, p. 582-591.2024.

FONSECA, R. M. *et al.* O papel do banco de leite humano na promoção da saúde materno infantil: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 309-318, 2021.

GARCIA, R. S. Benefits of Human Milk Banking for Premature Infants: Cognitive and Immunological Outcomes. **Journal Of Human Lactation**, v. 3, n. 39, p. 233-240, 2023.

JOHNSON, P. Human Milk Donor Banking and Neonatal Outcomes: A Multicenter Cohort Study.". **Pediatrics**, v. 5, n. 140, p. 206-212, 2022.

KASHYAP, V., CHOUDHARI, S. G. Unlocking the Potential: A Systematic Literature Review on the Impact of Donor Human Milk on Infant Health Outcomes. **Cureus**, v. 16, n. 4, 2024.

MARTINS, A C. Pasteurized Donor Human Milk and Reduction in Neonatal Infections: A Retrospective Analysis. **Neonatology**, v. 1, n. 119, p. 67-75, 2021.

QUITADAMO, P. A. *et al.* The Revolution of Breast Milk: The Multiple Role of Human Milk Banking between Evidence and Experience—A Narrative Review. **International journal of pediatrics**, v. 2021, n. 1, p. 668-2516, 2021.

SILVA, M. L. Impact of Human Milk Banks on Neonatal Mortality in Low-Resource

Settings: A Systematic Review. **Journal Of Perinatology**, v. 2, n. 34, p. 145-156, 2023.

WILIAMS, T. Safety and Nutritional Quality of Pasteurized Donor Milk: An International Perspective. **Breastfeeding Medicine**, v. 2, n. 18, p. 87-94, 2023.

CATCH-UP EXCESSIVO EM PREMATUROS E SUAS IMPLICAÇÕES: O RISCO DE OBESIDADE NA VIDA ADULTA

Giovana Paula Caetano¹; Lívia Garcia Teixeira¹; Liliane Mendes de Andrade Valadão²

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário de Patos de Minas¹, Médica pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais².

giovanapaula13@outlook.com

RESUMO

Este estudo aborda a relação entre o crescimento compensatório excessivo ("catch-up growth") em bebês prematuros e o risco de obesidade. Prematuros, nascidos antes de 37 semanas de gestação, frequentemente passam por um crescimento acelerado para compensar o desenvolvimento insuficiente no útero. Embora o "catch-up" possa ser benéfico, quando excessivo, está associado a um aumento no risco de obesidade infantil e complicações metabólicas, como diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura em bases de dados como BVS, PubMed e SciELO, analisando estudos publicados na última década. Os resultados indicam que o crescimento rápido, especialmente durante o primeiro ano de vida, pode levar a um acúmulo excessivo de gordura corporal e predispor os prematuros a doenças metabólicas na vida adulta. Intervenções nutricionais, como controle calórico, amamentação exclusiva e uso de fórmulas específicas, mostraram-se eficazes na promoção de um crescimento saudável. A educação de pais e cuidadores e o suporte contínuo de profissionais de saúde são fundamentais para prevenir esses riscos. O estudo destaca a necessidade de políticas públicas e novas pesquisas para orientar estratégias de prevenção da obesidade em prematuros.

Palavras-chave: catch-up; prematuros; obesidade.

1 INTRODUÇÃO

A mortalidade e morbidade neonatais permanecem como desafios significativos na saúde pública global, particularmente entre os bebês nascidos prematuramente. Prematuros, definidos como aqueles nascidos antes de 37 semanas de gestação, frequentemente enfrentam uma série de complicações relacionadas ao seu desenvolvimento imaturo. Após o nascimento, esses bebês muitas vezes passam por um processo conhecido como "catch-up growth", que é a tentativa de compensar o crescimento insuficiente ocorrido no útero (Trave, T. D. *et al*, 2020).

O "catch-up growth" é caracterizado por um período de crescimento acelerado, no qual o prematuro busca alcançar marcos de crescimento típicos de bebês nascidos a termo. Este fenômeno pode ser benéfico, ajudando os prematuros a se aproximarem das curvas de crescimento normais. No entanto, quando o crescimento é excessivo, pode ocorrer um ganho de peso rápido e desproporcional, o que levanta preocupações significativas para a saúde a longo prazo (Han, J. *et al*. 2021; Liu, X. *et al*, 2019; Trave, T. D. *et al*, 2020).

O ganho de peso excessivo em prematuros, conhecido como "catch-up excessivo", tem sido associado a um aumento no risco de obesidade e outras condições metabólicas, como diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares. Estudos têm mostrado que um crescimento muito rápido, especialmente durante o primeiro ano de vida, pode ter implicações duradouras na saúde metabólica e no desenvolvimento físico da criança. A obesidade infantil, por sua vez, pode levar a uma série de problemas de saúde adicionais na vida adulta, incluindo hipertensão, problemas

ortopédicos e uma menor qualidade de vida geral (Masny, M. D; Szwed, W. S., 2022).

Dada a gravidade desses riscos, a prevenção da eventual obesidade em crianças com histórico de prematuridade que experienciam catch-up excessivo é uma questão de saúde pública crítica. Estratégias eficazes de manejo nutricional e intervenções precoces são essenciais para garantir que o crescimento acelerado não resulte em consequências adversas a longo prazo. A nutrição adequada e o monitoramento rigoroso são fundamentais para evitar o ganho de peso excessivo e promover um desenvolvimento saudável (Han, J. *et al.* 2021).

Esta revisão de literatura explora a relação entre o catch-up excessivo em prematuros e o risco de obesidade, analisando as consequências do crescimento acelerado e avaliando intervenções nutricionais e suporte educacional para pais e cuidadores, visando oferecer uma visão abrangente das estratégias para prevenir a obesidade e melhorar a saúde a longo prazo dos prematuros.

2 METODOLOGIA

Para investigar os impactos do catch-up excessivo em prematuros e as estratégias de prevenção de obesidade, foi conduzida uma revisão integrativa da literatura. A busca de artigos foi realizada nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), National Library of Medicine (PubMed MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Essas bases foram selecionadas devido à sua abrangência e relevância na área da saúde.

A revisão focou em estudos publicados nos últimos dez anos para garantir a atualidade das informações. Foram utilizados descritores específicos, incluindo “catch-up”, “preterm infants”, “obesity prevention” e “nutritional interventions”, para capturar uma ampla gama de pesquisas relevantes. Inicialmente, foram identificados 22 artigos com base em sua pertinência ao tema e qualidade metodológica.

Após uma leitura crítica e análise detalhada dos artigos selecionados, foram incluídos 8 estudos que forneceram insights significativos sobre as consequências do catch-up excessivo e as melhores práticas para prevenção da obesidade. Essa seleção criteriosa permitiu a construção de uma revisão aprofundada e focada na identificação de estratégias eficazes para melhorar a saúde de prematuros a longo prazo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Estudos indicam que bebês prematuros podem apresentar um crescimento compensatório acelerado, conhecido como "catch-up growth", nas primeiras semanas ou meses após o nascimento, com uma parcela destes exibindo um catch-up excessivo. Esse crescimento rápido, especialmente em termos de peso e acúmulo de gordura corporal, é mais pronunciado entre 6 meses e 2 anos de idade e pode ter implicações significativas para a saúde futura da criança (Liu, X. *et al.*, 2019; Masny, M. D; Szwed, W. S., 2022).

Crianças prematuras que experimentam um crescimento compensatório excessivo têm um risco aumentado de desenvolver obesidade na infância e na vida adulta. Esse risco está associado ao aumento da adiposidade central e à resistência à insulina, predispondo-as a condições metabólicas como o diabetes tipo 2. Além disso, o crescimento acelerado pode comprometer o desenvolvimento cardiometabólico, levando a alterações no perfil lipídico, hipertensão e um risco maior de síndrome metabólica, o que aumenta a chance de doenças cardiovasculares na adolescência e na vida adulta (Gnawali, A., 2021; Trave, T. D. *et al.*, 2020).

Diante desses riscos, intervenções nutricionais precoces têm se mostrado essenciais para prevenir o catch-up excessivo. Dietas balanceadas, com monitoramento rigoroso da ingestão calórica, de proteínas e gorduras, são fundamentais para promover um crescimento harmonioso e equilibrado. A amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida e a introdução de

alimentos complementares saudáveis também desempenham um papel importante (Gnawali, A., 2021., Masny, M. D; Szwed, W. S., 2022).

Adicionalmente, o uso de fórmulas infantis específicas para prematuros pode ajudar a controlar o ganho de peso, permitindo um crescimento linear adequado sem um aumento excessivo da adiposidade (Singhal, A., 2017; Trave, T. D. *et al*, 2020).

Além das intervenções nutricionais, a educação e o suporte para pais e cuidadores são fundamentais. Programas educacionais que orientam sobre a importância do crescimento equilibrado e os riscos associados ao catch-up excessivo podem incluir práticas alimentares saudáveis, monitoramento do crescimento e consultas regulares com pediatras e nutricionistas. Intervenções comunitárias e de saúde pública, como grupos de apoio e campanhas de conscientização, são igualmente importantes para disseminar informações sobre nutrição adequada e os riscos de crescimento excessivo (Liu, X. *et al*, 2019; Singhal, A., 2017; Vizzari, G. *et al*).

Estudos sugerem que essas intervenções, incluindo suporte nutricional adequado e programas de educação para cuidadores, são eficazes na redução das taxas de obesidade entre prematuros. A monitorização regular do índice de massa corporal, do perímetro abdominal e de marcadores metabólicos é fundamental para avaliar o sucesso dessas estratégias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento compensatório excessivo em prematuros é um fator de risco significativo para obesidade e complicações metabólicas, como diabetes tipo 2 e doenças cardiovasculares. Intervenções nutricionais, como controle calórico adequado, amamentação exclusiva e fórmulas específicas para prematuros, são essenciais para garantir um crescimento saudável e equilibrado.

Além disso, a educação e o suporte contínuos a pais e cuidadores, aliados a políticas públicas e programas comunitários, desempenham um papel crucial na prevenção da obesidade. A colaboração entre diferentes profissionais de saúde é fundamental para monitorar e orientar o crescimento dos prematuros. Futuras pesquisas devem focar na eficácia dessas intervenções e no impacto do "catch-up" para fundamentar novas diretrizes clínicas e políticas de saúde.

REFERÊNCIAS

BALDASSARRE, M. E. *et al*. Premature birth is an independent risk factor for early adiposity rebound: longitudinal analysis of BMI data from birth to 7 years. **Nutrients**, v. 12, n. 12, p. 3654, 2020.

FENTON, T. R. *et al*. Critical examination of relationships between early growth and childhood overweight in extremely preterm infants. **Journal of Perinatology**, v. 41, n. 12, p. 2774-2781, 2021.

GNAWALI, A. Prematurity and the Risk of Development of Childhood Obesity: Piecing Together the Pathophysiological Puzzle. A Literature Review. **Cureus**, v. 13, n. 12, 2021.

HAN, J. *et al*. Postnatal growth of preterm infants during the first two years of life: catch-up growth accompanied by risk of overweight. **Ital J Pediatr**, v. 47, n. 66, 2021.

LIU, X. *et al*. Factors affecting the catch-up growth of preterm infants after discharge in China: a multicenter study based on the health belief model. **Ital J Pediatr**, n. 87, 2019.

MASNY, M. D; SZWED, W. S. Catch-Up Growth as a Risk Factor for Rapid Weight Gain, Earlier Menarche and Earlier Pubertal Growth Spurt in Girls Born Small for Gestational Age - A Longitudinal Study. **Journal Public Health**, v. 19, n. 24, p. 16808, 2022.

OU-YANG, M. C. *et al.* Accelerated weight gain, prematurity, and the risk of childhood obesity: A meta-analysis and systematic review. **PloS one**, v. 15, n. 5, 2020.

SIMON, L. *et al.* Trajetória de crescimento durante os primeiros 1000 dias e posteriormente sobrepeso em bebês muito prematuros. **Archives of Disease in Childhood-Fetal and Neonatal Edition**, v. 108, n. 2, p. 149-155, 2023.

SINGHAL, A. Long-Term Adverse Effects of Early Growth Acceleration or Catch-Up Growth. **Ann Nutr Metab**, v. 70, n. 3, p. 236-240, 2017.

TRAVE, T. D. *et al.* Catch-up growth and associated factors in very low birth weight infants. **Ital J Pediatr**, v. 93, n. 5, p. 282-288, 2020.

VIZZARI, G. *et al.* Crescimento pós-natal de recém-nascidos prematuros tardios pequenos para a idade gestacional: determinantes do crescimento de recuperação. **Pediatric Research**, v. 94, n. 1, p. 365-370, 2023.

AMBIENTES ESCOLARES E PARASITOSE: A IMPORTÂNCIA DA HIGIENE E DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Livia Garcia Teixeira¹; Giovana Paula Caetano¹; Liliane Mendes de Andrade Valadão²

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário de Patos de Minas¹, Médica pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais².

liviati1.lg@gmail.com

RESUMO

As doenças parasitárias constituem um desafio significativo de saúde pública em ambientes escolares, afetando negativamente a saúde e o desenvolvimento das crianças. Este estudo revisa as principais parasitoses encontradas nas escolas, destacando a giardíase, ascaridíase e enterobíase, e examina a relação entre essas doenças e práticas de higiene. A revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados PubMed, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), abrange estudos publicados entre 2014 e 2024, e identifica as estratégias mais eficazes para a prevenção dessas infecções. As práticas de higiene, como a lavagem das mãos e o manejo adequado de alimentos, emergem como medidas cruciais na redução da incidência de parasitas. Além disso, a educação em saúde, o controle ambiental e as melhorias na infraestrutura escolar são estratégias essenciais para o controle das parasitoses em ambientes escolares. Contudo, a implementação dessas práticas enfrenta desafios significativos, incluindo a falta de recursos e a conscientização inadequada. Este artigo sugere que, apesar dos avanços, é necessário um esforço contínuo e coordenado para superar essas barreiras e melhorar a saúde das crianças em escolas, contribuindo para um ambiente escolar mais seguro e saudável.

Palavras-chave: doenças parasitárias; prevenção escolar; saúde infantil.

1 INTRODUÇÃO

As doenças parasitárias representam um desafio de saúde pública significativo, especialmente em ambientes escolares, onde a proximidade entre as crianças e as condições de higiene inadequadas favorecem a propagação de infecções. Essas doenças podem afetar gravemente o desenvolvimento e o bem-estar das crianças, comprometendo sua capacidade de aprender e participar de atividades escolares (Jones *et al.*, 2022).

Em ambientes escolares, as doenças parasitárias particularmente comuns são:

Giardíase: Causada pelo protozoário *Giardia lamblia*, pode ser transmitida através da água e alimentos contaminados. Sintomas incluem diarreia, dor abdominal e náusea (Harris *et al.*, 2023).

Ascaridíase: Resulta da infestação por *Ascaris lumbricoides*, um tipo de verme intestinal. A transmissão ocorre através da ingestão de ovos presentes em solo contaminado. Sintomas incluem dor abdominal e obstrução intestinal (Rodriguez *et al.*, 2023).

Enterobíase: Causada pelo oxiúro *Enterobius vermicularis*, essa infecção é transmitida por contato com ovos do parasita. Os sintomas incluem prurido anal e distúrbios do sono (Martins *et al.*, 2023).

Estudos recentes destacam que a carga global das doenças parasitárias em ambientes escolares é exacerbada por fatores socioeconômicos e pela falta de infraestrutura adequada (Who, 2021). Além de causar problemas imediatos de saúde, essas infecções estão associadas

a desnutrição, anemia e atraso no crescimento, contribuindo para a perpetuação do ciclo da pobreza (Silva *et al.*, 2023). Dessa forma, o enfrentamento dessas doenças requer uma abordagem multifacetada que combine educação em saúde, melhorias na infraestrutura e políticas públicas eficazes (Brown *et al.*, 2023).

Práticas de higiene inadequadas, como a falta de lavagem das mãos e o manejo impróprio de alimentos, podem facilitar a transmissão de parasitas, exacerbando o problema (Smith *et al.*, 2023). Portanto, a implementação de estratégias eficazes de higiene e controle ambiental é crucial para a redução da incidência de parasitoses em escolas.

2 METODOLOGIA

Este estudo adotou uma revisão integrativa da literatura como abordagem metodológica, com o objetivo de sintetizar as evidências disponíveis sobre estratégias e intervenções para a prevenção de doenças parasitárias em ambientes escolares. A revisão foi conduzida em três etapas principais: (1) identificação dos estudos relevantes; (2) avaliação da qualidade metodológica dos estudos selecionados; e (3) extração e análise dos dados.

A pesquisa foi realizada entre julho e agosto de 2024, abrangendo estudos publicados nos últimos dez anos, de 2014 a 2024. As bases de dados utilizadas foram PubMed, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os descritores empregados incluíram "doenças parasitárias", "prevenção escolar", "medidas de higiene" e "controle ambiental", combinados com operadores booleanos para refinar a busca.

A seleção dos estudos ocorreu em duas fases. Na primeira, 35 artigos foram identificados com base em sua relevância direta à prevenção de doenças parasitárias em contextos escolares. Na segunda fase, os artigos foram avaliados quanto à qualidade metodológica utilizando o instrumento AMSTAR-2 (A Measurement Tool to Assess systematic Reviews), que avalia revisões sistemáticas em termos de rigor metodológico e validade. Essa ferramenta foi aplicada para garantir que os estudos incluídos apresentassem alta qualidade metodológica.

Após a remoção de duplicatas e estudos irrelevantes, 28 artigos foram submetidos à avaliação crítica com base nos critérios de qualidade do AMSTAR-2, o que resultou em uma amostra final de 10 artigos para análise detalhada. Esses artigos foram classificados de acordo como as suas intervenções e resultados principais relacionados à prevenção de parasitoses em ambientes escolares. Os dados extraídos foram categorizados por tipo de intervenção impacto na saúde infantil e desafios na implementação das medidas de controle de parasitas nos ambientes escolares.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da revisão integrativa, foram selecionados 10 estudos de alta relevância, com base nos critérios de avaliação do AMSTAR-2. O uso dessa ferramenta permitiu avaliar a qualidade metodológica dos estudos, revelando que a maioria (70%) apresentou rigor elevado, enquanto os outros 30% tiveram limitações relacionadas à falta de controle de vieses ou amostragens pequenas. Os estudos foram agrupados em três categorias principais, com base nas intervenções analisadas: Educação em saúde, Medidas de higiene e Controle ambiental.

A maioria dos estudos (70%) destacou a eficácia de programas educativos focados em higiene e prevenção de parasitoses. Esses programas, especialmente quando integrados ao currículo escolar e acompanhados por campanhas de conscientização, resultaram em uma redução significativa nas taxas de infecção parasitária entre os alunos. As escolas que implementaram essas iniciativas de forma contínua observaram uma melhora notável na adoção de práticas de higiene tanto por parte das crianças quanto dos funcionários, além de

um reconhecimento precoce dos sintomas de infecções parasitárias (Silva *et al.*, 2023). Esses resultados indicam que os programas educativos não apenas contribuem para a diminuição das infecções, mas também promovem uma cultura sustentável de prevenção e cuidado dentro do ambiente escolar (Martins *et al.*, 2023).

Em 80% dos estudos revisados, a prática regular de lavagem das mãos, aliada ao manejo adequado de alimentos, foi fortemente associada a uma redução significativa na transmissão de parasitas. Escolas que contavam com infraestrutura adequada, como lavatórios com água e sabão, apresentaram uma incidência significativamente menor de parasitoses (Oliveira *et al.*, 2023). Nessas escolas, a implementação dessas práticas resultou em uma redução média de 40% a 60% na incidência de parasitoses, reforçando a importância do acesso a instalações adequadas e programas contínuos de educação sobre higiene (Silva *et al.*, 2023; Garcia *et al.*, 2022).

Aproximadamente 50% dos estudos revisados destacaram a eficácia de práticas de controle ambiental, como a manutenção rigorosa da limpeza e o manejo adequado de resíduos. Essas medidas resultaram em uma redução significativa na disseminação de parasitas em escolas que implementaram rotinas regulares de limpeza e eliminaram focos de água parada, que podem servir como criadouros de vetores (Harris *et al.*, 2023). Escolas que adotaram essas melhorias relataram uma diminuição notável na prevalência de parasitoses em comparação às que não implementaram tais mudanças (Rodriguez *et al.*, 2023).

Os resultados confirmam que as medidas de higiene e os programas educativos são essenciais na prevenção de doenças parasitárias em ambientes escolares. Os estudos mais robustos evidenciaram que a integração de práticas de higiene ao cotidiano das escolas, como a lavagem das mãos e a higiene alimentar, reduz drasticamente a incidência de parasitas, principalmente em instituições com infraestrutura adequada (Oliveira *et al.*, 2023).

Além disso, o controle ambiental se mostrou crucial para minimizar a exposição das crianças a parasitas. A remoção de focos de água estagnada e a manutenção da limpeza em áreas comuns reduziram significativamente o risco de transmissão de doenças parasitárias (Harris *et al.*, 2023). No entanto, a implementação dessas estratégias enfrenta desafios relacionados à falta de recursos e à conscientização inadequada, conforme apontado por diversos estudos de qualidade moderada.

Diante desses achados, é notório que a prevenção efetiva de parasitoses requer uma abordagem multifacetada, que combine intervenções de higiene, educação e controle ambiental. A continuidade dos esforços nesse sentido é crucial para assegurar um ambiente escolar saudável e seguro para as crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prevenção de doenças parasitárias em ambientes escolares é essencial para a saúde e o bem-estar das crianças. Medidas de higiene, juntamente com estratégias educacionais e controle ambiental, são fundamentais para reduzir a incidência de infecções parasitárias, principalmente nas escolas. Os resultados desta revisão indicam que, embora essas práticas sejam eficazes, a implementação enfrenta desafios, como a limitação de recursos e a falta de conscientização em diversas regiões. No entanto, com o suporte adequado e a continuidade dos esforços coordenados, é possível melhorar significativamente a saúde escolar e reduzir a prevalência das doenças parasitárias.

REFERÊNCIAS

BROWN, H. M. et al. Comprehensive Strategies for the Control of Parasitic Infections in Schools. **Global Health Journal**, v. 32, n. 3, p. 235-249, 2023.

GARCIA, R. S. et al. The Impact of School Health Education Programs on Parasitic Disease Prevention. **Journal of School Health**, v. 92, n. 5, p. 123-135, 2022.

HARRIS, C. M. et al. Environmental Control Measures for Parasitic Diseases in School Settings. **Environmental Health Perspectives**, v. 131, n. 6, p. 101-110, 2023.

JONES, P. A. et al. Effective Strategies for the Prevention of Parasitic Infections in Schools: A Comprehensive Review. **Journal of Pediatric Infectious Diseases**, v. 45, n. 2, p. 150-162, 2022.

MARTINS, A. C. et al. Hygiene Practices and Parasitic Disease Prevention in School Environments. **Public Health Reports**, v. 138, n. 4, p. 567-579, 2023.

OLIVEIRA, T. M. et al. Handwashing and Hygiene Measures in Schools: Effectiveness in Preventing Parasitic Infections. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 26, n. 2, p. 215-227, 2023.

RODRIGUEZ, L. A. et al. School-Based Health Education Programs and their Impact on Parasitic Disease Prevention. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 3, p. 789-802, 2023.

SILVA, A. F. et al. Socioeconomic Determinants of Parasitic Diseases in Schoolchildren. **Lancet Global Health**, v. 9, n. 4, p. e450-e459, 2023.

SMITH, J. D. et al. Challenges in Implementing Parasitic Disease Prevention Programs in Schools. **Journal of School Health**, v. 93, n. 7, p. 678-689, 2023.

WHO. **Global Health Estimates: Parasitic Diseases in Schoolchildren**. World Health Organization, 2021.

ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA: VULNERABILIDADES E ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO

Lívia Garcia Teixeira¹; Giovana Paula Caetano¹; Liliane Mendes de Andrade Valadão²

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário de Patos de Minas¹, Médica pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais².

liviati1.lg@gmail.com

RESUMO

O abuso sexual infantil é uma grave violação dos direitos e pode ter consequências devastadoras para qualquer criança, especialmente para aquelas com deficiência. Este artigo revisa a literatura sobre as vulnerabilidades específicas enfrentadas por crianças com deficiência em relação ao abuso sexual e as estratégias de proteção eficazes. A revisão foi realizada através das bases de dados PubMed, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), abrangendo estudos recentes sobre a prevalência, fatores de risco e intervenções. Os resultados mostram que crianças com deficiência enfrentam riscos elevados de abuso devido a barreiras comunicativas, isolamento social e dependência de cuidadores. As estratégias de proteção incluem educação adaptada sobre abuso, métodos de comunicação acessíveis, capacitação de profissionais e intervenções políticas. A revisão sugere que um enfoque integrado e multidisciplinar é essencial para proteger essas crianças e promover um ambiente seguro e inclusivo.

Palavras-chave: abuso sexual infantil; deficiência; prevenção de abuso.

1 INTRODUÇÃO

O abuso sexual infantil é uma forma grave de violência que afeta milhões de crianças globalmente, com impacto profundo no bem-estar físico e psicológico. Crianças com deficiência são particularmente vulneráveis a abusos sexuais devido a fatores específicos, como a dificuldade de comunicação, isolamento social e dependência de cuidadores (Bray *et al.*, 2023). A prevalência do abuso sexual entre crianças com deficiência é alarmantemente alta, e estudos indicam que essas crianças têm até três vezes mais chances de sofrer abuso sexual do que suas colegas sem deficiência (Taylor *et al.*, 2023).

A deficiência pode criar barreiras significativas à comunicação e ao entendimento das crianças sobre o abuso sexual, aumentando sua vulnerabilidade. A falta de acessibilidade às informações sobre abuso e a dificuldade de relatar experiências de abuso são desafios críticos enfrentados por essas crianças (Smith *et al.*, 2023). Portanto, é essencial compreender essas vulnerabilidades e desenvolver estratégias de proteção eficazes para garantir a segurança e o bem-estar das crianças com deficiência.

2 METODOLOGIA

Este estudo seguiu os princípios da revisão integrativa da literatura, com o objetivo de identificar e analisar as vulnerabilidades específicas de crianças com deficiência frente ao abuso sexual e examinar estratégias eficazes de proteção. A revisão foi conduzida de acordo com as diretrizes estabelecidas para revisões integrativas, que incluem a definição clara dos critérios de inclusão e exclusão, a busca sistemática nas bases de dados relevantes e a análise

crítica dos dados obtidos (Souza *et al.*, 2023).

A busca foi realizada durante os meses de junho e julho de 2024. As bases de dados selecionadas para a busca foram: PubMed, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Estas bases foram escolhidas devido à sua abrangência e relevância nas áreas de saúde e psicologia infantil. Os descritores utilizados na busca foram: “abuso sexual infantil”, “crianças com deficiência”, “vulnerabilidades ao abuso sexual”, “estratégias de proteção”, combinados com operadores booleanos para refinar os resultados.

Foram incluídos artigos que: (1) foram publicados nos últimos dez anos; (2) artigos que abordam vulnerabilidades de crianças com deficiência ao abuso sexual; (3) estudos que apresentavam estratégias de proteção e intervenções voltadas para essa população; (4) artigos disponíveis em inglês e português. Foram excluídos artigos que não abordavam especificamente o abuso sexual infantil em crianças com deficiência ou que não estavam disponíveis na íntegra.

Após a triagem inicial, 32 artigos foram identificados como relevantes para o tema. Destes, 10 estudos foram selecionados para inclusão na revisão, baseando-se em critérios de pertinência, qualidade metodológica e robustez das evidências apresentadas. Para garantir a qualidade dos estudos incluídos, aplicamos o instrumento AMSTAR-2 (A MeaSurement Tool to Assess Systematic Reviews), o que permitiu avaliar criticamente a validade dos resultados apresentados em cada estudo, com base na transparência metodológica, avaliação do risco de viés e clareza dos dados reportados.

Os estudos selecionados foram caracterizados por sua abordagem sobre vulnerabilidades e estratégias de proteção, abrangendo tanto revisões sistemáticas quanto estudos observacionais. Os métodos utilizados em cada estudo variaram entre análises quantitativas sobre prevalência de abuso e intervenções, e estudos qualitativos focados em desafios na identificação e proteção dessas crianças.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A caracterização dos 10 estudos incluídos na revisão revelou que a maioria era composta por estudos observacionais (60%) e revisões sistemáticas (40%), realizados majoritariamente em países de alta renda. Os estudos abrangeram diferentes deficiências, como deficiências intelectuais (40%), auditivas (30%), visuais (15%) e físicas (15%). A análise revelou três categorias principais de vulnerabilidades enfrentadas por crianças com deficiência, assim como as intervenções mais eficazes identificadas para sua proteção.

Os estudos revisados indicaram que crianças com deficiência intelectual apresentam maior risco de sofrer abuso sexual devido a sua dificuldade em compreender situações de abuso e reconhecer comportamentos inadequados (Parker *et al.*, 2023). Essas crianças também são mais suscetíveis a sofrerem múltiplos episódios de abuso, devido à sua dificuldade em relatar os incidentes e à falta de formação adequada dos cuidadores para interpretar sinais de abuso. Outro fator de risco crítico é o isolamento social, especialmente em crianças com deficiência auditiva e visual, que têm interações limitadas com outras crianças e adultos, aumentando a probabilidade de abuso não ser detectado (Jones *et al.*, 2023).

Além disso, a dependência de cuidadores para tarefas diárias aumenta o risco de abuso, uma vez que essas crianças podem estar mais expostas a situações em que não há monitoramento adequado (Williams *et al.*, 2023). Em 70% dos estudos analisados, a falta de supervisão contínua por parte de profissionais treinados foi apontada como um dos maiores fatores de risco.

As estratégias de proteção mais citadas incluem programas de educação sexual adaptados, treinamento de profissionais e cuidadores, e a criação de políticas institucionais

específicas. Em 80% dos estudos, os programas educacionais mostraram-se eficazes na redução do risco de abuso, ao ensinarem crianças com deficiência sobre limites corporais, comportamentos adequados e inadequados, e formas de denunciar situações suspeitas (Harris *et al.*, 2023). Esses programas utilizam materiais visuais, linguagem simples e interativa para facilitar o entendimento.

Além disso, 70% dos estudos destacaram a importância de capacitar os profissionais de saúde, educadores e cuidadores para reconhecer sinais precoces de abuso sexual em crianças com deficiência (Miller *et al.*, 2023). A implementação de políticas institucionais robustas, como a exigência de treinamento específico para cuidadores e o estabelecimento de canais de denúncia acessíveis, também se mostrou crucial para a proteção dessas crianças (Roberts *et al.*, 2023).

Os achados desta revisão confirmam a necessidade de intervenções personalizadas para atender às vulnerabilidades de crianças com deficiência. A dificuldade de comunicação, especialmente entre crianças com deficiências cognitivas, representa uma das barreiras mais significativas, exigindo maior ênfase na criação de materiais educativos acessíveis. Além disso, as escolas e instituições de cuidado que implementaram políticas rigorosas de prevenção e monitoramento contínuo de cuidadores relataram reduções mais expressivas nos casos de abuso sexual (Taylor *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta revisão indicam que as crianças com deficiência enfrentam vulnerabilidades únicas ao abuso sexual, devido a barreiras comunicativas, isolamento social e dependência de cuidadores. Programas educacionais adaptados, treinamento especializado de profissionais e políticas institucionais são componentes essenciais para mitigar esses riscos. A implementação de estratégias de proteção eficazes, integradas a um enfoque multidisciplinar, é fundamental para garantir a segurança dessas crianças. É necessário um esforço contínuo para promover ambientes inclusivos e seguros, tanto nas instituições de cuidado quanto nos lares dessas crianças.

REFERÊNCIAS

BRAY, L. M. et al. Vulnerabilities of Children with Disabilities to Sexual Abuse: A Review of the Literature. **Journal of Child Abuse & Neglect**, v. 45, n. 7, p. 113-127, 2023.

HARRIS, C. M. et al. Education and Awareness Programs for Preventing Sexual Abuse in Children with Disabilities. **Disability & Society**, v. 38, n. 2, p. 245-259, 2023.

JONES, P. A. et al. Isolation and Social Risks: Understanding the Factors Contributing to the Vulnerability of Children with Disabilities to Sexual Abuse. **Children and Youth Services Review**, v. 105, p. 104-115, 2023.

MILLER, T. S. et al. Training for Professionals in Identifying and Preventing Sexual Abuse of Children with Disabilities. **Child Abuse & Neglect**, v. 128, p. 104-117, 2023.

PARKER, A. L. et al. Communication Barriers and Sexual Abuse Risks in Children with Disabilities. **International Journal of Disability, Development and Education**, v. 70, n. 1, p. 67-81, 2023.

ROBERTS, J. P. et al. Policies and Procedures for Protecting Children with Disabilities from Sexual Abuse in Educational Settings. **Education and Law Journal**, v. 32, n. 3, p. 319-335, 2023.

SMITH, J. D. et al. Understanding and Addressing the Needs of Children with Disabilities in Prevention Programs for Sexual Abuse. **Journal of Child Protection**, v. 7, n. 4, p. 211-223, 2023.

SOUZA, D. L. et al. Revisão Integrativa: Metodologia e Aplicações. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 14, n. 3, p. 214-229, 2023.

TAYLOR, M. R. et al. Risk Factors for Sexual Abuse of Children with Disabilities: A Systematic Review. **Journal of Pediatric Psychology**, v. 48, n. 6, p. 789-802, 2023.

WILLIAMS, T. A. et al. The Role of Caregivers in Preventing and Reporting Sexual Abuse of Children with Disabilities. **Child Welfare**, v. 98, n. 2, p. 153-167, 2023.

AVC PEDIÁTRICO: REVISÃO SOBRE ABORDAGENS DE REABILITAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA

Marcia Almeida da Silva¹, Otávio Cesar Castro Lima¹, Raimunda Gleciene Ferreira Lima².

Graduando em Fisioterapia pelo Centro Universitário Unigrande¹, Mestranda em Ciências da Reabilitação pelo Centro Universitário Augusto Motta UNISUAM².

marciaalmsil@hotmail.com

RESUMO

Este estudo analisa as principais causas de AVC pediátrico nas fases perinatal e neonatal, enfatizando o papel do fisioterapeuta na reabilitação para promover o desenvolvimento neurofuncional e a qualidade de vida. As causas mais comuns incluem trombose, problemas cardíacos congênitos e hipoxia-isquêmica. Foram analisados artigos publicados entre 2018 e 2023 nas bases PubMed, SciELO e LILACS, dos quais apenas quatro atenderam aos critérios de inclusão, com foco em crianças de 0 a 28 dias de vida. A intervenção fisioterapêutica precoce é essencial para prevenir a morte de tecido cerebral e melhorar o prognóstico funcional, com técnicas como alongamentos ativos e o Método Neuroevolutivo Bobath, visando a plasticidade neural e a recuperação motora. A terapia por espelho também se destaca pela aplicabilidade e baixo custo, promovendo ilusões visuais para estimular o movimento do membro afetado. Além do tratamento físico, o suporte emocional e psicológico oferecido às crianças e famílias é fundamental para o sucesso da reabilitação. A orientação familiar e o acompanhamento contínuo contribuem para a independência funcional e qualidade de vida, preparando a criança para uma transição positiva para a adolescência.

Palavras-chave: acidente vascular cerebral pediátrico; reabilitação e recuperação fisioterapêutica.

1 INTRODUÇÃO

O acidente vascular cerebral (AVC) pediátrico é uma condição neurológica rara, mas de grande impacto, que pode ocorrer tanto no período perinatal quanto neonatal, trazendo consequências significativas para o desenvolvimento motor, sensorial e cognitivo da criança. A fisioterapia surge como uma intervenção essencial, especialmente nos estágios iniciais do tratamento, visando preservar a função neurológica e reduzir possíveis déficits que comprometem a qualidade de vida e a autonomia futura do paciente. Este estudo tem como objetivo analisar as principais causas de AVC pediátrico nesses períodos críticos, identificar fatores de risco e descrever o papel fundamental do fisioterapeuta no manejo clínico e na reabilitação, com vistas a maximizar o desenvolvimento neurofuncional e promover uma vida plena para esses pacientes. O AVC perinatal lesiona regiões motoras do cérebro, comprometendo o movimento para a vida toda. Intervenções precoces, intensivas e ativas para a extremidade superior são eficazes, mas intervenções para a extremidade inferior permanecem pouco estudadas (Hurd C *et al.*, 2022).

A incidência de AVC pediátrico é estimada em 1 a 6 casos anuais por 100.000 crianças (Gonçalves *et al.*, 2018). O período perinatal, considerado da 28ª semana de gestação até os primeiros sete dias de vida, e a fase neonatal, correspondente ao primeiro mês de vida, são fases particularmente vulneráveis (Gonçalves *et al.*, 2018). As principais causas de AVC nessas etapas incluem trombose, problemas cardíacos congênitos e hipoxia-isquêmica, que requerem

uma abordagem multidisciplinar para minimizar os impactos e favorecer o potencial de recuperação e desenvolvimento.

2 METODOLOGIA

Esta revisão de literatura foi conduzida com base em artigos publicados entre 2018 e 2023 que investigam o acidente vascular cerebral (AVC) pediátrico nas fases perinatal e neonatal. A busca foi realizada nas bases de dados PubMed, SciELO e LILACS, utilizando descritores DeCS/MeSH para padronizar e refinar os resultados. Foram aplicados termos em português e inglês, como 'Fisioterapia' (*physiotherapy*) e 'Acidente Vascular Cerebral' (*stroke*) e 'Pediátrico' (*pediatric*), combinados com o operador booleano 'E' (*AND*) para aumentar a especificidade da busca e identificar estudos diretamente relacionados ao tema.

Foram inicialmente identificados 116 artigos. No entanto, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, apenas quatro estudos atenderam aos requisitos para esta revisão, focando especificamente em crianças de 0 a 28 dias de vida. Os critérios de exclusão abrangeram resumos e estudos que se concentravam predominantemente em ensaios clínicos farmacológicos para prevenção ou tratamento do AVC, além de artigos focados em condições clínicas que não abordavam diretamente o AVC pediátrico. Os critérios de inclusão deste estudo foram definidos para selecionar artigos que abordassem fatores de risco específicos para o AVC pediátrico nas fases perinatal e neonatal, incluindo trombose, problemas cardíacos congênitos e hipoxia-isquêmica. Dessa forma, os estudos incluídos refletem com precisão os fatores que contribuem diretamente para o AVC em neonatos, conforme o objetivo desta revisão. Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica sobre o tema AVC pediátrico, baseada na análise de artigos científicos previamente publicados. Não foram coletados dados primários, nem foram envolvidos seres humanos ou animais, o que dispensa a necessidade de aprovação por comitês de ética

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

ABORDABENS FISIOTERAPÊUTICAS PARA REABILITAÇÃO FUNCIONAL EM CRIANÇAS COM AVC PEDIÁTRICO.

A intervenção precoce é essencial para prevenir a morte de tecido cerebral e melhorar o prognóstico funcional de crianças com AVC pediátrico, especialmente em casos associados a fatores de risco como ausência de acompanhamento pré-natal adequado, hipertensão materna, condições cardíacas congênitas e episódios de hipoxia-isquêmica. Essas características, frequentemente presentes em casos de AVC pediátrico, tornam necessário o desenvolvimento de abordagens fisioterapêuticas personalizadas que atendam às especificidades de cada paciente. Nesse contexto, uma intervenção baseada em brincadeiras, focada em sustentação de peso, equilíbrio e caminhada por 1 hora/dia, 4 dias/semana por 12 semanas, pode ser efetiva para promover o desenvolvimento motor e otimizar a funcionalidade (Hurd C *et al.*, 2022). Para maximizar os resultados, o fisioterapeuta precisa ter um profundo conhecimento do desenvolvimento motor típico, o que facilita o tratamento de crianças com desenvolvimento atípico. Técnicas como alongamentos ativos são recomendadas para prevenir contraturas e preservar a mobilidade articular, sendo aplicadas de maneira individualizada conforme as necessidades específicas de cada criança

Entre as intervenções mais eficazes está o Método Bobath, ou Conceito Neuroevolutivo Bobath, que auxilia na regulação do tônus muscular, melhora o equilíbrio e facilita padrões normais de movimento (Gonçalves *et al.*, 2018). Está relacionado ao ganho de funcionalidade, como velocidade e qualidade da marcha, movimento e força muscular, mas não foi mais eficaz

que outros métodos na melhora da cognição, cinestésia e equilíbrio sensorial e funcional. (Ribeiro *et al.*, 2021). Embora amplamente utilizado na prática pediátrica, especialmente em crianças com paralisia cerebral e Síndrome de Down, ainda há poucas evidências científicas sobre sua eficácia específica para o tratamento de sequelas neurológicas decorrentes de AVC pediátrico (Ribeiro *et al.*, 2021). Esse fato reflete a escassez de literatura sobre formas de reabilitação cinesioterapêutica aplicadas a crianças e adolescentes com comprometimentos pós-AVC, reforçando a necessidade de mais pesquisas na área (Ribeiro *et al.*, 2021). A fisioterapia neurofuncional, que atua de maneira preventiva, curativa, adaptativa ou paliativa, é fundamental no manejo das sequelas de lesões no sistema nervoso central e periférico, bem como em doenças neuromusculares (Abrafin, 2018). Técnicas como a terapia por espelho representam opções de baixo custo e fácil aplicação, promovendo uma ilusão cinestésica que estimula o membro afetado por meio do reflexo dos movimentos realizados pelo membro saudável, com o objetivo de estimular o trato corticoespinal e o sistema de neurônios espelho (Gonçalves *et al.*, 2018). Ela é utilizada para melhorar a função motora após o acidente vascular cerebral sendo eficaz para recuperação funcional (Thieme *et al.*, 2018).

A reabilitação neurológica pediátrica deve sempre ser adaptada às necessidades individuais, visando promover o máximo de independência funcional e qualidade de vida. O fisioterapeuta desempenha um papel essencial não só na implementação dessas técnicas, mas também na orientação e apoio às famílias, garantindo que as terapias sejam continuadas no ambiente domiciliar para proporcionar um estímulo constante ao desenvolvimento da criança.

4 CONCLUSÃO

A intervenção no AVC pediátrico exige uma abordagem integrada, na qual o fisioterapeuta desempenha um papel central. Com a capacidade de transitar por diferentes áreas de cuidado, o fisioterapeuta coordena os cuidados e assegura que o plano terapêutico seja completo e adaptado às necessidades específicas da criança, promovendo um desenvolvimento e recuperação abrangentes. A terapia precoce de extremidade inferior com atividade intensiva para crianças pequenas com AVC perinatal é viável e melhora a função motora bruta em curto prazo. A melhora em longo prazo pode exigir episódios adicionais de intervenção (Hurd C *et al.*, 2022).

O suporte emocional e psicológico oferecido às crianças e suas famílias é tão essencial quanto o tratamento físico, pois o processo de reabilitação exige encorajamento constante e resiliência. Ensinar os pais e cuidadores a apoiarem a criança durante a reabilitação, com foco em seu bem-estar e progresso, é uma parte fundamental do trabalho, pois a participação ativa da família maximiza os resultados. O encorajamento e a estimulação contínua são cruciais para o desenvolvimento da criança, especialmente na transição da infância para a adolescência, proporcionando uma base sólida para a construção da autonomia e qualidade de vida.

À medida que a criança cresce, a intensidade dos cuidados pode diminuir, mas o acompanhamento regular, mesmo que menos frequente, deve ser ajustado às necessidades individuais para garantir que a evolução seja contínua. A reabilitação é um processo prolongado e colaborativo, onde, com o apoio de todos os envolvidos, a criança pode alcançar seu máximo potencial, fortalecendo não apenas suas habilidades físicas, mas também emocionais, com uma perspectiva positiva para o futuro. Entretanto, apesar dos avanços na reabilitação de crianças com AVC, há uma insuficiência de pesquisas abrangentes que explorem a efetividade das intervenções fisioterapêuticas nesse contexto. A falta de estudos específicos limita o desenvolvimento de diretrizes baseadas em evidências, o que ressalta a necessidade de mais investigações para otimizar os cuidados e resultados funcionais a longo prazo.

REFERÊNCIAS

HURD, CAITLIN; LIVINGSTONE, DONA; BRUNTON, KELLY; SMITH-ALIANÇA, ALISON; GORASSINI, MÔNICA; WATT, JOE HOMEM; ANDERSEN, JOHN; KIRTON, ADAM; YANG, JAYNIE F. **Reabilitação precoce e intensiva dos membros inferiores demonstra eficácia preliminar após acidente vascular cerebral perinatal: resultados de um ensaio piloto randomizado controlado.** *Neurorehabilitation and Neural Repair*, v. 36, n. 6, p. 360-370, jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/15459683221090931>. Acesso em: 15 abr. 2022.

GONÇALVES, JÉSSICA da SILVA *et al.* **Efeitos da fisioterapia no acidente vascular na infância: uma revisão baseada em evidências.** *Caderno de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*. São Paulo.v.18, n.1, p.104-116, jan./jun.2018.

RIBEIRO, BRUNA SCHNEIDER; CASINI, GUILHERMO; MENDES, ACÁCIO JOSÉ LUSTOSA; OLIVEIRA, BRUNA do ROCIO; ARANHA JUNIOR, AYRTON ALVES. **Levantamento de intervenções fisioterapêuticas na área de reabilitação neurofuncional em pediatria pós acometimento de Acidente Vascular Cerebral, hemorrágico ou isquêmico.** *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 12, p. 115111-115125, dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n12-329>. Acesso em: 12 nov. 2021.

ABRAFIN-Associação Brasileira de Fisioterapia Neurofuncional, 2015. Disponível em:<https://abrafin.org.br/wp-content/uploads/2015/01/metodos-e-tecnicas.pdf>. Acesso em: set. 2021.

ABRAFIN-Associação Brasileira de Fisioterapia Neurofuncional, mar, 2018. Disponível em: <https://abrafin.org.br/>. Acesso em: set. 2021.

THIEME, H., MEHRHOLZ, J., POHL, M., BEHRENS, J., DOHLE, C. (2018). **Terapia de espelho para melhorar a função motora após acidente vascular cerebral.** *Cochrane Database of Systematic Reviews*.

IMPACTO DO TRATAMENTO DE FERIDAS CRÔNICAS E COMPLEXAS NA QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES

Matheus Mendes Pascoal¹; Daiane Mendes Ribeiro²; Lucas Benedito Fogaça Rabito³; Endric Passos Matos⁴; Jéssica Taynara Moreira Oliveira Pereira⁵

Mestrando em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná¹, Mestra em Enfermagem pela Universidade Estadual de Londrina², Mestrando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá³, Doutorando em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá⁴, Mestra em Enfermagem pela Universidade Estadual de Londrina⁵

matheus_mendes15@hotmail.com

RESUMO

A qualidade de vida é um assunto atual e pesquisado por muitos pesquisadores, pois diversos fatores interferem para possibilitar bem-estar total aos pacientes, especialmente a presença ou não de feridas crônicas. Nesta direção, o objetivo deste estudo é responder a seguinte pergunta de pesquisa. Qual o impacto do tratamento de feridas crônicas e complexas na qualidade de vida do paciente? Foi realizado um estudo de revisão bibliográfica, nos anos 2019-2024, utilizando a base de dados *Scientific Electronic Library Online*. Observou-se que entre os fatores que interferem na qualidade de vida, diversas variáveis podem impactar positivamente ou negativamente a vida da pessoa com ferida crônica. Os dados demonstram ainda a importância do aperfeiçoamento profissional para possibilitar o tratamento com eficácia para os pacientes, observando suas especificidades e particularidades.

Palavras-chave: qualidade de vida; feridas; infecção de feridas.

1 INTRODUÇÃO

Diversos fatores interferem na qualidade de vida, as feridas crônicas é um fator e grande desafio atualmente para a saúde pública, interferindo na pessoa acometida, família, cuidadores e sistema de saúde, pois levam a mudança da estrutura familiar e necessitando de novas adaptações para recuperação do indivíduo, especialmente de cuidados especiais. É uma ferida de difícil cicatrização e de prevalência na população idosa, as intervenções de saúde na qualidade de vida especialmente nas doenças crônicas, constroem valores e experiências que são positivos ao indivíduo e a permanência do profissional de saúde ao longo dos anos estabelece confiança para o tratamento eficaz. (Dantas *et al*, 2022).

Elas podem ser de menor extensão ou maior extensão, ocasionadas por traumas ou decorrente de outros fatores, acometem 0,5% da população adulta no mundo ocidental gerando altos custos para os serviços de saúde, internações prolongadas, tratamentos complexos, uso de terapias adjuvantes, além de prejuízos para atividades diárias. A qualidade de vida é um indicador de resposta no tratamento de pessoas com feridas crônicas considerando todos os aspectos físicos, psicológicos, sociais, estado funcional e visão para vida (Oliveira *et al*, 2019).

A assistência em saúde das feridas crônicas é de responsabilidade da equipe de enfermagem, sendo necessário a educação continuada em saúde para aperfeiçoamento e possibilitando o desenvolvimento de novas técnicas através dos estudos dos pesquisadores e cursos, conhecer os efeitos das feridas na vida do paciente e as especificidades das feridas e tratamentos adequados para o indivíduo são fundamentais para qualquer profissional de saúde (Dantas *et al*, 2022).

2 METODOLOGIA

Tratou-se de uma revisão bibliográfica. Esse tipo de estudo inclui a análise de publicações relevantes, possibilita a síntese de estudos publicados sobre a temática abordada, aponta lacunas do conhecimento que necessitam ser preenchidas por meio de novos estudos, além de prover conclusões gerais da área do estudo. Nesta perspectiva de manter os padrões de rigor metodológico, foram constituídas seis etapas, tais quais: 1) identificação do tema e seleção da questão norteadora de pesquisa; 2) determinação de critérios de inclusão e exclusão e seleção das publicações; 3) definição das informações extraídas das publicações revisadas; 4) categorização dos dados obtidos; 5) avaliação dos estudos selecionados; e 6) interpretação e apresentação/síntese dos resultados da pesquisa (Botelho; Cunha & Marcelo, 2011; Mendes; Silveira & Galvão, 2008). As fontes de busca foram realizadas através de publicações indexadas nos buscadores bases de dados SCIELO (Scientific Electronic Library Online).

Buscou responder a seguinte pergunta de pesquisa. Qual o impacto do tratamento de feridas crônicas e complexas na qualidade de vida do paciente? Foram aplicados os seguintes critérios de inclusão para seleção dos artigos: todas as categorias de artigo (originais, revisões de literatura, reflexões, atualizações e relatos de experiências, entre outros), artigos publicados em português, inglês e espanhol, com o objetivo de trazer evidências científicas dos estudos de outros países sobre o tema pesquisado, textos completos, entre os anos de 2019-2024 evidenciando as pesquisas recentes da área abordada, e para a metodologia trouxemos os estudos do ano de 2008 e 2011 que elaboraram a metodologia que estamos utilizando, e os descritores (DeCS): qualidade de vida; feridas; infecção de feridas e no idioma inglês quality of life; wounds; wound infection Após a coleta dos dados, procedeu-se à análise deles através da leitura dos resumos e das discussões dos artigos pesquisados, sendo descartadas as publicações que não responderam à questão norteadora da pesquisa e não foram considerados relevantes para a pesquisa. Foram encontrados 8165 artigos e selecionados 06 artigos para o presente estudo. Para isso, foi utilizado o programa Microsoft Word.

Salienta-se que o presente estudo dispensa a apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), visto que se trata de uma pesquisa com dados secundários, não nominais e de domínio público. Contudo, os pesquisadores seguirão rigorosamente os aspectos éticos e as normas e diretrizes que regulamentam conforme a Resolução nº 466/2012 (BRASIL, 2012) e a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As intervenções na área da saúde evidenciam que o impacto das feridas afeta a qualidade de vida. No estudo realizado pelos autores demonstram que as mulheres apresentam os piores escores de qualidade de vida comparada aos homens com feridas, devido a menor quantidade de massa muscular, condições hormonais e comorbidades. Outros fatores como idade avançada, vitalidade e saúde mental que ocorre no envelhecimento, também interferem no tratamento, pois as alterações progressivas e impactos na capacidade funcional e predisposição de doenças podem interferir levando ao profissional de saúde estabelecer novas estratégias (Dantas *et al*, 2022).

Assim, as trocas diárias de curativos são fundamentais para possibilitar a melhoria das

feridas crônicas, principalmente feridas com tempo de permanência longo acima de 12 meses, o tamanho deve ser observado, aspectos de secreção, odor e nível de dor dos pacientes, para possibilitar a avaliação adequada (Oliveira *et al*, 2019). A religião e a espiritualidade também é uma estratégia para enfrentar situações crônicas da vida, aumentar o propósito, favorecendo adaptações e situações adversas como doenças físicas, sofrimento psíquico e questões sociais (Dantas *et al*, 2022).

Os autores relatam que a qualidade de vida é fundamental no tratamento, métodos terapêuticos evitam altos níveis de ansiedade e as feridas decorrente de traumas apresentam menores escores no bem-estar, lesões traumáticas na literatura está relacionado a acidentes de trânsito, violência urbana podendo causar imobilidade prolongada sendo a população jovem a vítimas desse trauma (Oliveira *et al*, 2019)

Existem diversos tipos de tratamento, o tratamento de feridas cutâneas é dinâmico, depende da evolução das fases de reparação tecidual, na literatura é fundamental a escolha da cobertura da ferida para evitar dor, prevenir perda de líquidos e proteger a pele, evitando traumas ou complicações nas feridas (Ariel-de-Lima *et al*, 2023). Outros tratamentos incluem retalho Keystone, considerado um aliado para a vascularização confiável, sem maiores morbidades (Ribeiro *et al*, 2022).

Já a reconstrução de membros devido a traumas ou comorbidades através de retalhos musculares, é reservado para centros especializados, quando ocorre traumas elétricos, queimaduras entre outros traumas, o retalho microcirúrgico pode ser escolhido após a avaliação da equipe médica e avaliação da melhor escolha ao paciente (Clivatti *et al*, 2022). É fundamental a escolha do curativo, cobertura ou outra escolha, o profissional de saúde deve subsidiar ao paciente o tratamento para evitar complicações e possibilitar sua recuperação (Ruiz; Poletti e Lima, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As feridas crônicas impactam diretamente na qualidade de vida do paciente, ela desencadeia alterações na estrutura familiar, como mudanças na aparência estética valorizadas atualmente pela sociedade, ansiedade, depressão, perda de mobilidade, dificuldade de locomoção, dor, infecções. Pode levar a perda da autoestima. Caso não haja orientação adequada e formação dos profissionais de saúde podem levar a prejuízos nas relações sociais, familiar e existencial. É importante o atendimento humanizado, processo de recuperação e reabilitação, os sentimentos do paciente e tudo que é relatado na consulta de enfermagem ou dos profissionais de saúde.

É essencial o estudo, e o aperfeiçoamento, pois possibilitam ao profissional de saúde a escolha da melhor técnica para tratamento de feridas crônicas, qualidade de vida e bem-estar aos pacientes, devemos ficar atentos às estratégias para reduzir impactos causados por fatores clínicos nas feridas, avaliação da lesão e escolha do tratamento adequado, observando a profundidade, aspecto do exsudato, odor e dor.

REFERÊNCIAS

ARIEL-DE-LIMA, Diego et al. Tratamento de feridas complexas com prótese de PVC e enxerto parcial de pele autólogo: Protocolo acelerado e de baixo custo de cicatrização por terceira intenção. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v.38, n.03, p.01-07, 2023. <https://www.scielo.br/j/rbcp/a/cPGLqnVCmdJgqbFVtpkVbYM/?lang=pt>

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República

Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em:
<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acessado em: 05 mar. 2024.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em:
<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acessado em: 05 mar. 2024.

BOTELHO, Louise Lira Roedel, CUNHA, Cristino Castro Almeida & MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**. v.05, n.11, p.121-136, 2011.

CLIVATTI, Gustavo Moreira et al. Retalho sural reverso como alternativa à reconstrução microcirúrgica de ferimento extenso em pé após queimadura elétrica: relato de caso. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v.37, n.02, p.239-234, 2022.
<https://www.scielo.br/j/rbcp/a/R6X9VnjFXV9hgjR6YQcXB3b/?lang=pt>

DANTAS, Janislei Soares et al. HEALTH-RELATED QUALITY OF LIFE IN PEOPLE WITH CHRONIC WOUNDS AND ASSOCIATED FACTORS. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**. v.31, e.20220010, p.01-14, 2022.
<https://www.scielo.br/j/tce/a/qKh933RhwjgfPYNndS5XsjM/?lang=en#>

MENDES, Karina Dal Sasso, SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira & GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**. v.17, n.04, p.758-764, 2008.

OLIVEIRA, Aline Costa de et al. Qualidade de vida de pessoas com feridas crônicas. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, v.32, n.02, p.194-201, 2019.
<https://www.scielo.br/j/ape/a/5rXWbmmz3qbNgTJKzwGtK9N/#>

RIBEIRO, Renan Diego Américo et al. A versatilidade e confiabilidade do retalho Keystone em reconstruções oncológicas. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v.37, n.03, p.308-312, 2022. <https://www.scielo.br/j/rbcp/a/yX8tXqv8xPTpDLtD7zMDCpK/?lang=pt>

RUIZ, Paula Buck de Oliveira; POLETTI, Nadia Antonia Aparecida; LIMA, Antônio Fernandes Costa. PERFIL DOS PACIENTES ATENDIDOS EM UMA UNIDADE DE TRATAMENTO INTEGRAL DE FERIDA. **Revista Cogitare Enfermagem**, v.27, e.82948, p.01-11, 2022. <https://www.scielo.br/j/cenf/a/tRLhTLNDYR6tdgCsdNHBXmp/?lang=pt#>.

CUIDADOS PALIATIVOS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA (UTI) PEDIÁTRICA: PRÁTICAS DE ENFERMAGEM E DESAFIOS ÉTICOS.

Daniel Vieira de Souza¹; Iara Cristina Soares da Cruz²; Alessandra Batista Sabino Lopes³; Eline Vieira de Souza⁴; Alan de Souza⁵; Vitor de Souza⁶; Katherine Katherine Rios Almeida Pedreira⁷.

Graduando em enfermagem pela Universidade Adventista da Bahia¹²³⁴⁵⁶ Bacharel Em Enfermagem pela FUNESO, Mestre em Promoção da Saúde pelo UNASP; FUNESO-Fundação de Ensino Superior de Olinda; UNASP- Centro Universitário Adventista de São Paulo⁷.

danielcleidereis13@gmail.com

RESUMO

Os cuidados paliativos (CP) em Unidades de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP) visam melhorar a qualidade de vida de crianças criticamente enfermas, especialmente em casos de doenças ameaçadoras. Apesar do avanço técnico e tecnológico na UTIP, muitos profissionais ainda enfrentam dificuldades na implementação de práticas paliativas, o que leva a tratamentos fúteis que prolongam o sofrimento. Os CP pediátricos baseiam-se nos mesmos princípios dos cuidados para adultos, adaptados à faixa etária e às necessidades específicas da criança e da família. Esta revisão analisou estudos sobre cuidados paliativos para pacientes pediátricos críticos e identificou alta mortalidade associada à suspensão de suporte avançado, sendo a insuficiência respiratória uma causa comum de óbito. Observou-se que pacientes necessitam de manejo adequado da dor e de apoio psicológico, mas há uma lacuna na integração desses cuidados. Conclui-se que a capacitação dos profissionais para práticas mais humanizadas e adequadas é essencial, equilibrando intervenções tecnológicas com o conforto e a dignidade, contribuindo para o bem-estar e o apoio à família na terminalidade da vida.

Palavras-chave: cuidados Paliativos; UTI pediátrica; qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

Os Cuidados Paliativos (CP) em Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP), tem como objetivo promover a melhoria da qualidade de vida de pacientes críticos e de alta complexidade que estão diante de doenças que ameacem a continuidade de vida. Para atuar nesta unidade, são necessários conhecimentos específicos e especializados dos profissionais. Nas Unidades de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP), a luta pela vida de crianças criticamente enfermas tem sido permeada por técnicas e aparatos tecnológicos especializados, porém diante do processo de terminalidade da vida, estudos mostram o despreparo dos profissionais na implementação de ações, condutas fúteis e desnecessárias, que só causam dor e prolongam o sofrimento em detrimento da oferta de conforto ao paciente que está em eminência de morte. Os princípios que norteiam os Cuidados Paliativos da população adulta são os mesmos com os Cuidados Paliativos Pediátricos (CPP), ocorrendo algumas adaptações inerentes à faixa etária. (MOTTA, R. de O. L. 2022).

Considerando a enfermagem parte desta equipe, cabe aos profissionais estabelecer uma relação de ajuda com paciente e família, por meio da comunicação efetiva, controle dos sintomas, medidas para alívio do sofrimento e apoio aos familiares frente à morte. O enfermeiro tem papel fundamental nos cuidados paliativos como na aceitação do diagnóstico

e auxílio para conviver com a doença. Assim, desenvolve assistência integral ao paciente e familiares, por meio da escuta atenta com o objetivo de diminuir a ansiedade devido ao medo da doença e do futuro COSTA, Thailly Faria (2010). Há um interesse crescente em cuidados de fim de vida (EOL). Os cuidados paliativos baseiam-se na presença ativa de uma equipe multidisciplinar que será maior ou menor de acordo a cada local e situação Entretanto, além do(s) médico(s) e enfermeiro(s) que prestam atendimento á criança, é necessária a participação ativa de assistente social, serviço de apoio psicológico e/ou psiquiátrico, suporte espiritual (grupos de ajuda, padre, capelão, rabino), terapeuta ocupacional, educadora (musicoterapia, recreacionista), entre outros. PIVA (2011)

No entanto, ainda existem situações de fim de vida em que o intensivista deve avaliar a futilidade dos tratamentos estabelecidos e avaliar a adequação de uma retenção ou retirada planejada das intervenções de suporte de vida se a situação do paciente assim o exigir. Bobillo-Perez S (2020). Os cuidados paliativos em pediatria são implementados progressivamente e ajustados às necessidades impostas pela doença e seu tratamento evolução, complicações, limitações), devendo ser individualizada àquela criança (ajustada pelos valores e anseios daquele binômio família/criança. Sociedade Brasileira de Pediatria (2017).

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura, realizada em setembro de 2024, com o objetivo de apresentar uma análise de estudos já realizados e promover uma discussão da temática. Para essa revisão foram selecionadas como base de dados a Pubmed, BVS- Enfermagem. utilizando os seguintes descritores em ciência da saúde (DeCS) e o operador booleano "AND", a busca inicial envolveu os termos "Cuidados Paliativos", "UTI Pediátrica " e "Qualidade de Vida ", encontrando um total de trinta e nove artigos.

Os critérios de inclusão foram, artigos disponíveis de maneira completa nos idiomas, inglês, português e espanhol. Com um recorte temporal de 2019 a 2024, após uma profunda análise dos artigos foram selecionados os critérios de exclusão, artigos incompletos, artigos fora do recorte temporal, estudos que não abordam diretamente o tema principal, e estudos fora da língua-alvo, resultando um total de sete artigos para a elaboração dos resultados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar os resultados de uma pesquisa que investigou os cuidados de Enfermagem oferecidos a pacientes pediátricos com câncer em estado crítico, internados na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica e submetidos à ventilação mecânica, foi constatado que, dos 104 pacientes avaliados, a maior parte (64%) faleceu após a suspensão das terapias de suporte avançado, com idade mediana de 7,5 anos no momento da admissão. Esses pacientes apresentavam um elevado risco de mortalidade, com insuficiência respiratória sendo a causa principal de óbito em 38% dos casos.

A gestão da dor foi eficaz, com escores baixos de dor e sedação apropriada nos dias que precederam a morte. Contudo, os pacientes que permaneceram internados por mais tempo relataram episódios de dor e agitação. As doses de opioides e benzodiazepínicos foram reduzidas progressivamente ao longo do tempo, e a trajetória da doença influenciou a intensidade da dor. Além disso, 30% dos pacientes tiveram aumento do uso de dispositivos de suporte vital nos cinco dias anteriores ao falecimento, especialmente entre aqueles que morreram após a retirada do suporte. (BRODEN, et al; 2022).

Outro estudo, envolvendo 931 pacientes pediátricos com câncer, avaliou a necessidade de implementação de cuidados paliativos. Dos 931 pacientes, 88% estavam vivos no momento da análise, e 60% apresentavam comorbidades no diagnóstico.

Cerca de 38% dos pacientes tinham malignidades hematológicas, 17% apresentavam

sarcomas, e 16% tinham tumores do sistema nervoso central (SNC). Apenas 5,6% dos pacientes receberam consulta de cuidados paliativos (CP), sem diferença significativa em relação ao gênero ou comorbidades prévias. Entretanto, a consulta de CP foi mais frequente entre os pacientes que faleceram (13,6%) e nos casos de sarcoma, doenças de alto risco ou prognóstico desfavorável, indicando maior necessidade de cuidados paliativos nesses grupos. Entre os fatores relacionados ao tratamento, a demanda por cuidados paliativos foi maior em pacientes submetidos a tratamentos intensivos, múltiplas linhas de terapia, recidivas ou transplantes de medula óssea, com prevalência de 16% entre aqueles com cinco ou mais gatilhos documentados. Além disso, 61,7% dos pacientes necessitavam de controle de sintomas, e a consulta de CP esteve associada a encaminhamentos para equipes de dor e psiquiatria. Pacientes com múltiplos gatilhos, como internações frequentes em UTI e prognóstico ruim, apresentaram probabilidade significativamente maior de receber consulta de CP.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a revisão da literatura revela a importância crescente da implementação dos cuidados paliativos na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica, especialmente para pacientes em estado crítico ou com prognósticos desfavoráveis. Embora avanços tenham sido feitos para melhorar o fim de vida em pediatria, observa-se ainda um desafio significativo quanto à preparação dos profissionais e à aplicação de condutas adequadas. A inclusão de cuidados paliativos, adaptados às necessidades individuais e focados no controle de sintomas e na comunicação empática, emerge como essencial para a promoção do bem-estar e para a redução do sofrimento tanto do paciente quanto de seus familiares.

Portanto, faz-se necessário que haja uma melhor capacitação desses profissionais, visando a uma prática mais humanizada e eficaz, capaz de equilibrar intervenções tecnológicas com a valorização do conforto e da dignidade na terminalidade da vida, além de valorizar ainda mais essa classe de trabalhadores.

REFERÊNCIAS

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Cuidados paliativos pediátricos: o que são e qual sua importância? Cuidando da criança em todos os momentos. 2017. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2017/03/Medicina-da-Dor-Cuidados-Paliativos.pdf]. Acesso em: [06.10.2024].

OTTA, R. de O. L. da .; TELLES, F. S. P. . A moralidade dos cuidados paliativos na UTI pediátrica. **Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem**, [S. l.], v. 12, n. 37, p. 133–144, 2022. DOI: 10.24276/recente2022.12.37.133-144. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/596>. Acesso em: 6 out. 2024.

COSTA, Thailly Faria da; CEOLIM, Maria Filomena. A enfermagem nos cuidados paliativos à criança e adolescente com câncer: revisão integrativa da literatura. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 31, p. 776-784, 2010.

Bobillo-Perez S, Segura S, Girona-Alarcon M, Felipe A, Balaguer M, Hernandez-Platero L, Sole-Ribalta A, Guitart C, Jordan I, Cambra FJ. End-of-life care in a pediatric intensive care unit: the impact of the development of a palliative care unit. *BMC Palliat Care*. 2020 May 28;19(1):74. doi: 10.1186/s12904-020-00575-4. PMID: 32466785; PMCID: PMC7254653.

PIVA, Jefferson Pedro; GARCIA, Pedro Celiny Ramos; LAGO, Patrícia Miranda. Dilemas e dificuldades envolvendo decisões de final de vida e oferta de cuidados paliativos em pediatria. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, v. 23, p. 78-86, 2011.

CUVIELLO, A., et al. Triggers for Palliative Care Referral in Pediatric Oncology. *Cancers*, v. 13, p. 1-9, 2021.

BRODEN. H., et al. Nursing Care at End of Life in Pediatric IntensiveCare Unit Patients Requiring Mechanical Ventilation. *HHS Public Access*, v. 31 p. 1-20, 2022.

TRANSTORNO DE ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO NA INFÂNCIA: IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE, IMPACTOS PSICOSSOCIAIS E INTERVENÇÃO.

Eduarda Eguchi de Andrade Souza¹; Alejandro Esteban da Silva Mejias¹; Erika Caroline dos Santos¹; Jenyfer da Costa Andrade¹; Renata Reis Sobral¹; Victor Cunha Sandrin¹; André Luiz Baião Campos²

Graduando em medicina pela Universidade Tiradentes, Aracaju¹, Mestrando em Gestão, Políticas e Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas².

eduarda.eguchi@souunit.com.br

RESUMO

A ansiedade é um sentimento humano, necessário para progressão de vida, porém ao se intensificar, exageradamente, pode causar repercussões sistêmicas, gerando uma patologia psicossocial, tendo impacto negativo na qualidade de vida da pessoa afetada com o transtorno citado, podendo afetar todas as faixas etárias, incluindo crianças. O transtorno de ansiedade de separação (TAS), caracterizado por uma resposta fisiológica exacerbada à separação da figura de apego, é um dos primeiros transtornos a se apresentar na infância, causando danos biopsicossociais e afetando o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Assim, uma intervenção precoce é essencial, com a colaboração da família e escola, para minimizar os efeitos do TAS.

Palavras-chave: ansiedade; transtorno de ansiedade de separação; infância.

1 INTRODUÇÃO

A ansiedade é um sentimento humano, necessário para progressão de vida, porém ao se intensificar, exageradamente, pode causar repercussões sistêmicas, gerando uma patologia psicossocial, conhecida como transtorno de ansiedade generalizada, o qual, tem importante impacto negativo na qualidade de vida da pessoa afetada com o transtorno citado. (LOPES et al., 2021). Tal quadro, pode ser observado em todas as faixas etárias, inclusive em crianças e adolescentes, os quais sofrem perdas cognitivas significativas quando enfrentam esse problema (LIMA, 2020).

Dentro do contexto pediátrico, existe ainda uma repercussão da ansiedade denominada transtorno de ansiedade por separação, entendida como o medo profundo de separar-se de pessoas, as quais existe apego emocional e causam sofrimento intenso na vida dessa criança, gerando alterações comportamentais e no sistema fisiológico, como dores de cabeça e estômago. (SILVA, Priscilla Carla, 2023).

Desse modo, por ser uma patologia psicossocial, o transtorno de ansiedade por separação prejudica a qualidade de vida e interação social da criança, sendo comum que pacientes infanto-juvenil identificados com esse transtorno, desenvolva-se, socialmente, como uma pessoa de baixa autoestima e introvertida. Assim, fica clara a importância de falar sobre o tema, uma vez que sequelas dos transtornos trazem danos irreversíveis para a saúde biopsicossocial dos menores afetados com tal problema (SILVA, Priscilla Carla, 2023).

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica com a abordagem das publicações dos últimos 5 anos, utilizando as bases de dados Google Acadêmico, SciELO, Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), LILACS. Os descritores utilizados foram “ansiedade”, “crianças”, “separação”, “psicologia infantil”, “serviços de saúde materno-infantil” e “transtornos reativos da criança”, com o operador booleano AND.

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos completos que fomentam a discussão da ansiedade por separação, em inglês e português. Em relação aos critérios de exclusão, artigos com mais de 5 anos.

Após esses critérios, dos 13 artigos selecionados, apenas 11 se enquadram nos critérios estabelecidos. Dessa forma, essa seleção garante a relevância dos estudos para a discussão sobre a temática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ansiedade de separação fisiológica faz parte do desenvolvimento normal da infância manifestando-se entre 6 a 12 meses e podendo durar até os 3 anos de idade, período, o qual, a criança começa a perceber a ausência dos cuidadores e apresentar sinais de angústia. Tal comportamento diminui com o passar dos anos, uma vez que ocorre a aquisição de maior senso de autonomia e compreensão do mundo ao redor, sendo necessário distinguir uma reação fisiológica da patológica.

O transtorno de ansiedade de separação (TAS) ocorre quando a ansiedade fisiológica é aumentada e se manifesta em uma idade, contexto e/ou intensidade inapropriada, podendo ter início em qualquer faixa etária da infância. Na criança, essa condição é responsável por 50 % dos casos de tratamento de saúde mental relacionado à ansiedade, segundo estudos, a idade média de início é aos 6 anos, sendo um dos primeiros transtornos de ansiedade a se apresentar em crianças e é de extrema importância o tratamento, uma vez que não tratada pode vir prejudicar no desenvolvimento e aumentar a suscetibilidade a outros transtornos mentais na vida adulta.

O curso clínico apresentado pela criança com o transtorno é variável, porém, com características particulares sendo manifestada, a exemplo, com preocupações excessivas, inquietação, distúrbios de sono e o pavor da separação real ou antecipada da figura de apego (FERIANTE; BERNSTEIN, 2021).

Dessa maneira, os indivíduos acometidos pela ansiedade de separação, podem exibir retraimento social, apatia e tristeza, além disso, demonstrar raiva, ou às vezes, comportamentos agressivos em relação a quem está forçando a separação. Elas tendem a ter uma personalidade característica de pessoas mais exigentes, intrusivas e com necessidade de atenção constante e quando adultas podem ser dependentes e superprotetoras (DSM-5-TR).

Além disso, o TAS afeta, significativamente, a qualidade de vida da vítima e da família, visto que a criança pode evitar ir à escola, participar de atividades sociais ou deixar os responsáveis trabalharem (FERIANTE; BERNSTEIN, 2021).

Desse modo, na grande maioria dos estudos foram constatadas que crianças com TAS ou outros tipos de transtornos de ansiedade são mais propensas a absenteísmo escolar e/ou baixo desempenho educacional na juventude. Por conseguinte, foi demonstrado, ainda, maior comprometimento na memória de trabalho visuoespacial, memória semântica, linguagem oral e escrita de palavras, sofrendo interferência de acordo com a gravidade da ansiedade e a presença de outros tipos de transtornos de ansiedade (FERIANTE; BERNSTEIN, 2021).

Dessa forma, a gravidade dos sintomas desse transtorno pode ser avaliada por meio de escalas que foram criadas para a população pediátrica, não existindo uma escala padronizada, uma das mais utilizadas é a escala SCARED o qual possui um formulário com 41 questões, cada uma pontuando de 0 a 2 pontos, totalizando 82 pontos, perfazendo todos os tipos de

transtornos de ansiedade. Assim, quanto maior a pontuação maior será a gravidade e outra função seria a possibilidade de usá-la para a avaliação da eficácia do tratamento (FERIANTE; BERNSTEIN, 2021).

Um das alternativas disponíveis para o manejo dos casos de TAS são a terapia cognitivo comportamental (TCC) e medicamentos como inibidores seletivos de recaptção de serotonina (ISRS), podendo ser utilizado em conjunto ou associados, afim de melhorar os sintomas, sendo respaldados em estudos que comprovam uma maior eficácia quando aplicados em adjuvância (FERIANTE; BERNSTEIN, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O transtorno de ansiedade por separação é uma das condições mais prevalentes na infância e pode ter consequências negativas durante toda a vida da criança, incluindo o comprometimento da autoestima e do desenvolvimento social. Profissionais da saúde e educação devem estar atentos aos mínimos sinais de ansiedade em contextos escolares, onde é possível observar o comportamento infantil e intervir de maneira mais precoce.

Sendo necessário, ainda, o fortalecimento da colaboração entre o ambiente escolar e o familiar, com o intuito de que as crianças com TAS recebam o suporte necessário para terem uma melhor qualidade de vida. O diagnóstico precoce e o tratamento multidisciplinar são fatores essenciais para evitar que a ansiedade persista na vida adulta, causando maiores prejuízos.

É notável a existência de uma lacuna na pesquisa em língua portuguesa acerca do assunto, limitando a compreensão da realidade brasileira. Estudos nacionais são fundamentais para que seja feita a adaptação das estratégias de diagnóstico e intervenção ao contexto nacional, uma vez que, muitos métodos e diretrizes atuais estejam baseados em pesquisas internacionais que não refletem necessariamente a realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

FERIANTE, Joshua; Bernstein, Bettina. **Separation Anxiety**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350854874_Separation_Anxiety . Acesso em: 27 out. 2024.

FERIANTE, J.; TORRICO, T. J.; BERNSTEIN, B. **Separation anxiety disorder**. Em: StatPearls. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing, 2023.

FIÚZA, V. F. O transtorno de ansiedade de separação na infância: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 6, p. 26577–26586, 2023.

FROTA, I. J. *et al.* Transtornos de ansiedade: histórico, aspectos clínicos e classificações atuais. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 10, n. 1, p. 1, 2022.

LIMA, A.C.R.; MELO, B.A.D.. A efetividade da terapia cognitivo-comportamental na redução da ansiedade infantil. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 6, n. 1, p. 213–226, 2020.

LOPES, A. B. *et al.* Transtorno de ansiedade generalizada: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 35, p. e 8773, 2021.

PRADO, T. et al. Presença de sintomas de fobia social, transtorno do pânico e ansiedade de separação em estudantes de 11 a 17 anos, em uma escola da rede pública de ensino de Salvador. **Revista Ciências Médicas e Biológicas**, v. 19, n. 4, p. 560-564, 2020.

SANTOS, Havanny et al. Transtorno de ansiedade na infância: alterações cognitivas e os impactos na aprendizagem escolar na terceira infância. *Psicologias em Movimento* - v.2, n.1: jan./jul. 2022.

SBICIGO, J. B. et al. Memory and language impairments are associated with anxiety disorder severity in childhood. **Trends in psychiatry and psychotherapy**, v. 42, n. 2, p. 161–170, 2020.

SILVA, Priscila Carla da. Transtorno de ansiedade de separação em adolescentes escolares e os prejuízos no aspecto social. 2023. Disponível em:
[https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/50221/1/DISSERTA%
c3%87%
c3%83O%20Priscila%20Carla%20da%20Silva.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/50221/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Priscila%20Carla%20da%20Silva.pdf) . Acesso em: 27 out. 2024.

Vaz, A. F. C., Figueredo, L. Z. P., & Motta, A. B. Problemas de comportamento, ansiedade e habilidades sociais em crianças pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Prática*, v.1, pág. 161-184, 2020.

ADOTADOS: QUEM SÃO OS ESCOLHIDOS? QUANTOS SÃO DEVOLVIDOS?

Thaimine Kyra Rodrigues¹; Sarah Joanni de Oliveira Pinto¹; Ilanna Pinheiro Da Costa Medeiros²;

Graduando em psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro¹, Doutoranda em psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro²

thaiminekyra@gmail.com

RESUMO

Este resumo expandido tem como base o capítulo 2 da tese de doutorado de Ilanna Pinheiro da Costa Medeiros, intitulada *T.O.P.A. - Treinamento de Orientação Parental para Pais no Processo de Pós-Adoção*. O capítulo, intitulado “Adotados: quem são os escolhidos? Quantos são os devolvidos?”, tem como objetivo buscar informações que fundamentam a escrita sobre o perfil das crianças devolvidas no processo de adoção. Os dados encontrados, foram revisados e costurados a partir de outros autores (Weber (1999); Paiva, (2004); Levy; Pinho; Faria, (2009); Nuttal; Valentino; Borkowku, (2012); Souza (2012); Pereira; Azambuja (2015); Rosa *Et Al.* (2016); Levinzon, (2018); Machado *Et Al.* (2019)) que discutem a temática. Assim, pode-se comparar numericamente o perfil das crianças que estão acolhidas com o perfil de criança esperado pelos adotantes, chegando à conclusão de que há uma grande discrepância nos dados.

Palavras-chave: adoção; pós adoção; devolução.

1 INTRODUÇÃO

Para compreender o público da adoção, é preciso, primeiramente, voltar-se para o processo legal em solo brasileiro. Assim, uma criança ou adolescente esteja apto à adoção, esta precisa estar destituída do poder familiar e inserida no Sistema Nacional de Adoção (SNA), podendo, então, ser inserido em outra família.

Em outra perspectiva, os pretendentes precisam fazer um caminho jurídico e emocional para dar início ao processo. Eles precisam expressar o desejo em uma vara da infância e juventude, apresentar documentos, preencher o formulário de perfil da criança, aqui entram características deste possível filho, e por último, passar pela preparação psicossocial e jurídica prevista pela Lei nº 13.509, de 2017.

Após essa preparação o candidato à adoção pode passar para o status de habilitado e ser inserido no SNA, onde ocorre um processo de cruzamento de dados dos perfis. Caso haja a conexão com os dados das crianças/adolescentes através do SNA e, se houver interesse, inicia-se a aproximação assistida, se esta for bem-sucedida, é iniciado o estágio de convivência. Após esse estágio, a família precisa manifestar o desejo da ação de adoção e o processo é continuado e é confeccionado o novo registro de nascimento com o sobrenome da família. Após todo este processo, a adoção, hipoteticamente, seria um ato irrevogável.

2 METODOLOGIA

Para a elaboração desse trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica, também denominada como Revisão de literatura. Revisão Bibliográfica é parte de um projeto de pesquisa, que revela explicitamente o universo de contribuições científicas de autores sobre um tema específico. (Santos e Candeloro, 2006, p. 43). Os materiais utilizados foram retirados das

principais bases de dados, Scielo e Pubmed, periódicos e sites oficiais e os critérios para inclusão foram: teses, artigos e dissertações que estivessem dentro do recorte de 10 anos, totalizando 10 trabalhos, além de Leis e material de justiça.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da dinâmica citada previamente, cabe a compreensão do perfil das crianças que podem ser adotadas, assim como das pessoas que desejam adotar e para ilustrar esta dinâmica, serão apresentados dados que foram retirados do SNA e são vigentes até a data de consulta no ano de 2024.

Os dados apontam que existem o total de 4.411 crianças e adolescentes disponíveis no sistema. Observa-se que a região com o maior número de crianças disponíveis ou vinculadas para a adoção é a Sudeste, onde atualmente temos 2.014 crianças e adolescentes para adoção. Destas, 53,9% são pardas, 16,2% são pretas e brancas são 29,8%. Ao falarmos de gênero, o masculino é a maior porcentagem com 54,7%, enquanto o feminino é de 45,3%. A grande maioria (98,8%) destas crianças não apresenta doença infectocontagiosa; 16,5% têm algum problema de saúde e 82,7% não apresenta nenhuma deficiência física ou intelectual. Ao olharmos para a idade, o menor percentual é das crianças de 2 a 4 anos; enquanto a expressa maioria destas crianças estão no recorte de 14 a 16 anos. Por fim, ao olharmos para o recorte de crianças com irmãos, a maioria (1.797) não possui irmãos e muitos adotantes procuram por este perfil, todavia, deste total, 378 já são maiores de 16 anos o que é sabido que dificulta a adoção. Cabe ressaltar que o ECA estabelece que irmãos devem ser adotados preferencialmente juntos.

É possível compreender ainda, através do SNA, o perfil dos adotantes. O Estado de São Paulo é o maior em números tendo 9.129 candidatos. O primeiro grande destaque é que existem 35.944 pessoas cadastradas no sistema. Todavia, se faz necessário um olhar mais atento ao perfil esperado por estes. Ao se tratar de etnia aceita, 22.057 aceitam qualquer etnia, 11.623 apenas aceitam crianças brancas. Quanto a idade, o recorte mais aceito é o de 2 a 6 anos por 22.550 postulantes; os maiores de 16 anos são aceitos apenas por 78. Sobre a quantidade de filhos, 61,8% desejam um filho; 35,9% aceitam duas crianças e 2,3% indicam que poderiam aceitar mais do que duas crianças. Ao olharmos para questões de saúde, a grande maioria não aceita doenças infecto contagiosa ou algum outro tipo de doença; sobre algum tipo de deficiência, 94,9% afirmaram que não aceitariam crianças ou adolescentes portadores de alguma deficiência e apenas 3,8% aceitariam deficiência física.

Em 2020 o CNJ juntamente com o SNA lançou um diagnóstico que recolheu dados dos anos de 2015 a 2020. Os dados confirmam que, à medida que a idade aumenta, o número de adoções é menor. De acordo com o relatório, do total de adoções realizadas, 5.204 (51%) foram de crianças de até 3 anos completos; 2.690 (27%) foram de 4 até 7 anos; 1.567 (15%) foram de 8 até 11 anos; e 649 (6%) foram de adolescentes acima de 12 anos. O mesmo afirma que não foi possível realizar vinculação automática para 93,8% dos postulantes, considerando o perfil desejado por eles. Um quesito importante para essa não vinculação, é a idade das crianças, uma vez que 93% possuem 7 anos ou mais de idade e maioria deseja crianças até 4 anos (CNJ, 2020).

A partir de toda esta compreensão dos processos jurídicos e temporais, do perfil dos postulantes, das crianças e adolescentes destaca-se agora o processo da “devolução” nomeada por alguns autores como “adoções mal sucedidas”. Logo, voltamos ao conceito que, de acordo com o ECA é previsto por lei a possibilidade da não finalização da adoção, sendo esta permitida apenas no estágio de convivência ou guarda provisória. A partir deste, a adoção é vista como fato irrevogável de acordo com o ECA (Lei n. 8.069, 1990).

O conceito de devolução não é reconhecido juridicamente, é uma palavra ampla que contempla pelo menos dois casos distintos, a interrupção – quando os adotantes desistem de

completar o processo antes da efetivação da adoção – e a dissolução da adoção – quando ocorre a entrega da criança após a efetivação da adoção (Souza, 2012).

Em 2018 o MCA aperfeiçoou os motivos de acolhimento e desligamento. A partir de 2018 o motivo “Devolução por tentativa de colocação familiar malsucedida” foi desmembrado em “Adoção mal sucedida”, “Guarda ou Tutela para terceiros mal sucedida” e “Guarda ou Tutela para família extensa malsucedida”. Analisando os dados do Estado do Rio de Janeiro, nota-se que 33 crianças/adolescentes (2%) foram devolvidas através da adoção malsucedidas; sendo 17 do sexo feminino e 16 do sexo masculino. 29 (2%) foram acolhidos novamente em decorrência a guarda ou tutela para terceiros malsucedida.

O censo também traz informações sobre a idade das crianças e adolescentes devolvidos: constata-se que das 33 devolvidas em detrimento de adoção malsucedidas, o total de 28 já estavam no recorte dos 7 aos 18 anos. Analisando também a guarda ou tutela a terceiros, 27 também estão no recorte a partir dos 7 anos. Logo, a idade em que estão sendo devolvidas dificulta a possibilidade de outras adoções, pois estarão na categoria “adoção tardia”; o que gera estigmas e mitos além de ser um dos motivos apontados para a devolução. Segundo a Associação dos magistrados brasileiros (2014), é denominada de adoção tardia aquela ocorrida com crianças acima de dois anos, compreendendo até o período da adolescência.

Estudos, então, apresentam os mais diversos motivos para a devolução, passando por questões como: a presença de problemas emocionais e comportamentais da criança; falta de apoio social, em especial da família extensa; expectativas irreais sobre o filho que envolviam a crença sobre a criança ter instrumentos para lidar consigo mesma; dificuldades de adaptação de ambas as partes e por conflitos que se revelam na formação do novo vínculo; desobediência e rebeldia; dificuldade em lidar com a destrutividade da criança (Weber, 1999; Paiva, 2004; Levy; Pinho; Faria, 2009; Nuttal; Valtentino; Borkowku, 2012). Outro fator importante que se destaca na devolução é o medo em relação à questão da genética, pois leva a alguns pais adotivos interpretem reações normais de agressividade e impulsividade da criança como algo advindo da sua genética. Esse sentimento de estranheza já aponta para a possibilidade de dificuldade na construção do vínculo afetivo e para a má elaboração da descontinuidade genética em relação à criança (Levinzon, 2018; Machado *et al.*, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, as crianças e adolescentes disponíveis para adoção são em sua maioria pretas ou pardas, a expressa maioria tem mais de 8 anos de idade, algumas com doenças infectocontagiosas, portadores de deficiência física e/ou intelectual. Em contrapartida, os postulantes aceitam “qualquer etnia”, mas, com a faixa etária de 2 a 6 anos, sendo apenas uma criança; a maioria não aceita doenças físicas ou infectocontagiosas.

Questiona-se, portanto, se os candidatos à adoção compreendem realmente o perfil das crianças e adolescentes em solo brasileiro. Essa rigidez do perfil pode ser encarada como um aspecto negativo para o direito à convivência familiar, dificultando a inserção em um lar, bem como a demora para a satisfação do desejo de parentalidade (Pereira; Azambuja, 2015; Rosa *et al.*, 2016)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**. Brasília. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Plano_Defesa_CriancasAdolescentes%20.pdf. Acesso em: 30 jan. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Diagnóstico sobre o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento/ Conselho Nacional de Justiça – Brasília: CNJ, 2020. Disponível em: https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2020/05/relat_diagnosticoSNA2020_25052020.pdf. Acesso em: 22 jun. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Painel de acompanhamento do sistema nacional de adoção e acolhimento. Disponível em: <https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-f74b5b5b31a2&sheet=4f1d9435-00b1-4c8c-beb7-8ed9dba4e45a&opt=cursel&select=clearall>. Acesso em: 22 jun. 2024.

LEVINZON, G. **Adoção e falso self**: o dilema do “bom adotado”.

LEVY, L.; DIUANA, S.; PINHO, P. O grupo de reflexão como estratégia de promoção de saúde com famílias adotivas. **Mudanças**, v.17, n. 1, p. 39-42, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-645824>. Acesso em: 07 jul. 2024.

MACHADO, G.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MELLO, R.; MAGALHÃES, A. O mito de origem em famílias adotivas. **Psicologia-USP**, v.30, n. 1, p. 1-10, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/GHdjQPfKmfYLNCR4GSr373y/>. Acesso em: 07 jul. 2024.

NUTTALL, A.; VALENTINO, K.; BORKOWKI, J. Maternal history of parentification, maternal warm, responsiveness, and chidreb’s externalizingbehavior. **Journal of Family Psychology**, v.26, n. 5, p. 767-75, 2012.

PAIVA, L. **Adoção**: Significados e possibilidades. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. PEREIRA, A.; AZAMBUJA, M. História e legislação da adoção no Brasil. *In*: SCORSOLINI-COMIN, F.; PEREIRA, A.; NUNES, M. **Adoção**: legislação, cenários e práticas. São Paulo: Vetor, p.17-27, 2015.

ROSA, J.; BORIS, G.; MELO, A.; SANTOS, M. A construção dos papéis parentais em casais homoafetivos adotantes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, p. 210-223, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001132014>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SANTOS, V. D.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre/RS: AGE Ltda, 2006. 149 p.

SOUZA, H. **Adoção tardia**: devolução ou desistência do filho? A necessária preparação para adoção. Curitiba: Juruá, 2012

WEBER, L. **Aspectos Psicológicos da Adoção**. Curitiba: Juruá, 1999.

A IMPORTÂNCIA DA ATENÇÃO À MÃES DE CRIANÇAS ATÍPICAS NA PERSPECTIVA DA TERAPIA OCUPACIONAL

Jayne Gabriela dos Santos Rodrigues¹; Larissa Madeira Gonçalves²; Agnes Rodrigues da Cunha³.

Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Pelotas¹, Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Pelotas², Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Pelotas³.

jaynegsrodrigues@gmail.com

RESUMO

A Terapia Ocupacional possui dentre os seus objetivos engajar as pessoas em ocupações, bem como ajudá-las a encontrar o equilíbrio entre as ocupações. Porém, mães de crianças e adolescentes atípicos não desempenham todas suas ocupações devido a sobrecarga gerada pelos cuidados com seus filhos. O objetivo deste trabalho é evidenciar as contribuições e ações desenvolvidas em um grupo de acolhimento junto às mães de crianças e adolescentes atendidos em uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais no sul do Brasil. A metodologia utilizada foi relato de experiência, formulado a partir das vivências em um contexto de estágio curricular do curso de Terapia Ocupacional. Os resultados apontam que o grupo foi um importante espaço acolhedor e de trocas entre as mães, durante os encontros houveram trocas de experiências e estratégias entre as mães, bem como espaço para conversarem sobre a sobrecarga existente em suas vidas. Logo, conclui-se que é importante e necessário ter atenção e cuidado com os responsáveis das crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autismo.

Palavras-chave: terapia ocupacional; infantojuvenil; família.

1 INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional, segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional, AOTA, objetiva-se a buscar a saúde, o bem-estar e a participação social por meio do engajamento em ocupações (Gomes; Teixeira; Ribeiro, 2021). Contudo, encontrar o equilíbrio entre as ocupações não é uma tarefa simples, principalmente para mães de crianças e adolescentes atípicos, visto que elas muitas vezes deixam de exercer algumas ocupações, como lazer, descanso e sono, em prol dos cuidados com os seus filhos.

Constantinidis e Pinto (2020), discorrem que a demanda de cuidados de mães com filhos atípicos pode acarretar na diminuição da participação dessas mulheres nas áreas social, afetiva e profissional. A ocorrência deste fenômeno está associada ao fato de que, geralmente, as mães são as principais ou únicas cuidadoras das crianças atípicas, se envolvendo ativamente e integralmente nas terapias de seus filhos.

Dessa forma, durante a realização de estágio obrigatório para formalização da graduação em Terapia Ocupacional, em uma universidade federal no sul do país, três discentes realizaram estágio em uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Sendo uma instituição sem fins lucrativos, o local oferta os atendimentos de forma gratuita à população e o serviço, na unidade em que ocorreu o estágio, era composto por profissionais de diversas áreas, entre elas: Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Psicopedagogia, Psicologia e Educação Física. Os atendimentos, nesta unidade, duravam cerca de 50 minutos e grande

maioria do público atendido possuía baixa renda.

Durante a realização do estágio curricular, sob supervisão de uma Terapeuta Ocupacional, as estagiárias atendiam crianças e adolescentes, com faixa etária variando entre 3 e 12 anos, a maioria diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). A demanda de fluxo dos atendimentos no serviço era grande, logo o tempo para realizar a devolutiva com os responsáveis era curto. Desta forma, as estagiárias sentiam a necessidade de conversar mais com os responsáveis e familiares, não apenas para realizar a devolutiva dos atendimentos, mas também para acolher as demandas e trocar conhecimentos e informações sobre o TEA, desenvolvimento infantil, a importância do brincar, estratégias para o ambiente de casa entre outras temáticas pertinentes.

Assim, em virtude desta necessidade, foi criado o “Grupo de acolhimento e orientação de vida diária”, o grupo era voltado para os responsáveis das crianças e adolescentes atendidos na APAE e isto incluía aqueles que ainda estavam na fila de espera para o atendimento terapêutico ocupacional.

Logo, este trabalho busca evidenciar as contribuições e ações desenvolvidas no grupo junto aos responsáveis de crianças e adolescentes atendidos em uma APAE no sul do Brasil durante o período de junho a agosto de 2024.

2 METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um relato de experiência que tem como objetivo relatar algumas das práticas realizadas em uma APAE junto à crianças e adolescentes e suas famílias, no contexto de estágio obrigatório do curso de Terapia Ocupacional, em uma Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no segundo semestre do ano de 2024, entre os meses de abril e setembro, tendo a preceptoria de uma professora substituta supervisora que também estava como terapeuta ocupacional atuante no serviço. Este estudo dispensa aprovação no Comitê de Pesquisa e Ética, visto que é um relato de experiência e além disso, deixará em total anonimato a identidade das participantes aqui descritas.

O grupo de acolhimento e orientação de vida diária, tinha como objetivos: oferecer orientação para rotina e estratégias; oportunizar troca de experiências e vivências entre pais e responsáveis; e promover conscientização em saúde. Apesar de ser aberto a todos os responsáveis, participavam do grupo apenas mulheres, sendo a maioria mães. Os encontros eram mediados pelas estagiárias, eles ocorriam quinzenalmente, com duração em torno de 1 hora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Compreendendo que a família faz parte fundamental dentro de um processo terapêutico, buscamos prestar assistência ao passo que também nos aproximamos do contato com essa rede de cuidado da população infantojuvenil, surge a formulação de um grupo com cuidadores, familiares e responsáveis desses indivíduos, justificado também em razão da alta demanda de pacientes na fila de espera para tratamento terapêutico ocupacional no serviço. A ideia norteadora inicial na criação do grupo era sob orientação de vida diária, onde nós, enquanto estagiárias pudéssemos uma vez por semana, no período da manhã encontrar com esses responsáveis para sanar, orientar e discutir algumas temáticas, práticas, orientações e estratégias de cuidado dentro do ambiente de casa. As principais condições de saúde atendidas eram TEA e Síndrome de Down, então partimos das principais implicações nas ocupações de Atividades de Vida Diárias (AVDs), advindas desses diagnósticos para formular as temáticas iniciais que seriam discutidas junto ao grupo.

Logo nos primeiros encontros, já observamos a notória e marcante presença feminina,

majoritariamente formada por mães, que na maior parte dos casos tratava-se também de famílias monoparentais, sendo essas mulheres as únicas responsáveis no cuidado de seus filhos, mas houve também a presença de avós. Ao passo que o grupo ia acontecendo, percebemos o engajamento dessas mulheres e como o grupo foi se tornando uma rede de suporte mútuo, com falas, acolhimentos e trocas de vivências e experiências entre elas. Percebemos que aquelas manhãs foram se tornando também um espaço coletivo de autocuidado e um espaço que elas se sentiam acolhidas e principalmente compreendidas, visto que dividiam o mesmo papel ocupacional de mães.

A demanda do grupo então precisou ser reformulada, passamos a trazer menos conteúdos teóricos a serem discutidos e incentivamos o maior envolvimento delas, encorajando-as a se expressarem e partilharem suas vivências. Visto que os grupos podem ser veículos de produção de subjetividades, logo, são espaços potencializadores de contato consigo e com o próximo e assim, é possível através do outro reconhecer, modificar e partilhar sua própria forma de fazer (Samea, 2008; Ballarin, 2023).

Assim, para além de estratégias que levavamos para elas, as mesmas também compartilhavam as que elas realizavam no ambiente de casa, bem como também relataram suas dificuldades. Entre elas, a dificuldade de comunicação e interação com seus filhos, principalmente aqueles com TEA. Dessa forma, ao longo da conversa levavamos para elas conceitos de comunicação alternativa, exemplos de pranchas de comunicação e de pistas visuais para facilitar a comunicação e interação.

Em muitos casos, além dos sintomas característicos do autismo é possível que a criança ou adolescente apresente alguma comorbidade como epilepsia, deficiência intelectual, transtornos ansiosos, depressivos e de déficit de atenção e hiperatividade, entre outros (Silva *et. al.*, 2012), então lidar com toda essa carga oriunda do autismo acaba por afetar toda a família, principalmente a maior referência de cuidado que a maioria desses casos recai sobre a figura materna, sobre a mãe.

Um dos nossos últimos encontros o tema trazido era sobre a sobrecarga materna, foi um dia bastante mobilizador, um dos dias onde foram mais participativas e que suas falas guiaram todo o encontro. Neste dia, o foco foi elas, conversamos sobre seus momentos de lazer, de autocuidado e de descanso e o consenso foi que elas não vivenciam estes momentos, algumas mães falaram que gostariam de trabalhar e não podem, pois não tem com quem deixar seus filhos, outras disseram que ou arrumam a casa ou descansam. Este encontro foi bastante emocionante, a maioria das participantes se emocionaram, na qual chorando falaram sobre o luto do filho idealizado, bem como a culpa que sentem por não conseguirem dar conta de tudo e/ou por deixarem suas vidas e objetivos de lado.

Os vários relatos trazidos pelas mães nesse encontro confirmam o que estudos relatam, que essa mulher, ao se tornar mãe, geralmente abre mão da carreira profissional onde passa a dedicar seu tempo integralmente nos cuidados dos filhos (Figueiredo *et. al.*, 2020). Onde nas famílias nucleares, estas relatam as dificuldades dos pais em aceitarem os diagnósticos de seus filhos e no caso das famílias monoparentais essa situação e sobrecarga fica ainda maior, com maiores implicações e as obrigações incidindo para essa mulher.

Na nossa última semana de estágio, e conseqüentemente o último encontro, houve uma confraternização, as mães relataram que o grupo foi importante não apenas para entenderem mais sobre seus filhos, mas para poderem conversar, desabafar, rir e chorar. O espaço criado ultrapassou as barreiras físicas da instituição, pois elas, por iniciativa própria, criaram um grupo no *WhatsApp* para trocas, para serem rede de apoio e para dar continuidade aos laços criados no grupo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências aqui relatadas mostram a necessidade de cada vez mais nos atentarmos a rede de cuidados das crianças e adolescentes, o grupo se mostrou como potente ferramenta no cuidado ampliado a essas mulheres mães, que na rotina e cotidiano diário enfrentam tanta sobrecarga e não possuem momentos com seus pares. Ademais, a importância do grupo na vida dessas mulheres foi para além dos encontros na APAE, uma vez que elas criaram um grupo no WhatsApp para manterem o contato fora da instituição e serem apoio uma das outras e assim, o resultado do grupo foi maior e melhor quando comparado com os objetivos iniciais.

REFERÊNCIAS

ROIZ, R. G.; FIGUEIREDO, M.O. O processo de adaptação e desempenho ocupacional de mães de crianças no transtorno do espectro autista. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, 31, e3304. 2023. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO252633041>

BEHAR, R. C. R. **Maternidade e seu impacto nos papéis ocupacionais de primíparas**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

FIGUEIREDO, S. L.; RANGEL, J. M. S.; DE LIMA, M. N. C. F. O diagnóstico do transtorno do espectro autista e suas implicações na vivência da família. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educacional**, 25(2), p. 93-107, 2020.

SILVA, A. B.; GAIATO, M.; REVELES, L. T. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 288 p.

GOMES, D.; TEIXEIRA, L.; RIBEIRO, J. (2021). **Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio & Processo 4ª Edição**. Versão Portuguesa de Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process 4th Edition (AOTA - 2020). Politécnico de Leiria.

CONSTANTINIDIS, T. C.; SOUZA PINTO, A. Revisão Integrativa sobre a Vivência de Mães de Crianças com Transtorno de Espectro Autista. **Revista Psicologia e Saúde**, [S. l.], 2019. DOI: 10.20435/pssa.v0i0.799. Disponível em: <https://pssaucdb.emnuvens.com.br/pssa/article/view/799>

BALLARIN, M. L. G. S. Abordagens Grupais. In: CAVALCANTI, A; GALVÃO, C. R. C. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática**. 2nd ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2023. *E-book*. p. 84 - 92.

SAMEA, M. O dispositivo grupal como intervenção em reabilitação: reflexões a partir da prática em Terapia Ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 19, n. 2, p. 85-90, maio/ago. 2008.

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR LIVRE PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Cássia Ferreira Martins¹; Daniela Delias de Sousa²

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande¹, Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande².

cassiaferreiramartins1@gmail.com

RESUMO

A importância do brincar para o desenvolvimento infantil tem sido examinada por estudiosos de diversas áreas ao longo dos anos. O presente relato tem como finalidade abordar parte de uma experiência de monitoria em um estágio não-obrigatório em uma escola municipal do extremo-sul do Brasil, a qual consistiu no acompanhamento à professora na realização de atividades de sala de aula que envolviam a realização de desenhos e brincadeiras livres, com uma turma do Nível I da Educação Infantil. O estudo caracteriza-se como um relato de experiência. Um diário de campo foi utilizado para registro e análise das atividades. Como resultado, destaca-se a importância do brincar livre e do desenho livre das crianças acompanhadas, inferida a partir da demonstração do desenvolvimento de habilidades e autonomia frente ao brincar, bem como da construção de ferramentas criativas para a solução de problemas.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; brincar livre; educação infantil.

1 INTRODUÇÃO

O papel do brincar no desenvolvimento infantil tem recebido crescente atenção de estudiosos de diversas áreas, sobretudo nas últimas décadas. Porém, por volta do século XII as crianças eram vistas como adultos em miniatura e não se tinha a noção de infância como uma fase importante do desenvolvimento humano: se, inicialmente, a infância passa a ser vista como um período de fragilidade, na contemporaneidade são atribuídas às crianças uma enorme quantidade de atividades extracurriculares, ficando o brincar em um plano secundário (Luz, 2018). A partir da realização do primeiro Diagnóstico Nacional da Educação Pré-Escolar, em 1975, e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, inaugura-se um período da conquista de uma visão das crianças como cidadãos de direitos (Kishimoto, 2008).

Em razão deste contexto, foram desenvolvidas diversas pesquisas em torno do desenvolvimento infantil e da primeira infância. Em uma delas, o Núcleo Ciência Pela Infância (2024), define a primeira infância como o período que compreende os primeiros 6 anos de vida, etapa em que o cérebro registra cerca de 1 milhão de sinapses e que, ao final, as crianças terão estabelecido ao menos 90% de suas conexões neuronais. E o que isso significa? Significa que o desenvolvimento na primeira infância possui um papel decisivo no desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais na vida adulta da criança.

O modo como a primeira infância irá influenciar na vida adulta do sujeito é uma pauta extremamente importante. Nessa direção, Amorim e Alexandre (2011) apontaram que o brincar na educação infantil é essencial para o desenvolvimento dos aspectos físicos, sociais, intelectuais e motores, e as brincadeiras livres (sem interferência de um adulto) se tornam o espaço onde a criança desenvolve sua imaginação, criatividade, inventando regras e resolvendo

conflitos com o outro, aprendendo com seus iguais a conviver em grupo.

Tendo em vista estas considerações, o presente estudo teve como propósito relatar parte de uma experiência de estágio não-obrigatório de monitoria, examinando o papel do brincar livre em um grupo de crianças.

2 METODOLOGIA

O estudo caracterizou-se como um relato de experiência, desenvolvido a partir das atividades de monitoria realizadas em uma escola municipal do extremo-sul do Brasil, campo de estágio não-obrigatório vinculado ao curso de Psicologia da FURG, ao longo de um ano. O estágio consistia, principalmente, em auxiliar a professora responsável por uma sala de aula composta por sete alunos do Nível I da Educação Infantil, com idades entre três e quatro anos. Neste grupo, um aluno era neuro-divergente. A monitoria teve como objetivo ajudar no cuidado e atenção tanto ao aluno neuro-divergente quanto aos demais. Este cuidado envolvia auxiliar e orientar o desenvolvimento das atividades propostas pela professora em sala de aula, bem como incentivar as brincadeiras, mediar conflitos quando necessário e discutir regras com os alunos. Um diário de campo foi utilizado para o registro das atividades e impressões da monitora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos registros no Diário de Campo possibilitou constatar o empenho da professora no sentido da realização de atividades diárias diversas, as quais tinham como objetivo o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais nas crianças. Dentre as atividades propostas, destaca-se a ideia de construir um caderno de desenhos que as crianças entregariam para os pais ao final do ano. Para tanto, em cada dia foi decidido um tema diferente. As crianças, sentadas ao redor de mesas dispostas pela sala, escolhiam seus lugares e estavam prontas para desenhar. O tema era apenas um, mas a partir dali as crianças poderiam representá-lo de forma livre, sem determinação do que seria certo ou errado, mas sim diferentes formas de sentir e representar o tema. A partir de um tema como: “coisas com que sonho em ter”, poderiam surgir desde “carros-jacaré” até uma variedade de brinquedos e doces diferentes.

É possível pensar que quando a professora sugeria um tema de desenho aos alunos e os deixava livres para usar a criatividade sem determinar o que seria certo ou errado, ela permitia tanto o treinamento de habilidades artísticas quanto o exercício de tomada de decisão e criatividade. Nessa direção, Santos e Santos (2021) afirmaram que a brincadeira e o desenho livre colaboram para o reconhecimento da ação infantil, evidenciando as crianças como um sujeito que produz cultura, e integrando a arte com uma singularidade própria da infância e do desenvolvimento infantil. Além disso, funcionam como elementos que potencializam a aprendizagem, permitindo que a criança possa se expressar artisticamente, sendo capaz de promover um desenvolvimento sociocognitivo (Santos & Santos, 2021).

Enquanto em alguns momentos o foco era o desenvolvimento de habilidades artísticas, em outros o foco era o brincar livre, para que os alunos pudessem inventar brincadeiras, criar regras e entender sozinhos como determinados objetos funcionavam. Em todos os dias de aula, 40 minutos eram reservados somente para o brincar livre. A escola possuía uma área fechada com brinquedos, como balanços, “gira-gira” e gangorras, e durante aquele tempo disponível os alunos brincavam sem interferência da estagiária e da professora, somente quando fosse imprescindível uma intervenção adulta. Nestes momentos destinados à brincadeira, os alunos se dividiram espontaneamente em grupos, e era visível que aprendiam juntos como algumas brincadeiras funcionavam e criavam novas. Certo dia, dentro de sala de aula, encontraram uma caixa com vários instrumentos de percussão e, sem saber muito bem para que serviam e o que faziam, começaram a mexer e se juntaram em grupos para tentar descobrir todas as

possibilidades de uso e de sons dos objetos. Esse dia serviu como mais um exemplo da grande capacidade de aprendizagem das crianças.

Os momentos de descobertas em grupo vivenciados pelos alunos nesta experiência de estágio se mostraram potencialmente relevantes para o desenvolvimento daquelas crianças que, brincando, estavam exercitando habilidades de forma criativa, bem como criando ferramentas para solucionar problemas. Nessa direção, Taleb (2014), em seu livro “Antifrágil: coisas que se beneficiam com o caos”, elabora o conceito de “antifragilidade”. O autor explica que, ao contrário do frágil que se rompe ao ser submetido à pressão, o antifrágil evolui quando submetido às dificuldades de diferentes situações. Podemos ver claramente a aplicação deste conceito na experiência relatada. As crianças, no brincar livre, em uma sequência de tentativas e erros, demonstraram descobrir sozinhas uma forma de superar as contradições e as problemáticas de cada contexto, aprendendo com o outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada no presente estudo corrobora concepções sobre a importância do brincar livre para o desenvolvimento infantil, apontando que, por meio desta prática, as crianças podem construir ferramentas para melhor entender o mundo, compreender o outro, resolver conflitos e demais problemáticas oriundas do brincar. É muito importante que, assim como nesta escola, outras instituições de educação infantil também reservem um tempo para o brincar livre, sem interferência adulta. Conforme elaborado por Taleb (2014), o antifrágil tem a capacidade de evoluir sob pressão, através de tentativas e erros, e as crianças são anti-frágeis, elas se beneficiam com o “caos”, para se tornarem, posteriormente, adultos capazes de lidar com o mundo e com a sociedade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, C. J; ALEXANDRE, J. I. **O jogo e a brincadeira na educação infantil**. Revista de Eventos Pedagógicos. v.2, n.1, p. 159-168, 2011).

KISHIMOTO, T. M. **Encontros e desencontros na formação dos profissionais da educação infantil**. In: MACHADO, M. L. A. (Org.). Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2008. p. 107-115.

LUZ, M. I. **Brincadeira é coisa séria: sobre a experiência do brincar na infância dos dias atuais**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Universidade do Vale do Taquari, Univates, Lajeado.

NCPI - Núcleo Ciência pela Infância. Disponível em: <<https://ncpi.org.br/primeira-infancia/>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SANTOS, M. D; SANTOS, N. F. C. **Reflexões sobre o desenho da criança e o brincar livre na educação infantil**. Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v.2, n. 6, p. 1-20, 2021. ISSN: 2675-6889.

TALEB, N. N. **Antifrágil: coisas que se beneficiam com o caos**. 2014.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO NORDESTE BRASILEIRO ENTRE 2019 E 2023

Laynna Sthephany Cordeiro Silva¹; Erica Vitoria Moreno de Sousa¹; Karylaine Castro Andrade¹; Polyana Gabriele Rodrigues Leal¹, Hanna Calvet de Mello Boahid¹; Leonardo Silva Melo; Debora Cristina Ferreira Lago³

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão¹, Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão², Mestre em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo³

laynna.cs@gmail.com

RESUMO

O estudo em questão analisou o perfil epidemiológico da violência interpessoal e autoprovocada contra crianças e adolescentes no Nordeste do Brasil entre 2019 e 2023, revelando um cenário alarmante. No período analisado, foram registrados 87.780 casos, com aumento significativo ao longo dos anos. A maior parte das vítimas era do sexo feminino (64%), especialmente na faixa etária de 10 a 14 anos, que concentrou o maior número de notificações. Entre as principais formas de violência, destacaram-se negligência e abandono, violência sexual, psicológica e casos de envenenamento. O ambiente doméstico foi o local predominante das ocorrências, com mais de 55 mil casos registrados. De forma preocupante, os próprios pais foram responsáveis por boa parte das agressões: 23.165 atos atribuídos aos pais e 14.272 às mães, sendo as crianças de 1 a 4 anos as mais afetadas. Os dados evidenciam a urgência de políticas públicas voltadas à proteção integral de crianças e adolescentes, com atenção especial às dinâmicas familiares, que frequentemente tornam-se o espaço da violência. O estudo também sugere a importância de investigações mais aprofundadas para compreender as causas e mitigar os impactos desse problema social, que atinge de forma tão severa os mais vulneráveis.

Palavras-chave: violência; nordeste; crianças e adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2002), o termo violência pode ser definido como o deferimento intencional da força física e ameaça que acarretam consequências graves para si ou com o próximo, podendo agravar-se desde danos psicológicos ao óbito. Em concordância, Monteiro *et al.* (2009), discorre que a violência contra crianças e adolescentes envolve todo ato ou omissão exercida pelos pais, parentes, outros indivíduos e instituições capazes de causar transtornos físico, sexual e/ou psicológico à vítima. Tal ato se constitui como um grave problema de saúde pública, afetando não apenas as vítimas, mas a sociedade como um todo.

No Brasil, este cenário se torna ainda mais preocupante em regiões que historicamente apresentam maior vulnerabilidade social, como a região Nordeste, que segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2024) apresentou um número expressivo, de mais de 10 mil apenas nos 3 estados mais populosos, de casos de violência contra crianças e adolescentes no ano de 2023, o que exige um olhar atento para o perfil epidemiológico desse fenômeno. Nesse contexto, o presente trabalho busca analisar o perfil epidemiológico da violência contra crianças e adolescentes na região Nordeste, entre os anos de 2019 e 2023, considerando variáveis como idade, gênero e tipos de violência.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, obtido a partir da coleta de dados sobre Violência Interpessoal/Autoprovocada contra crianças e adolescentes, na região nordeste, por meio do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Utilizou-se a frequência dos casos de violência por sexos (feminino e masculino), faixa etária, dos 0 aos 14 anos, entre os anos de 2019 e 2023. Foram coletados também outros dados referentes à violência sexual, violência psicológica, negligência e abandono, envenenamento, casos ocorrentes na residência da vítima e na escola, e por último, casos provocados por pai e mãe. Os números apresentaram-se com base no Sistema de Informações de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde. Com os dados coletados, procurou-se relacionar brevemente os números referentes à violência contra crianças e adolescentes com o que a literatura atual discute sobre o tema.

3 RESULTADOS

De acordo com os dados do DATASUS, entre os anos de 2019 e 2023, na região Nordeste do Brasil, foram registrados 87.780 casos de violência interpessoal/autoprovocada em crianças menores de 1 ano até 14 anos de idade. Ao longo desses anos, também foi possível observar um aumento das notificações, que saíram de 14.177 em 2019 para 25.675 em 2023. Entre os casos registrados, 56.872 atingiram crianças do sexo feminino, enquanto 30.863 notificações foram registradas com crianças do sexo masculino.

Ao analisar a frequência de casos por faixa etária, o maior número se concentrou, em todos os anos investigados, entre 10 e 14 anos de idade, totalizando 38.254 ocorrências. Salienta-se, nesta faixa, um aumento exponencial de notificações nos últimos dois anos, nos quais, em 2021 se totalizavam em 6.938, em 2022, atingiu 9.026 e em 2023 atingiu 10.902 casos notificados. A faixa etária entre 1 e 4 anos foi a segunda mais afetada pela violência, com um total de 23.577 ocorrências, cujas notificações aumentaram significativamente entre os anos de 2021 e 2023, de 4.455 para 6.721 casos. Em terceiro lugar, apareceu a faixa etária entre 5 e 9 anos de idade, com 16.039 casos no total, dos quais 5.013 foram notificados apenas em 2023. Por último, para os menores de 1 ano de idade, foram registrados 9.910 casos, com um aumento significativo entre 2021 e 2023, de 1.500 para 3.030 ocorrências.

A violência interpessoal/autoprovocada possui diversas formas de manifestação. Entre as formas de violência analisadas, 10.895 casos foram de violência psicológica/moral; 34.495 notificações de negligência/abandono. Também foram registrados 26.206 casos de violência sexual, com 27,45% dos casos registrados no ano de 2023. Por fim, foram registradas 8.661 notificações por envenenamento, dos quais 27,33% ocorreram no ano de 2023.

Entre os locais de maior ocorrência de casos de violência contra crianças, se destacaram as ocorrências na própria residência (55.954 casos), enquanto a escola foi o segundo local em acontecimentos (1.947 casos). Mais uma vez, a faixa etária entre 10 e 14 anos apresentou o maior número de vítimas, com um total de 23.850 casos de violência ocorridos em casa, e 1.190 em instituições de ensino.

A despeito de serem os pais ou responsáveis guardiães legais dos menores, os dados disponibilizados, registraram 23.165 casos de menores violentados pelo pai, entre os quais se destacou a faixa etária de 1 a 4 anos, com 10.630 notificações. O mesmo ocorreu ao considerar a mãe como agressora, com um total de 14.272 vítimas entre os 1 e 4 anos de idade, seguidas de bebês menores de 1 ano (5.790 casos), crianças de 5 a 9 anos (5.674 ocorrências) e de 10 a 14 anos (4.280 casos). Totalizando, portanto, 30.016 casos notificados no país entre os anos de 2019 e 2023.

4 DISCUSSÃO

Ao analisar os dados registrados no DATASUS é possível perceber um aumento significativo nos casos de violência interpessoal/autoprovocada contra crianças e adolescentes na região nordeste do Brasil. Tendo em vista que, no ano de 2023, o número de ocorrências atingiu um total de 87.780 casos, o que demonstra um cenário preocupante no país. Além disso, considerando que a maior parte dos casos ocorreu na própria residência das vítimas, isso revela a necessidade da implementação de políticas públicas voltadas à proteção integral das crianças e adolescentes, “bem como o apoio apropriado às famílias em situações de risco” (Elias *et al.*, 2023, p. 23247).

Entre as formas de manifestação de violência analisadas, mais da metade das vítimas eram do sexo feminino, correspondendo a mais de 64% do total. Essa disparidade significativa revela que as meninas são as vítimas mais frequentes de violência e comprova que este é mais um dos marcadores da desigualdade de gênero (Elias *et al.*, 2023). Associado a isso, as ocorrências também indicaram que, em muitos casos, a violência foi praticada pelos próprios pais ou mães das crianças, o que revela “o agravamento da violência perpetrada por aqueles que têm o dever primário de cuidar, sustentar e educar [...]” (FBSP, 2024, p. 196).

Dessa forma, é fundamental que as políticas de proteção direcionadas à infância e adolescência sejam, de fato, efetivadas, a fim de combater as formas de violência que atingem frequentemente essa população. Assim, “é preciso pensar políticas de proteção direcionadas a cada um desses cenários, mirando no que é mais urgente, sem esquecer dos grupos que, mesmo sendo os menos vitimados, não deixam de representar muitas vítimas” (Unicef, 2021, p. 57).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos expostos, o estudo referente a análise do perfil epidemiológico da violência contra crianças e adolescentes trouxe dados dos tipos de violência, padrões específicos em relação a gênero e faixa etária na região nordeste entre 2019- 2023. O sexo feminino entre 10-14 anos é o perfil mais afetado pela violência interpessoal/autoprovocada e suas diversas formas de manifestação. Em sua maioria, agredidas em sua residência, por vezes sendo pelos próprios pais. Observando um aumento exponencial de casos nos últimos dois anos. Salienta-se que ainda há a necessidade de estudos futuros que investiguem mais detalhadamente as causas e efeitos dessa violência, a fim de reduzir estes índices.

REFERÊNCIAS

Anuário Brasileiro de Segurança Pública / Fórum Brasileiro de Segurança Pública. – 1 (2006) -. – São Paulo: FBSP, 2024. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024.pdf>> Acesso em: 30 out. 2024.

ELIAS, Ana Rosa Ribeiro *et al.* **Violência contra crianças e adolescentes em Uberlândia-MG: um estudo epidemiológico de 2017 a 2022.** v. 16, n. 10, p. 23224-23253, 2023. Disponível em: <<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/2471>> Acesso em 29 out. 2024.

MONTEIRO, Estela Maria Leite Meirelles *et al.* **Violência contra criança e adolescente: rompendo o silêncio.** Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, v. 10, n. 3, p. 107-116, 2009.

Organização Mundial de Saúde - OMS, **World Report on Violence and Health**. Geneve: WHO, 2002. Disponível em:
<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/42495/1/9241545615_eng.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Quase 200 casos de violência contra crianças e adolescentes são notificados todos os dias no Brasil**. 2023. Disponível em:
<<https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/news/quase-200-casos-de-violencia-contracrianças-e-adolescentes-sao-notificados-todos-os-dias-no-brasil/>>. Acesso em: 29 out. 2024.

UNICEF BRASIL; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública: UNICEF Brasil, 2021.

ASCARIDÍASE EM CRIANÇAS NO BRASIL: REVISÃO DE LITERATURA

Thais Maria Félix Bezerra¹; Bruno Victor Barros Cabral²; Maria Lúcia Duarte Pereira³.

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará¹, Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará², Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo³

thais.maria@aluno.uece.br

RESUMO

Introdução: A ascaridíase é uma doença parasitária intestinal grave na população infantil, pois pode causar desnutrição e comprometer o desenvolvimento. Essas compõem o grupo mais suscetível e são os principais veículos na disseminação dos ovos do parasita. **Objetivo:** Investigar os fatores associados aos casos de ascaridíase em crianças no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica de literatura. Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra, publicados nos últimos dez (n=10) anos (2014-2024), nos idiomas português, inglês e espanhol. Foram excluídos artigos duplicados, monografias, dissertações e teses ou aqueles que, após leitura aprofundada, se distanciaram do objetivo. A amostra final foi de sete (n=7) artigos. **Resultados e Discussão:** Evidencia-se forte relação com aspectos socioeconômicos e higiênico-sanitários a que a população está exposta. Estudos também evidenciam uma maior incidência dos casos de ascaridíase ocorrendo em crianças do sexo masculino. Salienta-se que o parasitismo em crianças pode resultar em consequências como dificuldade de aprendizagem, retardo cognitivo e dificuldade no crescimento. **Considerações finais:** Ressalta-se que ações voltadas para melhorias no acesso ao saneamento básico e à água tratada são essenciais para prevenção, combate e controle da doença, favorecendo o desenvolvimento saudável da população infantil.

Palavras-chave: ascaris lumbricoides; infância; fatores associados.

1 INTRODUÇÃO

A ascaridíase é uma doença parasitária intestinal que tem como agente etiológico um verme nematódeo denominado *Ascaris lumbricoides* (Brasil, 2018). É uma das parasitoses mais comuns, que infecta mais de 1 bilhão de pessoas em todo o mundo, em maior parte crianças (Al-Tameemi; Kabakli, 2020) A sua transmissão se dá pela ingestão de ovos presentes na água e alimentos crus contaminados, assim como contato das mãos com o solo contaminado e com a boca (Brasil, 2021).

Geralmente, a doença apresenta-se assintomática ou com sintomas inespecíficos e atinge, principalmente, quanto a absorção de nutrientes; destaca-se que a parasitose pode evoluir para casos de suboclusão ou oclusão intestinal. A doença é mais grave na população infantil, pois pode causar desnutrição e comprometer o desenvolvimento (SBP, 2020).

No Brasil, de acordo com o boletim especial de doenças tropicais negligenciadas de 2021, a ascaridíase é predominantemente encontrada nas regiões Norte e Nordeste do país. Entre 2015 e 2019, 129.195 casos positivos para *A. lumbricoides*, com destaque para os estados de Maranhão e Ceará. As crianças têm um importante papel na disseminação da doença, pois compõem o grupo mais suscetível e são os principais veículos na disseminação dos ovos do parasita (Brasil, 2021). Desse modo, o objetivo deste estudo foi investigar os fatores associados aos casos de ascaridíase em crianças no Brasil.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica de literatura. Este método busca fazer um levantamento bem como uma análise crítica dos documentos publicados sobre um tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa (Sousa; Oliveira; Alves, 2021).

Para tal levantamento este estudo utilizou-se da seguinte pergunta norteadora: “Quais são os principais fatores associados aos casos de ascaridíase em crianças no Brasil?”. O período de busca do material ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2024, sendo essa realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para a busca do material foram utilizados os seguintes descritores (DeCS/MeSH): "Ascaris lumbricoides", "Criança" e "Brasil" associados ao operador booleano “AND”.

Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra, publicados nos últimos dez (n=10) anos (2014-2024), nos idiomas português, inglês e espanhol. Foram excluídos artigos duplicados, monografias, dissertações e teses ou aqueles que, após leitura aprofundada, se distanciaram do objetivo. Os textos selecionados foram lidos de forma integral. Seus conteúdos foram sintetizados para promover a interpretação do conteúdo de modo que os achados sejam favoráveis à discussão. A amostra final foi de sete (n=7) artigos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Acerca da caracterização dos artigos selecionados, quatro (n=4) foram publicados em inglês e três (n=3) em português. Quanto aos anos de publicação, quatro (n=4) estudos foram publicados no ano de 2017, um (n=1) no ano de 2019 e dois (n=2) no ano de 2022. O quadro 1 sintetiza os achados dos autores.

Quadro 1 - Referências incluídas na revisão bibliográfica, de acordo com autores, ano de publicação, método e objetivos. Fortaleza, Ceará, Brasil, 2024.

Autor (es)	Ano	Método	Objetivos
Alves <i>et al.</i>	2022	Transversal	Determinar a frequência de parasitos intestinais e analisar o perfil socioeconômico e higiênico-sanitário entre crianças e adolescentes em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.
Banhos <i>et al.</i>	2017	Descritivo	Avaliar a prevalência de parasitos intestinais em crianças de escolas em Santarém, e fatores de risco socioambientais associados.
Carvalho <i>et al.</i>	2022	Transversal	Avaliar a prevalência de enteroparasitos em crianças pré-escolares e escolares e em caixas de areia de instituições públicas de ensino no município de Sinop-MT.
Faria <i>et al.</i>	2017	Transversal	Estimar o número de indivíduos infectados por parasitoses intestinais atendidos em um hospital de referência localizado no Rio de Janeiro (Brasil) e fornecer uma análise detalhada da distribuição geográfica.
Fonseca; Barbosa; Ferreira	2017	Epidemiológico transversal	Determinar a prevalência de parasitas intestinais e possíveis fatores associados.
Ignácio <i>et al.</i>	2017	Transversal	Avaliar as condições socioambientais e a prevalência de

			Infecções Parasitárias Invasivas em favelas do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Nunes; Matos-Rocha	2019	Descritivo	Verificar os aspectos socioeconômicos, o conhecimento das principais doenças parasitárias, os fatores associados na transmissão e a profilaxia das principais verminoses humanas entre os estudantes de uma escola privada do município de Maceió-AL.

Fonte: Autores, 2024.

A literatura identificou os principais fatores associados à ascaridíase em crianças. Inicialmente, evidencia-se forte relação com aspectos socioeconômicos e higiênico-sanitários a que a população está exposta (Alves *et al.*, 2021). Acesso precário ao saneamento básico, tratamento inadequado de água e esgoto, má higienização de alimentos e pouco acesso aos serviços de saúde fomentam a manutenção dos casos da parasitose (Banhos *et al.*, 2017; Ignácio *et al.*, 2017).

Reforça-se aqui a importância da água consumida com os principais fatores de risco, sendo esse o principal meio de contaminação. Água potável e segura é um aspecto de definidor de um país desenvolvido e uma forma efetiva de redução de casos de doenças parasitárias, contudo há locais que não apresentam oferta ou oferecem água de baixa qualidade, sendo necessário coleta em poços ou outros reservatórios que possam estar contaminados. Ademais, o armazenamento da água também pode corroborar com a infecção (Faria *et al.*, 2017; Nunes; Rocha, 2019).

Além da água, o solo também pode contribuir para a infecção. Evidenciam-se que locais com coleta de lixo inadequada possuem mais incidência de doenças parasitárias. Esse fato é corroborado pela ação do próprio homem no ambiente, com descarte de dejetos em local inapropriado. Soma-se a isso a biologia do parasita que tem ovos muito resistentes e com grande capacidade de aderir a superfícies, assim esse não são facilmente removidos por lavagem e podem permanecer por até dez anos no ambiente (Banhos *et al.*, 2017; Nunes; Matos-Rocha, 2019; Alves *et al.*, 2021).

Estudos também evidenciam uma maior incidência dos casos de ascaridíase ocorrendo em crianças do sexo masculino (Banhos *et al.*, 2017; Carvalho *et al.*, 2022). Banhos *et al.* (2017) relaciona esse fenômeno ao fato de que tal população, principalmente, quando mais jovem, tende a se expor mais a contaminação, frequentando e brincando em locais como quintais, ruas e outros ambientes que tendem a apresentar o agente da doença. Salienta-se que o parasitismo em crianças pode resultar em consequências como dificuldade de aprendizagem, retardo cognitivo e dificuldade no crescimento (Fonseca; Barbosa; Ferreira., 2017; Carvalho *et al.*, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da literatura, foi possível identificar que os aspectos socioeconômicos e higiênico-sanitários são os principais fatores relacionados ao desenvolvimento de ascaridíase em crianças. Dentre esses fatores, a qualidade da água consumida se destaca, sendo a água o principal meio de transmissão da parasitose. Assim, ressalta-se que ações voltadas para melhorias no acesso ao saneamento básico e à água tratada são essenciais para prevenção, combate e controle da doença, favorecendo o desenvolvimento saudável da população infantil.

REFERÊNCIAS

ALVES, S.S. *et al.* Infecções parasitárias intestinais em crianças e adolescentes na comunidade: aspectos socioeconômicos e higiênico-sanitários. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 20, n. 4, p. 624–630, 11 fev. 2022.

AL-TAMEEMI, K.; KABAKLI, R. Ascaris Lumbricoides: Epidemiology, Diagnosis, Treatment, And Control. **Asian Journal of Pharmaceutical and Clinical Research**, v. 13, n. 4, p. 8–11, 2020.

BANHOS, E.F. *et al.* Prevalence and risk factors for intestinal parasite infections in schoolchildren, in the city of Santarém, Pará State, Brazil. **ABCS Health Sciences**, 11 dez. 2017. Acesso em: 17 out. 2023.

BRASIL. Boletim epidemiológico especial de doenças tropicais negligenciadas. Ministério da Saúde, Brasília, 2021.

BRASIL. Guia Prático para o Controle das Geohelmintíases. Ministério da Saúde, Brasília, 2018.

CARVALHO, L.H. *et al.* Perfil epidemiológico das enteroparasitoses em pré-escolares e escolares da rede municipal de ensino de Sinop - MT. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 55, n. 2, 6 jul. 2022. Acesso em: 11 mar. 2023.

FARIA, C.P. *et al.* Geospatial distribution of intestinal parasitic infections in Rio de Janeiro (Brazil) and its association with social determinants. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 11, n. 3, 8 mar. 2017.

FONSECA, R.E.P.; BARBOSA, M.C.R.; FERREIRA, B.R. High prevalence of enteroparasites in children from Ribeirão Preto, São Paulo, Brazil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 3, p. 566–571, jun. 2017.

IGNACIO, C.F. *et al.* Socioenvironmental conditions and intestinal parasitic infections in Brazilian urban slums: a cross-sectional study. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 59, 7 ago. 2017.

NUNES, M.O.; MATOS-ROCHA, J.T. Fatores condicionantes para a ocorrência de parasitoses entéricas de adolescentes. **J. Health Biol Sci**, v. 7, n. 3, p. 265–270, 2018. SBP. Sociedade brasileira de pediatria. Parasitoses intestinais: diagnóstico e tratamento. **Guia prático de atualização**, n. 07, 2020.

SOUSA, A.S.; OLIVEIRA, G.S.; ALVES, L.H. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

HANSENÍASE EM MENORES DE 15 ANOS: REVISÃO SOBRE IMPACTOS E FATORES ASSOCIADOS AOS CASOS

Thais Maria Félix Bezerra¹; Bruno Victor Barros Cabral²; Maria Lúcia Duarte Pereira³.

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará¹, Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará², Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo³

thais.maria@aluno.uece.br

RESUMO

Introdução: O Brasil é um dos países prioritários para o enfrentamento global da hanseníase em que uma das populações relevantes para o alcance das metas de controle são as das pessoas menores de 15 anos. **Objetivo:** Evidenciar os fatores associados e o impacto da hanseníase em menores de 15 anos no Brasil. **Metodologia:** Revisão bibliográfica da literatura. O período de busca do material ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2024, sendo essa realizada na Biblioteca Virtual em Saúde. Para a busca do material foram utilizados os seguintes descritores (DeCS/MeSH): "Hanseníase", "Criança", "Adolescente" e "Brasil". **Resultados e Discussão:** A literatura aponta a detecção de casos de hanseníase em menores de 15 anos como um indicador de alta endemicidade. Destaca-se a baixa busca ativa nessa população e a pandemia de covid-19 como fatores associados. Já os impactos foram: isolamento social, discriminação, abandono escolar e incapacidades físicas. **Considerações finais:** O levantamento torna-se relevante, pois a partir dele se destacam pontos importantes a serem debatidos e enfrentados, fato que pode contribuir com formulações de políticas públicas que auxiliem na redução dos fatores que fomentam os casos, bem como na redução dos impactos causados pela doença.

Palavras-chave: *Mycobacterium leprae*; saúde da criança; saúde do adolescente.

1 INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infecciosa crônica causada pelo *Mycobacterium leprae*. A transmissão ocorre por via respiratória através de gotículas. A doença atinge, principalmente, pele, nervos periféricos, olhos e mucosa nasal e é predominante em populações vulneráveis socialmente. Mundialmente, em 2022, foram notificados 174.087 casos novos de hanseníase, destes, três países ganharam destaque: Índia, Brasil e Indonésia, que notificaram acima de 10 mil casos novos no período (Brasil, 2024).

O Brasil é um dos países prioritários para o enfrentamento global da hanseníase, pois o país permanece em segundo lugar no ranking mundial em número de casos novos (Brasil, 2024). Assim, devido a magnitude da doença, observa-se um esforço internacional para o combate à doença, em que tais medidas são evidenciadas por metas propostas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que visam a redução da carga da doença, de incapacidades físicas e do estigma associado à hanseníase (Brasil, 2024).

Uma das populações relevantes para o alcance de tais metas são a de pessoas menores de 15 anos. Tal faixa etária torna-se relevante, pois a doença apresenta um longo período de incubação, que varia entre 2 e 7 anos, podendo chegar a 10 anos. Portanto, a ocorrência em menores de 15 anos evidencia um contato precoce com pessoas não tratadas, o que fomenta a persistência social do bacilo (Santos *et al.*, 2020). Assim, acompanhar o comportamento da

hanseníase, seus fatores associados e o impacto que a doença causa nessa população faz-se fundamental para o manejo da doença no Brasil e no mundo. Desse modo, o estudo teve como objetivo evidenciar os fatores associados e o impacto da hanseníase em menores de 15 anos no Brasil.

2 METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão bibliográfica da literatura. Tal método busca fazer um levantamento bem como uma análise crítica dos documentos publicados sobre um tema a ser pesquisado com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e contribuir com a realização da pesquisa (Sousa; Oliveira; Alves, 2021). Para tal levantamento este estudo utilizou-se da seguinte pergunta norteadora: “Quais são os fatores relacionados e os impactos à vida dos menores de 15 anos que vivem com hanseníase no Brasil?”

O período de busca do material ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2024, sendo essa realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para a busca do material foram utilizados os seguintes descritores (DeCS/MeSH): "Hanseníase", "Criança", "Adolescente" e "Brasil" associados aos operadores booleanos “AND” e “OR”.

Foram incluídos artigos disponíveis na íntegra, publicados nos últimos cinco (n=5) anos (2019-2024), nos idiomas português, inglês e espanhol. Foram excluídos artigos duplicados, monografias, dissertações e teses ou aqueles que, após leitura aprofundada, se distanciaram do objetivo. Os textos selecionados foram lidos integralmente. Seus conteúdos foram sintetizados para promover a interpretação do conteúdo de modo que os achados sejam passíveis de discussão. A amostra final foi de sete (n=8) artigos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Acerca da caracterização dos artigos selecionados, três (n=3) foram publicados em inglês e cinco (n=5) em português. Quanto aos anos de publicação, três (n=3) estudos foram publicados no ano de 2019. 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024 tiveram um (n=1) estudo cada. O quadro 1 sintetiza informações quanto a autoria, ano de publicação objetivos e métodos utilizados para cada estudo.

Quadro 1 - Referências incluídas na revisão bibliográfica, de acordo com autores, ano de publicação, método e objetivos. Fortaleza, Ceará, Brasil, 2024.

Autor (es)	Ano	Método	Objetivos
Rodrigues <i>et al.</i>	2019	Caso-Controle	Analisar os fatores associados à hanseníase em crianças contatos intradomiciliares de adultos notificados com a doença em município endêmico, Mato Grosso, Brasil.
Monteiro <i>et al.</i>	2019	Descritivo	Descrever as características epidemiológicas e tendências temporais dos indicadores da hanseníase em menores de 15 anos de idade no Tocantins entre 2001-2012.
Santos <i>et al.</i>	2020a	Ecológico	Este estudo teve como objetivo analisar os indicadores clínicos e epidemiológicos, as tendências temporais e a distribuição espacial da hanseníase em pacientes com menos de 15 anos de idade em uma área endêmica do Nordeste do Brasil.
Santos <i>et al.</i>	2020b	Transversal	Avaliar as características epidemiológicas e tendência dos casos novos de hanseníase em menores de 15 anos no estado

			da Bahia, no Brasil, entre 2007 e 2017.
Moraes <i>et al.</i>	2021	Observacional	Apresentar a tendência do diagnóstico de hanseníase, características socioeconômicas, clínicas e epidemiológicas em menores de 15 anos no estado do Rio Grande do Sul, sul do Brasil, no período de 2000 a 2019.
Silva <i>et al.</i>	2022	Descritivo	Analisar o perfil sociodemográfico e clínico dos casos notificados de hanseníase em menores de 15 anos, no município de São Luís – Maranhão - Brasil.
Martoreli <i>et al.</i>	2023	Ecológico	Analisar a distribuição espacial da hanseníase e as incapacidades em menores de 15 anos de idade em Cuiabá.
Lima Filho <i>et al.</i>	2024	Ecológico	Analisar o perfil epidemiológico dos novos casos de hanseníase em menores de 15 anos no Nordeste do Brasil, entre 2012 e 2022.

Fonte: Autores, 2024.

A literatura aponta a detecção de casos de hanseníase em menores de 15 anos como um indicador de alta endemicidade. Tal fenômeno é fomentado por vulnerabilidades sociais que exercem papel não somente na propagação da doença, como também favorecem sua detecção tardia e, por conseguinte, impacta diretamente na saúde de tal população (Monteiro *et al.*, 2019; Martoreli *et al.*, 2023).

Salienta-se que há uma forte associação dos casos nessas faixas etárias com a busca passiva dos casos, ou seja, o próprio indivíduo doente é que busca o atendimento em saúde, em que este, comumente, já apresenta um estágio avançado da doença (Silva *et al.*, 2022; Lima filho *et al.*, 2024). Logo, uma baixa efetividade da busca ativa realizada por profissionais de saúde em pessoas suscetíveis à doença e em seus contatos representa um dos principais fatores associados à dinâmica da doença em menores de 15 anos no país (Rodrigues *et al.*, 2019; Santos *et al.*, 2020a).

Novos estudos também investigaram o impacto que a pandemia de covid-19 teve quanto aos casos de hanseníase no Brasil. Lima Filho *et al.* (2024) destaca que tal momento influenciou negativamente no diagnóstico e tratamento de novos casos, além de prejudicar os serviços que atuam no manejo da doença na população. Ressalta-se que sem as estratégias de controle e prevenção adequadas, o público infante-juvenil é um dos principais prejudicados, tendo em vista a suscetibilidade imunológica e a possível convivência com pessoas não diagnosticadas e não tratadas durante esse período (Silva *et al.*, 2022).

Todos esses fatores corroboram para o desenvolvimento da hanseníase em menores de 15 anos e representam uma falha no acesso à saúde, o que propicia não somente o adoecimento como também o surgimento de incapacidades físicas associadas aos danos causados pelo *Mycobacterium leprae* (Rodrigues *et al.*, 2019; Santos *et al.* 2020b). A incapacidade física é o principal impacto na vida das pessoas que vivem com hanseníase, pois além de alterações motoras, o indivíduo com tal condição frequentemente vivencia o isolamento social, a discriminação e, no caso de crianças e adolescentes, o abandono escolar. Portanto, para Moraes *et al.* (2021) tal fenômeno é importantíssimo, pois a exclusão social do indivíduo que sequer chegou a idade economicamente ativa reflete em sua autoestima e também reforça o cenário de vulnerabilidade do meio em que está inserido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais fatores associados identificados foram vulnerabilidades sociais, baixa

efetividade da busca ativa, e, recentemente, a influência da pandemia de covid-19. Os impactos evidenciados são, principalmente, incapacidades físicas, isolamento social, discriminação e, por conseguinte, o abandono escolar. Nesse contexto, o levantamento torna-se relevante, pois a partir dele se destacam pontos importantes a serem debatidos e enfrentados, fato que pode contribuir com formulações de políticas públicas que auxiliem na redução dos fatores que fomentam os casos, bem como na redução dos impactos causados pela doença.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Boletim Epidemiológico: Hanseníase. Ministério da Saúde. Brasília: DF. 2024.
LIMA FILHO, C.A. *et al.* Perfil das notificações de hanseníase em menores de 15 anos no Nordeste do Brasil. **Revista de Pesquisa**, v. 16, 24 abr. 2024.

MARTORELI JÚNIOR, J.F. *et al.* Aglomerados de risco para ocorrência de hanseníase e as incapacidades em menores de 15 anos em Cuiabá: um estudo geoespacial. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 26, 2023.

MONTEIRO, L.D. *et al.* Hanseníase em menores de 15 anos no estado do Tocantins, Brasil, 2001-2012: padrão epidemiológico e tendência temporal. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 22, 2019.

MORAES, P.C. *et al.* Epidemiological characteristics and trends of leprosy in children and adolescents under 15 years old in a low-endemic State in Southern Brazil. **Revista Do Instituto De Medicina Tropical De São Paulo**, v. 63, p. e80, 2021.

RODRIGUES, T.S.V. *et al.* Factors associated with leprosy in children contacts of notified adults in an endemic region of Midwest Brazil. **Jornal de Pediatria**, v. 96, n. 5, p. 593–599, set. 2020.

SANTOS, M.B. *et al.* Clinical and epidemiological indicators and spatial analysis of leprosy cases in patients under 15 years old in an endemic area of Northeast Brazil: an ecological and time series study. **BMJ Open**, v. 9, n. 7, p. e023420, jul. 2019.

SANTOS, Á.N. *et al.* Perfil epidemiológico e tendência da hanseníase em menores de 15 anos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, 2020.

SILVA, F.J.L.A. *et al.* Hanseníase Em Menores De 15 Anos: Caracterização Sociodemográfica E Clínica Dos Casos Em Um Município Hiperendêmico. **Cogitare Enfermagem**, v. 27, p. 1–13, 17 ago. 2022.

SOUSA, A.S.; OLIVEIRA, G.S.; ALVES, L.H. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

SÉRIE TEMPORAL COMPARATIVA DE FORMAS DE MENINGITE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL

Bruno Victor Barros Cabral¹; Thais Maria Félix Bezerra²; Maria Lúcia Duarte Pereira³.

Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará¹, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará², Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo³

bruno.barros@aluno.uece.br

RESUMO

Introdução: A meningite é uma doença grave e de grande importância para a Saúde Pública. Faixas etárias mais jovens apresentam o maior número de notificações, com destaque a crianças e adolescentes em idade escolar. **Objetivo:** Avaliar, comparativamente, a evolução temporal dos casos de meningite em crianças e adolescentes no Brasil. **Metodologia:** Estudo epidemiológico descritivo dos casos de meningite em crianças e adolescentes no Brasil entre 2019 e 2023. Os dados são provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, obtidos a partir do portal eletrônico do Departamento de Informática do SUS. Não houve necessidade de aprovação em Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados e Discussão:** Durante o período foram notificados 25.463 casos de meningite no Brasil. Dentre as formas de meningites estudadas, destaca-se a predominância dos casos de meningite de etiologia viral (68,2%; n=17.475). Já os menores índices são vistos quanto à notificação de meningite por *Haemophylus influenzae B* (2,3%; n=591). Os achados deste estudo são condizentes com a literatura. **Conclusão:** A partir do avaliado, os autores sugerem novos estudos que investiguem o manejo clínico adequado e prevenção das meningites, de modo a reduzir os números de casos evidenciados.

Palavras-chave: meningites; série temporal; saúde da criança.

1 INTRODUÇÃO

A meningite é uma doença grave e de grande importância para a Saúde Pública. A doença é caracterizada por uma inflamação em uma das três membranas (dura-máter, aracnoide e pia-máter) que revestem o Sistema Nervoso Central (Macedo Junior; Nicoletti; Santos, 2021). O processo de tal inflamação é desencadeado por algum fator coexistente no organismo humano, sendo mais comum uma reação a um agente infeccioso, a exemplo: vírus, bactérias, fungos e parasitas (Aguiar *et al.*, 2022).

A meningite é transmitida via pessoa-pessoa, principalmente por meio de gotículas e outras secreções respiratórias, contudo há etiologias com capacidade de transmissão por via fecal-oral. No Brasil, entre os anos de 2007 e 2020, foram notificados 393.941 casos suspeitos de meningite; em que 265.644 foram confirmados (Brasil, 2024a). Desse total, faixas etárias mais jovens apresentam o maior número de notificações, com destaque a crianças e adolescentes em idade escolar (Guimarães *et al.*, 2021; Moraes; Galdino; Teixeira, 2022).

A relação com a idade é perceptível na literatura. Teixeira *et al.* (2021) evidencia que a doença tem relação inerente à imunidade das pessoas e, portanto, crianças e adolescentes são mais suscetíveis por possuírem sistemas imunológicos imaturos. Além disso, esses são mais expostos a ambientes que favorecem a transmissão e a outras pessoas de mesma faixa etária. Assim, é fundamental que haja o acompanhamento dos casos de meningite no Brasil, de modo

a evitar e/ou detectar precocemente surtos da doença no país. Desse modo, o objetivo deste estudo foi avaliar, comparativamente, a evolução temporal dos casos de meningite em crianças e adolescentes no Brasil.

2 METODOLOGIA

Estudo epidemiológico descritivo que analisou casos de meningite em crianças e adolescentes no Brasil entre os anos de 2019 e 2023. Devido a variedade de etiologias da doença foram selecionadas as formas mais comuns presentes no Brasil, sendo essas: meningite viral (MV), meningite bacteriana (MB) e meningite bacterianas de causa específica, como a meningite por *Haemophilus influenzae* B (MH) e meningite meningocócica (MM) ou meningite meningocócica com meningococemia (MM +MCC).

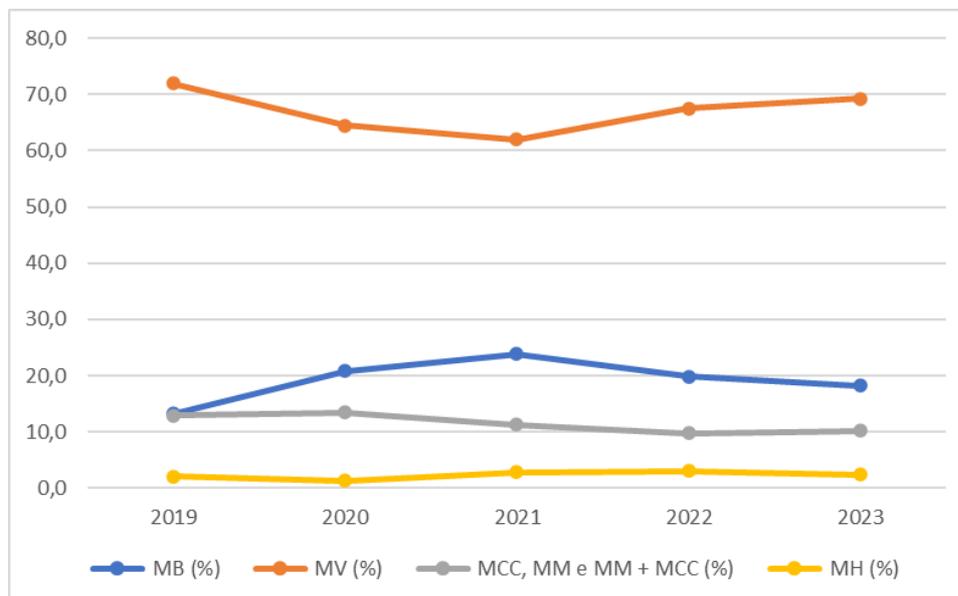
O estudo foi realizado no mês de outubro de 2024. Os dados para tal levantamento são provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), obtidos a partir do portal eletrônico do Departamento de Informática do SUS (DATASUS) pela aplicação on-line TabNet (Brasil, 2024b). Esses dados compreendem os casos de Meningite (MB, MV, MH, MM/MM+MCC) notificados entre 2019 e 2023 em crianças e adolescentes (0 e 19 anos de idade). Não foi utilizado critério amostral, logo fez-se uso de todos os casos notificados.

Foi feito o *download* dos arquivos no formato .CSV para fins de tabulação dos dados neles contidos. Estes dados foram exportados e analisados em uma planilha do *Microsoft Excel* 2016®. Por fim, o estudo utiliza-se de dados secundários e de domínio público. Portanto, tal levantamento não necessita de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para análise, conforme previsto na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Contudo, os autores reforçam seu compromisso ético com a obtenção, manejo e propagação de tais dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o período foram notificados 25.463 casos de meningite no Brasil. O ano de 2019 foi o mais predominante ao representar 32,5% (n=8.275) foi notificado neste ano. Em contrapartida, o ano de 2021 apresentou a menor porcentagem do caso com 8,7% (n=2.227). Dentre as formas de meningites estudadas, destaca-se a predominância dos casos de meningite de etiologia viral (68,2%; n=17.475). Já os menores índices são vistos quanto à notificação de MH (2,3%; n=591). Os casos de MB e MM ou MM+MCC representaram 17,6% (n=4.496) e 11,3% (n=2.901), respectivamente. A figura 1 apresenta a série temporal de cada etiologia de meningite estudada em crianças e adolescentes entre 2019 e 2023.

Figura 1 - Série Temporal dos Casos de Meningite no Brasil entre 2019 e 2023. Fortaleza - CE, Brasil, 2024.



Fonte: Autores, 2024.

Entre cada categoria observa-se porcentagem conservadoras. Os casos de MV evidenciam pequena queda anual, saindo de 71,9% (n=5.948) do total de casos de 2019 para 69,3% (4.984) em 2023. Os casos de MH evidenciaram pouca alteração entre o início (2,0%; n=169) e o final do período (2,4%; n=172). Fenômeno semelhante é observado nos casos de MM/MM+MCC, com 12,9% (n=1.063) em 2019 e 10,1% (n=730). A alteração mais significativa é observada nos casos de MB. No início do período, os casos de MB representaram 13,2% (n=1.091); ao final do período a porcentagem era de 18,2% (n=1.304), com o maior ano registrando 23,8% (n=531).

Os achados deste estudo são condizentes com a literatura que destacam o predomínio da etiologia viral entre crianças e adolescentes. Tal favorecimento parte principalmente de enterovírus, que são caracterizados por transmissão via fecal-oral e alta incidência anual em países tropicais como o Brasil (Fernandes *et al.*, 2023; Santos *et al.*, 2021). Tal etiologia costuma atingir crianças maiores de cinco anos e adolescentes, porém é menos sintomática, caracterizando-se por alteração neurológica que evolui de forma benigna (Santos *et al.*, 2021).

Já as meningites bacterianas apresentam sintomas específicos como febre, rigidez de nuca e alteração do estado mental. Tal quadro clínico é mais preocupante e costuma evoluir a óbito mais frequentemente (Silva; Mezarobba, 2018). Assim, destaca-se a importância da vacinação contra as formas bacterianas, principalmente aos subtipos do meningococo *Neisseria meningitidis*. Nesse processo, é fundamental a atuação da Atenção Primária em Saúde desde o processo de busca das crianças, conscientização e oferta da vacina (Matos *et al.*, 2020; Santos *et al.*, 2021). Por fim, destaca-se a importância da notificação da doença, que no Brasil possui caráter compulsório, o que favorece a identificação e acompanhamento dos casos.

4 CONCLUSÃO

O estudo evidencia o comportamento dos casos de meningite em crianças e adolescentes no Brasil. Tal levantamento faz-se fundamental na construção do conhecimento acerca da doença no país, principalmente porque essas faixas etárias são uma das principais atingidas pelos agentes que as causam. Logo, a partir do avaliado, os autores sugerem novos estudos que investiguem o manejo clínico adequado e prevenção das meningites em crianças e adolescentes, de modo a reduzir os números de casos evidenciados.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, T.S. *et al.* Perfil epidemiológico da meningite no Brasil, com base nos dados provenientes do DataSUS nos anos de 2020 e 2021. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e50811327016, 3 mar. 2022.
- BRASIL. Meningite. Ministério da Saúde. Brasília, 2024a: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/m/meningite>
- BRASIL. Datasus: Tabnet. Ministério da Saúde. Brasília, 2024b: <https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>
- FERNANDES, A.C.A. *et al.* Internações por Meningite Viral no Brasil em Crianças: Estudo Ecológico. **The Brazilian Journal of Infectious Diseases**, v. 27, 1 out. 2023.
- GUIMARÃES, N.M. *et al.* Análise epidemiológica dos casos de meningite em crianças no Brasil dos anos 2010 a 2020. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, p. e187111537032–e187111537032, 14 nov. 2022.
- MACEDO JUNIOR, A. M. DE; NICOLETTI, G. P.; SANTOS, E. C. G. DOS. Meningite: Breve análise sobre o perfil epidemiológico no Brasil-BR, nos anos de 2018 e 2019. **International Journal of Development Research**, v. 11, n. 1, p. 43751–43756, 30 jan. 2021.
- MATOS, A.C. *et al.* Número de casos confirmados de meningite no Brasil no período de 2011 a 2015. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. v.1, p. 121-130, 2020.
- MORAES, G.F.Q.; GALDINO, M.A.O.; TEIXEIRA, A.P.C. Impacto da meningite entre os anos de 2010 a 2020 no Brasil. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 21, n. 3, p. 505–513, 29 dez. 2022.
- SANTOS, J.C. *et al.* Meningite na infância: uma análise das internações hospitalares no Brasil. **Revista da Escola de Estadual Saúde Pública Goiás “Cândido Santiago”**. v.7, 2021.
- SILVA, H.C.G.; MEZAROBBA, N. Meningite no Brasil em 2015: O Panorama da Atualidade. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v.47, n.1, p.34-46, 2018.
- TAVARES, S.C. *et al.* Análise epidemiológica da evolução dos casos de meningite no estado de São Paulo no período de 2016 a 2020 em crianças e pré-adolescentes. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 8, p. 602–613, 31 ago. 2021.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS DE TUBERCULOSE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL

Bruno Victor Barros Cabral¹; Thais Maria Félix Bezerra²; Maria Lúcia Duarte Pereira³.

Mestrando em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará¹, Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará², Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo³

bruno.barros@aluno.uece.br

RESUMO

Introdução: A tuberculose (TB) é uma doença infectocontagiosa causada pelo *Mycobacterium tuberculosis*. Estima-se que em 2023 as faixas etárias mais jovens apresentaram-se relevantes quanto ao número de casos novos de TB no país, principalmente entre adolescentes. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico dos casos de tuberculose em crianças e adolescentes no Brasil entre 2019 e 2023. **Metodologia:** Estudo epidemiológico do tipo descritivo. Os dados para este estudo são provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação coletados no portal eletrônico do Departamento de Informática do SUS. Não houve necessidade de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. **Resultados e Discussão:** Durante o período foram notificados 37.431 casos de TB em crianças e adolescentes no Brasil, com 63,5% (n=23.761) em pessoas entre 15 e 19 anos de idade e 56,2% (n=21.052) no sexo masculino. Quanto a forma de entrada, 88,6% (n=33.147) foram de casos novos e, majoritariamente, a população adoeceu de TB pulmonar (80,3%; n=30.058). **Conclusão:** Os autores sugerem novos estudos que levem em consideração a magnitude evidenciada a fim de se promover medidas de prevenção e controle da doença no contexto brasileiro.

Palavras-chave: tuberculose; saúde da criança; saúde do adolescente.

1 INTRODUÇÃO

A tuberculose (TB) é uma doença infectocontagiosa causada pelo *Mycobacterium tuberculosis*. Estima-se que, mundialmente, em 2022, 10.6 milhões de pessoas desenvolveram TB ativa; dessas, 1,3 milhões vieram a óbito. Devido a pandemia de covid-19 os dados de 2023 ainda são preliminares. Contudo, no Brasil, estima-se que, nesse ano, faixas etárias mais jovens apresentaram-se relevantes quanto ao número de casos novos de TB no país, principalmente entre adolescentes (Brasil, 2024a).

Para Jimenez *et al.*, (2024) a TB nessas faixas etárias foi por muitos uma condição negligenciada devido a falha na detecção da doença no público infanto-juvenil, sendo assim denominada pelo autor como “pandemia escondida”. Desse modo, ainda na atualidade, evidencia-se que a TB pediátrica é ainda um desafio complexo e significativo em que é fundamental a presença de um diagnóstico cada vez mais precoce a fim de se evitar complicações decorrentes da doença, bem como o óbito (Cano *et al.*, 2017).

Cabe salientar que a TB em crianças e adolescentes pode ser considerado como um sinalizador da qualidade do sistema de saúde, pois essa, comumente, indica que há um contato frequente entre esses e uma pessoa que não está sendo diagnosticada e tratada precocemente, o que fomenta a disseminação da doença (Santos *et al.*, 2020). Assim, devido à importância dos casos de TB, faz-se necessário um acompanhamento rigoroso dos casos novos nessas faixas etárias. Nesse contexto, esse estudo tem como objetivo descrever o perfil epidemiológico dos

casos de tuberculose em crianças e adolescentes no Brasil entre 2019 e 2023.

2 METODOLOGIA

Estudo epidemiológico do tipo descritivo. De acordo com Lima-Costa e Barreto (2003), os estudos descritivos têm por objetivo determinar a distribuição de doenças ou condições relacionadas à saúde, segundo o tempo, o lugar e as características dos indivíduos. O levantamento se baseou na seguinte pergunta norteadora: “Qual o perfil epidemiológico dos casos de tuberculose em crianças e adolescentes do Brasil?”.

O estudo teve o Brasil como cenário de estudo. O país é dividido em cinco grandes regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste) com população estimada em aproximadamente 203 milhões de habitantes e área territorial em torno de 8.500.000 km². Estima-se que da população residente, 54,5 milhões possuam entre 0 e 19 anos de idade (Brasil, 2024b).

Os dados para este estudo são provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), coletados no portal eletrônico do Departamento de Informática do SUS (DATASUS) (Brasil, 2024c). Esses dados compreendem os casos de TB notificados entre 2019 e 2023 (últimos cinco anos) em pessoas entre 0 e 19 anos de idade. Ressalta-se que este estudo não utilizou critério amostral, fazendo, portanto, uso de todos os casos de TB notificados no período.

Por se tratarem de dados de natureza secundária e de domínio público, o estudo não necessitou de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para análise, conforme previsto na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Contudo, reforça-se o compromisso ético dos pesquisadores em relação ao manejo e divulgação de tais dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o período foram notificados 37.431 casos de TB em crianças e adolescentes no Brasil. O ano de 2023 apresentou o maior número de notificações com 22,5% (n=8.434) do total. A região com maior número de casos foi a sudeste com 44,0% (n= 16.472). 63,5% (n=23.761) ocorreram em pessoas entre 15 e 19 anos de idade. Contudo, cabe destacar que 6,7% (n=2.491) foram notificados em crianças menores que 1 ano de idade.

Quanto ao sexo, 56,2% (n=21.052) eram do sexo masculino. Predominou-se a raça/cor parda, com 51,9% (n=19.436) seguidamente da raça/cor branca com 25,6% (n=9.580). 88,6% (n=33.147) foram de casos novos; destaca-se também que 2,2% (n=810) apresentaram recidiva. Quanto à forma da doença, os casos foram, majoritariamente, de TB pulmonar (80,3%; n=30.058). 2,5% (n=937) apresentavam, concomitantemente, infecção pelo vírus HIV. Do total, 30,8% (n=11.536) realizou o tratamento diretamente observado (TDO). Por fim, quanto ao desfecho, 63,2% (n= 23.674) obtiveram cura. Porém, 11,7% (n=4.372) apresentaram óbito e 0,8% (n=297) apresentaram-se como drogarresistentes.

Destaca-se que a TB em crianças e adolescentes é considerada um evento importante em saúde pública, pois nota-se a vulnerabilidade que essas faixas etárias apresentam ao bacilo, tendo em vista a imaturidade frente à patógenos (Sousa *et al.*, 2022). Isso culmina em uma complexidade maior no controle da infecção, rastreamento e busca ativa dos contatos. Além disso, observa-se achados clínicos e radiológicos pouco específicos nessa população, bem como dificuldade de detecção da infecção latente (ILTb), do tratamento em casos de coinfeção com HIV e dos casos de TB extrapulmonar (Nogami *et al.*, 2023).

Na literatura, evidencia-se um declínio da taxa de incidência de TB infantil na última década, principalmente, em países em desenvolvimento (Santos *et al.*, 2020). Entretanto, os

achados deste estudo apresentam números relevantes de notificação anual, com destaque a 2023, ano que é decretado o fim da pandemia de covid-19. Reforça-se aqui o impacto que a recém pandemia teve nos sistemas de saúde, que reduziu ações de serviços especializados, de modo a diminuir diagnósticos e fomentar perdas pré e pós-tratamento, o que contribui com desfechos desfavoráveis tais como óbito, abandono do tratamento e casos de TB drogarristente (Jennings *et al.*, 2024).

Outro estudo evidencia que o maior número de casos e óbitos em adolescentes possa estar relacionado a alguns outros fatores, em maioria de baixa adesão medicamentosa, perda do seguimento e aumento de comorbidades nessa população como diabetes, uso de álcool e outras drogas e infecção pelo HIV (Peres *et al.*, 2023). Assim, faz-se necessário evidenciar a importância dos casos de TB infantil, pois estes atuam como sinalizadores da qualidade do sistema de saúde, de modo a apontar aos casos em pessoas adultas que não estão sendo identificados e tratados adequadamente (Santos *et al.*, 2020).

4 CONCLUSÃO

Evidenciou-se que a maioria dos casos ocorreu no sexo masculino, de raça/cor parda, entre 15 e 19 anos; a principal forma da doença foi a TB pulmonar. O ano com maior quantitativo de notificações foi 2023, com predomínio da região do sudeste do país quanto ao local dos casos. Cura foi o principal desfecho encontrado. Nesse contexto, o levantamento se fez importante, pois é a partir desse que se compreende o panorama da TB entre crianças e adolescentes no Brasil. Os autores sugerem novos estudos que levem em consideração a magnitude evidenciada a fim de se promover medidas de prevenção e controle da doença no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Boletim Epidemiológico Tuberculose. Ministério da Saúde. Brasília, 2024a.

BRASIL. Cidades IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2024b:
<https://cidades.ibge.gov.br>.

BRASIL. Datasus: Tabnet. Ministério da Saúde. Brasília, 2024c:
<https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>

CANO, A.P.G. *et al.* Tuberculose em Pacientes Pediátricos: Como tem sido feito o diagnóstico?. **Revista Paulista de Pediatria**. v.35, n.2, p.165-170, 2017.

JIMENEZ, B. L. *et al.* Análise Epidemiológica Da Ocorrência De Tuberculose Em Crianças E Adolescentes No Estado Do Paraná Entre Os Anos De 2013 E 2022. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 10, p. 3601–3615, 2024.

JENNINGS, K. *et al.* A decline in tuberculosis diagnosis, treatment initiation and success during the COVID-19 pandemic, using routine health data in Cape Town, South Africa. **PLoS ONE**, v. 19, n. 9, p. e0310383–e0310383, 2024.

LIMA-COSTA, M.F.; BARRETO, S.M. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 12, n. 4, p. 189–201, 2003.

NOGAMI, N. *et al.* Revisão sistemática do papel do Igra (interferon- γ release assay) no diagnóstico da tuberculose em crianças. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 6, 2023.

PERES, T. G. *et al.* Trends in tuberculosis mortality among children and adolescents in Brazil, 1996-2020: a joinpoint analysis. **Jornal Brasileiro De Pneumologia**, v. 49, n. 3, p. e20230019–e20230019, 2023.

SANTOS, B. A. *et al.* Tuberculose em crianças e adolescentes: uma análise epidemiológica e espacial no estado de Sergipe, Brasil, 2001-2017. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 8, p. 2939–2948, 2020.

SOUSA, G.J.B. *et al.* Spatiotemporal pattern and factors related to childhood tuberculosis. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 43, 1 jan. 2022.

VIOLÊNCIA SEXUAL SOFRIDA POR ADOLESCENTES E O PAPEL DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

Emina Camille Silva Barbosa¹; Beatriz Neves Guedes².

Graduada em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia, Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste².

eminabarbosa@gmail.com

RESUMO

A violência sexual (VS) é um problema de saúde pública que afeta especialmente crianças e adolescentes, gerando grande preocupação nas autoridades devido ao seu impacto na qualidade de vida das vítimas. Este estudo visa explorar as hostilidades enfrentadas por adolescentes vítimas de VS e a atuação da equipe multiprofissional nesse contexto. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com publicações dos últimos cinco anos (2019 a 2023) sobre casos de violência sexual em indivíduos entre 10 a 19 anos. Os estudos selecionados mostram alta incidência de VS nessa faixa etária, representando 42,2% dos casos notificados. A pesquisa destaca a importância do preparo metodológico, educação continuada e colaboração entre órgãos competentes e a equipe multiprofissional.

Palavras-chave: violência sexual; abuso sexual de adolescente; equipe multidisciplinar.

1 INTRODUÇÃO

Violência é definida como agressão física, moral e psicológica que afeta indivíduos ou coletividades de diversas faixas etárias, classes sociais, etnias e religiões, causando danos significativos ao desenvolvimento dos sujeitos (Batista *et al.*, 2018). Tornando-se um tema relevante nas discussões sobre saúde, sendo considerada um problema de saúde pública global, por impactar diretamente a qualidade de vida das vítimas (Sousa *et al.*, 2023). Como violência sexual (VS) entende-se, a forma pela qual um indivíduo realiza atos ou situações sexuais indesejadas, causando danos físicos, morais e psicológicos (Pereira *et al.*, 2020). A Constituição Federal, no artigo 277, parágrafo 4º, estabelece punições rigorosas para a violência sexual nessa faixa etária (Fernandes; Costa; Neves, 2019).

Um estudo da OMS, em parceria com a *London School of Hygiene and Tropical Medicine e o Medical Research Council*, analisou dados de 80 países e revelou que 30% das mulheres em relacionamentos sofreram violência física ou sexual, a prevalência é menor em países de alta renda (23,6%) em comparação com países de baixa renda (37,7%) (OMS, 2017). Dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) indicam que, no Brasil, houve um aumento significativo nos casos de violência sexual entre crianças de 10 a 14 anos entre 2015 e 2021 (BRASIL, 2024).

Casos de violência sexual frequentemente enfrentam subnotificação e subregistros, pois as vítimas hesitam em compartilhar suas experiências devido ao medo de julgamento, desconfiança, receio do agressor, vergonha ou culpa, o que dificulta denúncias e registros (Santos; Mascarenhas; Rodrigues; Monteiro, 2018). Além disso, muitas agressões ocorrem no ambiente familiar ou em grupos considerados seguros (Miranda *et al.*, 2020). Trajano *et al.* (2021) destacam que a faixa etária mais afetada por violência sexual é de indivíduos menores de 14 anos, predominantemente do sexo feminino, com menor escolaridade.

O ambiente escolar é um espaço onde ocorrem casos de violência, como *bullying*, que causam danos morais, físicos e psicológicos, além de assédio sexual que pode levar à violência sexual (Lima *et al.*, 2024). Esses problemas geram consequências, como baixa autoestima, baixo desempenho escolar, distúrbios alimentares, uso de álcool e drogas, gravidez precoce, infecções sexualmente transmissíveis (IST), depressão e ansiedade (Sousa *et al.*, 2020).

A adolescência, marcada por transformações da juventude e violências, leva os jovens a adotarem comportamentos de risco, como o uso abusivo de álcool e drogas e ideação suicida, o que é alarmante (Sousa *et al.*, 2023). Rocha *et al.* (2021) e Souza *et al.* (2019) ressaltam que os profissionais de enfermagem e a equipe multiprofissional desempenham um papel importante na promoção da saúde. O estudo propõe descrever as hostilidades vivenciadas por adolescentes vítimas de violência sexual, além de discutir o preparo da equipe multiprofissional e o papel que cada membro desempenha na promoção e prevenção.

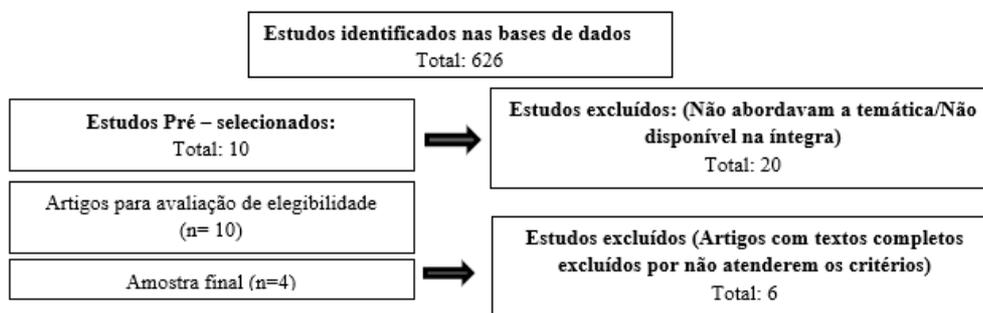
2 METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão integrativa da literatura sobre a violência sexual contra adolescentes e o papel da equipe multiprofissional. A pesquisa foi orientada pela pergunta: "Quais são as hostilidades sofridas por adolescentes do sexo feminino vítimas de violência sexual, e qual o papel da equipe multiprofissional?" Para isso, foram analisadas publicações nas bases de dados Pubmed/*Medline*, CAPES e *Scielo*. As buscas ocorreram em outubro de 2024, utilizando combinações de Descritores em Ciência da Saúde (DeCs) como "violência sexual", "abuso sexual de adolescente" e "papel da equipe multiprofissional", aplicando os operadores booleanos *AND* e *OR*.

A análise concentrou-se em artigos publicados entre 2019 e 2023, utilizando filtros de idioma em português, inglês e espanhol. As etapas de triagem incluíram a leitura de títulos e resumos, avaliando a similaridade com a temática. Para a seleção dos estudos, foram considerados apenas artigos na íntegra, de acesso gratuito. Foram incluídos estudos que abordassem a violência sexual contra crianças e adolescentes, focando em indivíduos de 10 a 19 anos.

A análise dos dados foi realizada qualitativamente, utilizando evidências de estudos primários descritivos. Foram excluídos artigos não disponíveis na íntegra, bem como teses, resumos, dissertações, reportagens, resenhas e notícias. Ao todo, foram encontrados 626 artigos. Após a análise dos estudos, foram lidos 10 artigos na íntegra. Desses, 6 foram excluídos por não responderem à pergunta norteadora e não atenderem aos critérios da revisão, resultando em uma amostra final de 4 estudos. Como se trata de uma revisão de literatura que não envolve pesquisas com seres humanos ou animais, a consulta ao comitê de ética foi dispensada.

Figura 1 – Fluxograma da descrição dos artigos, encontrados, excluídos e selecionados de acordo com cada base de dados.



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As evidências dos estudos acerca da violência sexual e o papel da equipe multiprofissional nos ajudam a compreender o elevado número de casos de violência contra crianças e adolescentes na faixa etária de 10 a 19 anos (42,2%). Somente no ano de 2019 ocorreu o crescente no número de casos notificados, cerca de 217 e no ano seguinte 236 ocorrências foram registradas (Sousa *et al.*, 2023). Dados obtidos do boletim da Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS), dos casos notificados no estado a VS foi o principal 37,9%, seguido do estupro de vulneráveis 59,6%. Lamentavelmente, tais hostilidades vivenciadas ocorrem no âmbito familiar, espaço de confiança e proteção (Andrade *et al.*, 2021).

No entanto, os malefícios em decorrência de uma VS trazem consigo inquietações devido aos atos impensados dos agressores aos expô-las a um sexo desprotegido, as infecções sexualmente transmissíveis, a uma gravidez indesejada e por vezes de risco (Neves *et al.*, 2022). Tal como ao desenvolvimento de transtornos pós-traumático, desenvolvimento de baixa autoestima, ansiedade, depressão além da dificuldade de relacionar-se com o sexo oposto ou a desenvolverem quadros de hipo e hipersexualidade (Nascimento *et al.*, 2020). Porém, o que se observa que há uma morbidez sendo enfrentada pelos profissionais, fragilidade que tem dificultado em uma assistência assertiva e qualificada. Em sua grande maioria não estão preparados para conduzir com fluidez (Barreto *et al.*, 2021).

Levando a invisibilidade dos casos, refletido em subnotificação devido ao desconhecimento e despreparo, por não estarem aptos a reconhecerem casos de VS, além disso, possuem dificuldade em articular o manejo individualizado para cada sujeito por não serem especializados ou capacitados (Rocha; Silva & Sousa, 2021). Os desafios dos profissionais estão relacionados também as dificuldades de políticas públicas que sejam cabíveis no manejo de casos de VS infanto-juvenil, por vezes deixando-os inseguros quanto a precisão na resolutividade dos incidentes (Andrade *et al.*, 2021).

Todavia, a assistência e acompanhamento qualificado são primordiais para auxiliar no processo de recuperação dos sujeitos que perpassam por tal agressão. Entretanto, a responsabilidade da equipe multiprofissional transcende a promoção e prevenção por meio da educação em saúde (Rocha; Silva & Sousa, 2021). Abarca não apenas a escuta qualificada ou o acolhimento, mas a condução de uma série de medidas e atitudes frente aos casos. Que sucedem a notificação, encaminhamentos aos órgãos específicos, a realização de exames adequados e acompanhamento (Teixeira; Gomes; Oliveira & Leite, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aponta para as complexidades que envolvem a violência sexual na população infanto-juvenil em vulnerabilidade e as hostilidades sofridas, tal como as consequências acarretadas a curto e longo prazo, sendo imprescindível o aprofundamento da temática, uma vez que se torna uma questão de saúde pública.

A contribuição de uma assistência qualificada, manejo correto dos protocolos, além dos encaminhamentos e notificações, são primordiais para minimizar e prevenir violência contra crianças e adolescentes. Além disso, a educação permanente dos profissionais torna-se um fator crucial para superação das adversidades enfrentadas por este público, uma vez que há necessidade de apropriação dos protocolos para condução correta, manejo e processo de tomada de decisão.

Compreendendo que tais hostilidades abarcam não somente o gênero em si, mais as condições socioeconômicas e sociodemográficas em que estão inseridos. Vale destacar que tanto o preparo metodológico e a educação continuada, quanto o apoio de órgãos

competentes, a conexão da equipe multiprofissional é indispensável, pois cada área possui sua transcendência quando vinculados a um mesmo propósito.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R, L, B., et al. Violência sexual contra crianças e adolescentes do sexo feminino: Uma questão de saúde pública. **Research, Society and Development**. v. 10. n. 3. 2021.

BARRETO, A, A., et al. Conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre a violência sexual contra o adolescente. **R. pesq.: cuid. fundam**. Online. p. 1283-1289. 2021.

BATISTA, C, V; et al. Perfil das notificações sobre violência sexual. **Revista de enfermagem**. Recife. 2018. v.12; n. 5; p. 1372-80.

BRASIL. **Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940**. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Boletim epidemiológico. **Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 - 2021**. v.54, n. 8. 2024.

FERNANDES, H, C; COSTA, D, M, R; NEVES, R, A. Violência Sexual infanto-juvenil no estado de Goiás: análise epidemiológica. **Revista Brasileira Militar de Ciências**, v. 5, n. 12. 2019.

FUNDAÇÃO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DO AMAZONAS. Vigilância de violências: Mais de 70% dos casos de violência contra crianças e adolescentes vitimam o sexo feminino. **Cenário de 2018 a 2022 consta em boletim da FVS-RCP**. 2023.

MIRANDA, M, H, H; FERNANDES, F, E, C, V; MELO, R, A; MEIRELES, R, C. Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise da prevalência e fatores associados*. **Rev Esc Enferm USP**. v.54. 2020.

NASCIMENTO, A, P, M. et al., Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes sob o Olhar das Possíveis Implicações na Vida das Vítimas: uma revisão de literatura. **Revista Interdisciplinar em Saúde. Cajazeiras**. v. 7, n. 1. 2020.

NEVES, C, M., et al. Violência sexual contra adolescentes notificada por profissionais de saúde no sul do Brasil de 2009 a 2016. **Enferm Bras**. v.21. n.3. p. 239-53. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Violência contra as mulheres**, 2017. Organização Pan-Americana de Saúde - Organização Mundial de Saúde, 2017.

PEREIRA, V, O, M., et al. Violências contra adolescentes: análise das notificações realizadas no setor saúde, Brasil, 2011 – 2017. **Rev Bras Epidemiol**. v. 23. n. 1. 2020.

SANTOS, M, J; MASCARENHAS, M, D, M; RODRIGUES, M, T, P; MONTEIRO, R, A. Caracterização da violência sexual contra criança e adolescentes na escola – Brasil 2010 – 2014. **Epidemiol. Serv. Saude**. Brasília. v. 27. n. 2. 2018.

SOUSA, C, M, S. et al. Ideação suicida e fatores associados entre escolares adolescentes. **Rev Saude Publica**. v. 54. n. 33.2020.

SOUZA, P, L., et al. Perfil Epidemiológico dos casos de violência sexual em Anápolis – Goiás- Brasil, nos anos 2017 a 2020. **Cogitare Enferm**. v2. 2023.

SOUZA, V, P. et al. Fatores de risco associado a exposição de adolescentes à violência sexual. **Av Enferm**. v. 37. n3. p. 364-374. 2019.

TRAJANO, R, K, N., et al. Comparativo de casos de violência sexual contra criança e adolescente no período 2018-2020. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1. 2021.

O USO DO BRINQUEDO TERAPÊUTICO COMO INSTRUMENTO DE CUIDADO NA SAÚDE INFANTIL

Giovana da Silva Ferreira¹; Sarah Miriã de Castro Rocha¹; Wesley Luís Pavelski¹; Luana Tonin².

Discentes de Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba PR¹, Doutora em Enfermagem pelo PPGENF-UFPR. Docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba PR²

f.silva46@pucpr.edu.br

RESUMO

A hospitalização infantil pode ser uma experiência traumática devido a procedimentos invasivos, mudanças na rotina e distanciamento do convívio social, desencadeando medo, ansiedade e estresse. Nesse contexto, o brinquedo terapêutico surge como uma estratégia eficaz no cuidado humanizado, promovendo um ambiente acolhedor e melhorando a experiência da criança e de sua família. Por meio do brincar, é possível reduzir a ansiedade e o medo, fortalecer a comunicação entre crianças e profissionais de saúde, e facilitar a compreensão dos tratamentos. Este estudo, uma revisão integrativa da literatura, analisa como o brinquedo terapêutico contribui para reduzir os estressores hospitalares, facilitando a comunicação, a confiança e o enfrentamento do tratamento, auxiliando no aspecto emocional, na compreensão dos procedimentos e no engajamento da criança no cuidado. Assim, reforça-se a importância do lúdico na assistência de enfermagem pediátrica, contribuindo para a recuperação física e emocional e fortalecendo os vínculos entre equipe, criança e família.

Palavras-chave: jogos e brinquedos, saúde da criança; cuidados de enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

O processo de internação hospitalar pode ser uma vivência traumática para as crianças, pois além de enfrentarem procedimentos invasivos, dolorosos e restritivos, modifica sua rotina, afastando-as do seu convívio familiar, escolar e social, despertando sentimentos como medo, apreensão e ansiedade. Todo esse processo pode impactar significativamente de forma negativa na saúde física e emocional, provocando estresse, traumas, alterações comportamentais e dificultando sua recuperação (Ciuffo *et al*, 2023). A utilização do brinquedo terapêutico no cuidado infantil emerge como uma estratégia fundamental para proporcionar um atendimento humanizado e sensível às necessidades das crianças, promovendo um ambiente mais acolhedor e confortável, melhorando sua experiência, satisfação, tanto do infante como de suas famílias durante o processo de cuidado. A integração de interações lúdicas no ambiente hospitalar contribui significativamente para diminuir a ansiedade e o medo, tornando o tratamento mais compreensível, estabelecendo um vínculo de confiança com os profissionais de saúde, melhorando a comunicação e as tornando mais dispostas e colaborativas durante os procedimentos, favorecendo assim para a criação de um ambiente tranquilo e positivo (Miranda *et al*, 2024). Considerando o exposto, elaborou-se a seguinte questão: como o uso do brinquedo terapêutico auxilia na realização do cuidado de enfermagem?

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura. Esse método busca reunir e organizar, de forma sistemática e ordenada, os resultados de pesquisas relacionadas a um tema ou questão específica, promovendo o aprofundamento do conhecimento sobre o assunto investigado, subsidiando a tomada de decisões e a melhoria da prática clínica (Mendes; Silveira; Galvão, 2008). A revisão foi realizada entre os meses de setembro a novembro de 2024. Foram utilizados para a pesquisa as bases de dados BDENF, SciELO e LILACS. As palavras-chave foram selecionadas em inglês, português e espanhol conforme os descritores em ciências da saúde (DeCS): saúde da criança; jogos e brinquedos; cuidados de enfermagem. Como critérios de inclusão definiram-se artigos completos publicados em português, inglês e/ou espanhol, nos períodos entre 2020 e 2024, referente ao uso do brinquedo terapêutico como ferramenta de cuidado humanizado na saúde infantil. Por sua vez, os critérios de exclusão foram: artigos que não abordavam o uso do brinquedo terapêutico, resumos, monografias e outros tipos de produção que não artigos publicados em periódicos científicos. A princípio foram obtidos 56 artigos compatíveis com os critérios de elegibilidade, após uma leitura completa e minuciosa dos artigos, foram selecionados nove artigos para compor a revisão, os mesmos foram selecionados devido maior enfoque ao ambiente hospitalar, sendo assim de maior relevância para o presente estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O brincar tem sido reconhecido há muito tempo como uma forma de as crianças enfrentarem os desafios da doença e da hospitalização. Na abordagem terapêutica, há comprovações de seu impacto positivo na promoção do bem-estar e na redução do medo e da ansiedade, pois possibilita à criança expressar e lidar com suas dificuldades enquanto se diverte com brinquedos variados, sempre contando com o apoio de um adulto que acolhe suas expressões e preocupações (Miranda *et al.*, 2022). Ao cuidar da criança, é essencial que uma equipe de enfermagem adote uma abordagem holística e focada no contato humano, permitindo que a criança seja um ser que necessita de cuidados não apenas para sua condição patológica, mas também para seu bem-estar psicológico e social. Embora a rotina hospitalar exija que as tarefas sejam feitas em prazos específicos, é importante perceber que o uso do lúdico pode facilitar a prática de enfermagem, permitindo o estabelecimento de vínculos com a criança e tornando o cuidado mais eficiente e rápido. (Ribeiro *et al.*, 2020). O cuidado humanizado busca valorizar o ser humano em seu contexto social e de vida. Para isso, é essencial que uma equipe de saúde seja sensível e empática com a criança e a família, promovendo proximidade, comunicação clara, suporte emocional e qualidade no atendimento (Aranha *et al.*, 2020).

O brinquedo terapêutico é uma abordagem que consiste em um brinquedo planejado para ajudar a criança a aliviar a ansiedade gerada pelas experiências hospitalares, que podem ser vistas como ameaçadoras. Deve ser utilizado sempre que o paciente tiver dificuldades para compreender ou lidar com a situação, ou em preparação para procedimentos. A aplicação da técnica do brinquedo terapêutico facilita a aproximação entre o profissional de saúde e a criança, ajudando a estabelecer um vínculo, o que é fundamental para criar uma relação de confiança. O brinquedo terapêutico tem uma função curativa, funcionando como uma “válvula de escape”, aliviando a ansiedade da criança por meio da catarse emocional (Barroso *et al.*, 2020). De acordo com sua aplicação, podemos destacar três modalidades: o dramático, que permite à criança brincar livremente, expressar seus sentimentos e recuperar o controle emocional; o instrucional, utilizado quando o profissional visa ensinar a criança sobre algo novo, como um procedimento, e corrigir possíveis mal-entendidos; e o capacitador de funções fisiológicas, que, por meio de brincadeiras, busca melhorar uma função fisiológica específica,

atualizando a saúde física da criança (Miranda *et al.*, 2022). Entender e suprir as necessidades das crianças por meio do brincar ajuda os profissionais de saúde a transformar o ambiente hospitalar em um espaço eficaz de humanização do cuidado pediátrico. Essa abordagem pode ser aplicada em várias fases do tratamento, exigindo uma escolha de cuidados e homologação com o perfil e as necessidades das crianças (Ribeiro *et al.*, 2020).

O brincar desempenha um papel importante devido ao seu valor terapêutico, ajudando na estabilização física e emocional da criança, o que torna a hospitalização um processo menos traumático e favorecendo o progresso na recuperação (Silva *et al.*, 2021). Quando orientada de maneira adequada, por meio do brincar, a criança aprende sobre sua doença e tratamento, tornando-se mais engajada no processo. Dessa forma, sob uma abordagem holística do tratamento hospitalar, o brincar terapêutico favorece a facilidade, a criatividade e o aprendizado da criança, em um ambiente que até então era visto como desconhecido e assustador (Barroso *et al.*, 2020). O lúdico se apresenta como um intermediário entre o processo saúde-doença e o tratamento da criança, facilitando a expressão de seus sentimentos, medos, ansiedades e criatividade, além de promover um ambiente de adaptação ao contexto hospitalar. Além dos benefícios já mencionados, a prática do lúdico no hospital também contribui para a realização de procedimentos que, normalmente, são estressantes e dolorosos (Silva *et al.*, 2021). Nessa perspectiva, observa-se a complexidade do cuidado, pois ele envolve não apenas a cura da doença, mas também a restauração e a preservação da integridade física e emocional do paciente, minimizando os impactos negativos aos quais ele está sujeito durante a internação (Ribeiro *et al.*, 2020).

Os enfermeiros relatam, de modo geral, que o processo de trabalho foca principalmente em aspectos técnicos e procedimentais, vendo o brincar como uma dimensão separada do cuidado, como se fossem dois elementos distintos e sem conexão (Maia *et al.*, 2022). Porém, para atender às necessidades emocionais e sociais da criança, o enfermeiro pediátrico deve adotar estratégias que promovam a autonomia do público infantil sob seus cuidados, permitindo que a criança assuma um papel ativo e participativo em seu cuidado. É fundamental destacar que o brincar é uma ferramenta importante de comunicação e interação entre o enfermeiro e a criança, devendo fazer parte da assistência de enfermagem. Isso porque o profissional consegue entender melhor as necessidades do paciente por meio do uso do brincar terapêutico (Barroso *et al.*, 2020). Quando a enfermagem se limita a realizar procedimentos e ações invasivas, sendo reduzidas as tarefas técnicas e burocráticas, a interação com a criança se torna restrita e a formação de vínculos terapêuticos é prejudicada. As famílias, por sua vez, reconhecem a eficácia do brincar terapêutico como um importante aliado para que a criança se sinta mais segura diante da internação hospitalar e dos medos que acompanham esse momento (Claus *et al.*, 2021). Assim, reforça-se a essencialidade do brincar terapêutico como instrumento de cuidado humanizado, pois o ambiente hospitalar gera um grande impacto na criança e na família, provocando sentimentos como medo, ansiedade, angústia e alterações no comportamento (Aranha *et al.*, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do brincar terapêutico é fundamental para a humanização do cuidado de enfermagem ao infante no ambiente hospitalar, pois vai além do aspecto técnico e promove uma abordagem focada nas necessidades emocionais e sociais da criança. Essa prática transcende o cuidado de enfermagem, podendo envolver uma abordagem interdisciplinar com outros profissionais de saúde para ampliar os benefícios do seu uso. Ao integrar o brincar no cuidado, crie-se um ambiente acolhedor, fortalecendo vínculos de confiança e facilitando a compreensão do tratamento pelas crianças e suas famílias, tornando a criança mais ativa e participativa em seu cuidado. O uso do brincar terapêutico exige sensibilização de gestores

e profissionais, sendo necessário que os hospitais invistam em políticas específicas, capacitação de equipes e infraestrutura adequada. Assim, essa prática não só beneficia as crianças, mas também promove a reflexão sobre a humanização no cuidado de saúde.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Bruna Ferreira *et al.* Using the instructional therapeutic play during admission of children to hospital: the perception of the family. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. 2020;41:e20180413. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20180413>

BARROSO, Maria Clara *et al.* Percepção das crianças acerca da punção venosa por meio do brinqueado terapêutico. **Acta Paul Enferm**. 2020;33:e-APE20180296. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0296>

CIUFFO, Lia Leão *et al.* O uso do brinqueado pela enfermagem como recurso terapêutico na assistência à criança hospitalizada. **Revista Brasileira De Enfermagem**, 2023; 76(2), e20220433. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0433>

CLAUS, Maria Izabel Sartori *et al.* A inserção do brincar e brinqueado nas práticas de enfermagem pediátrica: pesquisa convergente assistencial. **Escola Anna Nery**, v. 25, n. 3, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0383>

MAIA Edmara Bazoni Soares *et al.* The power of play in pediatric nursing: the perspectives of nurses participating in focal groups. **Texto & Contexto Enfermagem**. 2022; 31:e20210170. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2021-0170>

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 17, p. 758-764, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

MIRANDA, Carolline Billett.; MAIA, Edmara Bazoni Soares; ALMEIDA, Fabiane de Amorim. Modelo de implementação sistemática do brinqueado terapêutico em unidades pediátricas hospitalares. **Escola Anna Nery**, v. 26, p. e20220136, 17 out. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2022-0136pt>

MIRANDA, Carolline Billett.; MAIA, Edmara Bazoni Soares; ALMEIDA, Fabiane de Amorim. Perspectivas dos profissionais de saúde do BrinquEinstein sobre a implementação do brinqueado terapêutico na pediatria. **Ciência e saúde coletiva**, ISSN 1413-8123. v.29, n.8. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024298.05142024>

RIBEIRO Aclênia Maria Nascimento *et al.* A percepção do enfermeiro sobre o brincar e o impacto dessa prática na assistência pediátrica. **Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)**, 2020 jan/dez; 12:1017-1021. Disponível em: <http://dx.doi.org/0.9789/2175-5361.rpcf.v12.7415>

SILVA, Jocelle de Araujo *et al.* O lúdico como recurso terapêutico no tratamento de crianças hospitalizadas: percepção dos enfermeiros. **Enfermagem em Foco**. 2021;12(2):365-71. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357707X.2021.v12.n2.4358>

BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO NO NEURODESENVOLVIMENTO INFANTIL

Ludmila B. Bitencourt¹; Amanda P. Martinhago¹; Ana Clara M. Cascaes¹; Juliana L. Silva¹; Vinicius P. Adão¹; Yasmin B. da Silva¹; Camila B. Hirsch².

Graduandos em Medicina pela Universidade Federal de Santa Catarina¹, Professora de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina².

ludmila.b.bitencourt@grad.ufsc.br

RESUMO

Os oligossacarídeos, ácidos graxos e outros componentes do leite materno são nutrientes essenciais ao lactente que estão diretamente relacionados ao neurodesenvolvimento. O objetivo deste resumo é identificar quais benefícios o aleitamento materno proporciona quando comparado a uso de fórmulas ou a amamentação não exclusiva. Trata-se de uma revisão integrativa que avaliou 15 estudos produzidos entre 2019 e 2025, escritos em inglês, espanhol ou português e que tinham associação com aleitamento materno e neurodesenvolvimento. Concluiu-se que 3 dos 15 artigos apontam para um melhor desenvolvimento socioemocional dos lactentes quando comparados aos bebês que usaram fórmula; 3 apresentaram uma maior taxa de desenvolvimento do Sistema Nervoso Central (SNC); 8 concluíram que bebês amamentados obtiveram benefícios neurológicos com relação à cognição; 5 associaram positivamente o aleitamento materno ao desempenho acadêmico; 2 relacionaram o aleitamento materno exclusivo a uma diminuição nos índices de TDAH e a um QI de desempenho superior quando comparado a crianças em aleitamento misto, e, por fim, 8 artigos associaram positivamente o aleitamento materno a um melhor desenvolvimento motor do lactente.

Palavras-chave: aleitamento materno; neurodesenvolvimento; amamentação.

1 INTRODUÇÃO

O leite materno contém nutrientes essenciais, como ácidos oligossacarídeos do leite humano (HMO), ácido docosahexaenóico (DHA), colina, membrana do glóbulo de gordura do leite (MFGM), oligossacarídeos fucosilados, oligossacarídeos sialilados, ácido alfa-linolênico (ALA), β -caroteno e lacto-N-hexaose (LNH) que estão diretamente correlacionados ao neurodesenvolvimento, desenvolvimento socioemocional, motor, da estrutura do Sistema Nervoso Central, e cognição do lactente. O objetivo deste estudo foi examinar essa relação, observando o impacto do aleitamento materno no desenvolvimento neurológico durante os primeiros anos de vida, com base em dados de 2019 a 2024.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa, norteada pela pergunta “Quais os benefícios do aleitamento materno no neurodesenvolvimento infantil?” Foram realizadas buscas eletrônicas no PUBMED (National Library of Medicine), EMBASE (Elsevier Ltd.), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e LA Referencia (Red Latinoamericana para la Ciencia Abierta). A estratégia de busca envolveu um processo dividido em etapas usando os termos "MeSH" e "Title/Abstract". A busca foi nas seguintes palavras: Aleitamento Materno, Desenvolvimento infantil. Além disso, a busca se deu em português, inglês e

espanhol. Os critérios de exclusão foram: artigos escritos antes de 2019; não escritos em inglês, português e espanhol; sem associação entre aleitamento materno e neurodesenvolvimento; fatores de exposição associados ao lactente ou à genitora; uso exclusivo de fórmula infantil, leite de origem animal e leite materno fortificado, e população exclusivamente animal.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram encontrados 286 artigos, dos quais 15 foram selecionados após serem aplicados os métodos de exclusão. Todos os 15 artigos demonstram benefícios do aleitamento materno no neurodesenvolvimento infantil, e foram divididos sob os seguintes aspectos: Desenvolvimento Socioemocional; Formação do Sistema Nervoso Central; Cognição; Desempenho Acadêmico; Distúrbios Neurodesenvolvimentais, e Desenvolvimento Motor.

Sobre o desenvolvimento socioemocional, 3 dos 15 artigos selecionados abordam que os bebês amamentados no seio materno tiveram um melhor desenvolvimento socioemocional quando comparados ao grupo de lactentes que foram alimentados exclusivamente com fórmula.

Quanto a formação do sistema nervoso central, 3 dos artigos selecionados associam o aleitamento materno a mielinização durante a primeira infância e o desenvolvimento das sinapses durante o primeiro mês de vida, assim como a uma taxa mais rápida de desenvolvimento da substância branca de regiões do cérebro relacionadas a cognição de alta ordem e ao aumento da espessura cortical do sistema nervoso central.

Com relação à cognição, 8 dos artigos analisados concluíram que bebês amamentados obtiveram benefícios neurológicos, como rápido desenvolvimento em termos de desempenho, melhora nos domínios cognitivo, de linguagem e motor. Desses, 2 artigos fizeram a associação entre a amamentação e um desempenho cognitivo significativamente melhor nas Escalas Bayley. Ainda, os artigos relacionam que a exposição precoce ao leite humano pode melhorar os resultados do neurodesenvolvimento na infância posterior, especificamente, devido aos HMOs, à colina e ao DHA no leite materno.

Em relação ao desempenho acadêmico, 5 artigos associaram o aleitamento materno positivamente com essa variável, destacando a área do desenvolvimento linguístico nestes estudos. Desses trabalhos, um vinculou inversamente a idade de início do aleitamento materno com o maior aproveitamento escolar e acrescentou o desenvolvimento matemático como beneficiado pela amamentação. Além disso, um dos artigos associou MFGM como a responsável pelo maior desempenho acadêmico. Tendo em vista os componentes, 2 dos artigos selecionados destacaram os oligossacarídeos fucosilados e um os oligossacarídeos sialilados como agentes causadores desse maior benefício escolar.

Quanto aos distúrbios neurodesenvolvimentais, e ao Quociente de Inteligência (QI) 2 dos 15 artigos correlacionam a maior ingestão de leite materno exclusivo durante a hospitalização neonatal com a redução do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) na infância, e a melhores resultados cognitivos e acadêmicos ao longo do desenvolvimento, incluindo um QI de desempenho superior e habilidades mais avançadas em leitura e matemática quando comparado com as crianças em aleitamento misto ou em uso de fórmula.

O aleitamento materno também se mostrou benéfico para o desenvolvimento motor do lactente em 8 dos artigos estudados. Dentre eles, 4 especificaram alguns componentes presentes no leite materno que estão associados a esse desenvolvimento, a exemplo: DHA, ALA, β -caroteno, LNH e MFGM. Dentro desse eixo, 2 artigos trouxeram que crianças alimentadas com leite materno apresentam melhores habilidades motoras brutas aos dois anos de idade, sendo que um deles a associa aos HMOs fucosilados e sialilados. Além disso, 3 trabalhos concluíram associação positiva do aleitamento materno ao desenvolvimento motor fino, e 2 artigos

apresentaram que crianças amamentadas têm menor risco/chance de atraso no desenvolvimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, conclui-se que a amamentação auxilia no rendimento acadêmico, cognição, desenvolvimento socioemocional, motor, formação do SNC, desempenho do QI, além de atenuar os distúrbios neurodesenvolvimentais. Portanto, é evidente que o aleitamento materno traz diversos benefícios para o neurodesenvolvimento infantil e deve ser estimulado precocemente desde o nascimento.

REFERÊNCIAS

ANCHEZ-VINCITORE, L. *et al.* The impact of ever breastfeeding on children ages 12 to 36 months: a secondary data analysis of the standardization study of the dominican system for evaluating early childhood development. **Embase**, [s. l.], v. [], n. [], p. 1-8, 17 abr. 2024.

Disponível em:

<https://www.embase.com/search/results?subaction=viewrecord&id=L2031673043&from=export U2 - L2031673043>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BELFORT, M. *et al.* Associations of Maternal Milk Feeding With Neurodevelopmental Outcomes at 7 Years of Age in Former Preterm Infants. **Jama Network Open**, [S.L.], v. 5, n. 7, p. 1-13, 13 jul. 2022. American Medical Association (AMA).

<http://dx.doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2022.21608>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34199063/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BERGER, P. *et al.* Human Milk Oligosaccharides and Infant Neurodevelopment: a narrative review. **Nutrients**, [S.L.], v. 15, n. 3, p. 719, 31 jan. 2023. MDPI AG.

<http://dx.doi.org/10.3390/nu15030719>. Disponível em:

<https://www.embase.com/records?subaction=viewrecord&id=L2021409432>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BERGNER, E. *et al.* Growth, Body Composition, and Neurodevelopmental Outcomes at 2 Years Among Preterm Infants Fed an Exclusive Human Milk Diet in the Neonatal Intensive Care Unit: a pilot study. **Breastfeeding Medicine**, [S.L.], v. 15, n. 5, p. 1-8, 1 maio 2020. Mary Ann Liebert Inc.

<http://dx.doi.org/10.1089/bfm.2019.0210>. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32298596/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CASTRO, R. *et al.* Breastfeeding, prenatal depression and children's IQ and behaviour: a test of a moderation model. **Bmc Pregnancy And Childbirth**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 1-12, 18 jan. 2021. Springer Science and Business Media LLC.

<http://dx.doi.org/10.1186/s12884-020-03520-8>. Disponível em:

<https://www.embase.com/records?subaction=viewrecord&id=L2010186558>. Acesso em: 13 nov. 2024.

DANI, C. *et al.* Direct breastfeeding: predictive factors and possible effects on neurodevelopment in very preterm infants. **Early Human Development**, [S.L.], v. 197, p. 1-5, out. 2024. Elsevier BV.

<http://dx.doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2024.106099>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39167914/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

KE, K. *et al.* Association of Breastfeeding and Neonatal Jaundice With Infant Neurodevelopment. **American Journal Of Preventive Medicine**, [S.L.], v. 66, n. 4, p. 1-9, abr. 2024. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.amepre.2023.11.025>. Disponível em: <https://www.embase.com/records?subaction=viewrecord&id=L2029606875>. Acesso em: 13 nov. 2024.

MITGUARD, S. *et al.* Human milk polyunsaturated fatty acids are related to neurodevelopmental, anthropometric, and allergic outcomes in early life: a systematic review. **Journal Of Developmental Origins Of Health And Disease**, [S.L.], v. 14, n. 6, p. 1-12, dez. 2023. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s2040174423000454>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38254254/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

PANG, W. *et al.* Nutrients or nursing? Understanding how breast milk feeding affects child cognition. **European Journal Of Nutrition**, [S.L.], v. 59, n. 2, p. 1-11, 26 fev. 2019. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s00394-019-01929-2>. Disponível em: <https://www.embase.com/records?subaction=viewrecord&id=L626652822>. Acesso em: 13 nov. 2024.

PAULA, S. *et al.* Análise do desenvolvimento neuropsicomotor de crianças participantes de um programa mãe-bebê. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S.L.], v. 32, p. 1-10, 2019. Fundacao Edson Queiroz. <http://dx.doi.org/10.5020/18061230.2019.8603>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1015701>. Acesso em: 13 nov. 2024.

KAMINI, D. *et al.* Breast Milk Components and Neurodevelopment of Children. **Indian Journal Of Public Health Research & Development**, [S.L.], v. 11, n. 8, p. 216-221, 26 jun. 2020. Institute of Medico-legal Publications Private Limited. <http://dx.doi.org/10.37506/ijphrd.v11i6.9771>. Disponível em: <https://medicopublication.com/index.php/ijphrd/article/view/9771/9150>. Acesso em: 14 nov. 2024.

BERGER, P. *et al.* Oral Abstracts: human milk oligosaccharides predict infant weight and neurodevelopmental outcomes at 24 months. **Obesity**, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 5-39, nov. 2020. ORAL 056. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/oby.23057>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/oby.23057>. Acesso em: 13 nov. 2024

ZIELINSKA, M. A. *et al.* Association between Breastmilk LC PUFA, Carotenoids and Psychomotor Development of Exclusively Breastfed Infants. **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 16, n. 7, p. 1-18, 30 mar. 2019. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph16071144>. Disponível em: <https://www.embase.com/records?subaction=viewrecord&id=L2001904367>. Acesso em: 13 nov. 2024.

RAJHANS, P. *et al.* The Role of Human Milk Oligosaccharides in Myelination, Socio-Emotional and Language Development: observational data from breast-fed infants in the united states of america. **Nutrients**, [S.L.], v. 15, n. 21, p. 1-15, 31 out. 2023. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/nu15214624>. Disponível em: www.embase.com/search/results?subaction=viewrecord&id=L2026566609&from=export U2 - L2026566609https. Acesso em: 13 nov. 2024.

PEILA, C. *et al.* Role of the biological active components of human milk on long-term

growth and neurodevelopmental outcome. **Italian Journal Of Pediatrics**, [S.L.], v. 50, n. 1, p. 1-8, 30 set. 2024. Springer Science and Business Media LLC.
<http://dx.doi.org/10.1186/s13052-024-01773-z>. Disponível em:
<https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/aPMC11443780/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

EFEITOS DO USO DA REALIDADE VIRTUAL E AUMENTADA NO TRATAMENTO DO TEA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Henrique Cavalcanti Neiva¹; Maria Eduarda Lopes Menezes¹; Maxwel de Oliveira Brandão¹;
Natália Rodrigues Ferreira Silva¹; Jaim Simões de Oliveira²

Graduando em medicina pelo Centro Universitário de Maceió¹; Docente do Centro
Universitário de Maceió²

henriquetneiva@gmail.com

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se caracteriza, principalmente, pela dificuldade ou incapacidade na comunicação e no desenvolvimento de relações sociais. Com o avanço das tecnologias relacionados a IA e realidade virtual (RV) os tratamentos para essa condição se tornaram mais amplos. Essa revisão de literatura buscou analisar a eficiência da utilização da RV no desenvolvimento de habilidades sociais e comunicação em pessoas portadoras de TEA. As buscas por estudos foram realizadas na plataforma PubMed. Os resultados do estudo indicaram que o uso da realidade virtual (RV) melhorou as habilidades de expressão emocional e interação social da amostragem. Essas melhorias sugerem que a RV pode ser eficaz para o desenvolvimento de habilidades sociais em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O tratamento do TEA por meio da RV apresenta-se promissor, mas requer pesquisas mais consistentes para validar sua eficácia.

Palavras-chave: autismo; realidade virtual; tratamento

1 INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento complexo que afeta significativamente a população mundial. Entre os diversos desafios enfrentados por essa parte da população, a dificuldade de dominar habilidades sociais se destaca. Devido à falta de tratamentos realmente eficazes, as terapias médicas geralmente não apresentam resultados significativos, o que gera custos diretos e indiretos às famílias de pacientes com TEA, ocasionando, muitas vezes, em uma redução significativa na qualidade de vida. As novas intervenções terapêuticas buscam, baseando-se em evidências, solucionar problemas relacionados ao processamento sensorial de indivíduos com TEA através do controle da intensidade e da substituição direcionada de estímulos sensoriais desadaptativos por estímulos neutros em tempo real usando tecnologia de realidade virtual (RV), realidade aumentada (RA), realidade mista (RM) ou realidade estendida (XR). Tal intervenção tem como foco desenvolver habilidades comportamentais, melhorando a adaptação social de pessoas portadoras desse transtorno, (Astafeva, 2024). Esse estudo tem por objetivo revisar a literatura existente sobre o tópico de realidade virtual (RV) e/ou realidade aumentada (RA), realidade mista (RM) ou realidade estendida (XR) para as seguintes questões: quais intervenções de RV

e/ou RA, RM, XR existem para o desenvolvimento de habilidades sociais em indivíduos com TEA e quais são as evidências existentes sobre sua eficácia.

2 METODOLOGIA

O método utilizado para a realização desse estudo foi a revisão de literatura por meio de fontes de pesquisa secundárias. Os artigos usados para esta revisão foram pesquisados na base de dados Medline, via plataforma Pubmed, até 18 de outubro de 2024. Os termos de busca, traduzidos para a língua inglesa, incluíram: “virtual reality”, “augmented reality”, “autism spectrum disorder”, “treatment”, “social skills” e “children. Os termos foram combinados com o operador Booleano AND para formar estratégias de busca. Foram encontrados 25 estudos e, após a leitura dos resumos dos artigos, foram selecionados os que mais atendiam aos critérios de busca. Com isso, apenas 6 contemplavam os objetivos da pesquisa e, após a análise desses estudos, foi feita a revisão de 3 artigos que abrangem de forma mais específica o tema.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para comprovar a eficácia do uso de realidade virtual em crianças e adolescentes com TEA houve uma divisão em dois grupos: um grupo controle e outro que sofria intervenções de RV. No agrupamento de intervenção foram realizadas atividades que estimulariam as habilidades cognitivas e sociais, enquanto o agrupamento de controle seguiu em observação. As atividades consistiam em ambientes de realidade aumentada, como a criação de uma sala de aula virtual, na qual um avatar observava comportamentos do participante e fazia uma série de perguntas personalizadas, para fornecer um contexto social para atividades de aprendizado. Ao todo, seis cenários foram criados com o objetivo de aproximá-los de um contexto próximo a realidade, incluindo quatro cenários de treinamento, um de relaxamento e um de consolidação. Após as intervenções, foi perceptível a evolução de habilidades sociais pelo grupo de intervenção, em relação ao grupo de controle. Os resultados do teste mostraram que o grupo de intervenção teve uma pontuação mais alta nos indicadores de expressão e regulação de emoção e nos indicadores de interação social, (Astafeva, 2024). O estudo apresenta a realidade virtual como um potencial meio para a prática de habilidades sociais em um ambiente controlado, sugerindo benefícios da RV no treinamento de situações cotidianas e a possibilidade de maior personalização do plano terapêutico de cada paciente, de modo a aumentar a motivação para sua realização. No âmbito social, foi possível perceber melhorias no controle emocional, na capacidade de entender e atribuir intenções, emoções ou comportamentos aos outros em interações sociais. Os cenários de Realidade Virtual se mostraram eficazes para o desenvolvimento de habilidades fundamentais em crianças com TEA por meio da utilização de avatares e ambientes virtuais, que permitiram o aprendizado de expressões faciais e gestos, simulações de situações cotidianas no ambiente escolar ou até mesmo a experiência com situações de intimidação, (Yuan, 2018). Contudo, o estudo mostrou-se bastante limitado devido, muitas vezes, à falta de grupos controle comparativos com terapias tradicionais, amostragem pequena ou desequilibrada em relação ao gênero, com alguns testes sendo compostos apenas por meninos (devido à maior incidência do TEA no sexo masculino) ou grupos controle ausentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se, portanto, através dos estudos analisados, que o tratamento com intervenções em realidade virtual (RV) e realidade aumentada (RA) no desenvolvimento de habilidades sociais em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é bastante promissor. As avaliações revisadas demonstraram que, os participantes submetidos a intervenções em RV apresentaram melhorias nas habilidades sociais, controle emocional e interação social. Entretanto, o estudo ainda é limitado, uma vez que não apresenta comparativos com terapias tradicionais e possui amostragem pequena e desequilibrada, devendo assim ser aprimorado com pesquisas e testes que contenham uma amostragem maior e grupos controle. Isso fortaleceria as evidências sobre a eficácia dessas tecnologias como ferramentas terapêuticas inovadoras e impactaria positivamente na qualidade de vida de indivíduos com TEA.

REFERÊNCIAS

ASTAFEVA, D. *et al.* VIRTUAL REALITY/AUGMENTED REALITY (VR/AR) APPROACH TO DEVELOP SOCIAL AND COMMUNICATION SKILLS IN CHILDREN AND ADOLESCENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER WITHOUT INTELLECTUAL IMPAIRMENT. **Psychiatria Danubina**. Zagrebe, v.36, supl.2. 2024. P. 361-370.

MESA-GRESA, P; *et al.* Effectiveness of Virtual Reality for Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorder: An Evidence-Based Systematic Review. **Sensors**. Valência, v.18, ed.8, ago. 2018, nº2486.

YUAN, S. N. V; IP, S. H. H. Using virtual reality to train emotional and social skills in children with autism spectrum disorder. **LONDON JOURNAL OF PRIMARY CARE**. Londres, v.10, nº3. 2018, p. 110-112

BARREIRAS E FACILITADORES DA VACINAÇÃO: ADESÃO, CONFIANÇA E FONTES DE INFORMAÇÃO

Talita da Silva Livramento Souza¹; Danilo Almeida Brito²; Mariza Alves Ferreira³

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Brasileira do Recôncavo e Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro¹; Doutorando em Biotecnologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana²; Professora Doutora no curso de Enfermagem da Faculdade Brasileira do Recôncavo³.

enftalitasouza@outlook.com

RESUMO

A vacinação constitui uma das principais estratégias de saúde pública, com sua eficácia diretamente relacionada à adesão populacional. Entretanto, a decisão individual de se vacinar é influenciada por múltiplos fatores, classificados como barreiras e facilitadores. As principais barreiras incluem o receio de efeitos adversos, a desinformação, a desconfiança nas vacinas e instituições de saúde, além de fatores socioeconômicos, como acesso limitado e desigualdades educacionais. A disseminação de informações falsas, especialmente em plataformas digitais, intensifica a hesitação vacinal. Por outro lado, fatores como campanhas educativas baseadas em evidências científicas, disponibilidade das vacinas e recomendações provenientes de profissionais de saúde promovem maior aceitação. A confiança nos sistemas de saúde e nos benefícios das vacinas é amplificada por meio de comunicação transparente e estratégias que priorizem a compreensão e o diálogo com a população. As fontes de informação configuram um fator decisivo nesse processo. Enquanto veículos de comunicação confiáveis e profissionais da saúde contribuem para a promoção da adesão, conteúdos desinformativos, sobretudo em redes sociais, podem prejudicar os esforços de vacinação. A articulação entre educação em saúde e comunicação efetiva emerge como estratégia indispensável para superar as barreiras e ampliar a cobertura vacinal, consolidando a prevenção de doenças imunopreveníveis.

Palavras-chave: vacinação. companhia vacinal. educação em saúde.

1 INTRODUÇÃO

A história da vacinação remonta ao final do século XVIII, quando Edward Jenner desenvolveu a primeira vacina ao observar que a exposição ao vírus da varíola bovina conferia imunidade contra a varíola humana. No Brasil, a vacinação teve início em 1804, com a introdução da vacina contra a varíola, trazida pela família real portuguesa. Contudo, a adesão enfrentou resistências, como ocorreu durante a Revolta da Vacina, em 1904, no Rio de Janeiro, quando a imposição da vacinação obrigatória gerou revoltas populares devido à falta de informação e desconfiança da população. Ao longo do século XX, o país consolidou sua política de imunização com a criação de campanhas nacionais e do Programa Nacional de Imunizações (PNI) em 1973, como aponta Mituza *et al* (2019) e Souza *et al.* (2012).

Segundo Sato (2018), o Programa Nacional de Imunizações (PNI) do Brasil, reconhecido por oferecer gratuitamente mais de 15 imunógenos, tornou-se mais complexo devido ao aumento de vacinas disponíveis e à diversificação dos esquemas vacinais. No entanto, esse progresso também apresenta desafios, já que o controle de doenças por meio de altas coberturas vacinais impacta a percepção dos riscos e benefícios da vacinação.

A vacinação é uma das intervenções mais eficazes na promoção da saúde pública, sendo

essencial para a prevenção de doenças, a redução da morbimortalidade e o controle de surtos infecciosos. Contudo, a adesão às campanhas vacinais enfrenta desafios que comprometem a cobertura ideal, influenciados por fatores socioculturais, econômicos e estruturais. Costa (2020) relata que entre os aspectos que influenciam a adesão à vacinação, destaca-se a conscientização da população. A disseminação de informações incorretas, muitas vezes intensificada pelas redes sociais, tem fomentado a hesitação vacinal, resultando em dúvidas quanto à eficácia e segurança das vacinas.

No Brasil, embora a vacinação seja obrigatória e regulamentada por legislação federal, a decisão de não se vacinar é influenciada por diversos fatores, incluindo políticas de saúde pública, recomendações médicas, meios de comunicação, bem como aspectos individuais, como conhecimento, experiências prévias, percepção sobre a vacinação e crenças pessoais. Esses fatores estão inseridos em um contexto histórico, político e social, conforme apontado por Moraes *et al.* (2018).

Outro fator decisivo é a confiança no sistema de saúde, que pode ser prejudicada por escândalos, desinformação ou falhas nas campanhas de vacinação, impactando diretamente a adesão Brow *et al.* (2018). Além disso, barreiras logísticas, como dificuldades de acesso aos postos de vacinação, horários incompatíveis e falta de transporte, representam desafios significativos. A infraestrutura inadequada para armazenamento, transporte e administração de vacinas, especialmente em áreas rurais ou remotas, agrava a situação. A falta de investimentos em campanhas educativas reduz a conscientização sobre os benefícios das vacinas, enquanto a resistência crescente, alimentada por desinformação, exige maior esforço dos profissionais para combater mitos e fornecer informações baseadas em evidências (Lima, 2017).

2 METODOLOGIA

A coleta de dados deste estudo foi realizada durante uma ação de vacinação promovida pela Secretária de Saúde do município de Cruz das Almas, na Bahia, em parceria com uma instituição de ensino superior local. O principal objetivo da pesquisa foi investigar o nível de conhecimento dos estudantes universitários sobre os esquemas vacinais e os mecanismos de ação das vacinas, além de analisar as fontes de informação utilizadas pelos alunos e o grau de confiança nas vacinas oferecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Para a coleta dos dados, foi disponibilizado um formulário *online* por meio da plataforma *Google Forms*, acessado pelo público-alvo durante a ação de vacinação, através de um *QR code*. O questionário foi estruturado com perguntas fechadas, abordando aspectos relacionados ao histórico vacinal, percepção sobre a segurança e eficácia das vacinas, frequência de comparecimento aos postos de saúde, fontes de informação sobre vacinas, e o nível de conhecimento dos estudantes sobre os diferentes tipos de vacinas oferecidas no SUS.

A pesquisa contou com a participação voluntária de 105 estudantes, com dados coletados de forma anônima durante um evento de vacinação. O questionário abordou temas como a adesão atual ou intenção de vacinação, recordação de vacinas já recebidas, nível de confiança nas vacinas (medido em uma escala de 1 a 5), principais fontes de informação, percepção da importância de completar o esquema vacinal em diferentes idades e frequência de visitas aos postos de saúde.

Após a coleta dos dados, as respostas foram analisadas quantitativamente. Cada pergunta foi analisada em termos de porcentagem de respostas, o que facilitou a identificação de padrões e tendências. Em termos éticos, todos os estudantes foram informados sobre o objetivo do estudo e participaram de forma voluntária, com garantia de anonimato e confidencialidade. Nenhuma informação pessoal foi coletada, o que assegura a privacidade dos participantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados desta pesquisa revelam aspectos importantes sobre o conhecimento, atitudes e comportamentos dos estudantes em relação à vacinação, destacando tanto os pontos positivos quanto as lacunas na adesão e conscientização sobre os esquemas vacinais. A análise da adesão mostrou que 37,65% dos participantes estavam se vacinando ou tinham a intenção de fazê-lo, enquanto 60% não demonstraram interesse em se vacinar naquele momento. Isso sugere que, apesar da ação de vacinação ser amplamente divulgada a comunidade acadêmica, a adesão ainda foi parcial.

As vacinas mais lembradas pelos estudantes foram as mais comuns, como a BCG (24,70%) e a vacina contra a gripe (28,23%). Vacinas mais específicas, como as contra Hepatite (11,76%) e HPV (9,41%), foram menos lembradas. Isso sugere que vacinas do calendário vacinal amplo e de campanhas de saúde pública são mais reconhecidas, enquanto imunizantes mais recentes ou para públicos específicos parecem ser menos lembrados, indicando possível falta de educação contínua ou percepção de menor importância.

A análise da confiança nas vacinas mostrou que, em geral, os estudantes confiam na segurança e eficácia dos imunizantes disponíveis no SUS. Para a segurança, 54,12% deram nota máxima (5) e 32,94% nota (4), enquanto para a eficácia, 50,59% deram nota (5) e 36,47% nota (4). No entanto, uma minoria atribuiu notas baixas (5,88% para segurança e 2,35% para eficácia), o que pode refletir preocupações com efeitos colaterais ou desinformação.

As fontes de informação utilizadas pelos estudantes variaram significativamente, com destaque para as redes sociais. O *Instagram* foi a plataforma mais citada, com 32,94% dos participantes indicando que sempre obtêm informações sobre vacinas através dessa rede social. O *WhatsApp* também foi uma fonte significativa, com 29,41% dos estudantes recorrendo frequentemente a esse aplicativo. Essas plataformas digitais são marcadores importantes na disseminação de informações, mas também representam um risco de propagação de desinformação. Fontes tradicionais, como folhetos do Ministério da Saúde e o *Facebook*, apresentaram uma adesão consideravelmente menor, com 30,59% e 20% dos participantes, respectivamente.

O conhecimento sobre os mecanismos de ação das vacinas foi baixo entre os participantes. Para as vacinas de vírus inativado, 47,06% dos estudantes indicaram que conheciam pouco sobre elas, enquanto 17,64% afirmaram nunca ter ouvido falar. Resultados semelhantes foram encontrados para as vacinas de vírus atenuado e as vacinas de RNA, com a maioria dos estudantes indicando que conheciam pouco sobre esses tipos de imunizantes.

A percepção sobre a importância de completar o esquema vacinal variou entre as faixas etárias. Os estudantes mostraram forte compreensão sobre a vacinação de crianças (52,94%) e adolescentes (48,23%), considerando-a "muito importante". No entanto, para adultos entre 31 e 59 anos e idosos acima de 60 anos, a percepção foi mais moderada (42,35% e 32,94%, respectivamente). Isso indica que, apesar da importância reconhecida para crianças e adolescentes, é necessário reforçar a conscientização sobre a vacinação em adultos e idosos, igualmente essenciais para a prevenção de doenças.

Ainda que a pesquisa não tenha investigado diretamente as razões específicas para a adesão ou recusa à vacinação, os dados indicam que a confiança nas vacinas e o nível de conhecimento sobre sua eficácia e segurança são importantes na tomada de decisão dos estudantes. A maioria dos participantes demonstrou confiança nas vacinas, mas a presença de um pequeno grupo de estudantes com desconfiança ou falta de informações pode indicar que há a necessidade de execução de estratégias educacionais mais eficazes para reduzir receios em relação aos efeitos adversos e aumentar o conhecimento sobre os benefícios das vacinas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa revelam um panorama geral de alta confiança nas vacinas, mas também indicam lacunas significativas no conhecimento sobre os mecanismos de ação das vacinas e nas fontes de informação utilizadas pelos estudantes. Além disso, as redes sociais possuem destaque na disseminação de informações sobre vacinas, mas também representam um risco de desinformação, o que destaca a necessidade de estratégias de comunicação baseadas em fontes confiáveis. A pesquisa aponta para a necessidade urgente de programas educativos mais eficazes, que abordem de forma clara e acessível os benefícios das vacinas e esclareçam mitos e receios sobre a segurança, a eficácia e o mínimo percentual de efeitos adversos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto n.º 78.231**, de 12 de agosto de 1976. Aprova o Regulamento de Fiscalização de Produtos de Uso Veterinário e dos Estabelecimentos que os Fabriquem ou Comerciem. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d78231.htm Acesso em: 18 nov. 2024.

BROWN, A. L. et al. **Confiança nas vacinas e hesitação em vacinar no Brasil**. Cad. Saúde Pública, v. 34, n. 9, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/GYLVPzQTpPWD3XGYBbCVg7s/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 01 dez. 2024.

COSTA, B.B. et al. **O movimento antivacina YouTube nos tempos de pós-verdade: Educação em saúde ou desinformação?** Rev. Mídia e Cotidiano, v. 14, n. 1, p. 220-239, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38210/23450>. Acesso em: 01 dez. 2024.

LIMA, A. A; PINTO, E. S. **O contexto histórico da implantação do Programa Nacional de Imunização (PNI) e sua importância para o Sistema Único de Saúde (SUS)**. *Scire Salutis*, v. 7, n. 1, p. 53-62, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.6008/SPC2236-9600.2017.001.0005>. Acesso em: 01 dez. 2024.

MIZUTA, A. H. et al. **Percepções acerca da importância das vacinas e da recusa vacinal numa escola de medicina**. Rev. Paul. Pediatr., v. 37, n. 1, p. 34-40, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/t8T6KKsDzP5GM6vc5rvPjrR/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 01 dez. 2024.

MORAES, L. R. et al. **Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica**. Rev. Saúde Públ., São Paulo, v. 52, p. 40, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/6T6JH8wZHMgqVsVkjZ85xLm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SATO, A. P. A. **Qual a importância da hesitação vacinal na queda das coberturas vacinais no Brasil?** Rev. Saúde Públ., v. 52, n. 96, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/CS5YRcMc3z4Cq4QtSBDLXXG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SOUZA, C. de J.; VIGO, Z. de L.; PALMEIRA, C. S. **Compreensão dos pais acerca da importância da vacinação infantil**. Rev. Enferm. Contemp., Salvador, v. 1, n. 1, p. 44-58,

2012. Disponível em: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/39>.
Acesso em: 01 dez. 2024.

A MATERNIDADE ATÍPICA SOLO E SEUS IMPACTOS SOCIAIS, EMOCIONAIS E FINANCEIROS

Ana Beatriz Arrais de Araújo¹; Felipe Augusto Melo de Medeiros²; Karla Salgado Lima³;
Maria Luiza Silva Santiago⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – Natal¹, Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau - Natal², Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – Natal⁴, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵

abeatriz.arrais@gmail.com

RESUMO

As mães solas representam uma parcela significativa da sociedade, muitas vezes subestimada em sua prevalência. Esse grupo enfrenta desafios específicos, que se tornam ainda mais complexos em contextos de maternidade atípica, exigindo esforços adicionais no manejo de demandas emocionais, financeiras e sociais. Diante disso, o objetivo deste artigo trata-se de analisar os desafios e necessidades enfrentados por mães solas de crianças com autismo, com ênfase em aspectos socioeconômicos, emocionais e no acesso a políticas públicas de suporte. Utilizou-se um estudo qualitativo com entrevistas semiestruturadas, aplicado a um grupo de seis mães solas que utilizam de serviços da atenção secundária da saúde pública em Natal/RN. Os dados foram analisados a partir de categorias temáticas e a pesquisa aprovada pelo comitê de ética do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL) sob parecer nº 6.466.061. Os achados revelaram que essas mães enfrentam dificuldades estruturais, como acesso limitado a serviços de saúde e educação especializados, além de sobrecarga emocional e isolamento social. A média de renda mensal mostrou-se insuficiente, sendo frequentemente complementada por benefícios sociais. Constatou-se a necessidade urgente de políticas públicas inclusivas e redes de apoio que considerem as demandas específicas dessas mães, promovendo maior qualidade de vida e redução das barreiras socioeconômicas e emocionais.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; família monoparental; políticas públicas.

1 INTRODUÇÃO

Mulheres que assumem o papel de mães sem estarem em um relacionamento amoroso constituem uma realidade significativa no Brasil. Essa condição pode surgir tanto de uma escolha consciente, como na adoção individual ou no uso de técnicas reprodutivas, quanto por fatores socioculturais, como o abandono ou a ausência paterna (Galvão, 2023).

Existe uma notável desigualdade de gênero ao se analisar dados de pesquisas como a da Primeiríssima Infância (Martins, 2017), que revela que até os 3 anos de idade, 89% das crianças são cuidadas exclusivamente pelas mães. Isso significa que tarefas essenciais, como alimentação e educação, recaem desproporcionalmente sobre as mulheres. Esse cenário é corroborado por Saffioti (1987), que destaca que, mesmo quando as mulheres possuem trabalho remunerado fora de casa, continuam sendo responsabilizadas pela criação e formação das gerações futuras para a vida adulta. Diante do exposto, o presente trabalho trata-se de analisar os desafios e necessidades enfrentados por mães solas de crianças com autismo, com ênfase em aspectos socioeconômicos, emocionais e no acesso a políticas públicas de suporte

2 METODOLOGIA

O estudo é caracterizado como descritivo e adota uma abordagem quali-quantitativa, conforme os princípios de Stake (2011) e Real e Parker (2015). A pesquisa envolveu entrevistas semiestruturadas com seis usuárias de serviços de atenção secundária do Sistema Único de Saúde (SUS) de Natal/RN, e o método visa superar a dicotomia entre abordagens qualitativas e quantitativas, proporcionando uma análise mais abrangente do fenômeno investigado.

As entrevistas foram realizadas de forma online, utilizando videochamadas por aplicativos como *WhatsApp* e *Google Meet*. A amostra foi composta por mães recrutadas por meio de centros de saúde e contatos obtidos em grupos relacionados às instituições. O roteiro das entrevistas seguiu o modelo proposto por Manzini (1990), com perguntas centrais e complementares que possibilitaram maior flexibilidade nas respostas.

As entrevistas foram gravadas através de um gravador de voz e transcritas utilizando *software* de reconhecimento de voz (*Transkriptor*), com revisões posteriores realizadas pelo pesquisador. A análise de conteúdo, segundo Bardin (2000), foi o método escolhido para a interpretação dos dados, estruturada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Os dados informados sobre as participantes foram codificados com a letra M (simbolizando “mãe”) e um número sinalizando a ordem em que essa mãe foi entrevistada (ou seja, M1 foi a primeira mãe entrevistada).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do HUOL (parecer nº 6.466.061), atendendo às diretrizes éticas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) após serem informados sobre os objetivos e procedimentos do estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados socioeconômicos das participantes destacaram importantes aspectos de suas realidades. Todas as entrevistadas eram mulheres, consideradas mães solas, com idades variando entre 26 e 39 anos (média de 33 anos; desvio padrão de 4,96). Apenas uma exercia atividade remunerada, com carga horária extensa (17h às 5h, com 2h de intervalo). As demais dependiam exclusivamente de benefícios sociais, sendo quatro beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada (BPC) e duas do BPC combinado ao Bolsa Família.

Quanto à moradia, cinco residiam na capital do Rio Grande do Norte, e uma no interior, todas em áreas urbanas. O transporte público predominava para as residentes na capital, enquanto as do interior utilizavam veículos fornecidos pela prefeitura para deslocamento à capital, visando tratamentos médicos para os filhos. Três entrevistadas viviam em imóveis alugados, enquanto duas residiam em habitações cedidas e uma em uma casa recém-comprada. As mulheres moravam exclusivamente com seus filhos, com uma média de 2,3 moradores por residência.

A escolaridade variava: duas concluíram o ensino fundamental, duas o ensino médio, uma possuía ensino superior e uma não concluiu o ensino fundamental. A renda mensal variava entre R\$ 1.320,00 e R\$ 2.000,00 (média de R\$ 1.617,00). Os filhos das participantes tinham idades entre 4 e 10 anos (média de 6 anos), com predominância do sexo masculino. Esse dado segue a tendência descrita pelo CDC (2023), que aponta maior prevalência de diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em meninos. A discrepância de diagnósticos entre os sexos pode ser influenciada por fatores culturais, uma vez que meninas enfrentam maior exigência de conformidade com padrões sociais, o que pode dificultar o diagnóstico (Freire; Cardoso, 2022; Brunetto; Vargas, 2023).

Os relatos das participantes destacaram barreiras significativas no acesso ao

diagnóstico. M1 relatou a espera ansiosa por uma vaga para avaliação global, um processo que envolveu meses de expectativa e oito encontros alternados. Já M2 enfrentou dificuldades no agendamento de consultas e foi direcionada a centros de reabilitação distantes de sua residência, expondo a insuficiência de recursos locais. Esses depoimentos refletem as lacunas na oferta de serviços para crianças com autismo e suas famílias.

As mães entrevistadas descreveram jornadas emocionais intensas ao receber o diagnóstico de TEA. Enquanto M1 reagiu de forma tranquila e focou nos tratamentos, M2 enfrentou dificuldades com a aceitação de medicamentos controlados. M3, além de aceitar o diagnóstico do filho, descobriu que também possuía TEA, ressignificou sua experiência. M6 compartilhou a dor associada às limitações da filha e o desejo de oferecer uma vida plena a ela. Esses relatos corroboram estudos que apontam a tendência das famílias de reformular suas expectativas e reorganizar suas dinâmicas após o diagnóstico, frequentemente abdicando de seus próprios interesses em prol dos cuidados intensivos necessários para a criança (Maia Filho et al., 2016).

Os comportamentos desafiadores, como autolesão e crises, foram mencionados como desafios diários pelas mães. Essas manifestações podem ser explicadas por dificuldades sensoriais, comunicação limitada e sobrecarga emocional (Marteleto et al., 2011; Posar; Visconti, 2018). As participantes relataram jornadas diversas para buscar conhecimento e suporte, desde estudos autodidatas até a assistência profissional, enfatizando a necessidade de maior acesso a recursos informativos e terapêuticos.

A dedicação integral ao cuidado dos filhos com TEA comprometeu a autonomia e o autocuidado das participantes. M1 relatou abdicar de sua vida pessoal e profissional, destacando a dependência financeira de benefícios sociais e a dificuldade em delegar cuidados devido à ansiedade e adaptação limitada do filho. Esse cenário reforça o peso da sobrecarga emocional e prática enfrentada pelas mães, frequentemente reconhecidas como principais cuidadoras (Smeha; Cezar, 2011). Esses achados evidenciam a urgência de políticas públicas que ampliem o suporte às mães de crianças com TEA, promovendo inclusão, apoio emocional e acesso a recursos terapêuticos que auxiliem no manejo das demandas impostas por essa realidade complexa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciam os desafios significativos enfrentados pelas mães solas de crianças com Transtorno do Espectro Autista, desde a obtenção do diagnóstico até o manejo diário das necessidades específicas dos filhos. As narrativas revelaram que, além de dificuldades estruturais e institucionais, como o acesso limitado aos serviços de saúde e suporte social, essas mulheres enfrentam demandas emocionais e físicas intensas que impactam diretamente suas trajetórias de vida.

As desigualdades sociais e econômicas também emergem como fatores críticos, limitando as opções disponíveis para essas mães e restringindo sua autonomia. A sobrecarga de responsabilidades, frequentemente concentrada nelas, é acompanhada de um sentimento de isolamento social e de falta de apoio especializado e comunitário.

Nesse contexto, fica evidente a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e eficazes, que considerem não apenas o atendimento clínico às crianças com TEA, mas também o suporte integral às famílias. Investir em redes de apoio, ampliar a acessibilidade a serviços de qualidade e promover a conscientização sobre o autismo são passos essenciais para reduzir as barreiras enfrentadas por essas mães e melhorar sua qualidade de vida e de seus filhos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRUNETTO, D.; VARGAS, G. Meninas e mulheres autistas: completar o espectro é uma questão de gênero. **Cadernos de gênero e tecnologia**, v. 16, n. 47, p. 258-275, jan./jul. 2023.

CDC - Centers for Disease Control and Prevention. **Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2020**.

Disponível em: https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm?s_cid=ss7202a1_w. Acesso em: 13 de set. 2024.

FREIRE, M. G.; CARDOSO, H. dos S. P. Diagnóstico do autismo em meninas: revisão sistemática. **Rev. Psicopedagogia**, v. 39, n. 120, p. 435-444, 2022.

GALVÃO, L. B. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 1, n. 1, 2023.

MAIA FILHO, A. L. M. et al. A importância da família no cuidado da criança autista/the importance of the family in the care of autistic children. **Saúde em Foco**. V. 3, n. 1, p. 66-83, 2016.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, 1990.

MARTELETO, M. R. F. et al. Problemas de comportamento em crianças com Transtorno Autista. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 5–12, jan. 2011.

MARTINS, H. **Mães são responsáveis pela criação dos filhos até 3 anos em 89% dos casos**. Agência Brasil. Fortaleza, 7 nov de 2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-11/maes-sao-responsaveis-pela-criacao-dos-filhos-ate-3-anos-em-89-dos-casos>. Acesso em: 13 set. 2024.

POSAR, A.; VISCONTI, P. Sensory abnormalities in children with autism spectrum disorder. **Jornal de Pediatria**, v. 94, n. 4, p. 342–350, jul. 2018.

REAL, L. M.; PARKER, R. A. Desenvolvendo perguntas para pesquisas. Trad. Nivaldo Montigelli Jr. In: REAL, L. M.; PARKER, R. A. **Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna. (Coleção polemica). 1987.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, p. 43–50, mar. 2011.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO ABUSO SEXUAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM OLHAR SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS

Ana Beatriz Arrais de Araújo¹; Felipe Augusto Melo de Medeiros²; Karla Salgado Lima³; Maria Luiza Silva Santiago⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – Natal¹, Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau - Natal², Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – Natal⁴, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵

abeatriz.arrais@gmail.com

RESUMO

O abuso sexual em crianças e adolescentes configura-se como uma violação grave dos direitos humanos e resulta em consequências profundas e duradouras para as vítimas. Este estudo tem como objetivo analisar os impactos psicossociais do abuso sexual, abordando as principais manifestações emocionais, comportamentais e sociais associadas à vivência desse tipo de violência. Para isso, foi realizada uma revisão integrativa da literatura, com artigos disponíveis na íntegra nas bases de dados Scielo, Pubmed e PePsic, escritos entre 2020 a 2024, nos idiomas inglês e português. Ao final do processo de triagem, dez artigos se mostraram elegíveis para análise. Os resultados apontaram que as vítimas frequentemente desenvolvem transtornos de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático, além de dificuldades no estabelecimento de relações interpessoais saudáveis e um risco aumentado para comportamentos autolesivos e ideação suicida. Também são observados prejuízos na autoestima, no desempenho escolar e no desenvolvimento psicossocial, muitas vezes acompanhados de estigmatização e retraimento social. Esses fatores demandam uma abordagem interdisciplinar, incluindo intervenções psicológicas, sociais e educacionais, para promover a recuperação integral das vítimas. Conclui-se que a identificação precoce e o suporte especializado são essenciais para minimizar os danos e oferecer às crianças e adolescentes condições de reconstrução emocional e social.

Palavras-chave: abuso sexual; crianças e adolescentes; impactos psicossociais.

1 INTRODUÇÃO

O abuso sexual contra crianças e adolescentes é um problema social de extrema gravidade, configurando-se como uma violação de direitos humanos que afeta profundamente o desenvolvimento físico, emocional e social das vítimas (Duarte; Patias; Hohendorff, 2022). Estimativas globais apontam que milhões de crianças e adolescentes sofrem algum tipo de abuso sexual ao longo da vida, destacando a necessidade urgente de ações preventivas e de apoio às vítimas. Essa violência, além de gerar traumas imediatos, pode repercutir ao longo da vida, resultando em dificuldades psicológicas e sociais significativas (Souza; Sei, 2019).

As consequências psicossociais do abuso sexual incluem transtornos emocionais, como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático, além de impactos negativos na autoestima, nas relações interpessoais e no desempenho escolar. O estigma social associado a essa experiência muitas vezes agrava a situação, contribuindo para o isolamento das vítimas e dificultando o acesso a suporte adequado. Nesse contexto, a identificação precoce e a intervenção

multidisciplinar emergem como elementos centrais para minimizar os danos e promover a recuperação (Conceição *et al.*, 2022).

Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar os impactos psicossociais do abuso sexual em crianças e adolescentes, com base em uma revisão integrativa da literatura. Busca-se compreender não apenas as consequências emocionais e sociais, mas também discutir as práticas de intervenção mais eficazes, destacando lacunas no atendimento e sugerindo caminhos para uma abordagem mais efetiva e humanizada.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi conduzida como uma revisão integrativa da literatura (Souza; Silva; Carvalho, 2010), com o objetivo de reunir e analisar estudos que abordam as consequências psicossociais do abuso sexual em crianças e adolescentes. Foram consultadas as bases de dados Scielo, PubMed e PePsic, utilizando os descritores "abuso sexual", "crianças e adolescentes" e "impactos psicossociais". Os critérios de inclusão abarcaram artigos publicados entre 2020 e 2024, que apresentassem dados empíricos sobre o tema, escritos nos idiomas português e inglês. Foram excluídos artigos que não abordassem os impactos psicossociais, trabalhos incompletos (*i.e.*, resumos) ou que não estivessem com acesso livre e gratuito, e revisões da literatura.

Os artigos foram selecionados inicialmente através da leitura dos títulos, logo após os artigos selecionados passaram pela triagem realizada através da leitura dos resumos e, por fim, através do trabalho completo. Os artigos selecionados foram analisados qualitativamente, com foco nos principais impactos relatados e nas estratégias de intervenção propostas. A análise permitiu identificar padrões nos efeitos do abuso sexual e avaliar as respostas institucionais e sociais ao problema. Essa abordagem buscou oferecer uma visão abrangente sobre o tema, destacando aspectos que requerem maior atenção de pesquisadores e profissionais da área.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos critérios de inclusão estabelecidos, foram inicialmente identificados 269 artigos nas três bases de dados consultadas. Esses artigos passaram por etapas rigorosas de triagem, conforme descrito na seção de métodos, que incluíram a análise de títulos, resumos e, posteriormente, o texto completo. Durante esse processo, foram excluídos estudos que não atendiam aos critérios previamente definidos, como duplicatas, artigos não disponíveis na íntegra e aqueles que abordavam temáticas distintas dos objetivos da presente revisão.

Ao final das etapas de seleção, apenas 10 artigos foram considerados elegíveis para a análise detalhada dos dados. Esses estudos atenderam plenamente aos critérios de inclusão, apresentando dados empíricos diretamente relacionados às consequências psicossociais do abuso sexual em crianças e adolescentes, além de cumprir os requisitos metodológicos e temporais estipulados. A seleção final reflete a especificidade e a relevância das evidências utilizadas nesta revisão, garantindo maior rigor e confiabilidade aos resultados apresentados.

Os resultados evidenciam que o abuso sexual gera impactos profundos na saúde mental das vítimas, sendo os transtornos de ansiedade e depressão os mais prevalentes (Sousa *et al.*, 2023). Estudos analisados relatam que crianças e adolescentes abusados frequentemente apresentam sintomas de estresse pós-traumático, incluindo flashbacks, insônia e hipervigilância, comprometendo sua qualidade de vida e desenvolvimento emocional (Oliveira *et al.*, 2024; Sousa *et al.*, 2023).

Além das consequências psicológicas, há evidências de prejuízos significativos nas relações sociais. As vítimas tendem a se isolar, enfrentando dificuldades para estabelecer vínculos interpessoais saudáveis, o que é agravado pelo estigma social associado à experiência de abuso. Essa exclusão pode resultar em sentimentos de solidão, baixa autoestima e

comportamentos de risco, como automutilação e abuso de substâncias (Batista; Gomes; Villacorta, 2022; Willms, 2022).

No âmbito acadêmico, observa-se uma correlação entre o abuso sexual e o desempenho escolar reduzido (Lima *et al.*, 2024). Estudos apontam que dificuldades de concentração, absenteísmo e desmotivação são comuns entre crianças e adolescentes que sofreram abuso, comprometendo seu progresso educacional e, conseqüentemente, suas oportunidades futuras (Silva; Souza; Bezerra, 2024).

A análise também revelou a insuficiência de serviços especializados para atender as vítimas de abuso sexual. Em muitas regiões, a falta de profissionais capacitados e a escassez de recursos dificultam o acesso ao suporte necessário. Esse cenário destaca a urgência de investimentos em políticas públicas que garantam atendimento integral e humanizado às vítimas (Demenech *et al.*, 2021; Martins; Santos, 2022).

Outro ponto relevante é a importância do suporte familiar no processo de recuperação. Famílias que recebem orientação e apoio tendem a desempenhar um papel crucial na superação dos impactos do abuso, enquanto a ausência de suporte familiar pode agravar as conseqüências. Esses dados reforçam a necessidade de intervenções que incluam não apenas as vítimas, mas também suas redes de apoio (Neto; Rezende; Carvalho, 2021; Batista; Gomes; Villacorta, 2022).

4 CONCLUSÃO

O abuso sexual em crianças e adolescentes é uma problemática que exige atenção prioritária, dada sua gravidade e suas conseqüências de longo prazo. Os dados analisados evidenciam a necessidade de estratégias de intervenção que considerem a complexidade do fenômeno, oferecendo suporte integral às vítimas e às suas famílias. Além disso, políticas públicas mais efetivas são essenciais para ampliar o acesso a serviços especializados e capacitar profissionais para atuar de forma humanizada e interdisciplinar.

Conclui-se que o enfrentamento do abuso sexual passa pela articulação de esforços entre diferentes setores da sociedade, incluindo saúde, educação e assistência social. Investir na prevenção, no acolhimento e na recuperação das vítimas é fundamental para garantir que crianças e adolescentes possam se desenvolver em ambientes seguros, protegidos e promotores de bem-estar.

REFERÊNCIAS

BATISTA, M. K. B.; GOMES, W. da S.; VILLACORTA, J. A. M. Abuso sexual contra crianças: construindo estratégias de enfrentamento na Atenção Primária à Saúde em um município da região metropolitana do Recife. **Saúde em Debate**, v. 46, n. spe 5, p. 208–220, dez. 2022.

CONCEIÇÃO, M. M. da; *et al.* Child and adolescent victims of sexual violence: aspects of physical and emotional development. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, p. e20200584, 2022.

DEMENECH, L. M. *et al.* Exploração sexual de crianças e adolescentes em situação de rua no Sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 11, p. 5701–5710, nov. 2021.

DUARTE, T. de M.; PATIAS, N. D.; HOHENDORFF, J. V. Crenças de Professores sobre Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. **Psico-USF**, v. 27, n. 4, p. 635–648, out. 2022.

LIMA, B. C. L. *et al.* Temporal and spatial analysis of notifications of sexual violence against male children and adolescents in Brazil, 2013 to 2022: an ecological study. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 33, p. e20231439, 2024.

MARTINS, J. S.; SANTOS, D. K. DOS. Atendimentos Psicossociais a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Sexual: Percepções de Psicólogas de um Creas/Paeffi. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e233520, 2022.

NETO, W. F. N.; REZENDE, M. G. C.; CARVALHO, C. de S. O abuso sexual infantil e a cultura do silêncio: machismo, racismo e adultocentrismo em questão. **Periódicus**, v. 2, n. 16, p. 81-92, 2021.

OLIVEIRA, M. L. de. *et al.* Impacto da pandemia de COVID-19 na incidência de violência sexual domiciliar contra crianças e adolescentes no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 10, p. e00712023, 2024.

SILVA, F. R. da; SOUZA, S. S. de; BEZERRA, E. A. do A. C.; DIAS, B. M. Impactos psicossociais em crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 6, p. e15947, 15 jun. 2024.

SOUSA, P. L. de. *et al.* perfil epidemiológico dos casos de violência sexual em Anápolis - Goiás - Brasil, nos anos 2017 a 2020. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, p. e90831, 2023.

SOUZA, C. C. C. de; SEI, M. B. Abuso sexual de crianças e adolescentes: trauma e transmissão psíquica. **Analytica**, São João del Rei, v. 8, n. 15, p. 1-20, dez. 2019.

SOUZA, M. T. de.; SILVA, M. D. DA.; CARVALHO, R. de. Integrative review: what is it? How to do it? **einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102–106, jan. 2010.

WILLMS, E. E. Pequenas cócegas: abuso sexual de meninas. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 1, p. e75609, 2022.

DESAFIOS ÉTICOS NO PROCESSO DE TRATAMENTO DE PACIENTES CRÍTICOS EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA (UTI)

Beatriz Neves Guedes¹; Cláudia Lisboa Dias¹; Giovanna Maria Rebouças dos Reis¹; Mônica Cruz dos Santos¹; Steffanny Geovanna da Silva¹; Emina Camille Silva Barbosa².

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹,
Graduada em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia².

biiaguedes652@gmail.com

RESUMO

As infecções relacionadas à assistência à saúde são fenômenos comuns na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), com prevalências significativas elevadas em comparação a outras unidades de internação. O intuito deste estudo visa compreender os desafios éticos no processo de tratamento de pacientes críticos em unidades de terapia intensiva. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, publicações analisadas entre os anos (2019 a 2024). Estudos apontam para uma complexidade dos desafios éticos relacionados a assistência da equipe de saúde, tomada de decisão, processo de morte e luto, a sobrecarga laboral e a quantidade do número de profissionais capacitados em cuidados de pacientes críticos, além de eventos adversos que contribuem para o tempo de internação prolongado, proporcionando uma maior vulnerabilidade. O estudo expressa os desafios éticos relacionados aos aspectos emocionais, que impactam significativamente a qualidade do atendimento e o processo de tomada de decisão, os riscos e iatrogenias.

Palavras-chave: ética profissional; paciente crítico; segurança do paciente.

1 INTRODUÇÃO

O tratamento de pacientes críticos em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um dos maiores desafios enfrentados na prática da enfermagem e da medicina. Essa complexidade é frequentemente acentuada pela alta mortalidade e morbidade associadas a infecções relacionadas à assistência à saúde, especialmente em ambientes onde os pacientes são mais vulneráveis (Assis *et al*, 2022). Além disso, a dependência de intervenções médicas intensivas e tecnologias avançadas aumenta a carga emocional e ética para os profissionais de saúde, que muitas vezes se veem diante de decisões difíceis em situações de vida ou morte (Souza *et al*, 2024).

As infecções relacionadas à assistência à saúde são um fenômeno comum na UTI, com prevalências significativamente mais elevadas em comparação a outras unidades de internação. Dados mostram que aproximadamente 19,5% dos pacientes internados em UTI sofrem de infecções, resultando em um aumento no uso de antimicrobianos e complicações que podem levar a desfechos desfavoráveis (Assis *et al*, 2022). Essa realidade exige uma constante vigilância e controle de infecções, que são fundamentais para a segurança do paciente, ressaltando a necessidade de práticas baseadas em evidências e protocolos adequados (Braga *et al*, 2024).

Por outro lado, o processo de morte e os sentimentos que o cercam também se tornam um ponto crucial nas discussões éticas no contexto da UTI. Os profissionais de enfermagem frequentemente relatam sentimentos de medo, dor e fracasso diante do óbito de pacientes, o que pode impactar na qualidade do atendimento e nas relações com os familiares (Souza *et al*,

2024). Essa dinâmica enfatiza a importância de preparar a equipe de saúde não apenas para o aspecto técnico do cuidado, mas também para o suporte emocional que deve ser oferecido tanto ao paciente quanto à família.

Além dos aspectos emocionais e das infecções, a análise do quadro clínico dos pacientes críticos revela diversos fatores de risco que agravam a situação. Elementos como idade, comorbidades e a duração dos procedimentos cirúrgicos são determinantes na incidência de complicações infecciosas e podem também influenciar as decisões sobre o tratamento (Assis *et al*, 2022). Assim, a interação entre os fatores clínicos e as preocupações éticas torna-se um campo de reflexão necessário para a prática de saúde.

Portanto, os desafios éticos no tratamento de pacientes críticos em UTI demandam uma abordagem integrada que considere não apenas a eficácia clínica, mas também os aspectos emocionais e morais envolvidos. A promoção de uma cultura de cuidado que inclua o manejo adequado das infecções, o suporte emocional aos profissionais e a sensibilização para os dilemas éticos associados ao final da vida é essencial para a melhoria da qualidade da assistência em ambientes de terapia intensiva (Sinésio *et al*, 2019).

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura. Após a definição do tema, foi realizada uma busca para o levantamento dos artigos por meio das bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), considerando os períodos de 2019 a 2024, no idioma português, com o objetivo de compreender os desafios éticos no tratamento de pacientes críticos na UTI. A busca inicial foi realizada utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) com as seguintes palavras-chave: "ética profissional", "paciente crítico". Essa busca resultou em 796 artigos. Para refinar os resultados, foram estabelecidos critérios de inclusão que consideraram apenas artigos originais, publicados na íntegra e com texto completo.

Posteriormente, foram estabelecidos critérios de inclusão, considerando artigos originais publicados na íntegra e em texto completo, disponibilizados gratuitamente em idioma português. Em seguida, foram definidos critérios de exclusão, desconsiderando: artigos que não atendiam ao objetivo do estudo, que não fossem artigos originais, com acesso restrito ou em outros idiomas, estudos que não abordassem as palavras-chave em seu escopo, bem como artigos na forma de teses e dissertações.

Dessa forma, a amostra foi definida após a leitura completa do material, resultando em cinco artigos selecionados para o desenvolvimento do estudo. Os resultados foram apresentados por meio de um fluxograma que ilustra o processo de seleção dos artigos encontrados, detalhando as etapas da busca inicial até a seleção final. O estudo dispensou submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa, uma vez que não envolveu pesquisas clínicas em animais ou seres humanos. Assim, foram assegurados e cumpridos os preceitos dos direitos autorais vigentes.

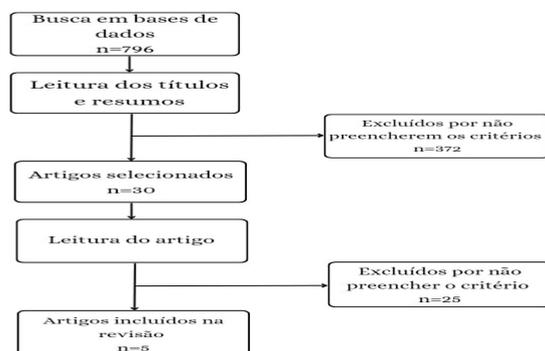


Figura 1 - Fluxograma do processo de inclusão dos artigos na revisão narrativa.

Fonte: elaborado pelos autores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tratamento de pacientes críticos em UTI envolve uma série de desafios éticos que são fundamentais para a prática médica e de enfermagem, são desafios que surgem devido à complexidade das condições dos pacientes, à necessidade de decisões rápidas e à interação com os familiares. Durante a formação, a ênfase tende a recair sobre questões biomédicas e técnicas, enquanto os aspectos psicossociais do cuidado humano recebem atenção reduzida. Essa abordagem pode levar a um despreparo significativo para enfrentar o processo de morte, o que se evidencia em estudos que apontam uma alta taxa de ansiedade entre estudantes de enfermagem quando lidam com pacientes em fase terminal. Reconhecendo que o processo laboral da equipe enfermagem representa um papel crucial (Cunha *et al*, 2020).

Além disso, ambientes de UTI são frequentemente sobrecarregados, e a pressão sobre os profissionais de saúde pode levar a lapsos na adesão a protocolos de higiene e controle de infecções. Dessa forma, a vigilância e o controle das infecções são essenciais para garantir a segurança do paciente, mas muitas vezes esbarram em limitações de recursos e tempo na UTI. Isso gera uma pressão adicional sobre a equipe de saúde, que deve tomar decisões rápidas e eficazes em um ambiente de alta complexidade. A falta de preparo e a formação inadequada dos profissionais para lidar com essas situações podem resultar em um aumento da ansiedade e do estresse, tanto para os profissionais quanto para os pacientes e familiares (Sinesio *et al*, 2019).

No processo de recuperação de pacientes críticos em UTI a enfermagem atua como protagonista na prestação de cuidados, aspecto que atravessam os desafios éticos no processo assistencial, pensando em fornecer um tratamento eficiente e inclusivo, empático, baseado em conhecimento técnico-científico, qualificado e estratégia avançada, além de um monitoramento rigoroso quanto às oscilações do estado geral do paciente. Desse modo, os maiores impasses na assistência aos pacientes da UTI estão concentrados em manter os ambientes descontaminados prevenindo infecções hospitalares, reduzindo a imobilidade e assim prevenir lesões associadas à pressão, dentre outras complicações associadas à imobilidade. E conjuntamente, uma conduta integral do profissional para o paciente e o desempenho essencial da conversação concreta pois dessa forma o enfermeiro é a peça crucial na prestação da assistência ao paciente, uma vez que o mesmo obtém respostas e troca de diálogo com o cliente, possibilitando o acolhimento humanizado, aceitação do tratamento, segurança do paciente e uma assistência eficaz e satisfatória (Braga *et al*, 2024).

Contudo, uma excelente assistência, monitoramento e cuidados devem ser prestados para evitar eventos adversos. O tempo de internação torna-se um agravante, pois quanto maior o tempo de internação do indivíduo, maior a possibilidade de procedimentos invasivos, elevando a probabilidade de desenvolver eventos adversos. Esse tempo de internação pode variar a depender da instituição, tornando o processo de internação prolongada e vulnerável. No que se refere a necessidade do cuidado, é identificada um desprovimento de profissionais de enfermagem para a uma atenção qualificada e individualizada dos pacientes na UTI, em razão da carência na proporção profissional/paciente, ou seja, a taxa de pacientes é maior e consequentemente os profissionais não dão conta de todo o trabalho, podendo acarretar uma sobrecarga física e mental, tal como elevar a incidência de burnout, e consequentemente o número de eventos adversos.

Além de tudo, pacientes de unidade de terapia intensiva são considerados pacientes graves, por isso é necessária uma vigilância contínua da equipe de saúde. Pacientes estes que dependem de um maior número de profissionais especializados em cuidados de terapia intensiva, com maior autonomia, que utilizem protocolos e prestem uma assistência

especializada. Sendo assim, quando a equipe de saúde se encontra completa, habilitada e disposta a oferecer auxílio e contribuição nos cuidados, aumenta a sobrevivência e diminui complicações iatrogênicas (Assis *et al*, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, as discussões éticas no contexto de tratamento de pacientes críticos em UTI ressaltam a complexidade da prática da enfermagem nesses ambientes. Sendo assim, os desafios éticos vão além de questões técnicas, envolvendo aspectos emocionais como o enfrentamento da morte e morais, como a tomada de decisões em situações extremas, impactando significativamente a qualidade no atendimento.

A revisão da literatura demonstrou a importância crucial de evitar sobrecarga da equipe de enfermagem na UTI, pois compromete os protocolos essenciais de higiene e controle de infecções, prejudicando a segurança do paciente, em virtude de elevar a tensão da equipe resultando em estresse e a ansiedade entre os profissionais, o que abala tanto a qualidade do atendimento quanto o bem-estar da própria equipe. Ademais, a assistência completa e humanizada, tal como o apoio emocional aos profissionais são imprescindíveis para uma abordagem ética e eficiente no cuidado intensivo.

Paralelamente, o equilíbrio entre a formação técnica e o preparo para lidar com dilemas éticos e emocionais surge como necessidade crucial para capacitar profissionais para lidar com situações de estresse, e assim, a enfermagem obtenha competência profissional para exercer seu papel de forma segura e humanizada. Auxiliando na prática ética e bem-estar dos profissionais, pacientes e familiares. Proporcionando um atendimento de qualidade em situações críticas, viabilizando menor desgaste emocional da equipe e reduzir infecções, além de propiciar um ambiente seguro e eficiente.

REFERÊNCIAS

ASSIS, SF.; VIEIRA, DFVB.; SOUSA, FREG.; PINHEIRO, CEO.; PRADO, PR. Eventos adversos em pacientes de terapia intensiva: estudo transversal, **Revista da Escola de Enfermagem USP.**, maio. 2022.

BRAGA, RB.; SILVA, CM.; SILVA, AMPP.; MORAIS, F.; FONSÊCA, LSMVW. Enfermagem em UTI: cuidados essenciais na assistência direta ao paciente, **Revista Nursing.**, v. 28, n. 313, jul. 2024.

CUNHA, MAP.; SANTOS, EPS.; FERREIRA, MTA.; BALDOINO, LS.; COSTA, AMS.; RIBEIRO, AMN. A morte na unidade de terapia intensiva: percepções da enfermagem, **Revista de Enfermagem da UFPI.**, n.9, dez. 2020.

SINÉSIO, MCT.; MAGRO, MCS.; CARNEIRO, TA.; SILVA, KGN. Fatores de risco às infecções relacionadas à assistência em unidades de terapia intensiva, **Cogitare Enfermagem.**, v. 23, n. 2, jan. 2019.

SOUZA, RM.; O, CB.; SANTOS, BS.; MORAIS, BL.; MEDEIROS, MLB.; XAVIER, SSM. Cultura de segurança do paciente: percepção de profissionais atuantes no centro cirúrgico, **Revista. SOBECC.** SÃO PAULO, v. 29, 2024.

RELAÇÃO CRUCIAL ENTRE A FISIOLOGIA IMUNE E O DESENVOLVIMENTO DA AUTOIMUNIDADE

Fernanda Felipe Catarino¹; Hellen Rebeca Galvão dos Santos¹; Júlia Maria Ribeiro Souza¹; Raika Handara Alves de Oliveira Freitas Nascimento Lemos¹; Brenda Dias Porto¹; Aínoan Dos Santos Cajado².

Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz¹, Graduada em Odontologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia².

fernanda190120@gmail.com

RESUMO

As patologias autoimunes decorrem da ausência de homeostase da autotolerância imunológica, implicando uma resposta autorreativa contra órgãos e o sistema, com a expressão de doenças relevantes para a clínica médica. Tal constatação explica a urgência da melhor compreensão sobre a ligação dos fatores que afetam a sistemática imune e a ocorrência de patologias autorreativas. O trabalho realizou uma revisão literária sistemática, com a análise de publicações de 2019 a 2023, além de consulta ao livro "Imunologia: Celular e Molecular" (Abbas, 2019), tendo bases de dados como Google Acadêmico, Scielo e PUBMED. Com isso, pôde-se concluir que é de suma relevância a constante correlação entre mecanismos atuantes na resposta imunitária e o desenvolvimento ou não de autoimunidade.

Palavras-chave: autoimunidade; tolerância; autotolerância.

1 INTRODUÇÃO

A fisiologia do Sistema Imunitário se relaciona intrinsecamente à autoimunidade, tendo como fator principal a expressão de mecanismos de tolerância, a qual implica a ausência de resposta imune ativa a antígenos inócuos ou próprios do sistema do indivíduo. Assim, com a ocorrência do rompimento patológico da autotolerância resulta na resposta imune descontrolada contra o próprio organismo, órgãos, tecidos e células específicas, desenvolvendo quadros de doenças autoimunes, como Diabetes Mellitus Tipo 1, Lúpus eritematoso sistêmico, Doença de Addison, Síndrome de Cushing, Doença de Crohn, Esclerose múltipla, Psoríase (Abbas *et al.*, 2019), as quais são de grande relevância clínica (Miller, 2022). Nesse sentido, o comprometimento das medidas de tolerância imunológica possui mecanismos diversos, a exemplo de deleção; anergia e supressão de componentes e células imunes, provocando um estado autorreativo, ademais fatores externos ambientais, metabólicos, genéticos, hormonais, estressantes e mutações somáticas contribuem para a etiologia complexa e multifatorial das doenças autoimunes (Costa *et al.*, 2019; Gontijo *et al.*, 2023). Dessa forma, este trabalho busca ressaltar a crucialidade do entendimento acerca da funcionalidade imunológica para salvaguarda da saúde e integridade dos indivíduos, o que pode ocorrer em todas as idades, desde a infância à vida adulta, correlacionando-se ao surgimento de distúrbios autoimunes e à desordem dessa fisiologia.

2 METODOLOGIA

O estudo se trata de uma revisão de literatura sistemática de artigos e publicações relacionados à temática, do período de 2019 a 2023, além de pesquisa secundária em livro

intitulado “Imunologia: Celular e Molecular” (Abbas, 2019) que trata da temática, caracterizando-se como retrospectivo e descritivo, para melhor compreensão sobre o Sistema Imune e a expressão e desenvolvimento de patologias autoimunes. A busca foi realizada em novembro de 2024, com uso de plataformas e revistas de pesquisa, como PUBMED, SCIELO e Google Scholar, com o uso dos descritores: “sistema imune”, “imunidade”. Assim, foram encontradas 10 pesquisas, além do livro, após leitura, utilizou-se como critério de inclusão a apresentação completa da relação entre a fisiologia imune e a explicação do surgimento da autoimunidade, sendo selecionados 4 estudos, tendo como critérios de exclusão dos demais a ausência de associação entre o tema, a exposição restrita de componentes imunológicos e, ainda, a abordagem restrita de patologias específicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da leitura e análise das pesquisas encontradas, a ligação entre o sistema imune e a autoimunidade é perpassada desde os tipos de resposta imunitária, pelo fato da resposta inata ser mais rápida e não específica, a resposta adaptativa, mediada por Linfócitos T e B, que exige estímulo antigênico e possui especificidade e desenvolvimento de memória imunológica, é comprometida na autoimunidade, perdendo a capacidade de distinção entre os aspectos do próprio organismo (*self*) e elementos estranhos ao sistema (*non-self*). Dessa forma, o desequilíbrio adaptativo determina a resposta destrutiva a órgãos ou todo o sistema e metabolismo, classificando as Doenças Autoimunes em Órgão-específicas e Sistêmicas (Miller, 2019; Abbas *et al.*, 2019).

O controle da homeostase de tolerância é realizado por mecanismos centrais (pelo timo) e periféricos e o acometimentos de tal característica se dá por modos de deleção, por meio da apoptose (morte celular programada) de linfócitos T autorreativos, no período de maturação do timo; anergia, com a falta de ação contra autoantígenos apresentados por Células Apresentadoras de Antígenos (APCs); supressão, dada pela regulação negativa de linfócitos T reguladores (*Tregs*) por citocinas inflamatórias (*INF γ*) como, dessarte, há a expressão de células autorreativas, desenvolvendo as patologias. Outro componente dessa intrínseca relação é a função dos receptores celulares do tipo *Toll-Like (TLRs)* com os linfócitos B, com atuação no reconhecimento de patógenos e apresentação de antígenos, o que pode ocorrer com fatores próprios (autoantígenos) e desencadear resposta humoral autoimune. Já outros determinantes também interferem na fisiologia imune, tais como infecções virais e bacterianas, pelo favorecimento do desequilíbrio imunológico e geração de estado inflamatório; influência de fatores genéticos, ligados à sinalização celular e diferença na susceptibilidade; sistema hormonal, por suprimirem as respostas imunes e contribuírem para regulação imunitária nos sexos feminino e masculino (Costa *et al.*, 2019).

Portanto, os mecanismos de etiologia das doenças decorrentes da autoimunidade estão intimamente associados a condições que levam à violação da integridade imunológica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da associação entre fisiologia do sistema imunológico e o surgimento de enfermidades autoimunes é fundamental para o entendimento da complexa dinamicidade que rege a resposta imunitária e seu erro na manutenção da autotolerância. Sendo assim, esse estudo reafirma que a autoimunidade é resultante de uma interação multifatorial, com aspectos genéticos, metabólicos, hormonais, externos e, até mesmo, mutações somáticas, os quais influenciam e determinam a atuação da autorreatividade. Dessa maneira, a contemplação dessas hipóteses apresenta-se como uma chance de avanços clínicos na atenção à saúde, com a visualização dos diversos componentes da expressão específica ou sistêmica da

autodestrutividade. Em face do exposto, pode-se reduzir o impacto das doenças autoimunes na saúde pública, desde a ocorrência em crianças, adolescentes, adultos e idosos.

REFERÊNCIAS

ABBAS, Abul K.; PILLAI, Shiv; LICHTMAN, Andrew H. **Imunologia: Celular e Molecular**. 9 ed. Rio De Janeiro: Editora Elsevier Ltda, 2019.

MILLER FW. A crescente prevalência de autoimunidade e doenças autoimunes: um apelo urgente à ação para melhorar a compreensão, o diagnóstico, o tratamento e a prevenção. **Curr Opin Immunol**. Fevereiro de 2023;80:102266. DOI: 10.1016/j.coi.2022.102266. Epub 2022 26 de novembro. PMID: 36446151; PMCID: PMC9918670.

FATORES ASSOCIADOS A ETIOLOGIA E PATOGÊNESE DAS DOENÇAS AUTOIMUNES. (2019). **Arquivos Catarinenses De Medicina**, 48(2), 92-106. <https://revista.acm.org.br/arquivos/article/view/347>

GONTIJO, C. C. .; ESTEVES, D. C. .; SILVA, J. G. M. .; SANTOS, M. T. T. .; SILVA, N. L. da .; MACHADO, J. M. . Stress and immunity: A literature review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 13, p. e22121344094, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i13.44094. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/44094>.

ALRIYAMI M, POLYCHRONAKOS C. Mutações somáticas e autoimunidade. **Células**. 11 de agosto de 2021; 10(8):2056. DOI: 10.3390/células10082056. PMID: 34440825; PMCID: PMC8394445.

PSICOLOGIA ESCOLAR E OS DESAFIOS DA ADOLESCÊNCIA: PROMOVENDO ESCUTA E BEM-ESTAR EM UM CONTEXTO EDUCACIONAL

Vitoria Regia Oliveira de Alcantara¹, Gizelly Albano de Moura², Ícaro Eugenio Mota Furtado³, Márcia Kelma de Alencar Abreu⁴.

Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará¹², Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará³, Professora da Universidade Estadual do Ceará no Curso de Psicologia⁴

vitoria.alcantara@aluno.uece.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir acerca dos desafios da adolescência em um contexto educacional, baseando-se na experiência de Estágio Básico de 3 estudantes de Psicologia com alunos do 2º ano de uma Escola Profissionalizante de Ensino Médio do Governo do Estado do Ceará. Foram realizadas intervenções a partir de demandas como ansiedade, preconceito, automutilação e *cyberbullying*, além de dificuldades de relacionamento entre alunos e equipe escolar. A análise teórica abordou o impacto da adolescência na formação de identidade e a influência de estereótipos e relações sociais na construção da autoimagem. Observou-se uma necessidade de maior suporte psicológico no contexto escolar e foram trabalhadas estratégias de melhor integração, diálogo e empatia para promover relações sociais positivas e bem-estar.

Palavras-chaves: Psicologia escolar; adolescência; saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

O presente resumo é fruto da experiência com a disciplina de Prática Integrada de Trabalho II: Psicologia e Educação, componente curricular de Estágio Básico do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O objetivo da disciplina é entender o papel da psicologia escolar no contexto institucional de aprendizagem, além de desenvolver habilidades de observação, descrição e análise. A atuação do psicólogo escolar se associa frequentemente ao diagnóstico e ao atendimento de crianças com certas dificuldades emocionais ou de comportamento, bem como a orientação a pais e professores de como lidar com esses problemas. Porém, as contribuições da psicologia no campo educacional vão além da atuação na instituição escolar, os processos educacionais ocorrem em diferentes níveis e âmbitos. Martinez (2003) conceitua a psicologia escolar como um campo de atuação do psicólogo, que se utiliza da psicologia neste contexto com o objetivo de contribuir para a aprimorar o processo educativo, no qual se transmite cultura, e ampliar o espaço para o desenvolvimento da subjetividade.

Para a realização do Estágio Básico, os alunos de Psicologia escolheram fazer as atividades da disciplina com adolescentes. Dessa forma, entre os meses de abril e maio de 2023, foram feitas 3 intervenções com os alunos, após duas visitas de inserção e observação, cuja principal queixa era a de conflitos entre grupos e desunião na turma. Nesse sentido, o objetivo das intervenções era a promoção de um momento de escuta das demandas dos adolescentes, além de proporcionar uma reflexão sobre uma melhor integração social do grupo.

Desta forma, o objetivo deste resumo é refletir sobre os desafios da adolescência no contexto escolar, baseando-se na experiência desenvolvida em uma turma de 2º ano de uma

Escola Profissionalizante de Ensino Médio do Governo do Estado do Ceará, com foco em conflitos interpessoais.

2 METODOLOGIA

Este trabalho constitui-se como um relato de experiência de caráter descritivo, tendo como base as atividades desenvolvidas por três discentes do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) durante o estágio básico de Prática Integrada de Trabalho II: Psicologia e Educação. O estágio foi realizado em uma escola pública profissionalizante, ao longo de cinco encontros, com o objetivo de observar e implementar intervenções que atendessem às demandas da turma selecionada.

Os encontros iniciais foram dedicados às observações, já a primeira intervenção foi destinada à aplicação de um questionário com sete questões, cujo objetivo foi levantar dados sobre as possíveis necessidades e interesses dos estudantes. O questionário foi estruturado para abordar aspectos relacionados ao bem-estar emocional, e desafios vivenciados no ambiente escolar. Com base na análise das respostas coletadas, foram planejadas e implementadas duas intervenções nos encontros subsequentes. A primeira intervenção consistiu em uma roda de conversa, conduzida de forma dialógica, para explorar os temas emergentes do questionário e promover um espaço de expressão e escuta ativa entre os participantes. A segunda intervenção foi uma dinâmica grupal, desenhada para fortalecer a integração do grupo, estimular habilidades socioemocionais e abordar de forma prática as questões levantadas.

Para interpretar e explicar os fenômenos observados durante as intervenções e as respostas dos estudantes, foram utilizados como suporte teórico uma cartilha do Conselho Federal de Psicologia (CFP) sobre psicologia e adolescência e artigos acadêmicos provenientes de bases de dados confiáveis, como PePSIC e SciELO, além de um artigo da revista *Saber e Educar*. Esses materiais forneceram embasamento para compreender questões como ansiedade, e estigmatização da adolescência no ambiente escolar, permitindo uma análise mais aprofundada do contexto e das interações vivenciadas pelos participantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O início do processo de estágio básico na Escola Profissionalizante foi marcado pelo primeiro diálogo entre a coordenação e os estagiários. Nessa ocasião, foi repassado aos estudantes de psicologia sobre as demandas da escola e sobre os desafios que os coordenadores e professores da escola enfrentam ao lidar com as demandas de saúde mental dos alunos, visto que a instituição não possuía Psicóloga Escolar. Além disso, a coordenação sugeriu que os estudantes de psicologia fizessem as intervenções em uma das “turmas-problema” da escola, uma turma de 2º ano, que apresentava problemas relacionados a conflitos internos e desunião.

De acordo com Gomes e Rosistolato (2023), “a construção social dos ‘alunos-problema’ envolve, portanto, rótulos que são associados ao comportamento desviante — a maioria deles relacionados à indisciplina”, dessa forma, no caso da instituição escolar, apresentava-se não apenas uma demanda de “aluno-problema”, mas sim, uma “turma-problema”. A partir disso, na segunda visita à escola, os estagiários foram ouvintes da reunião bimestral de professores, e tiveram a oportunidade de ouvir os relatos dos profissionais sobre cada um dos alunos do 2º ano. As demandas que mais se destacavam eram as de saúde mental (automutilação, depressão, ansiedade), problemas de conduta (agressividade, falta de respeito em sala de aula, manipulação), além de problemas na aprendizagem, problemas familiares e um caso específico de *cyberbullying*, onde a vítima havia sido uma professora da escola.

Sobre esta queixa, Aberastury e Knobel (1981 *apud* CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002, p. 19) afirmam que: “Observa, entretanto, que esse período tem sido marcado por

estereótipos que caracterizariam uma suposta síndrome normal da adolescência, na qual se enfatizam: a rebeldia, a instabilidade afetiva, a tendência grupal, as crises religiosas, as contradições, as crises de identidade.” Esses estereótipos de fase problema acabam negligenciando a história do adolescente e seu papel social, visto que, nesse período eles estão mais expostos a críticas que podem gerar diversas consequências, como baixa autoestima, autocrítica e insegurança, sentimentos estes que foram observados durante as dinâmicas.

No primeiro contato dos estagiários com a turma, percebeu-se a curiosidade dos estudantes sobre a motivação de terem sido escolhidos como foco das intervenções dos estagiários da Psicologia, evidenciando ali o questionamento de que o motivo poderia ter sido acerca dos comentários da coordenação sobre eles. Entretanto, apesar dos relatos da coordenação e dos professores, os discentes de Psicologia optaram por priorizar as demandas da turma de 2º ano através do que eles consideravam como necessidade. Assim, após uma primeira observação e contato com os alunos, foi aplicado um questionário, com o objetivo de sondar aspectos emocionais, relação com o outro, desafios enfrentados na escola, as necessidades da turma enquanto grupo e as temáticas que eles gostariam de debater com os estagiários no encontro seguinte.

Com base nos resultados do questionário, foi realizada uma roda de conversa com os alunos, que apontaram como demanda o sentimento de ansiedade e a falta de integração da turma. De acordo com Rossi (2019), a ansiedade na adolescência pode ser intensificada por fatores contextuais, como conflitos interpessoais e percepções negativas vindas de figuras de autoridade, afetando diretamente o bem-estar emocional e social dos jovens. Segundo os relatos dos estudantes acerca dos motivos da “desunião”, a turma disse ser dividida em “panelinhas” na sala de aula e apontaram que a percepção negativa da direção da escola sobre eles afetava o bom convívio do grupo. De forma unânime, a turma considerou que a falta de confiança dos professores e da coordenação com eles os afetam.

Como última intervenção, os alunos-estagiários de Psicologia distribuíram papéis com um *layout* similar à de uma publicação em uma rede social (*X*, *ex-Twitter*) para cada aluno. O objetivo era que os estudantes compartilhassem, de forma anônima, uma demanda ou confissões pessoais. Em seguida, os papéis eram recolhidos e redistribuídos novamente para os alunos, que liam e refletiam o que foi escrito pelos colegas. De forma voluntária, os alunos levantaram as mãos e fizeram comentários, compartilharam reflexões sobre o que estava escrito. Foi informado que não haveria resposta correta, mas o importante era exercitar a empatia com a demanda do outro colega. Isso permitiu um diálogo sobre a importância do companheirismo em sala de aula, expressão dos sentimentos e uma nova percepção para seus ditos problemas. Em alguns papéis ficou claro que eles reconheceram o autor, então insistimos que mantivessem em anonimato e apenas sugerissem uma solução ou aconselhamento.

Ao final, na despedida, os alunos-estagiários sugeriram aos adolescentes que tentassem conversar mais, a partir do fim da intervenção, e que tentassem escutar uns aos outros, visto que aquele momento de fala e de escuta havia proporcionado relatos sensíveis e tensões no grupo. Em síntese, a experiência do Estágio Básico, apesar de pontual, foi transformadora para os alunos estagiários, pois além de possibilitar um maior entendimento acerca da Psicologia Escolar, também demonstrou a importância da figura do psicólogo nesse contexto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, o presente trabalho sintetiza a experiência do grupo atuando na escola, proporcionando uma visão do trabalho do psicólogo escolar, percebendo a dinâmica da escola e as demandas da docência e coordenação. Observou-se a necessidade de um psicólogo competente para lidar com as demandas dos alunos e funcionários.

Como diferencial dessa experiência, percebeu-se as diferentes visões acerca da turma advindas da gestão e professores e dos próprios alunos, desenvolvendo a sensibilidade e necessidade de dar voz aos sujeitos a fim de trabalhar suas demandas com respeito à construção de sentidos dos discentes no ambiente escolar.

Na escola experienciada, notou-se um movimento recorrente de patologização dos alunos, uma tentativa de compreender a realidade do estudante e resguardar os profissionais, mas que limita e normatiza comportamentos. Também foi percebido que a exigência de boas notas cria a expectativa de um aluno ideal, levando turmas em adaptação, como a turma por nós observada, a serem vistas como problemáticas. Essas turmas, por não atingirem as expectativas, acabam se sentindo menos merecedoras de benefícios e são diariamente estigmatizadas, reforçando uma visão negativa sobre si mesmas e prejudicando o desempenho.

Refletimos sobre a importância de trabalhar a união como ferramenta para enfrentar essa situação. Apesar das “panelinhas”, a turma concorda em relação às injustiças sofridas, como falta de apoio e críticas do corpo docente. E assim, incentivamos o diálogo e a empatia como formas de construir harmonia entre a turma e a escola.

REFERÊNCIAS

CONTINI, Maria de Lourdes; KOLLER, Sílvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos (Org.). **Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**.

Brasília. Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24. Disponível em:

<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/01/adolescencia1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024

MARTÍNEZ, A. M. **O psicólogo na construção da proposta pedagógica da escola: áreas de atuação e desafios para sua formação**. In: ALMEIDA, S. F. C. (Org.). *Psicologia*

Escolar: ética e competências na formação profissional. Campinas: Papyrus, 2003. p. 105-124. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=094444&pid=S1413-0394201100020000300020&lng=pt. Acesso em: 15 out. 2024.

GOMES, E.; ROSISTOLATO, R. A construção escolar de alunos-problema e seus processos de estigmatização. *Saber e Educar*, Rio de Janeiro, v. 32, 2023. Disponível em:

<https://revista.esepf.pt/article/view/32028>. Acesso em: 15 out. 2024.

ROSSI, Livia Martins *et al.* Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cadernos de Saúde Pública**, São Carlos, v. 35, n. 3, p. 1-12, 2019. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00125018>. Acesso em: 18 out. 2024.

A REALIDADE DO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Maria Luiza Silva Santiago¹; Ana Beatriz Arrais de Araújo²; Felipe Augusto Melo de Medeiros³; Karla Salgado Lima⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵.

Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal¹, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU - Natal², Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal³, Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁴, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵.

luizzasant@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as dificuldades no acesso ao tratamento para crianças com TEA no SUS no município de Natal/RN, identificando as barreiras enfrentadas pelas famílias, as práticas terapêuticas adotadas e as medidas necessárias para melhorar a qualidade e a continuidade do atendimento. Para tanto, a metodologia utilizada foi qualitativa, com entrevistas semiestruturadas realizadas com 15 mães de crianças com TEA. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética do Hospital Universitário Onofre Lopes sob parecer de número 6.466.061. Os resultados indicaram uma série de desafios, como a longa espera pelo atendimento, a escassez de profissionais capacitados, a falta de apoio contínuo e a necessidade de melhorias logísticas. Além disso, se evidencia que apesar das tentativas de garantir o acesso ao tratamento, as famílias enfrentam barreiras significativas no SUS, como a demora na realização de avaliações e no início do tratamento, a falta de profissionais qualificados e a insuficiência de serviços. A pesquisa sugere que é necessário um esforço conjunto para melhorar a qualidade do atendimento e garantir um acesso mais ágil, eficiente e personalizado, de modo a promover o bem-estar das crianças e suas famílias.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Sistema Único de Saúde; Atenção Secundária à Saúde.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do desenvolvimento que exige um acompanhamento terapêutico contínuo e especializado (American Psychiatric Association, 2014). No Brasil, as mães de crianças com TEA enfrentam desafios significativos para acessar os serviços de saúde, especialmente no Sistema Único de Saúde (SUS), que não consegue atender adequadamente às necessidades dessa população. A escassez de profissionais capacitados e a burocracia são fatores que contribuem para a demora no tratamento, prejudicando o desenvolvimento das crianças e causando grande sofrimento às famílias (Araújo; Veras; Varela, 2019).

O acesso ao tratamento para o TEA no SUS é um tema que vem ganhando atenção nos últimos anos, especialmente devido à alta demanda por serviços especializados e à falta de recursos no sistema público de saúde. A demora no atendimento, associada à falta de informação adequada sobre os serviços, é um dos principais fatores que agravam a situação das mães, que muitas vezes se sentem desamparadas diante das necessidades de seus filhos. Além disso, as disparidades socioeconômicas entre as famílias também influenciam diretamente a

qualidade do tratamento, pois nem todas conseguem recorrer a serviços particulares ou de instituições de ensino superior (Brasil, 2015).

Diante disso, este estudo propõe-se a analisar as dificuldades no acesso ao tratamento para crianças com TEA no SUS no município de Natal/RN, identificando as barreiras enfrentadas pelas famílias, as práticas terapêuticas adotadas e as medidas necessárias para melhorar a qualidade e a continuidade do atendimento.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi de abordagem qualitativa e consistiu em entrevistas semiestruturadas realizadas com 15 mães de crianças diagnosticadas com TEA e que fazem uso de dispositivos da atenção secundária do SUS em Natal/RN para tratamento dos filhos. As entrevistas abordaram diversos aspectos da experiência das mães no processo de acesso ao tratamento, incluindo o tempo de espera, as dificuldades burocráticas, as estratégias utilizadas para garantir o atendimento e as dificuldades enfrentadas no acompanhamento terapêutico. A análise dos dados seguiu a metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2016), permitindo a identificação dos principais temas e categorias de análise.

Todas as participantes foram convidadas a integrar a pesquisa por meio de comunicação online, utilizando tanto os contatos fornecidos pelos serviços de saúde quanto a disposição dos próprios participantes, que manifestaram interesse ao responderem a um formulário compartilhado nos grupos das instituições. O primeiro contato foi realizado por meio de uma ligação telefônica; caso não houvesse resposta, foi enviado uma mensagem pelo WhatsApp. Os demais participantes foram abordados pessoalmente. Alguns potenciais participantes não puderam ser incluídos na pesquisa, pois ainda não haviam iniciado as terapias nos centros e estavam apenas realizando consultas com os profissionais.

As entrevistas foram gravadas através de um gravador de voz e logo após transcritas através de um software de transcrição (Transkriptor). De acordo com os princípios éticos para pesquisas com seres humanos, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL). Após uma análise detalhada, o projeto foi aprovado e registrado com o número de parecer 6.466.061. Esse procedimento garante que a pesquisa seja realizada conforme as normas éticas e legais, assegurando a proteção dos participantes envolvidos no estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados indicaram que as mães enfrentam uma série de desafios ao tentar acessar o tratamento para seus filhos com Transtorno do Espectro Autista, sendo o principal deles a longa espera para iniciar o acompanhamento terapêutico. A demora nas avaliações e na implementação do tratamento é um fator crítico, pois impacta diretamente o desenvolvimento das crianças e gera um aumento na frustração das mães. Muitas dessas famílias se veem forçadas a recorrer a serviços particulares ou de instituições de ensino superior como alternativa, o que nem todas conseguem acessar devido às limitações financeiras. Esse dado corrobora as observações de Rocha et al. (2019), que destacam as dificuldades enfrentadas pelas famílias no acesso aos serviços públicos de saúde para o TEA, com ênfase nas desigualdades socioeconômicas.

Outro ponto crítico identificado foi a escassez de profissionais capacitados, o que dificulta não só o acesso inicial ao tratamento, mas também a manutenção de uma abordagem terapêutica adequada e contínua. Mesmo quando as mães conseguem acessar os serviços, há dificuldades em garantir que o tratamento seja consistente e personalizado para as necessidades de cada criança, devido à limitação de especialistas e à falta de uma abordagem multidisciplinar

integrada, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos. Esses desafios refletem a escassez de profissionais especializados e a insuficiência das políticas públicas voltadas para o TEA, como mencionado por Val (2021), que aponta a inadequação dos serviços oferecidos pelo SUS, incluindo a falta de profissionais e a escassez de abordagens terapêuticas atualizadas.

A burocracia e as dificuldades logísticas, como o agendamento de consultas e exames, também foram ressaltadas pelas mães como barreiras importantes. A falta de informações claras sobre os serviços e a dificuldade de marcar consultas, muitas vezes associadas à falta de transporte acessível, agravam ainda mais a situação. Além disso, a falta de um sistema de apoio contínuo e de acompanhamento das terapias em casa é um fator que contribui para o sentimento de desamparo das mães. Este cenário está alinhado com os achados de Holanda, Lima e Silva (2020), que apontam para as desigualdades no cuidado infantil, especialmente no que se refere à responsabilidade exclusiva das mães sobre a educação e os cuidados dos filhos, sem a devida rede de apoio.

Em relação ao tratamento oferecido, a maioria das crianças recebe terapias quinzenais ou semanais, com a predominância de psicologia, fonoaudiologia e terapia ocupacional como as especialidades mais citadas. Observou-se uma diversidade de modalidades de intervenção, com a maioria das crianças participando de sessões tanto individuais quanto em grupo, o que reflete a tentativa de uma abordagem mais abrangente, porém sem uniformidade na duração das sessões e na continuidade do acompanhamento. Esses dados corroboram com as críticas sobre a falta de consistência nos serviços disponibilizados, conforme relatado por Fernandes et al. (2020), que destaca a sobrecarga de responsabilidades das mães e a ausência de continuidade no tratamento.

As mães enfatizaram a importância de uma abordagem mais holística e personalizada para o tratamento, sugerindo a implementação de grupos de apoio entre os pais e visitas domiciliares, a fim de oferecer suporte emocional e prático às famílias, especialmente àquelas com maiores dificuldades financeiras e logísticas. Essas sugestões estão alinhadas com as necessidades de um acompanhamento mais próximo e eficaz, como sugerido por Val (2021), que aponta a importância de estratégias personalizadas e do apoio contínuo no processo terapêutico. A unificação dos dias de terapia e a criação de uma rede de transporte acessível também foram identificadas como medidas cruciais para garantir a continuidade do tratamento, especialmente para as famílias que enfrentam dificuldades logísticas.

Esses resultados destacam a necessidade urgente de políticas públicas mais eficazes e de maior integração entre os serviços públicos e privados de saúde, visando garantir que as crianças com TEA tenham acesso a um tratamento adequado e contínuo. A escassez de profissionais capacitados, a burocracia e as dificuldades logísticas são obstáculos que precisam ser superados para garantir a qualidade do atendimento e o bem-estar das crianças e suas famílias. Além disso, a implementação de medidas que visem reduzir as desigualdades sociais e proporcionar suporte emocional contínuo às mães é essencial para o sucesso do tratamento.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa evidenciou que as mães de crianças com TEA enfrentam uma série de dificuldades no acesso ao tratamento terapêutico no SUS, sendo a demora no atendimento e a escassez de profissionais especializados os principais obstáculos identificados. A burocracia, a falta de informações claras e a dificuldade no agendamento de consultas e exames também foram apontadas como barreiras importantes. Esses fatores impactam negativamente tanto o desenvolvimento das crianças quanto o bem-estar das mães, que se veem desamparadas no processo de busca por tratamento.

A pesquisa sugere que é necessário um esforço por parte do SUS para melhorar o acesso ao tratamento e garantir um atendimento mais ágil e eficiente. A unificação dos dias de terapia,

a disponibilização de transporte acessível e a implementação de um sistema de apoio contínuo para as famílias são medidas fundamentais para melhorar a qualidade do tratamento e garantir a continuidade do acompanhamento terapêutico.

Além disso, a criação de grupos de apoio e a abordagem multidisciplinar integrada são essenciais para atender às necessidades específicas das crianças com TEA. O estudo ressalta a importância de políticas públicas que garantam um acesso mais rápido e eficaz aos serviços de saúde, promovendo, assim, a qualidade de vida dos pacientes e o apoio necessário para as suas famílias.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. A. M. R.; VERAS, A. B.; VARELLA, A. A. B. Breves considerações sobre a atenção à pessoa com transtorno do espectro autista na rede pública de saúde. **Revista Psicologia e Saúde**, vol. 11, n. 1, janeiro, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da saúde, 2015. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtornos_autismo_versao_preliminar.pdf. Acesso em: 12/05/2024.

FERNANDES, A. D. S. A. et al. Reflexões sobre a atenção psicossocial no campo da saúde mental infantojuvenil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, vol. 28, n. 2, maio, 2020.

HOLANDA, A. de S.; LIMA, F. D. S. de A.; SILVA, A. R. P. da. Autismo: O papel do sistema único de saúde no acolhimento e tratamento infanto-juvenil. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem Estar - RECH**, vol. 4, n. 1, janeiro, 2020.

ROCHA, C. C. et al. O perfil da população infantil com suspeita de diagnóstico de transtorno do espectro autista atendida por um Centro Especializado em Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, vol. 29, n. 4, 2019.

VAL, R. O direito à saúde para pacientes com Transtorno do Espectro Autista. **Unisul de Fato e de Direito: Revista Jurídica Da Universidade Do Sul de Santa Catarina**, vol. 11, n. 22, 2021.

REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO TRATAMENTO DE HIV

Maria Luiza Silva Santiago¹; Ana Beatriz Arrais de Araújo²; Felipe Augusto Melo de Medeiros³; Karla Salgado Lima⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵.

Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal¹, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU - Natal², Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal³, Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁴, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵.

luizzasant@gmail.com

RESUMO

A participação de crianças e adolescentes nas decisões relacionadas ao seu cuidado em saúde é um tema pouco explorado, apesar de ser um direito fundamental, especialmente para aqueles que vivem com condições crônicas como o HIV. Este estudo busca investigar as evidências científicas sobre a participação das crianças e adolescentes vivendo com HIV na tomada de decisões sobre seu cuidado em saúde, destacando a importância de respeitar suas percepções, preferências e escolhas. Para isso, foi realizada uma revisão narrativa da literatura, com análise de artigos que abordam a participação de crianças e adolescentes no contexto do HIV. Os resultados indicam que, apesar das limitações de idade e maturidade, essas crianças e adolescentes expressam suas preferências e preocupações, especialmente no que diz respeito ao manejo da doença e à privacidade. As evidências apontam a importância de reconhecer a autonomia desses indivíduos no processo de cuidado.

Palavras-chave: saúde da criança; HIV; cuidados médicos.

1 INTRODUÇÃO

A participação de crianças e adolescentes na tomada de decisões sobre seu cuidado em saúde tem sido historicamente negligenciada, mesmo sendo reconhecida como um direito fundamental (Eler; Albuquerque, 2019). Estudos anteriores destacam a invisibilidade dessa população, apesar de seu desejo de serem ouvidos e de terem suas preferências respeitadas. Especificamente, crianças e adolescentes que vivem com HIV enfrentam desafios adicionais, como o estigma associado à infecção e as implicações sociais e psicológicas do diagnóstico (Coyne et al., 2014; Hein et al., 2015). Dessa forma, entender como esses jovens participam das decisões relacionadas ao seu cuidado é crucial para a promoção de uma abordagem mais centrada no paciente.

O aumento global das crianças e adolescentes vivendo com doenças crônicas, como o HIV, destaca a necessidade de reflexão sobre como os profissionais de saúde abordam a participação desses indivíduos nas decisões sobre seu tratamento. Apesar do reconhecimento de sua autonomia, esses jovens muitas vezes não têm a oportunidade de influenciar diretamente as decisões que afetam sua saúde, principalmente devido à falta de uma estrutura de apoio que permita a sua plena inclusão no processo decisório (Olszewski; Goldkind, 2018).

Nesse contexto, este estudo se propõe a investigar as evidências científicas sobre a participação das crianças e adolescentes vivendo com HIV na tomada de decisões sobre seu cuidado em saúde, destacando a importância de respeitar suas percepções, preferências e escolhas. A revisão busca sistematizar as informações disponíveis, contribuindo para a

compreensão dos direitos desses indivíduos no contexto do cuidado em saúde.

2 METODOLOGIA

Este estudo adota a abordagem de revisão narrativa da literatura, com o objetivo de sistematizar e sintetizar as evidências disponíveis sobre o tema em questão. A revisão foi realizada a partir de uma busca em três bases de dados eletrônicas: LILACS, PubMed e SciVerse Scopus. Apesar de não exigir critérios muito rigorosos de pesquisa (Rother, 2007), para esta revisão seguiu-se seis etapas metodológicas, começando pela formulação da questão de revisão, que foi orientada pela estratégia PICO, envolvendo a população de crianças e adolescentes vivendo com HIV, o interesse na participação na tomada de decisões e o contexto de cuidado em saúde.

Os critérios de inclusão foram artigos científicos publicados em português, inglês ou espanhol, com pesquisas originais sobre o tema e sem delineamento temporal dada a escassez de publicações na área. A busca foi realizada entre setembro e novembro de 2024, visando minimizar o viés de seleção. Ao final do processo, foram selecionados 51 artigos, dos quais 9 foram incluídos na análise final. Os dados foram extraídos e organizados em uma planilha, e a qualidade dos artigos foi avaliada conforme os níveis de evidência, a partir das questões clínicas abordadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os artigos analisados mostram que a maior parte das produções científicas sobre a temática é originária do Brasil (55,5%), com a predominância de estudos qualitativos (77,8%). Em relação à área de conhecimento dos autores, 33,3% das publicações foram realizadas por enfermeiros ou equipes multiprofissionais, refletindo a abordagem interdisciplinar do cuidado a crianças e adolescentes com HIV. A distribuição temporal revela uma concentração significativa de publicações em 2015, o que pode refletir um aumento no interesse sobre a temática nesse período.

No que diz respeito à participação ativa de crianças e adolescentes nas decisões sobre seu cuidado, as evidências indicam que esses indivíduos, embora jovens, possuem uma compreensão suficiente para influenciar nas escolhas relacionadas ao tratamento. A autonomia desses jovens se reflete na capacidade de se responsabilizar pela adesão ao tratamento, como a escolha de horários para tomar a medicação, e na busca por estratégias que favoreçam a continuidade do cuidado (Conde Higuera et al., 2016).

Além disso, a informação sobre o diagnóstico de HIV desempenha um papel fundamental na promoção da autonomia. Crianças e adolescentes que entendem sua condição tornam-se mais aptos a tomar decisões sobre seu cuidado e a lidar com as complicações associadas à doença. Isso inclui a escolha de manter o status sorológico em segredo, em busca de proteção contra o estigma e discriminação, o que também demonstra a relevância da privacidade no contexto da participação (Sehnm et al., 2015; Kuyava; Rubim Pedro, 2014).

Outro aspecto importante observado nos resultados é a decisão de adolescentes em não revelar seu status HIV aos parceiros, seja por medo de rejeição ou por receio de violência. Este comportamento ressalta as complexas dinâmicas sociais e emocionais que influenciam a tomada de decisão desses jovens, especialmente em relação à sexualidade e ao cuidado preventivo (Brum et al., 2015; Mavhu et al., 2018).

Por fim, a revisão destaca que a participação das crianças e adolescentes na decisão sobre o tratamento não significa necessariamente que eles tomem todas as decisões sozinhos, mas sim que suas opiniões e preferências devem ser levadas em consideração no processo de cuidado. O vínculo entre os jovens, suas famílias e os profissionais de saúde são essenciais para

garantir que os melhores interesses dos pacientes sejam atendidos (Johnson, 2018; Galano et al., 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revela a importância da participação de crianças e adolescentes no cuidado relacionado ao HIV, evidenciando que, embora sua voz seja reconhecida de forma parcial, ela é essencial para o processo de cuidado. Os resultados mostram que, ao compreenderem sua condição, esses jovens adquirem autonomia e responsabilidade em relação ao tratamento, refletindo suas preferências e preocupações.

Entretanto, ainda é necessário avançar nas práticas de saúde para garantir que a participação de crianças e adolescentes seja mais integrada e respeitada. O respeito a suas escolhas e a promoção de um ambiente de cuidado mais inclusivo e informativo são fundamentais para o desenvolvimento de um cuidado em saúde que seja verdadeiramente centrado no paciente. Como limitação, aponta-se a baixa frequência de publicações nessa área.

REFERÊNCIAS

- BRUM, C. N. DE. Et al. Disclosure of the HIV diagnosis to the teenager: ways of being everyday. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, v. 19, n. 4, p. 679–684, 2015.
- CONDE HIGUERA, P. et al. Estigma, discriminación y adherencia al tratamiento en niños con VIH y SIDA: Una perspectiva bioética. **Acta bioethica**, v. 22, n. 2, p. 331–340, 2016.
- COYNE, I. et al. Children’s participation in shared decision making: Children, adolescents, parents and healthcare professionals’ perspectives and experiences. **European Journal of Oncology Nursing. Elsevier Ltda**, v. 18, n. 3, p. 273-280, 2014.
- ELER, K.; ALBUQUERQUE, A. Direito à participação da criança nos cuidados em saúde sob a perspectiva dos Direitos Humanos dos Pacientes. **Revista Iberoamericana de Bioética**, n. 9, p. 1–15, 2019.
- GALANO, E. et al. Vivências dos adolescentes soropositivos para HIV/Aids: estudo qualitativo. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 34, n. 2, p. 171– 177, 2016.
- HEIN, I. M. et al. Informed consent instead of assent is appropriate in children from the age of twelve: Policy implications of new findings on children’s competence to consent to clinical research Ethics in Public Health, medical law, and health policy. **BMC Medical Ethics**, v. 16, n. 1, p. 1–7, 2015.
- MAVHU, W. et al. Sexual behavior experiences and characteristics of male-female partnerships among HIV positive adolescent girls and young women: Qualitative findings from Zimbabwe. **PLoS ONE**, v. 13, n. 3, p. 1–11, 2018.
- ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v–vi, abr. 2007.
- SEHNEM, G. D. et al. A saúde no adolescer com HIV / aids: caminhos para uma agenda pós-2015. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, p. 39–46, 2015.

DOENÇAS RESPIRATÓRIAS INFANTIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Caroline Fernandes de Oliveira¹; Nathalia Nunes Ferreira²; Ana Gabriela Vargas da Silva³;
Bruna Silvestri Toledo Guimarães⁴; Clara Rodrigues Ribeiro Granja⁵; Caroline Megiato
Matias⁶; Elina Fernandes de Oliveira⁷

Graduando em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá¹, Graduando em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá², Graduando em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá³, Graduando em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá⁴, Graduando em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá⁵, Graduando em enfermagem pela Universidade Federal de Pelotas⁶, Mestre em Educação em Saúde pela Universidade Federal Fluminense⁷

carol21link@gmail.com

RESUMO

Introdução: As doenças respiratórias infantis continuam sendo uma das principais causas de atendimento emergencial pediátrico. A crescente demanda por cuidados médicos para o tratamento dessas condições respiratórias impõe desafios consideráveis a gestão dos serviços de saúde pediátrica. **Objetivo:** Identificar fatores críticos que contribuem para o aumento das hospitalizações. **Metodologia:** A pesquisa foi conduzida, nas bases de dados MEDLINE, LILACS, BDNF. Os critérios de inclusão foram artigos publicados entre os anos de 2019 a 2024, a utilização dos descritores: "Doenças Respiratórias", "Emergência" e "Criança". Os critérios de exclusão foram artigos que não abordavam sobre a temática e pagos. **Resultados e discussões:** O crescimento das hospitalizações infantis por doenças respiratórias está ligado a inúmeros fatores. Tais como problemas relacionados ao desenvolvimento fetal, mudanças climáticas. A pandemia de COVID 19 também corroborou para o aumento das internações. Como soluções, destacam-se o distanciamento social, além de manter os cuidados preventivos e a vacinação. **Considerações finais:** As doenças respiratórias infantis representam um desafio aos sistemas de saúde, agravadas por fatores como prematuridade, poluição e a pandemia de COVID-19. O estudo destaca a importância de estratégias preventivas e políticas públicas que promovam equidade no acesso à saúde e proteção à saúde infantil.

Palavras-chave: infância; doenças respiratórias na infância; situações de emergência.

1 INTRODUÇÃO

As doenças respiratórias continuam sendo uma das principais causas de atendimento emergencial pediátrico, especialmente em crianças menores de seis anos. Condições como Doença Pulmonar Crônica (DPC), Displasia Broncopulmonar (DBP), bronquiolite e pneumonia são comuns, particularmente em bebês prematuros, que frequentemente requerem hospitalizações prolongadas e tratamentos intensivos, como broncodilatadores e corticosteroides.

Esses fatores elevam os custos e sobrecarregam o sistema público de saúde, especialmente em regiões com altas taxas de prematuridade (Eldredge et al., 2022). A poluição atmosférica é outro fator crítico associado ao aumento das hospitalizações pediátricas. Na Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo, houve um estudo publicado no ano 2019 e realizado entre 2005 e 2010 identificou uma relação entre a exposição a poluentes, como material particulado (MP10), dióxido de enxofre (SO₂) e ozônio (O₃), e o agravamento de doenças respiratórias em crianças menores de seis anos. Apesar de os níveis de poluentes

estarem dentro dos limites da OMS, a urbanização, o aumento da frota de veículos e atividades industriais têm contribuído para o crescimento de casos de asma e bronquiolite, especialmente em períodos de alta concentração de poluentes (Matos *et al.*, 2019). Fatores climáticos, como temperatura e umidade, também intensificam essas condições (Bailhache *et al.*, 2021).

A pandemia de COVID-19 trouxe novos desafios, aumentando a vulnerabilidade de crianças com comorbidades, como asma e prematuridade, a formas graves da infecção, incluindo a Síndrome Inflamatória Multissistêmica (MIS-C). Dados mostram que bebês com menos de dois meses representaram 19% das hospitalizações por COVID-19, enquanto adolescentes de 12 a 17 anos corresponderam a 42% (Rubens *et al.*, 2021). Durante o confinamento, medidas preventivas, como o uso de máscaras e distanciamento social, reduziram em até 60% os atendimentos pediátricos por doenças respiratórias, mas, com a retomada das atividades, hospitalizações voltaram a crescer, reforçando a importância de estratégias preventivas contínuas (Antoon *et al.*, 2021).

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo analisar as doenças respiratórias prevalentes em crianças menores de seis anos, como DPC, DBP, bronquiolite, pneumonia e asma, investigando sua relação com a poluição atmosférica, fatores climáticos, prematuridade e o impacto da pandemia de COVID-19. Além disso, propõe-se identificar fatores críticos para o aumento das hospitalizações e sugerir diretrizes para políticas públicas voltadas à prevenção, controle ambiental e redução das complicações respiratórias na população pediátrica.

2 METODOLOGIA

A presente Revisão de literatura do tipo sistemática foi realizada nas bases de dados: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MedLINE), Literatura Latino-Americana, Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Bases de Dados de Enfermagem (BDENF) no período de setembro e outubro de 2024, utilizando os descritores: “Doenças Respiratórias”, “Emergência”, “Criança” e operador booleano: “AND”.

Os critérios de inclusão foram artigos publicados entre os anos de 2019 a outubro de 2024, no idioma português e inglês e os descritores referenciados anteriormente, que abordassem a temática de doenças respiratórias na, com foco na área de Emergência, totalizando 23 artigos encontrados para realização deste estudo. O motivo da escolha das referidas bases de dados selecionadas, se justifica por serem amplamente utilizadas na área da saúde e abrangem uma significativa produção científica sobre o referido tema.

Os critérios de exclusão foram artigos que não abordavam sobre a temática, repetidos e bloqueados resultando na seleção de 11 artigos. Após a conclusão desse processo, os 6 artigos, dos quais 5 consistem no idioma inglês e 1 em português, foram examinados minuciosamente para criação e desenvolvimento deste estudo.

A questão norteadora do estudo: Quais são as doenças respiratórias prevalentes em crianças que se enquadram em casos de emergência?

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das análises dos artigos foi possível identificar os fatores que corroboram para o crescimento da hospitalização de crianças acometidas por doenças respiratórias. Muitas das evidências até o momento sobre a relação entre resultados adversos do nascimento e problemas pulmonares na infância se concentraram nas associações entre parto prematuro (PTB) ou baixo peso ao nascer. (Eldredge *et al.*, 2022) A maior suscetibilidade a doenças respiratórias entre crianças nascidas PTB tem sido associada à imaturidade dos sistemas imunológicos respiratório e adaptativo ao nascer. (Eldredge *et al.*, 2022) Alguns estudos relataram que crianças nascidas pequenas para a idade gestacional (PIG) apresentam um risco elevado de asma entre 3 e 18

anos e um número maior de hospitalizações respiratórias antes dos cinco anos. (Eldredge *et al.*, 2022) Para PIG, a entrada insuficiente de oxigênio e metabólitos ligados a restrições de crescimento fetal pode impactar negativamente o desenvolvimento pulmonar do feto. Para crianças grandes para a idade gestacional (GIG), tanto o maior risco de apresentar síndrome do desconforto respiratório quanto a capacidade funcional pulmonar reduzida observada em bebês obesos podem alterar o risco de sofrer problemas respiratórios. (Eldredge *et al.*, 2022)

Para além dos problemas citados relacionados ao período de desenvolvimento fetal, temos a vivência da pandemia de COVID 19, iniciada no ano de 2020 como uma problemática para ocorrência de internações em massa de crianças por infecção do SARS CoV2. Também é provável que o relaxamento desproporcional das medidas de distanciamento social entre adolescentes, que são conhecidos por terem um padrão mais forte de interação social, tenha contribuído para o aumento mais rápido de encontros relacionados a doenças respiratórias. (Antoon *et al.*, 2021)

Ademais, as mudanças climáticas também são um grande fator de influência. Esse aumento esperado deve-se a diferentes fatores, como as baixas temperaturas que predisõem o agravamento de doenças respiratórias preexistentes, à maior incidência de doenças respiratórias virais e ao aumento da concentração dos poluentes primários determinada pela escassez de chuvas e ocorrência de inversão térmica. (Matos *et al.*, 2019)

Foram identificadas as seguintes soluções como métodos de prevenção e intervenção para os problemas mencionados acima. Medidas de distanciamento social quase certamente desempenharam um papel importante na interrupção da transmissão de infecções respiratórias. A rápida redução na transmissão da gripe durante o período inicial da COVID-19 foi atribuída a medidas de distanciamento social. (Antoon *et al.*, 2021) Por exemplo, durante esta pandemia, as consultas de telessaúde e telefone para asma pediátrica aumentaram em 61% e 19%, respectivamente, enquanto as consultas no pronto-socorro e ambulatoriais diminuíram simultaneamente. Mudanças semelhantes no local do atendimento também podem contribuir para o declínio nos encontros com doenças não respiratórias. (Antoon *et al.*, 2021) Os membros da família podem considerar a separação física e o uso de máscaras perto de outros membros da família expostos quando estiverem em áreas comuns para tentar reduzir o potencial de transmissão doméstica, embora isso nem sempre seja viável. (Bmj *et al.*, 2021) Os pacientes devem manter cuidados preventivos de rotina e cronogramas de vacinação, incluindo a vacina contra a gripe sazonal, como uma estratégia crítica para se manterem saudáveis durante e após a pandemia. (Bmj *et al.*, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As doenças respiratórias na infância, especialmente em contextos de emergência, representam um desafio significativo para os sistemas de saúde, sendo uma das principais causas de hospitalizações pediátricas. Este trabalho evidenciou que fatores como prematuridade, baixo peso ao nascer, condições climáticas adversas, poluição atmosférica e os impactos da pandemia de COVID-19 são determinantes no agravamento dessas condições. Neonatos prematuros ou pequenos para a idade gestacional, devido à imaturidade do sistema imunológico, apresentam maior vulnerabilidade, o que reforça a importância de cuidados especializados e preventivos.

O estudo destacou ainda os efeitos negativos da urbanização acelerada, com aumento da poluição, e a influência das mudanças climáticas, que intensificam a prevalência de doenças respiratórias como asma, bronquiolite e pneumonia. A pandemia de COVID-19 trouxe à tona tanto a eficácia de medidas preventivas, como o distanciamento social e o uso de máscaras, quanto a relevância da telessaúde e da vacinação para o controle das infecções respiratórias.

Diante desse cenário, conclui-se que é essencial uma abordagem integrada que priorize a redução dos fatores de risco, a ampliação do acesso aos serviços de saúde e a implementação de políticas públicas ambientais e preventivas. Estratégias sustentáveis e contínuas são indispensáveis para reduzir as hospitalizações e melhorar a qualidade de vida das crianças, especialmente nas populações mais vulneráveis. O estudo reforça a necessidade de pesquisas que subsidiem novas práticas e fortaleçam a gestão da saúde pediátrica, contribuindo para a construção de sistemas de saúde resilientes e preparados para os desafios futuros.

REFERÊNCIAS

ELDREDGE, L. C. *et al.* Summary for Clinicians: Clinical Practice Guidelines for Outpatient Respiratory Management of Infants, Children, and Adolescents with Post-Prematurity Respiratory Disease. *Annals of the American Thoracic Society*, v. 19, n. 6, p. 873–879, 1 jun. 2022.

RUBENS, J. H. *et al.* Acute covid-19 and multisystem inflammatory syndrome in children. *BMJ*, p. n385, 1 mar. 2021.

ANTOON, J. W. *et al.* The COVID-19 Pandemic and Changes in Healthcare Utilization for Pediatric Respiratory and Nonrespiratory Illnesses in the United States. *Journal of Hospital Medicine*, v. 16, n. 5, 8 mar. 2021.

SERRANO-LOMELIN, J. *et al.* Patterns of respiratory health services utilization from birth to 5 years of children who experienced adverse birth outcomes. *PLoS ONE*, v. 16, n. 2, p. e0247527–e0247527, 19 fev. 2021.

BAILHACHE, M. *et al.* Unlike infectious diseases, respiratory disease emergencies rose after compulsory school attendance following the French COVID-19 lockdown. *Acta Paediatrica*, v. 110, n. 4, p. 1295–1296, 4 fev. 2021.

MATOS, E. P. *et al.* Análise espaço-temporal do efeito da poluição do ar na saúde de crianças. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 35, n. 10, 2019.

A PRÁTICA TERAPÊUTICA DO SURFE COM PESSOAS AUTISTAS: CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL

Maria Júlia Lins do Nascimento¹; Flávia Pereira da Silva¹.

Graduanda em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Pernambuco.

julia.linsnascimento@ufpe.br

RESUMO

Introdução: Tendo em vista as dificuldades que geram sofrimento psíquico na pessoa com Transtorno do Espectro Autista TEA, a prática do surfe pode ser utilizada no processo de intervenção terapêutica para colaborar com a saúde e o bem-estar do ser que precisa ou quer se envolver em ocupações. **Metodologia:** Para esse estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica em dois periódicos e foram selecionados dois artigos, com foco no surfe como recurso terapêutico para a população com TEA. **Objetivo:** Analisar como o surfe pode colaborar na saúde e no bem-estar da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e quais possíveis contribuições da terapia ocupacional nessa atividade. **Resultados e Discussão:** Os resultados apontaram que a prática do surfe demonstra-se uma ferramenta relevante no ganho de habilidades essenciais à vida diária, na ampliação do repertório ocupacional, no engajamento do indivíduo no lazer e na gestão da saúde, além da estimulação sensorial. **Considerações finais:** Com as evidências da eficácia da prática no tratamento terapêutico, tornam-se necessárias mais pesquisas sobre estratégias de ensino e adaptações para a inclusão desse público nas práticas corporais em intervenções da Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: surfe; promoção de saúde; Transtorno do Espectro Autista.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento identificado principalmente pelas dificuldades na comunicação e interação social, flexibilidade cognitiva, restrição e/ou repetição de comportamentos e atividades, entre outros sintomas descritos no DSM-5 (APA, 2022). Sendo importante destacar que se dá o nome “Espectro” justamente devido à variedade de apresentação dos sintomas e níveis de suporte que a pessoa autista pode apresentar na vida diária com relação a comunicação, interação social e comportamento (Wing, 1981).

Nesse sentido, tais dificuldades podem gerar barreiras ao desempenho nas ocupações, na ampliação do repertório ocupacional, e conseqüentemente, o sofrimento psíquico, apontando para a necessidade da atuação do terapeuta ocupacional junto a esse público, como profissional apto a tratar as barreiras ao desempenho funcional e satisfatório de ocupações significativas do cliente para promoção, recuperação ou estabilização da saúde (AOTA, 2020). Sendo assim, o surfe, esporte feito no mar com a prancha como instrumento para remar sobre ondas, demonstra-se uma ferramenta enriquecedora no que se refere a estimulação de habilidades sociais e psicomotoras no processo terapêutico de pessoas dentro do Espectro Autista, além de ser uma possibilidade de ampliar o repertório ocupacional do ser, como uma nova atividade de lazer, por exemplo, e de gestão da saúde.

2 METODOLOGIA

Para elaboração deste estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica nos Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, e na Revista Motrivivência, utilizando-se os termos: “Surfe”, “Promoção de Saúde” e “Transtorno do Espectro Autista”, com foco na utilização do surfe como recurso terapêutico. Inicialmente foram identificados 6 artigos, em seguida, após leitura criteriosa, foram selecionados 2 artigos que serviram como base para o trabalho, intitulados: “Adequações didáticos-metodológicas na prática do surfe para pessoas com Transtorno do Espectro Autista”, e “Evidências psicológicas do surfe: efeitos terapêuticos e demandas assistenciais”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O surfe, esporte praticado na superfície aquática, que consiste no deslizamento sobre ondas por meio de uma prancha, apresenta potencial positivo na intervenção terapêutica alternativa e/ou complementar com o público-alvo no TEA, uma vez que combina a conexão entre ser humano, meio ambiente e sociedade, e explora habilidades motoras, sociais e cognitivas que se enquadram no domínio e processo da Terapia Ocupacional (Massion, 2006).

Quando se analisa a atividade, pode-se destacar entre as habilidades motoras estimuladas: posicionar-se, coordenar, mover, calibrar o movimento e ritmar. Entre as habilidades sociais, é evidenciada a capacidade da atividade ser vivenciada também em grupo, onde podem ser exploradas habilidades como: iniciação e despedida, produção de discurso, expressão de emoções, do apoio físico da interação social, entre outras (AOTA, 2020). Além dessas, pode-se notar também aptidões cognitivas: memória, atenção, resolução de problemas, planejamento e linguagem (Vygotsky, 1998).

Além da estimulação de habilidades essenciais ao nosso engajamento nas atividades diárias, a prática do surfe pode ser utilizada dentro do processo terapêutico sendo relacionada a uma “ocupação-base”, ou seja, que é essencial para o bom desempenho do indivíduo nas demais ocupações, mas que muitas vezes é negligenciada por não envolver atividades obrigatórias, o Lazer (Parham & Fazio, 1997). A participação na atividade física pode ser prazerosa ao assistido, como também mostrar-se como uma possibilidade de transmissão de valores e significados e proporcionar um estado de bem-estar físico, mental e social (Schliemann, 2013).

Nesse caso, ocorre uma ampliação no repertório ocupacional - que consiste no conjunto de ocupações que a pessoa realiza em um período de tempo (Souza, 2018) - através do envolvimento em uma atividade de lazer significativa. E por outro lado, o participante estaria também se engajando em uma atividade física, que é um domínio da gestão da saúde, tão importante quanto o lazer para a promoção, recuperação e estabilização da saúde.

O envolvimento no esporte também proporciona o contato com a natureza, que por si só fornece estímulos de funções sensoriais: funções visuais, como ver a luz do sol, funções auditivas, ao ouvir o som do mar, funções vestibulares, nos movimentos da prancha dentro de uma onda, funções olfativas, como no cheiro do ambiente de praia, funções táteis, quando sentimos nosso corpo em relação com a areia e sua temperatura, entre tantas outras possibilidades de estimulação nesse ambiente (AOTA, 2020).

Para a inclusão da pessoa com TEA na prática do surfe, destaca-se a necessidade de adaptações de acordo com as necessidades dos assistidos, contando com o respeito às suas individualidades. Os profissionais devem ter um conhecimento breve do esporte, ou ainda solicitar o reforço com um profissional de educação física que tenha experiência no surfe, e entre estratégias estudadas válidas, estão: respeitar o tempo e limites da pessoa, falar instruções claras e objetivas combinadas com demonstrações, utilizar a modulação da voz de acordo com o nível de alerta e de atividade, utilizar histórias sociais, oferecer recursos visuais do que irá acontecer (Neitzel & Wolery, 2009; Fittipaldi-Wert & Mowling, 2009; Grenier & Yeaton, 2011; Ramos, Brasil e Goda, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o uso do surfe como recurso terapêutico para pessoas com Transtorno do Espectro Autista é uma prática corporal que favorece a estimulação de habilidades de desempenho, além de promover a ampliação do repertório ocupacional do público, o engajamento do indivíduo no lazer e na gestão da saúde, e promover estimulação sensorial no ambiente onde se desenvolve. Sendo esses aspectos essenciais para a intervenção terapêutica ocupacional, sugere-se que o uso do surfe para pessoas com TEA seja objeto de investigações e registros posteriores por parte dos terapeutas ocupacionais.

REFERÊNCIAS

MORAES, Letícia, MARINHO, Alcyane. **ADEQUAÇÕES DIDÁTICO-METODOLÓGICAS NA PRÁTICA DO SURFE PARA PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**. Revista Movimento. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, SC, Brasil. Publicado em: Novembro, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.114664>. Acesso em: 03/08/2024.

SOUZA, Débora, KAMP, Monick, NEPOMUCENO, Léo, CONDE, Erick. **Evidências psicológicas do surfe: efeitos terapêuticos e demandas assistenciais**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, SC, Brasil. Publicado em: Janeiro, 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/joana/Downloads/administrador,+74162-Texto+do+Artigo-291075-1-11-2021%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/joana/Downloads/administrador,+74162-Texto+do+Artigo-291075-1-11-2021%20(2).pdf). Acesso em: 03/08/2024.

Gomes, D., Teixeira, L., & Ribeiro, J. (2021). **Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio e Processo 4a Edição**. Versão Portuguesa de Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process 4th Edition (AOTA - 2020). Politécnico de Leiria.

Faustino, G., & Figueiredo, M. O. (2022). **Repertório ocupacional na literatura nacional**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 30, e3276. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR250332761>. Acesso em: 19/11/2024.

American Psychology Association. (2022). **Manual Diagnóstico DSM-5**. Artmed.
TONIETTO, Lauren; WAGNER, Gabriela; TRENTINI, Clarissa; SPERB, Tania; PARENTE, Maria. **Interfaces entre funções executivas, linguagem e intencionalidade**. Revista Scielo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Vol. 21, No. 49, p. 247-255. Publicado em: Agosto, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/SbY5L8yRCNHpCDW49bmztSS/?lang=pt&format=pdf>.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE QUEIMADURAS

Adrielle Souza Gomes¹; Adrielson Souza Gomes²; Mariane Victória da Silva Mota³; Hemily Azevedo de Araújo⁴.

Graduado em Enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA¹; Graduando em Enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA^{2,3}; Mestre em Biodiversidade, Ambiente e Saúde pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA³.

adrielesouza.asg@gmail.com

RESUMO

As queimaduras em crianças representam um importante causa de morbidade, especialmente em ambientes domésticos, onde fatores de risco como líquidos quentes e objetos aquecidos são predominantes. Este estudo tem como objetivo descrever o perfil epidemiológico de crianças vítimas de queimaduras. Trata-se de uma revisão integrativa, realizada em novembro de 2024, no qual o levantamento bibliográfico foi realizado a partir das bases de dados Medline, BDNF e Lilacs via BVS utilizando os seguintes descritores do DeCS: “Queimaduras”, “Crianças”, “Perfil Epidemiológico”, cruzados com o operador booleano “AND”. Após critérios de inclusão e exclusão, e leitura na íntegra, foram selecionados 7 artigos para compor este estudo. Crianças de 1 a 5 anos são as mais vulneráveis, sexo masculino, sendo predominante a queimadura de 2º grau, com os membros superiores e tronco entre as regiões mais acometidas. Os líquidos quentes emergem como o principal agente causador. O tratamento envolve procedimentos não cirúrgicos, como trocas de curativos, essenciais para prevenir infecções, e cirúrgicos, com destaque para o desbridamento e enxertos em casos graves. Conclui-se que o conhecimento do perfil epidemiológico é fundamental para embasar estratégias preventivas e educativas, além de aprimorar o manejo clínico.

Palavras-chave: crianças; queimaduras; acidentes; perfil.

1 INTRODUÇÃO

As queimaduras são uma das principais causas de acidentes em crianças, especialmente em ambientes domésticos, onde passam grande parte do tempo explorando e interagindo com o mundo ao seu redor. Além de causarem dor e sofrimento físico, as queimaduras têm um impacto emocional profundo, tanto para a criança quanto para sua família, muitas vezes exigindo procedimentos médicos complexos e períodos prolongados de recuperação (Queiroz; Barreto; Lima, 2019).

As lesões por queimaduras variam em intensidade e podem deixar sequelas físicas, funcionais e psicológicas, tornando-se um problema complexo que exige atenção dos serviços de saúde. No contexto pediátrico, as queimaduras ocorrem frequentemente em ambiente doméstico, muitas vezes relacionadas a fatores de risco como o acesso a líquidos quentes, produtos inflamáveis e falta de supervisão adequada (Silvestrim *et al.*, 2023).

Portanto, este estudo é essencial para compreender os fatores de risco associados a esses acidentes e orientar estratégias de prevenção mais eficazes. À vista disso, foi elaborada a seguinte questão norteadora “Qual o perfil epidemiológico de crianças vítimas de queimaduras?”

2 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa, realizada em novembro de 2024, a qual tem como intuito o embasamento em conteúdo científico, caracterizada pela aplicabilidade do tema, constituindo-se em etapas, sendo elas: questão norteadora; estudos na literatura; extração dos artigos a partir dos critérios de inclusão e exclusão; avaliação dos estudos selecionados; análise e síntese dos resultados.

Os critérios de inclusão foram: texto completo, publicados nos idiomas português, inglês e espanhol, e estudos publicados no período de 2019 a 2024. Os critérios de exclusão foram: artigos em duplicatas e que não correspondessem à temática.

Considerando o objetivo central da pesquisa, o levantamento bibliográfico foi realizado a partir das bases de dados Medline, BDNF e Lilacs via Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) utilizando os seguintes descritores do DeCS: “Queimaduras”, “Crianças” e “Perfil Epidemiológico”, cruzados com o operador booleano “AND”.

A busca resultou no total de 52 publicações, e após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão foi reduzida para 14 o total de publicações. Após leitura na íntegra foram selecionadas 7 produções científicas que se enquadraram nos critérios estabelecidos conforme o objetivo deste estudo.

3 RESULTADOS

Tabela 01 - Amostra dos artigos selecionados.

Autor/Ano	País	Tipo de Estudo	População/amostra em estudo
Queiroz <i>et al.</i> , 2019	Brasil	Observacional, Transversal, Descritivo e Retrospectivo, Qualitativo.	A amostra foi de conveniência constituída por 174 prontuários. Foram incluídos todos os pacientes entre 1-12 anos, hospitalizados no CTQ por queimaduras de 1º, 2º e 3º grau.
Barros <i>et al.</i> , 2019	Brasil	Retrospectivo, Descritivo.	Amostra foi constituída de 59 prontuários, 46 (78%) crianças e 13 (22%) adolescentes, sendo os dados coletados diretamente dos prontuários eletrônicos do Serviço de Arquivo Médico e Estatísticas (SAME).
Rigon <i>et al.</i> , 2019	Brasil	Descritivo, Retrospectivo, Transversal.	78 pacientes vítimas de queimaduras, até 15 anos, 11 meses e 29 dias admitidos devido à queimadura no período de 2013 a 2018.
Gradim <i>et al.</i> , 2021	Brasil	Quantitativo, Retrospectivo, Transversal.	267 prontuários de crianças e adolescentes, com idade entre 6 e 18 anos incompletos, vítimas de queimaduras internados no CTQ de um hospital universitário público da região do norte do Paraná, no período de janeiro de 2007 a dezembro de 2018.
Bartholo <i>et al.</i> , 2022	Brasil	Transversal.	54 pacientes pediátricos internados devido a queimaduras, na faixa etária de 0 a 12 anos de idade, que foram hospitalizadas no CTQ do HU/UDEL, tanto em UTI quanto em enfermaria, no ano de 2020 e primeiro trimestre de 2021.
Silvestrim <i>et al.</i> , 2023	Brasil	Quantitativa, Retrospectiva, Descritiva	219 crianças internadas, menores de 12 anos, no período de estudo (2013 a 2018).

Nigro <i>et al.</i> , 2019	Brasil	Transversal, Retrospectivo.	625 prontuários de internação de crianças de 0-18 anos vítimas de queimaduras admitidas no Serviço de Cirurgia Plástica e Queimados do Hospital Universitário Evangélico de Curitiba, entre janeiro de 2010 a dezembro de 2017.
-------------------------------	--------	--------------------------------	---

Fonte: Pesquisadores, 2024.

4 DISCUSSÃO

As crianças na faixa etária de 1 a 5 anos são as mais vulneráveis, principalmente porque, nessa fase, estão em plena exploração do ambiente ao redor, mas sem total noção dos perigos envolvidos. Em um estudo realizado no hospital infantil da Serra Catarinense cerca de 72% estavam nesta faixa etária. Corroborando com este, um estudo realizado no Centro de Tratamento de Queimaduras (CTQ) em Fortaleza teve um total de 63,3% também nesta faixa etária (Queiroz; Barreto; Lima, 2019; Rigon *et al.*, 2019).

No que diz respeito ao sexo, a literatura indica que os meninos costumam estar mais expostos a queimaduras. Um estudo realizado em um CTQ de um hospital público localizado no Paraná, de um total de 219 crianças internadas, 142 (64,8%) eram do sexo masculino. Possivelmente isto se dá devido a um comportamento mais exploratório e à interação frequente com objetos e ambientes de risco (Silvestrim *et al.*, 2023).

Um outro estudo realizado no Paraná evidenciou que os maiores causadores de acidentes em crianças são os agentes térmicos (96,6%), seguido de eletricidade (3,0%) e química (0,4%). Dentre os agentes térmicos se encontram álcool (34,8%), água (12,7%) e óleo (10,5%) são os principais agentes causadores, sendo comumente responsáveis por internações devido à sua alta frequência em acidentes domésticos. Um estudo realizado no hospital de grande porte em Campo Grande evidenciou que 52% dos casos analisados ocorreram ambiente domiciliar (Barros *et al.*, 2019; Gradim *et al.*, 2021).

Outro fator relevante é o grau das queimaduras, que têm impacto direto no prognóstico e nas necessidades de tratamento. A maioria das queimaduras em crianças é de 1º ou 2º grau, com prevalência de queimaduras de 2º grau, como podemos observar no estudo realizado no Serviço de Cirurgia Plástica e Queimados do Hospital Universitário Evangélico de Curitiba em que cerca de 61,3% dos casos foram queimaduras de 2º grau (Nigro *et al.*, 2019).

Quanto às áreas do corpo frequentemente afetadas, o estudo de Rigon *et al.*, (2019) evidenciou que foram os membros superiores, devido à tendência natural de as crianças usarem as mãos para explorar o ambiente e, em situações de perigo, tentarem proteger-se instintivamente. Em contrapartida, a parte mais afetada no estudo de Nigro *et al.*, (2019) foi a região do tronco, principalmente em acidentes envolvendo derramamento de líquidos.

O tratamento de crianças vítimas de queimaduras envolve procedimentos tanto cirúrgicos quanto não cirúrgicos. O desbridamento é uma intervenção cirúrgica mais comum, essencial para remover tecidos danificados e prevenir infecções, enquanto os enxertos são aplicados em lesões mais graves. A troca de curativos, realizada em todos os pacientes, é crucial para a limpeza das feridas e redução de infecções. A variação na necessidade de intervenções mais complexas destaca a importância de um atendimento individualizado, adequado à gravidade de cada caso (Bartholo *et al.*, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil epidemiológico de crianças vítimas de queimaduras revela que a faixa etária mais afetada é de 1 a 5 anos, sexo masculino, sendo os agentes térmicos os causadores responsáveis. Quanto ao grau, foi mais evidente a queimadura de 2º grau, e as partes do corpo

mais afetadas oscilaram entre membros superiores e tronco. E os procedimentos envolvem tanto cirúrgico quanto não cirúrgico. Estes fatores de risco reforçam a necessidade de medidas preventivas e educativas, além de intervenções eficientes de saúde pública.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. A. F.; SILVA, S. B. M.; MARUYAMA, A. B. A.; GOMES, M. D.; MULLER, K. T. C.; AMARAL, M. A. O. Estudo epidemiológico de queimaduras em crianças atendidas em hospital terciário na cidade de Campo Grande/MS. **Revista Brasileira de Queimaduras**, v. 18, n. 2, p. 71-77, 2019. Disponível em:

<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/09/1119494/v18n2a02.pdf> Acesso em: 20 nov. 2024

BARTHOLO, B.; LUIZ, S. M. F.; SAVIOLLI, F. F. M.; FELCAR, J. M. Atuação fisioterapêutica e perfil epidemiológico de crianças queimadas admitidas em um centro de referência de queimaduras de um hospital universitário. **Revista Brasileira de Queimaduras**, v. 21, n. 1, p. 29-37, 2022. Disponível em: <http://rbqueimaduras.org.br/export-pdf/532/v21n1a06.pdf> Acesso em: 19 nov. 2024.

GRADIM, J. G. P.; MISAEL, E. B. P. B.; ZAMPAR, E. F.; GABANI, F. L.; TACLA, M. T. G. M.; FERRARI, R. A. P. Crianças e adolescentes queimados: Perfil de internação em um centro de tratamento especializado. **Revista Brasileira de Queimaduras**, v. 20, n. 1, p. 35-39, 2021. Disponível em: <http://www.rbqueimaduras.com.br/export-pdf/518/v20n1a07.pdf> Acesso em: 19 nov. 2024.

NIGRO, M. V. A. S.; MASCHIETTO, S. M.; DAMIN, R.; COSTA, C. S.; LOBO, G. L. A. Perfil epidemiológico de crianças de 0-18 anos vítimas de queimaduras atendidas no Serviço de Cirurgia Plástica e Queimados de um Hospital Universitário no Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 34, n. 4, p. 504-508, 2019. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/2177-1235.2019RBCP0230> Acesso em: 18 nov. 2024.

QUEIROZ, J. H. M.; BARRETO, K. L.; LIMA, J. S. Crianças vítimas de queimaduras hospitalizadas em centro de referência de Fortaleza-Ceará em 2017. **Revista Brasileira de Queimaduras**, v. 18, n. 1, p. 23-26, 2019. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/06/1100103/v18n1a05.pdf> Acesso em: 20 nov. 2024.

RIGON, A. P.; GOMES, K. K.; POSSER, T.; FRANCO, J. L.; KNIHS, P. R.; SOUZA, P. Perfil epidemiológico das crianças vítimas de queimaduras em um hospital infantil da Serra Catarinense. **Revista Brasileira de Queimaduras**, v. 18, n. 2, p. 107-112, 2019. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/09/1119561/v18n2a08.pdf> Acesso em: 20 nov. 2024.

SILVESTRE, P. R.; PIMENTA, S. F.; ZAMPAR, E. F.; PIMENTA, R. A. Perfil clínico-epidemiológico das queimaduras em crianças hospitalizadas em centro especializado. **Revista Brasileira de Queimaduras**, v. 22, n. 1, p. 32-39, 2023. Disponível em: <http://rbqueimaduras.org.br/export-pdf/548/v22n1a06.pdf> Acesso em: 18 nov. 2024.

ALEITAMENTO MATERNO NO CONTEXTO DA PREMATURIDADE: BENEFÍCIOS E ESTRATÉGIAS DE APOIO À MÃE E AO BEBÊ

Kesia Dias Alves Canuto¹; Milena Cristina Silva de Paulo²; Anne Karoline da Silva Alcantara³; Bruna Evellyn dos Santos Sales Ribeiro⁴; Luanny Regina de Oliveira Santos

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá¹, Graduanda em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá², Graduanda em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá³, Graduanda em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá⁴, Enfermeira Graduada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Residência em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal Fluminense.

kesiadac@gmail.com

RESUMO

A prematuridade é a principal causa de morte em crianças menores de 1 ano e caracteriza-se pelo nascimento que ocorre antes da 37ª semana de gestação. A prematuridade aumenta consideravelmente os índices de morbimortalidade infantil. Estima-se que na taxa mundial nasçam 15 milhões de bebês prematuros a cada ano. No Brasil, representa cerca de 11% dos nascimentos. Trata-se de uma revisão de literatura, com busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a partir dos descritores: “aleitamento materno” e “prematividade”. Foram excluídos artigos publicados a mais de 5 anos, que não tivessem no idioma português, incompletos ou que não disponibilizassem seu texto completo gratuitamente. 4 foram selecionados para compor a pesquisa. Os benefícios do leite materno para o recém-nascido prematuro são inquestionáveis, inclusive auxiliando no bom desenvolvimento e prognóstico deste. A amamentação traz benefícios que vão além do fornecimento de nutrientes, a transferência de imunidade passiva e desenvolvimento do sistema imunológico, contribuem para o desenvolvimento neurocognitivo. O fortalecimento do vínculo mãe-bebê deve ser considerado também nesta perspectiva. Portanto, é preciso compreender que os profissionais da saúde que assistem essas mães e bebês devem estar aptos a lidar com todos esses fatores que permeiam a prematuridade e a amamentação.

Palavras-chave: aleitamento materno; prematuridade.

1 INTRODUÇÃO

A prematuridade é a principal causa de morte em crianças menores de 1 ano e caracteriza-se pelo nascimento que ocorre antes da 37ª semana de gestação, podendo ser classificada, de acordo com a idade gestacional, em prematuro moderado a tardio (32ª a 36ª semanas e 6 dias de idade gestacional), muito prematuro (28ª semanas a 31ª semanas e 6 dias de idade gestacional) e extremamente prematuro (idade gestacional inferior a 28ª semanas). As causas podem ser diversas, relacionadas à gestação, história pregressa da gestante ou ainda, condutas médicas. A prematuridade aumenta consideravelmente os índices de morbimortalidade infantil.

Estima-se que na taxa mundial nasçam 15 milhões de bebês prematuros a cada ano. No Brasil, representa cerca de 11% dos nascimentos. Dentre esses, estão os prematuros tardios, representando 75% de todos os prematuros. Os recém-nascidos prematuros tardios (RNPTT) apresentam tamanho e peso condizentes aos recém-nascidos a termo; contudo, quando comparados, manifestam maiores riscos de complicações quanto ao nascimento, e por

consequente, para o decorrer na vida. Sendo uma dessas complicações, por exemplo, a desnutrição.

Os principais fatores de risco relacionados à prematuridade, são: a falta de realização no acompanhamento pré-natal; fatores fisiológicos, tal como o parto prematuro prévio; complicações maternas; idade avançada da mãe; infecções maternas; descolamento de placenta, dentre outras. Porém, a idade gestacional muito baixa, o baixo peso ao nascimento e a ocorrência de sepse apresentam-se como os maiores fatores de risco para o mau prognóstico e até para a mortalidade infantil, o que culmina na maior necessidade de cuidados especializados e intensivos por esses recém-nascidos prematuros para se adaptarem à vida extrauterina.

Dar à luz a um RNPT que necessite de internação, gera aflição, sofrimento aos pais, tensões emocionais, além de prognósticos ruins para esse recém-nascido. Deste modo, o acompanhamento pré-natal permanece sendo importante e promotor de melhores desfechos maternos e neonatais, considerando o rastreamento de riscos para o binômio que deve ser realizado à cada consulta.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, com busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), a partir dos descritores: “aleitamento materno” e “prematuridade”, respectivamente com o uso do marcador “AND”. Foram excluídos artigos publicados a mais de 5 anos, que não tivessem no idioma português, incompletos ou que não disponibilizassem seu texto completo gratuitamente. A busca de artigos pautou-se pela seleção de periódicos que evidenciavam quais problemas podem ocorrer na efetivação da amamentação no contexto de um nascimento pré-termo, e, quais intervenções podem ser feitas para melhorar o índice de aleitamento materno na prematuridade, além de evidências científicas que comprovam o benefício da manutenção do aleitamento para a saúde física do recém-nascido, assim como benefícios para a pessoa que gestou e amamentou. Dessa forma, de 56 artigos foram encontrados e 4 foram selecionados para compor a pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O processo relacionado ao nascimento dos RNPTT expõe dificuldades e desafios, tanto para a mãe que se responsabiliza pelas demandas do RN, mas também ao RN, devido ao seu nascimento precoce e abrupto. O suporte, acolhimento e informações de profissionais qualificados nesse momento é de extrema importância para a superação deste cenário de incertezas.

Os recém-nascidos vivenciam particularidades específicas, em virtude da imaturação gestacional, devido ao parto prematuro. Os RNPTT podem apresentar disfunções fisiológicas e neurológicas, limitando o processo de deglutição, sucção e o desenvolvimento psicomotor, dificuldades estas, que podem comprometer o aleitamento materno efetivo. Por conseguinte, há de se considerar possíveis repercussões no estado nutricional da criança, em sua habilidade de se defender de infecções, e também, no seu desenvolvimento cognitivo e emocional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2024). A ação nutritiva e imunológica do leite materno auxilia na defesa do organismo e proteção contra agentes invasores, além de promover crescimento e desenvolvimento infantil adequado para cada faixa etária.

É importante ressaltar que a promoção e incentivo ao aleitamento materno é fundamental para a permanência do mesmo de forma exclusiva durante os 6 primeiros meses de vida do bebê. Tal ação é fundamentada na Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno, do Ministério da Saúde. Compreender as barreiras emocionais e psicológicas da mãe neste processo, é o primeiro passo para que haja a continuidade do

aleitamento materno. Devido aos estresses relacionados e ao desgaste emocional envolvidos nesse processo, há uma redução na probabilidade de duração do aleitamento materno pelo período recomendado.

O sucesso do aleitamento materno depende também de fatores relacionados à capacidade do recém-nascido. A avaliação de sucção e respiração e aos fatores que se relacionam à mãe, como: baixa ou alta produção de leite, são demandas comuns no manejo da assistência ao binômio mãe-bebê no que se refere ao apoio na amamentação na prematuridade. Conhecimento, acolhimento e assistência individualizada e efetiva, podem impactar de maneira significativa na permanência e prolongamento do período de aleitamento materno.

O método canguru se apresenta como uma estratégia de alta relevância quando se trata de encorajamento ao aleitamento materno na prematuridade. Este método promove a amamentação por consequência do estímulo ao contato pele a pele entre mãe e bebê, além de outros benefícios. O recém-nascido recebe calor, auxiliando na termorregulação; alimentação, através do leite materno e também, é possível estreitar o vínculo mãe-bebê. A execução do método é eficiente quando ofertado pela equipe assistencial, gerando resultados positivos de curto e longo prazo. A equipe de profissionais precisa ter capacitação para promover uma assistência qualificada e um olhar empático, levando em consideração a individualidade da mãe e bebê e contexto familiar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo trouxe a reflexão sobre a importância do olhar da equipe assistencial para este contexto da amamentação na prematuridade. Os benefícios do leite materno para o recém-nascido prematuro são inquestionáveis, inclusive auxiliando no bom desenvolvimento e prognóstico deste. A amamentação traz benefícios que vão além do fornecimento de nutrientes, a transferência de imunidade passiva e desenvolvimento do sistema imunológico, contribuem para o desenvolvimento neurocognitivo. O fortalecimento do vínculo mãe-bebê deve ser considerado também nesta perspectiva.

Portanto, é preciso compreender que os profissionais da saúde que assistem essas mães e bebês devem estar aptos a lidar com todos esses fatores que permeiam a prematuridade e a amamentação. O acolhimento desta família; o acompanhamento individualizado, compreendendo cada pessoa e seu contexto familiar; além da assistência oportuna e efetiva, são ferramentas que o profissional deve lançar mão para a promoção e incentivo do aleitamento materno na prematuridade.

REFERÊNCIAS

WERNECK, B. Percepção materna sobre os fatores que interferem na amamentação de prematuros. **CODAS**, v. 36, n. 5, p. 1-7, 2024.

REIS, B. Vivências no processo de aleitamento materno de mães de recém-nascidos prematuros internados em um hospital público do município de Guarapuava-PR. **Demetra**, v. 19, n. 1, 2024.

GOMES, A. Aleitamento materno no contexto da prematuridade: estudo comparativo. **Saúde em redes**, v. 9, n. 3, 2023.

TRONCO, C. APOIO SOCIAL PARA O ALEITAMENTO MATERNO: PERCEPÇÃO DAS MÃES DE RECÉM-NASCIDOS PREMATUROS TARDIOS. **Revista Baiana Enfermagem**, v. 36, n. 10, 2022.

PERSPECTIVAS DO ALEITAMENTO MATERNO NA POPULAÇÃO NEGRA

Séphora Juliana dos Santos¹; Pedro Ivo da Silva Lima²; Shênia Maryane dos Santos³; Ellen Karen de Jesus Amaral⁴.

Enfermeira pela Universidade Federal de Sergipe¹, Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Maurício de Nassau², Graduanda em enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe³, Enfermeira pelo Centro Universitário Estácio de Sergipe⁴.

enf.sephorasantos@gmail.com

RESUMO

O leite materno é o principal alimento na primeira etapa da vida, exclusivamente até os seis meses e de forma complementar até os dois anos de idade da criança. Porém, nem todas as mães têm a mesma possibilidade de oferta nesse período, muitas necessitam retornar a rotina de trabalho antecipadamente ou não têm acesso a orientação direcionada. Estudos abordam que historicamente mães negras são discriminadas no cuidado à saúde, em questões como a amamentação. Com isso, esse estudo busca explorar os principais achados da literatura acerca das barreiras enfrentadas pelas mulheres negras no aleitamento materno. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura realizada em três bases de dados, considerando um período de dez anos, com o uso dos descritores “Aleitamento Materno”, “População Negra” e do operador booleano “AND”. A amostra final foi de 04 estudos. É perceptível a existência de lacunas significativas na literatura, o número limitado de estudos reforça essa necessidade.

Palavras-chave: aleitamento materno; população negra; Saúde Pública.

1 INTRODUÇÃO

O aleitamento materno (AM) é considerado a forma de alimentação mais adequada e completa para a nutrição infantil, especialmente nos primeiros dois anos de vida. Além de sua riqueza nutricional, o leite humano desempenha um papel crucial na proteção imunológica, oferecendo componentes bioativos que fortalecem o sistema de defesa da criança contra diversas doenças. Nenhuma outra fonte alimentar consegue replicar essas características imunológicas únicas que a mãe transfere nos primeiros meses de vida, proporcionando suporte ao sistema imunológico da criança (BRASIL, 2021).

O aleitamento materno exclusivo (AME) oferece benefícios também à saúde da mãe, como contribuições para a saúde reprodutiva. Além disso, o AME exerce um impacto positivo no fortalecimento do vínculo afetivo entre mãe e filho, além de promover o desenvolvimento cognitivo e físico da criança. Os efeitos dessa prática são duradouros, com benefícios que se estendem ao longo da vida da criança, influenciando no seu bem-estar (Silva e Silva, 2022).

Apesar da prática da amamentação exclusiva ser orientada por pelo menos seis meses de vida, estudos abordam a baixa prevalência do AME, que pode estar diretamente associada a fatores como mitos e práticas relacionadas à cultura materna enraizada, a comercialização e praticidade de alimentos ultraprocessados. Ademais, situações de vulnerabilidade social e acesso limitado a informações impactam diretamente (Santos *et al.*, 2024).

Ao considerar esses fatores, questões relacionadas à rotina da mãe podem ser associadas à não continuidade da exclusividade do AME, como possuir um trabalho ativo. Apesar da licença-maternidade garantir um período de afastamento para as trabalhadoras que possuem vínculo empregatício formal, o público que não tem essa possibilidade não consegue ter essa

garantia e na maioria das vezes tende a retornar ao trabalho antes desse período. Ademais, ao verificar a rotina trabalhista atual, o retorno ao serviço com uma mudança brusca de rotina tende a impactar na redução do aleitamento (Fanta e Cherie, 2020).

Além disso, ao realizar um recorte raça/cor, os dados demonstram que mães negras são frequentemente submetidas à discriminação relacionada a cuidados de saúde, incluindo a amamentação. Uma pesquisa aborda práticas preconceituosas em relação a mães negras, como proporcionar menos ajuda em problemas de amamentação e menos encaminhamentos de apoio à lactação. A visualização de práticas do racismo estrutural nos sistemas de saúde levou à desconfiança das práticas de saúde de diversos profissionais e provavelmente exacerbou as disparidades raciais na amamentação (Robinson, Fial e Hanson, 2019; Safon *et al.*, 2021).

A partir disso, se faz necessário explorar os principais achados da literatura acerca das barreiras enfrentadas pelas mulheres negras no aleitamento materno.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que teve como pergunta norteadora: Quais as barreiras enfrentadas pelas mulheres negras no início e na manutenção do AM?

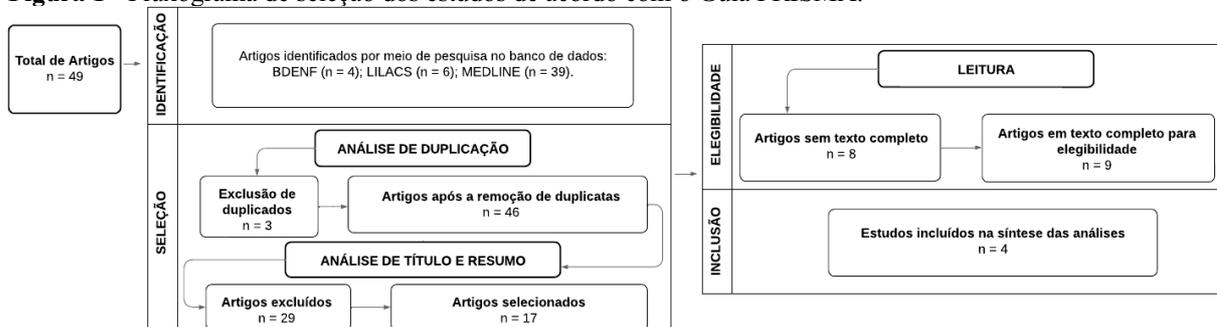
A pesquisa bibliográfica foi realizada com um período de coleta de dez anos, considerando de janeiro de 2014 a janeiro de 2024. Foi realizada em três bases de dados, sendo elas: BDEFN (Base de dados em Enfermagem), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e MEDLINE (National Library of Medicine's).

Os descritores foram selecionados pelo DeCS (Descritores em Ciências da Saúde). A estratégia de busca em combinação com o auxílio do operador booleano foi: Aleitamento Materno AND População Negra. E o correlato em inglês: Breast Feeding AND Black People.

Os critérios de inclusão foram: produções que abordam a amamentação na população de mães negras, que estejam disponíveis de forma eletrônica e gratuita na íntegra em qualquer idioma. Como critérios de exclusão foram elencados resumos, manuais teóricos e duplicatas.

Com foco na melhora da apresentação do método de seleção dos artigos, foi estruturado um fluxograma através do guia dos Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises (PRISMA). Assim, foram identificadas 49 publicações nas bases de dados. Dessas, foram excluídos 32 estudos. A partir disso, foram elencados nove artigos para leitura do texto completo. Após a leitura na íntegra, a amostra final foi composta por quatro artigos científicos. O processo de pesquisa e seleção da amostra está na Figura 1.

Figura 1 - Fluxograma de seleção dos estudos de acordo com o Guia PRISMA.



Fonte: Santos et. al., 2024.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a busca, foram selecionados quatro artigos. O Quadro 1 descreve os estudos conforme autoria do estudo, ano de publicação, título, local do estudo e principais resultados.

Quadro 1 - Quadro síntese com artigos selecionados.

AUTORIA E ANO	TÍTULO	LOCAL DO ESTUDO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Gallegos, Vicca e Streiner, 2013.	Breastfeeding beliefs and practices of African women living in Brisbane and Perth, Australia.	Austrália	Mulheres de comunidades africanas combinaram crenças e práticas tradicionais de amamentação com as praticadas na Austrália. Destacou-se a interação de crenças, práticas e espaços culturais e sociais.
Lutenbacher, Karp e Moore, 2015.	Reflections of Black Women Who Choose to Breastfeed: Influences, Challenges and Supports.	Estados Unidos	A maioria das mulheres recebeu pouca ajuda com a amamentação de provedores ou sistemas de saúde. Mais influente foi a interação de membros da família, mitos e a internet.
Oliveira <i>et al.</i> , 2019.	Resultados perinatais e do primeiro ano de vida segundo cor da pele materna: estudo de coorte	Brasil	A vigência do aleitamento materno foi mais favorável entre as mulheres negras. Apesar da situação sociodemográfica desfavorável, mulheres negras não tiveram piores resultados.
Carlin <i>et al.</i> , 2021.	Impact of Personal Social Network Types on Breastfeeding Practices in United States-Born Black and White Women.	Estados Unidos	A raça negra foi positivamente correlacionada com amamentação exclusiva ou alimentação mista para mães com redes exclusivas (rede de apoio centrada em auxílio parentesco).

Fonte: Santos et. al., 2024.

Ao considerar os estudos abordados, 04 estudos abordaram o tema central da pesquisa, o aleitamento materno na população negra. A maioria dos estudos foram realizados nos Estados Unidos a mais de cinco anos atrás.

O artigo de Gallegos, Vicca e Streiner (2013) refere como na Austrália há uma baixa visibilidade em relação à amamentação, no local é considerado um ato vergonhoso. Porém, esse fato não intimidou mães africanas que vivem no país, já que utilizaram crenças e práticas tradicionais de amamentação nos seus filhos. Este achado vai de encontro à literatura ao identificar que crenças sociais como “amamentar é um certificado de boa mãe” ou até como “leite materno é uma vacina natural” reforçam a prática de amamentação como positiva (Gallegos, Vicca e Streiner, 2013; Sales, Castanha, Aléssio, 2017).

Lutenbacher, Karp e Moore (2015) identificaram que a maioria das mulheres recebeu pouca ajuda com a amamentação de profissionais ou serviços de saúde nos Estados Unidos. Este tipo de conduta não é incomum entre as equipes de saúde, um estudo de 2019 corrobora com a informação e aponta as barreiras na promoção de saúde do bebê e da genitora, e expõe o racismo institucional e estrutural presente nas práticas em saúde, que afeta a saúde física e mental dos envolvidos (Lutenbacher, Karp e Moore, 2015; Robinson, Fial e Hanson, 2019).

A pesquisa brasileira de Oliveira (2019), aborda que os melhores índices de aleitamento materno foram de mães negras. Apesar do quantitativo de mães negras compor 34,7% da amostra do estudo, ainda assim apresentou vigência do aleitamento materno mais favorável. Ademais, Carlin (2021) também identificou que a amamentação na população negra foi positiva em sua pesquisa realizada com 402 mães. O que corrobora com um estudo que analisou famílias negras que optam pela amamentação de longo prazo, realizado na Pensilvânia, que identificou uma duração média do aleitamento materno de 21 meses do filho atualmente amamentado (Oliveira *et al.*, 2019; Carlin *et al.*, 2021; Acquaye e Spatz, 2024).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da busca em bases de dados relevantes, os achados foram extremamente reduzidos, com muitos estudos não disponíveis ou sem uma abordagem específica sobre a questão racial e a amamentação. Além disso, é perceptível a existência de lacunas significativas na literatura existente. O número limitado de estudos encontrados reforça a necessidade urgente de mais pesquisas sobre o tema.

Este estudo destaca a importância de considerar o recorte racial no contexto do aleitamento materno, sugerindo que futuras pesquisas abordem a qualidade dos serviços de saúde disponíveis para esse grupo populacional, bem como o impacto do racismo estrutural, que ainda persiste e influencia as práticas dos profissionais de saúde.

REFERÊNCIAS

ACQUAYE, S. N.; SPATZ, D. L. Black Families Who Choose Long-Term Breastfeeding. **MCN: The American Journal of Maternal/Child Nursing**, v. 49, n. 1, p. 15–21, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para crianças brasileiras menores de dois anos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

CARLIN, R. F. et al. Impact of Personal Social Network Types on Breastfeeding Practices in United States-Born Black and White Women. **Breastfeeding Medicine**, v. 16, n. 10, p. 807–813, 2021.

GALLEGOS, D.; VICCA, N.; STREINER, S. Breastfeeding beliefs and practices of African women living in Brisbane and Perth, Australia. **Maternal & Child Nutrition**, v. 11, n. 4, p. 727–736, 2013.

LUTENBACHER, M.; KARP, S. M.; MOORE, E. R. Reflections of Black Women Who Choose to Breastfeed: Influences, Challenges and Supports. **Maternal and Child Health Journal**, v. 20, n. 2, p. 231–239, 2015.

OLIVEIRA, J. E. et al. Resultados perinatais e do primeiro ano de vida segundo cor da pele materna: estudo de coorte. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 53, 2019.

ROBINSON, K.; FIAL, A.; HANSON, L. Racism, Bias, and Discrimination as Modifiable Barriers to Breastfeeding for African American Women: A Scoping Review of the Literature. **Journal of Midwifery & Women's Health**, v. 64, n. 6, p. 734–742, 2019.

SAFON, C. B. et al. Disparities in Breastfeeding Among U.S. Black Mothers: Identification of Mechanisms. **Breastfeeding Medicine**, v. 16, n. 2, p. 140–149, 2021.

SALES, C.; CASTANHA, A.; ALÉSSIO, R. Aleitamento materno: representações sociais de mães em um Distrito Sanitário da cidade do Recife. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 69, n. 1, p. 184–199, 2017.

SANTOS, S. J. et al. Qualidade da alimentação complementar em crianças brasileiras. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 10, p. e17821–e17821, 2024.

SILVA, F. K.; SILVA, N. C. Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, v. 14, n. 1, p. 101–114, 2022.

PROGRAMA PREVDROGAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA

Annuara Cechett¹; Fernanda Dal'Maso Camera².

Graduanda em fisioterapia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões¹, Docente do curso de fisioterapia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões².

annuaracechett7@gmail.com

RESUMO

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2024), a educação dos jovens para torná-los resistentes às situações adversas da adolescência é essencial para evitar futuros problemas de saúde. O objetivo deste trabalho é relatar a vivência de uma bolsista/acadêmica de fisioterapia, em um projeto sobre prevenção ao uso de drogas na adolescência. As atividades foram desenvolvidas em conjunto com alunos do EF II, com o intuito de orientar os estudantes em relação às drogas, bem como promover medidas de prevenção e promoção à saúde. Foram realizadas palestras de orientação a respeito do uso das drogas e seus malefícios à saúde humana, que posteriormente foram apresentadas aos estudantes. Como conclusão, as atividades realizadas pelo projeto foram de extrema importância para o conhecimento e orientação desses estudantes, a respeito do uso indevido e riscos de diversas substâncias químicas. O Programa PREVDROGAS proporcionou debates sobre uma temática que ainda não é falada abertamente nas escolas e demonstrou-se eficaz no estímulo do diálogo entre pais e filhos sobre o uso das drogas, e assim destaca-se a relevância de implementação de medidas de prevenção, como essa, em outras instituições educacionais com o intuito de ampliar o alcance desta iniciativa, sendo uma contribuição valiosa para a sociedade.

Palavras-chave: prevenção; drogas; adolescência.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento compreendida no meio de diversos paradigmas, sendo uma fase marcada por modificações em busca da construção social e moral do indivíduo (Santos, 2020).

O uso precoce de drogas nesta fase vem sofrendo um aumento significativo nos últimos anos. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar de 2019, 11,1% dos estudantes brasileiros relataram que fumaram cigarro pela primeira vez antes dos 14 anos.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2024), a educação dos jovens para torná-los mais resistentes às situações adversas desta fase, é essencial para evitar futuros problemas de saúde.

Dessa forma, o presente estudo trata-se de um relato de experiência referente ao projeto de extensão da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), intitulado como “Programa PREVIDROGAS: extensão universitária na prevenção do consumo de drogas lícitas aos estudantes do Ensino Fundamental II”, vivenciado pela bolsista Annuara Cechett, acadêmica do curso de fisioterapia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- Campus Erechim/RS.

Logo, o objetivo deste trabalho foi relatar a vivência de uma bolsista e acadêmica do curso de fisioterapia, participante de um projeto de extensão sobre a prevenção ao uso de drogas na adolescência.

2 METODOLOGIA

As atividades programadas foram desenvolvidas pela Prof.^a Fernanda Dal'Maso Camera e a bolsista Annuara Cechett, juntamente com os estudantes do Ensino Fundamental II da Escola Básica da URI Erechim, com o intuito de orientar os estudantes em relação às drogas, bem como promover medidas de prevenção e promoção à saúde.

Todas as ações realizadas fazem parte do Programa PREVDROGAS da Escola Básica da URI, criado em 2018 pela Prof.^a. Fernanda Dal'Maso Camera, que permanece com suas atividades à todos os estudantes do Ensino Fundamental II, e implementado no ano de 2024, também, aos estudantes do Ensino Médio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O projeto, vivenciado pela bolsista, desenvolveu ações de educação em saúde na prevenção do consumo de drogas lícitas, na aquisição de conhecimentos sobre as mesmas tal qual seus efeitos na saúde, proporcionando experiências de relacionamento interdisciplinar e multiprofissional ao promover o diálogo de professores com estudantes, famílias e comunidade local. Ainda, as atividades propostas estimularam a espontaneidade de conversar sobre as drogas, facilitando a comunicação dos estudantes com os pais ou responsáveis e professores.

Dessa maneira, foram realizados levantamentos bibliográficos à cerca das principais substâncias consumidas pelos adolescentes para a elaboração de palestras de orientação a respeito do uso das drogas e seus malefícios à saúde humana, que posteriormente foram apresentadas aos estudantes participantes do projeto.

Dentre os assuntos abordados destacam-se o uso da bebida alcoólica, além do cigarro eletrônico, onde os estudantes demonstraram-se extremamente participativos e engajados nos assuntos, realizando diversos questionamentos sobre a temática abordada.

D'Orazio et al (2013), ressaltam a importância da implementação de programas de prevenção que instiguem a reflexão em torno do uso de drogas dentro das escolas, por ser um espaço privilegiado de aprendizado, podendo contribuir para práticas de orientação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as atividades propostas e idealizadas pelo projeto foram de extrema importância para o conhecimento e orientação desses estudantes, a respeito do uso indevido e riscos de diversas substâncias químicas. O Programa PREVDROGAS proporcionou debates sobre uma temática que ainda não é falada abertamente nas escolas, o que deveria ser rotineiro já que muitas vezes o primeiro contato acontece na adolescência, e é na escola que esses estudantes passam a maior parte do seu tempo.

Ademais, o Programa demonstrou-se eficaz no estímulo do diálogo entre pais e filhos sobre o uso das drogas, tendo uma repercussão muito positiva e assim, tornou-se contínuo e permanente na Escola Básica da URI.

Por fim, destaca-se a relevância da continuidade de medidas de prevenção, como a deste projeto, para a implementação em outras instituições educacionais com o intuito de ampliar o alcance desta iniciativa, visto que a mesma traz uma contribuição valiosa para a sociedade.

REFERÊNCIAS

D'ORAZIO, Wilcker Pereira Silva *et al.* Uso de drogas e desempenho escolar entre jovens e adolescentes do ensino médio de uma escola pública de Pires do Rio–GO. **Holos**, v. 29, n. 5, p. 305-314, 2013.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Adolescent health. **Organização Pan-Americana da Saúde**, 2024. Disponível em: <https://www.paho.org/en/topics/adolescent-health>. Acesso em: 28 nov. 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019. Rio de Janeiro: **IBGE**; 2021

SANTOS, Laís Katharina da Paixão dos, SATANA, Cláudia de Carvalho e SOUZA, Marta Vanessa Oliveira de. Ações para o fortalecimento da resiliência em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2020, v. 25, n. 10 [Acessado 28 Novembro 2024], pp. 3933-3943. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.22312018>>. Epub 28 Set 2020. ISSN 1678-4561.

ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Annuara Cechett¹; Fernanda Dal'Maso Camera².

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões¹

Docente do curso de Fisioterapia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões²

annuaracehett7@gmail.com.br

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se como alterações no neurodesenvolvimento, marcado por modificações na capacidade de comunicação, na interação social e no comportamento da criança como um todo, além de atrasos de desenvolvimento. Em razão da diversidade de desafios que a criança com TEA vivencia, a integração de uma equipe multiprofissional, composta também por fisioterapeutas, é fundamental para um tratamento eficaz. Destacando a relevância do tema, o presente estudo tem como objetivo analisar a eficácia da fisioterapia aplicada em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica a partir de artigos científicos, localizados através dos periódicos *PubMed*, *LILACS* e Periódicos Capes. De acordo com os resultados, o tratamento fisioterapêutico alinhado com outras terapias demonstra-se eficaz para o avanço do desenvolvimento motor, melhora no equilíbrio, regulação do tônus, promove melhora na interação social, bem como na saúde mental e bem estar geral do paciente. Portanto, conclui-se que a fisioterapia tem um papel fundamental no tratamento das crianças diagnosticadas com o TEA, apresentando melhorias que vão desde avanços no desenvolvimento motor, cognitivo e sensorial, até benefícios na questão psicossocial.

Palavras-chave: autismo; fisioterapia; tratamento.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se como alterações no neurodesenvolvimento, marcado por modificações na capacidade de comunicação (verbal ou não verbal), na interação social e no comportamento da criança como um todo (Martins, 2022).

De acordo com a Organização Pan- Americana da Saúde, o TEA se manifesta já nos primeiros anos de vida, persistindo durante a adolescência e vida adulta, e embora alguns indivíduos consigam viver de forma totalmente independente, certos níveis deste distúrbio necessitam de acompanhamento ao longo dos anos. (OPAS,2020).

Além das alterações psicossociais, muitas crianças desenvolvem anormalidades motoras, como alterações na sequência de movimentos voluntários coordenados, atraso de desenvolvimento motor, déficit de equilíbrio, alterações do tônus muscular além de desregulações no ciclo da marcha (Inoue, 2019).

Em razão da diversidade de desafios que a criança com TEA vivencia, a integração de uma equipe multiprofissional composta por psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos é fundamental para um tratamento eficaz (Rocha, 2024). Nesse contexto, a fisioterapia se destaca tanto por atuar na parte física da criança, quanto na promoção de benefícios emocionais e no âmbito social, facilitando a interação com a família e sociedade.

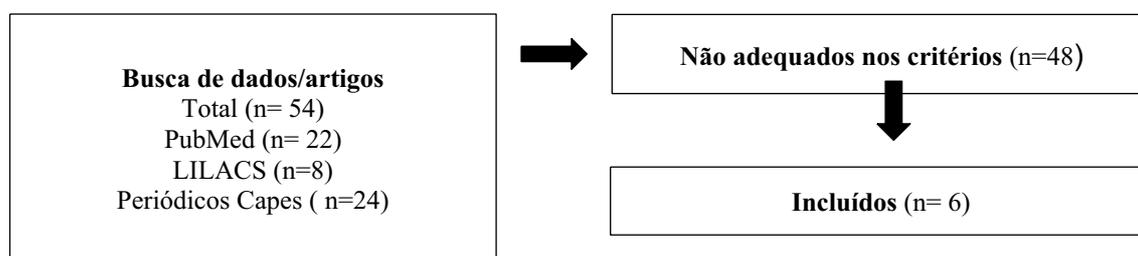
Destacando a relevância do tema, o presente estudo tem como objetivo analisar a eficácia da fisioterapia aplicada em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica a partir de artigos científicos, dando prioridade para publicações dos últimos 10 anos. Dentre as bases de dados utilizadas encontram-se os periódicos *PubMed*, *LILACS* e Periódicos Capes.

Desta forma, foram estabelecidos como critérios de inclusão, artigos que abordassem o tratamento fisioterapêutico em crianças com Transtorno do Espectro Autista e como critérios de exclusão, artigos que abrangessem protocolos em adultos bem como adolescentes ou que não especificassem a faixa etária dos participantes. Pesquisas duplicadas ou que utilizavam técnicas com eficácia ainda não comprovada, também foram excluídas.

Figura 1. Fluxograma com os resultados da seleção dos artigos



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados acerca dos artigos selecionados encontram-se apresentados a seguir na Tabela 1:

Tabela 1: Dados coletados dos artigos selecionados para a presente revisão bibliográfica.

AUTOR/ ANO	OBJETIVO	CONCLUSÃO
Daltro /2018	Avaliar a eficácia da intervenção fisioterapêutica em uma criança com TEA.	O tratamento fisioterapêutico em conjunto com as terapias de fonoaudiologia e terapia ocupacional contribuíram para evolução do índice de desenvolvimento motor e sensorial da criança.
Ferreira; Maricato e Muniz/ 2017	Analisar os benefícios que a equoterapia promove no tratamento de praticantes com TEA.	Benefícios nas alterações motoras, melhora no equilíbrio, ajustes posturais, coordenação, na regulação do tônus e no fortalecimento muscular. Também nas alterações relacionadas à interação social devido ao ambiente, o contato com a equipe e com outros praticantes.
Trindade; Prestes e Farias/ 2016	Avaliar e promover ganhos nos aspectos afetivos, cognitivo e motor através da música associada à fisioterapia	Identificaram-se ganhos cognitivos, motores e de interação social no grupo estudado. Necessitando-se de um maior período de intervenção e instrumentos de avaliações diagnósticas mais precisas e sensíveis para esta população.

De Oliveira/ 2019	Analisar os efeitos de intervenções terapêuticas baseadas na equoterapia	A equoterapia oferece efeitos benéficos para crianças autistas sobre aspectos motores, cognitivos e psicológicos, gerando benefícios no equilíbrio, concentração e postura.
Steiner/ 2015	Verificar os efeitos da equitação terapêutica no desenvolvimento de crianças com autismo	Diferenças significativas entre antes e depois da terapia na duração do ciclo da marcha que se tornou mais estável no plano sagital.
Mills/ 2020	Determinar se a hidroterapia influencia comportamentos que impactam a saúde mental e o bem-estar em crianças com TEA.	A hidroterapia melhora comportamentos que afetam a saúde mental e o bem-estar de crianças com TEA e pode ser considerada uma opção terapêutica benéfica.

Em conformidade com os resultados encontrados, Gaia e Freitas (2022), afirmam que o tratamento da criança com TEA através da fisioterapia, contribui no processo de desenvolvimento motor, trazendo benefícios na coordenação motora, equilíbrio e força muscular, além de estimular a função sensorial e prevenir limitações na execução das atividades funcionais.

Conforme Cruz e Pottker (2017), a equoterapia utiliza o cavalo como método terapêutico, visando trabalhar fatores motores, cognitivos e afetivos proporcionando o desenvolvimento de novas formas de socialização, comunicação, confiança e autoestima do indivíduo.

Ademais, a hidroterapia também demonstra-se como uma grande aliada no tratamento de crianças autistas, trazendo benefícios nos domínios motores, cognitivos e sócio-afetivos além de melhorar significativamente a qualidade de vida de crianças com TEA (Ferreira, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com bases nos dados coletados, conclui-se que a fisioterapia tem um papel fundamental no tratamento das crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista, apresentando melhorias que vão desde avanços no desenvolvimento motor, cognitivo e sensorial, regulação do tônus e fortalecimento muscular, até benefícios na questão psicossocial, onde a fisioterapia alinhada com uma equipe multidisciplinar, promove maior interação social e concentração, bem como melhora da saúde mental e bem-estar da criança com TEA.

Por fim, as discussões apresentadas são de extrema relevância, entretanto, percebe-se a fraca disponibilidade de conteúdos na literatura sobre a temática abordada, destacando a necessidade de novas pesquisas e debates na área do TEA associadas ao papel do fisioterapeuta, com o intuito de demonstrar à sociedade a importância de sua atuação para um tratamento de excelência.

REFERÊNCIAS

CRUZ, B. D. Q; POTTKER, C. A. As contribuições da equoterapia para o desenvolvimento psicomotor da criança com Transtorno de Espectro Autista. **Uningá Review**, v. 32, n. 1, p. 147-158, 2017.

DALTRO, M. C. S. L. Intervenção fisioterapêutica no transtorno do Espectro autista. **Fisioterapia Brasil**, v. 19, n. 5, p. S266-S271, 2018.

DE OLIVEIRA RIBEIRO, Fernando *et al.* Os efeitos da equoterapia em crianças com autismo. **Fisioterapia Brasil**, v. 20, n. 5, 2019.

FERREIRA, A. C. ; MARICATO, M. L. B; MUNIZ, G. M. M. Benefícios da equoterapia em pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP**, 2017.

FERREIRA, A. S. L.; FERREIRA, J. A. Q. Os benefícios da hidroterapia em crianças com transtorno espectro autista (TEA): revisão integrativa. **Saúde. Com**, v. 18, n. 3, 2022

INOUE, Tarita. Alterações motoras frequentes no TEA. **Canal Autismo**, 2019. Disponível em: <https://www.canalautismo.com.br/artigos/alteracoes-motoras-frequentes-no-tea/>. Acesso em: 11 de novembro de 2024.

MARTINS, Fran. TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. **Ministério da Saúde**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares> Acesso em: 06 de novembro de 2024.

MILLS, W. *et al.* Does Hydrotherapy Impact Behaviours Related to Mental Health and Well-Being for Children with Autism Spectrum Disorder? A Randomised Crossover-Controlled Pilot Trial. **International journal of environmental research and public health**, 17(2), 558. 2020. <https://doi.org/10.3390/ijerph17020558>

OPAS- Organização Pan-Americana da Saúde. Transtorno do espectro autista. **PAHO**, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 06 de Novembro de 2024.

ROCHA, C. da S.; RAIMUNDO, R. J. de S. O Papel do Fisioterapeuta em Crianças com Espectro do Autismo – TEA. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e141120, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1120. Disponível em: <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1120>. Acesso em: 6 nov. 2024.

STEINER, H.; KERTESZ, Z. *Effects of therapeutic horse riding on gait cycle parameters and some aspects of behavior of children with autism.* **Acta physiologica Hungarica**, 102(3), 324–335. 2015. <https://doi.org/10.1556/036.102.2015.3.10>

TRINDADE, N. G.; PRESTES, E.; FARIAS, N. C. A música como auxílio no tratamento fisioterapêutico em pacientes com autismo: estudo de caso. **Revista FisiSenectus**, Chapecó, Brasil, v. 3, n. 2, p. 3–11, 2016. DOI: 10.22298/rfs.2015.v3.n2.3128.

O PAPEL DO BRINCAR NA PSICOTERAPIA INFANTIL

Felipe Augusto Melo de Medeiros¹; Ana Beatriz Arrais de Araújo²; Karla Salgado Lima³;
Maria Luiza Silva Santiago⁴; Miguel Ferreira Júnior⁵

Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal¹, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU - Natal², Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte³, Graduando em Psicologia pela UNINASSAU – Natal⁴, Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁵

felipeeagustoo2003@gmail.com

RESUMO

O brincar na psicoterapia infantil é reconhecido como uma ferramenta essencial para a compreensão e intervenção no universo emocional das crianças. Este estudo tem como objetivo analisar o papel do brincar no contexto psicoterapêutico, considerando suas contribuições para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura em bases de dados como Scielo, PubMed e PePsic, abrangendo publicações entre 2018 e 2024, em português e inglês. Ao final, 12 artigos foram considerados elegíveis para análise qualitativa, com foco nas contribuições do brincar para o desenvolvimento emocional e no papel do terapeuta na condução de intervenções lúdicas. Os resultados apontaram que o brincar promove a expressão emocional, fortalece o vínculo terapêutico e auxilia no enfrentamento de dificuldades comportamentais e traumáticas. Conclui-se que o brincar é uma abordagem eficaz, permitindo que a criança elabore conflitos internos e desenvolva habilidades de resiliência em um ambiente seguro e acolhedor.

Palavras-chave: brincar; psicoterapia; desenvolvimento psicológico.

1 INTRODUÇÃO

A infância é um período de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, em que a brincadeira assume um papel central no desenvolvimento. Além de ser uma atividade natural e prazerosa, o brincar é também uma linguagem pela qual as crianças expressam suas emoções, conflitos e percepções sobre o mundo (Winnicott, 1975; Carvalho; Alves; Gomes, 2005). No contexto psicoterapêutico, o brincar ganha relevância como um meio de comunicação simbólica, permitindo que o terapeuta compreenda aspectos subjetivos e promova intervenções alinhadas às necessidades individuais da criança (Axline, 1947; Ocampo, 2019).

Pesquisas indicam que a psicoterapia infantil centrada no brincar oferece um ambiente seguro, onde a criança pode explorar e ressignificar experiências difíceis, favorecendo o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais (Landreth, 2012). Contudo, a aplicação dessa abordagem exige sensibilidade e conhecimento técnico por parte do terapeuta, que deve estar atento às nuances das interações lúdicas e ao significado simbólico das brincadeiras no contexto clínico.

Diante disso, este estudo tem como objetivo explorar o papel do brincar na psicoterapia infantil, investigando suas contribuições para o desenvolvimento emocional e os processos de superação de adversidades.

2 METODOLOGIA

O estudo foi conduzido por meio de uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de reunir evidências sobre o impacto do brincar na psicoterapia infantil (Souza; Silva; Carvalho, 2010) e escrito entre julho a setembro de 2024. A busca foi realizada nas bases de dados Scielo, PubMed e PePsic, utilizando os descritores "brincar", "psicoterapia infantil" e "desenvolvimento emocional". Os critérios de inclusão abrangeram artigos publicados entre 2020 e 2024, disponíveis em português e inglês, que apresentassem dados empíricos ou revisões teóricas sobre o tema.

A seleção seguiu etapas de triagem: leitura de títulos, análise de resumos e leitura completa dos textos. Foram excluídos artigos que não abordassem diretamente o brincar no contexto psicoterapêutico, resumos de eventos e publicações sem acesso integral. Ao final, 12 artigos foram considerados elegíveis para análise qualitativa, com foco nas contribuições do brincar para o desenvolvimento emocional e no papel do terapeuta na condução de intervenções lúdicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados desta revisão indicaram que o brincar ocupa um papel central na psicoterapia infantil, servindo como um meio de expressão simbólica e uma ferramenta terapêutica essencial para crianças em diferentes estágios de desenvolvimento emocional e cognitivo (Vasconcelos; Souza, 2022). Observou-se que o brincar oferece um espaço seguro para que as crianças externalizem sentimentos e experiências que, muitas vezes, não conseguem expressar verbalmente. Essa atividade lúdica facilita a comunicação entre o terapeuta e a criança, promovendo o fortalecimento da aliança terapêutica e criando oportunidades para intervenções específicas (Brito, 2021).

Estudos analisados destacaram que o brincar contribui para a resolução de conflitos internos e para a elaboração de situações traumáticas, sendo especialmente relevante em casos de ansiedade, depressão e traumas relacionados à violência (Souza; Velozo, 2023). Através da brincadeira, as crianças conseguem organizar suas emoções, confrontar medos e desenvolver estratégias de enfrentamento. Por exemplo, em brincadeiras de faz de conta, é comum que as crianças reproduzam aspectos de sua vida cotidiana ou de suas dificuldades, permitindo ao terapeuta identificar padrões emocionais e comportamentais e planejar intervenções individualizadas (Ducca, 2020).

Além disso, foi constatado que o brincar auxilia no desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas, incentivando a criatividade, o autocontrole e a capacidade de resolver problemas (Sousa; Pedrosa; Maciel, 2020). Crianças com dificuldades de socialização frequentemente demonstraram avanços significativos ao participar de atividades lúdicas que promovem interação e cooperação. Brincadeiras estruturadas em grupo foram associadas ao aumento da empatia, da assertividade e de comportamentos pró-sociais, contribuindo para a melhoria das relações interpessoais (Nascimento; Nascimento, 2022).

Outro ponto relevante foi a identificação de desafios na aplicação de intervenções baseadas no brincar. A falta de formação adequada de profissionais para interpretar e utilizar as brincadeiras de forma terapêutica foi um obstáculo apontado em diversos estudos. Também foi observado que o contexto sociocultural influencia significativamente o tipo de brincadeiras escolhidas pelas crianças, exigindo que o terapeuta adapte suas estratégias de acordo com a realidade da família e da comunidade (Klinger, 2020).

Por fim, a análise revelou que o brincar não só é um veículo para intervenções psicoterapêuticas, mas também um meio de avaliação diagnóstica. Através do comportamento lúdico, é possível observar indícios de transtornos emocionais, dificuldades de aprendizagem e alterações no desenvolvimento, possibilitando uma abordagem mais precisa e centrada nas necessidades da criança. No entanto, a implementação de práticas baseadas no brincar ainda

enfrenta desafios relacionados à disponibilidade de recursos materiais e ao tempo necessário para que os benefícios sejam plenamente alcançados (Nascimento; Nascimento, 2022; Sousa; Pedrosa; Maciel, 2020; Brito, 2021; Ducca, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o brincar desempenha um papel indispensável na psicoterapia infantil, não apenas como uma forma de intervenção, mas também como um recurso diagnóstico e um facilitador do vínculo entre terapeuta e criança. Através das brincadeiras, as crianças conseguem se expressar, processar emoções e desenvolver habilidades que contribuem para seu bem-estar psicológico e social. Essa prática se destaca como uma abordagem eficaz e adaptável, especialmente em contextos que demandam estratégias criativas e não verbais.

Apesar dos resultados positivos, a realização desta pesquisa enfrentou algumas dificuldades, como a limitação de estudos que abordem o brincar de maneira abrangente em contextos psicoterapêuticos e a ausência de padronização nos métodos de avaliação da eficácia dessas intervenções. Também se notou que, em muitos casos, a falta de formação especializada dos terapeutas impede a utilização plena desse recurso, sugerindo a necessidade de capacitações mais específicas para os profissionais da área.

Para estudos futuros, sugere-se investigar como diferentes modalidades de brincar podem ser integradas a intervenções para crianças com necessidades específicas, como transtornos do espectro autista ou dificuldades de aprendizagem. Além disso, seria relevante explorar o impacto das práticas lúdicas em diferentes contextos culturais, analisando como as particularidades socioculturais influenciam as escolhas e os resultados terapêuticos. Esses esforços poderão ampliar a compreensão sobre o papel do brincar e fortalecer sua aplicação na psicoterapia infantil.

REFERÊNCIAS

AXLINE, V. M. **Play Therapy**. Boston: Houghton Mifflin, 1947.

BENEDICT, M. I.; HORWITZ, S. M. Parent and child outcomes of play therapy: A review. **Journal of Clinical Child Psychology**, v. 50, n. 3, p. 123-134, 2020.

BRITO, R. A. C. DE et al. Da ludoterapia não-diretiva à ludoterapia centrada na criança - desenvolvimento histórico. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 213-226, ago. 2021.

CARVALHO, A. M.; ALVES, M. M. F.; GOMES, P. DE L. D. Brincar e educação: concepções e possibilidades. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 2, p. 217-226, maio 2005.

DUCCA, P. DA S. Os benefícios da ludoterapia e o uso do brinquedo terapêutico em unidades de terapia intensiva pediátrica. **Faculdade Sant'Ana em Revista, [S. l.]**, v. 4, n. 2, p. p. 256 – 266, 2020.

KLINGER, E. F. et al. O brincar como recurso de promoção à saúde em psicoterapia. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 10, n. 1, p. 145-155, 30 jun. 2020.

LANDRETH, G. **Play Therapy: The Art of the Relationship**. New York: Routledge, 2012.

NASCIMENTO, K. L. DO; NASCIMENTO, F. L. Psicologia infantil: a importância do brincar

no desenvolvimento da criança. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 10, n. 30, p. 57–79, 2022.

OCAMPO, S. P. Símbolo y comunicación - hacia un concepto de comunicación simbólica desde la teoría general de sistemas sociales. **Sociologia & Antropologia**, v. 9, n. 3, p. 871–893, set. 2019.

SOUSA, T. R.; PEDROZA, R. L. S.; MACIEL, M. R. O brincar como experiência criativa na psicanálise com crianças. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 32, n. 3, p. 269–276, set. 2020.

SOUZA, L. M. DE; VELOZO, L. DA S. Ludoterapia centrada na criança: a importância do brincar no setting terapêutico. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. 1370–1380, 2023.

SOUZA, M. T. DE; SILVA, M. D. DA; CARVALHO, R. DE. Integrative review: what is it? How to do it?. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102–106, jan. 2010.

VASCONCELOS, A.; SOUZA, S. Ludoterapia e alteridade: uma experiência de ludoterapia grupal à luz de Lévinas. **Psicologia em Estudo**, v. 27, p. e47800, 2022.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ÓBITOS EVITÁVEIS EM MENORES DE 5 ANOS RELACIONADOS À ATENÇÃO NEONATAL ENTRE 2015 E 2023

Milene Dalcin¹; Maria Clara Silva Melo¹; Brenda Mackmillan Barcellos¹; Laura Ferreira Lemes¹; Arlinda Quesada Beck².

Graduanda em medicina pela Universidade Federal do Rio Grande¹; Médica pediatra neonatologista, mestre em ciências da saúde pela Universidade Federal do Rio Grande².

dalcinmile@gmail.com

RESUMO

Introdução: Em 2022, 4,9 milhões de crianças menores de 5 anos morreram no mundo, com 47% dos óbitos sendo neonatais. No Brasil, as principais causas incluem complicações da prematuridade, infecções respiratórias e asfíxia neonatal, muitas evitáveis. Isso destaca a importância de uma assistência integral ao recém-nascido, desde o pré-natal até o pós-parto. **Metodologia:** Estudo descritivo, transversal e quantitativo, baseado em dados do DATASUS. Foram analisados os óbitos evitáveis em crianças de 0 a 4 anos, nas microrregiões do Rio Grande do Sul, Brasil, no período de 2015 a 2023. **Resultados:** Houve redução de 28,69% nos óbitos evitáveis totais do estado, de 237 casos em 2015 para 169 em 2023. Porto Alegre apresentou o maior número de mortes, seguido por outras regiões metropolitanas. Regiões menos populosas, como Não-Me-Toque, tiveram os menores índices. **Conclusão:** O declínio nos óbitos reflete avanços em cuidados neonatais e em políticas públicas, embora persistam desigualdades regionais. São necessárias ações contínuas de prevenção, capacitação profissional e distribuição equitativa de recursos para consolidar os progressos e reduzir ainda mais as mortes evitáveis.

Palavras-chave: recém-nascido; mortes; microrregiões.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Agência Internacional para Estimativa de Mortalidade Infantil das Nações Unidas, cerca de 4,9 milhões de crianças menores de 5 anos morreram no mundo em 2022, sendo 47% referentes a óbitos neonatais (UNIGME, 2024). No Brasil, a maior parte das mortes no primeiro ano de vida ocorreram na primeira semana de vida e as principais causas envolvem questões perinatais, como complicações da prematuridade, infecções respiratórias e asfíxia neonatal, sendo essas consideradas causas evitáveis de óbito neonatal (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014). Dessa forma, nota-se a importância de uma assistência integral ao recém-nascido que envolva desde os cuidados pré-natais até os cuidados após o nascimento.

Primeiramente, é fundamental que haja um acompanhamento continuado das gestantes no período pré-natal que avalie os possíveis fatores de risco que aumentam as chances de desfechos desfavoráveis ao recém-nascido. Por isso, alguns fatores antenatais devem ser observados com especial cautela pela equipe de saúde da atenção primária, como a idade materna jovem (menor que 16 anos) ou avançada (maior que 35 anos), existência de comorbidades maternas, como diabetes, infecções e hipertensão (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014). Todas essas situações, dentre outras, merecem vigilância por parte da equipe que deve estar comprometida em assegurar o melhor cuidado possível, realizando busca ativa em situações de maior risco e vulnerabilidade socioeconômica para reduzir os danos de possíveis complicações através de um acompanhamento de saúde adequado.

Ademais, algumas condições associadas ao momento do parto se relacionam a maiores chances de necessidade de reanimação neonatal, como o trabalho de parto prematuro, parto cesárea de emergência, líquido amniótico meconial e prolapso de cordão umbilical, dentre outras situações que aumentam o risco de asfixia perinatal (ALMEIDA, M. F. B.; GUINSBURG, R., 2022). Nesses casos, uma equipe profissional qualificada deve saber avaliar e identificar tais cenários e estar habilitada para manejar a situação, bem como os materiais necessários devem estar disponíveis e funcionando no momento do parto (ALMEIDA, M. F. B.; GUINSBURG, R., 2022).

Portanto, é fundamental que todas essas situações de risco sejam prontamente reconhecidas por uma equipe de saúde multiprofissional, abrangendo todos os níveis de complexidade da atenção à saúde, desde a prevenção primária com melhora da saúde materna até o tratamento do evento asfíxico e das suas possíveis complicações. Essa equipe deve estar capacitada e apta a lidar com cada caso e suas particularidades, garantindo que os casos de maior risco recebam atenção prioritária, com o objetivo de reduzir os óbitos neonatais.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, com abordagem quantitativa, desenvolvido por meio da coleta de dados secundários obtidos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Ministério da Saúde (DATASUS/MS). Para a seleção dos dados, foram consideradas as microrregiões do estado do Rio Grande do Sul, a faixa etária de 0 a 4 anos e os óbitos evitáveis relacionados à atenção neonatal. O recorte temporal adotado compreendeu os anos de 2015 a 2023 e, por utilizar dados de acesso público, foi dispensada a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos, em conformidade com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar os números de óbitos evitáveis em crianças de 0 a 4 anos relacionados ao cuidado com o recém-nascido, no estado do Rio Grande do Sul, é possível evidenciar uma tendência de redução, ao longo do período analisado. Em 2015, 237 óbitos por causas evitáveis foram registrados, enquanto nos anos subsequentes os números variaram, com 200 óbitos em 2016, 198 em 2017, 176 em 2018, 219 em 2019, 172 em 2020, 159 em 2021, 166 em 2022 e 169 em 2023. Quando comparados os números de 2015 e de 2023, é possível observar uma queda de 28,69%. Embora haja algumas oscilações anuais, esse padrão de declínio pode indicar um aprimoramento nos serviços de saúde neonatal, como melhorias na realização do pré-natal e no atendimento durante o parto.

Tabela 1: Número total de mortes por causas evitáveis relacionadas ao cuidado com o recém-nascido, em crianças de 0 a 4 anos, no estado do Rio Grande do Sul

Ano	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Total de óbitos	237	200	198	176	219	172	159	166	169

Fonte: DATASUS

Ao observar as microrregiões do Rio Grande do Sul, são verificadas disparidades significativas quanto aos dados de mortes evitáveis relacionadas à atenção neonatal. A microrregião de Porto Alegre destaca-se com o maior número absoluto de óbitos (480), seguida por Osório (131), Pelotas (120), Campanha Ocidental (85) e Caxias do Sul (60). Essa

concentração de óbitos nas regiões mais populosas do estado pode ser atribuída a fatores como dificuldade no acesso ao cuidado perinatal e limitação na qualidade dos serviços ofertados (STAKHNKE, D. N. *et al.*, 2024). Além disso, é sabido que regiões metropolitanas frequentemente enfrentam desafios em relação à demanda por serviços de saúde e à sobrecarga dos sistemas públicos, o que pode impactar negativamente a qualidade do atendimento neonatal (STAKHNKE, D. N. *et al.*, 2024; VANDERLEI, L. C. M.; NAVARRETE, M. L. V., 2013).

Todavia, embora seja a microrregião com maior número, Porto Alegre também possui a propensão de diminuição dessa variável, haja vista que o ano de 2015 registrou 83 casos, ao passo que 2022 e 2023 registraram, respectivamente, 37 e 36 (redução aproximada de 56%). Esse declínio pode estar relacionado a melhorias na oferta e na qualidade dos serviços de saúde neonatal, bem como à implementação de políticas públicas voltadas para a redução da mortalidade infantil (LIMA, J. C. *et al.*, 2017; MALTA, D.C. *et al.*, 2019). Tais dados evidenciam o impacto positivo de intervenções direcionadas, assim como ressaltam a importância de um planejamento estratégico para reduzir as desigualdades em as microrregiões do estado.

Por outro lado, as microrregiões gaúchas com os menores números de óbitos infantis foram Não-Me-Toque (1 óbito), Sananduva (3), Restinga Seca (6), Soledade (7) e Cerro Largo (8). Tais dados indicam uma menor incidência de problemas no atendimento neonatal nestas localidades, que pode estar associada a fatores como menor densidade populacional e incentivo financeiro, que favorece o acesso aos serviços de saúde, e uma possível maior eficiência na gestão e na qualidade dos cuidados neonatais (PREZOTTO, K. H. *et al.*, 2023). Apesar dos baixos números, é essencial que essas microrregiões mantenham e ampliem esforços para reduzir os óbitos evitáveis a zero. Isso demanda um planejamento dos órgãos responsáveis pela saúde dos municípios, tais como a capacitação profissional da equipe de saúde, o investimento nas redes de atenção básica e a garantia de acesso ao pré-natal e aos cuidados na sala de parto adequados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a apresentação e discussão dos dados obtidos, evidencia-se a tendência de redução nos óbitos por causas evitáveis em menores de 5 anos no Rio Grande do Sul. Isso pode ser associado à melhoria do acesso aos serviços de saúde em geral e, em especial, do cuidado adequado aos neonatos nas últimas décadas. Por outro lado, a disparidade entre as taxas microrregionais do estado também é um aspecto interessante, uma vez que essa problemática direciona a reflexão à necessidade de uma distribuição mais equitativa dos recursos públicos em saúde. Nesse sentido, as microrregiões com os maiores números de óbitos evitáveis com atenção aos recém-nascidos podem demandar intensificação dos investimentos em treinamento de equipes de saúde e em infraestrutura.

Conclui-se, portanto, que são imprescindíveis ações de melhoria da triagem e tratamento de causas evitáveis de óbitos em menores de 5 anos, além de políticas de prevenção e atendimento precoce. Em adição, manter a observação epidemiológica da morbimortalidade infantil e suas causas é essencial para a viabilização de pesquisas e identificação de lacunas no cuidado materno, pré-natal, perinatal e infantil, atenuando ainda mais as taxas de óbitos por causas evitáveis relacionados à atenção neonatal nos menores de 5 anos.

REFERÊNCIAS

UNITED NATIONS INTER-AGENCY GROUP FOR CHILD MORTALITY ESTIMATION. **Levels & trends in child mortality: report 2023**. Estimates developed by

the United Nations Inter-agency Group for Child Mortality Estimation. New York: United Nations Children's Fund, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Atenção à saúde do recém-nascido: guia para os profissionais de saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. Acesso em: 21 nov. 2024. ISBN 9788533417816.

ALMEIDA, M. F. B.; GUINSBURG, R.; Coordenadores Estaduais e Grupo Executivo PRN-SBP; Conselho Científico Departamento Neonatologia SBP. **Reanimação do recém-nascido ≥ 34 semanas em sala de parto: diretrizes 2022 da Sociedade Brasileira de Pediatria**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2022. Acesso em: 21 nov. 2024.

STAKHNKE, D. N.; AGRANONIK, M.; DIAS-DA-COSTA, J. S. Tendência de mortalidade infantil em municípios da região metropolitana de Porto Alegre de 1996 a 2021. **Revista da Associação Brasileira de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2024. Acesso em: 21 nov. 2024.

VANDERLEI, L. C. M.; NAVARRETE, M. L. V. Mortalidade infantil evitável e barreiras de acesso à atenção básica no Recife, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, n. 2, p. 379–389, jun. 2013. Acesso em: 21 nov. 2024.

LIMA, J. C. *et al.* Estudo de base populacional sobre mortalidade infantil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 3, p. 931-939, 2017. Acesso em: 21 nov. 2024.

MALTA, D. C. *et al.* Mortes evitáveis na infância, segundo ações do Sistema Único de Saúde, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 22, p. 01-15, 2019. Acesso em: 21 nov. 2024.

PREZOTTO, K. H. *et al.* Mortalidade neonatal precoce e tardia: causas evitáveis e tendências nas regiões brasileiras. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 36, p. 01-08, 2023. Acesso em: 21 nov. 2024.

TOXOPLASMOSE NA GESTAÇÃO: REVISÃO DE LITERATURA PARA A ASSISTÊNCIA AO BINÔMIO MÃE-BEBÊ.

Milena Cristina Silva de Paulo¹; Kesia Dias Alves Canuto²; Samara Gonçalves da Silva França³; Luanny Regina de Oliveira Santos⁴.

Graduanda em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá¹, Graduanda em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá², Graduanda em enfermagem pela Universidade Estácio de Sá³, Enfermeira Graduada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Residência em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal Fluminense⁴.

milenacristina1301@gmail.com

RESUMO

A toxoplasmose é uma infecção causada por um protozoário chamado “Toxoplasma Gondii”, adquirido pela ingestão de alimentos ou água contaminada por fezes de gatos e outros felinos, podendo se hospedar em humanos e outros animais, conseguindo persistir por longos períodos no corpo humano ou de outros hospedeiros, possivelmente até por toda a vida. A zoonose é prevalente em muitos países e uma das mais difundidas no mundo. Trata-se de uma revisão de literatura com base da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e SciELO, a partir dos descritores “toxoplasmose” e “gestação”. 5 textos foram selecionados para a pesquisa. Os profissionais de saúde, em destaque nesta pesquisa, os profissionais enfermeiros que atuam como pré-natalistas nas UBSs, devem se manter atualizados quanto ao rastreamento e manejo da toxoplasmose gestacional. Os impactos apesar de menores na saúde materna, podem ser graves quando se trata da toxoplasmose congênita. A lavagem das mãos ao manipular carnes cruas, evitar o consumo de carnes mal cozidas, água sem tratamento, leite não pasteurizado, alimentos expostos a moscas, baratas, formigas e outros insetos; são estratégias simples de prevenção primária à doença e que devem ser fomentadas pelos profissionais de saúde.

Palavras-chave: gestação; toxoplasmose.

1 INTRODUÇÃO

A toxoplasmose é uma infecção causada por um protozoário chamado “Toxoplasma Gondii”, adquirido pela ingestão de alimentos ou água contaminada por fezes de gatos e outros felinos, podendo se hospedar em humanos e outros animais, conseguindo persistir por longos períodos no corpo humano ou de outros hospedeiros, possivelmente até por toda a vida. A zoonose é prevalente em muitos países e uma das mais difundidas no mundo.

O índice mundial da toxoplasmose em humanos adultos, tem variavelmente uma taxa de prevalência entre 20% e 90%, dependendo da região; havendo assim, maiores probabilidades em regiões quentes e úmidas, especialmente quando associadas a locais com más condições de saneamento e hábitos alimentares.

As pessoas infectadas podem apresentar quadro clínico que varia desde infecções assintomáticas, a manifestações sistêmicas graves, porém, na maioria dos casos a apresentação da doença é assintomática. Dentre as complicações que podem ser trazidas pela doença, destaca-se as sequelas pela infecção congênita (transmitidas da gestante para o bebê), toxoplasmose cerebral, toxoplasmose ocular e toxoplasmose grave.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura com base da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e SciELO, a partir dos descritores “toxoplasmose” e “gestação”. Foram excluídos do estudo, artigos publicados à mais de 5 anos, que não estivessem no idioma português, que não apresentassem o texto completo e que não disponibilizassem o arquivo gratuitamente. A busca pelos artigos buscou evidenciar os problemas decorrentes da doença parasitária e suas consequências na transmissão vertical. Com isso, a partir dos critérios de exclusão mencionados, foram encontrados 32 artigos; porém apenas 5 textos foram selecionados para a pesquisa, a partir de critérios de inclusão que buscavam por artigos sobre perfil epidemiológico de casos de toxoplasmose gestacional, fatores associados e toxoplasmose congênita.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No Brasil, a infecção atinge cerca de três pessoas para uma, segundo o Instituto Adolfo Lutz, sendo registrados 40 mil casos, entre 2019 e 2022. De acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que uma em cada 10 pessoas adoecem todos os anos após consumir alimentos contaminados, por conseguinte, 420 mil vão a óbito por ano no mundo, sendo um terço da taxa de mortalidade em crianças menores de 5 anos. A soroprevalência, em gestantes, varia à depender do nível socioeconômico, regional e etário, como 31,1% em Caxias do Sul, 91,6% no Mato Grosso do Sul, 69,3% em Sergipe e na sua respectiva capital equivalente a 77,8%; havendo o aumento dos índices conforme a idade.

No que se refere à detecção de toxoplasmose adquirida na gestação, 38% dos casos (1.565) foram confirmados e detectados no primeiro trimestre entre o período de 2010 a 2021, 35% (1.449) no segundo trimestre e 24% (1.008) no terceiro trimestre; ou seja, ao observar a detecção dos casos, é possível afirmar que a incidência se concentra, predominantemente entre o primeiro e o segundo trimestre de gestação.

A transmissão vertical é mais frequente quando a infecção é adquirida durante o terceiro trimestre de gestação, havendo, logicamente, uma menor prevalência da doença no primeiro trimestre, sendo sua gravidade inversamente proporcional. Em vista disso, por conta das gestantes com toxoplasmose normalmente permanecerem sem sinais e sintomas, a importância das consultas de pré-natal com profissionais capacitados para tal, faz-se fundamental para o rastreio e detecção precoce da doença, impactando no tratamento oportuno, adequado e a redução do risco materno e fetal.

O acompanhamento adequado pelo profissional enfermeiro na Unidade Básica de Saúde (UBS) aumenta as possibilidades de garantir o desenvolvimento saudável do feto. Assim, a triagem sorológica realizada do pré-natal para toxoplasmose auxilia nas possibilidades profiláticas e terapêuticas com o intuito de minimizar os índices de transmissão vertical e danos à criança.

Mediante ao nascimento, cerca de 85% dos casos de recém-nascidos com toxoplasmose congênita não apresentam sinais clínicos evidentes. Entretanto, ao realizar o exame físico, podem-se observar alterações como: restrição do crescimento intrauterino de 25%, 54% e 65% no primeiro, segundo e terceiro trimestre, respectivamente; parto prematuro, anormalidades visuais e neurológicas. Os recém-nascidos que apresentam achados clínicos, podem apresentar de maneira precoce ou ainda, durante os primeiros meses de vida. Estes geralmente apresentam maiores chances de acometimento visual em graus variados, alterações motoras, perda auditiva e acometimento mental.

Segundo o quadro de intervenção, conduta e seguimento do Ministério da Saúde para toxoplasmose adquirida na gestação, a situação perante a sorologia até 16 semanas de gestação, com o IgG e o IgM positivos, é iniciar espiramicina imediatamente, e encaminhamento para o pré-natal de alto risco. Na segunda situação, com o IgG e o IgM positivos após 16 semanas de

gestação, começar com a combinação clássica de sulfadiazina (SD), pirimetamina (P) e ácido folínico (AF), e também, direcioná-la ao pré-natal de alto risco. Se IgM e IgG em índices muito baixos, próximos do cut off***: repetir IgG e IgM após 2 a 3 semanas, iniciar espiramicina e manter até esclarecer o risco de infecção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por isso, os profissionais de saúde, em destaque nesta pesquisa, os profissionais enfermeiros que atuam como pré-natalistas nas UBSs, devem se manter atualizados quanto ao rastreio e manejo da toxoplasmose gestacional. Os impactos apesar de menores na saúde materna, podem ser graves quando se trata da toxoplasmose congênita. Além da importância do rastreio e manejo oportuno, orientações sobre hábitos saudáveis são de importante consideração quando se trata de prevenção de novos casos. A lavagem das mãos ao manipular carnes cruas, evitar o consumo de carnes mal cozidas, água sem tratamento, leite não pasteurizado, alimentos expostos a moscas, baratas, formigas e outros insetos; são estratégias simples de prevenção primária à doença e que devem ser fomentadas pelos profissionais de saúde.

REFERÊNCIAS

CAMPOAMOR, M. M. Prevalência e fatores associados à toxoplasmose em gestantes de um município do interior do estado de São Paulo. **Ribeirão Preto**, 2021. p. 17-19.

CAMPOAMOR, M. M.; CONACCI B.; BISTAFA M. J.; ALVARENGA R.; MUÑOZ S.; SANTOS C. B. S. Fatores associados à toxoplasmose na gestação. **Rev. baiana enferm.**, 2023. p. 2-3.

RIGHI N. C.; HERMES, L.; PICCINI, J. D.; BRANCO, J. C.; SKUPIEN, J. A.; WEINMANN, A. R. M.; VALADÃO, M. C. S.; SCHUCH, N. J. Perfil epidemiológico dos casos de toxoplasmose gestacional e congênita decorrentes do surto populacional. **Scientia Medica Porto Alegre**, 2021. p. 2-5.

SAMPAIO, G. L.; SILVA, L. L.; BORGES, F. O.; MIRANDA, L. R.; BORGES, I. M.; BARROS, A. V. V.; ANGELONI, M. B. Toxoplasmose congênita na atenção primária à saúde: importância da prevenção no controle de uma doença negligenciada. **Universidade Federal de Jataí**, Jataí, GO, Brasil., 2020. p. 3-4.

SOUZA, V. O.; FRANCO, A. L. M. X.; SILVA, M. C. Toxoplasmose adquirida na gestação e Toxoplasmose Congênita. **Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo**, 2023. p. 2-11.

ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTOJUVENIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Carlos Dallas de Oliveira Souza¹; Joyce Moura de Queiroz².

Graduado em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte¹ Residente em Atenção Básica/Saúde da Família e Comunidade pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte²

joycemq021@gmail.com

RESUMO

A atenção psicossocial infantojuvenil é essencial para garantir o bem-estar psicológico, físico e social de crianças e adolescentes, considerando as particularidades do desenvolvimento enquanto sujeitos dessa faixa etária. O cuidado adequado nesse período da vida pode prevenir ou minimizar os impactos que o sofrimento psíquico pode causar sobre vários aspectos da vida e bem-estar social do público infantojuvenil. Nos últimos anos, o Brasil tem avançado na implementação de um modelo de saúde mental integrada, que busca articular os serviços de saúde com outras áreas essenciais, como educação e assistência social. No entanto, apesar dos avanços, muitos desafios permanecem, especialmente no que se refere à acessibilidade e continuidade do atendimento psicossocial, além da qualidade dos serviços prestados, principalmente em regiões de maior vulnerabilidade social. Este resumo expandido tem como objetivo analisar os principais avanços e dificuldades relacionados à integração de serviços na atenção psicossocial infantojuvenil, com foco nas políticas públicas e modelos de cuidado existentes no Brasil. A reflexão sobre esses temas é crucial para identificar estratégias eficazes que garantam um atendimento qualificado, universal e equitativo para a saúde mental de crianças e adolescentes em todo o país.

Palavras-chave: atenção psicossocial; criança e adolescente; saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

A atenção psicossocial infantojuvenil é um elemento essencial para a promoção da saúde mental de crianças e adolescentes, sendo um pilar fundamental para o bem-estar psicológico e social dessa faixa etária. O desenvolvimento mental e social de crianças e adolescentes ocorre em uma fase crítica, onde transtornos emocionais e comportamentais podem surgir, com impactos profundos na formação de sua identidade e no processo de inserção social. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) asseguram o direito à saúde e à proteção integral dessa população, estabelecendo diretrizes para o acesso à educação, saúde e assistência social.

Nos últimos anos, a atenção psicossocial infantojuvenil foi ampliada com a Reforma Psiquiátrica, a implementação de políticas públicas e a criação da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que visa garantir a articulação e a integração dos pontos de atenção das redes de saúde no território. Contudo, apesar desses avanços, ainda persiste uma série de desafios, como a escassez de recursos, a necessidade de formação de profissionais qualificados e a falta de articulação entre os serviços de saúde e de apoio. Diante desses entraves, a reflexão e debate sobre as políticas públicas, as práticas de atendimento e as estratégias de integração dos serviços é fundamental para identificar caminhos que garantam um atendimento integral e de qualidade, conforme assegurado pela Constituição Federal de 1988 e pelo ECA.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo explorar os principais avanços e desafios da atenção psicossocial infantojuvenil, analisando as perspectivas para a promoção da saúde mental de crianças e adolescentes no Brasil.

2 METODOLOGIA

Para a elaboração desse trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de analisar as abordagens e práticas existentes na integração de serviços de saúde mental para crianças e adolescentes. A pesquisa envolveu a revisão de cinco trabalhos, divididos entre artigos acadêmicos e documentos, além de legislações como o ECA e a Constituição Federal de 1988. Buscou-se, através da revisão da literatura, analisar aspectos sobre a atenção psicossocial infantojuvenil, políticas públicas, modelos de atendimento e desafios enfrentados na implementação de um sistema integrado de saúde mental. A partir dessa análise, foi possível sintetizar os principais conceitos e perspectivas sobre a temática, fornecendo uma base teórica para a reflexão sobre as possibilidades de aprimorar a integração dos serviços e superar os desafios relacionados à promoção da saúde mental de crianças e adolescentes no Brasil.

3 ATENÇÃO PSICOSSOCIAL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: ENTRE AVANÇOS E DESAFIOS

Na realidade brasileira, a atenção psicossocial e a política de saúde mental de crianças e adolescentes é um acontecimento recente. Mesmo diante do cenário de Reforma Psiquiátrica e todos os avanços que o campo da saúde mental alcançou, os cuidados voltados para o público infantojuvenil não acompanharam essas transformações simultaneamente. Segundo a Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (2023),

“[...] crianças e adolescentes permaneceram desassistidos ou sendo submetidos à assistência de setores e instituições com práticas de caráter disciplinar, corretivo e normalizador que mais tutelaram do que protegeram, mais segregaram do que ampliaram condições de pertencimento social” (RedePq-SMCA, 2023, p. 7).

No Brasil, a criação do ECA, em 1990, foi um divisor de águas na construção de uma nova concepção de criança e adolescente. O estatuto, além de promover um novo entendimento acerca da criança e do adolescente enquanto sujeitos de direitos, também colaborou para a elaboração das novas políticas e serviços direcionados ao público infantojuvenil. Nesse sentido, o ECA estabelece que toda criança e adolescente tem direito ao cuidado integral de sua saúde física e mental, destacando a importância do atendimento especializado e das redes de apoio social e familiar.

Segundo Couto e Delgado (2015), a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1989, a promulgação do ECA em 1990, da Lei 10.216/2001 e a realização da III Conferência Nacional de Saúde Mental (CNSM) em 2001, foram marcos importantes para a garantia da proteção integral de crianças e adolescentes, com direito à cuidados que ultrapassem as medidas de correção, normalização ou adaptação de comportamentos.

A conquista de uma nova compreensão acerca da criança e do adolescente, bem como a nova visão que está sendo construída a respeito da saúde mental, configuram-se como avanços no eixo da atenção psicossocial infantojuvenil. Destaca-se, portanto, as transformações da forma como o sofrimento psíquico é visto e tratado na sociedade. Nas últimas décadas, o Brasil obteve ganhos significativos para o cuidado do sofrimento psicológico da população, com a criação da RAPS, instituída pela Portaria MS/GM nº 3.088, de 23/12/2011. A criação dessa rede significa não só a estruturação e organização dos serviços de atenção psicossocial, mas um

novo modelo de cuidado com os sujeitos em sofrimento psicológico, visto que inaugura uma forma de tratamento que vai além das medidas de isolamento e internação.

Além disso, a RAPS permitiu a organização dos serviços que atendem diferentes públicos, de acordo com suas vulnerabilidades e particularidades. Nesse contexto, aponta-se a criação do Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) nas cidades de grande porte, a partir de 2002, destinado à crianças e adolescentes. O CAPSi possibilita o atendimento de crianças e adolescentes que apresentam intenso sofrimento psíquico, decorrente de condições mentais graves e persistentes, incluindo aquelas relacionadas ao uso de álcool e outras drogas. Dentro dessas unidades, existe uma equipe multidisciplinar que desempenha um papel essencial na atenção psicossocial de crianças e adolescentes, bem como na articulação de serviços, buscando garantir que o atendimento seja integral e eficaz. A equipe mínima do CAPSi pode contar com médico psiquiatra, enfermeiro, psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, pedagogo, fonoaudiólogo, dentre outros. Essa composição é fundamental para garantir uma abordagem multidisciplinar que leve em consideração não apenas os aspectos psicológicos do paciente, mas também seu contexto social e familiar.

Existe, portanto, o foco na substituição do modelo de atendimento hospitalocêntrico por serviços comunitários, mais acessíveis e menos estigmatizantes. Além disso, a RAPS busca a integração de serviços de saúde mental com outros serviços, como os da educação e da assistência social, permitindo que as crianças e adolescentes sejam acompanhados de forma contínua e multidisciplinar em seus territórios.

Diante disso, nota-se que ao longo do tempo a concepção de saúde foi e continua sendo ampliada. Essa concepção, ancorada nos determinantes sociais de saúde, compreende que a promoção de saúde, inclusive a mental, exige também o acesso à educação, alimentação, lazer, habitação, cultura etc. Esses fatores são condicionantes e devem servir de base para a construção da atenção psicossocial, especialmente considerando os diferentes contextos de vulnerabilidade que o público infantojuvenil pode estar inserido, tais como: crianças e adolescentes em situação de rua, em acolhimento institucional, em situações de violência e exploração, em medidas socioeducativas ou com atraso no desenvolvimento.

Portanto, muito foi construído em relação à política de saúde mental e o cuidado com crianças e adolescentes. Contudo, muito ainda precisa ser feito, tendo em vista a inclusão tardia dessa pauta na agenda pública da saúde mental e os desafios ainda presentes. Nesse contexto, cabe salientar que o conjunto de medidas contrárias ao modelo psicossocial de cuidado – adotadas desde o golpe antidemocrático de 2016 e ao longo do governo Bolsonaro – trouxeram retrocessos para a construção dessa linha de cuidado. Conforme a Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (2023),

[...] registrou um desmantelamento planejado das pautas progressistas anteriormente propostas e/ou desenvolvidas para o cuidado em saúde mental de crianças e adolescentes, com claro objetivo de retroceder à lógica higienista, moralista, excludente e segregadora que marcou os primeiros anos da República brasileira, tendo como consequência a institucionalização de uma enorme legião de meninos e meninas (RedePq-SMCA, 2023, p. 12).

Nota-se, então, a necessidade de fortalecimento da política de saúde mental e do modelo de atenção psicossocial, para que se solidifique um caminho democrático e progressista. Nesse sentido, observa-se alguns pontos que ainda são frágeis e configuram desafios para a concretização de uma política de saúde pautada no cuidado e atenção psicossocial, dentre eles: funcionamento efetivo da rede, fragilidade da intersetorialidade, precarização da formação e trabalho dos profissionais, o baixo investimento em recursos financeiros e humanos. Esses pontos frágeis, mais do que expor os desafios da materialização da atenção psicossocial, fere seus princípios e os direitos dos usuários, que ainda não foram completamente viabilizados em

decorrência dos desmontes das políticas públicas. Compreende-se, portanto, que com a transformação e desenvolvimento contínuo do modelo de cuidado em saúde mental, será possível estruturar o funcionamento da rede e realmente promover o acesso de crianças e adolescentes em sofrimento psíquico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, infere-se que a atenção psicossocial para crianças e adolescentes no Brasil avançou significativamente nas últimas décadas, a partir da Reforma Psiquiátrica e da constituição de legislações e políticas públicas como o ECA e a RAPS, que buscaram consolidar um modelo de cuidado integral e multidisciplinar. No entanto, os desafios persistem, especialmente em função da fragilidade das redes de serviços, da falta de recursos humanos e financeiros e das dificuldades de articulação intersetorial. Além disso, retrocessos recentes na política de saúde mental acentuaram as barreiras para garantir o atendimento adequado a crianças e adolescentes em sofrimento psíquico. Logo, é necessário a luta constante pelo avanço nas formas de cuidado e garantia dos direitos da criança e do adolescente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Estatuto da Criança e do Adolescente. Dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da saúde. **Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS:** tecendo redes para garantir direitos. Brasília: Ministério da saúde, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/bvsmms/resource/pt/mis-37306>. Acesso em: 25 nov. 2024.

COUTO, M. C. V.; DELGADO, P. G. G. Crianças e adolescentes na agenda política da saúde mental brasileira: inclusão tardia, desafios atuais. **Psicologia Clínica**, v. 27, n. 1, p. 17–40, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/RsqnbnmxPbbjDDcKKTdWSm3s/#>. Acesso em: 23 nov. 2024.

Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes. **Contribuições para o avanço da Atenção Psicossocial para Crianças e Adolescentes.** Documento Técnico apresentado ao Departamento de Saúde Mental e Enfrentamento ao Abuso de Álcool e outras Drogas do Ministério da Saúde. 2023. Disponível em: www.nuppsam.org. Acesso em: 22 nov. 2024.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DE CRIANÇAS À ESPERA DE TRANSPLANTES RENAIIS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Aynara Juliane da Silva Pereira Guerra¹; Emyllie de Fátima Castro Cavalcante ¹; Hanna Calvet de Mello Boahid¹; Laynna Sthephany Cordeiro Silva¹; Ana Cleyde Carneiro Lima²;

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão¹, Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro².

laynna.cs@gmail.com

RESUMO

O período de espera por um transplante renal é uma experiência desafiadora e complexa, especialmente para crianças e suas famílias. Posto que, esse processo envolve não apenas os aspectos físicos relacionados à doença renal crônica, mas também questões emocionais, psicológicas e sociais significativas. Dessa forma, o objetivo do trabalho é apresentar uma revisão de literatura sobre os aspectos psicossociais de crianças à espera de transplantes renais. Os resultados indicam que a espera pelo transplante gera tanto esperança quanto angústia, sendo o transplante percebido como uma "salvação" que pode melhorar significativamente a qualidade de vida. No entanto, mesmo após o transplante, os desafios psicológicos e sociais permanecem. Por fim, a literatura vista evidencia a necessidade de um suporte emocional, a fim de melhorar a qualidade de vida desses pacientes.

Palavras-chave: crianças; transplante renal; impactos psicossociais

1 INTRODUÇÃO

O período de espera por um transplante renal é uma experiência desafiadora e complexa, especialmente para crianças e suas famílias. Posto que, esse processo envolve não apenas os aspectos físicos relacionados à doença renal crônica, mas também questões emocionais, psicológicas e sociais significativas. Diante disso, para as crianças em estágio de pré-transplante renal, os aspectos psicológicos podem incluir um extenso contexto de reações prejudiciais para o quadro, como medo, ansiedade, depressão, estresse e incerteza quanto ao futuro. Nesse sentido, é importante destacar a participação dos familiares como crucial no desenvolvimento da segurança e do conforto emocional ao infante que está à espera do transplante renal, pois a unidade familiar compõe a rede de apoio do enfrentamento desse cenário, o qual é repleto de limitações nas atividades, de hospitalizações frequentes e de efeitos colaterais do tratamento.

Sob essa conjuntura, no Brasil, a prevalência de doença renal crônica é de 20 casos/milhão na faixa etária pediátrica, obtendo diferenças regionais, consoante dados da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). A partir dessa análise, cabe ressaltar as características da doença crônica e seus impactos, pois remete a uma condição que não pode ser curada e que compromete todo o processo de crescimento da criança, tendo como principal pilar a continuidade, ou seja, a necessidade de tratamento e manejo constante, exigindo ajustes no estilo de vida.

Diante desse panorama, são evidentes diferentes fases da doença, as quais enquadram sentimentos e vivências de sofrimento, em virtude do medo iminente da morte. Dessa maneira, o papel do psicólogo torna-se imprescindível, visto que o profissional contribui significativamente durante o período de espera e após o transplante, de modo a amparar o paciente e a família a enfrentarem os desafios da adaptação ao tratamento e aceitação da situação. Com isso, o trabalho visa analisar os aspectos psicológicos desencadeados pelas

crianças devido ao processo de espera de transplante renal.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada foi baseada em uma pesquisa bibliográfica, especificamente uma breve revisão narrativa da literatura existente acerca da espera de transplantes renais feitos em crianças brasileiras atrelado aos fatores psicológicos que compreendem esta temática. Após a escolha do tema, foi feito o levantamento bibliográfico em plataformas online que permitem a busca de trabalhos acadêmicos. No caso deste trabalho, utilizou-se o Scielo, o periódico CAPES e o pubmed, e foram utilizados também como descritores para a pesquisa nos respectivos bancos de dados as palavras “criança”, “impactos psicossociais” e “transplante renal”. Por fim, foram encontrados 5 trabalhos e após a escolha de tais publicações acadêmicas, foi feita uma breve análise do conteúdo encontrado em cada uma a fim de selecionar os trabalhos com conteúdo que se relacionavam com os objetivos do presente escrito, tendo sido selecionados ao final, 2 trabalhos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A descoberta de uma doença crônica renal e o segmento do tratamento necessário, é um fator desafiante que modifica toda a rotina e estilo de vida do paciente, acarretando por vezes em impactos psicológicos significativos para o mesmo. Dessa forma, na busca por ampliar os conhecimentos de tais impactos, foram pesquisados e selecionados através das bases de dados: scielo, periódicos capes e pubmed, 2 artigos, sendo 1 de língua portuguesa e 1 de língua inglesa.

O quadro seguir expõe de forma geral os trabalhos utilizados:

Tabela 1: Apresentação dos artigos selecionados

TÍTULO DO TRABALHO	AUTORES	DATA DE PUBLICAÇÃO
Anxiety, depression, resilience and quality of life in children and adolescents with pre-dialysis chronic kidney disease	Moreira Et. al	2015
Repercussões emocionais e qualidade de vida das crianças em hemodiálise ou após transplante renal.	Rosatella et. al	2020

Em decorrência da condição médica, é imprescindível que os pacientes sigam um regime rigoroso de tratamento, o que inclui visitas frequentes ao hospital e a necessidade de dedicar várias horas dos seus dias a procedimentos específicos para o tratamento, como a hemodiálise. Esse compromisso contínuo impacta significativamente a rotina e a qualidade de vida, especialmente no caso de crianças. Nesse contexto, Rosatella et. al (2020) destaca a presença de sentimentos como solidão, tristeza e cansaço, como principais impactos acarretados pela percepção de precisar dispor muito mais tempo “preso a uma máquina”, do que realizando atividades comuns a outras crianças, como brincar ou ir a escola, por exemplo. Tal comparação entre as atividades próprias da infância, intensificam os sentimentos de perda e limitação. Ademais, as características peculiares em função da doença, tais como a presença de pele pálida, fistulas ou catetes, agravam estes sentimentos e podendo gerar constrangimento e tristeza, além de afetar a auto estima dessas crianças, fator que segundo a SBP (Sociedade

Brasileira de Pediatria, 2021), é tem um papel importante no desenvolvimento e no impacto da funcionalidade do indivíduo na fase adulta da vida.

Ademais, os estudos de Moreira et al. (2015) chamam atenção para as frequências significativamente mais altas para o aparecimento de sintomas depressivos e de ansiedade de separação em crianças com doenças renais crônicas, uma vez que o caráter prolongado e invasivo do tratamento pode desencadear uma maior vulnerabilidade para a precipitação de transtornos psiquiátricos ou comportamentais. O que afeta não apenas as crianças, mas a dinâmica familiar como um todo, haja vista que os mesmos enfrentam diversos desafios emocionais para oferecer o suporte necessário ao familiar acometido pela doença, tornando-os muitas vezes, o centro da vida da família, desvirtuando ciclos individuais e familiares (Bollasel et. al, 2019)

Adicionalmente, os achados de Moreira et. al (2015) se mostram ainda mais preocupantes, uma vez que a depressão durante a fase da infância, pode além da tendência de ser recorrente na vida do paciente, afetar o desenvolvimento normal da criança acometida, sendo ainda um importante estressor que aumenta a vulnerabilidade para outros estressores. (de Castro, 2003)

Para mais, os estudos destacam não apenas os desafios emocionais e sociais enfrentados por crianças em tratamento de doenças renais crônicas, mas também as esperanças que mantêm a resiliência desses pacientes e de suas famílias. Rosatella et. al (2020) expõe ainda em seu escrito, o sentimento de esperança e ansiedade frente a ideia do transplante, que é posto por vezes como uma “salvação” para o paciente, oferecendo a possibilidade de levar uma vida “normal”, eliminando dores e desconfortos decorrentes da hemodiálise e a reestruturação do cotidiano. Complementarmente, o trabalho ressalta para mais, a percepção tanto por parte dos pacientes quanto dos cuidadores da melhora significativa da qualidade de vida do paciente renal após realização do transplante, em relação à dos pacientes em hemodiálise. Nesse contexto, o transplante é visto, como já fora posto, como uma esperança, que depende não só da capacidade médica, mas principalmente de uma vontade divina, na qual os pacientes depositam sua fé. Isso reforça o impacto positivo que os pacientes podem ter com o transplante, tanto na capacidade física quanto na psicológica. Essa melhoria também se reflete em aspectos como o desempenho escolar, por exemplo. No entanto, embora o transplante proporcione uma qualidade de vida superior ao que era vivenciado com a diálise, ele não elimina completamente as dificuldades enfrentadas pelos pacientes renais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos analisados, fica evidente que apesar da importância do tratamento para a vida dos pacientes, o enfrentamento da doença renal crônica compromete não só os aspectos físicos, mas também os aspectos emocionais, psicológicos e sociais. Visto que, essa condição médica, necessita de um tratamento frequente, e que altera a rotina dos pacientes, que passam a não vivenciar atividades típicas da sua idade. Nesse sentido, essa ruptura tem uma grande influência no desenvolvimento dessas crianças. Além disso, esses fatores, como apontado nos estudos revisados, tornam essas pessoas mais suscetíveis a sintomas de depressão, ansiedade, solidão e medo.

Contudo, mesmo diante dessas adversidades, o transplante renal para os pacientes surge como uma luz no fim do túnel, que traz para eles uma esperança de viver uma vida menos limitada. Portanto, a literatura vista evidencia a necessidade de um suporte emocional, a fim de melhorar a qualidade de vida desses pacientes. No entanto, para isso, é importante que sejam feitas mais pesquisas que aprofundem a temática dos impactos psicossociais da doença renal nos pacientes. Uma vez que se apresenta como um tema de extrema relevância, e um entendimento mais abrangente sobre pode contribuir significativamente para a atuação dos

profissionais da área, além de fortalecer a base teórica e prática para um cuidado mais humanizado e integrado.

REFERÊNCIAS

BOLASELL, Laura Teixeira; SILVA, Carolina Schneider; WENDLING, Maria Isabel. Resiliência familiar no tratamento de doenças crônicas em um hospital pediátrico: relato de três casos. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 134-146, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessado em: 28 nov. 2024.

de Castro, Elisa Kern (2003). Depressão em crianças com doenças crônicas. *Aletheia: An International Journal of Philosophy* 17:31-39. Disponível em: <https://dc2.philarchive.org/rec/DECDEC>. Acessado em: 28. nov. 2024

MOREIRA, J. M.; SOARES, C. M. B.; TEIXEIRA, A. L.; SILVA, A. C. S. et al. Anxiety, depression, resilience and quality of life in children and adolescents with predialysis chronic kidney disease. **Pediatr Nephrol.**, v. 30, p. 2153–2162, 2015. Disponível em: Anxiety, depression, resilience and quality of life in children and adolescents with pre-dialysis chronic kidney disease | *Pediatric Nephrology* (springer.com). Acessado em: 03. nov. 2024.

ROTELLA, A. A. F.; NASCIMENTO, R. A.; CAMARGO, M. F. C.; NOGUEIRA, P. C. K. Repercussões emocionais e qualidade de vida em crianças e adolescentes em hemodiálise ou após transplante renal. **Rev. paul. pediatr.**, São Paulo, v. 38. 2020. Disponível em: SciELO - Brasil - EMOTIONAL REPERCUSSIONS AND QUALITY OF LIFE IN CHILDREN AND ADOLESCENTS UNDERGOING HEMODIALYSIS OR AFTER KIDNEY TRANSPLANTATION EMOTIONAL REPERCUSSIONS AND QUALITY OF LIFE IN CHILDREN AND ADOLESCENTS UNDERGOING HEMODIALYSIS OR AFTER KIDNEY TRANSPLANTATION. Acessado em: 03. nov. 2024.

SETZ, Vanessa Grespan; PEREIRA, Sônia Regina; NAGANUMA, Masuco. O Transplante renal sob a ótica de crianças portadoras de insuficiência renal crônica em tratamento dialítico: estudo de caso. *Acta Paulista de Enfermagem* [online]. 2005, v. 18, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21002005000300010>>. Epub 27 Set 2007. ISSN 1982-0194. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002005000300010>. Acessado 28 nov. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Pediatras abordam a importância da autoestima na infância e adolescência. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/pediatras-abordam-a-importancia-da-autoestima-na-infancia-e-adolescencia/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

PAPEL DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DA GOLDEN HOUR: IMPORTÂNCIA NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE

Mônica Cruz dos Santos¹; Beatriz Neves Guedes¹; Cláudia Lisboa Dias¹; Giovanna Maria Rebouças dos Reis¹; Steffanny Geovanna Da Silva¹; Emina Camille Silva Barbosa².

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹;
Graduada pela Faculdade Adventista da Bahia.

monicas29401@gmail.com

RESUMO

O parto é um momento especial na vida da mulher, e a implementação de boas práticas, como a *Golden Hour*, visa qualificar o atendimento e minimizar intervenções desnecessárias, além de estreitar o vínculo entre mãe e bebê. Esse estudo tem como objetivo identificar os benefícios dessa prática para os recém-nascidos e mães, e analisar a atuação da equipe de enfermagem nesse processo. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura com abordagem descritiva, selecionando 5 artigos originais e completos, publicados entre 2019 e 2024 na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), que abordam diretamente o tema. Artigos que não se adequavam ao foco do estudo foram excluídos. As práticas realizadas na *Golden Hour*, como contato pele a pele, aleitamento precoce e clameamento tardio do cordão, apresentam benefícios fisiológicos e emocionais significativos. A atuação da enfermagem é essencial para garantir a implementação dessas práticas e oferecer suporte às mães, apesar de barreiras como rotinas hospitalares e desigualdades socioeconômicas. O enfermeiro desempenha um papel educativo e emocional, orientando sobre a importância dessas práticas e garantindo a conscientização das gestantes, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade.

Palavras-chave: *Golden hour*; contato pele a pele; enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

A assistência à saúde durante o parto é um momento crucial na vida da mulher e da família, com significados profundos que variam conforme as particularidades de cada gestante e suas culturas. A implementação de boas práticas de atenção, promovidas por órgãos governamentais como o Ministério da Saúde, visa qualificar o atendimento e minimizar intervenções desnecessárias. Programas como a Rede Cegonha e o Programa Nacional de Humanização no Pré-Natal e Nascimento destacam a importância da humanização no cuidado perinatal, priorizando a saúde materno-infantil e respeitando as necessidades das mulheres durante o parto (Nepomuceno *et al.*, 2023).

A *Golden Hour*, ou Hora de Ouro, a primeira hora de vida do recém-nascido, é um período crítico que oferece benefícios significativos tanto para a mãe quanto para o bebê. Durante esse tempo, práticas como o contato pele a pele (CPP), o clameamento tardio do cordão umbilical e o estímulo ao aleitamento materno são fundamentais para estabelecer um vínculo afetivo entre mãe e filho. A presença da equipe de enfermagem é essencial nesse processo, pois os enfermeiros obstétricos desempenham um papel ativo na promoção dessas práticas humanizadas, contribuindo para melhores resultados em saúde e bem-estar das puérperas e seus bebês (Lima *et al.*, 2024).

Entretanto, a efetivação do CPP muitas vezes é comprometida por intervenções rotineiras no ambiente hospitalar. Relatos maternos indicam que essa prática é frequentemente

interrompida, dificultando a formação do vínculo desejado entre mãe e bebê. É imperativo compreender os desafios enfrentados pela equipe de enfermagem na promoção da *Golden Hour* e como esses desafios impactam a qualidade da assistência prestada durante esse momento significativo na vida familiar (Monteiro *et al.*, 2022).

Além disso, o nascimento prematuro representa um desafio significativo para a saúde neonatal, associado a altas taxas de morbidade e mortalidade entre os recém-nascidos. A implementação de estratégias como a *Golden Hour* é crucial para a estabilização do recém-nascido prematuro nos primeiros momentos de vida, onde ações específicas são essenciais para garantir sua sobrevivência e bem-estar (Silva *et al.*, 2023).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que todas as mães e bebês sejam mantidos juntos após o parto, enfatizando a importância do contato imediato na promoção do vínculo entre mãe e filho e na prevenção de complicações neonatais. Nesse cenário, a atuação da enfermagem é fundamental na promoção e execução das práticas recomendadas durante a *Golden Hour*. Os profissionais não apenas realizam os cuidados clínicos necessários, mas também oferecem suporte emocional às mães, orientando-as sobre amamentação e incentivando o envolvimento dos pais (Fantinelli *et al.*, 2024).

Esse estudo tem como objetivo identificar os benefícios dessa prática para os recém-nascidos e mães, e analisar a atuação da equipe de enfermagem nesse processo.

2 METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão narrativa de literatura com abordagem descritiva. A pesquisa foi realizada na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando como palavras-chave: "*Golden hour*", "contato pele a pele", "enfermagem". O recorte temporal abrangeu publicações entre 2019 e 2024, em português e inglês. A busca inicial resultou em 17 artigos. Para refinar os resultados, adotaram-se critérios de inclusão, considerando apenas artigos originais, disponíveis na íntegra e com texto completo. Simultaneamente, aplicaram-se critérios de exclusão, desconsiderando estudos que não abordassem as palavras-chave dentro do escopo do tema ou que não estivessem alinhados aos objetivos propostos. Após a aplicação desses critérios, foram selecionados 5 artigos para análise. Por não envolver pesquisa com seres humanos ou animais, este estudo não demandou aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Ministério da Saúde por meio da Política Nacional de Humanização (PNH) garante que as boas práticas de assistência durante o parto e o puerpério sejam disponibilizadas a todas as mulheres e recém-nascidos em qualquer maternidade da região. Entre essas práticas, destacam-se o contato pele a pele entre mãe e filho, a amamentação nas primeiras horas de vida, e o clampeamento tardio do cordão umbilical, que tem mostrado benefícios significativos na melhora da oxigenação e da reserva de ferro do recém-nascido. É crucial que os profissionais de saúde expliquem detalhadamente os benefícios dessas práticas durante o acompanhamento do pré-natal, e também é necessário que os enfermeiros iniciem as orientações desde o início do atendimento, abordando os benefícios das práticas da *Golden Hour*, especialmente para aquelas mulheres que têm pouco acesso aos serviços de saúde e às redes sociais (Nepomuceno *et al.*, 2023).

No Brasil, em 2020, foram contabilizados mais de 308 mil partos prematuros, dos quais 13.646 resultaram em nascimentos de recém-nascidos (RN) com idade gestacional entre 22 e 27 semanas. Esses números destacam a gravidade do problema da prematuridade no país, que está associado a complicações significativas para a saúde tanto dos bebês quanto das mães. A adoção dessas ferramentas pode contribuir para a padronização dos cuidados, garantindo que

todas as intervenções necessárias sejam realizadas de forma oportuna e eficaz. Além disso, esses protocolos podem incluir orientações sobre a importância do contato pele a pele, amamentação precoce e cuidados específicos para recém-nascidos prematuros (Silva *et al.*, 2023).

Durante a *Golden Hour*, são realizadas intervenções destinadas a promover a saúde e minimizar complicações graves para a mãe e o bebê, mesmo diante de diversos desafios para que essas práticas se tornem rotina no ambiente de saúde. Nesse sentido, o contato pele a pele deve ser estabelecido imediatamente após o nascimento do recém-nascido, facilitando o reconhecimento entre mãe e filho, além de estabilizar os sistemas circulatório, cardíaco e respiratório. Essa prática não apenas ajuda na regulação da temperatura corporal do bebê, mas também promove a liberação de hormônios como a ocitocina. Além disso, estudos mostram que essa interação inicial pode reduzir significativamente os níveis de estresse e choro do bebê, criando um ambiente mais calmo e seguro (Lima *et al.*, 2024).

Um estudo sobre a assistência prestada à mãe e ao bebê na sala de parto, durante os primeiros 60 minutos após o nascimento, identificou fatores que influenciam o contato imediato entre mãe e recém-nascido, classificados em elementos maternos, neonatais e estruturais. Os elementos maternos e neonatais foram divididos em procedimentos, relacionados aos cuidados para prevenir complicações, e intercorrências, que envolvem intervenções imediatas para garantir a sobrevivência de ambos. Esses fatores destacam a importância da atuação da equipe de saúde no cenário do parto para promover práticas seguras e humanizada (Monteiro *et al.*, 2022).

A realização do Contato Pele a Pele (CPP) imediato durante a hora dourada é uma prática amplamente recomendada por órgãos nacionais e internacionais, especialmente em partos normais sem complicações e em casos de boa vitalidade do recém-nascido. Essa prática está associada à liberação de ocitocina e à redução de hormônios de estresse, promovendo a calma e o vínculo entre mãe e bebê. Contudo, apesar de sua relevância, muitas gestantes demonstram baixo conhecimento sobre o direito ao CPP, mesmo após um número adequado de consultas pré-natais. A pesquisa indica que fatores socioeconômicos, como cor, renda, escolaridade e faixa etária, contribuem para estigmas e desigualdades no atendimento pré-natal e na maternidade, destacando a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e informativa por parte dos profissionais de saúde no Sistema Único de Saúde (SUS) (Monteiro *et al.*, 2022).

A atuação do enfermeiro na primeira hora de vida do recém-nascido (RN) é crucial para garantir um início de vida saudável e seguro. Durante esse período, o profissional é responsável por avaliar as condições do bebê imediatamente após o nascimento, verificando aspectos como respiração, sinais de desconforto, cianose, temperatura, frequência cardíaca e resposta a estímulos. Além disso, deve tomar medidas imediatas em caso de irregularidades e assegurar que o RN seja colocado em contato pele a pele com a mãe em condições adequadas.

O enfermeiro também desempenha um papel importante no suporte emocional e psicológico, promovendo um ambiente acolhedor, ético e empático, o que ajuda a reduzir o estresse dos pais. Sua função inclui orientar sobre a amamentação, ajudando no posicionamento correto do bebê e garantindo a sucção adequada. Além disso, o enfermeiro, como educador em saúde, deve disseminar informações sobre a importância desse momento, conscientizando gestantes e a população geral, além de contribuir com a produção científica sobre o tema para aprimorar a qualidade do cuidado oferecido (Fantinelli *et al.*, 2024).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação da enfermagem é decisiva para garantir que a *Golden Hour* seja um momento seguro, acolhedor e eficaz. Além das intervenções técnicas, o enfermeiro desempenha um papel

educativo e emocional, orientando sobre a importância dessas práticas e garantindo a conscientização das gestantes, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade.

Além disso, é imperativo que as instituições de saúde invistam na capacitação continuada das equipes e na elaboração de protocolos claros e baseados em evidências científicas. Alinhando a assistência prestada, promovendo avanços na assistência da mãe e bebê. No entanto, a implementação dessas práticas ainda enfrenta desafios relacionados às dificuldades das rotinas hospitalares, à falta de capacitação dos profissionais de saúde e às barreiras socioeconômicas que impactam o acesso a cuidados humanizados e igualitários.

Em conclusão, a *Golden Hour* deve ser vista não apenas como um período isolado, mas como parte de um cuidado holístico que integra a saúde materno-infantil, promovendo o vínculo afetivo e garantindo melhores desfechos clínicos para mães e recém-nascidos. Portanto, fortalecer políticas públicas de humanização, capacitar equipes de saúde e implementar protocolos baseados em evidências são estratégias essenciais para superar desafios estruturais e socioeconômicos. Ao adotar essas medidas, será possível assegurar que todas as mulheres e bebês recebam um atendimento humanizado e de qualidade, contribuindo para um início de vida saudável e para a construção de experiências positivas no parto e no puerpério.

REFERÊNCIAS

LIMA, R. T.; *et al.* O Papel da equipe de enfermagem para a promoção da *Golden Hour*: Revisão de escopo. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 10, p. e6176-e6176, 2024.

MONTEIRO, B. R.; *et al.* Elementos Que Influenciaram No Contato Imediato Entre Mãe E Bebê Na hora dourada. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 56, 22 ago. 2022.

SILVA *et al.* Elaboração e implementação de protocolo para Hora Ouro do recém-nascido prematuro utilizando ciência da implementação. **Revista Latino-americana De Enfermagem**, v. 31, 1 dez. 2023.

NEPOMUCENO, I. F. C.; *et al.* *Golden Hour*-Benefícios para o binômio mãe-filho e atuação da equipe de enfermagem: uma revisão integrativa de literatura. **Conexão Ciência (Online)**, v. 18, n. 3, p. 89-100, 2023.

FANTINELLI, L. R.; *et al.* Assistência de enfermagem na primeira hora de vida: revisão de literatura. **Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research**, v. 48, n. 1, 2024.

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO USO DA TERAPIA LARVAL PARA O TRATAMENTO DO PÉ DIABÉTICO: UMA ABORDAGEM BIOLÓGICA E EFICAZ

Geyse Laine Flor Santana¹; Maria Paloma Dantas Silva¹; Ana Beatriz Silva Costa¹; Fernando da Silva Lima¹; Jayara Mikarla de Lira²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira, docente do curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande²

geyselaine7736@gmail.com

RESUMO

O diabetes mellitus é uma doença crônica que frequentemente resulta em complicações como neuropatia periférica e insuficiência vascular, predispondo ao pé diabético. Essa condição é marcada por ulcerações e necrose tecidual, levando a infecções e amputações com impactos econômicos e sociais significativos. Além disso, o manejo do pé diabético é desafiador e exige abordagens multidisciplinares, sendo o desbridamento essencial para a recuperação da ferida. Nesse contexto, a terapia larval (TL) surge como uma técnica biológica eficaz e menos invasiva, utilizando larvas de *Lucilia sericata* para remover tecidos necrosados, combater bactérias resistentes e acelerar a cicatrização. Dessa forma, este estudo, baseado em revisão integrativa da literatura, destaca a atuação dos enfermeiros na aplicação da TL, abrangendo avaliação da ferida, aplicação do tratamento e educação do paciente. Os resultados apontam benefícios significativos da TL, como maior eficácia no desbridamento, controle de infecções e menor necessidade de intervenções cirúrgicas. No entanto, desafios como barreiras culturais e acesso a larvas esterilizadas persistem. A inclusão da TL em protocolos clínicos e a capacitação dos enfermeiros são passos cruciais para ampliar sua adoção como alternativa no tratamento do pé diabético.

Palavras-chave: terapia larval; enfermagem; pé diabético.

1 INTRODUÇÃO

O diabetes mellitus é uma condição metabólica crônica de elevada prevalência, associada a complicações como neuropatia periférica e insuficiência vascular. Tais condições predisõem ao desenvolvimento do pé diabético, uma complicação caracterizada por ulcerações, infecções recorrentes e necrose tecidual. Estima-se que cerca de 15% dos pacientes diabéticos desenvolvem feridas nos membros inferiores ao longo da vida, muitas das quais evoluem para amputações, gerando impactos econômicos e sociais significativos.

Além disso, o manejo do pé diabético é desafiador e requer abordagens multidisciplinares, tendo em vista que o desbridamento do tecido necrótico é considerado um passo essencial para a recuperação da ferida. No entanto, métodos tradicionais, como o desbridamento cirúrgico, podem ser dolorosos, invasivos e apresentar risco de complicações. Diante desse cenário, a terapia larval (TL) tem ganhado destaque como uma abordagem biológica, menos invasiva e altamente eficaz.

Desse modo, a larvoterapia, também conhecida como bioterapia, biocirurgia ou biodesbridamento, consiste na aplicação de algumas espécies de larvas vivas de moscas, como *Lucilia sericata* (Meigen), *Phormia regina* (Meigen) e *Lucilia eximia* (Wiedemann), após processo de criação e desinfecção em laboratório, para o tratamento de feridas de difícil cicatrização. Somado a isso, essa mífase terapêutica controlada é uma alternativa para os

problemas do pé diabético, pois é um procedimento de baixo custo, eficiente, seguro, viável e talvez o único que alcance a cura e o êxito.

Outrossim, os enfermeiros desempenham um papel fundamental no manejo de pacientes submetidos à TL, atuando na avaliação da ferida, aplicação do tratamento, monitoramento e educação dos pacientes. Portanto, o presente ofício tem como objetivo explorar essa contribuição, destacando o impacto da enfermagem na eficácia do tratamento e na adesão dos pacientes à terapia larval.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado por meio de uma revisão integrativa da literatura, buscando identificar as principais evidências científicas sobre o uso da terapia larval no tratamento do pé diabético e o papel desempenhado pelos enfermeiros nesse contexto. Dessa forma as bases de dados PubMed, SciELO e LILACS foram utilizadas para a coleta de dados, com critérios de inclusão voltados para estudos publicados entre 2015 e 2023, em inglês, português ou espanhol. Os descritores utilizados foram: "terapia larval AND pé diabético AND enfermeiros". Foram inicialmente identificados 45 artigos. Após a leitura dos resumos e a aplicação dos critérios de inclusão, 18 estudos foram selecionados para análise detalhada. Os dados foram organizados em categorias temáticas: benefícios clínicos da TL, desafios enfrentados pelos enfermeiros e limitações práticas da técnica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da revisão indicaram que a terapia larval demonstrou eficácia superior ao desbridamento cirúrgico e químico em diversos estudos analisados. As larvas removem tecido desvitalizado de forma seletiva, preservando áreas saudáveis e reduzindo o risco de trauma adicional. Além disso, elas produzem secreções com propriedades antimicrobianas que combatem bactérias resistentes, como *Staphylococcus aureus* resistente à metilicina (MRSA) e *Pseudomonas aeruginosa*. Dessa forma, os benefícios da TL incluem redução do tempo necessário para o fechamento da ferida, controle eficiente de infecções em úlceras crônicas e menor necessidade de intervenções cirúrgicas agressivas.

Ademais, os enfermeiros desempenham um papel crucial em todas as etapas da aplicação da TL. Sua atuação inclui a avaliação inicial da ferida, identificando a indicação da TL, considerando critérios como extensão da necrose, presença de infecção e ausência de isquemia crítica. Também são responsáveis pela aplicação do tratamento, posicionando as larvas na ferida de forma segura e utilizando curativos adequados para mantê-las confinadas e garantir seu contato com o tecido necrótico. Além disso, monitoram regularmente a evolução da ferida, observando sinais de eficácia, como redução da necrose e controle da infecção. Outro aspecto fundamental é a educação do paciente e de seus familiares, promovendo a aceitação do tratamento e abordando possíveis resistências culturais e emocionais relacionadas ao uso de larvas.

Entre os desafios identificados, destacam-se a disponibilidade limitada de larvas esterilizadas, que são produzidas em laboratórios especializados, dificultando o acesso em regiões menos desenvolvidas, e a aceitação cultural do método. Além disso, muitos pacientes demonstram desconforto inicial com a ideia de larvas sendo usadas em feridas, o que exige estratégias educativas eficazes por parte dos enfermeiros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terapia larval representa uma alternativa inovadora e eficaz no manejo de feridas complexas, como as associadas ao pé diabético. A técnica oferece benefícios significativos, incluindo desbridamento seletivo, controle de infecções e redução de complicações, destacando-se como uma abordagem promissora em contextos onde os tratamentos tradicionais apresentam limitações.

Portanto, a assistência dos enfermeiros é central para o sucesso da TL, desde a avaliação inicial até o monitoramento e a orientação contínua ao paciente. No entanto, a implementação ampla da técnica exige esforços para superar barreiras logísticas e culturais, além de ampliar a capacitação dos profissionais. Somado a isso a inclusão da terapia larval em protocolos clínicos padronizados e sua divulgação em programas de formação em enfermagem são passos importantes para garantir maior acessibilidade e eficácia no tratamento do pé diabético. Pesquisas futuras devem focar no impacto econômico e na adaptação cultural para tornar essa abordagem mais amplamente aceita e utilizada.

REFERÊNCIAS

- ARABLOO, J. et al. Safety, effectiveness and economic aspects of maggot debridement therapy for wound healing. **Medical journal of the Islamic Republic of Iran**, v. 30, p. 319, 2016.
- CAVASSAN, N. R. V. et al. Correlation between chronic venous ulcer exudate proteins and clinical profile: A cross-sectional study. **Journal of Proteomics**, v. 192, p. 280–290, fev. 2019.
- DÍAZ-ROA, A. et al. Sarconesin: *Sarconesiopsis magellanica* Blowfly Larval Excretions and Secretions With Antibacterial Properties. **Frontiers in Microbiology**, v. 9, 28 set. 2018.
- FERREIRA, L. et al. LARVOTERAPIA NO TRATAMENTO DE LESÕES DE DIFÍCIL CICATRIZAÇÃO: REVISÃO INTEGRATIVA. 30 set. 2022.
- FONSECA-MUÑOZ, A. et al. Clinical study of Maggot therapy for Fournier's gangrene. **International Wound Journal**, v. 17, n. 6, p. 1642–1649, 21 jul. 2020.
- GREENE, E. et al. What is the effect of larval therapy on the debridement of venous leg ulcers? A systematic review. **Journal of Tissue Viability**, v. 30, n. 3, p. 301–309, ago. 2021.
- JIMÉNEZ BLANCO, L. Tratamiento de úlceras en el pie diabético. Revisión. **Revista Internacional de Ciencias Podológicas**, v. 11, n. 2, 18 maio 2017.
- LIPÍŃSKI, P. et al. Phantom pain as an adverse effect after maggot (*Lucilia sericata*) debridement therapy: a case study. **Journal of Wound Care**, v. 29, n. 5, p. 303–305, 2 maio 2020.
- NAIR, H. K. R. et al. Maggot Debridement Therapy in Malaysia. **The International Journal of Lower Extremity Wounds**, p. 153473462093239, 11 jun. 2020.
- NETO, R. et al. Use of maggot therapy for treating a diabetic foot ulcer colonized by multidrug resistant bacteria in Brazil. **Indian Journal of Medical Research**, v. 141, n. 3, p. 340, 2015.

SILVA, S. M. DA et al. Terapia larval sob a ótica do paciente. **ESTIMA, Brazilian Journal of Enterostomal Therapy**, 16 dez. 2020.

SZCZEPANOWSKI, Z. et al. Microbiological effects in patients with leg ulcers and diabetic foot treated with *Lucilia sericata* larvae. **International Wound Journal**, v. 19, n. 1, p. 135–143, 4 maio 2021.

TANYUKSEL, M. et al. Maggot Debridement Therapy in the Treatment of Chronic Wounds in a Military Hospital Setup in Turkey. **Dermatology**, v. 210, n. 2, p. 115–118, 2005.

ESQUISTOSSOMOSE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: IMPACTOS NO TRATO GASTROINTESTINAL

Aínoan dos Santos Cajado¹; Hellen Rebeca Galvão dos Santos²; Júlia Maria Ribeiro Souza²; Brenda Dias Porto²; Fernanda Felipe Catarino²; Raika Handara Alves de Oliveira Freitas Nascimento Lemos²

Graduada em Odontologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia¹, Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz²

ainoancajado@yahoo.com.br

RESUMO

A esquistossomose, uma enfermidade tropical negligenciada, atinge milhões de crianças e adolescentes nas regiões endêmicas do Brasil, apresentando-se como um sério problema de saúde pública. Tal patologia, pode evoluir para hipertensão portal e fibrose hepática que aumentam o risco de hemorragias digestivas nos indivíduos acometidos por esta parasitose. O presente trabalho fez análise de 15 documentos relevantes sobre o tema, os quais consistem tanto em artigos publicados nas bases de dados, como dados disponibilizados pelo Ministério da saúde e SESAB. Os resultados demonstram a elevada prevalência de formas graves em crianças, frequentemente associadas à melena e outras complicações do trato gastrointestinal. Constatou-se a importância do diagnóstico precoce, do manejo eficaz e da articulação das medidas de saúde pública como fundamentais para a diminuição dos impactos da doença.

Palavras-chave: esquistossomose; hemorragia gastrointestinal; crianças; adolescência.

1 INTRODUÇÃO

A esquistossomose é uma infecção parasitária que acomete milhões de pessoas, principalmente nas regiões tropicais e subtropicais, onde as condições de saneamento básico são inadequadas (Lo, N.C *et al.*, 2022; Zhong, H.; Jin, Y., 2023), é produzida por parasitas do gênero *Schistosoma* com transmissão por hospedeiros intermediários (Gomes, L. H. A.; Tenório, L. C. S.; Azevedo, T. G., 2021). Embora a maior parte dos casos seja assintomática ou apresenta quadro clínico leve, a forma de esquistossomose hepatoesplênica é gravíssima, acarretando complicações que comprometem a saúde, como hipertensão portal e hemorragias digestivas e insuficiência hepática, particularmente em crianças e adolescentes (Martins, F.L. *et al.*, 2019; Gryseels, B. *et al.*, 2006).

As manifestações do trato gastrointestinal (TGI) da esquistossomose hepatoesplênica advêm da fibrose periportal gerada pela resposta imune contra os ovos do parasita alojados no fígado, conhecida como "pipestem fibrosis". Esta fibrose produz comprometimento da circulação hepática, hipertensão portal e formação de varizes gastroesofágicas, que são responsáveis, em grande parte, pelas hemorragias digestivas nas populações pediátricas, levando a altas taxas de mortalidade nos casos não tratados (Silva, P. C. V.; Domingues, A. L. C., 2011). Nos adolescentes, estas hemorragias são episódios hemorrágicos incidentes e os primeiros sinais clínicos da doença avançada, muitas vezes associadas a anemia, desnutrição e baixo padrão de qualidade de vida (Brasil, 2014).

O diagnóstico precoce e o tratamento da esquistossomose são imperativos para evitar a progressão para formas graves e suas complicações (Mcmanus, D. P. *et al.*, 2018). O praziquantel é um fármaco amplamente utilizado para erradicação do parasita, com redução

parcial no quadro de fibrose hepática (Stothard, J. R. *et al.*, 2017). No entanto, o diagnóstico precoce continua sendo um desafio nas áreas endêmicas, devido à inespecificidade da sintomatologia inicial e à disposição restrita de recursos diagnóstico e laboratorial (Rollinson, D. *et al.*, 2013). Os exames parasitológicos do tipo Kato-Katz permanecem com padrão referencial em diagnóstico, embora os métodos complementares, como o ultrassom, e endoscopia sejam importantes para avaliação do grau das complicações hepáticas e do trato gastrointestinal (Coulibaly, J. T. *et al.*, 2011).

O desvio entre a integração de ações em saúde pública, de iniciativas em saneamento básico e de programas de educação em saúde contribui, também, para a manutenção da doença em grupos vulneráveis (Rollinson, D. *et al.*, 2013). A consequência de um ambiente contaminado em crianças e adolescentes decorre de uma exposição mais precoce à infecção e da falta de conscientização sobre a importância do controle da doença e as medidas de prevenção (Mcmanus, D. P. *et al.*, 2018). O presente trabalho discute as consequências da esquistossomose no trato gastrointestinal com ênfase nas complicações hemorrágicas observadas na infância, abordando o diagnóstico, o manejo clínico e a redução dos efeitos deletérios da doença.

2 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura, o qual objetivou responder à seguinte questão norteadora: quais as principais manifestações gastrointestinais da esquistossomose em crianças e adolescentes e como estratégias integradas de diagnóstico precoce, e de saúde pública podem atenuar os impactos da doença neste estágio da vida. Para isso, artigos foram buscados em bancos de dados e bibliotecas virtuais como Google Acadêmico, SciELO e Pubmed, além da análise de boletim epidemiológico publicado pela Secretaria de Saúde da Bahia (SESAB). Tal pesquisa utilizou os seguintes descritores: Esquistossomose, hemorragia digestiva, crianças e adolescência. Como critério de inclusão foram considerados textos publicados em língua portuguesa e inglesa entre os anos de 2004 a 2024. Como critério de exclusão, levou-se em consideração publicações em outras línguas, e fora do período anteriormente estabelecido, e que não se encaixavam na temática analisada. Logo, foram selecionados 12 artigos para integrar esta revisão, além de dados epidemiológicos disponibilizados pelo boletim epidemiológico da Secretaria de Saúde da Bahia (SESAB) e do Ministério da Saúde, totalizando 15 documentos selecionados para estudo, sendo que com a análise deles buscou-se identificar padrões e lacunas na condução da doença, em comparação com dados epidemiológicos, características clínicas e alternativas terapêuticas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre 2018 e 2023, foram registrados 1.755 casos de esquistossomose na Bahia, sendo que 13% destas evoluíram para formas graves da doença, evidenciando a persistência desta doença parasitária em áreas endêmicas (SESAB, 2024). A esquistossomose causada pelo *Schistosoma mansoni* é adquirida pelo contato com águas contaminadas através dos caramujos, hospedeiros do parasita, podendo levar a complicações graves como cirrose hepática e hipertensão portal (Gomes, L. H. A.; Tenório, L. C. S.; Azevedo, T. G., 2021). De forma semelhante, nas Filipinas, o *Schistosoma japonicum* tem cerca de 12 milhões de pessoas infectadas, tendo a maior prevalência em crianças e adolescentes devido a exposição precoce às águas contaminadas, o que evidencia a importância das medidas de prevenção, como o saneamento básico adequado e o acesso à saúde, para interromper o ciclo de transmissão da doença (Torrico, J.C, Gregório, G.E.V., 2023).

A respeito das manifestações da esquistossomose no trato gastrointestinal, a forma

hepatoesplênica é caracterizada pela fibrose periportal, hipertensão portal e varizes gastroesofágicas, que podem resultar em hemorragias digestivas, a qual é indicada pela presença de melena nas fezes (Martins, F.L. et al., 2019), tal repercussão foi constatada em um adolescente que apresentou melena recorrente e hepatosplenomegalia, evidenciados em ultrassom e endoscopia (Torrico, J.C, Gregório, G.E.V., 2023). No Brasil, a alta prevalência da anemia nas crianças com esquistossomose retrata a gravidade da enfermidade.

Nesse sentido, em relação aos desafios no controle da esquistossomose, a subnotificação de ocorrências no Brasil, com 44% de fichas incompletas, configura um sério empecilho para a vigilância epidemiológica e o controle efetivo dessa patologia (SESAB, 2024). A incompletude das informações nos registros impossibilita a aquisição de dados fidedignos sobre a magnitude real da infecção, comprometendo a capacidade de monitorar a dinâmica da doença e de localizar as áreas de maior risco, assim como a formulação de políticas públicas direcionadas e a designação dos recursos para as áreas mais afetadas e para implementação das estratégias de prevenção e tratamento. Sem um adequado registro, o rastreamento de surtos se torna mais complexo e o controle das formas graves da doença, na realidade teórica, perde o seu suporte, acarretando das complicações desnecessárias até à elevação da morbidade (SESAB, 2024).

Além disso, a escassez dos serviços de saneamento básico de muitas regiões do país, onde a população continua dependente de fontes contaminadas de água e em condições não salubres, faz agravar o quadro. A falta da estrutura para o tratamento adequado da água e do descarte correto de efluentes favorece a multiplicação dos caramujos hospedeiros do parasita, mantendo o ciclo de transmissão da esquistossomose (Brasil, 2024).

Adiciona-se a isso a falta de conscientização comunitária sobre as formas de prevenção, sendo que muitos populares não têm ideia do risco de contato com águas contaminadas ou desconhecem as suas formas de evitar a infecção, assim, pelo exemplo, o emprego dos medicamentos de prevenção (Rollinson, D. et al., 2013). Dessa maneira, a união da subnotificação, a deficiência do saneamento e da escassez da educação em saúde criam as condições em que a prevenção da esquistossomose se torna uma tarefa ainda mais difícil, e precisará não somente melhoria nos sistemas de registro e vigilância, mas ainda investimentos substanciais em infraestrutura, conscientização e educação dentro das comunidades atingidas (Brasil, 2024).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esquistossomose tem um impacto importante sobre o trato gastrointestinal de crianças e adolescentes, aumentando o risco para sangramentos digestivos e para morbidades associadas. O tratamento precoce, combinado com atividades preventivas e estratégias de saúde pública, é essencial na redução desses impactos. Entretanto, a persistência de barreiras estruturais como a subnotificação e as desigualdades de acesso à saúde, ressaltam a necessidade de abordagens integradas para o controle e erradicação da doença.

A adoção de políticas que fortaleçam a vigilância e promovam a melhoria do saneamento básico e educação em saúde são essenciais no controle da carga da esquistossomose na população pediátrica. Futuros estudos devem investigar estratégias para o diagnóstico precoce e intervenções inovadoras que limitam as complicações do trato gastrointestinal.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Análise clínica sobre repercussões da esquistossomose no trato gastrointestinal. **Documento técnico**. Brasil, 2024.

BRASIL. - Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Vigilância da esquistossomose mansoni**. Diretrizes técnicas. 4ª edição. 2014. Acessado em 05/06/2017 na página: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigilancia_esquistossome_mansoni_diretrizes_tecnicas.pdf.

COULIBALY, J. T. et al. Accuracy of Urine Circulating Cathodic Antigen (CCA) Test for Schistosoma mansoni Diagnosis in Different Settings of Côte d'Ivoire. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 5, n. 11, p. e1384, 22 nov. 2011

GOMES, L. H. A.; TENÓRIO, L. C. S.; AZEVEDO, T. G. Doenças negligenciadas: maior incidência de esquistossomose no inverno Alagoano. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, v. 4, n. 1, p. 1184-1190, 2021

GRYSEELS, B. et al. Human schistosomiasis. **The Lancet**, v. 368, n. 9541, p. 1106–1118, set. 2006.

LO, N. C. et al. Review of 2022 WHO guidelines on the control and elimination of schistosomiasis. **The Lancet. Infectious Diseases**, v. 22, n. 11, p. e327–e335, 1 nov. 2022.

MARTINS, F. L.; CARVALHO, F. L. O.; COSTA, D. M.; RODRIGUES, W. P.; FRAGA, F. V.; PARIS, L. R. P.; JUNIOR, L. R. G.; BUENO, D. M. P.; DAVID, M. L. Fatores de risco e possíveis causas de esquistossomose. **Revista saúde em Foco**, v. 11, p. 396-04, 2019.

MCMANUS, D. P. et al. Schistosomiasis. **Nature Reviews Disease Primers**, v. 4, n. 1, 9 ago. 2018.

ROLLINSON, D. et al. Time to set the agenda for schistosomiasis elimination. **Acta Tropica**, v. 128, n. 2, p. 423–440, nov. 2013.

SESAB. Secretaria da Saúde do Estado da Bahia. Boletim Epidemiológico:

Esquistossomose no Estado da Bahia, 2018-2023. Salvador, 2024. Disponível em: <[URL do documento, caso haja acesso online]>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SILVA, P. C. V.; DOMINGUES, A. L. C. Aspectos epidemiológicos da esquistossomose hepatoesplênica no Estado de Pernambuco, Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 20, n. 3, p. 327–336, set. 2011.

SINKALA, E. et al. Propranolol Reduces Portal Vein Diameter in Schistosomal Liver Disease with Portal Hypertension: A Prospective Cohort Study. **The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, v. 102, n. 4, p. 832–837, 1 abr. 2020.

STOTHARD, J. R. et al. Towards interruption of schistosomiasis transmission in sub-Saharan Africa: developing an appropriate environmental surveillance framework to guide and to support “end game” interventions. **Infectious Diseases of Poverty**, v. 6, n. 1, 14 jan. 2017.

TORRICO, J.C., GREGÓRIO, G.E.V. Hepatosplenic Schistosomiasis Presenting as Melena in an Adolescent Filipino Male: A Case Report and Literature Review. **Philippine General Hospital**, 2023.

ZHONG, H.; JIN, Y. Single-sex schistosomiasis: a mini review. **Frontiers in Immunology**, v. 14, p. 1158805, 19 abr. 2023.

IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NAS TAXAS DE INTERNAÇÕES INFANTIS POR BRONQUIOLITE E BRONQUITE AGUDA

Hellen Rebeca Galvão dos Santos¹; Júlia Maria Ribeiro Souza¹; Fernanda Felipe Catarino¹; Raika Handara Alves de Oliveira Freitas Nascimento Lemos¹; Brenda Dias Porto¹; Aínoan dos Santos Cajado².

Graduanda em Medicina pela Universidade Estadual de Santa Cruz¹, Graduada em Odontologia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia².

hellenglv@gmail.com

RESUMO

A bronquiolite e bronquite aguda são doenças inflamatórias, que acometem as vias aéreas e estão entre as principais causas de internação da população infantil. Essas patologias apresentam caráter sazonal, com maior incidência durante os meses de outono e inverno, em decorrência de sua relação direta com variações climáticas. Durante a pandemia de COVID-19, as mudanças nas dinâmicas sociais podem ter impactado os meios de transmissão e contaminação dessas doenças. Este estudo teve como objetivo analisar os impactos da pandemia nas taxas de internações infantis por bronquiolite e bronquite aguda, utilizando dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), disponibilizados pelo DATASUS/TABNET, referentes aos anos de 2018 a 2022. Observou-se uma redução significativa nas internações de crianças menores de um ano em 2020, com declínio de 75,75% em relação a 2019. Nesse viés, tal situação pode estar relacionada à implementação de medidas de controle e higiene durante o período pandêmico, contribuindo para a prevenção dessas infecções respiratórias.

Palavras-chave: bronquiolite; bronquite; COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

A bronquiolite aguda, frequentemente causada pelo vírus sincicial respiratório (VSR), é uma das principais causas de internação da população infantil (Ghazaly *et al.*, 2020). Trata-se de um processo inflamatório que afeta a mucosa brônquica, com destaque para os bronquíolos, resultando em edema, congestão e redução do lúmen dessas estruturas, o que obstrui o fluxo aéreo e compromete as trocas gasosas (Soares *et al.*, 2024). Devido a esse quadro, o pico de incidência e a maior taxa de mortalidade ocorrem em crianças menores de 12 meses, especialmente aquelas de grupos de alto risco, uma vez que o sistema pulmonar ainda é imaturo e funcionalmente subdesenvolvido (Carvalho; Johnston; Fonseca., 2007).

Por outro lado, a bronquite aguda é uma doença inflamatória que acomete a traqueia e as grandes vias aéreas, caracterizando-se por alterações inflamatórias nas paredes dos brônquios, impactando também a saúde da população infantil (Alves *et al.*, 2024). Seu quadro clínico inclui tosse, alterações nos ruídos pulmonares, dificuldade respiratória e febre, com sintomas que podem persistir por até três semanas (Ciaparin *et al.*, 2022). A etiologia dessa doença está associada, na grande maioria dos casos, a um agente viral, dentre eles, principalmente, os vírus influenza A e B rinovírus e o VSR (Freymuth *et al.*, 2004).

Ambas as condições apresentam um padrão sazonal, com maior incidência nos meses de outono e inverno, evidenciando uma relação com variações climáticas, o que coincide com surtos de infecções virais respiratórias (Carvalho; Johnston; Fonseca., 2007; Ciaparin *et al.*,

2022). Nesse contexto, a pandemia de COVID-19, iniciada em 2020, provocou mudanças nas taxas das internações pediátricas, sugerindo que as alterações das dinâmicas sociais desse período podem ter impactado as formas de contaminação e transmissão dessa doença (Carvalho *et al.*, 2021). Assim, o presente trabalho descreve as taxas de internações infantis por bronquite e bronquiolite aguda, avaliando o impacto da pandemia da COVID-19 e as alterações observadas antes, durante e após o período de maior transmissão do SARS-CoV-2.

2 METODOLOGIA

A pesquisa em questão consiste em um estudo epidemiológico descritivo, de caráter quantitativo e retrospectivo, sobre as internações infantis por bronquite e bronquiolite aguda, antes, durante e após o período crítico da COVID-19, abrangendo o período de janeiro de 2018 a dezembro de 2022. A coleta de dados foi realizada em novembro de 2024, utilizando o Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), pelo departamento de Informática do Sistema único de Saúde (DATASUS/TABNET).

Neste estudo, analisou-se a epidemiologia dessas hospitalizações, selecionando-se internações de menores de 1 ano por bronquite aguda e bronquiolite em todo o Brasil. Os dados foram então tabulados no Microsoft Excel. Além disso, os resultados obtidos foram confrontados com a literatura científica atual para embasar as informações adquiridas. Como os dados são de domínio público, este estudo não necessitou de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, em conformidade com as resoluções éticas vigentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com os dados coletados no painel de morbidade hospitalar, no período de janeiro de 2018 a dezembro de 2021 foram notificadas 187.155 internações de crianças menores de 1 ano por bronquite e bronquiolite aguda no Brasil, sendo 48 121 no ano de 2018, 45 863 no ano de 2019, 11 122 no ano de 2020, 31 339 no ano de 2021 e 54 710 no ano de 2022. Nota-se que, em 2020, ano de início da pandemia da COVID-19, houve uma redução de aproximadamente 75,75% em relação ao ano anterior. Em março de 2020, ocorreu o maior número de internações do ano (2400), já os meses subsequentes, apresentaram uma declinação nesses valores, atingindo menores números em maio (480) e em outubro (466). Contudo, após esse ano, em 2021 e 2022 observa-se aumento drástico de hospitalizações, com 2022 representando 29,23% dos 5 anos analisados. Essas análises sugerem uma forte influência da pandemia nas tendências de internações por bronquite e bronquiolite aguda da população infantil.

Nesse sentido, no início da crise sanitária da COVID-19, que se iniciou em 11 de março de 2020 de acordo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o país adotou a recomendação do isolamento social, com fechamento de comércios, instituições de ensino, como escolas e creches, e locais de aglomeração, para conter o avanço da doença (Jin *et al.*, 2020). Nesse viés, e diante os dados apresentados, o período pandêmico, e em especial os meses de decreto de isolamento, coincide com os menores números de internações por essas infecções respiratórias. Isso sugere, que as medidas de prevenção adotadas nessa época foram efetivas para minimizar também a incidência de outras doenças respiratórias em crianças (Qiu *et al.*, 2020). Isso é reforçado, uma vez que, após passado o isolamento social e a diminuição da adoção dessas medidas preventivas, os valores de internação voltaram a aumentar, com destaque para o ano de 2022, que apresentou o maior número de internações dentre o período analisado.

Além do distanciamento social, o maior uso de equipamentos de proteção, como máscaras, e maior frequência de hábitos de higiene, lavagem de mãos e uso do álcool em gel, podem ter impactado nas taxas de infecção e diminuído a procura por atendimento em hospitais

devido a bronquite e bronquiolite aguda. Essas medidas de controle representam importante prevenção dessas doenças pois evitam que ocorra sua transmissão, impedindo complicações futuras e altas taxas de mortalidade (Ciaparin *et al.*, 2022). No entanto, é importante destacar que nesses meses pandêmicos, muitos pais e responsáveis, podem ter evitado o ambiente hospitalar, mesmo na presença de sintomas sugestivos de bronquite e bronquiolite aguda, representando uma limitação importante na interpretação desses dados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A bronquiolite e bronquite aguda, são doenças frequentes no âmbito pediátrico, com altas taxas de internações, especialmente entre crianças menores de um ano. Com o desenvolvimento desse trabalho, constata-se que esse padrão epidemiológico sofreu alterações durante o período pandêmico, particularmente no contexto do isolamento social durante seu momento crítico em 2020.

A pandemia da COVID-19, impactou significativamente as internações hospitalares infantis, com uma redução expressiva nos casos registrados. Esse fenômeno pode estar associado ao aumento de medidas de controle e higiene implementadas nessa época. Contudo, é necessário aprofundar as discussões sobre esses achados para compreender plenamente os fatores que contribuíram para esse decréscimo.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. et al. Bronquite e Bronquiolite Aguda em crianças do Sul: Epidemiologia das internações entre 2019 e 2023. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 9, p. 753–764, 3 set. 2024.

CARVALHO, W. B. DE; JOHNSTON, C.; FONSECA, M. C. Bronquiolite aguda, uma revisão atualizada. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 53, n. 2, p. 182–188, abr. 2007.

CARVALHO, J. et al. Impacto da pandemia de COVID-19 na epidemiologia pediátrica **Resumo Endereço para correspondência**. v. 2021, [s.d.].

CIAPARIN, I. B. et al. BRONQUITE AGUDA: REVISÃO DE LITERATURA. **Revista Ensaios Pioneiros**, v. 6, n. 2, 2022.

FREYMUTH, F. et al. Épidémiologie et diagnostic des infections à virus respiratoire syncytial de l'adulte. **Revue des Maladies Respiratoires**, v. 21, n. 1, p. 35–42, 1 fev. 2004.

GHAZALY, M. M. H. et al. Acute viral bronchiolitis as a cause of pediatric acute respiratory distress syndrome. **European Journal of Pediatrics**, v. 180, n. 4, p. 1229–1234, 7 nov. 2020.

HOLMAN, R. C. et al. Risk factors for bronchiolitis-associated deaths among infants in the United States. **Pediatric Infectious Disease Journal**, v. 22, n. 6, p. 483–489, jun. 2003.

JIN, Y. et al. Virology, Epidemiology, Pathogenesis, and Control of COVID-19. **Viruses**, v. 12, n. 4, p. 372, 27 mar. 2020.

QIU, H. et al. Clinical and epidemiological features of 36 children with coronavirus disease 2019 (COVID-19) in Zhejiang, China: an observational cohort study. **The Lancet Infectious**

Diseases, v. 20, n. 6, mar. 2020.

ROQUÉ-FIGULS, M. et al. Chest physiotherapy for acute bronchiolitis in paediatric patients between 0 and 24 months old. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. 2023, n. 4, 3 abr. 2023.

SOARES, M. C. et al. Morbidade hospitalar da Bronquite Aguda e Bronquiolite Aguda em crianças, no Brasil, de 2017 a 2021. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 17, n. 7, p. e8493, 16 jul. 2024.

ASSOCIAÇÃO ENTRE O CONSUMO ALIMENTAR E FATORES DE RISCO CARDIOMETABÓLICOS EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO NARRATIVA

Vanessa Cruz Carvalho¹; Andrea Nunes Mendes de Brito².

Nutricionista pela Universidade Federal do Piauí¹, Doutoranda em Nutrição pela
Universidade Federal do Piauí².

vanessacarvalho01@gmail.com

RESUMO

A adolescência constitui um grupo prioritário para promoção da saúde, em razão dos comportamentos que os expõem a diversos fatores de risco. Dentre eles estão as mudanças associadas aos novos padrões alimentares, onde observa-se um aumento do consumo de alimentos ultraprocessados com alta densidade energética e baixa qualidade nutricional. Objetivo: Evidenciar a influência da alimentação no desenvolvimento de doenças cardiometabólicas no período da adolescência. Método: Realizou-se uma revisão narrativa da literatura nas seguintes bases de dados: Web of Science, PubMed, Google Scholar, ScienceDirect e SciELO. A partir daí foram escolhidos artigos publicados no período de 2018 a 2024, disponíveis na íntegra e no idioma português, através dos descritores “Comportamento Alimentar”, “Adolescentes” e “Doenças Crônicas”. Resultados e discussão: As modificações no padrão alimentar podem interferir na formação física, social e na vulnerabilidade biológica dos adolescentes. O consumo alimentar é o principal responsável pelo estilo de vida não saudável, e representa um importante fator de risco de doenças cardiometabólicas. Conclusão: Como os hábitos alimentares adquiridos na infância e na adolescência tendem a permanecer na vida adulta, é de fundamental importância o ensino e incentivo desses, principalmente nas escolas, a fim de promover hábitos de vida saudáveis e redução das doenças crônicas.

Palavras-chave: adolescência; doenças cardiometabólicas; consumo alimentar.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período crítico de desenvolvimento, caracterizado por transformações físicas, emocionais e sociais que influenciam diretamente os hábitos alimentares e, conseqüentemente, a saúde a longo prazo. Nesse contexto, considerando que os adolescentes são principalmente atraídos por estilos de vida pouco saudáveis e estão sujeitos a alterações hormonais associadas à maturação sexual, esta fase da vida pode ser considerada um período vulnerável em termos de doenças cardiometabólicas (DCM) (Brasil, 2019).

Além disso, o crescimento e o desenvolvimento dos adolescentes até a fase adulta são caracterizados pela alta demanda energética que este grupo necessita para a realização dos processos metabólicos inerentes deste ciclo da vida. Porém, atualmente, é comum encontrar situações em que os adolescentes consomem mais energia do que a despendida, desta forma, a preocupação advinda de um novo cenário nutricional e comportamental torna-se relevante, uma vez que o resultado desta combinação é o surgimento de diversas doenças relacionadas ao aumento de peso corporal, incluindo as DCM (Faria et al., 2014). Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é evidenciar a influência da má alimentação no desenvolvimento de doenças cardiometabólicas no período da adolescência.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão narrativa com o objetivo de analisar e discutir os principais fatores associados ao consumo alimentar que influenciam o desenvolvimento de DCM na adolescência. A metodologia foi estruturada em diferentes etapas, incluindo a seleção de fontes, análise e síntese da literatura. A busca pela literatura foi realizada nas seguintes bases de dados: PubMed, ScienceDirect, Web of Science, SciELO e Google Scholar, a fim de garantir a amplitude e a qualidade das fontes consultadas. A partir daí foram escolhidos artigos publicados no período de 2018 a 2024, disponíveis na íntegra e no idioma português, através dos descritores “Comportamento Alimentar”, “Adolescentes” e “Doenças Crônicas”. Após a seleção dos artigos, foi realizada uma leitura minuciosa dos textos e elaborada uma síntese crítica das evidências disponíveis sobre o tema.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Adolescência

3.1.1 Características gerais

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que ocorre após a infância e antes da idade adulta. Não existe um consenso universal sobre a faixa etária exata que engloba a adolescência, pois isso varia de acordo com fatores culturais, sociais e individuais (Avezani, 2022). No Brasil, o Ministério da Saúde, em consonância com a Organização Mundial da Saúde, circunscreve a adolescência à segunda década da vida (10 a 19 anos) (OMS, 2005). O intuito de definir, cronologicamente, o período da adolescência é orientar pesquisas epidemiológicas, elaboração de políticas de desenvolvimento coletivo e os projetos de serviços sociais e saúde pública.

Paralelamente a isso, é importante ressaltar que essas faixas etárias são apenas orientações gerais e que o desenvolvimento e a maturação podem variar entre indivíduos, ou seja, a adolescência é um período que envolve inúmeras transformações físicas, psíquicas e sociais, que podem se manifestar de formas e em períodos diferentes. Algumas pessoas podem passar pela adolescência mais cedo ou mais tarde do que outras, e a transição para a idade adulta pode ser gradual e contínua ao invés de um evento pontual. Tais características são influenciadas pelo potencial genético e pelo ambiente em que esse indivíduo se encontra (OMS, 2005).

3.1.2 Alterações fisiológicas

Diversas alterações fisiológicas surgem durante o desenvolvimento do sistema reprodutor no período da adolescência. O eixo hipotálamo-hipófise-gonadal executa um papel fundamental nesse processo, com a liberação do hormônio liberador de gonadotrofinas (GnRH) pelo hipotálamo, promovendo a secreção de hormônios gonadotróficos pela glândula pituitária. Esses hormônios, por sua vez, estimulam os testículos nos meninos a produzir testosterona e os ovários nas meninas a produzir estrogênio e progesterona (Marshall, 1969).

Associadamente, em decorrência das diferenças no perfil hormonal, a composição corporal é diferenciada entre os sexos: Nos meninos, por influência da testosterona, há maior proporção de massa muscular, já nas meninas, por atuação dos níveis de estradiol, destaca-se a maior quantidade de tecido adiposo (Faria et al, 2014).

Além dos hormônios sexuais, o hormônio do crescimento (GH) é fundamental na determinação da composição corporal, atuando tanto no crescimento longitudinal, como

também na distribuição do tecido adiposo, no metabolismo de nutrientes e, em associação com o Insulin Growth Factor 1 (IGF-1), parece estimular o quadro de redução da sensibilidade à insulina fisiológico durante a puberdade (Arruda, 2019).

3.2 Doenças cardiometabólicas e fatores de risco em adolescentes

As DCM compreendem uma gama de condições que afetam o sistema cardiovascular e o metabolismo, incluindo sobrepeso e obesidade (Ruiz et al., 2020). O aumento do excesso de peso é alarmante em todo o mundo, dessa maneira, adolescentes obesos têm maior probabilidade de permanecer nessa condição na fase adulta.

A obesidade é causa de diversas doenças, dentre elas a aterosclerose, que pode ter início na infância, com o depósito de colesterol na trama íntima das artérias musculares, formando a estria de gordura. Essas estrias nas artérias coronarianas de crianças podem, em alguns indivíduos, progredir para lesões ateroscleróticas avançadas em poucas décadas, sendo este processo reversível no início do seu desenvolvimento. É importante ressaltar que o ritmo de progressão é variável (Kreutz et al., 2014).

Paralelo a isso, a relação entre o excesso de peso e doenças crônicas, como diabetes mellitus tipo 2 (DM2) e doenças cardiovasculares, se intensifica com o aumento do IMC e a resistência à insulina, que se agrava na adolescência. A resistência à insulina (RI), que resulta em hiperinsulinemia, é uma das primeiras anormalidades metabólicas observadas em adolescentes obesos. Estudos demonstram que, durante a puberdade, a diminuição da sensibilidade à insulina pode agravar esse quadro, potencializando o risco de complicações metabólicas (Ruiz et al., 2020).

Estima-se, também, que 70% das crianças e adolescentes obesos de 5 a 17 anos tenham pelo menos um fator de risco cardiovascular. Assim, a interrelação entre excesso de peso, fatores de risco cardiometabólicos e as consequências para a saúde dos adolescentes evidencia a necessidade de um enfoque multidisciplinar no enfrentamento dessas condições (Ruiz et al., 2020).

3.3 Padrão de consumo alimentar de adolescentes

Muitos fatores podem influenciar no hábito alimentar do adolescente, dentre eles, os valores socioculturais, a imagem corporal, o grupo social em que o indivíduo se insere, a renda familiar, alimentos consumidos fora de casa, mídia, disponibilidade e facilidade de preparo dos alimentos, além de instabilidade emocional (Arruda, 2019).

Além desses, o crescimento da indústria alimentícia associado à maior acessibilidade aos alimentos promove ainda uma profunda modificação nos modos de consumo alimentar, em que se observa a entrada de novos produtos alimentícios em substituição aos alimentos tradicionalmente consumidos no ambiente familiar (Arruda, 2019).

Nesse contexto, a transição tecnológica por meio dos eletrônicos também ganha importância, contribuindo significativamente tanto para o aumento do sedentarismo, quanto com a maior divulgação das publicidades e mídias, com uso de personagens e apelos nutricionais, influenciando diretamente nos hábitos alimentares dos adolescentes, e com isso percebe-se maior consumo de alimentos processados e ultraprocessados (Menezes, 2021).

Por outro lado, os hábitos alimentares saudáveis durante a infância e adolescência auxiliam na manutenção destes na vida adulta, sendo de importante relevância seu incentivo no intuito de colaborar com a diminuição do surgimento de DCM. A predominância do consumo de alimentos de elevada densidade energética ricos em açúcares e gorduras, com baixo teor de fibras e micronutrientes e alto grau de processamento como biscoitos recheados, salgadinhos “de pacote”, macarrão instantâneo, bebidas açucaradas e refrigerantes estão frequentemente

presentes no cotidiano dos adolescentes e, quando ingeridos de maneira excessiva, podem contribuir com o desenvolvimento dessas comorbidades (Menezes, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aponta que o padrão de consumo alimentar do adolescente, se caracteriza pelo aumento da densidade energética, com maior consumo de ultraprocessados em detrimento dos in natura. E o desenvolvimento desses hábitos alimentares inadequados nessa fase perfazendo pela fase adulta são fatores de riscos importantes para a aparecimento de doenças relacionadas a alimentação e suas consequências.

Sendo assim, um entendimento mais aprofundado sobre a nutrição na adolescência, assim como o crescimento, desenvolvimento, comportamento, necessidades e hábitos alimentares próprios dessa fase da vida, pode potencializar a eficácia das intervenções nutricionais. Programas de educação nutricional mais bem estruturados e planejados têm o potencial de gerar resultados mais eficazes, impactando positivamente a saúde pública.

REFERÊNCIAS

ARRUDA NETA, A. C. P. **Padrões alimentares e fatores de risco cardiovasculares em adolescentes**. Tese (Doutorado), Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

AVEZANI, Amanda Carolina Franciscatto; GALINDO, Tabata; DA SILVA, Bruno Pereira. SABERES E PRÁTICAS DA ENFERMAGEM NA ADOLESCÊNCIA. **Enfermagem em saúde mental**, p. 90.1ª ed. Curitiba: Appris,2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia de Atividade Física para a População Brasileira. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. 54 p. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/ecv/publicacoes/guia-de-atividade-fisica-para-populacao-brasileira/view>.

FARIA, E.R. et al. Consumo alimentar e síndrome metabólica em adolescentes do sexo feminino. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição**, v.6, n.1, p.21-8, 2014.

KREUTZ; ALBUQUERQUE; SPONCHIADO; SUZIN; BORTOLOTTI. Diagnóstico sobre a incidência de colesterol elevado em moradores do município de Serranópolis do município de Serranópolis do Iguaçu. **Revista saúde e pesquisa**, v. 7, n. 1, p. 15-24, 2014.

MARSHALL, W. A.; TANNER, J. M. Variações no padrão de alterações puberais em meninas. **Arquivos de Doenças na Infância**, v. 44, p. 291-303, 1969.

MENEZES, Jéssica Sybelle da Silva. **Padrão alimentar de adolescentes de uma universidade pública**: caracterização e associação com o estado nutricional. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CCS. Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Recife, 2021, 104p.

World Health Organization. Nutrition in adolescence: issues and challenges for the health sector: issues in adolescent health and development. Geneva, World Health Organization, 2005.

AS BARREIRAS PARA IMPLEMENTAÇÃO DOS CUIDADOS DE ENFERMAGEM COM O PÚBLICO MASCULINO

Maryana Viana dos Santos¹; Beatriz Neves Guedes²; Giovanna Maria Rebouças dos Reis³; Steffanny Geovanna da Silva; Steffanny Geovanna da Silva⁵; Emina Camille Silva Barbosa⁶.

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹,
Graduada em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia².

maryanaviana7@gmail.com

RESUMO

As barreiras para a implementação dos cuidados de enfermagem voltados para o público masculino são variadas e complexas. Um dos maiores desafios é a insuficiência de formação dos profissionais de saúde em relação a questões específicas do gênero masculino, o que enfatiza uma abordagem inapropriada e a baixa adesão dos homens aos serviços de saúde. Nesse sentido, existem empecilhos socioculturais que impossibilita a procura por atendimento, como estigmas relacionados à saúde masculina e preconceitos que levam os homens a evitarem buscar ajuda. A falta de recursos financeiros e a fragilidade da gestão municipal também contribuem para a ineficácia das estratégias de atendimento, comprometendo a alocação adequada de verbas e a continuidade das ações necessárias. A falta de conhecimento sobre as políticas voltadas à saúde do homem e a insatisfação com o atendimento recebido acentuam ainda mais essa questão, fazendo com que muitos homens se sintam desmotivados a buscar cuidados.

Palavras-chave: cuidados de enfermagem; barreiras; política.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a saúde do homem ainda é um tema emergente no contexto da prevenção e do cuidado, frequentemente negligenciado em comparação à sua relevância na saúde pública. Dessa forma, resulta em uma maior vulnerabilidade dos homens a diversas condições de saúde, incluindo doenças crônicas, problemas cardiovasculares, doenças sexualmente transmissíveis e questões de saúde mental. Em 2009, o Ministério da Saúde lançou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), com o propósito de reduzir a morbidade e mortalidade dessa população e ampliar seu acesso aos serviços de saúde da Atenção Básica. A PNAISH não só visa aumentar a cobertura dos serviços de saúde, mas também propõe uma transformação cultural no entendimento do cuidado masculino. Ao desafiar os paradigmas que historicamente marginalizaram o homem em espaços de cuidado, a política promove um novo reconhecimento do homem como um ser integral que merece atenção e suporte. Essa abordagem busca garantir que os homens sejam tratados com dignidade e respeito, livres de preconceitos que possam inibir sua busca por cuidados médicos (Vasconcelos et al., 2019).

Diversos fatores influenciam o distanciamento dos homens em relação à busca por atendimento para suas questões de saúde, dificultando, assim, a efetiva implementação da PNAISH na sociedade brasileira. O preconceito enraizado, as normas machistas, a escassez de tempo e a resistência em se afastar de suas atividades diárias configuram-se como barreiras significativas ao acesso aos serviços de atenção primária à saúde (APS). Nesse contexto, torna-se imprescindível avaliar os horários de funcionamento das unidades de saúde, que frequentemente se alinham com os horários comerciais e, por conseguinte, coincidem com o período de trabalho dos homens. Essa sobreposição não apenas limita as opções de atendimento

disponíveis, mas também intensifica a dificuldade que eles enfrentam ao tentar buscar cuidados médicos. Além disso, desde a graduação os acadêmicos da área da saúde devem ser preparados para prestar assistência a esse público, e como se retratar orientar e se retratar ao mesmo, para que sejam inseridos no contexto de saúde, vencendo barreiras e negligências, e falta de conscientização sobre a importância da prevenção e do cuidado regular com a saúde (Júnior et al., 2022).

A implementação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) apresenta desafios significativos para os profissionais de enfermagem, especialmente na Atenção Primária à Saúde (APS). Entre esses desafios, destacam-se as dificuldades na operacionalização das ações previstas pela política, devido à complexidade de transpor o planejamento macro para as atividades práticas na microgestão. Além disso, os profissionais de enfermagem enfrentam obstáculos relacionados a questões de gênero, que influenciam a adesão dos homens aos serviços de saúde, demandando abordagens específicas e sensíveis para efetivar o cuidado preventivo (Sousa et al., 2021)

Os homens apresentam significativos déficits de autocuidado, os quais contribuem para elevados índices de morbidade e mortalidade. Esse cenário demanda ações eficazes para promover sua inclusão nos serviços de Atenção Primária à Saúde (APS). Fatores como a percepção de invulnerabilidade, a baixa adesão às práticas de saúde e o descuido com o autocuidado são características associadas ao público masculino, dificultando o acesso e a continuidade do cuidado (FONTES et al., 2010).

Objetivou-se analisar os empecilhos vigentes para a implementação dos cuidados de enfermagem com o público masculino na efetivação da PNAISH.

2 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de caráter descritivo e qualitativo, realizada entre outubro e novembro de 2024. Sendo assim, a revisão integrativa composta por seis etapas: definição da pergunta norteadora, estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, identificação das informações a serem utilizadas dos estudos selecionados, análise dos dados extraídos, interpretação dos resultados e apresentação da revisão (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2019). Nesse viés, foi formulada a seguinte pergunta norteadora: Quais são as barreiras para a implementação dos cuidados de enfermagem com o público masculino?

Foi executada uma busca na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), com as seguintes palavras-chave: "cuidado de enfermagem" e "masculino". recorreu-se o operador booleano AND para os cruzamentos dos dados. Diante disso, foram implantados os critérios de inclusão que consideraram apenas artigos originais, publicados na íntegra e com texto completo. Ademais, os critérios de exclusão também foram utilizados, desconsiderando investigações que não tratassem das palavras-chave no âmbito do trabalho ou que não estivessem em conformidade com a finalidade do estudo, assim como publicações na forma de teses e dissertações. Após essa triagem, 8 artigos foram selecionados para o desenvolvimento da revisão. Na qual procedeu 539 artigos. Este estudo não demandou apresentação ao Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que não incluiu estudos clínicos com animais ou indivíduos. Assim, os princípios dos direitos autorais dos autores foram respeitados e observados de acordo com a legislação atual.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A saúde do homem no Brasil enfrenta desafios significativos, como a fragilidade da administração municipal e a falta de apoio governamental, na qual acaba dificultando a implementação eficaz da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH).

As enfermeiras (os) da Estratégia de Saúde da Família (ESF) mostram a influência limitada sobre a alocação e distribuição de recursos financeiros essenciais para garantir a atenção à saúde dos homens, que resulta em dificuldades para implementar ações, disseminar informações e realizar deslocamentos necessários para as atividades nas áreas cobertas pelos serviços (Sousa et al., 2021).

Além disso, a interrupção das ações foi identificada como um fator dificultoso para as enfermeiras. O discurso emergente indica que a PNAISH não tem recebido a devida atenção dos representantes da autoridade, sendo muitas vezes negligenciada, o que afeta diretamente a continuidade das ações, culminando na sua ausência na rotina dos serviços de saúde. (Sousa et al., 2021). Por outro lado, as ações da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), são bem significativas para a diminuição de doenças e agravos, no entanto ainda bem limitadas e frequentemente se concentram apenas no câncer de próstata, negligenciando outras condições que impactam essa população (Alvarenga et al., 2012).

Ademais, os homens enfrentam barreiras ao buscar atendimento nas Unidades de Saúde, como a falta de conhecimento sobre as políticas direcionadas a eles e a insatisfação com o atendimento recebido. As entrevistas realizadas com homens atendidos em uma Unidade Básica de Saúde revelaram que a demora no atendimento e o desejo de serem tratados com a mesma atenção que as mulheres são fatores que dificultam sua procura pelos serviços (Júnior et al., 2022).

Ao analisar a formação profissional direcionada para a saúde masculina, nota-se que a carência de qualificação para estender-se às questões específicas do gênero masculino pode favorecer a falta de estímulo que encoraje os homens a buscarem as Unidades de Saúde da Família (USF). Essa deficiência na instrução resulta na baixa inclusão desse grupo nos serviços de saúde, impossibilitando a identificação de suas necessidades e demandas nas unidades. Dessa maneira, essa situação é agravada por barreiras socioculturais e pela falta de compreensão das definições de gênero por parte dos profissionais. O conhecimento e as percepções que esses profissionais têm sobre o público masculino influenciam diretamente suas ações, levando-os a lidarem com a ignorância acerca dos princípios e práticas da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (Vasconcelos et al., 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, a importância da atuação dos profissionais diante da política nacional a saúde do homem se faz necessária, uma vez que a atuação dos mesmos se concretiza em educação, promoção e prevenção da saúde, tal como, o estímulo quanto a procura, buscando tornar conhecido o que consta a política de assistência do homem, suas nuances e particularidades, além de torná-los protagonistas no processo de cuidados.

Ademais, a busca dos profissionais no conhecimento e aprimoramento sobre a política, se faz necessária, uma vez que o engajamento à assistência ao público masculino, resulta em uma aplicabilidade e manejo adequado da assistência em sua totalidade. No entanto, ainda assim, tal política carece de adaptações e procura por parte do público em evidência. Além disso, a colaboração interdisciplinar entre profissionais de saúde enriquecerá as estratégias, garantindo uma abordagem mais integrada e eficaz.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, WAA.; SILVAL, SS.; SILVA, MEDC.; BARBOSA, LDCS.; ROCHA, SS. Política de saúde do homem: perspectivas de enfermeiras para sua implementação, **Revista Brasileira de Enfermagem REBEN**, v. 65, n.6, setembro. 2011.

DANTAS, SMV.; COUTO, MT. Sexualidade e reprodução na Política Nacional de Saúde do Homem: reflexões a partir da perspectiva de gênero, **REVISTA LATINOAMERICANA**, JULHO. 2018.

FONTES, DW.; BARBOZA, TM.; LEITE, MC.; FONSECA, RLS.; SANTOS, LCF.; NERYYS, TCL. Atenção à saúde do homem: interlocução entre ensino e serviço, **paulista de enfermagem**, n. 24, p. 430-433, novembro. 2010.

JÚNIOR, CDS.; SOUZA, JR.; SILVA, NS.; ALMEIDA, SP.; TORRES, LM. Saúde do homem na Atenção básica: Fatores que influenciam a busca pelo atendimento, **Revista Ciência Plural**, 2022.

NOBRE, JP.; FREITAS, CA. Aspectos relacionados à implementação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) no Brasil, **revista espaço para saúde**, v. 22, novembro. 2023.

SOUSA, AR.; OLIVEIRA, JA.; ALMEIDA, MS.; PEREIRA, A.; ALMEIDA, ES.; ESCOBAR, OJV. Implementação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: desafios vivenciados por enfermeiras. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, julho. 2021.

SOUSA, AR.; OLIVEIRA, MT.; OLIVEIRA, JC.; REIS, MCO.; COSTA, MSF.; CERQUEIRA, DCG.; BASTOS, MAC. Gênero, Masculinidades e Saúde de Homens: desenvolvimento de uma disciplina curricular no curso de graduação em Enfermagem, **REVISTA**, v.10, n. 1, 2021.

VASCONCELOS, ICBL.; PRESTES, JYN.; RIBEIRO, RRS.; LIMA, SJL.; FARIAS, FCDS.; BARBOSA, LDS.; VASCONCELOS, AC. Política nacional de atenção integral a saúde do homem e os desafios de sua implementação, **Brazilian Journal of Development**, v.5, n.9, p. 16340-16355, Setembro. 2019.

HEMORRAGIA GRAVE NO TRAUMA PEDIÁTRICO: EXPERIÊNCIA DE ENFERMEIROS EM HOSPITAL REFERÊNCIA NO ESTADO DO CEARÁ

Ana Caroline Lima Vasconcelos¹; Hudson Avelar Caminha Leal²; Hudson Filipe Arnou Alves²; Anna Rebecca Matoso Silva Almeida³

Enfermeira Especialista, Servidora Pública do Instituto Doutor José Frota¹, Enfermeiro Especialista, Servidor Público do Instituto Doutor José Frota², Enfermeira Mestranda em Saúde Pública, vinculada ao Hemocentro Ceará³.

carooliiiiima@gmail.com

RESUMO

Introdução: O manejo da hemorragia em crianças vítimas de trauma é fundamental no atendimento de emergência pediátrico, dada a complexidade e as particularidades fisiológicas da criança em comparação aos adultos. **Objetivo:** Descrever a experiência de enfermeiros no manejo da hemorragia grave no trauma em pediatria. **Metodologia:** Trata-se de relato de experiência vivenciada por enfermeiros do núcleo transfusional, responsáveis pelo manejo de pacientes vítimas de hemorragia grave pós-trauma, atuando em hospital terciário referência em traumas graves. **Resultados e discussão:** O serviço dispõe de protocolo direcionado ao manejo de hemorragia grave, que consiste em: identificação de sinais de sintomas de hemorragia grave pela equipe da unidade de origem do paciente, com acionamento do protocolo intitulado Manejo da Hemorragia Grave e comunicação do caso à equipe do Núcleo Transfusional, que inicia com brevidade a hemotransfusão de concentrado de hemácias e plasma, na proporção de 1:1, com volume definido conforme o peso da criança (administração por alíquotas). **Considerações finais:** Para que o manejo da hemorragia grave em pediatria seja cada vez mais eficiente, é necessário investir em capacitação profissional, em recursos humanos adequados e na melhoria das condições de atendimento nas unidades de urgência e emergência pediátrica.

Palavras-chave: hemorragia; pediatria; trauma.

1 INTRODUÇÃO

O trauma é responsável por uma grande parte das mortes e lesões graves em crianças. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, essas lesões são a principal causa de morte entre crianças e adolescentes em idade escolar, com uma grande parte dessas mortes ocorrendo devido a acidentes de trânsito e quedas (OMS, 2018).

O manejo da hemorragia em crianças vítimas de trauma é um aspecto fundamental no atendimento de emergência pediátrico, dada a complexidade e as particularidades fisiológicas da criança em comparação aos adultos. Como as crianças possuem massa corporal menor que os adultos, a energia transmitida por objetos ou em quedas resulta em aplicação de maior força. Esta energia concentrada é transmitida a um corpo com menos gordura, tecido conjuntivo e uma maior proximidade de múltiplos órgãos comparado aos adultos. Esses fatores resultam na alta frequência de politraumatismo observada na população pediátrica (ATLS, 2018).

Hemorragias agudas graves que podem levar ao choque hipovolêmico necessitam de tratamento imediato em virtude da alta morbimortalidade associada. O manejo inclui: rápida restauração do volume sanguíneo circulante, correção e manutenção da hemostasia, da oferta tissular de oxigênio e da pressão coloidosmótica, e correção de alterações bioquímicas e ácido-básicas. (Brasil, 2015).

A atuação do enfermeiro envolve desde a avaliação inicial do estado clínico da criança imediatamente após o trauma até o acompanhamento pós-operatório ou pós-traumático, sempre com atenção às especificidades da faixa etária pediátrica. O conhecimento técnico, aliado a habilidades de comunicação e gestão do cuidado, é essencial para garantir a segurança do paciente. Pensando na relevância da temática para a comunidade científica e com o intuito de contribuir para a melhoria da assistência de Enfermagem, o presente estudo foi desenvolvido com o objetivo de descrever a experiência de enfermeiros no manejo da hemorragia grave no trauma em pediatria.

2 METODOLOGIA

Trata-se de estudo descritivo, de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência. As vivências aqui descritas são de enfermeiros do Núcleo Transfusional – NUTRAN, responsáveis exclusivamente pelo manejo de pacientes vítimas de hemorragia grave pós-trauma em adultos e crianças, atuando em hospital terciário referência em traumas graves.

O referido serviço de saúde está localizado em Fortaleza, no Ceará, e é o maior hospital da rede de assistência da Prefeitura de Fortaleza, integrado ao Sistema Único de Saúde (SUS). A unidade de Nível Terciário é referência regional no atendimento às vítimas de traumas de alta complexidade, lesões vasculares graves, queimaduras e intoxicações agudas (IJF, 2024).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em virtude do perfil de referência do serviço de saúde em questão ser o atendimento especializado em emergências relacionadas ao trauma, o mesmo dispõe de protocolo direcionado ao manejo de hemorragia grave, que contempla, além das condutas no atendimento ao paciente adulto, orientações relacionadas ao público pediátrico. O referido protocolo foi implantado em 2017 e consiste em um conjunto de estratégias multidisciplinares, com ações coordenadas e integradas que visam atendimento rápido e diferenciado aos pacientes com grandes hemorragias (Nascimento, 2019).

O protocolo consiste na identificação de sinais de sintomas de hemorragia grave pela equipe assistencial da unidade de origem do paciente, com posterior acionamento do protocolo intitulado Manejo da Hemorragia Grave e comunicação do caso à equipe do NUTRAN, que inicia com brevidade (tempo-resposta médio de 3 minutos) a hemotransfusão - ainda na sala de emergência - de Concentrado de Hemácias (CH) e Plasma Fresco Congelado (PFC), na proporção de 1:1, com volume definido conforme o peso da criança (administração por alíquotas).

Nesse manejo inicial, em virtude dos testes de compatibilidade (tipagem sanguínea ABO/Rh, fenotipagem do sistema Rh e pesquisa de anticorpos irregulares) ainda não terem sido realizados, a administração de hemocomponentes segue a orientação do Ministério da Saúde, sendo utilizados os do grupo O até a realização das provas cruzadas (Brasil, 2015).

Devido a aspectos fisiológicos da criança, como o fato de possuir maior potencial de resposta cardiovascular, alguns sinais iniciais de choque hipovolêmico podem ser de difícil identificação, levando a uma compensação da perda sanguínea até que um maior volume sanguíneo seja perdido, já em uma fase de choque descompensado. Devem ser considerados os sinais de choque, como taquicardia, sangramento visível e palidez para uma assertiva avaliação da gravidade, pois crianças podem apresentar uma resposta compensatória, mantendo uma pressão arterial normal mesmo com perda significativa de sangue (ATLS, 2018).

Portanto, a detecção precoce da hemorragia, a avaliação da resposta hemodinâmica e a implementação de intervenções eficazes com brevidade são fatores determinantes para um desfecho clínico favorável (HCOR, 2019). Pensando na brevidade da intervenção inicial a esse

paciente, são coletados exames hematológicos antes e após as transfusões para maior precisão nas intervenções (fase cega – antes da chegada dos resultados dos exames e fase guiada – após os resultados), com ênfase na realização de gasometria arterial no momento da chegada da equipe de enfermeiros do NUTRAN, de modo a possibilitar identificação imediata da situação hematológica do paciente, sendo prioritariamente avaliados os valores de hemoglobina, hematócrito, cálcio, sinais de acidose e alcalose e lactato.

A administração de ácido tranexâmico (antifibrinolítico) é priorizada pela equipe de enfermeiros do NUTRAN, com dose ajustada conforme o peso da criança e respeitando o tempo de trauma (até 3 horas). Durante a fase guiada por exames, são administrados hemocomponentes e/ou hemoderivados conforme necessidade do paciente, sendo utilizadas as orientações a seguir para definição de volumes: CH, PFC e plaquetas são 10-15ml/Kg (em peso de 0-10Kg), 150ml (em peso de 11-20Kg) e 1 unidade em peso de 21-45Kg; crioprecipitado 1 unidade a cada 7Kg (Brasil, 2015). Deste modo, a equipe da agência transfusional realiza a seleção, preparo e disponibilização dos componentes adequados àquele paciente, de modo seguro e criterioso.

O protocolo institucional vigente utiliza ferramentas baseadas em evidências para aplicação a paciente adulto, dentre elas o *ABC score* (Nunez *et al*, 2009), que avalia 4 parâmetros: taquicardia (frequência cardíaca maior que 120 batimentos por minuto), hipotensão (pressão arterial sistólica menor que 90mmHg), líquido livre na cavidade identificado em ultrassonografia beira leito (Savoia, 2023) e trauma penetrante. Entretanto, não contempla pacientes pediátricos, em virtude das especificidades com relação aos valores de normalidade de frequência cardíaca e de pressão arterial, que diferem muito dos adultos.

Pensando nessa fragilidade, a avaliação é realizada em conjunto com o pediatra da emergência, que individualiza o atendimento, com avaliação de sinais vitais esperados para a idade, resposta à reposição volêmica. Ressalta-se que a infusão de cristaloides deve ser cautelosa, respeitando o peso da criança para evitar hemodiluição, priorizando o uso de hemocomponentes, conforme exames laboratoriais direcionarem.

A presença de sangramento grave é critério prioritário para direcionar o acionamento do protocolo, por isso, a avaliação inicial é guiada pelo XABCDE (*PHTLS*, 2020), que busca prevenir a piora do choque, com ênfase na intervenção rápida para controle de hemorragias. A letra “X” representa o controle de sangramentos que ameaçam a vida, sendo utilizados torniquetes pelos enfermeiros do NUTRAN sempre que a compressão direta de lesões nas extremidades é ineficiente, garantindo o rigor da técnica utilizada e minimizando riscos de complicações. Na realidade do serviço de saúde do presente estudo, que dispõe de diversas especialidades médicas, como cirurgião pediátrico, ortopedista, vascular, sempre que há necessidade de avaliação especializada, o parecer é prontamente realizado. Assim, quando indicada abordagem cirúrgica, medidas de controle temporário de sangramento como o torniquete são mantidas por tempo curto, apenas até a chegada do paciente ao centro cirúrgico.

Os enfermeiros atentam para a prevenção de hipotermia na etapa “E” da avaliação do XABCDE, pois esta pode piorar a coagulopatia. Sabe-se que este profissional possui papel indispensável no gerenciamento desses pacientes, uma vez que é o profissional capacitado para realizar avaliações precisas baseadas em protocolos, atuando no reconhecimento precoce dos sinais de gravidade, no monitoramento contínuo do paciente e na implementação de intervenções para controlar a perda sanguínea e prevenir complicações.

É imprescindível diagnosticar e tratar apropriadamente a causa do sangramento (*PHTLS*, 2020). Pensando nisso, o objetivo final do cuidado deve ser a estabilização hemodinâmica e a preservação dos órgãos vitais, respeitando a fisiologia única de cada faixa etária e utilizando os recursos adequados de diagnóstico e tratamento definitivo disponíveis. A cirurgia para controle de danos é com frequência a terapêutica de escolha para o controle de

sangramentos intra-cavidades nos pacientes instáveis e deve ser priorizada para evitar piora clínica do paciente vítima de hemorragia grave.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfermeiro do NUTRAN desempenha papel crucial no manejo da hemorragia grave em crianças, atuando de forma ágil e direcionada, com autonomia e embasamento científico. A lacuna descrita neste estudo com relação à inexistência de protocolo específico ao público pediátrico pode servir de oportunidade de melhoria, com a realização de estudos posteriores que desenvolvam e validem um protocolo voltado ao manejo de hemorragia grave direcionado à pediatria.

Este relato de experiência destaca a importância da formação contínua dos enfermeiros e da utilização de protocolos bem definidos baseados em evidências no manejo da hemorragia grave em trauma pediátrico. A colaboração eficaz entre as equipes de saúde e a adequação da infraestrutura hospitalar são aspectos essenciais para otimizar o cuidado de Enfermagem e melhorar os desfechos clínicos.

REFERÊNCIAS

American College of Surgeons. Advanced Trauma Life Support (ATLS): manual do curso – 10. ed. Chicago: American College of Surgeons, 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Hemocomponentes: guia para o uso.** 2. ed. 1. reimpressão. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2015.

HCOR. **Protocolo hemorragia ativa e choque hemorrágico.** Disponível em: <https://www.hcor.com.br/wp-content/uploads/2020/11/5-Protocolo-Hemorragia.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

IJF (Instituto Doutor José Frota). IJF. **Canal Saúde.** Disponível em: <https://saude.fortaleza.ce.gov.br/ijf>. Acesso em: 27 set. 2024.

Nascimento, V. D. (2019). **Elaboração e validação de protocolo de gerenciamento e manuseio da hemorragia grave no trauma** (Dissertação de Mestrado). Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE.

NUNEZ, T. C. *et al.* Early prediction of massive transfusion in trauma: Simple as ABC (Assessment of Blood Consumption). **J. Trauma.**, Baltimore, v. 66, n. 2, p. 346-352, 2009.

PHTLS: Suporte avançado de vida no trauma pré-hospitalar. 9. ed. São Paulo: Elsevier, 2020.

OMS (Organização Mundial de Saúde). **Relatório Global sobre a Situação da Segurança Rodoviária**, Genebra: OMS, 2018.

SAVOIA, P.; JAYANTHI, S. K.; CHAMMAS, M. C. *Focused Assessment with Sonography for Trauma (FAST).* **Journal of Medical Ultrasound**, v. 101, 2023.

IMPORTÂNCIA DOS PRINCÍPIOS DA APS NO DESENVOLVIMENTO PLENO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL

Arthur Henrique Muniz Gomes¹; Arthur Rodrigues da Silva¹; Ellen Oliveira Bandeira de Melo¹; Maria Eduarda Almeida Machado Ferraz¹; Pedro Galindo Assunção¹; Maria Laura da Costa Rodrigues²

Graduando em Medicina pela Universidade de Pernambuco¹; Médica especializada em Medicina da Família e Comunidade e docente de Atenção Primária à Saúde no curso de Medicina na Universidade de Pernambuco².

ellen.bandeira@upe.br

RESUMO

A Atenção Primária à Saúde, porta de entrada ao sistema de saúde brasileiro, é caracterizada por fundamentos que se baseiam em três grandes princípios para fornecer saúde a uma população: longitudinalidade, integralidade e coordenação. O preceito da longitudinalidade demonstra a continuidade do cuidado, em que se estabelece uma relação profissional-paciente que perpassa limites temporais e pode se estender ao longo de vários ciclos de vida. Desse modo, os cuidados fornecidos na etapa da gestação, por meio do pré-natal, iniciam o percurso do indivíduo na Atenção Primária, o qual - após o nascimento - passa a ser acompanhado constantemente para manutenção e observação de seu desenvolvimento, tanto como criança quanto adolescente. Assim, a partir do cuidado integral, é possível assegurar a evolução plena da saúde dos indivíduos, abrangendo todos os aspectos que o conceito de “saúde” atribui: o bem-estar físico, mental e social, tal como foi definido em 1948, pela Organização Mundial de Saúde. Nesse sentido, o presente resumo visa analisar como a Atenção Primária à Saúde se destaca como uma ferramenta essencial para a promoção da saúde na primeira, segunda e terceira infância no contexto brasileiro.

Palavras-chave: saúde da criança; Atenção Primária à Saúde; desenvolvimento infantil.

1 INTRODUÇÃO

A Atenção Primária à Saúde (APS) se configura como porta de entrada dos usuários para o sistema de saúde, desempenhando um importante papel na prevenção de doenças, na promoção de saúde, no tratamento e na reabilitação (Oliveira *et al.*, 2023). A APS ganhou destaque em 1978 com a Declaração de Alma-Ata, durante a Conferência Internacional Sobre Cuidados Primários De Saúde. De acordo com este documento, a Atenção Primária se constitui como primeiro local de contato com o Sistema Único de Saúde (Leite *et al.*, 2018).

A APS deve ser orientada por quatro atributos essenciais: primeiro contato, longitudinalidade, integralidade e coordenação. O primeiro contato está relacionado com o acesso do usuário aos serviços de saúde. A acessibilidade permite que os cidadãos cheguem às unidades e possam usufruir de seus direitos. A longitudinalidade se refere à continuidade do cuidado ao longo do tempo, permitindo uma relação de confiança entre os profissionais de saúde e os usuários. A integralidade consiste na prestação de serviços, reconhecendo as necessidades da população e os recursos disponíveis para abordá-las. E, por fim, a coordenação é, portanto, a capacidade de garantir a continuidade da atenção no interior da rede de serviços, disponibilizando informações a respeito dos problemas de saúde e dos serviços prestados (Starfield, 2002; Shimazaki, 2009). Segundo o Conselho Nacional de Secretários de Saúde

(CONASS, 2004), a APS deve considerar o sujeito em sua singularidade, complexidade, integralidade e inserção sociocultural.

A assistência à saúde infantil, dentro da Atenção Primária à Saúde, visa promover o bem-estar da criança a fim de garantir o crescimento e o desenvolvimento adequado dos menores nos aspectos físico, emocional e social (Ricco *et al.*, 2005). A puericultura, área da medicina que possui foco na promoção e proteção da saúde das crianças e adolescentes, atua na intenção de manter a criança saudável para garantir seu pleno desenvolvimento, de modo que chegue na fase adulta sem reflexos negativos e problemas trazidos da infância (Ciampo *et al.*, 2006).

Com isso, as ações da APS priorizam a saúde em vez da doença, tendo como objetivo a promoção da saúde infantil, prevenção de doenças e educação da criança e de seus familiares, podendo oferecer medidas preventivas mais eficazes. Para ser desenvolvida em sua totalidade, reforça a necessidade da longitudinalidade, integralidade e coordenação no cuidado dos menores para que as ações médicas, além de serem dirigidas à criança, possam ter relação com o meio social, econômico e cultural em que elas vivem (Ricco *et al.*, 2005; Ciampo *et al.*, 2006). Portanto, o presente artigo torna expostos os princípios da Atenção Primária à Saúde no exercício do cuidado e sua importância no desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes no Brasil.

2 METODOLOGIA

O método desta pesquisa consiste em uma revisão narrativa da literatura de estudos que tratam sobre a relevância dos princípios da atenção primária no desenvolvimento infantojuvenil no Brasil. Para sistematização desta revisão, houve as seguintes etapas: identificação do tema; definição dos critérios para inclusão e exclusão de dados; seleção dos estudos; leitura e interpretação dos resultados; apresentação da revisão e síntese do conhecimento.

Para busca dos estudos, foram utilizadas as bases de dados: SciELO, LILACS e PubMed. Nessa pesquisa, foi realizada a procura de palavras-chave e sua aplicação com os descritores: Atenção Primária à Saúde, Saúde infantil, Integralidade com o uso de operadores booleanos “AND” para identificar estudos relevantes ao tema da importância da atenção básica no acompanhamento das crianças que, a partir dessas, ocorreu uma devida análise de artigos, livros e relatórios técnicos pertinentes.

Como critérios de inclusão, utilizaram-se: estudos publicados em português no período compreendido entre 2004 e 2024 que abordassem diretamente a APS com foco em temas como coordenação do cuidado, longitudinalidade e saúde infantil. A partir disso, foram selecionados 37 trabalhos de acordo com o direcionamento escolhido por meio do uso de identificadores, como Atenção Primária e Saúde de crianças e adolescentes, os quais passaram por uma nova seleção, que utilizou como critérios de exclusão produções científicas que não abordassem diretamente aspectos relacionados à temática. Por meio dessa busca detalhada, os 17 trabalhos restantes foram lidos na íntegra e 8 foram selecionados e compuseram a amostra deste trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como já exposto, a APS é um pilar fundamental para a promoção de saúde e bem-estar da população, sendo especialmente relevante para o desenvolvimento pleno de crianças e adolescentes, ao passo que busca uma abordagem holística que contempla essa faixa etária não só em seu aspecto biológico, mas também social e familiar.

Sendo assim, a atuação integral e continuada de diferentes profissionais de saúde em conjunto com a educação em saúde e assistência social podem prevenir transtornos emocionais e o uso precoce de fármacos entre os jovens (Almeida *et al.*, 2018). Outrossim, a

longitudinalidade do cuidado permite o monitoramento constante do desenvolvimento físico, cognitivo e emocional das crianças e adolescentes, permitindo a detecção precoce de dificuldades ou doenças que possam vir a comprometer o crescimento desses. Já o princípio da coordenação promove melhorias na qualidade da prestação dos serviços de saúde pública, reduzindo barreiras de acesso a distintos níveis de atenção e integrando ações e funcionalidades em um mesmo nível do sistema de saúde no território. Sendo assim, a coordenação busca garantir um acompanhamento contínuo, eficaz e sem interrupções, desde a APS até os serviços especializados, quando necessário (Almeida *et al.*, 2018).

No entanto, efetuar os princípios da APS na prática é um grande desafio no Brasil, visto que a desigualdade no acesso aos serviços de saúde entre diferentes regiões do país é notável, principalmente em áreas remotas, que apresentam escassez de profissionais de saúde e falta de infraestrutura adequada para garantir um acompanhamento continuado de crianças e adolescentes. Outro empecilho é a sobrecarga dos profissionais de saúde e a dificuldade de implementação de ações coordenadas que atendam às necessidades da população infantil e adolescente.

Por fim, a Atenção Primária à Saúde, com seus princípios de longitudinalidade, integralidade e coordenação, tem um papel fundamental no desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes do Brasil. Sendo assim, o fortalecimento de políticas públicas voltadas para a saúde infantil e adolescente, com a integração entre educação e assistência social, é essencial para garantir que todos dessa faixa etária, independentemente do seu território ou condição socioeconômica, tenham acesso a um desenvolvimento pleno. Desse modo, o acompanhamento infantojuvenil, dentro da APS, por meio das ferramentas fornecidas pelos protocolos de monitoramento da puericultura e do individualizado contato profissional-paciente, disponibiliza a oportunidade para que o grupo social mais jovem - incluindo aqueles em situação de vulnerabilidade social - possa crescer no aspecto físico, mental e social de acordo com os preceitos de saúde integral. Assim, a prática efetiva dos atributos essenciais da Atenção Primária, alinhados com os ideais derivados de orientação familiar, orientação comunitária e competência cultural, tem a capacidade de promover melhorias que perpassam os limites geográficos da Unidade de Saúde da Família.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os princípios da Atenção Primária à Saúde (APS), como discutido no presente estudo, são fundamentais para o desenvolvimento saudável e pleno de crianças e adolescentes por todo o Brasil. Isso se faz evidente, dentre outras formas, pelo exemplo da longitudinalidade do cuidado do indivíduo, cujo início se dá antes mesmo do seu nascimento, por meio do cuidado pré-natal, e deve ser seguido durante todo o seu desenvolvimento. O papel da APS nesse processo envolve múltiplos aspectos, sendo estes físicos, emocionais, cognitivos e sociais, do nascimento à vida adulta. Devem, assim, estar presentes nas doutrinas dos profissionais de saúde a longitudinalidade, a integralidade e a coordenação, para garantir que os mais jovens alcancem um amadurecimento integral dentro da perspectiva de uma saúde plena e irrestrita. Porém, na realidade do país, o acesso a um acompanhamento infantil que siga os princípios da Atenção Primária e que apresente as condições ideais para atender às demandas sociais e de saúde da criança e de sua família ainda não é algo disponível para grande parte da sociedade.

Entretanto, é inegável reconhecer também que o setor da Atenção Primária no Brasil obteve grandes avanços nos últimos vinte anos, considerando o enfoque dado a esse nível de cuidado como o setor com maior nível de resolutividade dentro do Sistema Único de Saúde. A partir da valorização do campo primário, é possível fornecer para a população um acesso adequado aos sistemas de saúde públicos, o qual é evidenciado ao se retomar os atributos essenciais da Atenção Primária à Saúde. O princípio essencial de “acesso de primeiro contato”

demonstra a grande relevância que esse setor possui no cotidiano de milhares de brasileiros, apesar de ainda existirem empecilhos, como a falta de infraestrutura para o serviço de variados profissionais da saúde e a baixa qualificação de profissionais, fatores que se classificam como limitações no acesso aos serviços e que dificultam a plena realização de um cuidado primário eficaz.

Medidas, portanto, devem ser tomadas a fim de assegurar a assistência aos infantes por todo o Brasil. Investimentos que visem a uma melhora na infraestrutura da saúde pública e que aumentem a quantidade de profissionais de saúde nas unidades básicas são necessários para superar os atuais desafios do acompanhamento infantil. Além disso, cabe às instituições de ensino, também, formar profissionais comprometidos e integrados à APS, tornando-os mais aptos a garantir um cuidado holístico e integral à população.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patty Fidelis de *et al.* **Coordenação do cuidado e atenção primária à saúde no Sistema Único de Saúde.** Saúde em debate, v. 42, p. 244-260, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Acompanhamento e avaliação da Atenção Primária. Brasília: CONASS, 2004.

CIAMPO, L. A. D. *et al.* **O Programa de Saúde da Família e a puericultura.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 11, n. 3, p. 785-791, 2006.

LEITE, J. A. *et al.* **Efetividade dos princípios do Sistema Único de Saúde na Atenção Primária à Saúde: revisão sistemática.** Revista de APS, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, p. 278-290, 2018.

OLIVEIRA, L. G. F. *et al.* **Longitudinalidade na atenção primária à saúde: explorando a continuidade do cuidado ao longo do tempo.** Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, Umuarama, v. 27, n. 7, p. 3385-3395, 2023. DOI: 10.25110/arqsaude.v27i7.2023-009.

RICCO, R. G.; ALMEIDA, C. A. N.; CIAMPO, L. A. D. **Puericultura: temas de pediatria 80.** São Paulo: Nestlé; 2005.

SHIMAZAKI, M. E. (Org.). **A atenção primária à saúde.** In: MINAS GERAIS. Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais. Implantação do plano diretor da atenção primária à saúde. Oficina 2 e 3. Análise da atenção primária à saúde e diagnóstico local. Guia do tutor/facilitador. Belo Horizonte: ESPMG, 2009. p. 10-16.

STARFIELD, B. **Atenção Primária: equilíbrio entre a necessidade de saúde, serviços e tecnologias.** Brasília: UNESCO; Ministério da Saúde, 2002.

IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA LIMPEZA NASAL EM CRIANÇAS COMO FORMA DE PREVENÇÃO DE DANOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Ellen Vitória Lima dos Santos Silva¹; Fernanda Coelho de Macedo¹; Fernando Rosinha Nunes de Oliveira Barcellos¹; João Paulo Barbosa Nunes¹; Maria Laura da Costa Rodrigues²

Graduando em Medicina na Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns¹
Docente de Atenção Primária à Saúde no curso de Medicina na Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns²

fernandobarcellos1803@gmail.com

RESUMO

O presente resumo discute a importância da limpeza nasal para a saúde respiratória infantil, especialmente no contexto das Infecções Respiratórias Agudas (IRAs), que são responsáveis por alta morbidade e mortalidade em crianças, particularmente em países em desenvolvimento. A prática da limpeza nasal com solução salina é destacada como uma ferramenta eficaz e simples na prevenção e controle das IRAs, auxiliando na remoção de muco, alérgenos e patógenos, além de aliviar a congestão nasal. Ela não só reduz a gravidade e a duração das infecções respiratórias, mas também diminui a necessidade de consultas médicas e o uso de medicamentos, contribuindo para a economia do sistema de saúde. Também foi abordada a importância da educação em saúde para capacitar pais e cuidadores a realizar a técnica corretamente, promovendo o autocuidado. Programas educativos podem empoderar os cuidadores, promovendo a saúde respiratória das crianças e melhorando a qualidade de vida, especialmente para aquelas com condições respiratórias crônicas, como asma e rinite alérgica. A implementação da lavagem nasal na Atenção Primária à Saúde (APS) é vista como uma estratégia eficaz para reduzir a demanda por atendimentos médicos e fortalecer as ações de prevenção e tratamento de doenças respiratórias em crianças.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; infecções respiratórias; limpeza nasal.

1 INTRODUÇÃO

Infecções respiratórias agudas (IRAs) constituem uma das principais causas de morbimortalidade entre crianças menores de 5 anos em países em desenvolvimento (Bhurtel *et al.*, 2022). No Brasil, as IRAs estão incluídas no grupo de doenças mais comuns na infância, juntamente à desnutrição e à anemia, patologias cujos agravos podem — e preferencialmente devem — ser controladas no nível primário de atenção (Cabral *et al.*, 2018).

Nessa perspectiva, é necessário entender a importância de mecanismos e ferramentas que visam à melhora na aeração nasal para além dos tratamentos medicamentosos. Para tal, existem manobras que permitem adequar a função da respiração o mais próximo possível da normalidade, de modo a possibilitar a saída de ar bilateral, com maior equilíbrio entre os dois lados (Melo *et al.*, 2016). Atualmente, muitos consensos nacionais e internacionais recomendam a lavagem nasal para o tratamento de várias doenças nasossinusais, promovendo a limpeza mecânica do muco, debris, crostas e ainda contaminantes do ar, como alérgenos e material particulado do ar; promove, ainda, um aumento do *clearance* mucociliar e reduz a contaminação por possíveis inalantes (Bastier *et al.*, 2015).

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), a lavagem nasal é indicada em diversos casos, a saber: rinite do lactente, rinite alérgica, infecções nasossinusais virais e

bacterianas agudas, rinossinusite crônica, infecções nasais perinatais, crianças em uso de dispositivos de ventilação não-invasiva ou cateter de oxigênio, epistaxes e pós-operatório de cirurgias nasossinusais. Desse modo, é perceptível que a ferramenta citada se mostra essencial, uma vez que abrange uma ampla gama de condições que, atualmente, influenciam a morbimortalidade infantil no país.

As infecções do trato respiratório são muito frequentes em crianças, representando um dos principais motivos de procura por atendimento na atenção primária à saúde (APS). A alta demanda por atendimento médico devido a essas infecções coloca em evidência a necessidade de medidas preventivas eficazes e de fácil acesso na APS.

Nesse sentido, o presente artigo busca explicitar a importância da prática da limpeza nasal aplicada às crianças como uma grande ferramenta da Atenção Primária à Saúde (APS), com o intuito não somente de promover o manejo das IRAs, mas de reduzir a demanda por consultas médicas, promover a saúde respiratória na infância e empoderar pais e cuidadores por meio da educação em saúde.

2 METODOLOGIA

O método desta pesquisa consiste em uma revisão narrativa da literatura de estudos que tratam sobre a relevância da limpeza nasal em crianças em contexto de APS. Para sistematização desta revisão, houve as seguintes etapas: identificação do tema; definição dos critérios para inclusão e exclusão de dados; seleção dos estudos; leitura e interpretação dos resultados; apresentação da revisão e síntese do conhecimento.

Para busca dos estudos, foram utilizadas as bases de dados: SciELO, PubMed e Google Scholar. Nessa pesquisa, foi realizada a procura de palavras-chave e sua aplicação com os descritores: “limpeza nasal”, “crianças”, “infecções respiratórias” e “Atenção Primária à Saúde” com o uso de operadores booleanos “AND” e “OR” para identificar estudos relevantes ao tema. A partir disso, ocorreu uma devida análise de artigos, livros e relatórios técnicos pertinentes.

Como critérios de inclusão, utilizaram-se estudos publicados em português ou inglês no período compreendido entre 2006 e 2024 que abordassem os tópicos de discussão dos descritores. Os critérios de exclusão foram, em contrapartida, a eliminação dos estudos duplicados, artigos em outros idiomas a não ser inglês, publicações fora do intervalo de tempo estabelecido, artigos que não estivessem diretamente ligados ao tema ou a alguns dos descritores, resultados incorretos ou incompletos e aqueles cuja metodologia não fosse detalhada suficientemente. A partir disso, foram selecionados 37 trabalhos de acordo com o direcionamento escolhido por meio do uso de identificadores, os quais passaram por uma nova seleção, que utilizou os critérios de exclusão referidos. Por meio dessa busca detalhada, os resumos dos 25 trabalhos restantes foram lidos, e apenas 10 foram selecionados e compuseram a amostra deste trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A limpeza nasal, por se tratar de um procedimento que remove os alérgenos e o muco inflamatório, evita, ainda, a congestão nasal, sintoma que dificulta a devida respiração por parte dos infantes. Esse processo se mostra importante em contexto de APS ao passo que é um dos principais motivos pelos quais pais e/ou responsáveis buscam o sistema de saúde, pois percebem a má respiração e levantam uma preocupação em torno disso (Passos *et al.*, 2018).

A limpeza nasal, ao reduzir a gravidade e a duração das IRAs, contribui para a diminuição da procura por consultas médicas, já que é uma ferramenta que pode ser utilizada fora de ambientes de serviços de saúde, como o próprio lar da criança. Um possível benefício

da prática seria uma redução significativa do número de consultas médicas por crianças com IRAs, juntamente à educação em saúde sobre o procedimento e seus benefícios.

Esse processo se traduz também num menor custo para a APS, por aumentar a resolutividade dentro da saúde pública ao não ser preciso que haja a vinda ao serviço para resolução de casos de congestão nasal, pois teria havido anteriormente a devida orientação aos cuidadores, estando disponíveis mais recursos para atendimento de outras necessidades da população do território da Unidade de Saúde da Família (USF) e de serviços de emergência, evitando superlotação, aumento de gastos e cuidado inadequado (Passos *et al.*, 2018).

Para o sucesso dessa ferramenta e do processo de desafogamento das USFs, é imprescindível que se ofereça uma devida educação em saúde aos cuidadores, tanto ao incentivar a prática, quanto ao orientar sobre como deve ser feita, a fim de evitar possíveis intercorrências. Para isso, devem ser incentivados programas de educação em saúde que empoderem os responsáveis a se tornarem ativos no processo de cuidado da saúde respiratória dos infantes (Carvalho; Veríssimo, 2006).

Ressalta-se também ser fundamental a devida capacitação dos profissionais da USF, não só para saber realizar a manobra devidamente, mas também identificar crianças com risco de desenvolver IRAs para priorizar o ensino da técnica. Profissionais que atuam na linha de frente da APS desempenham um papel fundamental na orientação sobre a importância da limpeza nasal, a frequência, a solução salina adequada e a técnica correta de aplicação, assim, requerendo-se um cuidado interdisciplinar (Carvalho; Veríssimo, 2011).

A limpeza nasal é uma prática simples, acessível e bastante eficaz na redução de danos na saúde respiratória do infante, melhorando sua qualidade de vida tanto em casos agudos quanto em crônicos, contribuindo também para uma melhor satisfação quanto ao atendimento realizado dentro da APS. Um benefício trazido pela técnica se traduz na diminuição do tempo de afastamento de trabalho pelos cuidadores das crianças, tendo em vista a menor incidência de emergências respiratórias que os levem a procurar atendimento, além de evitar o atraso na educação do infante que não precisará se ausentar de suas atividades escolares (Alves, 2023).

Em crianças com condições respiratórias crônicas, como asma, rinite alérgica ou fibrose cística, a limpeza alivia os sintomas e a dificuldade respiratória, diminuindo a necessidade de idas a serviços de saúde e de administração de medicamentos que reduzam os sintomas, como antibióticos, corticosteroides e anti-histamínicos, tendo a prática da limpeza o benefício da diminuição dos possíveis danos iatrogênicos causados pelos medicamentos, promovendo um tratamento mais seguro e natural (Schreiber *et al.*, 2016; Alves, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo destaca a importância da limpeza nasal como prática de saúde na atenção primária, especialmente para crianças, que frequentemente apresentam infecções do trato respiratório. Essas condições estão entre as principais causas de consultas médicas na infância, e a prática regular da limpeza nasal ajuda a prevenir e controlar essas infecções. Assim, é fundamental que os profissionais da atenção primária orientem os pais sobre os benefícios, a técnica correta e a frequência adequada do procedimento, contribuindo para a redução do uso de medicamentos e da demanda por atendimentos médicos.

Além disso, a implementação de programas de educação em saúde é essencial para capacitar pais e cuidadores na realização da limpeza nasal de forma correta e segura. A orientação sobre o uso da solução salina, a frequência do procedimento e sua técnica promove o autocuidado e melhora a saúde respiratória das crianças. Integrar essa prática à rotina da APS fortalece ações de promoção e prevenção, beneficia a qualidade de vida das crianças e torna o sistema de saúde mais eficiente ao reduzir a sobrecarga de consultas relacionadas a doenças respiratórias.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. **Benefícios do uso da lavagem nasal em crianças com doenças respiratórias e complicações associadas: revisão de escopo.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) – Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

BASTIER P. L. *et al.* **Nasal irrigation: From empiricism to evidence-based medicine.** A review. *Eur Ann Otorhinolaryngol Head Neck Dis*, v. 132, n. 5, 2015.

BHURTEL, R. *et al.* **Acute Respiratory Infections among Under-five Children Admitted in a Tertiary Hospital of Nepal: A Descriptive Cross-sectional Study.** *Journal of Nepal Medical Association*, v. 60, n. 245, p. 17–21, 2022. <https://doi.org/10.31729/jnma.6889>

CABRAL, A. A. *et al.* **Doenças prevalentes na infância: diarreia e desnutrição evidenciadas em uma Unidade de Saúde bem estruturada.** *Revista da Escola de Ciências Médicas de Volta Redonda*, v. 1, n. 1, 2017.

CARVALHO, A.; VERÍSSIMO, M. **A comunicação entre profissional de saúde e familiares e o cuidado domiciliar da criança com infecção respiratória aguda.** *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2006.

CARVALHO, A.; VERÍSSIMO, M. **Comunicação e educação nas consultas de crianças com infecções respiratórias agudas.** *São Paulo, Rev. esc. enferm. USP* 45 (4), 2011.

MELO, A. C. C. *et al.* **Mudança nas áreas nasais em crianças com respiração oral após a limpeza e massagem nasal.** *CoDAS*, v. 28, n. 6, p. 770-777, 2016.

PASSOS, S. *et al.* **DOENÇAS RESPIRATÓRIAS AGUDAS EM CRIANÇAS BRASILEIRAS: OS CUIDADORES SÃO CAPAZES DE DETECTAR OS PRIMEIROS SINAIS DE ALERTA?** 2018.

SCHREIBER, S. *et al.* **Nasal irrigation with saline solution significantly improves oxygen saturation in infants with bronchiolitis.** *Acta Paediatrica*. v. 105. n 3. p. 292-296. 2016.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Guia Prático de Atualização da Sociedade Brasileira de Pediatria: Lavagem nasal.** Rio de Janeiro: SBP, 2019.

DERMATITE ATÓPICA NA INFÂNCIA: ESTRATÉGIAS TERAPÊUTICAS BASEADAS NA GRAVIDADE DO QUADRO

Thayná Alves de Azevedo¹; Luiz Felipe Lopes Valente¹; Maria Júlia Arantes Ramos¹;
Geovana Vaz Amaral¹; Sâmella Soares Oliveira Medeiros¹; Edward Esteves Pereira².

Graduando em medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN)¹, Médico
cirurgião pediátrico pela UNIFESP²

thayna.alvesazevedo@outlook.com

RESUMO

A dermatite atópica (DA) é uma condição genética, crônica e multifatorial, com alta prevalência na infância e frequentemente associada a outras doenças alérgicas atópicas. Caracteriza-se clinicamente por eczema, com sintomas que variam desde eritema e vesículas na fase aguda até placas descamativas e liquenificação na fase crônica. O manejo terapêutico é multifacetado, incluindo o uso de emolientes, corticosteroides tópicos e imunomoduladores. Casos graves podem demandar terapias sistêmicas ou agentes biológicos, como o dupilumabe, que têm mostrado eficácia significativa. Estratégias complementares incluem fototerapia e educação de pacientes e cuidadores para promover a adesão ao tratamento e prevenir exacerbações. Este estudo, baseado em uma revisão integrativa de literatura, analisa intervenções terapêuticas voltadas ao manejo da DA pediátrica, com ênfase na personalização do cuidado. A análise destaca o avanço no uso de medicamentos biológicos, direcionados a mediadores inflamatórios e citocinas específicas, que representam progressos no controle de casos graves e recorrentes. No entanto, desafios permanecem na adaptação dessas abordagens ao perfil imunológico infantil. A monitorização contínua dos pacientes e o ajuste dos planos terapêuticos são essenciais para garantir o controle efetivo da doença e minimizar impactos na qualidade de vida dos pacientes e seus familiares.

Palavras-chave: dermatite atópica; terapêutica; gravidade da doença.

1 INTRODUÇÃO

A dermatite atópica (DA) é uma dermatopatia de natureza genética, crônica, multifatorial e recorrente, com alta prevalência na infância e frequentemente associada a outras condições alérgicas atópicas. Clinicamente, manifesta-se sob a forma de eczema, caracterizado, na fase aguda, por eritema de contornos mal definidos, associado à presença de vesículas e edema. Na fase crônica, a condição evolui para o surgimento de placas eritematosas bem delimitadas, descamativas e com graus variáveis de liquenificação (Rios, *et al.*, 2021).

O manejo terapêutico da dermatite atópica (DA) na pediatria é multifacetado, abrangendo o controle dos sintomas e a prevenção de novas exacerbações. As estratégias principais incluem o uso de emolientes, com o objetivo de restaurar a função de barreira da pele, e corticosteroides tópicos para controlar a inflamação. Em casos mais graves, pode ser necessária a utilização de imunomoduladores tópicos, como os inibidores da calcineurina, ou terapias sistêmicas, incluindo agentes biológicos, como o dupilumabe, que têm demonstrado eficácia significativa no manejo da doença. A educação de cuidadores e pacientes sobre a natureza crônica da DA e a importância da adesão ao tratamento também desempenha um papel crucial para o sucesso terapêutico a longo prazo (Oliveira, T.R.J. et al., 2024).

Dada a alta prevalência da dermatite atópica (DA) e seu impacto significativo na

infância, esta revisão integrativa de literatura tem como objetivo analisar as estratégias terapêuticas disponíveis para o manejo da DA em pacientes pediátricos, com enfoque nas intervenções direcionadas à gravidade do quadro clínico. Busca-se compreender as opções de tratamento em diferentes níveis de severidade, desde casos leves até graves, destacando abordagens que promovam o controle efetivo dos sintomas e a personalização do cuidado.

2 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão integrativa de literatura, utilizando artigos científicos de periódicos nacionais e internacionais como principais fontes. A busca pelos artigos sobre o tema foi realizada nas bases de dados eletrônicas PubMed e Google Acadêmico, com critérios de inclusão que abrangem estudos disponíveis em português e inglês, focados na dermatite atópica infantil, abordagens terapêuticas e gravidade do quadro. Foram selecionados artigos publicados nos últimos 5 anos. Para a pesquisa nas bases de dados, foram utilizados os descritores: "Dermatite Atópica", "Crianças", "Terapêutica". A coleta dos artigos foi realizada em novembro de 2024. Foram excluídos estudos que não abordassem o tema da dermatite atópica infantil com foco nas abordagens terapêuticas, além de publicações fora do período selecionado, duplicatas, artigos sem acesso ao texto completo e aqueles que não estavam alinhados aos objetivos propostos. Ao todo, 77 artigos foram encontrados, e, após a aplicação dos critérios de inclusão, 4 foram selecionados para análise detalhada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para Mariano *et al.* (2024), O manejo inicial da dermatite atópica (DA) frequentemente baseia-se em medidas de autocuidado, como banhos diários utilizando agentes de limpeza suaves e a aplicação regular de emolientes para manter a hidratação cutânea. Em casos leves a moderados, são comumente prescritos tratamentos tópicos, frequentemente contendo corticosteroides ou inibidores de calcineurina. Os corticosteroides tópicos (TCS) demonstram eficácia na redução da inflamação e do prurido, embora o uso prolongado possa estar associado a efeitos adversos cutâneos e sistêmicos. Por essa razão, é fundamental realizar um monitoramento rigoroso e seguir as orientações médicas quanto à duração e frequência de aplicação. Os inibidores de calcineurina tópicos (TCI), como pimecrolimo e tacrolimo, representam uma alternativa terapêutica, atuando na modulação da resposta inflamatória cutânea com menor risco de efeitos adversos associados aos corticosteroides. Contudo, seu uso pode estar relacionado a um leve aumento no risco de infecções cutâneas, além de potencial irritação no local de aplicação em alguns pacientes.

Em casos de gravidade moderada a severa, Teixeira *et al.* (2024) afirma que as terapias sistêmicas são recomendadas, incluindo o emprego de corticosteroides orais e agentes imunossuppressores, como ciclosporina e metotrexato, os quais atuam na modulação da resposta inflamatória. Em situações de infecções secundárias associadas, pode ser necessária a administração de antibióticos ou antivirais. Adicionalmente, a fototerapia com luz ultravioleta B de banda estreita tem demonstrado eficácia no controle da inflamação e do prurido, embora sua disponibilidade seja restrita em determinadas regiões. O tratamento deve ser individualizado, levando-se em consideração a eficácia e segurança de cada abordagem terapêutica para cada paciente.

Na atualidade, segundo Klasa e Cichocka-Jarosz (2020), o tratamento da dermatite atópica (DA) avança com o desenvolvimento de medicamentos direcionados a mediadores inflamatórios, como citocinas (ex.: IL-4, IL-13, IL-31), enzimas (Janus quinase), receptores específicos e até a microbiota cutânea. Esses agentes biológicos têm permitido progressos significativos no manejo de casos graves e recorrentes da doença. Embora a maioria das terapias

seja aplicada de forma geral, independentemente do fenótipo, a personalização do tratamento é uma tendência crescente, com potencial para direcionar terapias a fenótipos (padrões de sintomas) e endótipos (marcadores específicos de patologia). Entre as abordagens personalizadas, destacam-se medicamentos que têm como alvo citocinas específicas, como a IL-13, relevantes na patogênese da inflamação cutânea. No entanto, alguns tratamentos que bloqueiam mediadores, como IL-5, IL-22 e receptores específicos, não demonstraram eficácia esperada em crianças, destacando os desafios na adaptação terapêutica ao perfil imunológico da DA pediátrica. Esse cenário reflete a busca contínua por intervenções mais precisas e eficazes para diferentes perfis da doença.

De acordo com Junqueira *et al.* (2024), a monitorização regular também desempenha um papel crucial na gestão eficaz da dermatite atópica em crianças. Acompanhamentos periódicos permitem avaliar a gravidade dos sintomas, a resposta ao tratamento e a necessidade de ajustes na terapêutica. Consultas regulares com profissionais de saúde possibilitam a detecção precoce de possíveis complicações e a modificação dos planos de tratamento conforme necessário. A avaliação contínua da eficácia das intervenções terapêuticas, tanto tópicos quanto sistêmicas, garante que as estratégias implementadas permanecem apropriadas e eficazes ao longo do tempo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação abrangente do impacto da DA na saúde infantil é fundamental para que os profissionais de saúde desenvolvam intervenções mais integradas e alinhadas às necessidades específicas dos pacientes e seus familiares, promovendo um atendimento mais efetivo e humanizado de acordo com a gravidade de cada quadro.

REFERÊNCIAS

JUNQUEIRA, Clarice Duarte Rodrigues; OLIVEIRA, Murillo Costa; DINIZ, Débora Allemand Damião; PAES NETO, Marianna da Silva; MENDES, Ana Luiza Miranda. Dermatite atópica e asma em crianças: manifestações clínicas e possibilidades terapêuticas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 10, n. 8, p. 2136–2147, 2024.

KLASA, B.; CICHOCKA-JAROSZ, E. Atopic dermatitis - current state of research on biological treatment. **Journal of Mother and Child**, v. 24, n. 1, p. 53–66, 2020.

MARIANO, I. A. et al. Dermatite atópica na infância - uma revisão abrangente sobre a epidemiologia, fisiopatogênese, fatores de risco, diagnóstico, abordagem medicamentosa, cuidados com a pele, complicações, prognóstico e qualidade de vida. **Revista Brasileira de Revisão de Saúde**, [S. l.], v. 2, p. e67848, 2024.

OLIVEIRA, Thaysa Renata Jorge; LUNA, Xênia Ricarte Araújo; FONSECA, Bárbara Souza; BERSANE, Nathália Pagani Buisa; FARIA, Ivan Aurélio Fortuna Kalil de. Uma revisão bibliográfica sobre dermatite atópica.

TEIXEIRA, Pedro Henrique Moura; VELOSO, Renan Camarço Do Lago; RODRIGUES, Marília Gabriela De Oliveira; CALDAS, Júlia Zanin; SANTOS, Vanderlan Da Costa Dos; MOREIRA, Maria Fernanda Mendes; SAKAMOTO, Anne Caroline; MESSIAS, Sanmady Lima Da Rocha; LABOISSIERE, Marya Eduarda Fontes; CAVALCANTE, Rafael Leituga

De Carvalho. Abordagens terapêuticas para dermatite atópica. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 2492–2499, 2024.

RIOS, A. R. et al. Dermatite atópica: um olhar sobre os tratamentos atuais. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 6, p. e7595, 3 jun. 2021.

RELEVÂNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA: COMBATE AO SEDENTARISMO E A REDUÇÃO DO USO DE TELAS ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Ana Karolaine de Medeiros Alves¹; Antônio Isaac Paiva de Sousa¹; Jaciara Alves de Sousa².

Graduando em enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú¹, Orientadora/
Docente da Universidade Estadual Vale do Acaraú/ Doutoranda em Ciências Farmacêuticas
pela Universidade Federal Ceará².

karolmedeiros.enf@gmail.com

RESUMO

A inserção da tecnologia é cada vez mais progressiva e precoce na vida de crianças e adolescentes. Seu uso excessivo causa impactos negativos na saúde dos usuários, interferindo diretamente no desenvolvimento cognitivo e motor, assim como no bem-estar físico, destacando-se neste último o aumento da obesidade infantojuvenil, associado ao tempo de uso de telas. Este trabalho tem como objetivo abordar a importância da prática de atividades físicas no combate ao sedentarismo entre crianças e adolescentes, além de avaliar os impactos cognitivos e motores ocasionados pelo tempo dedicado ao uso de telas. Para isso, discentes da Liga de Enfermagem em Saúde da Criança desenvolveram uma atividade de extensão com essa temática, utilizando métodos lúdicos e de fácil entendimento. A ação visou conscientizar crianças e adolescentes sobre a importância da atividade física e avaliar seu desenvolvimento motor e cognitivo. Os resultados mostraram que a maioria compreendeu a relevância da prática, apresentou boa coordenação e equilíbrio, mas uma pequena parcela não demonstrou boa concentração. A variação no desempenho foi atribuída ao nível prévio de atividade física dos participantes. A experiência evidenciou que abordagens adequadas podem promover saúde e bem-estar a longo prazo.

Palavras-chave: tempo de tela; comportamento sedentário; atividades físicas.

1 INTRODUÇÃO

Os vestígios dos avanços tecnológicos são mais do que nítidos na atualidade considerada a era digital, na qual com apenas um toque ou sob um comando de voz desbloqueia-se novidades e possibilidades. Com toda essa facilidade de uso e acesso, a exposição de crianças e adolescentes a todos os tipos de telas é cada vez mais frequente (Russo, 2023). Contudo, o uso prolongado desses dispositivos, principalmente por crianças e adolescentes pode influenciar de forma negativa no desenvolvimento físico, psicoemocional, cognitivo, sensorial e motor destas.

Definido pelo Guia de Atividade Física para a População Brasileira, produzido pelo Ministério da Saúde, como comportamento sedentário aquelas atividades que são realizadas quando está acordado, sentado, reclinado ou deitado, gastando minimamente a energia corpórea, isso acontece, geralmente, em frente a telas de celulares, tablets, computadores e televisões (Brasil, 2023). Observa-se esse fato no índice de casos de sedentarismo infantojuvenil, que de acordo com a pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz em conjunto com a Universidade *College London*, na qual estudou-se crianças brasileiras nascidas de 2001 a 2007, percebeu-se que 26,8% dos meninos e 23,9% das meninas apresentavam sobrepeso devido ao sedentarismo, já as nascidas entre os anos 2008 a 2014, os índices aumentaram para 30% e 26%, respectivamente. Esse aumento pode ser interpretado por fatores

educacionais e econômicos locais, mas também, pela popularização de aparelhos eletrônicos nos lares brasileiros, já que o tempo de tela influencia no tempo não destinado a atividades físicas (Instituto Desiderata, 2021).

A dinamicidade entre as crianças e adolescentes é importante para estimular o seu bem-estar, pois, ao se movimentarem e interagirem entre si, contribui para o seu completo desenvolvimento o que ajuda a combater o sedentarismo infantojuvenil (Basei, 2008).

Desse modo, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de discentes de Enfermagem da Liga de Enfermagem da Saúde da Criança (LIESC) com crianças e adolescentes da periferia de Sobral - CE sobre a relevância da Atividade Física para estímulo cognitivo e motor.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência. As experiências foram desenvolvidas em um bairro do município de Sobral - CE, no mês de setembro de 2024, com o intuito de colaborar com o desenvolvimento cognitivo e atividade motora em crianças e adolescentes.

A atividade proposta foi realizada em 3 dias. Os dois primeiros dias foram direcionados ao planejamento das ações através de discussões entre os discentes sobre os entendimentos e relevância da temática, além de quais atividades poderiam ser feitas que envolvessem o tema e como poderiam ser abordadas. Assim, foram realizadas pesquisas e apresentações de diversas metodologias ativas que pudessem facilitar a compreensão do assunto. Estes momentos foram realizados no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). O terceiro dia foi para a prática das atividades discutidas previamente e foi realizado no dia 04 de setembro de 2024, na qual promoveu o encontro de algumas crianças e adolescentes do bairro Novo Recanto, e contou com a participação de 21 pessoas, entre crianças e adolescentes da faixa etária de 04 a 13 anos. O momento possibilitou a discussão sobre o sedentarismo e os benefícios da prática da atividade física sendo dividido em 3 fases.

Na primeira fase, foi realizada a apresentação dos discentes e o acolhimento dos participantes no qual foram questionados sobre as suas idades, seus nomes, em quais séries escolares estudavam assim como quais as brincadeiras que mais gostavam. Essa fase teve o intuito de conhecê-los, criar uma melhor comunicação e vínculo entre os ali presentes assim como ganhar suas confianças.

Na segunda fase, realizou-se uma roda de conversa para discutir o tempo que cada participante destina ao uso de telas, e para isso, foi questionado a eles a quantidade de aparelhos eletrônicos que tinha em suas casas, bem como quais dos aparelhos eles tinham acesso e por quanto tempo eles os utilizavam por dia. Além disso, discutiu-se a importância da atividade física no desenvolvimento cognitivo e motor, levando em consideração o bem-estar físico, para tanto perguntou-se às crianças e aos adolescentes se eles praticavam atividades físicas, tendo como exemplo: brincadeiras interativas e ativas.

Na terceira fase, foram realizadas 02 atividades práticas interativas. A primeira para estimular a cognição, coordenação e equilíbrio, na qual foram utilizados uma bola, 5 garrafas pet e 3 bambolês: foi proposto aos participantes para que formassem uma fila em frente a 3 obstáculos que estavam dispostos no chão (bambolês) para que eles ao girassem em seu próprio eixo, pudessem correr até os obstáculos e pular entre eles e, assim, atingir com a bola os alvos feitos de garrafa pet que foram arranjados em colunas. A segunda atividade teve como intuito estimular a movimentação e o brincar, para isso realizou-se brincadeiras como pular corda, corridas com obstáculos e danças com bambolês.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a primeira fase, após a roda de conversa, a maior parte dos participantes relataram entender melhor acerca da importância da atividade física para o bem-estar, focando em específico na melhora da concentração, fortalecimento dos músculos e prevenção de doenças como a obesidade. Logo após, na segunda fase, durante as atividades práticas desenvolvidas, pôde-se observar que na atividade que visava a estimulação da cognição, coordenação e equilíbrio uma parte significativa dos participantes demonstraram um nível bom de coordenação motora e equilíbrio ao realizarem o giro, o salto entre os obstáculos e a corrida, no entanto, alguns demonstraram dificuldades nos movimentos que exigiam maior controle. Segundo Gallahue e Ozmun (2003), em específico o desenvolvimento motor, advém da particularidade do aprendiz, cada ser humano possui um ritmo único para aprender e aprimorar suas habilidades motoras. Quanto à cognição, a maioria dos participantes mostraram uma boa concentração na realização de atividades mais longas, enquanto em uma pequena parte percebeu-se a dificuldade de focar em atividades que exigem mais tempo. Esse dado tornou ainda mais evidente o que é descrito por Dunckley (2019), ao apontar que o tempo de interação com uma tela opera como um estimulante para o sistema nervoso central, cujas consequências colocam em risco distintas funções corporais e mentais. Além disso, a dificuldade de foco apresentada por essas crianças corroborou os relatos obtidos durante a roda de conversa realizada, na qual foi discutido o tempo de exposição às telas. Notou-se que a média de tempo reportada pelas crianças era de aproximadamente 6 horas diárias, reforçando a relação entre o uso prolongado de dispositivos eletrônicos e os impactos cognitivos identificados.

Destaca-se a relevância dessa ação por sensibilizar acerca dos benefícios da atividade física e, ao mesmo tempo, promovê-los por meio de experiências práticas que estimulam o desenvolvimento motor e cognitivo. Segundo Haywood *et al.* (2004) oferecer exercícios motores adequados à criança, configura-se em um dos notáveis aspectos que agregam para o desenvolvimento das suas habilidades. Como parte essencial da formação humana, os componentes físico e cognitivo aqui associados tiveram a finalidade de oferecer ao público-alvo um conjunto de estímulos tanto físicos quanto mentais, premissas fundamentais a um desenvolvimento sadio. Nesse sentido, tal intervenção impactou positivamente não só os participantes, mas também os facilitadores, que de forma prática e teórica, reconheceram a importância desse tipo de relação. Outrossim, houve a reflexão a respeito da continuidade da prática de atividades ligadas a esse tema cotidianamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação de extensão enfatizou a relevância de atividades físicas e lúdicas para o desenvolvimento completo das crianças, incentivando progressos na coordenação motora, equilíbrio e cognição. O diálogo inicial auxiliou na sensibilização acerca das vantagens dessas práticas, enquanto as atividades práticas destacaram o efeito benéfico de estímulos motores e cognitivos apropriados. As dificuldades de concentração demonstradas por algumas crianças confirmaram a ligação entre o uso excessivo de telas e os danos à concentração, como mencionado em debates e pesquisas anteriores. A experiência não apenas beneficiou os participantes ao incentivar comportamentos saudáveis, mas também provocou reflexões importantes nos facilitadores acerca da importância de manter essas práticas no dia a dia, reforçando o efeito positivo da intervenção no bem-estar e aprendizado.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, S. O uso das telas e o desenvolvimento infantil. **IFF/Fiocruz**, Rio de Janeiro, 03 jan. 2022. Disponível em:

<https://www.iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=35:uso-das-telas&catid=8>. Acesso em: 02 out. 2024.

BASEI, A. A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 47, out. 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Comportamento sedentário**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 18 jan. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/glossario/comportamento-sedentario>. Acesso em: 03 out. 2024.

DUNCKLEY, V. L. Síndrome da tela eletrônica: prevenção e tratamento. In: YOUNG, Kimberly; ABREU, Cristiano Nabuco (orgs.). **Dependência de internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2019. Disponível em: <https://viewer.biblioteca.binpar.com/viewer/9788582715321/capitulo-12-sindrome-da-tela-eletronica-prevencao-e-tratamento>. Acesso em: 09 nov. 2024.

GALLAHUE, D. L.; GOODWAY, J. D.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

INSTITUTO DESIDERATA. Por que a obesidade está aumentando entre as crianças. **Obesidade Infantil**, 2021. Disponível em: <https://www.obesidadeinfantil.org.br/post/por-que-a-obesidade-est%C3%A1-aumentando-entre-as-crian%C3%A7as#:~:text=Entre%20os%20nascidos%20de%202001,brasileiras%20apresentam%20excesso%20de%20peso>. Acesso em: 31 out. 2024.

RUSSO, F. Excesso de telas e seu impacto no desenvolvimento infantil. **Neuro Conecta**, 2023. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/excesso-de-telas-e-seu-impacto-no-desenvolvimento-infantil/>. Acesso em: 03 out. 2024.

ASPECTOS NUTRICIONAIS DO PACIENTE PORTADOR DE FENILCETONÚRIA

Paloma Barbosa do Nascimento¹.

Graduada em nutrição pelo Centro Universitário Santa Maria de Cajazeiras/Paraíba, Pós-graduanda na Residência Multiprofissional em Saúde da Criança pela Escola de Saúde Pública da Paraíba-ESP/PB ¹.

nutripalomabarbosa@gmail.com

RESUMO

A fenilcetonúria é uma doença genética com prevalência global em 1:10.000 recém-nascidos, sendo diagnosticada através do teste do pezinho e recomendado iniciar o tratamento precocemente, entre o 7º e 10º dia de vida, pois o atraso pode resultar em danos neurológicos progressivos e irreversíveis. Trata-se de uma revisão bibliográfica com análise de 6 artigos que abordavam a ingestão alimentar de crianças, adolescentes e/ou adultos com fenilcetonúria. O tratamento da fenilcetonúria consiste em uma dieta restrita em fenilalanina durante toda a vida, sendo comum que a maioria dos pacientes tenham uma ingestão inadequada de proteínas, gerando impactos nutricionais no crescimento e desenvolvimento. Com a finalidade de fornecer a quantidade adequada de proteínas, sem excesso de fenilalanina, foi desenvolvida uma fórmula metabólica isenta de fenilalanina que fornece uma mistura de aminoácidos, vitaminas, minerais e ácidos graxos essenciais. Contudo, há uma dificuldade de adesão tanto ao tratamento dietético restritivo quanto ao uso das fórmulas metabólicas, sendo necessário que mais estudos sejam realizados para contribuir com novas ferramentas destinadas ao manejo dietético do paciente.

Palavras-chave: fenilcetonúria; nutrição; genética.

1 INTRODUÇÃO

A fenilcetonúria é uma doença genética com prevalência global em 1:10.000 recém-nascidos, de caráter autossômica recessiva, causada por mutação em um gene que codifica a enzima hepática fenilalanina-hidroxilase. A atividade reduzida ou ausência dessa enzima impede a conversão de um aminoácido essencial chamado fenilalanina em tirosina, provocando acúmulo de fenilalanina no sangue, denominado hiperfenilalaninemia (Brasil, 2020).

Através do teste do pezinho, um componente da política pública do Programa Nacional de Triagem Neonatal, a doença é diagnosticada, sendo a coleta de sangue feita entre o terceiro e quinto dia de vida, visto que é recomendado iniciar o tratamento precocemente, entre o 7º e 10º dia de vida, pois o atraso nesse rastreamento pode resultar em danos neurológicos progressivos e irreversíveis (Mallmann *et al.* 2020).

Indivíduos acometidos por esse erro inato do metabolismo requer um manejo dietético periódico para evitar o acúmulo de substâncias tóxicas que causam prejuízos cognitivos, manter a estabilidade metabólica e consequentemente garantir um bom estado nutricional através do crescimento e desenvolvimento adequado (Robredo *et al.* 2024).

2 METODOLOGIA

Para a revisão bibliográfica foram realizadas buscas acadêmicas com os termos fenilcetonúria e nutrição nas bases PubMed e Scielo, com recorte temporal de 2020 a 2024. Desse modo, incluindo artigos que abordassem a ingestão alimentar de crianças, adolescentes

e/ou adultos com fenilcetonúria, em qualquer idioma. Foram encontrados 10 artigos e 06 artigos foram selecionados e analisados para explorar o tema.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

ALIMENTAÇÃO RESTRITA EM FENILALANINA

O tratamento da fenilcetonúria consiste em uma dieta restrita em fenilalanina durante toda a vida, sendo necessário realizar ajustes dietéticos regularmente com auxílio de um profissional nutricionista. As opções de alimentos permitidos são poucas, limitando-se apenas a alguns grupos de alimentos como frutas, vegetais, gorduras e açúcares. (Rocha *et al.* 2023). Tais grupos são classificados como permitidos, controlados e proibidos de acordo com a quantidade de fenilalanina, conforme lista o guia dietético do Protocolo Clínico de Diretrizes Terapêuticas da Fenilcetonúria, disponibilizado por o Ministério da Saúde (Brasil, 2020).

Nesse sentido, é comum que a maioria dos pacientes acometidos tenham uma ingestão inadequada de proteínas, prevalecendo uma alta ingestão de carboidratos e adequada de lipídeos, gerando impactos nutricionais que estão diretamente relacionados com o prognóstico e progressão neurológica da doença (Mezzomo *et al.* 2024).

DIETOTERAPIA E FÓRMULA METABÓLICA

As complicações neurológicas provenientes do aumento de fenilalanina no sangue é o principal fator a ser prevenido, através da limitação desse aminoácido na dieta, por se tratar de um aminoácido essencial, não pode ser eliminado completamente, mas sim restringido seu consumo diário. As proteínas são necessárias para o crescimento e desenvolvimento adequado, porém a restrição de fenilalanina limita sua quantidade, visto que o grupo alimentar com maior quantidade de fenilalanina é dos alimentos de origem animal (López-Mejía, *et al.* 2021).

Com a finalidade de fornecer a quantidade adequada de proteínas, sem excesso de fenilalanina, foi desenvolvido uma fórmula metabólica isenta de fenilalanina, composta por uma mistura de aminoácidos, vitaminas, minerais e ácidos graxos essenciais.

A fórmula é de uso contínuo, recomendada para todos os pacientes de acordo com a idade, sendo fracionada em no mínimo três porções ao dia para otimizar o balanço nitrogenado, conforme preconizado no Protocolo Clínico de Diretrizes Terapêuticas da Fenilcetonúria, disponibilizado por o Ministério da Saúde (Brasil, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento, desenvolvimento, cognição e fatores neuropsicológicos dos pacientes com fenilcetonúria ainda é um aspecto desafiador de acordo com as atuais evidências científicas, visto que há uma dificuldade de adesão ao tratamento dietético restritivo e ao uso das fórmulas metabólicas que devem ser mantidos por toda a vida.

Além disso, é importante destacar a necessidade do acompanhamento multiprofissional para proporcionar um apoio as necessidades sociais e emocionais tanto do paciente quanto dos seus familiares, contribuindo para uma melhor qualidade de vida. É necessário que mais estudos sejam realizados sobre os aspectos nutricionais que envolvem o portador dessa condição genética com intuito de fornecer novas ferramentas para o manejo dietético.

REFERÊNCIAS

MALLMANN, M. B.; TOMASI, Y. T.; BOING, A. F.; Neonatal screening tests in Brazil: prevalence rates and regional and socioeconomic inequalities. **J Pediatr (Rio J)**, p. 487-494, 2020.

MEZZOMO, T. R.; DIAS, M. R. M. G.; SANTOS T.; PEREIRA, R. M. Dietary intake in individuals with phenylketonuria: an integrative review. **Nutr Hosp**, p. 212-223, 2024.

LÓPEZ-MEJÍA, L.; SARA, G. L.; MARCELA, V. A. Fórmulas metabólicas disponibles en México para pacientes con fenilcetonuria. **Bol Med Hosp Infant Mex**, p. 612-620, 2021.

ROBREDO, I. G. P.; GRATTAROLA, P.; CORRECHER, M. *et al.* Estado nutricional en errores innatos del metabolismo de las proteínas. Estudio caso-control. **Anales de Pediatría** **101**, p. 331-336, 2024.

ROCHA *et al.* Dificuldades alimentares em pacientes com Fenilcetonúria. **CoDAS**, p. 1-6, 2023.

BRASIL. Ministério Da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Fenilcetonúria**. Brasília-DF, 2020. Disponível em:
http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeuticas_fenilcetonuria.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.

HEPATITES VIRAIS E SEU IMPACTO EM PACIENTES PEDIÁTRICOS: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Larissa Vieira Rego Bastos¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em medicina pela Universidade Federal do Alagoas¹; Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira²

elisaneanascimento@gmail.com

RESUMO

As hepatites virais representam um importante desafio à saúde pública pediátrica, com milhões de crianças afetadas globalmente, especialmente por transmissão vertical em regiões de alta endemicidade. A hepatite A (HAV), transmitida pela via fecal-oral, geralmente é assintomática em crianças, mas pode evoluir para formas graves, como hepatite fulminante, embora a vacinação tenha reduzido sua incidência. A hepatite B (HBV) destaca-se pela alta taxa de cronificação em infecções neonatais, com risco elevado de cirrose e carcinoma hepatocelular, especialmente em contextos de infraestrutura precária, apesar da eficácia da imunoprofilaxia neonatal. A hepatite C (HCV) apresenta progressão silenciosa, com alto risco de infecção crônica e fibrose hepática, agravada pelo acesso limitado aos antivirais de ação direta (DAAs). Além das implicações clínicas, as hepatites virais impactam o desenvolvimento psicossocial das crianças devido ao estigma e à carga emocional e financeira sobre as famílias. Apesar de avanços em prevenção e tratamento, desafios como o acesso desigual às intervenções e à triagem gestacional persistem. Investimentos em políticas públicas, programas de vacinação universal e educação em saúde são essenciais para mitigar os impactos clínicos e sociais dessas infecções.

Palavras-chave: hepatites virais; impactos; Brasil.

1 INTRODUÇÃO

As hepatites virais representam um dos principais desafios à saúde pública global, com impacto significativo em populações pediátricas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 296 milhões de pessoas vivem com hepatite B (HBV) crônica, enquanto 58 milhões têm hepatite C (HCV), muitas das quais são crianças infectadas por transmissão vertical ou em contextos de alta endemicidade (WHO, 2021). Em 2019, estima-se que 820 mil mortes foram atribuídas a complicações relacionadas ao HBV, como cirrose e carcinoma hepatocelular, destacando o impacto de longo prazo dessas infecções (WHO, 2021). Este trabalho busca analisar os impactos das hepatites virais em pacientes pediátricos, com ênfase nas implicações clínicas, psicossociais e nos desafios preventivos e terapêuticos contemporâneos.

2 METODOLOGIA

A revisão narrativa foi conduzida utilizando bases de dados como PubMed, SciELO e Google Scholar, abrangendo o período de 2019 a 2023. Os critérios de inclusão englobaram estudos originais, revisões sistemáticas e diretrizes que explorassem o impacto das hepatites virais em crianças. Foram utilizados descritores como "Hepatite Viral Humana", "Pediatria",

"Hepatite Crônica" e "Qualidade de Vida". Foram excluídos estudos que não abordassem diretamente crianças, bem como artigos sem revisão por pares.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As hepatites virais em crianças apresentam características epidemiológicas e clínicas que variam de acordo com o tipo de vírus e o contexto geográfico. No caso do vírus da hepatite A (HAV), sua transmissão ocorre predominantemente pela via fecal-oral, sendo comum em regiões com infraestrutura sanitária precária; em crianças, a maioria das infecções é assintomática ou apresenta sintomas leves, como febre, fadiga e icterícia. No entanto, em casos raros, pode evoluir para hepatite fulminante, com uma taxa de letalidade estimada em 0,1% a 0,3% dos casos sintomáticos (Jacobsen e Wiersma, 2010).

A introdução de programas de vacinação universal contra o HAV reduziu drasticamente a incidência em países desenvolvidos, mas a cobertura vacinal permanece desigual em regiões de baixa renda (WHO, 2021). Ademais, o HBV representa um dos maiores desafios em pediatria devido à alta taxa de cronificação em infecções adquiridas no período neonatal. Tendo isso em vista, recém-nascidos infectados apresentam uma probabilidade de até 90% de desenvolver hepatite crônica, com evolução para cirrose em cerca de 20% dos casos e risco elevado de carcinoma hepatocelular (WHO, 2021).

A transmissão vertical é a principal via de infecção em crianças, especialmente em regiões endêmicas, contudo, estudos demonstram que a imunoprofilaxia neonatal, composta pela administração de imunoglobulina específica e pela vacina contra o HBV nas primeiras 12 horas de vida, reduz a transmissão vertical em mais de 95% (Mast *et al.*, 2005). No entanto, a falta de infraestrutura e de programas abrangentes de triagem materna prejudica a aplicação universal dessas medidas, especialmente em países em desenvolvimento e nas populações mais vulneráveis. Também, a hepatite C (HCV), embora menos prevalente em crianças, apresenta um perfil de risco elevado devido à sua progressão silenciosa; e a sua transmissão vertical é responsável por 5% a 10% dos casos, dependendo da carga viral materna e da presença de coinfeções, como HIV (Indolfi *et al.*, 2019).

Crianças infectadas pelo HCV frequentemente permanecem assintomáticas durante a infância, mas 60% a 80% delas desenvolvem infecção crônica, com fibrose hepática significativa ao longo da vida. A introdução de antivirais de ação direta (DAAs) revolucionou o manejo dessa condição, proporcionando taxas de cura superiores a 95% em adultos e adolescentes, mas a disponibilidade e o custo limitam o acesso universal (Indolfi *et al.*, 2019). As hepatites virais também têm implicações clínicas significativas que se estendem além da fase inicial da infecção, com impactos de longo prazo na saúde hepática, como a hepatite B, por exemplo, que é responsável por uma progressão silenciosa para doenças crônicas em uma alta proporção de crianças infectadas em contexto perinatal.

Dados recentes indicam que até 25% das crianças com hepatite B crônica não tratada desenvolvem cirrose ou carcinoma hepatocelular ao longo da vida, sublinhando a gravidade do diagnóstico precoce e do acompanhamento contínuo (WHO, 2021). Além disso, estudos mostram que crianças com infecção crônica apresentam maiores níveis de fibrose hepática em comparação a adultos diagnosticados tardiamente, evidenciando a maior vulnerabilidade do fígado em desenvolvimento (Indolfi *et al.*, 2019).

No caso da hepatite C, a infecção durante a infância geralmente não apresenta sintomas aparentes, mas as consequências se manifestam mais tarde, com até 10% das crianças progressivamente desenvolvendo fibrose avançada até a idade adulta. Isso é agravado pela falta de acesso universal aos antivirais de ação direta (DAAs), que, embora altamente eficazes, ainda são limitados em muitas regiões de baixa e média renda. A progressão para cirrose e as complicações relacionadas, como hipertensão portal e insuficiência hepática, são

frequentemente relatadas em crianças sem tratamento adequado, o que reforça a necessidade de políticas públicas que ampliem o acesso ao diagnóstico precoce e ao tratamento específico (Indolfi *et al.*, 2019).

Além das complicações clínicas, o impacto psicossocial das hepatites virais em crianças é substancial, a exemplo do estigma associado à infecção por HBV e HCV que frequentemente leva ao isolamento social, prejudicando o desenvolvimento emocional e o desempenho escolar dos pacientes. Estudos também apontam que crianças com hepatite crônica apresentam níveis elevados de ansiedade e depressão, particularmente em contextos onde a desinformação sobre a transmissibilidade da doença é prevalente (Barbosa, 2015). Para as famílias, os custos associados ao tratamento, às consultas médicas frequentes e aos exames de monitoramento representam uma carga financeira significativa, especialmente em países de baixa renda, onde os sistemas de saúde frequentemente não oferecem suporte adequado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As hepatites virais são uma das principais causas de morbimortalidade em crianças, com implicações clínicas e psicossociais que se estendem ao longo da vida. Embora avanços significativos tenham sido alcançados na prevenção e no tratamento, desafios como o acesso desigual a intervenções, a falta de triagem universal para gestantes e o estigma social ainda comprometem os resultados. Investimentos em políticas públicas robustas, programas de vacinação universal e ampliação do acesso a antivirais de ação direta são fundamentais para mitigar os impactos dessas doenças em populações pediátricas. Além disso, a educação em saúde é crucial para combater o estigma e melhorar a qualidade de vida dos pacientes e de suas famílias.

REFERÊNCIAS

Barbosa, M. E. D. **Depressão, função cognitiva e qualidade de vida em pacientes com hepatite crônica C: efeitos do tratamento antiviral.** 2015. Universidade de São Paulo, [s. l.], 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5168/tde-24082015-110456/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Indolfi, G. *et al.* Hepatitis C virus infection in children and adolescents. **The Lancet Gastroenterology & Hepatology**, v. 4, n. 6, p. 477-487, jun. 2019. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/s2468-1253\(19\)30046-9](https://doi.org/10.1016/s2468-1253(19)30046-9). Acesso em: 22 nov. 2024.

Jacobsen, K. H.; Wiersma, S. T. Hepatitis A virus seroprevalence by age and world region, 1990 and 2005. **Vaccine**, v. 28, n. 41, p. 6653-6657, set. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2010.08.037>. Acesso em: 22 nov. 2024.

Mast, E. E. *et al.* A comprehensive immunization strategy to eliminate transmission of hepatitis B virus infection in the United States: recommendations of the Advisory Committee on Immunization Practices (ACIP) part I: immunization of infants, children, and adolescents. **MMWR Recommendations and Reports**, v. 54, n. RR-16, p. 1-31, 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16371945/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

World Health Organization (WHO). **Hepatitis B.** 2021. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/hepatitis-b>. Acesso em: 22 nov. 2024.

World Health Organization (WHO). **Hepatitis C**. 2021. Disponível em:
<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/hepatitis-c>. Acesso em: 22 nov. 2024.

A INFLUÊNCIA DO RACISMO NA QUALIDADE DA SAÚDE PEDIÁTRICA

Davi Anderson Marques Nogueira¹; Juliana Freitas Marques²

Graduando em enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará¹, Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará (UECE)²

davi.anderson@aluno.uece.br

RESUMO

O racismo tem como consequência a exclusão de um grupo social específico de usufruir determinados direitos e acessos à saúde pública, camuflado de forma institucional, o racismo afeta a qualidade da atenção da saúde de crianças negras. Essa revisão de literatura foi realizada na busca pelo material bibliográfico na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), utilizando as bases de dados LILACS, BDENF e MEDLINE. Aplicou-se os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Saúde da Criança” e “População Negra”, com o operador booleano “and”. Ao todo, foram selecionados cinco artigos para compor o trabalho. Devido fatores sociais, a área da saúde pediátrica tem limitações que dificultam um cuidado em saúde de forma qualitativa, algumas das principais barreiras são: o deslocamento das comunidade quilombolas para as Unidade Básicas de Saúde(UBS) e a deficiência de uma formação complementar dos profissionais de saúde sobre essa população, nas quais devem ser relacionadas a luta contra o racismo institucionalizado. O fortalecimento da formação do profissional da saúde em atender as demandas apresentadas pelos pacientes de forma humanizada, equitativa e profissional.

Palavras-chave: racismo institucional; saúde da criança; saúde pública.

1 INTRODUÇÃO

O racismo estrutural permanece presente no cotidiano dos brasileiros, a injustiça e o preconceito do mesmo modo durante a infância, Essa discriminação desencadeia diversas situações que possam prejudicar a criança vítima de racismo, como a carência de informações de seus direitos como criança no aspectos da saúde, sabendo que no Brasil, as chances de uma criança preta ou parda morrer por causas infecciosas e parasitárias é 60% maior em comparação a uma criança branca (Alves, *et al.*, 2020).

A atenção à saúde da comunidade negra vem se fortalecendo através dos movimentos sociais e uma de suas conquistas foi a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), na qual traz diretrizes e estratégias de cuidado no âmbito da saúde a essa população. Visando uma questão específica dessa política, sendo ela uma análise epidemiológica da saúde de crianças negras, foi demonstrado que as crianças negras têm maiores probabilidades de morte por doenças infecciosas e desnutrição (Brasil, 2007).

O SUS é um importante aliado ao profissional de saúde que atua em todo o território brasileiro, desde a sua criação o seu desenvolvimento vem sendo referência na questão de acessibilidade para a população, atuando com promoção e prevenção de saúde em todas as comunidades, em específico a comunidade negra (Brasil, 2007).

Essa realidade do racismo estrutural é sustentada pelas questões de desigualdade étnico-racial na infância, tendo as crianças negras uma chance maior de agravos à sua saúde, resultado esse de diversos fatores de riscos, como exemplo a situação de vulnerabilidade (Brasil, 2007).

2 METODOLOGIA

O estudo apresentado é classificado como uma revisão integrativa da literatura que tem por objetivo principal aprofundar os conhecimentos pré-existentes sobre um determinado conteúdo, com base na síntese dos resultados de pesquisas. Para cumprir esta meta, foram seguidas as seguintes etapas: 1) identificação do tema e elaboração da pergunta norteadora, 2) estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, 3) definição e organização dos estudos selecionados, 4) avaliação dos estudos adequados para compor a amostra, 5) interpretação dos resultados e 6) síntese do conhecimento (Mendes; Silveira; Galvão, 2019).

Para orientar a elaboração da pergunta norteadora, foi adotado a estratégia PICO, como indicado por Mendes, Silveira e Galvão (2019). Outrossim, os mnemônicos apresentam como definição: P= População - criança, I= Fenômeno de Interesse - acesso à saúde e Co= Contexto - qualidade de vida. Como reflexo desta etapa tem-se a seguinte questão de pesquisa: “Quais os impactos da desigualdade racial na atenção à saúde de crianças negras?”

Realizou-se a busca pelo material bibliográfico na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), utilizando as bases de dados Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados em Enfermagem (BDENF) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE). Aplicou-se os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Saúde da Criança” e “População Negra” com o operador booleano “and”. A partir da aplicação dos descritores foram encontrados 103 artigos. A busca aconteceu durante o mês de novembro de 2024.

Ademais, com o objetivo de construir um trabalho com respaldo científico foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: a) artigos completos, b) idiomas português e inglês. Em seguida, foram excluídas publicações com as seguintes características: artigos de opinião pessoal, duplicados, resumos de publicações com ausência de dados relacionados ao objeto de estudo e que não responderam a pergunta norteadora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após uma leitura completa dos trabalhos, foram incluídos cinco artigos para a síntese argumentativa. Os produtos dessa seleção se encontram dispostos na Figura 1 abaixo, sendo discriminados por títulos, autores, ano de publicação e objetivos.

Figura 1 - Título, autor, ano e objetivos dos artigos selecionados

TÍTULO	AUTOR / ANO	OBJETIVOS
Racismo institucional: um desafio para a equidade no SUS?	Kalckmann, <i>et al.</i> , 2007	Identificar quais as principais barreiras encontradas durante o acesso à saúde pública.
Saúde da População Negra	Batista, <i>et al.</i> , 2012	Ressaltar quais mudanças se tornam importantes para a saúde da população negra de forma equitativa.
Práticas de cuidado em saúde com crianças quilombolas: percepção dos cuidadores	Souza, <i>et al.</i> , 2023	Descrever os principais fatores de risco da falta de acesso à saúde de crianças quilombolas.
Política Nacional de Saúde Integral da População Negra	Ministério da Saúde., 2007	Analisar quais direitos são garantidos para a população negra no âmbito da saúde.
Reflexões sobre o cuidado integral	Alves, <i>et al.</i> , 2020	Elencar as ações afirmativas que

no contexto étnico-racial: uma revisão integrativa		podem ser realizadas para minimizar a frequência do racismo.
--	--	--

FONTE: Autoria própria.

O racismo vem sendo discutido e combatido pelo Ministério da Saúde, após ser evidenciado que a prevalência de doenças nessa população tem se tornado mais frequente. Desde 2010, ano esse que foi implementado nas diretrizes do SUS o combate ao racismo, reafirmando a universalidade, a integralidade e a equidade sendo esses seus princípios. Esse debate apresentou uma execução de ações de forma prática, objetificando a necessidade dessa dimensão étnico-racial de forma igualitária (Batista, *et al.*, 2012).

A faixa de idade infantil da população negra sofre com uma prevalência persistente de índices de mortalidade, tendo chances de evoluírem para um estado de desnutrição e infecções com mais frequência que crianças brancas (Brasil, 2007). Como resultado da dificuldade de adquirir acesso a informações de quadro nutricional e cuidados de saúde a crianças, em específicos da comunidade quilombola, devido a locomoção, no qual determinados territórios brasileiros ainda possuem UBS (Unidade Básica de Saúde) localizada a grandes distâncias dessas comunidades (Souza, *et al.*, 2023).

Após ultrapassar as barreiras primárias do acesso à Rede de Atenção à Saúde, o próximo obstáculo é um atendimento de qualidade de forma equitativa, pois devido a má-condutas de profissionais, a dificuldade de um diálogo qualitativo com o paciente se torna mais desafiador, além disso se dá o desfecho de crianças e seus responsáveis legais a busca por outras UBS, provocando o afastamento dessa população as unidades de saúde na qual poderia ser atendida de forma digna e humanizada (Kalckmann, *et al.*, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tais condições apresentadas pela população negra nas quais dificultam o acesso ao público alvo (Crianças Negras), a serem admitidas em uma UBS, podem ser combatidas através de ações afirmativas apresentadas pela PNSIPN, por meio de capacitação e educação permanente dos profissionais de saúde sobre o combate ao racismo institucional, fortalecimento de pesquisa com a população negra e boas práticas no contexto da formação, acadêmico e escolar desses profissionais (Alves, *et al.*, 2020).

REFERÊNCIAS

- KALCKMANN, S., Santos, C. G. dos Batista, L. E., & Cruz, V. M. da. (2007). Racismo institucional: um desafio para a equidade no SUS? *Saúde E Sociedade*, 16(2), 146–155. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902007000200014>
Saúde da População Negra Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates 2º edição *Revistae ampliada*. [s.l:s.n.].
- SOUZA, L. N. de, Nogueira, L. M. V., Rodrigues, I. L. A., Pinheiro, A. K. C., & Andrade, E. G. R. de. (2023). Práticas de cuidado em saúde com crianças quilombolas: percepção dos cuidadores. *Escola Anna Nery*, 27, e20220166. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2022-0166pt>
- ALVES, P. H. M., Leite-Salgueiro CDB, Alexandre ACS, Oliveira GF de. Reflexões sobre o cuidado integral no contexto étnico-racial: uma revisão integrativa. *Ciência coletiva* [Internet]. 2020Jun;25(6):2227–36. Available from:

<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.23842018>

Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília: MS; 2007. Brasil.

Ministério da Saúde (MS) Disponível em:

<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra.pdf

MENDES, K. D. S; SILVEIRA, R. C. P. S; GALVÃO, C. M. Uso de gerenciadores de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. **Texto & Contexto Enfermagem**. v. 28: e20170204, 2019. ISSN 1980-265X. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0204>.

OFICINA SOBRE O USO DO BRINQUEDO TERAPÊUTICO NO CUIDADO DE ENFERMAGEM À CRIANÇA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nayanne Vieira Lima¹; Sabrina de Alencar Ribeiro¹; Máyra Tauane David Araújo¹; Sherline Alves Pereira¹; Luanna Gomes da Silva²; Josefa Nayara de Lima³

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri¹, Enfermeira, Mestra em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri², Enfermeira Obstétrica, Mestra em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri³

nayannevieiralima@outlook.com

RESUMO

Introdução: O brincar é essencial para o desenvolvimento infantil, mas a hospitalização pode limitar esse direito, causando medo e traumas. O brinquedo terapêutico (BT) minimiza o estresse hospitalar ao integrar aspectos recreativos e terapêuticos, promovendo autonomia e bem-estar. O objetivo deste estudo é relatar as experiências de extensionistas acerca de oficina sobre a importância do BT. **Metodologia:** Estudo descritivo baseado nas vivências de acadêmicos de enfermagem durante uma oficina do projeto PROPED, realizada em 31 de outubro de 2024, no Ceará. A atividade incluiu apresentação teórica sobre brinquedo terapêutico e construção prática em grupo, utilizando materiais lúdicos, com participação de extensionistas e docentes, promovendo aprendizado dinâmico e colaborativo. **Resultados e Discussão:** A oficina apresentou conceitos sobre brinquedo terapêutico, sua função, benefícios e metodologias, seguida pela construção prática de brinquedos e um semáforo das emoções. O brinquedo terapêutico auxilia na hospitalização infantil, promovendo compreensão, autonomia e confiança. Ressalta-se a importância da capacitação de enfermeiros para integrar essa ferramenta à assistência pediátrica. **Considerações Finais:** O estudo destaca o Brinquedo Terapêutico como ferramenta essencial para humanizar o cuidado pediátrico, minimizando impactos da hospitalização. Capacitações ampliam o uso dessa prática, fortalecendo vínculos, autonomia e bem-estar infantil, transformando o ambiente hospitalar e promovendo assistência humanizada.

Palavras-chave: brinquedo terapêutico; estratégias lúdicas; pediatria.

1 INTRODUÇÃO

O brincar é essencial para o desenvolvimento saudável da criança, sendo reconhecido como uma necessidade básica e um direito garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). No entanto, durante a hospitalização, esse direito é ameaçado devido às mudanças na rotina, que afastam a criança de atividades lúdicas e recreativas, exigindo uma adaptação abrupta a um ambiente distante de sua realidade habitual. Além disso, os tratamentos hospitalares, muitas vezes invasivos e dolorosos, geram medo e podem resultar em traumas que persistem mesmo após a alta (De Sousa *et al.*, 2021).

O cuidado humanizado em pediatria envolve a aplicação de abordagens terapêuticas que visam atenuar o sofrimento físico e psicológico, considerando a singularidade e os valores culturais de cada criança e de sua família. Essa prática inclui a preparação para procedimentos invasivos por meio de atividades lúdicas no ambiente hospitalar, permitindo que a criança se expresse de forma espontânea e natural (Dal Chiavon *et al.*, 2021).

Nessa perspectiva, o brinquedo terapêutico (BT) é uma ferramenta que ajuda as crianças

a enfrentar a ansiedade gerada pela hospitalização, proporcionando conhecimento dos procedimentos médicos. Ele apresenta aspectos recreativos e terapêuticos, ressignificando a experiência hospitalar e minimizando o estresse. Além de criar um ambiente acolhedor, o BT promove a autonomia, a autoconfiança e o protagonismo da criança, tornando-a corresponsável pela sua recuperação. Esse recurso, ao ser integrado ao ambiente hospitalar, desempenha um papel transformador na saúde e no bem-estar das crianças e seus familiares (Ribeiro *et al.*, 2020).

O BT pode ser desenvolvido em três modalidades: instrucional, que é utilizado antes de procedimentos terapêuticos, de modo a preparar a criança e facilitar a compreensão acerca do procedimento a ser realizado; dramático, que permite à criança expressar suas necessidades e sentimentos, ajudando o profissional a compreender suas angústias e buscar alternativas para minimizá-las; e o capacitador de funções fisiológicas, que ensina a criança a lidar com novas condições ou adaptações fisiológicas permitidas no processo de recuperação. Essas modalidades têm como objetivo facilitar a adaptação e o enfrentamento da hospitalização (Oliveira *et al.*, 2020).

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicas extensionistas acerca de uma oficina realizada sobre o uso do Brinquedo Terapêutico para auxiliar no cuidado de enfermagem à criança hospitalizada.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, elaborado com base nas vivências de acadêmicos de enfermagem durante as atividades do projeto de extensão “Promoção da Saúde na Pediatria - PROPED”, vinculado à Universidade Regional do Cariri. A ação foi realizada no dia 31 de outubro de 2024, no período matutino, tendo duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos, realizada na videoteca do campus Multi-Institucional Humberto Teixeira, localizado na região Centro-Sul do estado do Ceará, Brasil.

O convite foi realizado através do *WhatsApp* no grupo do projeto de extensão com uma arte realizada pela plataforma *CANVA*, sendo assim, destinado a todas as extensionistas e enfermeiras colaboradoras. O feedback foi bastante positivo, pois, foi apresentada informações práticas e relevantes sobre o brinquedo terapêutico, foi bastante interativo, permitindo que todas as participantes colocassem em prática o que foi aprendido na oficina.

As participantes da oficina foram duas extensionistas e duas docentes colaboradoras do projeto, contando com quatro pessoas do sexo feminino, com faixa etária entre 20 e 30 anos. A oficina incluiu uma apresentação teórica sobre o brinquedo terapêutico utilizando *slides* no formato *powerpoint*, abordando metodologias para a aplicação, como também a construção de um brinquedo terapêutico em grupo, utilizando alguns materiais como papel, cola, lápis de cor, canetinha, régua, tesouras e cartolinas.

Figura 1: Materiais didáticos e lúdicos utilizados na oficina. Iguatu, Ceará, Brasil, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Figura 2: Extensionistas e docente produzindo material lúdico. Iguatu, Ceará, Brasil, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A oficina iniciou com a apresentação das extensionistas, e em seguida houve a explicação do que é o brinquedo terapêutico, processo de hospitalização, classificação, função, benefícios e metodologias como, por exemplo, estratégias lúdicas. Posteriormente, como método de participação do público da oficina, foram disponibilizados materiais para a construção de um brinquedo terapêutico. Após a produção do brinquedo terapêutico, finalizamos com a produção de um semáforo das emoções.

Nessa perspectiva, a utilização do BT aliando-se à função recreativa, ajuda no processo de hospitalização da criança e de seus familiares a procedimentos a qual a mesma irá se submeter. Dessa forma, o Brinquedo Terapêutico (BT) contribui para a compreensão da criança nesse espaço, tornando-a mais autoconfiante, autônoma, protagonista e corresponsável pela sua recuperação (Dal Chiavon *et al.*, 2021).

Quando a criança entende o que é o brinquedo terapêutico, a mesma começa a dar significados para o brinquedo na sua imaginação, onde vai assumir um valor simbólico e divertido, fazendo-a perceber o mundo ao seu redor na perspectiva da temática da brincadeira, por isso torna-se uma ferramenta importante no processo de hospitalização (Koury, Monteiro, Lima, 2023).

Diante dessa ótica o brinquedo terapêutico proporciona interação entre a criança e o profissional, trazendo benefícios de vínculo e confiança, ajudando no processo de hospitalização mais tranquilo, receptivo e alegre, no intuito de minimizar o sofrimento da criança no processo de internação/observação (Miranda, Maia, Almeida, 2024).

Portanto é necessário que o profissional enfermeiro, faça capacitações, cursos e especializações sobre métodos e tecnologias de brinquedo terapêutico, na colaboração do processo de assistência ao paciente, fazendo-se fundamental no processo de hospitalização na pediatria.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidencia a importância do Brinquedo Terapêutico (BT) como ferramenta essencial para humanizar o cuidado pediátrico e minimizar os impactos negativos da hospitalização em crianças e suas famílias. A capacitação realizada proporcionou às extensionistas uma vivência prática sobre a construção e aplicação do BT, ampliando o entendimento acerca de suas modalidades e benefícios no enfrentamento dos desafios impostos

pelo ambiente hospitalar.

A utilização do BT mostrou-se eficaz na criação de um ambiente acolhedor, fortalecendo a autonomia e a confiança da criança no processo de recuperação. Além disso, a prática contribui para estreitar o vínculo entre profissionais de saúde, pacientes e seus familiares, promovendo uma experiência mais tranquila e menos traumática durante a internação.

Conclui-se que capacitações como essa são fundamentais para sensibilizar e qualificar profissionais de enfermagem sobre o uso de metodologias lúdicas no cuidado pediátrico. Essas iniciativas não apenas transformam o ambiente hospitalar, mas também garantem o respeito aos direitos das crianças, conforme preconizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Por fim, reforça-se a necessidade de ampliar programas de capacitação e inclusão de tecnologias lúdicas no cuidado pediátrico, evidenciando o papel transformador do Brinquedo Terapêutico na assistência humanizada e na promoção do bem-estar infantil.

REFERÊNCIAS

DAL CHIAVON, Susane et al. Utilização do brinquedo terapêutico para a criança que vivencia o processo de hospitalização: uma revisão narrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 382-398, 2021.

DE SOUSA, Crislaine Siqueira et al. O brinquedo terapêutico e o impacto na hospitalização da criança: revisão de escopo. **Rev Soc Bras Enferm Ped.** | v. 21, n. 2, p. 173-80, 2021.

KOURY, Rosalia Daniela Medeiros da Silva; MONTEIRO, Estela Maria Leite Meirelles; LIMA, Luciane Soares de. Validação de brinquedo terapêutico sobre cateterismo cardíaco. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 06, p. 1799-1808, 2023.

MIRANDA, Carolline Billett; MAIA, Edmara Bazoni Soares; ALMEIDA, Fabiane de Amorim. Perspectivas dos profissionais de saúde do BrinquEinstein sobre a implementação do brinquedo terapêutico na pediatria. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e05142024, 2024.

OLIVEIRA, Débora et al. Brinquedo terapêutico e a assistência de enfermagem: revisão integrativa. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, v. 9, n. 3, p. 563-572, 2020.

RIBEIRO, Wanderson Alves et al. Contributos do brinquedo terapêutico no processo de cuidado à criança hospitalizada: um estudo da literatura. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e1000974706-e1000974706, 2020.

ATUAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: UM OLHAR PARA A ESTIMULAÇÃO SENSORIO-MOTORA

Táylla Fernanda dos Santos Pereira¹; Amanda do Nascimento Oliveira Carneiro¹; Yluska Saraiva Santos Gamba²; Milena Lins da Cunha Dias³.

Fisioterapeuta Residente em Saúde da Criança pela Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP-PB)¹, Fisioterapeuta Preceptora do Programa de Residência em Saúde da Criança da Escola de Saúde Pública da Paraíba², Fisioterapeuta Tutora do Programa de Residência em Saúde da Criança da Escola de Saúde Pública da Paraíba³.

tayllaf73@gmail.com

RESUMO

A Unidade de Terapia Intensiva é um ambiente que visa um cuidado intensivo, de modo a favorecer uma melhora clínica ao indivíduo. Porém, é um local que traz riscos que podem interferir no seu processo de desenvolvimento sensorio-motor. Assim, a estimulação sensorio-motora é um tipo de intervenção precoce que visa favorecer o desenvolvimento neuropsicomotor e promover a organização dos sistemas do corpo. O estudo trata-se de um relato de experiência do tipo descritivo, de caráter qualitativo, realizado a partir da vivência de fisioterapeutas residentes do 1º ano Unidade de Terapia Intensiva de um hospital pediátrico da cidade de João Pessoa-PB. Inicialmente era realizada a leitura prévia do prontuário dos pacientes, seguida da avaliação especializada e escolha da estimulação (unimodal, multimodal e/ou mobilização). Eram utilizados alguns recursos facilitadores como: tapete e bola texturizados, placas de estímulo visual, brinquedos com cores de contraste, algodão e gaze. É de extrema importância uma avaliação detalhada e atendimento especializado para este público que apresenta necessidades tão específicas e que estão em uma fase crítica e sensível para o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: fisioterapia; pediatria; neonatologia.

1 INTRODUÇÃO

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um ambiente que visa um cuidado intensivo, de modo a favorecer uma melhora clínica ao indivíduo. Além disso, para neonatos e lactentes, é um local que traz riscos que podem interferir no seu processo de desenvolvimento sensorio-motor, ao passo que os deixam vulneráveis, seja pela doença de base, risco de novas infecções hospitalares, intubação prolongada e/ou restrição ao leito. Somado a isso, existe a exposição a iluminação excessiva, ruídos e procedimentos frequentes, muitas vezes dolorosos, que também podem acarretar em riscos para o sistema nervoso (Martins *et al.*, 2024; Santos; Santos; Anjos, 2023).

Podemos identificar facilmente no momento da avaliação de um neonato e lactente, sinais de aproximação e retraimento, bem como o estado comportamental dos pacientes, que refletem sua capacidade de auto-organização, sendo este processo explicado pela Teoria Síncrono-ativa. Diante disso, faz-se necessário buscar abordagens para estimular o desenvolvimento de neonatos e lactentes por meio da plasticidade neuronal, além de estímulos que possam modular e trazer harmonia entre estes subsistemas, de modo a minimizar os impactos causados pelo ambiente hospitalar e internação prolongada (Martins *et al.*, 2024; Shimokozono *et al.*, 2021).

Dentro desta perspectiva, a estimulação sensório-motora é um tipo de intervenção precoce utilizada nas Unidades de Terapia Intensiva que visa favorecer o desenvolvimento neuropsicomotor e promover a organização dos sistemas do corpo, seja para melhora da dor, do estresse, dos sinais vitais, dos ciclos de sono e vigília, do peso, entre outros. Para isso, a estimulação sensório motora traz muitas possibilidades como a estimulação unimodal (estímulo tátil, vestibular, olfativo, gustativo, visual e auditivo), multimodal (estimulação tátil-cinestésica, massoterapia, contato pele a pele e multissensorial) e mobilizações (Cabral; Albuquerque; Albuquerque, 2024; Johnston *et al.*, 2021).

Para isso, o fisioterapeuta é um profissional muito importante dentro da equipe multiprofissional, devendo estar capacitado e apto a entender as necessidades individuais de cada paciente, seja dentro da abordagem da fisioterapia respiratória ou sensório-motora. Podendo assim, auxiliar recém-nascidos e lactentes pré-termo, a termo ou pós-termo que apresentam alterações decorrentes de complicações nos períodos pré-natal e perinatal ou até mesmo por intercorrências não relacionadas ao período neonatal (Martins *et al.*, 2024; Santos; Santos; Anjos, 2023).

2 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência do tipo descritivo, de caráter qualitativo, realizado a partir da vivência de fisioterapeutas residentes do 1º ano, vinculadas a Residência Multiprofissional em Saúde da Criança da Escola de Saúde Pública da Paraíba, tendo como campo de atuação uma Unidade de Terapia Intensiva de um hospital referência em pediatria na cidade de João Pessoa-PB, no período de abril a novembro de 2024.

A UTI do presente estudo contém sete leitos e admite recém-nascidos (a termos, pré termos e pós termos) e lactentes de até dois anos de idade. Os atendimentos eram realizados uma ou duas vezes ao dia, com duração média de 20 minutos e de forma supervisionada pelas preceptoras.

Para fundamentar a prática clínica, eram realizadas discussões prévias das preceptoras com as residentes sobre quais recursos e técnicas poderiam ser utilizadas para uma programação terapêutica assertiva, sempre com um olhar voltado para a estimulação sensório-motora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, antes da abordagem fisioterapêutica com os neonatos e lactentes, era realizada a leitura prévia do prontuário dos pacientes, observando aspectos como: peso, idade cronológica, idade corrigida, volume da dieta, horário da última dieta, medicações em uso, história pregressa e atual e últimas condutas fisioterapêuticas. Posteriormente, à beira leito, era realizada a avaliação especializada, levando em consideração aspectos motores, respiratórios, comportamentais e de dor. Para avaliar a dor, tínhamos à disposição a escala *Neonatal Infant Pain Scale* (NIPS) e *Neonatal Facial Coding System* (NFCS). A realização destas escalas é de extrema importância, pois é uma forma de padronização, facilitando o seguimento das avaliações diárias e resposta às condutas.

Para avaliar o estado comportamental era utilizada a Escala Neonatal de Avaliação Comportamental de Brazelton que varia de 1 a 6, indo desde o sono profundo ao choro e para avaliar o desconforto respiratório, o *Boletim de Silverman Andersen* (BSA), que pontua de 1 a 10, classificando de dificuldade respiratória leve a severa (Reco, 2024). Para a realização do atendimento, era preferível que o paciente estivesse entre os estágios 3 a 5 na escala que avalia o estado comportamental, de modo a não interferir na hora do sono da criança, pensando neste, como um momento primordial para seu desenvolvimento e maturação.

Para além do uso de escalas, era realizada a avaliação da hemodinâmica,

expansibilidade torácica, ritmo e padrão respiratório, ausculta pulmonar, tônus, trofismo, amplitude de movimento e marcos motores adequados para idade. A partir disso, era realizada a programação terapêutica do paciente, incluindo a fisioterapia respiratória e motora. Na referida UTI, uma grande parcela dos pacientes apresentava doença respiratória de base, eram prematuros e/ou estavam em ventilação mecânica invasiva, o que trazia um grande olhar para o sistema respiratório. Dentro desse contexto, eram realizadas as técnicas de remoção de secreção e reequilíbrio tóraco-abdominal (RTA). Porém, vale salientar a grande importância da abordagem sensório-motora com essas crianças levando em consideração a prematuridade e/ou complicações decorrentes da internação prolongada no desenvolvimento sensório-motor destes pacientes.

De forma geral, os pacientes internados apresentavam diagnóstico de mielomeningocele, cardiopatias congênitas, insuficiência respiratória aguda, desnutrição e neuropatias. Já os neonatos, em sua maioria, eram encaminhados da maternidade de origem e admitidos na UTI para realização de procedimentos cirúrgicos. Diante disso, a depender da necessidade e do quadro clínico do paciente, era escolhida a estimulação unimodal, multimodal e/ou mobilização. Como forma de aperfeiçoar a estimulação sensório-motora, utilizávamos alguns recursos facilitadores como: tapete e bola texturizados, placas de estímulo visual, brinquedos com cores de contraste entre outros. Além disso, o uso de algodão e gaze se fazia necessário diante da ausência de alguns recursos.

Uma abordagem sempre presente, era a mobilização segmentar, levando em consideração que os recém-nascidos e lactentes estavam hipoativos, com padrões posturais fixos, baixo peso e por tempo prolongado no leito. A realização de mobilizações passiva ou ativa assistida é recomendada para ganho de peso, força, melhora da massa óssea e maturação do tônus muscular (Johnston *et al.*, 2021) Outra conduta extremamente importante era o estímulo tátil, devido aos momentos de irritabilidade, choro e dor. O ambiente hospitalar traz uma série de estímulos sensoriais negativos, levando em consideração por exemplo, a coleta de exames e excessivos manuseios. Assim, o estímulo tátil é bem recomendado para redução da dor, estresse, melhora dos sinais vitais e do sono, ganho de peso, maturação de reflexos e desenvolvimento da percepção (Johnston *et al.*, 2021; Veiga; Cardia; Melo, 2021).

Por sua vez, o estímulo tátil-cinestésico e multissensorial eram as estimulações multimodais mais utilizadas, pois eram frequentes os casos de baixo peso, hipotonia e atraso no desenvolvimento sensório-motor. O estímulo tátil-cinestésico envolve o tato, a propriocepção e a cinestesia, sendo muito importante para prematuros e/ou crianças com condições neurológicas. Assim, pode auxiliar na redução do tempo de hospitalização, ganho de peso, melhora da massa óssea, ganho de coordenação motora, equilíbrio, percepção, interação entre outros. Dentre outros benefícios já mencionados nos estímulos acima, destaca-se para o multissensorial, a aceleração da maturação cerebral e aumento do estado de alerta. Vale salientar que por incluir diferentes tipos de estímulos, pode ser realizada uma programação sequencial, para que os mesmos não sejam realizados todos ao mesmo tempo (Johnston *et al.*, 2021; Santos; Santos; Anjos, 2023). Em casos específicos, no qual as condutas eram limitadas, optava-se também por estímulos unimodais, como o vestibular e visual.

Ao longo de toda abordagem era primordial a observação dos sinais de aproximação e retraimento. Ao final do atendimento, as escalas escolhidas eram reaplicadas, somadas à análise dos sinais vitais e posicionamento funcional do paciente. Vale salientar que o posicionamento funcional e a mudança de decúbito são primordiais, podendo ser facilitados com uso de coxins e elevação de cabeceira, de modo a prevenir úlceras por pressão, contraturas, melhorar a função pulmonar e promover os estímulos necessários ao desenvolvimento (Cabral; Albuquerque; Albuquerque, 2024).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de toda essa experiência, pudemos compreender a importância de uma avaliação detalhada e atendimento especializado para este público que apresenta necessidades tão específicas e que estão em uma fase crítica e sensível para o seu desenvolvimento. Assim, para além da abordagem convencional em uma Unidade de Terapia Intensiva, deve-se buscar intervenções que sejam facilitadoras para evolução do quadro clínico e sensório-motor dos pacientes. Diante disso, vê-se cada vez a necessidade de profissionais capacitados e especializados para lidar com este público, de modo a favorecer uma assistência direcionada, efetiva e resolutiva.

REFERÊNCIAS

CABRAL, A. B. B.; ALBUQUERQUE, I. E. O. C.; ALBUQUERQUE, I. B. Estratégias de estimulação sensorial em neonatos no ambiente hospitalar. **International Seven Journal of Health Research**, v. 3, n. 3, p. 951-960, 2024.

JOHNSTON, C et al. Primeira recomendação brasileira de fisioterapia para estimulação sensório-motora de recém-nascidos e lactentes em unidade de terapia intensiva. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 33, p. 12-30, 2021.

MARTINS, T et al. Percepção de fisioterapeutas sobre alterações do sistema autônomo e do estado comportamental de recém-nascidos submetidos a procedimentos de estimulação sensório-motora: estudo transversal. **Revista Pesquisa em Fisioterapia**, v. 14, 2024.

RECO, M. O. N. **Repercussões de um protocolo de intervenção fisioterapêutica associado ao posicionamento canguru em recém-nascidos pré-termo:ensaio clínico controlado randomizado**. 2024. Tese (Doutorado) - Curso de Fisioterapia, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2024.

SANTOS, C. C. C.; SANTOS, J. K. S.; ANJOS L. M. Os benefícios da estimulação precoce em neonatos internados em terapia intensiva: Uma revisão sistemática. **Research, Society and Development.**, v. 12, n. 13, 2023.

SHIMOKOZONO, E et al. Eficácia da estimulação neuropsicomotora em recém-nascidos internados na UTI INTERNADOS NA UTI. **UNILUS Ensino e Pesquisa**, v. 18, n. 51, p. 149-160, 2021.

VEIGA, I. N.; CARDIA, L. G. M. S.; MELO, F. H. A. **Estimulação sensório-motora na UTI neonatal**. Salvador: Priscila Goes, 2021.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO TEÓRICO-PRÁTICO EM ENFERMAGEM COM ÊNFASE EM SAÚDE DA CRIANÇA

Ana Vitória Jacinto Araújo¹; Ana Beatriz de Oliveira Leite²; Ana Letícia Soares Valdivino²; Cristiane Queiroz do N. Lima²; Jamilly Ferreira Da Silva²; Rayli Maria Pereira Da Silva³; Millena Cavalcanti Ramalho⁴.

Enfermeira, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil - Centro Universitário - UNIFACISA - Campina Grande/PB, Brasil¹

Graduanda de Enfermagem, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil - Centro Universitário - UNIFACISA - Campina Grande/PB, Brasil²

Doutoranda pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/UPE³

Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB⁴.

enfanavitoriak@gmail.com

RESUMO

Introdução: O campo de estudo permite que os alunos formem uma opinião crítica e reflitam sobre as práticas e tomada de decisões futuras mais conscientes e adequadas à cada comunidade.

Objetivo: Esclarecer as realidades vivenciadas pelas estudantes, enfatizando a relevância e importância do estágio teórico-prático. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa do tipo relato de experiência, sendo uma narrativa científica. Foi vivenciado por três acadêmicas e uma egressa do curso bacharelado de Enfermagem do Centro Universitário Unifacisa, em Campina Grande, no estado da Paraíba. **Resultados:** O Estágio Teórico-Prático em Saúde da Criança, proporcionou uma vivência ampla com situações reais, favorecendo o desenvolvimento e proporcionando autonomia ao aluno com competências essenciais para a atuação de um futuro profissional de enfermagem. **Considerações Finais:** Ressaltamos a importância da vivência do conteúdo teórico-prático a respeito da saúde da criança cujo objetivo nos ajuda a proporcionar um conhecimento mais elevado e perspicaz em como atender a criança e seu responsável acompanhante da melhor maneira obtendo uma assistência mais humanizada e eficiente.

Palavras-chave: estágio teórico-prático; cuidado de enfermagem; saúde da criança.

1 INTRODUÇÃO

O estágio é essencial para a formação do profissional de Enfermagem, permitindo que ele se torne um enfermeiro ativo, crítico curioso e construtor de conhecimento em sua área. Não se limitando apenas à teoria, o estágio incentiva a busca por novos conhecimentos, a questionar metodologias adotadas e a colaborar para aprimorar as habilidades de observação do futuro profissional, estando imerso em complexidade, fazendo com que, o aluno seja incentivado a pensar e refletir sobre sua prática, identificando melhorias em procedimentos específicos e propondo soluções para problemas reais enfrentados (Pascoal, Souza, 2021).

De acordo com a Resolução CNE/CES N° 3, de 7 de novembro de 2001, que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, está descrito no Art. 14º, parágrafo II: deve assegurar as atividades teóricas e práticas presentes desde o início do curso, permeando toda a formação, de forma integrada e interdisciplinar, com a visão de educação humanizada para a cidadania (CNE/CES, 2001).

Desse modo, as atividades de estágio vão além do aprimoramento de técnicas e procedimentos, visando também desenvolver no aluno a capacidade de autocompreensão, ajudando-o a reconhecer e expressar sua própria identidade. O campo de estudo permite que os alunos formem uma opinião crítica e reflitam sobre as práticas e tomada de decisões futuras mais conscientes e adequadas à cada comunidade (Melo, Oliveira, 2021)

Portanto, o relato tem como objetivo esclarecer as realidades vivenciadas pelas estudantes, enfatizando a relevância e importância do estágio teórico-prático. Ao expor essas experiências, pretende-se fomentar debates sobre a eficácia dos programas de estágio e identificar oportunidades de melhoria na formação, detalhando as dificuldades e os aprendizados de forma crítica.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, sendo uma narrativa científica que, através da linguagem, mostra a singularidade da experiência vivida.

Foi vivenciado por três acadêmicas e uma egressa do curso bacharelado de Enfermagem do Centro Universitário Unifacisa, em Campina Grande, no estado da Paraíba. Como as participantes são de diversos períodos do curso, concedeu que cada participante tivesse uma experiência diferente, o que permitiu a troca de conhecimentos após a realização da atividade.

A pesquisa foi voltada para a exposição da vivência do estágio teórico-prático desenvolvido nas Unidades de Atenção Básica de Campina Grande, PB. O intuito dessa atividade era de proporcionar a imersão na área de puericultura, juntamente com a aplicabilidade do conhecimento adquirido ao longo do curso.

O estágio ocorreu em semestres diferentes, contudo foi utilizado uma modalidade de frequência, que foram sendo cinco dias durante uma semana, sendo 4 horas por dia, totalizando 20 horas, em cada uma das áreas de atuação de atividades.

Todas as atividades foram executadas sob a orientação de um preceptor enfermeiro que foi fornecido pela instituição de ensino superior.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Estágio teórico-prático em Saúde da Criança, proporcionou uma vivência ampla com situações reais, favorecendo o desenvolvimento e proporcionando autonomia ao aluno com competências essenciais para a atuação de um futuro profissional de enfermagem.

A prática permitiu o aperfeiçoamento de técnicas vistas em sala de aula, como administração de vacinas e acompanhamento do calendário vacinal; acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil com medição de estatura, peso, perímetro cefálico e cálculo de IMC; puericultura, percepção de como entender a rotina da criança e ajustar possíveis mudanças. As três estudantes relataram que o estágio foi uma chance valiosa de se envolverem ativamente, realizando o acompanhamento regular e recorrente da saúde infantil na consulta de puericultura, visando realizar monitoramento do desenvolvimento neuropsicomotor e outras atividades, como o cartão de vacina. A puericultura abrange ações de acompanhamento contínuo desde o nascimento, incluindo orientações às famílias sobre aleitamento materno, alimentação complementar, vacinação e medidas preventivas contra doenças comuns na infância. Além disso, promove a sistematização da assistência por meio de registros como a Caderneta de Saúde da Criança, garantindo um cuidado holístico e integrado à realidade socioeconômica das famílias (Rigo Flores, 2021).

Uma das estudantes pôde participar de campanhas de vacinação, entendendo a logística envolvida na organização e execução dessas campanhas, bem como a importância da

imunização para a prevenção de doenças. A importância da vacinação está em sua capacidade de reduzir a incidência de doenças infecciosas graves, melhorar a qualidade de vida e até mesmo erradicar doenças (Fiocruz, 2021).

Infelizmente, duas estudantes não tiveram a oportunidade de vivenciar a puericultura durante o estágio teórico-prático, o que se configurou como um ponto negativo na sua formação. A ausência de um procedimento ou estágio prático pode ter sérias implicações no aprendizado e na formação de um estudante, especialmente em áreas que demandam uma forte integração entre teoria e prática.

Quando o estágio não é realizado da maneira planejada, o aluno perde a oportunidade de vivenciar a realidade do campo de atuação e de reflexão sobre suas práticas. Isso pode resultar em uma formação incompleta, onde o estudante não desenvolve competências essenciais para lidar com as exigências do mercado de trabalho ou para enfrentar situações reais do cotidiano profissional (Pontes, 2011).

Desse modo, o estágio teórico-prático em saúde infantil nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) foi uma experiência enriquecedora para as estudantes, ampliando sua compreensão sobre a prática profissional e proporcionando uma aprendizagem profunda e especializada. A vivência nos diversos setores da UBS permitiu às alunas enfrentarem concretamente os desafios cotidianos do trabalho em saúde e apresentarem subsídios teórico-práticos para desempenhar essas funções na prática profissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos a importância da vivência do conteúdo teórico-prático a respeito da saúde da criança durante a graduação, cujo objetivo nos ajuda a proporcionar um conhecimento mais elevado e perspicaz em como atender a criança e seu responsável acompanhante da melhor maneira obtendo uma assistência mais humanizada e eficiente.

Durante o estágio, os alunos puderam aplicar os conhecimentos teóricos, desenvolver habilidades práticas e enfrentar os desafios do ambiente da atenção primária. A interação com as crianças e seus responsáveis, bem como a participação de atividades de promoção e prevenção, foram aspectos cruciais para o avanço profissional.

No entanto, é essencial que esses estágios em atenção à saúde da criança nas unidades básicas de saúde, sejam organizados de maneira a proporcionar uma experiência enriquecedora e oferecer suporte adequado a todos os estudantes, sem exceção. Isso permitirá que eles enfrentem os desafios do ambiente de saúde e contribuam positivamente para o cuidado infantil, reduzindo as chances de tornar uma experiência negativa e trazer frustrações futuras.

Apesar de certas limitações, o estágio foi bem-sucedido, proporcionando uma visão abrangente da saúde da criança, permitindo que as alunas adquirissem competências importantes para seu futuro profissional. Recomenda-se que, em futuras edições do estágio, seja garantida a participação de todos os alunos na puericultura, para assegurar uma formação completa e integrada. Em suma, o estágio foi uma experiência valiosa, que contribuiu significativamente para o desenvolvimento das estudantes.

REFERÊNCIAS

CNE, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 3/2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, p. 37, 9 de novembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 08 de novembro de 2024.

FIOCRUZ. “A importância e o cenário atual das vacinas no Brasil e no mundo.” Disponível em: Fiocruz . Acesso em: 25 nov. 2024.

MELO, B.A.J, OLIVEIRA, M.M.M. Teoria e prática no cenário do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 94-109, Jan-abr. 2021. Acesso em: 29 nov. 2024.

RIGO FLORES, F. et al. Puericultura na atenção primária à saúde: perspectivas e abordagens multiprofissionais. **Salão do Conhecimento**, v. 7, 2021. Acesso em: 25 nov. 2024.

PASCOAL, M.M., SOUZA, V. A importância do estágio supervisionado na formação do profissional de enfermagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.7. n.6. jun. 2021. Acesso em: 29 nov. 2024.

DIAGNÓSTICO CLÍNICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA SEGUNDO DSM-5 E CID-11: REVISÃO NARRATIVA

Ana Bárbara Kelte¹; Joice Casagrande Piovezani².

Graduanda em fisioterapia pelo Centro Universitário Campo Real¹, Fisioterapeuta, Pós-graduada em Fisioterapia Neurofuncional com ênfase em Pediatria (IBRATE), Mestre e doutoranda em Desenvolvimento Comunitário, (UNICENTRO)².

E-mail para correspondência: anabarbarakelte35@gmail.com

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), caracteriza-se por déficits na comunicação e na interação social. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) condiciona o autismo com o atributo de “espectro” e apresenta ferramentas de avaliação diagnóstica, as quais são divididas em 5 critérios que apresentam possíveis prejuízos, padrões de comportamento, sintomas e deficiências para classificação dos níveis de apoio. Na CID-11, o diagnóstico de autismo passa a fazer parte dos Transtornos do Espectro do Autismo, separados em leve, moderado e severo. Este estudo tem por objetivo apresentar técnicas de diagnóstico clínico de autismo e quais são os critérios utilizados durante a avaliação através de manuais diagnósticos.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista; CID-11; DSM-5.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), caracteriza-se por déficits na comunicação e na interação social em diversos contextos, os quais se apresentam como déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação utilizados na interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do TEA requer a presença de padrões de comportamento, interesses ou atividades restritos e repetitivos (APA, 2014). O início da doença ocorre durante o período de desenvolvimento, geralmente na primeira infância, porém os sintomas podem não se manifestar plenamente até mais tarde, quando as demandas sociais excedem as capacidades limitadas destes indivíduos (OMS, 2019).

A estimativa global da prevalência de TEA é em média de 65/10.000 (Zeidan *et al.*, 2022) e segundo o Centro Diagnostico de Controle e Prevenção (CDC) em 2020 nos Estados Unidos, a estimativa era de que 1 a cada 36 crianças com 8 anos de idade aproximadamente possuía TEA e dentre estas, uma diferença de gênero, sendo 4 casos de gênero masculino para 1 caso de gênero feminino (Maenner *et al.*, 2023).

Este estudo tem por objetivo apresentar técnicas de diagnóstico clínico de autismo e quais são os critérios utilizados durante a avaliação através de manuais diagnósticos.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa de manuais diagnósticos utilizados a nível global para realizar o diagnóstico clínico do Transtorno do Espectro Autista, com o objetivo de apresentar os critérios utilizados, bem como a divisão do acometimento de possíveis

prejuízos, padrões de comportamento, sintomas e deficiências para classificação dos níveis de suporte/apoio.

Esta revisão foi realizada após leitura e análise do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM) e da Classificação Internacional de Doenças (CID) em suas versões publicadas mais recentes, sendo estas DSM-5 e CID-11.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) condiciona o autismo com o atributo de “espectro” e apresenta ferramentas de avaliação diagnóstica. As deficiências podem causar danos clinicamente significativos em áreas sociais, ocupacionais ou outras áreas importantes do funcionamento atual (Masini *et al.*, 2020).

O autismo possui 5 critérios (quadro 1) estabelecidos para que seja diagnosticado clinicamente. Estes critérios são divididos em A, B, C, D e E, apresentando alguns pontos específicos dentro deles (APA, 2014).

Quadro 1 - Critérios diagnósticos do DSM-5 – Transtorno do Espectro Autista

Critério	Divisão	Pontos específicos
Critério A	Prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social	<ul style="list-style-type: none"> • Limitação na reciprocidade emocional e social, com dificuldade para estabelecer conversas e compartilhar interesses. • Limitação nos comportamentos de comunicação para interação social, variando entre comunicação verbal e não-verbal com dificuldade no uso de gestos e expressões faciais e pouco integradas. • Limitações em relacionamentos, seja manter ou entendê-los, com variação na dificuldade de adaptar-se em situações sociais, brincadeiras imaginárias e ausência de interesse por pares ou fazer amigos.
Critério B	Padrões de comportamento, atividades ou interesses repetitivos e restritos, manifestados por histórico prévio ou ao menos dois dos itens ao lado	<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos motores, uso de fala repetitiva e estereotipada ou de objetos (girar objetos, alinhar brinquedos, estereotípias e ecolalias). • Adesão inflexível a padrões, insistência nas mesmas coisas, rotinas ritualizadas de comportamentos verbais ou não-verbais (dificuldade com transições, sofrimento extremo com pequenas mudanças, necessidade de fazer as mesmas coisas diariamente). • Foco ou interesses altamente fixos ou restritos em intensidade, muito maiores que o esperado (grande preocupação e apego a objetos, interesse excessivo ou preservativo em assuntos específicos). • Hiperreatividade ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente (indiferença a temperatura, temperaturas, reação contrária a sons e texturas específicos, fascinação visual por luzes e movimentos).
Critério C	Os sintomas devem estar precocemente presentes no período de desenvolvimento, podendo não estar totalmente aparentes até existir demanda social para que estas habilidades sejam exercidas, ou ainda podem ser mascarados ao longo da vida por estratégias de aprendizado.	
Critério D	Estes sintomas causam prejuízos clínicos significativos no funcionamento profissional, social, pessoal ou em outras áreas importantes da pessoa.	

Critério E	Estes distúrbios não são bem explicados por deficiência intelectual e cognitiva ou pelo atraso global do desenvolvimento.	
------------	---	--

Fonte: Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)

Após análise dos cinco critérios e possível diagnóstico positivo de autismo, este pode dividir-se em três níveis de gravidade (quadro 2), que apresentam os especificadores de gravidade, sendo eles a comunicação social e comportamentos restritos e repetitivos, que podem ser usados para descrever a sintomatologia atual, a qual pode modificar-se com o passar do tempo. (APA, 2014)

Quadro 2: Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 “Exigindo apoio muito substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início à interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/ dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 “Exigindo apoio substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 “Exigindo apoio”	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente malsucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para a organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)

A classificação apresentada na CID-11 assemelha-se ao DSM-5, ao classificar o TEA em três níveis, tendo a cognição, capacidade intelectual e linguagem funcional enfatizadas (Girianelli *et al.*, 2023). Nesta versão, surge o código 6A02, em que o diagnóstico de autismo passa a fazer parte dos Transtornos do Espectro do Autismo, que podem ser identificados em forma de níveis classificados como leve, moderado e severo, causando prejuízo na vida pessoal,

familiar, áreas sociais, educacionais, ocupacionais ou outras importantes de funcionamento (quadro 3) (OMS, 2019).

Quadro 3: Níveis de classificação do Transtorno do espectro Autista – CID 11

Níveis e classificação	Subcódigos e subdivisões
Nível 1 - Leve	<ul style="list-style-type: none"> 6A02.0: Desordem do espectro autista, sem desordem de desenvolvimento intelectual e com leve ou sem comprometimento de linguagem funcional 6A02.1: Transtorno do espectro do autismo com distúrbio de desenvolvimento intelectual e com leve ou sem comprometimento de linguagem funcional
Nível 2 - Moderado	<ul style="list-style-type: none"> 6A02.3: Transtorno do espectro do autismo com distúrbio de desenvolvimento intelectual e com linguagem funcional prejudicada
Nível 3 - Severo	<ul style="list-style-type: none"> 6A02.4: Desordem do espectro autista, sem desordem de desenvolvimento intelectual e com ausência de linguagem funcional 6A02.5: Transtorno do espectro do autismo com distúrbio de desenvolvimento intelectual e com ausência de linguagem funcional

Fonte: Classificação Internacional de Doenças (CID-11)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, percebe-se que os dois manuais diagnósticos apresentam o TEA dentro de um único espectro ou categoria, e utilizam os mesmos critérios, como os padrões comportamentais e os déficits no desenvolvimento, apresentando as formas de diagnóstico de maneira bastante similar e concordante, favorecendo o diagnóstico clínico assertivo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

GIRIANELLI, Vania Reis *et al.* Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil, 2013-2019. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v. 57, p. 21, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/JBftZkCxZ6SYbqkJhyvCGYP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2024.

MAENNER, Matthew J. *et al.* Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2020. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Atlanta, v. 72, n. 2, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36952288/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

MASSINI, Elena *et al.* An Overview of the Main Genetic, Epigenetic and Environmental Factors Involved in Autism Spectrum Disorder Focusing on Synaptic Activity. **International Journal of Molecular Sciences**, v. 21, n. 21, p. 8290 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33167418/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. ICD-11 Reference Guide. Genebra: OMS, 2019.

ZEIDAN, Jinan *et al.* Global prevalence of autism: A systematic review update. **Autism Research**, v. 15, n. 5, p. 778-790, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35238171/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

BENEFÍCIOS DO ALEITAMENTO MATERNO PARA SAÚDE DA MÃE E DO BEBÊ

Anniele Fernanda Duarte dos Santos¹; Fernanda Soares da Conceição²; Thiago Neves Amador³

Graduando em enfermagem pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais do Xingu e Amazônia¹, Graduando em enfermagem pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais do Xingu e Amazônia². Docente em Ciências da Saúde na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais do Xingu e Amazônia. Discente em Medicina pela UFPA. Especialista em Psiquiatria e Saúde Mental, com Extensão Acadêmica pela UFRJ. Ampla experiência prática em Urgência e Emergência na Rede SUS e Saúde da População Ribeirinha do Marajó³.

annybalieiro7@gmail.com

RESUMO

O aleitamento materno é amplamente reconhecido como uma das práticas mais benéficas para a saúde tanto da mãe quanto do bebê. Este artigo explora os benefícios científicos e sociais da amamentação, destacando sua importância para o desenvolvimento saudável das crianças e o bem-estar das mães. Para o bebê, o leite materno fornece nutrientes essenciais, fortalece o sistema imunológico e reduz o risco de doenças infecciosas, alergias e doenças crônicas, como diabetes e obesidade. Além disso, a amamentação está associada a melhores resultados no desenvolvimento cognitivo e emocional. Para a mãe, o aleitamento materno contribui para a recuperação pós-parto, além de diminuir o risco de câncer de mama e de ovário a longo prazo. A amamentação também fortalece o vínculo afetivo entre mãe e filho e pode ter um impacto positivo na saúde mental materna, reduzindo o risco de depressão pós-parto. Conclui-se que a amamentação é uma prática fundamental para a promoção da saúde pública, com impactos positivos duradouros para mães e filhos, sendo assim, torna-se evidente a importância dos profissionais de saúde estimular e conscientizar as mulheres das vantagens da amamentação, tanto quanto aos benefícios para a criança como para a mãe, especialmente para proteção contra câncer de mama.

Palavras-chave: aleitamento materno; saúde materna; saúde do bebê.

1 INTRODUÇÃO

O aleitamento materno é reconhecido como uma prática essencial para oferecer saúde e o bem-estar de mães e bebês, proporcionando benefícios físicos, emocionais e imunológicos essenciais ao longo da vida. A Organização Mundial da Saúde (OMS) busca potencializar o aleitamento exclusivo nos primeiros seis meses de vida e sua continuação até os dois anos ou mais, seguido de outros alimentos, devido às suas diversas vantagens. Para os bebês, o leite materno oferece uma fonte completa de nutrientes e anticorpos, promovendo um desenvolvimento saudável e reduzindo o risco de doenças infecciosas, alergias e até condições crônicas, como obesidade e diabetes, na vida adulta. (HORTA, B. L., & Victora, C. 2013).

Além de proteger a saúde infantil, a amamentação também traz inúmeros benefícios para a mãe, incluindo a redução de riscos de certos tipos de câncer, como o de mama e ovário, além de auxiliar na recuperação pós-parto e contribuir para a saúde mental e emocional da mulher. Diversos estudos também evidenciam que a aleitação fortalece o vínculo mãe-bebê, criando uma base afetiva fundamental para o desenvolvimento emocional da criança. (SOARES, J. C; SOUSA, A. M. A.2019)

Neste contexto, é crucial entender a extensão dos benefícios proporcionados pela

amamentação, não apenas como uma prática individual, mas como uma importante estratégia de saúde pública, contribuindo para a prevenção de doenças e a redução de custos médicos. O presente estudo visa explorar esses benefícios, reforçando a necessidade de políticas e programas de apoio que incentivem e facilitem a amamentação em diversas esferas da sociedade.

Objetivou-se a analisar os benefícios da amamentação para a saúde da mãe e do bebê, abordando aspectos físicos, emocionais e sociais. Trate-se de uma revisão quantitativa da literatura realizada nos bancos de dados Scielo, no Pubmed, Biblioteca virtual, para obter informações relevantes e pertinentes que avaliam a prática da amamentação como fator de segurança e manutenção da saúde da mãe e criança.

2 METODOLOGIA

O presente estudo enquadra-se na definição de reflexão teórica acerca de temática supracitada, utilizando como base a pesquisa descritiva com análise quantitativa de dados, sendo avaliados artigos publicados e indexados nas plataformas de pesquisa SCIELO, PubMed, Biblioteca Virtual: *Enfermagem Materno-Neo Natal e Saúde da Mulher*. MONTEIRO, J. S. et al. Para a pesquisa usaram-se os descritores “aleitamento materno” (breast feeding), “papel profissional” (professional role) e “equipe de assistência ao paciente” (patient care team). A busca limitou-se aos artigos em português e inglês.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O leite materno é primordial para o sistema imunológico infantil, pois proporciona anticorpos que ajudam a combater infecções e protegem o bebê de doenças comuns nos primeiros meses de vida. Estudos revelam que bebês amamentados têm menor ocorrência de doenças como infecções respiratórias, gastroenterites, otites e até menores chances de desenvolver alergias e asma. Essas propriedades imunológicas são únicas do leite materno, especialmente no colostro, o primeiro leite gerado pela mãe, que é rico em imunoglobulinas e fatores anti-inflamatórios. (BABIC, A., SASAMOTO, N., ROSNER, B. A., et al. 2020).

O colostro é rico em imunoglobulinas e fatores anti-inflamatórios, que fortifica o sistema imunológico do bebê nos primeiros dias de vida, criando uma barreira contra patógenos proporcionando uma proteção imunológica necessária. Produzido até o sétimo dia pós-parto. Tendo um aspecto amarelado e espesso, apresentando maior conteúdo de proteína, vitaminas lipossolúveis e minerais, como sódio e zinco, e menor teor de gordura, lactose e vitaminas hidrossolúveis, quando comparado com o leite maduro. (MONTEIRO, J. S. et al. 2019)

Tem também altas concentrações de fatores de imunoglobulinas (IgA, IgM, IgG), lisozimas, lactoferrina, fator bífido e outras substâncias imunomoduladoras, além de agentes anti-inflamatórios, destacando-se os fatores de crescimento e os leucócitos, oferecendo proteção ao bebê. Pelas suas características nutricionais e imunológicas, considera-se que o colostro está bem adaptado às necessidades específicas do recém-nascido. A concentração de gordura no leite aumenta no decorrer de uma mamada. Assim, o leite do final da mamada (chamado de leite posterior) é mais rico em energia (calorias) e sacia melhor a criança. (MONTEIRO, J. S. et al. 2019).

De acordo com (MONTEIRO, J. S. et al. 2019) durante a amamentação, os níveis hormonais da mulher são ajustados, o que contribui para uma proteção natural contra o câncer. Amamentar por períodos prolongados está relacionado a uma redução significativa no risco de câncer de mama, conforme mostrado em estudos populacionais. Esse benefício é atribuído à menor exposição do corpo feminino a hormônios como estrogênio durante a amamentação.

O tipo de câncer que possui maior incidência e mortalidade nas mulheres de países desenvolvidos e em desenvolvimento é o câncer de mama. No Brasil, corresponde a 28% dos

novos casos todos os anos. A incidência do câncer de mama tem crescido, em virtude do aumento da expectativa de vida, da urbanização e da adoção de hábitos de vida não saudáveis. (ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, 2016).

Por um certo tempo, houve controvérsias na literatura sobre se a proteção da amamentação contra câncer de mama era para todo o período de vida reprodutiva ou se tinha relação com a menopausa. (OHL, I. C. B. *et al*, 2016).

De acordo com (REA. M. R, 2004), um estudo realizado na Islândia, envolvendo 993 casos de câncer de mama e 9.729 controles, mostrou uma relação dose-resposta entre número de meses de amamentação e menos chance de câncer de mama no grupo etário mais jovem (menores de 40 anos). Até o presente, sabe-se que há uma relação positiva entre amamentar e apresentar menos doenças como o câncer de mama, e certos cânceres ovarianos. Em estudos já se é conhecido o benefício da amamentação em reduzir o câncer de mama, pois essa condição induz o amadurecimento das glândulas mamárias, tornando as células mais “estáveis”, menos suscetíveis ao desenvolvimento do câncer.

Sendo a produção de estrogênio um fator de risco para o câncer de mama, a amamentação aparece como elemento que diminui o risco para essa doença. Dessa maneira, quanto mais precoce for a amamentação ou maior o número de filhos amamentados, maior será esse efeito protetor. Amamentar por pelo menos um ano reduz os riscos de desenvolver o câncer de mama em 48%, de forma que os doze meses de amamentação não precisam ser contínuos.

Conforme o estudo de (SOARES, J. C; SOUSA. A. M. A.2019) foi realizado uma pesquisa incluindo 9.973 mulheres puérperas com câncer de ovário, um histórico de amamentação foi associado a uma redução de 24% no risco de câncer invasivo e 28% no risco de tumor limítrofe, com redução consistente do risco em todos os locais do estudo. Além disso, a duração média da amamentação por episódio foi inversamente associada ao risco, com redução de 18% no risco para mulheres que amamentaram por menos de 3 meses por nascimento vivo e redução de 34% para mulheres que amamentaram por 12 meses ou mais por nascimento vivo.

A amamentação tem sido associada a um risco reduzido de câncer de mama em várias pesquisas científicas. A OMS e outras organizações de saúde como a Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC) destacam que a amamentação pode diminuir o risco de câncer de mama de forma significativa. (ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, 2016).

Também se pondera que o menor número de ciclos menstruais está associado a fator protetor, uma vez que a lactação frequentemente suprime a ovulação, o que reduz a exposição do corpo a altos níveis de estrogênio.

Portanto, a OMS reforça a importância da amamentação tanto para a saúde infantil quanto para a saúde materna, por benefícios que incluem a redução do risco de câncer de mama e de ovário. Esses benefícios são mais expressivos em mulheres que amamentam por mais tempo e a prática de amamentação deve ser promovida como uma estratégia de saúde pública.

Cada um desses argumentos reforça a importância do aleitamento materno para a saúde da mãe e do bebê, oferecendo uma visão integrada dos benefícios físicos, psicológicos e econômicos. Ao considerar a extensão desses efeitos, o aleitamento materno se configura como uma prática fundamental que não apenas beneficia a mãe e a criança, mas que também impacta positivamente a saúde pública e a sociedade como um todo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o aleitamento materno desempenha um papel fundamental tanto na saúde da mãe quanto na do bebê, promovendo benefícios amplos e duradouros. Para o bebê, o leite materno fornece nutrientes e anticorpos essenciais, que fortalecem o sistema imunológico e reduzem a incidência de doenças infecciosas, além de contribuir para o desenvolvimento

cognitivo e emocional. Para a mãe, a amamentação auxilia na recuperação pós-parto, reduz o risco de certas doenças, como câncer de mama e ovário, e apoia o bem-estar psicológico, diminuindo a chance de depressão pós-parto.

Além dos benefícios individuais, o aleitamento traz impactos positivos para a saúde pública ao diminuir a necessidade de cuidados médicos e promover a sustentabilidade social e econômica. Dessa forma, é crucial que políticas de apoio e promoção da amamentação sejam fortalecidas, garantindo que mães e bebês possam usufruir de seus inúmeros benefícios. A promoção do aleitamento materno deve ser encarada como uma prioridade de saúde pública, com vistas a fomentar o desenvolvimento saudável e sustentável das próximas gerações.

REFERÊNCIAS

BABIC, A., SASAMOTO, N., ROSNER, B. A., et al. (2020). **Association between breastfeeding and ovarian cancer risk.** *JAMA Oncology*. Disponível em: JAMA Network

HORTA, B. L., & VICTORA, C. G. (2013). **Short-term effects of breastfeeding: A systematic review on the benefits of breastfeeding on child health.** *World Health Organization*. Disponível em: PubMed

MONTEIRO, J. S. et al. **Enfermagem Materno-NeoNatal e Saúde da Mulher.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. Disponível em:
<https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788527739023/epubcfi/6/100%5B%3Bvnd.vst.idref%3D%05%5D!/4/2/6%4052:0>. Acesso em: 16 nov. 2024.

OHL, I. C. B. et al. **Ações públicas para o controle do câncer de mama no Brasil: revisão integrativa.** REVISTA Brasileira de Enfermagem, Brasília, DF, v. 69, n. 4, p. 793-803, jul./ago. 2016. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/reben/a/6TL9tKq7vNXvkQRMsWnyNv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 novembro. 2024

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Cáncer de mama: prevención y control.** 2017. Disponível em: <<http://www.who.int/topics/cancer/breastcancer/es/>>. Acesso em: 17 novembro. 2024.

REA, M. F. **Os benefícios da amamentação para a saúde da mulher.** Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, v. 80, n. 5, p. S142-S146, 2004. Suplemento. Disponível em:
<<http://ibfan.org.br/documentos/outras/nov%202004%20rea.pdf>>. Acesso em: 18 novembro. 2024.

SOARES, J. C; SOUSA. A. M. A. Revista Uningá. **Aleitamento Materno na Prevenção do Câncer de Mama: Uma Revisão Integrativa da Literatura.** Rev. UNINGÁ, Maringá, v. 56, n. S6, p. 13-22, jul./set. 2019.

ABORDAGENS DE ENFERMAGEM NO TRATAMENTO ONCOLÓGICO: CUIDADOS E DESAFIOS NA ASSISTÊNCIA AO PACIENTE COM CÂNCER

Giovanna Maria Rebouças dos Reis¹; Beatriz Neves Guedes¹; Cláudia Lisboa Dias¹; Maryana Viana Dos Santos¹; Mônica Cruz dos Santos¹; Steffanny Geovanna Da Silva¹; Katherine Rios Almeida Pedreira²

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹;
Docente em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste²

giovannamariareboucas@gmail.com

RESUMO

O câncer é uma doença crônica não transmissível, caracterizada pelo crescimento descontrolado de células anormais, e é a segunda principal causa de morte no mundo. A assistência oncológica enfrenta desafios financeiros, resultando em falta de profissionais qualificados. A equipe multidisciplinar deve garantir cuidados éticos e dignos, respeitando os valores dos pacientes e familiares. Este estudo é uma revisão integrativa de literatura, com busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) de artigos publicados entre 2019 e 2024 em português. Foram encontrados 641 artigos, dos quais 5 foram selecionados para análise, respeitando critérios de inclusão e exclusão. A abordagem oncológica deve considerar aspectos físicos, emocionais e espirituais do paciente, com comunicação eficaz entre enfermeiros, pacientes e familiares. O apoio emocional é vital para o bem-estar do paciente. A escassez de recursos humanos compromete o cuidado e a qualidade da assistência, evidenciando a necessidade de práticas de gestão inovadoras. Uma abordagem multidisciplinar e humanizada é crucial para promover a qualidade de vida dos pacientes oncológicos. O desenvolvimento de habilidades interpessoais na enfermagem é fundamental para criar um ambiente acolhedor e seguro, garantindo cuidados éticos até os últimos momentos da vida.

Palavras-chave: enfermagem; assistência ao paciente; câncer.

1 INTRODUÇÃO

O câncer é uma doença crônica não transmissível que possui um grupo de enfermidades distintas, caracterizadas pelo crescimento descontrolado de células anormais. As causas são variadas e podem ser atribuídas a diversos fatores modificáveis, como hábitos de vida e fatores não modificáveis, como idade e genética. Entretanto, o câncer é identificado como a segunda principal causa de morte em nível mundial, apresentando 9,6 milhões de óbitos no ano de 2018. Além disso, estima-se que a incidência de novos casos aumente devido ao aumento da expectativa de vida e mudanças nos estilos de vida (DIB *et al.*, 2022).

Apesar desse cenário, a área da saúde vem sofrendo com a falta de recursos financeiros, que repercute em cortes nos recursos humanos, resultando em implicações. A escassez de profissionais qualificados pode levar à sobrecarga dos que estão na linha de frente, comprometendo a qualidade do atendimento e aumentando o risco de erros. As lideranças de Enfermagem precisam reconhecer e implementar práticas inovadoras de gestão, como o uso de tecnologia da informação para otimizar processos e melhorar a comunicação entre equipes (MANZAN *et al.*, 2022).

A equipe multidisciplinar, ao oferecer cuidados oncológicos, pode enfrentar dilemas éticos complexos, que demandam tanto conhecimento quanto uma conduta ética e profissional.

Além disso, é essencial dedicação nas relações interpessoais, garantindo que os valores dos pacientes em tratamento, de seus familiares e dos profissionais envolvidos sejam respeitados, assegurando um cuidado ético e digno. A progressão da doença oncológica gera não apenas efeitos colaterais dos tratamentos e a deterioração da saúde física, mas também desencadeia emoções como ansiedade, medo e tristeza, tanto nos pacientes quanto em seus familiares, que compartilham a carga emocional. Por isso, é essencial contar com uma equipe multidisciplinar que cuide de todos os envolvidos, buscando promover qualidade de vida durante todas as fases da enfermidade. (FERREIRA *et al.*, 2021)

O cuidado de pacientes com câncer exige uma abordagem interdisciplinar, com atenção aos aspectos subjetivos do indivíduo e ao fortalecimento da conexão entre a equipe, o paciente e sua família, utilizando uma comunicação ativa e efetiva. Nesse contexto, o processo de enfermagem, que abrange desde a coleta de dados até a avaliação, destaca o papel essencial do enfermeiro. Por meio da coleta e organização das informações, o enfermeiro não apenas categoriza o conhecimento necessário, mas também constrói uma relação terapêutica genuína com o paciente. (COSTA *et al.*, 2021)

2 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão integrativa de literatura de caráter descritivo. Após a definição do tema, foi realizada uma busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) para identificar artigos publicados entre 2019 e 2024, em língua portuguesa, com o objetivo de compreender as abordagens de enfermagem no tratamento oncológico, os cuidados e desafios na assistência ao paciente com câncer. Para essa busca, foram utilizados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), especificamente as palavras-chave: “enfermagem”, “assistência ao paciente” e “câncer” resultando em um total de 641 artigos encontrados. Com o intuito de apurar os resultados, foram estabelecidos critérios de inclusão que restringiram a análise a artigos originais, publicados na íntegra e com acesso ao texto completo. Além disso, foram aplicados critérios de exclusão, que desconsideraram estudos que não abordassem as palavras-chave relevantes ou que não estivessem alinhados aos objetivos propostos, incluindo teses e dissertações. Após essa observação cuidadosa, foram selecionados 5 artigos para a elaboração da revisão. Importante ressaltar que este estudo não necessitou de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que não envolveu pesquisas clínicas com seres humanos ou animais. Os direitos autorais dos autores foram respeitados e observados de acordo com a legislação vigente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tratamento oncológico exige uma abordagem multidisciplinar que compreenda os aspectos físicos, emocionais e espirituais do paciente, sendo crucial uma comunicação eficaz e o acolhimento das necessidades do paciente e de sua família, especialmente nas fases mais delicadas da doença, como o cuidado paliativo, onde nessa fase, o enfermeiro desempenha um papel central na promoção da qualidade de vida e dignidade até os últimos momentos. Entretanto, o profissional de enfermagem frequentemente se depara com dilemas éticos, ao observar pacientes que deveriam estar recebendo cuidados paliativos não têm essa indicação formalizada pelo médico, com essa falta de indicação nos prontuários, essa ausência de definição pode gerar dificuldades para a equipe, criando conflitos éticos (DIB *et al.*, 2022).

A comunicação entre enfermeiro, paciente e família é um dos pilares dessa assistência, promovendo escuta ativa e vínculos de confiança, essenciais para expressar as necessidades e tomar decisões sobre o melhor cuidado (FERREIRA *et al.*, 2021). Além disso, a atuação do enfermeiro vai além da orientação sobre a doença e tratamentos, oferecendo suporte emocional e psicológico, muitas vezes negligenciados, mas vitais para o bem-estar do paciente. Estudos

demonstram que a presença constante e a abordagem empática da equipe de enfermagem podem reduzir os níveis de ansiedade e dor, criando um ambiente acolhedor e seguro. Ao oferecer um ambiente de acolhimento e compreensão, o enfermeiro ajuda a mitigar o impacto emocional da doença, favorecendo a adesão ao tratamento e promovendo a qualidade de vida. (COSTA *et al.*, 2021).

Portanto, a abordagem oncológica vai além do controle físico da doença, requerendo também uma gestão cuidadosa das emoções, expectativas e necessidades dos pacientes e seus familiares. O enfermeiro, como peça central da equipe multidisciplinar, deve ser capaz de estabelecer uma comunicação eficaz, promovendo o acolhimento e a compreensão mútua, com escuta ativa, cuidado empático e a criação de um ambiente seguro e confortável para o paciente e seus familiares. O cuidado humanizado e a construção de uma relação de confiança entre enfermeiro, paciente e familiares permanecem os pilares centrais no tratamento oncológico, com o objetivo de proporcionar qualidade de vida e dignidade até os últimos momentos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, a importância de uma abordagem multidisciplinar e humanizada no tratamento oncológico, destacando o papel fundamental da equipe de enfermagem na promoção da qualidade de vida dos pacientes e seus familiares. A presença constante e o suporte emocional fornecido pelos enfermeiros não apenas ajudam a mitigar a ansiedade e o medo, mas também favorecem a adesão ao tratamento, contribuindo para melhores resultados clínicos. Portanto, é imprescindível que os profissionais de enfermagem sejam capacitados para desenvolver habilidades interpessoais que promovam um ambiente acolhedor e seguro, onde os pacientes se sintam valorizados e respeitados.

Além disso, a escassez de recursos humanos e a sobrecarga de trabalho nas equipes de saúde representam desafios significativos que podem comprometer a qualidade do atendimento oncológico. A implementação de práticas inovadoras de gestão, como o uso de tecnologias da informação, é vital para otimizar processos e facilitar a comunicação entre os membros da equipe. Somente assim será possível garantir um cuidado ético e digno aos pacientes oncológicos em todas as fases da doença, assegurando que suas necessidades sejam atendidas com empatia e respeito até os últimos momentos de vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. B. DE et al. Cuidados paliativos e a importância da comunicação entre o enfermeiro e paciente, familiar e cuidador. *Rev. pesquis. cuid. fundam.* (Online), p. 713–717, 2019.

DIB, R. V. et al. Pacientes com Câncer e suas Representações Sociais sobre a Doença: Impactos e Enfrentamentos do Diagnóstico. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 68, n. 3, 4 ago. 2022.

FERREIRA, M. C. DE Q. et al. Dilemas éticos vivenciados pela equipe de saúde no cuidado da pessoa em tratamento oncológico. *Rev. baiana enferm*, p. e43346–e43346, 2021.

NATALINA, E.; BRANCO, F. M.; SILVA. Assistência de enfermagem ao paciente com suspeita de neoplasia em cabeça/pescoço: relato de experiência. *Nursing* (Ed. bras., Impr.), p. 5882–5891, 2021.

OLIVEIRA, M. L. et al. Classificação do nível de complexidade assistencial dos pacientes em hospital oncológico. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*, p. e20210450–e20210450, 2022.

INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM CUIDADOS INFANTIS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Ana Vitória Jacinto Araújo¹; Anna Beatriz Camelo Araújo Lins², Cristiane Queiroz do Nascimento Lima²; Evenlly de Moura Moraes²; Yasmin Beatriz Costa de Farias²; Rayli Maria Pereira Da Silva³; Millena Cavalcanti Ramalho⁴.

Enfermeira, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil - Centro Universitário UNIFACISA - Campina Grande/PB, Brasil¹

Graduanda de Enfermagem, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil - Centro Universitário - UNIFACISA - Campina Grande/PB, Brasil²

Doutoranda pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/UPE³

Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB⁴

enfanavitoriak@gmail.com

RESUMO

A consulta de enfermagem é uma intervenção de tecnologia intermediária que visa aprimorar o autocuidado, capacitando o paciente a desenvolver suas próprias habilidades para melhorar sua qualidade de vida. A utilização de sistemas tecnológicos é de grande importância, pois eles atuam como ferramentas que aceleram os processos de análise das informações derivadas do atendimento. O objetivo deste estudo foi avaliar a literatura científica sobre o uso de tecnologias na assistência de enfermagem em cuidados infantis. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, que consiste na revisão da literatura, de caráter qualitativo exploratório. Os dados foram coletados em novembro do ano de 2024, pelo banco de dados da Scielo. Os critérios de inclusão foram artigos publicados entre 2014 e 2024, que oferecem acesso livre em português, espanhol e inglês. Foram excluídos os artigos que se repetem nas bases de dados, que apresentam outros aspectos que não sejam relacionados a tecnologia e assistência de enfermagem e artigos de revisão. Ao final foram escolhidos 8 artigos para análise. É importante considerar nos resultados a implementação dos métodos de execução e as fontes de informação para o planejamento e avaliação das ações e serviços, a fim de identificar os fatores que podem influenciar a adesão desses dispositivos de auxílio. Portanto, os sistemas tecnológicos oferecem uma variedade de benefícios para a prestação dessa assistência, visto que, melhora o processo de análise de informações na atenção primária, facilitando o acompanhamento das crianças, por meio da geração de registros eletrônicos. Com isso, nota-se também a necessidade de aprofundamento das pesquisas sobre a temática e capacitação no uso dessas ferramentas, assim otimizando a assistência nos cuidados infantis.

Palavras-chave: tecnologia; consulta de enfermagem; assistência.

1 INTRODUÇÃO

A consulta de enfermagem é uma intervenção de tecnologia intermediária que visa aprimorar o autocuidado, capacitando o paciente a desenvolver suas próprias habilidades para melhorar sua qualidade de vida, facilitando a elaboração de diagnósticos eficazes para a promoção e prevenção da saúde. Esta ferramenta confere ao enfermeiro plena autonomia para criar estratégias de cuidado integral, promovendo a saúde do paciente, da família e da comunidade (Bahú; Carloto, 2021).

A concepção de tecnologia na promoção do cuidado à saúde vem sendo modificada com o passar dos anos, sendo classificadas com diferentes formas e níveis de complexidade, perpassando teorias e práticas, obtidas pelos profissionais tanto ao longo da formação como em sua busca por aperfeiçoamento pós formação, não estando relacionadas unicamente a máquinas ou instrumentos tecnológicos, mas classificando-se como conjunto de saberes utilizados para auxiliar no trabalho prestado, em uma determinada área de atuação (Moura MSS, et al, 2023).

A utilização de sistemas tecnológicos é de grande importância, pois eles atuam como ferramentas que aceleram os processos de análise das informações derivadas do atendimento. De forma crescente, as instituições de saúde, incluindo os centros de atenção primária em áreas suburbanas e rurais, estão equipadas com plataformas que possibilitam a criação de bases de dados familiares e a geração de registros eletrônicos. Esses registros permitem a coleta de dados, o acompanhamento das crianças e a redução do uso de papel, facilitando o gerenciamento das informações e tornando-as mais acessíveis e oportunas (Cassiani, *et al.*, 2018).

Sendo assim, o objetivo do presente estudo é avaliar o embasamento científico do uso de tecnologias na assistência de enfermagem em cuidados materno infantis na atenção primária, uma vez que, é fundamental que os serviços de saúde invistam no aprimoramento e aplicação dessas tecnologias em suas práticas profissionais, com o fito de tornar a assistência ainda mais humanizada e qualificada, contemplando o indivíduo em sua esfera biopsicossocial (Moura, 2023).

2 METODOLOGIA

O referencial metodológico foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, que consiste na revisão da literatura, de acordo com a temática abordada. A pesquisa foi feita por análise de caráter qualitativo exploratório. A pesquisa bibliográfica visa resolver uma hipótese utilizando referências teóricas publicadas, analisando e discutindo diversas contribuições científicas. (Boccatto, 2006).

Para a realização e levantamento bibliográfico, foi utilizado para análise dos resultados os descritores “tecnologia”, “atenção primária”, “enfermagem” que forneceram maior relação com o tema. A busca dos estudos, foi realizada na BVS e Scielo, que abriga bases de dados renomadas, a partir dos descritores que foram selecionados, sendo realizado o cruzamento desses dados utilizando o operador booleano “AND”, formando o conjunto de busca.

A população da amostra foi constituída por artigos disponíveis em bancos de dados virtuais Scielo que abordam a temática em questão. A amostra, por sua vez, foi composta pelas obras que tratam especificamente do objetivo da pesquisa. Foram incluídas na pesquisa artigos científicos publicados entre 2014 e 2024, que oferecem acesso livre nos idiomas português, inglês ou espanhol e que abordam tecnologias na assistência de enfermagem em cuidados materno infantis. Foram excluídos os artigos que se repetem nas bases de dados, que apresentam outros aspectos que não sejam relacionados a tecnologia e assistência de enfermagem e artigos de revisão.

A coleta de dados dos artigos científicos foi realizada no mês de novembro de 2024 e foi norteada em três momentos distintos: a identificação preliminar dos artigos, que teve como objetivo realizar o levantamento com base no título e no resumo, que abordassem o objetivo da pesquisa. A leitura exploratória do conteúdo, que teve prioridade verificar em que medida a obra consultada será de interesse para o resumo. Após a leitura exploratória do conteúdo, foram selecionados os artigos para a leitura aprofundada. A leitura aprofundada teve como meta aprimorar o conhecimento do conteúdo, para isso, foi utilizado um formulário de coleta de

dados que incluiu informações sobre: título, ano de publicação, tipo de estudo, objetivo geral do estudo e resultados obtidos.

Após a coleta de dados bibliográficos e a leitura detalhada dos artigos, foi realizada uma leitura interpretativa com o objetivo de analisar e comparar as afirmações dos autores, buscando descrever suas conclusões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após selecionar os artigos de acordo com os critérios previamente estabelecidos e lê-los para verificar sua adequação ao objetivo deste estudo, foram selecionados 8 artigos, dentre esses foi escolhido 3 de maiores relevâncias para a tabela, conforme demonstrado no quadro I.

Quadro I: resumo e caracterização dos artigos escolhidos que contemplam a relação tecnologia e assistência.

TÍTULO	ANO	OBJETIVO	RESULTADOS
O uso de Tecnologias de Informação e Comunicação em Saúde na Atenção Primária à Saúde no Brasil, de 2014 a 2018	2024	O objetivo deste artigo foi descrever a utilização destas tecnologias para o apoio à prática clínica e educação permanente pelas equipes de saúde da atenção primária à saúde do Brasil no período de 2014 a 2018.	73,8% usaram o contato telefônico, 61,5% a comunicação eletrônica (e-mail, WhatsApp, etc.), 24,9% a Telessaúde, 21,5% o Prontuário Eletrônico e 12,8% a Teleconferência, sendo a região Sul que mais fez uso dessas tecnologias.
Utilização de tecnologias por enfermeiros no gerenciamento da Atenção Primária à Saúde	2021	Analisar as ações de gerenciamento de enfermeiros em serviços de Atenção Primária à Saúde na perspectiva das tecnologias.	54,8% dos enfermeiros utilizam tecnologias através de sistemas eletrônicos SISREG e PEC, da qualificação do cuidado relacionada à educação permanente em saúde, de cursos online e presenciais, além do uso de tecnologias do cuidado como o telessaúde e a telemedicina.
Baby Date: um aplicativo móvel para ensino de cuidados de enfermagem a recém-nascidos na atenção primária	2024	Desenvolver e validar um aplicativo móvel para ensinar alunos de graduação sobre a primeira consulta de enfermagem ao recém-nascido na atenção primária.	O dispositivo é apresentado na tela introdutória; em seguida, há conteúdo sobre exame físico, triagem neonatal, nutrição, saúde bucal, calendário de vacinação, crescimento, desenvolvimento, sinais de perigo e prevenção de acidentes; no final, há ficha informativa e referências. Recursos audiovisuais (textos, imagens e vídeos) complementam o aplicativo;

É essencial reconhecer que a implementação de tecnologias nos serviços de saúde requer a integração de planejamento e avaliação, visando aumentar a eficácia dos recursos empregados e enfrentar os desafios impostos pelo processo de regionalização e formação das redes de atenção à saúde. Nesse contexto, é importante considerar a implementação dos métodos de

execução e as fontes de informação para o planejamento e avaliação das ações e serviços, a fim de identificar os fatores que podem influenciar a adesão desses dispositivos de auxílio infantil.

A ausência de conhecimento, combinada com o acesso inadequado às tecnologias, pode resultar em desigualdades na saúde. Isso frequentemente se relaciona à prestação de cuidados que não atendem às necessidades da população, destacando a urgência de tecnologias que possam converter dados em informações úteis para oferecer cuidados justos e eficazes (Fernandes, *et al*, 2021)

Com a implementação do PEC e de outras plataformas de informação e cadastramento, os enfermeiros sentem-se mais seguros ao realizar consultas pediátricas, pois sabem que contam com tecnologias que auxiliam na prestação de assistência dentro de seu escopo. Foram identificados nos resultados, uma melhoria na qualidade do atendimento infantil, a segurança dos dados obtidos, monitoramento e avaliação eficaz e acesso a informações atualizadas de desenvolvimento, que contribuem para um atendimento seguro, eficiente e centrado na criança.

O PEC visa digitalizar os registros através de prontuários médicos, criados com base no cartão nacional de saúde. Assim, os dados podem ser integrados a outros sistemas de informação, identificando o atendimento ao usuário e aprimorando a gestão do cuidado (Fernandes, *et al*, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia exerce um papel de grande relevância, a partir dela, ocorre a otimização na prestação da assistência em enfermagem. Essa ferramenta não se resume apenas a máquinas ou instrumentos tecnológicos, mas também abrange processos e metodologias que buscam melhorar a assistência em cuidados infantis.

Os sistemas tecnológicos oferecem uma variedade de benefícios para a prestação dessa assistência, visto que, melhora o processo de análise de informações na atenção primária, facilitando o acompanhamento das crianças, por meio da geração de registros eletrônicos. Além disso facilita o vínculo entre profissional e paciente, contribuindo para um melhor acolhimento.

Essa situação sugere que os enfermeiros da Atenção Primária devem reconhecer os benefícios dos avanços tecnológicos, capacitando-se no uso dessas ferramentas para melhorar a assistência e a eficácia no cuidado ao paciente.

REFERÊNCIAS

BAHÚ L.M., CARLOTO S.A. A consulta de enfermagem no contexto da Atenção Primária em Saúde: Relato de experiência. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e27510111708, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.** Cidade de São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CASSIANI S.H., AGUIRRE-BOZA F., HOYOS M.C., BARRETO M.F., MORÁN L., CERÓN M.C., et al. Competências para a formação do enfermeiro de prática avançada para a atenção básica de saúde. **Acta Paul Enferm.** 2018; 31(6):572-84.

FERNANDES, B. C. G., SILVA JÚNIOR, J. N. de B., GUEDES, H. C. dos S., MACEDO, D. B. G., NOGUEIRA, M. F., & BARRÊTO, A. J. R. (2021). Use of technologies by nurses in the management of primary health care. **Revista Gaúcha De Enfermagem**, 42(spe), e20200197. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200197>

MOURA, M.S.S, CARVALHO S.B., BRAZ Z.R., LEAL L.B., SANTOS A.M.R, GOUVEIA M.T.O, AVELINO F.V.S.D., SILVAA.R.V.. Use of technologies by nurses to promote breastfeeding: a scoping review. Rev Esc Enferm USP. 2023;57:20220466. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2022-0466en>

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

Steffanny Geovanna da Silva¹; Cláudia Lisboa Dias²; Beatriz Neves Guedes³; Maryana Viana dos Santos⁴; Giovanna Maria Rebouças dos Reis⁵; Eloany Mayara da Silva⁶.

Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste; Docente no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁶.

steffannygeovanna06@gmail.com

RESUMO

Introdução: A violência obstétrica, um problema de saúde pública no Brasil, reflete práticas desumanizadas e invasivas no cuidado materno-infantil, muitas vezes resultantes da medicalização excessiva do parto e da falta de respeito à autonomia das mulheres. **Metodologia:** Este estudo explora a importância da formação de profissionais de saúde na prevenção dessa violência, com foco na atuação de enfermeiros na promoção de uma assistência humanizada e qualificada. A pesquisa é integrativa, de abordagem qualitativa, realizada em novembro de 2024. Foram analisados artigos publicados entre 2019 e 2024, selecionados por meio de buscas nas bases BVS e PubMed. Aplicaram-se critérios de inclusão e exclusão, resultando na seleção de seis estudos que abordam a prevenção da violência obstétrica. **Resultados e discussões:** Os resultados destacam a vulnerabilidade das gestantes frente a práticas inadequadas, como episiotomias desnecessárias, ausência de consentimento informado e comunicação ineficaz. Esses fatores reforçam a necessidade de capacitação contínua dos profissionais em práticas humanizadas e respeito aos direitos das mulheres. Instituições de ensino e saúde desempenham papel essencial ao incluir essa temática nos currículos e na prática clínica. **Considerações finais:** Conclui-se que a formação de profissionais de saúde é fundamental para prevenir a violência obstétrica, promovendo uma assistência digna, baseada em empatia, respeito e práticas humanizadas, garantindo a segurança e bem-estar das gestantes.

Palavras-chave: profissionais de saúde; prevenção; violência obstétrica.

1 INTRODUÇÃO

A assistência ao parto é um tema de extrema relevância, que demanda uma análise cuidadosa das práticas e das condições que envolvem o cuidado às gestantes. Historicamente, o parto foi considerado um processo natural e exclusivamente feminino, assistido por parteiras. No entanto, com o avanço da medicina, essa perspectiva se transformou em uma medicalização excessiva, muitas vezes desconsiderando a autonomia e o bem-estar emocional das mulheres. A violência obstétrica, um fenômeno alarmante no Brasil, evidencia essa realidade, onde muitas parturientes enfrentam intervenções não consensuais e condições adversas durante o parto, refletindo uma cultura machista que perpetua a submissão feminina (GARCIA et al., 2023).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca a importância da segurança do paciente como um pilar fundamental para garantir a qualidade na assistência à saúde. Apesar das políticas implementadas no Brasil para melhorar a segurança e qualidade do atendimento materno-infantil, como o Programa Nacional de Segurança do Paciente, ainda persistem práticas inadequadas que afetam negativamente os resultados de saúde. A alta taxa de cesarianas e intervenções desnecessárias demonstra a urgência de ações efetivas para promover um cuidado mais humanizado e seguro. Investigar os incidentes na assistência às parturientes é essencial para identificar fatores contribuintes e desenvolver medidas preventivas eficazes

(Rodrigues et al., 2020).

Além disso, a violência contra a mulher é um problema social profundamente enraizado em nossa sociedade. De acordo com a OMS, milhões de mulheres são vítimas de violência física e sexual anualmente, sendo que grande parte dessa violência é perpetrada por parceiros íntimos. A violência obstétrica se insere nesse contexto como um problema de saúde pública, gerando medo entre as mulheres ao serem atendidas no Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente durante o parto vaginal. Muitas não têm consciência de que estão vivenciando essa forma de violência, resultando em traumas irreversíveis ou até mesmo em óbitos maternos e fetais (NASCIMENTO et al., 2022).

A atuação da enfermagem na obstetrícia é crucial para reduzir a incidência de procedimentos desnecessários durante o trabalho de parto e minimizar os casos de violência obstétrica. O enfermeiro desempenha um papel fundamental ao oferecer suporte emocional às parturientes e garantir a execução de técnicas seguras durante todo o processo do parto. Promover uma assistência humanizada que respeite o corpo e os desejos das mulheres é essencial para proporcionar uma experiência positiva durante o parto (NASCIMENTO et al., 2022). Neste contexto, este estudo visa refletir sobre o papel dos enfermeiros na prevenção da violência obstétrica e as boas práticas que podem ser adotadas para garantir uma assistência qualificada à saúde materno-infantil.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa integrativa e exploratória, com abordagem qualitativa, realizada em novembro de 2024. Após a definição do tema, a busca bibliográfica foi executada com base no banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed, considerando os períodos de 2019 a 2024. Foram utilizados os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS), a busca com foco nas palavras: "Profissionais de Saúde", "Prevenção" e "Violência Obstétrica", por meio da busca avançada com o operador booleano "AND". Os critérios de inclusão abrangeram artigos que abordassem o escopo do estudo, publicados integralmente em inglês e português. Com o objetivo de compreender a Importância da Formação de Profissionais de Saúde na Prevenção da Violência Obstétrica: Perspectivas e Desafios. Para refinar os resultados, foram estabelecidos critérios de inclusão que consideraram apenas artigos originais, publicados na íntegra e com texto completo.

Posteriormente, foram estabelecidos critérios de inclusão, considerando artigos originais publicados na íntegra e em texto completo, disponibilizados gratuitamente nos idiomas inglês e português. Em seguida, foram definidos critérios de exclusão, desconsiderando: artigos que não atendiam ao objetivo do estudo, que não fossem artigos originais, com acesso restrito ou em outros idiomas, estudos que não abordassem as palavras-chave em seu escopo, bem como artigos na forma de teses e dissertações.

O estudo dispensou submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa, uma vez que não envolveu pesquisas clínicas em animais ou seres humanos. Assim, foram assegurados e cumpridos os preceitos dos direitos autorais vigentes. Foram encontrados 15 resultados. Após a aplicação dos critérios estabelecidos, foram selecionados 6 artigos para esta revisão. Esse trabalho encontra-se em uma fase inicial de revisão bibliográfica, mas futuramente pretende-se encorpar a temática para um trabalho prático em campo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os profissionais de saúde, em especial enfermeiros e médicos, frequentemente identificam incidentes na assistência como erros ou falhas que podem comprometer a segurança dos pacientes. Nesse contexto, as gestantes tornam-se particularmente vulneráveis a riscos e

danos decorrentes de uma assistência inadequada, o que pode levar à violação de seus direitos humanos e da dignidade no acesso aos serviços de saúde. A falta de comunicação clara e a ausência de empatia durante o atendimento são fatores que agravam essa situação, resultando em experiências traumáticas para as mulheres (Rodrigues et al., 2021).

Dessa maneira, é essencial enfatizar a necessidade de suporte psicológico para essas pacientes marginalizadas, pois a assistência deve ser orientada pelas leis em vigor e pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), que preveem o direito ao atendimento humanizado e à dignidade no parto. O acesso a serviços de apoio psicológico pode ajudar as mulheres a processarem experiências traumáticas e promover a sua recuperação emocional. Além disso, a capacitação contínua dos profissionais de saúde em relação às práticas respeitadas e éticas é fundamental para prevenir abusos. Programas de educação em saúde que abordam a importância da comunicação efetiva e do consentimento informado são cruciais para transformar a cultura assistencial. Entre as formas mais recorrentes de violência obstétrica, a episiotomia se destaca como uma prática frequentemente realizada sem indicação clínica adequada, evidenciando a falta de atenção às necessidades individuais das mulheres em determinados contextos hospitalares (Nascimento et al., 2022).

É fundamental compreender que a violência obstétrica se manifesta de diversas formas, incluindo práticas invasivas e desnecessárias durante o parto, como a episiotomia e o uso excessivo de intervenções farmacológicas. A falta de comunicação entre a equipe de saúde e a gestante é um fator predominante nesse processo, o que contribui para o sofrimento psicológico das mulheres. A violência obstétrica, muitas vezes, é disfarçada de práticas médicas permitidas, sendo realizada sem o devido consentimento informado e em desrespeito aos direitos do paciente. A conscientização e a educação dos profissionais de saúde sobre a importância do respeito à autonomia das mulheres e o direito ao parto humanizado são essenciais para transformar essa realidade. A formação contínua deve englobar temas como o fortalecimento da comunicação interpessoal e a compreensão das consequências emocionais da violência obstétrica, como a depressão pós-parto e a perda de confiança nas instituições de saúde (Nascimento et al., 2022).

Além disso, as instituições de ensino e os serviços de saúde têm um papel decisivo na formação de profissionais comprometidos com a humanização do parto. É imprescindível que os cursos de graduação, especialmente nas áreas de enfermagem e medicina, integrem a temática da violência obstétrica em seus currículos, promovendo uma educação voltada para práticas baseadas em evidências científicas e respeito aos direitos das mulheres. O incentivo à pesquisa sobre as consequências da violência obstétrica, bem como a avaliação constante das práticas assistenciais, pode contribuir para a criação de políticas públicas de prevenção. Para que a violência obstétrica seja efetivamente combatida, é necessário que haja uma mudança cultural dentro das instituições de saúde, com a implementação de protocolos claros e com a responsabilidade dos profissionais de saúde em garantir que as mulheres recebam o atendimento digno e humanizado que têm direito (Rodrigues et al., 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a formação de profissionais de saúde é crucial na prevenção da violência obstétrica, pois habilita os especialistas a reconhecerem e respeitarem os direitos das mulheres no contexto do parto e do nascimento. A educação contínua sobre práticas humanizadas e sensíveis ao gênero deve ser uma prioridade nas escolas de saúde, promovendo uma cultura de empatia, respeito e dignidade na assistência.

Apesar dos desafios, como a resistência a mudanças nas práticas clínicas e a necessidade de recursos adequados, a promoção de uma abordagem centrada na mulher pode transformar a experiência do parto. Investir na capacitação dos profissionais não apenas

aprimora a qualidade do atendimento, mas também contribui para a construção de um sistema de saúde mais justo e equitativo. Assim, ao preparar os profissionais para reconhecerem e prevenirem a violência obstétrica, estamos não apenas protegendo as mulheres, mas também promovendo um ambiente mais seguro e acolhedor para todas as gestantes.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Rosemeire Rodrigues, et al. A atuação da equipe multidisciplinar na prevenção da violência obstétrica: The performance of the multidisciplinary team in the prevention of obstetric violence. *J Health Sci Inst.*, 2023. URL. Acesso em: 29 nov. 2024.

NASCIMENTO, David Ederson Moreira Do et al. Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto. *Revista Nursing*, 2022. Disponível em: 10.36489/nursing.2022v25i291p8242-8253. Acesso em: 29 nov. 2024.

Silva-Fernandez, C.S.; de la Calle, M.; Arribas, S.M.; Garrosa, E.; Ramiro-Cortijo, D. Factors Associated with Obstetric Violence Implicated in the Development of Postpartum Depression and Post-Traumatic Stress Disorder: A Systematic Review. *Nurs. Rep.* 2023, 13, 1553–1576. <https://doi.org/10.3390/nursrep13040130>.

Yalley AA, Jarašiūnaitė-Fedosejeva G, Kömürcü-Akik B and de Abreu L (2024) Addressing obstetric violence: a scoping review of interventions in healthcare and their impact on maternal care quality. *Front. Public Health* 12:1388858. doi: 10.3389/fpubh.2024.1388858.

RAMOS, Thais Marquezoni et al. Nursing students' knowledge about obstetric violence. *Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde A ABCS HEALTH SCIENCES BCS*, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7322/abcshs.2020163.1606>. Acesso em: 29 nov. 2024.

RODRIGUES, Giullia Taldo et al. Incidentes na assistência das parturientes e recém-nascidos: perspectivas das enfermeiras e médicos: Incidents in the care provided to parturient women and newborns: the perspective of nurses and physicians Incidentes en la asistencia de parturientas y recién nacidos: perspectivas de las enfermeras y médicos. *Escola Anna Nery*, 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0075>. Acesso em: 29 nov. 2024.

MORTALIDADE INFANTIL POR HEPATITES VIRAIS NAS REGIÕES DO BRASIL: ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO

Ryan Natan Pereira Ferreira¹; Filipe José Alves Abreu Sá Lemos¹; Maria Thaynara Pereira Rafael¹; Larissa Vieira Rego Bastos¹; Luís Felipe Alves Paiva de Brito¹; Clara Caroline Baptista Souto¹; Adriana Ávila Moura²

Graduando em medicina pela Universidade Federal do Alagoas; Doutora em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Ferreira

2

ryan.ferreira@famed.ufal.br

RESUMO

As hepatites virais são uma causa significativa de mortalidade infantil no Brasil, refletindo desigualdades regionais e sociais. Entre 2019 e 2023, foram registrados 68 óbitos de crianças de 0 a 14 anos, com maior concentração no Sudeste (31%) e Nordeste (29%), seguidos pelo Norte (25%), Centro-Oeste (10%) e Sul (4%). Apesar do maior desenvolvimento do Sudeste, a maior densidade populacional e capacidade de notificação podem explicar os números elevados. No Norte e Nordeste, a precariedade no saneamento básico, baixa cobertura vacinal e dificuldades no acompanhamento pré-natal intensificam a transmissão de hepatites virais, principalmente A e B. A análise racial evidenciou que 55% dos óbitos ocorreram em crianças pardas, reforçando desigualdades raciais e de acesso à saúde. Enquanto o Sul apresentou os menores índices de mortalidade, devido à infraestrutura de saúde e ampla vacinação, o cenário geral aponta falhas estruturais nas regiões mais vulneráveis. Políticas públicas direcionadas, como ampliação da cobertura vacinal, melhoria do saneamento básico e maior acesso aos serviços de saúde, são essenciais para enfrentar essas desigualdades. A redução da mortalidade infantil por hepatites virais exige estratégias regionais adaptadas, promovendo equidade e qualidade de vida.

Palavras-chave: hepatites virais; mortalidade infantil; Brasil.

1 INTRODUÇÃO

As hepatites virais são um grave problema de saúde pública mundial, causadas por diferentes vírus, que incluem os tipos A, B, C, D e E. Estas infecções, que afetam diretamente o fígado, podem variar em gravidade, desde formas assintomáticas até condições graves que levam à falência hepática e morte (Dias *et al.*, 2020). Tendo isso em vista, a mortalidade infantil é um importante indicador de saúde pública, refletindo a qualidade do cuidado materno-infantil, o acesso aos serviços de saúde e a eficácia de políticas de prevenção e controle de doenças (Gonzalez e Gilleskie, 2017). Este estudo visa investigar e caracterizar essa problemática nas diferentes regiões do Brasil, utilizando dados extraídos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do DATASUS, entre os anos de 2015 e 2023. Além disso, o estudo busca identificar os padrões epidemiológicos e os fatores sociodemográficos associados a essa mortalidade.

2 METODOLOGIA

Este estudo é do tipo epidemiológico descritivo, utilizando dados secundários do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e do Sistema de Informações sobre Nascidos

Vivos (SINASC), ambos disponibilizados pelo Departamento de Informática do SUS (DATASUS). Os dados obtidos foram tabulados, analisados e descritos. A população-alvo consiste em crianças de 0 a 14 anos, cujas causas de óbito foram atribuídas a hepatites virais (classificadas de acordo com a CID-10) no período de janeiro de 2019 a dezembro de 2023, utilizou-se também filtros para as regiões brasileiras e para raça/cor dos indivíduos. Além disso, conduziu-se uma revisão da literatura nas bases de dados Pubmed e BVS com o objetivo de fundamentar as informações adquiridas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos dados fornecidos pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do DATASUS, podemos observar um cenário alarmante dos óbitos pediátricos (0 a 14 anos) decorrentes de hepatites virais entre os anos de 2019 e 2023. No total, foram registrados 68 óbitos em todo o Brasil, com uma concentração significativa na região Sudeste, que contabilizou 21 óbitos, representando cerca de 31% do total. A região Nordeste, que se equipara à região SE, registrou 20 mortes (29%), seguida pela região Norte, com 17 óbitos (25%), o Centro-Oeste, com 7 óbitos (10%), e, por fim, o Sul, com 3 óbitos (4%). Esses dados evidenciam disparidades geográficas significativas, que são reflexo de questões socioeconômicas, estruturais e de acesso à saúde.

Historicamente, as regiões Norte e Nordeste sofrem com a falta de investimentos em infraestrutura de saúde, saneamento básico e programas de imunização, fatores essenciais na prevenção de hepatites virais, especialmente as do tipo A, transmitidas por via fecal-oral. Isso resulta em uma vulnerabilidade maior dessas populações, que estão mais expostas às infecções e a seus desfechos fatais (Oxford, 2018). No entanto, a região Sudeste, embora seja considerada a mais desenvolvida e possua o maior produto interno bruto (PIB) do país, apresenta os números mais expressivos de óbitos por hepatites virais, o que demanda uma análise mais complexa (Oxford, 2018).

Ademais, a densidade populacional elevada e a maior capacidade de notificação podem contribuir para esses números, pois estudos, como o de Júnior *et al.* (2024), já demonstraram que, em regiões com maior acesso a serviços de saúde, a subnotificação de doenças infecciosas é menor, o que faz com que os dados reflitam mais fielmente a realidade epidemiológica, em detrimento de regiões como o NE e NO, que possivelmente possuem muitos casos subnotificados. Portanto, apenas registrar que no sudeste tem mais óbitos se comparado ao Norte que, por exemplo, também possui 69 milhões de pessoas a menos que a região SE, gerará uma análise equivocada acerca da problemática.

De acordo com estudos epidemiológicos realizados no Nordeste, a cobertura vacinal contra hepatite B também é baixa, o que amplia o risco de transmissão vertical e resulta em desfechos fatais em crianças. A região Centro-Oeste, que contabilizou 7 óbitos, apresenta um perfil misto, com grandes disparidades entre áreas urbanas e rurais. Já a região Sul, com apenas 3 óbitos registrados, é a que apresenta os menores índices de mortalidade por hepatites virais. A região é caracterizada por um dos melhores níveis de saneamento básico do país, alta cobertura vacinal e acesso facilitado aos serviços de saúde.

A hepatite A, em particular, é altamente prevalente em regiões onde o saneamento básico é inadequado (Dias *et al.*, 2020) e, nesses contextos de vulnerabilidade, as crianças estão mais sujeitas a complicações graves da doença, como insuficiência hepática aguda, que pode levar ao óbito. Além disso, a transmissão vertical da hepatite B e C é outra preocupação relevante, especialmente nas regiões Norte e Nordeste, onde o acompanhamento pré-natal é muitas vezes insuficiente. A Organização Mundial da Saúde recomenda que todas as gestantes sejam testadas para hepatite B durante a gravidez e que os recém-nascidos recebam a vacina nas primeiras 24 horas de vida para prevenir a transmissão vertical. Entretanto, nas regiões mais

vulneráveis do Brasil, a falta de acesso a esses serviços contribui para a persistência da transmissão materno-infantil (Slutsky, 2016).

Outro dado importante destacado pela análise do SIM é a distribuição dos óbitos por raça/cor. De acordo com os dados, 55% dos óbitos foram de crianças pardas, enquanto 29% ocorreram em crianças brancas, sendo que a maioria das mortes de crianças brancas ocorreu no Sudeste. Essa distribuição reforça as desigualdades raciais no Brasil, onde a população parda e negra, historicamente marginalizada, tem menos acesso a serviços de saúde de qualidade e a condições adequadas de vida. Essa desigualdade racial é uma marca profunda do sistema de saúde brasileiro e está diretamente relacionada a determinantes sociais da saúde, como acesso à educação, emprego, moradia e saneamento básico.

Estudos, como o de Hone *et al.* (2021), apontam que populações negras e pardas são as mais afetadas pelas desigualdades no acesso a serviços de saúde e pelas condições inadequadas de vida, o que aumenta sua vulnerabilidade a doenças infecciosas e às suas complicações. Além disso, é necessário considerar que, nas populações vulneráveis, as hepatites virais muitas vezes não são diagnosticadas ou tratadas em tempo hábil, o que contribui para a evolução para formas mais graves da doença. A vacinação contra a hepatite B, por exemplo, embora esteja disponível no calendário de vacinação infantil do SUS, não atinge as taxas ideais em todas as regiões, especialmente no Norte e Nordeste, onde barreiras geográficas e socioeconômicas dificultam o acesso à imunização (Grandi, Lopez, Burattini, 2022).

Diante desse cenário, é evidente que as taxas de mortalidade infantil por hepatites virais no Brasil estão diretamente ligadas às desigualdades regionais, raciais e socioeconômicas. A alta mortalidade nas regiões Norte e Nordeste, apesar de suas populações serem muito menores do que a do Sudeste, reflete a precariedade das condições de vida e o acesso insuficiente aos serviços de saúde e à vacinação.

Tabela 1: Distribuição de óbitos por Hepatites virais em crianças (2019 - 2023)

Região	Óbitos p/Residênc
TOTAL	68
1 Região Norte	17
2 Região Nordeste	20
3 Região Sudeste	21
4 Região Sul	3
5 Região Centro-Oeste	7

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM

Tabela 2: Distribuição de óbitos por Hepatites virais em crianças por cor/raça (2019 - 2023)

Região	Branca	Preta	Parda	Indígena	Ignorado	Total
TOTAL	20	7	37	2	2	68
1 Região Norte	1	2	12	2	-	17
2 Região Nordeste	3	2	14	-	1	20
3 Região Sudeste	11	2	7	-	1	21
4 Região Sul	1	-	2	-	-	3
5 Região Centro-Oeste	4	1	2	-	-	7

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mortalidade infantil por hepatites virais no Brasil, conforme demonstrado neste estudo, revela marcantes disparidades regionais e sociais que vão além da simples distribuição geográfica de casos. Em especial, as regiões Norte e Nordeste enfrentam desafios estruturais profundos, nos quais a ausência de saneamento básico adequado, somada à insuficiência da

cobertura vacinal, intensifica o impacto das hepatites virais na saúde infantil; ainda que apresentem baixos números populacionais, se comparados à região sudeste, equiparam-se em número de óbitos. Em contrapartida, o Sul do país apresenta taxas mais baixas de óbitos, o que pode ser atribuído a uma infraestrutura de saúde mais robusta e a um acesso ampliado aos serviços básicos de prevenção. Por outro lado, a análise revela que a região Sudeste, embora possua uma infraestrutura mais avançada e uma maior capacidade de notificação, ainda apresenta um número expressivo de óbitos; isso também sugere uma realidade epidemiológica mais transparente.

Diante desse cenário, torna-se evidente que políticas de saúde direcionadas e diferenciadas são essenciais para enfrentar essas disparidades, levando em consideração as particularidades de cada região. Assim, a promoção de ações de saúde pública mais eficazes, abrangendo desde a ampliação da cobertura vacinal até a melhoria das condições de vida e de saneamento, é indispensável. Em última análise, a redução da mortalidade infantil por hepatites virais no Brasil dependerá diretamente da capacidade de adaptação das estratégias de saúde pública, garantindo que as necessidades específicas de cada região sejam atendidas de forma abrangente e equitativa.

REFERÊNCIAS

Oxford handbook of the brazilian economy. [S. l.]: Oxford University Press, Incorporated, 2018. ISBN 9780190600006.

Dias, C. M. *et al.* Epidemiologia das hepatites virais no brasil. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 44, n. 4, p. 76-92, 30 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2020.v44.n4.a3131>. Acesso em: 17 nov. 2024.

Gonzalez, R. M.; Gilleskie, D. Infant mortality rate as a measure of a country's health: a robust method to improve reliability and comparability. **Demography**, v. 54, n. 2, p. 701-720, 23 fev. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13524-017-0553-7>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Grandi, G.; Lopez, L. F.; Burattini, M. N. Regional differences and temporal trend analysis of Hepatitis B in Brazil. **BMC Public Health**, v. 22, n. 1, 17 out. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-022-14296-1>. Acesso em: 18 nov. 2024.

Hone, T. *et al.* Racial and socioeconomic disparities in multimorbidity and associated healthcare utilisation and outcomes in Brazil: a cross-sectional analysis of three million individuals. **BMC Public Health**, v. 21, n. 1, 1 jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-021-11328-0>. Acesso em: 17 nov. 2024.

Slutsky, R. Brazil: the challenge of maternal healthcare. **Yale Global Health Review**, 2016. Disponível em: <https://yaleglobalhealthreview.com>. Acesso em: 20 out. 2024.

O PAPEL DA ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA NO COMBATE À DESNUTRIÇÃO INFANTIL

Geyse Laine Flor Santana¹; Maria Paloma Dantas Silva¹; Ana Beatriz Silva Costa¹; Fernando da Silva Lima¹; José Roberto Vaz Carneiro¹; Jayara Mikarla de Lira²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira, docente do curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande²

geyselaine7736@gmail.com

RESUMO

A desnutrição infantil é um grave problema de saúde pública, especialmente em países em desenvolvimento, afetando o crescimento físico e o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Na atenção primária à saúde (APS), o enfermeiro tem um papel crucial na identificação da desnutrição precoce, monitoramento do crescimento infantil e educação alimentar das famílias. Desse modo o uso do Guia Alimentar para a População Brasileira tem sido uma ferramenta importante para a promoção de práticas alimentares saudáveis, como o incentivo ao consumo de alimentos frescos e a promoção do aleitamento materno exclusivo até os seis meses. Este estudo, realizado por meio de uma revisão integrativa de literatura, analisou a atuação da enfermagem na APS no combate à desnutrição infantil, destacando práticas de prevenção e manejo, bem como os desafios enfrentados. Embora a intervenção dos enfermeiros seja essencial, as limitações como a sobrecarga de trabalho, a falta de equipamentos adequados e de capacitação específicos comprometem a eficácia das ações. Sob esse viés é fundamental investir em políticas públicas que fortaleçam a APS e garantam a segurança alimentar para populações vulneráveis, ampliando o impacto das ações de combate à desnutrição infantil.

Palavras-chave: educação alimentar; guia alimentar; atenção primária.

1 INTRODUÇÃO

A desnutrição infantil representa um grave problema de saúde pública, especialmente em países em desenvolvimento, onde fatores socioeconômicos e barreiras no acesso aos serviços de saúde são prejudiciais para a prevalência da condição. Diante disso, essa realidade afeta não apenas o crescimento físico, mas também o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, aumentando a morbimortalidade infantil.

No âmbito da atenção primária à saúde (APS), considerada a porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), o enfermeiro desempenha um papel essencial na identificação precoce de casos de desnutrição, no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil e na educação alimentar das famílias. Além disso, o uso de ferramentas como o Guia Alimentar para a População Brasileira tem sido fundamental para orientar práticas alimentares mais saudáveis, promovendo o consumo de alimentos in natura e minimamente processados e desestimulando o consumo de produtos ultraprocessados.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo analisar as contribuições da enfermagem na APS para o combate à desnutrição infantil, abordando práticas de prevenção, manejo e os desafios enfrentados no contexto da saúde pública.

2 METODOLOGIA

Este estudo se baseia em uma revisão integrativa de literatura, que visa reunir e sintetizar os resultados de pesquisas anteriores sobre um tema específico, permitindo uma compreensão abrangente do objeto de estudo. A pesquisa foi realizada nas bases de dados Scielo, PubMed e Lilacs. Utilizaram-se os descritores “atenção primária AND desnutrição infantil” e “enfermagem AND Guia Alimentar para a População Brasileira”. Os critérios de inclusão consideraram artigos publicados entre 2010 e 2023, disponíveis em português e inglês, e que abordavam a atuação da enfermagem na APS no contexto da desnutrição infantil. Por outro lado, foram excluídos estudos que não apresentavam dados claros ou que fossem repassados duplicados. Após a triagem, 20 artigos foram selecionados para análise. Os dados extraídos foram organizados em categorias temáticas, abrangendo monitoramento nutricional, educação alimentar e desafios na prática da enfermagem. A análise qualitativa foi realizada, buscando identificar padrões e lacunas nas práticas descritas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados indicam que os primeiros anos de vida de uma criança são fundamentais, pois é nesse período que se concentra grande parte dos processos relacionados ao desenvolvimento físico e motor. Contudo, a desnutrição é uma realidade preocupante e configura um problema de saúde pública, uma vez que envolve uma interação de diversos fatores e traz consequências que vão além do comprometimento do crescimento e do desenvolvimento. Em casos graves, pode levar até mesmo à morte. Nessa ótica, os enfermeiros têm um papel essencial no monitoramento do estado nutricional das crianças, utilizando ferramentas como curvas de crescimento e a Caderneta de Saúde da Criança. Essas práticas permitem a detecção precoce de sinais de desnutrição, como o baixo peso para a idade e o atraso no desenvolvimento. Sendo assim, a identificação precoce é fundamental para evitar complicações graves e possibilitar intervenções mais eficazes.

Entretanto, alguns estudos apontaram que a sobrecarga de trabalho e a falta de equipamentos adequados nas unidades básicas de saúde podem comprometer a regularidade e a qualidade desse monitoramento. Além disso, a ausência de uma capacitação específica sobre desnutrição infantil limita a atuação dos enfermeiros na elaboração de estratégias mais personalizadas para cada caso.

Ademais, a utilização do Guia Alimentar para a População Brasileira mostrou-se uma prática extensamente necessária pela enfermagem para orientar famílias sobre alimentação saudável. Entre as principais ações relacionadas estão a promoção do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida, a introdução alimentar adequada e o estímulo ao consumo de alimentos frescos, como frutas, legumes e verduras. No entanto, a adesão a orientações ainda enfrenta desafios, como a falta de acesso a alimentos de qualidade em comunidades vulneráveis e a resistência cultural de algumas famílias. Isso demonstra a necessidade de uma abordagem educativa mais sensível e adaptada às realidades locais.

Além das dificuldades mencionadas, a articulação intersetorial foi identificada como um ponto crítico. Embora os enfermeiros desempenhem papel fundamental na conexão entre famílias e programas sociais, como o Bolsa Família, muitas vezes encontram limitações na progressão entre diferentes setores. A ausência de políticas integradas compromete o alcance das ações de combate à desnutrição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A enfermagem na atenção primária é indispensável para a prevenção e o manejo da desnutrição infantil, desempenhando um papel estratégico na educação alimentar, no monitoramento do crescimento e no fortalecimento do vínculo com as famílias. Dessa forma, o

uso do Guia Alimentar para a População Brasileira como referência prática tem contribuído significativamente para a promoção de hábitos alimentares saudáveis e culturalmente adaptados.

Contudo, desafios como a infraestrutura precária, a sobrecarga de trabalho e a insuficiência de capacitações específicas ainda limitam o impacto das ações realizadas pelos enfermeiros. Para superar essas barreiras, é necessário investir em políticas públicas que fortaleçam a APS e promovam a segurança alimentar das populações mais vulneráveis. Assim, espera-se que a atuação da enfermagem no combate à desnutrição infantil seja ampliada e potencializada, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das crianças e de suas famílias.

REFERÊNCIAS

BORTOLINI, G. A. et al. Ações de alimentação e nutrição na atenção primária à saúde no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 44, p. 1, 23 abr. 2020.

BRANQUINHO, I. D.; LANZA, F. M. Saúde da criança na atenção primária: evolução das políticas brasileiras e a atuação do enfermeiro. **Rev. enferm. Cent.-Oeste Min**, 2018.

CULPA, M. et al. Desnutrição infantil e seus determinantes imediatos, subjacentes e básicos em Moçambique: uma análise temporal de 1997 a 2015. **Revista de Alimentação e Cultura das Américas**, v. 3, n. 2, p. 77–92, 2022.

FREITAS, J. M. M.; CASTRO, G. N. DE. A importância da atenção básica nas questões relacionadas a crianças diagnosticada com desnutrição: impacto da assistência de enfermagem na problemática. **Arq. ciências saúde UNIPAR**, p. 2147–2160, 2023.

GARCIA, L. R. S.; RONCALLI, A. G. Determinantes socioeconômicos e de saúde da desnutrição infantil: uma análise da distribuição espacial. **Saude e pesqui. (Impr.)**, p. 595–606, 2020.

GUBERT, F. DO A. et al. Qualidade da Atenção Primária à Saúde infantil em estados da região Nordeste. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 5, p. 1757–1766, maio 2021.

SILVA, N. DA et al. Avaliação do crescimento e desenvolvimento infantil e fatores de risco de um município que integra uma universidade brasileira de cunho internacional. **Arq. ciências saúde UNIPAR**, p. 332–358, 2023.

SILVEIRA, V. N. DA C.; PADILHA, L. L.; FROTA, M. T. B. A. Desnutrição e fatores associados em crianças quilombolas menores de 60 meses em dois municípios do estado do Maranhão, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 7, p. 2583–2594, jul. 2020.

SILVEIRA XAVIER, D. S. et al. LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE ÓBITOS INFANTIS POR DESNUTRIÇÃO NO BRASIL E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA ATUAÇÃO DO ESTADO E DA PASTORAL DA CRIANÇA NO COMBATE A DESNUTRIÇÃO INFANTIL. **REVISTA SAÚDE MULTIDISCIPLINAR**, v. 11, n. 1, 23 maio 2022.

WESLLA, P. et al. Oferta de assistência nutricional a crianças menores de cinco anos na Estratégia de Saúde da Família. **Rev. APS**, p. 645–659, 2021.

VOZES SILENCIADAS: ENTENDENDO E PREVENINDO O SUICÍDIO INFANTO-JUVENIL NA PÓS PANDEMIA DE COVID 19

Bruna do Amaral Noronha de Figueiredo Gomes¹; Eduarda Luiza Oliveira da Silva²; Andrea de Melo Santos³

Graduanda em Medicina pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)¹, Graduanda em Nutrição pelo Centro Universitário Frassinetti do Recife (UNIFAFIRE)², Médica Pediatra formada pela Universidade de Pernambuco (UPE)³

brunaaqui@hotmail.com

RESUMO

Introdução: O suicídio infanto-juvenil é um tema alarmante, especialmente após a pandemia de Covid-19, sendo a segunda principal causa de óbito entre crianças e adolescentes, com destaque para a intoxicação medicamentosa intencional. Fatores como o pouco convívio familiar, maus-tratos, transtornos psiquiátricos (como depressão e TDAH), e o isolamento social durante a pandemia, contribuem para o aumento da ideação suicida. Embora o suicídio consumado em pré-adolescentes seja raro, há uma crescente preocupação com esse comportamento. O objetivo foi identificar estudos relevantes sobre o suicídio infanto-juvenil e suas causas. **Metodologia:** A pesquisa é uma revisão integrativa realizada em bases de dados como PubMed, utilizando os descritores "suicide and children". Foram incluídos artigos em inglês, gratuitos nos últimos 5 anos no período de 2020 a 2024 que abordassem indivíduos com menos de 18 anos completos. **Resultados e Discussão:** Foram selecionados 4 artigos após a aplicação dos critérios de inclusão. O relacionamento parental, maus-tratos e transtornos psiquiátricos estão fortemente associados à ideação suicida, principalmente na pré-adolescência. **Conclusão:** É essencial uma abordagem integrada entre famílias, escolas e profissionais de saúde para prevenir o suicídio infanto-juvenil. A intervenção precoce e o tratamento contínuo são fundamentais, com destaque para a hospitalização em casos graves.

Palavras-chave: suicídio; tentativa de suicídio; suicídio assistido.

1 INTRODUÇÃO

O suicídio infanto-juvenil é tema de alerta para a Organização Mundial de Saúde especialmente após a pandemia de Covid 19, já que é a segunda principal causa de óbito nessa faixa etária, perdendo apenas para as neoplasias na Espanha (López et al., 2023). Em relação aos Estados Unidos, saiu da décima para quinta causa de morte de 2008 a 2019 (Liu et al., 2022). Embora o suicídio consumado em pré-adolescentes seja raro, ele ocorre na proporção de 1 a cada 1 milhão de crianças, enquanto o de adolescentes é 4 a cada 100 mil (Liu et al., 2022). Uma das formas mais comuns é a intoxicação medicamentosa intencional que sofreu crescimento em 122%. Entre as causas mais frequentes para a idealização suicídio estão: pouco convívio familiar dos pais com os filhos pelas longas jornadas de trabalho, o que faz a atenção parental ser delegada aos cuidadores e muitas vezes às telas, o que reduz a comunicação e interação social, maus tratos infantis, depressão e transtornos de déficit atenção (López et al., 2023, Liu et al., 2022).

Além disso, o isolamento social forçado na pandemia, deteriorou a saúde mental de milhares de crianças e jovens que já sofriam violência doméstica ou pressão familiar por estarem presos em casa, fora a superexposição de notícias sobre o Coronavírus que ampliou a

incerteza e agravou transtornos psiquiátricos de ansiedade e depressão.

No recorte epidemiológico os indivíduos mais propensos ao suicídio na faixa etária infanto-juvenil são do sexo feminino, apesar de que indivíduos do sexo masculino menores de 13 anos possuem maior risco para terem pensamentos e comportamentos autolesivos (Liu et al., 2022), idade média de 14,8 anos, 70% se enquadravam em critérios de transtorno psiquiátrico (depressão - mais comum em mulheres, transtorno bipolar e transtorno do déficit de atenção (TDAH). Todavia, o comportamento suicida é multifatorial e há uma gradação de etapas que antecedem o suicídio consumado que são: comportamentos suicidas, ideação suicida, ameaças de suicídio, tentativas de suicídio e suicídio consumado. A automutilação não suicida (NSSI) que é definida pela própria incisão de tecidos corporais pode se relacionar ao espectro suicida, apesar de não estar totalmente restrita a ele.

Apesar de ser uma realidade factível que cada vez mais crianças pré adolescentes (<13 anos) cometem suicídio consumado, a literatura não respalda esses achados, talvez por grande parte dos pesquisadores presumirem que elas não detêm capacidade de compreender a natureza da morte e inferem que tal comportamento é incapaz de se associar com idealização suicida (Liu et al., 2022). Os indivíduos que se autoinflige buscam por meio dessa flagelação: aliviar emoções negativas, vingar a si próprio ou buscar reconhecimento social.

Assim, é fundamental que sejam identificados os mínimos sinais e sutis gatilhos para que se possa intervir antes da completude do ato, tanto com apoio da família, quanto dos profissionais de saúde e das instituições de ensino (López et al., 2023).

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de saúde, a qual utilizou como respaldo científico bases de dados PubMed. Os descritores utilizados foram: “suicide and children”. Os critérios de inclusão foram: revisões e revisões sistemáticas com recorte temporal de 5 anos no período de 2020 a 2024, no idioma inglês, gratuitos que abordassem indivíduos menores de 18 anos e publicados até dia 13/11/2024.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram encontrados 21060 artigos, sendo 6681 nos últimos 5 anos, 3823 gratuitos e na língua inglesa. Destes, 429 eram revisões, revisões sistemáticas e meta análises e 185 eram com indivíduos abaixo dos 18 anos, no entanto, após a aplicação dos critérios de inclusão, apenas 4 artigos foram selecionados.

Para Liu et al., 2022, o relacionamento parental exerce mais influência na pré-adolescência, como também maus tratos infantis, ideação suicida e TDAH em relação a depressão que é mais característico da adolescência devido às mudanças corporais, comportamentais e mentais, mas não deve ser descartada na anamnese do pré-adolescente, e há forte envolvimento com a idealização suicida.

Entre as intervenções que podem ser tomadas Witt et al., 2021 dividimos em 12 etapas:

Tabela 1- Intervenções sugeridas para evitar automutilação em crianças e adolescentes.

INTERVENÇÃO	DEFINIÇÃO
1. INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL	Busca desenvolver habilidades de autodomínio e resiliência a fim de melhorar a autoestima e interação social, reduzindo reações imediatas prejudiciais a emoções negativas.
2. PSICOTERAPIA BASEADA NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL	Possibilita que a pessoa autoreflita sobre suas emoções, identifique gatilhos de sentimentos perturbadores e busque caminhos para alterar o modo que enxerga os problemas.
3. TERAPIA COMPORTAMENTAL DIALÉTICA	Desenvolve a habilidade de aceitar quaisquer tipos de pensamentos positivos ou negativos sem julgamento e propósito de alterá-los. É usada em pacientes que possuem dificuldade em aderir ao tratamento e fatores que interferem sua qualidade de vida (como sono). É uma terapia intensa e prolongada.
4. TERAPIA BASEADA NA MENTALIZAÇÃO	Faz o indivíduo entender seus sentimentos e comportamentos buscando fugas para minimizar a angústia. É um tratamento prolongado que inclui sessões individuais semanais e mensais com a família.
5. PSICOTERAPIA DE GRUPO	Desenvolve habilidade interpessoais e de dinâmica em grupo que podem ser mais efetivas para as crianças e jovens do que a psicoterapia individual.
6. ABORDAGENS DE AVALIAÇÃO APRIMORADAS	Busca identificar a fonte da angústia psicológica por meio do histórico psicossocial do paciente aliado à terapia analítica cognitiva breve. Além de aumentar a adesão medicamentosa
7. ABORDAGENS DE MELHORIA DA CONFORMIDADE	Deve ser usada principalmente em crianças e adolescentes que abandonam ou não comparecem as sessões após procedimentos cirúrgicos.
8. INTERVENÇÕES FAMILIARES	Deve ser usada nos casos em que o convívio familiar é a fonte estressora para a criança. A terapia é conjunta entre a criança ou o adolescente com a família, a fim de solucionar mágoas, desconfianças e promover um ambiente acolhedor e receptivo.
9. INTERVENÇÕES DE CONTATO REMOTO	Busca manter contato a longo prazo com o paciente por meio de cartas, mensagens, telefone a fim de mostrar constante preocupação e interesse pelo paciente, reduz a sensação de isolamento social.
10. ANTIDEPRESSIVOS	É a intervenção farmacológica que atua no sistema serotoninérgico sendo eficaz para reduzir o estímulo da impulsividade comumente presente no comportamento suicida. Entre os medicamentos, podemos citar: Inibidores não seletivos da monoamina (por exemplo, amitriptilina, imipramina, dosulepina), Inibidores seletivos da recaptação da serotonina, subgrupos como inibidores não seletivos da monoamina oxidase (por exemplo, fenzina) e Inibidores da monoamina oxidase A (por exemplo, moclobemida) e outros antidepressivos (por exemplo, venlafaxina, mirtazapina, trazadona).
11. PRODUTOS NATURAIS	É a suplementação dietética de ácidos graxos ômega-3 (óleos de peixe) que estimulam a serotonina e reduzem a impulsividade da rede neural.
12. INTERVENÇÕES PSICOSSOCIAIS E FARMACOLÓGICAS COMBINADAS	Deve ser usada em paciente que sofrem de depressão maior a fim de agilizar a reposta psicossocial, a qual isolada dura de 4 a mais semanas

Legenda: Autores, 2024.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central de uma abordagem eficaz ao suicídio infanto juvenil é proporcionar tempo para que a pessoa em risco possa encontrar alívio para seu sofrimento psíquico e, assim, reavaliar suas perspectivas de vida. O processo de intervenção envolve não apenas a assistência psicológica imediata, mas também a criação de um ambiente seguro e controlado, onde o público infanto-juvenil possa ser monitorado e receber o apoio necessário para superar momentos de crise. Se não houver sinais claros de distanciamento de sua intenção suicida, a hospitalização psiquiátrica se torna imprescindível. Nesse caso, deve-se priorizar a internação em uma enfermaria protegida, especificamente em hospitais especializados em psiquiatria infanto juvenil para garantir que eles estejam sob constante vigilância e cuidado (Elia, 2023).

Além disso, é fundamental observar as estipulações legais que regem o atendimento de menores de idade, respeitando seus direitos e os procedimentos legais adequados para situações de risco. Caso não aceite a internação voluntariamente, pode ser necessário envolver autoridades externas, como a polícia e os serviços de ambulância, para garantir sua segurança

e conduzi-lo ao atendimento adequado. Para prevenir o suicídio e melhorar os resultados, os fatores de risco para suicídio devem ser considerados e as indicações para medidas preventivas e terapêuticas primárias e secundárias devem ser estabelecidas. A intervenção precoce e o tratamento intensivo são essenciais para reduzir o risco de fatalidade, oferecendo às crianças e aos jovens uma oportunidade de refletir sobre sua situação em um ambiente protegido.

A família, a escola, as instituições de saúde devem amortecer muitas fontes de estresse e ansiedade. Os pediatras não devem temer abordar essa temática com os jovens, mas devem adquirir conhecimento básico para detectar e saber lidar com casos a partir de estágios obrigatórios de psiquiatria pediátrica durante sua residência.

Essa abordagem não apenas foca no manejo imediato da crise, mas também visa criar um ponto de partida para o tratamento contínuo, incluindo terapias individuais e familiares, que permitam ao paciente trabalhar na superação das causas subjacentes de seu sofrimento emocional. A colaboração entre profissionais de saúde, familiares e a rede de apoio é fundamental para garantir a recuperação e prevenir futuros episódios de risco.

REFERÊNCIAS

ELIA, J. Comportamento suicida em crianças e adolescentes. **Manuais MSD edição para profissionais**, 9 maio. 2023. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt/profissional/pediatria/transtornos-psi%C3%A1tricos-em-crian%C3%A7as-e-adolescentes/comportamento-suicida-em-crian%C3%A7as-e-adolescentes?query=Comportamento%20suicida%20em%20crian%C3%A7as%20e%20adolecentes>>. Acesso em: 26 nov. 2024.

LIU, R. T. et al. Prevalence and Correlates of Suicide and Nonsuicidal Self-injury in Children. **JAMA Psychiatry**, 25 maio 2022.

PAULA VÁZQUEZ LÓPEZ et al. Self-injury and suicidal behavior in children and youth population: Learning from the pandemic. **Science Direct**, v. 98, n. 3, p. 204–212, 1 mar. 2023.

WITT, K. G. et al. Interventions for self-harm in Children and Adolescents. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. 3, n. 3, 7 mar. 2021.

MUDANÇAS ADVINDAS DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NESSE CONTEXTO

Ana Letícia Soares Valdivino¹; Gabriela Brito da Silva¹; Vitoria Hellen da Silva Amarante¹; Jamilly Ferreira Da Silva¹, Millena Cavalcanti Ramalho²; Rayli Maria Pereira da Silva³;

Graduanda de Enfermagem, Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde da Mulher e Infantil -
Centro Universitário UNIFACISA - Campina Grande/PB, Brasil¹
Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB²
Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/UPE³

aleticia.valdivino@gmail.com

RESUMO

Introdução: A gravidez na adolescência leva ao surgimento de desafios inerentes, impondo uma sobrecarga adicional devido à necessidade de assumir responsabilidades antes de alcançar maturidade emocional e psicológica plena. **Objetivo:** Identificar mudanças sociais, físicas e emocionais durante a gravidez na adolescência e a atuação da enfermagem neste contexto. **Metodologia:** A pesquisa consiste em uma revisão integrativa da literatura, desenvolvida por meio das bases de dados encontradas na BVS, LILACS, BDENF, MEDLINE e SCIELO, foi utilizado os operadores booleano *AND* para os descritores da pesquisa “gravidez na adolescência”, “enfermagem”, “gestação” analisando um total de 6 artigos após os usos dos critérios de inclusão e exclusão. **Resultados e Discussão:** Foi possível observar que as jovens sentiram diversas mudanças advindas da gestação, desde mudanças físicas, emocionais, sociais e financeiras, mas apesar dos obstáculos presentes, a rede de apoio foi essencial para melhor adaptação nesse processo. **Conclusão:** Diante os achados da pesquisa, foi observado que a gravidez na adolescência traz desafios significativos devido ao despreparo emocional das jovens, que pode afetar tanto sua saúde quanto a do bebê, sendo o apoio familiar essencial para enfrentar essa nova realidade. Além disso, a educação em saúde, com programas de orientação sexual e reprodutiva, é fundamental para prevenir a gravidez precoce e garantir cuidados adequados, com o objetivo de minimizar e até prevenir agravos na saúde dos indivíduos.

Palavras-chave: gravidez na adolescência; enfermagem; gestação.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência faz parte do processo contínuo de crescimento humano e é marcada por um processo complexo de mudanças físicas, emocionais e sociais. A gravidez na adolescência é um problema de saúde presente em quase todos os países, com maior prevalência em países em desenvolvimento. (Ministério da Saúde)

No Brasil, a taxa de nascimentos de crianças filhas de mães entre 15 e 19 anos é 50% maior do que a média mundial, a qual é estimada em 46 nascimentos por cada 1 mil meninas, enquanto no Brasil estão estimadas 68,4 gestações nesta fase da vida. Reconhece-se que a gravidez nesta faixa etária carrega riscos aumentados tanto para a saúde da mãe quanto para a do bebê (Alves, 2022).

É importante salientar o impacto social que é gerado na vida destas gestantes, visto que a rotina se tornará diferente com a chegada deste bebê. O estigma associado à gravidez na adolescência muitas vezes leva as meninas a abandonar cedo a escola, a não serem incluídas socialmente como eram antes da gestação, tornando-as vulneráveis emocionalmente. Além dos desafios inerentes à própria adolescência, a gestação nesta fase da vida pode impor uma

sobrecarga adicional devido à necessidade de assumir responsabilidades maternas antes que a jovem tenha alcançado uma maturidade emocional e psicológica plena (Ales, *et al*, 2021).

Com base nesse contexto, o objetivo da pesquisa é identificar mudanças sociais, físicas e emocionais durante a gravidez na adolescência e como a enfermagem atua nesse contexto.

2 METODOLOGIA

A pesquisa consiste em uma revisão integrativa da literatura, que foi desenvolvida por meio do seguinte questionamento: quais são as mudanças significativas na vida de uma adolescente grávida e como a enfermagem atua com as mudanças advindas da gravidez na adolescência?, foi utilizada como embasamento em artigos científicos indexados em banco de dados online: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) utilizando de artigos do LILACS e BDNF dentro dessa base de dados e a Scielo, visto serem base de dados renomadas e com produções significativas para a pesquisa. Foi utilizado as palavras chaves: gravidez na adolescência, enfermagem e gestação com o cruzamento e uso de operadores booleanos: “gravidez na adolescência” AND “enfermagem” AND “gestação”.

A busca inicial das pesquisas contou com 247 artigos, desse total foram selecionados 52 artigos de acordo com os critérios de inclusão, referentes a 10 anos de publicação, em idioma português, espanhol, inglês e texto completo disponível dentro da temática proposta e para critérios de exclusão, referentes a duplicatas e textos fora da temática. Após a leitura dos títulos e resumos dos 9 artigos, foram selecionados para a revisão 5 para compor a amostra.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a leitura dos demais artigos inerentes com os critérios de inclusão da amostra, foi válido os resultados obtidos, sendo consistentes para com o objetivo da pesquisa. O quadro abaixo reflete esses resultados de maneira mais clara e sucinta com os 5 artigos finais coletados.

Quadro I: resumo e caracterização dos artigos escolhidos que contemplam a relação das mudanças que ocorrem devido a gravidez na adolescência e a assistência da enfermagem.

TÍTULO	AUTOR	MUDANÇAS QUE OCORREM	ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM
Embarazo subsecuente en la adolescencia: causas, consecuencias y posibles soluciones	ALVAR EZ, <i>et al.</i> (2022)	De acordo com a pesquisa, a gestação na adolescência, possui grandes consequências catastróficas para a saúde e bem-estar dos jovens e suas famílias, levando ao desenvolvimento de um importante fardo social.	As ações de enfermagem que são evidenciadas neste trabalho, se encontram no aconselhamento pro anticoncepcional, com o intuito de realizar mudanças significativas na prevenção desse fenômeno.
Percepção de adolescentes gestantes sobre a assistência de enfermagem ao pré-natal	CARVALHO, <i>et al.</i> (2020)	Nesta pesquisa é retratado que os adolescentes levam consigo percepções boas e ruins, que são um reflexo do momento de crescimento acelerado. Além de estabelecer os padrões e ideias a respeito da autoimagem, autoestima, vínculo familiar e social. Ou seja, é um momento delicado que necessita uma maior necessidade de cuidados e atenção	Percebe-se que é necessário haver esclarecimento do significado do pré-natal para a gestante, como também o incentivo da realização deste acompanhamento.

<p>Impacts of pregnancy among quilombola adolescents/ Repercussões da gravidez entre adolescentes quilombolas</p>	<p>SANTO S, L. S, <i>et al.</i> (2022)</p>	<p>De acordo com o trabalho, as gestações repercutem em várias mudanças na vida dos jovens que vão desde emocionais, educacionais, sociais até econômicas. Vale destacar que uma gravidez não planejada ou não desejada pode gerar distintos sentimentos na gestante, tais como insegurança, medo e vergonha, bem como perda de autonomia e maiores riscos de depressão e suicídio.</p>	<p>Desse modo, destaca-se que a enfermeira, ao realizar o pré-natal, deve atentar-se para quais sentimentos da adolescente estão envolvidos na gestação, bem como acolhê-la e encaminhá-la para serviços especializados em atenção à saúde mental.</p>
<p>Rede social de apoio à gestante adolescente na atenção primária à saúde: revisão de escopo.</p>	<p>FREIRE, <i>et al.</i> (2024)</p>	<p>O estudo relata que as adolescentes grávidas sofrem no início com a aceitação da gestação pelos seus tutores/responsáveis, e perdem a assiduidade na escola.</p>	<p>A enfermagem é vista como estratégia de apoio, prestando cuidados assistenciais, através da realização de visitas domiciliares e da continuidade de sua assistência, que quando não são as mesmas não se sentem à vontade.</p>
<p>Percepção de adolescentes atendidas na Atenção Primária à Saúde sobre o período gravídico-Puerperal em um município do Rio Grande do Sul.</p>	<p>SILVA, <i>et al.</i> (2014)</p>	<p>De acordo com pesquisa, aquelas que descobriram a gestação, se assustaram e viveram os sentimentos de medo e insegurança. No período gravídico, as participantes relataram alterações no corpo. Na fase do pós-parto, consideram a experiência da maternidade como boa e tranquila, e tiveram uma boa adaptação.</p>	<p>Dessa forma, é imprescindível que os profissionais de saúde conheçam o contexto social e familiar de cada adolescente, e tenham um olhar sensível para o planejamento da assistência prestada, a fim de possibilitar uma assistência qualificada e integral.</p>

Os estudos evidenciaram que ocorrem diversas mudanças na as jovens, que vão desde o seu social até o seu psicólogo. De acordo com Alvarez (2022), os aspectos sociais que essas meninas encontram, e que facilitam o desenvolvimento de uma gestação são a falta de orientação para tomar o anticoncepcional, juntamente com a não compreensão de como usar a pílula da emergência.

Quando essas jovens não conseguem compreender como realizar a anticoncepção, acabam levando o desenvolvimento de gestações de que são muitas vezes indesejadas. Que levam a consequência sobre a saúde mental das mesmas, onde muitas acabam gerando sentimento de angústia, podem levar ao processo de depressão e o afastamento de suas atividades diárias (Santos, 2022).

Segundo Silva (2014), os aspectos das mudanças físicas mencionadas se referem ao aumento das mamas e abdome; emocionais, aflorado pelo sentimento de medo e insegurança; sociais, como o estigma da gravidez na adolescência, a rejeição; e financeiras, tornando necessário que a mãe concilie trabalho e maternidade, em alguns casos.

Podemos destacar também o fato de a gravidez na adolescência alterar a vida escolar e gerar um distanciamento do grupo de convivência e alteração dos seus projetos individuais de vida da adolescente com a chegada de uma criança, no referente às mudanças sociais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante os achados da pesquisa é possível visualizar que a gravidez na adolescência é um tema relevante e complexo, com impactos significativos na saúde física, emocional e social das jovens gestantes. Foi possível perceber que o despreparo emocional das adolescentes para a maternidade, é um fator crítico que contribui para o aumento do risco de complicações tanto para a mãe quanto para o bebê.

Muitas adolescentes enfrentam desafios relacionados à maturidade emocional insuficiente, à falta de suporte psicológico adequado e à sobrecarga de responsabilidades que envolvem a maternidade precoce. Neste contexto, a educação em saúde surge como uma necessidade urgente para a prevenção da gravidez precoce e para o acompanhamento de adolescentes grávidas. É essencial que haja programas de educação sexual e reprodutiva nas escolas, além de políticas públicas que incentivem o acesso a serviços de saúde adequados e a orientação sobre os direitos das jovens.

A capacitação da comunidade, das famílias e dos profissionais de saúde para lidar com essas questões, pode reduzir o estigma associado à gravidez na adolescência e melhorar os resultados para essas jovens. Portanto, a promoção de um ambiente acolhedor, com apoio psicológico adequado, orientação familiar e educação em saúde, é imprescindível para o enfrentamento dos desafios da gravidez na adolescência, visando a saúde e o bem-estar das adolescentes e o desenvolvimento saudável de suas crianças.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Clara Teresita Morales *et al.* **Embarazo subsecuente en la adolescencia: causas, consecuencias y posibles soluciones.** 1. ed. México: Rev Enferm Inst Mex Seguro Soc., 2022. 14-20 p. v. 30. Disponível em:<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/07/1378894/1271-6853-1-pb.pdf>. Acesso em: 24 nov, 2024.

CARVALHO, Silas Santos *et al.* **PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES GESTANTES SOBRE A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PRÉ-NATAL.** Revista: Enferm. Foco, 2020. 195-201 p. Disponível em:<file:///C:/Users/Word/Downloads/2868-22343-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 nov, 2024.

FREIRE LS, Raimundo AC, Lopes AD, Santos CT, Dantas HL, Lúcio IM, et al. **Rede social de apoio à gestante adolescente na atenção primária à saúde: revisão de escopo.** Enferm Foco. 2024;15:e-202436. Disponível em DOI: 10.21675/2357-707X.2024.v15.e-202436. Acesso em: 25 nov. 2024.

SANTOS, L. S., *et al.* **Impacts of pregnancy among quilombola adolescents.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 30, n. spe, p. e3843, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6239.3843>. Acesso em: 25 nov, 2024.

SILVA, Nadine Both Da, *et al.* **Percepção de adolescentes atendidas na Atenção Primária à Saúde sobre o período gravídico-puerperal em um município do Rio Grande do Sul.** Revista de APS, 2014. 567 -82 p. Disponível em:<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/37409/25735>. Acesso em: 25 nov. 2024.

ESTRATÉGIAS PARA PREVENIR A DOENÇA DE CHAGAS NO PÚBLICO INFANTOJUVENIL: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Larissa Cristina Soares Santos¹; João Arthur Melo Saita¹; Isabelly Beatriz Ferreira Cantão de Leão¹; Paulo Henrique Dantas de Aguiar¹; Matheus Valente dos Santos²; Erlon Gabriel Rego de Andrade³; Ivaneide Leal Ataíde Rodrigues⁴

Graduando(a) em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹; Graduando em Medicina pela Universidade do Estado do Pará²; Doutorando em Enfermagem pela Universidade do Estado do Pará³; Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro⁴

soares.larissa.lc@gmail.com

RESUMO

Causada pelo protozoário *Trypanosoma cruzi*, a doença de Chagas é amplamente distribuída nas Américas e acomete milhões de pessoas. O público infantojuvenil padece com desafios relacionados ao diagnóstico e tratamento, uma vez que a descoberta do adoecimento por essa enfermidade ainda é limitada, culminando por agravar a condição dos doentes e reduzir as possibilidades de cura. Assim, objetivou-se analisar as evidências da literatura científica sobre estratégias para prevenir a doença de Chagas no público infantojuvenil. Estudo descritivo, com abordagem qualitativa, do tipo revisão narrativa. Os dados foram coletados na segunda semana de novembro/2024, por meio da Biblioteca Virtual em Saúde, considerando as bases Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*, utilizando termos de busca associados com operadores booleanos. Identificaram-se 143 artigos, dos quais 135 foram excluídos por diferentes critérios, compondo a amostra final com oito artigos, que investigaram estratégias para prevenir a transmissão vertical da doença de Chagas entre mulheres infectadas por *Trypanosoma cruzi*, além de abordagens específicas para o público infantojuvenil. Nesse contexto, campanhas educativas direcionadas à saúde de crianças e adolescentes, sobretudo em áreas endêmicas, são fundamentais para disseminar conhecimentos sobre a doença e as medidas preventivas.

Palavras-chave: doença de chagas; prevenção de doenças; menores de idade.

1 INTRODUÇÃO

A doença de Chagas, ou tripanossomíase americana, é uma zoonose causada pelo protozoário *Trypanosoma cruzi*, amplamente distribuída nas Américas, acometendo milhões de pessoas no cenário global. No Brasil, dados apontam que entre 2,5 e 3,0 milhões de pessoas estão infectadas, sobretudo em áreas urbanas, resultado da migração de populações rurais (Veronesi; Focaccia, 2015).

Apesar das campanhas de combate aos vetores, triatomíneos dos gêneros *Triatoma*, *Rhodnius* e *Panstrongylus* (Cardoso *et al.*, 2020), terem reduzido significativamente a transmissão vetorial, a transmissão oral se tornou o principal modo de infecção em muitas realidades sociais, contexto em que a subnotificação, especialmente da transmissão vetorial, ainda é expressiva. Formas menos frequentes, como a transmissão vertical e transfusional, continuam presentes, destacando a complexidade dos atuais padrões epidemiológicos da doença (Rocha *et al.*, 2022).

O público infantojuvenil padece com desafios relacionados ao diagnóstico e ao

tratamento da doença de Chagas, uma vez que a descoberta do adoecimento por essa enfermidade ainda é limitada, culminando por agravar a saúde dos doentes e reduzir as possibilidades de cura. Apesar de ser garantido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o tratamento tem enfrentado obstáculos, devido às fragilidades da rede de atenção, na qual o usuário, muitas vezes, não é informado sobre o fluxo a ser percorrido na busca pelos cuidados formais. Assim, entende-se que é importante destacar as estratégias para evitar o adoecimento e as complicações que essa enfermidade pode gerar (Carlier *et al.*, 2019).

Considerando a relevância do tema, objetivou-se analisar as evidências da literatura científica sobre estratégias para prevenir a doença de Chagas no público infantojuvenil.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, do tipo revisão narrativa da literatura, que emprega técnicas retrospectivas na busca por materiais relacionados a determinado tema. A coleta dos dados ocorreu na segunda semana de novembro de 2024, por meio do portal de pesquisa da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), considerando as bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE).

As buscas foram operacionalizadas com termos selecionados em português, sendo eles: um descritor exato (“Doença de Chagas”) e quatro termos alternativos (“Crianças”, “Adolescentes”, “Prevenção” e “Controle de Doenças”), cadastrados no site do vocabulário estruturado multilíngue Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), e duas palavras-chave que, embora não figurassem como termos alternativos no site dos DeCS, eram veiculadas na literatura (“Infantojuvenil” e “Medidas Preventivas”). Esses termos foram combinados com os operadores booleanos *AND* e *OR*, formando uma expressão, da seguinte maneira: ((“Crianças” *OR* “Adolescentes” *OR* “Infantojuvenil”) *AND* (“Prevenção” *OR* “Controle de Doenças” *OR* “Medidas Preventivas”) *AND* (“Doença de Chagas”)).

Os critérios de inclusão compreenderam artigos que atendessem ao objetivo deste estudo, publicados em periódicos científicos, entre janeiro de 2014 e outubro de 2024, e que estivessem disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês ou espanhol. Optou-se por excluir artigos duplicados e aqueles com acesso restrito (não gratuito).

Por ser uma revisão da literatura, este estudo não demandou aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Identificaram-se 143 artigos, dos quais 64 atendiam aos critérios de inclusão. Desses, foram excluídos seis por estarem duplicados ou terem acesso restrito, restando 58. Os títulos e resumos foram lidos, culminando na exclusão de 50, por não atenderem ao objetivo desta revisão, resultando em oito artigos na amostra final (Carlier *et al.*, 2019; Hurtado *et al.*, 2014; Mora-Criollo *et al.*, 2023; Moraes *et al.*, 2024; Moscatelli *et al.*, 2024; Murcia *et al.*, 2017; Ochoa-Diaz *et al.*, 2024; Yevstigneyeva *et al.*, 2014).

Os estudos investigaram estratégias para prevenir a transmissão vertical da doença de Chagas entre mulheres infectadas por *Trypanosoma cruzi*, além de abordagens específicas para o público infantojuvenil. Foram desenvolvidos na América do Sul, na América do Norte e na Europa, utilizando métodos descritivos, observacionais, experimentais, de coorte e de pesquisa bibliográfica.

Os tratamentos profiláticos com tripanocidas se destacaram na redução da transmissão vertical. Em revisão sistemática com meta-análise de estudos que incluíram o total de 744 crianças, nenhuma criança nascida de mães tratadas foi infectada, enquanto a taxa de

transmissão atingiu 13,2% entre mães não tratadas (Moraes *et al.*, 2024). Outro estudo, com 160 crianças, apresentou resultados semelhantes (Murcia *et al.*, 2017). Essas evidências reforçam a importância do tratamento profilático em idade reprodutiva para prevenir a transmissão vertical e promover a saúde reprodutiva.

A reação em cadeia da polimerase (do inglês *polymerase chain reaction* – PCR) emergiu como ferramenta diagnóstica essencial. Mulheres tratadas e que apresentaram resultados negativos de PCR não transmitiram a infecção, enquanto 18,8% das mulheres com PCR cujo resultado foi positivo transmitiram o parasita aos filhos (Murcia *et al.*, 2017). A Organização Mundial da Saúde recomenda triagem com PCR e tratamento profilático entre mulheres em idade fértil, que sejam provenientes de áreas endêmicas (Carlier *et al.*, 2019).

Nesse contexto, ações educativas e outras estratégias para sensibilizar a comunidade são fundamentais, sobretudo em áreas endêmicas. Em estudo realizado no Panamá, 69,2% dos participantes relataram pouco ou nenhum conhecimento sobre doença de Chagas, enquanto 93,0% estavam expostos a fatores de risco moderados ou altos (Hurtado *et al.*, 2014). Entre adolescentes no Equador, a falta de entendimento sobre a doença foi associada ao estigma e à dificuldade em adotar medidas preventivas (Mora-Criollo *et al.*, 2023). Programas educacionais lúdicos e interativos foram apontados como estratégias promissoras para melhorar o conhecimento e o engajamento das comunidades (Yevstigneyeva *et al.*, 2014).

Fatores ambientais e condições habitacionais precárias também contribuem para a transmissão. No Panamá, o vetor *Rhodnius pallescens* foi encontrado em 20,4% das residências, sobretudo com telhados de palha e paredes de madeira (Hurtado *et al.*, 2014). Portanto, melhorias estruturais nas habitações constituem parte essencial das estratégias preventivas.

A migração de pessoas infectadas expandiu a doença de Chagas para regiões não endêmicas, como América do Norte e Europa. Na Espanha, ações de triagem em mulheres latino-americanas identificaram casos de infecção pelo parasita, reforçando a necessidade de intervenções oportunas para prevenir a transmissão vertical (Murcia *et al.*, 2017).

Intervenções educativo-participativas se mostraram eficazes, com aumento significativo do conhecimento e da vigilância ativa após ações comunitárias (Moscatelli *et al.*, 2024). Dessa maneira, a combinação de tratamento profilático, triagem diagnóstica com PCR e programas educativos em áreas endêmicas emerge como estratégia integrada para mitigar a transmissão vertical, contexto em que as iniciativas para capacitar profissionais de saúde e melhorar condições de saneamento também são fundamentais (Ochoa-Diaz *et al.*, 2024).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as evidências apresentadas, entende-se que as estratégias para prevenir a transmissão vertical da doença de Chagas exigem abordagem integrada. Nesse sentido, o tratamento profilático com tripanocidas para mulheres em idade fértil é pertinente para eliminar ou reduzir o risco de transmissão vertical, enquanto o diagnóstico precoce por PCR permite intervenções mais assertivas ao identificar gestantes com maior potencial de transmissão.

Ressalta-se que campanhas educativas direcionadas à saúde de crianças e adolescentes, sobretudo em áreas endêmicas, são fundamentais para disseminar conhecimentos sobre a doença e as medidas preventivas. É importante controlar fatores ambientais, incluindo fatores habitacionais, que aumentem a exposição aos vetores, além de oportunizar espaços para discutir, com autoridades públicas, gestores, profissionais de saúde e população em geral, a expansão geográfica da doença, impulsionada pela migração de grupos humanos provenientes de regiões endêmicas para regiões não endêmicas.

Pesquisas futuras podem avaliar a eficácia dessas estratégias em diferentes contextos sociais e desenvolver intervenções culturalmente adequadas. Nesse sentido, tanto a capacitação contínua dos profissionais de saúde, quanto os investimentos em saneamento básico e em

projeto de pesquisa, são indispensáveis para sustentar as ações e controlar, efetivamente, a transmissão vertical da doença de Chagas.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, L. P. *et al.* Spatial distribution of Chagas disease and its correlation with health services. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, e03565, 2020.
- CARLIER, Y.; TORRENTINO, M.; CAMACHO, I. A.; BOURGES-ARAUJO, C.; ABAD-FRANCH, F. The global challenge of Chagas disease prevention. World Health Organization, 2019.
- HURTADO, L. A. *et al.* Knowledge and risk factors related to Chagas' disease in two Panamanian communities where *Rhodnius pallescens* is the main vector. **Biomedica**, v. 34, n. 2, p. 260-270, 2014.
- MORA-CRIOLLO, P. *et al.* A qualitative exploration of knowledge of Chagas disease among adolescents in rural Ecuador. **Rural and Remote Health**, v. 23, n. 1, 6796, 2023.
- MORAES, F. C. A. *et al.* Trypanocide treatment in women of reproductive age for the prevention of congenital chagas disease. **Public Health Journal**, 2023.
- MOSCATELLI, G. *et al.* Efficacy of short-course treatment for prevention of congenital transmission of Chagas disease: a retrospective cohort study. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 18, n. 1, e0011895, 2024.
- MURCIA, L. *et al.* Treatment of infected women of childbearing age prevents congenital *Trypanosoma cruzi* infection by eliminating the parasitemia detected by PCR. **The Journal of Infectious Diseases**, v. 215, p. 1452-1458, 2017.
- OCHOA-DIAZ, M. M. *et al.* Knowledge, attitudes and practices of Chagas a neglected tropical disease in rural communities of the Colombian Caribbean, CHAGCOV Study. **Acta Parasitologica**, v. 69, n. 2, p. 1148-1156, 2024.
- ROCHA, B. C. *et al.* Doença de chagas: itinerário terapêutico de crianças e/ou adolescentes. **Revista de APS**, v. 25, n. 3, p. 518-534, 2022.
- VERONESI, R.; FOCACCIA, R. **Tratado de infectologia**. 5. ed. São Paulo: Atheneu, 2015.
- YEVSTIGNEYEVA, O. *et al.* Chagas disease knowledge among children: a study in rural communities of Yucatan. **American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, v. 91, n. 6, p. 1234-1240, 2014.

I-PASS NA PEDIATRIA: RESULTADOS DE UMA IMPLEMENTAÇÃO EXITOSA PARA AUMENTAR A SEGURANÇA DO PACIENTE

Eduardo Martins Ferraz¹; Viviane Peixoto dos Santos Pennafort².

Mestrando em Gestão da Qualidade em Serviço de Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹; Docente do Programa de Gestão da Qualidade em Serviços de Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte².

dudumferraz@gmail.com

RESUMO

A comunicação eficaz é crucial para a segurança do paciente pediátrico, especialmente em situações de transições de cuidados, onde falhas podem gerar graves consequências. Este estudo avaliou a implementação da ferramenta *I-PASS*, que estrutura a comunicação em cinco etapas (Introdução, Problema, Avaliação, Plano e Segurança), em uma emergência pediátrica. A metodologia incluiu treinamento, adaptação da ferramenta ao contexto pediátrico, coleta de dados quantitativos e qualitativos, e análise dos resultados. A implementação resultou em uma redução de 35% nos erros clínicos, como diagnósticos equivocados e atrasos no tratamento, e 92% dos profissionais relataram melhoria na clareza das informações. Além disso, 87% perceberam maior coesão e confiança na equipe, destacando a eficácia do *I-PASS* na padronização da comunicação e na colaboração interdisciplinar. Ajustes específicos, como a inclusão de marcos de desenvolvimento infantil e adequação das dosagens terapêuticas, garantiram sua aplicação no contexto pediátrico. Embora alguns desafios tenham sido identificados, como a adaptação inicial, a ferramenta demonstrou grande potencial para melhorar a qualidade do atendimento e a segurança dos pacientes pediátricos. A pesquisa concluiu que o *I-PASS* é valioso e pode ser expandido para outras unidades, desde que acompanhado de treinamentos contínuos e ajustes regulares.

Palavras-chave: comunicação em saúde; pediatria; qualidade da assistência à saúde.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação eficaz entre profissionais de saúde é essencial para a segurança do paciente, particularmente em unidades pediátricas, em que as condições clínicas das crianças podem ser complexas e mudar rapidamente. A literatura existente tem destacado o impacto negativo das falhas de comunicação, especialmente durante as transições de cuidados, como nas trocas de turno ou mudanças de equipe, em que erros podem comprometer a qualidade do atendimento. Entretanto, as lacunas na aplicação da ferramenta *I-PASS* no contexto pediátrico são ainda pouco exploradas. A literatura atual não aborda de forma suficientemente aprofundada os desafios específicos encontrados em pediatria, como a diversidade de condições clínicas, o desenvolvimento e o crescimento das crianças, bem como a necessidade de uma comunicação altamente dinâmica e adaptável. A utilização do *I-PASS* em pediatria é desafiadora porque as condições clínicas podem evoluir rapidamente e as informações necessárias para o cuidado podem ser mais complexas e variadas do que em adultos, exigindo ajustes específicos na aplicação da ferramenta. O acrônimo *I-PASS* orienta os profissionais a compartilharem informações de forma clara e estruturada: I (Introdução), P (Problema), A (Avaliação), S (Plano) e S (Segurança). A utilização do *I-PASS* na pediatria tem mostrado grande potencial para reduzir erros e melhorar a segurança dos pacientes. Nesse contexto, a

implementação do *I-PASS* pode ser uma estratégia eficaz para superar essas barreiras, fornecendo uma estrutura padronizada que facilita a troca clara e completa de informações essenciais entre os membros da equipe. Este estudo, portanto, visa preencher essa lacuna, destacando como o *I-PASS* pode ser adaptado para o contexto pediátrico, avaliar sua eficácia e explorar os desafios e soluções encontradas durante sua implementação.

2 METODOLOGIA

A implementação do *I-PASS* foi realizada em um serviço de emergência pediátrica de médio porte, entre janeiro e julho de 2024. Quanto aos critérios de inclusão, optou-se pela amostra aleatória para a escolha dos participantes. Foram incluídos os profissionais de enfermagem, médicos, farmacêuticos e assistente social que prestam assistência à criança, visando envolver a equipe multidisciplinar. Quanto aos critérios de exclusão, foram excluídos do estudo, todos os profissionais que não estavam envolvidos com a transição do cuidado. A metodologia adotada integrou abordagens qualitativas e quantitativas, permitindo uma avaliação abrangente dos resultados. O processo de implementação foi estruturado em quatro etapas: 1) Planejamento e treinamento: A equipe foi sensibilizada sobre a importância da comunicação eficaz e treinada no uso do *I-PASS*. O treinamento envolveu apresentações, simulações de situações clínicas pediátricas e discussões sobre as melhores práticas para a aplicação do *I-PASS* em um contexto pediátrico, com ênfase em aspectos específicos como o acompanhamento do desenvolvimento e as necessidades clínicas das crianças. 2) Implementação e acompanhamento: A ferramenta foi integrada aos protocolos padrão de transição de cuidados, incluindo trocas de turno, transferências entre unidades e reuniões multidisciplinares. A equipe foi orientada a seguir as etapas do *I-PASS* de forma sistemática, registrando informações relevantes em formulários específicos. 3) Coleta de dados: Dados quantitativos sobre erros clínicos e eventos adversos foram coletados antes e após a implementação, com comparação entre os períodos de seis meses antes e depois da adoção do *I-PASS*. Além disso, questionários foram aplicados aos profissionais para avaliar a clareza das informações transmitidas e o impacto no trabalho em equipe. 4) Análise qualitativa: Entrevistas foram realizadas com os membros da equipe para explorar suas experiências com a ferramenta, os desafios encontrados e as melhorias observadas na comunicação. Também foi monitorada a adesão à ferramenta ao longo do tempo, com foco na sustentabilidade dos benefícios.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A implementação do *I-PASS* resultou em melhorias significativas na comunicação e na segurança do paciente na unidade pediátrica. Os principais resultados foram: Redução de erros clínicos: A taxa de erros clínicos e eventos adversos nas transições de cuidados diminuiu em 35% após a implementação do *I-PASS*, a exemplo dos erros de diagnóstico e atraso no tratamento, erros de medicação e terapêutica e erros de comunicação durante as transferências. A padronização da comunicação ajudou a reduzir omissões de informações cruciais, como diagnósticos, planos de tratamento e status de segurança do paciente. Melhoria na qualidade da comunicação: 92% dos profissionais relataram uma melhora na clareza das informações compartilhadas nas transições de turno. A estrutura do *I-PASS* assegurou que todos os aspectos importantes do cuidado pediátrico fossem abordados de forma sistemática, resultando em maior compreensão entre os membros da equipe. Impacto no trabalho em equipe: 87% dos participantes indicaram que o uso do *I-PASS* ajudou a melhorar a coesão da equipe e a confiança nas informações compartilhadas, criando um ambiente de trabalho mais eficiente e colaborativo. Feedback positivo: Cerca de 85% dos profissionais relataram que a ferramenta foi fácil de implementar e útil, especialmente em situações de alta complexidade. No entanto,

alguns profissionais destacaram a necessidade de ajustes na adaptação do acrônimo para atender melhor a contextos específicos, como o atendimento a crianças com necessidades clínicas complexas, sendo a adaptação do acrônimo *I-PASS* para o contexto pediátrico realizada de forma cuidadosa e inovadora, incorporando aspectos específicos do crescimento e desenvolvimento infantil. Por exemplo, na seção 'Problema', além de discutir o diagnóstico clínico, foram incluídos detalhes sobre o estágio de desenvolvimento da criança, como marcos de crescimento motor e cognitivo, que são fundamentais para a gestão pediátrica. Já na seção 'Plano', foram realizadas modificações para garantir que o plano de cuidado levasse em conta a variação das necessidades terapêuticas com base na faixa etária e nas características individuais de cada criança, como ajustes nas dosagens de medicamentos ou na necessidade de intervenções específicas. Durante o treinamento da equipe, foram usadas simulações clínicas que apresentaram cenários pediátricos dinâmicos, como a evolução rápida de condições respiratórias em recém-nascidos, o que permitiu aos profissionais adaptar o uso do *I-PASS* para um ambiente pediátrico de forma eficaz. A sustentabilidade do *I-PASS* será garantida por meio de sua adaptação contínua às mudanças nas necessidades dos cuidados pediátricos. Isso inclui revisões periódicas da ferramenta para incorporar novas diretrizes clínicas, mudanças no perfil dos pacientes pediátricos e avanços no cuidado interdisciplinar. Ajustes no treinamento também serão realizados para monitorar essas mudanças, garantindo que a ferramenta continue alinhada às melhores práticas e às necessidades específicas dos profissionais de saúde que utilizam o *I-PASS*. A implementação do *I-PASS* na pediatria mostrou-se altamente eficaz na melhoria da comunicação e segurança do paciente. A redução significativa nos erros clínicos e eventos adversos reforça a importância da comunicação estruturada, especialmente em contextos pediátricos, em que as condições podem evoluir rapidamente e exigem vigilância constante. A ferramenta garantiu que as informações críticas sobre o estado do paciente fossem transferidas de forma clara e completa entre os membros da equipe, facilitando o processo de tomada de decisão. A padronização da comunicação também contribuiu para a melhoria da colaboração entre os membros da equipe, criando um ambiente de maior confiança e eficiência. Desafios relacionados à adaptação da ferramenta ao contexto pediátrico foram superados por meio de ajustes, como a inclusão de informações sobre o crescimento e desenvolvimento das crianças, além de considerar as peculiaridades dos tratamentos especializados. A resistência inicial dos profissionais foi superada com treinamentos contínuos e evidências dos benefícios práticos do *I-PASS*, mas o acompanhamento da adesão e a necessidade de ajustes contínuos foram identificados como fatores importantes para garantir a sustentabilidade dos benefícios. A definição clara dos critérios de inclusão e a escolha dos participantes de forma aleatória, visando envolver toda a equipe multidisciplinar, foi crucial para a eficácia da implementação.

4 CONCLUSÃO

A implementação do *I-PASS* na emergência pediátrica se mostrou uma estratégia eficaz para melhorar a comunicação entre profissionais de saúde e aumentar a segurança dos pacientes. A padronização das trocas de informações contribuiu significativamente para a redução de erros clínicos, promovendo maior eficácia no trabalho em equipe e maior confiança durante as transições de cuidados. Embora tenha sido necessário ajustar a ferramenta para o contexto pediátrico, os resultados indicam que o *I-PASS* é uma ferramenta valiosa com grande potencial para ser implementada em outras unidades pediátricas, promovendo melhorias substanciais na qualidade do atendimento e na segurança do paciente. A continuidade do treinamento e o acompanhamento constante são essenciais para garantir a adesão sustentável e maximizar os benefícios da ferramenta. A pesquisa também destacou a necessidade de avaliar a sustentabilidade dos benefícios a longo prazo, considerando que a manutenção dos resultados depende da adaptação contínua da ferramenta às necessidades específicas de cada contexto.

REFERÊNCIAS

KUHN, L. et al. Improving pediatric safety through structured communication: A systematic review of I-PASS implementation. *Journal of Patient Safety*, v. 19, n. 4, p. 220-227, 2023.

AHUJA, S. et al. Enhancing communication and reducing medical errors in pediatric hospitals with I-PASS: A multi-center evaluation. *Pediatric Quality & Safety*, v. 9, n. 1, e20230038, 2024.

JOHNSON, J. K.; HARRISON, L. M.; GRAYSON, R. Melhorando a segurança do paciente em cuidados pediátricos por meio de ferramentas de comunicação padronizadas: um foco no I-PASS. *Pediatrics International*, v. 65, n. 4, p. 412–420, 2022.

DESAFIOS E CONSEQUÊNCIAS DA DEPRESSÃO NO COTIDIANO DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES

Ana Beatriz Silva Costa¹; Fernando da Silva Lima; Geyse Laine Flor Santana¹; Maria Paloma Dantas Silva¹; Danielle Samara Tavares de Oliveira Figueiredo²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira, docente do Curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande²

anabeatrizsilvacosta012@gmail.com

RESUMO

A depressão é uma das doenças mais prevalentes atualmente e acomete todos os ciclos vitais, inclusive, as crianças e os adolescentes. Assim, os profissionais de saúde devem estar atentos aos sinais e sintomas, desafios e consequências dessa doença nessa faixa etária. Essa produção objetiva apresentar os desafios, sinais e sintomas e efeitos da depressão na vida de crianças e adolescentes. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, efetuada nas bases de dados: LILACS e SciELO. Foram realizados os cruzamentos dos Descritores em Ciência e Saúde (DeCS): depressão; saúde infantil; saúde mental. Foram incluídos cinco estudos. Constatou-se que a depressão e suas consequências decorrem de fatores, como rendimento escolar baixo e maus-tratos, e que a equipe multidisciplinar, na realização da puericultura, deve identificar os sinais mais e menos expressivos, sejam a tristeza constante ou sinais de mutilação, a fim de possuir um diagnóstico precoce e uma recuperação efetiva. Portanto, é importante que sejam identificados quais são os sinais e sintomas, desafios e efeitos da depressão na vida das crianças e adolescentes, pois auxilia os profissionais de saúde a realizarem ações que identifiquem a doença discutida precocemente, com a finalidade de efetuar o tratamento e conseguir a recuperação o mais rápido possível.

Palavras-chave: depressão; saúde infantil; saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde, em 2018, estimou mais de 300 milhões de pessoas sofrendo de depressão. Essa doença é considerada uma das mais incapacitantes do mundo, o que é urgente, pois acomete indivíduos de distintas classes sociais, etnias e idades. Seu grande número de acometidos intriga a comunidade científica, em virtude de ser considerada a segunda doença mais recorrente na população mundial. A depressão tem como principal característica a tristeza ou o humor deprimido, e uma das suas consequências é o suicídio (BORGES; PACHECO, 2018; BRANDÃO JUNIOR; OLIVEIRA; TRIANI, 2023).

Além de adultos e idosos, a depressão pode acometer também crianças e adolescentes, o que prejudica seu cotidiano, por exemplo, na escola, além de impactar no desenvolvimento social. Alguns sintomas que esses indivíduos podem apresentar são: irritabilidade, hiperatividade, insônia, choro e picos de raiva. Esses indícios não somente comprometem e estão interligados diretamente à saúde mental, como também afetam a saúde física, já que ocorrem manifestações somáticas, levando a limitações nas atividades do dia a dia, principalmente, no ambiente escolar e em casa - ambientes mais frequentados por esse público (BAPTISTA; BORGES; SERPA, 2017; BRANDÃO JUNIOR; OLIVEIRA; TRIANI, 2023).

Ademais, a importância direcionada a esse tópico faz-se evidente no fato de que empecilhos de saúde mental influenciam negativamente no desenvolvimento infantil e estão relacionados a transtornos psicossociais na vida adulta, necessitando, com urgência, de intervenções para que tais problemas sejam sanados precocemente e não reverberem no futuro (ESSWEIN *et. al.*, 2021).

Portanto, são necessários estudos que busquem os sinais e sintomas, desafios e efeitos da depressão na vida das crianças e dos adolescentes, de forma a subsidiar intervenções e condutas aos profissionais de saúde que assistem esse público, sobretudo, na Atenção Primária a Saúde.

O objetivo deste estudo é apresentar os sinais e sintomas, desafios, e consequências da depressão na vida das crianças e adolescentes.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura operacionada por meio de cinco etapas: 1) construção da questão da pesquisa; 2) procura na literatura; 3) indicação dos trabalhos elegíveis; 4) investigação crítica das produções selecionadas; 5) apresentação dos resultados. (CROSSETTI, 2012)

A pergunta norteadora foi construída e firmou-se da seguinte forma: quais são os sinais e sintomas, desafios e os efeitos da depressão na vida de crianças e adolescentes?

Após isso, foi efetuada a procura nas bases de dados especializadas em saúde: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). As palavras-chave utilizadas nessa pesquisa foram obtidas nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo elas: “Depressão”, “Saúde Infantil” e “Saúde Mental”. Ademais, o operador booleano “AND” foi usado para realizar o pareamento dos termos. Os idiomas dos trabalhos encontrados foram: português e inglês. Na LILACS, foram encontrados 2.193 trabalhos, enquanto na SciELO foram quantificados 320. Referente à escolha dos estudos selecionados para esta análise, os critérios de inclusão foram: artigos originais, relatos de experiência e revisões da literatura. Já os critérios de exclusão foram: incoerência com a proposta da pesquisa e Monografias, TCCs e Livros, para fins de que a pesquisa seja a mais adequada possível, além de tentar moldar um conhecimento que ainda não foi destrinchado em outras produções que não sejam artigos ou resumos.

Logo, a seleção das pesquisas aconteceu, por início, a partir da leitura dos títulos e resumos dos trabalhos encontrados. Após observação e análise detalhada, foram escolhidos 5 trabalhos para a composição final desta produção.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os sinais e sintomas de depressão na infância e adolescência podem incluir a incapacidade de lidar com desafios acadêmicos, baixa autoestima, abuso físico, situação de maus tratos, pensamentos suicidas, desejo de isolamento e agressividade. Dessa forma, os profissionais de saúde, sobretudo, as equipes de saúde da família, possuem papel fundamental na detecção desses sinais e sintomas e na intervenção para solucionar esse cenário, com o intuito de amenizar os primeiros sintomas depressivos que podem ter como principal consequência o suicídio. Assim, esses indivíduos enfrentam desafios diários no meio social, visto que, muitas vezes, sofrem sozinhos sem compartilhar com os amigos e familiares mais próximos, cabe aos responsáveis estarem mais atentos a esses sinais apresentados com a finalidade de intervir precocemente e evitar maiores complicações. (SHEIBE; LUNA, 2023)

As crianças e os adolescentes que cometem suicídio podem possuir também, além da depressão transtornos de humor e problemas de adaptação social. Desse modo, é dever dos

responsáveis e profissionais de saúde observar os hábitos desses indivíduos, com o objetivo de evitar que pensamentos suicidas sejam de fato consumados, pois esse grupo apresenta um histórico de automutilação e tentativas de suicídio seguidas. Então, quando um familiar ou até mesmo alguém da equipe escolar ou de saúde perceber algum sinal de mutilação, é imprescindível que a ajuda psicológica seja acionada com agilidade para evitar riscos a vida da criança e do adolescente. Além disso, o histórico de automutilação não suicida está relacionado a uma maior probabilidade de tentativas de suicídio, por isso, essa intervenção precoce é fundamental para um ótimo prognóstico. Uma característica bastante pontuada como recorrente nos jovens atualmente foi constatada em pesquisas como danificadas e que podem gerar complicações, sendo elas a autoestima (26,54, em um padrão de 0-36) e o autoconceito (24,79, em um padrão de 0-32). Ambas, com os conceitos fragilizados, podem ser categorizadas como sintomas depressivos em crianças e adolescentes, em especial, em uma geração fragilizada e virtual (SOUZA *et al.*, 2019; BORGES; PACHECO, 2018).

Cabe salientar que a adolescência é a fase que o indivíduo passa por muitas mudanças e quando elas o atingem negativamente podem afetar o desenvolvimento socioemocional com sequelas que podem perdurar por toda a vida, sendo a depressão e a ansiedade uma delas. Foi verificado que a classe social possui grande relevância nesses transtornos, tendo em vista que essas desigualdades criam uma vulnerabilidade individual e familiar, sendo solo fértil para uma sequência de adversidade, porque o estresse financeiro e a luta pela sobrevivência torna-se uma ansiedade diária que pode causar um estresse contínuo chegando a um quadro de depressão (ANDRADE; AVANCE; OLIVEIRA, 2022).

Destaca-se que na APS as consultas de puericultura são essenciais para reconhecer as necessidades de cada criança e adolescente. A consulta realizada com um olhar crítico e sensibilizado é capaz de notar as particularidades e sinais da depressão, expondo a relevância de uma equipe multidisciplinar na unidade de saúde, pois o enfermeiro, ao perceber a necessidade do paciente juvenil, pode contar com o auxílio e atendimento especializado do psicólogo para intervir com presteza e evitar maiores complicações. Esse atendimento ágil pode salvá-los e diminuir os índices de quadros mais extremos de crianças e adolescentes. Dessa maneira, é indispensável a educação continuada dos profissionais de saúde para conseguir identificar essa vulnerabilidade de forma cada vez mais eficaz de modo a atenuar os malefícios dessa questão, como o isolamento social e pensamentos suicidas. (OLIVEIRA *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a depressão e uma das suas consequências mais extremas que é o suicídio são dois problemas latentes para as crianças e adolescentes e precisam, urgentemente, serem solucionados para que as sequelas individuais e coletivas destas possam ser evitadas e que esse grupo populacional que enfrenta essas dificuldades emocionais consiga viver com dignidade e com o devido apoio do Estado. Por conseguinte, é preciso que o acesso ao atendimento psicológico e psiquiátrico se torne mais acessível para todas as camadas sociais, sem distinção social, com o intuito de acompanhar constantemente esses pacientes e até mesmo os familiares que também sofrem com essa situação. Por outro lado, mesmo que haja intervenções do Estado e melhor atuação da equipe de Saúde da Família é indubitável que os profissionais de saúde mental pensem em novos caminhos para conseguir uma adesão significativa das crianças e adolescentes ao pedido de ajuda e também na continuidade do tratamento. Muitas vezes, um ambiente estressante e de difícil convívio desencadeia em crianças e adolescentes sintomas depressivos, como tristeza e picos de raiva, cabendo a Equipe de Estratégia de Saúde da Família desenvolver genogramas para que ações sejam produzidas e aplicadas. Reformular o cotidiano de uma família para melhorar o ambiente é

uma grande ferramenta para casos como esse. Além disso, o grupo escolar, especialmente, o professor, possui importante papel na identificação dos sintomas, visto que passam bastante tempo com os jovens cotidianamente, permitindo a observação constante. Assim, seria pertinente a realização de relatórios para entrega as famílias ou ao conselho tutelar. Desse jeito, os índices de suicídio e depressão entre essa parcela da população diminuirá gradativamente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. R. DE; AVANCI, J. Q.; OLIVEIRA, R. DE V. C. DE. Experiências adversas na infância, características sociodemográficas e sintomas de depressão em adolescentes de um município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 6, 2022.

BAPTISTA, M. N.; BORGES, L.; SERPA, A. L. DE O. Gender and Age-related Differences in Depressive Symptoms among Brazilian Children and Adolescents. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 27, n. 68, p. 290–297, dez. 2017.

BORGES, L.; PACHECO, J. T. B. Sintomas depressivos, autorregulação emocional e suporte familiar: um estudo com crianças e adolescentes. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 132, 7 out. 2018.

BRANDÃO JUNIOR, P. M. C.; OLIVEIRA, S. C. de; TRIANI, I. Contribuições psicanalíticas a uma revisão narrativa da depressão infantil. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 208-229, 2023.

CROSSETTI, M.G.O. Revisão integrativa de pesquisa na enfermagem o rigor científico que lhe é exigido [editorial]. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, n. 2, p. 8-9, jun. 2012.

ESSWEIN, G. C. *et al.* Ações em saúde mental infantil no contexto da Atenção Básica do Sistema Único de Saúde (SUS): uma revisão integrativa da literatura brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. suppl 2, p. 3765–3780, 2021.

OLIVEIRA, C. DE *et al.* Interconsultas entre enfermagem e psicologia na puericultura: uma experiência de fortalecimento da vigilância do desenvolvimento infantil. **Revista de APS (Online)**, v. 26, n. 1, p. 1-7, 2023.

SCHEIBE, S.; LUNA, I. J. Elaboração de diretrizes para atendimento hospitalar de tentativas de suicídio na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 3, p. 863–874, 6 mar. 2023.

SOUZA, A. L. P. DE *et al.* Characterization of suicidal behavior among children in a depressive episode: case series study. **Trends psychiatry psychother. (Impr.)**, v. 41, n. 4, p. 394–400, 2019.

ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ÀS CRIANÇAS E AOS ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Pedro Henrique Lessa de Oliveira¹; Juliano Policarpio Moura²; Sâmella Soares Oliveira Medeiros²; Suzan Kelly Macedo¹; Vitor Hugo Vigilato Leite¹; Lucélia Gonçalves Vieira³.

graduando em medicina pela Universidade Federal de Goiás¹, Graduando em medicina pelo Centro Universitário Alfredo Nasser², Docente da Universidade Federal de Goiás.

pedro.lessa@discente.ufg.br

RESUMO

A violência contra crianças e adolescentes representa um grande problema de saúde pública no Brasil, agravado por fatores demográficos e sociais. Este estudo investiga os efeitos da atenção psicossocial a jovens expostos à violência, analisando estratégias de atendimento, barreiras no cuidado, prevalência dos casos e políticas públicas. A metodologia consistiu em uma revisão integrativa da literatura, com artigos publicados entre 2019 e 2024, acessados na base de dados PUBMED. Foram selecionados 10 artigos para análise detalhada. Os resultados destacam os profundos impactos da violência física, psicológica e sexual na saúde física e mental das vítimas, como a negligência (65% dos casos), agressão física (25,8%) e psicológica/emocional (21,7%). A atenção psicossocial é importante para viabilizar a recuperação e o desenvolvimento saudável, oferecendo suporte emocional e terapêutico, além de integrar ações de saúde, educação e assistência social. A Estratégia Saúde da Família (ESF) é fundamental nesse contexto, permitindo a identificação precoce da violência e o acompanhamento perene das vítimas. O fortalecimento das redes de apoio e a implementação de políticas públicas são primordiais para garantir a proteção e o bem-estar dos jovens afetados.

Palavras-chave: intervenção; apoio emocional; vulnerabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a violência contra a população infantojuvenil representa uma grave realidade, impactando milhões de adolescentes em todo o mundo e constituindo um dos maiores desafios para os sistemas de saúde. No contexto brasileiro, essa situação é agravada por fatores demográficos, vulnerabilidades sociais e a deterioração das estruturas familiares, com a violência manifestando-se em ambientes familiares, escolares e comunitários. A atenção psicossocial, conceituada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma abordagem que integra apoio psicológico e social para atender às necessidades das populações vulneráveis, revela-se essencial para acolher esses jovens, oferecendo apoio psicológico e promovendo sua proteção integral, além de ajudar na superação dos efeitos da violência. Este trabalho tem como objetivo investigar os efeitos da atenção psicossocial a crianças e adolescentes expostos à violência, analisando as estratégias disponíveis para os profissionais de saúde, bem como os desafios enfrentados. Os objetivos específicos incluem a análise das barreiras no atendimento, a prevalência de casos de violência e o papel das políticas públicas na proteção desses jovens. Além disso, busca-se contribuir para a formação de redes de apoio que promovam a recuperação e o bem-estar das vítimas, assim como o desenvolvimento de práticas e políticas de intervenção para mitigar os danos causados pela violência.

2 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma análise aprofundada da literatura focada em artigos científicos divulgados em revistas de renome nacional e internacionalmente reconhecidas. Foram consultadas diversas fontes como artigos acadêmicos, teses, dissertações, bem como resumos de conferências científicas, garantindo a precisão das informações fornecidas. A pesquisa foi conduzida na plataforma PUBMED, com critérios de inclusão específicos que limitaram a seleção aos textos publicados entre os anos de 2019 e 2024, nos idiomas português, inglês ou espanhol e relacionados ao tema da violência contra crianças, adolescentes e suas respectivas famílias. Os descritores usados foram “Atenção”, “famílias”, “violência”, “crianças” e “adolescentes”. Estudos que não atenderam aos critérios estabelecidos - fora do período específico determinado, duplicados, não disponíveis na íntegra ou que não abordavam diretamente o assunto - foram excluídos da análise. Inicialmente foram encontrados 133 artigos relevantes dos quais apenas 10 satisfizeram os critérios estabelecidos para seleção e análise detalhada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A violência é considerada um problema de saúde pública devido ao seu impacto significativo na saúde física, mental e social das vítimas, especialmente crianças e adolescentes, podendo levar a consequências graves, como problemas de saúde mental, abuso de substâncias, dificuldades escolares e até mesmo morte prematura (Leite; Albuquerque, 2023). Nesse viés, Silva et al., (2023) relatam que as formas mais comuns de violência contra crianças incluíram subtração de incapazes, abandono de incapaz e estupro de vulnerável, enquanto homicídios, crimes contra a liberdade individual e sexual, e violência psicológica foram mais frequentes entre adolescentes. Além disso, relatam também que a violência doméstica com lesão corporal foi mais comum em meninas, enquanto lesões corporais graves, homicídios e constrangimento ilegal foram mais comuns em meninos. Diante disso, a atenção psicossocial a essa população em situação de violência deve considerar as desigualdades de acesso à saúde e os determinantes sociais que afetam essa população vulnerável, visto que, às crianças e adolescentes expostos à violência sofrem impactos profundos em sua saúde física e emocional.

A falta de acesso a serviços de saúde, educação e condições de vida adequadas agrava essas vulnerabilidades, tornando essencial a implementação de estratégias de cuidado que promovam a equidade e a dignidade no atendimento (Mondragón-Sánchez et al., 2022). Desse modo, além de ser necessário investir na identificação e qualificação de ações para enfrentar os efeitos psicossociais do racismo, a integração de ações psicossociais, como o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários e a oferta de suporte emocional e terapêutico, é crucial para amenizar os efeitos negativos da violência e promover o desenvolvimento saudável desses jovens.

A violência interpessoal não sexual, como negligência, agressão física e psicológica/emocional, tem impactos profundos na saúde e no bem-estar das crianças e adolescentes. O estudo de Campos et al. (2021) revelou que a negligência é a forma mais comum de violência, afetando 65% dos casos analisados. Essa forma de violência pode levar a deficiências no desenvolvimento físico e cognitivo, além de problemas emocionais graves. Nesse viés, a agressão física, presente em 25,8% dos casos, pode resultar em lesões físicas graves, como fraturas ósseas e hemorragias intracranianas, que exigem intervenções médicas imediatas. A agressão psicológica/emocional, que afeta 21,7% das vítimas, pode causar danos duradouros à saúde mental, incluindo ansiedade, depressão e dificuldades de relacionamento.

Ademais, esses tipos de violência são frequentemente diagnosticados em crianças e adolescentes atendidos em serviços de emergência, destacando a necessidade de uma abordagem integrada para identificar e tratar os efeitos adversos da violência na saúde

pediátrica. Destarte, a atenção psicossocial desempenha um papel crucial na identificação precoce desses casos e na oferta de intervenções que promovam a recuperação e o desenvolvimento saudável dos jovens afetados pela violência.

A violência sexual contra crianças e adolescentes, conforme analisado no estudo de Miranda et al. (2020), revela uma prevalência significativa e fatores associados que destacam a vulnerabilidade dessa população. A atenção psicossocial é crucial para abordar os impactos profundos dessa forma de violência. Crianças e adolescentes vítimas de violência sexual frequentemente enfrentam traumas físicos e emocionais que podem afetar seu desenvolvimento a longo prazo (Broseguini; Iglesias, 2020). A atenção psicossocial oferece suporte emocional e terapêutico, ajudando a mitigar os efeitos negativos da violência e promovendo a recuperação e o bem-estar das vítimas.

Além disso, a integração de serviços de saúde, educação e assistência social é essencial para garantir um atendimento integral e contínuo, tendo em vista que a Atenção Primária à Saúde (APS), através da Estratégia Saúde da Família (ESF), tem a capacidade de atuar diretamente nas comunidades, estabelecendo vínculos com as famílias e realizando visitas domiciliares e isso permite que os profissionais de saúde identifiquem sinais de violência de forma mais eficaz e ofereçam suporte contínuo às vítimas. Outrossim, Ribeiro et al. (2022) concluem que Conselheiros Tutelares, profissionais que atendem crianças e adolescentes com direitos violados ou ameaçados, necessitam de treinamento e apoio de outros setores, como saúde, educação, segurança pública e assistência social, para atender integralmente os casos de violência.

Nesse sentido, Barbosa et al. (2020) consideram a escuta clínica um dispositivo central nos cuidados em saúde mental, favorecendo a reflexão sobre os dinamismos biopsíquicos do cuidado. A atuação da rede de proteção deve assegurar os direitos das crianças e adolescentes em situação de violência, por meio de um cuidado articulado e integrado, visando à mudança de atitudes e à quebra do ciclo da violência (Melo et al., 2020). A atenção psicossocial, portanto, desempenha um papel fundamental na proteção e promoção dos direitos das crianças, garantindo que recebam o suporte necessário para superar os traumas da violência sexual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atenção psicossocial às crianças e adolescentes em situação de violência é um desafio crítico nas sociedades contemporâneas. Este estudo evidenciou a gravidade da violência contra essa população vulnerável, destacando seu impacto prejudicial na saúde física, mental e no desenvolvimento social e emocional.

Os dados revelaram a alta prevalência de violência interpessoal, como negligência e agressão, evidenciando a urgência de abordagens que identifiquem precocemente os efeitos adversos da violência. A atenção psicossocial às crianças e adolescentes em situação de violência é um desafio crítico nas sociedades contemporâneas, com impactos significativos na saúde física, mental e no desenvolvimento social e emocional. É essencial capacitar profissionais para identificar e manejar casos de violência, criar serviços de apoio psicológico nas escolas e realizar campanhas de conscientização que promovam redes de suporte comunitário. A criação de centros de acolhimento e reabilitação para vítimas, além do desenvolvimento de políticas de proteção integral, é fundamental para garantir ambientes seguros para o crescimento das crianças e adolescentes. No entanto, é importante reconhecer que este estudo possui limitações e que mais pesquisas são necessárias para fornecer referências atualizadas sobre o tema. Encarar essa problemática com seriedade e compaixão é crucial para assegurar um futuro mais justo e saudável para essa população vulnerável.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, C. L.; LYKOUROPOULOS, C. B.; MENDES, V. L. F.; SOUZA, L. A. P. Escuta clínica, profissionais de saúde mental e fonoaudiologia: experiência no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij). **Codas**, São Paulo, v. 32, n. 6, e20190201, 15 jan. 2021. DOI: 10.1590/2317-1782/20202019201.

BROSEGUINI, G. B.; IGLESIAS, A. Uma revisão integrativa das redes de atenção a adolescentes vítimas de violência sexual. **Cien Saude Colet.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 12, p. 4991-5002, dez. 2020. DOI: 10.1590/1413-812320202512.19282018. Epub 17 abr. 2019.

CÂNDIDO, B. P.; BARROS, S.; RÉGIO, L.; BALLAN, C; et al. A questão raça/cor no processo de cuidado em um centro de atenção psicossocial infantojuvenil. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 56, e20210363, 14 mar. 2022. DOI: 10.1590/1980-220X-REEUSP-2021-0363.

CAMPOS, R. T.; MARTINIANO, L. V. M.; LÍRIO, A. K. S.; SOUZA, K; et al. Violência não sexual contra crianças e adolescentes: um estudo em um hospital universitário e terciário da América Latina. **Rev Paul Pediatr.**, São Paulo, v. 40, e2021101, 6 mai. 2022. DOI: 10.1590/1984-0462/2022/40/2021101IN.

LEITE, J. C. S.; ALBUQUERQUE, G. A. A Estratégia Saúde da Família e o enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes: revisão integrativa. **Cien Saude Colet.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 11, p. 3247-3258, nov. 2023. DOI: 10.1590/1413-812320232811.09662021.

MELO, R. A.; ROQUE, E. M. S. T.; FREITAS, L. A.; CARLOS, D. M; et al. Rede de proteção no atendimento a crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violência. **Rev Gaucha Enferm.**, Porto Alegre, v. 41, e20190380, 2020. DOI: 10.1590/1983-1447.2020.20190380.

MIRANDA, M. H. H.; FERNANDES, F. E. C. V.; MELO, R. A.; MEIRELES, R. C. Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma análise de prevalência e fatores associados. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 54, e03633, 6 nov. 2020. DOI:10.1590/S1980-220X2019013303633.

MONDRAGÓN-SÁNCHEZ, E. J.; PINHEIRO, P. N. D. C.; BARBOSA, L. P. Desigualdades em saúde entre adolescentes sem-teto. **Rev Lat Am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 30, spe, e3756, 7 nov. 2022. DOI: 10.1590/1518-8345.6250.3756.

RIBEIRO, A. C.; PEDROSO, F. I.; ARBOIT, J.; HONNEF, F; et al. Enfrentamento de situações de violência contra crianças e adolescentes na perspectiva de Conselheiros Tutelares . **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 56, e20220322, 28 nov. 2022. DOI: 10.1590/1980-220X-REEUSP-2022-0322en.

SILVA, D. P. A. D.; RIBEIRO, M. R. C.; BRANCO, M. D. R. F. C.; MARQUES, M. T. S; et al. Mortes, crimes e violências não tipificados como crime entre crianças e adolescentes no Maranhão, Brazil (2014 to 2020). **Cien Saude Colet.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 421-435, fev. 2023. DOI:10.1590/1413-81232023282.08342022.

OCORRÊNCIA DE DOENÇAS PARASITÁRIAS EM CRIANÇAS NO BRASIL

Ana Beatriz Silva Costa¹; Geyselaine Flor Santana¹; Fernando da Silva Lima¹; Maria Paloma Dantas Silva¹; Janaracy Lima da Costa Marinho²

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Farmacêutica, Mestranda em Ciências Naturais e Biotecnologia pela Universidade Federal de Campina Grande²

anabeatrizsilvacosta012@gmail.com

RESUMO

As doenças parasitárias são um problema de saúde pública e sua prevalência é latente em países subdesenvolvidos. Assim, observa-se que o Estado não possui um olhar sensibilizado para as comunidades carentes do país. O objetivo dessa pesquisa é apontar os cenários em que as parasitoses são mais atuantes e como afetam a saúde das crianças. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, efetuada nas bases de dados LILACS e SciELO, na linha temporal de 2017 a 2024, nos idiomas português e inglês. Para tanto, realizou-se o cruzamento dos Descritores em Ciência e Saúde (DeCS): Doenças parasitárias; Criança; Desigualdade social. Foram selecionados 5 artigos para realização deste trabalho. Observou-se que as crianças de comunidades carentes são as mais afetadas por parasitoses, principalmente pelas enteroparasitoses, o que pode ser justificado pelos hábitos de higiene escassos, como também pelo sistema imunológico em fase de desenvolvimento. Ademais, a ausência de saneamento básico é um dos protagonistas para prevalência das enteroparasitoses nas comunidades carentes. Urge que o Estado realize campanhas de educação em saúde com o Ministério da Saúde nesses locais mais atingidos, visando diminuir essas infecções. Ademais, é necessário que o direito ao saneamento básico atinja, de fato, toda a população brasileira.

Palavras-chave: doenças parasitárias; criança; desigualdade social.

1 INTRODUÇÃO

As doenças parasitárias são disseminadas por todo o globo, porém sua prevalência é marcante em países subdesenvolvidos e em comunidades carentes, visto que sua dispersão está associada à falta de informações acerca da sua transmissão. Desse modo, onde há ausência de água tratada, saneamento básico e coleta de lixo, a frequência de parasitoses, em especial as enteroparasitoses é ainda maior. Diante deste cenário, as crianças fazem parte de um grupo mais vulnerável em razão da escassez nos hábitos de higiene pessoal. Além disso, o sistema imunológico desses indivíduos não está totalmente desenvolvido, pois precisam entrar em contato com uma variedade de antígenos ao longo da vida, além de serem imunizados com vacinas para esse sistema conseguir desenvolver-se melhor e, assim, ocorrer a construção de uma biblioteca de defesas. (Fonseca; Barbosa; Ferreira, 2017)

O Brasil possui um território de dimensões continentais. Deste modo, infelizmente, o país sofre com as mazelas da desigualdade social. Sob esse viés, os assentamentos informais caracterizam-se por uma alta densidade populacional, precariedade habitacional, déficit de acesso à água para consumo humano e saneamento básico insuficiente para abranger todos os habitantes dessas regiões. Dentre estas características, a carência de água potável é um dos maiores impasses em razão das suas implicações na saúde dos habitantes, especialmente crianças, que consomem a água contaminada com parasitas devido à escassez do saneamento

básico que implica na contaminação das águas e estes indivíduos adquirem enteroparasitoses que podem causar diversos danos à saúde, como a desidratação. As doenças parasitárias podem causar quadros graves de desnutrição marcados pela presença de diarreias frequentes que, aliado a falta de acesso ao serviço de saúde, problema comum em comunidades carentes, podem levar o indivíduo à morte, processo mais rápido quando em crianças, além da falta de acesso a hospitais, já que eles não abrangem algumas comunidades. Assim, quando o Estado é omissor na garantia de saneamento básico e acesso à água potável nas favelas, que é uma área bastante afetada por parasitas, ele está contribuindo para mortalidade infantil, pois as crianças são mais vulneráveis a esses microrganismos. Por conseguinte, esse cenário pode ser evitado se as populações tivessem saneamento apropriado, acesso à água potável e uma higiene adequada (Arruda; Heller, 2021).

Além disso, a educação em saúde é escassa nos países subdesenvolvidos. Em razão disso, a falta de informações a respeito de como deve-se prevenir essas parasitoses e tratá-las acarreta em uma maior transmissão dos parasitas tornando-se um círculo vicioso problemático na saúde pública. Visto isso, a contaminação por enteroparasitas, por exemplo, sofreria uma redução exponencial se a higienização das mãos e alimentos fossem feitas de maneira adequada, ou seja, lavagem de frutas e verduras com material adequado e lavagem das mãos com água e sabão. Logo, ainda que pareça simples, essa informação não alcança toda população além da escassez desse material (Virgílio et al., 202).

Portanto, esse trabalho visa demonstrar os impactos das doenças parasitárias em crianças com o intuito de demonstrar seus malefícios e possíveis soluções para amenizar esse cenário.

2 METODOLOGIA

Esta produção trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica. Para a coleta de dados foram utilizadas as seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). As palavras-chave utilizadas nesse trabalho foram obtidas nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Doenças parasitárias; Criança; Desigualdade social. Essas palavras foram utilizadas para procura de produções científicas com o pareamento booleano “AND”, que se realizou da seguinte forma: “Doenças parasitárias” AND “Crianças”; “Doenças parasitárias AND “Desigualdade social”; “Crianças” AND “Desigualdade Social” e os três simultaneamente. Portanto, foram identificadas 1.607 produções no total e excluídos 1.602. Foram deletados, teses, dissertações, editoriais e revisões. Após a análise cautelosa dos resumos e métodos, foram selecionados 5 artigos para produção dessa pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre 2010 e 2017, as doenças infecciosas e parasitárias foram mapeadas no Brasil. Conforme a pesquisa, foi constatada uma elevada criticidade para essas enfermidades em 40,5% dos municípios brasileiros, sendo as regiões Norte, Nordeste e o Centro-Oeste as protagonistas de tal cenário. Foi constatada que a maior frequência de parasitoses presentes no intestino foi encontrada em indivíduos com menor renda, crianças do sexo masculino e com menor escolaridade, evidenciando mais uma vez o enfoque dessas enfermidades na faixa etária citada. As parasitoses são consideradas urgentes, principalmente para essa parcela da população, pois geram graves prejuízos para os pequenos, como anemia e desnutrição, o que influencia no crescimento físico e rendimento escolar, além de permitir que altas taxas de mortalidade infantil aconteçam (Coelho et al., 2024; Alves et al., 2021).

As parasitoses intestinais mais recorrentes no país que prejudicam crianças são a

giardiase, amebíase, ascaridíase, enterobíase e tricuriase. Em razão da convivência existente no ambiente escolar e em demais cenários, a faixa etária discutida torna-se mais exposta e vulnerável aos agentes etiológicos e, por consequência, mais possibilitados a terem seus agravos fortes. De maneira mais específica, os bebês que necessitam ficar em creches durante a semana são aqueles que detêm mais chances de adquirirem essas doenças, já que se alimentam e são cuidados nesses locais, o que comprova que os cuidadores precisam ser os mais higiênicos possíveis. Como consequência de todos os fatos, a internação hospitalar, principalmente das crianças afetadas, torna o cotidiano ainda mais inquietante, dado que muitos visualizam esse contexto com bastante temor e angústia, tanto decorrente da gravidade da doença quanto do cenário observado nos hospitais, que resulta em medo (Alves et al., 2021; Ribeiro *et al.*, 2021).

Portanto, é importante identificar quais são as razões pelas quais as parasitoses ainda são recorrentes, principalmente em jovens, e quais são as soluções que podem ser aplicadas. Grandes exemplos são o desenvolvimento de políticas públicas que visem oferecer à população medidas profiláticas, como melhorar as condições de trabalho, saneamento básico e água potável, além da educação em saúde ser condutora para o manejo desses aperfeiçoamentos, em complemento com a oferta de capacitações para os profissionais educadores em saúde, a fim de compartilhar um conhecimento teórico e científico. Por fim, é relevante que os locais em que mais ocorrem as disseminações dos parasitas sejam explorados e estudados, com a finalidade de notificar as autoridades e desenvolver ações e programas que ajudem a reduzir os fatores de risco encontrados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, evidencia-se a importância que medidas preventivas contra as parasitoses desempenham para a manutenção da saúde pública, em especial referente às crianças, tendo em vista que são doenças que podem ser evitadas se houver comprometimento da equipe de saúde no auxílio da população quanto à conscientização e acionar as autoridades para que sejam desenvolvidos projetos para a melhora do saneamento básico dos locais em que esse conjunto de serviços ainda é escasso. Conforme a pesquisa foi sendo desenvolvida, também foram observados quais são os parasitas mais assíduos e dados sobre os estados mais acometidos do Brasil. Portanto, a manutenção das doenças parasitárias deve ser realizada o mais urgentemente, para que menos jovens sejam acometidos e prejudicados perante doenças que os tornam vulneráveis a condições graves e com a finalidade de reduzir drasticamente o número de mortalidade infantil.

REFERÊNCIAS

ALVES, S. S. *et al.* Infecções parasitárias intestinais em crianças e adolescentes na comunidade: aspectos socioeconômicos e higiênico-sanitários. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 20, n. 4, p. 624–630, 11 fev. 2022.

ARRUDA, A. E.; HELLER, L. Acesso à água e esgotos em ocupação urbana na Região Metropolitana de Belo Horizonte: efeitos na saúde, qualidade de vida e relações de gênero. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, n. 2, p. 1-21, 2022.

CARVALHO, L. H. *et al.* Perfil epidemiológico das enteroparasitoses em pré-escolares e escolares da rede municipal de ensino de Sinop – MT. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 55, n. 2, p. 1-7, 6 jul. 2022.

COELHO, L. S. et al. Condições socioeconômicas das pessoas acometidas por parasitoses no Brasil: uma revisão integrativa. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 13, n. 1, p.1-16, 2024.

FONSECA, R. E. P. DA; BARBOSA, M. C. R.; FERREIRA, B. R. High prevalence of enteroparasites in children from Ribeirão Preto, São Paulo, Brazil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 3, p. 566–571, jun. 2017.

PEDRAZA, D. F. Hospitalização por doenças infecciosas, parasitismo e evolução nutricional de crianças atendidas em creches públicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 12, p. 4105-4114, 2017.

RIBEIRO, C. D. S. et al. Revisão integrativa sobre doenças parasitárias em crianças de creches brasileiras. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 25, n. 3, p. 1-10, 25 out. 2021.

VIRGILIO, L. R. et al. Enteroparasitoses em uma região da Amazônia ocidental. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 22, n. 1, p. 90–97, 22 jun. 2023.

ABORDAGEM E MANEJO INICIAL DA BRONQUIOLITE VIRAL AGUDA EM LACTENTES NO PRONTO-SOCORRO PEDIÁTRICO

Maria Clara Ferreira Santos Nascimento¹; Valesca Dória de Azevedo Fontes²

Graduando em medicina pela Universidade Tiradentes¹, Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe²

maria.nascimento05@souunit.com.br

RESUMO

A bronquiolite viral aguda (BVA) é uma das principais causas de hospitalização em lactentes, sendo causada, em sua maioria, pelo vírus sincicial respiratório (VSR). A condição afeta predominantemente crianças menores de dois anos e é caracterizada por sintomas como rinorreia, tosse, taquipneia e sibilos. O diagnóstico é majoritariamente clínico, sem necessidade de exames laboratoriais ou radiológicos rotineiros, exceto em casos graves ou com evolução atípica. O manejo inicial da BVA em serviços de urgência pediátrica envolve principalmente medidas de suporte, como oxigenoterapia e hidratação, especialmente em casos com dificuldades respiratórias ou alimentação insuficiente. Estudos indicam que intervenções como o uso de broncodilatadores, corticosteroides e antibióticos são ineficazes e desaconselhados, devido à falta de benefícios clínicos significativos. Além disso, a implementação de protocolos padronizados é essencial para garantir a consistência no manejo e a redução de internações desnecessárias, além de melhorar os resultados clínicos. A capacitação contínua dos profissionais de saúde e a adoção de práticas baseadas em evidências são fundamentais para a eficiência do cuidado, minimizando riscos e custos associados ao tratamento.

Palavras-chave: Bronquiolite; Manejo Pediátrico; Virus Sincicial Respiratório.

1 INTRODUÇÃO

A bronquiolite viral aguda (BVA) é a principal causa de infecções respiratórias em lactentes, sendo frequentemente associada ao vírus sincicial respiratório (VSR). A cada ano, milhões de crianças menores de dois anos são afetadas mundialmente, com taxas de hospitalização significativas em bebês menores de seis meses. O impacto do VSR é ainda mais relevante em populações de risco, como prematuros, crianças com cardiopatias congênitas ou doenças pulmonares crônicas (CDC, 2024).

Clinicamente, a bronquiolite se caracteriza por sintomas como rinorreia, tosse, taquipneia, retrações costais e sibilos. O diagnóstico é clínico e não recomenda o uso rotineiro de exames laboratoriais ou de imagem. Esses procedimentos são reservados para casos graves ou para exclusão de diagnósticos diferenciais, como pneumonia (CDC, 2024).

O manejo inicial concentra-se em estratégias de suporte. A oxigenoterapia é indicada para saturações abaixo de 90%, enquanto a hidratação pode ser necessária em casos de dificuldade alimentar associada ao esforço respiratório. Estudos recentes contraindicam o uso de corticosteroides, broncodilatadores ou antibióticos, pois não demonstraram benefícios clínicos relevantes. Essas intervenções, quando aplicadas de forma inadequada, aumentam o custo e o risco de eventos adversos sem melhorar os desfechos (NICE, 2021).

Apesar de ser autolimitada na maioria dos casos, a BVA pode evoluir para insuficiência respiratória, especialmente em crianças com comorbidades. Assim, a implementação de protocolos baseados em evidências no pronto-socorro pediátrico é fundamental para reduzir morbidade e prevenir complicações desnecessárias, alinhando-se às diretrizes globais mais

recentes (NICE, 2021).

2 METODOLOGIA

Este estudo foi conduzido como uma revisão narrativa baseada na literatura científica, focando no manejo inicial da bronquiolite viral aguda (BVA) em lactentes atendidos em serviços de urgência pediátrica. A pesquisa foi realizada em bases de dados eletrônicas, incluindo PubMed, Scopus e Google Scholar, abrangendo publicações entre 2019 e 2024. Foram incluídos artigos originais, revisões sistemáticas e diretrizes clínicas de entidades reconhecidas, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Academia Americana de Pediatria (AAP).

Os critérios de inclusão compreenderam estudos que abordaram estratégias de diagnóstico, manejo clínico e intervenções baseadas em evidências para BVA em crianças menores de dois anos. Foram excluídos artigos com enfoque exclusivo em tratamentos experimentais ou relacionados a populações adultas. A seleção dos artigos foi realizada por dois revisores independentes, seguindo critérios predefinidos de relevância e qualidade metodológica.

A análise foi organizada em três eixos principais: (1) abordagens diagnósticas, enfatizando práticas baseadas em sintomas clínicos; (2) manejo inicial, destacando intervenções como oxigenoterapia e hidratação; e (3) exclusão de terapias não recomendadas, como broncodilatadores e corticosteroides. As informações foram sintetizadas e confrontadas com as diretrizes internacionais mais recentes para garantir consistência e validade científica.

3 EVIDÊNCIAS CLÍNICAS E ESTRATÉGIAS DE MANEJO NA BRONQUIOLITE VIRAL AGUDA

A revisão evidenciou que a abordagem inicial da bronquiolite viral aguda (BVA) deve ser centrada em intervenções de suporte, de acordo com diretrizes recentes. A oxigenoterapia, indicada para crianças com saturação de oxigênio abaixo de 90%, demonstrou eficácia na redução de episódios de hipoxemia e melhora da ventilação alveolar. Estudos destacaram que o uso de dispositivos não invasivos, como cateter nasal ou máscara, é preferível ao uso rotineiro de ventilação invasiva, exceto em casos graves de insuficiência respiratória.

A hidratação adequada também foi ressaltada como uma das estratégias essenciais para o manejo de BVA, especialmente em crianças com ingestão reduzida de líquidos devido ao esforço respiratório. Lactentes em quadros mais severos apresentaram melhores desfechos com reposição hídrica por via intravenosa, reforçando sua importância em cenários clínicos específicos.

No campo das intervenções farmacológicas, revisões sistemáticas confirmaram a falta de benefício clínico no uso rotineiro de broncodilatadores, corticosteroides ou antibióticos na maioria dos casos de BVA. Tais intervenções foram associadas a custos desnecessários e riscos de eventos adversos, sem impacto significativo na duração ou gravidade da doença. Por outro lado, a higiene nasal e a aspiração leve mostraram-se úteis para aliviar sintomas obstrutivos das vias aéreas superiores.

A análise revelou também a importância do diagnóstico diferencial na avaliação inicial. Exames complementares, como radiografias de tórax e hemogramas, devem ser solicitados somente em cenários de piora clínica ou ausência de melhora após intervenções iniciais. Isso

minimiza a exposição a radiação desnecessária e o diagnóstico equivocado de pneumonia bacteriana, que poderia levar a intervenções inadequadas.

Discussões recentes enfatizaram que protocolos padronizados baseados em evidências são cruciais para uniformizar o manejo da BVA em diferentes instituições. Estudos destacaram que hospitais com protocolos bem estabelecidos apresentaram menor taxa de internações desnecessárias, otimização dos recursos disponíveis e redução de complicações. A adesão a diretrizes como as da Academia Americana de Pediatria (AAP) e do National Institute for Health and Care Excellence (NICE) garante um manejo seguro e eficaz, mesmo em serviços de saúde com limitações estruturais.

Esses resultados reforçam a necessidade de contínua atualização dos profissionais de saúde e de programas de educação médica focados em urgências pediátricas. A capacitação melhora a adesão às práticas baseadas em evidências, promove o uso racional de recursos e reduz a sobrecarga dos serviços hospitalares.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A bronquiolite viral aguda (BVA) permanece como uma das principais causas de hospitalização em lactentes, sendo sua gestão crucial para a redução da morbidade e mortalidade associada à condição. A partir da análise da literatura atual, ficou claro que o manejo inicial deve ser focado em intervenções de suporte, como oxigenoterapia e hidratação, enquanto o uso de medicamentos como broncodilatadores, corticosteroides e antibióticos devem ser evitado, uma vez que não há evidências que comprovem sua eficácia no tratamento da BVA.

A importância do diagnóstico clínico e da exclusão de outras condições respiratórias graves, como pneumonia, foi destacada em várias diretrizes, enfatizando a necessidade de um manejo diferenciado para cada caso. O uso de exames complementares deve ser restrito, e a decisão de internar ou monitorar os pacientes deve ser cuidadosamente ponderada, levando em consideração os fatores de risco e a evolução clínica da criança.

Por fim, é fundamental a implementação de protocolos baseados em evidências no manejo da bronquiolite, visando padronizar os cuidados e melhorar os resultados clínicos. A educação contínua dos profissionais de saúde e a atualização constante nas práticas pediátricas são essenciais para garantir um atendimento de qualidade, reduzindo complicações e custos desnecessários, e melhorando a eficácia dos cuidados prestados aos lactentes.

REFERÊNCIAS

CDC - Centers for Disease Control and Prevention. *Respiratory Syncytial Virus (RSV) in Infants and Young Children.* Disponível em: <https://www.cdc.gov/rsv/downloads/RSV-in-Infants-and-Young-Children.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2024.

NIAID - National Institute of Allergy and Infectious Diseases. *Respiratory Syncytial Virus (RSV) Overview.* Disponível em: <https://www.niaid.nih.gov/diseases-conditions/respiratory-syncytial-virus>. Acesso em: 29 nov. 2024.

NICE - National Institute for Health and Care Excellence.
Bronchiolitis in Children: Diagnosis and Management. NICE Pathways. 2021. Disponível em:
<https://www.nice.org.uk/guidance/ng9>. Acesso em: 29 nov. 2024.

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS (AAP).
Clinical Practice Guideline: The Diagnosis, Management, and Prevention of Bronchiolitis.
Pediatrics, v. 134, n. 5, p. e1474–e1502, 2014. Disponível em:
<https://publications.aap.org/pediatrics/article/134/5/e1474/35247/Clinical-Practice-Guideline-The-Diagnosis-Management>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CDC - Centers for Disease Control and Prevention.
Outpatient Clinical Care for Pediatric Populations. Disponível em:
<https://www.cdc.gov/antibiotic-use/community/pediatric-prescribing.html>. Acesso em: 29 nov. 2024.

IMPACTO DAS TELAS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Maria Paloma Dantas Silva¹; Ana Beatriz Silva Costa¹; Fernando da Silva Lima¹; Geyselaine Flor Santana¹; Celina Laura Silva Oliveira².

Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹, Enfermeira, Especialista em Saúde Pública².

paloma.dantas@estudante.ufcg.edu.br

RESUMO

O uso das tecnologias por crianças e adolescentes vêm aumentando e essa exposição a telas está sendo muito precoce. Assim, há vários estudos sobre a influência negativa dessa exposição no desenvolvimento cerebral de crianças e adolescentes. O objetivo dessa pesquisa é demonstrar os malefícios do uso precoce e prolongado das telas no desenvolvimento cerebral das crianças e adolescentes. É uma revisão integrativa da literatura, efetuada nas bases de dados: LILACS, PubMed e SciELO. As palavras-chave utilizadas nessa pesquisa foram obtidas nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo elas: “Jovens”, “Tecnologia” e “Impacto Psicossocial”. Os idiomas dos trabalhos são: português, inglês e espanhol. Observou-se que a infância é um dos momentos mais cruciais para o desenvolvimento do SNC, esses indivíduos precisam ser estimulados para adquirir novas habilidades e formar novas organizações sinápticas. No entanto, com o maior acesso a telas esse desenvolvimento é prejudicado devido aos hiperestímulos e pode acarretar em alguns problemas de saúde, como o sedentarismo e problemas psicológicos. Portanto, é fundamental que os responsáveis por esses indivíduos estejam atentos para o período em que estão expostos as telas e encontrem um equilíbrio entre o uso das telas e a vivência em comunidade explorando o ambiente ao movimentar-se.

Palavras-chave: Jovens; Tecnologia; Impacto Psicossocial.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, é indiscutível a influência que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) exercem na sociedade, no que diz respeito às relações interpessoais e a forma como os seres humanos se relacionam uns com os outros. Dentre os seus pontos positivos, apresenta-se o mais relevante: conectar pessoas de distintos lugares de maneira imediata, compartilhando informações e estabelecendo contatos. Entretanto, não são somente benefícios que esses dispositivos trazem. Estudos foram realizados com o objetivo de desvendar o poder que as novas tecnologias realizam sobre o desenvolvimento da identidade, qualidade de vínculos e nos processos psíquicos na adolescência, já que os jovens são tendenciosos quanto a sua forma de pensar, sentir e agir conforme dita a internet (Cryan; Pena, 2021).

As crianças e os adolescentes, em razão da sua imaturidade cognitiva e emocional, são categorizados como um grupo vulnerável. Em razão da criação de tecnologias cada vez mais chamativas, os jovens tornam-se dependentes delas. Seja nas redes sociais, jogos ou grupos de conversa, as crianças e adolescentes sentem-se bastante atraídos devido ao alcance e imediatismo dos serviços ofertados. Nesse cenário, com a utilização repetitiva e solitária desses instrumentos os pequenos são marcados por mudanças psicológicas, que, infelizmente, podem evoluir para problemas referentes à saúde mental, quando não tratados precoce e corretamente (Rodríguez; Acosta, 2021).

Todavia, não são somente adversidades psicológicas advindas do uso exacerbado das telas. Aproximadamente 12,8 milhões de jovens, entre 5 e 15 anos, demonstram erros de refração não consertados, que podem desencadear a deficiência visual. Referente a saúde dos olhos, a alteração de comportamento frente a troca de brincadeiras ao ar livre ou tradicionais pela utilização constante de eletrônicos, para fins de lazer, possibilita que a criança ou o adolescente usufrua de sua visão o mais perto possível do dispositivo e pelo maior tempo, resultando em problemas oculares. Esse fato decorre da emissão de luz azul violeta das ferramentas eletrônicas, que, com o uso exagerado, pode danificar as células da retina e desenvolver a perda da visão (Carneiro *et al.*, 2023).

Portanto, evidencia-se a importância deste trabalho em pesquisar e analisar a literatura científica sobre os efeitos que as tecnologias e seu uso constante geram no desenvolvimento de crianças e adolescentes, pois podem afetar tanto o psicológico dos pequenos quanto o físico.

2 METODOLOGIA

Este estudo apresenta-se como uma revisão integrativa da literatura científica que possui como finalidade desenvolver um levantamento de informações bibliográficas acerca do impacto das telas no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Acerca da forma metodológica, este estudo usou cinco etapas: 1) construção da questão da pesquisa; 2) procura na literatura; 3) indicação dos trabalhos elegíveis; 4) investigação crítica das produções selecionadas; 5) apresentação dos resultados (Crossetti, 2012). A pergunta norteadora foi construída e apresentou-se da seguinte forma: qual é o impacto gerado pelo uso de telas no desenvolvimento de crianças e adolescentes? Em seguida, foi realizada a procura nas bases de dados especializadas em saúde: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PubMed e Scientific Electronic Library Online (SciELO). As palavras-chave utilizadas nessa pesquisa foram obtidas nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo elas: “Jovens”, “Tecnologia” e “Impacto Psicossocial”. Além disso, o operador booleano “AND” foi utilizado para realizar o pareamento dos termos. Os idiomas dos trabalhos encontrados foram: português, inglês e espanhol. Referente à escolha dos estudos selecionados para esta análise, os critérios de inclusão foram: artigos originais, relatos de experiência e revisões da literatura. Logo, a seleção das pesquisas ocorreu, inicialmente, a partir da leitura dos títulos e resumos dos trabalhos encontrados, em que foram obtidos 530 trabalhos. Após observação e análise detalhada, foram escolhidos 7 trabalhos para a composição final desta produção.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A infância é um dos momentos mais importantes para o desenvolvimento do sistema nervoso central (SNC). Assim, a criança precisa ser estimulada a adquirir novas habilidades e ter acesso a um espaço adequado para se movimentar, brincar e explorar o ambiente em que vive. Desse modo, torna-se fundamental o uso de materiais que estimulem o desenvolvimento desses indivíduos nesta fase de novas organizações sinápticas. No entanto, mesmo com estudos comprovando como a vivência coletiva na primeira infância é fundamental para a evolução das crianças, as telas vêm ocupando esse espaço, e o tempo dedicado a elas sofreu um aumento considerável nos últimos anos, configurando-se como um problema, pois essa exposição precoce está relacionada ao sedentarismo e a problemas de saúde mental entre crianças e adolescentes, além de reduzir o tempo de interação social, que é essencial para construção de vínculos (Nobre *et al.*, 2019).

Por outro lado, é inegável que essas crianças e adolescentes estão inseridos no mundo tecnológico, e é natural que sintam curiosidade pelas tecnologias e queiram fazer uso delas.

Dessa forma, é dever dos responsáveis monitorar o tempo de exposição aos eletrônicos, tendo em vista que a própria luz emitida pelos dispositivos eletrônicos é prejudicial ao sono, pois inibe a produção de melatonina e, também, os conteúdos acessados, para que não sofram prejuízos no seu desenvolvimento cerebral, mental, cognitivo e psicossocial. Logo, é de extrema relevância que os pais incentivem o equilíbrio entre telas e brincadeiras ao ar livre, ratificando a necessidade de estímulos corporais e coletivos para o crescimento saudável (Santana; Ruas; Queiroz, 2021).

Além disso, cabe salientar a recomendação da Sociedade Brasileira de Pediatria de que crianças menores de 2 anos não tenham contato algum com as telas, por ser esse um momento propício para a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades, visto que o uso precoce de telas pode atrapalhar o desenvolvimento das crianças. Na medida em que o cérebro é hiperestimulado durante essa fase de desenvolvimento, a criança pode tornar-se dependente e precisar de cada vez mais tempo diante das telas, por isso é indubitável evitá-las (Tiveron *et al.*, 2024).

Portanto, é importante que mais estudos sejam realizados nessa área apontando as consequências da exposição precoce a telas e dos impactos na saúde de crianças e adolescentes que fazem o seu uso indiscriminado desde os primeiros anos de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista disso, cabe ressaltar o papel crucial dos pais no estímulo de crianças e adolescentes a optarem por uma vida equilibrada, em que pode existir o uso de tecnologias, mas em que o cotidiano desses indivíduos não se resume às telas, fazendo com que a vivência com a natureza e o ambiente em que vivem seja preservada, para que o desenvolvimento do SNC não seja prejudicado e novas habilidades sejam conquistadas ao longo da vida, sem perdas significativas, possibilitando uma vida cada vez mais saudável e em conjunto com a coletividade.

REFERÊNCIAS

CROSSETTI, M.G.O. Revisão integrativa de pesquisa na enfermagem o rigor científico que lhe é exigido [editorial]. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, n. 2, p. 8-9, jun. 2012.

CRYAN, G.; PENA, S. Impacto de las TIC's en la subjetividad del adolescente y en los vínculos intersubjetivos familiares. **Revista Subjetividad y Procesos Cognitivos**, v. 25, n. 1, p. 185–203, 2021.

CARNEIRO, B. R. *et al.* Impacto do uso de dispositivos eletrônicos na visão das crianças em idade escolar. **J. nurs. health**, v. 13, n. 1, p. 1-8, 2023.

NOBRE, J. N. P. *et al.* Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 3, p. 1127–1136, mar. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/GmStpKgyqGTtLwgCdQx8NMR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 nov. 2024.

RODRÍGUEZ, I. D. C.; ACOSTA, A. M. Aislamiento social, tecnología y salud mental. **Multimed (Granma)**, v. 25, n. 5, p. 1-21, 2021.

SANTANA; M. I., RUAS; M. A., QUEIROZ; P. H.B., O impacto do tempo de tela no crescimento e desenvolvimento infantil, **Rev. Saúde em Foco**, Teresina – PI, vol. 1, n. 1, Ed. 14, p. 169-179, 2021.

TIVERON, E. M.; KASPARY, B.; CAROLINA, A. Uso excessivo de telas na infância e seus prejuízos. **Research Society and Development**, v. 13, n. 11, p. e05131147225-e05131147225, 18 nov. 2024.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE E LUDICIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR

Célia Margarida Vieira Bezerra ¹; Nayara Vitória Santos Nascimento ²; Clarissa Cotrim dos Anjos Vasconcelos ³

Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas ¹,
Graduanda em Fisioterapia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas ²,
Mestre em Ensino na Saúde, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas ³.

celiamvieirab@gmail.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: A educação em saúde é uma prática social que não pode ser reduzida à transmissão do conhecimento ou à mudança de hábitos e atitudes, processos que envolvam questionamento, reflexão, conhecimento e experiência. As atividades recreativas fazem do aprendizado uma experiência prazerosa, pois habilidades visuais e auditivas estão se aprimorando. **OBJETIVO:** Relatar a experiência de acadêmicos do curso de fisioterapia em atividades educativas em saúde com temas relevantes para crianças em idade escolar, em uma escola municipal da cidade de Maceió-AL. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado a partir da vivência como discente da disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente I da graduação de Fisioterapia. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** As atividades proporcionaram aos discentes do curso de graduação um de seus primeiros contatos com a fisioterapia fora do âmbito hospitalar e ambulatorial, sendo possível intervir no nível primário de atenção à saúde, abordando tanto estratégias de prevenção quanto de intervenção. **CONCLUSÃO:** A experiência das discentes de fisioterapia foi fundamental para seu desenvolvimento profissional e pessoal, ampliando a compreensão sobre a transmissão de informações ao público infantil e destacando a contribuição do aluno à comunidade por meio da integração entre teoria e prática.

Palavras-chave: fisioterapia; crianças; atividades educativas em saúde

1. INTRODUÇÃO

A Atenção Primária à Saúde (APS) é o primeiro acesso aos serviços da saúde pública, sendo estabelecida por um conjunto de ações, tanto em nível coletivo quanto individual, que abrange a promoção e prevenção à saúde (Nascimento, 2021). A atuação do fisioterapeuta na APS é segmentada em núcleo, que engloba as práticas específicas da profissão, e área de atuação, que engloba práticas interdisciplinares e coletivas, levando em conta aspectos sociais, culturais e identitários da saúde (Fernandes, 2024).

O Programa de Saúde na Escola (PSE), realizado em 5 de dezembro de 2007, pelo Decreto 6.286, tem entre seus objetivos a promoção da formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica. Por meio de atividades diversas direcionadas à prevenção, manutenção e atendimento à saúde. A educação em saúde é uma prática social que não pode ser compreendida ou reduzida à transmissão do conhecimento ou à mudança de hábitos e atitudes. Nesse sentido, ela sugere uma mudança no pensar, sentir e agir de forma progressiva, definido pelo uso de métodos pedagógicos participativos e problematizadores. A educação e aprendizagem em saúde se caracterizam como processos permanentes que envolvam

questionamento, reflexão e expropriação, fazendo possível a criação coletiva de conhecimento e experiência, coletada e emprestada por profissionais da saúde, educadores e estudantes (Piccino, 2023).

A presença do PSE nas instituições de ensino intensifica sua função social. Antes restritas à educação formal e socialização, agora são percebidas como locais de desenvolvimento completo, incentivando valores, o pensamento crítico e a autonomia para que as crianças desenvolvam seu próprio futuro e encarem os obstáculos da vida de forma responsável (Bubadué, 2022). Portanto, estratégias focadas na formação dessa população em um tema específico contribuem para que ele se transforme em um hábito de vida, com a possibilidade de disseminação do saber e influência de familiares e comunidade, possibilitando transformações sociais (Maruxo, 2022).

A capacidade de aprendizagem e memorização das crianças em idade escolar é notável, pois é neste período que suas habilidades visuais e auditivas estão se aprimorando em conjunto. Ademais, a habilidade de memória das crianças é potencializada quando associada a emoções. Portanto, as atividades recreativas fazem do aprendizado uma experiência prazerosa (Moraes, 2021). É conhecido que métodos conservadores de educação em saúde, como palestras educativas, não são tão atraentes para o público infantil e frequentemente geram desinteresse na criança. Dessa forma, é imprescindível desenvolver estratégias educacionais lúdicas que sejam atraentes para crianças e adolescentes, como os jogos educativos (Costa, 2021).

Diante do exposto, este estudo tem por finalidade relatar a experiência de acadêmicos do curso de fisioterapia em atividades educativas em saúde com temas relevantes para crianças em idade escolar, realizadas no primeiro semestre do ano de 2024, em uma escola municipal da cidade de Maceió-AL.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado a partir da vivência como discente da disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente I da graduação de Fisioterapia, em ações de saúde realizadas pelo primeiro módulo da matéria que envolve a Fisioterapia no âmbito escolar. No curso de graduação da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, a disciplina é oferecida a discentes do terceiro ano do curso, do quinto período. Tal experiência ocorreu no município de Maceió-AL, no mês de maio de 2024, correspondendo ao semestre de 2024.1.

O presente trabalho utilizou levantamento bibliográfico. Foram usados artigos a respeito de ações socioeducativas em saúde, metodologias educativas em escolas e recursos didáticos. Os estudos foram coletados na base de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS).

As atividades educativas emergiram nas aulas de Saúde da Criança, em que abordava o papel da fisioterapia na saúde pública e uma perspectiva sobre a linha de cuidado infantil. Assim, o fisioterapeuta desempenha um papel nos três níveis de assistência à saúde, com o nível primário englobando a atenção básica, a promoção, prevenção e educação em saúde. Analisou-se o perfil socioeconômico da população e optou por ações focadas na promoção da saúde, abordando temas pertinentes à realidade infantil.

Diante dessa realidade, identificou-se a demanda por atividades educativas que interferissem na saúde desses indivíduos. A atividade foi selecionada para crianças em idade escolar, em fase de descoberta e desenvolvimento, que são responsáveis por transmitir toda a informação recebida, podendo alterar a realidade experimentada através dos conhecimentos adquiridos e aplicados.

Participaram cerca de 28 alunos do curso de fisioterapia do 5º período, divididos em quatro grupos e aproximadamente 20 crianças do ensino fundamental I. Os alunos de graduação foram distribuídos em 4 estações, sendo cada uma delas responsável por uma temática. Na

primeira ação foram abordados os temas animais peçonhentos, queimaduras, higiene bucal e choque elétrico, já na segunda ação foram abordados o bullying, afogamento, mosquito da dengue (“Xô mosquito”) e emoções. Ambas as ações contaram com abordagem lúdica utilizando elementos visuais e táteis como maquetes, cartazes com imagens, materiais odontológicos de brinquedo, entre outros meios para exemplificação e maior entendimento por parte das crianças, ademais, ao final da explicação o tema era revisado de forma lúdica utilizando jogos da memória, jogo dos sete erros, carimbo com esponja, amarelinha das emoções etc.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As ações realizadas ocorreram na Escola Municipal Claudinete Batista, no município de Maceió e promoveu atividades educativas em saúde com temas relevantes para o âmbito escolar e relacionados a saúde, para crianças em idade escolar, em que os discentes do curso de fisioterapia repassaram informações acerca de diversos temas como: animais peçonhentos, queimaduras, higiene bucal, choque elétrico, bullying, afogamento, mosquito da dengue e emoções. Posto isso, atrelado ao momento de explicação, foram utilizados elementos lúdicos como maquetes, cartazes com imagens, materiais odontológicos de brinquedo, entre outros meios para maior fixação do assunto abordado.

As atividades proporcionaram aos discentes do curso de graduação um de seus primeiros contatos com a fisioterapia fora do âmbito hospitalar e ambulatorial, sendo possível intervir no nível primário de atenção à saúde. Assim, abordando tanto as estratégias de prevenção quanto a intervenção após o evento, ambas as maneiras de ilustrar os eventos através da dinâmica, tornando o processo mais envolvente e prazeroso. Após cada atividade semanal realizada, eram realizadas perguntas sobre o tema da semana anterior, revisando os conceitos fundamentais, como se proteger e como agir. Nesse contexto, a abordagem escolhida, unindo educação em saúde e diversão, fomentou uma maior interação e entendimento sobre o tema, podendo influenciar a saúde desses indivíduos.

De acordo com um estudo realizado com estudantes, a aplicação de recursos lúdicos favorece a aquisição de informações de forma simplificada e incisiva, o que contribui para o ensino, uma vez que despertam o interesse, contribuindo para uma mudança de hábitos e comportamentos, além de servir de subsídios para os profissionais da saúde no atendimento infantil (Vilela, 2021). Durante as atividades, foi possível notar o interesse das crianças em aprender e assimilar tudo o que foi ensinado no seu dia a dia, uma vez que foram entregues presentes que faziam referência aos temas discutidos no dia, para que pudessem recordar e replicar em suas residências. Logo, o objetivo das ações foram concretizadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação em saúde atrelada à ludicidade demonstrou ser uma estratégia eficaz para incentivar comportamentos saudáveis e disseminar saberes. O uso de jogos e atividades interativas não só despertou o interesse dos participantes, como também tornou a absorção dos conteúdos mais efetiva e interessante. A ludicidade provou ser um recurso eficiente para estabelecer um ambiente de aprendizado receptivo e participativo, incentivando a interação e o envolvimento dos participantes.

O papel dos discentes do curso de graduação em fisioterapia além da vivência prática tendo contato direto com o público infantil, também inclui a transmissão de informações sobre os temas discutidos. O impacto da experiência no processo de formação proporcionou uma série de lições, pois se aplicou na prática o que foi aprendido em sala de aula, ampliando o entendimento sobre a intervenção e promoção da saúde na atenção primária para esses indivíduos em idade escolar.

Em suma, a combinação de saúde e ludicidade surge como uma estratégia inovadora e com grande potencial. Essa experiência reforça a importância de metodologias que integrem o prazer ao aprendizado, estimulando a motivação e o compromisso dos indivíduos com sua própria saúde. Outrossim, a experiência das discentes de fisioterapia foi fundamental para seu desenvolvimento profissional e pessoal, ampliando a compreensão sobre a transmissão de informações ao público infantil e destacando a contribuição do aluno à comunidade por meio da integração entre teoria e prática.

REFERÊNCIAS

BUBADUÉ, Renata de Moura; Ferreira, Júlia Dourado. Vivência de professores com educação em saúde para crianças em idade escolar. **Journal Of Nursing And Health**, Valparaíso de Goiás, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2022. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2023/02/1415921/10.pdf> . Acesso em: 14 nov. 2024.

COSTA, Francisca Bertília Chaves *et al.* Validation of an educational game to promote cardiovascular health in children. **Global Health Promotion**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 23-30, 19 mar. 2021. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1757975921996684> .

FERNANDES, Janainny Magalhães *et al.* O trabalho de fisioterapeutas da Atenção Básica em Saúde brasileira - construindo caminhos para o enfrentamento da pandemia da Covid-19. **Saúde em Redes**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 1-24, 8 abr. 2024. Associação Brasileira da Rede Unida. <http://dx.doi.org/10.18310/2446-4813.2024v10n1.3810>.

MARUXO, Harriet Bárbara *et al.* Reanimação cardiopulmonar como proposta de educação em saúde para crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista Nursing: Reanimação cardiopulmonar**, [s. l], v. 25, p. 7368-7374, 2022. Disponível em: <https://revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/2322/2856> . Acesso em: 14 nov. 2024.

MORAES, Gustavo Nunes de *et al.* Educação sanitária com foco na segurança de alimentos: uma abordagem para crianças. **Veterinária e Zootecnia**, [s. l], v. 28, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://rvz.emnuvens.com.br/rvz/article/view/525/358> . Acesso em: 17 nov. 2024.

NASCIMENTO, Arlon Néry do *et al.* Contribuições da vivência em comunidade para formação acadêmica em fisioterapia. **Ciência Plural**, [S. L.], p. 149-162, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/22620/14200> . Acesso em: 23 nov. 2024.

PICCINO, M. T. R., *et al.* (2023). Ações socioeducativas em saúde auditiva para jovens utilizando educação híbrida. *Distúrbios Da Comunicação*, 35(1), e57003. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2023v35i1e57003>.

VILELA, Luíza Trindade *et al.* Aplicação de dinâmicas educativas sobre saúde durante a Semana de Saúde Escolar: relato de experiência. **Revista da Abeno**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 1042-1053, 23 mar. 2021. Associação Brasileira de Ensino Odontológico ABENO. <http://dx.doi.org/10.30979/rev.abeno.v21i1.1042>

PROTOSCOLOS ATUALIZADOS DE REANIMAÇÃO NEONATAL E O PAPEL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

Gleiciane Souza Silva¹; Brenda Martins Ribeiro²

Graduando em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão¹, Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão²

gleicianeuema2018@gmail.com

RESUMO

Introdução: A reanimação neonatal é um procedimento vital para estabilizar recém-nascidos que apresentam dificuldades respiratórias ou cardiorrespiratórias ao nascer. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é revisar a literatura sobre os protocolos atualizados de reanimação neonatal e o papel da equipe de enfermagem. **Metodologia:** O estudo é uma revisão integrativa que analisa protocolos de reanimação neonatal e o papel da enfermagem, utilizando artigos de 2020 a 2024 das bases LILACS, SciELO e PubMed, com critérios de seleção baseados em relevância e disponibilidade em português ou inglês. **Resultados e Discussões:** A reanimação neonatal é um processo crucial que exige respostas rápidas e eficazes da equipe de saúde. Estudos destacam a evolução constante dos protocolos baseados em evidências científicas, buscando melhorar a sobrevivência e minimizar sequelas em recém-nascidos. Orientações detalhadas sobre práticas seguras e a necessidade de equipes bem treinadas são fundamentais. A adaptação dos protocolos às novas evidências permite intervenções mais precisas. O papel do enfermeiro é essencial, e a atualização constante é indispensável, complementada por cursos on-line como ferramentas eficazes de capacitação. Métodos tradicionais e ativos combinados mostram-se mais eficazes no preparo para emergências, reforçando a importância do treinamento contínuo e de protocolos atualizados no cuidado neonatal. **Conclusão:** A reanimação neonatal requer intervenção rápida, protocolos atualizados e capacitação contínua da equipe de saúde. A evolução dos protocolos e a formação constante garantem cuidados de qualidade e segurança aos recém-nascidos em situações críticas.

Palavras-chave: Reanimação neonatal; Urgência e Emergência; Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

A reanimação neonatal é um procedimento vital para estabilizar recém-nascidos que apresentam dificuldades respiratórias ou cardiorrespiratórias ao nascer. Essa intervenção visa corrigir falhas na transição do bebê do ambiente intrauterino para o extrauterino, onde a respiração e a circulação devem ser independentes (Menezes *et al.*, 2017). As manobras incluem a abertura das vias aéreas, ventilação com pressão positiva, compressões torácicas, e, em casos graves, o uso de medicamentos como adrenalina (Silva *et al.*, 2019).

Com o tempo, os protocolos de reanimação neonatal evoluíram com base em evidências científicas, tornando-se mais seguros e eficientes. As diretrizes mais recentes, desenvolvidas por organizações como a American Heart Association (AHA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), refletem as melhores práticas para lidar com diferentes situações de emergência no parto (Fagundes *et al.*, 2018). O objetivo deste trabalho é revisar a literatura sobre os protocolos atualizados de reanimação neonatal e o papel da equipe de enfermagem, destacando as práticas e estratégias essenciais para a atuação eficaz durante o atendimento emergencial ao recém-nascido.

2 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão bibliográfica de abordagem integrativa, com o objetivo de analisar os protocolos atualizados de reanimação neonatal e o papel da equipe de enfermagem. A pesquisa foi realizada em bases de dados online, incluindo a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a National Library of Medicine, com registros provenientes da base MEDLINE (PubMed). Para a busca, foram utilizados os descritores: “Triagem Pediátrica”, “Enfermagem em Emergências” e “Classificação de Risco”. Os critérios de inclusão englobaram artigos publicados entre 2020 e 2024, disponíveis na íntegra em português ou inglês. A seleção dos artigos foi realizada inicialmente por meio da análise dos títulos e resumos, excluindo-se aqueles que não estavam diretamente relacionados à questão de pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram encontrados 440 artigos nas bases de dados online. Após a aplicação dos critérios de exclusão, 195 artigos foram descartados por não atenderem ao período definido, 107 por não estarem em português ou inglês, 52 por não serem artigos científicos, 31 por não corresponderem ao tema e 9 por serem duplicados. Restaram 146 artigos, dos quais 138 foram excluídos por falta de relevância para o tema. Assim, 8 artigos foram considerados elegíveis e utilizados para fundamentar o estudo.

Tabela 01: Resultados da revisão de literatura sobre protocolos atualizados de reanimação neonatal e o papel da equipe de enfermagem.

AUTOR E ANO	NOME	TIPO DE ESTUDO	CONCLUSÃO
BARRETO <i>et al.</i> , (2024)	Reanimação neonatal: abordagens atuais e novos protocolos de intervenção	Artigo Científico	O estudo aborda as últimas abordagens e protocolos de intervenção para reanimação neonatal, destacando a evolução dos protocolos.
MARACAJÁ (2024)	O enfermeiro na assistência às emergências obstétricas: revisão de literatura	Revisão de Literatura	Aponta o papel crucial do enfermeiro em emergências obstétricas, destacando a importância da capacitação contínua.
JUNIOR, <i>et al.</i> , (2024)	Emergências neonatais na sala de parto: intervenções imediatas e manejo de condições críticas	Artigo Científico	Descreve as intervenções imediatas e o manejo de condições críticas em emergências neonatais, com ênfase no atendimento eficaz.
MORAIS, <i>et al.</i> , (2024)	Emergências obstétricas: uma revisão da literatura científica	Revisão de Literatura	Resumo das práticas e abordagens atuais em emergências obstétricas, destacando o impacto de uma resposta rápida.
SILVA, <i>et al.</i> , (2021)	A saúde neonatal frente à síndrome hipóxico isquêmica: revisão de literatura	Revisão de Literatura	Enfatiza os desafios e abordagens para o manejo da síndrome hipóxico-isquêmica neonatal.

SANTOS, <i>et al.</i> , (2024)	Manual técnico de primeiros cuidados neonatais: principais protocolos e manejo	Manual Técnico	Apresenta os principais protocolos de cuidados iniciais neonatais, com foco em práticas de manejo eficaz.
BRAGA, (2024)	Construção e avaliação das evidências de validade de curso on-line sobre reanimação cardiopulmonar do recém-nascido	Tese de Doutorado	A tese avalia a eficácia de cursos on-line na capacitação sobre reanimação neonatal, destacando a importância do treinamento contínuo.
SILVA, (2021)	Análise de metodologias tradicionais e ativas de ensino utilizadas na capacitação em reanimação neonatal de estudantes de medicina	Dissertação	A pesquisa analisa diferentes metodologias de ensino para a capacitação de estudantes de medicina em reanimação neonatal.

A reanimação neonatal é um processo crítico que exige a intervenção rápida e eficaz da equipe de saúde para garantir a sobrevivência e a saúde dos recém-nascidos em situações de emergência. O manual técnico desenvolvido por esses autores fornece orientações detalhadas sobre as práticas que devem ser adotadas para garantir uma reanimação eficiente, minimizando riscos e complicações para o recém-nascido (Santos *et al.*, 2024). Em concordância, o autor Junior *et al.*, (2024) enfatizam a necessidade de intervenções imediatas e o manejo de condições críticas na sala de parto, ressaltando a importância de uma equipe bem treinada e preparada para lidar com situações de emergência neonatal.

A evolução dos protocolos de intervenção neonatal e sua adaptação às novas evidências científicas. Esse processo de constante adaptação e evolução é crucial para melhorar as taxas de sobrevivência e minimizar sequelas a longo prazo nos bebês que passam por situações de risco. A implementação de protocolos atualizados, com base nas mais recentes pesquisas científicas, tem sido uma das principais estratégias adotadas nas práticas clínicas, permitindo que as equipes de saúde, incluindo enfermeiros, médicos e outros profissionais, realizem intervenções rápidas, precisas e baseadas nas melhores evidências disponíveis. Assim, a constante revisão e aplicação de novos protocolos são essenciais para o aprimoramento contínuo do cuidado neonatal (Barreto *et al.*, 2024),

Para o autor Maracajá (2024) aponta o papel fundamental do enfermeiro nas emergências obstétricas e neonatais, destacando a importância da atualização constante de seus conhecimentos para garantir uma resposta eficiente. Nesse contexto, Braga (2024) aborda a importância dos cursos on-line para a capacitação sobre reanimação cardiopulmonar neonatal, sugerindo que essas ferramentas educacionais podem complementar a formação dos profissionais, principalmente no que diz respeito à eficácia do treinamento contínuo.

Por outro lado, Silva (2021) e SILVA *et al.*, (2021) analisam diferentes metodologias de ensino para a capacitação em reanimação neonatal, seja por meio de métodos tradicionais ou ativos, sugerindo que a combinação dessas abordagens pode ser mais eficaz na preparação dos profissionais para as emergências. Assim, a formação contínua da equipe de enfermagem e a utilização de protocolos atualizados se mostram essenciais para melhorar os resultados da reanimação neonatal e garantir a segurança e saúde dos recém-nascidos em situações críticas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reanimação neonatal exige intervenção rápida e eficaz, com base em protocolos

atualizados e evidências científicas. A constante evolução desses protocolos é essencial para melhorar a sobrevivência e reduzir complicações. A capacitação contínua da equipe de saúde, incluindo métodos tradicionais e cursos on-line, é fundamental para garantir a preparação adequada dos profissionais. A combinação de protocolos atualizados e formação contínua é crucial para proporcionar cuidados de qualidade e segurança aos recém-nascidos em situações críticas.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Germana Gadelha Da Camara Bione et al. REANIMAÇÃO NEONATAL: ABORDAGENS ATUAIS E NOVOS PROTOCOLOS DE INTERVENÇÃO. **RICS-Revista Interdisciplinar das Ciências da Saúde**, v. 1, n. 2, 2024.

BRAGA, Hévila Ferreira Gomes Medeiros. **Construção e avaliação das evidências de validade de curso on-line sobre reanimação cardiopulmonar do recém-nascido**. 2024. Tese de Doutorado.

FAGUNDES, André Wiler Silva et al. **Elaboração e implantação de um protocolo para a vinculação da gestante de risco habitual: um relato de experiência**. 2018.

JUNIOR, Moacir Batista et al. EMERGÊNCIAS NEONATAIS NA SALA DE PARTO: INTERVENÇÕES IMEDIATAS E MANEJO DE CONDIÇÕES CRÍTICAS. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 11, p. 7747-7756, 2024.

MARACAJÁ, Natássia De Oliveira. O ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA ÀS EMERGÊNCIAS OBSTÉTRICAS: REVISÃO DE LITERATURA. **Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 16, n. 1, p. 6-6, 2024.

MENEZES, Karla Dayanne Nunes Barbosa et al. **Implantação de um Protocolo de Assistência de Enfermagem para a Maternidade Mãe Lídia do município do Ipojuca-PE, baseado nas Boas Práticas da Rede Cegonha**. 2017.

MORAIS, Thaís Pâmela et al. Emergências Obstétricas: Uma Revisão Da Literatura Científica. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 9, p. 1000-1010, 2024.

SANTOS, Maria Carolina Salustino et al. Manual técnico de primeiros cuidados neonatais: principais protocolos e manejo. **Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza**, v. 57, 2024.

SILVA, Akyson Zidane Merca et al. **Protocolo de cuidados para recém-nascidos prematuros: validação de tecnologia**. 2019.

SILVA, Jossiana et al. A SAÚDE NEONATAL FRENTE À SÍNDROME HIPÓXICO ISQUÊMICA: REVISÃO DE LITERATURA. **REVISTA SAÚDE MULTIDISCIPLINAR**, v. 10, n. 2, 2021.

SILVA, LORENA LAUANA CIRILO. **ANÁLISE DE METODOLOGIAS TRADICIONAIS E ATIVAS DE ENSINO UTILIZADAS NA CAPACITAÇÃO EM REANIMAÇÃO NEONATAL DE ESTUDANTES DE MEDICINA**. 2021.

TRIAGEM PEDIÁTRICA NA ENFERMAGEM E ESTRATÉGIAS PARA PRIORIZAR E MINIMIZAR RISCOS NAS EMERGÊNCIAS

Gleciane Souza Silva¹; Brenda Martins Ribeiro²

Graduando em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão¹, Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão²

gleicianeuema2018@gmail.com

RESUMO

Introdução: A triagem pediátrica desempenha um papel essencial nos serviços de emergência, pois é a primeira etapa no atendimento que visa organizar o fluxo de pacientes e priorizar casos de maior gravidade. **Objetivo:** O objetivo deste trabalho é revisar a literatura sobre triagem pediátrica na enfermagem, destacando estratégias para priorizar casos graves e reduzir riscos em emergências, promovendo segurança e eficiência no cuidado infantil. **Metodologia:** Este trabalho é uma revisão bibliográfica realizada em plataformas como LILACS, SciELO e PubMed, com foco em artigos publicados entre 2020 e 2024 sobre triagem pediátrica e práticas de enfermagem em emergências. Após a análise de títulos e resumos, foram selecionados os artigos mais relevantes para o tema. **Resultados e Discussões:** A triagem avançada em urgências pediátricas ajuda a priorizar casos graves rapidamente, enquanto a capacitação contínua dos enfermeiros é essencial para um atendimento eficiente. O uso de tecnologias melhora a comunicação entre os profissionais, agilizando o atendimento. Protocolos bem definidos e auditorias garantem um cuidado seguro e eficaz em situações de emergência. **Conclusão:** A eficácia na triagem pediátrica em emergências depende da capacitação dos enfermeiros, uso de tecnologias e protocolos claros, garantindo diagnósticos rápidos e atendimento prioritário aos casos graves.

Palavras-chave: Triagem; Pediatria; Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

A triagem pediátrica desempenha um papel essencial nos serviços de emergência, pois é a primeira etapa no atendimento que visa organizar o fluxo de pacientes e priorizar casos de maior gravidade. No entanto, a complexidade dos quadros clínicos pediátricos, associada à dificuldade de comunicação em crianças pequenas, torna essa prática desafiadora. A ausência de protocolos bem estabelecidos ou a falha na aplicação de ferramentas de classificação de risco pode levar ao atraso no atendimento de casos críticos, aumentando a morbidade e, em situações extremas, a mortalidade infantil (Gomes *et al.*, 2019).

Um dos principais desafios na triagem pediátrica está na identificação precoce de sinais de deterioração clínica, que nem sempre são evidentes em crianças. A variabilidade das manifestações clínicas, aliada à falta de treinamento adequado de profissionais para lidar com emergências pediátricas, compromete a segurança e a qualidade do cuidado (Braga *et al.*, 2019). O objetivo deste trabalho é revisar a literatura sobre triagem pediátrica na enfermagem, destacando estratégias para priorizar casos graves e reduzir riscos em emergências, promovendo segurança e eficiência no cuidado infantil.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho é uma revisão bibliográfica de caráter integrativo. A pesquisa foi realizada nas plataformas online Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e National Library of Medicine com os registros da base de dados MEDLINE (PubMed). Foram utilizados os descritores: “Triagem Pediátrica”, “Enfermagem em Emergências” e “Classificação de Risco”. Os critérios de inclusão abrangeram artigos publicados entre 2020 e 2024, disponíveis na íntegra em português ou inglês, classificados como artigos científicos, e que abordassem estratégias e práticas de triagem pediátrica na enfermagem voltadas para a priorização e minimização de riscos nas emergências. A seleção inicial considerou os títulos e resumos dos artigos; aqueles que não atendiam à questão de pesquisa foram excluídos. Por fim, procedeu-se à leitura completa dos artigos selecionados, priorizando os de maior relevância e alinhamento com o tema proposto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram encontrados 783 artigos nas bases de dados online. Após aplicar os critérios de exclusão, 412 foram descartados por não atenderem ao período definido, 195 por não estarem em português ou inglês, 107 por não serem científicos, 52 por não corresponderem ao tema e 9 por duplicidade. Após essas exclusões, 58 artigos restaram, dos quais 52 foram descartados por falta de relevância, resultando em 6 artigos elegíveis utilizados para o trabalho.

Tabela 01: Resultados da revisão de literatura sobre triagem pediátrica na enfermagem e estratégias para priorizar e minimizar riscos nas emergências

AUTOR E ANO	NOME	TIPO DE ESTUDO	CONCLUSÃO
Pereira <i>et al.</i> , (2024)	Implementação de medidas de triagem avançada nos serviços de urgência pediátrica: intervenções de enfermagem	Estudo descritivo	A implementação de triagem avançada reduz o tempo de espera e aumenta a precisão no manejo de casos graves em emergências pediátricas.
Leite, <i>et al.</i> , (2024)	Habilidades e competências dos enfermeiros para atuarem em emergências pediátricas: estudo bibliométrico	Estudo bibliométrico	Capacitar enfermeiros com competências específicas é essencial para melhorar o atendimento pediátrico e minimizar erros em situações de emergência.
Kalkmann, (2024)	Atuação do enfermeiro na parada cardiorrespiratória em pediatria: scoping review	Revisão de escopo	Enfermeiros capacitados desempenham papel crucial na ressuscitação pediátrica, destacando a necessidade de treinamentos periódicos e atualizados.
Soares; Garces; Oliveira (2022)	Mapear as tecnologias para comunicação da equipe de enfermagem na passagem de plantão em emergência pediátrica	Protocolo de revisão de escopo	Tecnologias de comunicação eficientes contribuem para a continuidade do cuidado e segurança do paciente em emergências pediátricas.
Santos <i>et al.</i> , (2024)	Cuidados em saúde nas emergências pediátricas	Revisão integrativa	O manejo eficiente em emergências pediátricas

			requer protocolos claros e a integração de equipes multidisciplinares.
Pinheiro <i>et al.</i> , (2023)	tecnologias disponíveis para o processo de auditoria interna em classificação de risco: revisão integrativa	Revisão integrativa	A utilização de tecnologias para auditoria melhora a qualidade do processo de classificação de risco em serviços de emergência pediátrica.

A implementação de medidas de triagem avançada nos serviços de urgência pediátrica pode reduzir significativamente o tempo de espera e melhorar a precisão no manejo de casos graves. Ao estabelecer um processo de triagem mais rigoroso, é possível categorizar eficazmente os pacientes, priorizando aqueles com maior risco e, assim, otimizando os resultados no atendimento. Isso permite identificar rapidamente os casos mais urgentes sem comprometer a segurança dos pacientes (Pereira *et al.*, 2024).

Segundo Leite *et al.*, (2024), por sua vez, discutem a importância da capacitação específica dos enfermeiros para atuar em emergências pediátricas, um fator fundamental para assegurar a qualidade do atendimento. O estudo bibliométrico realizado pelos autores revela que enfermeiros bem treinados, com competências direcionadas para o atendimento pediátrico, são essenciais para evitar erros e melhorar a resposta durante as emergências. A formação contínua e o domínio das habilidades práticas específicas para triagem e manejo dos pacientes pediátricos podem ser determinantes em situações de alta complexidade, considerando que as crianças, muitas vezes, não apresentam sintomas tão evidentes quanto os adultos, o que torna o diagnóstico e a intervenção mais desafiadores.

Kalkmann (2024) cita que o enfermeiro desempenha um papel vital não apenas nas manobras de ressuscitação, mas também na coordenação das ações em um ambiente de alta pressão. A ressuscitação de crianças exige um conhecimento técnico especializado, pois as técnicas aplicadas em adultos podem não ser as mais adequadas para os pequenos pacientes, devido às diferenças fisiológicas. Por isso, é fundamental que o enfermeiro possua habilidades específicas para lidar com situações de risco iminente, com a capacidade de adaptar-se rapidamente à condição da criança e tomar decisões eficazes, minimizando riscos e potencializando as chances de sucesso no atendimento.

A constante atualização e capacitação dos enfermeiros são essenciais para o desempenho adequado em emergências pediátricas. O treinamento contínuo garante que o profissional esteja preparado para responder de maneira eficiente a situações críticas, como paradas cardiorrespiratórias, onde o tempo de resposta e a precisão são determinantes. A prática constante e as simulações ajudam a manter as habilidades dos enfermeiros afiadas, permitindo que eles ajam de forma rápida e segura, reduzindo a possibilidade de erro (Kalkmann, 2024)

Segundo os autores, Garces e Oliveira (2022) que destacam o papel das tecnologias de comunicação, como os sistemas de registro eletrônico e os aplicativos de alerta, que facilitam a troca de informações essenciais entre os profissionais. Essas ferramentas garantem que todos os membros da equipe tenham acesso rápido e preciso aos dados clínicos do paciente, ajudando na tomada de decisões imediatas. Ao organizar e centralizar as informações, as tecnologias contribuem para a segurança do paciente e permitem que a equipe realize intervenções de maneira mais eficiente.

Da mesma forma o autor Pinheiro *et al.*, (2023), concluem que a utilização de tecnologias no processo de auditoria aprimora a qualidade da classificação de risco, tornando-o mais preciso e menos suscetível a falhas humanas. A auditoria eficiente, aliada à triagem avançada e à comunicação tecnológica, permite que erros sejam identificados rapidamente,

garantindo que os pacientes mais críticos recebam a atenção necessária com rapidez.

Para Santos *et al.*, (2024) a utilização de protocolos claros e estabelecidos para o atendimento, desde a triagem até o acompanhamento, é crucial para evitar erros e garantir que os pacientes recebam os cuidados adequados de maneira rápida e eficiente. A integração entre diferentes profissionais de saúde, como enfermeiros, médicos e outros, é essencial para que a comunicação flua de forma eficaz, o que otimiza o atendimento e a segurança do paciente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pediátrica eficaz e a minimização de riscos em emergências dependem de uma combinação de fatores: capacitação contínua dos enfermeiros, uso de tecnologias de comunicação e auditoria, protocolos bem estabelecidos, e uma abordagem integrada entre as equipes de saúde. A triagem avançada, aliada a essas estratégias, pode reduzir o tempo de espera, melhorar a precisão no diagnóstico e garantir que os casos mais graves sejam atendidos com a maior urgência possível. A capacitação e a utilização de recursos tecnológicos emergem como elementos fundamentais para melhorar a qualidade do atendimento pediátrico nas emergências, minimizando os riscos e maximizando as chances de sucesso nos cuidados prestados.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Maicon Douglas Xavier et al. Uso do Protocolo de Manchester em pacientes pediátricos: limitações descritas na produção científica. **Revista eletrônica Acervo Saúde**, n. 22, p. e672-e672, 2019.

GOMES, Ana Rita et al. Triagem em Pediatria uma Opção: Canadian Pediatric Triage and Acuity Scale. **Cuid'arte**, v. 12, n. 21, p. 7-11, 2019.

KALKMANN, Júlia Fraga. **Atuação do enfermeiro na parada cardiorrespiratória em pediatria: scoping review**. 2024.

LEITE, Deborah Helena Batista et al. Habilidades e competências dos enfermeiros para atuarem em emergências pediátricas: estudo bibliométrico. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 15, p. e151425-e151425, 2024.

PEREIRA, Ana Luísa et al. Implementação de medidas de triagem avançada nos serviços de urgência pediátrica: intervenções de enfermagem. **Gestão e Desenvolvimento**, n. 32, p. 109-131, 2024.

PINHEIRO, Milena Barbosa et al. Tecnologias disponíveis para o processo de auditoria interna em classificação de risco: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 25, n. 4, p. 81-88, 2023.

SANTOS, Samara da Silva et al. **CUIDADOS EM SAÚDE NAS EMERGÊNCIAS PEDIÁTRICAS**, 2024.

SOARES, Andréia Ferreira; GARCES, Thiago Santos; OLIVEIRA, Roberta Meneses. Mapear as tecnologias para comunicação da equipe de enfermagem na passagem de plantão em emergência pediátrica: um protocolo de revisão de escopo. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 12, p. e70111234167-e70111234167, 2022.

OS PRIMEIROS 2.200 DIAS: A BASE PARA A SAÚDE E DESENVOLVIMENTO

Luísa Barbosa Guedes Pereira¹; Cíntia Karla Rodrigues do Monte Guedes²

Graduanda em nutrição pela Universidade Federal da Paraíba¹, Professora Doutora em Ciências da Nutrição pela Universidade Federal de Pernambuco²

luisa.pereira@academico.ufpb.br

RESUMO

Desde antes da concepção até os cinco anos de idade, período conhecido como os primeiros 2.200 dias, ocorre uma fase crucial para o desenvolvimento humano e a saúde materna, com impactos duradouros ao longo da vida. Este estudo realizou uma revisão integrativa de literatura com o objetivo de explorar os efeitos desse período na saúde das gestantes, dos bebês e da sociedade. A nutrição materna, fator inicial no ciclo de vida, influencia o risco de prematuridade, macrossomia e obesidade infantil. O aleitamento materno exclusivo até os seis meses e prolongado até os dois anos ou mais reduz a mortalidade infantil, fortalece o sistema imunológico e previne doenças crônicas. Em contrapartida, a introdução alimentar precoce pode comprometer a saúde metabólica da criança e aumentar o risco de obesidade. Assim, conclui-se que investir nos primeiros 2.200 dias é essencial para um desenvolvimento pleno e para a prevenção de doenças, reforçando a necessidade de políticas públicas, estratégias multiprofissionais e suporte familiar. Tal abordagem reduz custos governamentais com saúde pública e promove uma sociedade mais saudável.

Palavras-chave: Nutrição infantil; Desenvolvimento infantil; Primeiros 2.200 dias.

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros 2.200 dias de vida, período compreendido de 100 dias antes da concepção até os 5 anos de idade, é considerado o intervalo de ouro, pois são eles quem guiarão todas as áreas de desenvolvimento da criança: físico, cognitivo e emocional. Os primeiros 100 dias, são referentes ao período pré-implantação, sendo a primeira base para o desenvolvimento de um descendente saudável, ou seja, depende da qualidade dos genes (Almeida *et al.*, 2022). No período da concepção aos 6 meses, a nutrição fetal depende inteiramente da mãe, seja através das trocas pelo cordão umbilical e placenta ou pela amamentação após o nascimento. Sendo assim, é de extrema importância o estado nutricional da gestante, desde antes da concepção, pois uma nutrição inadequada no período pré-gestacional ou gestacional gera uma série de consequências, tanto para o bebê como para a gestante. Logo, em diversos estudos foi visto que uma gestação com baixo ganho de peso está associada à prematuridade e baixo peso ao nascer (Silva *et al.*, 2023), já um ganho de peso excessivo pode ser associado a macrossomia (Dude *et al.*, 2021), parto cesáreo, distúrbios hipertensivos e obesidade infantil (Silva *et al.*, 2023)

O aleitamento materno pode ter dois tipos de benefícios para o lactente: os a curto e a longo prazo. Segundo Pastro *et al.* (2024), amamentação continuada até os 24 meses de idade, inclui benefícios de uma redução de 50% de risco de mortalidade por doenças infecciosas, 30% de diarreia em crianças menores de 5 anos e uma redução de 32% do risco para hospitalização devido a doenças respiratórias em crianças menores que 2 anos. Em relação aos de longo prazo foi encontrado que o aleitamento materno está relacionado a redução de 13% do desenvolvimento de sobrepeso/obesidade, e também sugere que ele possa diminuir as chances do diabetes tipo II (Horta; Mola; Victora, 2015). Além disso, o leite materno é a principal fonte

de nutrientes e anticorpos para os bebês, conferindo imunidade e energia para o funcionamento adequado do corpo. Outrossim, o ato de amamentar gera um elo entre mãe e filho, com repercussões tanto biológicas como emocionais positivas. No Brasil, segundo os resultados do Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição infantil (ENANI), realizado em 2019, a prevalência de amamentação exclusiva até os 6 meses foi de 45,8% (Mosquera, 2023). Sendo assim, é de extrema importância o incentivo a práticas do aleitamento materno, e como prevê a World Health Organization (2002), com a amamentação exclusiva até os 6 meses e continuada até os 2 anos ou mais. Diante disso, esse trabalho objetiva correlacionar através de estudos já existentes o impacto dos 1000 primeiros dias na vida do lactente, da lactante e da sociedade em geral.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de literatura integrativa com base em 9 artigos publicados entre os anos de 2024 e 2014, os quais estão disponíveis nas bases de dados PubMed, SciELO e BVS. Os descritores utilizados de acordo com DeCS foram: “nutrição infantil”, “aleitamento materno”, “desenvolvimento infantil”, “saúde materno-infantil”, “primeiros 1.000 dias” e “primeiros 2.200 dias”, foram utilizados os dois pois, essa análise considera atualizações recentes que expandem o período tradicional. Para a combinação, foram empregados os operadores booleanos AND e OR. Como critérios de inclusão selecionaram-se artigos completos disponíveis gratuitamente, nos idiomas português, espanhol e inglês, publicados nos últimos 10 anos que abordavam o tema dos primeiros 1.100 dias ou 2.200 dias. Os artigos duplicados, que não estavam disponíveis integralmente ou que não atendiam ao tema foram excluídos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 SAÚDE MATERNA

Como dito por Nogueira-de-Almeida et al., um pior prognóstico da prole pode estar associado a situações de saúde e comportamentos da mulher prévios ao período de concepção, como problemas psicológicos, que podem dobrar o risco de reatividade emocional. De acordo com Mazur *et al.* (2024), a saúde materna pode ser beneficiada pelo aleitamento, que reduz o risco de síndrome metabólica, diabetes tipo II e problemas cardiovasculares. No entanto, mais de 60% das mulheres em idade reprodutiva são afetadas pela obesidade e pelo sobrepeso, tornando-as mais vulneráveis a problemas relacionados à amamentação. Nesse grupo, observa-se uma menor probabilidade de iniciar a amamentação e um atraso no início da lactogênese. Além disso, a hipertensão arterial elevada também influencia negativamente a lactação. Um estudo recente demonstrou que mulheres com hipertensão crônica apresentaram uma taxa de iniciação da amamentação de 82%, enquanto aquelas com hipertensão crônica associada ao diabetes mellitus pré-gestacional tiveram uma taxa reduzida, de 63%.

Sendo assim, considerando que os 2.200 dias representam um período crítico no desenvolvimento, com impactos na saúde e na qualidade de vida, a nutrição materna adequada torna-se essencial, de forma que não só os macronutrientes, mas também os níveis adequados de vitaminas e minerais sejam alcançados, evitando prejuízos. A literatura mostra quão vital é o cuidado materno, pois tanto o ganho excessivo quanto o insuficiente de peso podem gerar riscos para a criança. Ademais, o aleitamento é um agente benéfico para a gestante, trazendo vantagens como a redução de riscos cardiovasculares e metabólicos. Entretanto, fatores como hipertensão arterial e obesidade podem comprometer a lactação, evidenciando a necessidade de um acompanhamento pré-natal.

3.2 SAÚDE INFANTIL

Santos Da Silva *et al.* (2023) indicam que mães obesas têm filhos com maiores escores de índice de massa corporal (IMC)/idade em todas as idades analisadas, aumentando o risco de sobrepeso infantil. Por outro lado, mães com baixo peso têm filhos com escores menores ao nascer, embora esse efeito diminua ao longo dos anos. O estudo também destaca que um ganho excessivo de peso durante a gestação está associado a um aumento do IMC/idade em crianças desde o nascimento até os 2 anos, enquanto o ganho insuficiente exerce efeito contrário. Em relação à alimentação, Mosquera *et al.* (2022) ressaltam que a introdução de alimentos antes dos 6 meses de idade pode ser prejudicial à saúde da criança, elevando o risco de doenças infecciosas e gastrointestinais. Além disso, Ergang *et al.* (2023), em uma revisão sistemática, observaram que 4 dos 7 estudos analisados evidenciam uma associação positiva entre a duração do aleitamento materno e o comportamento alimentar saudável. Portanto, o aleitamento materno exclusivo até os 6 meses e continuado até os 2 anos ou mais está associado a redução de mortalidade por doenças infecciosas e fortificação do sistema imunológico.

No entanto, Horta, Loret de Mola e Victora (2015, p. 7) afirmam que não foram encontradas relações significativas entre o aleitamento e o colesterol total ou pressão arterial. Contudo, associações positivas foram identificadas com o risco de sobrepeso/obesidade e o desenvolvimento de diabetes tipo II em crianças. Por outro lado, Sankar *et al.* (2015) destacam que aquelas mulheres que não seguem as recomendações ideais para garantir os benefícios máximos da amamentação nos primeiros 2 anos de vida estão associadas a um aumento significativo no risco de mortalidade. Mesmo a amamentação parcial apresenta um efeito protetor moderado em comparação à ausência de amamentação. Desse modo, a introdução de alimentos antes dos 6 meses, ou seja, precocemente e inadequada, pode acarretar riscos metabólicos e de obesidade infantil. Outrossim, é reforçado que o comportamento alimentar é influenciado pelo aleitamento. Dessa forma, é notável que os benefícios dos primeiros 2.200 dias vão além do bebê e da gestante, impactando também a saúde pública, visto que ao ter impactos positivos refletem na redução de gastos na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), como obesidade e diabetes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O investimento nos primeiros 2.200 dias é uma estratégia necessária para a promoção e o bem-estar integral. Nesse período é estabelecido as bases de crescimento e desenvolvimento da criança e da saúde materna, implicando em consequências significativas ao longo do ciclo da vida. Portanto, o investimento em políticas públicas que incentivem uma nutrição equilibrada, o aleitamento materno e todo o acompanhamento pré-natal são fundamentais para maximizar os benefícios proporcionados por essa fase crítica. Sendo assim, a integração de múltiplos profissionais de saúde e suporte familiar essenciais para o alcance de melhores desfechos, prevenindo DCNTs e promovendo um desenvolvimento pleno. Priorizando ações durante esse período de oportunidades, é possível contribuir não apenas no elo materno-infantil, mas com avanços positivos na saúde pública.

REFERÊNCIAS

DUDE, A. M. et al. Gestational Weight Gain and Pregnancy Outcomes among Nulliparous Women. **American journal of perinatology**, v. 38, n. 2, p. 182–190, jan. 2021.

ERGANG, B. C. et al. Duração da amamentação e comportamentos alimentares na primeira infância: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 23, p. e20220074, 3 mar. 2023.

HORTA, B. L.; LORET DE MOLA, C.; VICTORA, C. G. Long-term consequences of breastfeeding on cholesterol, obesity, systolic blood pressure and type 2 diabetes: a systematic review and meta-analysis. **Acta Paediatrica**, v. 104, n. S467, p. 30–37, 2015.

MAZUR, D. et al. Impact of Maternal Body Composition, Hydration, and Metabolic Health on Breastfeeding Success: A Comprehensive Review. **Medical Science Monitor: International Medical Journal of Experimental and Clinical Research**, v. 30, p. e945591, 31 out. 2024.

MOSQUERA, Paola Soledad. **Determinantes das práticas de aleitamento materno nos primeiros dois anos de vida na coorte MINA-Brasil**. 2023. 152 f. Tese (Doutorado) - Curso de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

NOGUEIRA-DE-ALMEIDA, C. A. et al. First 2,200 days of life as a window of opportunity for multidisciplinary action regarding the developmental origin of health and disease: positioning of the Brazilian Association of Nutrology. **International Journal of Nutrology**, v. 15, n. 3, 25 ago. 2022.

PASTRO, D. DE O. T. et al. Continued Breastfeeding in a Birth Cohort in the Western Amazon of Brazil: Risk of Interruption and Associated Factors. **Nutrients**, v. 16, n. 19, p. 3408, 8 out. 2024.

SANKAR, M. J. et al. Optimal breastfeeding practices and infant and child mortality: a systematic review and meta-analysis. **Acta Paediatrica**, v. 104, n. S467, p. 3–13, 2015.

SANTOS DA SILVA, L. L. et al. Maternal pre-pregnancy body mass index, gestational weight gain and child weight during the first 2 years of life in an Amazonian birth cohort. **Journal of Human Nutrition and Dietetics**, v. 36, n. 4, p. 1327–1338, 2023.

DESAFIOS NA COBERTURA VACINAL DA POPULAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA

Fernando da Silva Lima¹; Ana Beatriz Costa¹; Maria Paloma Dantas Silva¹; Geise Laine Flor Santana¹; Danielle Samara Tavares de Oliveira Figueiredo².

Graduandos em enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande¹;
Docente em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande².

fernandodasilvalima26@gmail.com

RESUMO

A saúde, conforme a Constituição Federal de 1988 é um direito universal a ser garantido pelo Estado. Nessa premissa, pode-se incluir a garantia de cobertura vacinal para os diversos grupos que formam o tecido social. Porém, na presente realidade nacional, observa-se, especialmente nos últimos dez anos, o contraste entre o ideal constitucional e a queda preocupante dos padrões de cobertura vacinal. Quando o enfoque é no público infantil, a situação não é menos relevante, visto a extensão da quantidade de vacinas que compõem o calendário nacional de imunização, fundamental à infância saudável e protegida. O presente trabalho é uma revisão integrativa da literatura nos bancos de dados SciELO e LILACS acerca dos desafios na cobertura vacinal da população infantil brasileira, ao cruzar os Descritores em Ciência e Saúde (DeCS) “Cobertura vacinal”, “Imunização” e “Saúde da criança”, a fim de resumir à comunidade acadêmica os problemas, como a falta de acesso, o negacionismo e as “fake news”, enfrentados por programas governamentais para alcançarem as suas metas de cobertura. Foram incluídos vinte e três estudos, os quais levaram à conclusão que o Brasil carece em cumprir as metas pré-estabelecidas pelo Ministério da Saúde. Portanto, campanhas de conscientização e educação urgem como necessidade.

Palavras-chave: Cobertura vacinal; Imunização; Saúde da criança.

1 INTRODUÇÃO

A vacinação no território brasileiro é considerada uma das grandes e memoráveis ações da saúde pública nacional. Para manter tal cenário, surgiram os programas de imunização governamentais, responsáveis pela criação de ações que objetivassem a imunização em massa, por meio de trabalhos baseados no indicador de cobertura, o qual analisa a proporção do grupo-alvo vacinado, levando em consideração o seguinte cálculo: total de últimas doses de uma vacina sobre a quantidade de participantes do grupo-alvo, multiplicando-se o resultado por 1003 (mil e três). Tal estratégia de vacinação, conforme Vieira (2024) tem sido implementada pelo Programa Nacional de Imunização (PNI) desde os anos 70, junto ao Sistema Único de Saúde (SUS), responsável por garantir os imunizantes para a efetivação da promoção e proteção à saúde.

Nessa conjuntura, é importante salientar a atuação de tais projetos no que concerne à saúde infantil, visto que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ao apresentar os deveres do Poder Público em relação às crianças, assim considerados os indivíduos que tenham até doze anos incompletos, enfatiza a necessidade da garantia de acesso aos direitos referentes à saúde, entre eles a vacinação nos casos recomendados pelas autoridades em saúde. Nesse contexto, surge o personagem do “Zé Gotinha”, o qual, conforme o Ministério da Saúde (2023), é uma figura criada para facilitar a adesão do público infantil à aplicação de vacinas, a exemplo da

vacina injetável contra a poliomielite, administrada aos dois, quatro e seis meses de idade. Assim, tal trabalho se propõe a analisar se o padrão objetivado, ou seja, a porcentagem de cobertura vacinal em 95% pelo Ministério da Saúde, para a imunização do público infantil brasileiro é uma realidade.

2 METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão integrativa da literatura disponível nos bancos digitais de informações LILACS e SciELO. Ao ser feita a combinação das palavras-chave “Cobertura vacinal AND imunização AND saúde da criança”, fornecidas pelos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), obteve-se 194 obras disponíveis na LILACS e 19 produções na SciELO. Optou-se para esta produção incluir os trabalhos que apresentassem recorte temporal entre 2014 e 2024, em língua portuguesa, inglesa ou em espanhol, com vistas a analisar o cenário presente nesta última década acerca da imunização infantil em solo pátrio, sob a perspectiva de estudiosos sobre o Brasil, sejam desse país ou não. Dessa forma, restaram 94 trabalhos pela LILACS e 14 pela SciELO. Em seguida, foram selecionados os trabalhos que apresentassem em seu título a temática de avanços ou desafios na vacinação brasileira, restando 20 obras da LILACS e 8 da SciELO. Após a leitura dos resumos em cada artigo e das seções introdutórias nos trabalhos mais extensos, permaneceram 15 produções da LILACS e 8 da SciELO, as quais abordavam a imunização da população infantil nacional e, desse modo, foram tomados por base para o presente resumo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram analisadas 23 publicações nesta pesquisa. Primeiramente, é importante salientar a enfática queda da cobertura vacinal conforme registrada por grande maioria dos autores. A situação apresenta-se preocupante na medida em que desde 2019, não há mais o alcance de cobertura a 95%. Essa realidade pode ser refletida por diversos desafios dentre eles, o cenário político de 2014 em diante, e a pandemia da Covid-19 em meados do fim de 2019. A pandemia favoreceu o isolamento dos indivíduos aos serviços públicos por receio da contaminação, além do crescente número de “*fake news*” no âmbito digital após o cenário pandêmico, as quais descredibilizaram os antivirais contra o Sars-Cov-2.

Outros imunizantes não escaparam de ataques de coletividades conspiratórias antivacina, especialmente grupos associados a movimentos políticos cujo objetivo é a polarização de ideias. Por conseguinte, doenças que antes eram consideradas imunopreveníveis por meio da vacinação retornam ao cenário público, a exemplo do retorno do sarampo no ano de 2018. Outro desafio mencionado entre nas pesquisas, foi a presença de desigualdades socioeconômicas quanto a questões geográficas ou econômicas, evidenciado pela cobertura ínfima em regiões cuja taxa de desemprego fosse elevada e as condições financeiras da família não fossem sólidas para manutenção de um estilo de vida digno, conforme os direitos sociais constitucionais, de forma a privilegiar regiões gentrificadas. Destaca-se nas produções, como avanço alcançado pela imunização em massa, a redução da mortalidade infantil, considerando que tamanho progresso social está condicionado aos determinantes sociais supracitados. Logo, a materialização desse objetivo só será possível por meio de políticas públicas de alcance e informe às comunidades que carecem de entendimento quanto a tais preparados imunológicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conclui-se na perspectiva de que os regressos presentes no âmbito informacional na cobertura vacinal nacional não permaneçam no atual estado. As contribuições

das novas vacinas, das pesquisas acerca de suas propriedades e das consequências da cobertura incompleta, conforme bem relatadas por pesquisadores, formam o escopo necessário para que a atenção do Poder Público esteja voltada à saúde infantil brasileira. Novas formas de contato com as famílias em condições sociais menos favoráveis e formação educacional sobre imunização à população em geral apresentam-se como propostas interessantes para a mitigação da problemática. Da mesma forma que o Brasil enfrentou a Revolta da Vacina, pode-se concluir que as suas novas formas, tais como a propagação de falsos relatos sobre a procedência e propriedade dos imunizantes, também podem ser resolvidas, por meio do reforço à educação em saúde, realizada pela equipe de enfermagem na Atenção Primária, a qual encontrará um forte local para espalhar informação segura nas unidades básicas de saúde, porta preferencial de atendimento vacinal.

REFERÊNCIAS

Andrade, Fernanda Catherine Alves de. Cobertura vacinal em crianças até 1 ano de idade no estado do Rio de Janeiro entre 2008 a 2020. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Carvalho, M. D. S. de. *Et. al.* Cobertura vacinal e taxa de abandono nas capitais do Nordeste brasileiro entre 2018 e 2022.. **Revista Ciência Plural**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 1–14, 2023. DOI: 10.21680/2446-7286.2023v9n3ID31547. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/31547>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ESTRATÉGIAS PARA AUMENTAR A COBERTURA VACINAL: OVERVIEW DE REVISÕES SISTEMÁTICAS. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/08/1391037/estrategias-para-aumentar-a-cobertura-vacinal-overview-de-revi_bs9LFL7.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Ferreira, T. L. Dos S. *Et al.* Análise espacial da mortalidade em crianças menores de cinco anos no Brasil: indicadores sociais e assistenciais de saúde. **Revista Ciência Plural**, v. 8, n. 3, p. 1–13, 29 out. 2022. DOI: 10.21680/2446-7286.2022v8n3ID26740. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/26740>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Garcia, Érica Marvila. **Fatores associados à hesitação materna em vacinar e à situação vacinal de crianças de até dois anos de idade em Araraquara-SP.** 2022. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.6.2022.tde-14062022-164142>. Acesso em: 25 nov. 2024.

Glehn, M. De P. Von. *Et al.* *Human papillomavirus vaccination coverage in Northeast Brazil, 2013-2021: a descriptive study.* **Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Único de Saúde do Brasil**, v. 32, n. 2, 2023. DOI: 10.1590/S2237-96222023000200012. Disponível em: scielo.br/j/ress/a/F9wsntHzRKPtVlBjvXmgXwh/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 nov. 2024.

Reichert APS, Soares AR, Bezerra ICS, Pedrosa RKB, França DBL, Vieira DS. Situação Vacinal de Crianças Cadastradas em Equipes de Saúde da Família. **R Pesq Cuid Fundam** [Internet]. 2022 [Acesso em: 20 nov. 2024.];14:e11398. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11398>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Rosa F. M, *et al.* Perfil epidemiológico dos casos suspeitos de sarampo e rubéola notificados no SINAN, Brasil, 2007 a 2016. **Rev. Cient. Esc. Estadual Saúde Pública Goiás “Cândido Santiago”**, v. 9, p. 1–16 9c2, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22491/2447-3405.2023.V9.9c2>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Vieira, Alessandra Magela dos Santos. Fatores associados à cobertura vacinal infantil no Brasil e Unidades da Federação. 2023. 91 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Serviços de Saúde) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Acesso em: 20 nov. 2024.

LEISHMANIOSE VISCERAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO ESTADO DO PIAUÍ: ESTUDO ECOLÓGICO DE ONZE ANOS

Maria Clara Sales Rodrigues¹; Luana Bastos Araújo².

Graduanda em Farmácia pela Universidade Federal do Piauí¹, Mestranda em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí².

mariaclarasr@ufpi.edu.br

RESUMO

Este estudo analisou os casos confirmados de Leishmaniose Visceral (LV) em crianças e adolescentes no Estado do Piauí entre 2012 e 2022, utilizando dados secundários do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). A maioria dos casos ocorreu na faixa etária de 1 a 4 anos, representando 48,2% dos 904 casos confirmados. A análise temporal revelou uma tendência de redução geral, mas com picos em 2014 e 2017. A evolução dos casos mostrou que, apesar da alta proporção de dados ignorados (392), a cura foi observada em 399 casos, enquanto 35 óbitos ocorreram, evidenciando a gravidade da doença, que é tratável. O baixo número de abandonos (2 casos) indicou a eficácia no acompanhamento, mas a alta proporção de dados faltantes limita a análise precisa dos desfechos clínicos. Os resultados destacam a necessidade de melhorias no sistema de notificação, no controle vetorial e na vigilância, especialmente em áreas urbanas.

Palavras-chave: zoonose; mortalidade infantil; controle vetorial.

1 INTRODUÇÃO

A Leishmaniose Visceral (LV), ou calazar, é uma zoonose de evolução crônica potencialmente fatal para o ser humano, principalmente quando não há tratamento adequado. No Brasil, é transmitida, por meio da picada de insetos fêmea da espécie *Lutzomyia longipalpis*, conhecidos como mosquito palha, infectados com o *Leishmania chagasi*, principal agente etiológico no País, sendo o cão doméstico o principal reservatório deste agente (Gontijo; Melo, 2024; Brasil, 2024).

Nas Américas, o Brasil é o país com maior número de casos de LV e atinge principalmente a população infantil, essencialmente até os seis anos de idade (Xavier-Gomes *et al.*, 2009). A maioria dos casos apresenta-se como assintomático ou com sintomas moderados ou transitórios como diarreia, tosse seca, adinamia, febrícula, sudorese e discreta hepatoesplenomegalia, que evoluem ou não para a forma clássica da doença apresentando febre, hepatoesplenomegalia, com esplenomegalia volumosa, perda de peso, tosse, diarreia, dor e distensão abdominal (Queiroz; Alves; Correia, 2004).

Até a década de 1990, a região Nordeste foi responsável pela maioria dos casos notificados no Brasil, com apenas 10% sendo de outras regiões. A LV tem se expandido para as regiões urbanas graças ao crescimento acelerado, representando uma ameaça para as crianças, população mais vulnerável, e adultos (Almeida *et al.*, 2020).

Diante disso, o presente estudo teve como objetivo verificar a frequência de casos confirmados de Leishmaniose Visceral em crianças e adolescentes no Estado do Piauí entre os anos de 2012 a 2022.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo ecológico de série temporal dos casos notificados de leishmaniose visceral, no período de 2012 a 2022, a partir de dados secundários, considerando-se como unidade de análise o estado do Piauí. Os dados foram resgatados por meio da base de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e organizados utilizando o TABNET, foram exportados para o Microsoft Excel 2019, onde foram tabulados e organizados, para construção de tabelas e gráficos a fim de realizar a análise deste estudo. O presente estudo incluiu crianças e adolescentes, separados por faixa etária, até os 19 anos, seguindo a classificação adotada pelo DATASUS. Os dados ignorados foram excluídos do estudo, incluindo os que não possuíam idade registrada, impossibilitando a classificação como criança ou adolescente.

Para a busca dos dados foi utilizada como estratégia de busca, na aba de dados Epidemiológicos e Morbidade seguido de Doenças e Agravos de Notificação - 2007 em diante (SINAN) com abrangência no Estado do Piauí. Para identificação do número total foi selecionada a linha Faixa Etária, coluna não ativa e conteúdo Casos confirmados. Para construção da linha temporal, coletou-se os dados através da seleção linha Faixa Etária, coluna Ano de notificação e conteúdo Casos confirmados. Para obtenção da evolução dos casos selecionou-se linha Faixa Etária, coluna Evolução e conteúdo Casos confirmados. As variáveis do estudo foram: faixa de idade, ano de notificação de casos confirmados e evolução dos casos (abandono, cura, óbito por LV, óbito por outras causas ou transferência). A interpretação dos dados e os resultados foram expostos em gráficos e tabelas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na **Tabela 1**, é apresentado o total de casos confirmados no Estado do Piauí entre os anos 2012 e 2022 de acordo com faixa etária. Pode-se observar que a maioria dos casos na infância e adolescência concentra-se na faixa de 1 a 4 anos, na primeira infância.

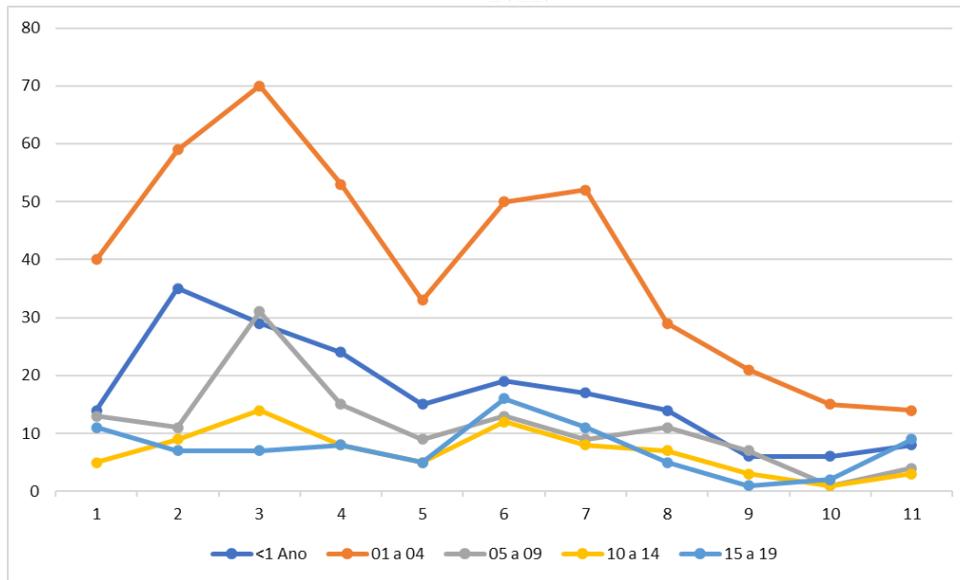
Tabela 1. Casos confirmados de Leishmaniose Visceral por Faixa Etária no Piauí entre 2012 e 2022.

Faixa Etária	Casos confirmados
<1 Ano	187
01 a 04	436
05 a 09	124
10 a 14	75
15 a 19	82
Total	904

Fonte: Ministério da Saúde/SVSA - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2024.

Na **Figura 1**, observa-se a linha temporal de casos confirmados de LV de acordo com cada faixa etária entre esses 11 anos, sendo o 1 equivalente a 2012 e 11 equivalente a 2022. Há uma tendência geral de redução, com oscilações e picos nos anos de 2014 e 2017.

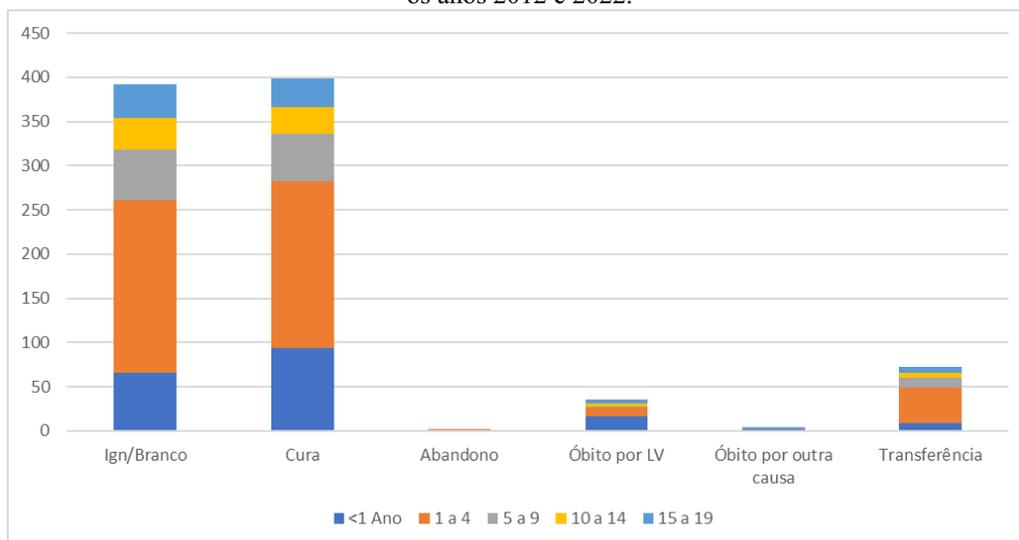
Figura 1. Linha temporal de casos confirmados de Leishmaniose Visceral por Faixa Etária no Piauí entre 2012 e 2022.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados do Ministério da Saúde/SVSA - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2024.

Na **Figura 2**, pode-se verificar qual foi a evolução dos casos de LV, obtendo-se uma observação de grande parcela dos casos ter sua evolução em branco ou ignorada (392), assim dificultando a verificação da real evolução geral dos casos no Piauí, contudo, ainda há uma grande parcela de cura (399), equivalente à quantidade de casos por faixa, abandonos foram raros (2), porém ainda houveram muitos óbitos por LV (35) considerando que é uma doença tratável, e óbitos por outras razões, que não a LV, foram baixos (4).

Figura 2. Evolução dos casos confirmados de Leishmaniose Visceral no Piauí, em crianças e adolescentes entre os anos 2012 e 2022.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados do Ministério da Saúde/SVSA - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2024.

A análise dos casos de leishmaniose visceral (LV) em crianças e adolescentes no estado do Piauí, ao longo de 11 anos (2012-2022), revela que a maioria dos casos concentrou-se na faixa etária de 1 a 4 anos, representando 48,2% do total de 904 casos confirmados. O estudo de Farias *et al.* (2019), analisou 376 casos de LVH no Norte de Minas (2011-2015), destacando

maior incidência em crianças de 1 a 4 anos, em áreas urbanas, com prevalência masculina, o que corrobora os achados do estado do Piauí. Isso evidencia o elevado risco à saúde infantil, particularmente na primeira infância, quando o sistema imunológico ainda está em desenvolvimento. Ademais, a análise temporal revelou uma tendência geral de redução dos casos de LV, com picos em 2014 e 2017, sugerindo a necessidade de investigar fatores como mudanças ambientais e falhas no controle vetorial. A alta proporção de dados ignorados (392) evidencia fragilidades no sistema de notificação, dificultando a análise dos desfechos clínicos. Apesar disso, o elevado número de curas (399) demonstra a eficácia do tratamento, enquanto os 35 óbitos destacam a gravidade da doença. A baixa taxa de abandono (2 casos) sugere esforços eficazes no acompanhamento.

Por fim, a vulnerabilidade social e a urbanização desordenada no Piauí reforçam a urgência de vigilância e de intervenções focadas em crianças, além de melhorias nos registros e controle vetorial para mitigar a transmissão (Von Zuben; Donalísio, 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os dados sobre Leishmaniose Visceral no Piauí mostrem uma tendência de redução dos casos, a alta proporção de dados ignorados revela falhas no sistema de notificação, o que limita a análise precisa dos desfechos clínicos. O número de curas é um indicativo positivo, mas os óbitos ainda ressaltam a gravidade da doença, especialmente considerando sua tratabilidade. A baixa taxa de abandono sugere um acompanhamento eficaz, mas isso não é suficiente para compensar as deficiências no controle vetorial e na vigilância, que precisam ser reforçados onde a vulnerabilidade é mais acentuada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. P. *et al.* Leishmaniose visceral: distribuição temporal e espacial em Fortaleza, Ceará, 2007-2017. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 5, e2019422, 2020. Acessos em: 30 nov. 2024. <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742020000500002>.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Leishmaniose Visceral**. In: *Leishmaniose Visceral*. [S. l.], 2024. Acesso em: 30 nov. 2024.

FARIAS, H. M. T. *et al.*, Perfil epidemiológico da leishmaniose visceral humana nas regiões de saúde do norte de Minas Gerais / Epidemiological profile of human visceral leishmaniasis in the health regions of northern Minas Gerais. **Enferm. foco**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 90-96, abr. 2019. Acesso em: 2 dez. 2024.

GONTIJO, C. M. F.; MELO, M. N. Leishmaniose visceral no Brasil: quadro atual, desafios e perspectivas. **Rev. bras. epidemiol.**, [S. l.], v. 7(3), p. 338-349, set. 2024. DOI <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2004000300011>. Acesso em: 30 nov. 2024.

XAVIER-GOMES, L. M. *et al.* Características clínicas e epidemiológicas da leishmaniose visceral em crianças internadas em um hospital universitário de referência no norte de Minas Gerais, Brasil. **Rev Bras Epidemiol**, [S. l.], v. 12 (4), p. 549-555, 28 set. 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2009000400005>. Acesso em: 30 nov. 2024.

VON ZUBEN, F. J.; DONALÍSIO, M. R. L. Controle da leishmaniose visceral no Brasil: o fim de um ciclo? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 6, eED010616, jun. 2016. DOI: 10.1590/0102-311X00ED010616. Acesso em: 2 dez. 2024.

USO TERAPÊUTICO DO ÓLEO ESSENCIAL DE LAVANDA NA SAÚDE INFANTIL

Manoela Tovo Kinner¹; Caroline Tovo Vasconcelos².

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz¹, Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz².

Manutovokinner@gmail.com

RESUMO

A aromaterapia é uma prática que utiliza centrados voláteis extraídos de vegetais, chamados de óleos essenciais, para melhorar diversos aspectos do indivíduo. Ao serem inalados atingem diretamente o sistema límbico e, uma porção, a corrente sanguínea, ao serem administrados de forma tópica adentram a pele e alcançam a circulação. O óleo de lavanda possui vários efeitos benéficos, desde redução do estresse até anti-inflamatório e analgésico suave. Nesse sentido, o presente estudo buscou elucidar os efeitos do óleo essencial de lavanda e sua repercussão na saúde da criança. Para tanto, realizou-se uma revisão de literatura narrativa de ensaios clínicos sobre os efeitos do uso tópico e inalatório do óleo em crianças de 0 a 12 anos. A partir disso, observou-se que o uso inalatório se mostrou eficaz no alívio de dores pós-cirúrgicas, como frenotomia e amigdalectomia, queimaduras, venopunções e tratamentos odontológicos, além de reduzir a ansiedade, enquanto o uso tópico mostrou-se eficaz na melhoria das cólicas em recém-nascidos. Esses resultados mostram-se pertinentes, evidenciando a eficácia da aromaterapia com óleo essencial de lavanda como abordagem não farmacológica individualizada para diversas condições que acometem crianças.

Palavras-chave: crianças; aromaterapia; lavanda.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde são abordagens terapêuticas que visam a promoção, recuperação e prevenção dos agravos à saúde, enfatizando a conexão entre ser humano, meio ambiente e sociedade (Brasil, 2015). Em 2018, a portaria N° 702, de 21 de março, incluiu novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, dentre elas a Aromaterapia. Segunda essa portaria, “Aromaterapia é prática terapêutica secular que consiste no uso intencional de concentrados voláteis extraídos de vegetais - os óleos essenciais (OE) - a fim de promover ou melhorar a saúde, o bem-estar e a higiene” (Brasil, 2018).

Os óleos essenciais atuam de diversas formas no organismo. Quando inalados, estimulam o sistema olfativo através do bulbo e dos nervos olfatórios, esse estímulo atinge o Sistema Límbico, responsável pelo controle da memória, emoção, sexualidade, impulsos e reações instintivas. O restante do óleo inalado adentra o sistema respiratório e é absorvido pela corrente sanguínea. A aplicação cutânea das moléculas permite que o óleo seja absorvido e transportado pela circulação sanguínea, sendo conduzido até os órgãos e tecidos do corpo. (Gnatta; Dornellas; Silva, 2011)

O óleo de lavanda é calmante, sedativo, equilibra emoções e contribui para a tranquilidade emocional, reduzindo o stress. Além disso, é antibacteriano, anti-inflamatório e analgésico suave (Tisserand, 1977). Com isso, o presente estudo buscou elucidar os potenciais efeitos terapêuticos do óleo essencial de lavanda na saúde de crianças, destacando suas

aplicações e benefícios para o bem-estar infantil.

2 METODOLOGIA

Foi realizada, para esta revisão de literatura narrativa, uma busca ativa exclusivamente na plataforma PubMed, por meio da procura de artigos pelas palavras-chave “*essential oil and child*”, resultando em 738 artigos encontrados.

Foram selecionados, para essa análise, apenas artigos originais de ensaios clínicos envolvendo crianças de 0 a 12 anos, publicados entre 2012 a 2022. Além disso, não houve restrição por sexo das crianças e nem por tipo de aplicação do óleo essencial.

Todos os artigos incluídos avaliaram o óleo essencial de lavanda. Foram excluídos estudos que analisavam outros óleos, pacientes de faixa etária distinta de 0 a 12 anos, revisões de literatura e experimentos realizados em animais, totalizando 8 artigos selecionados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O uso do óleo essencial lavanda nas crianças, desde neonatos até os 12 anos de idades, tanto na forma inalada quanto tópica, foi associado a efeitos positivos, sem relatos de efeitos adversos.

No contexto cirúrgico, observou-se que o óleo essencial de lavanda inalado auxiliou na redução da dor durante e após frenotomias para freios linguísticos tipo 3 em neonatos, com diminuição do tempo de choro nos bebês que utilizam o óleo, os quais choraram quase metade do tempo (9,8 segundos a menos) em comparação com os pacientes controle, também houve redução significativa das pontuações *Neonatal Infant Pain Scale* (NIPS), escala que avalia a expressão facial, o choro, o padrão respiratório, a posição dos braços e pernas e o estado de excitação (Maya-Enero *et al.*, 2022). Além disso, o uso do óleo reduziu de forma estatisticamente significativa na frequência de uso diário de paracetamol nos os três primeiros dias após amigdalectomia em crianças de 6 a 12 anos (Soltani *et al.*, 2013).

Durante a o tratamento odontológico, percebeu-se diminuição da percepção da dor durante a injeção odontológica e da ansiedade durante o procedimento no grupo que fez inalação do óleo, isso foi evidenciado pela redução da escala de dor facial, da frequência cardíaca e do nível de cortisol salivar das crianças durante o tratamento (Ghaderi; Solhjou, 2020). Além disso, houve redução estatisticamente significativa da dor após extrações dentárias, demonstrada pela queda nas pontuações da *Facial Image Scale* (FIS) (Arslan; Aydinoglu; Karan, 2020).

O alívio da dor também foi observado durante a coleta de amostra de sangue por punção no calcanhar em bebês prematuros que inalaram óleo de lavanda, tanto durante a coleta quanto após o procedimento, isso indica que o óleo pode ser uma alternativa aos medicamentos frequentemente restritos aos bebês devido aos resultados adversos (Usta; Tanyeri-Bayraktar; Bayraktar, 2021). Como a coleta de sangue é considerada um dos procedimentos dolorosos realizados em quase todos os recém-nascidos, e esses procedimentos dolorosos repetidos podem afetar o desenvolvimento do sistema nociceptivo, a inalação do óleo de lavanda também demonstrou eficácia na redução da dor da coleta em neonatos a termo (Razaghi *et al.*, 2020).

Notou-se que em queimadura superficial de segundo grau e com área queimada <15%, crianças de 2 meses a 7 anos que inalaram óleo de lavanda apresentaram níveis de dor mais baixos no 1º e 30º minutos após o curativo, bem como menor frequência respiratória, frequência cardíaca e pressão arterial média, em comparação com as do grupo controle. Não houve diferença estatisticamente significativa entre o grupo que inalou óleo de lavanda 15 min antes e 60 min antes em termos de nível de dor e sinais vitais. (Ardahan Akgül *et al.*, 2021).

Um estudo analisado avaliou o efeito da massagem aromaterápica com óleo de lavanda,

aplicada durante 5 a 15 min, no alívio de cólica em bebês de 2 a 6 semanas de idade. Os resultados mostraram que o tempo médio semanal de choro para bebês no grupo que utilizou o óleo de lavanda começou a diminuir a partir da primeira observação, demonstrando eficácia na redução de cólica infantil e na redução a gravidade da cólica infantil (Çetinkaya; Başbakkal, 2012).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, os estudos analisados evidenciaram efeitos positivos do óleo de lavanda, tanto na inalação quanto de forma tópica (massagem aromaterápica), na saúde infantil, sem relatos de efeitos colaterais. A partir disso, conclui-se que o uso inalatório do óleo essencial de lavanda se mostrou eficaz no alívio de dores pós-cirúrgicas, queimaduras, venopunções e tratamentos odontológicos, além de reduzir a ansiedade, enquanto o uso tópico demonstrou eficácia na melhoria das cólicas em recém-nascidos.

Assim, nota-se sua importância, uma vez que o óleo essencial de lavanda é uma opção viável como forma de tratamento não farmacológico, podendo ser adaptado às necessidades individuais da criança e associado com outras abordagens terapêuticas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria N° 702, de 21 de março de 2018**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. Brasília, 2015.

GNATTA, J. R.; DORNELLAS, E. V.; SILVA, M. J. P. DA. O uso da aromaterapia no alívio da ansiedade. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 2, p. 257–263, 2011.

TISSERAND, R. **The art of aromatherapy: the healing and beautifying properties of the essential oils of flowers and herbs**. Rochester, Vt.: Healing Arts Press, 1977.

MAYA-ENERO, S. et al. Analgesic effect of inhaled lavender essential oil for frenotomy in healthy neonates: a randomized clinical trial. **World Journal of Pediatrics**, v. 18, n. 6, p. 398–403, 4 abr. 2022.

USTA, C.; TANYERI-BAYRAKTAR, B.; BAYRAKTAR, S. Pain Control with Lavender Oil in Premature Infants: A Double-Blind Randomized Controlled Study. **The Journal of Alternative and Complementary Medicine**, v. 27, n. 2, p. 136–141, 1 fev. 2021.

GHADERI, F.; SOLHJOU, N. The effects of lavender aromatherapy on stress and pain perception in children during dental treatment: A randomized clinical trial. **Complementary Therapies in Clinical Practice**, v. 40, p. 101182, 1 ago. 2020.

SOLTANI, R. et al. Evaluation of the effect of aromatherapy with lavender essential oil on post-tonsillectomy pain in pediatric patients: A randomized controlled trial. **International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology**, v. 77, n. 9, p. 1579–1581, set. 2013.

ARDAHAN AKGÜL, E. et al. Effectiveness of lavender inhalation aromatherapy on pain level and vital signs in children with burns: a randomized controlled trial. **Complementary Therapies in Medicine**, v. 60, p. 102758, 1 ago. 2021.

ÇETINKAYA, B.; BAŞBAKKAL, Z. The effectiveness of aromatherapy massage using lavender oil as a treatment for infantile colic. **International Journal of Nursing Practice**, v. 18, n. 2, p. 164–169, 21 mar. 2012.

RAZAGHI, N. et al. The effectiveness of familiar olfactory stimulation with lavender scent and glucose on the pain of blood sampling in term neonates: A randomized controlled clinical trial. **Complementary Therapies in Medicine**, v. 49, p. 102289, 1 mar. 2020.

ARSLAN, I.; AYDINOGLU, S.; KARAN, N. B. Can lavender oil inhalation help to overcome dental anxiety and pain in children? A randomized clinical trial. **European Journal of Pediatrics**, n. 179, 6 fev. 2020.

SAÚDE MENTAL E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Pedro Henrique Lessa de Oliveira¹; Juliano Policarpo Moura²; Paula Silveira Araujo¹;
Matheus Waldeck Felix de Sousa Lemos¹; Vitor Hugo Vigilato Leite¹; Sâmella Soares
Oliveira Medeiros²; Suzan Kelly Macedo³

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Goiás¹, Graduando em Medicina pelo
Centro Universitário Alfredo Nasser², Nutricionista pela FANUT/UFMG e Graduanda em
Medicina pela Universidade Federal de Goiás³

pedro.lessa@discente.ufg.br

RESUMO

A gravidez na adolescência é um fenômeno complexo que envolve fatores biológicos, sociais e psicológicos, apresentando sérias implicações para a saúde pública no Brasil. Este estudo, uma revisão narrativa de literatura, analisou os impactos psicológicos dessa condição, considerando artigos publicados entre 2019 e 2024. Foram identificados múltiplos desafios enfrentados pelas adolescentes grávidas, incluindo ansiedade, depressão e traumas psicológicos, frequentemente agravados pelo estigma social, violência doméstica e abuso sexual. A literatura revisada destacou que fatores socioeconômicos, culturais e regionais influenciam a experiência desses jovens, especialmente em áreas com baixo desenvolvimento socioeconômico. A gravidez precoce também está associada à falta de apoio familiar e social, intensificando o isolamento emocional e dificultando o acesso a recursos de saúde e suporte psicológico. Casos de gravidez em meninas menores de 14 anos, frequentemente relacionados a abuso sexual, evidenciam a necessidade urgente de intervenções especializadas. A pesquisa aponta para a importância de estratégias integradas que promovam a educação em saúde sexual, o fortalecimento do apoio social e a formulação de políticas públicas que considerem as especificidades desses jovens. Tais medidas são essenciais para mitigar os impactos psicológicos negativos, promover o bem-estar emocional e garantir um futuro mais saudável para adolescentes grávidas no Brasil.

Palavras-chave: gravidez; adolescência; saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência é um fenômeno complexo e multifacetado que envolve diversos fatores biológicos, sociais e psicológicos. No Brasil, essa condição tem implicações significativas para a saúde pública, afetando não apenas a vida das jovens mães, mas também de suas famílias e comunidades. A adolescência é um período crítico de desenvolvimento, marcado por mudanças físicas, emocionais e sociais intensas. Quando a gravidez ocorre durante essa fase, ela pode exacerbar desafios e vulnerabilidades, impactando profundamente a saúde mental das adolescentes. (Nascimento *et al.*, 2021)

Os estudos recentes de Cabral e Brandão (2020), Miura *et al.* (2020), Nascimento *et al.* (2021), Pinto *et al.* (2024) e Silva *et al.* (2020) trazem à luz diversas dimensões dos impactos psicológicos da gravidez precoce. Esses estudos destacam a influência de fatores socioeconômicos, culturais e contextuais na experiência das adolescentes grávidas, revelando como a falta de apoio e recursos adequados pode agravar sentimentos de ansiedade, depressão e isolamento.

Além disso, a gravidez na adolescência está frequentemente associada a experiências de violência doméstica e abuso sexual, que amplificam os traumas emocionais e psicológicos

dessas jovens. A presunção de abuso sexual em meninas grávidas antes dos 14 anos, por exemplo, destaca a gravidade das situações de violência e a necessidade urgente de intervenção e suporte especializado. (Pinto *et al.*, 2024)

Dessa maneira, compreender os impactos psicológicos da gravidez na adolescência é essencial para desenvolver estratégias eficazes de intervenção e políticas públicas que possam apoiar essas jovens de maneira integral. Este estudo busca explorar esses impactos, identificando as principais variáveis que influenciam a saúde mental das adolescentes grávidas.

2 METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma revisão narrativa de literatura acerca dos impactos físicos e psicológicos da gravidez na adolescência, baseado em artigos científicos publicados no PubMed entre 2019 e 2024. Diante disso, foi realizada uma busca utilizando os descritores “Teenage” e “Pregnancy”, utilizando como critério de inclusão textos completos disponíveis gratuitamente e em português, encontrando 20 resultados. Nessa conjuntura, os critérios de exclusão consistem em textos publicados fora do período estipulado, pagos, não alinhados com os objetivos da pesquisa e em idiomas diferentes dos selecionados. Desse modo, foram selecionados 5 estudos que melhor se adequaram à temática abordada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diversos estudos têm examinado os impactos psicológicos da gravidez precoce, destacando as múltiplas dimensões de vulnerabilidade enfrentadas pelas adolescentes grávidas. Nesse sentido, de acordo com Cabral e Brandão (2020), a gravidez na adolescência está intimamente ligada às questões de gênero e às práticas culturais de iniciação sexual. As adolescentes muitas vezes enfrentam pressões sociais que dificultam o uso de métodos contraceptivos e a tomada de decisões informadas sobre sua sexualidade. Esse contexto pode levar a gravidezes não planejadas, que geram impactos emocionais significativos, como ansiedade, medo e sentimentos de inadequação. A percepção negativa da gravidez pela sociedade, associada ao estigma, pode agravar o estresse psicológico das jovens, aumentando a vulnerabilidade a transtornos mentais.

Outro aspecto relevante é a relação entre gravidez na adolescência e violência doméstica, explorada por Miura *et al.* (2020). As condições sociais adversas e a exposição a ambientes de violência doméstica podem intensificar os impactos psicológicos da gravidez na adolescência. As adolescentes grávidas em contextos de violência enfrentam maiores desafios emocionais, incluindo depressão e traumas psicológicos. A falta de apoio familiar e social agrava o isolamento emocional, dificultando a busca por ajuda e recursos adequados para enfrentar a situação.

A análise de Nascimento *et al.* (2021) sobre a variação espacial da gravidez na adolescência no Brasil revela que os fatores socioeconômicos e regionais influenciam significativamente a prevalência dessa condição. Adolescentes em áreas com menores níveis de desenvolvimento socioeconômico enfrentam uma maior incidência de gravidez precoce, o que pode estar associado a níveis mais elevados de estresse e ansiedade devido às limitações de acesso a serviços de saúde e suporte psicológico. Além disso, a gravidez na adolescência em regiões vulneráveis é frequentemente acompanhada por expectativas sociais e culturais que podem impactar negativamente a saúde mental das jovens.

Estudos de Pinto *et al.* (2024) destacam a situação crítica de meninas menores de 14 anos grávidas, especialmente no que se refere à vulnerabilidade ao abuso sexual. A gravidez nessa faixa etária está frequentemente associada a situações de violência e abuso, que têm impactos devastadores na saúde mental das jovens. A presunção de abuso sexual, conforme

discutido por Silva *et al.* (2020), aumenta a vulnerabilidade psicológica das meninas, causando traumas profundos que afetam o desenvolvimento emocional e social a longo prazo.

Nessa perspectiva, os impactos psicológicos da gravidez na adolescência são multifacetados e profundamente influenciados por fatores socioeconômicos, culturais e contextuais. As adolescentes grávidas enfrentam uma série de desafios emocionais, incluindo estigmatização, ansiedade, depressão e traumas relacionados à violência. A implementação de estratégias de intervenção que promovam a educação em saúde sexual, o fortalecimento do apoio familiar e social, e a criação de políticas públicas sensíveis às necessidades dos jovens é essencial para mitigar os impactos psicológicos negativos e promover o bem-estar mental e emocional das adolescentes grávidas no Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gravidez na adolescência é uma questão complexa que envolve múltiplas dimensões de vulnerabilidade, impactando profundamente a saúde mental das jovens. Este estudo revelou que os fatores socioeconômicos, culturais e contextuais desempenham um papel crucial na experiência das adolescentes grávidas, exacerbando os desafios emocionais e psicológicos. As evidências indicam que a falta de apoio adequado, o estigma social e as práticas culturais relacionadas à iniciação sexual contribuem significativamente para sentimentos de ansiedade, medo e depressão entre as jovens.

A relação entre gravidez na adolescência e violência doméstica destaca a necessidade de uma abordagem integrada que inclua suporte psicológico e social. As adolescentes expostas a ambientes de violência enfrentam maiores riscos de desenvolver traumas emocionais, o que exige intervenções específicas para garantir sua segurança e bem-estar. Além disso, a presunção de abuso sexual em casos de gravidez precoce sublinha a gravidade das situações enfrentadas por meninas menores de 14 anos, reforçando a urgência de políticas públicas que protejam essas jovens e ofereçam apoio especializado.

Os impactos psicológicos da gravidez na adolescência são amplificados por condições de vida adversas e pela falta de acesso a serviços de saúde e educação. Portanto, a implementação de programas de educação em saúde sexual, o fortalecimento do apoio familiar e social, e a criação de políticas públicas sensíveis às necessidades desses jovens são essenciais para mitigar os impactos negativos e promover um desenvolvimento saudável.

Em suma, a abordagem dos impactos psicológicos da gravidez na adolescência requer uma estratégia abrangente que considere as diversas influências socioeconômicas e culturais. Somente por meio de intervenções integradas e sensíveis às especificidades desses jovens será possível promover seu bem-estar mental e emocional, garantindo um futuro mais promissor e saudável.

REFERÊNCIAS

CABRAL, C. S.; BRANDÃO, E. R. Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. **Cad. Saúde Pública**; 36(8):e00029420. 2020.

MIURA, P. O. Adolescência, gravidez e violência doméstica: condições sociais e projetos de vida. **Ver Bras Enferm.** 2020;73(Suppl 1): e20190111. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0111>. Acesso em 11 de novembro de 2024.

NASCIMENTO, T. L. C. Fatores associados à variação espacial da gravidez na adolescência no Brasil, 2014: estudo ecológico de agregados espaciais. Doi: 10.1590/S1679-49742021000100003. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, 30(1): e2019533, 2021.

PINTO, I. V. Gravidez em meninas menores de 14 anos: análise espacial no Brasil, 2011 a 2021. **Cien Saude Colet**; ISSN 1413-8123. V.29, n.9: e10582024. 2024. DOI: 10.1590/1413-81232024299.10582024.

SILVA, A. J. C. Presunção do abuso sexual em crianças e adolescentes: vulnerabilidade da gravidez antes dos 14 anos. **Ver Bras Enferm**. 2020;73(Suppl 4): e20190143. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0143>. Acesso em 11 de novembro de 2024.

CONSEQUÊNCIAS FUNCIONAIS DA MIELOMENINGOCELE E SEUS DESAFIOS NA QUALIDADE DE VIDA INFANTIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.

Lavinia Voss Agra¹; Monik Beatriz Ferreira de Paula¹; Vitor Padilha Barros¹; Laura Beatriz Dantas Torres¹; Vinícius Francelli Paes de Medeiros¹; Ewerton Amorim dos Santos².

¹Graduandos em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) ² Doutor em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

lavinia.agra@famed.ufal.br

RESUMO

Introdução: A mielomeningocele (MMC), forma mais grave de espinha bífida, é causada pela falha no fechamento do tubo neural nas primeiras quatro semanas gestacionais. Caracteriza-se pela protrusão das meninges e da medula espinhal, causando complicações neurológicas, motoras, esqueléticas e urológicas que impactam a qualidade de vida das crianças afetadas. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão integrativa com busca on-line nas principais bases de dados, utilizando os descritores “Myelomeningocele”, “Child development” e “Quality of life”. Foram analisados artigos dos últimos cinco anos, a partir de critérios de inclusão e exclusão específicos, resultando em 15 artigos selecionados. **Resultados e Discussão:** A MMC afeta o desenvolvimento infantil em múltiplos aspectos. Complicações cognitivas incluem déficits em funções executivas e dificuldades acadêmicas, agravadas por malformações como Chiari II. Comprometimentos motores, deformidades esqueléticas e disfunções urinárias são frequentes. Psicossocialmente, crianças enfrentam múltiplos desafios emocionais. O manejo multidisciplinar é crucial para a melhora da qualidade de vida, mas a baixa taxa de diagnóstico pré-natal e a falta de suplementação com ácido fólico aumentam a gravidade dos casos. **Considerações Finais:** A MMC requer diagnóstico precoce, cuidado multidisciplinar e suporte familiar para mitigar impactos físicos e psicossociais. Políticas públicas e pesquisas sobre intervenções acessíveis são essenciais para melhorar os desfechos clínicos.

Palavras-chave: mielomeningocele; qualidade de vida; desenvolvimento infantil.

1 INTRODUÇÃO

A mielomeningocele (MMC) é a forma mais grave de espinha bífida, uma malformação congênita do sistema nervoso central, resultante de uma falha no fechamento do tubo neural nas primeiras quatro semanas de gestação. Caracteriza-se pela protrusão das meninges e da medula espinhal, formando um saco na região da coluna vertebral que contém líquido cefalorraquidiano (Larsen, 2021). Globalmente, a incidência é de aproximadamente 4,63 por 10 mil nascimentos, enquanto no Brasil, a prevalência é estimada em 1,4 por 10 mil nascimentos (Soares et al., 2023). A condição é multifatorial, com maior incidência em gestantes que utilizam anticonvulsivantes, são obesas ou diabéticas, sendo a deficiência de ácido fólico o principal fator de risco, cuja suplementação pré-natal pode reduzir os defeitos do tubo neural em até 75% (Neves et al., 2021)

A MMC está associada a sequelas neurológicas severas, resultando em significativa morbidade e mortalidade. As complicações pós-natais mais comuns incluem disfunções cognitivas e motoras, deformidades esqueléticas, paraplegia e anormalidades urológicas (Freitas et al., 2023). Portanto, é fundamental implementar estratégias de prevenção,

diagnóstico precoce e tratamento adequado para melhorar a qualidade de vida e reduzir as taxas de morbimortalidade entre as crianças afetadas pela MMC.

Este trabalho visa analisar e sintetizar as evidências disponíveis na literatura sobre as consequências funcionais da mielomeningocele em crianças, destacando os desafios físicos, psicológicos e sociais enfrentados, bem como seu impacto na qualidade de vida infantil e familiar, a fim de identificar lacunas no conhecimento e direcionar futuras intervenções clínicas e sociais.

2 METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura, realizada por meio de consultas online nas bases de dados Pubmed, MedLine, LILACS e Google Acadêmico, utilizando os descritores “Myelomeningocele”, “Child development” e “Quality of life”, combinados com os operadores booleanos “AND” e “OR”, abrangendo artigos dos últimos cinco anos. Os critérios de inclusão foram artigos em todas as línguas que abordassem implicações funcionais no desenvolvimento de crianças (0 a 18 anos) diagnosticadas com MMC, além de aspectos relacionados à qualidade de vida desses pacientes. Estudos sobre adultos, outros defeitos do tubo neural ou intervenções sem análise de qualidade de vida foram excluídos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, foram identificados 277 artigos. Após análise pelos critérios de inclusão e exclusão, 28 artigos foram selecionados, dos quais 15 foram incluídos na revisão.

A mielomeningocele (MMC) apresenta diversas consequências funcionais que impactam o desenvolvimento infantil, especialmente complicações neuropsicológicas, como dificuldades cognitivas e de aprendizagem, que variam conforme a gravidade da lesão. Rendelli *et al.* (2021) avaliou 43 crianças italianas, de 6 a 16 anos, diagnosticadas com MMC, com o objetivo de descrever o perfil cognitivo e comportamental desses pacientes. A avaliação incluiu a *Wechsler Intelligence Scale for Children (WISC-IV)* e a *Leiter International Performance Scale (LEITER)*. Os resultados indicaram que crianças com MMC frequentemente enfrentam dificuldades em funções executivas, como planejamento e organização, além de comprometimentos em habilidades acadêmicas, o que prejudica seu desenvolvimento cognitivo e autonomia.

Além disso, a MMC afeta o desenvolvimento motor, resultando em capacidades motoras reduzidas desde o nascimento, o que limita a exploração do ambiente e o desenvolvimento de habilidades funcionais iniciais, como a manipulação de objetos. Essa limitação está frequentemente associada à malformação de Chiari II, que compromete funções motoras e a coordenação, impactando negativamente o desenvolvimento global da criança (Letcher *et al.*, 2022).

Deformidades esqueléticas, como escoliose, cifose e pé torto congênito, são comuns em crianças com MMC (Chiu *et al.*, 2020). Essas anomalias estão relacionadas à fraqueza muscular, desequilíbrio biomecânico e inervação inadequada, comprometendo a mobilidade funcional e podendo resultar em paraplegia. Isso reforça a necessidade de intervenções terapêuticas precoces e multidisciplinares, essenciais para otimizar o desenvolvimento motor e promover melhor qualidade de vida.

Comorbidades do sistema urinário, como incontinência urinária diurna e disfunção neurogênica do trato urinário inferior (DNTUI), também afetam o desenvolvimento infantil. Crianças com MMC podem apresentar dificuldades no armazenamento e esvaziamento da urina, impactando sua qualidade de vida (Sahin *et al.*, 2023; Li *et al.*, 2024).

Os impactos da MMC transcendem limitações físicas, afetando a qualidade de vida das crianças e suas famílias, especialmente no aspecto psicossocial. Desafios como preconceito, exclusão social e isolamento emocional são comuns, frequentemente exacerbados pela rotina intensa de cuidados (Bonelli *et al.*, 2021). Portanto, uma rede de suporte composta por familiares, amigos e profissionais de saúde é crucial para melhorar a qualidade de vida desses pacientes.

A MMC requer uma abordagem multidisciplinar para um manejo eficaz, dada sua complexidade e impacto nos sistemas musculoesquelético, neurológico, urinário e gastrointestinal. Essa coordenação não apenas melhora os desfechos clínicos, mas também reduz complicações e promove uma qualidade de vida superior (Shobeiri *et al.*, 2021). Contudo, a literatura carece de estudos randomizados controlados que ofereçam evidências robustas para embasar intervenções específicas, especialmente em diferentes faixas etárias e níveis de gravidade. Além disso, a baixa taxa de diagnóstico pré-natal e a falta de suplementação com ácido fólico contribuem para complicações severas e altas taxas de mortalidade (Mengiste *et al.*, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mielomeningocele (MMC) é uma condição grave que acarreta diversas consequências funcionais significativas nos âmbitos físico, psicológico e social, impactando profundamente a qualidade de vida das crianças afetadas e de suas famílias. Os déficits neurológicos, disfunções motoras e cognitivas, deformidades esqueléticas, complicações urológicas e paraplegia limitam o desenvolvimento infantil e a autonomia, intensificando os desafios diários e a necessidade de múltiplas intervenções cirúrgicas ao longo da vida. O manejo clínico apresenta desafios significativos, exigindo estratégias individualizadas e suporte contínuo.

Nesse contexto, diagnósticos e intervenções precoces são cruciais para minimizar sequelas e favorecer a reabilitação. Um cuidado multidisciplinar também demonstra um aumento na eficácia do aprimoramento das condições físicas e emocionais das crianças e suas famílias durante o acompanhamento pós-cirúrgico.

Por fim, recomenda-se a realização de estudos futuros voltados ao desenvolvimento de intervenções personalizadas, acessíveis e que possam ser incorporadas ao sistema público de saúde, visando a inclusão social e a melhoria contínua da qualidade de vida das crianças com MMC.

REFERÊNCIAS

BONELLI, M.A. *et al.* Buscando incansavelmente por melhores condições de saúde e vida para o filho com mielomeningocele. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 29, e3428, 2021.

CHIU, P. *et al.* Orthopedic management of spinal deformity in myelomeningocele: a review. **Journal of Pediatric Orthopaedics**, v. 40, n. 1, p. e1-e8, 2020.

FREITAS, D.S. *et al.* Desafios na abordagem e tratamento da mielomeningocele: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 12, 2023.

HAN, J. S. *et al.* Myelomeningocele repair at pediatric hospitals: association with routine discharge and shorter hospital stay. **Journal of Neurosurgery: Pediatrics**, v. 32, n. 3, p. 376–383, 2023.

KIM, H. *et al.* Foot deformities in children with myelomeningocele: clinical evaluation and management. **Clinical Orthopaedics and Related Research**, v. 480, n. 5, p. 945-953, 2022.

LARSEN, W.J. **Embriologia Humana**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2021.

LETCHER, J. M.; JURANEK, J. Spina Bifida Myelomeningocele: The Brain and Neuropsychological Outcomes. **Psicologia Clínica e Especial**. v. 9, n. 3, p. 1–14, 2020.

LINDQUIST, B. *et al.* A scoping review of cognition in spina bifida and its consequences for activity and participation throughout life. **Acta Paediatrica**, v. 111, n. 9, 2022.

LI, O. *et al.* Palliative care for pediatric urology. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 67, n. 3, p. 456-462, 1 mar. 2024.

MENGISTE, F.G. *et al.* Neural tube defect in a resource-limited setting: clinical profile and short-term outcome. **Pediatric Health, Medicine and Therapeutics**, v. 14, p. 289–299, 2023.

NEVES, I. C. S. *et al.* Fatores Maternos associados à ocorrência de Mielomeningocele: Uma Revisão Bibliográfica / Maternal Factors Associated with the Occurrence of Myelomeningocele: A Literature Review. **Revista de psicologia**, v. 15, n. 58, p. 617–625, 2021.

RENDELI, C. *et al.* Neuropsychological profiles in children and young adults with spina bifida. **Child's Nervous System**, v. 37, n. 7, p. 2033-2038, 2021.

SOARES, A.M. *et al.* Mielomeningocele, classificação, abordagens terapêuticas e os seus desdobramentos na vida adulta. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, Cajazeiras, v. 10, p. 631-641, 2023.

SHOBEIRI, P. *et al.* Orthopedic management of myelomeningocele with a multidisciplinary approach: a systematic review of the literature. **Journal of Orthopaedic Surgery and Research**, v. 16, n. 494, 2021.

ŞAHIN, A.H.; ŞAHIN, H. Frequency of enuresis nocturna and accompanying factors in primary school children in Balikesir (Turkiye) city center. **Turkish Journal of Pediatric Surgery**, v. 37, n. 1, 2023.

AUDITORIA EM ENFERMAGEM: GARANTINDO QUALIDADE E SEGURANÇA NO ATENDIMENTO AO PACIENTE EM INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

Beatriz Neves Guedes¹; Cláudia Lisboa Dias¹; Giovanna Maria Rebouças dos Reis¹; Mônica Cruz dos Santos¹; Steffanny Geovanna da Silva¹; Emina Camille Silva Barbosa²; Katherine Rios Almeida Pedreira³.

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹,
Graduada em enfermagem pela Faculdade Adventista da Bahia², Docente em enfermagem no
Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste³.

biiaguedes652@gmail.com

RESUMO

A auditoria em saúde, iniciada no século XX, tem o papel de avaliar a qualidade da assistência e controlar os custos nos serviços públicos e privados. Na enfermagem, a auditoria examina os registros para evitar glosas, que ocorrem por inconsistências ou informações ausentes. Este estudo realizou uma revisão narrativa da literatura em bases da BVS (2019-2024), utilizando os descritores "auditoria de enfermagem", "auditoria em saúde" e "instituições de saúde", foram selecionados seis artigos originais. Os resultados indicam que falhas nos registros de enfermagem afetam o faturamento hospitalar e a qualidade da assistência. As glosas revelam déficits nos registros, frequentemente inadequados ou incompletos. A auditoria permite identificar essas falhas, sugerir melhorias e promover a educação permanente. Profissionais devem se comprometer com registros claros e precisos para evitar prejuízos e garantir a continuidade do cuidado. Conclui-se que a auditoria em enfermagem é essencial para melhorar a qualidade dos serviços, prevenir glosas e capacitar a equipe. Além do controle financeiro, ela promove práticas éticas e seguras, reforçando a responsabilidade profissional e garantindo a excelência no atendimento ao paciente.

Palavras-chave: auditoria de enfermagem; auditoria em saúde; instituições de saúde.

1 INTRODUÇÃO

A auditoria na saúde, iniciada no século XX com o objetivo de avaliar a qualidade da assistência por meio de registros em prontuários, atualmente também desempenha um papel fundamental no controle financeiro e na regulação dos serviços prestados. Sua finalidade inclui a organização e o planejamento dos recursos, bem como o cumprimento das exigências legais, buscando melhorar a qualidade da assistência, tanto no setor público quanto no privado. No contexto hospitalar, a auditoria avalia a qualidade do atendimento e controla os custos, prevenindo glosas (Junior et al, 2023).

As auditorias em saúde têm caráter educativo, buscando entender as causas de resultados adversos e propor soluções preventivas e corretivas, sem apontar culpados. Durante o processo, os prontuários são analisados e, caso haja inconsistências nos registros ou ausência de informações, podem ocorrer glosas. Essas glosas correspondem ao cancelamento parcial ou total de valores considerados indevidos pelo auditor do plano de saúde, sendo aplicadas quando há dúvidas sobre a conformidade das práticas adotadas pela instituição (Junior et al, 2023).

A auditoria em enfermagem é uma avaliação sistemática voltada para a melhoria contínua das ações da profissão, dividida em três modalidades: prospectiva, realizada antes do atendimento para prever impactos futuros; concorrente, realizada durante o atendimento ao

paciente; e retrospectiva, feita após a alta, analisando os registros. Esses registros devem conter informações completas, fundamentais para a continuidade da assistência, a comunicação entre equipes, o ensino, a pesquisa, o planejamento e até processos jurídicos. Para isso, o uso de sistemas de linguagem padronizados, baseados em evidências científicas, é essencial, pois promove maior visibilidade ao trabalho do enfermeiro e da instituição. Contudo, é indispensável que os profissionais sejam capacitados para utilizá-los de forma adequada (Pimentel et al, 2023).

O prontuário é um instrumento essencial na avaliação da qualidade dos cuidados de saúde oferecidos ao paciente. Ele reúne documentos organizados que registram os atendimentos realizados por profissionais de saúde, sendo útil para processos judiciais, convênios e auditorias. Além disso, os registros de enfermagem desempenham papel fundamental na identificação de não conformidades e na educação permanente para aprimorar as práticas e reduzir falhas. Esses registros também auxiliam na comunicação entre a equipe de saúde, na coordenação do cuidado, e servem como base para pesquisa, educação e planejamento em diferentes prazos (Silva et al, 2021).

Os registros não apenas evitam prejuízos na continuidade do cuidado, mas também promovem a implantação de valores educacionais por meio da educação continuada, contribuindo para a recuperação de recursos financeiros perdidos por glosas e para a melhoria da qualidade da assistência prestada. Embora seja essencial que a auditoria seja realizada com qualidade, ainda existem fragilidades nas informações registradas pelos profissionais de enfermagem, o que resulta em prejuízos significativos. Assim, destaca-se a necessidade de aprimorar a qualidade dos registros, garantindo dados completos e detalhados sobre o cuidado prestado. Dessa forma, esses registros poderão servir como parâmetros confiáveis para alcançar excelência na assistência e na gestão de custos (Pinto et al, 2020)

Desempenhando um papel fundamental a auditoria, avalia, verifica e fiscaliza os resultados da assistência hospitalar, contribuindo para o controle de custos e o planejamento direcionado à redução de gastos e perdas. Nesse contexto, destaca-se a relevância da responsabilidade e do compromisso da equipe de enfermagem em manter registros adequados, considerando as glosas hospitalares como evidências da necessidade de aperfeiçoamento contínuo da equipe multidisciplinar e dos profissionais envolvidos (Júnior et al, 2023). O objetivo do estudo é avaliar a relevância da auditoria de enfermagem e a garantia, qualidade e segurança no atendimento ao paciente em instituições de saúde pública e privada.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura. Após a definição do tema, foi realizada uma busca para levantamento dos artigos por meio das bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), considerando os períodos de 2019 a 2024, no idioma português, com o objetivo de compreender os processos da auditoria em enfermagem, visando garantir a qualidade e segurança no atendimento ao paciente em instituições de saúde. A busca inicial foi realizada utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) com as seguintes palavras-chave: "auditoria de enfermagem", "auditoria em saúde" e "instituições de saúde". Essa busca resultou em 3.382 (três mil trezentos e oitenta e dois) artigos.

Para refinar os resultados, foram estabelecidos critérios de inclusão que consideraram apenas artigos originais, publicados na íntegra e com texto completo. Em seguida, foram definidos critérios de exclusão, desconsiderando: artigos que não atendiam ao objetivo do estudo, que não fossem originais, com acesso restrito ou em outros idiomas, estudos que não abordassem as palavras-chave em seu escopo, bem como artigos na forma de teses e dissertações. Após a leitura completa do material, a amostra foi definida, resultando em 5 (cinco) artigos selecionados para o desenvolvimento do estudo. O estudo dispensou submissão

ao Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que não envolveu pesquisas clínicas com animais ou seres humanos. Assim, foram assegurados e cumpridos os preceitos dos direitos autorais vigentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos analisados indicam que a auditoria em enfermagem se torna importante para um monitoramento mais próximo juntos a equipe multidisciplinar que necessita realizar os registros, umas vezes que, tais registros geram pagamentos não cabíveis por não conter as informações necessárias, evitando assim, as glosas. Apesar disso, as glosas vêm como um contraponto daquilo que está se analisando em relação aos déficits nos registros de assistência prestada, gerando incongruência com as práticas estabelecidas. A auditoria vem para contribuir, uma vez que a mesma controla os gastos. Lamentavelmente, tem-se encontrado registros indevidos, muitas vezes por desatenção de quem realiza os apontamentos. Para isso, é importante que a equipe multidisciplinar esteja comprometida com os registros referentes aos prontuários, checagens e procedimentos realizados nos serviços hospitalares (Junior et al, 2023).

Além disso, só para ressaltar a auditoria de enfermagem tem como uma relevantes verificação do pagamento de contas hospitalares, examinando glosas por meio da elaboração de relatórios técnicos e conduzindo negociações entre representantes do hospital e das operadoras de saúde. futuramente além dessa primeira finalidade, a proposta será detectar falhas na assistência, reestruturar as práticas, sugerir processos de educação em serviço e delinear ações corretivas. Na auditoria, a falta de registros pode indicar "não realização de um procedimento", prejudicando financeiramente a instituição onde o paciente recebeu atendimento, que pode acabar não recebendo pelo procedimento realizado (Silva et al, 2021).

Nas auditorias, frequentemente são identificadas faltas de informações essenciais para esclarecer as ações realizadas, além de registros efetuados de maneira inadequada. Umas inumeráveis partes dos pagamentos referentes a materiais, medicamentos, procedimentos e outros serviços está ligado aos registros de enfermagem. Em consequência das anotações de enfermagem na sua maioria são incongruentes, ilegíveis e subjetivas, a prática de glosar itens do faturamento das contas hospitalares tem se tornado significativa para o orçamento das instituições (Silva et al, 2021).

Em suma, os profissionais da saúde precisam considerar os registros de enfermagem como um meio de comunicação entre a equipe de saúde. Por esse motivo, é essencial que sejam elaborados de maneira precisa, clara e legível. Nightingale já destacava a relevância de que os dados observados pela enfermeira fossem anotados de forma exata e apropriada. Nessa situação, o processo de avaliação da auditoria, executando nos registros de enfermagem, oferece fundamentos sobre a qualidade do atendimento proporcionado ao paciente e à sua família, além de distinguir a necessidade de treinamentos para a equipe no aprimoramento de protocolos. Também destacar a relevância da qualidade dos próprios registros, do controle de despesas, de estratégias para prevenir desperdícios, dos indicadores da assistência e, ainda, de dados estatísticos acerca da movimentação financeira e da receita hospitalar (Pinto et al, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A auditoria em enfermagem desempenha um papel crucial na promoção da qualidade e segurança no atendimento ao paciente, configurando-se ferramenta indispensável para a identificação de falhas nos registros e na assistência prestada. Através da análise sistemática dos prontuários, é possível não apenas evitar glosas financeiras, mas também implementar melhorias contínuas nas práticas de enfermagem. A conscientização da equipe multidisciplinar

sobre a importância de registros precisos e completos é fundamental para garantir a continuidade do cuidado e a eficiência dos serviços de saúde, refletindo diretamente na satisfação do paciente e na sustentabilidade financeira das instituições.

Além disso, a auditoria não se limita a um controle financeiro, mas se expande para um aspecto educativo, promovendo a capacitação dos profissionais de saúde. A implementação de processos de educação continuada e a reestruturação das práticas assistenciais são essenciais para elevar os padrões de atendimento. Assim, a auditoria em enfermagem se configura como um pilar estratégico para a melhoria da qualidade dos serviços de saúde, impulsionando o desenvolvimento profissional da equipe de enfermagem através da promoção de boas práticas de Registro e conduta ética, contribuindo para a formação de um ambiente mais seguro e eficaz para os pacientes, ao mesmo tempo em que fortalece a responsabilidade e o compromisso da equipe de enfermagem com a excelência no cuidado.

Assim, a auditoria em enfermagem consolida-se como um pilar estratégico para a melhoria contínua dos serviços de saúde, contribuindo para a consolidação de um ambiente de trabalho mais seguro para os pacientes ao mesmo tempo que fortalece o senso de responsabilidade e compromisso nos registros por parte da equipe de enfermagem.

REFERÊNCIAS

JUNIOR, J. A. de F.; et al. Anotações de contas: impacto de glosas ocorrido a falta de anotações de enfermagem. **Revista Nursing.**, v. 26, n. 305, p. 9947-9951, 2023.

PIMENTEL, L. C. L.; et al. Avaliação da qualidade dos registros do processo de enfermagem por meio de auditoria retrospectiva. **Rev. Enferm. UERJ (online).**, jan-dez, 2023.

PINTO, M. C.; SILVA, L. S. da.; SOUZA, E. de A. A importância dos registros de enfermagem no contexto avaliativo da auditoria. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, Umuarama.**, v. 24, n. 3, p. 159-167, set./dez. 2020.

SILVA, P. L. N. da.; et al. Gerenciamento hospitalar e auditoria das anotações de enfermagem: revisão integrativa. **Revista Nursing.**, v. 24, n. 282, p. 6397-6402, 2021.

VERONEZI, L.; LOPES A. Auditoria como ferramenta para a melhoria contínua da assistência de enfermagem. **Revista Nursing.**, v. 24, n. 283, p. 6806-6815, 2021.

INFECÇÃO POR MENINGITE BACTERIANA: PREVALÊNCIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA E ASPECTOS CLÍNICOS.

Anita Araujo Cansanção Acioli¹; Victoria Emylly Marques Cavalcante Souza¹; Wendell Rodrigues Coelho¹; Jaim Simões de Oliveira².

Graduando em Medicina pelo Centro Universitário de Maceió¹, Docente do Centro Universitário de Maceió².

anitacansancaoacioli@gmail.com

RESUMO

A meningite bacteriana aguda ocorre quando o patógeno consegue causar um processo inflamatório das meninges que revestem o Sistema Nervoso Central, principalmente, da aracnóide-máter, da pia-máter e do espaço subaracnoideo com o líquido cefalorraquidiano. O objetivo deste trabalho é analisar a prevalência dessa infecção durante a infância, no Brasil, a fim de compreender a fisiopatologia da doença e o tratamento. Para isso, utilizou-se pesquisas feitas em literaturas acadêmicas e nas plataformas Scielo e Pubmed. Constatou-se que a infecção prevalece nas crianças devido ao sistema imunológico imaturo e à vacinação incompleta. A principal causa da doença é a grande exposição a agentes infecciosos em ambientes escolares. Conclui-se, portanto, que a meningite bacteriana é uma realidade enfrentada pelas crianças brasileiras, e necessita de políticas de prevenção e tratamento.

Palavras-chave: meningite; primeira infância; infecção bacteriana.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo desta pesquisa, é apresentada como a meningite bacteriana afeta as três membranas que revestem o Sistema Nervoso Central: dura-máter, aracnóide-máter e pia-máter. De modo que elas garantem a proteção contra choques mecânicos e a regulação da pressão no interior desse sistema. Assim, o processo infeccioso bacteriano é causado, principalmente, pelos agentes *Neisseria meningitidis*, *Streptococcus pneumoniae* e *Haemophilus influenzae*. A transmissão ocorre de maneira direta através das vias respiratórias, por gotículas e secreções da nasofaringe. Vale ressaltar que foi analisada a prevalência na primeira infância e, dessa maneira, alguns sintomas associados são febres, cefaleia, rigidez na nuca, além de destacar que a infecção bacteriana, nas primeiras 24 horas, pode ocasionar uma resposta inflamatória grave e com possibilidade de edema cerebral e hipertensão craniana.

A meningite bacteriana afeta de maneira significativa crianças da primeira infância, com um impacto negativo profundo sobre a qualidade de vida e suas atividades cotidianas. De acordo com o Ministério da Saúde, entre 2007 e 2020, foram confirmados 87.993 casos de meningite bacteriana no Brasil. Esse contexto destaca a importância de estudos de prevalência, essenciais para orientar os sistemas de saúde no desenvolvimento de planos de tratamento e estratégias de prevenção eficazes para essa população.

2 METODOLOGIA

O método utilizado para a realização desse estudo é a revisão de literatura quali-quantitativa, através de fontes secundárias. Os artigos utilizados para revisão

bibliográfica foram pesquisados nas bases científicas de dados *Scielo* e *PubMed*, bem como dados encontrados no DataSus, até 15 de outubro de 2024, e revisões de literaturas acadêmicas voltadas a doenças infecciosas. Os termos de busca, traduzidos para a língua inglesa, incluíram: *meningitis*, *neurology*, *bacterial infection* e *children*. Os termos foram combinados com o operador Booleano *AND* para formar estratégias de busca. Foram encontrados 331 artigos e selecionados 28 artigos para a leitura do resumo, depois foram excluídos os que não diziam respeito ao propósito desta pesquisa. Por fim, foram selecionados 3 que preenchiam os critérios inicialmente propostos e que foram lidos na íntegra. A pesquisa também se baseou a partir das obras: Robbins Patologia Básica, 10º ed; Bogliolo Patologia, 10º edição.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A meningite bacteriana é frequentemente encontrada na infância, especialmente, em recém-nascidos, devido ao sistema imunológico imaturo que não é capaz de combater infecções bacterianas de forma eficiente; além de destacar a barreira hematoencefálica, visto que a sua função não se encontra completamente desenvolvida até 6 meses de vida, tendo uma maior permeabilidade nessa idade, sendo sua função principal fazer o controle da passagem de substâncias do sangue ao líquido cefalorraquidiano e no sentido inverso; outro fator importante é a vacinação incompleta, pois os bebês ainda não completaram o esquema de vacinação. Já em crianças até 5 anos de idade, os principais fatores que facilitam a infecção são: a grande exposição em ambientes escolares e em creches; o grande contato com secreções respiratórias em ambientes diversos; a ausência da vacina que pode ser tomada até completar 5 anos de idade; e o aspecto socioeconômico, uma vez que ocorre principalmente em crianças de regiões de baixa situação econômico-social, com base na situação de vulnerabilidade em acesso à saúde e à exposição a infecções bacterianas. Nesse contexto, a infecção prejudica o Sistema Nervoso Central de maneiras distintas, sendo elas: propagação sanguínea (sendo caracterizado por bacteremia ou septicemia); infecção de tecidos ou órgãos adjacentes as meninges (faringite, sinusite, mastoidite, otite média); solução de continuidade ou acesso direto (traumatismos cranianos e manipulação propedêutica ou terapêutica do SNC e estruturas próximas).

Sob esse viés, a infecção bacteriana, nas primeiras 24 horas, pode ocasionar uma resposta inflamatória grave e com possibilidade de edema cerebral, hipertensão craniana e herniação cerebral. Ademais, irritação meníngea bilateralmente pode ser avaliada por meio dos sinais Kernig e Brudzinski positivos, sendo avaliada a rigidez da nuca, dor no dorso e flexão involuntária dos joelhos e quadris após flexão passiva do pescoço, respectivamente.

O diagnóstico deve ser feito com agilidade, principalmente, na bacteriana, que requer tratamento com antibioticoterapia rápido. Os passos típicos envolvidos no diagnóstico da meningite são: requerimento do histórico médico, análise de sintomas específicos e inespecíficos à doença, exame físico, exame do líquido cefalorraquidiano e exame de sangue.

Durante as primeiras 24 horas do diagnóstico da meningite bacteriana, tem-se o início do tratamento com antibioticoterapia e com corticoides, a fim de reduzir a inflamação e os edemas cerebrais, também é de suma importância o uso de máscaras e o isolamento social, dado que os agentes meningococo ou hemófilos podem infectar terceiros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que os casos de meningite bacteriana são majoritariamente na infância, tendo em vista o sistema imunológico imaturo e a grande exposição em ambientes diversos, dando ênfase à hipertensão craniana, à herniação cerebral, à redução ao nível de

consciência, e aos sinais de Kernig e Brudzinski positivos. O diagnóstico principal leva em consideração o exame líquórico do paciente, com a presença de um LCR purulento, pressão elevada e o grande número de neutrófilos, caso o resultado der positivo para a meningite bacteriana. Além de destacar o uso de antibióticos como Vancomicina e Rifampicina para um tratamento eficaz contra *S. pneumoniae*, *N. meningitidis* e *S. aureus*, também se faz o uso de anti-inflamatórios como Dexametasona.

REFERÊNCIAS

BRANCO, R. G.; AMORETTI, C. F.; TASKER, R. C. Doença meningocócica e meningite. **Jornal de Pediatria**, v. 83, n. 2. p. S46-53, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Situação epidemiológica: Meningite**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/m/meningite/situacao-epidemiologica>>. Acesso em: 22 nov. 2024.

FILHO, G. B. **Bogliolo Patologia**. 10 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021. 3128-3132 p.

GUEDJ, R. *et al.* Risk of Bacterial Meningitis in Children 6 to 11 Months of Age With a First Simple Febrile Seizure: A Retrospective, Cross-sectional, Observational Study. **Academyc Emergency Medicine**, v. 22, n. 11, p. 1290-1297, 2015.

KUMAR, V.; ABBAS, A. K.; ASTER, J. C. **Robbins Patologia Básica**. 10 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018. 2920-2921 p.

WEE, L. Y. J. *et al.* A 15-year retrospective analysis of prognostic factors in childhood bacterial meningitis. **Acta Paediatrica**, v. 105, n. 1, p. e22-29, 2015.

CONEXÕES SAUDÁVEIS: BEM-ESTAR SOCIAL E NUTRICIONAL

Vanessa Cruz Carvalho¹, Nycolly Henkel Bezerra Pontes², Nayrana Kelly de Sousa Araújo³, Andrea Nunes Mendes de Brito⁴

Residente da Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI^{1,2}. Preceptoras da Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Teresina, Piauí, Brasil^{3,4}

vanessaccarvalho01@gmail.com

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência das atividades realizadas pelos profissionais de saúde residentes do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família - UESPI, sobre o trabalho e condução nas ações do Programa Saúde na Escola (PSE). Os dados emergiram a partir das vivências dos mesmos no programa, desenvolvido em uma creche da rede municipal de Teresina-PI durante o ano de 2024, e contou com a participação de 16 pré-escolares, de ambos os sexos, da faixa etária de 4 a 5 anos de idade. Em cada encontro empregou-se uma metodologia ativa a partir de atividades lúdicas, que duraram aproximadamente 40 minutos em cada dinâmica, em um período semanal, e os temas abordados foram com base em alimentação saudável e prevenção do abuso sexual. Utilizaram-se vídeos e atividades de pintura, recorte e colagem. Os pré-escolares apresentavam, durante as atividades, grande interesse em expressar suas opiniões, gostos, hábitos, condutas, preferências e experiências alimentares, interagindo com todas as atividades. Enfim, acredita-se que a riqueza das práticas educativas implementadas pode promover a formação, e consequentemente a adoção de hábitos de alimentação saudáveis além da promoção da conscientização acerca dos direitos e deveres para a proteção das crianças participantes deste estudo.

Palavras-chave: educação em saúde; hábitos saudáveis; equipe multiprofissional.

1 INTRODUÇÃO

A escola é um equipamento social reconhecido como um ambiente de grande importância, sendo a segunda instituição a qual o indivíduo tem acesso depois da instituição familiar, que é a primeira instituição socializadora. Nesse ambiente, o aluno entra em contato com valores e experiências fundamentais para o seu desenvolvimento educacional, além de aprender a conviver com as diferenças. Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental na formação de comportamentos e na reflexão crítica sobre o mundo, influenciando diretamente a produção social da saúde (Fonseca, 2023; Silva, 2015).

Nessa perspectiva, a escola pode ser vista como um espaço de interação entre sujeitos com histórias e papéis sociais diversos, possibilitando a construção e desconstrução de valores, conceitos e culturas, além de fomentar reflexões analíticas sobre o cotidiano. A Política Nacional de Promoção da Saúde incentiva a colaboração com as secretarias estaduais e municipais de educação, promovendo o estímulo de ações de saúde no ambiente escolar (Brasil, 2018; Silva, 2015).

O PSE tem como objetivo contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e jovens da rede pública de ensino. Ele é uma das principais políticas públicas para crianças e adolescentes, tendo várias contribuições, dentre elas a avaliação e educação nutricional, e o fortalecimento da

proteção social aos cidadãos (MEC, 2018; Machado *et al.*, 2016).

Paralelo a isso, o Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família é considerado um instrumento de formação profissional para o SUS, atuando preferencialmente na Atenção Básica de Saúde, sendo este um curso de pós-graduação *latu sensu*, tendo como proposta a formação em serviço (Penke *et al.*, 2020).

A atuação está ligada ao cotidiano trabalhista tendo como objetivo preparar os profissionais para atuar prioritariamente na Atenção Básica/Saúde da Família, orientados pelos princípios e diretrizes do SUS e a partir das necessidades encontradas em campo. Além de desenvolver competências, habilidades e atitudes profissionais correspondentes a linha de cuidado, configurando-se desta forma como uma ação e um processo educativo. Com isso, tem como uma das suas intervenções o PSE (Penke *et al.*, 2020).

Com base no exposto anteriormente, o presente relato de experiência busca compartilhar as vivências oportunizadas às residentes de um programa multiprofissional, a partir das reflexões e ações desenvolvidas junto ao Programa Saúde na Escola.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência das atividades realizadas pelos profissionais de saúde residentes do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família - UESPI, sobre o trabalho e condução nas ações do PSE. Os dados emergiram a partir das vivências dos mesmos no programa, desenvolvido no município de Teresina-PI, bem como das suas reflexões a partir do estudo e aplicação das ações. As análises dos dados são realizadas de maneira qualitativa a partir dos relatos dessa experiência.

Para uma compreensão preliminar da realidade, iniciou-se uma visita à creche, que teve como propósito conhecer a realidade do local, quais as demandas que tinham urgência naquele momento, alinhamento de dias e horários para serem trabalhados com as crianças e professores. Assim ao longo do segundo semestre que começou no mês de agosto até novembro de 2024, foram criados encontros semanais, no qual ficou pactuado todas as segundas-feiras, no turno da tarde, com planejamento de atividades com antecedência. Cada encontro tinha a duração de cerca de 40 (quarenta minutos) e contou com a participação de 16 pré-escolares, de ambos os sexos, da faixa etária de 4 a 5 anos de idade. As professoras que fizeram parte dos encontros atuavam como apoio durante os momentos das ações que estavam sendo trabalhadas dentro da sala de aula.

Para o planejamento das ações buscou-se incluir como um método pedagógico as metodologias ativas. Para Michael (2006) e Souza *et al.*, (2014), compreende-se como metodologias ativas um método de troca, que tem como ideia a participação ativa das crianças no processo de aprendizagem. Dessa forma, o método coloca as crianças no centro do protagonismo, incentivando a sua participação ativa e principalmente a sua interação. No projeto conexões saudáveis, tem como principal ferramenta desenvolver habilidades, compreender o mundo ao seu redor, explorar vários materiais para promover descobertas.

As ações abordaram o tema “Carimbo saudável” e “Leitura de história do Pipo e Fifi”, e foi estruturada nos seguintes tópicos: Acolhimento, desenvolvimento, finalização e avaliação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A atividade teve como participantes 16 escolares, 1 professora e 1 auxiliar pedagógica. A seguir, estão descritos os temas, objetivos e atividades realizadas durante as ações (Tabela 1).

Quadro 1. Descrição das atividades, temas, desenvolvimentos e materiais utilizados nas ações

de PSE em uma creche da rede municipal de Teresina-PI. Teresina – PI, 2024.

ATIVIDADE	OBJETIVO	ACOLHIMENTO E DESENVOLVIMENTO	MATERIAIS
Atividade 1 Leitura de história do Pipo e Fifi (E-book).	- Orientar as crianças de 4 a 5 anos sobre o semáforo do toque, ensinando-as assim a proteger o corpo.	- Acolhimento: Iniciou-se a atividade com a música “Cabeça, ombro, joelho e pé”. - Desenvolvimento: Apresentou-se a flor do faça bonito e foi trazida a história do Pipo e Fifi, de forma lúdica, que fala sobre a prevenção de violência sexual na infância. Na finalização da atividade, pediu-se para os escolares colorirem a flor e refletissem sobre a atividade.	Data show; imagens; caixa de som; Papel com a imagem de flor; Lápis de cor; E-book da Fifi e do Pipo.
Atividade 2 Carimbo saudável	- Estímulo sensorial através do contato com texturas, aromas e cores.	- Acolhimento: Iniciou-se a atividade com a canção “O que que tem na sopa do neném”. - Desenvolvimento: Distribuiu-se imagens de cestas vazias com tintas guaches para que os alunos carimbassem usando frutas e/ou vegetais cortados ao meio. No encerramento/finalização, as crianças continuaram a pintura da figura da cesta e cantou-se, mais uma vez, a música inicial, evidenciando, no momento da canção, quais eram os alimentos saudáveis e não-saudáveis.	Tinta guache; papel A4; caixa de som; prato descartável; cotonete ou pincel/esponja; frutas/vegetais cortados ao meio.

Fonte: arquivo próprio.

As atividades foram introduzidas a partir de dinâmicas “quebra-gelo” através de músicas que geram comandos, permitindo a criação de um vínculo afetivo entre os pré-escolares e a estimulação do desenvolvimento cognitivo. Neste momento foi possível conhecer e visualizar o perfil de cada aluno, além da identificação dos mesmos através do seu nome. As crianças foram bem receptivas e acolhedoras no momento das dinâmicas, propiciando a interação entre grupo e o mediador.

No primeiro encontro sobre a “Leitura de história do Pipo e Fifi” ministrou-se a atividade que apresentou, de forma lúdica, por meio de um e-book, partes do corpo que sinalizam cuidado com toques, demonstrando as partes do corpo onde se é permitido tocar e onde não é permitido. Essa atividade teve como principal objetivo a prevenção da violência sexual durante a infância. O tema foi sendo abordado ao passo em que era realizada a leitura da história que continha o conteúdo programado. No encerramento, distribuiu-se uma flor impressa para colorir ao mesmo tempo em que se refletiu sobre o tema.

Em seguida, no desenvolvimento da segunda atividade, as crianças foram estimuladas a associar imagens de alimentos a cestas vazias, utilizando carimbos de frutas e vegetais cortados ao meio e pintados com tinta guache. Essa prática permitiu que os alunos compreendessem de forma concreta e visual a presença de alimentos saudáveis na alimentação. Ao final, durante a continuação da pintura das cestas, a música foi cantada novamente, reforçando, por meio da canção, quais alimentos são saudáveis e quais não são, promovendo o aprendizado de forma lúdica e consolidando os conceitos abordados. Assim, a atividade contribuiu para o entendimento das escolhas alimentares, promoção de estímulo sensorial e a conscientização sobre a importância de hábitos saudáveis desde a infância.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver atividades educativas e de promoção de saúde no âmbito do PSE é de extrema importância, pois visa ensinar os alunos a cuidar de sua saúde e a adquirir conhecimentos sobre diferentes aspectos relacionados a ela. Por se tratar de um programa

implementado no ambiente escolar, em colaboração com professores, equipe diretiva, estudantes e profissionais de saúde vinculados ao programa Saúde da Família, o objetivo das atividades se torna ainda mais enriquecido.

Entre as diversas ações realizadas no programa, destaca-se a relevância dessa abordagem, especialmente pela parceria entre educação (escola) e saúde (atenção primária), que tem como objetivo ensinar os alunos a se cuidar e se proteger. As ações abordam uma variedade de temas, esclarecendo dúvidas e proporcionando informações que favorecem o entendimento e a conscientização dos participantes.

REFERÊNCIAS

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: Anexo I** da Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017, que consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do SUS/ Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 40 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude.pdf.

MACHADO, W. D., et al. “Programa saúde na escola”: um olhar sobre a avaliação dos componentes. **Revista de políticas públicas**. v. 15, n. 1, 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/929>.

Brasil. Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/194secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/14578-programa-saude-nas-escolas#:~:text=O%20PSE%20tem%20como%20objetivo,da%20rede%20p%C3%BAblica%20de%20ensino.>

PENKE, R. I.; SANTOS, V. N.; MAZZONETTO, J.; SILVA, L. A.; KRUG, M. M. PSE: Programa Saúde na Escola: Relato de experiência sobre a vivência da residência multiprofissional. **Saúde e bem-estar**. Unijuí, 2020. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/18030>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MICHAEL, J. Where’s the evidence that active learning works?. **Advances in Physiology Education**, 30: 159–167, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17108243/>.

SOUZA, C. S.; IGLESIAS, A. G.; PAZIN-FILHO, A. **Estratégias inovadoras para métodos a métodos de ensino tradicionais – Aspectos gerais**. Medicina, Ribeirão Preto, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rmrp/article/view/86617>.

OS PRIMEIROS 1000 DIAS: O PAPEL DA NUTRIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Maria Clara Ferreira Santos Nascimento¹; Valesca Dória de Azevedo Fontes²

Graduando em medicina pela Universidade Tiradentes¹, Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Sergipe²

maria.nascimento05@souunit.com.br

RESUMO

Os primeiros 1000 dias de vida, que vão desde a concepção até os 24 meses, são fundamentais para a saúde a curto e longo prazo da criança. A nutrição materna, desde o período pré-concepcional até a gestação, é crucial para o desenvolvimento fetal. O aleitamento materno e a alimentação complementar também influenciam a saúde futura, devido à interação entre fatores nutricionais e ambientais, que podem alterar genes e proteínas, remodelando estruturas e órgãos. A amamentação é essencial para criar o vínculo mãe-filho, prevenindo doenças e favorecendo a saúde oral e emocional de ambos. Durante a gestação, na 30ª semana, as papilas gustativas do feto começam a se ativar, influenciadas pela dieta materna, moldando as preferências alimentares ao longo da vida. Uma alimentação equilibrada e de qualidade durante os primeiros 1000 dias promove uma gestação saudável e contribui para o desenvolvimento do bebê. O aleitamento materno previne o aumento rápido de peso e é crucial para o desenvolvimento oral e motor. Na fase de alimentação complementar, alimentos ricos em proteínas, cálcio, vitaminas e ferro são essenciais para garantir o crescimento saudável, prevenindo deficiências nutricionais e doenças. Esse período é decisivo para a saúde da criança.

Palavras-chave: primeiros 1000 dias; nutrição materna; desenvolvimento infantil.

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros 1000 dias da vida de uma bebê se estabelece desde a concepção até os 24 meses de vida, é um período importantíssimo para sua saúde a pequeno e longo prazo. Assim, até mesmo a nutrição materna do período pré-concepção e na gestação terá repercussões na saúde da criança (Loureiro e Mata, 2024).

Outro fator influente na saúde da idade adulta é o a duração e tipo de aleitamento materno, além a d alimentação complementar. A explicação para tal influência é que a junção do fator nutricional com outros ambientais modificam alguns genes e proteínas, consequentemente havendo remodelação de estruturas e de órgãos. A amamentação é de suma importância para a formação de vínculo de mãe-filho, além de benefícios para a dupla, prevenindo doenças e para a saúde oral e emocional (Silva, 2022).

Na 30.ª semana de gestação ocorre a ativação de papilas gustativas. Isso é possível devido ao líquido amniótico e suas modificações de composição ocasionadas pela dieta materna, estimulando os receptores gustativos fetais. Isso serve como base para o desenvolvimento contínuo das preferências alimentares ao longo da vida , que será moldado por fatores biológicos, ambientais e sociais (Loureiro e Mata, 2024).

O objetivo desta revisão de literatura é destacar a importância dos primeiros 1000 dias de vida, desde a concepção até os 24 meses, como uma janela crítica para a saúde e o desenvolvimento infantil, com ênfase no papel da nutrição materna, leite materno e alimentação complementar. Explorar como esses fatores, aliados às condições ambientais, influenciando a programação epigenética, impactando estruturas e funções orgânicas, bem como moldando

preferências alimentares e comportamentos ao longo da vida. Além disso, evidencia os benefícios do aleitamento para a saúde física e emocional da mãe e do bebê, reforçando seu papel na criação de vínculos e na promoção da saúde integral (Silva, 2022).

2 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com o objetivo de abordar a relevância dos primeiros 1000 dias de vida e o papel da nutrição materna, aleitamento materno e alimentação complementar no desenvolvimento infantil. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados *PubMed*, *SciELO* e *Google Scholar*, utilizando os descritores "primeiros 1000 dias", "nutrição materna" e "desenvolvimento infantil". Foram incluídos estudos publicados nos últimos 5 anos, disponíveis em português, inglês ou espanhol, com foco em nutrição nos primeiros 1000 dias e seus impactos no desenvolvimento infantil. Foram excluídos estudos fora do recorte temporal, artigos duplicados e publicações que não apresentassem relevância direta para o tema. Os dados foram organizados e analisados de forma descritiva, categorizando as informações de acordo com os fatores de impacto: nutrição pré-concepção, dieta materna na gestação, amamentação e introdução alimentar. Como este trabalho se trata de uma revisão da literatura, não houve necessidade de submissão ao comitê de ética em pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A qualidade nutricional dos alimentos e a ingestão adequada de micro e macronutrientes durante a gestação é fundamental para a saúde da mãe e do feto. É reconhecido que o enfoque na saúde do período pré-concepcional pode oferecer uma oportunidade relevante e recentemente descoberta para melhorar a saúde das futuras gerações. A boa nutrição anteriormente da concepção são cruciais para a capacidade da mãe de atender as demandas de nutrientes da gravidez e do aleitamento materno, os quais são vitais para o desenvolvimento do bebê (Silva, 2022).

Os bebês amamentados durante o primeiro ano são menos propensos a ter um rápido aumento de peso em comparação dos que são alimentados com o leite de fórmula. Pois a alta ingestão de proteínas, principalmente as de proteínas lácteas durante a primeira infância, tem sido atrelada a um aumento de peso e maior risco de sobrepeso e posteriormente obesidade. Além disso o aleitamento materno é essencial para o desenvolvimento do sistema estomatognático e musculatura orofacial, os quais são responsáveis pelas funções de sucção, de respiração, de mastigação, de deglutição e de fonética (Franceschetto, 2021).

Na fase de alimentação complementar, devido ao rápido crescimento e a taxa metabólica, a densidade nutricional dos alimentos precisa ser alta. As leguminosas, os produtos lácteos e os vegetais de folhas verdes devem ser incluídos na dieta assim que possível, já que são fontes de proteínas, cálcio e vitamina D, que são essenciais para um crescimento saudável dos ossos, prevenindo o raquitismo. Outro grupo alimentar imprescindível para a saúde da criança são os ricos em vitamina A, C, B6, B12 e ácido fólico, pois ajudam a prevenir a deficiência de nutrientes, aumentar a absorção de ferro e promover o crescimento e desenvolvimento correto (Loureiro e Mata, 2024).

A experiência sensorial pode alterar e modular as preferências alimentares e o sabor, ajudar a direcionar as preferências dos bebês para alimentos mais saudáveis, assim como, para uma maior variedade de sabores. Os pais e/ou responsáveis tem um papel crucial na formação do primeiro padrão alimentar das crianças, o qual estabelecerá base para as preferências e hábitos alimentares (Rios, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma alimentação equilibrada e de qualidade é fundamental nos primeiros 1000 dias de vida, pois promove uma gestação saudável e contribui para otimizar o desenvolvimento do bebê, tornando imprescindível a inclusão de todos os nutrientes na dieta da mãe e da criança. Esse período, embora curto, é caracterizado por um rápido crescimento e transformações, durante o qual o bebê transita de uma alimentação exclusivamente à base de leite para uma dieta diversificada com alimentos sólidos.

Desde o desenvolvimento intrauterino, todos os bebês têm experiências sensoriais de sabores; porém, os amamentados obtêm um benefício adicional, facilitando a adaptação à fase da alimentação complementar. Assim, a gestação torna-se uma fase ideal para adotar práticas nutricionais adequadas, prevenindo o surgimento de doenças crônicas que podem comprometer tanto a saúde da mãe quanto a do bebê.

REFERÊNCIAS

LOUREIRO, E.; MATA, D.; FERNANDO PESSOA, U. Influência da dieta nos primeiros 1000 dias de vida do bebê – revisão narrativa. 2024. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/10725/1/PPG_40781.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, João Marcelo Monteiro da. **Conhecimento da importância da dieta nos primeiros 1000 dias de vida em Portugal: estudo transversal**. 2022. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina Dentária) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2022. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/11511>. Acesso em: 10 dez. 2024.

RIOS, Margaux Marie. **Conhecimento da importância da dieta nos primeiros 1000 dias de vida em França: estudo transversal**. 2022. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina Dentária) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2022. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/11479>. Acesso em: 10 dez. 2024.

FRANCESCHETTO, Bianca Fasolo. **Dietas vegetarianas x onívora e o crescimento e desenvolvimento nos primeiros 1000 dias de vida: uma revisão sistemática**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/234867>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, Lucas Machado da. **Variáveis relacionadas à saúde bucal durante os primeiros 1000 dias de vida do bebê**. 2023. 25 f. Monografia (Graduação em Odontologia) – Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/71346>. Acesso em: 10 dez. 2024.

PERSPECTIVAS FARMACOLÓGICAS E DIAGNÓSTICAS NO MANEJO DA CLAMÍDIA EM ADOLESCENTES: ENFOQUE CLÍNICO E LABORATORIAL

Maria Clara Sales Rodrigues¹; Bianca da Conceição Pinheiro¹; Agata da Silva Machado¹; Vitória Régia Vasconcelos Marques dos Santos¹; Luma Carla Rodrigues Barros¹; Lídia Ester Fernandes de Araújo Leal¹; Samyra Lima Ferreira².

Graduanda em Farmácia pela Universidade Federal do Piauí¹, Farmacêutica. Universidade Federal Do Piauí, Centro de Ciências da Saúde, Teresina, PI, Brazil²

mariaclarasr@ufpi.edu.br

RESUMO

A infecção por *Chlamydia trachomatis* é uma preocupação de saúde pública, especialmente entre adolescentes, devido à alta prevalência de casos assintomáticos que dificultam o diagnóstico precoce e aumentam o risco de complicações graves, como infertilidade e doença inflamatória pélvica. Esta revisão integrativa analisou estratégias diagnósticas e terapêuticas para o manejo da clamídia em adolescentes, utilizando a estratégia PICO. Foram analisados 96 artigos da base PubMed, publicados entre 2019 e 2024, com filtros de idioma e ano. Após triagens, cinco estudos foram incluídos na análise final. Os resultados destacam métodos diagnósticos como testes rápidos e terapias diretamente observadas (DOT) como promissores para melhorar a adesão ao tratamento e facilitar o diagnóstico precoce em populações vulneráveis. Estratégias como educação em saúde, tratamento acelerado para parceiros (EPT) e a integração de serviços de saúde sexual e reprodutiva mostraram potencial para reduzir reinfecções e melhorar desfechos clínicos. Todavia, barreiras socioculturais e estruturais dificultam a implementação dessas abordagens. Apesar de avanços, a ausência de uma vacina eficaz reforça a importância de promover práticas de sexo seguro e fortalecer o rastreamento regular. Pesquisas futuras devem priorizar intervenções adaptadas ao contexto sociocultural, visando maior adesão e redução de complicações associadas à infecção.

Palavras-chave: Populações vulneráveis; Microbiologia; Saúde reprodutiva.

1 INTRODUÇÃO

A clamídia, causada pela bactéria *Chlamydia trachomatis*, é uma infecção sexualmente transmissível prevalente, especialmente entre adolescentes, com alta frequência de casos assintomáticos, dificultando o diagnóstico precoce e aumentando os riscos de complicações graves, como infertilidade e doença inflamatória pélvica (DIP). O manejo dessa condição exige a integração de estratégias preventivas e terapêuticas que considerem as particularidades dessa população vulnerável (Utagawa & Araújo, 2021).

Atualmente, embora haja esforços em andamento, não existe uma vacina disponível para prevenir a clamídia. Nesse sentido, a prevenção dessa doença continua sendo baseada principalmente em práticas de sexo seguro, como o uso de preservativos durante as relações sexuais e o rastreamento regular, especialmente em populações de risco, como adolescentes e jovens adultos (Brasil, 2024).

Essa bactéria intracelular gram-negativa sofre uma endocitose pela célula do hospedeiro, saindo da sua forma inativa para a forma metabolicamente ativa. Com isso, o microrganismo não consegue ser eliminado e se instala no canal cervical, onde se espalha para os órgãos sexuais internos ocasionando em uma doença inflamatória pélvica, que por sua vez favorece a ocorrência de gravidez ectópica e até mesmo a infertilidade. O patógeno afeta a região interna superior das pálpebras e atinge também a córnea, promovendo uma cegueira

infecçiosa, isso se não tratada. Seu diagnóstico é realizado por meio de testes laboratoriais, como a cultura (Seadi, 2002).

Diante disso, esse resumo tem o objetivo de demonstrar opções farmacológicas acessíveis que podem ser utilizadas para o tratamento correto como também expor os métodos disponíveis de diagnósticos, contribuindo assim para que haja uma intervenção terapêutica eficaz, especialmente para os adolescentes.

2 METODOLOGIA

Esta revisão integrativa da literatura buscou responder à questão: “Quais são as perspectivas farmacológicas e diagnósticas mais eficazes para o manejo de *Chlamydia trachomatis* em adolescentes, com ênfase em abordagens clínicas e laboratoriais?”. Para isso, foi utilizada a estratégia PICO, abrangendo adolescentes diagnosticados com clamídia (População), intervenções terapêuticas farmacológicas e métodos diagnósticos específicos (Interesse), e o contexto do manejo clínico e laboratorial da infecção (Contexto). As buscas foram conduzidas na base de dados PubMed, aplicando descritores específicos e operadores booleanos “and” e “or” para combinar os termos: *Chlamydia trachomatis* and *Adolescents* and (*Pharmacological Treatments* or *Diagnostic Approaches* or *Clinical Management*). Foram excluídos estudos duplicados, revisões sistemáticas e artigos que não abordassem especificamente adolescentes com clamídia. A seleção final incluiu apenas artigos originais, publicados entre 2019 e 2024, nos idiomas inglês, português e espanhol.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na busca inicial, foram identificados 1.007 artigos. Após a aplicação dos filtros de idioma e ano de publicação, esse número foi reduzido para 96, que passaram por uma triagem inicial baseada nos títulos. Dessa etapa, 35 artigos foram selecionados para análise dos resumos, dos quais 9 avançaram para leitura integral. Por fim, 5 artigos foram considerados elegíveis e incluídos nesta revisão. Os artigos incluídos estão listados no **Quadro 1**.

Quadro 1: Artigos selecionados incluídos na pesquisa.

Título	Autores	Ano
<i>Sexually transmitted infections and bacterial vaginosis among adolescent girls and young women in the early postpartum period: a cross-sectional study</i>	Govender; Naidoo; Moodley	2024
<i>Acceptability, feasibility and cost of point of care testing for sexually transmitted infections among South African adolescents where syndromic management is standard of care</i>	Marcus <i>et al.</i>	2023
<i>The Relationship Between Directly Observed Therapy for Chlamydia Infections and Retesting Rates in an Adolescent Population</i>	Nightingale <i>et al.</i>	2023
<i>Expedited Partner Therapy in Female Adolescents: A Study of Acceptance and the Impact on Reinfection Rates</i>	Gannon-Loew <i>et al.</i>	2021

Fonte: Autoria própria, 2024.

O tratamento farmacológico da clamídia baseia-se no uso de antibióticos como azitromicina, em dose única, e doxiciclina, administrados por sete dias, ambos eficazes na erradicação da *Chlamydia trachomatis* (Kong *et al.*, 2015). A azitromicina favorece a adesão

terapêutica, especialmente entre jovens, enquanto a doxiciclina é preferida em casos de coinfeção com outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), como a gonorreia. Apesar da eficácia, persistem desafios como o rastreamento de casos assintomáticos e a prevenção de complicações, incluindo infertilidade e doença inflamatória pélvica (Jensen; Unemo, 2024). No Brasil, o SUS oferece diagnóstico e tratamento gratuitos, mas barreiras culturais e logísticas ainda dificultam a adesão aos programas de rastreamento (Brasil, 2024).

Segundo o estudo de Govender; Naidoo; Moodley (2024), existe uma alta prevalência *Chlamydia trachomatis* (10,9%) entre adolescentes e mulheres jovens no período pós-parto, com uma taxa elevada de infecções assintomáticas e, coinfeções, como vaginose bacteriana, foram significativamente mais frequentes em mulheres vivendo com HIV, apresentando maior risco de complicações, como transmissão do vírus. Essas descobertas destacam as limitações do manejo sintomático, que frequentemente falha na detecção de infecções silenciosas, atrasando o tratamento e aumentando os riscos à saúde reprodutiva.

De acordo com o trabalho de Marcus *et al.* (2023), a introdução de testes rápidos para a detecção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), como a *Chlamydia trachomatis* e *Neisseria gonorrhoeae*, em jovens que frequentam uma clínica juvenil na Cidade do Cabo, África do Sul, mostrou-se viável e bem aceita. Entretanto, os tempos de espera e as mudanças de locais regulares das clínicas móveis, destacaram-se como barreiras no manejo clínico dessas ISTs, esses desafios sugerem a implementação de abordagens robustas, como a integração de programas de saúde sexual e reprodutiva, maior alocação de recursos para inserção de testes etiológicos e tratamento direcionado de ISTs em serviços de saúde focados em adolescentes.

O estudo de Gannon-Loew *et al.* (2021) aponta que, apesar da introdução da terapia de tratamento acelerado para parceiros (EPT), as taxas de reinfecção por *Chlamydia trachomatis* (CT) e *Trichomonas vaginalis* (TV) em adolescentes e jovens adultos permanecem altas. A acessibilidade da EPT foi baixa, com apenas 28% dos pacientes com CT e 25% com TV aderindo à estratégia, devido a barreiras como dificuldades no envolvimento dos parceiros e fatores socioculturais. No protocolo de EPT, as infecções por CT foram tratadas com uma dose única de 1 g de azitromicina por via oral, e as infecções por TV com uma dose única de 2 g de metronidazol por via oral. Embora o EPT tenha mostrado tendência à redução de reinfecções, a significância estatística não foi alcançada. Os resultados destacam a necessidade de intervenções complementares, como maior sensibilização sobre o tratamento simultâneo de parceiros e maior acessibilidade aos medicamentos.

O estudo de Nightingale *et al.* (2023), revelou que a terapia diretamente observada (DOT) aumenta significativamente as taxas de reteste para *Chlamydia trachomatis* em adolescentes e jovens adultos, em comparação com a prescrição convencional. O DOT, embora exija mais recursos clínicos, como farmácias no local e maior envolvimento da equipe de saúde, garante que pelo menos uma primeira dose do antibiótico seja consumida, melhorando a adesão ao tratamento. Essa abordagem é particularmente relevante para adolescentes afro-americanos, que enfrentam maior vulnerabilidade nas ISTs. A expansão do DOT para contextos como escolas e farmácias comunitárias é promissora, mas pesquisas futuras devem avaliar sua eficácia em tratamentos prolongados e explorar formas de superar barreiras estruturais e sociais ao teste e tratamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados evidenciam os avanços no manejo da *Chlamydia trachomatis*, destacando estratégias como testes rápidos, terapia diretamente observada (DOT) e tratamento atualizado para parceiros (EPT). Apesar dos progressos, as barreiras relacionadas à adesão, acessibilidade e fatores socioculturais limitam a eficácia dessas intervenções, especialmente em populações vulneráveis. As especificações incluem baixa adesão aos protocolos, desafios logísticos e recursos insuficientes para implementar abordagens abrangentes e sustentáveis.

Assim, pesquisas futuras devem priorizar estratégias integradas de saúde sexual e reprodutiva, adaptando as intervenções ao contexto sociocultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Clamídia. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/clamidia#:~:text=especializada%20em%20IST-,Tratamento,poss%C3%ADvel%20erradicar%20completamente%20a%20bact%C3%A9ria.> Acesso em: 26 nov. 2024.

GANNON-LOEW, K. E.; HOLLAND-HALL, C.; EBERSOLE, A. M.; ALEXY, E.; JACKSON, K.; BONNY, A. E. Expedited partner therapy in female adolescents: a study of acceptance and the impact on reinfection rates. **Sexually Transmitted Diseases**, v. 48, n. 11, p. 828-833, nov. 2021. DOI: 10.1097/OLQ.0000000000001436.

GOVENDER, V.; NAIDOO, M.; MOODLEY, D. Sexually transmitted infections and bacterial vaginosis among adolescent girls and young women in the early postpartum period: a cross-sectional study. **BMC Infectious Diseases**, v. 24, n. 1, p. 898, set. 2024. DOI: 10.1186/s12879-024-09781-4.

JENSEN, J. S.; UNEMO, M. Antimicrobial treatment and resistance in sexually transmitted bacterial infections. **Nature Reviews Microbiology**, v. 22, n. 7, p. 435-450, jul. 2024. DOI: 10.1038/s41579-024-01023-3.

KONG, F. Y.; TABRIZI, S. N.; FAIRLEY, C. K.; VODSTRCIL, L. A.; HUSTON, W. M.; CHEN, M.; BRADSHAW, C.; HOCKING, J. S. The efficacy of azithromycin and doxycycline for the treatment of rectal chlamydia infection: a systematic review and meta-analysis. **Journal of Antimicrobial Chemotherapy**, v. 70, n. 5, p. 1290-1297, maio 2015. DOI: 10.1093/jac/dku574.

MARCUS, R.; GILL, K.; SMITH, P.; ROUHANI, S.; MENDELSON, A.; MENDEL, E.; LINCÉ-DEROCHÉ, N.; NAIDOO, K.; AHMED, N.; STIRRUP, O.; ROSELEUR, J.; LEUNER, R.; MEYER-RATH, G.; BEKKER, L. G. Acceptability, feasibility and cost of point of care testing for sexually transmitted infections among South African adolescents where syndromic management is standard of care. **BMC Health Services Research**, v. 23, n. 1, p. 1078, out. 2023. DOI: 10.1186/s12913-023-10068-8.

NIGHTINGALE, K. J.; MAKENENI, S.; BONETT, S.; WOOD, S. M. The relationship between directly observed therapy for chlamydia infections and retesting rates in an adolescent population. **Sexually Transmitted Diseases**, v. 50, n. 6, p. 342-345, jun. 2023. DOI: 10.1097/OLQ.0000000000001790.

SEADI, C. F.; ORAVEC, Rejane; POSER, Beatriz von; CANTARELLI, Vladimir V; ROSSETTI, Maria Lucia. Diagnóstico laboratorial da infecção pela *Chlamydia trachomatis*: vantagens e desvantagens das técnicas. **SciELO - Brasil**, Rio de Janeiro, ano 2002, v. 38, n. 2, p. 126-127, 30 nov. 2002. DOI 10.1590/S1676-24442002000200009.

UTAGAWA, M. L.; ARAÚJO, I. M. C. Importância do diagnóstico precoce da *Chlamydia trachomatis*. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**, v. 53, n. 3, p. 239-244, 2021. DOI: 10.21877/2448-3877.202102056

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE HANSENÍASE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE

Agata da Silva Machado¹; Keyla Liana Bezerra Machado²; Amanda Morais de Farias³

Graduanda em Farmácia pela Universidade Federal do Piauí¹, Farmacêutica e Mestranda em Ciências Farmacêuticas - Universidade Federal do Piauí²; Nutricionista e Pós Graduada em Nutrição Clínica e funcional³.

masiagata5@ufpi.edu.br

RESUMO

A hanseníase é uma doença crônica, glanulomatosa, lenta, contagiosa e de baixa patogenicidade, a doença apresenta o agente etiológico *Mycobacterium Leprae*, parasita intracelular que desencadeia alterações no periférico, sendo observada como dermatoneurológica. O objetivo dessa pesquisa é descrever sobre a hanseníase e sua presença na atenção primária a saúde, bem como a epidemiologia destacada por essa patologia. Trata-se de uma revisão de literatura integrativa com abordagem qualitativa e de natureza descritiva. Desse modo, elencou-se a seguinte pergunta norteadora: Como se observa a hanseníase na atenção primária a saúde e/ou Brasil? Os resultados apresentam que alguns conceitos sobre a hanseníase já foram aprimorados, tais como tratamento adequado e até mesmo a cura para a doença. No entanto, a presença de casos ainda se torna evidente, principalmente na atenção primária a saúde que hoje é vista como principal atuante nas ações de controle, prevenção, diagnóstico e rastreamento de novos casos. Foi possível destacar a amplitude da hanseníase e suas vertentes, visando a criação de políticas públicas que respondam às demandas e reforcem as ações de prevenção de novos casos e do agravo da saúde dos indivíduos já acometidos.

Palavras-chave: Saúde Pública; Hospedeiros; Lepra.

1 INTRODUÇÃO

Conhecida desde décadas passadas como lepra, a hanseníase (Mal de Hansen - MH) é uma doença milenar enfatizada popularmente por preconceito e ainda desconhecimento de suas particularidades. Crônica, glanulomatosa, lenta, contagiosa e de baixa patogenicidade, a doença apresenta o agente etiológico *Mycobacterium Leprae*, parasita intracelular que desencadeia alterações no periférico, sendo observada como dermatoneurológica (Alves *et al.*, 2021).

De acordo com as características, a doença acarreta alterações imunológicas e físicas, os sinais são apresentados desde a face, braços, pernas, orelhas, mucosa nasal, costas e em determinadas partes do corpo, causando deformações e desconfortos na aparência do indivíduo. Além desses aspectos, funções motoras também sofrem modificações, proporcionando limitações físicas e de locomoção ao seus portadores (Montenegro *et al.*, 2021).

Frente a esse desfecho, o controle epidemiológico e o acompanhamento dos pacientes se faz indispensável, abrangendo-se como uma abordagem eco-bio-social que transcorre pelas ações desempenhadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (Silva *et al.*, 2020). Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é descrever sobre a hanseníase e sua presença na atenção primária a saúde, bem como a epidemiologia destacada por essa patologia.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura integrativa com abordagem qualitativa e de natureza descritiva. Desse modo, elencou-se a seguinte pergunta norteadora: Como se observa a hanseníase na atenção primária a saúde e/ou Brasil?

As bases de dados utilizadas para a busca científica dos artigos foram a biblioteca virtual *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e a Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Os descritores em Ciências da Saúde (DeCs) empregados para apoio na pesquisa dos estudos selecionados se basearam entre: Saúde Pública, Hospedeiros, Lepra, sendo cruzados de acordo com o operador booleano “AND”.

Foram adotados como critérios de inclusão, os aspectos compreendidos de acordo com o ano de publicação, incluindo pesquisas dos últimos cinco anos (2019 a 2023), trabalhos completos, sobre disposição gratuita e descritos em idiomas espanhol, inglês e português com possibilidade do inglês e espanhol para tradução. Como critérios de exclusão comportaram-se estudos duplicados, estudos do tipo revisões da literatura, materiais sem referências e que não se correlacionassem com a temática proposta nesse estudo.

A partir da revisão de literatura e análise dos estudos indexados nas bases de dados, foram identificados inicialmente 31 artigos científicos, destes 24 foram excluídos. Nessa característica, 7 artigos científicos foram incluídos na presente revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A hanseníase é uma doença milenar enfatizada popularmente por preconceito e ainda desconhecimento de suas vertentes. Caracterizada como uma enfermidade que acomete a pele, a HM atingiu por muito tempo a humanidade sem nenhum nível de informação quanto ao acesso de tratamento, em decorrência desse fator, o passado da humanidade destacou um nível de contágio que se tornou excessivo causando além dos aspectos proporcionados pela doença, condições psicológicas graves, tais como mutilações, isolamento compulsório e exclusão completa de convívio social (Batista *et al.*, 2022).

Em consonância a essa explanação, na atualidade alguns conceitos já foram aprimorados, tais como tratamento adequado e até mesmo a cura para a doença. No entanto, a presença de casos ainda se torna evidente, principalmente na atenção primária a saúde que hoje é vista como principal atuante nas ações de controle, prevenção, diagnóstico e rastreamento de novos casos. Dessa forma, o coeficiente de pessoas acometidas em uma área determina a proporção de trabalho que perpassa entre a APS e seus profissionais, considerando seus indicadores e a epidemiologia registrada (Santos *et al.*, 2020)

De acordo com o estudo ecológico de (Mohamed *et al.*, 2024), o Brasil é considerado o segundo país com registros em números de casos. Em 2020, foram notificados 127.386 novos doentes pela hanseníase no mundo, dentre esses, 19.195 foram representados pelas américas e 17.979 apenas no Brasil, esse critério pode ser uma classificação ao observar essa patologia como uma das diversas enfermidades que acometem a saúde pública. Por outra consideração aos achados de epidemiologia, o Datasus registrou 16.300 internações por hanseníase no Brasil em uma perspectiva anual de 2018 a 2023 (Lima *et al.*, 2022).

No entanto, indaga-se que nos municípios de menor nível habitacional, os dados registrados são encaminhados hierarquicamente para os entes estaduais e federativos, o que impossibilita uma retroalimentação efetiva para que as estatísticas de atendimento na atenção primária fiquem claras e compreensíveis como quanto a nível nacional (Santos *et al.*, 2023).

Levando em conta, em geral, o risco de exposição à enfermidade, o estudo de Boigny *et al.*, 2020 e Martines *et al.*, 2024 se interligam em alguns aspectos, estes demonstram que a maioria dos casos ocorrem entre indivíduos do sexo masculino, considerando uma informação perspicaz para redirecionar os serviços de saúde da atenção básica e suas abordagens. Por essa razão, as características clínicas dos pacientes diagnosticados com hanseníase se torna essencial para formular estratégias específicas para esse grupo e bem como conceituar o perfil epidemiológico em que a localidade se encontra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os fatores elencados nessa pesquisa, pode-se considerar que a hanseníase é uma doença que interfere não só o paciente mas também todo o cenário dos sistemas de saúde em geral, deixando marcas que podem adiar o processo de tratamento.

Dessa forma, é possível destacar que identificar a amplitude da hanseníase e suas vertentes é indispensável para que as estratégias sejam elaboradas pela gestão, visando a criação de políticas públicas que respondam às demandas e reforcem as ações de prevenção de novos casos e do agravamento da saúde dos indivíduos já acometidos, classificando medidas de educação permanente para que a comunidade se aproprie de informações e possam também se tornarem agentes do bem-estar daqueles que já sofrem com seus sintomas, tal como impondo o respeito e o acolhimento.

Por fim, apesar de poucos estudos demonstrarem a epidemiologia de maneira concreta, as notificações de casos apresentadas podem nortear a quantidade de indivíduos identificados com cura, sendo um conceito importante.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. L.; SMITH, M. S.; NASCIMENTO, C. A. Contribuições do enfermeiro no enfrentamento da hanseníase no Brasil: revisão de escopo. **Journal of Education Science and Health**, v. 1, n. 4, 2021.

BATISTA, J. V et al. Características epidemiológicas da hanseníase no Brasil entre os anos de 2015 e 2020. **The Brazilian Journal of Infectious Diseases**, v. 26, p. 89, 2022.

BOIGNY, R. N et al. Falhas operacionais no controle da hanseníase em redes de convívio domiciliar com sobreposição de casos em áreas endêmicas no Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, p. 25, 2020.

LIMA, L. V et al. Tendência temporal, distribuição e autocorrelação espacial da hanseníase no Brasil: estudo ecológico, 2011 a 2021. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 25, p. 40, 2022.

MÁRTIRES, G. S et al. Qualidade dos serviços de atenção à saúde para redução da hanseníase no Brasil: análise de tendência de 2001 a 2020. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 27, p. 24, 2024.

MOHAMED, Y. I.; VIEIRA, V. P.; MARQUES, D. F. O perfil epidemiológico das internações por hanseníase no Brasil de 2018 a 2023. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 11, p. 43, 2024.

MONTENEGRO, D et al. Prevalência de hanseníase no Brasil e os desafios da busca ativa na atenção primária à saúde. **Revista Científica Integração**, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021.

SANTOS, A. R.; IGNOTTI, E. Prevenção de incapacidade física por hanseníase no Brasil: análise histórica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3731-3744, 2020.

SANTOS, D. A et al. Perfil Epidemiológico dos casos de hanseníase em São Luís-MA entre 2018 e 2021. **Diversitas Journal**, v. 8, n. 1, 2023.

SILVA, M. D. P et al. Hanseníase no Brasil: uma revisão integrativa sobre as características sociodemográficas e clínicas. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. 45-82, 2020.

AMAMENTAÇÃO EM UM CONTEXTO DESAFIADOR: A PRÁTICA DO ALEITAMENTO MATERNO PARA PREMATUROS NA UTI NEONATAL

Mayra Tauane David Araújo¹; Nayanne Vieira Lima¹; Sabrina de Alencar Ribeiro¹; Sherline Alves Pereira¹; Luanna Gomes da Silva²; Josefa Nayara de Lima³.

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri¹, Enfermeira, Mestra, em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri², Enfermeira Obstétrica, Mestra em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri³

mayra.tauane@urca.br

RESUMO

Introdução: A Organização Mundial da Saúde recomenda o aleitamento materno exclusivo até os seis meses, reduzindo a morbimortalidade neonatal, especialmente em prematuros. Na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, a amamentação promove benefícios imunológicos, nutricionais e emocionais, apesar dos desafios. **Objetivo:** Identificar por meio da literatura, os benefícios e desafios da prática do aleitamento materno para recém-nascidos prematuros na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. **Metodologia:** Revisão Narrativa da Literatura, de caráter descritivo, com abordagem qualitativa. A busca da literatura foi realizada do dia cinco ao dia sete de dezembro de 2024, nas bases BVS, Medline, Lilacs, Embase, Periódicos Capes e Scielo (2019-2024). Foram identificados 30 artigos, após a seleção pelos critérios de inclusão e exclusão, 10 compuseram a amostra desta revisão. **Resultados:** O aleitamento materno é crucial para a recuperação de prematuros, mas enfrenta desafios como a imaturidade fisiológica e a separação mãe-bebê. Apesar dos obstáculos, o leite materno oferece benefícios significativos, como o fortalecimento do sistema imunológico, redução de infecções e complicações, e a promoção de um desenvolvimento saudável. **Conclusão:** Estratégias como ordenha precoce, método canguru e suporte das equipes de saúde são fundamentais para superar barreiras e melhorar os desfechos clínicos.

Palavras-chave: Aleitamento Materno; Recém-Nascido Prematuro; Unidades de Terapia Intensiva Neonatal.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declara que todo bebê deve ser amamentado de forma exclusiva até os seis meses de vida, sem necessitar de águas, chás e sucos, e após esse período deverá ser complementado até dois anos de idade. Para os bebês prematuros, o Aleitamento Materno Exclusivo (AME) é essencial, pois reduz a morbimortalidade neonatal, sendo essa estratégia adotada no Brasil pelo Ministério da Saúde (MS), atendendo aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, das Nações Unidas (ONU) e seus parceiros, reforçando que amamentar faz bem à saúde da mãe e do bebê, como também ao planeta (Moraes *et al.*, 2022; Brasil, 2022).

Visto isso, o Aleitamento Materno proporciona diversos benefícios para o bebê, dentre eles, nutricional, endócrino, imunológico, ecológico e econômico. Como também atua em reduzir as incidências de enterocolite necrosante, sepse, retinopatia da prematuridade, icterícia, riscos de alergias, menor tempo de hospitalização e diminuição dos números de internações, dentre outros (Moraes *et al.*, 2022).

O processo de amamentação deve-se iniciar dentro da Unidade de Terapia Intensiva

Neonatal (UTIN), pois isso irá estabelecer vínculos, contribuir para o contato pele a pele, como também o estímulo olfativo através da aproximação do prematuro com o peito. Sendo assim, a equipe de enfermagem poderá contribuir positivamente na formação do vínculo mãe-bebê para que ocorra com sucesso na prática do aleitamento, acontecendo de forma facilitadora para genitora e bebê e consequentemente sucesso no desenvolvimento do bebê (Damasceno *et al.*, 2022).

Sendo assim, o objetivo deste estudo foi identificar por meio da literatura, os benefícios e desafios da prática do aleitamento materno para recém-nascidos prematuros na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma Revisão Narrativa da Literatura, de caráter descritivo, com abordagem qualitativa. A busca da literatura foi realizada do dia cinco ao dia sete de dezembro de 2024, nas bases BVS, Medline, Lilacs, Embase, Periódicos Capes e Scielo, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) “Aleitamento Materno”, “Recém-Nascido Prematuro” e “Unidades de Terapia Intensiva Neonatal”, e os *Medical Subject Headings* (MeSH) “Breast Feeding” and “Infant, Premature” and “Intensive Care Units, Neonatal”, cruzados com o operador booleano *AND*.

Para seleção dos estudos foram utilizados os critérios de inclusão: artigos originais, publicados no idioma português, com texto completo disponível no acesso livre e recorte de 2019-2024. Foram excluídos estudos por duplicidade e que não atenderam ao objetivo da revisão. Dos 30 artigos identificados nas bases, após a seleção, 10 compuseram a amostra desta revisão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O aleitamento materno é essencial para o desenvolvimento e recuperação de recém-nascidos prematuros na UTIN, pois o leite materno apresenta benefícios superiores em comparação com outros tipos de alimentação infantil. Entre suas vantagens, destacam-se as propriedades imunológicas, o auxílio na maturação do sistema gastrointestinal e a prevenção contra diarreias, infecções, enterocolite necrotizante e doenças respiratórias, além de contribuir para a redução do tempo de internação e da mortalidade infantil (Moura *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2024; Teixeira *et al.*, 2021).

Entretanto, de acordo com Teixeira *et al.* (2021), a amamentação de recém-nascidos prematuros na UTIN enfrenta desafios significativos. A imaturidade fisiológica desses bebês, como a dificuldade em coordenar a sucção, deglutição e respiração, pode dificultar a amamentação direta. Além disso, a separação entre mãe e bebê, comum durante a hospitalização, prejudica o vínculo necessário para estabelecer o aleitamento. Condições clínicas adversas, como infecções ou complicações respiratórias, também podem limitar o contato e a possibilidade de alimentar diretamente no peito.

O ambiente da UTIN, embora essencial para a sobrevivência dos prematuros, também representa uma barreira significativa para o aleitamento materno. A separação mãe-bebê, associada ao uso de dispositivos médicos invasivos, pode dificultar o vínculo necessário para o sucesso da amamentação. Além disso, o estresse materno nesse contexto pode interferir na produção e manutenção do leite, criando uma situação desafiadora para as famílias (Cremasco *et al.*, 2024).

Os recém-nascidos prematuros apresentam particularidades que podem gerar diversos desafios durante a transição da alimentação por sonda para a via oral, dependendo de suas condições clínicas. O período necessário para essa adaptação pode variar, influenciando

diretamente a duração da internação hospitalar. Esse processo representa um obstáculo significativo para os profissionais envolvidos no cuidado clínico. De modo geral, os prematuros necessitam de suporte para essa transição devido à imaturidade fisiológica e ao baixo peso ao nascimento (Silva; Alves; Friche., 2023).

Além disso, obstáculos ao aleitamento materno incluem condições específicas das mães, tais como ingurgitamento mamário, dor nos mamilos e redução da produção de leite, bem como questões relacionadas às rotinas hospitalares, horários inflexíveis, informações inconsistentes fornecidas às mães e a ausência de estímulo para sua participação ativa na recuperação do recém-nascido. A falta de conhecimento, tanto por parte das mães quanto dos profissionais, sobre os benefícios do leite materno também é frequentemente mencionada como um desafio relevante (Moraes *et al.*, 2022).

Apesar dos desafios, o aleitamento materno continua sendo uma intervenção de grande impacto na qualidade do cuidado neonatal. Portanto, a implementação de estratégias específicas é essencial para superar as dificuldades vivenciadas. A ordenha do leite materno é indicada quando a amamentação direta não é possível, sendo fundamental para manter a lactação, especialmente quando iniciada precocemente durante uma hospitalização. A regularidade na ordenha é crucial para garantir a produção de leite, embora possa ser exaustiva para as mães. O método canguru, que fortalece o vínculo mãe-bebê e estimula a produção de leite por meio do contato pele a pele, também é uma prática benéfica (Aires *et al.*, 2020; Gomes *et al.*, 2023).

Nesse contexto, torna-se essencial o papel das equipes de saúde para promover a extração e o fornecimento do leite materno, mesmo que inicialmente por via alternativa, até que o bebê esteja apto para a sucção direta. A adoção de protocolos específicos, além do apoio emocional às mães, pode facilitar essa prática e garantir melhores desfechos clínicos para os recém-nascidos prematuros na UTIN (Luiz *et al.*, 2023; Sousa; Bonfim; Olivindo, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aleitamento materno é essencial para os recém-nascidos prematuros na UTI Neonatal, oferecendo benefícios nutricionais, imunológicos e no fortalecimento do vínculo mãe-bebê. Entretanto, a prática enfrenta desafios, como a imaturidade do bebê e barreiras relacionadas ao ambiente hospitalar.

Nesse sentido, para superar essas dificuldades, é necessário implementar estratégias como a ordenha precoce e regular, o método canguru e o suporte emocional às mães. Essas medidas ajudam a manter a produção de leite e favorecem a interação entre mãe e bebê, essencial para o sucesso do aleitamento. Além disso, as equipes de saúde desempenham um papel central nesse contexto, ao oferecer orientações consistentes, apoio técnico e psicológico, criando um ambiente favorável para as mães e facilitando o processo de lactação.

Por fim, investir em ações educacionais voltadas para mães e profissionais, além de fortalecer políticas públicas que incentivem o aleitamento materno, é fundamental. Essas iniciativas podem melhorar os desfechos clínicos e a qualidade de vida dos bebês e suas famílias.

REFERÊNCIAS

AIRES, Luana Cláudia et al. O processo de amamentação do bebê pré-termo: perspectiva dos registros maternos no “diário do bebê. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 41, n. 2, p. 217-228, 2020.

BRASIL, Ministério da saúde. Amamentação contribui para o desenvolvimento infantil e sustentável. 01 de nov. 2022. Disponível em: [__https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2016/agosto/amamentacao-contribui-para-desenvolvimento-infantil-e-](https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2016/agosto/amamentacao-contribui-para-desenvolvimento-infantil-e)

sustentavel. Acesso em: 03 de dez. 2024.

CREMASCO, Bruna Reis et al. Vivências no processo de aleitamento materno de mães de recém-nascidos prematuros internados em um hospital público do município de Guarapuava-PR. **Demetra (Rio J.)**, p. 76961-76961, 2024.

DAMASCENO, E. O et al. Desafios no aleitamento materno em prematuros internados na UTI neonatal: uma revisão integrativa. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE**, São Paulo, v.8, n.03, mar. 2022.

GOMES, Ana Leticia Monteiro et al. Aleitamento materno no contexto da prematuridade: estudo comparativo. **Saúde Redes**, p. 1-25, 2023.

LUIZ, Juliana Ermida Pedreira et al. Perspectivas dos profissionais de saúde sobre fatores que facilitam e dificultam o aleitamento materno de prematuros em unidade neonatal. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 25, p. 73940-73940, 2023.

MORAES, S. R et al. Os benefícios do aleitamento materno em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: uma revisão de literatura. **Revista Pró-UniverSUS**, 28 abr. 2022.

MORAES, Suellen Rocha et al. Os benefícios do aleitamento materno em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: uma revisão de literatura. **Revista Pró-univerSUS**, v. 13, n. 1, p. 95-102, 2022.

MOURA, Tamíres et al. Aleitamento materno exclusivo e estado nutricional de prematuros em unidade de terapia intensiva. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 45, n. 2, p. 103-115, 2021.

SILVA, Adriana Moreira da et al. Suficiência de leite humano para prematuros em Unidades de Terapia Intensiva. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 37, p. eAPE00413, 2024.

SILVA, Flavia Aparecida Felipe; ALVES, Nathaly Aparecida; FRICHE, Amélia Augusta. Tempo de Transição da alimentação por sonda gástrica para alimentação por via oral em recém-nascidos pré-termo de uma unidade neonatal do Sistema Único de Saúde. **Distúrbios da Comunicação**, v. 35, n. 3, p. e62265-e62265, 2023.

SOUSA, Deborah Nycole Araújo Silva; BONFIM, Kelly Cristina Rodrigues; OLIVINDO, Dean Douglas Ferreira. Assistência de Enfermagem ao recém-nascido prematuro na unidade de terapia intensiva neonatal: Revisão Integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e46911730351-e46911730351, 2022.

TEIXEIRA, Luciana Ramos et al. Prematuridade e sua relação com o estado nutricional e o tipo de nutrição durante a internação hospitalar. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, v. 20, n. 4, p. 543-550, 2021.

A IMPORTÂNCIA DO PRÉ E POS-NATAL PARA A SAÚDE DA MULHER E DO RECÉM-NASCIDO.

Giovanna Maria Rebouças dos Reis¹; Katherine Rios Almeida Pedreira².

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹;
Docente em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste².

giovannamariareboucas@gmail.com

RESUMO

A gravidez e o parto são experiências marcantes que requerem cuidados especializados para a saúde da mãe e do recém-nascido. O puerpério é um período crítico, com altas taxas de complicações, exigindo atenção especial. A Atenção Primária à Saúde (APS) é fundamental nesse contexto, coordenando a Rede de Atenção à Saúde e promovendo cuidados essenciais. Avaliar os serviços da APS é crucial para identificar fragilidades e garantir um cuidado integral. Este estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura para explorar estratégias de cuidados à saúde da mulher e do recém-nascido. A busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) resultou em 83 artigos, dos quais três foram selecionados após critérios de inclusão e exclusão, focando em publicações em português no período de 2019 a 2024. A pesquisa revelou lacunas nos serviços, como a falta de programas de assistência social e avaliações físicas no pós-parto. Apesar da predominância de partos normais, a taxa de cesarianas permanece elevada. O suporte emocional e físico é essencial, destacando a importância da presença de acompanhantes. É fundamental um cuidado integral durante a gestação e o pós-parto, com ênfase na capacitação dos profissionais de saúde e na valorização do papel do acompanhante.

Palavras-chave: Atenção primária; saúde da mulher; recém-nascido.

1 INTRODUÇÃO

A gravidez e o parto são experiências marcantes na vida de uma mulher, envolvendo transformações biológicas, fisiológicas e psicossociais que exigem cuidados especializados para promover a saúde e a qualidade de vida tanto da mãe quanto do recém-nascido. Durante o processo gestacional e no período pós-parto, as mães vivenciam uma gama de sentimentos, expectativas e inseguranças em relação ao seu papel e ao cuidado com o filho. Essa transição pode ser acompanhada por sobrecarga emocional e física, demandando atenção especial dos profissionais de saúde que atuam na assistência materno-infantil. (MAGDA et al., 2020)

O puerpério é um período crítico que se inicia após o parto e requer atenção especial para promover um cuidado precoce e eficaz à mulher, que enfrenta diversas transformações. Durante essa fase, as chances de complicações são elevadas, sendo responsável por 99% dos óbitos maternos no mundo. Portanto, é fundamental que as mulheres sejam avaliadas detalhadamente, com acompanhamento rotineiro dos lóquios e a exclusão de possíveis infecções puerperais. O reconhecimento precoce de queixas físicas comuns é essencial para garantir a saúde da mãe durante o pós-parto. (BARATIERI et al., 2023)

A Atenção Primária à Saúde (APS) desempenha um papel crucial neste contexto, sendo a principal porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS) e proporcionando acesso a cuidados essenciais. A APS é responsável por coordenar a Rede de Atenção à Saúde (RAS), centralizando suas ações na família e promovendo a participação comunitária. Estudos demonstram que a qualidade da APS está diretamente relacionada a melhores resultados em saúde, reforçando sua importância na assistência pré e pós-natal. Avaliar os serviços da APS é

fundamental para identificar fragilidades percebidas pelos cuidadores em relação à estrutura dos serviços e à insuficiência de orientações sobre o cuidado infantil. Assim, torna-se evidente a necessidade de planos de cuidados que considerem o contexto dos usuários e suas reais necessidades. (LUCIA et al., 2020)

Com a expansão do modelo de atenção primária no Brasil, é essencial realizar estudos que avaliem a qualidade dos serviços oferecidos sob a perspectiva das pessoas atendidas. A visão dos cuidadores é crucial para identificar problemas e reorientar o modelo assistencial em direção à melhoria da qualidade dos serviços prestados, garantindo um cuidado integral durante as fases pré e pós-natal na saúde das mulheres e dos recém-nascidos. (LUCIA et al., 2020)

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura que foi conduzida com o objetivo de explorar as estratégias de cuidados para saúde da mulher e do recém-nascido no período pré e pós-natal. A busca foi realizada utilizando a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como base de dados principal. O período de publicação dos artigos foi delimitado de 2019 a 2024, e os artigos foram selecionados no idioma português. Utilizaram-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) com as palavras-chave: "Atenção Primária", "Saúde da mulher" e "recém-nascido". A busca inicial resultou em um total de 83 artigos. Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: artigos originais, publicados na íntegra e em texto completo; disponibilidade gratuita dos artigos; publicação em idioma português; os critérios de exclusão foram definidos da seguinte forma: artigos que não atendiam ao objetivo da revisão; estudos que não eram artigos originais; artigos com acesso restrito ou em idiomas diferentes do português; estudos que não abordavam as palavras-chave definidas; teses e dissertações. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, realizou-se a leitura completa dos textos dos artigos encontrados. A seleção final dos artigos foi baseada na relevância para o objetivo da revisão e na adequação aos critérios estabelecidos. No total, foram selecionados três artigos para a análise e desenvolvimento do estudo. A pesquisa não envolveu coleta de dados de seres humanos ou animais, portanto, não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa. Todos os direitos autorais dos autores foram respeitados, e os artigos selecionados foram acessados diretamente por meio de links disponíveis na base de dados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A baixa classificação de alguns serviços disponíveis, como a falta de programas de assistência social e aconselhamento para problemas de saúde mental, evidencia lacunas que podem comprometer a saúde integral da mulher. Além disso, a avaliação positiva em relação às orientações recebidas para manter a criança saudável destaca a importância de um acompanhamento contínuo e eficaz, que deve ser ampliado para garantir que todas as mães tenham acesso a informações e recursos necessários para promover uma gestação saudável e um desenvolvimento adequado do recém-nascido. (MAGDA et al., 2020)

No contexto do atendimento às mulheres no pós-parto, observou-se uma ausência significativa de avaliações físicas realizadas pelos profissionais de saúde, o que é percebido pelas mulheres como uma necessidade não atendida. A falta de um exame físico adequado pode levar à desassistência, especialmente considerando as diversas alterações corporais que ocorrem após o parto. A realização do exame físico é crucial para identificar possíveis complicações e garantir um acompanhamento eficaz da saúde da mulher no período puerperal. (BARATIERI et al., 2023)

Além disso, a análise dos tipos de parto demonstrou que, embora a maioria das mulheres tenha passado por partos normais, a taxa de cesarianas ainda está acima do recomendado pelos

órgãos de saúde. Esse cenário reflete uma complexa interação entre fatores tecnológicos e percepções sobre dor e sofrimento associados ao parto normal. Por fim, o suporte emocional e físico durante o pré e pós-parto é fundamental, assim como a presença de um acompanhante para proporcionar suporte emocional e reforçar a experiência positiva do parto e recuperação pós-parto. Dessa forma, é essencial que as políticas públicas assegurem a implementação efetiva desse direito para todas as mulheres. (LUCIA et al., 2020)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências apresentadas ressaltam a importância de um cuidado integral e humanizado durante a gestação e o pós-parto, destacando não apenas a necessidade de avaliações físicas regulares, mas também a oferta de suporte emocional e psicológico às mães. A identificação precoce de complicações, aliada ao acesso a informações adequadas sobre cuidados com o recém-nascido, é fundamental para reduzir os riscos à saúde materna e infantil. Além disso, o fortalecimento da Atenção Primária à Saúde (APS) como um espaço de acolhimento e orientação pode contribuir significativamente para melhorar a experiência das mulheres nesse período crítico, evitando lacunas nos serviços prestados.

Ademais, é imprescindível que as políticas públicas priorizem a capacitação dos profissionais de saúde e a implementação de programas de assistência social focados na saúde mental das mães. A promoção do acompanhamento contínuo e a valorização do papel do acompanhante durante o parto e o pós-parto são aspectos que podem transformar positivamente a vivência das mulheres nesse momento. Portanto, é necessário um esforço conjunto entre os serviços de saúde e a comunidade para garantir que os direitos das mulheres sejam respeitados e que elas recebam o apoio necessário para uma maternidade saudável e plena.

REFERÊNCIAS

BARATIERI, T. et al. Promoção da saúde no puerpério: avaliação da assistência na Atenção Primária. *Espaç. saúde* (Online), p. 1–13, 2023.

LÚCIA, J. et al. Avaliação da integralidade na atenção primária à saúde da criança na perspectiva dos cuidadores. *Rev. enferm. UERJ*, p. e52548–e52548, 2020. (referência de periódico).

MAGDA, S. et al. Qualidade da assistência ao parto e Pós - Parto na percepção de usuárias da atenção primária à saúde. *Rev. Ciênc. Plur*, p. 1–17, 2020. (referência de periódico).

A IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO DE PROFISSIONAIS EM PRIMEIROS SOCORROS NO AMBIENTE ESCOLAR

Maryana Viana dos Santos¹; Beatriz Neves Guedes¹; Cláudia Lisboa Dias¹; Giovanna Maria Rebouças dos Reis¹; Steffanny Geovanna da Silva¹; Paula Paulina Costa Tavares².

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹,
Docente em enfermagem no Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste².

Maryanaviana7@gmail.com

RESUMO

A capacitação em primeiros socorros no contexto escolar é de vital importância, especialmente devido à elevada incidência de acidentes que afetam crianças e adolescentes. Estudos demonstram que muitos desses incidentes são evitáveis e que a falta de preparo adequado entre os educadores pode resultar em consequências severas, incluindo fatalidades. A Lei Lucas, sancionada em 2018, reforça essa necessidade ao exigir que escolas, tanto públicas quanto privadas, capacitem seus docentes e funcionários em noções básicas de primeiros socorros. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com publicações analisadas entre 2014 e 2024. É importante que o ensino de primeiros socorros seja mais acessível à população em geral, incluindo os professores, contribuindo assim, para uma atuação adequada em situações de risco, especialmente no ambiente escolar, favorecendo a segurança e o bem-estar dos estudantes.

Palavras-chave: ambiente escolar; capacitação; primeiros socorros.

1 INTRODUÇÃO

A capacitação em primeiros socorros no contexto escolar é de vital importância, especialmente devido à elevada incidência de acidentes que afetam crianças e adolescentes. Estudos demonstram que muitos desses incidentes são evitáveis e que a falta de preparo adequado entre os educadores pode resultar em consequências severas, incluindo fatalidades (FARIA et al., 2020). As crianças, durante sua fase de desenvolvimento, estão constantemente expostas a riscos, tornando essencial que os profissionais da educação estejam prontos para agir em situações de emergência (Moreno; Fonseca, 2021).

Reconhecendo essa necessidade, a Lei Federal nº 13.722/2018, conhecida como Lei Lucas, tornou obrigatória a capacitação em primeiros socorros para educadores e funcionários de escolas públicas e privadas, além de instituições de recreação infantil. Essa medida foi motivada por um caso trágico em que a ausência de atendimento imediato resultou na morte de uma criança em uma escola. A legislação visa garantir mais segurança no ambiente escolar e conscientizar os profissionais sobre a importância da prevenção e da resposta rápida em situações de emergência. A implementação de programas de formação proporciona aos educadores as habilidades necessárias para atender emergências e promove uma cultura de segurança e prevenção dentro das instituições de ensino (Verçosa et al., 2021).

A educação em saúde é fundamental para a conscientização sobre os riscos presentes no ambiente escolar, permitindo que educadores e alunos desenvolvam um senso crítico e habilidades para lidar com situações adversas (Moreno; Fonseca, 2021). O treinamento em primeiros socorros capacita os profissionais a agirem de forma eficaz durante momentos críticos, o que pode ser decisivo para a sobrevivência e recuperação das vítimas (Miranda et al., 2023).

A capacitação em primeiros socorros desempenha um papel fundamental na criação de uma cultura de prevenção e cuidado nas escolas. Ao adquirir conhecimento técnico, os educadores tornam-se mais aptos a intervir em situações emergenciais, minimizando os riscos e promovendo a segurança de crianças e adolescentes. Além disso, a formação em primeiros socorros não é apenas uma ferramenta de emergência, mas também um instrumento de conscientização, que incentiva toda a comunidade escolar a adotar medidas preventivas e valorizar a importância do cuidado mútuo no dia a dia (Faria et al., 2020).

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura. Após a definição do tema, foi realizada uma busca para levantamento dos artigos por meio das bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Biblioteca Científica Eletrônica Online (SciELO), considerando o período de 2014 a 2024, no idioma português, com o objetivo de analisar a importância da capacitação de profissionais em primeiro socorro no ambiente escolar, a busca inicial foi realizada utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) com as seguintes palavras-chave: “ambiente escolar”, “capacitação”, “primeiro socorros”.

Para refinar os resultados, foram estabelecidos critérios de inclusão que consideraram apenas artigos originais, publicados na íntegra e com texto completo. Em seguida, foram definidos critérios de exclusão, desconsiderando: artigos que não atendiam ao objetivo do estudo, que não fossem originais, com acesso restrito ou em outros idiomas, estudos que não abordassem os descritores em seu escopo, bem como artigos na forma de teses, dissertações e monografias. Após a leitura completa do material, a amostra foi definida, resultando em 10 artigos selecionados para o desenvolvimento do estudo. Este estudo não demandou apresentação ao Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que não incluiu estudos clínicos com animais ou indivíduos. Assim, os princípios dos direitos autorais dos autores foram respeitados e observados de acordo com a legislação atual.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

É importante que o ensino de primeiros socorros seja mais acessível à população em geral, incluindo os professores, pois isso contribui para uma atuação mais segura em situações de risco, especialmente no ambiente escolar. Estudos mostram que os professores reconhecem a necessidade de treinamento nessa área, considerando que esse tipo de espaço, devido às características do desenvolvimento infantil, favorece a ocorrência de acidentes, assim a capacitação adequada pode minimizar os impactos à saúde das vítimas (Faria et al., 2020).

A capacitação em primeiros socorros para profissionais da educação é fundamental para promover um ambiente escolar mais seguro, considerando a vulnerabilidade das crianças e os riscos associados às fases do desenvolvimento infantil. A formação específica e contínua desses profissionais, alinhada às políticas públicas como a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências, fortalece a educação em saúde, amplia a cultura de prevenção e contribui para minimizar impactos à saúde em situações emergenciais. A integração entre instituições de ensino, projetos de extensão e comunidades escolares pode potencializar essas iniciativas, disseminando conhecimento e reduzindo a morbimortalidade. Assim, garantir que as escolas tenham espaços preparados para lidar com emergências é essencial não apenas para a segurança das crianças, mas também para a formação cidadã e a preservação da vida (Faria et al., 2020).

Importante destacar a necessidade de uma formação específica para pessoas que lidam diretamente com alunos, visando ampliar o conhecimento em primeiros socorros para além do âmbito dos profissionais de saúde e disseminá-lo entre a população leiga. Apesar dos desafios,

como o grande número de indivíduos a serem treinados e a retenção do conhecimento, ações de extensão podem integrar instituições de ensino e empresas para promover mudanças sociais e comportamentais, contribuindo para a prevenção de acidentes e a redução de agravos. Nesse sentido, uma formação básica em primeiros socorros desde os primeiros anos da educação básica pode influenciar positivamente a cultura de manipulação correta de vítimas, reduzindo óbitos e sequelas, sendo, portanto, essencial para a formação cidadã e a preservação da vida (Matos et al., 2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a formação de profissionais em primeiros socorros no ambiente escolar é necessária para promover a segurança e o bem-estar dos estudantes. Ao oferecer um treinamento apropriado, às instituições de ensino não apenas habilitam seus colaboradores a agir de maneira ágil e eficaz em situações de emergência, mas também promovem um ambiente mais seguro e acolhedor.

Ademais, esse tipo de capacitação facilita a sensibilização sobre a relevância da prevenção de acidentes e da saúde no ambiente escolar. Com profissionais qualificados, é possível reduzir riscos e garantir uma resposta adequada a incidentes, protegendo a vida e a saúde das crianças. Portanto, investir na formação em primeiros socorros deve ser uma prioridade nas escolas, refletindo um compromisso com a educação integral e a proteção dos estudantes.

REFERÊNCIAS

FARIA, WA.; NOGUEIRA, BFF.; SILVA, MA.; SANTOS, RC.; PENA, HP. Primeiros socorros para professores em âmbito escolar: Revisão integrativa, **Revista Nursing**, v. 23, julho. 2020.

FREITAS, JBQ.; OLIVEIRA, TA.; MARQUES, TV.; MOTA, ACGS.; SANTOS, BRF.; TYLLS, MAG. Lei Lucas: primeiros socorros em uma escola estadual de ensino fundamental, **Revista de Enfermagem UFJF**, v. 9, n. 1, p. 1-14, maio. 2023.

HADGE, RB.; BARBOSA, VBA.; BARBOSA, PMK.; CHAGAS, EFB. Conhecimentos de professores do ensino fundamental acerca de primeiros socorros, **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 32, maio. 2023.

LOUREIRO, LBAC.; SILVA, SP.; SILVA, ICS.; SANTOS, JF.; ALMEIDA, LSS.; BANDEIRA, AKC. A importância da popularização de primeiros socorros nas escolas para salvar vidas: Uma revisão integrativa, **revista Nursing**, v. 25, julho. 2022.

MANTOVANI, JL.; MAZZIERO, PFE.; BARBIERI, MRB.; CARAM, ALA.; RICCI, WZ.; FRISANCO, FM. Avaliação do conhecimento sobre a lei lucas e sua aplicabilidade: estudo piloto na rede de ensino pública do ensino infantil e fundamental, **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 4, p. 1946–1961, maio. 2023.

MARTINS, AS.; CAPPELLI, KA.; JONGE, AL.; AZEVEDO, MW.; SANTOS, HM.; GOMES, TM.; BRAGA, CPF.; FREITAS, JB.; FERREIRA, MC.; SILVA, LJ. Oficinas de primeiros socorros em crianças com profissionais da educação: um relato de experiência, **Raízes e Rumos, Rio de Janeiro**, v. 6, n. 1, p. 87-95, janeiro. 2018

MORENO, HR.; FONSECA, JPS. A importância das oficinas de primeiros socorros após implantação da lei Lucas: a vivência de um colégio, **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p.4661-4674, março. 2021.

MATOS, DON.; SOUZA, RS.; ALVES, SM. Inclusão da disciplina de primeiros socorros para alunos do ensino básico, **Revista Interdisciplinar**, v. 9, n. 3, p. 168-178, março. 2016.

SILVA, DP.; NUNES, JBB.; MOREIRA, RTF.; COSTA, LC. Primeiros socorros: objeto de educação em saúde para professores primeros auxilios: objeto de la educación para la salud para profesores, **Journal of Nursing Revista de Enfermagem UFPE On Line**, v. 12, n. 5, março.2018.

VERÇOSA, RCM.; SANTOS, MM.; SILVA, JR.; SILVA, MDBP.; SANTOS, RFEP. Conhecimento dos Professores que atuam no Âmbito Escolar Acerca dos Primeiros Socorros, **Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v.22, n.1, p. 78-84, 2021.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: O OVO COMO SÍMBOLO DE TRANSFORMAÇÃO E DESAFIOS

Bruna Menezes Souza de Jesus¹; Adeilson Menezes Souza²;

Graduanda em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹,
Fisioterapeuta, Docente pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci².

menezesbrunaaa@gmail.com

RESUMO

Introdução: Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende a faixa etária de 10 a 18 anos, sendo um momento de relevantes alterações nos contextos biopsicossociais, **Objetivo:** Promover o acesso à educação sexual e reprodutiva de adolescentes em Instituição de Ensino pública no Recôncavo Baiano. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, relativo a uma intervenção realizada em Instituição Pública em Educação Básica, com adolescentes na faixa etária entre 15 a 18 anos, localizada no Recôncavo Baiano. **Resultados e Discussão:** A realização de atividades educativas no contexto da saúde, especialmente relativas à educação sexual, são de extrema relevância no que diz respeito à promoção da saúde e disseminação de conhecimentos ao público-alvo. **Considerações Finais:** Em suma, a atuação discente em atividades educativas com alunos adolescentes de Instituição Pública em Educação Básica em relação a promoção do acesso à educação sexual e reprodutiva confere contextos basilares na promoção à saúde e prevenção de agravos, no sentido de atender as particularidades e especificidades da população referida.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência; Infecções Sexualmente Transmissíveis; Promoção da Saúde.

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende a faixa etária de 10 a 18 anos, sendo um momento de relevantes alterações nos contextos biopsicossociais, através da mudanças na estrutura corporal, desenvolvimento no contexto emocional, senso de criticidade e identidade, aspectos comportamentais, bem como nos relacionamentos interpessoais (Castillo, Mattos e Pedrosa, 2024).

Nesse sentido, a adolescência por se tratar também da maturação sexual, traz consigo contextos referentes a gravidez na adolescência, a qual incide em problema de saúde pública, revelando também prismas relevantes na saúde do binômio mãe-bebe. Ademais, diante dos desafios de gestar uma nova vida, há também a carga e o desafio entre conciliar as responsabilidades com o âmbito acadêmico e social. (Ribeiro e Alves, 2022; Alves *et al*, 2021; Castillo, Mattos e Pedrosa, 2024).

Vale destacar, que dados alarmantes como os divulgados pelo Ministério da Saúde (MS), evidenciam que em 2020 no Brasil, 380.778 nascimentos foram de mães adolescentes, em conformidade a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), que em 2023 identificou o nascimento de cerca de 44 bebês de mães adolescentes por hora no Brasil, segundo dados do Sistema Único de Saúde (SUS). (Ministério da Saúde, 2023; EBSERH, 2023).

A Enfermagem possui papel basilar no que diz respeito a promoção da saúde no contexto do adolescente, sendo fonte de educação em saúde, atendendo as principais particularidades e vivências deste grupo. Assim, o objetivo deste estudo é promover o acesso à

educação sexual e reprodutiva de adolescentes em Instituição de Ensino pública no Recôncavo Baiano.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, relativo a uma intervenção realizada em Instituição Pública em Educação Básica, com adolescentes na faixa etária entre 15 a 18 anos, localizada no Recôncavo Baiano. Este projeto teve como objetivo promover o acesso à educação sexual e reprodutiva de adolescentes, sendo facilitado por discentes de Enfermagem de Instituição de Ensino Superior (IES) privada, também situada no Recôncavo Baiano.

Nesse sentido, foram procedidas visitas a fim de viabilizar a liberação para realização da atividade educativa. Assim, em conformidade entre os facilitadores da ação, direção e os receptores, foram desempenhadas a organização de horários, levando em consideração os horários disponíveis na rotina do âmbito acadêmico. Desta forma, foram elencados os dias e abordagens para o público alvo.

Ademais, no primeiro dia foi executado uma exposição dialogada e interativa referente às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), com a utilização de recursos visuais das IST's, como reconhecê-las, formas de tratamentos, encaminhamentos, assim como a prevenção. Outrossim, houve a explanação correta em relação ao uso adequado dos preservativos masculino e feminino, formas de armazenamento e como localizá-los no contexto das Unidades Básicas de Saúde (UBS). Em segundo momento da exposição, houve abertura para explanação de percepções, dúvidas, questionamentos e orientações.

Nessa perspectiva, também foram demonstradas quais contextos que a gravidez na adolescência evidenciam, assim como foram elencados, através de vivências e explicações de dados epidemiológicos relativos à temática. Em suma, foi proposto como intervenção para o tema pautado, que o público referido realizasse o cuidado através de ovos de aves durante uma semana, a fim de simular a responsabilidade e cuidado parental. Para continuidade da ação, foram estipuladas regras a fim de preservar os ovos de aves até o final do desafio.

Nesse contexto também foram incluídas atividades como: o registro das observações e cuidados realizados a fim de relatar a experiência na simulação dos cuidados por parte dos participantes. Ao fim do segundo momento da intervenção, o público alvo foi dirigido para explanação das vivências dos cuidados e desafios durante a semana com os ovos de aves, através de roda de conversa. Por fim, foi aberto uma roda de conversa para orientações e dúvidas, bem como um momento social entre facilitadores e público alvo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A realização de atividades educativas no contexto da saúde, especialmente relativas à educação sexual, são de extrema relevância no que diz respeito à promoção da saúde e disseminação de conhecimentos ao público-alvo. Nesse sentido, a atuação da Enfermagem discente, enquanto profissionais em formação durante a intervenção foi recebida de forma positiva, sendo observados interação entre o grupo de adolescentes e os facilitadores da temática, através de dúvidas, explicações, momentos de perguntas e respostas, bem como a identificação dos saberes construídos.

Ademais, os adolescentes demonstraram-se receptivos às elucidações pautadas, trazendo inferências, possibilidades de resolução e enfrentamentos para temática. No que se refere ao viés da abordagem, foram contextualizadas as problemáticas, através de recursos visuais, como fotos das IST' HPV, herpes, sífilis, clamídia, gonorreia, HIV e com o auxílio de ovos de aves, que foram essenciais para a adesão da ação educativa. Os discentes no primeiro

dia da abordagem, demonstraram-se abertos ao diálogo e curiosos com as informações que foram explanadas.

Ademais, durante a utilização da abordagem do cuidado parental através de ovos de aves, foi concebível o empenho dos participantes, bem como compartilhada as principais dificuldades durante a semana com os ovos. Dessa maneira, através dos relatos e registros em roda de conversa, foi possível garantir a contemplação do objetivo deste trabalho, em relação a promover a saúde dos adolescentes e conscientizar sobre as implicações de uma gravidez precoce.

Assim, a realização de atividades em conjunto com a comunidade, garante a prospecção de conhecimento e estimula a construção dos saberes, pautados na promoção da saúde, conscientização para as problemáticas e estimula o cuidado, especialmente numa idade de transformações biopsicossociais, como os adolescentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a atuação discente em atividades educativas com alunos adolescentes de Instituição Pública em Educação Básica em relação a promoção do acesso à educação sexual e reprodutiva confere contextos basilares na promoção à saúde e prevenção de agravos, no sentido de atender as particularidades e especificidades da população referida. Assim é fundamental abordagens no intuito de contribuir positivamente na interação entre os participantes e profissionais em formação.

Por fim, foram ressaltadas as estratégias de disseminação do conhecimento entre os alunos, com foco nos aspectos pertinentes à gestação no período da adolescência, IST's, cuidados parentais e o contexto acadêmico, havendo reflexão e direcionamentos relativos a este problema de saúde pública. Na conjuntura acadêmica, as práticas intervencionais propiciam o elo entre o contexto discente, no exercício das da formação profissional em Enfermagem com o fortalecimento da educação comunitária nos estratos sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. S. S. *et al.* Gravidez na adolescência: Contribuições dos profissionais de saúde frente à educação sexual e reprodutiva. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. 2021.

CASTILHO, S. B.; MATTOS, V. G. S.; PEDROSA, L. G. B. Impactos físicos e emocionais da gestação na adolescência: uma revisão de literatura. **Revista foco.**, v. 17, n. 5, p. 01-20, 2024.

EBSERH, 2020. **Por hora, nascem 44 bebês de mães adolescentes no Brasil, segundo dados do SUS.** Disponível em: <<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/por-hora-nascem-44-bebes-de-maes-adolescentes-no-brasil-segundo-dados-do-sus>>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023. **Gravidez na adolescência: saiba os riscos para mães e bebês e os métodos contraceptivos disponíveis no SUS.** Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/gravidez-na-adolescencia-saiba-os-riscos-para-maes-e-bebes-e-os-metodos-contraceptivos-disponiveis-no-sus>>.

RIBEIRO, M. C. C.; ALVES, R. N.. Gravidez na adolescência: um olhar sob a ótica psicossocial. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, p., 2022.

ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NA DETECÇÃO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA INFÂNCIA

Caike de Lima Santos¹; José Raony Souza Diniz¹; Marcos André Pedro da Silva¹;
Bianka Santana dos Santos².

Discente do curso de Medicina do Núcleo de Ciências da Vida (NCV), Centro Acadêmico do Agreste (CAA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)¹, Pós-doutora em Bioquímica e Fisiologia do curso de Medicina e Docente do curso de Medicina do Núcleo de Ciências da Vida (NCV), Centro Acadêmico do Agreste (CAA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)².

caike.lima@ufpe.br

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) trata-se de uma condição neurodesenvolvimental que afeta principalmente habilidades comunicativas do indivíduo, podendo ou não estar associado a outras comorbidades psiquiátricas. Dessa forma, a atenção primária à saúde tem papel fundamental na identificação no tempo ideal do TEA em crianças, haja vista seu papel crucial e cuidado longitudinal na saúde dessa população. Nesse viés, esse trabalho foi feito a partir de uma série de artigos presentes na literatura científica que abrangem a temática com intuito de responder a pergunta: “Qual o papel das equipes de saúde da atenção primária na detecção do Transtorno do Espectro Autista durante a infância?”. Com isso, foi constatada a importância deste serviço na promoção de um diagnóstico precoce, bem como a importância de formas de triagem que possam facilitar essa detecção, além de possíveis barreiras, sejam estas de caráter físico, social ou falta de conhecimento da equipe.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Transtorno do Espectro Autista; Diagnóstico Precoce.

1 INTRODUÇÃO

A Atenção Primária à Saúde (APS) tem como característica ser, muitas vezes, o primeiro contato/ acesso da comunidade aos serviços de saúde, tendo como fundamentos práticas que permitam um acesso equalitário e um cuidado longitudinal e individualizado de acordo com as características socioculturais únicas de cada população. Considerada por muitos como “porta de entrada” às redes de saúde, é composta por equipes multidisciplinares que visam alcançar tais objetivos, tendo certa importância, também, na saúde infantil com as consultas de puericultura, além de existir a criação de um vínculo entre família e equipe de saúde (Souza *et al.*, 2021).

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado por déficits comunicativos e interativos, sendo classificado como uma condição neurodesenvolvimental que traz ao indivíduo dificuldades na interação social, dificultando o desenvolvimento de habilidades, principalmente não verbais, necessárias para tal interação (Alves *et al.*, 2022). O TEA pode também estar relacionado com padrões repetitivos de comportamentos e interesses, além de, muitas vezes, estar associado a comorbidades psiquiátricas como transtorno obsessivo-compulsivo, agressão, ansiedade e outros. Trata-se de uma condição única que pode apresentar diferentes níveis de gravidade, sendo esses característicos e únicos

de cada paciente (Tsang *et al.*, 2019).

O diagnóstico do TEA pode ser feito a partir do segundo ano de vida, todavia alguns estudos mostram que a média de idade para o diagnóstico é de aproximadamente quatro anos e meio, tornando ainda mais complexa a tomada de decisões para intervenções que possam melhorar o desenvolvimento das crianças de forma precoce, que possam melhorar assim os sintomas dessa condição (Schrader *et al.*, 2020). Dada a importância da APS no contexto da saúde infantil e a prevalência dos casos de TEA nos últimos anos, é crucial buscar entender como se dá o diagnóstico, bem como as ferramentas e barreiras encontradas nesse contexto na detecção precoce do TEA. Deste modo, o presente estudo tem como objetivo analisar as principais dinâmicas dentro da APS no que se refere ao rastreio e diagnóstico precoce de TEA (Al-Mazidi; Al-Ayadhi, 2021).

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura realizada por meio das bases de dados *PubMed* e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), em dezembro de 2024, com o intuito de responder à pergunta “Qual o papel das equipes de saúde da atenção primária na detecção do Transtorno do Espectro Autista durante a infância?”. Para a pesquisa, foram utilizadas a chave de busca “Primary Health Care” AND “Autism Spectrum Disorder” AND “Child” AND “Early Diagnosis”, sendo utilizados como critérios de inclusão trabalhos disponíveis na íntegra, no idioma inglês ou português, dentro da temática proposta, publicados nos últimos cinco anos e artigos originais; e, como critérios de exclusão, estudos fora da temática, publicados há mais de cinco anos, não disponíveis de forma gratuita, incompletos, duplicados, revisões da literatura, artigos de opinião e meta análises.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após apreciação dos critérios de inclusão e de exclusão, critérios de elegibilidade, e leitura dos estudos encontrados com a chave de busca, a amostra final da presente Revisão de Literatura foi composta por um total de 6 artigos científicos, que foram assim utilizados para a construção desta revisão.

Segundo Schrader *et al.* (2020), reconhecer os primeiros sinais de TEA é fundamental para que ocorra um diagnóstico e intervenção precoce da criança. A APS entra nesse contexto, pois aproximadamente cerca de 95% das crianças concluem as consultas de puericultura do nascimento até os três anos de idade, colocando a equipe da atenção primária no papel fundamental da detecção e triagem de crianças que podem apresentar o TEA. Inclusive, Hine *et al.* (2020) trouxeram considerações importantes acerca da necessidade de se implementar modelos simplificados de métodos de triagem, identificando a importância destes numa melhora drástica no tempo de diagnóstico do autismo.

Boa parte dos estudos incluídos nesta revisão trouxeram como objetivo discutir a questão da Lista de Verificação Modificada para Autismo em Crianças Pequenas (M-CHAT), que se trata de uma das ferramentas utilizadas como forma de triagem na APS. Carbone *et al.* (2020) em seu estudo realizado por meio da análise de dados de prontuários eletrônicos de 36.223 crianças em clínicas do estado de Utah nos Estados Unidos, ressaltou a importância do uso do M-CHAT como forma de reduzir as disparidades raciais e étnicas na identificação do TEA, bem como na idade, mostrando que cerca da metade das crianças passaram pela triagem por meio do M-CHAT nas idades recomendadas, nos 18 e 24 meses, e três quartos desse grupo foram analisados apenas aos 24 meses. Esses autores, então, demonstraram que o grupo, analisado mais de uma vez por meio do M-CHAT, obteve uma maior probabilidade, significativa, de diagnóstico precoce para o TEA, o que é importante

para as intervenções no desenvolvimento dessas crianças, sendo esse grupo aquele que terá melhores oportunidades de acessar essas terapias e obter melhores resultados, enquanto aquelas avaliadas apenas uma vez apresentaram uma maior probabilidade de falso-positivo no diagnóstico e um acesso tardio a tais terapias. Nessa mesma linha, Alves *et al.* (2020) demonstraram capacidade do M-CHAT, por meio de suas propriedades psicométricas, para rastrear sinais de TEA em crianças de 24 a 36 meses de idade em determinada população brasileira.

Mesmo existindo evidências acerca da implementação da triagem, há diversos fatores que impossibilitam a utilização dessas ferramentas na APS. Tais barreiras puderam ser observadas no estudo de Felix *et al.* (2024), no qual foram descritos desde restrições físicas, como a questão de infraestrutura das unidades de saúde, principalmente aquelas em áreas mais carentes, quanto em relação à equipe, em que foi relatado o tempo limitado para realização dos testes de triagem, além da necessidade evidente da necessidade de capacitação das equipes de saúde para a utilização de tais ferramentas, mostrando uma necessidade de treinamento dessas equipes. Nos Estados Unidos, Mazurek *et al.* (2019) enfatizaram que tais barreiras até se alcançar um diagnóstico ocorrem de forma generalizada, sendo bem mais prevalentes para famílias carentes e de áreas mais remotas. Mazurek *et al.* (2019) também trouxeram, em seu estudo, a aplicação de ferramentas que promovem uma educação médica continuada à distância, nesse caso a *Extension for Community Healthcare Outcomes Autism (ECHO Autism)* baseada nas Diretrizes de Melhores Práticas do Missouri para diagnóstico de TEA, promovendo o treinamento de equipes da atenção primária na triagem dessa condição, demonstrando, a necessidade de capacitações e as possibilidades que tais ferramentas podem trazer no diagnóstico precoce de TEA.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, fica evidente a importância da atenção primária à saúde na detecção precoce do transtorno do espectro autista, haja vista a alta adesão à puericultura, sendo esse serviço e a equipe fatores essenciais ao diagnóstico precoce e ao acesso às intervenções terapêuticas. Durante a construção desta revisão, ficou nítida a importância das ferramentas de triagem para crianças com TEA, como o M-CHAT, embora tenha ficado explícita a necessidade de melhorias nessas ferramentas, com intuito de facilitar sua utilização, bem como promover um maior acesso a estas, principalmente para famílias mais carentes e de regiões mais remotas, a fim de eliminar as barreiras e discrepâncias na idade do diagnóstico.

Com isso, fica evidente a importância do desenvolvimento de ferramentas simplificadas e estudos acerca da importância do diagnóstico de TEA precoce na APS, para que todas as crianças que apresentem possíveis sinais do autismo possam ser diagnosticadas de forma precoce e obter acesso a intervenções terapêuticas no tempo ideal, para que assim se obtenha uma melhor qualidade de vida, independente de suas condições socioeconômicas ou étnicas, garantindo a inclusão, a integralidade, a universalidade e especialmente a equidade, princípios importantíssimos do Sistema Único de Saúde, que devem ser muito bem conferidos à assistência à saúde das crianças com TEA.

REFERÊNCIAS

AL-MAZIDI, S. H.; AL-AYADHI, L. Y. National profile of caregivers' perspectives on autism spectrum disorder screening and care in primary health care: the need for autism medical home. **International journal of environmental research and public health**, v. 18, n. 24, p. 13043, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph182413043>. Acesso em: 07 dez. 2024.

ALVES, M. R. *et al.* Estudo de propriedades psicométricas do M-chat no Brasil. **Psicologia:**

Ciência e Profissão, v. 42, p. e238467, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003238467>. Acesso em: 07 dez. 2024.

CARBONE, P. S. *et al.* Primary care autism screening and later autism diagnosis. **Pediatrics**, v. 146, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.2019-dez 2314>. Acesso em: 06 dez. 2024.

FELIX, G. *et al.* Standardizing and Improving Primary Care-Based Electronic Developmental Screening for Young Children in Federally Qualified Health Center Clinics. **Maternal and Child Health Journal**, v. 28, n. 10, p. 1716-1725, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10995-024-03970-y>. Acesso em: 08 dez. 2024.

HINE, J. F. *et al.* Increasing access to autism spectrum disorder diagnostic consultation in rural and underserved communities: streamlined evaluation within primary care. **Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics**, v. 41, n. 1, p. 16-22, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/DBP.0000000000000727>. Acesso em: 07 dez. 2024.

MAZUREK, Micah O. *et al.* ECHO autism STAT: accelerating early access to autism diagnosis. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 49, p. 127-137, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3696-5>. Acesso em: 08 dez. 2024.

SCHRADER, E. *et al.* Integrating a new online autism screening tool in primary care to lower the age of referral. **Clinical Pediatrics**, v. 59, n. 3, p. 305-309, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0009922819900947>. Acesso em: 07 dez. 2024.

SOUZA, L. S. B. de *et al.* Experiências brasileiras no acompanhamento de crescimento e desenvolvimento infantil no contexto da Atenção Básica. **Enfermagem em Foco**, v. 12, n. 2, 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3722/1150>. Acesso em: 07 dez. 2024.

TSANG, L. P. M. *et al.* Autism spectrum disorder: early identification and management in primary care. **Singapore medical journal**, v. 60, n. 7, p. 324, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11622/smedj.2019070>. Acesso em: 07 dez. 2024.

EVIDÊNCIAS ACERCA DO MANEJO FARMACOLÓGICO DA DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES

Ryan Carlos Leite de Andrade¹; Pedro Henrique Andrade de Vasconcelos²; Wana Dark da Silva Costa³; Francisco Antonio da Cruz dos Santos

Graduando em Farmácia pela Faculdade Chrisfapi¹; Graduando em Enfermagem pela Faculdade Uniplan²; Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Unopar³

ryanleite.carlos@gmail.com

RESUMO

A depressão em adolescentes é um problema crescente que impacta profundamente seu bem-estar e desenvolvimento. Este estudo revisou a literatura científica para entender como o manejo de medicamentos pode auxiliar no tratamento dessa condição. Os resultados mostram que identificar o tratamento mais eficaz é um processo desafiador, exigindo tempo e testes com diferentes medicamentos. No entanto, avanços tecnológicos e novas pesquisas têm possibilitado o desenvolvimento de abordagens mais rápidas e personalizadas, ajustadas às necessidades individuais dos jovens. O estudo reforça a importância de investir em inovação e pesquisa para melhorar o cuidado com a saúde mental nessa população.

Palavras-chave: Manejo Farmacológico; Depressão; Adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

A depressão em crianças e adolescentes é uma condição complexa e preocupante, com impactos significativos no desenvolvimento social, emocional e educacional. O tratamento requer uma abordagem cautelosa e personalizada, considerando as particularidades dessa faixa etária. Para casos moderados a graves, os antidepressivos, particularmente os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS), são uma opção válida.

Contudo, seu uso deve ser criterioso devido ao risco de efeitos adversos, como ideação suicida. Por isso, não são indicados para depressões leves e, mesmo em casos graves, devem ser acompanhados por monitoramento clínico rigoroso e terapias psicossociais, como a terapia cognitivo-comportamental.

O manejo ideal é multidimensional, integrando intervenções farmacológicas e psicoterapêuticas, além de apoio familiar. Protocolos terapêuticos como o “FRIENDS” e outras estratégias de TCC utilizam técnicas lúdicas e treinam habilidades sociais, promovendo a participação dos pais e a conexão com escolas e comunidades para ampliação dos resultados.

Adicionalmente, é fundamental identificar fatores de estresse, como conflitos familiares ou problemas escolares, e implementar medidas preventivas. Essas incluem criar ambientes escolares positivos e incentivar o suporte comunitário, o que reduz riscos de recaídas e promove um desenvolvimento mais saudável.

2 METODOLOGIA

O trabalho apresentou como tipo de estudo uma Revisão Integrativa da Literatura, realizada em novembro de 2024. Na qual, foi realizado uma busca em plataformas como Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores “manejo farmacológico”, “depressão” e “adolescentes”, juntamente com o operador booleano AND. A questão da pesquisa foi: Como o manejo farmacológico pode auxiliar o tratamento da depressão em adolescentes? Os critérios de inclusão aplicados foram estudos gratuitos, originais, publicados nos últimos cinco anos, sem restrição de idiomas. Foram excluídos artigos fora do eixo temático, estudos em animais, estudos *in vitro*. Foi realizado a síntese das informações encontradas na busca, destacando os principais achados dentro do contexto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No processo de busca inicial na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), foram identificados 59 estudos. Contudo, após a aplicação criteriosa dos parâmetros de inclusão e exclusão estabelecidos, bem como a subsequente análise crítica dos materiais encontrados, foram selecionados 5 estudos que atendiam plenamente aos critérios previamente definidos.

Autor(es)	Ano	Tipo de Estudo	Achados
Nascimento & Duarte	2022	Revisão de Literatura	A pandemia de COVID-19 exacerbou a depressão em adolescentes, levando ao aumento do uso de antidepressivos e ansiolíticos, associado a fatores como isolamento e violência doméstica.
Oliveira, B. A.	2020	Revisão de Escopo	Antidepressivos em adolescentes podem aumentar o risco de ideação suicida. O uso racional depende de avaliações detalhadas e suporte familiar.
Croarkin, P. <i>et al.</i>	2023	Estudo prospectivo com IA	A inteligência artificial ajudou a prever a eficácia de antidepressivos em adolescentes, melhorando a personalização do tratamento e reduzindo efeitos adversos.
Lopes, M. <i>et al.</i>	2021	Estudo longitudinal	Identificou aumento de sintomas depressivos em jovens após o fechamento de escolas durante a pandemia, sugerindo a necessidade de suporte psicossocial.
Arjun, A. <i>et al.</i>	2023	Pesquisa Experimental	Estudos com IA mostram que modelos preditivos podem otimizar a dosagem e seleção de medicamentos para jovens com transtorno depressivo maior.

Fonte: próprio autor

Os estudos analisados demonstram como adversidade a complexibilidade da escolha de tratamento correto para adolescentes, visto que para encontrar a terapia de maior eficácia é necessário um longo período de testes com diferentes tipos de medicamentos. Entretanto, com

auxílio de novas pesquisas e inovações tecnológicas, a facilidade de buscar terapias personalizadas de acordo com o perfil de usuário em menor tempo é cada vez mais realístico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos estudos selecionados evidencia o potencial das inovações no desenvolvimento de abordagens terapêuticas mais rápidas e personalizadas, adaptadas às necessidades específicas dos pacientes. Assim, reforça-se a importância de investimentos contínuos em pesquisa e tecnologia como pilares para aprimorar a eficácia e a eficiência no tratamento de condições em populações jovens.

REFERÊNCIAS

- ARJUN, A. *et al.* Advances in pharmacogenomics and AI for depression management. *Journal of Personalized Medicine*, 2023. Disponível em: <https://jpm.org>. Acesso em: 06 dez. 2024.
- BVS-PePSIC. **Protocolos psicoterapêuticos para tratamento de ansiedade e depressão na infância**. Disponível em: pepsic.bvsalud.org. Acesso em: 06 dez. 2024.
- COCHRANE. **Antidepressivos novos para tratar depressão em crianças e adolescentes**. Disponível em: www.cochrane.org. Acesso em: 06 dez. 2024.
- CROARKIN, P. *et al.* Use of artificial intelligence to predict antidepressant outcomes in adolescents. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 2023. Disponível em: <https://mayoclinic.org>. Acesso em: 06 dez. 2024.
- LOPES, M. *et al.* Impactos psicossociais do isolamento social em adolescentes durante a pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Mental*, 2021. Disponível em: <https://rbsm.org>. Acesso em: 06 dez. 2024.
- NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **OMS registra aumento de casos de depressão em todo o mundo**. Disponível em: brasil.un.org. Acesso em: 06 dez. 2024.
- NASCIMENTO, M.; DUARTE, L. O aumento do uso de ansiolítico e antidepressivo em adolescentes pós-período pandêmico. *Revista de Psiquiatria*, 2022. Disponível em: <https://revistaft.com.br>. Acesso em: 06 dez. 2024.
- OLIVEIRA, B. A. **Uso de antidepressivos em adolescentes: uma revisão de escopo**. Universidade Federal de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br>. Acesso em: 06 dez. 2024.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Transtornos mentais - Depressão**. Disponível em: www.paho.org. Acesso em: 06 dez. 2024.

AValiação DA EFICÁCIA DE PROGRAMAS EDUCATIVOS CONDUZIDOS POR ENFERMEIROS NA REDUÇÃO DA OBESIDADE INFANTIL

Steffanny Geovanna da Silva¹; Cláudia Lisboa Dias²; Beatriz Neves Guedes³; Maryana Viana dos Santos⁴; Giovanna Maria Rebouças dos Reis⁵; Emina Camille Silva Barbosa⁶

Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste¹; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste²; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste³; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁴; Graduando em enfermagem pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁵; Graduada pelo Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste⁶.

steffannygeovanna06@gmail.com

RESUMO

Introdução: A obesidade infantil é uma epidemia global, classificada como uma condição crônica pela Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, estima-se que até 2030, o país será o quinto em número de crianças e adolescentes com sobrepeso, caso não sejam implementadas medidas preventivas. O enfermeiro desempenha um papel essencial na prevenção e educação em saúde, especialmente nas escolas, em parceria com programas como o PNAE e o PSE. **Metodologia:** Consiste em uma revisão integrativa de literatura, com a análise de publicações entre 2019 a 2024, nas bases de dados BVS e PubMed. Sendo selecionados sete estudos. O estudo dispensou a submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa, por não ser um estudo clínico realizado em animais e seres humanos. **Resultados e Discussões:** Os resultados apontaram que intervenções combinando dieta e atividade física reduzem fatores de risco cardiovascular, mas nem sempre afetam o IMC. **Considerações finais:** Conclui-se que estratégias educativas, quando integradas a práticas como exercícios físicos, são eficazes na promoção de hábitos saudáveis, destacando o papel do enfermeiro na prevenção da obesidade infantil.

Palavras-chave: obesidade infantil; enfermagem; avaliação.

1 INTRODUÇÃO

O excesso de peso e a obesidade são considerados uma epidemia na saúde mundial, especialmente entre as crianças. A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracteriza a obesidade como uma condição crônica não transmissível (DCNT), resultante do acúmulo excessivo de tecido adiposo, que afeta de maneira negativa a saúde das pessoas. Caso não seja tratada, essa condição pode resultar no aparecimento de outras enfermidades. Ademais, a Federação Mundial da Obesidade (FMO) estima que, em 2030, o Brasil ocupará a 5ª posição entre os países com o maior número de crianças e adolescentes com sobrepeso, apresentando apenas 2% de probabilidade de reverter essa condição se não forem implementadas medidas preventivas e terapêuticas. Evidenciar-se o excesso de peso e a obesidade são afetados por elementos como a ingestão excessiva de alimentos altamente processados e o consumo reduzido de fibras e carboidratos complexos, consequentemente pode causar diagnóstico precoce de diabetes mellitus tipo 2 e hipotensão, entre outras enfermidades (VASCONCELOS *et al.*, 2024).

Por seguinte, o enfermeiro tem um papel importantíssimo nas Implementações das ações preventivas, um dos locais de implementação são nas escolas onde tem maior número de

crianças, além disso, com assistência do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) visa atender às necessidades nutricionais dos estudantes e Programa de Saúde Escolar (PSE) tem como objetivo a promoção, a integração e a articulação contínua entre a educação e a saúde. Na qual, os enfermeiros atuam na promoção, tratamento e prevenção por meio de Educação em saúde. Com finalidade de aprimorar a saúde da população atendida, a assistência é oferecida de maneira integral, qualificada e humanizada para crianças e adolescentes (VASCONCELOS *et al.*, 2024).

No entanto o que se observa que há uma disparidade, no que tange ao acesso igualitário a uma alimentação de qualidade balanceada, uma vez que há uma discrepância relacionada a escassez de recursos as classes minoritárias, o que envolve questões sociodemográficas e socioeconômicas que contribuem para o déficit na qualidade alimentar da população. Fatores hereditários e epigenéticos contribuem para uma debilidade na saúde de crianças e adolescentes (CMARGO *et al.*, 2019).

Para isso, é imprescindível orientações adequadas, manejo adequado dos protocolos existentes e abordagem qualificada da equipe, uma vez que a população carece de informações quanto a qualidade de vida, evitando não somente o sobrepeso, mas suas comorbidades correlacionadas. Reduzindo assim, os fatores de riscos em que estão expostos. O objetivo deste estudo busca avaliar a eficácia dos programas educativos conduzidos por enfermeiros na redução de fatores de risco a obesidade infantil.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura do tipo descritiva. Após a definição do tema foi realizada uma busca por meio das bases de dados: as disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na PubMed, publicados nos períodos de 2019 a 2024, nos idiomas português e inglês, sob a justificativa de avaliar a eficácia de programas educativos conduzidos por enfermeiros na redução de fatores de risco para obesidade infantil. A busca inicial se deu através da utilização dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) em cruzamento com o operador booleano *AND*, da seguinte forma: na Biblioteca Virtual em Saúde combinados com o booleano *AND*, desta forma: "Avaliação" *and* "Programa" *and* "Enfermagem" *and* "Obesidade Infantil", foram encontrados 102 trabalhos. E na PubMed também seguindo a mesma configuração que foi feita na BVS "Assessment" *and* "program" *and* "Nursing" *and* "Childhood obesity", encontrado 25 artigos. Posteriormente foram estabelecidos os critérios de inclusão, considerando artigos originais publicados na íntegra em texto completo. Em seguida, foram constituídos os critérios de exclusão, desconsiderando: estudos que não completassem o objetivo do estudo, artigos na modalidade de tese, dissertação e revisão de literatura, sendo que artigos duplicados não foram contabilizados. Deste modo, foram selecionados sete artigos para o desenvolvimento do estudo. O estudo dispensou a submissão ao Comitê de Ética e Pesquisa, logo que não realizou pesquisas clínicas em animais e seres humanos. Desta forma, assegura-se e cumpre os preceitos dos direitos autorais dos autores vigentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A obesidade infantil é um tema de grande relevância, pois afeta uma parcela significativa da população pediátrica e tem aumentado de forma alarmante nas últimas décadas. Esse aumento pode ser atribuído a diversos fatores, como a alimentação inadequada, o sedentarismo e o uso excessivo de dispositivos eletrônicos. Diante disso, é fundamental implementar estratégias que promovam mudanças efetivas e sustentáveis no estilo de vida das crianças. As intervenções podem incluir novos padrões alimentares, como a introdução de alimentos frescos e nutritivos, e adoção de hábitos saudáveis no dia a dia, como a prática regular

de atividades físicas e a promoção de atividades recreativas. Além disso, é importante envolver as escolas na educação alimentar e na promoção de um ambiente saudável. Apesar da existência de políticas públicas voltadas para a saúde infantil, como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC), é essencial que as orientações e serviços continuem a ser disponibilizados para essa faixa etária. Destacando o papel crucial dos profissionais que atuam nessa área, que devem trabalhar em conjunto com famílias, escolas e comunidades para enfrentar os desafios da obesidade infantil. Além da busca por estratégias de manejo que incluam a participação da família, é um fator vital, pois o apoio familiar pode ser determinante na formação de hábitos saudáveis e na prevenção da obesidade (Silva et al, 2023).

A análise de intervenções voltadas para a redução de fatores de risco relacionados à obesidade infantil revelou resultados variados. Em um estudo que incluiu 23 intervenções, constatou-se que as intervenções combinadas de dieta e atividade física resultaram em uma redução significativa na pressão arterial sistólica (PAS) e diastólica (PAD), com efeitos combinados de -1,64 mmHg para PAS e -1,44 mmHg para PAD (CAI et al., 2014). Esses achados indicam que a implementação de programas educativos que integrem dieta e atividade física pode ser eficaz não apenas para a redução da obesidade, mas também para melhorar a saúde cardiovascular entre crianças. No entanto, a metanálise referente ao índice de massa corporal (IMC) e ao zIMC evidenciou a ineficácia das intervenções em termos de resultados significativos para essas métricas. Apenas os estudos que realizaram exercícios físicos (EP) demonstraram eficácia em relação ao IMC, enquanto aqueles que não incluíram EP não apresentaram resultados positivos (SERAL CORTES et al., 2021)

Essa discrepância sugere que, embora a educação em saúde seja uma componente importante, a inclusão de estratégias práticas, como a atividade física, é fundamental para o sucesso dos programas. A caracterização da amostra de crianças em um estudo específico indicou que, das 292 avaliadas, a prevalência de sobrepeso foi de 7,2%, enquanto a obesidade, segundo o IMC, foi de 4,8% (CAMARGOS, et al. 2019). Além disso, diferenças significativas foram observadas nas classificações de peso e estatura em relação à faixa etária e ao nível socioeconômico, destacando a importância de considerar esses fatores ao desenvolver e implementar programas educativos. A ausência de diferenças significativas entre os sexos sugere que as intervenções devem ser amplamente aplicáveis, mas adaptadas ao contexto socioeconômico e às necessidades específicas de cada grupo etário para aumentar sua eficácia na redução da obesidade infantil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obesidade infantil configura-se como um grave problema de saúde pública, com implicações significativas para o desenvolvimento físico, emocional e social das crianças. A análise realizada neste estudo evidenciou que fatores como hábitos alimentares inadequados, sedentarismo e desigualdades socioeconômicas desempenham papel central no aumento da prevalência dessa condição. Além disso, observamos que as intervenções educativas conduzidas por enfermeiros, quando integradas às estratégias práticas, como a inclusão de atividades físicas, apresentam resultados promissores na redução de fatores de risco associados à obesidade infantil, especialmente no que tange à saúde cardiovascular. Entretanto, a ausência de impacto significativo em análises como o IMC em algumas intervenções destaca a necessidade de aprimorar abordagens e incorporar componentes mais abrangentes e personalizados.

Portanto, para enfrentar a epidemia de obesidade infantil, é fundamental fortalecer a educação em saúde nas escolas e nas comunidades, envolvendo de forma ativa as famílias no processo de prevenção e manejo. O papel do enfermeiro, enquanto facilitador de mudanças, é essencial para promover hábitos saudáveis e reduzir as disparidades de acesso a uma

alimentação equilibrada. Assim, conclui-se que estratégias intersetoriais, sustentadas por políticas públicas eficazes e por equipes multiprofissionais, são indispensáveis para garantir um futuro mais saudável para as crianças, contribuindo de maneira significativa para a construção de uma sociedade com melhor qualidade de vida e menor prevalência de doenças crônicas.

REFERÊNCIAS

VASCONCELOS, K.; FREIBERG, C. K.; QUEIROZ MELLO, A. P.; DIETRICH, J. A. Intervenções do enfermeiro escolar no combate da obesidade infantil. *Nursing Edição Brasileira*, [S.l.], v. 28, n. 316, p. 10181–10189, 2024. DOI: 10.36489/nursing.2024v28i316p10181-10189. Disponível em: <<https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/3214>>. Acesso em: 8 dez. 2024.

CAI, L.; WU, Y.; WILSON, R. F.; SEGAL, J. B.; KIM, M. T.; WANG, Y. Effect of childhood obesity prevention programs on blood pressure: a systematic review and meta-analysis. *Circulation*, v. 129, n. 18, p. 1832-1839, 6 maio 2014. DOI: 10.1161/CIRCULATIONAHA.113.005666. Disponível em: <<https://doi.org/10.1161/CIRCULATIONAHA.113.005666>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, C. O.; PEREIRA, F. G. F.; CLARO, M. L.; SOUSA, A. F.; COSTA E SILVA, D. M.; LIMA, L. H. O. Protocolo de intervenções nutricionais para o manejo da obesidade infantil na Atenção Primária à Saúde. *Revista de Enfermagem UFPI [Internet]*, v. 12, e4139, 2023. DOI: 10.26694/reufpi.v12i1.4139. Disponível em: <<https://doi.org/10.26694/reufpi.v12i1.4139>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, N. de J.; FAGUNDES, A. A.; SILVA, D. G. da; LIMA, V. da S. Percepção de gestores e profissionais de saúde sobre o cuidado da obesidade infantojuvenil no Sistema Único de Saúde. *Physis [Internet]*, v. 32, n. 3, e320318, 2022. DOI: 10.1590/S0103-73312022320318. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320318>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SERAL-CORTES, M.; DE MIGUEL-ETAYO, P.; ZAPATA, P.; MIGUEL-BERGES, M. L.; MORENO, L. A. Effectiveness and process evaluation in obesity and type 2 diabetes prevention programs in children: a systematic review and meta-analysis. *BMC Public Health*, v. 21, n. 1, p. 348, 12 fev. 2021. DOI: 10.1186/s12889-021-10297-8. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s12889-021-10297-8>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CAMARGOS, A. C. R.; AZEVEDO, B. N. S.; SILVA, D. da; MENDONÇA, V. A.; LACERDA, A. C. R. Prevalência de sobrepeso e de obesidade no primeiro ano de vida nas Estratégias Saúde da Família. *Cadernos de Saúde Coletiva [Internet]*, v. 27, n. 1, p. 32–38, jan. 2019. DOI: 10.1590/1414-462X201900010010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1414-462X201900010010>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CANUTO, Pollyanna Jorge; MEDEIROS, Carla Campos Muniz; VIANA, Rodrigo Pinheiro de Toledo; PALMEIRA, Poliana de Araújo; CARVALHO, Danielle Franklin de. Relação das práticas parentais com sobrepeso e obesidade em adolescentes escolares: estudo de caso-controle. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 36, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.18471/rbe.v36.46433>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

IMPACTOS DA VIOLÊNCIA VIRTUAL EM ADOLESCENTES: uma análise das consequências e estratégias de prevenção

Pedro Henrique Andrade de Vasconcelos¹; Ryan Carlos Leite De Andrade²; Wana Dark Da Silva Costa³; Francisco Antonio da Cruz dos Santos⁴

Graduando em enfermagem pela Unopar¹; Graduando em Farmácia pela CHRISFAPI de Piripiri²; Enfermeira pelo UNIPLAN polo Piripiri³; Enfermeiro e Mestrando em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí⁴

phvascon2003@gmail.com

RESUMO

A violência virtual é um problema crescente entre adolescentes, que estão vulneráveis a práticas agressivas online, como bullying, assédio e difamação. As consequências dessa violência podem afetar profundamente o bem-estar emocional e social dos jovens, resultando em transtornos psicológicos e comportamentos autodestrutivos. A adolescência é uma fase importante de desenvolvimento, e o ambiente digital exerce grande influência nesse processo. Assim, é essencial compreender os impactos dessa violência e discutir estratégias de prevenção, tanto no contexto escolar quanto familiar, para promover um ambiente online mais seguro e saudável.

Palavras-chave: Violência Virtual; Cyberbullying; Adolescência.

1 INTRODUÇÃO

A violência no ambiente virtual, especialmente contra adolescentes, tem se tornado uma preocupação crescente no cenário contemporâneo. O cyberbullying, a difamação e o assédio online são formas de violência que afetam significativamente o bem-estar psicológico e emocional dos jovens. Segundo um estudo de Costa *et al.* (2022), o aumento do uso de tecnologias digitais tem ampliado a exposição dos adolescentes a comportamentos prejudiciais na internet, com efeitos nocivos a longo prazo.

O contexto social e educacional influencia a maneira como os adolescentes lidam com essas situações, e a falta de políticas públicas eficazes tem sido apontada como uma das principais barreiras para a prevenção (Santos & Oliveira, 2023). A saúde mental dos jovens também está diretamente relacionada à ocorrência de violência digital, afetando aspectos como autoestima e desenvolvimento emocional (Pereira *et al.*, 2021).

Esse estudo busca aprofundar a análise dos impactos da violência virtual sobre os adolescentes, examinando suas repercussões em diversas áreas, como bem-estar emocional, relações interpessoais e construção da identidade. Além disso, o trabalho propõe uma reflexão sobre as estratégias de prevenção e intervenção que podem ser adotadas por escolas, famílias,

profissionais da saúde e políticas públicas, com o objetivo de mitigar os efeitos negativos desse fenômeno. Ao entender as causas e consequências da violência virtual, é possível promover ações mais eficazes para criar um ambiente digital mais seguro e saudável, favorecendo o desenvolvimento integral dos adolescentes.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa sobre as implicações da violência virtual contra adolescentes e as estratégias para enfrentamento desse problema foi conduzida em três etapas principais: definição do problema e questão de pesquisa, busca e seleção dos estudos, e análise e síntese dos dados.

A primeira etapa consiste na definição clara do tema da pesquisa, que visa analisar as implicações da violência virtual contra adolescentes, incluindo suas consequências psicossociais, legais e de saúde, e as estratégias de enfrentamento adotadas por escolas, famílias, governos e outras entidades. A questão central que guiará esta revisão será: "Quais são as implicações da violência virtual contra adolescentes e quais estratégias têm se mostrado eficazes para o enfrentamento desse problema no contexto atual?"

A segunda etapa envolverá a busca e seleção dos artigos. A pesquisa foi realizada em duas bases de dados principais: *LILACS* e *MEDLINE*, acessadas por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). foram utilizados descritores como "violência virtual", "adolescentes", "estratégias de enfrentamento", "ciberbullying", "prevenção da violência", entre outros, em português e inglês. Para garantir a relevância e atualidade dos artigos, foram incluídos estudos publicados entre 2019 e 2024, com a exclusão de artigos repetidos, sem acesso completo, ou que não se relacionem diretamente ao tema da pesquisa.

A terceira etapa consistirá na análise crítica dos estudos selecionados. A avaliação foi qualitativa, com extração das informações relacionadas às implicações da violência virtual sobre os adolescentes, abordagens de prevenção e intervenção, políticas públicas existentes e resultados das estratégias de enfrentamento. A síntese das evidências foi feita de forma descritiva, destacando padrões e divergências nos estudos encontrados.

Essa metodologia permitiu uma análise abrangente e fundamentada das evidências disponíveis, contribuindo para o entendimento das implicações da violência virtual e das melhores práticas para seu enfrentamento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A violência virtual contra adolescentes, incluindo o cyberbullying, apresenta implicações profundas para a saúde mental e emocional dos jovens. Diversos estudos recentes destacam as consequências desse tipo de violência, como depressão, ansiedade, transtornos alimentares e até o suicídio (Fujita & Ruffa, 2019; Pigozi & Machado, 2015). A crescente utilização de plataformas digitais para assédio está expandindo o impacto do bullying tradicional para o ambiente virtual, sendo alimentada por características como o anonimato e a facilidade de difusão de conteúdo agressivo (Ferreira & Deslandes, 2018).

As estratégias para o enfrentamento dessa violência se mostram variadas, com ênfase em intervenções tanto escolares quanto externas. Programas como o Lions Quest, que treinam educadores e promovem habilidades socioemocionais entre os alunos, mostraram eficácia na redução de comportamentos agressivos e na melhoria do clima escolar (Matschek-Jauk *et al.*, 2017). Além disso, a participação ativa dos alunos em programas de mediação, como os tutores de pares ou líderes cibernéticos, também tem sido uma abordagem eficaz (Schreiber & Antunes, 2015).

Entretanto, as políticas públicas ainda apresentam lacunas. A legislação existente, como a Lei nº 13.185/2015, que visa combater o bullying e o cyberbullying, não tem sido suficiente para coibir efetivamente as práticas de violência virtual, sendo necessário um maior engajamento de pais, educadores e legisladores na criação de estratégias mais robustas e eficazes (Viana *et al.*, 2017; Domingos & Júnior, 2019). Em conjunto, é essencial que mais pesquisas sejam realizadas para otimizar as intervenções e entender as diversas dinâmicas da violência virtual, com foco no impacto a longo prazo na saúde dos adolescentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das implicações da violência virtual contra adolescentes mostra que essa forma de agressão tem consequências sérias, afetando a saúde mental dos jovens e seu bem-estar geral. O impacto mais visível é o aumento de casos de depressão, ansiedade e problemas com a autoestima, que frequentemente surgem como resultado de comportamentos como o cyberbullying. Esse fenômeno é uma preocupação crescente, já que muitos adolescentes ainda não têm a conscientização necessária sobre o que constitui violência no ambiente virtual.

Quanto às estratégias de enfrentamento, é evidente que a educação digital nas escolas é essencial para que os adolescentes aprendam a lidar com o ambiente online de maneira saudável. Programas educativos podem fornecer informações sobre o que fazer ao ser vítima ou testemunha de violência virtual, além de incentivar a empatia e o respeito nas interações online. O apoio das famílias também é fundamental para identificar sinais de sofrimento nos

jovens e ajudá-los a buscar ajuda.

Além disso, é importante que o governo e as instituições promovam mudanças nas leis e implementem políticas públicas para coibir o abuso online, oferecendo tanto proteção às vítimas quanto consequências para os agressores. Somente por meio da colaboração entre educação, políticas públicas e apoio psicológico será possível mitigar os danos causados pela violência virtual e criar um ambiente mais seguro para os adolescentes.

REFERÊNCIAS

COSTA, L. A. *et al.* Aumento da violência virtual entre adolescentes: impactos psicológicos e sociais. **Revista Brasileira de Saúde Pública**, v. 56, n. 3, p. 301-310, 2022. DOI: 10.1590/S0034-8910.2022056003546.

DOMINGOS, R. C.; JÚNIOR, L. B. O papel da legislação e das políticas públicas no combate à violência virtual contra adolescentes. **Revista Brasileira de Direito**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 109-120, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-4014.2019>.

DWEIK, R.; STOLLER, J. K. Doenças pulmonares obstrutivas: DPOC, asma e doenças relacionadas. In: SCANLAN, C. L.; WILKINS, R. L.; STOLLER, J. K. **Fundamentos da terapia respiratória de Egan**. São Paulo: Manole, 2001. p. 457-478. (Referência de capítulo de livro).

FERREIRA, M. A.; DESLANDES, S. F. Cyberbullying e suas implicações na saúde mental dos adolescentes. **Revista Brasileira de Saúde Pública**, São Paulo, v. 52, p. 44-52, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-8910.2018.05200014>.

FISCHER, G. A. Drug resistance in clinical oncology and hematology introduction. **Hematol. oncol. clin. North Am.**, v. 9, n. 2, p. 11-14, 1995. (referência de periódico).

FUJITA, S. M.; RUFFA, M. S. Impactos da violência virtual: análise das consequências psicológicas para adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 24, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v24e44511>.

KISNER, C.; COLBY, L. A. **Exercícios terapêuticos: fundamentos e técnicas**. São Paulo: Manole, 1998. 746 p. (referência de livro).

MATISCHEK-JAUK, M.; *et al.* Programa Lions Quest como intervenção escolar contra o cyberbullying: avaliação de eficácia. **Revista de Educação e Psicologia**, Campinas, v. 35, p. 98-111, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-6572.2017.04>.

PEREIRA, M. J. *et al.* Efeitos do cyberbullying na saúde mental de adolescentes: uma revisão sistemática. **Jornal Brasileiro de Psicologia e Saúde**, v. 18, n. 2, p. 59-70, 2021. DOI: 10.1590/2359-7416.202118008.

PIGOZI, M.; MACHADO, A. L. A violência virtual contra adolescentes: uma análise das consequências no contexto escolar. **Revista de Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 35-47, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1678-0345.2015.04>.

SANTOS, P. T.; OLIVEIRA, L. F. A violência digital e suas consequências na adolescência: desafios e abordagens. **Revista Brasileira de Saúde e Sociedade**, v. 35, n. 4, p. 44-55, 2023. DOI: 10.1590/1678-2546.202335004.

SCHREIBER, A.; ANTUNES, M. Intervenção escolar e mediação de pares no combate à violência digital. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 72-84, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-4340.2015.02>.

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, Recife. **Anais do II Congresso de Iniciação Científica da UFPE**. Recife: UFPE, 1996. p. 21-24. (referência de anais de congresso/simpósio).

VIANA, M. R.; *et al.* A legislação no combate ao cyberbullying: análise crítica das políticas públicas brasileiras. **Revista de Direito e Políticas Públicas**, Brasília, v. 15, p. 31-44, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2318-0787.2017.11>.

O MANEJO DO PROFISSIONAL ENFERMEIRO FRENTE À CRIANÇA PORTADORA DE ASMA CRÔNICA: UM CUIDADO HUMANIZADO

Elda Garbo Pinto¹; Ana Carla Seminenco Magri²; Elcie Aparecida Braga de Oliveira³; Amanda Aparecida Camargo de Oliveira⁴; Anelvira de Oliveira Florentino⁴; Paula Gomes da Silva⁵; Cássia Marques da Rocha Hoelz¹.

Mestra pela Universidade Estadual de São Paulo¹, Graduanda em Enfermagem pela Unisagrado de Bauru², Mestranda pela Universidade de São Paulo³, Doutora pela Universidade Estadual de São Paulo⁴, Mestra pela Unisagrado de Bauru⁵

cassiahoelz@bauru.sp.gov.br

RESUMO

Introdução: A asma crônica é uma das principais causas de hospitalizações pediátricas em todo o mundo, afetando significativamente a qualidade de vida das crianças e suas famílias. **Objetivo:** Investigar o papel do enfermeiro no manejo de crianças com asma grave, focando em intervenções hospitalares e educação em saúde para prevenção de crises. **Metodologia:** Revisão narrativa da literatura, com buscas em bases de dados da área da saúde. A amostra foi constituída por 20 artigos selecionados e revisados entre os meses de janeiro e março de 2024. **Resultados:** Os estudos mostram que as intervenções de enfermagem são fundamentais para melhorar a adesão ao tratamento e a qualidade de vida das crianças com asma grave. As ações incluem orientação sobre o uso de inaladores, medicamentos e suporte emocional às famílias. Enfermeiros identificam sintomas iniciais e conduzem práticas educativas com cuidadores, prevenindo hospitalizações e reduzindo complicações da doença. **Considerações finais:** O papel do enfermeiro é essencial na promoção da saúde e no manejo da asma em crianças. A capacitação contínua e o trabalho interdisciplinar garantem uma abordagem humanizada e eficaz, reforçando o papel do enfermeiro tanto no ambiente hospitalar quanto na educação e apoio às famílias.

Palavras-chave: asma crônica; enfermagem pediátrica; doenças respiratórias graves.

1 INTRODUÇÃO

A asma é uma das doenças crônicas mais comuns na infância, afetando milhões de crianças globalmente e sendo uma das principais causas de hospitalizações pediátricas. Caracteriza-se por inflamação crônica das vias aéreas, com sintomas como dispneia, chiado, tosse e abertura no peito, especialmente à noite ou de madrugada. Apesar dos tratamentos, sua natureza crônica e imprevisível impacta significativamente a qualidade de vida das crianças e de suas famílias (Silva; Almeida, 2019).

Santos e Lemos (2020) destacam que as hospitalizações frequentes por asma prejudicam a rotina da criança, afetando sua vida escolar, social e psicológica, além de gerar custos elevados ao sistema de saúde e sobrecarga emocional e financeira para as famílias. Em casos graves, a doença pode exigir atendimentos de emergência ou internações em UTIs pediátricas.

O enfermeiro desempenha além do cuidado clínico, suporte emocional e educativo a cuidadores e crianças para promover a adesão ao tratamento e às medidas preventivas. Em famílias onde a falta de recursos e informações pode haver prejuízo do entendimento e da adesão ao tratamento (Garcia; Rodrigues, 2018).

Enfermeiros pediátricos podem melhorar o atendimento a crianças com asma grave,

utilizando intervenções baseadas em evidências para maior eficiência. Este profissional não apenas administra o tratamento clínico, também ampara e tranquiliza os pais e os pequenos pacientes. A relação de confiança entre enfermeiros e famílias é crucial para o sucesso do tratamento e para a melhoria do estado emocional e clínico da criança (Santos; Souza, 2021).

O manejo da asma crônica exige uma abordagem interdisciplinar, com o enfermeiro colaborando com médicos, fisioterapeutas e outros profissionais para atender às necessidades da criança, desde o controle dos sintomas até o acompanhamento a longo prazo (Garcia; Rodrigues, 2018). Contudo, o papel do enfermeiro como facilitador da comunicação entre áreas ainda precisa de maior reconhecimento e formalização.

Assim, o presente estudo busca investigar o papel do enfermeiro no manejo de crianças com asma grave, com foco em intervenções hospitalares e na educação em saúde para prevenção de crises. Compreender as práticas de cuidado atualmente adotadas e as possibilidades de intervenção para melhorar os resultados clínicos e a qualidade de vida das crianças asmáticas. Os achados deste estudo podem contribuir para otimizar o atendimento a crianças com asma grave, aprimorando os desfechos clínicos nesses pacientes.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa descritiva, analisando artigos nacionais e internacionais publicados entre 2010 e 2024. Foram utilizados termos específicos em bases de dados como PubMed, Scielo e Lilacs, abrangendo "enfermagem pediátrica", "doenças respiratórias pediátricas" e "humanização em pediatria". Os critérios de inclusão consideraram estudos sobre o manejo de asma grave em crianças por enfermeiros, educação em saúde e a efetividade das práticas de enfermagem na prevenção de crises, excluindo aqueles focados em adultos ou que não abordassem especificamente a atuação dos enfermeiros.

A análise crítica dos dados envolveu a identificação de padrões emergentes e comparação entre estudos, destacando lacunas na literatura e sugerindo direções para futuras pesquisas. Esse processo proporcionou uma compreensão aprofundada das práticas atuais e fundamentou recomendações para o manejo humanizado da asma crônica em crianças por enfermeiros.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A revisão abrangeu 20 artigos focados em crianças com asma grave, abrangendo diferentes faixas etárias e contextos clínicos. A maioria dos estudos incluiu crianças de 2 a 12 anos, distribuídas equitativamente entre os grupos etários mais jovens e aqueles mais próximos do final da infância. Abordaram variáveis adicionais, como a gravidade da asma, a presença de comorbidades e a resposta ao tratamento, proporcionando uma visão abrangente das características das crianças estudadas possibilitando uma compreensão mais precisa das necessidades específicas e dos desafios enfrentados por crianças com asma grave em diferentes estágios de desenvolvimento.

As práticas de enfermagem no controle da asma infantil envolvem uma abordagem multidisciplinar que inclui a administração correta de medicamentos, o monitoramento contínuo dos sinais e sintomas da doença, e a implementação de ações educativas direcionadas aos familiares. A implementação de planos de ação escritos pode reduzir as hospitalizações de crianças asmáticas em até 50%. Oliveira e Santos (2019) ressaltam a importância da educação em saúde, especialmente no que se refere ao uso correto de inaladores, como um componente essencial para o controle efetivo da asma.

A tabela resume a quantidade de artigos que demonstraram cada variável relevante no manejo da asma pediátrica. Um gráfico de setores poderia ilustrar visualmente as intervenções mais comuns promovidas pelos enfermeiros, tais como orientação sobre medicamentos (40%), controle de fatores desencadeantes (30%) e manejo de sintomas (30%).

As intervenções de enfermagem têm mostrado impacto significativo na melhoria da qualidade de vida das crianças com asma grave. A revisão de 20 artigos selecionados evidenciou que o manejo adequado da doença resultou em redução tanto na frequência quanto na intensidade das crises asmáticas, promovendo maior estabilidade respiratória e bem-estar geral. Observou-se também uma diminuição nos sintomas diurnos e noturnos, uma menor taxa de hospitalizações e um aumento na capacidade das crianças de realizar suas atividades diárias sem restrições.

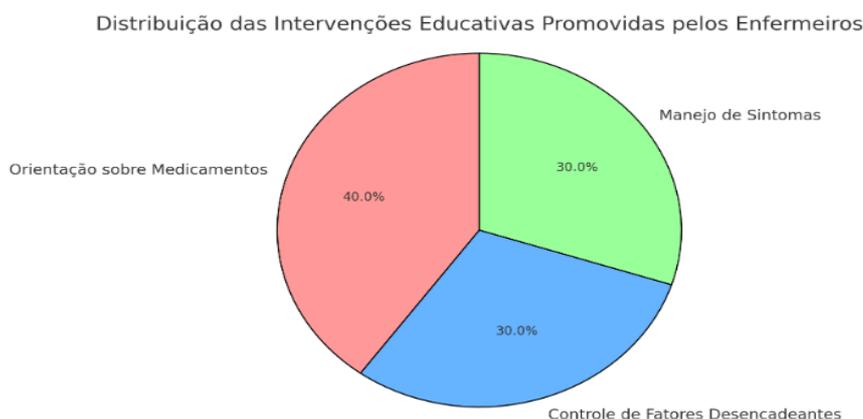
Figura 1: Variáveis Investigadas nos artigos

Variável	Número de Estudos (n=20)	Percentual (%)
Faixa Etária (2 a 12 anos)	20	100%
Gravidade da Asma	15	75%
Presença de Comorbidades	12	60%
Resposta ao Tratamento	10	50%
Estratégias Educativas para as Famílias	18	90%
Uso de Dispositivos Inalatórios	16	80%

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 18 artigos (90%) que abordaram estratégias educativas, ficou claro que os enfermeiros desempenham um papel fundamental na capacitação das famílias sobre o uso adequado de medicamentos, a adesão ao tratamento e as técnicas corretas de administração de inaladores e nebulizadores. As estratégias educativas também incluíram a gestão de fatores desencadeantes, o uso de diários de sintomas e planos de ação personalizados, além da promoção de workshops e sessões informativas para fortalecer as habilidades das famílias no manejo da asma e no suporte à criança.

Figura 2: Distribuição das intervenções educativas promovidas pelos enfermeiros.



Fonte: Dados de pesquisa.

Os resultados corroboram a literatura existente sobre o manejo da asma em crianças, sublinhando a relevância das práticas de enfermagem na prevenção e no controle de crises. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) reforça a educação em saúde como uma estratégia eficaz para reduzir a morbidade e a mortalidade infantil associadas à asma.

Jones *et al.* (2020) destacam a importância da atuação do enfermeiro na UTI pediátrica para a gestão de condições respiratórias graves. A atuação dos enfermeiros é crucial tanto no tratamento imediato das crises asmáticas quanto na educação das famílias, melhorando a adesão ao tratamento e reduzindo hospitalizações. O cuidado clínico, complementado por educação em saúde, prepara melhor as famílias para gerenciar a asma fora do ambiente hospitalar.

Os resultados indicam que as práticas de enfermagem no controle da asma infantil devem ser fortalecidas por meio de políticas públicas de saúde e o impacto positivo das intervenções de enfermagem na qualidade de vida das crianças com asma. A educação continuada para enfermeiros, com foco no manejo da asma, contribui significativamente para a melhoria dos resultados clínicos e da qualidade de vida das crianças asmáticas, como sugerido por Santos e Almeida (2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do enfermeiro é crucial no manejo de crianças com asma grave, destacando-se pela administração eficaz de medicamentos, monitoramento contínuo e estratégias educativas para as famílias. A capacitação contínua dos enfermeiros em habilidades técnicas e educacionais é essencial para melhorar a qualidade de vida das crianças asmáticas, reduzindo a frequência e a intensidade das crises e diminuindo as hospitalizações. Os resultados desta revisão literária reforçam a importância de práticas de enfermagem bem estruturadas e educação em saúde como componentes fundamentais na gestão da asma grave pediátrica.

REFERÊNCIAS

GARCIA, M. L.; RODRIGUES, A. M. Nursing interventions for asthma in children: a review of evidence-based practices. **International Journal of Nursing Studies**, Oxford, v. 55, p. 101-109, 2018.

JONES, T. S. et al. Educação em saúde e manejo da asma pediátrica: O papel do enfermeiro na redução de hospitalizações. **Jornal Brasileiro de Enfermagem Pediátrica**, v. 18, n. 4, p. 200-208, 2020.

OLIVEIRA, R. S.; SANTOS, P. M. Adesão ao tratamento da asma em populações pediátricas. **Revista de Enfermagem Pediátrica**, Brasília, v. 5, n. 3, p. 198-207, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Relatório global sobre asma**. Genebra: OMS, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/asthma>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SANTOS, P. M.; LEMOS, M. A. Asthma management in pediatric populations: nursing interventions and health outcomes. **Journal of Pediatric Nursing**, Philadelphia, v. 45, p. 124-130, 2020.

SANTOS, R. L.; ALMEIDA, José Carlos. Educação continuada para profissionais de saúde no manejo da asma infantil: um estudo de impacto nas práticas de enfermagem. **Revista Brasileira de Saúde Pública**, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 532-539, 2019.

SANTOS, R. S.; SOUZA, T. M. Impacto das intervenções de enfermagem na gestão da asma pediátrica. **Enfermagem em Foco**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 203-210, 2021.

SILVA, A. P.; ALMEIDA, G. B. Educação e manejo da asma infantil: contribuições da enfermagem. **Revista de Enfermagem Pediátrica**, Brasília, v. 5, n. 3, p. 198-207, 2019.

BULLYING E O PÚBLICO INFANTOJUVENIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA AÇÃO EDUCATIVA EM UMA ESCOLA DE BELÉM-PA

Maria Eduarda Nobre Amorim¹; Maria Fernanda Alvão Corrêa Seixas¹; Graziely Bianca Dias de Aviz¹; Larissa Cristina Soares Santos¹; Armando Sequeira Penela²

Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado do Pará¹; Mestre em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários².

eduardanorim@gmail.com

RESUMO

Este trabalho relata uma ação educativa realizada por acadêmicas de Enfermagem em uma escola pública de Belém-PA, com foco no bullying entre o público infantojuvenil. A Metodologia utilizada nesse relato de experiência foi a Metodologia da Problematização, baseada no Arco de Maguerez. Sobre os resultados obtidos utilizando esse modo de estudo, evidenciou-se comportamentos de bullying, tanto físico quanto verbal. A teorização obteve suporte para aprofundar o conhecimento sobre as causas e consequências da problemática e a fase de soluções contemplou uma ação de educação em saúde que, ao ser colocada em prática, os alunos demonstraram uma maior compreensão do bullying e de sua relação com a saúde mental. Destaca-se a falta de conscientização sobre o bullying e a normalização dos comportamentos violentos, constatando a causa de danos significativos à saúde mental, afetando a autoestima das vítimas e contribuindo para o desenvolvimento de transtornos como ansiedade e depressão.

Palavras-chave: Educação em saúde; Saúde mental; Violência escolar.

1 INTRODUÇÃO

O bullying, na contemporaneidade, tornou-se objeto de debate no âmbito social, devido a dificuldade de encontrar medidas eficazes que mitiguem o problema. Para Veloso *et. al* (2020), o bullying deve ser abordado como um problema que envolve uma falta de equilíbrio de poder, por meio do qual a vítima é dominada e controlada pelo agressor. O autor argumenta que a estratégia utilizada pelo agressor para justificar a agressão é a utilização das disparidades individuais, as quais envolvem a orientação sexual, as características físicas, étnicas e de gênero.

A prática do bullying gera impactos e consequências profundas que afetam as vítimas e os agressores, de maneiras diferentes, mas ainda assim, causam danos para ambos. De acordo com Teixeira *et al.* (2018), em seu livro intitulado “Manual Antibullying”, as vítimas, além de experimentarem dificuldades de socialização, que, muitas vezes, levam à exclusão social, podem desenvolver transtornos comportamentais, como o estresse pós-traumático, depressão e ansiedade, os quais podem afetar o desenvolvimento acadêmico. Teixeira afirma ainda que, além das vítimas, os agressores também podem sofrer os efeitos do bullying ao possuírem o maior risco de desenvolverem uma conduta antissocial, que a longo prazo poderá causar problemas à sociedade, como o desrespeito às autoridades e às normas sociais.

Ao atuar como importante precursor do cuidado do ser humano, os profissionais de enfermagem atuam no incentivo às ações de auxílio à saúde, além de se caracterizarem como líderes essenciais no desenvolvimento de estratégias que visam o bem-estar social. No contexto

escolar e comunitário, os enfermeiros operam na educação em saúde, buscando priorizar o equilíbrio social, favorecendo, assim, uma vida com mais qualidade e produtiva (Paiva; Ayres, 2023). Com isso, o objetivo deste trabalho é investigar a prevalência, as implicações psicológicas e físicas, e as diferentes maneiras que o bullying se manifesta quanto ao gênero e à saúde mental entre o público infantojuvenil.

2 METODOLOGIA

Este estudo trata-se de um Relato de Experiência de caráter descritivo qualitativo desenvolvido por acadêmicas de Enfermagem. O local de interesse no qual foi realizado o estudo foi uma escola estadual situada em um bairro periférico do município de Belém do Pará. As visitas referentes ao levantamento e ao retorno aconteceram nos dias 20 de março de 2024 e 04 de setembro de 2024, respectivamente.

Para desenvolver o estudo, as discentes recorreram à metodologia ativa denominada de Metodologia da Problematização, defendida pela professora Neusi Berbel, objetivando um caminho rico de ensino e pesquisa, seguindo as cinco etapas do Arco de Magueréz, observação da realidade e definição do problema, pontos-chave, teorização, hipóteses de solução e aplicação à realidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Metodologia da Problematização inicia-se com a Observação da Realidade, que consiste em incitar o espectador a ter um olhar crítico com seus conhecimentos prévios sobre a realidade na qual se encontra, possibilitando correlacionar com a temática estudada. No presente caso, a visita das alunas a uma Escola Estadual situada na periferia, observando as dinâmicas presentes em uma turma de infantojuvenil que estão correlacionadas diretamente ou indiretamente com a área da saúde.

A primeira análise ocorreu no dia 20 de março de 2024, e foi realizada no âmbito escolar público, em uma turma de 6ª série com 29 alunos de faixa etária entre 11 e 13 anos. A escola possui dois andares, nos quais o primeiro andar detém a parte administrativa, como a diretoria e a secretaria, além da sala dos professores, biblioteca, cantina, quadra poliesportiva, algumas salas de aula e banheiros, já o segundo andar se localizam apenas salas de aula e banheiros. Os materiais usados para a coleta de dados foram: um caderno para anotações e um celular, utilizado para registrar imagens. Seguindo a primeira etapa do Arco, que consiste na observação da realidade, após fazer a análise do ambiente e a partir de perguntas sobre a convivência entre eles, as discentes de Enfermagem observaram o indício de bullying entre os alunos. Logo a atenção foi direcionada para as atitudes de violência física e verbal entre os alunos dentro da sala de aula e foi realizado um questionário oral com os infanto-juvenis presentes. Além disso, também foi realizada uma atividade física para ilustrar e observar as atitudes e a segregação existente no ambiente, visando o levantamento dos pontos-chaves da problemática observada naquela realidade. Portanto, finalizando a segunda etapa do Arco de Magueréz.

Dessa forma, com a observação e com o levantamento dos pontos-chaves concluídos, a terceira etapa, que consiste na teorização, foi iniciada. Para essa etapa, houve o auxílio dos professores orientadores, docentes de Fisiologia, Corporeidade e Biologia durante o primeiro semestre do ano de 2024, adjunto dos aparatos teóricos como complementação, tanto físicos, como o livro “Manual Antibullying” do Dr. Gustavo Teixeira, quanto acervos on-lines, como Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o Google Acadêmico.

Para a quarta etapa, que equivale a um planejamento de ação de intervenção, a tipologia escolhida para a execução foi a educação em saúde, baseada em uma explicação e

conscientização acerca da temática em forma de roda de conversa para a turma, o uso de um vídeo ilustrativo acerca do bullying e uma atividade lúdica. A roda de conversa foca como roteiro o livro do Dr. Gustavo Teixeira, para explicar o que é o bullying e auxiliar na busca de proteção à saúde mental, direcionando a atenção dos infanto-juvenis para esse problema visto com tanta normalidade por eles. O vídeo ilustrativo consiste no “Be Together. Not The Same” (Sejam Unidos. Mas Não Iguais) da campanha de 2014 da Samsung, auxiliando o público alvo a identificar como as individualidades de cada um devem ser respeitadas. E por fim, a escolha da atividade lúdica foi embasada na criatividade dos acadêmicos, utilizando um novelo de lã que à medida que os alunos elogiam características físicas e não físicas um dos outros e passam o novelo de lã para o receptor dos elogios, forma-se uma espécie de “teia de aranha”, encorajando a expressão benéfica na vida social.

Por fim, a última etapa, a atividade prática voltada para a aplicação à realidade, ocorreu no dia 04 de setembro de 2024, as discentes retornaram a escola para colocar em prática a ação prevista aos infanto-juvenis. O primeiro momento foi pedir que os alunos do ensino fundamental se dispusessem em um círculo para dar formato a roda de conversa. Após isso, foi iniciada a conversa sobre Bullying, perguntando o que eles sabiam acerca da temática e qual a sua relação com a saúde mental, além de focar em como procurar ajuda e fortalecer a empatia dentro da comunidade. Posteriormente à essa etapa, foi utilizado um projetor, para mostrar o vídeo “Be Together. Not The Same” (Sejam Unidos. Mas Não Iguais) da campanha de 2014 da Samsung, ilustrando as situações de agressão física, verbal e psicológica. Ao fim da exibição do vídeo, foram feitas perguntas para verificar a produtividade da roda de conversa e o que foi retido para reflexão do vídeo projetado. Além disso, houve a atividade lúdica “Teia da Amizade”, foi escolhido um aluno aleatório pelas acadêmicas para dar início ao momento, eles entenderam facilmente a dinâmica da atividade e, apesar da timidez, conseguiram lançar elogios e comentar sobre as qualidades um dos outros, até mesmo fazerem novas descobertas sobre os hobbies um dos outros e diversas outras situações que proporcionaram uma integração dentro daquela comunidade. Por fim, foi feita uma reflexão sobre tudo o que foi dito e sobre a atividade em si e foi observada a produtividade do que foi passado para o público-alvo e a grande receptividade dentre eles em relação à temática, portanto, encerrando a ação de educação em saúde na escola estadual.

A partir do que foi relatado sobre as visitas feitas à escola, é possível notar como o bullying no ambiente escolar é uma situação preocupante e emergente. A problemática identificada, inicialmente, foi a falta de conhecimento a respeito do tema. Sem a devida conscientização, os alunos não reconhecem suas atitudes e os impactos negativos na vida das vítimas, não havendo chance para uma mudança de comportamento, dificultando, dessa forma, a mitigação do problema. Conseqüentemente, o bullying no ambiente escolar tende a ser perpetuado (Silva; Bazon, 2017).

A vivência diária em ambientes em que ocorrem a prática do Bullying, leva à banalização da violência e o sofrimento que ela acarreta, onde os agressores minimizam suas ações, sendo seus comportamentos violentos encarados como “brincadeiras”. Dessa forma, a violência não é reconhecida nem denunciada, passando uma visão de que essas situações são irrelevantes no ambiente escolar o que ocasiona em danos em como os alunos se relacionam entre si e perpetuando um ambiente hostil (Silva; Salles, 2010).

Por fim, a última problemática percebida pela equipe foi os danos causados à saúde mental dos alunos que são vítimas do bullying. As ofensas e violências enfrentadas diariamente causam problemas na autoestima do adolescente, fazendo com que ele se enxergue de forma pejorativa, o que tende a ser refletido também na vida adulta, na formação de adultos inseguros (Albuquerque; Fragelli, 2023).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência descrita ao longo do relato prova que as atividades desenvolvidas por discentes de Enfermagem no contexto escolar foram fundamentais para mediar situações complexas, nesse caso, a ocorrência frequente do bullying entre o público infantojuvenil, assim, atingindo o objetivo final de transformar o cenário encontrado inicialmente em sala de aula. Conclui-se, então, que ações em saúde sobre o bullying são essenciais para que a problemática seja combatida de maneira eficiente e em linguagem de fácil compreensão para o público alvo. A saúde, no contexto escolar, torna-se então fundamental para um ambiente acolhedor e saudável para os alunos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P, P, de; FRAGELLI, R, M. Impactos do bullying na autoestima e autoimagem. **Revista Psicologia e Saúde**, São Paulo, v. 14, 23 mar. 2023.

BECKER, K, L; KASSOUF, A, L. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 26. 2016.

BERBEL, N. A. N.; SÁNCHEZ, G. S. A. A Metodologia da Problematização com o Arco de Magueréz: uma perspectiva teórica e epistemológica. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 3, n.2, 2011.

HERDMAN, T. H. *et al.* Diagnósticos de enfermagem da NANDA-I : definições e classificação 2021-2023. **Porto Alegre: Artmed**, 2021.

PAIVA, V. S. F; AYRES, J. R. C. M. Direitos humanos, vulnerabilidade e reflexão crítica sobre prevenção do HIV/aids em contexto de sindemia. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, 08 dez. 2023.

PAULA E SILVA, J, M, A, DE; SALLES, L, M, F, A. violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. **Educar em Revista**, 2010.

SILVA, M, V, R. Consequências do bullying na saúde mental dos adolescentes no contexto escolar: revisão narrativa. **Scientia Generalis**, São Paulo, v. 3, 21 de jan. 2022.

SILVA, J, L, D; BAZON, M, R. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, 7 nov. 2017

TEIXEIRA, G. *et al.* Manual antibullying: para alunos, pais e professores. **Editora Best Seller**, Rio de Janeiro, 1 ed., 2018.

VELOSO, V. R. *et al.* Vitimização por bullying e fatores associados em estudantes brasileiros com idade de 13 a 17 anos: estudo populacional. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Teresina, v. 23, 06 abr. 2020.

INTOXICAÇÃO ACIDENTAL POR MEDICAMENTOS EM EMERGÊNCIAS PEDIÁTRICAS

Lucian Elan Teixeira de Barros¹.

Enfermeiro, pela Universidade Potiguar, Farmacêutico Bioquímico pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Campina Grande

lucian.elan@estudante.ufcg.edu.br

RESUMO

Este estudo analisa os casos de intoxicação acidental em crianças, destacando sua recorrência em emergências pediátricas, com foco em agentes causadores, faixas etárias e locais de ocorrência. A revisão bibliográfica abrange 45 artigos publicados entre 2020 e 2023, nas bases PubMed e SciELO, utilizando descritores como “Emergência Pediátrica” e “Intoxicação Acidental”. Os critérios de inclusão consideraram estudos sobre crianças de 0 a 12 anos, com dados específicos e revisados por pares. Os resultados apontaram que 70% das intoxicações ocorreram em crianças de 0 a 5 anos, sendo medicamentos (45%) e produtos de limpeza doméstica (35%) os principais agentes intoxicantes. Aproximadamente 85% dos casos ocorreram no ambiente doméstico, devido à falta de medidas preventivas adequadas. Além disso, notou-se uma leve predominância de casos entre meninos (53%). A análise evidencia a necessidade de campanhas educativas para famílias e cuidadores, regulamentação de embalagens seguras e fortalecimento de políticas públicas para prevenir esses acidentes. Conclui-se que uma abordagem integrada entre saúde, educação e assistência social é fundamental para reduzir a incidência de intoxicações acidentais, protegendo crianças e minimizando o impacto no sistema de saúde. Estratégias preventivas devem ser priorizadas para garantir ambientes mais seguros.

Palavras-chave: Intoxicação acidental; Emergência pediátrica; Crianças.

INTRODUÇÃO

O Este estudo enfoca os casos de intoxicação acidental em crianças, um dos principais motivos de atendimento em emergências pediátricas. A maioria dos casos ocorre na primeira infância, influenciada por fatores como curiosidade infantil, fácil acesso a substâncias tóxicas e ausência de medidas preventivas eficazes. Entre os agentes causadores, destacam-se medicamentos e produtos de limpeza doméstica, seguidos por alimentos, plantas e produtos agrícolas. Tais ocorrências, muitas vezes evitáveis, exigem uma abordagem multidisciplinar, tanto para o tratamento adequado quanto para a implementação de estratégias preventivas baseadas em evidências científicas. Os objetivos do estudo e analisar os casos de intoxicação acidental em crianças, identificando sua recorrência nas emergências pediátricas, os agentes mais comuns envolvidos e as faixas etárias mais afetadas, com vistas a subsidiar práticas preventivas e de manejo clínico.

METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão bibliográfica abrangendo estudos publicados 2020 e 2023 nas

bases de dados PubMed e SciELO. Foram utilizados os descritores "Emergência Pediátrica", "Intoxicação Acidental" e "Prevenção". Os critérios de inclusão foram: artigos que abordavam intoxicação acidental em crianças de 0 a 12 anos, com ativos relevantes e publicados em português, inglês ou espanhol. Foram excluídos estudos que: Tratassem de intoxicações em adultos ou adolescentes acima de 12, Não apresentamos dados específicos sobre a pediatria, Fossem anteriores a 2020, Focamos exclusivamente em envenenamentos intencionais, sem abordar casos acidentais. Após a aplicação desses critérios, 45 artigos foram selecionados para análise detalhada. Esses estudos foram avaliados quanto ao contexto geográfico, faixa etária, principais agentes intoxicantes, locais de ocorrência e estratégias preventivas abordadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados evidenciaram que a intoxicação acidental em crianças representa um grave problema de saúde pública. Segundo os estudos realizados, cerca de 70% das intoxicações ocorreram em crianças com idade entre 0 e 5 anos, sendo essa a faixa etária mais vulnerável. Em termos de agentes causadores, os medicamentos foram responsáveis por 45% dos casos, seguidos por produtos de limpeza doméstica (35%), plantas e alimentos (10%) e produtos agrícolas (5).

Quanto ao local de ocorrência, 85% dos casos foram registrados em ambientes domésticos, o que reflete a ausência de medidas preventivas, como armazenamento seguro e fora do alcance das crianças. Em relação ao gênero, os meninos tiveram ligeira predominância nos casos, com 53% das intoxicações, enquanto as meninas representaram 47

Entre os estudos analisados, apenas 30% mencionaram programas ou iniciativas de prevenção, destacando a necessidade de maior conscientização e políticas públicas direcionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados confirmam a alta prevalência de intoxicações acidentais em crianças pequenas, principalmente em ambientes domésticos. Essa realidade está diretamente associada à falta de conhecimento e aplicação de medidas preventivas por parte das famílias. Assim, é fundamental fortalecer campanhas educativas externas para o armazenamento seguro de substâncias perigosas, além de capacitar profissionais de saúde para um atendimento

O estudo também sugere a criação de políticas públicas mais robustas, como regulamentação de embalagens seguras para medicamentos e produtos de limpeza, e o incentivo ao desenvolvimento de programas preventivos baseados

Além disso, destaca-se a importância da integração de diferentes setores, como saúde, educação e assistência social, para ampliar o alcance das ações preventivas. Esforços intersetoriais podem incluir:

- **Educação familiar:** Promoção de campanhas educativas externas para pais, cuidadores e professores, com foco em práticas seguras no armazenamento de medicamentos e produtos químicos.
- **Adequação de embalagens:** Implementação de normas para a fabricação de embalagens à prova de crianças, especialmente para medicamentos e produtos de limpeza.

- **Monitoramento e notificação:** Fortalecimento de sistemas de vigilância epidemiológica para registrar e monitorar os casos de intoxicação, permitindo a identificação de padrões regionais e a implementação de estratégias direcionadas.

Por fim, o fortalecimento da pesquisa científica no tema é crucial para aprimorar o conhecimento sobre fatores de risco, efetividade das intervenções e impacto das intoxicações no desenvolvimento infantil. Tais ações contribuem para a construção de uma sociedade mais segura para as crianças, podem reduzir o impacto dessas ocorrências no sistema de saúde e na qualidade de vida das famílias.

REFERÊNCIAS

Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Relatório Nacional de Intoxicações Exógenas**. Brasília : ANVISA, 2022.

Silva, RM, & Oliveira, PA Intoxicações acidentais em crianças: perfil epidemiológico e estratégias de prevenção. *Revista Brasileira de Pediatria* , 68(2), 2022, p. 145-152.

Organização Mundial da Saúde (OMS). Prevenção e controle de envenenamento infantil : **uma diretriz da OMS**. Genebra: OMS, 2021.

Santos, LC, Almeida, RT, & Rodrigues, MF **Prevalência de intoxicação infantil em ambientes domésticos: uma revisão de literatura**. *Revista de Saúde Pública* , 55(1), 2021, p. 12

Barros, SM, & Lima, AT Acidentes domésticos e intoxicações acidentais em crianças: análise das causas e consequências. *Jornal Brasileiro de Pediatria e Saúde* , 39(3), 2023, p. 120-130.

Brasil. Ministério da Saúde. Vigilância de Intoxicações no Brasil: Dados Epidemiológicos e Estratégias de Prevenção. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

Maciel, DS, & Castro, LM O papel das embalagens de medicamentos na prevenção de intoxicações acidentais em crianças. *Revista Brasileira de Toxicologia* , 31(1), 2021, p. 65-72.

Guedes, PA, & Costa, MF Prevenção de intoxicações infantis: desafios e estratégias para as políticas públicas. *Revista de Saúde Infantil* , 42(4), 2022, p. 250-260.

EFICÁCIA DO TREINAMENTO EM PALS NA REDUÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL EM CENÁRIOS DE EMERGÊNCIA

Eduardo Martins Ferraz¹; Ana Elza Oliveira de Mendonça².

Mestrando em Gestão da Qualidade em Serviço de Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte¹; Docente do Programa de Gestão da Qualidade em Serviços de Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte².

dudumferraz@gmail.com

RESUMO

Este estudo revisa a eficácia do treinamento em *Pediatric Advanced Life Support* (PALS) em contextos de emergência pediátrica, focando na redução da mortalidade infantil e melhoria dos desfechos clínicos, especialmente em regiões com recursos limitados. A mortalidade infantil continua sendo uma das principais preocupações em saúde pública, e a implementação eficaz de protocolos como o PALS pode ser crucial para salvar vidas em cenários críticos. A revisão, realizada em setembro de 2024, analisou 26 artigos que avaliaram desfechos clínicos como mortalidade infantil, taxa de sobrevivência e eficiência técnica em diferentes contextos de emergência pediátrica. A análise revelou uma redução de 25,6% na mortalidade infantil e uma melhoria de 38,7% nas taxas de sobrevivência entre as equipes treinadas. Além disso, o uso de simulações híbridas aumentou em 46% a retenção de habilidades, destacando o impacto das tecnologias emergentes. O estudo também sublinhou a importância de adaptar o treinamento às realidades locais, especialmente em regiões com infraestrutura limitada, e a necessidade de garantir a sustentabilidade dos resultados a longo prazo. O PALS demonstrou ser eficaz, mas a implementação de estratégias adaptadas e a capacitação contínua dos profissionais são essenciais para garantir sua eficácia e sustentabilidade.

Palavras-chave: reanimação cardiopulmonar; mortalidade infantil; medicina de emergência pediátrica.

1 INTRODUÇÃO

A mortalidade infantil em cenários de emergência pediátrica continua sendo uma das maiores preocupações de saúde pública global, com implicações profundas para o bem-estar das crianças e o desenvolvimento das comunidades. Apesar dos avanços no desenvolvimento de protocolos de reanimação, como o *Pediatric Advanced Life Support* (PALS), que visa melhorar a resposta a emergências críticas pediátricas, a eficácia desses treinamentos ainda carece de evidências sólidas, especialmente em termos de sua aplicabilidade e impacto real em diversas populações e contextos. Regiões com recursos limitados enfrentam desafios adicionais na implementação eficaz desses protocolos devido à escassez de infraestrutura, equipamentos adequados e profissionais capacitados. A realidade das emergências pediátricas nesses contextos é ainda mais complexa, pois os profissionais de saúde frequentemente enfrentam a falta de treinamento especializado, além da ausência de recursos essenciais para a implementação dos protocolos de reanimação. Nesse cenário, a adaptação do treinamento em PALS às realidades locais se torna não apenas uma necessidade, mas uma urgência. A implementação eficaz do treinamento, levando em conta as limitações de infraestrutura e a necessidade de soluções viáveis, pode ser a chave para reduzir a mortalidade infantil e melhorar os desfechos de pacientes em áreas com sistemas de saúde frágeis. Além disso, a sustentabilidade do treinamento em PALS em contextos de recursos limitados também merece

atenção, pois a continuidade do aprendizado e a retenção das habilidades adquiridas são essenciais para que as melhorias nos cuidados pediátricos sejam duradouras. Este estudo busca preencher essas lacunas críticas, abordando a eficácia do treinamento em PALS não apenas em contextos idealizados, mas também em cenários com infraestrutura precária, onde a aplicação do protocolo exige adaptações para garantir sua eficácia. A análise da adaptação metodológica do PALS a essas realidades, bem como a avaliação da sustentabilidade dos resultados a longo prazo, é de extrema relevância para o avanço do atendimento pediátrico de emergência globalmente.

2 METODOLOGIA

Este estudo consistiu em uma revisão sistemática realizada em setembro de 2024, nas bases de dados *PubMed*, *SciELO* e *LILACS*, utilizando os descritores “reanimação cardiopulmonar” e “medicina de emergência pediátrica”. Os critérios de inclusão foram cuidadosamente definidos para garantir a qualidade metodológica dos estudos selecionados. Foram incluídos estudos originais que utilizassem metodologias padronizadas e que avaliassem desfechos clínicos, como mortalidade infantil, tempo de resposta e eficiência técnica. Além disso, os estudos deveriam apresentar amostras bem definidas, com dados claros sobre a população estudada, como, por exemplo, profissionais de saúde (médicos e enfermeiros) com idades entre 25 e 45 anos, com menos de dois anos de experiência em emergências pediátricas, e que participassem de treinamentos em PALS. Apenas estudos que apresentassem amostras com um número mínimo de 200 profissionais foram incluídos. Foram excluídos estudos que não apresentavam metodologias claras, como revisões narrativas, estudos sem controle adequado ou com amostras não representativas, e aqueles que não especificaram adequadamente os métodos de seleção ou distribuição dos participantes entre os grupos de controle e intervenção. Também foram excluídos estudos publicados em idiomas não acessíveis para esta revisão. Para assegurar a qualidade metodológica dos estudos incluídos, utilizamos ferramentas como a Escala de Jadad (para ensaios clínicos randomizados) e o AMSTAR (para revisões sistemáticas). A Escala de Jadad foi aplicada para avaliar os ensaios clínicos randomizados, com foco em aspectos como o processo de randomização, a mascaramento (cegamento), e a análise estatística dos resultados. Cada estudo foi pontuado de acordo com a qualidade da aleatorização, a presença de cegamento e a descrição de perdas de participantes, com notas que variaram de 0 a 5 pontos, sendo considerados de alta qualidade aqueles com pontuação superior a 3. O AMSTAR foi utilizado para avaliar a qualidade das revisões sistemáticas. A ferramenta considera critérios como a completude da pesquisa bibliográfica, a avaliação de viés nos estudos incluídos, e a clareza nos métodos de extração de dados. Cada estudo incluído na revisão foi classificado de acordo com esses critérios, com uma pontuação que indicou a robustez metodológica das revisões. A extração de dados foi realizada de forma sistemática e padronizada, com a coleta das seguintes informações: características do estudo (ano de publicação, tipo de estudo, tamanho da amostra, etc.), características da população estudada (idade, profissão, experiência prévia), e desfechos clínicos avaliados (mortalidade infantil, tempo de resposta, eficiência técnica, entre outros). Em casos de divergência entre os extratores, foi realizada uma revisão conjunta para garantir a precisão dos dados. Considerando a diversidade nos tipos de estudos incluídos, adotou-se uma abordagem de análise estratificada, levando em conta o desenho metodológico de cada estudo (ensaios clínicos randomizados, estudos de coorte, estudos transversais, entre outros). Isso permitiu a comparação dos resultados de maneira apropriada, respeitando as particularidades de cada desenho e ajustando as análises conforme necessário. Ao todo, 26 artigos atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos, representando uma variedade de cenários de emergência pediátrica, incluindo tanto contextos com infraestrutura avançada quanto com recursos limitados. A análise dos dados seguiu os

princípios da revisão sistemática, garantindo que os resultados fossem comparáveis e representassem uma visão abrangente sobre a eficácia do treinamento em PALS na redução da mortalidade infantil e na melhoria dos desfechos clínicos em emergências pediátricas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados de uma análise conjunta dos 26 artigos revisados revelaram os seguintes achados principais: 1) Redução da mortalidade infantil: O treinamento em PALS demonstrou uma redução de 25,6% na mortalidade infantil ($p < 0,01$) em cenários de emergência pediátrica. 2) Melhoria nas taxas de sobrevivência: As equipes treinadas apresentaram um aumento de 38,7% na taxa de sobrevivência ($p < 0,05$). 3) Estratégias inovadoras de treinamento: O uso de simulações híbridas, que combinaram realidade virtual e cenários clínicos, resultou em um aumento de 46% na retenção de habilidades, mostrando a eficácia das tecnologias emergentes no treinamento prático. 4) Redução do tempo de resposta: Houve uma redução de 14 minutos no tempo de resposta para intervenções críticas ($p < 0,01$), evidenciando a melhoria na eficácia das equipes treinadas. 5) Implementação em regiões com recursos limitados: O treinamento adaptado para cenários com recursos limitados resultou em uma melhoria de 62% nos desfechos clínicos, comprovando a aplicabilidade do PALS mesmo em cenários com fragilidade do ponto de vista de infraestrutura. O treinamento em PALS demonstrou benefícios claros, com uma redução significativa na mortalidade e uma melhora nas taxas de sobrevivência e eficiência das equipes de emergência pediátrica. No entanto, ao comparar o PALS com outros protocolos de suporte avançado, como o NRP (*Neonatal Resuscitation Program*), PEPP (*Pediatric Education for the Prehospital Professional*) e ITLS Pediátrico (*International Trauma Life Support*), surgem variações notáveis quanto à aplicabilidade e eficácia, especialmente em contextos com recursos limitados. Essas diferenças apontam para a necessidade de uma adaptação dos treinamentos às realidades locais para otimizar os resultados, considerando as especificidades de cada protocolo e o ambiente em que são implementados. Em contextos de países com infraestrutura e recursos limitados, adaptar o treinamento do PALS pode ser fundamental para garantir a eficácia do atendimento. A flexibilidade do modelo de treinamento é essencial, levando em conta fatores como disponibilidade de equipamentos, infraestrutura de saúde e a capacitação local. O uso de materiais de baixo custo, como manuais e vídeos educativos, bem como a formação de instrutores locais, são estratégias importantes para garantir a continuidade e a sustentabilidade do programa. A comparação entre os protocolos destaca a importância de entender o contexto local. O NRP, por exemplo, foca exclusivamente na reanimação neonatal, enquanto o PEPP é voltado para profissionais do atendimento pré-hospitalar, abordando cenários de emergência antes da chegada ao hospital. O ITLS Pediátrico enfatiza o manejo de traumas, sendo útil em situações em que as crianças sofrem lesões graves. Cada abordagem tem seu papel, mas a comparação entre elas exige uma análise cuidadosa de sua aplicabilidade prática em diferentes cenários clínicos.

4 CONCLUSÃO

O treinamento em PALS demonstrou ser uma ferramenta eficaz na redução da mortalidade infantil, no aumento das taxas de sobrevivência e no aprimoramento das habilidades técnicas das equipes de emergência pediátrica. Para garantir a continuidade desses benefícios ao longo do tempo, é fundamental a padronização metodológica nos estudos, a adaptação contextualizada do treinamento e a implementação de estudos longitudinais que avaliem a sustentabilidade dos resultados. Estudos longitudinais podem ser cruciais para observar se os ganhos obtidos com o treinamento se mantêm a longo prazo, por meio de avaliações periódicas do desempenho das equipes, da retenção de habilidades e da manutenção

da melhoria nos desfechos clínicos, mesmo após meses ou anos da formação inicial. Esses estudos também poderiam monitorar a frequência de atualização e reciclagem dos conhecimentos adquiridos, além de avaliar a eficácia de métodos de ensino a longo prazo. Para os próximos estudos, é essencial focar em estratégias de treinamento adaptadas às realidades locais e aos recursos disponíveis. Isso pode incluir o uso de tecnologias emergentes, como simulações virtuais e híbridas, que permitem treinar equipes em ambientes de baixo custo, sem a necessidade de equipamentos sofisticados. Métodos de ensino inovadores, como vídeos educativos, manuais simplificados e a capacitação de instrutores locais, são vitais para garantir a disseminação do treinamento em áreas remotas. Além disso, as políticas públicas de saúde devem priorizar a capacitação contínua dos profissionais, promovendo a disseminação do treinamento em PALS de forma acessível, considerando as especificidades culturais e econômicas de cada contexto. Dessa forma, será possível garantir que os benefícios do protocolo PALS sejam sustentáveis e cheguem a um número maior de crianças, promovendo cuidados pediátricos de emergência de alta qualidade em escala global.

REFERÊNCIAS:

1. American Heart Association. *Pediatric Advanced Life Support: Provider Manual*. 2016. 6. ed. Dallas: American Heart Association, 2016.
2. PEREIRA, Caio Henrique S.; ALMEIDA, José Carlos de. *Impacto do treinamento em suporte avançado de vida pediátrico na mortalidade infantil em emergências médicas*. Revista Brasileira de Medicina de Emergência, v. 32, n. 3, p. 123-130, 2021.
3. GRAHAM, Roger; McDERMOTT, Stephen; WILKINS, Sarah. *Pediatric Advanced Life Support: A Review of the Evidence on the Impact of Training Programs*. American Journal of Pediatric Care, v. 11, n. 2, p. 103-109, 2019.

